



Lúcia Helena Mendes Pereira

Notícias da Amazônia:

A Cultura Jornalística Hegemônica das Televisões Portuguesa e Brasileira.

Tese de Doutoramento em Pós-Colonialismos e Cidadania Global, orientada pelo Professor Doutor José Manuel Mendes, apresentada à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Setembro de 2014



UNIVERSIDADE DE COIMBRA



FEUC FACULDADE DE ECONOMIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Lúcia Helena Mendes Pereira

Notícias da Amazônia

A Cultura Jornalística Hegemônica das Televisões Portuguesa e Brasileira

Tese de Doutoramento em Pós-Colonialismos e Cidadania Global,
na especialidade de Sociologia, apresentada à Faculdade de Economia da
Universidade de Coimbra para obtenção do grau de Doutora

Orientadores: Prof. Doutor José Manuel Mendes

Coimbra, 2014

Dedicatória:

Dedico esta tese à minha cunhada, irmã de coração, Walkyria Conceição Rodrigues (*in memoriam*); ao meu avô, Francisco António Mendes Pereira (*in memoriam*), no cumprimento ao seu desejo de um dia me ter graduada pela Universidade de Coimbra; e ao companheiro de toda a vida, Paulo Fernando Rodrigues.

Agradecimentos:

Este trabalho resulta da tese de doutoramento em Pós-Colonialismos e Cidadania Global desenvolvida no Centro de Estudos Sociais – CES – da Faculdade de Economia – FEUC – da Universidade de Coimbra. Ficaria, contudo, incompleto sem um agradecimento público a todos quantos, de uma maneira ou de outra, me ajudaram a levá-lo a bom termo.

Em primeiro lugar, ao Professor Doutor José Manuel Mendes, por ter aceitado orientar esta investigação. As suas observações e conselhos foram determinantes para o resultado final.

Ainda ao Professor Doutor Júlio César Tavares, que co-orientou a minha trajetória no Brasil. Sua sabedoria, disponibilidade e atenção foram de suma importância nas dificuldades enfrentadas no trabalho de campo.

A toda equipe do CES em geral, e ao Professor Doutor António de Sousa Ribeiro, em particular, pelo acolhimento do projeto, a serenidade e o carinho no tratamento das angústias e dúvidas sofridas no trajeto.

Aos excelentes professores de toda a grade do curso pelo dinamismo das aulas e empenho ao meu aprendizado.

Ao Professor Doutor Boaventura de Sousa Santos, dirigente do CES, que proporcionou este magnífico campo de conhecimento a todos nós.

E, por fim, aos colegas da Turma de Pós-Colonialismos e Cidadania Global da edição, 2009/2010, pela alegria do convívio, a partilha de ideias, que deixarão saudades para o resto da vida.

Epígrafe

O fato de uma multidão de pessoas seja levada a pensar coerentemente e de maneira unitária a realidade presente é um fato “filosófico” bem mais importante e original do que a descoberta por parte de um “gênio”, de uma nova verdade que permaneça como patrimônio de pequenos grupos intelectuais

Antônio Gramsci, *Concepção Dialética da História*.

Resumo:

Essa investigação identifica e procura os fatores políticos e culturais que impedem ou promovem a prática democrática do Jornalismo hegemônico nas televisões portuguesa e brasileira sobre o território brasileiro conhecido como “Amazônia Legal” – conceito político-estratégico com fins econômicos, forjado pelo governo do Brasil. O foco desse estudo são os critérios de noticiabilidade proferido pelas comunidades interpretativas da Televisão e Rádio de Portugal – RTP – e pela Rede Globo de Televisão – TV Globo, entre os anos de 2005 e 2011, como importantes fatores, tanto para a manutenção do exercício da colonialidade de poder (Anibal Quijano, 1991, 1993, 1994) como para a evocação de práticas democratizantes no imaginário social sobre o debate da crise ambiental. Trata-se assim, de uma reflexão crítica assentada na Teoria Pós-colonial, dos Estudos Culturais, dos valores ético-culturais da produção jornalístico-televisiva generalista de quatro jornais diários na televisão portuguesa e um jornal diário da televisão brasileira. O método seguido foi o Estudo de Caso Extendido (Michael Burawoy, 1998) combinado com a Etnografia Multi-Situada (George Marcus, 1998). Como resultado, apresenta os fatores hegemônicos atuantes nas notícias de ambas as televisões e as insurgências contra-hegemônicas apreendidas.

Palavras-Chave: Teoria Pós-colonial, Amazônia, Jornalismo Ambiental, Hegemonia, Contra-hegemonia.

Abstract:

This investigation identifies and seeks political and cultural factors that impede or promote democratic hegemonic practice of Journalism in Portuguese and Brazilian televisions over the Brazilian territory known as "Legal Amazon" - political-strategic concept for economic purposes forged by the government of Brazil. The focus of this study is the criteria for newsworthiness given by the interpretive communities of Television and Radio Portugal - RTP - and the Globo Television Network - TV Globo, between the years 2005 and 2011, as important factors for both the maintenance the exercise of the coloniality of power (Anibal Quijano, 1991, 1993, 1994), and for the evocation of democratizing practices in the social imaginary about the debate on the environmental crisis. It is, thus, a critical reflection based on Postcolonial Theory, of the Cultural Studies, of ethical and cultural values of the generalist television newscast production of four daily newscasts in Portuguese television and one daily newscast of Brazilian television. The method pursued was the Extended Case Study (Michael Burawoy, 1998) combined with the Ethnography Multi-Sited (George Marcus, 1998). As a result, it presents the hegemonic factors acting in both televisions news and the counter-hegemonic insurgencies apprehended.

Keywords: Post-colonial Theory, Amazon, Environmental Journalism, Hegemony, Counter-hegemony.

Lista de Siglas:

PAC – Programa de Aceleração do Crescimento

JN – Jornal Nacional

RTP - Radio e Televisão de Portugal

ECE – Estudo de Caso Extendido

SPVEA – Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia

OECD – Organização Para o Desenvolvimento e Cooperação Econômica

WRI – *World Resources Institute*

CBD – Convenção Sobre a Biodiversidade das Nações Unidas

PIB – Produto Interno Bruto

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

SUDAM – Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PVEA – Plano de Valorização Econômica da Amazônia

INPA – Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia

JK – Juscelino Kubitschek

CPLP – Comunidade dos Países da Língua Portuguesa

CIESPAL – Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação

ELACOM – Escola Latino-Americana de Comunicação

NBC – *National Broadcasting Company*

SBT – Sociedade Brasileira de Televisão

SIC – Sociedade Independente de Comunicação

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

TVI – Televisão Independente

UFT – Universidade Federal do Tocantins

APTN – *Associated Press Television News*

OMC – Organização Mundial do Comércio

PPUE – Presidência Portuguesa da União Europeia

PEUEB – Parceria Estratégica da União Europeia e Brasil

PAS – Plano Amazônia Sustentável

FSM – Fórum Social Mundial

WWF – *Wild Wildlife Fund*

MAB – Movimento dos Atingidos por Barragens

PPCDAM – Plano de Ação e Prevenção e Controle do Desmatamento da Amazônia

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

FRM – Fundação Roberto Marinho

DETER – Detecção de Desmatamento em Tempo Real

IBAMA – Instituto Brasileiro de Meio Ambiente

MMA – Ministério de Meio Ambiente

CIMI – Conselho Indigenista Missionário

MP – Medida Provisória (de lei)

MST – Movimento dos Sem Terra

FUNASA – Fundação Nacional de Saúde

REDD – Redução das Emissões por Desmatamento e Degradação Florestal

Sumário:

Introdução:	1
Capítulo 1: Globalização e Crise Ecológica à Luz da Teoria Pós-Colonial	7
1.1 A dialética da crise para “por a ecologia em cultura”	20
1.2 Sociologia das ausências na Amazônia brasileira: um localismo-globalizado	24
1.3 Razão indolente na representação hegemônica da Amazônia: do <i>colo</i> ao <i>cultus</i>	37
1.3.1 No cenário colonial da Amazônia Portuguesa	38
1.3.2 Amazônia no cenário da Independência do Brasil	52
1.3.3 Amazônia no cenário rumo à Abolição da Escravatura e à República	58
1.3.4 Amazônia no cenário do Século XX	63
Capítulo 2: Telejornalismo, Pós-Colonialismos e Meio Ambiente	75
2.1 Globalização e localização: o poder das notícias na objetivação de mundo	78
2.1.1 Notícia globalizada, recepção localizada: relação do telejornalismo com os seus públicos	88
2.1.2 Televisão d’aquém e d’além mar: os telejornalismos no Brasil, com a TV Globo, e em Portugal, com a RTP	93
2.2 A Produção do noticiário televisivo: teoria e prática da notícia	104
2.3 Sociologia das ausências no telejornalismo: sombras, apagamentos, (in)visibilidades na representação da realidade	114
2.4 O meio ambiente e o telejornalismo: o clamor pela reforma dos valores culturais do jornalismo em tempos de crise ecológica	119
2.4.1 Tradução e telejornalismo: breve esboço para uma sociologia da emergência em três dimensões éticas na produção da notícia	126
2.4.2 A Amazônia no Ecrã: ausências e emergências nos discursos representativo de um localismo-globalizado	129
Capítulo 3: Mapas e Traçados do Olhar da Investigação	133
3.1. O Recorte temporal	137
3.2. O mapa de campo: a rede hegemônica de notícias na língua portuguesa	137
3.3. O Recorte Temático	141
3.4. Mapas e fluxos de alcance da produção das notícias	143
3.4.1 Fluxometria da RTP	144
3.4.2 Fluxometria da TV Globo	146

3.5. Recorte da programação e recolhimento de dados.	151
3.6. Curso e percurso do olhar no trabalho etnográfico	152
Capítulo 4: Em Terras Lusitanas: contexto da pesquisa, dimensões ético-cognitivas e polifonia dos jornalistas	159
4.1 Contextos da pesquisa	159
4.2 Na trilha das notícias: descrições e descobertas	174
4.2.1 Dimensão ética da transformação dos fatos em notícias na RTP: os valores-seleção das notícias	178
4.2.2 Dimensão ética na linguagem noticiosa na RTP: os valores-construção das notícias	186
Capítulo 5: Em Terras Brasileiras: contexto da pesquisa dimensões ético-cognitivas e polifonia dos jornalistas	209
5.1 Contextos da pesquisa	209
5.1.1 Fantasmagoria de campo na pesquisa com a TV Globo: entre a ética, o método e o possível	213
5.1.2 Possibilidades	214
5.2 Na trilha das notícias da TV Globo: descrições e descobertas	215
5.2.1 Dimensão ética da transformação dos fatos em notícias na TV Globo: Os valores-seleção das notícias	217
5.2.2 Dimensão ética na linguagem noticiosa da TV Globo: os valores-construção das notícias.	243
Arremate (In) Conclusivo:	312
Amazônia, para que te quero?	314
Amazônia, de onde te vejo e para onde te levo?	315
Amazônia, como te represento? O que de ti retiro e o que para di devolvo?	317
Referências Bibliográficas.	323
Apêndice A: Entrevista com a Jornalista da RTP, Ana Luísa Rodrigues.	335
Apêndice B: Entrevista com o Jornalista do Jornal O Público, Ricardo Garcia.	359
Apêndice C: Entrevista com a Jornalista da RTP, Lavínea Leal.	371
Anexo I: Notícias Emitidas pela RTP	375
Anexo II: Notícias Emitidas pela TV Globo	423
Anexo III: Contrato TV Globo	571

Introdução:

Tem sido proeminente, não só por força da necessidade imposta pelas catástrofes ambientais que vêm acometendo o planeta, mas também pelas velozes transformações ambientais do globo, a discussão sobre as questões ecológicas no seio das sociedades. Especialmente após as transformações ocorridas no domínio da regulação e da governação da ciência e da tecnologia que pautam o desenvolvimento dos estados-nação, as relações internacionais, e fundamentalmente, o presente e o futuro dos cidadãos e da natureza. A comunicação social assim, através da mídia, ganha destaque nas especulações sobre a compreensão e a identificação dos fatores sócio-políticos conflituosos que obstaculizam a informação socioambiental e um possível fomento do debate entre cidadãos, governos e cientistas sobre as questões ambientais pertinentes na atualidade.

Esta investigação compreende o campo da comunicação social, portanto, como área de conhecimento capaz de abraçar a interdisciplinaridade e/ou transdisciplinaridade, desde a ideia imprimida por MacLuhan (1964,1977), nos anos 50, como promotora de uma “aldeia global”, passando pela enunciação de Claude Lévi-Strauss (1962), de que cada vez mais as sociedades tornam-se um conjunto de “práticas comunicativas”. Um entendimento então, de que a identidade multidisciplinar desse campo se resolve com a afirmação conceitual e política dos estudos culturais e sociais para promover a “desconstrução do pensamento único e da miséria colonial do saber” (Tavares, 2007: 135). Assim esse estudo procura compreender e identificar esses fatores para a prática democrática do Jornalismo Ambiental na língua portuguesa.

Um estudo que compreende a importância da periodicidade da informação ambiental como motivadora do debate entre os diversos atores no contexto social da língua portuguesa e que evoca o Jornalismo Ambiental como *práxis* discursiva cotidiana que se constitui como espaço público¹ de fundamental importância em seu processo de captação, produção e edição de informações comprometidas com a temática ambiental que se destina

¹ O entendimento da imprensa como espaço público tem sua base depois da construção conceitual de Jürgen Habermas, de Esfera Pública, mas tal conceito sendo modificado sistematicamente por muitos autores. Este estudo se utiliza da noção de espaço público alargado, ou seja, compreende a ação da recepção na emissão da informação, num processo cíclico e aberto, como em Esteves (2007) e Mendes (2004):”Mais do que falar numa esfera pública, que adquire uma conotação quase metafísica, parece mais adequado falar de públicos, procurando restituir a complexidade da construção e recepção mediáticas e dos seus impactos políticos”.

a públicos leigos, não especializados; mas que vê nestes mesmos públicos relevantes fontes de informação, de acordo com os Estudos Culturais Pós-coloniais.

A importância do acesso à informação ambiental é relevante às Sociedades de Risco (Beck, 1992) que hoje vivem as incertezas e as ameaças associadas ao desenvolvimento científico e tecnológico e seus efeitos não só na natureza, mas também na saúde, segurança e bem-estar dos cidadãos de hoje e de amanhã. A intenção da investigação foi assim, a de mapear e analisar a produção hegemônica televisiva para ver como tal produção foi valorada pelas comunidades interpretativas atuantes no Jornalismo do Brasil e de Portugal, a saber: a informação ambiental nas televisões de sinal aberto dominantes nos países que falam a língua portuguesa onde há relevante produção sobre o recorte temático, o território amazônico brasileiro, local que abriga grande biodiversidade de fauna, flora e humana. A Amazônia está no centro do interesse nacional brasileiro para planejamento do seu desenvolvimento e também no centro do interesse mundial, mas antes de mais, é território que para além da vida vegetal e animal, que abriga a vida de 25 milhões de brasileiros, entre eles minorias étnicas e povos de natureza humana condicionada os contextos desse território.

O principal objetivo dessa investigação foi o de encontrar os caminhos possíveis de uma pedagogia que absorva o *ethos* do conceito de ecologia dos saberes² (Santos, 2008), para pensar uma melhor formação do ensino do Jornalismo no próprio território da pesquisa, ou seja, na Amazônia Legal, onde a autora dessa tese leciona. Isto, sem perder de vista o contexto histórico-cultural e político das nações envolvidas e suas relações internacionais para, a posteriori, vir a contribuir na ampliação e qualificação da representação das questões ambientais da Amazônia na imprensa de língua portuguesa, seja na dimensão local ou global.

A hipótese central é que os obstáculos sofridos para a fruição da informação ambiental democrática³ se dá através dos evidentes conflitos políticos e nos jogos de

² Ecologia dos saberes: conceito desenvolvido por Santos (2008: 154-165) para definir a possibilidade de diálogo entre epistemologias diversas, hegemônicas e contra-hegemônicas, incluindo assim os chamados “conhecimentos tradicionais”.

³ Entendemos por comunicação ambiental democrática a informação sobre meio-ambiente que contribui para a formação ou manutenção da cidadania. O conceito de cidadania por sua vez é de “cidadania imperfeita”, de Étienne Balibar, compreendido através de outro conceito, o de “comunidade de destino” citado por José Manuel Mendes (2004): “A comunidade de destino implica a prevalência de situações de incerteza e da conflitualidade, que não a violência, das condições do político (2001: 209). Esta comunidade de destino, na sua componente territorial, pode ir do prédio, rua ou bairro até ao globo como um todo. Como consequência, a cidadania é uma noção complexa, que se define e constrói sempre a vários níveis, em quadros múltiplos e

interesses econômicos públicos e privados alimentados pela colonialidade de poder⁴ (Quijano, 1991, 1993, 1994) que atingem não só a produção deste gênero jornalístico na mídia, em tempos de capitalismo, mas também no despreparo cultural da comunidade interpretativa em jogo, originado da histórica separação epistemológica e institucional entre as ciências naturais e as ciências sociais, entre conhecimentos científicos e conhecimentos tradicionais e/ou alternativos, prática oriunda da lógica hegemônica do pensamento científico dualista e cartesiano. Enfim, o que nos termos de Boaventura de Sousa Santos acaba por resultar em verdadeiro epistemicídio⁵, que vem impedindo que a prática da construção de narrativas jornalísticas se configure como construtoras de gramáticas interculturais que traduzam⁶ e façam dialogar as formas híbridas para conhecer e fazer acontecer à vida.

A questão central de toda a investigação foi, portanto, remetida à seguinte pergunta: poderíamos pensar a atividade do Jornalismo Ambiental com possibilidades de se tornar uma tradução cultural na contemporaneidade entre ciência e população, para usar a metáfora central do pensamento de Ribeiro, ou seja, tradução como local de promoção da interculturalidade através da linguagem “como núcleo de uma noção de transformação social numa perspectiva de descolonização?” (Ribeiro, 2005).

A reflexão se deu na miragem dos critérios de noticiabilidade proferido pela mídia televisiva de sinal aberto, mira escolhida pelo entendimento de ser esta forma de emissão de informações de maior audiência e penetração nos países de Norte a Sul⁷. A tecnologia da emissão televisiva via satélite e terrestre consegue além de grande frequência de audiência em nível global, penetração geográfica nas localidades mais afastadas dos grandes centros; e, sua tecnologia linguística, permite considerável entendimento na recepção, mesmo por audiências não incluídas pelo paradigma de instrução do

articulados de forma diversa. A cidadania imperfeita é constituída, assim, por práticas e processos e não é tanto uma forma estável ou pré-definida”.

⁴ O conceito de colonialidade é descrita por Anibal Quijano na diferenciação do conceito de colonialismo apesar de ser constitutiva deste. Trata-se da persistência profunda e duradoira (já dura 500 anos) da dominação/exploração de uma população, incluindo as relações racistas e que pode ocorrer dentro de um Estado-nação, ou seja, não mais como no colonialismo, uma dominação determinada por um poder cuja sede se localiza noutra jurisdição territorial.

⁵ Epistemicídio: “a morte de um conhecimento local perpetrada por uma ciência alienígena” (Santos, 2004:20).

⁶ Tradução como “procedimento que permite criar inteligibilidade entre as experiências do mundo, tanto as disponíveis como as possíveis” (Santos 2008:123).

⁷ Divisão geográfica metafórica usada pelos estudos pós-colonialistas para explicitação das assimetrias que geram as desigualdades no globo terrestre: no Norte estão os países desenvolvidos e centros de decisão política e, no Sul, os países em desenvolvimento e periféricos à esses centros decisórios.

conhecimento formal ocidental, alcançando assim as populações tradicionais - povos ribeirinhos, camponeses, povos indígenas, etc. - dos países em desenvolvimento, ou seja, do Sul. Especificamente: as populações que habitam a Amazônia Legal no Brasil.

A escolha do recorte temático foi feita em cima e através do conceito político criado pelo Estado brasileiro, “Amazônia Legal”, por ser uma área que engloba nove estados federativos do Brasil, pertencentes à bacia amazônica, mas que também engloba vários importantes biomas naturais do país, incluindo não só as florestas, mas também o cerrado e toda a sua biodiversidade de flora e fauna. A Amazônia Legal brasileira é formada pelos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e grande parte dos estados do Maranhão e Mato Grosso. Além disso, constitui 60% de toda a região territorial amazônica (Pan-Amazônia) e 50% do território nacional brasileiro. Está no epicentro dos conflitos de terra no Brasil, assim como no planejamento do estado para o Programa Aceleração do Crescimento – PAC – do atual governo e, abriga cerca de vinte e cinco milhões de habitantes. Mas principalmente, está no centro dos interesses mundiais na disputa política e estratégica pela biodiversidade⁸ da referida região. A Amazônia Legal nos fornece um tema cujos critérios de noticiabilidade podem ser observados e analisados na produção jornalística da língua portuguesa nos dois níveis: o local, com a produção do discurso mediático brasileiro e o global, com a produção do discurso mediático na língua portuguesa, traduzido e emitido por Portugal e Brasil para telespectadores na Europa, Ásia e África.

Tratou-se por fim, de uma tentativa de ultrapassar a insuficiência da crítica que ainda deriva da presente hegemonia do paradigma funcionalista nas pesquisas de comunicação, pois, o que fundamentalmente os estudos culturais pós-coloniais propõem através do conceito de colonialidade de poder (Quijano, 2010: 84-130), é que as práticas de produção e de recepção da comunicação sejam articuladas com as relações de poder. Ora, a produção e a reprodução social do sentido envolvida nos processos culturais, não é somente uma questão de significado simbólico, mas também uma questão de entendimento dos jogos econômicos de poder na disputa pela hegemonia desse significado. Por isso, se nos afastarmos dessa proposta, podemos cair na prisão redundante da tendência de hoje de

⁸ Termo aqui utilizado de acordo com a CBD (Convenção sobre a Diversidade Biológica das Nações Unidas): variabilidade entre organismos vivos de todas as origens, incluindo, a intergaláctica, a terrestre, a marinha e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos de que fazem parte. Inclui a diversidade interna às espécies, entre espécies de ecossistemas (Hindmarsh, 1990)

defesa liberal e deliberada da existência de uma “cultura de massas” e de um irrevogável sistema de comunicação social sob domínio da elite mundial; perdendo as complexas relações entre comunicação e cultura num denso contexto social e político mundial, que tem por horizonte a relação de subordinação presente nas culturas populares e subcontinentais em que se articulam relações de resistência, mas também de submissão; de oposição, mas também de cumplicidade.

Assim, foram analisados os valores-notícia de 312 notícias em seus contextos políticos e de produção noticiosa nas duas televisões generalistas e hegemônicas de sinal aberto: A Rádio e Televisão de Portugal – RTP, em Portugal; e a TV Globo, no Brasil. A investigação da produção jornalística da televisão portuguesa incidiu em quatro jornais nacionais diários dos dois canais generalistas da emissora: O Bom Dia Portugal, o Jornal da Tarde, e o Telejornal, no canal RTP1; além do Jornal 2, do canal RTP2. Já na produção da televisão brasileira, com profusão bem maior de notícias sobre o tema, a investigação concentrou-se no jornal de maior audiência da TV Globo no Brasil, o Jornal Nacional (JN). A pesquisa de dados encontrou 125 notícias sobre o tema na televisão portuguesa e 185, no recorte da televisão brasileira.

Para tanto foi necessário um criterioso mergulho crítico e histórico assentado na teoria pós-colonial, sobre a representação discursiva incidida no território temático da investigação numa reflexão teórica interdisciplinar dos discursos da globalização e da crise ecológica atual, e suas relações culturais. É o que o leitor irá ler no Capítulo I, intitulado, “Globalização e Crise Ecológica à Luz da Teoria Pós-Colonial”.

O segundo capítulo desta tese versa sobre a interdisciplinaridade teórica entre os campos da Ecologia e da Comunicação Social, oferecendo continuidade na busca por aproximações com a hipótese da investigação. Foi apresentado um conceito de Jornalismo Ambiental que vem sendo desenvolvido no Sul, principalmente por Wilson Bueno (2007) e na trilha deste conceito, uma tentativa de esboço de uma sociologia das ausências e das emergências nos modos de produção do fazer jornalismo, como aconselhou Boaventura de Sousa Santos (2008).

Os caminhos, os métodos escolhidos e os mapas das fluxometrias de abrangência das notícias estudadas estão no terceiro capítulo, onde começa e termina o trabalho etnográfico – num trabalho cíclico de observação – que combina os métodos de Estudos de Caso Estendido – ECE – (Burawoy, 1991), com da observação etnográfica multi-

localizada do campo complexo da investigação (George Marcus, 1995). Um ir e vir incessante de uma reflexão ideológica derivada (Marcus, 1994:18) dos interesses dos estudos pós-coloniais e suas pretensões epistemológicas.

Os capítulos IV e V apresentam uma descrição densa das notícias acompanhada da análise reflexiva nos dois lugares da investigação: Portugal, na RTP e Brasil, na TV Globo, respectivamente.

O estudo revelou como a colonialidade de poder opera na construção simbólica da representação da Amazônia nas duas televisões, mas também revelou insurgências ou formas de resistências às forças hegemônicas produtoras dessa colonialidade de poder praticadas por ambas as comunidades interpretativas. Revelou enfim, as intenções da competência comunicativa das equipes de jornalistas em ambas as televisões estudadas, além das emergências de forças contrahegemônicas também empreendidas nas respectivas produções jornalísticas. Aponta as intencionalidades das comunidades interpretativas, tanto na seleção que fazem dos acontecimentos que serão transformados em produto final – as notícias –, quanto da intenção na construção dessas narrativas na linguagem.

As principais revelações são comentadas na tentativa de conclusão da tese, sob o título, “Arremate (In) Conclusivo”, por entender o conceito de notícia como um artefato ideológico de ação comunicativa que incide no imaginário social nunca inteiramente apreendido, sempre aberto a novos olhares no devir social.

Capítulo 1 - Globalização e Crise Ecológica à Luz da Teoria Pós-Colonial:

Os termos “globalização” e “crise ecológica” têm sido usados incessantemente em todas as esferas sociais em diferentes contextos políticos e de comunicação social em geral. Isto não tem sido à toa, posto que há uma mudança em curso no mundo que precisa ser o mais compreendida possível para ser diagnosticada também da melhor forma possível. Há, porém um entendimento hegemônico nas sociedades contemporâneas que equivalem ao uso, também hegemônico, de ambos os termos. Em linhas gerais, por “globalização” entende-se um processo “inevitavelmente” mais veloz que ultimamente vem unindo as nações a valores econômicos e simbólicos homogêneos a serviço do também “inevitável” regime de acumulação capitalista mundial. Por “crise ecológica”, numa espécie de mono causalidade ahistórica e trágica, entende-se as transformações nos ciclos naturais do planeta como consequência da grande transformação urbano-industrial que ganhou uma escala sem precedentes a partir do século XX, no referido processo globalizador.

É bem mais e mais complexo do que isso. Afinal, o que temos aqui é um conjunto de formações de discursos⁹ que predominam na atualidade: o discurso da globalização e o discurso da crise ecológica. Ambos determinados por ordens de discursos socialmente constituídas no conjunto de convenções associadas com as instituições sociais. São discursos que se formaram ideologicamente no devir histórico das sociedades capitalistas não só pelas relações institucionais de poder, mas também por tais sociedades como um todo, constituindo-se como um jogo de linguagem ou uma dialética entre as estruturas e práticas sociais (Fairclough, 2001:15). Estão intrinsecamente interligados e carregam no bojo dessa interligação, forças hegemônicas e contra hegemônicas¹⁰ de poder, como define Fairclough:

⁹ Utilizo aqui o conceito de discurso de Norman Fairclough: discurso é prática social determinado e determinante pelas e das estruturas sociais e conectado às ideologias, portanto, podem contribuir tanto para a continuidade do *status quo* social, quanto para a sua mudança (Fairclough, 1989, 2001: 14-35).

¹⁰ O jogo de forças hegemônicas e contra hegemônicas é retirado do trabalho de Gramsci na construção do conceito de Hegemonia. Na formulação de tal conceito, Gramsci propõe uma nova relação entre estrutura e superestrutura na teoria marxista: a estrutura nem sempre determina a superestrutura, sendo a última central na análise das sociedades avançadas. Assim, a ideologia assume um papel central na constituição das relações sociais. A conquista da hegemonia se dá num jogo de forças entre classes através da persuasão e educação (em sentido amplo e informal) no seio da sociedade civil. Para falar da atualização desse “jogo de forças” está o que este trabalho aponta como “jogo de forças hegemônicas e contra hegemônicas” (Gramsci, 1978 a e b).

Globalization is first an economic process, and the neo-liberal doctrine it is currently associated with is centred upon maximally free trade – the free movement of goods, finance and people internationally. What is involved is a shift in the relationship between the market and the state which has characterized capitalism for most of the twentieth century, freeing the market from state controls and undermining the role of the state in providing social welfare, and converting the state into a local advocate and agent for the free market. Supporters of this new order point to its huge capacity for wealth creation, assuming that while some may gain more than others, all will gain to some extent. Opponents argue that the market free from state controls increases the gap between rich and poor internationally and within states, makes life radically insecure for most people, and causes immeasurable environmental damage. Globalization is a process which is only partially complete and which those who benefit most are seeking to extend. They do so through a struggle to impose a new order. In the first instance, this is a new economic order, but it is not just economic: there is also a more general process of globalization, including for instance politics and culture (2001: 204).

Na ordem da imensurabilidade dos danos ambientais, apontada na citação do autor como força contra hegemônica do discurso da crise ecológica em contraponto ao discurso da globalização, a resposta desse último tem sido em linhas gerais, a de que várias mudanças catastróficas da natureza aconteceram nas diversas fases de evolução geológica e ecológica no nosso planeta extinguindo espécimes de seres vivos e transformando a paisagem da Terra. Entretanto, cada vez mais surgem discursos – predominantemente proferidos pela comunidade científica - de que a crise ecológica atual, pela primeira vez não é apenas uma mudança apenas natural. É uma mudança da natureza induzida pelas concepções metafísica, filosófica, ética, científica, política e tecnológica do mundo. A crise ecológica, então, está intrinsecamente ligada à concepção do modo como a globalização se realiza, obrigando-nos a pensar reestruturação do cenário, político, científico e educativo como o problema mais importante do século XX e inaugurador do século XXI. É uma questão que não emana unicamente da evolução da matéria, mas que se revela no mundo objetivo trazendo novos e complexos problemas para o meio ambiente.

A complexidade ambiental é um processo de reconstituição de identidades resultantes da hibridação entre o material e o simbólico; é o campo no qual se gestam novos atores sociais que se mobilizam para a apropriação da natureza; é uma nova cultura na qual se constroem novas visões e surgem novas estratégias de produção sustentável e democracia participativa (Leff, 2003:7).

Sáimos assim do discurso da globalização para pensarmos a globalização dos discursos, promovidas pela emergência e ampliação da virtualidade do mundo, o que faz muitos pensadores a estudarem essas globalizações alternativas que vem gerindo a reconstituição entre o material e o simbólico em nossos dias, como nos disse Leff. Isto

revela o fato de que estamos em pleno período de transição, quando nossos valores e atitudes desmontam progressivamente colocando a todos nós num impasse civilizatório oriundo de uma longa história que traz em seu bojo todas as heterogeneidades de pensamentos que foram suprimidas desse entendimento, apoiadas na noção de progresso. Uma noção que embasa o modelo de desenvolvimento escolhido pelo bloco de poder dominante, que ao longo da história vem exaurindo - e agora, em uma velocidade assustadora - os recursos naturais não renováveis do planeta, com impactos negativos à qualidade de vida dessas mesmas populações, mas também risco de vida das ditas “outras”, não ocidentais ou “transocidentalizadas”.

Nas últimas décadas principalmente, a globalização hegemônica e seu discurso desenvolvimentista adquiriu formato associado a um caráter mundializado das relações de mercado e às formas neoliberais de governos. Ou seja, o processo de globalização assentado no modelo de desenvolvimento dos valores capitalistas é exatamente o que está posto em xeque pela crise ecológica, a partir de uma ideia muito simples: não é possível um crescimento infinito num planeta finito. A ideia de um crescimento infinito neste modelo desenvolvimentista nada mais é do que o fomento da ideia capitalista do lucro infinito.

Historicamente, a ideia foi criteriosamente apoiada pelo devir de uma revolução científica quando essa implodiu o pensamento medieval a partir dos céus, inaugurando as navegações a partir do deslocamento do eixo do cosmo da Terra, para o Sol. Do pensamento religioso, para o profano e científico. Da separação do homem da natureza. Tal pensamento tem sua maior expressão na obra de Descartes, que permitiu a colocação da natureza à disposição da racionalização do homem. Ou na de Bacon (1997), onde a natureza tem valor utilitário. E que mais tarde, na sociologia foi extensamente anunciada na obra de Max Weber desde seu artigo escrito em 1913, “*Über Einigen Kategorien der Verstehenden*”, (“Sobre Algumas Categorias da Sociologia Compreensiva”), que a chamou de “desencantamento de mundo” (*entzanzberg der welt*) (Pierucci, 2003: 62-65, *apud* Weber).

A teoria pós-colonial, por sua vez, vem se consolidando nas últimas décadas como uma nova análise crítica das conflituosas relações centro-periferia criada pelo colonialismo e pela expansão do capitalismo nesse processo chamado de globalização. Trata-se de uma teoria que vem adotando, portanto, um ponto de vista político que procura

revelar neste modelo de desenvolvimento escolhido e apoiado pela ciência na dita modernidade; as complexidades, ambiguidades e contradições desse processo de formação de mundo polarizado entre um “centro” constantemente explorador, e “periferias” constantemente exploradas, provocando fraturas em ambos os lados formando um mundo extremamente desigual. As vozes que surgem do pensamento pós-colonial procuram imaginar uma era de pós-desenvolvimento e de produção de conhecimento descolonizante. São olhares para a perspectiva de uma “insurgência epistêmica” de praticas, saberes, epistemologias e cosmologias indígenas, camponesas, afrodescendentes (Ferguson, 1990; Escobar, 1995; Sachs, 1992; Rist, 2008).

Assim, em relação à crise ecológica o pensamento pós-colonial mergulha na contradição capital-natureza, na procura por revelar quem é o bloco de poder e quem são os atores sociais ou naturais que podem produzir uma mudança social e ambiental emancipatória. Para isso o aconselhamento que vem sendo desenvolvido por tais teóricos é o de modificar os sentidos do desenvolvimento para, no caso limite, anulá-lo. Quando os territórios, os projetos endógenos e, em suma, a vida e a unicidade da experiência das pessoas passam a sobressair como âncoras na desconstrução de narrativas sobre progresso e sua história linear, o potencial é uma reconfiguração político-epistêmica que sinalize a colonialidade vigorosa que permeia todo princípio de representar, prescrever em nome de um desenvolvimento universal.

Não se trata logicamente, de rejeitar incondicionalmente toda a ciência moderna. Trata-se sim do entendimento da noção de desenvolvimento como um projeto. Isso desvela que o modelo escolhido não é só econômico, mas também histórico político e cultural. Cultural porque surge de uma experiência particular: a modernidade europeia e suas escolhas que subordinaram outras culturas aos princípios ocidentais. Princípios esses que foram sedimentados pela revolução científica citada, a saber: o indivíduo racional não vinculado a nenhum lugar ou comunidade; a separação de natureza e cultura; a economia do social e do natural; a primazia do conhecimento especialista ou científico sobre todos os outros tipos de conhecimento. Esta forma particular de modernidade tende

[...] a crear lo que la ecóloga hindu, Vandana Shiva, llama “monocultivos mentales”. Erosiona la diversidad humana y natural. Por esto el desarrollo privilegia el crecimiento económico, la explotación de recursos naturales, la

lógica del mercado y la búsqueda de satisfacción material e individual por sobre cualquier otra meta (Escobar, 2010: 22)¹¹.

Os efeitos simbólicos de intercâmbio histórico cultural com os centros coloniais, portanto, são especialmente caros à teoria pós-colonial, o que a faz inicialmente nutrir-se da teoria literária e da filosofia pós-estruturalista, em análises comparativas das macro narrativas de longos períodos históricos. Para tanto, abarca elementos teóricos da antropologia cultural, para entender o homem e as sociedades na vertente da cultura, o que acaba por distingui-la pela tentativa constante de repensar a estrutura epistemológica de todas as ciências sociais. Tais estruturas teriam sido moldadas de acordo com padrões ocidentais que se tornaram também globalmente e simbolicamente hegemônicas devido ao fenômeno histórico do colonialismo.

Historicamente, ao que interessa especificamente aqui, remonta o significado do termo “globalização” à sua origem: ao contexto do processo de colonização iniciado no século XIV, impulsionado pelas descobertas de novas terras pelos europeus navegantes. Para pensar no devir desse processo e a construção deste modelo desenvolvimentista como uma forma de conhecimento de mundo que se impôs sobre a imensa diversidade de outros conhecimentos, tivemos a ajuda da Teoria da Dependência. Uma crítica à modernidade, que nos anos 60, sob a autoria de André Gunder Frank (1967), já apontava os países colonizados, não como países atrasados e sim, como países marcados para o “desenvolvimento do subdesenvolvimento”. Uma formulação incômoda para o pensamento da época, pois inclusive as formulações de esquerda estavam impregnadas pelas teorias da modernização e, mesmo entre os marxistas, ainda se pensava o Brasil, por exemplo, como resultado do atraso feudal e não como subproduto necessário da acumulação em escala mundial.

A proposta de desconstrução desse modelo de desenvolvimento da “globalização moderna” passa também pelo novíssimo conceito de desenvolvimento sustentável¹² cujo

¹¹ Tradução livre da autora: “[...] a criar o que a ecóloga hindu, Vandana Shiva, chama de “monocultivos mentais”. Erode a diversidade humana e natural. Por isso o desenvolvimento privilegia o crescimento econômico, a exploração dos recursos naturais, a lógica do mercado e a busca por satisfação material e individual por sobre qualquer outra meta” (Escobar, 2010:22).

¹² Refiro-me aqui ao conceito de desenvolvimento sustentável criado e usado pela primeira vez pela Comissão Mundial Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, formada em 1983 pela Assembleia Geral das Nações Unidas: “Em essência, o desenvolvimento sustentável é um processo de transformação no qual a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional se harmonizam e reforçam o potencial presente e futuro, a fim de atender às necessidades e aspirações humanas” (CMMAD, 1987:49).

segundo termo serve apenas para legitimar o primeiro, ou seja, a perpetuação do desenvolvimento como gramática insuperável (Rist, 2008:194). Até porque a noção de sustentabilidade iguala-se à de crescimento linear, apagando outras temporalidades impostas à Natureza e suas populações exploradas, contraindo o presente, dilatando o futuro e apagando o passado, como veremos em pormenores mais à frente.

Em pós-colonial, o sufixo “pós”, então, não se constitui nestes estudos como descrição do depois ou do agora, ou seja, não se trata de uma mera periodização baseada em estágios de desenvolvimento das sociedades mundiais. É um sufixo usado para a releitura da colonização como parte de um processo transnacional e transcultural global, para produzir uma reescrita das anteriores grandes narrativas centradas nas nações. A pertinência do sufixo “pós” que dá nome a estes estudos, entretanto, vem sendo largamente questionado, como em Ella Shohat (1992, *apud* Hall, 2009:99), que acredita ser provocador de ambiguidade teórica e política e, assim despolitizante. Ou por, Anne McClintock (1992, *apud* Hall, 2009:100), que critica a linearidade do termo e sua “suspensão arrebatada da história”. Para ambas, então, o termo “pós” confunde e traz uma compreensão de fechamento do período histórico do colonialismo. Ou ainda, por Arif Dirlik, que desconfia do conceito por ser:

[...] um discurso pós-estruturalista e pós-fundacionista empregado principalmente por intelectuais deslocados do Terceiro Mundo, que estão se dando bem em universidades americanas prestigiosas, do “Ive League” e que utilizam a linguagem em voga da “virada linguística” e cultural para reformular o marxismo, remetendo-o a “outra linguagem do Primeiro Mundo com pretensões universalístico-epistemológicas” (Dirlik, 1994 *Apud* Hall, 2009: 96-97).

São críticas, para concordar com Hall, que no fundo anseiam por uma política bem definida de oposições binárias, o que o autor chamou apropriadamente de desejo para “traçar linhas claras na areia”¹³. Não há dúvidas que tais binarismos existem e, além do mais, sempre que tentamos universalizar pensamentos, no exercício da abstração, caímos em binarismos. A teoria pós-colonial também faz uso deles¹⁴, evidentemente. Mas, em um mundo em tamanha ordem de transformação, é também verossímil que binarismos que sempre nos serviram, como bem e mal, ou certo e errado, em qualquer abstração que seja, têm sido cada vez mais difícil. Isto implica que cada vez mais temos a visão nebulosa, mas que de qualquer forma precisamos continuar fazendo escolhas do nosso ponto de vista ético, do nosso lugar enunciação, na perseguição da maior transparência possível dos

¹³ *Idem, ibidem*: 98

¹⁴ Para citar a frequência de alguns deles: Ocidente/Oriente, Norte/Sul, Centro/Periferia, etc.

nossos pensamentos. É esta a justificativa do termo pós-colonial quando desconfia do projeto modernista e desconsidera o fechamento histórico do conceito de modernidade, preferindo compreender a confusa situação atual como uma espécie de “colonialismos tardios” (grifos da autora).

A crítica pós-colonial têm significado importante como “testemunho das forças desiguais e irregulares de representação cultural envolvidas na competição pela autoridade política e social dentro da ordem do mundo moderno” (Bhabha, 2007:239). Uma modernidade criada (inventada) sob-bases de determinação metafísica de conhecimentos produzindo uma ordem coisificada e fragmentada na dominação e controle do mundo.¹⁵ Ou seja, tal pensamento é importante porque evidencia as relações que em diferentes contextos históricos, de povo para povo e de relações dinâmicas de diferentes graus de intensidade com o centro imperial, levantam as formas pelas quais é possível estar no Ocidente, sem fazer parte dele.

A produção do discurso de desenvolvimento como progresso constante dessa modernidade foi embasada no campo do simbólico, como mostra Arturo Escobar (2010:41) através de seus estudos de Trinh, (1989) e Hirschman (1981), em seis etapas históricas das formas discursivas para a nomeação dos povos que não atingiram o desenvolvimento europeu ocidental e depois estadunidense no conhecimento produzido pela ciência dominante. Uma percepção da alteridade como falhada, de identidades que necessitam de ajuda e que foram tomadas sucessivamente nas formas de bárbaro, pagão, infiel, selvagem, nativo e subdesenvolvido, desde o início da colonização até os dias atuais.

Após a deflagração da 2ª Guerra, sob o signo do subdesenvolvimento estão há quatro décadas compreendidas, na mentalidade geopolítica monocultural (para usar a terminologia de Shiva), todas as sociedades latino-americanas, africanas e algumas asiáticas. É o também chamado, Terceiro Mundo, que o autor adverte que mesmo admitindo falhar, esse modelo produz ideias, coisas e disciplinas – “efeito de instrumento” - que sacrificam formas de conhecimentos locais e modelos de compreensão da natureza em favor de um modo racional de governo com a constituição de programas para alavancar economias e gerar bem estar a essas populações ditas pobres (Escobar, 1995: 44)

¹⁵ Modernidade de determinação metafísica no sentido heideggeriano: criada pela filosofia grega, e, portanto ocidental, a ciência foi classificatória do mundo e da divisão dos seres em marcos de conhecimento abrindo a possibilidade para o domínio controlado de cada coisa.

O que justifica a escolha desse trabalho no viés da teoria pós-colonial é o entendimento do seu desafio mais interessante: o de imprimir na história da humanidade com a natureza o que foi reprimido pela razão moderna, ou “pós-moderna” em suas redes conceituais reificadas. Um desafio que permite uma crítica da modernidade da posição do sujeito colonizado, o que deve contribuir tanto para a compreensão das relações da Natureza e das sociedades subalternizadas que nela habitam, quanto para pensar a transformação das relações socioculturais em jogo.

Para isso, no devir dessa crítica à modernidade, surge o termo que Anibal Quijano (1991, 1993, 1994) cunhou para conceituar esses efeitos e diferenciá-los do conceito de colonialismo assentado no imaginário epistêmico apenas no passado desses povos: o conceito de “colonialidade de poder”. Como o próprio termo conduz trata-se de uma identidade que insere resquício, ou resíduo, mas também naturalização dos processos de dominação/exploração do poder colonial entranhada, arraigada persistentemente nas mentalidades e comportamentos político-sociais, tanto nos próprios países que sofreram o processo violento da colonização (também denominado de colonialismo interno), quanto “por um poder cuja sede se localiza noutra jurisdição territorial” (Anibal Quijano, 2010).

Percebe-se, portanto, que o uso dos termos “jurisdição territorial” escolhido por Quijano não quer apenas incluir no conceito a noção geográfica¹⁶ de espaço, mas enxergá-la também nos espaços de relações de poder de dimensão política (poder legal-administrativo de estados-nação) e imaterial (simbólico)¹⁷ complexos da contemporaneidade, ou seja, sua ecologia política¹⁸. Faz-se necessário, portanto, atrelar três eixos na procura pela colonialidade de poder na crise ecológica que se encontram fortemente entrelaçados: as formas de conhecimento a que se refere, o sistema de poder que regula suas práticas e as formas de subjetividade fomentadas no discurso da crise.

¹⁶ O conceito de espaço geográfico utilizado neste trabalho inclui não só a noção de espaço físico, mas também a social, entendendo que ações sociais e todos os elementos naturais desse espaço são interdependentes. O espaço social, portanto, está contido no espaço geográfico (Milton Santos, 2002).

¹⁷ Retirado da Geografia Crítica, compreende-se que os conceitos de espaço geográfico e espaço territorial são indissociáveis. Apenas, entende-se por território a delimitação de um espaço incluindo as relações de poder em suas duas dimensões: a material que diz respeito à área do território, aos objetos geográficos influenciados/dominados/apropriados pelo sujeito territorial; e a imaterial, que corresponde às estratégias dos sujeitos para a construção de um território; são as ações, representações espaciais criadas, a disputa de forças com outros sujeitos, as ideologias e os discursos, posicionamentos políticos, manifestações e outras formas imprimir o poder.

¹⁸ A ecologia política tem como principal estratégia de ação os movimentos ambientais e algumas propostas, entre as quais podem ser destacadas: a justiça ambiental, a resistência como estratégia de luta e proposições de alternativas ao desenvolvimento.

No primeiro eixo hoje, na grande esfera de conhecimento das ciências humanas, podemos observar sob as inúmeras perspectivas epistemológicas do construtivismo social em estudos das mais variadas “minorias”, intervindo nos discursos hegemônicos da modernidade: perspectivas da própria ciência como construção social, de feministas, discursos de relações étnico-raciais, de histórias diferenciadas de nações e povos e, até mesmo (e aqui o que mais interessa a esse estudo), na perspectiva de uma nova política que considere a natureza humana como integrante da natureza. Apesar de já ser lugar comum na avaliação dos teóricos dessa grande profusão de novos conhecimentos no século XX ter sido permitida no promulgado giro linguístico sofrido pelas ciências sociais e expresso na famosa frase de Wittengestein, “os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo” (1994: 245), isto só não basta. São também clamores que evidenciam mudanças de paradigmas em curso a partir de um mal-estar generalizado na relação humana com o meio ambiente social e natural, nos velozes e complexos processos impostos pela globalização de um mundo superpovoado e interligado pelas tecnologias de transporte e de comunicação que modificam a relação tempo-espaço.

Não cabe aqui uma extensiva antologia desses pensamentos, mas vale sublinhar a novidade radical do pensamento ecofeminista¹⁹ que sem desconsiderar a importância das análises e interconexões entre poder, conhecimento, subjetividade e linguagem, procura recusar ainda a separação do mundo material, do mundo imaterial. Um raciocínio que propõe a reconceitualização da Natureza para descolonizá-la, resgatando o conceito de agência²⁰: a Natureza é agente e tais ações têm graves consequências tanto para o mundo humano, quanto para o não humano e, não mais apenas recurso para a produção industrial ou construção social. A ideia ecofeminista explora a interação entre história, cultura, discurso, tecnologia e biologia, com meio ambiente, concomitantemente sem privilégio de nenhuma das partes. Isto nos remete ao segundo eixo e abre perspectivas éticas e políticas relevando importância às práticas de poder. Pois, nesta ética material que inclui a Natureza como agente implica,

¹⁹ Existem muitos tipos de movimentos que se intitulam ecofeministas. Os aqui referidos são análises formuladas principalmente pelas autoras: Sandra Harding, Helen Longino, Loraine Code, Lunne Hankinson Nelson, mas também por autores como Bruno Latour e Andrew Pickering, que procuram se manterem no elemento empírico e material sem abandonar a construção social de seus objetos de análise.

²⁰ Refiro-me aqui ao conceito formulado por Anthony Giddens e sua teoria da estruturação do sistema social para pensar mudança social. Agência como espaço onde se encontram as estruturas e os agentes, como uma fusão de circunstâncias estruturais e capacidade propulsora duplamente condicionado: tanto pelo equilíbrio entre restrições e limitações, quanto pelas aptidões e talentos, habilidades, conhecimentos e atitudes dos membros da sociedade, por outro.

[...] que podemos comparar as próprias consequências materiais reais das posições éticas e formular conclusões a partir daquelas comparações. Podemos, por exemplo, argumentar que as consequências materiais de uma ética são mais favoráveis ao desenvolvimento dos seres humanos e não humanos do que as consequências de uma outra ética (Alaimo & Hekman, 2012:5).

Assim, podemos mudar o foco dos princípios éticos para as práticas éticas que são “encarnadas” e situadas, que se desdobram em contextos particulares decisórios. Isso porque elas não estão acima ou sobre as realidades materiais e sim, emergem através delas.

Na perspectiva política, permite a compreensão que as decisões estão inscritas nos corpos humanos e não humanos é o que produz marcas e gera demanda de resposta a esses corpos, instaurando novos direitos no contexto político de regulação. Isso também transforma a política ambiental e sua estreita relação com a ciência ecológica, permitindo que ambientalistas tenham meios de desmascarar a ideia de que todas as argumentações científicas são igualmente válidas. A discussão recente em torno do aquecimento global é um exemplo dessa transformação na política da ciência que coloca a força da Natureza como protagonista na luta.

Ao fim e ao cabo, a questão ambiental é, fundamentalmente, uma crise de uma razão que se intitulou de “moderna” sobre outras razões. Problemas ambientais são problemas de um conhecimento ocidental de mundo. Portanto, questionar essa racionalização particular crescente do conhecimento e da objetivação de mundo é também propor as questões dos valores e da subjetividade de mundo no interior das relações de saber-poder, o que nos remete ao último eixo. É compreender a modernidade como um projeto não acabado com todos os seus tropeços e paradoxos. É realizar o intento de poder pensar os povos que sequer chegaram a viver essa “modernidade” e, entretanto, dela já são vítimas. É por fim, reiterar a cultura da própria Natureza como vítima no processo.

A crise ecológica sob uma perspectiva macro da colonialidade de poder, não está relacionada apenas com as consequências da grande transformação urbano-industrial dos tempos atuais, mas também com uma série de outros processos, sejam eles macro ou micro, globais ou locais, que lhe são anteriores, mas que permanecem culturalmente. Sem dúvida, o caso da expansão colonial europeia e da incorporação de vastas regiões do planeta, uma grande variedade de territórios e ecossistemas, a uma economia-mundo sob sua dominância, é a visível “ponta do iceberg”. Mais oculta está a vitória de um tipo de conhecimento, de práticas políticas e de formação cultural que propiciou a primazia do fator econômico sobre todos os outros enquanto estruturantes dos valores materiais, sociais

e culturais neste projeto ocidentalista. O auge do debate deu-se na Europa durante o século XVII quando,

O argumento em favor de privilegiar uma forma de conhecimento que se traduzia facilmente em desenvolvimento tecnológico teve de confrontar-se com outros argumentos em favor de formas de conhecimento que privilegiavam a busca do bem e da felicidade ou a continuidade entre sujeito e objeto, entre natureza e cultura, entre homens e mulheres e entre os seres humanos e todas as outras criaturas (Santos, 2005:21).

Estaria, portanto, apontado no pensamento de Santos a origem do que hoje imprimimos à terminologia de “globalização neoliberal” que se instaurou no mundo como forma dominante do pensamento que se materializa no sistema de poder mundial principalmente a partir dos anos 90: uma lógica de mercado em detrimento a lógicas que anteriormente pretendiam garantir alguma distribuição social. Foram as escolhas realizadas pelas elites políticas, empresariais e científicas europeias e norte-americanas, que depois alcançam todo o globo. A Teoria pós-colonial assim rechaça a visão de alguns cientistas políticos de que o processo globalizador da hegemonia econômica, política e cultural é uma reinvenção do processo expansionista norte-americano no período pós-guerra fria, como queria, por exemplo, Samuel Huntington (1997), como um processo inevitável de expansão da cultura ocidental e do sistema capitalista sobre os demais modos de vida e de produção no mundo, o que nos conduziria a um “choque de civilizações”.

Muito pelo contrário, a Teoria Pós-colonial opera no sentido da necessidade da reinvenção social, cultural e material num mundo repleto de diferenças, sendo a mais visível e marcante delas, a diferença hoje instaurada entre os países do Norte e os países do Sul.²¹ Mas, sobretudo, entender que tal diferença só foi possível através de um verdadeiro epistemicídio (Santos, 2005: 22)²². Um processo histórico que foi violento na Europa, mas o foi muito mais nos países colonizados, de exclusivismo epistemológico de uma ciência moderna transformada por duas principais modalidades de pensamento: “uma concepção a-histórica do próprio conhecimento científico, feita do esquecimento dos processos históricos de constituição do conhecimento” e, uma “concepção cumulativa do progresso da ciência” (*Idem, Ibidem*), que viria a acarretar o ocultamento do valor do erro e da

²¹ A metáfora Norte-Sul é uma tradução sociológica (e não territorial) das desigualdades visíveis no sistema mundial entre os países desenvolvidos do norte como centro do processo globalizador neoliberal que subordina os países do Sul (excluindo-se Nova Zelândia e Austrália), como países periféricos e semiperiféricos nesse processo (Santos, 2003).

²² Nota citada em Santos como “conceito com que designa a morte de um conhecimento local perpetrada por uma ciência alienígena”.

controvérsia, principalmente nas ciências sociais. O pensamento dominante do Norte assim passava a justificar uma capacidade superior de conhecer e de transformar o mundo e as ciências sociais em particular, assumiram “a condição de ideologia legitimadora da subordinação dos países da periferia e da semiperiferia do sistema mundial, o que se veio a se chamar Segundo e Terceiro Mundo”²³.

O resgate histórico de outras ideologias se faz aqui necessário não só para a compreensão das crises atuais, mas também para um reenquadramento e reinserção de conhecimentos esquecidos, silenciados, ocultados, em seus contextos de luta, que torne visível outros conhecimentos, outras histórias. E, para apontar o terceiro eixo como lugar epistêmico desse trabalho, quando falamos em “crise ecológica”, portanto, convém a apreensão da trajetória de subjetividades que se estabeleceu ao redor do termo “ecologia” para marcação da definição conceitual neste trabalho. A maioria dos estudiosos atribui principalmente a Haeckel (1866), o primeiro significado e uso do termo, na obra, intitulada “Morfologia Geral dos Organismos”, editada em Berlim e que pretendia uma teoria geral dos seres vivos ²⁴.

Haeckel propunha uma perspectiva de análise inerente às ciências naturais, assentada sobre a sua área de atuação, a zoologia. Era assim, uma ciência que surgia para estudar as relações entre os organismos vivos e o ambiente em que eles vivem. Não levava, portanto, em consideração as relações entre sociedade-ambiente, ou homem-natureza. Foi a perspectiva vencedora à época, porém, desde antes de Haeckel, ou mesmo concomitantemente, já surgiam outras perspectivas fora das chamadas ciências naturais. Eram acepções sobre uma ciência que se apresentava não numa nova perspectiva de análise, mas também num foro de discussão política que reivindicava conhecimentos para uma garantia satisfatória de qualidade de vida para as sociedades, devido já aos primeiros problemas advindos da nova sociedade industrial para as colônias. A ciência ecológica dominante nasce e se desenvolve, portanto, dentro de um ramo da ciência cartesiana, que admitia especificamente as relações deterministas e mecânicas de causa e efeito, isto é, o paradigma da ciência positivista que priorizava a determinação natural para a causa de muitos fenômenos, incluindo-se aqui os sociais.

²³ *Idem, Ibidem: 22-23*

²⁴ Obra que marca a origem do conceito de ecologia: Haeckel, Ernest (1866): “*Generelle Morphologie der Organismen : allgemeine Grundzüge der organischen Formen-Wissenschaft, mechanisch begründet durch die von C. Darwin reformirte Decendenz-Theorie Berlin*”

Hoje, no início do século XXI, a ecologia representa muito mais que uma subdisciplina de uma ciência determinista; representa, além disso, um vasto campo cultural, político, científico, biológico e social. São muitos os desdobramentos que a ecologia sofreu, tanto do ponto de vista pragmático: ecologia humana, social e política, quanto do ponto de vista teórico: sociologia ambiental, história ambiental ou pensamento ecológico (Pádua, 2002). O debate entre as ciências naturais e sociais está definitivamente instaurado e ele se estabelece numa atmosfera de discursos, em várias esferas sociais, que à primeira vista, ou à primeira audiência, parecem disparatados. Ouve-se, ao mesmo tempo um crescente interesse pelos assuntos relacionados com a ciência e a tecnologia, assim como nos limites e pelos riscos que essa mesma ciência e tecnologia oferecem à ecosfera, à humanidade. Fala-se em sociedade da comunicação, sociedade de risco, sociedade sustentável, sociedades tradicionais, etc. Cresce o debate sobre a política das ciências, no anseio de muitos cientistas e até mesmo de indivíduos da esfera civil, os ditos “leigos”, por uma maior transparência e diálogo entre as ciências.

Esta investigação se pretende como apenas um desses espaços de observação, na difícil interface entre os vários conhecimentos científicos e não científicos, nas relações culturais de poder, questões ambientais e de desigualdades sociais. Para tanto e, ancorada nos estudos culturais pós-coloniais, procura primeiro a percepção dos ocultamentos, silenciamentos e estratégias enunciativas nas formações discursivas sobre a Amazônia – objeto tema da pesquisa - de uma forma de comunicação que surge no mundo moderno quase que ao mesmo tempo em que a crise ecológica no processo histórico, como cânone literário²⁵ desta globalização neoliberal: o jornalismo. Apenas para deixar aqui apontado, - pois iremos discorrer detalhadamente sobre isso nos capítulos subsequentes - a intensão foi a de seguir a trilha teórica aberta por Sousa Santos na busca por um localismo-globalizado²⁶ da problemática política-ambiental amazônica em dois países semiperiféricos: o Brasil e Portugal. O Brasil como semiperiferia do Sul; e Portugal, do Norte. Recorte que permite enxergar o encontro/desencontro, entre colonizado e

²⁵ Encaixo aqui o jornalismo no conceito de cânone literário criado por Santos (2006:71), a saber, um conjunto de obras literárias que nos dias atuais as instituições dominantes consideram ser de grande representatividade, valor e autoridade na cultura da neoglobalização.

²⁶ Também aqui me utilizo da terminologia de Santos para nomear a o local de tensão entre hegemonia e contra-hegemonia no processo de globalização. O localismo-globalizado são locais onde as especificidades das relações entre colonizados e seus colonizadores são mais visíveis (2005).

colonizador falantes da mesma língua e ainda, local globalizador do poder das questões ambientais que incidem sobre o território da Amazônia, através da linguagem.

Mas, antes se faz necessário nessa linha teórica, “por a ciência em cultura”. Neste trabalho, então, “por a ecologia em cultura”.

1.1 A dialética da crise para “por a ecologia em cultura”:

A etimologia do termo “cultura” aponta para a sua origem latina, *colere*, que significa cultivar. É um conceito de várias acepções, sendo que a definição formulada pelo antropólogo britânico, Edward B. Tylor (Barsa, 1999)²⁷, segundo a qual cultura é “aquele todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e aptidões adquiridos pelo homem como membro da sociedade”, foi a vencedora e permanece até hoje nas mentalidades contemporâneas. Não cabe neste trabalho discorrer sobre esse vasto assunto já tão debatido exaustivamente, inclusive pela principal herdeira de tal concepção, a Antropologia. Cabe apenas apontar uma trajetória de assunção de muitos significados desde o que era entendido com “cultivar”, ligada ao surgimento da agricultura, nas ciências naturais para a acepção das ciências sociais. A teoria pós-colonial força o conceito de cultura, para fora e para além do ideal estético ou organizacional sempre suspeitando da sua completude. É conceitualmente produção irregular, incompleta de sentido e de valor, no cotidiano das relações sociais, ou melhor dizendo, no que Homi Bhabha chamou de “ato de sobrevivência social”,

A cultura se adianta para criar uma textualidade simbólica, para dar ao cotidiano alienante uma aura de individualidade, uma promessa de prazer. A transmissão de *culturas de sobrevivência* (grifos dos autor) não ocorre no organizado *musée imaginaire* das culturas nacionais com seus apelos pela continuidade de um “passado” autêntico e um “presente vivo” – seja essa escala de valor preservada nas tradições “nacionais” organicistas do romantismo ou dentro das proporções mais universais do classicismo (Bhabha, 2007: 240-241).

Deixemos essa reflexão no córtex do nosso pensamento para pensarmos na história do significado de “ecologia” que como vimos alguns anos antes do conceito de cultura desenvolvido por Tylor, sai vencedor o conceito determinista de Haeckel, onde a etimologia do termo, “*oikos*”, do grego “casa”, ou seja, o estudo da casa (a Terra) deixa de fora as relações sociais no homem com sua casa, separando homem e natureza. Por que já

²⁷ Refiro-me aqui à obra de Tylor, historicamente citada como elaboradora do conceito moderno de cultura: “Primitive culture: researches into the development of mythology, philosophy, religion, art, and custom”, editada pela primeira vez em 1871.

na segunda metade do século XIX, os cientistas – autoridades que ditam pensamento dominante à época - decidem pensar a ecologia separadamente da cultura?

Considerando a importância significativa do fato das relações de poder-saber em todas as suas instâncias deixarem marcas no corpo da linguagem persigo uma etimologia das palavras que possa levar ao entendimento de uma dialética da Natureza como cultura em contraponto com a Natureza colonizada que persiste na globalização hegemônica.

A terminologia semântica da colonização aponta-nos – como bem lembrou Bosi – para os termos “cultura” e “culto”, que derivam do mesmo verbo em latim, “colo”, para o processo de construção dos significados aqui importantes na determinação conceitual a ponderar” (Bosi, 1992:11). “Colo” que nos remete ao sentimento de cuidar, de tomar conta. No Império Romano adquiriu a significação de “cultivo da terra”, mas por extensão, “eu moro”, “eu ocupo a terra”. “Colo” é então ação-matriz da forma adjetiva da palavra “colônia”, como espaço que está ocupado. Também daí deriva a palavra “*colonus*”, em grego, “*áipoikos*”, aquele que ocupou a terra para o latim e aquele que ocupou a casa, para os gregos. São inscrições significativas da ação em “colo”: “Tomar conta de sentido básico de colo, mas importa não só em cuidar, mas também em mandar”²⁸.

O particípio passado de colo em latim é “*cultus*”,

[...] “*cultus*” é sinal de que a sociedade que produziu o seu alimento já tem memória. A luta que se travou entre sujeito e objeto do suor coletivo contém-se dentro do particípio, e o torna apto a designar a inerência de tudo quanto foi no que se passa agora. Processo e produto convêm no mesmo signo” (Bosi, 1992: 13).

E o particípio futuro, “*culturus*”. Percebe-se aqui o significado do que significa o termo “cultura” na terminação “urus”: uma ideia de porvir com consciência coletiva que desentranha da vida presente e passada dos planos para o futuro, numa dimensão de projeto de *colere*, projeto de cultivo da vida. Por “o estudo da casa” – ecologia – em cultura, significa por o estudo da casa como projeto do cultivo da vida na Terra com consciência coletiva que opera no presente a busca do passado para a construção de um projeto de futuro. O passado foi a colonização da natureza, pois a ordem do cultivo da terra – expressa em *colo* - teve como princípio básico o seu domínio. A aproximação com *colo* na significação da cultura “moderna”, na relação homem-natureza que resultou na crise

²⁸ *Idem, ibidem: 13*

ecológica em que vivemos é então uma colonialidade de poder, como diriam Quijano e Mignolo, expressa na linguagem, porque nas palavras de Bosi,

O vetor moderno do titanismo manifesto nas teorias de evolução social, prolonga as certezas dos ilustrados e prefere conceituar cultura em oposição à natureza, gerando uma visão ergótica da História como progresso das técnicas e desenvolvimento das forças produtivas (Bosi, 2003:16).

Assim, a reformulação de critérios de valoração social, associada à adoção – desde a década de 90 do século passado – do referencial cultural ambientalista, faz parte agora de um cenário mundial em que é conferida uma importância tanto científica, quanto cultural à ecologia. “*Culturus*” traz em si não só a ação sempre reproposta de colar, o cultivar através dos séculos, mas principalmente a qualidade resultante desse trabalho e, portanto, já incorporado à terra que se lavrou. Mas, a genealogia do termo “cultus”, como substantivo, queria dizer não só o trato com a terra, mas também o “culto aos mortos”, “forma primeira de religião como lembrança dos antepassados”. Chegamos aqui ao que Bosi pertinentemente considera a dialética imprimida no termo “colonização”: “Convém amarrar os dois significados desse nome-verbo que mostra o ser humano inexoravelmente preso a terra e nela abrindo covas que o alimentam vivo e abrigam mortos”²⁹.

Ora, é evidente que o caráter dominador do processo colonizador se dá não somente num processo violento de enfrentamento entre dois povos. Trata-se de um processo que reproduz nos próprios locais onde se manifesta, a luta de classes, abarcando uma franja de colaboradores que exploram povos dos quais fazem parte. E mais, tal fenômeno não se processa apenas através de razões econômicas e/ou políticas realizam-se também, nos fatores culturais e precisamente na linguagem. Aliás, uma das conquistas teóricas do marxismo foi a revelação de que são nas práticas sociais e culturais, profundamente enraizadas no tempo e no espaço, que se formam as ideologias e as expressões simbólicas em geral. Assim, não só convém amarrar os significados de vida e morte do ser humano atrelado a terra à dialética da colonização, mas é fundamental entender que foi esta dialética da colonização que resultou na crise atual e saber de quais vidas e de quais mortes estamos falando nos contextos dos conflitos.

Como vimos com Bhabha, a textualidade simbólica que conferiu uma aura de individualidade e promessa de prazer para o bloco do pensamento dominante, imprimida

²⁹ *Idem, ibidem*: 14

no “*culturus*” ecológico do colonizador, os coloca agora diante da crise, na eminência de retorno a “*cultus*” na sua cultura de sobrevivência atual. Ou seja, a promessa se torna ameaça com aspecto de inexorabilidade determinística da terra em suas vidas e mortes. O trágico é que tal trajetória não emancipa o bloco dominado que muitas vezes não participou ou mesmo não quis fazer parte dessa cultura de sobrevivência, numa possível aura de individualidade ou promessa de prazer. Entretanto, estamos todos juntos, incluindo aqui a Natureza, a cavar a própria cova.

Nesta dialética, então, pôr a Natureza em cultura é um esforço epistemológico e político para transformar a cultura de sobrevivência da humanidade e da própria Natureza, aprendendo com a ameaça imposta pela crise ecológica. E, de forma mais eficiente que a cultura da natureza colonizada construída pelo pensamento dominante ocidental, precisamos pensar em abarcá-la em todos os âmbitos históricos, sociais e científicos, sem desconsiderar sua materialidade. Uma tarefa gigante, levando-se em conta a eficiência da construção cultural anterior de colonização da natureza, que nos levou por cerca de cinco séculos até nos apercebermos da crise. Não temos mais esse tempo todo, precisamos acelerar.

Este trabalho, portanto, se pretende uma humilde parte dessa grande tarefa. Seguindo a trilha do pensamento de Boaventura de Sousa Santos, almeja investigar num dos discursos hegemônicos na língua portuguesa sobre a Natureza amazônica os silenciamentos/ocultações e conflitos políticos, que vem se configurando no bojo da crise ecológica cotidianamente. Tal pensamento aconselha que seja na tensão entre hegemonia e contra hegemonia³⁰ no processo da globalização, a busca por maior visibilidade das especificidades das relações entre povos colonizados e seus colonizadores ou, melhor conceituando, na procura em um “localismo globalizado”³¹.

O localismo globalizado de que falo aqui é a Amazônia brasileira e sua representação como território histórico-cultural na língua comum entre colonizadores e

³⁰ Refiro-me aqui ao conceito gramsciano de hegemonia como sistema complexo de mediações e prática política da classe dominante, no seio das sociedades capitalistas que visa suscitar o consentimento ativo dos dominados através da constituição fictícia de um interesse geral. Evidentemente isso não se dá sem uma tensão com as outras ideologias. Mesmo entendendo a não recorrência à força ou à repressão, temos hoje muitos estudos que demonstram o atravessamento de ideologias de resistência que demonstram que esse consentimento não é de todo pacífico nas dimensões das suas linguagens. Cf: Canclini, Barbero, Pièrre Levy *et al.*

³¹ Localismo globalizado: Também aqui me utilizo da terminologia de Santos (2005) para nomear a o local de tensão entre hegemonia e contra hegemonia no processo de globalização. O localismo-globalizado são locais onde as especificidades das relações entre colonizados e seus colonizadores são mais visíveis.

colonizados específicos do colonialismo português, a saber, Brasil e Portugal, na dimensão espacial do cotidiano³²; a saber ainda, nas produções noticiosas das televisões portuguesa e brasileira. Tal localismo é globalizado na representação da temática da crise ecológica que coloca a Amazônia brasileira³³ como objeto global de interesse econômico e político, mas também através de representações produzidas e traduzidas para a divulgação dos temas a ela relacionados através do mundo e dentro da própria nação brasileira. Assim a textura simbólica que constrói o cotidiano dos povos da Amazônia e da própria Natureza amazônica é tecida na sua história específica atravessada pelas relações de poder, mas também na ação prática desse poder, que estarão impressas nas formas de subjetividade (representação) na dimensão do terceiro eixo, como nos aconselhou Escobar³⁴. Procuo as pistas dessa formação no discurso hegemônico, em suas plataformas e linguagens, e convém, portanto, entendimento dos contextos estruturais, históricos, culturais e políticos que desembocam nesta tessitura de representação simbólica atual.

Por ora, deixo para o próximo capítulo o desenvolvimento teórico específico das produções jornalísticas que ajudarão a entender a complexidade do tratamento da crise ecológica nos meios televisivos e continuo na especificidade do recorte territorial-temático escolhido para a abordagem da crise ecológica na intenção de um mergulho na especificidade histórico-cultural da Amazônia, sob a jurisdição do Brasil. É o que farei a seguir pontuando as ausências como marcas históricas da cultura amazônica e situando-a na crise ecológica atual.

1.2 Sociologia das ausências na Amazônia brasileira: um localismo globalizado.

A Amazônia é a maior floresta tropical remanescente do planeta e responde pelas principais questões que atualmente afligem o imaginário dos ambientalistas como, a perda da diversidade biológica, o aquecimento do planeta, o buraco da camada de Ozônio, entre outras. A Amazônia representa assim, um dos três eldorados reconhecidos

³² Uso aqui o conceito de “dimensão espacial do cotidiano” de Milton Santos que prevê coexistências de temporalidades e espacialidades, através dos meios de informação e comunicação em todos os aspectos da vida social enriquecendo o cotidiano das pessoas (Santos, 2010: 591-592).

³³ O recorte do trabalho não abriga a chamada pan-amazônia que inclui as nacionalidades peruanas, venezuelanas, colombianas e guianenses pelo entendimento que não podemos falar de apenas uma Amazônia, faz-se necessário aqui especificar de qual delas estamos a falar.

³⁴ *Supra.* p.9

na contemporaneidade como capital de realização futura e fonte de poder para as ciências e para o sistema capitalista. Os outros dois são os fundos oceânicos e a Antártica. Os oceanos ainda não são regulamentados juridicamente e a Antártica é partilhada entre as potências mundiais. A Amazônia, então, é o único território repleto de riquezas naturais que está sob soberanias de Estados Nacionais, sendo que 60% do seu território estão sob a soberania do Estado brasileiro. É isto que faz do Brasil, o centro das atenções tanto do novo contexto de sustentabilidade da Terra, como do apetite capitalista por progresso infinito.

O recorte territorial dessa pesquisa tem a intenção de abrangência das áreas de conflitos específicos da crise na Amazônia. E, tais conflitos não incidem apenas nas regiões do bioma florestal, e são até mais intensos na área do entorno dessa floresta abrangendo grande parte do bioma do cerrado. Defino assim, como recorte desse trabalho a área chamada de “Amazônia Legal”.

A “Amazônia Legal” foi um conceito político com fins econômicos criado no governo brasileiro à época da presidência de Getúlio Vargas, em 1953, através da Lei 1.806 e da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia – SPVEA. Trata-se de um instrumento jurídico estratégico que ampliava o território amazônico, incorporando o Estado do Maranhão (oeste do meridiano 44°), o Estado de Goiás (norte do paralelo 13° de latitude sul, atualmente Estado do Tocantins) à região amazônica. A intenção à época era o planejamento do desenvolvimento econômico da região e garantia da soberania nacional neste território rico em recursos naturais e que estaria ameaçado por forças políticas externas à nação brasileira.

Um dos autores do conceito no abandono das diretrizes geográficas da época foi o paraense, geógrafo e bacharel em direito, professor Eidorfe Moreira, quando trabalhava no órgão de divulgação da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia – SPVEA. Autor de várias obras sobre Amazônia, ele escreve em 1958, justificando a nova nomenclatura da região: “A Amazônia interessa hoje em dia menos pelo que é no sentido geográfico, do que pelo que significa ou promete economicamente falando” (Moreira, 1989:37). Depois disso, nos governos sucessivos, outras áreas foram incorporadas ao conceito que permanece ativo até os dias atuais.

Por hora vale marcar que hoje, a região amazônica brasileira e seu conceito geopolítico de “Amazônia Legal” é um exemplo vivo de como a noção de

desenvolvimento não está liberta nos dias atuais, ou no chamado estado moderno, da noção linear de progresso e de crescimento econômico constante, própria do conhecimento iluminista. O conceito político de Amazônia Legal foi criado a partir de um discurso de uma pretensa garantia da soberania econômica nacional brasileira no domínio, planejamento e controle, da atuação das forças estrangeiras na exploração da riqueza natural dos biomas amazônicos e seu entorno. A ferramenta política delimita o que é área de prioridade para o desenvolvimento econômico da nação brasileira. Atualmente a área da Amazônia Legal engloba nove estados da federação brasileira – Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e boa parte do Maranhão – local onde vivem cerca de 60% da população indígena entre o todo de 25 milhões de brasileiros, ou seja, 12,5% da população do país. Veja na figura abaixo:

Figura 1: Área da Amazônia Legal



Fonte: Instituto Socioambiental (2009).

Trata-se de uma ferramenta que vem permitindo ao Estado o planejamento do desenvolvimento da região sob a lógica do modelo de desenvolvimento já citado e que prima pela não-solidariedade na inter-relação de conhecimentos. Ato que esteve muitas vezes explícito na textura política e cultural da sociedade capitalista em sua tendência à totalização. É a compreensão que dá primazia ao todo em detrimento das partes. A área da Amazônia Legal compreende todo o bioma florestal, parte do bioma do pantanal e parte do bioma do cerrado e, portanto, possuem características ambientais muito diferentes. Ao tratar juridicamente toda a área como suscetível ao plano do governo de valorização da Amazônia, vai mais pra frente criar conflitos no desenvolvimento da legislação ambiental do país. Em linhas gerais, o bioma do cerrado, por exemplo, fica invisível com todas as

suas particularidades e sua enorme biodiversidade. Santos chama metaforicamente tal tendência de “razão metonímica”³⁵,

Não há compreensão nem ação que não seja referida a um todo e o todo tem absoluta primazia sobre cada uma das partes que o compõe. Por isso, há apenas uma lógica que governa tanto o comportamento do todo como o de cada uma das suas partes. Há, pois, uma homogeneidade entre o todo e as partes e estas não têm existência fora da relação com a totalidade (Santos, 2008:97).

Voltando assim ao pensamento de Sousa Santos, existem cinco modos de produção da não existência na monocultura da razão metonímica referida acima (2008:101-105). O primeiro deles trata da própria monocultura do saber e do rigor desse saber, que “transforma a ciência moderna ocidental e a “alta” (grifos da autora) cultura em critérios únicos de verdade e de qualidade estética respectivamente” (2008:102). E, a cultura ambiental de uma maneira geral vem sendo desenvolvida primordialmente através dos conhecimentos produzidos pela cultura científica dos países desenvolvidos do hemisfério Norte³⁶ do nosso planeta.

Apenas para fazer uma comparação quantitativa, ao olharmos para o número de pesquisas, ou para o número de pesquisadores ou para a “produção” científica, nos deparamos com facilidade – por exemplo, em um breve passeio pela Internet, como o *site* da Organização para o Desenvolvimento e Cooperação Econômica (OECD), que são os países-membros da OECD os que contribuem por 90% da literatura científica indexada. Entre os 33 países, apenas três estão no Sul assim mesmo entre estes três está a Austrália que evidentemente trata-se da exceção à regra na metáfora aqui utilizada. A desigualdade entre Norte e Sul é mais evidente quando comparamos as despesas científicas com a renda dos países. Os trinta do Norte são responsáveis por uma média per capita de renda “*sixty times greater than that of the roughly fifty countries classified by the World Bank as lowincome economies, average expenditures on science and technology per capita in the former are 250 times greater than those in the latter*” (Karlsson, 2002 *apud* Sagasti e

³⁵ Utilização da figura de retórica – a metonímia – que consiste no emprego de uma palavra por outra na relação lógica ou de proximidade. Boaventura a considera similar à sinédoque, uma palavra empregada em sentido figurado que consiste em tomar a parte pelo todo ou o todo pela parte. A Razão Metonímia em Sousa Santos é uma racionalidade formadora da Razão Indolente juntamente com outros 3 tipos de formação: a Razão Impotente, a Razão Arrogante e a Razão Proléptica.

³⁶ Divisão geográfica metafórica usada pelos estudos pós-coloniais para explicitação das assimetrias que geram as desigualdades no globo terrestre: no Norte estão os países desenvolvidos e centros de decisão política e, no Sul, os países em desenvolvimento e periféricos à esses centros decisórios.

Alcade, 1999)³⁷. Segundo ainda a autora citada, mais de 96% das patentes do mundo são registradas pelo Japão, países do Ocidente europeu e Estados Unidos (Karlsson, 2002 *apud* Shrum e Shenhav, 1995).

São só alguns dados de início do século XXI, mas que, entretanto, mostram a face da natureza do conhecimento científico produzido mundialmente, deixando de fora, ocultando ou desconhecendo a outra que poderia evidenciar o conhecimento científico e não científico produzido e experienciado no Sul. A própria Sílvia Karlsson, coordenadora à época do texto aqui consultado, do Projeto de Ciência Internacional, do Programa das Dimensões Humanas Internacionais Sobre a Mudança Ambiental Global, de Bonn, na Alemanha, alerta para desigualdade do conhecimento científico entre os países do Norte e do Sul que tem como principal consequência política o desconhecimento do Norte sobre as questões ambientais do Sul, que por sua vez não tem acesso a pesquisas do Norte que pudessem vir a beneficiar ou redimir suas questões ambientais.

Há primazia, portanto, desses conhecimentos científicos sob todo conhecimento oriundo da experiência dos povos que habitam a Amazônia - sejam eles considerados científicos ou não -, nos conflitos políticos internacionais que envolvem o desenvolvimento no território. Refiro-me aqui, portanto, não só nos conhecimentos científicos produzidos com a dificuldade já apontada acima pelos centros institucionais de estudos no âmbito federativo dos estados amazônicos brasileiros, mas também os conhecimentos adquiridos pelos diferentes povos que habitam o território da Amazônia Legal no longo processo de sobrevivência nos e dos biomas naturais que compõem tal território.

Apoiados nesses saberes hegemônicos, os interesses globais imperam nas decisões políticas internacionais e nacionais, e ainda traduzem na mentalidade ocidental um desconhecimento ou um conhecimento parcial sobre a atual realidade amazônica, idealizando-a como um território desabitado e, no entanto, repleto de recursos naturais considerados como “patrimônio da humanidade”, invisibilizando o problema estrutural histórico da Amazônia nos impasses estruturais brasileiros e transformando inclusive os seres humanos que habitam a Amazônia em espécies importantes para os interesses da

³⁷ Tradução livre da autora: “seis vezes maior do que cerca de cinquenta países classificados pelo Banco Mundial como economias de baixa renda, a despesa média sobre ciência e tecnologia per capita nos primeiros são 250 vezes maior do que nos segundos”.

visão hegemônica sobre a biodiversidade³⁸ do planeta, já que o *World Resources Institute* (WRI) ampliou a definição incluindo a diversidade genética e variedade de indivíduos e populações ao conceito.

O discurso hegemônico sobre a biodiversidade amazônica não opera sob o entendimento dessa variedade de vida se constituir como base ecológica de sobrevivência de todo e qualquer ser vivo que habita a Amazônia, e sim como um ainda desconhecido reservatório de “matéria-prima para negócios e indústrias globais” (Shiva, 2003: 319) quando esses estão a falhar no controle de pragas na agricultura pela via química e a hiperutilização de agrotóxicos, ou no controle de doenças através dos fármacos e medicamentos.

O pensamento crítico que vem sendo produzido pelos estudos culturais pós-coloniais reflete sobre tal “consequência política do mundo globalizado” de forma mais clara, identificando o Sul como local das nações colonizadas e o Norte de sociedades metropolitanas, e aponta para o abismo que existe entre os dois lados desta linha divisória:

As distinções invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo “deste lado da linha” e o universo “do outro lado da linha. A divisão é tal que “o outro lado da linha” desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente. (Santos, 2010:32).

Tal abismo entre os dois lados é o que Santos chama de pensamento abissal (Santos, 2010) produzido pela ciência moderna ocidental na relação com os seus “outros”, ou seja, os pensamentos tradicionais, alternativos, científicos-silenciados-sonogados, enfim o pensamento do Sul. Assim o conhecimento que os países do Sul produzem são “crenças”, “comportamentos incompreensíveis”, ou, quando científicos, ineficientes por produzirem “lacuna de dados”, ou incipientes por conta da “falta” de verbas necessárias às suas investigações. Escondem-se aqui as relações íntimas entre ciência moderna ocidental e capitalismo nos países do Norte, que permitiram o enriquecimento destes países, especialmente através de séculos de dominação e exploração, dos recursos naturais da Amazônia, do trabalho e do saber não europeu.

A segunda forma de não existência da cultura geopolítica da Amazônia, é a monocultura do tempo linear, própria da razão proléptica também fundamento teórico de

³⁸ Pelo Artigo 2º da Convenção sobre Biodiversidade das Nações Unidas - CBD, por biodiversidade entende-se “a variabilidade entre organismos vivos de todas as origens, incluindo, a *inter alia*, a terrestre, a marinha e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos de que fazem parte. Inclui a diversidade interna às espécies, entre espécies e de ecossistemas”.

Boaventura de Sousa Santos³⁹, cuja ideia de que a história tem sentido e direção únicos e conhecidos é formulada nas ideias de progresso, revolução, modernização, desenvolvimento ou crescimento, já explicada no início desse capítulo.

Essa lógica produz não existência declarando atrasado tudo o que, segundo a norma temporal, é assimétrico em relação ao que é declarado avançado. É nos termos desta lógica que a modernidade ocidental produz a não contemporaneidade do contemporâneo, a ideia de que a simultaneidade esconde as assimetrias dos tempos históricos que nela convergem. [...] Neste caso a não existência assume a forma de residualização, que por sua vez, tem ao longo dos últimos duzentos anos, adotado várias designações, a primeira das quais foi o primitivo ou o selvagem, seguindo-se de outras como o tradicional o pré-moderno, o simples, o obsoleto, o subdesenvolvido (Santos, 2008:103).

Uma lógica tão naturalizada que faz até mesmo cientistas do Sul premiados, como Bertha K. Becker (2008), cuja área de investigação principal é a geopolítica da Amazônia, utilizarem do termo “pós-moderno”, mesmo colocando-o entre aspas, ao chamar a atenção para esta lógica linear do tempo que não permitiu ver a heterogeneidade temporal amazônica em nossos dias e por isso, tê-la negligenciado. Becker fala que um olhar atual sobre a Amazônia revela um quadro “pós-moderno”, expressão da complexidade que a caracteriza (Becker, 2008:131). “A Amazônia pós-moderna é a marca, [...] de uma Natureza que sobrevive [...], para as quais não parece haver nome próprio além do atual e controvertido deslizamento do prefixo “pós”: pós-modernismo, pós-colonialismo, pós-feminismo...” (Bhabha, 2007:19). Eu digo que tal quadro é repleto da colonialidade de poder para apresentar o interessante depoimento sobre a Amazônia desta pesquisadora:

Nesse imenso território coexistem no presente, agentes representativos de tempos e espaços diversos. Inúmeros grupos indígenas – alguns ainda não contactados pela sociedade organizada, seringueiros e ribeirinhos e seu saber tradicional dispersos em massas florestais com riquezas ainda desconhecidas, ao lado de metrópoles antigas, cidades antigas que concentram mais de um milhão de habitantes onde se instalam modernas formas de conhecimento e produção; produtores familiares tradicionais, esparsos ou com densidade expressiva apenas em locais singulares, ao lado de outros terceirizados por uma agroindústria com produtividade elevada, e intensos desmatamentos, acompanhados de violência social e ambiental, estendem a agropecuária capitalizada na borda da floresta, reproduzindo, sob formas modernas, a ganância estrutural pela apropriação da terra (Becker, *Idem*).

Um quadro que a um primeiro olhar facilita a naturalização de uma cultura de que tais povos “ainda não contatados pela sociedade organizada”, ou dispersos em locais

³⁹ A Razão Proléptica é parte da Razão Indolente na teoria do autor, significando uma racionalidade que “não se aplica a pensar o futuro porque julga que sabe tudo a respeito dele e o concebe como superação automática e infinita do presente” (Santos, 2008: 96). Metáfora retirada da figura retórica, prolepse: destruição das objeções possíveis.

remotos para além dos centros capitalistas são seres atrasados e fadados à extinção e que o máximo que se pode fazer é convencê-los à absorção da cultura hegemônica ou deixa-los à própria sorte do tempo que passa inexoravelmente. E tal naturalização se dá na ordem dos discursos, socialmente constituídos como conjunto de convenções que nomeia lista e organiza o pensamento social sobre a Amazônia. Afinal, as relações sociais e de poder têm na linguagem o domínio principal das ideologias e suas participações nas lutas (Fairclough, 2000).

No entanto, tanto a natureza amazônica quanto sua população, reproduzem-se, persistem, resistem na cultura de sobrevivência que se estabelece na periferia desses centros. Engendram formas de vida nos interstícios dos códigos que desmancha ou desloca no tempo da “ordem firmemente estabelecida, mas suficientemente flexível para deixar proliferar mobilidade contestadora, desrespeitosa dos lugares, sucessivamente obediente e ameaçadora” (Certeau, 2002:216) desde práticas absolutamente cotidianas, simples e criativas como a da vida sucateada, até revoluções e guerrilhas.

A terceira lógica da não existência perpassa a primeira - a lógica da monocultura do saber - e serve de organizatória da quinta, que veremos adiante. Trata-se da lógica da classificação social que naturaliza todas as diferenças e assim, as hierarquias. Aqui se incluindo também os recursos naturais. Da mesma forma que os homens são classificados racial e sexualmente, também o são seus habitats. O Brasil - embora hoje já haja iniciativas importantes para mudar tal realidade - durante as duas décadas do governo ditatorial classificou e categorizou todos os seus biomas de acordo com os interesses do capitalismo: o cerrado para a exploração do agronegócio, merece menos interesse na preservação de sua biodiversidade; já a floresta é reserva para a exploração da biodiversidade, é hierarquicamente mais importante nos cuidados preservativos; a fauna deve permanecer nas savanas e assim proíbe-se a caça em suas instâncias, mas não nas florestas. Há classificação de terras para indígenas, terras para “reestruturação da reforma agrária”, territórios quilombolas, terras privadas, recentemente, “terras de fundo de pasto” e etc. Tal classificação foi configurada com a ajuda nos conflitos entre o agronegócio e os mais variados grupos atingidos através das “consultorias” fornecidas pelas empresas multinacionais que entram no Brasil e por uma política econômica de aumento de produção, de geração de excedentes exportáveis e controle da inflação. Ou seja, pelos interesses dos países do Norte, e do Estado brasileiro.

A consequência é o controle através da classificação hierárquica tanto dos seres vivos naturalizados como inferiores/superiores ou qualificados/não qualificados como dos biomas inferiores-superiores, de terras produtivas/não produtivas, para onde avançam as fronteiras da agropecuária e da soja, aumentando o desmatamento da floresta, empurrando povos tradicionais para áreas mais distantes. Essas “duas classificações” (na realidade uma só, porque a classificação dos campos é também social) somadas, passam a moldar as relações sociais na Amazônia, revelando desigualdades em termos de acesso diferenciado a mercados e recursos e garantindo a relação capital-trabalho. Tornando resistente a continuidade de um processo histórico da cultura econômica brasileira de uma lógica de desenvolvimento baseada exclusivamente na exportação de matéria-prima, em detrimento ao desenvolvimento do mercado interno, da segurança alimentar da sua população e etc.

A quarta forma de produção de ausências é a lógica da escala dominante: as escalas do universalismo e do global como superiores às escalas particulares e locais, respectivamente. Na escala do universalismo temos uma grave consequência histórica para o ambiente natural da Amazônia, que foi considerado como realidade-problema particular de uma nação quando, desde a revolução keynesiana da década de trinta do século XX, faz surgir as contabilidades nacionais e o Produto Interno Bruto (PIB) como o indicador-síntese de escala universal⁴⁰. Entretanto, tal indicador não contabiliza nem as perdas causadas pela degradação ambiental imposta pelo capitalismo, nem os recursos contributivos da biodiversidade amazônica na acumulação de capital no mundo.

Já na escala global, entidades empresariais e classistas na Amazônia que alargam suas atividades de interesses por todo o globo (internacionalização de produtos e serviços, por exemplo) adquirem maior importância do que aquelas que passam a ser consideradas como locais, como as de cooperativas de várias ordens, de agricultores familiares ou da realidade de povos extrativistas. Embora já haja esforço por parte do Estado brasileiro na condução de políticas para mudar a face de tal cultura econômica, estas ainda permanecem sendo predominantemente consideradas ações filantrópicas ou de caridade pelas grandes organizações mundiais ou pelos latifundiários brasileiros, que as consideram “atitudes paternalistas de poder”.

⁴⁰ Me refiro aqui a obra, “*The General Theory of Employment, Interest and Money*”, de John Maynard Keynes publicada originalmente em 1936 e aprimorada em sua obra “*How to Pay for The War*”, de 1940, cuja disseminação de ideias foi vitoriosa para rumos da cultura econômica do capitalismo no século XX.

A quinta e última lógica de não existência é a “lógica produtivista assentada na monocultura dos critérios de produtividade capitalista” (Santos, 2008:104). Segundo os critérios capitalistas o crescimento econômico é inquestionável e para isso faz-se necessário o progressivo aumento da produção. Esta lógica incide tanto na Natureza quanto nos trabalhadores. As terras consideradas improdutivas e a desqualificação profissional na Amazônia são consequentes-históricas de ausências. São improdutivas as terras que sofreram desmatamentos e frequentes queimadas para o aceleramento de uma produtividade agrícola que servia às agendas de crescimento econômico das grandes metrópoles mundiais. Mantêm-se desqualificada uma população ativa que desde a época do Brasil-colônia esteve submetida ou à escravidão, ou a inacessibilidade aos direitos de cidadania por longuíssimo período histórico. Note-se aqui que a terceira lógica de ausência mencionada anteriormente foi organizadora dessas ausências, quando classificou tais áreas improdutivas, aproveitando-as para assentamentos da população despossuída de terra ou, em alguns casos, para a criação das aldeias indígenas sob a custódia da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) nas quais não há autorização para nenhuma atividade econômica que não a extrativista para consumo próprio dessas comunidades.

É, no entanto, a crença na primazia total do conhecimento científico eurocentrado/moderno/colonial sobre outras formas de conhecimentos, entronizada por todas as sociedades, num absolutista “senso comum”, o que tem nefasta consequência tanto para a Natureza quanto para as sociedades do Sul: é a principal máquina ideológica reprodutora de subalternidade. Não há questionamento, tudo está “cientificamente comprovado”. Seguindo a trilha do conceito de Quijano, é a colonialidade do saber-poder. Mas, “(...) No fundo, a distinção é entre ser e ter: somos nossas crenças, temos ideias” (Santos, 2010: 55), explicando uma característica do nosso tempo, o pertencimento simultâneo da ciência ao campo das ideias e das crenças. E como a crença da ciência excede o que as ideias científicas podem realizar, houve uma perda de confiança epistemológica na ciência durante as últimas décadas do século XX e um proporcional aumento da crença das populações na ciência.

Assim temos agora duas formas sociais de “experienciar” a ciência: uma – conferida às próprias sociedades sejam elas do Sul ou do Norte, – acreditando copiosamente nos seus pressupostos imparciais (campo da crença) e outra – conferida aos cientistas –, idealizando um futuro (campo das ideias) desenvolvimentista universal para

todos, cheios de incertezas e conflitos. Ora, quando os povos dos países do Sul acreditam nos pressupostos da ciência, portanto, está acreditando que são identitariamente diferentes, ou seja, que não possuem pensamento científico, ou pelo menos não o suficiente ou eficientemente. São povos, como os da Amazônia, que se reconhecem ou são reconhecidos, como “diversidade cultural no mundo”, o que não significa reconhecer ou ser reconhecido como “diversidade de conhecimento no mundo”⁴¹. Assim se perpetua o pensamento abissal...

A proposta para um pensamento não abissal, ou pós-colonial, ou descolonizado, vem na teoria do pensamento de Boaventura de Sousa Santos através da, por ele intitulada, “ecologia dos saberes”⁴², na qual é imprescindível o reconhecimento dessa diversidade epistemológica no mundo e a radical recusa a todo e qualquer conhecimento geral, de pretensões universalistas, incluindo evidentemente o conhecimento científico com pretensões universais (contextualização da ciência pressupõe sua não-neutralidade). Na esteira deste pensamento e também no de Fanon (1967), a crítica realizada por Grosfoguel (2010) nos é especialmente preciosa no devir dessa compreensão. Ele percebe que na trilha da importância conferida à Filosofia sobre as outras ciências na gênese do pensamento científico-ocidental aristotélico, as ciências modernas de uma maneira geral acabaram por “herdar” e incorporar da Filosofia o que ele denominou por “egopolítica do conhecimento”: o privilégio de um ego não situado (Grosfoguel, 2010: 459).

Explico: dos dois pensadores citados acima, o professor e investigador Ramón Grosfoguel, buscou a expressão “corpo-político do conhecimento”, para definir tanto o lugar geopolítico do sujeito que fala, quanto o corpo-político desse sujeito. Trata-se do *locus* de enunciação em toda a sua completude: lugar epistémico e lugar social. Como, na Filosofia, a “mãe das ciências ocidentais modernas”, aquele que fala está sempre escondido, a egopolítica dessas ciências é o mito do ego não situado, tal mito é o que torna essas ciências capazes de gerar a crença na universalidade da verdade científica. O pensamento popular aqui já mencionado anteriormente “o que é cientificamente

⁴¹ *Idem, ibidem*: 55.

⁴² Ecologia dos saberes: conceito desenvolvido por Santos (2008: 154-165) para definir a possibilidade de diálogo entre epistemologias diversas, hegemônicas e contra hegemônicas, incluindo assim os chamados conhecimentos tradicionais e/ou alternativos.

comprovado” vale para todos, é verdade universal. E, a consequência da absorção popular deste mito nos é aqui, fundamental:

Justamente o êxito do sistema-mundo colonial/moderno reside em levar os sujeitos socialmente situados no lado oprimido da diferença colonial a pensar epistemicamente como aqueles que se encontram em posições dominantes. As perspectivas epistêmicas subalternas são uma forma de conhecimento que, vindo de baixo, origina uma perspectiva crítica do conhecimento hegemônico nas relações de poder envolvidas (Grosfoguel, 2010: 459).

A necessidade desta perspectiva crítica do conhecimento hegemônico assentada na recusa de sua generalização teórica para reconhecimento da diversidade dos conhecimentos subalternizados é na prática a reconstrução do pensamento visando indicar e limitar os desvios dominantes em todas as suas performances da relação saber-poder. Isto nos traria de volta os sujeitos do lado oprimido a pensarem a própria opressão resituando o egopolítico dos povos amazônicos e sua estreita relação com a Natureza: um egoecopolítico.

Este egoecopolítico situado nos termos dialéticos da colonização da Amazônia, como vimos, força-nos à crítica do próprio conceito de desenvolvimento sustentável, pois esse para adquirir sentido contra hegemônico, não pode somente pretender a normatização do direito ao futuro (*culturus*), precisa necessariamente nos remeter à memória do passado (*cultus*). É impossível pensar no que se quer para o futuro se não for clara a compreensão do passado, a memória imprimida na cognição social dos povos que sofreram a violência da colonização e desenvolveram práticas de resistência que foram se forjando na linguagem e seus sentidos históricos. Afinal, a sustentabilidade imprimida no conceito certamente para esses povos já estava impressa e garantida em sua cultura passada, em seu convívio com e na Natureza. Se o presente é insustentável para a Natureza desses povos é porque tal sustentabilidade lhes foi suprimida.

Além do mais, entendendo a indissolubilidade entre discurso e poder, a própria palavra “desenvolvimento” significa, como bem lembra Ouriques:

Como se sabe, o conceito de desenvolvimento e o seu uso vêm da conhecida palavra francesa *développer*, do antigo francês *desveloper*. Ou seja, tirar do envelope, expor o que está dentro, ou, como resultou inglês (já no século XVII, talvez também vindo do Celta ou do Germânico⁴³, e substituindo o próprio inglês mais antigo (*disvelop*) *develop*, no sentido de *unroll*, *unfold*: dar a conhecer (alguma coisa) até então ignorada, expondo assim suas potencialidades escondidas. Podemos ver, agora com a ajuda da mitóloga Silvia Morgensztern,

⁴³ Um ramo do Indo-Europeu, língua ancestral do inglês, alemão, holandês, frísio, línguas escandinavas e várias línguas extintas como o gótico e o *frankish*.

que a palavra desenvolver, ao vir do latim des + envolvere, e ao significar, como de certa forma já vimos, tirar o que envolve, libertar o que nos prende, nos fala de libertarmo-nos de determinado envolvimento que nos constrangeria. Por exemplo, livrar-se da empatia e da responsabilidade com o outro (Ouriques, 2010:179).

Por isso, ao invés de usar o conceito de desenvolvimento sustentável, prefiro neste trabalho esboçar o conceito de “envolvimento sustentável” (grifos da autora) entre esses povos e a Natureza, clamando a volta do egoecopolítico para o presente e o futuro dos mesmos sem deixar “a expiação e reparação das desigualdades passadas e, que deveria ter por objetivo maior promover a igualdade e maximizar a vantagem daqueles que vivem em piores condições no território linguístico” (Sachs, 2008:13-14).

Assumo, portanto, aqui a crença que um discurso contra hegemônico da cultura ecológica de envolvimento sustentável poderia se configurar em uma nova possibilidade de cultura para a Amazônia na alimentação do respeito pela vida e pela morte de seus habitantes animais, vegetais e humanos, uma cultura verdadeiramente pós-colonial na língua portuguesa de resgate do significado positivo de *colo* enquanto cuidador da vida, pela paz que liberta. Mas tal contra hegemonia estaria implicada no olhar para ontem, hoje, para só poder dizer, também para amanhã. Ainda que não possamos falar em descolonização (pois talvez tenha sido esse processo histórico algo irreversível), estaríamos certamente falando na possibilidade de construção de uma cultura verdadeiramente pós-colonial na língua portuguesa de resgate do significado positivo de *colo* enquanto cuidador solidário da vida, pela paz e pelo amor.

Então, faz-se necessário perseguir os passos dessa passagem do *colo* ao *cultus* na Amazônia, que como vimos no item anterior é uma cultura alimentada pela razão metonímia, inventada, produzida e reproduzida na linguagem do colonizador e depois do colonizado. Para só depois pensarmos na forma utópica de *culturus*, que poderia ser inventada e produzida na linguagem dos “ex-colonizados” (grifos da autora) a nível de um envolvimento sustentável. Passamos assim, a um resgate histórico do cânone literário⁴⁴ dos discursos hegemônicos na representação da Amazônia no engendramento das suas relações de poder. Lembro aqui que a especificidade da colonialidade de poder que atua no

⁴⁴ No pensamento de Boaventura de Sousa Santos: “Entende-se por cânone literário o conjunto de obras literárias que, num determinado momento histórico, os intelectuais e as instituições dominantes ou hegemônicas consideram ser os mais representativos e os de maior valor e autoridade numa dada cultura oficial” (Santos, 2008: 71).

cotidiano dos conflitos da Amazônia Legal em tempos de crise ecológica, é fruto e sustento da vitória do discurso hegemônico e derrota sistemática da contra hegemonia nas formas de subjetividades que hoje acometem os povos amazônicos.

1.3 Razão Indolente na Representação Hegemônica da Amazônia: do *colo* ao *cultus*.

Hoje já temos muitos estudos dos discursos representativos da Amazônia e sua incidência no imaginário social. Estudos que esmiúçam a subjetividade prevalecente desde relatos de viajantes, construções literárias de ficção, científicas, ou até construções de narrativas midiáticas e oficiais de governos em documentos e discursos políticos em toda a trajetória histórico-semântica da Amazônia Colonial e mais recentemente, da Amazônia Legal, que irão desaguar e interferir direta e indiretamente no discurso ecológico hoje proferido no meio de maior representação discursiva dos nossos dias: a televisão. Assim, tenho como premissa teórica que a identidade do discurso ecológico é construída a partir de convergências e antinomias peculiares às mais variadas vertentes: o do discurso oficial, do discurso científico, do discurso midiático, do discurso do movimento ambientalista, do discurso empresarial e quantos mais forem capazes de emergir/influir nesse espaço de aparência social que é a televisão. Um espaço que apesar de aparente, remete a uma cosmovisão que resgata uma ordem de valores hegemônica ligada ao espaço comunitário da língua.

O esforço teórico feito aqui foi o de interpretar a síntese dos resultados desses estudos já consolidada em uma enorme gama de eventos acadêmicos e científicos sobre a especificidade simbólica da Amazônia, com as lentes da teoria dos estudos pós-coloniais, principalmente através do estudo da obra de Boaventura de Souza Santos, “A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política” (2008), escrita para teorizar a articulação entre espaços e temporalidades locais, nacionais e globais. Além de relacionar tal simbologia com a ecologia política da Amazônia Legal, procuro na magia da linguagem, como disse Eduardo Lourenço, “um desafio e um exorcismo como papéis do destino da língua” (Lourenço, 1992: 12) portuguesa encarnada na Natureza e na cultura amazônica.

A realização da revisão bibliográfica – ou a “busca do cânone literário” - desses estudos inclui como meios discursivos constituintes da representação sobre a Amazônia,

um apanhado dos mais significativos textos oficiais e ficcionais dos governos brasileiro e português, assim como de relatos de viagens do passado e depois, do cotidiano com a imprensa. São hoje os estudos de tais representações que trazem as pistas da intersubjetividade em jogo na Amazônia e seus sentidos nos diversos cenários estruturais e históricos da relação poder-saber nas dimensões locais, nacionais e globais.

A interpretação desse apanhado se configura já como uma macro narrativa que servirá como base teórica para a análise dos discursos jornalísticos que o presente estudo realizará, levando em conta teoria e prática da produção das notícias nas televisões estudadas como prática social cotidiana da colonialidade de poder que permite a persistência das ausências.

1.3.1 No Cenário colonial da Amazônia Portuguesa.

A primeira representação discursiva é sintetizada na dicotomia “paraíso *versus* inferno”. Seja como “paraíso”, seja como “inferno”, são alusões cristãs do olhar alóctone sobre o território amazônico que tem um valor representativo simbólico-cultural que condicionou as políticas europeias no momento da chegada ao território e à própria construção do cenário nacional.

Na Amazônia brasileira a origem desse valor simbólico dominante tem história, endereço e data certos. Foi quando o espanhol, Francisco de Orellana, em 1539, dominado pela ambição despertada após ouvir a lenda dos ameríndios sobre a existência de uma cidade toda construída em ouro, o *El Dorado*, desce o Rio Marañon (atual Rio Amazonas) até encontrar o Oceano Atlântico a procura dessas riquezas. No caminho, já em 1541, nas proximidades onde hoje se situa a cidade de Óbidos, no estado do Amazonas, o padre dominicano, Gaspar de Carvalhal, cronista da viagem de Orellana, conta como sua comitiva fora expulsa pelas índias Icamíabas, nome tupi traduzido para a língua portuguesa como “mulheres sem homens” ou “mulheres que ignoram a lei”. Inspirado nessas mulheres, o espanhol passou a chamar o rio percorrido de Rio Amazonas, para fazer alusão às mulheres guerreiras descendentes de Ares e da ninfa Harmonia, deuses da guerra na mitologia grega.

O resultado da expedição de Orellana (1541-1542) produziu a primeira informação sobre a grande riqueza dos recursos naturais que havia no coração do território da Amazônia ao mundo colonialista ocidental em luta pelo poder: a carta de Gonzalo

Hernández de Oviedo e Valdés ao cardeal Pedro Bembo, publicada em Veneza, na Itália, em 1556. É a partir daí que a Europa passa a conhecer o que os espanhóis nomearam de Amazonas.

O ato de nomear as características geográficas e humanas na língua do colonizador revela o imaginário europeu sobre o autóctone, através de um empreendimento taxinômico da Natureza e seus habitantes. Os relatos da viagem de Orellana é o mais conhecido, mas são muitos os textos produzidos por espanhóis nesta época, todos evocando mitos e lendas orientais que povoavam a imaginação europeia de uma maneira geral nos séculos XV e XVI⁴⁵. Tais textos eram em grande parte construídos a partir das mitologias indianas criadas a partir das viagens à Ásia e da cultura greco-romanas (Gondim, 1994) representando o testemunho da influência da mitologia clássica na construção do imaginário sobre “novo mundo” e especificamente sobre a Amazônia, pelo olhar europeu.

Interessante e importante para esse trabalho é a observação de Sérgio Buarque de Holanda (1977), na forma como as eras históricas eram apreendidas no imaginário dessa época. O “velho mundo” estaria na Idade do Ferro, porém antes teria estado na Idade do Bronze, antes ainda, na Idade da Prata e originalmente, na Idade do Ouro. Tal racionalidade os fazia crer que no “novo mundo” haveria povos vivendo na Idade do Ouro. Uma noção de decadência das eras históricas que, entretanto exprime a consciência de finitude na história da exploração desses metais em solos europeus e instiga a decisão política de exploração de um mundo que ainda estaria em estado primitivo.

Identifico aqui a racionalidade indolente descrita por Santos (2008:95)⁴⁶, cuja concepção temporal-linear contrai o presente abstraindo-se do pensamento o foco para a resolução da crise mercantilista europeia à época, e expandindo o futuro na escolha por um caminho de exploração infinita da Natureza, própria de sua formação proléptica⁴⁷.

⁴⁵ A própria nomeação de “índio” para os indivíduos habitantes dos continentes americanos é espanhola, provocada pelo erro de Colombo que julgara ter encontrado as Índias quando aportou na América em 1492.

⁴⁶ Na teoria de Boaventura de Souza Santos a Razão Indolente ocorre nas formas de Razão Impotente, Razão Arrogante, Razão Metonímica e Razão Proléptica.

⁴⁷ A forma de razão proléptica é “a face da razão indolente quando concebe o futuro a partir da monocultura do tempo linear. Esta monocultura do tempo linear, ao mesmo tempo que contraiu o presente, como vimos atrás ao analisar a razão metonímia dilatou enormemente o futuro.[...] O futuro é, assim infinitamente abundante e infinitamente igual, [...] um futuro que, só existe para se tornar passado. Um futuro assim concebido não tem de ser pensado, e é nisto que se fundamenta a indolência da razão proléptica” (Santos, 2008: 115).

Tal razão apoia os colonizadores e fornece a origem da segunda forma de ausência⁴⁸ na Amazônia, fundamentando a ideia de progresso. Ao mesmo tempo, nomeando as características geográficas do lugar e seus moradores locais de forma a aludi-la como “um novo oriente” habitado por “povos primitivos”, são formas de expressão que, amiúde, faz referencia às diferenças culturais convertidas em desigualdade (Calvet, 2002) unindo a ausência provocada pela monocultura do tempo linear à ausência articulada pela lógica classificatória da terceira ausência⁴⁹.

É consenso na maioria dos estudos que nesta época, a dicotomia “paraíso *versus* inferno”, então, seria absorvida como o paraíso nas promessas das riquezas para o “velho mundo” contra o inferno do confronto físico e cultural com os indígenas (Gondim, 1994, Belluzo, 1996). A visão de inferno é assim, nos quinhentos e nos seiscentos, ligada à imagem do indígena e, só a partir do século XVIII, passa a estar ligada à própria Natureza – a densidade da floresta e a dificuldade de sua penetração para a exploração extrativista e possível domínio da agricultura (Gondim, 1994). Estaria aqui também a origem da nomeação das identidades falhadas dos indígenas tomados como “bárbaros”, como nos disse Escobar⁵⁰.

Estudos brasileiros mais antigos (na sua maioria das décadas de 60/70 do século passado) descrevem a ligação da imagem do inferno com os indígenas como uma mera incompreensão dos europeus sobre costumes dos nativos. Uma forma condescendente de expressão das ciências sociais, que, entretanto, acabam por ocultar relatos da resistência de vários desses povos à violência da dominação europeia na apropriação das terras dos índios. Isso depois é largamente denunciado em estudos posteriores como submissão das ciências sociais brasileiras à política militar de colonização da Amazônia nos anos de ditadura do país, como veremos mais adiante.

Um estudo de relevância para esse trabalho é o do geógrafo, José dos Reis Santos Filho, datado de 1992, que sintetiza a caracterização simbólica da Amazônia numa tríade matricial discursiva que persegue e informa o imaginário social da região em todos os cenários históricos de seu cotidiano desde a colonização até os dias de hoje: uma Amazônia “rica”, “vazia” e “vulnerável” (Santos Filho, 1999). Para ele, a dicotomia “paraíso-inferno” é caricatural e sentimental, servindo apenas como definição dos olhares

⁴⁸ *Supra*: 25

⁴⁹ *Supra*: 26

⁵⁰ *Supra*, p. 13.

alóctones de espanto inicial que “insinuam uma direção e procedem a uma submissão”⁵¹. A percepção da riqueza amazônica no momento do espanto provocou o sonho da chegada ao “paraíso”, da “terra sem males”, e na direção de sua incorporação à expansão mercantilista europeia, constrói-se um espaço cujos sentidos partem de uma compreensão que já a percebe como espaço construído em nome de sua suposta “riqueza”, por ser “vazia”, por “precisar ser preservada do inimigo”⁵². A tríade, portanto, configura-se como a macro narrativa do desenvolvimento, ligada à promessa do progresso de Portugal e da própria Amazônia.

Mas vale sublinhar aqui – para registrar a gênese do imaginário do localismo-globalizado desse estudo – a diferença dos olhares nos textos espanhóis, dos textos portugueses no cenário da Amazônia colonial. Os portugueses penetram depois a região e os relatos dos viajantes são mais realistas na visão de Sérgio Buarque de Holanda, embora também seduzidos pelas fantasias ouvidas por seus viajantes.

[...] todo o mundo lendário nascido nas conquistas castelhanas e que suscita, eldorados, amazonas, serras de prata, lagoas mágicas, fontes de juventude, tende antes a adelgaçar-se, descobrir-se ou ofuscar-se, desde que se penetra na América lusitana (Holanda, 1977: 126).

A base econômica escravista e de exploração dos recursos naturais do império português não atua na região Norte do Brasil até o século XVII, “por conta dos sistemas de ventos, de correntes, e do comércio predominantes no Atlântico Sul” (Alencastro, 2000: 20). Mas tal explicação é incompleta se considerarmos como recurso natural a biodiversidade do conhecimento indígena perdida no infortúnio da guerra travada entre portugueses e outros povos europeus já no início dos seiscentos, intermediada em larga escala pela resistência dos povos amazônicos. É certo que no eixo leste-oeste, hoje à altura do Ceará para dentro (a Amazônia de que fala este estudo, o Maranhão, o Pará, o Piauí e, na época, o próprio Ceará); permanece dissociada do miolo do comércio negreiro do Brasil, que acontecia com intensidade apenas a partir de Angola para o porto da Bahia. Mas, em tempos de União Ibérica (1580-1640)⁵³, o cenário amazônico foi palco das lutas imperiais em grande escala.

⁵¹ *Idem, ibidem*: 3.

⁵² *Idem, ibidem*: 3.

⁵³ O Tratado das Tordesilhas (1494), passa nesta época, na prática, a não ter mais valor para seus signatários. Foi na verdade um período que, apesar de marcar o fim das divergências institucionais entre os dois reinos (Portugal e Espanha), não significou o fim das rivalidades entre esses dois povos europeus, cujas sucessivas

Assim, vale sublinhar aqui a natureza da relação de poder que Portugal sempre manteve com a Amazônia, diferentemente do que mantinha com o resto do território brasileiro. O Norte do Brasil, especificamente uma área por muito pouco quase coincidente com todo o território que hoje chamamos de Amazônia Legal (veja próxima figura), era ocupada por seus habitantes indígenas e por europeus de diversas origens (espanhóis, holandeses, franceses) até à época das “Entradas”⁵⁴ dos portugueses, expedições que permitiram a Portugal sair vitorioso no processo da conquista⁵⁵. A partir daí a administração do território recém-criado pela Coroa Portuguesa, era exercida de forma indireta, com dois Estados independentes do Estado do Brasil: o do Maranhão e o do Grão-Pará. Esses estados tinham seus próprios governadores e suas terras foram ocupadas por membros da elite portuguesa numa relação de parceria. Foi durante o processo de consolidação dessas parcerias que vieram as “Bandeiras”, expedições compostas já por brasileiros (os mamelucos, união da raça indígena com a branca) que partiam em sua maioria de São Paulo, mas também do nordeste.

Figura 2: Áreas comparadas da Amazônia



invasões de ambas as partes das fronteiras definidas pelo tratado em toda a América do Sul, transformou o cenário amazônico num cenário sangrento de lutas por terras. Foi ainda na primeira metade dos seiscentos, como todos sabemos, o período de luta dos portugueses para por abaixo a França Equinocial, no Maranhão (1612-1615), as invasões inglesa e holandesa no Pará (1616). Guerras sangrentas que exterminaram cerca de 300 mil índios que lutavam ora ao lado dos portugueses, ora ao lado dos outros povos europeus, mas também sozinhos, como o foi o caso do Levante dos Tupinambás (1619) que levou à morte cerca de 200 soldados portugueses na tomada do Forte do Presépio, ou a Rebelião dos Mulas (1720-1770) nas margens do Rio Madeira, que representou meio século de resistência indígena contra os colonizadores, ou ainda a guerra instaurada pelo índio Arujicaba (1723), da tribo dos Manaos, que após angariar armas de fogo e munição com os holandeses conseguiu persuadir cerca de trinta tribos (algo que não era fácil, pois os índios são avessos à centralização de poder) no seu projeto de expulsão dos portugueses das margens do Rio Negro (Sousa 2001:82). Foram resistências, mas também alianças, que depois iriam fornecer o alicerce para a Revolta dos Cabanos (1835-1840).

⁵⁴ “Entradas” é o termo que aparece nos documentos como nome dado às expedições de cunho oficial dos portugueses que antecederam as expedições de iniciativa privada dos paulistas, chamadas de “Bandeiras”.

⁵⁵ Ainda que apoiados pelo conhecimento e pela economia da Inglaterra.

A marca dessa independência aparece no discurso oficial da coroa, no contexto da criação do Estado do Maranhão, no texto de um alvará onde Felipe III, o grande, escreve: “Eu, El-Rei, faço saber aos que este meu Alvará de Regimento virem que eu tenho ora ordenado que o governo do Maranhão se separe do Estado do Brasil sem dependência do governo dele” (Dom Felipe III, *Apud* Sousa, 2001:48).

Então, quando falamos, como fez Darcy Ribeiro (1995), na região Norte como “um outro Brasil” não estamos apenas usando de uma metáfora, estamos sim falando de uma diferença no devir histórico, político e, portanto, também do desenvolvimento dessa região. Marcar esta diferença é importante principalmente para não identificar a região Norte do Brasil como se tornou lugar-comum fazer, de “atrasada” em relação ao resto do país. A região não estava “atrasada” e sim, é mais jovem (foi fundada nos moldes ocidentais e ocupada pelos portugueses, depois) no processo de modernização e federalização do país, e foi marcada por diferentes situações econômicas, políticas e administrativas. Diferenças que evidentemente foram definidas pelos interesses do colonizador luso, mas também por interesses de outros impérios, notadamente o britânico, e abarcadas pelas elites que ali se formaram e administraram o território estabelecendo relações diferenciadas com o reino português e com o próprio Estado do Brasil.

No realismo dos relatos portugueses, temos a representação do “inferno” colada ao embate com os indígenas explícita na expedição de Pedro Teixeira, quando seu cronista na viagem de retorno à exploração da calha do Rio Amazonas, Alcuña, relata:

Havia 120 léguas deste sítio [o estreito de Óbidos] até os Tupinambá; esta nação é de gente mui feroz carniceira e nunca quis conhecer sujeição; por isso vieram fugidos do Brasil rompendo por terra e conquistando grande número de gentios até chegar ao grande rio e sítio onde hoje vivem. (Teixeira, 1639-1640 *Apud* Papavero 2002: 153).

Os índios Tupinambás eram uma grande nação indígena que ocupava todo o litoral brasileiro na época da chegada dos europeus. Era deles a língua Tupi, cuja gramática foi organizada pelos jesuítas na promoção do relacionamento inter-racial entre indígenas e brancos no processo da catequese. Uma língua que ficou conhecida como Língua Geral, ou “Tupi Jesuítico”, na linguagem de Mattoso Câmara Junior (*Apud* Ferronha e Bettencourt, 1992: 86). Desta nação faziam parte os Tamoios, os Temiminós, os Tupiniquins, os Potiguaras, os Tabajaras, os Caetés, os Amoipiras, os Tupinás (Tupinaê), os Aricobés, etc. , mas até hoje, quando se fala nos Tupinambás, seja na literatura científica, seja na popular, a referência se dá no sentido da resistência indígena, ou seja,

“os índios que não se renderam aos povos europeus e/ou que praticavam a antropofagia”. Este grupo foge para os sertões e para o extremo norte do país com a ocupação portuguesa do litoral nordestino e encontram-se com outros grupos conhecidos pelos portugueses como “os tapuias”, ou “os bárbaros”, que não falavam o Tupi, pertencentes ao tronco linguístico *Macro-Jê*, e por isso qualificados pelos jesuítas de falantes das “línguas travadas”⁵⁶.

Na própria língua Tupi, a resistência e o costume de comer os seus inimigos (canibalismo) é representada pela nomeação de “os tupinambás peró”. Já à época, quando Pedro Teixeira relata que esses índios vieram “fugidos do Brasil”, é porque está a falar do “outro Brasil”, onde se encontrava, ou seja, nos Estados do Maranhão e do Grão Pará, que vieram a formar na atualidade, o território da Amazônia Legal. Também a Língua Geral acompanha essa diferenciação plural do Brasil como marca histórica na formação social. Ela foi dividida em dois ramos: o “*Abanheenga*”, língua de gente; e o “*Nheengatu*”, a língua boa. O primeiro ramo era utilizado na catequese do Estado do Brasil, por isso muitos linguistas brasileiros a denominam de “Língua Geral Paulista”; e o segundo, de “Língua Geral Amazônica”, pois foi falada nesta região, onde índios e brancos, “experimentaram um processo de adaptação à oralidade do cotidiano” (Ferronha e Bettencourt, 1992:80).

O *Nheengatu* ultrapassou em muito o português na Amazônia e permitiu ainda cumplicidades entre índios catequisados e não-catequisados, os tais “falantes das línguas travadas”. Foi ela quem permitiu também que hoje a Amazônia tenha a maioria da sua geografia nomeada em Tupi, e não em nenhuma das línguas indígenas do tronco *Jê*, habitantes mais antigos da região. Uma língua que se tornou hegemônica por dois séculos e meio e que é falada até hoje na localidade do Alto Rio Negro por índios e brancos, numa região que possui uma população de cerca de 30 mil habitantes (IBGE/2000). Assim, se por um lado foi um veículo inventado pelos jesuítas para impor a “cultura civilizada europeia” ou como “língua de necessidade” para o convívio, também foi veículo que permitiu alianças para a resistência contra essa mesma imposição e convivência. E mais, ao contrário do discurso oficial de Portugal e de vários estudos brasileiros sobre a égide da

⁵⁶ A definição de língua travada foi feita pelos jesuítas para definir as inúmeras línguas do tronco linguístico que não pertenciam ao Tupi-Guarani e que eram totalmente desconhecidas e inacessíveis aos portugueses por não possuírem intermediários bilíngues. Consta em estudos recentes, que na Amazônia eram cerca de 700 dessas línguas.

subserviência ao Estado brasileiro e seu discurso de união nacional, a Língua Geral Amazônica, não está extinta e muito menos foi um período curto o tempo da sua utilização. Ela representou também a resistência à língua portuguesa e sua ampla utilização não só coloca hoje o português como segunda língua para alguns povos amazônicos, como também imprime marcas identitárias no português regional amazônico atual constituindo-se uma metáfora desse *continuum* histórico (Freire, 2003:219). Entretanto em Portugal, já nos anos 90 do século passado, a Direção Geral da Cooperação, do Ministério dos Negócios Estrangeiros, publicou um Atlas da Língua Portuguesa na História do Mundo em comemoração aos descobrimentos portugueses no qual Ferronha e Bettencourt, integrantes da comissão científica da União Latina⁵⁷, repetem referindo-se às línguas gerais:

As duas línguas (o Nheengatu e o português) conviveram durante algum tempo, mas foi curto esse período bilíngue, pois as condições culturais e a complexidade de vida dos europeus bem como a docilidade com que os ameríndios procuraram absorvê-los originaram a imposição total do português (Ferronha e Bettencourt, 1992:81).

A Amazônia brasileira ainda hoje é multilíngue e a hegemonia do português instaurou-se de uma maneira geral (pois há controvérsias por haver “ilhas linguísticas” onde o português não é dominante) apenas no século XIX. Só este entendimento já aponta no nosso quadro de ausências na Amazônia para a monocultura do saber no campo da linguagem na consideração da qualidade estética da língua portuguesa falada por estes povos. Mas não só. A biodiversidade genética e do conhecimento indígena também encontra a sua clausura no mosaico linguístico que preserva e impede, concomitantemente, a visão de vida e sua emancipação, respectivamente.

Em 1759, Marques de Pombal expulsa os jesuítas do país e Portugal se apropria dos seus bens. Os religiosos eram acusados de não ensinarem a língua portuguesa aos índios para mantê-los sobre controle⁵⁸, além de monopolizarem o comércio de drogas em detrimento dos negócios locais que os colonos tentavam implantar. A altura, o comércio colonial e mundial se estabiliza e a Amazônia experimenta certo crescimento econômico e demográfico.

A fartura oferecida pela Natureza era imensa. Havia alimentos, água potável e remédios por todos os lados, do cerrado à floresta, a fauna terrestre e aquática numerosa,

⁵⁷ A União Latina é uma organização intergovernamental que à época reunia 25 Estados de língua oficial ou nacional romana.

⁵⁸ Note-se aqui que o discurso hegemônico da época desvela a ideologia do pensamento em Portugal: a noção de liberdade dos indígenas estava condicionada ao aprendizado da língua colonizadora.

somada à flora altamente diversificada que oferecia ao homem caça e pesca à vontade. Mas, nada disso trazia riqueza e/ou prosperidade aos colonos. Escreveu Manuel Dias, no início dos anos 80 do século XX, ao estudar a questão colonial na Amazônia:

A fartura de alimentos e de água, sustentando variadíssima fauna terrestre e aquática, ofereceu rica caça e pesca ao homem. Dir-se-ia, no entanto, que esse importante manancial de riqueza da Amazônia embrandeceu as populações adventícias (Dias, 1983:307).

Assim, do paradoxo fartura *versus* pobreza e fome, a sociedade local encontra a saída no retorno à escravidão do povo indígena. Mas uma escravidão diferente, pois estava subserviente ao conhecimento indígena das tão valiosas especiarias (drogas do sertão) que os povos europeus consumiam. Manuel Dias vai buscar nos arquivos públicos do estado do Pará, a conclusão para tal contradição:

A forma que o Estado encontrou para evitar que os colonos pudessem de inanição e vacuidade consistiu no arranjo do trabalho escravo assente na mão-de-obra nativa. Os indígenas eram os senhores das “drogas dos sertões”. Deitar-lhes a mão equivalia à drenagem da riqueza da floresta. Daí a caça ao índio como desalmada e *inexorável* (grifo da autora) forma de subsistência (Códices nº 907 – ADRJM de 1772 a 1773 e nº 926 – RG de 1750 a 1820 *apud* Dias, 1983:308).

Conforme, portanto, crescia demograficamente, de acordo com as finalidades políticas da Corte, o norte do Brasil acumulava mais fome e pobreza, posto que a escravidão indígena nunca fosse ato fácil – não bastava prender, açoiar, ordenar, era preciso que o indígena desejasse falar, mostrar, explicar os usos dessas drogas - em nenhuma das regiões da colônia e muito menos na região amazônica. É aqui, portanto, já no chamado “segundo colonialismo”, que se afirma a percepção portuguesa sobre a Natureza amazônica, intimamente ligada à noção de “inferno”.

O extrativismo, apesar de ter continuado como fonte de renda, passa gradualmente através de muito esforço para a agricultura do anil, do tabaco e do gado, fazendo a região acabar por prosperar durante toda a administração pombalina na Corte. Vale destacar aqui a extrema importância da Companhia de Grão Pará e do Maranhão para o sucesso da administração pombalina, tanto para a exportação das drogas do sertão, quanto para o comércio negreiro no Atlântico.

Assim, a nível interno, havia uma parceria entre o poder público e os capitais privados dos senhores de engenho dos estados amazônicos: ao rei cabia a presença reguladora, mas também de doação a tudo o que as administrações do Pará e do Maranhão precisassem e, aos senhores da Companhia cabia o financiamento da defesa dos territórios

agora, defesa essa que convinha à preservação de seus próprios patrimônios. A nível externo, Pombal entregou à Companhia a exclusividade do tráfico de negros entre Guiné e Belém. Com isso Pombal resolveu um grande problema: nas costas de Guiné, ao sul, estavam os ingleses; ao norte, os franceses. Ambos praticavam o resgate de escravos que fugiam do tráfico português feito por terra e os mercadores portugueses ficavam com dificuldade de enfrentar a concorrência de preços oferecida pelos mercadores ilícitos. Com o monopólio entregue à Companhia do Grão Pará, os negros eram embarcados direto para Belém, não se perdia mercadoria e dificultava muito o resgate dos fugitivos pelos ingleses e franceses.

Além disso, nos estados do Grão Pará e no Maranhão, ainda com a ajuda logística da Companhia do Maranhão, Pombal estabelece uma política de “povoamento” (grifos da autora)⁵⁹ promovendo o casamento entre mulheres indígenas e portuguesas. A falta de mulheres brancas era grande em toda a região e a entrada de escravas negras, “amorenava” (grifos da autora)⁶⁰ a paisagem social da Amazônia. Assim, depois de proibir toda e qualquer escravidão ou cativeiro contra os povos indígenas, a administração de Pombal com a argumentação de “repelir qualquer violência que intentem fazer os Bárbaros dos Certões”⁶¹ (Furtado, Mendonça, 1759, em carta para Tomé Joaquim da Costa Corte-Real *apud* Dias, 1983:362) e de povoar a Amazônia, criou em 4 de Abril de 1755, a Lei dos Casamentos.

Essa política de incentivo ao casamento é longa na região, permanece até o final dos anos 1770. Embora ainda muito influenciada pelo meio ambiente amazônico, a sociedade do norte adquiriu uma aparência que misturava traços europeus e indígenas. Além disso, a atuação da Companhia do Grão Pará e do Maranhão cada vez mais intensa no Atlântico, no Báltico, no Mar do Norte e no Mediterrâneo, trouxe emigrantes de todos os lados para a Amazônia, de turcos a açorianos. Vinham incentivados pela base legal de ocupação da terra por Portugal: o sistema de sesmaria (doação de terras com fins de

⁵⁹ Note-se que o termo povoamento é utilizado na política da época ocultando o despovoamento da prática do extermínio dos nativos.

⁶⁰ Aqui fica a pergunta para o uso dessa expressão, “amorenar” no contexto citado: já seria o indício de uma “política de branqueamento” das populações nortistas do Brasil idealizada por Pombal? O termo é usado na citação de Dias (1983) atribuindo autoria ao irmão de Pombal, Mendonça Furtado, no final dos anos cinquenta do século XVIII, antes, portanto, da atribuição do conceito conhecida como sendo uma das descrições sobre a eugenia feitas pelo cientista inglês, Francis Galton, no século XIX.

⁶¹ Escreveu Francisco Xavier Mendonça Furtado (irmão de Pombal e governador do Grão Pará) em carta ao administrador da Corte Real Portuguesa, Tomé Joaquim da Costa Corte Real, em 10 de fevereiro de 1759, citada por Dias:1983:362)

colonização). Pombal proíbe ainda o uso da Língua Geral, proibição, entretanto, que na prática só é eficaz oficialmente no interior das Igrejas ou salas de catequeses.

A produção aumenta e se diversifica. Algodão, cacau, café, couro, madeiras, gêneros tropicais fazem parte da extensa lista de mercadorias que saem embarcadas dos portos de Belém e São Luís pela Companhia. Mas, com a abertura dos acessos à região outro empreendimento chega ao Maranhão, via o que hoje conhecemos como estado do Piauí e depois, vindo do sul, puxado por Minas Gerais: o gado.

A chegada do gado provoca mudanças sociais no sertão do entorno do Amazonas, e na forma de viver do sertanejo. Surge uma nova camada social,

A atividade pastoril dá origem a relações de produção que se apartam do escravismo [...] a natureza do processo produtivo e a ausência de controle direto do proprietário reduziam o impacto do sistema escravista no sertão, ainda que a presença de escravos negros possa ter sido importante nas fazendas de gado. Criadores pagando reses como renda aos proprietários de terra e vaqueiros assalariados para o campeio e transporte das boiadas – brancos, mulatos e pretos, e também índios que com este trabalho procuram ter algum lucro – engendram uma camada social distinta daquela do litoral. Cativo ou livre, o sertanejo “curraleiro” não tem mais nada a ver com o escravo do eito ou com o lavrador e o roceiro dependentes do senhor de engenho (Alencastro, 2000:341).

Na região norte, o ciclo de estagnação econômica, na segunda metade do século XVIII, estava finalmente vencido e, se na História de Portugal, a figura de Pombal passou a ser polêmica, no Brasil, ele passou para a História como o responsável pelo êxito da ocupação socioeconômica da região norte do país. Assim, a coroa portuguesa em 1774 sente-se segura e incorpora as duas unidades administrativas de então - Estados do Grão-Pará e Estado do Maranhão e Piauí – ao Estado do Brasil. Mas a cultura econômica e política diferenciada entre o Estado do Brasil e os Estados do Norte estava instaurada na mentalidade das elites colonizadoras.

Uma visão absolutamente mercantilista de exploração dos recursos naturais das florestas, dos cerrados e de outros biomas, incluindo-se aqui toda a diversidade social, da qual falei no início desse capítulo. Os povos das terras nortistas do Brasil constituem um cenário social miscigenado e um cenário econômico consolidado através da ideia desenvolvimentista linear de progresso infinito pautado pela retirada também infinita exploração dos recursos naturais, própria da mentalidade da época pombalina que deixou marcas profundas na mentalidade da elite amazônica, o que perpetuou a dominação e a invisibilidade de todo o conhecimento indígena.

Mas por outra mão, ou em outra cena, Pombal acaba por contribuir com a primeira crítica ambientalista contra a destruição da floresta amazônica que se tem conhecimento, proferida na Universidade de Coimbra. Pois foi através da reforma feita por esse ministro no ensino superior português, mas precisamente da Universidade de Coimbra e da Academia Real das Ciências de Lisboa, em 1772, que surge a sua maior contribuição, mesmo que indiretamente ou inconscientemente, às questões referidas ao meio ambiente. Nesta reforma, além da Ciência Teológica, de Cânones e das Leis, e da Matemática, Pombal inclui as Ciências Naturais ou Filosóficas e a Medicina; com o objetivo de equiparação da universidade portuguesa com as melhores universidades da Europa que seguiam “os progressos das ciências exactas e experimentais” (Gomes, 1983:236). Na história da epistemologia portuguesa é o momento em que a academia se afasta da Escola Escolástica para aproximar-se das novas ideias da Filosofia Natural e da Economia Política, que vinham sendo desenvolvidas por toda Europa.

Assim, Pombal convida para integrar o corpo docente da Faculdade de Ciências Naturais da Universidade de Coimbra, o italiano Domingos Vandelli. Vandelli, por sua vez, era discípulo do sueco, Lineu⁶², que desenvolveu uma teoria que deu origem a um corrente de pensamento na Europa conhecida como “economia da natureza” (Pádua, 1999: 507). Esta mesma teoria que, em meados do século XIX, passa a se chamar “ecologia”.

No percurso de sua docência em Coimbra, Vandelli, recebe muitos alunos vindos do Brasil, filhos da elite latifundiária brasileira, interessados nos estudos das ditas Ciências Naturais ou da Natureza, como aparecem referidas na literatura da época⁶³. Este interesse se coaduna com o da própria academia portuguesa que após a reforma, atenta para a necessidade de promover estudo regular da Natureza das colônias de Portugal. É assim que o professor passa a conhecer o Brasil, país que nunca pisou, mas que, através das pesquisas de seus discípulos passa a conhecer tão bem que o permite criticar a política colonial portuguesa na questão da exploração dos recursos naturais na colônia brasileira. Segundo

⁶² Carl von Linné, conhecido como Lineu a partir da forma latinizada de seu nome, Carolus Linnaeus, nascido em Ráshult em 1707, autor do *Systema Naturae* em 1735 e depois completada em 1759, significou o primeiro sistema de classificação dos reinos vegetal, animal e mineral. O Sistema de Lineu contribuiu para as teorias de naturalistas de renome como Lamarck e Darwin.

⁶³ A referência bibliográfica citada por Pádua (1999) é Vandelli, Domingos. (1990a [1789]), "Memória Sobre a Agricultura Deste Reino e de Suas Conquistas", in *Academia das Ciências de Lisboa, Memórias Econômicas*. Lisboa: Banco de Portugal, [vol. I].

Pádua, trata-se de uma crítica do desmatamento sob um prisma inteiramente novo porque não falava apenas de um método agrônômico incorreto e sim de uma prática que vinha destruindo elementos ainda desconhecidos da flora tropical, o que hoje chamamos de biodiversidade.

Entre as plantas das conquistas existem muitas desconhecidas dos botânicos, principalmente árvores de muita utilidade, ou para a construção de navios, casas e trastes, ou para a tinturaria. Porém no Brasil muitas delas com o tempo se farão raras e, dificultoso o seu transporte [...]E assim se destroem imensas árvores úteis e de fácil condução." (Vandelli, (1990a:147 [1789]) *apud* Pádua (1999:508)

Reparem que a preocupação com a biodiversidade das madeiras brasileiras é calcada em um pensamento utilitarista, mas, ainda assim, revela a gênese de uma atenção e de uma crítica ao manejo desordenado das florestas brasileiras à época colonial. Identifico, portanto, como um pensamento contra-hegemônico desse período histórico, entretanto fundador da percepção ambiental no Brasil que se atrelará depois à luta social pela liberdade dos negros e pela independência do país.

Alguns alunos brasileiros de Vandelli se tornam figuras proeminentes na História do Brasil, entre eles, José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838), abolicionista que entrelaça a crítica ambiental à política em favor da independência. E, não são apenas os alunos discípulos de Vandelli que contribuem de certa maneira para crítica ambientalista colonial. Há ainda a contribuição política de Rodrigo de Sousa Coutinho, ministro da marinha e do ultramar entre 1796 e 1801. Aliás, a maioria desses alunos brasileiros tem durante seus estudos, uma dupla condição: de discípulos de Vandelli e protegidos de Coutinho. Do Maranhão, apenas para marcar a posição de pesquisa na região amazônica, temos a citação do nome de Antônio Rodrigues Veloso de Oliveira (1750-1824), mas o grupo ao todo desta época, que não convém aqui citar todos, somam oito brasileiros.

As pesquisas históricas feitas por Pádua encontram na Europa, desde o final do século XVII, um debate internacional sobre a importância política dos recursos naturais. Percebemos assim que os conflitos militares da época levaram também a tal debate, diante da necessidade cada vez mais intensa dos Estados garantirem o suprimento, especialmente da madeira, para a construção de seus navios de guerra (Pádua, 1999:508 *apud* Albion, 1926). Assim se explica que os temores sobre a destruição dos recursos naturais brasileiro não tenha ficado apenas na Academia, mas também na mente de políticos já progressistas como foi o caso de Coutinho que citamos acima e, como nos explica Pádua,

As idéias de Coutinho sobre a conveniência de promover uma federalização do império luso, tendo o Brasil como sede da Coroa, aumentaram ainda mais suas preocupações com o destino do território brasileiro (Maxwell, 1995 [1973]:257). As potencialidades naturais do Brasil deveriam ser estudadas através de expedições *in situ* e do envio de espécimes para serem examinados em Portugal. Sua agricultura deveria ser estimulada pela diversificação de cultivos, pela aclimação de plantas exógenas, pelo desenvolvimento tecnológico e pela educação dos lavradores. Sua mineração deveria ser revitalizada pela introdução de técnicas e conhecimentos geológicos refinados. Era necessário, por fim, formar uma elite intelectual e administrativa de origem brasileira, que pudesse dirigir o progresso do país sem perder sua fidelidade ao soberano português. (Padua, 1999: 509).

Essas “expedições *in situ*” a que se refere Pádua inaugura também a prática classificatória dos espécimes da flora, dos minerais, da fauna, enfim de toda rica diversidade natural brasileira. Foi durante todo o século XVIII, com o avanço da ciência sobre a teologia, a época em que se inauguram as taxonomias em toda a Europa, com espécimes sendo carregados entre continentes cruzando o Atlântico, o Índico, o Mediterrâneo: a globalização das plantas E não só por portugueses, já em 1774, o naturalista francês Charles Marie de La Condamine apresenta na Academia de Ciências da França uma “goma retirada de uma árvore” pelos índios amazônicos com as quais eles fabricavam objetos como, botas, garrafas e etc, que era flexível: nada mais era do que a borracha.

A representação do indígena, por sua vez, passa de “bárbaro”, produtor do “inferno” dos exploradores, à de “pagãos”, sem nada temerem por terem caráter “infantilizado”, “estúpido”, nos relatos das expedições dos setecentos pelos naturalistas estrangeiros. Como em La Condamine, ainda em 1745:

A insensibilidade forma a base [de seu caráter]. Deixo ao leitor a decisão sobre se se deveria honrá-la com o nome de apatia ou aviltá-la com o de estupidez. Ela nasce sem dúvida do pequeno número de suas ideias, que não se estendem além de suas necessidades. Glutões até a voracidade, quando têm com que se satisfazer; sóbrios, quando a necessidade os obriga a tanto, a ponto de a tudo renunciar, sem parecer nada desejar; pusilânimes e poltrões em excesso, a não ser quando embriagados; inimigos do trabalho, indiferentes a toda forma de glória, de honra ou de reconhecimento; unicamente ocupados do objeto que têm à sua frente e sempre determinados por ele; sem inquietação a respeito do futuro; incapazes de previsão e de reflexão; quando nada os incomoda, entregam-se a uma alegria pueril, que manifestam com saltos e gargalhadas imoderadas, sem razão e sem objetivo; passam suas vidas sem pensar e envelhecem sem sair da infância, de que conservam todos os defeitos (Safier, 2009:100).

Perpetua-se a partir daqui, a lógica da terceira ausência⁶⁴ na classificação hierárquica dos seres vivos, mas também da quinta ausência produtora da inferioridade dos índios “sem inquietação com o futuro”, “incapazes de previsão e de reflexão” na lógica produtivista-capitalista⁶⁵ que já aí se manifesta no relato do cientista francês.

O grupo luso-brasileiro que se forma em Coimbra inaugura essa prática para Portugal. O professor Vandelli escreve muitas cartas aos seus alunos, que podem ser lidas na Biblioteca Joanina⁶⁶, quando avisa o recebimento de remessas, ou indica pedidos de plantas oriundas do Brasil. Sob suas ordens e seus cuidados muitos espécimes brasileiros foram aclimatados no Jardim Botânico de Coimbra, e também em Lisboa. De qualquer forma, a época é claramente a da escalada para o desenvolvimento da ciência contra o pensamento religioso e neste contexto, desenvolvimento significava objetividade e exatidão científica. Era preciso colocar Portugal a par com as outras nações da Europa que já desenvolviam sua ciência botânica, e outras. Além do mais, era um objetivo desafiador para a Universidade de Coimbra quebrar a rotina predatória que imperava no Brasil, pois isso contrastava profundamente com o ideal científico de cuidado com a Natureza que vinha surgindo na mentalidade européia.

Os esforços de Vandeli, seus discípulos e de Coutinho, vão complementar, ainda que de forma contra-hegemônica, a política no Estado do Brasil, no cenário político subsequente da colônia de forma peculiar: a campanha pela independência. Vale dizer aqui que a depedração da Natureza na colônia era intensa no litoral, evidentemente, atingindo em larga escala a chamada Mata Atlântica. As florestas amazônicas permaneciam resistentes por sua própria grandeza natural e, assim, a depedração da Natureza na região era praticada apenas no entorno das cidades de Belém e São Luis, e depois, Manaus.

1.3.2 Amazônia no Cenário da Independência do Brasil.

O século XIX desponta como um período histórico de suma importância para a História brasileira. Compreendê-lo significa antes de mais, compreender a desigualdade social que até os dias atuais se impõe inexoravelmente no país, apesar dos esforços das esquerdas. É um século que começa com a luta de alguns brasileiros, mas com a maioria de

⁶⁴ *Supra*, p. 31

⁶⁵ *Supra*, p. 33

⁶⁶ *Cf.* “Documentos Antigos” no catálogo da Biblioteca Geral de Coimbra, Portugal.

seus habitantes portugueses, pela Independência do Brasil, influenciados pelos ideais do Iluminismo que reinava na Europa. Mas não só. Na Europa iniciava-se também um período que viria a ser um dos mais conturbados de sua história com a guerra napoleônica, o que causou em Portugal, nas palavras de Buarque de Holanda, “uma guerra civil entre os portugueses” e que vai desencadear a Revolução do Porto, em 1820, motivada pelo acúmulo de ressentimentos no povo português (Holanda, 1985). Ressentidos da fuga do rei que abandonou a população à própria sorte e às intempéries do exército de Napoleão.

A eminente invasão do reino português por Napoleão Bonaparte obriga D. João VI a fugir com apoio da coroa britânica para o Brasil, em 1808. Com a corte portuguesa o Brasil experimenta uma série de melhorias, inclusive a chegada da imprensa. Mas o ato do rei conhecido como a Abertura dos Portos às Nações Amigas, de 28 de janeiro daquele ano, foi o que instaurou o que muitos estudiosos denominaram de “o século dos naturalistas”, de grande repercussão sobre o imaginário exógeno da Amazônia: a vinda de vários cientistas para percorrer a bacia amazônica. Vários países enviam seus *experts* para o reconhecimento do “mundo exótico”. A Rússia envia o Barão de Langsdorff; a Alemanha, os naturalistas Spix e Martius; a Inglaterra, Wallace e Bates e; até mesmo os representantes já do “Novo Mundo”, o casal Agassiz, representando os EUA.

A cidade que mais ganhou tais melhorias, no entanto, foi o Rio de Janeiro. Os ideais iluministas propagam-se com a ajuda do jornalismo e neles, sobre pressão internacional da Inglaterra, inclui-se a maior de todas as lutas sociais já travadas em solo brasileiro: a abolição da escravatura dos negros.

Era José Bonifácio de Andrada e Silva o seu mais proeminente defensor. Bonifácio defendia também a reforma agrária com a distribuição das terras improdutivas, o estímulo à agricultura familiar, a tolerância política e religiosa, educação para todos os brasileiros, proteção às florestas e tratamento respeitoso aos indígenas. Mas convém marcar aqui que ele falava do Estado do Brasil e sua voz não alcançava, ou alcançava de forma contrária, a audição interessada das elites nortistas escravocratas do índio e agora do negro, já estabelecidas.

Além disso, a abertura dos portos e a liberdade comercial concedida por D. João fez surgir um Brasil de economia fundamentalmente exportadora, mas também a pecuária é desenvolvida, primeiro nos estados nordestinos da Bahia e Pernambuco e, depois, nos estados que hoje é o Maranhão, o Piauí e o Mato Grosso. Associada à indústria açucareira

a atividade inaugura um sistema de trocas internas entre as províncias. Neste Brasil central o constante fluxo de boiadas a serem transportadas nos sertões – uma vastíssima área confinada de um lado pela floresta amazônica, e de outro pela mata atlântica presente nas costas - abrem novas rotas de comunicação na região alcançando o cerrado no entorno da floresta amazônica, onde é hoje o Tocantins, o sul do Pará e o norte de Mato Grosso.

O gado que vinha sendo trazido das ilhas de Cabo Verde pelos portugueses desde o século XVII chegava agora às centenas. Os animais tinham que ser comprados, mas as terras eram dadas gratuitamente no regime de sesmarias a todo aquele que se fizesse merecedor do favor real (Ribeiro,1995:338). No início dessa atividade os sesmeiros eram os próprios senhores de engenho da costa, mas depois com a crescente lucratividade da carne, com a diminuição do tempo de viagem entre Portugal e Brasil, por conta da invenção do barco a vapor pelos ingleses, a atividade foi aos poucos permitindo o nascimento de uma classe de criadores especializados. Esses são os primeiros grandes latifundiários do Brasil, detentores de imensas glebas de terra no Grão-Pará e Maranhão, já que a irregularidade do sistema de chuvas e a pobreza do solo para o cultivo de subsistência em toda essa área obrigava esses sertanejos a levarem a boiada até os terrenos mais úmidos dos palmeirais às margens dos rios, ou seja, da mata ciliar da floresta amazônica, ou as mesmas terras que hoje denominamos de “arco do fogo e do desmatamento”.

O Brasil desta época tinha a maioria da sua população analfabeta, uma pequena elite branca muito rica, mas também ignorante, e um diminuto grupo de pessoas que foram educadas em Coimbra – os intelectuais da época – mas que divergiam entre si. Não havia, portanto, teoricamente a possibilidade de uma articulação política ordenada por uma ideologia de independência de Portugal. Os colonos do Norte, eram especialmente contrários a separação de Portugal, pois, seus interesses estariam melhor contemplados pela parceria com o reino do que com a centralização de poder no Rio de Janeiro. Assim,

[...] até as vésperas do Grito do Ipiranga, eram raras as vozes entre os brasileiros que apoiavam a separação completa entre os dois países. A maioria defendia ainda a manutenção do Reino Unido de Portugal e Algarve, na forma criada por D. João em 1815. Foram o radicalismo e a falta de sensibilidade política das cortes constituintes portuguesas, pomposamente intituladas de “Congresso Soberano”, que precipitaram a ruptura. Portanto, os brasileiros apenas se aproveitaram das fissuras abertas na antiga metrópole para executar um projeto que, a rigor, ainda não estava maduro (Gomes, Laurentino 2010: 21).

O que havia no cenário do Rio de Janeiro, era a voz do ministro Bonifácio⁶⁷ e da princesa Leopoldina, a influenciar o príncipe regente e mais alguns poucos intelectuais portugueses recém-chegados da Europa. Homens que chegavam em terras brasileiras imbuídos dos ideais liberais que, com meio século de atraso, toca o reino unido de Portugal e do Brasil através da revolução constitucionalista do Porto em 1820, ordenando o regresso do rei a Lisboa, o que aconteceu um ano depois. Bonifácio defendia a independência do Brasil, sob a forma de uma monarquia constitucional, com a integridade do território nacional, articulando em seu discurso a luta pela abolição da escravatura, com a continuidade do discurso ambientalista de Vandelli (de quem tinha sido aluno em Coimbra como já apontado acima) na reivindicação de preservação do meio ambiente,

A Natureza a nosso favor fêz tudo, nós, porém, pouco ou nada temos feito a favor da Natureza. Nossas terras estão ermas, e as poucas que temos roteado, são mal cultivadas, porque o são por braços indolentes e forçados: nossas numerosas minas, por falta de trabalhadores activos e instruídos, estão desconhecidas ou mal aproveitadas; nossas preciosas matas vão desaparecendo vítimas de fogo e do machado destruidor da ignorância e do egoísmo; nossos montes e encostas vão-se escalvando diariamente e como o andar do tempo faltarão as chuvas fecundantes que favoreçam a vegetação, e alimentem nossas fontes e rios, sem o que o nosso belo Brasil em menos de dois séculos ficará reduzido aos páramos e desertos áridos da Líbia (*Apud* Silva, 1823: 161-162).

No cenário amazônico, foi também um aluno da Universidade de Coimbra, que imbuído dos ideais liberais que abarcavam o ambiente político em Portugal, abandona seu doutorado em direito e embarca para sua terra natal, Belém. Era Alberto Patroni Martins Maciel Parente, filho da aristocracia portuguesa, que levou em sua bagagem “uma tipografia que daria origem ao primeiro jornal editado no Pará, O Paraense (Gomes, 2010: 85). A novidade empolgou os habitantes da Capitania do Grão Pará, e a fez ser a primeira a aderir à causa constitucional de Portugal. Belém nesta altura tinha 12.471 habitantes, sendo que 5.719 eram escravos. No dia 1º de Janeiro de 1821, na celebração do ano-novo, o Primeiro Regimento de Infantaria disparou três vivas, durante a parada militar: um viva à religião católica, outro à El-Rei, e um terceiro, à Constituição (Gomes, 2010: 86). Tudo corria bem, brasileiros e portugueses aparentemente tinham a mesma causa. Então as cortes portuguesas traem D. Pedro I e os ideais liberais-constitucionais do Estado do Brasil:

⁶⁷ José Bonifácio de Andrada e Silva, paulista, nascido em Santos em 1763, estudou Filosofia Natural na Universidade de Coimbra, depois Mineralogia e foi discípulo de Alexander Von Humbolt, um mestre naturalista que percorreu o Rio Orinoco fornecendo em detalhes a geografia e ponto de bifurcação entre esse rio e o Rio Amazonas. José Bonifácio é grande defensor da preservação e renovação das florestas tanto em Portugal, quanto no Brasil, contrario à escravidão de índios e negros, e considerado para a historiografia brasileira como o Patriarca da Independência.

Ao desembarcar em Lisboa, já no final de 1821, no entanto, os deputados brasileiros foram surpreendidos por diversas decisões tomadas pelas cortes na sua ausência. Todas tinham o objetivo de recolonizar o Brasil cassando os privilégios e benefícios concedidos por D. João VI nos anos anteriores. Ao agir dessa forma, os representantes portugueses haviam quebrado a promessa, contida no edital de convocação, de não tocar em assuntos de interesse do Brasil antes da chegada de seus representantes (Gomes, 2010: 98).

A elite do Grão Pará toma as rédeas da situação e arrefece a empolgação de Parente, pois entre essas decisões constava a de fragmentação do território brasileiro para melhor controlá-lo⁶⁸ e decidiam dividi-lo em províncias autônomas. Cada uma delas teria uma junta provisória que responderia diretamente a Lisboa sem passar pelo conhecimento do príncipe regente. Em cinco de abril daquele ano, o deputado português, Fernando Tomás, quando soube que a Capitania do Grão Pará havia aderido aos ideais das cortes propôs e conseguiu aprovação para que fosse separada do resto do Brasil e passasse a se chamar de Província de Portugal, ou Província do Grão-Pará, que incluía as Capitanias de São José do Rio Negro que havia sido criada em 1755, ainda com Pombal no poder e, a do Maranhão. Tudo realizado sem a possibilidade de contestação dos deputados brasileiros que ainda arrumavam as malas para atravessar o Atlântico.

O príncipe indignado escreve ao pai: “Fiquei regente e hoje sou capitão-general, porque governo só a província (referindo-se ao Rio de Janeiro)”⁶⁹. E as medidas não pararam por aí: anulação dos tribunais de justiça do Rio de Janeiro, restabelecimento do monopólio comercial português sobre os produtos comprados ou vendidos pelo Brasil e a exigência do retorno do príncipe para “melhor se instruir” em terras europeias. O Brasil, portanto, voltava à condição colonial, emerge o que realmente estava oculto “nos ideais liberais” (grifos da autora) da dita Revolução do Porto: a liberdade era apenas para Portugal, a Amazônia devia continuar sendo a “quinta de reserva natural e a horta de especiarias de Portugal e seus vizinhos” (grifos da autora).

A Província do Rio de Janeiro explodiu em protestos contra a saída de D. Pedro, mas estes não eram hegemônicos, havia também jornais, sociedades organizadas e panfletagem em favor da separação do território brasileiro por todo o país. A loja maçônica do Rio torna-se então o principal abrigo aos ideais da independência do Brasil.

⁶⁸ Assinada pelas cortes em 24 de abril de 1821.

⁶⁹ Carta de D. Pedro a D. João VI de 17 de junho de 1822. Acervo do Museu Imperial de Petrópolis.

A Província de Portugal dos estados do Norte, só faria parte do Império do Brasil, em 1823, quando o bispo e deputado pela Comarca do Pará, D. Romualdo Coelho proclamou a Adesão do Pará. Ainda assim, tal adesão não representa os diferentes anseios daquelas sociedades, o que mais tarde vai desencadear a Revolta dos Cabanos⁷⁰ em 1835, que inaugura um período de cinco anos de luta e revolta civil na província, que deixará cerca de 30 mil mortos e suas marcas até os dias de hoje fazem parte do imaginário dos povos amazônicos.

De qualquer forma, a luta pela manutenção da união do território continental ocupado pela colônia, por um lado; e as lutas separatistas, por outro, é o fio condutor histórico que sempre conduziu a ideologia política do Brasil. Esta percepção foi a que levou também o filósofo e linguista, Alfredo Bosi, a definir o período pós - independência do Brasil como ideologicamente dual, entre dois tipos de liberalismo, o que viria a deixar marcas profundas na ideologia política brasileira, principalmente na população do norte do país.

No primeiro liberalismo, Bosi identifica o movimento abolicionista da escravatura liderado pelos intelectuais brasileiros e portugueses educados em Coimbra e carregadores de uma cultura liberal moderada que atrelava sua luta ao apoio aos ideais do príncipe-regente, D. Pedro I, pela manutenção do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve, nos moldes de D. João. Era o liberalismo moderado, pois se tratava de um liberalismo-monarquista: queriam a liberdade dos escravos, a separação constitucional de Portugal, mas permanecendo na monarquia sob a liderança de D. Pedro I para paulatinamente incorporar à nação os negros como cidadãos. Essa cidadania acreditava Bonifácio, viria com o tempo através do aprendizado no cotidiano do trabalho livre e remunerado.

No segundo, está o que o autor chama de “núcleo conservador” ligado ao Partido da Ordem, constituído por alianças entre as oligarquias mais antigas do açúcar e as mais novas do café, pelas firmas exportadoras, pelos traficantes negreiros e, claro, os parlamentares que a altura lhes dava cobertura na luta pelo comércio livre, mas sem necessariamente significar trabalho livre (Bosi,1992:177-194). Era um liberalismo-escravocrata. Essa era a ideologia hegemônica das capitâneas do Norte, a ideologia

⁷⁰ Assim denominada para representar à população que morava em casas construídas com telhados tecidos em palha a população humilde que vivia em cabanas.

promotora da quinta ausência⁷¹, perseguidora de uma lógica produtivista que permitia o absurdo histórico de atrelamento de sentidos antagônicos: “liberdade” com “escravidão”.

A Amazônia então, mesmo após a Independência em 1822, permanece com a sua cultura econômica e de poder separada do Estado do Brasil: “Fortes redutos de comerciantes portugueses, Pará e Maranhão simplesmente ignoraram o Grito do Ipiranga e declararam apoio irrestrito às cortes de Lisboa”, escreve Gomes (2010:170). As cortes continuam fornecendo apoio militar, financeiro e político à elite do Norte do país e tal atitude só esmorece quando D. Miguel I (irmão de D. Pedro I) destitui tais Côrtes na rebelião que ficou conhecida em Portugal como Vilafrancada, por ter acontecido na região de Vila Franca de Xira, e devolve a Portugal o regime absolutista, derrubando o liberalismo luso que havia sido instaurado anos antes naquele país, no mesmo ano em que D. Romualdo consegue a adesão do Pará.

1.3.3 Amazônia no Cenário Rumo à Abolição da Escravatura e à República

Os anos 30 do século XIX começam no “outro Brasil”, sob a regência do rei menino, com a abrupta abdicação de D. Pedro I que deixa no Brasil seu filho, D. Pedro II, com cinco anos de idade (abril de 1831). Nesses anos os brasileiros se dedicam à valorização da liberdade e da construção de uma identidade nacional no Brasil e da revolução política e social ocorrida com a Revolução do Porto, em Portugal.

Bonifácio, já velho, repetiu seu discurso ambientalista, em tom melancólico oportunizado pelo convite de assunção temporária um lugar na Câmara dos Deputados, antes de se abster definitivamente da vida política, ainda em 1831, como conta Pádua,

Deitar abaixo e queimar as nossas preciosas madeiras para abrir um cova e deitar-lhe dentro um grão de feijão ou milho, era cultura de negro de Angola, e que podia bem comparar-se às tribos errantes dos desertos do Saara e da Arábia aqueles lavradores que mudavam de posição logo depois que a terra começava a não produzir tanto como quando haviam principiado a plantá-la (*Apud* Pádua, 2004:159)

A nível global instaurava-se na Filosofia e nas Artes em geral, o Movimento Romântico, que vai dar suporte simbólico a uma visão de mundo contrária ao racionalismo e ao iluminismo para a consolidação dos estados nacionais na Europa.

No Brasil liberal-monarquista, inspirados principalmente em Montaigne e Rousseau, o romantismo assentou suas bases no elogio a Terra e ao homem primitivo na

⁷¹ *Supra*, p. 33

busca para a construção da identidade nacional. Os principais fundamentos teóricos do romantismo brasileiro foram então, o nacionalismo, o indianismo e o culto à Natureza. O primeiro valorizando as particularidades locais e a cultura popular; o segundo idealizando a figura do índio como símbolo de brasilidade e patriotismo, e o terceiro configurando o ambiente natural como divino e puro.

Os maiores expoentes românticos de representação dos povos indígenas como identidade nacional, foram as obras dos poetas, Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias, que expunham a situação daquela região onde a luta pela liberdade significava a liberdade do mercado e não a do trabalho do homem e da crítica à noção de desenvolvimento da época que exterminava as tribos tupis. Gonçalves Magalhães apesar de natural do Rio de Janeiro exerceu vários cargos públicos no Maranhão e Gonçalves Dias era natural dessa província e orgulhava-se em possuir sangue das três raças que compunham a população brasileira.

Em, Os Timbiras, poema épico dedicado aos índios, Gonçalves Dias, escreve:

*Chame-lhe progresso
Quem do extermínio secular se ufana;
Eu modesto cantor do povo extinto
Chorarei nos vastíssimos sepulcros
Que vão do mar aos Andes, e do Prata
Ao largo e doce mar das Amazonas (Dias,1857).*

Há, entretanto, um discurso hegemônico dos estudos literários brasileiros que apontam para a trilogia indigenista de José de Alencar⁷² como as obras de maior importância na perspectiva dessa busca de construção da identidade nacional sob a crítica da extensão do mito do bom selvagem⁷³. A extensão do mito do “bom selvagem”, criado pela obra de Rousseau, está sem dúvida, na busca por uma identidade nacional brasileira construído no romantismo de José de Alencar “casado com o seu esquema feudalizante de interpretação da nossa história” (Bosi 1992: 186). Mas, concordando com a hipótese de Bosi, não pode ser sequer apontado nas obras dos Gonçalves, e especialmente na de Gonçalves Dias, pois,

O jovem Gonçalves Dias ainda estava próximo, no tempo e no espaço, do nativismo exaltado latino-americano. Talvez a familiaridade do maranhense com a luta entre brasileiros e *marinheiros* que marcou nas províncias do Norte os

⁷² A trilogia indigenista de José de Alencar é composta pelas seguintes obras românticas: “O Guarani” (1857), “Iracema” (1865) e “Ubirajara” (1874).

⁷³ O mito do bom selvagem é construído na obra do filósofo francês, Jean-Jacques Rousseau, na consideração de que o homem é bom por natureza e que sua degradação moral é causada pelo convívio com a sociedade, para criticar o processo civilizatório imposto pelas classes dominantes na teoria clássica do século XVIII.

anos da Independência explique a aura violenta e aterrada que rodeia aqueles versos de primeira mocidade. Em Alencar, ao contrário, a imagem do conflito retrocederia para épocas remotas passando por um decidido processo de atenuação e sublimação. Gonçalves Dias nasceu sob o signo de tensões locais anti-lusitanas, que vão de 1822 aos Balaios. Alencar formou-se no período que vai da maioridade precoce de Pedro II (de que seu pai fora um hábil articulador) à conciliação patidária dos anos 50. O nacionalismo de ambos, aparentemente comum, merece uma análise diferencial, pois forjou-se em cadinhos políticos diversos (Bosi, 1992:185).

Esses “cadinhos políticos diversos”, na especificidade do imaginário endógeno dos povos amazônicos é o que revela o mosaico ideológico que se forma em sua classe subalterna desconhedora dessa diversidade política, mas que vivia o jugo dessa ignorância mantida à força pela elite imperialista do Norte brasileiro e de Portugal. Uma ignorância que acaba por transformar os significados das palavras “patriotismo” e “constituição” forjada pela diferença até a inevitável Revolta dos Cabanos (1835-1840), já citada acima. Por “patriotismo”, os cabanos (índios, negros, caboclos, mamelucos, sertanejos) entendiam “aqueles que amam a terra e odeiam os brancos e os portugueses” e, “constitucionalismo”, definiam, “legalismo”. A historiadora e professora da Universidade Federal do Pará, Magda Ricci, explica o imaginário social popular local dessa época em seu estudo sobre a revolta:

Os líderes cabanos não tinham “plena consciência” de seus atos e motivações. Nascia a ideia de uma consciência “possível” e outra “ideal” para os cabanos. A “possível” atrelava-se a uma luta secular que estes empreenderam contra a exploração colonial, alicerçando-se no “patriotismo” e no “anticolonialismo”. Estas duas bandeiras abreviavam-se nos argumentos de algumas lideranças máximas que conduziam as massas revolucionárias. Por esse raciocínio, a consciência política “ideal” para os cabanos devia ser localizada em seus projetos políticos. Contudo, os revolucionários não teriam sido capazes, ou não tiveram tempo de formular bem esses escritos (Ricci, 2006:10).

É evidente que a construção de uma nacionalidade brasileira no imaginário social através de um movimento cultural universalista como o movimento romântico, não caberia na realidade complexa e diversa da população amazônica, assim como não coube na Bahia, em Pernambuco ou no sul do país que também sofreram revoltas separatistas. Mas na Amazônia em específico, caberia muito menos, dado o desconhecimento que esses “brasileiros” possuíam do “outro Brasil” e vice-versa, além do pouco ou nenhum domínio da língua portuguesa.

Os naturalistas estrangeiros que percorriam a Amazônia, sob a justificativa de registro do mundo natural, seguem o século confirmando o imaginário exógeno da

Amazônia na visão edênica, do o mito do “El Eldorado” dos quinhentos e dos seiscentos, reafirmando a trilogia da matriz discursiva de uma região rica, vazia e vulnerável acrescentando apenas a comprobabilidade científica cara à época, como discurso competente, porém, enfatizando o seu exotismo:

[...] projeção, evidência e validade científica, mas continua sendo uma representação construída pelo imaginário europeu, ao qual a objetividade das ciências naturais vai acrescentar os cuidados com a observação pormenorizada, o registro em desenhos e pinturas e o distanciamento frente ao exotismo do novo mundo (Conceição, 1996:105).

Mas enquanto isso, a crítica ambiental brasileira ganhava espaço no contexto político do Brasil independente, porém com nova face. O vínculo causal estabelecido principalmente por Bonifácio entre escravidão e destruição ambiental não aparece num dos poemas mais citados como representação do movimento social dessa época. Escrito em 1845, por Manoel de Araújo Porto-Alegre, intitulado “A Destruição das Florestas”, analisa Pádua:

Seria lógico supor, assim, que os críticos ambientais posteriores, especialmente aqueles que reivindicavam abertamente o legado bonifaciano, como era o caso de Porto-Alegre, tomassem o tema da escravidão como seu ponto de partida. [...] Não apenas a crítica de porto-Alegre à destruição florestal passa ao largo da condenação ao escravismo como também, o que é ainda mais notável, aponta várias vezes o escravo como culpado, pelo menos em sentido imediato, por essa mesma destruição (Pádua, 2002:166).

A culpabilidade do escravo aparece também em outras obras de vários autores o que faz o autor citado acima a identificar duas vertentes de posição do movimento ambientalista pré-republicano no Brasil: uma posição onde o escravo é agente da destruição em conjunto com uma economia predatória no projeto de civilização e progresso do Império, mas sem a necessidade de se abandonar o trabalho servil; e a segunda posição que afirmava, ao contrário, que o abandono da escravidão arcaica e imoral era desejável para por fim à destruição da natureza. A análise de Pádua e seus argumentos assim, se aproximam da dialética de Bosi, em seu diagnóstico de existência de dois liberalismos: um liberal-escravocrata e outro liberal-conservador. Isso me remete à influência do político na obra romântica, considerando as advertências de Pádua, para que seus leitores não façam caracterizações simplistas na generalização das duas posições por ele apontada:

A primeira posição, efetivamente, marcou a maioria dos críticos ambientais oitocentistas. O ponto de partida para uma explicação sociológica desse

fenômeno deve ser buscado na proximidade desses autores com o núcleo simbólico do poder imperial [...] Uma participação assim (refere-se à participação desses autores em associações culturais e profissionais do Imperio) envolvia, necessariamente, a adoção de uma certa etiqueta de moderação e autocensura. [...] A proximidade pessoal com Pedro II, por exemplo, não impediu que escritores abolicionistas, como André Rebouças, adotassem uma postura bastante agressiva na sua pregação reformista. Eles foram capazes de arriscar corajosamente o seu prestígio social – prestando-se inclusive a serem chamados de “aventureiros” e “comunistas” – em nome de suas convicções (Pádua, 2002: 167).

A hipótese que daqui emerge é que a ausência da crítica sociológica pós-colonial em Pádua não o permite ver que a posição hegemônica dos críticos ambientais oitocentista por ele apontada, pertence à mentalidade distinguida por Bosi em sua análise da ideologia política da época, que cunhou como “movimento liberal-escravocrata”. E não por uma possível e até mesmo evidente participação institucional desses autores críticos na “proximidade com D. Pedro II”. Pois a segunda posição em Pádua, ou seja, o “abandono da escravidão para por fim à destruição da Natureza”, é delineada na crítica de Bosi como configurada desde os anos da luta bonifaciana pela Independência, com o movimento “liberal-conservador”, este sim de proximidade e até mesmo cumplicidade com o rei.

Assim identifico a especificidade desse “outro Brasil”, ou seja, na ideologia do Grão-Pará e Maranhão, a hegemonia da primeira posição de Pádua e do movimento político que une liberdade com escravidão de Bosi, como formadora do vetor “moderno” de desenvolvimento na Amazônia. Esta é a base que permite na prática a permanência da escravidão - não só do índio, mas também do negro - mesmo após a abolição e evidencia a colonialidade de poder até hoje presente na região. É ainda a formação da franja de colaboradores que a atuação dos estrangeiros (notadamente e paradoxalmente dos britânicos) no primeiro ciclo da borracha (1879-1912), que passará para História como a “era de ouro da Amazônia”, encontrará. Trata-se assim de uma configuração ergótica da História gerada pelas teorias de evolução social e sua conceituação de cultura em oposição a natureza. Argumento que ancora a hipótese geral deste trabalho, a lembrar, a geração de uma cultura de representação que carrega a consequência da separação epistemológica e institucional entre as ciências, entre conhecimentos científicos e tradicionais e/ou alternativos e contra hegemônicos, oriunda da lógica hegemônica do pensamento científico cartesiano, embasada na primeira ausência, a monocultura do saber⁷⁴.

⁷⁴ *Supra*, p. 27.

Continuando com a âncora histórica, a agricultura desenvolve-se no Brasil paulatinamente com a mão-de-obra escrava, a mesma mão-de-obra que é usada pelo exército imperial para a vitória na Guerra com o Paraguai (1864-1870), financiada pelos capitais externos. Na Amazônia, D. Pedro II, decreta abertura da navegação do Rio Amazonas ao comércio estrangeiro, antecipando as condições do extrativismo da borracha planejado na Europa e possibilitando a atuação da Companhia de Navegação do Comércio do Amazonas, criado pelo Barão de Mauá para fornecer linha regular de transporte de mercadorias e de nordestinos arrebanhados do nordeste para o trabalho na coleta do látex da borracha nos seringais.

Mesmo após terem lutado na guerra com o Paraguai, negros e índios não recebem tratamento diferente além do trabalho escravo, mesmo após a lei da abolição assinada pela princesa Isabel, em 1888. Um ano depois os militares aplicam o golpe republicano ao Império. Enquanto isso a Amazônia vive, na cidade de Manaus e Belém, anos de glória e riqueza com a extração da borracha, e no interior da floresta, índios, negros, caboclos e mamelucos extraem o látex sob o sistema de endividamento⁷⁵, a face “moderna” da escravidão até hoje praticada no Brasil.

O Ciclo da Borracha transforma a linguagem e a paisagem urbana das cidades de Belém e de Manaus, esta última chega a ser chamada de “Paris Tropical”, e aumenta consideravelmente a chegada de estrangeiros e a densidade demográfica como um todo em mais de 300% nessas localidades. Nos seringais, no entanto, a vida continua sofrida com os nordestinos adoecendo por falta de alimentação adequada ao trabalho, solidão, enfim, péssimas condições de vida, além de castigos semelhantes aos da escravidão aplicados aos seringueiros como a ida para o tronco.

1.3.4 Amazônia no Cenário do Século XX:

As principais representações literárias de ficção dessa época vão surgir principalmente nos romances do final do século XIX e anos iniciais do século XX, de autores como Rodolfo Teófilo, em *O Paraoara* (1899); Alberto Rangel, em *Mayby* (1908); Euclides da Cunha, em *À Margem da História* (publicado no ano de sua morte, em 1909);

⁷⁵ Refiro-me ao sistema de trabalho e de vida extremamente precária, dos cativos dos senhores dos engenhos da borracha (os seringueiros), que mantinham seus empregados endividados pelo consumo dos gêneros alimentares e de subsistência, sem comunicação com os familiares e sem documentos trabalhistas, prática que continua existindo nos estados do Pará, do Maranhão, do Mato Grosso e do Tocantins.

Carlos Vasconcelos, em *Os Deserdados* (1921); o português Ferreira de Castro, em *A Selva* (1930); Abgnar Bastos, em *Amazônia Que Ninguém Sabe* (1932); Francisco Galvão, em *Terra de Ninguém* (1934); e, Lauro Palhano, em *Marupiara* (1935), entre outros. Todos, segundo unanimidade dos estudos posteriores aqui consultados⁷⁶, focando a dicotomia explorador-explorado sob o signo das relações entre seringalista e seringueiros, ocultando os aviadores⁷⁷ e os exportadores que na verdade são os grandes beneficiários do enriquecimento proporcionado pela borracha, sem terem tido que contribuir com os custos de tal extrativismo intenso⁷⁸: o aparelho estatal do Brasil; os exportadores ingleses, norte-americanos, alemães e franceses; e intermediários especuladores das bolsas de Nova Iorque e Londres, principalmente. Assim tal representação ficcional é contributiva da marca da quarta ausência (Supra, p.26-27) naturalizando a ideia da Amazônia como realidade-problema do Brasil sem contabilizar as perdas causadas pela degradação ambiental, nem os recursos contributivos da biodiversidade amazônica na acumulação de capital no mundo.

Tal foco acaba por retratar muito mais os seringais do que a vida urbana nas principais cidades do ciclo econômico, proporcionando margem para invisibilidades e estereótipos nas lutas de classe travadas no imenso mosaico racial e cultural que se forma na Amazônia à época. A Natureza amazônica continua nesses romances, representada como “inferno verde”, repleta de perigos e inóspita à vida humana, porém bela e rica. Há ainda em muitas passagens desses romances a alusão de conflito permanente entre os nordestinos seringueiros e os indígenas, o que acaba por silenciar a formação de um importante grupo social na região. Trata-se também da união entre esses seringueiros (nordestinos e sertanejos) e indígenas, o que possibilita a muitos desses imigrantes, mesmo depois da decadência do ciclo econômico da borracha, a manterem-se na região. A

⁷⁶ Cf. Dias, Edinea Mascarenhas (1999); Monteiro, Mario Ypiranga (1976); Benchimol, Samuel (1999); Tocantins, Leandro (1979 e 1982).

⁷⁷ Aviamento: no funcionamento do sistema de aviamento, o aviador fornece ao aviado mercadorias (bens de consumo e instrumentos de trabalho) e o aviado fica de resgatar a dívida com produtos extrativos da próxima safra em espécie, havendo saldo credor o aviado recebe dinheiro, se o saldo é devedor o aviado é debitado até a safra seguinte. Mas, o aviado pode tornar-se aviador de outro aviado. Só quem não pode ser aviador é o produtor, ou seja, o extrator que colhe o látex da seringueira, que é obrigado a vendê-los a um só comprador (monopsônio).

⁷⁸ O balanço do lucro proporcionado pelo ciclo da borracha é mensurado da seguinte forma em relação aos três grupos citados: o aparelho estatal brasileiro como arrecadador de 25% por impostos; e o resto dividido entre os exportadores que compravam a borracha dos aviadores, e os intermediários-especuladores das bolsas norte-americanas e inglesas. Tais grupos, entretanto, teriam investido pouco ou nada (caso dos especuladores e do Estado) no ciclo econômico (Loureiro, 1985:15).

configuração desse grupo só aparece muito depois, nas análises de cientistas sociais do final do século XX, como em Ribeiro:

Economicamente marginalizados, esses sertanejos acabocladados se integram nas formas de vida regional, aprendendo a caçar com arco e flecha para economizar munição; a lavar os campos com estacas de madeira, por não terem enxadas; a pescar com arpão se alimentar com as comidas da terra, incluindo a tartaruga e o jacaré em sua dieta. Nas áreas mais arcaicas, como o rio Negro, onde ainda se falava a língua geral como idioma básico de comunicação popular passa, eles também a falar esse dialeto tupi, empobrecido e estropiado. Integram-se, igualmente, nas práticas da pajelança e nos temores aos fantasmas da mitologia indígena. Tornam-se, porém, arremedos de índios, porque não contam com as motivações destes nem com sua capacidade de adaptação à floresta tropical (Ribeiro, 1995: 326).

Essa literatura foi constantemente apontada nos anos 90 (Barros, 1992; Conceição, 1996) como uma literatura repleta de influencia dos textos científicos produzidos pelos naturalistas evidentemente lidos por seus autores. Isto tem levado esses estudos a concluir que se trata de uma importante representação – principalmente em Euclides da Cunha - formadora do imaginário sobre a Amazônia no Brasil e em Portugal, norteadas por um excessivo determinismo geográfico e de evolução social baseada no darwinismo.

Importante ainda se faz dizer que a leitura desses romances e a representação científica que segue paralela a essa produção ficcional atinge a classe dominante leitora da língua portuguesa à época, tanto no Brasil como em Portugal, mas logo no início do século tal representação ganha dois fortes concorrentes na construção do imaginário social dominante com acesso nas principais cidades luso-brasileiras, ou seja, no Rio de Janeiro, Lisboa, Porto e São Paulo: o cinema e a imprensa.

O cinema, ainda em sua fase muito inicial, inicia-se na Amazônia através do trabalho do português Silvino Santos que havia se estabelecido na região desde os seus 14 anos e se torna fotógrafo de talento em Manaus. Isto o faz ser convidado pelo peruano, Julio Cesar Arana del Águila, proprietário da *Peruvian Amazon Rubber Company* (empresa montada com capital britânico) e acusado de promover massacres e escravidão contra os povos indígenas, para produzir um filme que mostrasse a “verdade” de seu trabalho e a “realidade” amazônica para garantir a defesa de Arana perante as cortes de justiça de Londres. Silvino Santos faz então seu primeiro documentário sobre o Rio Tupimayo, mas que acaba sendo perdido no naufrágio do navio que enviava a película para Inglaterra. Logo depois, Silvino cria a Amazônia Cine Filmes, financiado pelos “coronéis da borracha” e exhibe em todo o mundo o longa-metragem, “No Paiz das Amazonas” (1922),

com versões em inglês, francês e alemão. O longa-metragem traz uma novidade ao mostrar uma Amazônia ainda repleta de ocupação indígena, mas no geral, passa a imagem de uma Amazônia rica em biodiversidade e divulga o desenvolvimento econômico que a extração da borracha proporcionava para a região, reforçando o mito do Eldorado.

A imagem da vida indígena no coração da floresta do filme servirá para fortalecer a nível nacional, a construção de uma identidade nacional na histórica, Semana de Artes Moderna, em 1922, no Teatro Municipal de São Paulo. Ao lado da pintura de Tarsila do Amaral, de Vicente do Rego Monteiro, e da posterior literatura de Mario de Andrade, a busca por uma identidade nacional calcada na metáfora do movimento Antropofagia Cultural⁷⁹, de Oswald de Andrade não é bem recebida pela crítica da imprensa, nem pela elite da época, impregnada da imagem indígena dos clássicos românticos. De qualquer forma, o movimento modernista não apresenta uma proposta de identidade nacional assentada na arte milenar e plural dos indígenas da Amazônia e sim da apropriação temática do nativo como contribuição para a criação dessa identidade. Uma visão, portanto, ainda alóctone da cultura desses povos.

Na imprensa nacional, é a revista O Cruzeiro que vai retratar a Amazônia em grandes reportagens para o Brasil e para o mundo, com a utilização da modernização gráfica da época, principalmente sob as lentes do fotógrafo, José Medeiros. O Cruzeiro (1928-1975), publicada pelos Diários Associados de Assis Chateaubriand, usa a arte da fotografia com valor superior ao texto, inaugurando a primazia da imagem na construção do imaginário social no século que inaugura o cinema e depois verá o surgimento da televisão. O discurso passa a partir daqui a ser muito mais imagético do que verbal e com a representação da Amazônia não é diferente: José Medeiros vai fotografar o indígena⁸⁰ e a Amazônia na revista a partir dos anos 40, até os anos 50, ilustrando o discurso ideológico nacionalista desse meio de comunicação promovendo a imagem do Brasil como um país que caminha para a modernidade e o desenvolvimento carregando o exotismo de sua diversidade cultural como peso a ser vencido pelo progresso. São reportagens de acompanhamento dos irmãos Villas-Boas nas viagens de expedição aos rios, Roncador e Xingu.

⁷⁹ O movimento da Antropofagia Cultural do modernismo no Brasil foi desenvolvido por Oswald de Andrade para a construção de uma identidade nacional usando a metáfora do canibalismo indígena: brasileiros que engolem a cultura ocidental europeia e a carnalizam.

⁸⁰ A foto mais emblemática do fotógrafo citado é publicada em 1946 na revista. Trata-se de uma foto posada de um indígena empurrando um avião, representando o contraste entre população amazônica e progresso.

Os índios eram representados como incivilizados e incompatíveis com as necessidades do movimento de integração nacional do governo brasileiro. Uma representação que permanecerá até o final do governo de Getúlio Vargas, que enxerga a Amazônia como um problema nacional: uma região extensa, despovoada e cujas fronteiras com os países vizinhos são ameaças à segurança nacional. Em 1946, a então nova Constituição⁸¹ obriga que a região faça parte do movimento de reintegração nacional (Santos Filho, 1999:124). Nos discursos de Vargas eram frequentes menções a expressões como: “vastidão territorial”, “afastamento dos grandes centros de produção do país”, etc, continuando o vetor de “vazia” na tríade matricial dos discursos sobre Amazônia.

Já o vetor de “vulnerabilidade” aparece para o referido autor de forma “inusitada” no primeiro governo de Vargas, já que o país não sofria nenhuma ameaça militar por parte de seus vizinhos sul-americanos e cita no estudo de Nunes o pronunciamento do presidente:

[...] é de máxima oportunidade considerar que, amanhã, a mesma teoria do *uti possidetis*, que valeu a sua incorporação ao Brasil pode ser invocada contra os interesses nacionais. A pergunta a ser respondida seria, então: “que posse útil detém o Brasil na Amazônia?” (Apud Santos Filho, 1999:125).

Já nos anos 50, durante o segundo governo de Vargas (1952-1954), com a criação da SPVEA, e o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPA, Santos Filho, reconhece ter havido uma atenção do governo em direção aos povos e à natureza amazônica e aponta a criação da SPVEA como “o organismo com jurisdição sobre aquilo que seria chamado de Amazônia Legal”⁸². Mas, nos estudos de Becker a Amazônia ainda assim continuava separada do resto do Brasil, pois, a atitude governamental da época foi mais “discursiva do que ativa” (Becker & Stenner, 2008:22-23).

De fato, logo na entrada do governo Juscelino Kubitschek (JK), o JK, em janeiro de 1955, a revista O Cruzeiro publicava uma matéria jornalística sob o título, “A Amazônia Não É Mais Um Inferno”, falando sobre a atuação da SPVEA e mostrando a presença do presidente na região e demonstrando a necessidade de publicidade para a atração de investimentos. Seis meses depois outra matéria apresentava a vida dos caboclos entre as cheias e as vazantes dos rios, intitulada, “As Duas Caras da Amazônia”. Todas

⁸¹ Constituição de 18 de setembro de 1946, Artigo 199, Parágrafo Único: dá garantia de execução do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (PVEA), com a obrigatoriedade de aplicação de 3% da renda da União na região durante 20 anos.

⁸² *Idem*: 126

sempre enfatizando o desenvolvimento chegando à Amazônia e o Brasil “tomando a posse” (grifos da autora) da terra. Um ano depois, é publicado um informe publicitário pago pelo governo com um título muito sugestivo dessa necessidade atrativa: “Os Empresários de São Paulo Mudaram-se. Estão na Selva”. O discurso agora é o desenvolvimento brasileiro em ritmo de aceleração: “50 anos em Cinco”, *slogan* de JK.

Nos anos 60, entretanto, o mundo vai experimentar o desenvolvimento do movimento ambiental em larga escala. A colaboração dos cientistas com políticos e militares durante a Segunda Guerra, na construção da bomba atômica, no apoio ao genocídio nazista, na vitória do individualismo sobre os laços comunitários, a tecnocracia, a racionalização do trabalho e etc., haviam deixado as suas marcas e apesar de tal razão continuar hegemônica e tal atitude política continuar dominante, surgem as resistências. São movimentos que apesar de aparecerem como heterogêneos vão se transformar no que depois será chamado de “contracultura”.

No Brasil, entretanto, tais críticas não vão ainda ressoar. O povo brasileiro vislumbra seu futuro na fundação de Brasília e passa a se deslocar para o interior, a conhecida “marcha para oeste”. A Amazônia experimenta a chegada de sua primeira grande estrada, a Belém-Brasília, recebendo sulistas e nordestinos nas suas margens, e logo depois, a Brasília-Acre. São traçados da nova fronteira econômica que desmata savanas e matas virgens do cerrado no entorno da floresta transformando tudo em pasto para gado. A partir do golpe militar de 1964 o projeto desenvolvimentista assume grandes proporções por razões locais, regionais e globais, e a ocupação da Amazônia Legal, sob o discurso “integrar para não entregar”:

É percebida como solução para as tensões sociais internas decorrentes da expulsão de pequenos produtores do Nordeste e do Sudeste, pela modernização da agricultura. Sua ocupação também foi percebida como prioritária, em face da possibilidade de nela se desenvolverem focos revolucionários. Em nível continental, duas preocupações se apresentavam: a migração nos países vizinhos para suas respectivas amazônias que, pela dimensão desses países, localizam-se muito mais próximo dos seus centros vitais, e a construção da Carretera Bolivariana Marginal de la Selva, artéria longitudinal que se estende pela face do Pacífico na América do Sul, significando a possibilidade de vir a capturar a Amazônia continental para a órbita do Caribe e do Pacífico, reduzindo a influência do Brasil no coração do continente. Finalmente, em nível internacional, vale lembrar a proposta do Instituto Hudson, de transformar a Amazônia num grande lago⁸³ para facilitar a circulação e a exploração de

⁸³ Trata-se da proposta de um futurólogo americano, Herman Kahn, do referido instituto que sugeria a construção de sete barragens para criar cinco lagos gigantes na Bacia Amazônica. O objetivo era estimular o intercâmbio econômico entre os países da América do Sul e o investimento estrangeiro em pesca,

recursos, o que certamente não interessava ao Brasil (Becker & Stenner, 2008: 23).

Note-se que em nível do senso comum, o discurso do governo continua “pombalino” afirmando a tríade discursiva apontada por Santos Filho, para incentivar o deslocamento da população brasileira: uma região rica, vazia e vulnerável. Agora, porém, a vulnerabilidade é evocada de acordo com a doutrina de segurança nacional a partir da aliança do governo brasileiro com o governo dos EUA em tempos de Guerra Fria, cuja ideologia é expressa na emblemática obra do general Golbery do Couto e Silva ainda em 1958, intitulada, “Geopolítica do Brasil”. Uma ideologia que acaba por gerar uma noção de Nação criada através do Estado, que não faz diferença entre o civil e o militar e que acaba por atrelar os dois conceitos que aqui importam: segurança com desenvolvimento (Santos Filho, 1999:128).

Na televisão (primeiro na TV Tupi e depois na TV Globo) a representação hegemônica da Amazônia é exercida com uma liderança de audiência no sul e sudeste do país que duraria 15 anos (1968-1983), com o programa semanal protagonizado pelo repórter e político de direita, Amaral Neto, que defendia a ideologia desenvolvimentista militar e mostrava cenas do Maranhão ao Acre de uma Natureza espetacular e rica.

Enquanto isso, no bojo do movimento ambientalista emergente na Europa, especificamente na Conferência de Estocolmo em 1972, crescem as acusações de alguns países desenvolvidos em relação à postura predominante em países em desenvolvimento a respeito da ausência de normas para controlar os graves problemas ambientais. Evidentemente que tais críticas vão de encontro aos ideais desenvolvimentistas do Brasil, que na ocasião se destaca como organizador do bloco dos países em desenvolvimento que viam no aumento das restrições ambientais uma interferência nas soberanias nacionais.

Em 1974, a Amazônia já experimenta um novo deslocamento como fronteira nacional e mundial de recursos. Trata-se da primeira crise do petróleo, quando se volta para a exportação de recursos naturais explorados por projetos minerais e hidroelétricos de financiamento externo. A expressão máxima desse período é o Projeto Carajás⁸⁴, em 1980.

mineração e petróleo na região. Para o governo militar brasileiro era uma proposta de internacionalização da Amazônia, e as reações contrárias foram muito fortes.

⁸⁴ Oficialmente conhecido como Programa Grande Carajás (PGC). É a exploração mineral na mais rica área mineral do planeta, estendendo-se por 900 mil km², numa área que corresponde a um décimo do território brasileiro, e que é cortada pelos rios Xingu, Tocantins e Araguaia, e englobando terras do sudeste do Pará,

Mas é também nesta época, em meio à luta que a sociedade brasileira trava em favor da anistia dos exilados políticos da ditadura e dos movimentos iniciados no interior do próprio governo militar pela democratização do país, que emerge a crítica ambiental brasileira. Em 1979, a anistia é concedida e muitos dos intelectuais que retornam à pátria, chegam com ideias ecológicas de cunho conservacionista e voltadas principalmente para a questão amazônica, informados que estavam sobre a “nova colonização” da Amazônia e a dificuldade indígena no acesso às terras sempre “empurrados” pelo desenvolvimentismo governamental:

Ao final dos anos 70, ainda se bagateliza o tamanho da área conquistada aos índios, aos posseiros e à floresta. Nos círculos melhor informados, a Amazônia já era tratada como uma espécie de “colônia” de São Paulo. Trata-se de uma presença que aumentou de forma importante durante os anos do regime militar e, principalmente, durante o “milagre econômico”. Congregando cerca de 300 investidores do sul do país, a Associação dos Empresários da Amazônia, é uma espécie de comitê executivo dos interesses de empresas em jogo, além de ocupações muitas vezes fraudulentas, é a percepção de não existir “atentado ecológico quando apenas se trata de desenvolvimento” (Santos Filho, 1999: 131).

A segunda crise do petróleo leva a outro projeto de iguais proporções e consequências para a natureza amazônica em 1985: o Calha Norte⁸⁵. Agora já implementado após a entrega do governo do governo militar ao civil, porém com a mesma política e argumentação de vulnerabilidade e riqueza da Amazônia. Neste mesmo ano, no entanto, a Amazônia vive um novo processo sem precedentes na sua história. Trata-se da criação do Conselho Nacional dos Seringueiros, que representa a vitória de um movimento que utilizava um instrumento político absolutamente inovador: a apropriação de uma de propriedade do governo no Acre que seria usada unicamente em benefício da comunidade que ali vivia e que, em troca, utilizaria métodos sustentáveis de exploração dos recursos florestais.

Em forma de cooperativa, o movimento reúne não só as populações indígenas e imigrantes, mas principalmente inaugura uma prática de luta ambiental inédita

norte de Tocantins e sudoeste do Maranhão. Foi criado pela então empresa estatal brasileira Companhia Vale do Rio Doce, durante o governo de João Figueiredo.

⁸⁵ Trata-se de um programa de desenvolvimento e defesa da Região Norte do Brasil que previa a ocupação militar de uma faixa do território nacional situada ao Norte da Calha do Rio Solimões e do Rio Amazonas. Atualmente, é subordinado ao Ministério da Defesa do Brasil, sendo implementado pelas Forças Armadas. Com 160 quilômetros de largura ao longo de 6,5 mil quilômetros de fronteiras com a Guiana Francesa, Suriname, Guiana, Venezuela e Colômbia, essa faixa abriga quase 2 milhões de pessoas e ocupa 1,2 milhão de km², uma área correspondente a um quarto da Amazônia Legal e a quase 15% da área total do país.

no Brasil: a união dos ideais de preservação da floresta com os ideais da equidade social. Liderado por Chico Mendes, o conselho representou o sucesso de uma luta que já se articulava há 13 anos e cuja estratégia foi a utilização das redes de comunicação permitindo a articulação com vários atores sociais internacionais. Chico Mendes sabia que estava “num outro Brasil” e que era mais fácil enfrentar a esfera pública internacional do que o colonialismo interno sob o qual estava submetida a sociedade brasileira em relação às formas de vida na Amazônia. Sua vida então passou a ser ameaçada por fazendeiros e madeireiros que, inescrupulosamente queriam expulsar os seringueiros das terras. Ele tornou-se assim alvo principal de fazendeiros e empresários bem sucedidos, policiais corruptos, advogados, juizes e políticos que viam nele um obstáculo para seus objetivos comerciais. Em 22 de dezembro de 1988 foi morto durante uma emboscada no quintal da sua própria casa em Xapuri, caso que alcançou grande representatividade da mídia televisiva local, nacional e internacional.

O alcance da representação discursiva do assassinato de Chico Mendes vai abrir uma brecha na representação da Amazônia a muito desejada pelo discurso ecológico transformando a cosmovisão dos atores sociais produtores dos mais variados discursos, incluindo-se aqui sua incidência no próprio espaço social real⁸⁶, ou seja, nas localidades.

Nos anos 90 temos a Eco 92⁸⁷, um evento que instaura no cotidiano social brasileiro duas expressões que passam a ser utilizadas em larga escala – mesmo que com sentidos diversos – nos variados discursos sociais: “desenvolvimento sustentável”, valorização da biodiversidade e aquecimento global. É também a década de proliferação dos movimentos ambientalistas no Brasil, (um acompanhamento tardio da tendência cultural de cunho ambiental que já vinha tomando vulto no mundo especialmente a partir

⁸⁶ Hoje o Acre é conhecido como o estado com maior consciência política-ecológica da Amazônia Legal, mesmo considerando a incompletude inerente a essa afirmação, foi o estado que apoiou a posterior luta da ministra do meio ambiente, Marina Silva, contra o desmatamento da Amazônia. O dia da morte de Chico Mendes é oficialmente comemorado em todo o Brasil e é feriado oficial no Acre. Além disso, o estado a partir daí tem recebido grandes benefícios econômicos de financiamento para a preservação ecológica e melhoria material e cultural da vida indígena dos países desenvolvidos, o que transformou para melhor a sua economia.

⁸⁷ Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD), conhecida também como ECO-92, Rio-92, Cúpula ou Cimeira da Terra, realizada entre 3 e 14 de junho de 1992 no Rio de Janeiro, reunindo mais de cem chefes de Estado em busca de meios de conciliação entre o desenvolvimento socioeconômico e a conservação e proteção dos ecossistemas da Terra.

da elaboração do relatório de Brundtland⁸⁸, publicado ainda em 1987) assim como nos países-espago oficial da língua portuguesa.

Na imprensa dominante temos alguns estudos sobre a Revista Veja, um meio no qual sempre incidiu os discursos científicos e de governo, vendendo cerca de um milhão de exemplares, lidos prioritariamente pela elite brasileira. Entre 1995 e o ano 2000, essa revista publicou quatro exemplares sobre Amazônia⁸⁹, sendo uma integralmente dedicada ao tema. O deslocamento da tríade discursiva começa a ser percebido. Agora a Amazônia não é mais vazia e enfatiza-se o crescimento da população indígena graças às políticas públicas implantadas, entretanto, volta o mito do “bom selvagem”, agora como aquele que protege a floresta. Os outros grupos populacionais permanecem invisíveis. A riqueza é representada pelo que ainda existe de floresta em pé, e as denúncias de destruição da Natureza tem enfoque no capital natural que se está perdendo. A vulnerabilidade fica por conta da ganância dos madeireiros, incluindo-se aqui o deslocamento do mito do inferno, agora representado pelas queimadas.

O mesmo discurso se repete na representação da televisão hegemônica, com especial destaque para a TV Globo devido ao seu alcance global de audiência na língua portuguesa. A mídia, entretanto, ainda não fala em biodiversidade, mas utiliza a expressão “Amazônia, pulmão do mundo”, para enfatizar o problema climático recentemente apontado pelo discurso científico da época.

Apresento abaixo, o quadro-síntese do esforço feito neste item, apesar do extenso período histórico abordado para identificar na representação simbólica da Amazônia a base histórica e crítica da sociologia das ausências desse localismo-globalizado. Admito deste já, portanto, a incompletude da crítica aqui realizada dada à complexidade no devir histórico deste objeto de estudo. A síntese como já mencionado, foi em busca apenas do cânone literário para a formação da base mínima que será necessária a análise discursiva da produção de notícias sobre Amazônia no século XXI. A Amazônia

⁸⁸ O Relatório elaborado pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, faz parte de uma série de iniciativas que reafirmam uma visão crítica do modelo de desenvolvimento adotado pelos países industrializados e reproduzido pelas nações em desenvolvimento, e que ressaltam os riscos do uso excessivo dos recursos naturais sem considerar a capacidade de suporte dos ecossistemas. Foi neste relatório, sob a coordenação da primeira-ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland, que foi elaborado o conceito de desenvolvimento sustentável.

⁸⁹ Quatro capas de revista são dedicadas à Amazônia: Uma em 8 de novembro de 1995, com a manchete, “Ataque à Floresta”; outra em 24 de dezembro de 1997, “Amazônia: um tesouro ameaçado”; a terceira em 7 de abril de 1999, sob o título, “O Massacre da Motosserra”; e, a última em 22 de novembro de 2000, “Amazônia. Até Quando?”.

sem dúvida é um exemplo patente da articulação entre os discursos da mídia, dos governos, da ciência.

Figura 3: Quadro-Síntese da Representação Simbólica da Amazônia e suas ausências

Cenários Históricos	Matriz Discursiva	Ausências
Amazônia Colonial	<p>a) Mitológica: mito do Eldorado, das dicotomias paraíso x inferno, civilizado x primitivo da temporalidade decadente.</p> <p>b) Taxonômica: nomeação da Natureza e dos seres vivos</p> <p>c) Política: posse da terra tardia em regime de sociedade (co-colonização), criação x proibição da LGA, extermínio e escravidão do indígena, povoamento</p> <p>d) econômica: exploração da Natureza via extrativismo e desmatamento, crítica ambiental utilitarista, dicotomia riqueza natural x fome e miséria</p>	<p>a) 1ª ausência: lógica da monocultura do saber ocidental + 2ª ausência: monocultura de tempo linear</p> <p>b) 3ª ausência: lógica da classificação natural e social</p> <p>c) 3ª ausência: lógica da classificação e organização social, ocultação do despovoamento.</p> <p>d) 4ª ausência: lógica da escala dominante + 5ª ausência: lógica produtivista.</p>
Amazônia nos Anos p/ Independência	<p>a) Política: cumplicidade das elites amazônicas com as Cortes portuguesas com anseios separatistas do Estado do Brasil.</p>	<p>a) 4ª ausência: lógica do global sobre o local + 5ª ausência: lógica produtivista de exportação.</p>
Amazônia no Sec. XIX: Rumo à Abolição e à República	<p>a) Científica-naturalista: taxonomia e retorno da mitologia do Eldorado, indígena “infantilizado” e preguiçoso.</p> <p>b) Arquitetônica de Belém e Manaus: eurocêntrico.</p> <p>c) Política-ambiental: culpabilidade do escravo pela destruição da Natureza</p> <p>d) Econômica: liberdade com escravidão, retorno do mito do Eldorado agora vivido em plenitude com a exportação do “ouro negro”</p>	<p>a) 1ª ausência: monocultura do saber europeu + 3ª ausência: lógica da classificação social e da Natureza</p> <p>b) 1ª ausência: monocultura do saber</p> <p>c) 3ª ausência: lógica da classificação social + 4ª ausência: lógica da escala dominante.</p> <p>d) 3ª ausência: lógica da classificação social + 5ª ausência: lógica produtivista + 4ª ausência: lógica da escala dominante</p>
Amazônia no Século XX	<p>a) Literária-poética (até os anos 40): influência do discurso naturalista do séc. XIX, dicotomia explorador x explorado assente na relação seringalista-seringueiro, discurso modernista de criação da identidade nacional com apropriação apenas temática da cultura indígena.</p> <p>b) Política, midiática e econômica (a partir dos anos 40): exotismo da natureza, indígenas incivilizados, Amazônia vazia e vulnerável, desenvolvimentista.</p> <p>c) Política- midiática (a partir de 1988): mito do bom selvagem para preservação da natureza, auto sustentabilidade da Amazônia como capital natural nacional.</p>	<p>a) 1ª ausência: lógica da monocultura do saber + 3ª ausência: lógica da classificação social</p> <p>b) 1ª ausência: lógica da monocultura do saber + 3ª ausência: lógica da classificação social com ocultamento da diversidade de classes na Amazônia + 5ª ausência: lógica produtivista nacional levada ao extremo + 4ª ausência: lógica da escala dominante do mercado internacional.</p> <p>c) 3ª ausência: lógica da classificação social e natural + 4ª ausência: lógica da escala global sobre capital natural.</p>

Assim sendo, o próximo capítulo versará sobre as teorias do Jornalismo e sua inserção na área de sociologia de comunicação em aproximação com a crítica dos estudos pós-coloniais, dando segmento teórico para o embasamento da análise.

Capítulo 2. Telejornalismo, Pós-colonialismos e Meio Ambiente.

O fenômeno da comunicação instaura, principalmente a partir da Segunda Guerra, uma série de novas possibilidades para cultura política no mundo, não só através do veloz desenvolvimento dos suportes tecnológicos comunicativos adquiridos pela humanidade e das inúmeras práticas de comunicação insurgentes, mas principalmente no surgimento de uma importante preocupação com os usos desta tecnologia como poderosa ferramenta de poder. A utilização especialmente do rádio, ainda em 1939, e logo depois da televisão, para a disseminação ideológica do nazismo⁹⁰, e depois para sua derrubada, por exemplo, despertou mentalidades alertas ao poder da comunicação de amplo alcance por esses meios. A teoria social de diversos campos de conhecimento de uma maneira geral vão de forma explícita ou implícita se preocupar com tal fenômeno, refletindo a ampliação e a intensificação da comunicação social e suas possibilidades na modificação das espacialidades e temporalidades nas sociedades atuais. Assim como as modificações possíveis na forma do viver e do fazer a política nos níveis locais, nacionais e globais.

No início do século XXI, a atenção aos fluxos mundiais da comunicação e da informação, num sentido bem distinto daquele que prevaleceu nas décadas de 60 e de 70, do século passado, voltam-se para a descrição e as necessidades globalizadora, e dos esforços de regionalização. No século anterior, os debates sobre as relações internacionais e sobre tais fluxos giravam em torno de duas realidades decisivas nos destinos sociais da época: a bipolarização do mundo e os projetos de desenvolvimento nacionais. Com o fim da guerra fria e com a falência dos modelos desenvolvimentistas clássicos, o teor da importância desses fluxos se transferiu para a descrição e argumentação das necessidades da globalização e dos esforços de regionalização. Uma constatação que recomenda, entretanto, cautela contra exaltações precoces ou contra a mera descrença cega sobre os temas relativos à globalização. Afinal, os fluxos globais da comunicação permanecem importantes e reveladores para as questões do desenvolvimento e o grave desequilíbrio entre Norte/Sul.

⁹⁰ Durante a II Guerra, a Alemanha foi o único país a manter as emissões de rádio e televisão no ar. Pouco antes do término da Guerra, em 1944, entretanto, a França utilizou-se de transmissões televisivas para angariar aliados para a derrubada do regime fascista.

Os fluxos globais dos telejornalismos em particular⁹¹ possuem uma característica distintiva que, na abordagem sociocognitiva⁹² que este trabalho almeja, participa ativamente da nossa “construção social da realidade”. As notícias produzidas e distribuídas pelo e no território da linguagem, através do hiperdesenvolvimento tecnológico da rede televisiva atual, atinge milhões de pessoas todos os dias nas mais diversas partes do mundo conquistando um espaço nas sociedades que a transformam promovendo a modificação cultural. Entretanto, existe uma divisão clara entre a concepção da realidade como algo ontologicamente dado e exterior à subjetividade e a realidade social como o resultado de ações sociais intersubjetivas (Rodrigo Alsina, 1998: 29).

A abordagem que aqui interessa, considera o significado, a cognição, a sociedade, a objetividade como produto de uma intersubjetividade tornada possível pela linguagem. Assim, o telejornalismo na língua portuguesa é um dos espaços atuais de atuação intersubjetiva, político-ideológica, que objetiva a formação discursiva predominante sobre globalização e sobre a nova cultura ambiental, entre seus falantes. Uma abordagem que absorve da teoria pós-colonial as conflitualidades sociais e políticas no devir intersubjetivo histórico desses falantes, considerando os seus diferentes lugares de enunciação, ou seja, as diferentes identidades pós-colonialistas dos falantes da língua portuguesa, mas considerando os direitos de reconhecimento e articulação. Justifico: a despeito da construção do conceito de lusofonia como ação estratégica de articulação geopolítica de Portugal no sistema internacional⁹³, a língua portuguesa estabelece um *locus* de articulação das diversas enunciações, possibilitando a interpelação dos discursos que aqui interessam desde que não – parafraseando Baptista – a consideremos “como um jardim”. Para tanto,

⁹¹ Refiro-me aqui aos fluxos de notícias produzidas e emitidas pelo meio de comunicação televisivo como meio hegemônico de uma forma de enunciado particular: a do jornalismo, como um enunciado (não científico) que se assume como verdadeiro, ou seja, que apresenta e assume como tal e se refere a objetos, pessoas e estados de coisas do mundo; atual, no sentido em que se refere a acontecimentos que ocorreram normalmente há pouco tempo e transportam alguma espécie de urgência no seu conhecimento; relevante no sentido em que se repercute sobre o mundo da vida do telespectador, isto é, é um enunciado com consequências sobre o contexto; e, público, na medida em que é considerado de interesse coletivo (Correa, 2009: 3-5)

⁹² Abordagem segundo a qual o nosso conhecimento da realidade é também uma construção mental, produto da experiência intersubjetiva vivida cotidianamente.

⁹³ O conceito de Lusofonia foi amplamente usado estrategicamente pela ditadura salazarista para o estabelecimento do Estado Novo em Portugal e por isso não é utilizado nesse estudo a fim de evitar possíveis analogias de pensamento. Entretanto a escolha da língua portuguesa como *locus* de enunciação não só não invalida como absorve a crítica literária portuguesa feita ao conceito, apesar de preferir a referência ao conceito de “cidadania da CPLP”.

os estudos pós-coloniais conferem o suporte teórico no questionamento “nos antípodas de uma estereotipia comunicacional”, como quis o autor:

Para quando e como outra História que dê voz aos “vencidos” e seja um verdadeiro “cruzamento de olhares”? Como dar lugar ao outro, realmente diferente em quase tudo, excepto nalguns aspectos linguísticos e numa ambígua história comum, tantas vezes trágica? Não terão sempre os *media* a tentação estereotipante e homogeneizadora (também típica de todos os impérios) que apenas escuta a voz imperial do centro? Qual, realmente o centro? Será possível uma comunidade lusófona “descentrada,” em que cada ponto é simultaneamente centro e periferia criadora de sentido inovador, como bem sublinha Lotman? Não estamos nós exactamente numa lusofonia que não é mais do que o manto de um discurso económico liberal mais ou menos selvagem? Não estamos hoje nós mais do que nunca imersos num imaginário infantilizado, “macdonaldizado” (Ritzer), onde as componentes simbólica e imagética da arte e da cultura são frequentemente manipuladas e com elas todo o nosso imaginário cultural de lusófonos? (Baptista, 2005:116).

A importância do acesso à comunicação ambiental na língua portuguesa é relevante às sociedades que hoje vivem as incertezas e as ameaças associadas ao desenvolvimento científico e tecnológico e seus efeitos não só na Natureza, mas também na saúde, segurança e bem-estar dos cidadãos de hoje e de amanhã. O direito a esse acesso e à participação no debate é o que norteia este estudo que considera prática política democrática e contra hegemônica, a participação dos cidadãos em seus contextos socioculturais e planejamento de vida nos países do Sul.

A hipótese é que os obstáculos sofridos para a fruição da comunicação ambiental democrática⁹⁴ se dá através dos evidentes conflitos políticos e nos jogos de interesses económicos públicos e privados cimentados pela colonialidade de poder⁹⁵ (Quijano, 1991, 1993, 1994) que atingem não só a produção deste gênero jornalístico na mídia, em tempos de capitalismo, mas também no despreparo cultural dos atores em jogo originado da histórica separação epistemológica e institucional entre as ciências naturais e as ciências

⁹⁴ Entendemos por comunicação ambiental democrática a informação sobre meio-ambiente que contribui para a formação ou manutenção da cidadania. O conceito de cidadania por sua vez é o de “cidadania imperfeita”, de Étienne Balibar, compreendido através de outro conceito, o de “comunidade de destino” citado por José Manuel Mendes (2004) : “A comunidade de destino implica a prevalência de situações de incerteza e da conflitualidade, que não a violência, das condições do político (2001: 209). Esta comunidade de destino, na sua componente territorial, pode ir do prédio, rua ou bairro até ao globo como um todo. Como consequência, a cidadania é uma noção complexa, que se define e constrói sempre a vários níveis, em quadros múltiplos e articulados de forma diversa. A cidadania imperfeita é constituída, assim, por práticas e processos e não é tanto uma forma estável ou pré-definida”.

⁹⁵ O conceito de colonialidade é descrita por Anibal Quijano na diferenciação do conceito de colonialismo apesar de ser constitutiva deste. Trata-se da persistência profunda e duradoira (já dura 500 anos) da dominação/exploração de uma população, incluindo as relações racistas e que pode ocorrer dentro de um Estado-nação, ou seja, não mais como no colonialismo, uma dominação determinada por um poder cuja sede se localiza noutra jurisdição territorial.

sociais, entre conhecimentos científicos e conhecimentos tradicionais e/ou alternativos, prática oriunda da lógica hegemônica do pensamento científico dualista e cartesiano absorvido por esses profissionais atuantes na comunicação social. Enfim, o que nos termos de Boaventura de Sousa Santos acaba por resultar em verdadeiro epistemicídio⁹⁶, que vem impedindo que a prática da construção de narrativas jornalísticas se configure como construtoras de gramáticas interculturais que traduzam⁹⁷ e façam dialogar as formas híbridas para conhecer e fazer acontecer à vida.

O telejornalismo na língua portuguesa constrói dia a dia também a representação da Amazônia na sua especificidade histórica como ação prática de poder na dimensão das formas de subjetividade como já explicado (terceiro eixo da ecologia política no pensamento de Escobar na procura pela colonialidade de poder)⁹⁸ tecidas pelas formas discursivas através da mentalidade ocidental de mundo. Isto envolve a Natureza e os povos amazônicos numa representação cosmológica e identitária que não só é disseminada para todos os falantes do português – todos os cidadãos da Comunidade dos Países da Língua Portuguesa (CPLP)⁹⁹, como retorna para a própria cognição e compreensão de mundo na Amazônia, objetivando-a. Tal ação prática de poder das notícias é o que explico a seguir.

2.1 Globalização e localização: o poder das notícias na objetivação de mundo.

O Jornalismo é uma atividade eminentemente política que nasce com o “estado moderno” (grifos da autora) mediando as relações de poder entre mercado e estado, ou

⁹⁶ Epistemicídio: “a morte de um conhecimento local perpetrada por uma ciência alienígena” (Santos, 2004: 20).

⁹⁷ Tradução como “procedimento que permite criar inteligibilidade entre as experiências do mundo, tanto as disponíveis como as possíveis” (Santos 2008:123).

⁹⁸ Cf. *Supra*: 1-15.

⁹⁹ O conceito supranacional de “cidadania da CPLP”, ou, “Cidadania da Comunidade dos Países da Língua Portuguesa” vem se configurando desde os anos 90, perante os diversos acordos multilaterais e bilaterais, além do partilhamento dos diversos textos constitucionais dos países membros da CPLP com os mesmos princípios político – culturais básicos, a saber: a democracia, a liberdade de expressão do pensamento e o direito de difundir o seu pensamento político, gozando todos os cidadãos do direito de aceder às mais altas funções políticas. No âmbito dos direitos dos estrangeiros, também se conclui a existência de certa conformidade normativa. Os acordos vêm sendo considerados, em matérias de circulação e de cidadania como facilitadores da integração dos cidadãos de um Estado-Membro nos restantes Estados-Membros, ao contribuírem para a afirmação dessa comunidade e concorrerem para concretizar os objetivos que estão na origem da sua formação, além de coadunar com a crescente preocupação de construção de Estados democráticos de Direito e adesão a convenções sobre direitos humanos (Oliveira, 2002; Rocha, 1999; Gouveia, 2006 et. al).

seja, entre a esfera privada e esfera pública institucionalizada. Sua origem se confunde com a expansão dos mercados entre as nações desde o início do século XVIII.

A forma desse Estado tinha em seu cerne a administração financeira dos muitos impostos arrecadados e, para amenizar o jugo da dominação do regime totalitarista, a esfera privada burguesa que surgia passa a divulgar num formato de linguagem ainda com uma “ausência de objetividade e lentidão das notícias, submissão política e menoridade estética” (Belo, 2004) ¹⁰⁰, uma parte ínfima das informações contidas nos jornais comerciais, tornando público parte dos seus negócios. Como nos diz Habermas (1961), “a troca de informações se desenvolve na trilha das trocas de mercadorias”¹⁰¹. Estes jornais devem a sua existência às leis de mercado, a própria informação é mercadoria e o político, ou seja, as relações entre estado, mercado e povo, são marcadas por omissões. Ironicamente estes jornais recebem a denominação de “Jornais Políticos”. O principal deles, o britânico *The Daily Courant*, marca a origem da cultura da objetividade no jornalismo ainda em 1702, através das ideias de seu diretor, Samuel Buckley: “Mesmo sem a intenção, Buckley [...] o primeiro jornalista a preocupar-se com o relato preciso dos fatos, tratando as notícias como notícias, sem comentários” (Chaparro, 2008:142). Estava instalado o paradigma da dicotomia entre opinião e informação na ilusão que tal separação (mesmo sabidamente impossível) seria eficaz à credibilidade dos jornais perante seus públicos.

Depois, por volta de 1727, as autoridades estatais compreendem a utilidade da imprensa também à sua administração – tornar conhecidos à população letrada, seus decretos e portarias – assumindo as agências noticiosas e transformando estes jornais em boletins oficiais do Estado. Podemos concluir teoricamente até aqui, que a origem do Jornalismo – o início do “costume de se fazer jornalismo” – está assentada ora nas razões utilitárias do mercado, ora nas necessidades – também utilitárias - de controle e administração estatal. Não havia nenhum vestígio de uma preocupação com a esfera

¹⁰⁰ Lembro aqui a definição de Belo (2004), ao descrever o formato das notícias setecentistas em Portugal, exemplificando com a divulgação do terremoto ocorrido em Lisboa em 1755: "O dia primeiro do corrente ficará memorável a todos os séculos pelos terremotos e incêndios que arruinaram uma grande parte desta Cidade, mas tem havido a felicidade de se acharem na ruína os cofres da fazenda Real e da maior parte dos particulares" (*Gazeta de Lisboa*, n. 45 de 1755, de 6 de Novembro); "Entre os horrorosos efeitos do terremoto que se sentiu nesta Cidade no primeiro do corrente, experimentou ruína a grande torre chamada do *Tombo* em que se guardava o Arquivo Real do Reino, e se anda arrumando; e muitos Edifícios tiveram a mesma infelicidade" (*Gazeta de Lisboa*, n. 46 de 1755, de 13 de Novembro). As citações de fontes foram convertidas, em todo o artigo, para português moderno (N. do A.).

¹⁰¹ Citação na obra, “Mudança Estrutural da Esfera Pública”, (Habermas, 1984).

pública entendida como a esfera do povo ou com o sentido de construção de uma opinião pública, assentada na liberdade de expressão ou ideias. Trata-se da lógica da razão instrumental que define o agir orientado por fins (Adorno & Horkheimer, 1947)¹⁰².

A partir do século XIX com a invenção de Gutemberg (ainda no século XV), depois de Koenig (1814) e Marinoni (1871)¹⁰³ e depois ainda de vários avanços tecnológicos (fotografia, heliogravura, reprodução de imagens e etc.); a evolução do sistema econômico; os processos de urbanização das grandes cidades e a escolarização da população; jornalismo tem a sua fase de expansão que vai explodir no século XX com a invenção do rádio e da televisão. O jornalismo se expande com o capitalismo, mas também recebe o aporte da cultura secular que invadiu as mentes políticas nas revoluções e que tinha em seu cerne um novo paradigma de governo: a democracia e o direito à liberdade, incluído aqui o de liberdade de imprensa (Traquina, 2002:26).

Segundo Traquina, a invenção do telégrafo não só sinalizou a globalização das notícias, como havia trazido para a esfera cultural do exercício da atividade jornalística, valores que criaram o formato das notícias que hoje conhecemos: a possibilidade de transmissão direta dos acontecimentos, a notícia partindo de vários lugares ao mesmo tempo, a utilização de uma linguagem homogênea, de entendimento rápido, objetiva (2002:24).

O imediatismo e a objetividade passam a serem as marcas identificadoras da cultura do fazer jornalismo, especialmente nos EUA¹⁰⁴. A notícia estava agora globalizada, mas a produção da notícia tinha nome e endereço certo, era a maneira norte americana de se produzir notícias o que se disseminava predominantemente no mundo, especialmente depois do advento da televisão. E tal cultura jornalística chega às telas de televisão imbuída dos ideais de liberdade de imprensa garantida pela Constituição desse país, popularizando o alcance das notícias primeiro e particularmente pela chamada, *penny*

¹⁰² Pensamento cunhado na Escola de Frankfurt expresso na obra de Adorno e Horkheimer, “Dialektik der Aufklärung: Philosophische Fragmente” publicada originalmente em Amsterdã em 1947, cujo título foi traduzido para o português do Brasil como “Dialética do Esclarecimento”, para opor a Razão Crítica à filosofia da moral kantiana em Critica da Razão Pura.

¹⁰³ A invenção de Gutemberg permitia a impressão de 50 páginas/hora; a de Koenig, dos prelos e cilindros possibilitou 1100 páginas/hora e as rotativas de Marinoni, permitiu 95000 páginas/hora.

¹⁰⁴ Os processos que permitiram a explosão do jornalismo foram mais fortes nos EUA: “Entre 1817 e 1900, a soma total dos investimentos publicitários nos EUA subiu de 40 milhões de dólares para 542 milhões” (Traquina apud Solomon:23); “[...] no ano de 1890 a população urbana nos EUA e no Reino Unido atingia o dobro da de França” (Traquina apud Chalaby: 25); a maior escolarização das massas se deu nos EUA com a instituição do ensino público para atender à entrada de milhares de imigrantes ainda no século XIX (Idem, apud Delporte).

*press*¹⁰⁵, e depois, passando do papel à tela, pela televisão de canal aberto gratuito, cada vez mais livre da política partidária. Por mais ativos que fossem os receptores, as redes de televisão agora consignavam valores à realidade cotidiana, forjavam o “imaginário coletivo” dos novos tempos. A união dos valores da democracia, com a liberdade de imprensa e a objetivação da informação mundial estava, na prática, instalada.

Mas que tipo de conhecimento é esse gerado ou forjado pelas notícias capaz de fazer valer a primazia da cultura da objetividade norte americana sobre as muitas subjetividades existentes no globo? Teria sido apenas, como conjecturou Traquina, a possibilidade do sinal telegráfico e sua utilização pelo jornalismo o que gerou a objetivação das notícias ou a cultura da objetividade jornalística?

Quem mais chegou perto de uma definição clara do conhecimento proferido pelo jornalismo, foi o sociólogo Robert Park (1976), o que tornou seu conceito como o de maior influência na sociologia da comunicação. Park resgata a comparação realizada por William James sobre dois tipos de conhecimentos com o intuito de definir o tipo de conhecimento gerido pelo jornalismo: o “conhecimento acerca de”, e o “conhecimento de”. O primeiro é próprio do conhecimento científico, é o conhecimento “acerca da” realidade, ordenado nas diversas perspectivas dos pesquisadores com bases racionais de verificações, sistematizações e hierarquizações. O segundo é um conhecimento adquirido no curso cotidiano de nossos encontros pessoais e de primeira mão com o mundo que nos rodeia. Portanto, um conhecimento que entendemos como o conhecimento de senso comum.

O jornalismo para Park produz um terceiro tipo de conhecimento que surge entre “os conhecimentos de” e os “acerca de”, entre o conhecimento científico e o conhecimento de senso comum. Um conhecimento que parece próximo da noção de entre lugar das culturas de Homi Bhabha (2007), porque não é o espelho do conhecimento do senso comum, na medida em que se utiliza de artifícios e técnicas próprias de ordenação, enquadramentos e valoração dos acontecimentos da realidade para torná-la inteligível para uma ampla comunidade imaginada (*newsmaking*). Também não se configura como o conhecimento científico, porque precisa afastar-se dos rigores formais próprios da ciência

¹⁰⁵ Historicamente "*penny press*" foi um tipo de jornal de dimensões reduzidas (36cm x 25cm). O seu sucesso deveu-se ao preço 1 *penny*, unidade monetária americana menor do que os outros jornais que custavam seis vezes mais. Esta diferença conseguiu criar um nicho de mercado nas classes trabalhadoras mais baixas, que normalmente não conseguiam comprar nem tinham o hábito de ler jornais. A "*penny press*" valeu-se de começar a publicar notícias do interesse destas classes sociais, coisa que mais nenhuma publicação tinha feito. Tornaram-se assim uma valiosa fonte de informação para muitas pessoas que de outra forma eram privadas de informação.

para conseguir maior comunicabilidade (entendimento rápido e fácil da informação noticiosa) no desejo de garantia de audiência global, na legitimação de sua vocação tanto de ordenação da vida social no mundo, quanto de atividade moderna globalizadora de cultura política:

A globalização cultural é figurada nos entre-lugares de enquadramentos duplos: sua originalidade histórica, marcada por uma obscuridade cognitiva; seu “sujeito” descentrado, significado na temporalidade nervosa do transicional ou na emergente provisoriade do “presente” (Bhabha, 2007:297).

Assim observo a atividade jornalística como uma atividade que pretende fornecer um tipo de ordem e sentido a esta temporalidade nervosa a que se refere Bhabha seguindo um ciclo temporal próprio, o ciclo de vida das notícias: no jornal diário, de um dia; nos magazines semanais, de sete dias; na Internet, o chamado “tempo real” que pretende fornecer a informação o mais rapidamente possível sobre um acontecimento, e assim por diante... Trata-se de uma ordem temporal que se sobrepõe ao tempo social através de suas rotinas de trabalho cadenciadas por “*deadlines*” e planejamentos dos mais diversos de cobertura dos acontecimentos, com seus processos particulares na seleção dos fatos a serem noticiados. Portanto, um entre lugar, entre sociedade e realidade, que produz um (in) determinado conhecimento desse presente provisório. Mas que, entretanto, tece sentidos dominantes que vão incidir na percepção de mundo no senso comum.

Diante da hegemonia do conhecimento proferido pela ciência moderna na atualidade, o conhecimento de senso comum foi por muito tempo desprezado pela teoria científica, uma vez que este se constituiu com base na sua negação. Não foi diferente com o conhecimento produzido pelo acesso às informações jornalísticas. A própria história da inserção do campo de conhecimento da comunicação social na estrutura acadêmica em busca de sua legitimação social, enfrentou este menosprezo. Desde o início, o pensamento comunicacional se desenvolveu estrategicamente no Sul, fora das rubricas vigentes no universo das ciências sociais hegemônicas e se articula politicamente sobre a rubrica denominada “ciência humana aplicada”, ao lado do Direito e da Administração. O campo da Comunicação, tendo como principal estudo o Jornalismo, estabelece-se nos países da América do Sul nos anos 30, notadamente na Argentina e Brasil. Se consolida, no entanto, nos anos 60, principalmente através do Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para América Latina - Ciespal e depois, da Escola Latino-Americana de Comunicação – ELACOM, quando se impôs como uma corrente de pensamento

internacionalmente reconhecida¹⁰⁶. Esta última, como advertiu o jornalista, pesquisador e historiador do pensamento comunicacional, José Marques de Melo, corre o risco de perder legitimidade em seu próprio território de luta:

Trata-se de fenômeno típico das sociedades periféricas. Corroídas pelo complexo do colonizado, suas universidades se estruturam segundo modelos forâneos, deles constituindo muitas vezes espelhos acrílicos. Mais grave ainda: seus intelectuais padecem da doença infantil do reprodutivismo deslumbrado, preferindo buscar referências (defasadas ou impróprias) apenas nas fontes do conhecimento d'além fronteiras. [...] Essa situação corresponde, no plano das relações intelectuais, àquela distorção que Paulo Freire percebeu no âmbito das relações sociais, denominando-a "aderência ao opressor" (Melo, 2003:43).

Negação de conhecimentos que não possam ser definidos pela ideologia do universal abstrato, ou seja, pensamento abissal; e negação de conhecimento que não tem prova de validade ou de verdade. Mas, quando as ciências humanas no Norte (principalmente a Antropologia Urbana), passaram a valorizar a observação do cotidiano para o desvendamento das relações sociais, o que era visto como "irrelevante, ilusório e falso" começou a aparecer no campo das ideias, não só como um objeto digno de consideração pela teoria do conhecimento, mas, em última análise, como o seu objeto principal (Santos, 1988:8).

O pensamento de Lévi-Strauss (1962) aqui foi paradigmático na introdução de um método de estudo das estruturas da sociedade entendidas como manifestações culturais. As práticas de comunicação estão submetidas às regras sociais reguladoras e são entendidos pelo antropólogo como "jogos de comunicação" numa dupla oposição entre sujeito e signo. Assim, Strauss funda a ciência da comunicação como baseada na fusão entre economia política, a linguística e a psicanálise (Tavares, 2007:4). A partir daí o pensamento comunicacional é constantemente inserido e revisitado em várias abordagens das ciências sociais, constituindo sua face teórica multidisciplinar, porém permanecem duas fortes tendências no constructo teórico da chamada sociedade da comunicação:

Na teoria da sociedade, de um lado uma visão mecânica e tecnocrática e de outro uma visão articulada e socialmente engajada no campo das subjetividades, ambas as visões inauguram um momento de colisão e radicalização na definição de uma hegemonia na constituição de uma teoria da sociedade. Essas duas visões constituíram-se em componentes de disputa para estabelecer a natureza da verdade em ciências sociais: a verdade objetiva (a base material da luta concreta pela sobrevivência fundamentada na experiência puramente empírica) ou a verdade subjetiva (calcada na construção de uma rede de subjetividades). Foi neste contexto de luta epistêmica que surgiram os cursos de comunicação

¹⁰⁶ Cf. Melo, José Marques de (2003:39-43).

durante os anos 1960, período em que também ocorre a proliferação das ditaduras militares na América Latina, no qual os cursos de comunicação, entre outros, jogavam um papel crucial para a consolidação da presença do simbólico no campo das Ciências Sociais e da humanidade (Tavares, 2007:8).

Uma importante contribuição da corrente engajada é a de Michael Schudson (1978) sobre a cultura jornalística norte-americana. Nela, o autor levanta suas reflexões a partir de seu olhar crítico das identidades dos principais jornais de Nova York desde o final do século XIX. Ele encontra a divergência entre as ideologias dos repórteres e as ideologias das direções dos meios impressos. Os jornalistas apoiavam a combinação dos dois ideais que também eram debatidos na época: o do fatualismo e o do entretenimento; mas as direções dos meios, escolhiam um ou outro.

O autor nomeia o jornalismo baseado nos fatos de “ideal da informação” e o jornalismo calcado no entretenimento de “ideal da estória”. Para definir o “ideal da informação” ele cita a análise de Walter Benjamin, que encontra na informação uma forma de comunicação, produto do capitalismo desenvolvido, cuja característica principal é a de apresentar pedido de imediata probabilidade, com a meta de ser “compreensível em si mesma”. Para a definição do jornalismo de entretenimento ele usa descrições de George Herbert Mead, que encontra na notícia a função criadora de experiências estéticas, que ajudam os receptores a interpretar a própria vida e a vida em sociedade (Pereira, 2007).

A escolha hegemônica do “ideal da informação” no Jornalismo, especialmente no telejornalismo, como uma atividade praticada com neutralidade, tem assim uma visão política da relação sujeito-objeto. O jornalismo “imparcial”, que vê sempre “os dois lados da questão” – como se a realidade tivesse mesmo sempre apenas dois lados a serem conferidos; anônimo, onde o sujeito da enunciação se esconde por entre as aspas judiciosas ou referências autorais, do texto da imprensa falada ou escrita, ou por entre a própria produção coletiva dos textos e seus infinitos formatos estéticos. Enfim, um ego do jornalista não situado (sem nome, sem lugar social, sem lugar epistêmico) especializado em vender a “verdade objetiva dos fatos”, é a face ideal de uma atividade cultural consolidada pela epistemologia da vertente tecnocrática.

Como se um fato pudesse ser apreendido, apenas por seu aspecto objetivo, sem considerar-se as relações intersubjetivas que o caracterizam nas muitas apreensões que o fato enleia. Ou ainda como se apresentar objetivamente um fato fosse suficiente para que o público recebesse um “todo-informativo” revelador da verdade do fato. Ignora-se que a

verdade de um fato não está oculta em algum lugar do real, pois é justamente o real que cria o rizoma. Assim, agora, no campo das crenças, como no campo das ideias, a mídia aprende com as ciências ocidentais europeias e norte-americanas e reproduzem o seu mito de verdade universal.

Hoje, no Norte e no Sul, o mito do jornalismo-verdade ou do “ideal da objetividade”, ou, como em Shudson o “ideal da informação” está amplamente e profundamente introduzido nas mentalidades de senso comum do globo, especialmente pela mídia televisiva. Assim, entendendo que a mentalidade de senso comum é uma atitude percebida como natural, como pensar atividade do Jornalismo Ambiental com possibilidades de se tornar uma tradução cultural na contemporaneidade entre ciência e população, como local de promoção da interculturalidade numa perspectiva de pós-colonialidade, se a reprodução do mito como no processo de colagem uniu o campo das ideias ao campo das crenças? Como traduzir o que não tem contexto, não tem rosto, não tem diferença? Como problematizar as incertezas do conhecimento científico se o conhecimento jornalístico opinião formada sobre tudo e os leitores/espectadores acreditam que tal opinião é a única verdadeira?

Essa reprodução que se deu no início do século XX, mas que vinha acontecendo de forma mais lenta desde a imprensa oitocentista, iluminista que, ao lado da literatura, constituía-se como fomentadora e/ou animadora de opiniões e reflexões políticas nos salões, nos cafés, ou seja, nos espaços frequentados pela classe burguesa à época. Era o que viu Habermas ao formular o conceito de esfera pública¹⁰⁷ em sua obra, intitulada “Mudança Estrutural da Esfera Pública” em 1962 (Habermas, 1984). Tal mudança atingiu principalmente as elites letradas, os homens de negócios, a classe média, primeiro na americana de leitores do New York Times, depois na leitora dos principais jornais da Europa e da América Latina; com o desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação, atingiu a “velocidade do tempo real”. Um conceito de esfera pública que tratava unicamente da esfera de uma classe social, a burguesa. Mas, o que à época Habermas não viu, foi a difusão da televisão atingindo audiência em todos os lugares do globo e todas as classes sociais, atingiram também as classes mais baixas, as principais vítimas dos problemas ambientais. A atitude de senso comum mais naturalizada que temos

¹⁰⁷ Veremos os pormenores do devir da formulação desse conceito e desenvolveremos suas respectivas críticas no próximo capítulo. O conceito de “esfera pública” é central no desenvolvimento teórico desta tese.

como exemplo, está na materialidade do cotidiano, expressa na frequente frase popular que ouvimos por todo lado diante da notícia de um fato: “Foi sim! É verdade! Até saiu no Jornal!”.

Mas, se o Jornalismo opera um conhecimento que está entre o conhecimento científico e o conhecimento produzido no cotidiano, também no campo lógico do senso comum e, como bem elucidou o professor-investigador de jornalismo, isto tanto pode ser perigoso (um exemplo é a reprodução da alienação descrita acima) quanto pode ser sua força de argumentação:

É frágil, enquanto método analítico e demonstrativo, uma vez que não pode se descolar de noções pré-teóricas para representar a realidade. É forte na medida em que essas mesmas noções pré-teóricas orientam o princípio de realidade de seu público, nele incluídos cientistas e filósofos quando retornam à vida cotidiana vindos de seus campos finitos de significação. Em consequência, o conhecimento do jornalismo será forçosamente menos rigoroso do que o de qualquer ciência formal, mas, em compensação, será também menos artificial e esotérico (Meditsch, 1997).

O que o autor mencionado trata como “artificial e esotérico” é o hermetismo linguístico do conhecimento produzido pelo jornalismo objetivo e sua absorção do mito da verdade universal da ciência ocidental moderna/colonial e suas fórmulas comprobatórias da verdade. Mas o importante em sua fala é a percepção que o campo do senso comum nunca é “finito de significação”, sua forma de operar no cotidiano é “infinita de significações” e de singularidades e está sempre recomeçando como no dito popular, “num dia após o outro”. Além do mais, o senso comum no cotidiano de uma mesma cidade, não é tão comum no sentido *lato* da palavra “comum” e discordando de Meditsch, não é entendido como “noção pré-teórica de orientação de um público”, e sim de vários públicos. Poderíamos, portanto, falar em “senso dominante em um público” que no cotidiano convive normalmente e não necessariamente em conflito com outros “sensos dominantes de outros públicos”. Podemos dizer, e percebemos a pluriversalidade de um cotidiano formado por povos multiculturais, multiétnicos em constante processo de transformação identitárias (Hall, 2006), em conflito ou em consenso, sendo observados por uma imprensa da mesma forma pluriversal, multicultural, multiétnica.

Aliás, é esse jogo de forças que o próprio conceito gramsciano permite enxergar,

A notável contribuição de Gramsci sobre o embate pela hegemonia no seio da sociedade civil — a partir de sua teoria marxista ampliada do Estado — permite-nos meditar sobre o desempenho dos meios de comunicação. Devemos analisá-los não apenas como suportes ideológicos dos sistemas hegemônicos de

pensamento, mas também como lugares de produção de estratégias que objetivam reformular o processo social. Sem deixar de reconhecer a sistemática reverberação dos discursos dominantes nas mídias, temos que considerar que debates, polêmicas e contra discursos se manifestam nos conteúdos informativos, ainda que numa intensidade menor do que a desejada, mas em proporção bem maior do que a de décadas atrás. Os aparatos mediáticos não operam *full time* para mascarar fatos ou distorcê-los. Seria menosprezar a percepção da audiência e desconhecer as exigências da febril concorrência no mercado da comunicação. É evidente que nem tudo o que se divulga está contaminado pelas injunções de uma malha ideológica rígida a ponto de fraudar a vida — afinal complexa e diversificada. Na era da informação abundante e em tempo real, os paradigmas se atualizam e as modalidades de relação com o público se refinam. O reprocessamento ideológico se sofisticava, substituindo formas disciplinares clássicas por um marketing mais macio, sedutor e fascinante, atraindo os cidadãos-consumidores, por exemplo, com apelos à interatividade (Moraes, 2002).

Ainda considerando a força hegemônica do consumo da tecnologia televisiva – hoje presente na grande maioria dos lares no mundo - assistimos o cotidiano da política se processar também nos ecrãs tecendo e sendo tecido nesta pluriversalidade principalmente no jornalismo televisivo. Afinal,

As “notícias” são as principais formas que caracterizam o meio televisivo, elas atravessaram os tipos modernos de comunicação ao longo dos tempos e atualizam o papel dos meios de comunicação na sociedade como um observatório da atualidade, daquilo que é importante para a vida (Meneses, 2010: 42).

São estas as questões que têm sido agendadas e refletidas pelos estudos culturais. Mas também no viés da sociologia crítica, quando Habermas esgarça o seu conceito de esfera pública (já nos anos 90) ¹⁰⁸ para conseguir dar expressão aos movimentos sociais, organizados e complexificados em suas organizações em rede; no declínio do jornalismo político e ascensão da comercialização dos meios de comunicação e o surgimento de um jornalismo de massa; de um paralelo desenvolvimento da publicidade por um lado e da separação entre o público e o privado com o Estado de Bem Estar Social. Afinal, uma notícia pode rodar o mundo em suas inúmeras traduções linguísticas, mas será recebida sempre de forma localizada e transformada no lugar de enunciação pelos grupos de receptores provocando transformações culturais locais e, vice-versa, diferentes grupos de atores sociais são assim capazes (principalmente em situação de conflito), de

¹⁰⁸ Habermas em Teoria da Ação Comunicativa (1991) amplia o conceito de esfera pública admitindo infiltrações ou contaminações contra hegemônicas das comunicações oriundas do "mundo da vida", ao ambiente comunicativo institucionalizado. Assim, dois tipos de comunicação estariam presentes de forma tensionada nos meios de comunicação: uma comunicação estratégica e uma comunicação comunicativa. A teoria admite, no entanto, que a comunicação estratégica ainda é mais forte e esta colonizando a comunicação comunicativa.

desempenharem papel importante na produção das notícias. Mesmo considerando que grupos de atores não pertencentes a grandes corporações e ao sistema político, tenham menos oportunidades de influência no conteúdo midiático, o novo conceito habermasiano de esfera pública admite a possibilidade de uma maior mobilização desses grupos revertendo circuitos normais de comunicação e de poder. É o que veremos a seguir. Como tais estudos têm refletido novos comportamentos na multiplicidade de públicos. Um pensamento do Sul.

2.1.1 Notícia globalizada, recepção localizada: relação do telejornalismo com seus públicos.

Um fato mais do que reconhecido e amplamente divulgado pelas teorias e pesquisas de comunicação é que o grande poder da mídia de massa, especificamente a televisão, está a serviço das classes dominantes e, na arena global, propagam visões de mundo e modos de vida transformando os interesses de mercado em discurso hegemônico massivo. A ideologia de mercado emitida pelos ecrãs enquadra o consumo como valor universal, capaz de converter necessidades e desejos em bens integrados à ordem da produção. Foi propriamente a síntese político-ideológica da ordem hegemônica no domínio da comunicação de massa o que permitiu o sucesso do “pensamento único”, consequência da racionalidade instrumental capitalista ou de meios-para-fins, fortemente denunciado pelas ciências sociais (Adorno & Horkheimer, 1985). O jornalismo televisivo e sua cultura objetivista de mundo é o mais respeitável reproduzidor de tal racionalidade valorizando notícias que divulgam sistematicamente os dados quantitativos econômicos desse mercado beneficiando-se do seu estatuto de atividade que trata da “verdade dos fatos”.

O que, entretanto está oculto nesta teoria crítica que inclui os meios massivos na sua análise e mesmo o privilégio como formato exemplar da dominação, foi o que Barbero (1987), pensador espanhol, radicado na Colômbia, brilhantemente denunciou como sendo o “salto de cima para dentro” da classe dominante burguesa: o deslocamento do discurso de legitimidade de poder que permite a continuidade de sua ideologia de dominação passando dos dispositivos de submissão aos de consenso. Para agora falarmos do conhecimento analítico que tem sido produzido no Sul, segundo o autor citado, tal deslocamento não aconteceu no momento do surgimento da TV, ou do rádio, e sim, vinha sendo construído, “numa pluralidade de movimentos”, desde meados do século XIX.

Trata-se da dissolução do sistema tradicional de diferenças sociais, a constituição das massas em classe social e o surgimento do termo “cultura de massa”. Por cultura de massa, então, passa-se a entender a degradação cultural. Um deslocamento de sentido que, por sua vez, esconde uma intenção que só pode ser percebida através da análise histórica. Diz o autor,

[...] a “aparição das massas no cenário social”, desde a concentração industrial de mão-de-obra nas grandes cidades tornando visível a força das massas até a constituição do massivo enquanto modo de existência do popular.

A visibilidade, a presença social das massas, remete fundamentalmente a um fato político. É a revolução convertendo o Estado, como disse Marx, em assunto geral, liberando o político e constituindo-o “em esfera da comunidade, a esfera dos assuntos gerais do povo”. Torna-se assim possível a entrada de camadas sociais não burguesas, de massa de não proletários, na esfera pública com o que se transforma o sentido que a burguesia liberal tinha conferido ao público, ao desprivatizá-lo radicalmente (2001: 180).

A esfera política agora é ocupada pelas massas de despossuídos, o que conduz à imbricação entre Estado e sociedade. Acaba-se assim com a base do público, sem nada colocar em seu lugar. Tal vazio modifica a função da cultura que agora não é mais definidora das diferenças sociais e sim, o lugar onde tais diferenças são negadas. Mas, isso não acontece como estratégia da classe dominante e sim como “elemento constitutivo do novo modo de funcionamento da hegemonia burguesa, como parte integrante da ideologia dominante e da consciência popular” (Barbero, 2001: 180).

“Massa” é também o modo como tais classes populares vivem sua existência: na opressão e também nas aspirações por emancipação social. É assim que cultura de massa passa a ser chamada de cultura popular. Tal inversão só foi possível com a mudança de sentido da cultura, em cultura de classe. Ora, a TV, o rádio, enfim, os dispositivos da mediação de massa, estão estruturalmente ligados aos movimentos que no âmbito da legitimidade articulam a cultura. Eles tanto reproduzem a colonialidade de poder, “produzindo sua resolução no imaginário, assegurando assim o consentimento ativo dos dominados”¹⁰⁹; como realizam a abstração da forma mercantil na própria materialidade da fábrica de produção de conteúdos televisiva ou radiofônica, por exemplo. É o que aqui nos interessa como mediação, pois se trata de um processo que, em que há uma estância de significação que horizontaliza o conceito de cultura na modernidade/colonial nesta abstração, oferecendo uma “fissura” na atuação dessa colonialidade de poder:

¹⁰⁹ *Idem, ibidem*: 181

A cultura de massa não aparece de repente, como uma ruptura que permita seu confronto com a cultura popular. O massivo foi gerado lentamente a partir do popular. Só um enorme estrabismo histórico e um potente etnocentrismo de classe que se nega a nomear o popular como cultura pôde ocultar essa relação, a ponto de não enxergar na cultura de massa senão um processo de vulgarização e decadência da cultura culta. (Barbero, 2001: 181).

A mediação construída pela imprensa popular ou de massa, por sua vez, sempre foi tratada pelos cientistas sociais ou pela própria imprensa “séria” como negócio ou como escândalo. Mas, da mesma forma, quando na América Latina, principalmente a partir da primeira metade do século XX, as lutas dos povos e seus modos de vida são inseridos nas condições da existência da sociedade de massas e de uma reproposição teórica em profundidade sobre a representação do popular na cultura política da esquerda marxista (Sunkel, 1985), a mediação abstracionista vista acima, na prática faz a diferença. Era preciso politizar as massas. Mas ainda assim, sabe-se que o discurso da imprensa hegemônica de esquerda era ainda o da “ilustração popular”, fiel à ideologia racional iluminista. Tratava-se de um pensamento que ainda deixava de fora o mundo da cotidianidade, da subjetividade, da sexualidade, da natureza.

Havia, no entanto, um processo que vinha se desenvolvendo há muito tempo no Sul, como falamos anteriormente, num dos movimentos realizados pelo “salto de Barbero”, especificamente, quando a esfera política foi ocupada pelas massas de despossuídos. A notícia política misturava-se à poesia, à oralidade da narrativa popular. Era o movimento da literatura de cordel no Brasil; da lira popular, no Chile; das gazetas na Argentina: um proto-jornalismo que, no entanto, já traz as origens do jornalismo sensacionalista (Idem: 257). É este processo que à altura do salto, configura-se como a estética do jornalismo de massa, primeiro no papel e depois, no ecrã.

Um tipo de jornalismo cujos critérios empresariais, queiram-se ou não, determinarão, mas também estarão determinados pelos critérios político-culturais. São os formatos que incorporarão o escândalo e o humor dos acontecimentos políticos, as cenas de prostituição nas ruas, o mundo penitenciário, a realidade dos aposentados, tudo falado e mostrado na linguagem popular, com incorporações de gírias e sotaques, de imagens tremulas do cinegrafista que corre com a câmera atrás da polícia, da fumaça como recurso para esconder o rosto da criança e escapar das determinações da lei, enfim que incorpora a emoção. E assim nos ensina Barbero, ao analisar o jornalismo sensacionalista,

Nesse jornal, ficará claro que a questão da mudança da linguagem jornalística não remete e nem se resume à cilada armada para capturar seu público, senão

que ela responde à busca de conexão com as outras linguagens que circulam marginalizadas na sociedade. Neste sentido é que se deve ler a caricatura das diferentes falas dos grupos sociais e a transposição do discurso desde a reportagem policial até a política (2001:258).

Além do mais, o que foi concebido como sensacionalismo na referência à imprensa do Sul, diferentemente do que o foi ao referir o jornalismo do Norte, é justamente o que delineia então, os rastros que devemos procurar as marcas deixadas no discurso de uma imprensa que como matriz simbólico-dramática, encerra formas da cultura popular. Notícia sensacionalista nos jornais de grande tiragem ou nas TVs por assinatura nos países do Norte, apenas para marcar a contraposição, é aquela que esgarça os direitos privados do individualismo da cultura letrada. Sua matriz simbólica é apenas aquela que em tudo que toca transforma em cultura de mercado.

Já as formas que estão repletas de conhecimentos outros, que foram obstruídos pelos conhecimentos hegemônicos, que não se configuram como “artificiais ou esotéricos”, apenas para lembrar a terminologia usada por Meditsch, são as das populações despossuídas com as quais precisamos dialogar em tempos de crise ecológica. Não no sentido pedante pedagógico já denunciado por Barbero, “para ilustrar tais populações”, mas no fomento do debate no intuito de uma tradução dos conhecimentos que certamente estão inseridos na cotidianidade de muitos desses povos, como no diálogo possível com o conhecimento científico adquirido na busca por menor imprevisibilidade dos riscos ambientais, assim como para tornar a comunicação social como importante coadjuvante da relação sempre conflituosa, homem-natureza-desenvolvimento científico.

Afinal, como diante do popular-urbano-massivo, o conhecimento “acerca de” gerido pelo jornalismo objetivo que nega pura e simplesmente a existência do conhecimento e da cultura popular, também tende a negar o conhecimento tradicional indígena, como o que “está do lado de fora da história e, portanto, da sua narrativa” (grifos meus), assim como subestima o receptor apostando que este sempre se comportará de forma passiva, crente na sua verdade de único conhecimento possível. Voltando, portanto, à nossa questão central, sobre a necessidade de fomento do debate ambiental em tempos de crise ecológica, a informação ambiental objetiva, ou seja, não contextual, não nos serve. Além do mais, para que as ciências humanas passem a valorizar a observação do cotidiano para o desvendamento das relações sociais, como vem sendo pedido pelos estudos culturais que almejam a descolonização tanto da natureza exterior, quanto da natureza humana,

“(…) não só como um objeto digno de consideração pela teoria do conhecimento, mas, em última análise, como o seu objeto principal (Santos, 1988:8)”, uma comunicação social respeitosa com seus públicos daria uma enorme contribuição.

Afinal, o Jornalismo é parte importante da comunicação social, é uma atividade intelectual singular e criativa “o que se demonstra com clareza pela periodicidade da invenção de novas palavras e pela construção do mundo em notícias, tratando-se embora de uma criatividade restringida pela tirania do tempo, dos formatos e das hierarquias superiores” (Traquina, 2002:12). Na tirania do formato televisivo, a adjetivação do autor citado é pertinente por sua relação estreita com os poderes estatais e suas interligações mundiais, na interligação dos indivíduos pelo planeta através dessa nova tecnologia sempre em renovação e aprimoramento. Por isso, a ideia que a pós-colonialidade seja perceptível no meio televisivo (ideia central desse estudo) vem da certeza da onipresença dessa mídia na vida cotidiana na rearticulação econômica, política e social das sociedades. Pois, quando um telespectador, ao assistir um telejornal, agrega-se a um público potencialmente imenso e anônimo que assiste as notícias ao mesmo tempo, estabelece com esse público uma espécie de laço invisível, especular e silencioso, que os une apenas pelo consumo dos mesmos bens simbólicos, no caso, as notícias. Mas quando um telespectador desliga a TV e, no mundo da vida cotidiana, interpreta e comenta as mesmas notícias outrora recebidas, isto se dá de acordo com a bagagem cultural e a experiência social de cada grupo particular. A recepção das notícias, portanto, é e será sempre, localizada.

Além do mais o sinal televisivo é um bem público que pode ser concedido ou não à iniciativa privada mediante contrato com um Estado-nação e, portanto, sempre dependente das regulamentações de cada país. Assim, a história dos meios de comunicação e sua adequação tecnológica seguem de formas diferentes em cada sociedade, como também o são as orientações sobre a forma de fazer notícias e assim as linguagens supõem-se diferentes em cada nação, mesmo quando estas falam a mesma língua. Portanto, interessa a contextualização da estrutura de poder de cada emissora estudada vinculada organicamente com as suas respectivas superestruturas¹¹⁰.

¹¹⁰ Refiro-me aqui à relação orgânica desenvolvida na teoria de Gramsci entre estrutura e superestrutura: o vínculo orgânico que é o núcleo do conceito de bloco histórico, definido como sendo uma situação histórica global, na qual uma classe social, dominando uma estrutura social particular (no caso a concessão do sinal televisivo concedido pelo Estado de cada país), desenvolve progressivamente uma superestrutura, onde os intelectuais que a representam, exercendo a direção política e cultural, vinculam organicamente estrutura e

2.1.2 Televisão d'aquém e d'além-mar: os telejornalimos no Brasil com a TV Globo, e em Portugal, com a RTP.

Terminada a II Guerra e o silêncio imposto pelo nazismo às televisões da Europa, que deixara no ar apenas a televisão alemã para a propaganda do regime, a primeira televisão a voltar a funcionar foi a francesa e verifica-se a partir daí, um movimento constante de aproximação das nações que, em décadas mais recentes, configurou-se na formação de blocos regionais. Um movimento exclusivamente europeu, que desfeita a bipolarização de mundo vivida no período das tensões da guerra fria, sucederam-se os projetos de outros blocos e fazendo surgir as grandes linhas da globalização. A expansão dos mercados e os avanços das tecnologias da informação estão à base dessa tendência. Seu esteio são os sistemas ampliados de telecomunicações conjugados a redes informatizadas que vão além da condição de vetores dos grandes mercados e atingem todas as esferas da cultura.

A partir daí, a contemporaneidade passa a ser marcada por dois movimentos centrais em se tratando de circulação dos produtos culturais: o surgimento de um mercado cada vez mais global e, no seu contrário, a revalorização das culturas locais.

Se por um lado percebemos com o resgate de manifestações culturais (folclore, histórias e tradição) a nostalgia pelo passado no sentido de cravar uma identidade cultural local “imaginada”, percebemos que a dinâmica construtiva da cultura é na verdade a construção do cotidiano, do viver e do fazer presentes. Nesse ínterim, os programas de televisão apresentam não apenas realismos, mas as articulações culturais que estão no âmago das relações sociais na contemporaneidade (Meneses, 2010:37).

Importa assim que a trajetória histórica dos meios de comunicação e sua adequação tecnológica são diferentes em cada país, como também a orientação sobre a forma de fazer notícias supõe-se diferente em Portugal e no Brasil.

Em contexto nacional brasileiro, as transmissões televisivas são oferecidas ao público sob o regime de natureza jurídica privada, desde 1950, quando foi inaugurada a TV Tupi, em São Paulo, pelas mãos do empresário e jornalista, Assis Chateaubriand. Trata-se da primeira fase de desenvolvimento da televisão brasileira, entre 1950-1964, segundo

superestrutura, assegurando à referida classe, homogeneidade e hegemonia sobre os demais grupos sociais (Portelli, 1977: 45-60).

Mattos (2002) ¹¹¹. Uma época onde os anunciantes garantiam o funcionamento das televisões e cujos conteúdos já traziam as marcas das empresas, inclusive nos seus títulos.

Neste período, surge o primeiro telejornal de sucesso junto ao público, O “*Repórter Esso*” – TV, que durou de 1952 a 1970. Fase caracterizada ainda pelo amadorismo e experimentalismo na produção de programas e na gestão administrativa de maneira geral nas primeiras emissoras: TV Tupi - 1950; TV Paulista – 1952; TV Record – 1953; TV Rio – 1955 e TV Excelsior – 1960 (Meneses, 2010:143).

Uma fase considerada pela maioria dos autores como elitista e não como meio de comunicação popular, já que a televisão era ainda objeto de luxo de uma minoria. Na linha da classificação através da estrutura econômica e política, o término desta fase não se deve ao golpe militar sofrido pelo Estado brasileiro em 1964 inaugurando o período ditatorial no país e sim, a inauguração da TV Globo no início de 1965, que vai mudar a configuração do mercado concorrencial brasileiro para um modelo mais concentrado e dominante, além das relações íntimas com o governo militar. De fato, foram os contratos milionários firmados pela TV Globo com o grupo norte-americano, Time-Life, em diversas etapas desde 1962, que garantiu à emissora dominância absoluta no mercado televisivo brasileiro ¹¹², apesar de ter sido acusado pelo governador do então estado da Guanabara, Carlos Lacerda, de inconstitucional ¹¹³. Os contratos foram conseguidos através das excelentes relações entre o seu proprietário, Roberto Marinho, com o Estado e com o embaixador brasileiro nos EUA, Roberto Campos, que também se encarregou de convencer o governo brasileiro de que a criação de uma rede televisiva moderna poderia ser utilizada para a unificação do Brasil em torno dos interesses políticos-desenvolvimentistas do governo militar da época.

Em Portugal, a televisão nasce sobre regime jurídico de natureza pública de capital misto (estatal e privado com taxas pagas pelos cidadãos portugueses), com a fundação de uma única emissora, a RTP, em 1955, mas as transmissões só são oferecidas regularmente a cerca de 60% da população do continente, em 1957. Portugal recebe suas primeiras transmissões pela televisão enfrentando o governo do Estado Novo, instituído por Salazar

¹¹¹ A periodização da televisão em Sérgio Mattos enfatiza os aspectos políticos e de programação no Brasil, o que considerei muito útil a um estudo sobre a produção televisiva do lado brasileiro para o entendimento do viés político na produção do telejornalismo no Brasil.

¹¹² Os contratos assinados entre Time-Life e as Organizações Globo, proporcionaram o acesso a um capital em torno de 6 milhões de dólares, o que garantiu recursos para a compra de equipamentos e infraestrutura para a Televisão. Em troca, *Time-Life* teria participação em 30 % de todos os lucros auferidos pelo funcionamento da TV Globo. Em comparação com a única concorrente à época, a TV Tupi, tinha sido construída com um capital em torno de US\$ 300 mil.

¹¹³ A Constituição Brasileira vigente à época (de 1946) em seu artigo 160º proibia grupos estrangeiros de comprar ou de participar na administração ou orientação intelectual de empresas de comunicação nacionais.

após a ditadura militar e vivendo, portanto, sob o regime de censura de imprensa, embora de forma não institucional, como explica Sousa:

Há que dizer que Salazar nunca regulamentou o funcionamento da censura. Os censores agiam discricionariamente, pois o único documento com instruções era uma carta de 28 de agosto de 1931 da Direção-geral dos Serviços de Censura às delegações. De qualquer maneira, por conveniência de ambas as partes, os procedimentos rotinizaram-se. Os jornais enviavam três provas à Comissão de Censura da sua área, que devolvia uma delas com os carimbos, “visado autorizado”, “autorizado com cortes” (assinalados a lápis azul, competindo ao jornal decidir sobre a publicação das notícias parcialmente cortadas), “suspensão” (conteúdos a aguardar decisão superior), “retirado” ou “cortado” (proibição absoluta a referência ao assunto em causa). [...] Diga-se, porém, que a suspensão de um jornal raramente ocorria, provavelmente por ser um ato que poderia ter efeito de *feedback*. Aliás, nem era necessário porque, a censura atuava. Por exemplo, depois das primeiras notícias do rebentamento da Guerra Colonial, narrando os tenebrosos massacres de portugueses (incluindo mulheres e crianças) no Norte de Angola, quase nada se lia, ouvia ou via sobre o acontecimento no Ultramar e quando isso acontecia a estratégia discursiva era a de vitimização do país e a de mostrar que o regime não estava isolado e muito menos derrotado, pois continuava a ter forças para combater (Sousa, 2008:58).

A televisão portuguesa segue assim a tendência europeia na qual as televisões até os anos noventa funcionavam submetidas normativamente a certo controle estatal (dependendo do país), e em Portugal, ainda com o monopólio absoluto da programação da RTP, exigido pela Constituição, que também irá durar até o início dos anos 90¹¹⁴. Mas este aporte de pensamento é muito generalista para pensarmos a origem e a especificidade da televisão portuguesa, afinal tal “tendência europeia” (grifos da autora) refere-se e especifica apenas um aspecto da estrutura de poder: o da regulação política da televisão portuguesa¹¹⁵. Não leva em conta aspectos econômicos, tecnológicos, socioculturais da televisão em Portugal e, a inserção do país na sociedade da informação e de mercado em nível global, como argumentarei adiante.

Tendo em vista, entretanto, uma perspectiva histórica mais generalista, a maioria das análises sociológicas da comunicação sobre esses dois países, aponta o telejornalismo brasileiro como seguidor da orientação anglo-americana, trabalhando com a defesa da objetividade e da imparcialidade como pressupostos reais e factíveis. Por outro lado, o jornalismo europeu, incluindo o português, com um posicionamento, sofrendo forte controle do Estado, e por conta disso, dividido em duas correntes: uma republicanista e

¹¹⁴ A Constituição portuguesa mesmo depois da Revolução dos Cravos que pôs fim à ditadura, em seu texto de 1976, ainda só permitia a existência da televisão pública. Tal situação persistiu na lei até 1989. Em 1990, a criação da Lei de Televisão, nº58, abre definitivamente o mercado para os canais privados de televisão, quebrando o monopólio estatal da RTP.

¹¹⁵ O que exemplifica o eurocentrismo nos estudos de comunicação também em Portugal.

outra anarquista, tornando os jornalistas intérpretes, narradores e atores dessas correntes. O jornalismo europeu não se admite imparcial e objetivo por conhecer essa impossibilidade, principalmente pela forte influência do jornalismo francês, o “jornalismo de dossiês”. Mas tais estudos ou focam a estrutura física, econômica e política das televisões, ou focam a atividade jornalística como um todo. Ao que interessa nessa tese, procuro olhar para ambas as televisões estudadas unindo as duas perspectivas citadas, ou seja, tentando perceber que tipo de telejornalismo se fez presente na relação com as estruturas das emissoras, TV Globo e RTP, levando em conta que na prática, a maneira de fazer jornalismo na televisão não poderia deixar de vir carregada da maneira de fazer jornalismo impresso.

Defendo que desde a primeira década de seu funcionamento, a programação e a profissionalização da RTP como um todo, e o telejornalismo em particular, recebem também influência brasileira e norte americana, além, claro, das já tão comentadas influências dos países vizinhos na Europa¹¹⁶. O seu primeiro telejornal¹¹⁷ nasce não só de acordos com agências de notícias europeias, mas também com a agência United Press, recebendo filmes com conteúdos tanto de Londres como de Nova York. O seu primeiro locutor, Fernando Frazão, que apresentava o programa musical, Lisboa a Noite, tecendo comentários e realizando entrevistas e, portanto, um jornalismo de opinião, profissionalizou-se na emissora brasileira, TV Tupi, que a própria comunicação institucional da RTP apresenta como “uma das mais prestigiadas estações da América Latina” (Teves, 2007:19). E, ainda em 1958, quando a emissora apenas iniciava a luta para viabilizar sua sobrevivência financeira¹¹⁸, contratou a consultoria de um norte-americano, funcionário da televisão da *National Broadcasting Company* - NBC, Kirk H. Logie, que construiu relatórios desvelando a situação financeira da época e aconselhando os rumos para o futuro da emissora. Conselhos que foram seguidos à risca e denotam a influência da cultura administrativa americana.

¹¹⁶ É notória a influência do jornalismo francês desde as primeiras emissões telejornalísticas na RTP. O jornalismo francês influenciou o jornalismo português primeiramente no formato impresso (principalmente o Diário de Lisboa) após a ditadura salazarista numa proximidade grande entre Marcel Niedergag, jornalista-especialista para a Península Ibérica pelo *Le Monde*, e os principais jornalistas portugueses. A tradição do *Le Monde* era a de “jornalismo de dossiês” que contextualizava profundamente os acontecimentos. Quando jornalistas migram do formato impresso para o televisivo, carregam ainda essa cultura jornalística e procuram dar tons argumentativos nas notícias televisivas. Tal influência é bem explicada na obra de Chaparro (2008: 208-211).

¹¹⁷ Intitulado “Jornal de Actualidades RTP” (Teves, 2007:8).

¹¹⁸ A receita da RTP a partir de janeiro de 1958 passa a incorporar as taxas pagas pelo povo português e que neste primeiro ano, alcançaram a marca de 360 escudos, quantia que estava longe de assumir a expressão financeira requerida pela emissora.

A televisão brasileira, por sua vez, como já dito, seguiu mais proximamente ainda o modelo norte-americano e desenvolve desde o início uma cultura intimamente ligada a fins mercadológicos. E assim, mesmo depois do golpe militar sofrido pelos brasileiros em 1964 que marcou o início da ditadura no Brasil e o fim da república populista do presidente João Goulart, a televisão brasileira continuou intimamente ligada aos ideais econômicos da elite brasileira. A censura - prévia¹¹⁹ instituída pelo governo militar brasileiro reprimia notícias, comentários, entrevistas ou critérios de qualquer natureza, abertura política ou democratização; mas não atingia o empresariado nacional, anunciantes publicitários quem, por fim, os havia ajudado à tomada de poder. Os cidadãos brasileiros assistiram, portanto, uma televisão que impunha uma “dupla censura - prévia” aos seus interesses: uma da política institucional e outra imposta pelo mercado, imposta pelos interesses da elite empresarial do país, durante os quase 21 anos de ditadura. E a partir de 1965, o império da família Marinho consolidava sua hegemonia em audiência por sua imensa supremacia tecnológica, modelos de gestão, tecnologia e profissionalismo importado dos EUA, diante das outras televisões existentes.

Dessa maneira, no Brasil, segundo Drummond (2003), o jornalismo absorveu muito mais do jornalismo norte-americano em relação aos enfoques das matérias jornalísticas. Porém, generalizando, verifica-se nos telejornalismos de ambos os países, uma supervalorização de personalidades e a publicação dos fatos sem esforço analítico, apesar de Portugal ter uma tradição jornalística de um discurso mais argumentativo (Chaparro, 2008: 208) seguindo sua tradição europeia trazida da profissionalização nos meios impressos desde o século XVIII. É um tipo de jornalismo, que tem uma abordagem mais pedagógica e uma interpretação crítica e intelectualizada dos fatos. Ou, nas palavras de Herscovitz (2000), enquanto o modelo americano é objetivo e apartidário, o modelo francês – que dá as bases ao jornalismo europeu – é bem mais subjetivo, opinativo, partidário e de cunho literário.

Ainda na classificação de Mattos (2002), uma segunda fase da televisão brasileira que o autor nomeia de “populista”, vai de 1964 a 1975, quando se consolida a indústria

¹¹⁹ Estabelecimento da obrigatoriedade todo e qualquer veículo de comunicação de ter a sua pauta previamente aprovada e sujeita a inspeção local por agentes autorizados, promulgada pelo Ato Institucional Número 5 – AI-5 em 1968.

televisiva como meio de comunicação de “massa”¹²⁰. Sua implantação e incentivo pelos governos militares também se torna símbolo de desenvolvimento e da integração nacional, através de investimentos que promoveram muito a cooperação entre o governo e as emissoras comerciais a fim de levar o sinal de televisão às regiões de difícil acesso no país. No primeiro dia de setembro de 1969, vai ao ar, pela primeira vez, o Jornal Nacional, inaugurando a era das transmissões em rede. É também a época em que a tecnologia televisiva chega à região amazônica, primeiro com a TV Manauara, uma televisão por cabo de eletricidade, colocada no ar por *hobby* da família Hauache (Berno & Agra, 2005) e que repetia a programação da TV Cultura¹²¹ e depois, em 1972, com a TV Amazonas, afiliada da TV Globo. Em 1974, a Globo fecha contratos com mais três afiliadas: TV Rondônia, TV Roraima e TV Acre. O *slogan* governista do projeto político para a Amazônia era, “integrar para não entregar”, e a implantação da televisão era o seu principal veículo de força. Os demais estados da Amazônia Legal permanecem sem televisão até os anos 80. Mas vale aqui apontar, que tal regionalização das emissões da TV Globo, não traz significativamente ao povo brasileiro composto por habitantes fora do eixo Rio-São Paulo, uma programação local de acordo com as suas diferenças culturais, econômicas e sociais, e, portanto, uma produção noticiosa que cobrisse os seus cotidianos. Passaram sim, fundamentalmente a receberem notícias paulistas e cariocas.

A terceira fase em Mattos (2002) é a de “desenvolvimento tecnológico” e está entre os anos de 1976 a 1985, incluindo o processo de abertura democrática do Brasil, em 1980. É o momento da ramificação das redes e da padronização da comunicação, com largo destaque para a atuação da hegemonia do “padrão Globo de televisão”. O *know how* comercial e investimentos financeiros são decisivos para a manutenção dos grupos. Mas a Rede Globo, como vimos acima, havia saído muito à frente e seu poderio conduz as outras redes brasileiras a adaptarem-se aos nichos de mercado deixados de lado por essa emissora. A TV Tupi é extinta, surge a Bandeirantes e a Sociedade Brasileira de Televisão – SBT,

¹²⁰ Os governos militares da época investem na capilaridade da radiodifusão como dispositivo de alcance de uma identidade nacional, ao passo em que articula os instrumentos jurídicos para a atuação no sistema, cuja base foi a implantação do Código Brasileiro de Telecomunicações, em 27/08/62 (decreto 52.026 de 20/05/1963). Cria-se também nesse período a Embratel e depois, em 1967, o Ministério das Comunicações. Em 1968 é inaugurada a Rede Nacional de microondas da Embratel e o sistema de transmissão via satélite.

¹²¹ Televisão pública que ocupava o canal 2 VHF que foi adquirida em 1960, pelo governo de São Paulo do grupo empresarial, Diários e Emissoras Associados.

em 1980, e o investimento em anunciantes e na audiência se amplia, bem como a reorganização do mercado.

A TV Globo não fica apenas por aí nesta fase, inaugura também seus investimentos no exterior.

Na época, dois mercados apareciam como ‘naturais’: o mercado latino-americano, porque era já um grande consumidor deste género televisivo, e o mercado português devido à proximidade cultural e linguística entre estes dois países. A exportação para o mercado latino-americano parecia mais complexa, na medida em que exigiria promoção, dobragem ou tradução e haveria ainda a necessidade de enfrentar a competição de uma outra produtora de novelas, a rede mexicana de televisão, *Televisa*. Pelo contrário, em Portugal não havia competição nem barreiras linguísticas. Portugal tornou-se, então, o primeiro mercado externo da rede *Globo*. Em 1976, a *Globo* vende a telenovela *Gabriela* à Radiotelevisão Portuguesa (RTP) (Sousa, 1999:10).

A partir do imenso sucesso de *Gabriela* em Portugal, as telenovelas passariam a ser o produto cultural mais rentável para a emissora em nível internacional, e representaria um investimento de imagem da TV Globo no mundo como a televisão que difunde a “diversidade da cultura brasileira” através da dramaturgia. Mas língua e a História comum, contada pela profícua sensibilidade de Jorge Amado, através de *Gabriela*, inaugura também um longo casamento entre TV Globo e RTP, que duraria pouco mais de 15 anos com a TV Globo fornecendo ao povo português além de telenovelas, ainda *talk-shows*, notícias do Brasil e dos desportos. A RTP pós-revolucionária¹²² também é palco dos bastidores da política brasileira, quando o povo brasileiro luta pela abertura democrática e pelo retorno de vários intelectuais e líderes da esquerda brasileira que haviam sido exilados durante a ditadura. Um movimento que tem seu auge no ano de 1979, conhecido como “Movimento Pró-Anistia”. Quase todas essas pessoas mantinham relações no exílio com o movimento revolucionário português e vários são entrevistados pelo telejornalismo da RTP depois da Revolução dos Cravos.

Para vários autores portugueses essa época (Costa e Cunha, 2003; Torres, 2011, et. al) apesar da continuidade do monopólio da RTP, os portugueses experimentaram um processo de modernização através da televisão generalista, mudando hábitos e costumes após a Revolução do 25 de Abril. Foi uma fase onde o conteúdo de ficção e entretenimento ganhava mais valor de audiência para os portugueses, já que a RTP havia passado os

¹²² O jornalismo desenvolvido pela RTP após a revolução era dirigido por militantes oriundos do referido movimento revolucionário de 25 de abril e tinha, portanto, forte fidelidade à ideologia democrática.

últimos 20 anos sob a égide da censura e da propaganda governamental e tinha uma informação viciada por tantos anos de funcionamento como um “megafone do regime do regime salazarista-marcelista” (Sobral, 2012:146). Uma reflexão que por si só presume que o povo português encontrava-se em fase de alienação política.

A quarta fase do desenvolvimento da televisão brasileira, de acordo como o mesmo autor, é a da “transição e da expansão internacional” (1985-1990), é o período em que se melhor define uma linguagem televisiva¹²³ e em que se amplia a produção de programas com os códigos específicos dessa linguagem e de formas próprias de produção nacional. É também caracterizada pela intensificação da exportação destes programas, embora esta expansão internacional tenha se iniciado já no período anterior. É também a fase de intensa relação entre TV Globo e RTP, na venda de conteúdos de ficção e informação, mas que acabará logo a seguir com o rompimento entre as duas emissoras (inclusive com brigas judiciais), como explicarei mais adiante.

Em Portugal, este período é marcado pelo começo das emissões a cores (7 de março de 1980) e a consolidação do gosto português pelos conteúdos de ficção – com maior audiência do que os conteúdos informativos – inclusive com o surgimento das primeiras telenovelas portuguesas que despontam com *Vila Faia*, em 1986. Tendência que se confirmou através da constante presença das produções brasileiras na tela da RTP. Cunha (2003) explica esta aceitação por motivos de identificação do público português com as temáticas e com os conteúdos e porque os espectadores da época veem na telenovela um agente de modernização.

Seguindo o caminho de evolução histórica e, de acordo com a perspectiva de Rogério Santos, é de salientar que “na segunda metade da década de 80 e anos seguintes assistir-se-ia a uma profunda mudança na área dos media em Portugal” (2007: 86). Nesta época a RTP ainda beneficiava-se como única televisão em Portugal, mas, começam a surgir no país ecos europeus de necessidade de diversificação da oferta televisiva vindos dos países vizinhos, onde predominavam as televisões estatais, e onde os gostos se tornavam mais variados. Inaugura-se assim, o tempo de abertura dos canais privados no bloco europeu. Também em Portugal se evidencia, nesta fase, necessidades de

¹²³ Até aqui a televisão ainda se utiliza muito das linguagens absorvidas dos meios impressos (tanto textual quanto fotográfica transformada em imagética) e, principalmente dos radiofônicos.

reorganização que culminam na segunda revisão constitucional de 1989¹²⁴, o que vem permitir o fim de vários anos de exclusividade da RTP e a abertura da atividade ao setor privado. Ultrapassado o obstáculo da lei, e, num contexto de grande polémica sobre o processo de atribuição de frequências, Cavaco Silva concede, em 1992, duas frequências de televisão nacionais: uma à Sociedade Independente de Comunicação (SIC), liderada por Pinto Balsemão e outra à Televisão Independente (TVI), um canal associado à Igreja Católica.

A TV Globo rompe com RTP e assina um contrato de parceria e exclusividade no fornecimento de conteúdos com a Sociedade Independente de Comunicação – SIC¹²⁵, adquirindo 15% das ações da empresa portuguesa, o máximo permitido pela lei para investidores estrangeiros, o que representava cerca de 34 milhões de dólares (Sousa, 1999:11), mas não só:

[...] para além do investimento directo, a *Globo* tinha outro capital: o *know how* e a longa experiência no mercado televisivo. Uma vez que o Conselho de Administração da SIC e os directores da empresa viam a *Globo* como um modelo de sucesso, e considerando a sua reduzida experiência no campo televisivo, havia uma forte predisposição para aprender com a *Globo*. O presidente do Conselho de Administração, Pinto Balsemão, e o Director da Programação e da Informação, Emídio Rangel, fizeram várias viagens de trabalho ao Brasil para perceber a organização da *Globo*, a sua estratégia e lógica de funcionamento (Sousa, 1999:13).

Entretanto, por força do contrato de transferência de conteúdos culturais ainda em vigor com a RTP, o povo português passa a assistir novelas brasileiras nas duas televisões ainda por mais dois anos. Isso cumpria o direito adquirido pela RTP por força judicial. Depois, a RTP perde audiência na ficção, mas continua sendo a preferida dos portugueses no telejornalismo, alcançando entre 1% e 5% a mais do que as outras duas emissoras concorrentes, no *ranking* de audiência nos horários dos informativos¹²⁶ por duas décadas seguintes. Hegemonia que se cumpre até o final desta pesquisa, ou seja, o ano de 2011.

¹²⁴ A Constituição pós-revolução, de 1976, ainda proibia o funcionamento de mídias privadas em Portugal. Isto termina em 1989, com a revisão do texto constitucional.

¹²⁵ “Ao filho de Roberto Marinho, Roberto Irineu Marinho, responsável pelo Audiovisual e Novos Mercados, e ao líder do projecto SIC, Pinto Balsemão couberam, então, a tarefa de convencer o homem-forte da *Globo* de que a SIC seria um bom investimento. Pinto Balsemão percebeu que a *Globo* era fundamental para o seu projecto de televisão e Roberto Irineu, tendo falhado o seu primeiro investimento na Europa (*Telemontecarlo*) procuraria uma outra forma de provar que a *Globo* poderia investir o seu capital em território europeu com sucesso (Sousa, 1999:12)”.

¹²⁶ O primeiro ano em que o telejornalismo da TVI ultrapassa em 1%, a audiência da RTP foi o ano de 2012 (Grupo Marktest/Media Monitor ,2013). A SIC em relação aos informativos sempre ficou atrás da RTP.

A produção noticiosa da RTP passa os anos 90 oscilando entre duas ideologias informativas: a de mercado, imposta pela concorrência em um capitalismo tardio que traz graves crises financeiras para Europa, e a de proteção do interesse público, a que foi destinada, imposta por sua regulamentação¹²⁷ e exigida pelo público, principalmente depois da entrada de Portugal para o bloco da União Europeia. Na segunda metade dos anos 90, a RTP procura a abrangência da língua, criando a RTP Internacional e depois a RTP África. O programa de governo de António Gutierrez (1995-1999) confere grande importância ao conceito de Lusofonia em âmbito da comunicação social. Queria uma estreita articulação e cooperação com os países da língua portuguesa para melhorar a infraestrutura da mídia, da formação profissional e criar um espaço amplo de distribuição de bens culturais na língua portuguesa “susceptível de reforçar laços afetivos e econômicos com a África e com o Brasil (Assembleia da República, 1995, ponto 8.3, alínea d).” (Apud Sousa, 2000: 5).

No início, a emissora dava mais importância na viabilização dos sistemas de distribuição para uma maior abrangência possível de todo o globo terrestre, do que à qualidade da programação: “Chegar aos cinco continentes e atingir os míticos 200 milhões de falantes da língua portuguesa parecem ter sido os objetivos mais importantes” (Sousa, 2000: 7-8).

De qualquer forma, a RTP segue dividida entre duas correntes fortes tendenciais, enquanto a Globo alinha-se no padrão global do telejornalismo que advoga os princípios de objetividade e de imparcialidade tão confortável aos fins mercadológicos da iniciativa privada dos meios de comunicação, e que se tornou hegemônico apesar da relutância dos meios europeus. Percebe-se ainda que a televisão em Portugal teve um impacto grande com a criação das televisões privadas e mais ainda com o desenvolvimento da SIC, cuja supremacia na lógica das audiências acabou por influenciar todo o seu sistema televisivo português, abasileirando-o e/ou americanizando-o através dos laços estreitos com a Globo, primeiro durante o monopólio da RTP e depois com as televisões privadas, pois todas as

¹²⁷ O Contrato de Concessão de 31 de Dezembro de 1996 é - comparativamente com o de 1993 - mais pormenorizado e refere-se ao papel da concessionária não tanto em termos de tarefas de serviço público, mas como missão de serviço público. Nesse âmbito, a RTP fica obrigada à emissão de programas de difusão internacional destinados aos portugueses espalhados pelo mundo e, em geral, a todos os que se exprimem na língua portuguesa (cláusula 4, ponto 2 e cláusula 5, ponto 4). Concretamente no plano da programação, o contrato estabelece que a RTP deve contribuir, através das suas emissões internacionais, para a caracterização da identidade nacional e dos seus valores culturais, para a difusão da língua e o alargamento da solidariedade e cooperação com todos os povos comunidade lusófona (cláusula 6, ponto 1, alínea o) (Sousa, 2000:6).

televisões lusitanas adotaram lógicas de imitação ao nível de produtos ou de programação e de conteúdos (Sousa, 1999:17). Uma tendência que também vem acontecendo de forma mais lenta, de uma maneira geral, com as televisões europeias. Mas que a tal proximidade com a língua entre brasileiros, portugueses e africanos, acelerou o processo em Portugal diante da força do império cultural da TV Globo¹²⁸, diretamente na RTP, e depois indiretamente, através da TV SIC.

A lógica do jornalismo como prestador de serviço ou de interesse público, parece, entretanto, ainda estar presente na RTP – nem que seja apenas por força de sua regulamentação -, por sua história muito associada à preocupação com os meios de comunicação, enquanto promotores da contínua melhoria da vida cultural dos usuários, o que não acontece no Brasil. Como bem definiu o jornalista e professor português radicado no Brasil,

Lá (Portugal), ao contrário do que persiste no Brasil, os empresários donos dos meios não são e nem se imaginam que possam ser diretores de redação. Mas também em Portugal, como, afinal no mundo capitalista, a lógica do mercado avança, de forma inexorável na área da Comunicação social, delineando perspectivas de crescente poder de interferência do capital nas razões do jornalismo – o que exigirá da sociedade, por suas instituições democráticas, a criação de fundamentos e mecanismos que preservem e fortaleçam o valor público da atividade jornalística (Chaparro, 2002: 106).

Aliás, foi essa a razão pela qual a mídia europeia nasce sob a tutela dos estados-nação, justamente para se tornarem independentes dos números da audiência.

Mas por que o modelo americano do telejornalismo objetivo é vitorioso e acaba por promover mesmo que indiretamente, como no caso de Portugal, uma colonização lenta e progressiva dos meios de comunicação europeus? O que esta cultura jornalística da objetividade da notícia oculta ou revela diante do ideal do telejornalismo de serviço público e diante do telejornalismo de viés comercial? São tais inquietações que afinal fazem a escolha da pesquisa se efetuar em duas televisões de origens diferentes, posto que estudar a televisão privada de maior audiência em Portugal com noticiário sobre a Amazônia produzido pela TV brasileira, significaria estudar a mesma coisa em relação ao Brasil. Para responder a essas perguntas, sigo primeiro, com uma breve explanação sobre a

¹²⁸ As Organizações Globo detêm hoje cerca de 100 empresas de radiodifusão, editoras e jornais impressos. Atuam em toda a parte do globo terrestre e empregam em torno de quatro mil jornalistas, entre correspondentes nas principais capitais do mundo e jornalistas nacionais. Além disso, a televisão firmou contrato com grupos empresariais em todo o Brasil, detendo hoje a principal audiência em todos os estados brasileiros com as suas 122 afiliadas. Chegou a ser considerada a quarta maior televisão do mundo (ficando atrás apenas da NBC, ABC e CBS), o que, entretanto hoje, carece de pesquisas (Sousa, 1999:4).

teoria da produção noticiosa e sua rotinização no exercício da atividade na televisão para depois chegar à sociologia das ausências no Jornalismo.

2.2 A produção do noticiário televisivo: teoria e prática da notícia

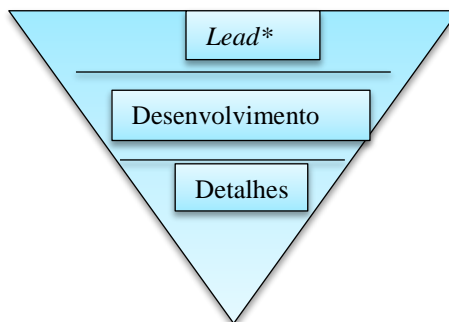
A cultura da objetividade ao se tornar hegemônica vem produzindo, principalmente no meio televisivo um equívoco já apontado por Chaparro, pois “até a notícia dita objetiva, construída como informação pura, resulta de seleções e exclusões deliberadas, controladas pela competência opinativa do jornalista” (Chaparro, 2008: 162). O próprio conceito teórico de notícia torna-se de difícil definição diante do paradigma de separação de opinião e informação no interior da cultura objetivada do jornalismo.

Em geral, na normatização da cultura objetiva, por notícia tem-se absorvido o conceito fácil de um tipo de apresentação de um acontecimento novo, atual, etc., de interesse público de conteúdo político, cultural, social, etc., construído pelos jornalistas e veiculado pelos meios de comunicação que será apresentado em um tipo de narrativa curta e meramente informativa para dar conta da realidade cotidiana. A notícia então, considerada como “a matéria-prima” do jornalismo, estaria desta maneira no âmbito da informação e não da opinião, segundo o paradigma citado anteriormente.

Assim, o formato técnico da escrita da narrativa desenvolvido desde o inglês *Courant*, para garantia da objetividade, devem apenas responder logo no primeiro parágrafo – o chamado *Lead* (forma aportuguesada da palavra inglesa, “*Lide*”, que significa “Guia”) - em sua estrutura as seguintes perguntas: "o quê?", "quem?", "quando?", "onde?", "como?", "por quê?"; em um texto estruturado na “forma da pirâmide invertida”, ou seja, começando pelas respostas das perguntas acima, que seriam os fatos mais relevantes do acontecimento a ser noticiado que devem informar minimamente o cidadão a ponto de, se por acaso este não tiver tempo ou vontade de ver, ouvir ou ler mais nada, garantir a absorção da informação. A seguir apresenta-se o desenvolvimento do acontecimento – uma espécie de extensão de resposta à pergunta “como?”, para depois ir afunilando para os detalhes, que seriam menos relevantes, pois a informação primordial já estaria dada.

Em um texto escrito – o de mais fácil demonstração – os professores ensinam a estrutura da notícia objetiva aos futuros jornalistas como na figura abaixo:

Figura 4: Esquema técnico estrutural da notícia objetiva



Na televisão – suporte que agrupa diversas linguagens – o *Lead* estaria na apresentação da notícia (a “chamada da matéria”) feita pelo (a) “âncora” no Brasil, ou “pivô” em Portugal¹²⁹; o desenvolvimento da notícia estaria por conta das participações das falas dos repórteres e das edições e sua ampla gama de recursos na construção sonora, imagética e gráfica do acontecimento noticiado e por fim; os detalhes, no fechamento da matéria que normalmente apontam consequências futuras ou apelam para a memória do telespectador apontando para um passado conhecido.

Mas muito antes da escrita da notícia, porém, o que determinariam as escolhas feitas pelos jornalistas e da equipe como um todo, dos acontecimentos que serão noticiados? A ligação entre características da organização do trabalho nos órgãos de comunicação de massa e elementos da cultura profissional é absolutamente estreita e vinculativa. Explico: a superabundância dos acontecimentos disponíveis na realidade passíveis de serem noticiados indicam três obrigações aos veículos de comunicação. A primeira, a mais óbvia, é que precisam tornar conhecido um fato que é desconhecido do público, ou seja, precisam conferir notabilidade ao acontecimento escolhido. A segunda, é que precisam elaborar um relato de forma que não tenha um tratamento idiossincrásico do acontecimento. A última, que devem organizar, temporal e espacialmente, o trabalho de modo que os acontecimentos noticiáveis possam afluir e serem trabalhados de uma forma planificada.

¹²⁹ A diferença cultural jornalística aparece na terminologia utilizada no dia-a-dia pelos jornalistas: os brasileiros se utilizam da palavra “âncora” apreendida dos americanos e os portugueses da palavra “pivô”, apreendida dos franceses, ambas são significadas para indicar os apresentadores dos jornais.

Por isso, o que define que um acontecimento será ou não tratado como notícia é precisamente, o conjunto de características que os acontecimentos devem possuir (ou apresentar aos olhos dos jornalistas) para poderem ser transformados em notícias, isto é, para conseguirem cumprir as três obrigações atrás citadas. A isto se chama de noticiabilidade.

A noticiabilidade é constituída pelo conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos - do ponto de vista da estrutura do trabalho nos órgãos de informação e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas - para adquirirem a existência pública de notícias. Tudo o que não corresponde a esses requisitos é «excluído», por não ser adequado às rotinas produtivas e aos cânones da cultura profissional. Não adquirindo o estatuto de notícia, permanece simplesmente um acontecimento que se perde entre a «matéria-prima» que o órgão de informação não consegue transformar e que, por conseguinte, não irá fazer parte dos conhecimentos do mundo adquiridos pelo público através das comunicações de massa. Pode também dizer-se que a noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de entre um número imprevisível e indefinido de factos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias (Wolf, 1999:83).

Assim, um acontecimento é noticiável dependendo dos interesses e das necessidades do órgão informativo e/ou dos jornalistas e adquirem valor no exercício cotidiano da atividade jornalística: é uma definição ainda funcionalista de jornalismo. Mas nenhum tipo de jornalismo pode se furtar da singularidade dos fatos como fenômeno. O olhar da fenomenologia sobre o jornalismo aponta a singularidade do fato como essência da notícia (Genro, 1987). Tal singularidade será percebida pelo olhar particular de cada envolvido na construção noticiosa, para além do fato noticioso estar inserido no contexto particular e universal das sociedades. São os chamados valores-notícia. São eles que em suma vão determinar a identidade do jornalismo em cada tempo-espço histórico, em cada empresa de comunicação e em cada exercício da profissão. São os princípios culturais de organização que governam os acontecimentos noticiados. Todo e qualquer jornalista precisa ter “óculos particulares”, para usar a metáfora de Traquina, ou “faro para a notícia”, na metáfora mais popular da profissão jornalística, para descobrir qual a singularidade do acontecimento que receberá o seu valor-notícia.

São muitos os académicos que listaram e explicaram o significado em cada valor-notícia que não caberiam todos neste estudo, além de torná-lo enfadonho a qualquer leitor. Mas considero que na teoria de Nelson Traquina temos uma atualizada, completa e consensual (pela comunidade interpretativa, os jornalistas) listagem dos valores que vêm

operando no jornalismo televisivo dos nossos dias e construindo a ética cultural no acompanhamento do cotidiano, representação de realidades e identidades sociais.

O autor retira dos estudos de Galtung e Ruge de 1965, a diferenciação entre valores-notícia de seleção e valores-notícia de construção. O primeiro como o próprio título conduz, são os que influenciam os jornalistas nas escolhas dos acontecimentos que serão noticiados ou não; e o segundo, são os que serão usados como critérios no processo de construção das matérias jornalísticas. Esses últimos não estão atrelados ao acontecimento e sim às condições processuais de escrita e edição na construção da notícia pelas linguagens: textuais, imagéticas e sonoras.

Dos valores-notícia de seleção, o primeiro deles é a morte. Diz Traquina: “onde há morte, há jornalistas”. É o valor-notícia que explica o negativismo de mundo apresentado diariamente nos telejornais e que está sob a crença de que todo o acontecimento ruim é notícia. Mas evidentemente que não é qualquer morte, há necessidade que esta morte tenha notoriedade. Notoriedade, o segundo valor-notícia. Qualquer pessoa, para ser notícia tem que ter notória posição na sociedade, ou, adquirir notoriedade por algum fato inusitado que tenha acontecido com ela, ou ainda alguma atitude notável para com a sociedade. Tudo o que uma pessoa famosa, ou uma autoridade pública, ou uma empresa de sucesso, faz, é noticiável. Acontecimentos e espaços geográficos também podem ser notórios, seja pelo impacto, seja pela importância que causam nas audiências.

O terceiro valor-notícia é a proximidade, seja ela geográfica ou cultural. Por exemplo: quando o avião da empresa Gol Linhas Aéreas caiu na Amazônia, foi um acontecimento noticiável no mundo inteiro pelo número de mortes, mas na TV RTP tanto enfoque, quanto as repetições do acidente nos noticiários foram também porque havia um português a bordo da aeronave. A preocupação era primeiro a da identificação rápida desse homem e depois, no traslado do corpo para prestar serviço à família. A nacionalidade justificou o valor de proximidade usado na notícia da tragédia.

O quarto valor-notícia é a relevância: “responde à preocupação de informar o público de acontecimentos importantes, porque tem impacto na vida das pessoas” (Traquina, 2002:189). O quinto é a novidade, o valor mais caro aos jornalistas atuais: segundo os jornalistas a humanidade se interessa pela primeira vez de qualquer acontecimento, a singularidade por si mesma. Os jornalistas têm verdadeiro horror ao que

já foi dito e só voltam a um assunto se este trazer alguma coisa nova, singular. O sexto valor é o tempo em suas diferentes formas: efemérides, aniversários/comemorações de personalidades/temáticas importantes, permanência de um assunto histórico.

Outro valor importante é o da notabilidade e merece ser olhado de perto. Trata-se da qualidade do que é visível ou tangível para os jornalistas. Por exemplo: uma greve de trabalhadores, na mentalidade dessa comunidade interpretativa é mais visível, ou para falar de televisão, fornece mais audiência do que apenas uma matéria sobre as condições de trabalho dos trabalhadores. Ou vinte mortes são mais visíveis do que apenas uma. Ou ainda, um assassinato é mais visível do que uma morte natural. Aqui está uma das maiores críticas que o jornalismo vem recebendo, principalmente dos movimentos sociais afinal, é um valor que nos aponta para a legitimidade da profissão e sua responsabilidade social de cobertura dos interesses públicos e, como alerta Traquina, mostra que o “campo jornalístico está, sobretudo, virado para a cobertura de acontecimentos e não tanto para problemáticas” (Traquina, 2002: 190-191) sociais.

O sexto valor é o inesperado, ou seja, um acontecimento de enorme noticiabilidade e que surpreende todos os jornalistas. Um exemplo foi o ataque às Torres Gêmeas, nos EUA, no fatídico 11 de setembro de 2001. E por fim, temos o valor-notícia do conflito ou controvérsia, ligado intimamente à violência física ou simbólica e à transgressão ou infração.

Nos valores-notícia de construção, temos a amplificação. Os jornalistas acreditam que quanto mais amplificado ou enfatizado for o acontecimento, mais este será notado. Assim por exemplo, na escrita de uma chamada para televisão podemos ver este “efeito” na frase: “Brasil chora a morte de Senna” e, ao mesmo tempo, toca ao fundo a música que a emissora costumava tocar quando Senna ganhava uma prova de Formula 1, com a imagem de Senna com as mãos no rosto e cabeça baixa antes da corrida que o matou e uma bandeira do Brasil tremulando no fundo da imagem. Temos aqui a amplificação do fato em várias linguagens concomitantes. Outro valor de construção é o da relevância para o público-alvo e está muitas vezes – mas não só - atrelado ao valor de seleção da proximidade já explicado acima. Para usar exemplo de Traquina, bastante útil a este estudo,

A poluição do Mar Báltico torna-se relevante para os portugueses pelo facto de uma grande percentagem do bacalhau consumido em Portugal ser pescado nesse mar. Na construção da notícia, compete ao jornalista fazer compreender a relevância da poluição com uma referência a esse facto (Traquina, 2002: 199).

A relevância, entretanto, principalmente a que se refere à temática de meio ambiente, pode estar relacionada com os valores universais pela qualidade de vida no planeta, como a da questão do aquecimento global ou dos conflitos étnicos e etc. Trata-se então de um valor que transita entre o local e o global, conferindo relevo na linguagem do que nos é importante e próximo.

O terceiro valor de construção é a personalização ou valorização das pessoas ou locais envolvidos no acontecimento. Um valor cujo consenso entre os jornalistas é expresso na seguinte lógica: as pessoas se interessam por outras pessoas e por lugares com suas formas de vida. Um valor que tem como estratégia, para usar a expressão do referido autor “agarrar o leitor”. A dramatização é outro valor de construção que usa a lógica do reforço do lado emocional e a natureza conflituosa do acontecimento que conferem a tendência para o sensacionalismo tanto na mídia impressa, quanto televisiva. O último valor-construção é o da consonância, valor caro às teorias de comunicação de “massa” por sua qualidade universalista, pois a lógica desse valor é que a notícia deve exprimir o novo dentro de um contexto já conhecido, ou de senso comum. Uma nova estória é inserida numa velha estória Exemplo: a narrativa imprimida no título de uma notícia em Portugal: “Penafielgate”, fazendo alusão ao caso americano, “*Watergate*”.

Apenas a título de organização do pensamento que depois irá sofrer reflexão sobre os valores dos acontecimentos ecológico-ambientais, sintetizo a listagem dos valores-notícia no quadro a seguir:

Figura 5: Quadro dos valores-notícia

Valores-notícia de seleção	Valores-notícia de construção
Morte	Amplificação
Notoriedade	Relevância à proximidade
Novidade	Personalização
Proximidade	Dramatização
Relevância	Consonância
Tempo	
Notabilidade	
Inesperado	
Conflito ou Controvérsia	

Tais valores estão intimamente relacionados com as rotinas de trabalho explicitados pela Teoria do *Gatekeeper*¹³⁰, que aponta para os *gates* (portões) como áreas de decisão das escolhas do que é ou não notícia. Quando a decisão do jornalista é positiva, a notícia passa pelo portão e, se não, é descartada ou “cai”, na linguagem dos jornalistas. São muitos os tipos de portões. Vão desde a própria qualidade do olhar do jornalista para o acontecimento, passando pelos fatores de relacionamento com as fontes na apuração dos fatos, fatores naturais e contextuais que possibilitam ou impossibilitam uma apuração acurada, até o tempo e o espaço disponível no meio de comunicação no processo de edição e as possibilidades de apuração a tempo dos horários de fechos dos diários.

A importância dessa teoria é a inserção das pesadas rotinas de trabalho a que jornalistas estão submetidos relacionando-a com a cultura jornalística, mas convém complementar o uso desta teoria, posto da sua incompletude na consideração das relações de poder não contrariando – e muitos analistas concordam que ela até corrobora – posicionamentos tradicionais da *Mass Communication Research*. A Teoria do *Gatekeeper* só permite o entendimento da seleção das notícias como um processo puramente de escolha pessoal dos jornalistas, deixando de fora as pressões ou coações dos proprietários dos veículos, das agências de publicidade e anunciantes ou do próprio Estado. A crítica, portanto, é que se trata de uma teoria ainda funcionalista-positivista.

É evidente que a política empresarial ou organizacional de cada empreendimento de comunicação vai influenciar direta ou indiretamente essa gama de processos de seleção e construção da notícia. São as forças sociais explicadas pela Teoria Organizacional numa perspectiva de análise funcional da atividade jornalística. O “pai” desta teoria é Warren Breed (Breed, 1955 *Apud* Traquina, 2002) e aqui interessa por sua sistematização das relações de poder entre empresários e jornalistas que permitiu ao autor desenvolver uma importante crítica à cultura jornalística: a sutil subserviência desta comunidade interpretativa (os jornalistas, editores, produtores da notícia, etc.) à cultura organizacional. Na abordagem sociológica de Breed, a notícia é tida como resultado das injunções e constrangimentos impostos aos jornalistas pela organização empresarial dos veículos de comunicação de massa. Pensamento contrário à linha “administrativa” dos estudos da época, esta teoria só pôde disseminar-se nos estudos científicos dos meios acadêmicos

¹³⁰ Teoria da psicologia social aplicada ao jornalismo por David Manning White (1950) tornando-se à época uma das mais profícuas como teoria aplicada às pesquisas em jornalismo. O conceito de *Gatekeeper* foi publicado por Breed pela primeira vez nos EUA, no *Journalism Quarterly* em 1950.

norte-americanos a partir dos anos 70, quando começa a ruir a hegemonia funcionalista-positivista já mencionada.

Segundo Breed ainda (*Apud* Traquina, 2002), seis fatores são promotores da subserviência dos jornalistas às políticas das organizações a que pertencem. O primeiro, a autoridade institucional e as sanções; que tiram os jornalistas de editorias mais respeitáveis ou mais agradáveis para outras consideradas menores ou menos atraentes (como a cobertura das delegacias policiais, por exemplo) ou ainda, retira-os das coberturas de acontecimentos mais notáveis para outros menos notáveis, ou passam a ter suas publicações de peças fora da chamada de primeira página, ou com assinatura ou não das peças e etc. O segundo, os sentimentos de obrigações e de estima para com os superiores; são frequentes as relações de cumplicidade com os veteranos que ensinaram aos mais novos as suas atribuições. Terceiro, as aspirações de mobilidade; no desejo de alcançar posições de relevo. Quarto, a ausência de grupos de lealdade em conflito; como a ausência do trabalho sindicalista nas empresas de comunicação. Quinto, o prazer da atividade; os jornalistas na sua grande maioria gostam do que fazem. E por fim, os valores-notícia; pois é consenso absoluto que para ser um bom jornalista é preciso estar atento à busca de notícias valoradas, como classificado acima, por 24 horas ao dia, além de correr contra o tempo para vencer a hora de fecho. Isto constrói uma atmosfera de cooperação entre jornalistas e editores, não havendo tempo para contestações à política editorial da empresa.

Mas a Teoria Organizacional também identificou fatores de autonomia ou brechas no controle dos empresários ao trabalho dos jornalistas. O mais forte deles é que a política editorial dos veículos não possuem normas claras e estruturadas. Quando muito essas normas são estabelecidas por um manual de redação que não abrange todas as infinitas possibilidades de produção de uma notícia e tampouco aquelas que envolvem questões inconvenientes de serem assumidas publicamente pelos empregadores. Além do mais, nas andanças e relacionamentos com fontes diversas, os jornalistas criam à sua volta um campo de autonomia em muitos momentos no processo de produção que o permite muitas decisões: quem entrevistar, quem ignorar, o que perguntar, e o que não perguntar, que ênfase dar à escrita do texto, e o que não mencionar.

E muitas outras formas de subversão às políticas hegemônicas saem da contradição ideológica existente entre as organizações e a própria legitimidade do jornalismo como atividade de interesse público. O próprio “salto de Barbero” demonstrado

no item anterior ganha contornos bem amplos com uma população cada vez mais midiática e com movimentos sociais conectados e ativos na Internet. Esta amplitude tem sido chamada de “revolução das fontes”, pois tanto o público quanto poder institucional e mercado agora – bem mais conhecedor das rotinas dos jornalistas e das aberturas possíveis para o rompimento da hegemonia nos meios de “massa” – alimenta a busca incessante dos repórteres por notícias fornecendo os desejados valores-notícias. Assim, acontecimentos contra hegemônicos ou situações de conflitos obtêm maiores possibilidades de visibilidades, seja através da clássica pressão da opinião pública, seja pelo acesso virtual de uma gama mais diversa de fontes.

Isto vem se dando numa via de mão-dupla entre os fluxos sociedade- jornalistas e jornalistas-sociedade numa frequência bem maior, com conseqüente maior interatividade, através da rede mundial de comunicação, da possibilidade de convergência dos meios e de todas as facilidades possibilitadas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), como a proliferação dos *blogs*, a opção da carreira autônoma no exercício da profissão pelos próprios jornalistas, as cooperativas independentes de jornalistas como os Repórteres Sem Fronteiras, com a forte imigração da audiência dos noticiários para Internet, com a exigência por uma televisão interativa, e etc.

Importa agora à compreensão da produção de notícias os conceitos teóricos como o de esfera pública ampliada, de Habermas ou da nova esfera pública em Esteves (*Supra*, p. 13), quando esta fica perfeitamente visível diante dos nossos olhos na interação da Rede Mundial com a notícia televisiva. Pois, são conceitos teóricos que permitem o reconhecimento da relativa autonomia dos jornalistas, mediante a influência que o público exerce tanto como espectadores, quanto como atores coletivos periféricos à estrutura de poder das mídias, do mercado e do Estado. Importa também toda Teoria da Ação Comunicativa de Habermas, quanto à questão específica dos efeitos midiáticos. Pode-se verificar isso no reconhecimento da majoritária tendência dos produtos jornalísticos de funcionarem como meio de controle sistêmico, visando à reprodução da ordem estabelecida e, conseqüentemente, a colonização do mundo da vida, bem como, por outro lado, com relação à possibilidade de fluxos comunicativos da periferia da estrutura de poder tornar-se, através da mídia noticiosa, poder comunicativo com articulação de opinião e vontade capaz de influenciar os poderes hegemônicos numa perspectiva de resistência a tal colonização.

As diversas teorias voltadas para o campo da produção das notícias¹³¹ convergem, portanto, com a Teoria da Ação Comunicativa de Habermas, quanto à questão específica dos efeitos midiáticos do jornalismo na sociedade. As divergências, contudo, persistem em posicionamentos contraditórios relacionados com a intencionalidade da ação estratégica perlocucionária própria do discurso jornalístico.

Esse estudo concebe a atividade jornalística como constituinte do discurso noticioso que vai influenciar em outras instituições sociais, mas que considera a existência de uma dicotomia entre uma dominação imposta por coações e pressões das instituições hegemônicas – a facticidade - e outra negociada através da construção de consensos em torno do discurso ideológico dominante, portanto, uma dominação baseada no consentimento ativo (racionalmente motivado) dos dominados sobre o que consideram como válido. Uma dominação exercida por recursos fora da linguagem (dinheiro e poder) e outra exercida discursivamente (simbólica e ideológica).

Evidentemente que a dominação exercida discursivamente frequentemente põe em cheque os veículos jornalísticos no controle das notícias, ou do seu produto final, através de atos de arbitrariedade ou de manipulação insolente, posto que não se fundamentaria minimamente na atualidade – nem nos países do Norte e nem do Sul - como atividade representativa dos interesses públicos que a legitima e a diferencia da propaganda. Assim, mesmo com a clareza da atuação da colonialidade de poder exercida pelo jornalismo, uma forma de gestão e controle das notícias pelo do exercício da força da violência hierárquica do sistema, comprometeria a credibilidade do meio de comunicação, e refletiria diretamente nos percentuais de audiência do público, além de se configurar como censura e ato inconstitucional na maioria dos países. Trata-se, portanto, de perceber antes de tudo, o jornalismo como uma ação cultural que condiciona jornalistas e públicos na visão que se tem de mundo.

A estratégia discursiva é assim, a naturalização do caráter arbitrário da produção das notícias: a afirmação histórica da indiscutível cultura da objetividade na representação da verdade e na reprodução da realidade. Portanto, ao que aqui interessa à investigação, a opção se dá embasada nos Estudos Críticos da Linguagem para a análise dos discursos noticiosos de ambas as televisões citadas. Uma teoria que reconhece na naturalização da

¹³¹ Teoria Organizacional, Teoria do Gatekeeper, Teorias Construtivistas, Teoria da Ação Política, Teoria Estruturalista e Teoria Etnoconstrucionista.

cultura da objetividade como principal função do jornalismo na realidade social, mas que também enxerga a possibilidade da mudança social já que “o discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder” (Fairclough, 2001: 94), sem, contudo, desconsiderar as muitas convergências teóricas com a linha marxista habermasiana.

Apresento e aproximo a seguir, como se efetiva essa estratégia de naturalização da cultura da objetividade de origem anglo-americana, com os estudos culturais pós-coloniais.

2.3 Sociologia das ausências no telejornalismo: sombras, apagamentos e (in) visibilidades na representação da realidade.

A marca da cultura da objetividade telejornalística vem colonizando os ideais da atividade na Europa, América Latina e recentemente em África. Identifico pelo menos quatro formas de ausências promovidas por este tipo de telejornalismo como fontes (des) organizadoras da vida social e que estabelecem relações conceituais com as formas de ausência apresentadas por Boaventura de Sousa Santos já explicitadas no capítulo anterior, com a ajuda da reflexão em Jay Rosen (1993) para a compreensão dessa “cultura da objetividade” (grifos da autora) no jornalismo.

A primeira trata da definição da objetividade como contrato que tem sua origem nos EUA dos anos 20 e 30 do século XX: de um lado os empresários, proprietários dos meios de comunicação dão independência na produção das notícias desde que de outro; os jornalistas produzam notícias objetivas e delas sejam retiradas quaisquer subjetividades que possam levar a uma opinião (Rosen, 2003: 76-75). “Os editores-proprietários ficaram do lado de fora, enquanto as corporações ficaram dentro. Foi então que emergiu uma paz negociada entre os jornalistas e suas corporações patronais”¹³². No meio impresso, dá-se a separação da opinião que vem separada das notícias que agora são apenas informações em formato curto e sintético. Os textos opinativos são assinados pelos proprietários dos jornais. Dá-se aqui uma desistência de voz por parte dos jornalistas.

Hoje em dia, entretanto, os patrões não estão autorizando a livre saída para a cobertura dos fatos, além do relato desses fatos de forma independente porque desejam a minimização dos custos de produção e a transformação da notícia em ferramenta de *marketing* para as suas empresas maximizarem lucros. Uma troca que acabou por

¹³² *Idem, ibidem*, p. 75.

aproximar a profissão dos jornalistas da publicidade. Uma forma de entender a objetividade no jornalismo, portanto, pela lógica do quinto modo de produção de ausência em Sousa Santos: pela lógica produtivista assentada na monocultura dos critérios de produtividade capitalista.

A segunda definição da cultura da objetividade no jornalismo é o que Rosen denomina de “epistemologia do jornalismo americano” pelo entendimento dessa objetividade como uma teoria em busca da verdade. Trata-se da separação dos fatos dos valores, uma teoria que defende que “[...] se se separarem os fatos dos valores, ou a informação da opinião, ou as notícias do ponto de vista, conseguir-se-á saber a verdade” (Rosen, 2003:76). E, assim, a dúvida teórica do pensamento político, liberalismo x igualitarismo, é transferida para a prática do jornalismo: liberdade de expressão x expressão objetiva. A consequência desta dúvida política é que no liberalismo chegamos ao constrangimento do exercício coletivo, do esvaziamento político da vida pública, e, no igualitarismo, caímos facilmente nas mãos do controle administrativo que põe em cheque a liberdade individual.

Tal dúvida na prática jornalística é que a liberdade de expressão supõe a subjetividade e a criatividade dos produtores da informação (jornalistas, editores, redatores, fontes especializadas ou não), pondo em dúvida a veracidade dos fatos; e a expressão objetiva oculta o papel que o jornalismo desempenha na construção social da realidade, na esfera pública. Desta forma, a teoria do jornalismo assentada na cultura da objetividade em seu afã por fazer do jornalismo uma ciência, passa por cima de toda a teoria do conhecimento, de Kant a Merleau-Ponty, da clara impossibilidade de um conhecimento absolutamente objetivo de mundo, dada à importância da subjetividade na apreensão dos objetos observados, representada na velha frase de Heisenberg: “na ciência, o objeto de investigação não é a natureza em si mesma, mas a natureza submetida à interrogação dos homens”. Temos aqui, portanto, a naturalização de uma ausência produzida na lógica da “monocultura do saber e do rigor do saber”, como mostrou Sousa Santos no seu primeiro modo de produção da não existência, deitando fora “cânones exclusivos de produção de conhecimento” (Santos, 2008:103) e protocolando no cotidiano a reificação de mundo.

A terceira forma de compreender a objetividade no jornalismo trata de um conjunto de rotinas e procedimentos que vão incidir na linguagem, já citados no item

anterior, como “técnicas do fazer jornalístico”. Na recolha de notícias através das escolhas pautadas nos valores-notícia, a confiança nas fontes oficiais por parecerem mais credíveis ou objetivas; a escolha da escuta de dois lados extremos de pontos de vista sobre o fato tratado, tentando equilíbrio entre duas partes; a técnica de escrita no formato da pirâmide invertida, a resposta às cinco questões que sumarizam o acontecimento logo nos primeiros parágrafos ou na chamada para a matéria (formulação do *lead*) para só depois chegar aos detalhes; e, na televisão, as imagens com o texto em *off* que colocam o acontecimento diante dos olhos do telespectador tentando colocá-lo em cena. São técnicas que não só procuram a objetividade no equilíbrio de duas partes radicalmente contrárias para passar imparcialidade, como procuram superar o tempo, fazendo com que o público vivencie o acontecimento como se dele fosse partícipe. Então, contração do tempo presente e expansão do futuro com consequente aumento das expectativas em relação ao fato narrado.

Tal compreensão da objetividade introjetada no hábito de fazer jornalístico por repórteres cinegrafistas, fotógrafos, apresentadores e etc., robotizam a rotina de trabalho, retiram a sensibilidade muitas vezes exigidas para pluralizar entendimentos. Trata-se assim, tanto da ausência da monocultura do saber, quanto da monocultura do tempo linear e da lógica da classificação social (classificação hierárquica da importância das fontes, dos fatos, das notícias), todas ao mesmo tempo produzindo a compreensão de mundo pela concepção ocidental europeizada e/ou americanizada. Temos aqui a primeira, a segunda e a terceira ausências de Sousa Santos, combinadas e sistematizadas muitas vezes num só trabalho jornalístico.

A busca pelo equilíbrio da escuta jornalística para mim é a mais grave, pois produz ocultamentos que veem sendo negligenciados até pelos sociólogos da comunicação, como explica Rosen,

A objetividade enquanto equilíbrio tem um outro objetivo interessante que é pouco notado. Quando se vai e se avança no reino político à procura do equilíbrio, tende-se a ver o mundo de uma certa forma. Tende-se a vê-lo em termos de polos extremados. Escuta-se – e ouve-se – as pessoas de um lado a dizer uma coisa, e as do outro lado a afirmar o contrário. A forma mais fácil de produzir a impressão de equilíbrio é recolher essas duas posições extremas e pô-las em conjunto. Parte da vantagem de fazer isto é reivindicar estar-se no meio (Rosen, 2003: 77-78).

Para estarem no “meio”, jornalistas perdem as vozes dos “muitos meios” (ponderações, articulações entre um polo e outro, desvios de pensamentos que podem promover novas emersões de sentido), deixando de ouvir, por exemplo, populações inteiras

vitimadas pelo afã do desenvolvimento capitalista em seus *habitats* e produzindo desconhecimento de mundo. Mas Rosen vai mais além no seu pensamento, no que define como astúcia da objetividade como rotina do trabalho jornalístico, e pensa na naturalização dessa escuta “pelo meio” (grifos da autora), pelo público telespectador e seu retorno para a mentalidade crítica do próprio jornalista numa espécie de “efeito bumerangue” (grifos da autora), e que não permite mais entender o que é matéria jornalística objetiva ou matéria jornalística de opinião, como nas colunas dos jornais ou nos editoriais televisivos:

Podemos então ver a objetividade como um dispositivo, não só para desvalorizar a crítica, tal como o faz, mas, ainda mais engenhosamente, para produzir um gênero de crítica que é facilmente desvalorizada. A objetividade põe toda a gente a discutir a parcialidade das colunas noticiosas. Leva toda a gente a dizer: “Não és objetivo. És parcial”, o que faz com que o jornalista para poder fazer pouco caso do que o crítico está a dizer, passe imediatamente a vê-lo como parcial. Este é provavelmente o efeito mais nefasto e insidioso da objetividade. Produz um gênero de crítica que é facilmente contornável pelos próprios jornalistas, o que é uma forma de viver sem crítica. É esse objetivo da posição do jornalista Sam Donaldson quando diz que as pessoas da esquerda defendem isto e as da direita defendem aquilo. Isto dá-lhe carta branca para desconsiderar o que todos dizem. É aqui que, segundo o meu ponto de vista, a objetividade se torna extremamente prejudicial para a credibilidade do jornalista, uma vez que elimina a possibilidade de aprender com a crítica. (Rosen, 2003: 78).

A quarta e última forma de compreensão da objetividade em Rosen, corresponde à quarta ausência em Sousa Santos, isto é, à lógica da escala dominante. Apesar de ser a menos habitualmente defendida entre os jornalistas na atualidade, ainda pode ser percebida nas máximas do cinismo. É a objetividade como técnica de persuasão, como estratégica de retórica na televisão. Trata-se da isenção total do jornalista sobre o fato, o que Rosen chama de demagogia: “Estou apenas a entregar-vos os fatos. Não tenho qualquer envolvimento com os fatos. Os fatos não me preocupam particularmente. Não é problema meu”¹³³.

Nada mais é do que uma retórica que concebe o fato com uma objetividade que cria uma autoridade na cultura, já que o jornalista detém o poder da comunicação legitimado pela imagem televisiva que está a mostrar e ganha assim, o direito de ser ouvido, o direito de ser tomado a sério, a capacidade de ser persuasivo na sua visão de mundo. É ele que está com a palavra e com a imagem, o telespectador na maioria das vezes está calado, sentado ao sofá. Além disso, a televisão é a entidade que está num local dominante na escala globalizadora dos meios de comunicação. E de nada adianta trocar o

¹³³ *Idem, ibidem: 79*

canal ao pressionar o botão de um controlador televisivo, porque muito provavelmente lá estará outro jornalista falando a mesma notícia, mostrando a mesma imagem, dando-a do mesmo jeito, usando a mesma retórica que aponta para a percepção de que, “afinal, os fatos são como são”.

E, no *locus* escalar dominante da globalização, as televisões seguem emitindo o telejornalismo do modelo americano, colonizando outros modelos existentes ou até mesmo possíveis de existir, na produção das quatro formas de ausências citadas na objetivação da realidade: na ausência produzida nas relações contratuais do trabalho jornalístico, na ausência de outras epistemologias no modo de se teorizar o Jornalismo de uma maneira geral e as notícias em particular, nas técnicas das rotinas de trabalho e no tratamento da linguagem e ainda, na persistência da retórica da persuasão permitida pela imagem não percebida como mais uma linguagem agregada estrategicamente, pela audiência.

Mas a cultura da objetividade tem em seu viés benéfico ainda a sua importância no ideal de construção da democracia. Quando a objetividade expressa à esperança e aposta no processo democrático. Trata-se do que Rosen chamou de “concepção desinteressada da verdade”: apresentação de fatos ou objetos comuns para que várias perspectivas incidam sobre eles num futuro próximo e o debate se processe. Prefiro, entretanto, denominar através da definição clássica de concepção de “interesse público” da verdade. Por exemplo, na seguinte notícia emitida pela TV Anhanguera no jornal local, em junho de 2010, época em que as chuvas voltam a escassear na região:

“14 mil e 500 focos de incêndio provocados por queimadas da vegetação do cerrado, no Estado do Tocantins no ano de 2009, custaram dez milhões de reais ao Sistema Único de Saúde com internações e tratamento da população, que sofreu uma variedade de doenças das vias respiratórias durante o ano”.

Trata-se de um objeto comum importante para a definição de uma situação que se repete, ou de um fato ligado a um acontecimento que está no nível mais elementar para a vida das pessoas e que se passa fora de suas casas. A objetividade aqui incita a discussão em torno da prática frequente na agricultura brasileira na queimada do solo para uma mais rápida colheita da safra seguinte e assim, como define Rosen,

A objetividade (desinteressada) é uma das formas de a cultura expressar esta esperança de se apresentar à comunidade política um objeto comum para que os seus membros possam ter dele várias perspectivas, e discordar de uma forma produtiva. O objeto comum é importante porque ficamos, a saber, se as pessoas discordam em tudo – sobre a definição da situação, sobre aquilo que consideram como fato [...] Se discordam relativamente a tudo isso, não vão estar predispostos a discutir uns com os outros. Vão estar predispostos a matarem-se

uns aos outros. Por isso, a objetividade é a expressão desta muito nobre, mas muito necessária, esperança de que quando uma comunidade política discorda se possa recorrer à via racional preterindo a (mais comum) via da violência. É por essa razão que não podemos deitar fora a objetividade, tal como algumas pessoas – em especial, alguns académicos – estão inclinadas a defender. É por isso que a objetividade é importante. Encoraja-nos a concordar com algumas coisas para possamos discordar de uma forma produtiva noutras coisas (Rosen, 2003:79-80).

Esta é a forma discursiva da objetividade admitida e até sugerida pelo movimento para um novo paradigma de pensamento sobre o jornalismo: o movimento pelo “Jornalismo Cívico”, para Traquina e Mesquita, ou “Jornalismo Público”, para Jay Rosen, reivindicado mais fortemente a partir dos últimos anos do século passado¹³⁴. Um clamor para unir o ideal democrático à representação da vida social que há quase vinte anos vem provocando discussões até mesmo entre os jornalistas norte-americanos preconizando uma quebra das rotinas gastas e asfixiantes da sociedade. Tal movimento parece concatenar-se com os ideais da cultura ecológica que também explode em reivindicações nos anos 90 como vimos no capítulo anterior. Movimento ambientalista, ecólogos, académicos e jornalistas em todo o mundo discutem os valores da profissão e das notícias e preconizam uma reforma para a atividade. Em relação à questão ecológica e ambiental, trago a seguir a atualização desta discussão no pensamento no espaço da língua portuguesa.

2.4. O Meio Ambiente e Telejornalismo: o clamor pela reforma dos valores culturais do jornalismo em tempos de crise ecológica

Pensar a possibilidade de desenvolver uma disciplina com o título de “Jornalismo Ambiental”, como prática política - cultural de pós - colonialidade¹³⁵, exige um rigor no olhar ao longo caminho que ainda precisamos trilhar, afinal e concordando com Dussel, é um trabalho que está inteiro por ser construído, já que os sociólogos da comunicação permanecem na impassibilidade do olhar eurocentrista: “Nem Lavinas, nem a Escola de Frankfurt conseguem superar a modernidade por não terem observado a colonialidade do exercício do poder ocidental” (Dussel, 2009). Mas, “observar a colonialidade do exercício

¹³⁴ Traquina, por exemplo, identifica o início deste movimento no ano de 1998, quando “a frustração generalizada com a cobertura da campanha presidencial norte-americana desse ano, marcada pela publicidade negativa, pelas “oportunidades fotográficas” como a visita dos candidatos às fábricas de bandeiras e às bases militares, pelas polémicas em torno de questões secundárias, em suma, pela superficialidade, reforço outras críticas fundamentadas pelos estudos empíricos já realizados desde os anos 70 sobre o papel dos media na política” (2003:10).

¹³⁵ A informação ambiental como ferramenta social para a descolonização da Natureza, ou seja, a luta por incluir a humanidade na Natureza na natureza da humanidade. A colonização da Natureza é processo histórico do lugar exterior ao ser humano da Natureza, sempre vista como ameaça ou como recurso.

do poder ocidental” na imprensa de massa, significa mais. Significa compreender como Lourenço (1992: 2) o quanto a linguagem nos inventa muito mais do que inventamos a linguagem. A Língua como signo privilegiado de identidade e como destino da pluralidade cultural que hoje encerra os falantes da língua portuguesa, por exemplo, e por isso mesmo permite as traduções das nossas diferenças, como nos disse o filósofo português:

A pluralizada língua portuguesa tem o seu lugar entre as mais faladas no mundo. Isto não basta para que retiremos dessa constatação empírica um contentamento, no fundo, sem substância. Se contentamento é permitido, só pode ser o que resulta de imaginar que esse amplo manto de uma língua comum, referente de culturas afins ou diversas, é, apesar ou por causa da sua variedade, aquele espaço ideal onde todos quantos os acasos da História aproximaram, se comunicam e se reconhecem na sua particularidade partilhada. Não seria pequeno milagre num mundo que sonha com a unidade sem alcançar outra coisa que o seu doloroso simulacro. (Lourenço,1992:13).

A dor do simulacro que também significou a colonização em português da natureza amazônica, por exemplo, e toda a humanidade que nela se insere, e que agora enfrentamos o imenso desafio numa perspectiva de descolonização. A língua portuguesa foi, e continua sendo, o elemento cultural que se fez um dos principais alicerces, seja da construção identitária erigida no espaço europeu, seja da sedimentação do que podemos considerar a trama de diferenças que por ela se teceu e tece nos países colonizados onde se fez ou o idioma nacional, ou a língua oficial. Precisamos sem perder de vista toda a crítica sem dúvida prodigiosa que foi desenvolvida sobre a racionalidade instrumental que opera no interior dos meios de comunicação de massa¹³⁶, de enxergar as interpenetrações das culturas populares nesses meios, em que se articulam relações de resistência e submissão, de oposição e de cumplicidade. Mas precisamos ainda, munidos do sedimento crítico fornecido pelos estudos pós-coloniais, construir com o cuidado ético a linguagem jornalística sobre as questões ambientais.

A definição do Jornalismo Ambiental vem sendo desenvolvida por alguns cientistas sociais que consideram a importância da perspectiva crítica sobre essa atividade profissional enquanto fenômeno social inerente ao tempo-espaço da atualidade, diante dos grandes interesses de apropriação dos recursos naturais, incluídos aqui o conhecimento humano na sua experiência direta com a Natureza. Uma das tentativas conceituais dessa

¹³⁶ Me refiro aqui à Teoria Crítica da Indústria Cultural desenvolvida pela Escola de Frankfurt, principalmente por Adorno e Horkheimer em “Dialecticado Esclarecimento”.

novíssima prática de jornalismo é a de Wilson Bueno¹³⁷, que considera o Jornalismo Ambiental como instância importante do campo da comunicação ambiental, porém que já nasce entrelaçado com o movimento social de luta anticapitalista, assumindo um compromisso de não neutralidade e o define, portanto, da seguinte maneira:

[...] o jornalismo ambiental, que é jornalismo em primeiro lugar, caracteriza-se por produtos (veículos, de maneira geral) que decorrem do trabalho realizado por profissionais que militam na imprensa. Ele está definido tanto pelas matérias/colunas/editoriais cadernos sobre meio ambiente publicados na mídia de massa (imprensa de informação geral ou especializada) como nos veículos ou espaços (de produção jornalística) exclusivamente destinados ao meio ambiente (Bueno, 2007:31).

Percebe-se assim que a preocupação no pano de fundo desta definição é a separação conceitual do que o referido autor entende por jornalismo ambiental do que denominou de “*marketing verde*” através da caracterização ética na produção de conteúdos jornalísticos que se utilizam de discursos que se mascaram como de interesse público, mas que na verdade fazem apologia a medidas “meramente cosméticas” que, ou são destinadas em última instância aos interesses mercadológicos do capitalismo, ou são legitimadoras da lógica racionalista produzida pelas fontes privilegiadas do conhecimento especializado que hierarquizam e despolitizam o debate ambiental. Processo já em desenvolvimento de cooptação do movimento ambiental. Por isso a autor caracteriza os jornalistas produtores desse tipo de jornalismo de “militantes”. Jornalismo Ambiental assim definido, portanto, já nasce conceitualmente contra hegemônico e pode ser considerado o que John Dowing denominou de “*media radical alternativa*”: “[...] constitui a forma mais atuante da audiência ativa e expressa as tendências de oposição, abertas e veladas nas culturas populares” (Dowing, 2002: 33) que podem se entrelaçar com a cultura de massa.

Trata-se assim, do desenvolvimento de um estudo de novas possibilidades narrativas no campo da sociologia política da comunicação que não só admite as funções estratégicas dos jogos de poder que transpassam os meios de massa, mas também enxerga o papel ativo das audiências que interpreta as informações de acordo com a sua cultura, experiências de vida, com os seus interesses e que as recompõem no contexto num processo dinâmico de percepção. Não cabe, portanto, formulação de técnicas rígidas de pretensões universais, e sim de contextualizações de acordo com cada projeto que contemple realidades e instâncias distintas no processo de produção da informação.

¹³⁷ Wilson da Costa Bueno é jornalista e professor de comunicação social da Universidade de São Paulo – ECA/USP e da pós-graduação em Comunicação da UMESP.

O desafio, que pelo já colocado acima nos parece enorme, ainda não encerra por aqui. Há que se enfrentar o poderoso conhecimento científico, sem evidentemente, desmerecer sua importância nas contribuições que vem acrescentando para o deslocamento do olhar humano sobre o meio ambiente. Em relação a esta árdua tarefa, um conselho de grande valia foi proferido pelo professor Bueno, no contexto do meio brasileiro. Trata-se do que Bueno apelidou de “síndrome *Lattes*”, referindo-se ironicamente à Plataforma Lattes, a instituição que classifica e armazena informação dos currículos dos cientistas brasileiros. Segundo Bueno há um equívoco, mas também não é preciso nenhum olhar muito acurado para se perceber sua razão nesta crítica sobre as produções jornalísticas ambientais que vêm sendo feitas no Brasil,

O Jornalismo Ambiental brasileiro, equivocadamente, tem sido acometido pela “síndrome Lattes”, ou seja, tem priorizado (ou, o que é mais dramático, se reduzido a) fontes que dispõem de currículo acadêmico, produtores de conhecimento especializado e que muitas vezes têm, por viés do olhar ou em muitos casos por má índole, se tornado cúmplices de corporações multinacionais que pregam o monopólio das sementes ou fazem apologia dos insumos químicos ou agrotóxicos, cinicamente chamados de “defensivos agrícolas” (grifos da autora) (Bueno, 2007:15).

As palavras do professor remetem a prática da disciplina, para além da usual priorização do conhecimento científico como única fonte de informação, e da extrema atenção com não neutralidade da ciência e seu discurso na apuração da notícia ambiental. Ele aconselha-nos ainda, à necessidade imperativa de cuidado também com a questão ética no uso da linguagem, quando Bueno oferece o exemplo do uso ardiloso da palavra “defensivos” no lugar de “agrotóxicos”. O discurso jornalístico hegemônico opera a cooptação da crítica ecológica pela linguagem em muitos sentidos. O mais grave deles é a culpabilização das vítimas: são os pobres que sujam os rios e mares jogando lixo na Natureza, são os agricultores os culpados pelo uso exorbitante de venenos, são as “invasões” de terras as responsáveis pela diminuição da área agrícola, e etc.

A ideia, entretanto, é radical porque a prática da atividade com tradutora entre vários saberes, precisa que o papel do jornalista dispa-se da cultura da objetividade e se transmute radicalmente do lugar comum de “mediador neutro”. A ideologia da neutralidade instalada principalmente pelo saber-fazer jornalístico norte-americano, serviu aos interesses capitalistas e, apesar de ter influenciado a prática da atividade, houve muitas diferenças de atuação da imprensa europeia, notadamente na imprensa francesa que influenciou muito o Jornalismo impresso em Portugal. Ao pensar do interior dos sentidos

sociais de cada fase pelos quais a atividade profissional passou, esse papel tem sido de difícil formação e bastante instável - de porta-voz de ideologias, depois mercador, há pouco tempo, de mediador -, poderíamos agora vislumbrá-lo como tradutor? Tradução que integre mais de uma temporalidade, que integre muitas formas de saber, muitas vozes, mesmo sabendo que talvez, todas elas não sejam suficientes para diminuir ou adiar a velocidade da ação entrópica a que a vida humana e o planeta estão sujeitados. Mas, mais ainda e principalmente, tradução da entropia de lei científica¹³⁸ à prática social, e aqui está o principal desafio, até porque, exige esforço especial de conhecimento contextual dos públicos receptores.

O trabalho hermenêutico que está na base da transformação que este tipo de conceituação de tradução exige é: “todo o texto na língua de chegada que, seja por que motivo for, é apresentado ou considerado como tal no âmbito do sistema de chegada” (Tymoczko & Toury, *apud* Ribeiro, 2005). Trata-se então, de contextualização da informação na recepção, o que obriga ao jornalista conhecer muito bem o público receptor, mas que diminui a autoridade do emissor e da fonte, o que talvez possa trazer problemas para a legitimação da informação. Mas não é só. Ribeiro ampliou o conceito retirando-o do âmbito apenas textual, colocando-o no âmbito conceitual da cultura,

Nessa acepção ampla, o conceito de tradução aponta para a forma como não apenas línguas diferentes, mas também culturas diferentes e diferentes contextos e práticas políticas e sociais podem ser postos em contacto para que se tornem mutuamente inteligíveis, sem que com isso tenha de se sacrificar a diferença em nome de um princípio de assimilação. (Ribeiro, 2005:2).

Trata-se, portanto, no caso do Jornalismo Ambiental na língua portuguesa, de absorver as diferenças culturais que a língua fornece como o elemento cultural e principal alicerce, seja na construção identitária que foi erigida no espaço europeu, seja da sedimentação do que podemos considerar a trama de diferenças que por ela se teceu e tece nos países colonizados onde se fez ou o idioma nacional, ou a língua oficial. Mas trata-se também da tradução de sentimentos que constantemente são inerentes à relação humana com a natureza, repleta de sentidos diversos em cada contexto social e político, o que exige

¹³⁸ Entropia: 2ª Lei da Termodinâmica, a lei da dissipação da energia de Sadi Carnot. Todo o sistema físico fechado tem uma perda de energia (perda de calor) que não pode mais ser recuperada. Medida da perda de energia = entropia (energia+tropos, do grego, evolução). A entropia de um sistema físico fechado continuará aumentando e com esta evolução é acompanhada de desordem crescente. Assim entropia também pode significar “desordem crescente”.

o tão divulgado uso do direito à liberdade de expressão pelos jornalistas na construção textual poética, engajada, e, evidentemente, eticamente assinada.

Pensar a atividade do Jornalismo Ambiental com possibilidades de se tornar uma tradução cultural na contemporaneidade se torna mais perto do possível se pudermos vislumbrar projetos alternativos de comunicação, ou seja, projetos contra hegemônicos que permitam à informação ambiental se configurar em sua natureza política e performativa de luta em prol da vida, como tradutora entre saberes diversos. Para tanto, esses projetos vêm se configurando através de organizações participativas sem fins lucrativos de segmentos da sociedade em geral, e/ou do Estado em particular, sob a forma de política pública, pelo menos enquanto o sistema capitalista ainda for vitorioso e vigorar no mundo. Mas isso não basta para o alcance das populações mais despossuídas do Sul, justamente aquelas próximas e dependentes dos recursos naturais intactos para a sua vida. É necessário que a informação ambiental argumente e contextualize as questões levantadas pelo saber ecológico também nos meios de massa.

Faz-se imperativo ainda compreender que a delimitação do campo não pode ceder às reduções do saber ambiental a aspectos técnico-científicos (mesmo considerando sua importância como fonte primária da crise ecológica) em detrimento dos sociais, culturais, espirituais comprometendo o jornalismo ambiental na sua condição de disciplina interdisciplinar no nível da teoria e confundindo sua condição de promotor e mobilizador de uma consciência ambiental democrática em seus vários níveis, com as aspirações de mercado, o que significaria a assimilação de sua luta e a reprodução da colonialidade de poder.

Ainda assim, há um longo caminho na definição e estruturação da atividade jornalística voltada para as questões ambientais, no que se refere à formação dos profissionais e no desenvolvimento das linguagens e suas técnicas; seja imagética, sonora e/ou textual que permitam aberturas à participação, e à emersão de subjetividades. Desde já se percebe que o perfil do profissional como um “tradutor entre saberes” exige uma atuação nos espaços fronteiriços das culturas, ou seja, percepção de fronteira como espaço de articulação e não como linha divisória. Isto exige sensibilidade e abandono da pretensão de verdade absoluta, sem, contudo, se entregar à ficção própria do campo artístico, evidentemente. Além disso, reforço que todo o esforço na construção da disciplina se torna inócuo se tal debate não arrebatou os grupos populares, ou seja, audiências amplas como as

de alcance da televisão de sinal aberto. Com a inserção das vozes dos populares afetados diretamente pelas questões da crise ecológica – as vítimas e não os culpados –; e não com uma informação fragmentada e descontextualizada apresentada pela produção dos noticiários objetivados.

Por isso, a importância da solidariedade no território da língua neste trabalho sociocognitivo de abordagem hegemônica das questões amazônicas – para ficar no nosso caso – pelo Brasil e por Portugal. Afinal, como bem lembrado por Van Dijk, ao citar o pensamento de Roseblum,

Una democracia no puede funcionar sin un electorado informado, y esto puede aplicarse tanto a los acontecimientos del extranjero como em las cuestiones domesticas. La política exterior no puede abandonarse sin más ni más em manos de uma elite de Washington, de especialistas o de grupos de influencia interesados. Las crisis mundiais, si se privienen a tempo, a veces pueden evitarse. Pero sin una información fiable originada em el exterior, los ciudadanos acabam siendo vulnerables y débiles. Si muchos norteamericanos no tomam consciência de esto, unicamente los reporteros y los editores pódran hacer algo al respecto (Roseblum, 1981 apud Van Dijk, 1990 :20).

A construção da democracia e a informação ambiental solidária sobre e da Amazônia, teria na língua portuguesa assim, um “espaço ideal onde todos quantos os acasos da História aproximaram, se comunicam e se reconhecem na sua particularidade partilhada”, como pediu Lourenço¹³⁹.

Por fim, as novas tecnologias, em especial a Internet, evidentemente têm o seu lugar de importância no quesito debate público e penetração das fontes no conteúdo midiático. Há uma considerável tendência à migração das audiências televisivas e verbas publicitárias apontadas por institutos de opinião para as redes de TICs. A programação fechada, a falta de interatividade e os horários inflexíveis são os maiores vilões da audiência televisiva. Assim, mesmo com a nova tecnologia permitida pela TV digital, podemos antever um momento de reforma no meio televisivo, especialmente nos noticiários. Momento certo para pensarmos em ampliação teórica e inovação para o telejornalismo levando-se em conta três fatores principais: mudança de comportamento do público, inovação tecnológica e novos modelos de negócio (jornais gratuitos, sites de notícias desenvolvidos por novos atores e etc.). A hora parece muito apropriada para levarmos a cabo o projeto de inclusão das questões ambientais mesmo nos meios

¹³⁹ *Supra*: 47

hegemônicos. Na tentativa de avançar neste projeto, algumas luzes já clareiam este caminho de tradução dos novos tempos.

2.4.1 Tradução e Telejornalismo: breve esboço para uma sociologia das emergências em três dimensões éticas na produção de notícias.

Ao considerar a inserção do pensamento ecológico como prática política numa atitude radical como visto no item anterior, percebe-se que todo o trabalho do jornalista, estando imerso na linguagem, age a partir de sentidos e compreensões, nos mecanismos de cognição e na presença de visões culturais historicamente construídas. Tal imersão – que vem construindo hegemonicamente o discurso ambiental no fluxo global das notícias ou zona de contato¹⁴⁰ – exige uma emersão da linguagem viciada e produtora da colonialidade de poder, para que seu desvelamento possa alcançar a tradução almejada na perspectiva do que Sousa Santos chama de “sociologia das emergências”¹⁴¹ (Santos, 2008: 93-136). Esta perspectiva seria assim, desconstrutora da cultura da objetividade e almejaria a tradução do saber ambiental e/ou ecológico. Eu, na trilha do pensamento de Bueno (2007) e procurando ampliá-la, e considerando a observação de Tavares (2007)¹⁴² quanto à luta epistêmica entre as visões hegemônicas de objetividade e subjetividade, aponto desde já, como necessária a produção de notícias em três dimensões ético-cognitivas: a da relação com o pensamento ecológico, a da relação com o pensamento econômico e a da linguagem propriamente dita.

Na dimensão do pensamento ecológico o jornalismo como um todo precisa agendar e relacionar os acontecimentos observados na sua interação com os ecossistemas. Um olhar transdisciplinar para a percepção da historicidade e da diversidade da veracidade que há nos fatos de maneira crítica e contextual. O “faro para a notícia” aqui estaria relacionado com uma percepção ética dos valores-notícia por parte dos repórteres que inclua ponderações e não apenas os sentidos dicotômicos dos seus contrários, com mais tempo para a pesquisa, maior acuidade na seleção e apuração das notícias, trabalhando em

¹⁴⁰ Conceito utilizado por Santos para identificação dos campos de tradução: “Zona de contato são campos sociais onde diferentes mundos da vida normativos, práticas e conhecimentos se encontram, chocam e interagem” (Santos, 2008: 130).

¹⁴¹ A sociologia das emergências trata dos campos sociais possíveis a partir da identificação dos campos sociais disponíveis, ou seja, da sociologia das ausências como já explicado no capítulo anterior. É através da sociologia das emergências que Santos pretende a contração do futuro, revelada “por via da amplificação simbólica das pistas ou sinais” nos campos de experiência. No caso aqui, no campo de experiência da produção de notícias.

¹⁴² Cf. p. 9 deste capítulo.

dois tempos mentais. No relacionamento com as fontes, por exemplo, introjetando o reconhecimento da diversidade epistemológica no mundo e de recusa a um universalismo abstrato, na perspectiva da ecologia dos saberes (Santos, 2008: 142-145). No espaço específico da língua portuguesa significaria ter ainda em mente a historicidade e sua diversidade-similaridades naturais e culturais inscrita nos modos da linguagem para encontrar caminhos de solidariedade e identificações. Uma identificação, por exemplo, já passível de integração para o tratamento da questão do aquecimento climático, trata da similaridade de temperaturas entre Norte e Nordeste Brasileiro e a África Subsaariana, através da irrefutada Teoria Tectônica e suas explicações através da mesma gama de latitude e para a construção ao menos de uma política ambiental de adaptação¹⁴³ em ambos os continentes, nos países onde cidadãos compreendem-se por serem falantes da mesma língua (Dias, 2008: 248).

Na dimensão das relações econômicas há de se perceber os modos de produção e sua conexão estreita com os fatores ecológicos, abandonando a lógica da escala dominante capitalista. A cultura material e tecnológica produzida pela ação do homem precisa ser percebida com atenção às condições de produção que para além das formas de propriedade e das relações de produção. Deve ser sensível à mercantilização desigual e/ou desmesurada do trabalho, da terra e da Natureza. É aqui que está a atitude radical do repórter que Bueno define como militante. Há assim um re-envolvimento para com sustentabilidade da vida no planeta numa percepção crítica da ideia de desenvolvimento para o progresso. O valor-notícia de seleção – a notoriedade – deve aqui adquirir um significado cognitivo voltado para o coletivo: tem sucesso ou é notória a pessoa/empresa cujo empreendimento tenha contribuído para o re-envolvimento de uma sociedade ou grupo com as questões de ordem ecológica ou socioambiental numa agenda positiva, e não positivista.

Na dimensão da linguagem, ou melhor, das linguagens, a produção de notícias há que levar em conta a mudança de paradigma que vem se impondo no comportamento dos seres humanos em relação ao mundo natural e socioeconômico da vida coletiva. As

¹⁴³ Política ambiental de adaptação, ou de resiliência, é conceituada medidas que visam permitir o homem viver melhor dentro do quadro irremediavelmente posto pelo fenômeno. Produzem benefícios para os que arcam com seus custos, ou funcionam como bens públicos limitados a uma área geográfica de porte correspondente a uma cidade ou fração. Ou seja, são políticas localizadas. Diferente de política ambiental de mitigação que objetivam reduzir o impacto das ações andrógenas sobre o fenômeno. Quanto à distribuição da apropriação do benefício, tem característica de beneficiamento dos agentes atuais e futuros. São, portanto, benefícios largamente espalhados no tempo e no espaço e de difícil apropriação pelos agentes que os produzem (sejam individuais, sejam coletivos – indivíduos ou Estados-províncias).

manifestações culturais – e o telejornalismo é uma delas – não ocorrem isoladas do mundo vivo, valendo-se frequentemente de elementos da biodiversidade e da experiência física no planeta ou, melhor dizendo, de lugares específicos do planeta, na constituição da linguagem e das categorias de entendimento. Portanto, cabe – como pede Bueno (2007) – pensar no divórcio entre o inteligível objetivado e o sensível, incorporando nos valores-notícia de construção, elementos da biodiversidade, humana natural e cultural, geográfica, de flora e fauna, enfim, das especificidades do mundo da vida (Habermas, 1989), na constituição da linguagem e na busca pelo entendimento¹⁴⁴. No caso específico do espaço da língua portuguesa, tais valores-notícia carregariam ainda a historicidade que une e separa, entre identificações e divergências, numa perspectiva de descolonização radical desse espaço comum.

Para já e para falar dos objetos desse estudo, penso que tais emergências poderiam ter mais fluidez no viés jornalístico argumentativo europeu do que no viés da objetivação norte americano, porém é teoricamente admissível que a própria especificidade tecnológica do suporte televisivo acolha o viés da notícia objetivada mais facilmente obrigando a subjetivação a expirar. Assim, somado a colonização da TV portuguesa pela cultura objetiva do modelo jornalístico anglo-americano, via Língua e relações tecnológicas e de poder com a TV Globo, dificultaria tais emergências. Mas antes vale adiantar aqui o contexto de surgimento de tal impressão. Foi no decorrer dos estudos para a construção teórica desta pesquisa que se revelou o conflito ético da RTP entre essas duas tendências modelares do jornalismo, como já dito anteriormente, e que acabou por justificar também a escolha desta TV, que parece fornecer o *locus* ideal da observação em contraponto com a TV Globo.

De acordo com o quadro das ausências nas formas discursivas representativas da Amazônia, como explicado no capítulo anterior¹⁴⁵, temos para já também considerações e enquadramentos que justificam e contribuem para uma maior sistematização neste estudo em busca por traduções. É o que tentarei mostrar a seguir.

¹⁴⁴ Considero tal atitude epistemológica uma ampliação teórica deste objeto complexo de estudo – o Jornalismo – na perspectiva metodológica que será desenvolvida nos capítulos seguintes com a ajuda do Estudo de Caso Estendido de Burawoy (1991).

¹⁴⁵ *Supra*, 25-35.

2.4.2. A Amazônia no Ecrã: ausências e emergências nos discursos representativos de um localismo-globalizado.

Como vimos, diante da velha matriz discursiva da representatividade da Amazônia – vazia rica e vulnerável – e das variações desta tríade no período histórico após o surgimento da televisão, a saber: exotismo da Natureza, não civilização indígena, mito do bom selvagem, vulnerabilidade da soberania nacional brasileira *versus* interesses internacionais, ou Amazônia capital natural do Brasil *versus* Amazônia pulmão do mundo, desenvolvimento sustentável *versus* desenvolvimento progressista brasileiro e/ou desenvolvimento econômico global; temos nos modos de construção das ausências construídas pelo saber ocidental, a contribuição dos modos das ausências construídas pelo saber-fazer objetivado do telejornalismo. Uma contribuição considerável que se estabelece como força discursiva hegemônica em tempos de crise ecológica e que vai influir em muitas instâncias sociais e cognitivas, nas discussões políticas e por fim no cotidiano ambiental da Amazônia transformando e negando o seu presente, definindo o seu futuro, ignorando o seu passado.

Nesta contribuição sistematizo os modos de construção das ausências então, na seguinte morfologia:

1º) Na lógica produtivista capitalista da cultura objetiva do jornalismo como contrato com as empresas de comunicação, temos a força da reprodução da mesma lógica incidida e facilitada sob influencias dos interesses da elite latifundiária brasileira, das multinacionais, e suas relações corruptoras do sistema político no Brasil, sobre a exploração da biodiversidade natural (humana) da Amazônia. Inclua-se aqui o monopólio dos meios de comunicação no Brasil e as estreitas relações com o poder de Estado especificamente, e o monopólio mundial desses meios, em geral.

2º) Na monocultura do saber epistemológico promovido pelo modelo americano de fazer jornalismo, temos a invisibilidade e a negação dos saberes dos povos amazônicos, incluídos os científicos e os ditos tradicionais (indígenas, ribeirinhos, caboclos, quilombolas, etc.). A falácia da separação entre opinião e informação para se apresentar a verdade, esconde-se a opinião dominante liberal em detrimento da opinião comunitária desses povos além de promover a cooptação das liberdades individuais de outros pensamentos, incluindo os científicos que são negados pela supremacia de saberes

científicos exotéricos desenvolvidos deslocados do campo empírico e, portanto, também dos saberes da Natureza.

3º) No somatório da lógica produtivista capitalista, da monocultura do saber e da classificação social temos todas as técnicas e rotinas de produção da notícia trabalhando juntas para a reprodução da representação da matriz discursiva sobre a Amazônia.

A seleção das notícias baseadas em valores de morte, em detrimento da vida; na relevância dos acontecimentos baseadas no impacto para o desenvolvimento capitalista, em detrimento do impacto antrópico na Natureza e da separação desta da vida de seus povos; nos acontecimentos naturais tratados com o valor-notícia do inesperado, em detrimento da informação de risco imposta pela crise ecológica; do conflito ou controvérsia tratado com sensacionalismo violento em lugar da busca pelos valores democráticos do diálogo e mesmo da discussão produtiva, enfim da cultura pela paz. A classificação hierárquica na escolha das fontes ou emudece ou traz a fala dos povos amazônicos como menores.

Dos valores-notícia de construção da linguagem, a amplificação das catástrofes naturais e do sofrimento humano decorrente, aparece culpabilizando a Natureza ou as próprias vítimas das catástrofes em títulos como “Enchentes faz centenas de desabrigados na Amazônia”, ou “Moradores recusam-se a saírem de áreas de risco”, ou ainda “Lixo jogado no rio por moradores impedem o escoamento das águas”. Se oculta as condições de vida das vítimas dessas catástrofes ou as condições de restauro do ciclo natural na contextualização das consequências das escolhas nos planos de desenvolvimento e de ações antrópicas em geral. No valor-notícia da personalização exclui-se a alteridade dos povos amazônicos, traduzindo-as para valores ocidentais como o do “bom selvagem” ou “incivilizados”, num claro anacronismo sistemático da política social e da vida cotidiana desses povos.

4º) Na cultura jornalística objetiva como técnica de persuasão temos uma comunicação estratégica de retórica da lógica da escala dominante adotada como primordial determinando a irrelevância de todas as outras possíveis escalas. Os fatos são como são e diga-se o que disser, estão em todos os telejornais do mundo, ditos da mesma forma em todas as línguas ganhando legitimidade e máximas de cultura. Assim: a “Amazônia é muita terra para pouco índio”, “o Brasil é o único que ainda possui floresta e nisto se traduz o interesse internacional sobre a Amazônia”, ou ainda, “A (Pan) Amazônia

é muito importante para o ecossistema planetário, para ficar em mãos de estados-nação”, etc.

Para esboçar uma sociologia das emergências então, recorro à objetividade “desinteressada” de Rosen que, como já dito, expressa na mera apresentação de fatos de interesse público para que várias perspectivas incidam sobre e o debate se processe. Mas tal só importa ou revela emergências se estiverem a serviço dos campos sociais que alimentarão no futuro a discussão de tais fatos. Segundo Santos (2008: 121-122) são eles:

1º) O campo das experiências de conhecimentos, ou seja, nos conflitos e diálogos possíveis entre diferentes formas de conhecimento como agricultura camponesa e agricultura industrial, agroecologia e seus estudos de impacto ambiental e tecnológico e conhecimentos leigos da experiência vivida, justiça moderna e justiça indígena, e etc.

2º) O campo das experiências de desenvolvimento, trabalho e produção que oferece diálogos e conflitos possíveis entre economia capitalista e economia solidária, organizações econômicas populares ou cooperativas, empreendimentos autogeridos, redistribuição social entre outros que possam surgir.

3º) O campo de reconhecimento que trata de diálogos e conflitos possíveis entre sistemas de classificação social como racismo, sexismo e xenofobia, exploração, natureza capitalista.

4º) O próprio campo da comunicação e informação num diálogo entre os fluxos globais de informação e as redes independentes transnacionais ou alternativas, na busca por uma metacomunicação facilitadora de emergências cognitivas e culturais.

Para já sabemos que isso só é possível em democracias de alta intensidade onde os filtros de controle estejam a serviço do debate social e não de interesses meramente administrativos ou eleitoreiros do poder institucional ou a serviço do lucro mercadológico. Mas esta tarefa está posta para as sociedades há muito tempo e seguramente não será resolvida ou está sob a responsabilidade apenas da comunicação social ou do jornalismo. Ao que interessa no trabalho do Jornalista enquanto tradutor e facilitador de emergências na produção do discurso noticioso sobre a Amazônia é uma postura ética e política em favor da diversidade natural, epistemológica, cultural e espiritual desta dimensão espacial do cotidiano amazônico. Uma postura salutar na explicitação e interpretação dos conflitos, que leve em conta que todos devemos saber que não ficamos impunes à história, que a construção do presente é responsável pela história individual e coletiva que será

diagnosticada e interpretada no futuro, pois estamos vivendo no presente o reflexo do passado. Pensar e falar da Amazônia como o espaço-tempo que guarda um imenso estoque de recursos naturais e de conhecimentos importantes ao mercado a nível nacional e internacional, mas também e principalmente às condições de vida na Amazônia brasileira, pois nessa mudança de paradigma imposta pela crise ecológica não é possível o fortalecimento das corporações globais com o enfraquecimento das populações locais.

Chego assim no momento de avançar na intenção já colocada no capítulo anterior: na passagem do *colo* ao *cultus*, na dialética da crise ecológica incidida sobre a Amazônia no discurso hegemônico das duas televisões no espaço da língua portuguesa. Resgato então, a hipótese geral desse estudo de que, os obstáculos para a fruição da informação ambiental democrática se dá também nos jogos de interesses econômicos públicos e privados alimentados pela colonialidade de poder (Quijano, 1991, 1993, 1994) que atingem a produção deste gênero jornalístico na mídia, em tempos de capitalismo. Além do despreparo cultural dos atores em jogo originado da histórica separação epistemológica e institucional entre as ciências naturais e as ciências sociais. A próxima parte desta tese desenvolverá os métodos e o estudo empírico das produções das notícias entre 2005 e 2011, apontando e procurando pelo entendimento da forma como a colonialidade de poder é exercida pelo e no telejornalismo hegemônico na língua portuguesa.

Capítulo 3. Mapas e traçados do olhar da investigação:

Antes de qualquer explicação metodológica, é preciso apontar para o tipo de investigação do qual partirá toda a escolha de métodos e técnicas de pesquisa. Trata-se de uma investigação que propõe o mapeamento e o tratamento da produção de notícias no mundo contemporâneo sobre um tema que não fornece ao investigador a delimitação de uma localização ou de grupos focais a serem observados, ou seja, não oferece um apriorístico terreno sólido para o trabalho investigativo.

E por que não? Primeiro porque tal produção jornalística configura-se como prática sociocultural envolvendo múltiplos aspectos em diferentes níveis justapostos de observação que vão desde as condições macroestruturais e conjunturais da produção, passando pelas rotinas do trabalho, pela produção em si (as notícias enquanto artefatos de linguagem), até as determinantes estruturantes dos fluxos de distribuição dessa produção que incidirão como discursos sobre o tema escolhido no imaginário social. Depois porque também não há apenas grupos a serem pontualmente identificados como praticantes *per se* de tal produção posto que, como já foi apontado neste trabalho, trata-se de uma produção construída coletivamente nos entrelugares (*in-between*) (Bhabha, 2007) da relação cotidiana entre vários participantes. A relação de Estados-empresas-jornalistas-sociedade através da linguagem. Ainda assim, permanece nas teorias voltadas para a pragmática da mídia, que “apesar das muitas formas de influência pelo Estado ou por organizações poderosas, jornais enquanto organizações e jornalistas enquanto indivíduos podem resistir (até certo ponto) a esse tipo de pressão e formular notícias de acordo com sua própria perspectiva valorativa de interesses” (Van Dijk, 2010:25).

O jornalismo, entretanto, é um campo que representa um “ponto de vista” de onde podemos captar tomadas de posições que correspondem à classe jornalística. Isto remete ao conceito de *habitus* de Bourdieu (1974: 346) como um conceito central para a operacionalização dos sistemas simbólicos no interior dos campos sociais, pois este ainda nos traz duas características importantes da noção aristotélica de hábito: além de ser socialmente construído, remete a um saber incorporado que dispensa a ação calculadora da consciência. Diz Bourdieu refletindo o campo, em seus estudos sobre a prática jornalística na televisão:

A concorrência econômica entre emissoras ou os jornais pelos leitores e pelos ouvintes, ou como se diz, pelas fatias de mercado realiza-se concretamente sob a forma de uma concorrência entre os jornalistas, concorrência que tem seus

desafios próprios, específicos, o furo, a informação exclusiva, a reputação na profissão, etc., e que não se vive nem se pensa como uma luta puramente econômica por ganhos financeiros, enquanto permanece sujeita às restrições ligadas à posição do órgão de imprensa considerado nas relações de forças econômicas e simbólicas (Bourdieu, 1997: 57-58).

Por último e o mais importante, porque a intenção de perseguir a colonialidade de poder imprimida nessas produções noticiosas não se constitui como ponto de partida de um tipo de reflexão de compromisso com a objetividade, com a abstração de pensamento ou com o distanciamento do investigador, na trilha para descobertas de regras gerais, própria da “reflexividade essencial” da ciência. Trata-se sim de uma escolha assumida de incorporação da teoria explícita nos capítulos anteriores, somada à bagagem crítica dos estudos pós-coloniais como estratégia oriunda do interesse político, teórico e intelectual da investigadora (George Marcus, 1994:18) para vir atingir os objetivos da pesquisa. Ou seja, ainda nas palavras de Marcus, um tipo de “reflexividade ideológica derivada”¹⁴⁶.

Dito isso, vale reafirmar a posição da investigadora e seu lugar de enunciação como jornalista praticante da profissão por 16 anos no passado, professora da disciplina de Ética no Jornalismo na atualidade e ideologicamente interessada em incorporar a crítica dos estudos culturais pós-coloniais como pedagogia de ensino na formação ética de jornalistas na Amazônia Legal. Afirmção, portanto, de uma reflexão ideológica do tempo histórico, do espaço social de interação e do modo de ser-no-mundo, da própria investigadora.

Voltando ao trabalho, as dificuldades configurativas do objeto e incididas no terreno, pautaram as opções metodológicas da investigação exigindo antes de qualquer coisa a construção do campo de trabalho num olhar complexificado por possíveis negociações vividas no dia-a-dia pelas pessoas envolvidas no processo ao nível micro, passando e relacionando com o nível macro do processo, ora retroagindo, ora avançando no tempo. Exigiu ainda levar em consideração não só os atores sociais, mas principalmente os símbolos, ultrapassando lugares e fronteiras e estabelecendo conexões em escalas etnográficas diferentes.

¹⁴⁶ O autor define “reflexividade ideológica derivada” diferenciando-a de “reflexividade essencial”, esta última sendo característica integrante de qualquer discurso, pois não se pode escolher entre ser reflexivo ou não no sentido essencial – é sempre uma parte do uso da linguagem. Então aponta a primeira como o uso da segunda: em “como lidar com a reflexividade essencial, como usá-la estrategicamente para interesses teóricos e intelectuais”.

Assim, a opção feita foi por uma análise qualitativa própria do Estudo de Caso Estendido (ECE), baseada por vezes na observação participante (Michael Burawoy, 1991) combinada com a utilização da etnografia multi-localizada (George Marcus, 1995), que obteve apoio das técnicas de entrevistas e análise documental. Mas toda a análise vale-se da perspectiva teórica do *Newsmaking*, entendendo que seria impossível um olhar para todo o vasto campo dos aspectos de produção da notícia por um olhar individual. Escolheu-se então a perspectiva ética das escolhas dos acontecimentos e de construção da linguagem nas notícias como valores pragmáticos das técnicas jornalísticas na representação da Amazônia: os critérios de noticiabilidade escolhidos e praticados pelas comunidades interpretativas. Afinal são os valores da notícia, ou seja, o que os jornalistas, editores, produtores, escolhem ser levado em consideração no momento de investigar, produzir e redigir informações do que será ou não e como será ou não “entregue” ao público de acordo com os interesses sociais, ambientais e políticos dos jornalistas e dos veículos de comunicação durante o processo rotineiro de trabalho; o que poderá enfim levar a pesquisa à refutação ou não de sua hipótese principal. A lembrar:

A hipótese geral é que os obstáculos sofridos para a fruição da informação ambiental democrática se dá através não só dos evidentes conflitos políticos e nos jogos de interesses econômicos públicos e privados alimentados pela colonialidade de poder¹⁴⁷ (Quijano, 1991, 1993, 1994) que atingem a produção deste gênero jornalístico na mídia, em tempos de capitalismo; mas também no despreparo cultural dos atores em jogo originado da histórica separação epistemológica e institucional entre as ciências naturais e as ciências sociais, entre conhecimentos científicos e conhecimentos tradicionais e/ou alternativos, prática oriunda da lógica hegemônica do pensamento científico dualista e cartesiano.

A etnografia através da observação participante com a utilização do ECE deu-se na forma tradicional do método no interior de duas redações: a da RTP, em Portugal e na TV Anhanguera, no estado do Tocantins, na Amazônia Legal, esta última para preencher uma lacuna provocada pela não permissão da TV Globo da presença da investigadora na redação da matriz, no Rio de Janeiro. Ou seja, a observação direta do cotidiano da produção no interior das redações foi realizada na televisão portuguesa e em uma das afiliadas da TV Globo, na Amazônia. Esta última para observar o fluxo de partida das

¹⁴⁷ O conceito de colonialidade é descrita por Anibal Quijano na diferenciação do conceito de colonialismo apesar de ser constitutiva deste. Trata-se da persistência profunda e duradoura (já dura 500 anos) da dominação/exploração de uma população, incluindo as relações racistas e que pode ocorrer dentro de um Estado-nação, ou seja, não mais como no colonialismo, uma dominação deteminada por um poder cuja sede se localiza noutra jurisdição territorial.

notícias do território amazônico para a cabeça-de-rede, no Rio de Janeiro. A impossibilidade de observação da redação matriz da TV Globo será explicada no Capítulo 5 desta tese. Deu-se então a construção da etnografia multi-localizada que perseguiu as notícias e os jornalistas nelas envolvidos como instrumentos heurísticos de descoberta na trilha das hipóteses da pesquisa sob as bases teóricas do *Newsmaking*.

Trata-se assim, de uma perspectiva de lógica que acaba por comparar as estruturas de poder, histórico-conjunturais, das rotinas produtivas e proferidas pelas notícias sobre a Amazônia em duas televisões - a RTP, em Portugal e a TV Globo, no Brasil – na pretensão da compreensão das dificuldades de eclosão do Jornalismo Ambiental de *ethos* democrático num localismo-globalizado luso-brasileiro, além encontrar sentidos sociais e alternativas para uma nova pedagogia do ensino de jornalismo na Amazônia na língua portuguesa.

Esta escolha faz deste trabalho fronteiro e transdisciplinar entre vários campos: da Antropologia Social, da Sociologia da Comunicação, da Linguagem, e finalmente da Sociologia Ambiental, obrigando a um raciocínio circular que, entretanto, assume quebras quando deslocamos a crítica sobre a delimitação dos espaços geográficos e temporais que a capacidade investigativa pode abarcar de uma macro realidade.

Com a ajuda teórico-comparativa do ECE, sigo o aconselhamento de Mendes (2003), ao citar o repertório de reflexões da coletânea de Ragin e Becker (1992), para o aproveitamento das suas características, a saber: a maior possibilidade de uma “análise holística que trata os casos como entidades globais”, como são as notícias e suas consequentes formações discursivas; e a vantagem de um estudo que ao envolver causas múltiplas e conjunturais, promete uma visão sintética dos processos em presença.

O ECE combinado com a etnografia multi-localizada, fornece à investigação uma grande mobilidade no traçado do olhar investigativo, vindo a permitir a observação dos processos justapostos da análise e não apenas dos lugares ou falas com a presença da investigadora, vindo também a ajudar em importantes problemas da investigação como negações, silenciamentos, ocultamentos dos atores institucionais observados e permitindo conexões reflexivas.

A seguir apresento a construção do terreno de investigação, recortes e temporalidades.

3.1. Recorte Temporal:

A ideia inicial era a cobertura temporal das notícias televisivas sobre a Amazônia na primeira década do século XXI, nos dois países. Mas Portugal acabou por conduzir o recorte dessa investigação em três medidas contingenciais. A primeira e principal é epistêmica e está ligada a intenção da pesquisa de adicionar o aprofundamento crítico à “modernidade” proferida pelos estudos culturais pós-coloniais nas investigações dos dois países, numa perspectiva utópica de diálogo internacional para a descolonização da Natureza do Sul, pelos países do Norte e do Sul. Assim Portugal como país representante deste Norte e historicamente implicado como co-colonizador¹⁴⁸ beneficiário da colonização da população e da natureza do Brasil era também o país, que no território da pesquisa, oferecia as condições basais dessa crítica por tê-la em desenvolvimento desde a década de 90 do século passado no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, local de abrigo dessa investigação.

A segunda, ainda de natureza epistêmica está relacionada com a necessidade de dar continuidade e complementariedade aos estudos que já vinham sendo desenvolvidos em Portugal, ou seja, “o estado da arte”, sobre a agenda ambiental desse país a partir da cobertura das mídias noticiosas (Schmidt, 2003; Pereira Rosa, 2006; Garcia, 2004; Vieira, 2003), que paravam em 2003 com a brilhante obra de Luísa Schmidt, intitulada, “Ambiente no Ecrã: emissões e demissões no serviço público televisivo”.

Por último temos uma contingência intransponível e pragmática na escolha do tempo relacionada ao próprio objeto da pesquisa: a RTP. Em 2004, esta televisão adquire nova tecnologia e decide informatizar de forma mais eficiente seus arquivos de notícias. Por alguma razão não informada à investigadora, perderam-se todas as notícias que foram publicadas até o ano de 2003 e boa parte de 2004, inviabilizando a observação. Assim, decidi pelo recorte temporal da produção de notícias sobre a Amazônia entre os anos de 2005 e 2011.

3.2 - O mapa do campo: a rede hegemônica de notícias na língua portuguesa

O mapa do fluxo das notícias obedece o desenho de rede na qual os nós são os pontos de produção desse discurso, emitidos a outros tantos nós quanto houverem pessoas

¹⁴⁸ Considero aqui como já apontado no capítulo sobre Amazônia, a dependência econômica e política de Portugal da Inglaterra em tempos de colonização e, portanto, não seria o único beneficiário.

capazes de domínio cognitivo da língua portuguesa. Importava, portanto, um alcance de olhar o mais amplo possível, posto que tal amplitude componha a força hegemônica da incidência de tais discursos sobre a Amazônia. Mas não só. A força da produção atrelada às suas estruturas de poder e sua rotina produtiva também importam.

Mas, evidentemente que não é possível a observação de todos os nós dessa extensa rede de âmbito global por apenas uma investigação. Assim, o olhar deitou-se sobre a força das televisões generalistas de sinal aberto¹⁴⁹ que possuíssem maior produção, preferencialmente produção própria, mas também de suas traduções¹⁵⁰, além do alcance que tais produções conseguiram através de suas fluxometrias (o que caracteriza possibilidade de maior audiência) em sinais emitidos para outras formas de recepção¹⁵¹; em três continentes: América do Sul (com o Brasil), África (com os países atingidos pela RTP) e Europa (com Portugal), escolha que se aproveita da diferenciação crítica entre os países dos estudos pós-coloniais.

Em relação à produção dos conteúdos, no Sul, temos o Brasil - país com o maior número de falantes da língua portuguesa - tais características de recorte apontaram, sem sombras de dúvidas, para a hegemonia da TV Globo. No Norte, temos Portugal, com a Rádio e Televisão Portugal – a RTP - não só por ser o local da origem linguística, mas por ser a emissora com a maior produção de notícias sobre o tema e segunda em audiência no recorte temporal da pesquisa, na língua portuguesa além de representante do discurso oficial de Portugal, o que também a faz local da enunciação desse país, na sua relação com o mundo.

A escolha da RTP gerou dúvidas na banca na altura de qualificação do projeto da tese, dúvidas tais que creio ter importância saná-las de antemão também aqui. Em torno da aporia que, no meu entender foi provocada por uma justaposição de entendimento incompleto na relação entre hegemonia de produção noticiosa e quantitativo de audiência.

O conceito de hegemonia cultural para a produção de notícias só poderá ser aplicado diante de um somatório de critérios. Primeiro, e mais importante para o conceito,

¹⁴⁹ Gênero de programação dedicada a um público amplo não segmentado com emissão de sinal analógico terrestre ou via satélite, gratuitos para audiência.

¹⁵⁰ Diferencio aqui produção própria como produção realizada pela própria equipe da televisão apontada, das “produções traduzidas”, ou seja, produções oriundas das agências noticiosas internacionais que são traduzidas e tratadas na adequação ideológica-cultural por cada veículo de comunicação social. Veremos isso com mais pormenores na explicação metodológica das rotinas de trabalho nas redações de ambas as televisões que descrevo no seguimento desse texto.

¹⁵¹ Refiro-me aqui aos sinais emitidos por cabo, no sistema por assinatura, e sinais digitais, que podem ser pagos ou não.

está a estrutura de poder e a conjuntura política, social e infraestrutura tecnológica e humana na qual as empresas escolhidas estão inseridas e são possuidoras; em segundo lugar estão os critérios quantitativos, e evidentemente como consequência do primeiro critério, temos a quantidade de notícias produzidas, a cobertura ou a amplitude alcançada por esta produção, ou seja, a quantidades de lugares onde tal produção possa ser assistida e só por fim e através deste, podemos obter o índice de audiência conseguido. Esses segundos critérios representam a infraestrutura do processo de venda (divulgação) dos produtos (notícias) do empreendimento jornalístico. Os terceiros critérios são os qualitativos da produção, estão diretamente ligados aos dois primeiros e representam o resultado alcançado, ou seja, a força semântica das construções das notícias em si no imaginário social desta comunidade interpretativa.

Além do mais, ainda quanto à RTP, apesar de outra televisão portuguesa, a Televisão Independente – TVI – alcançar os maiores índices de audiência no Portugal continental, há uma evidente migração da audiência para os canais da RTP nos horários dos telejornais¹⁵², ou seja, o telejornalismo da RTP detém ainda o maior número de telespectadores em Portugal. Além disso, como já foi dito é a RTP quem produz maior número de notícias que são repetidas para o seu segundo canal generalista, a RTP 2 e para a RTP Açores e RTP Madeira. A nível global transmite o noticiário nacional para a RTP Internacional, via satélite. As produções noticiosas alcançam ainda a RTP N (canal a cabo), mesmo que dando outro tratamento para um publico mais segmentado; e o mais importante, são repetidas para a RTP África em sinal aberto por satélite, o que torna o alcance de cobertura total dos países da língua portuguesa.

E por fim, em relação ao primeiro critério apontado, a RTP é a única entre as suas concorrentes com condições de produção própria de notícias sobre Amazônia por manter um jornalista correspondente, João Pacheco Miranda, no Brasil. Além disso, mantém contrato com a brasileira, TV Bandeirantes de Notícias – contrato que veio substituir o que tinha com a TV Globo, antes de essa assinar com a SIC. Vale dizer ainda, em relação ao primeiro critério de apontamento da hegemonia, que a conjuntura do poder estatal português incide diretamente no noticiário da RTP por ser uma instituição de investimento

¹⁵² Segundo as análises do Media Monitor do Grupo Marktest, na média de audiência dos telejornais a RTP continua na frente nos noticiários, com entre 1 a 3% de índices de maior audiência com as concorrentes TVI e SIC, no canal RTP 1 nos últimos cinco anos.

público e possibilitar observação direta dos poderes de Estado no tratamento de sua produção.

A escolha da TV Globo obedece aos mesmos critérios da escolha pela RTP, sendo sua hegemonia global bem mais forte e ainda, com uma fluxometria maior na rede, ou seja, de maior possibilidade de audiência no globo. Trata-se de uma televisão comercial, parte de um dos maiores grupos multimídias do mundo¹⁵³, e se constitui como a maior empresa televisiva na língua portuguesa. No Brasil, país cuja mídia é monopolizada nas mãos de algumas famílias através de concessões feitas em um estreito relacionamento entre políticos e proprietários, a TV Globo ocupa lugar de destaque à sombra do estado, mantendo-se com a maior receita publicitária do país, mas contando também com verbas e concessões oficiais. Significa isto, que apesar de privada, também possui incidência do poder estatal brasileiro em sua produção, como a RTP.

Os telejornais da TV Globo são absolutos em audiência no Brasil e sua infraestrutura tecnológica permite o recebimento de sinais abertos nas áreas mais remotas da América do Sul e chegam a 98% dos lares brasileiros. A rede de produção da TV Globo inclui cinco emissoras próprias, 147 emissoras afiliadas em solo brasileiro, além da TV Globo Internacional e a recente, Globo Europa. Mais: a TV Globo mantém 11 jornalistas correspondentes espalhados pelas principais capitais mundiais, apesar de assinar contratos com todas as principais agências de notícias do mundo, prima pela produção própria e pela divulgação do português brasileiro a nível global. Em Portugal, mantém contrato de envio de conteúdo de ficção e noticioso com a SIC, como já mencionado.

Ao que aqui interessa – as produções de notícias sobre a Amazônia Legal – a TV Globo conta nos nove estados que compõem a região, com cinco redes de televisão associadas de propriedade de cinco grupos da elite brasileira, incluindo políticos, que formam um conjunto de 30 emissoras atuando de forma hegemônica, distribuídas como mostra o quadro abaixo:

¹⁵³ Fala-se muito que a Rede Globo de Produções é o quarto grupo midiático com maior poder econômico do globo, mas tal afirmação carece de pesquisas recentes.

Figura 6: Quadro das afiliadas de TV Globo na Amazônia Legal

Grupos	Redes	Televisões	Estados/Cobertura
Grupo Rede Amazônica	Rede Amazônica	TVs: Acre, Cruzeiro do Sul, Amapá, Amazonas, Parintins, Itacoatiara, Roraima, Rondônia, Vilhena, Ji-Paraná, Guajará-Mirim, Cacoal e Arquimedes.	Acre, Amapá, Amazonas, Rondônia e Roraima.
Grupo Zahran	Rede Mato-grossense	TVs Centro América: Cuiabá, Rondonópolis, Sinop e Tangará da Serra.	Mato Grosso (Norte)
Organização Rômulo Maionara	Rede Liberal	TVs Liberal: Altamira, Castanhal, Itaituba, Marabá, Paraupébas, Redenção, Tucuruí, Paragominas e Tapajós.	Pará
Organização Jaime Câmara	Rede Anhanguera	TVs Anhanguera: Palmas, Araguaína e Gurupi.	Tocantins
Sistema de Comunicação Mirante	Rede Mirante	TV Mirante	Parte do Maranhão (a 44° a oeste do meridiano)

Na observação da fluxometria são das produções dessas televisões amazônicas, as maiores possibilidades de partidas das notícias da Amazônia Legal para as matrizes da TV Globo, como explicarei adiante.

Apresentado os recortes metodológicos, temporais e do mapa de campo, passo a explicar o olhar investigativo sobre o recorte temático.

3.3 Recorte Temático:

A escolha temática de notícias sobre a região da Amazônia Legal aplica-se ao presente estudo no alcance de seu objetivo principal, a lembrar: desvendar na valoração noticiosa hegemônica representativa da Amazônia na língua portuguesa, as dificuldades enfrentadas para a eclosão de um jornalismo ambiental de *ethos* democrático que venha a

oferecer um *ethos* pedagógico contextual aos jornalistas atuantes na própria Amazônia Legal, especialmente na Universidade Federal do Tocantins, local de trabalho da investigadora e unidade federativa brasileira integrante da região.

Mas há ainda neste recorte de olhar dois significativos embasamentos teóricos para a pesquisa que oferecem trilhas de importância para o pensamento crítico dos estudos culturais. Os dois são de teor histórico-cultural e estão interligados, porém, o primeiro leva o pensamento à trilha do passado e o segundo oferece oportunidade de avançar na trilha dos estudos pós-coloniais atuais na busca pela especificidade do colonialismo português.

O primeiro refere-se, portanto, à “coincidência” histórico-geográfica¹⁵⁴ entre a política desenvolvimentista do Estado do Grão Pará e do Maranhão desde Pombal no século XVIII; com a delimitação jurídico-geográfica feita pela política desenvolvimentista da Amazônia brasileira no século XX. A delimitação de uma extensa área do território brasileiro para uma governança diferenciada da política de desenvolvimento deste país, sob forma de lei nacional. Uma “coincidência” também no diferencial do tratamento político feito antes pelo império português e depois a partir do governo de Vargas, pelo Estado brasileiro: planejamento e administração diferenciada do resto do Brasil como área de reserva dos recursos naturais, de vazios populacionais que justificavam políticas de povoamento e de segurança, primeiro do império luso e, depois da soberania brasileira.

Isto faz da Amazônia um local de dualismo entre Estado e sociedade civil, no que Sousa Santos chamou de “espinha dorsal” da teoria política liberal (2005:173): Amazônia como periferia do colonialismo inglês e semiperiferia do colonialismo português no passado, situação assumida da mesma forma pelo Estado brasileiro após sua constituição, local periférico da governança internacional e semiperiférico do Estado nacional. Sistema dualista de atribuição de poder/privação de poder no qual é o Estado que cria a sociedade civil, e não o contrário como promulgado pela teoria liberal. Uma permanência incômoda que impede por si só a mínima distinção que seja entre colonialismo de neocolonialismo.

Esta trilha que suporta e subsidia o pensamento teórico na procura por bases de caracterização do colonialismo português como periférico do colonialismo inglês e que

¹⁵⁴ A área que os estados do Grão-Pará e do Maranhão separados e fundidos em determinados períodos históricos do Brasil colônia é a mesma área delimitada pela Lei 1.806, da Amazônia Legal, com alguns acréscimos posteriores (como Goiás e parte do Mato Grosso) de acordo com a conveniência política para arrecadação de investimentos internacionais.

traz inerentemente uma questão teórica de relevância para a difícil tarefa de auto-representação dos ex-colonizados na atualidade, como explica Santos,

Esse problema referido ao colonizado, consiste, como é sabido, na impossibilidade ou dificuldade de o colonizado ou o chamado Terceiro Mundo ex-colonizado se representar a si próprio em termos que não confirmem a posição de subalternidade que a representação colonial lhe atribuiu. O caráter quase dilemático deste problema está em que a inversão dessa posição pode sub-repticiamente confirmar a subalternidade no próprio processo de a superar (Santos, 2008: 231).

Mas tal dilema atribui também, como expliquei no segundo capítulo, à Amazônia um lugar de evidências conflituais entre as forças hegemônicas e contra hegemônicas, oferecendo visualização das relações entre colonizadores e colonizados.

Posto isso, passamos à fluxometrias das notícias: o ir e vir de toda a observação.

3.4 Mapas dos Fluxos de Alcance da Produção das Notícias

O processo de produção de uma notícia considerado desde a captação dos fatos até a sua publicação se configura como fluxo partida até a sua chegada, pois só uma produção jornalística divulgada pode ser considerada notícia ou produto final jornalístico. Chamo de fluxo de partida a apuração da notícia, ou seja, de onde o fato se deu e de onde partem os conteúdos que serão trabalhados para virarem notícia nas matrizes (cabeças-de-rede).

Já o fluxo de chegada é a distribuição dessa produção pelas matrizes que chegará às mentes dos receptores. Assim, para cada televisão estudada temos dois mapas: o do fluxo de partida e o do fluxo de chegada. Ambos importantes na consideração da produção e no entendimento das relações estruturais e sociais envolvidas no processo produtivo, e responsáveis pelo desenho das redes.

Para traçar a fluxometria das notícias que partem da Amazônia persegui o caminho das notícias de trás para frente, ou seja, a partir da notícia divulgada (ponto de chegada) para a fonte ou a ideia do fato que virará notícia (ponto de partida), porque os fatos que virarão notícia nem sempre acontecem na Amazônia, podendo mesmo se dar em centros de decisão muito distantes dessa região, como uma conferência sobre meio ambiente na Europa e etc. Mas, para melhor compreensão desses fluxos, apresentá-los-ei aqui no formato real de como tal traçado acontece para melhor compreensão dos leitores.

Assim, a partir do recolhimento das notícias em ambas as televisões no período indicado acima, e das entrevistas realizadas com os produtores de jornalismo, também das duas televisões, foi possível a definição da fluxometria de produção das notícias sobre a Amazônia, e perceber os nós nevrálgicos onde estão os principais “portões” (*gates*) ou filtros.

Mas vale explicar ainda que em tal fluxometria estão incluídas todas as infinitas passagens pelas chamadas “infovias”, ou seja, os fluxos percorridos pelos fatos através da Internet. As “infovias” podem ser explicadas como estradas eletrônicas onde podem transitar todo tipo de informação, na forma de texto, som ou imagem, entre um ponto gerador e diferentes pontos receptores e vice-versa. Elas são formadas por plataformas eletrônicas, destacando-se como principais o telefone, a televisão, a Internet, os servidores, as bibliotecas multimídia e as salas de videoconferência. Os dados viajam através de fibras óticas acopladas por cabos, mas para percorrerem grandes distâncias esses “feixes de luz” não têm como acompanhar a curvatura do planeta e então são interligados aos satélites que retornam as informações para outras plataformas eletrônicas. Considerei, portanto, a representação das infovias incluídas nos percursos dos satélites.

3.4.1 Fluxometria da RTP:

A fluxometria de partida da RTP, portanto, são as escolhas dos jornalistas sobre os fatos/temas acontecidos/discutidos sobre os estados/questões que compõem a região da Amazônia Legal, na sua relação com as fontes; das agências de notícias assinadas pela referida televisão¹⁵⁵ via satélites; através do seu contrato de concessão de conteúdos informativos com a rede brasileira de televisão, Grupo Bandeirantes de Televisão; ou ainda por seu correspondente, João Pacheco Miranda. Tais escolhas também recebem o crivo dos jornalistas lotados na redação principal, em Lisboa, e podem ir ou não ao ar.

Muitas vezes, os fatos são recolhidos pelas matrizes, nas redações de Lisboa e Porto, por exemplo: sabe-se (pela pesquisa na Internet ou no inter-relacionamento com outras mídias) que haverá um congresso importante em Manaus e a chefia de reportagem envia a pauta para o correspondente, no Brasil com a devida autorização para seu

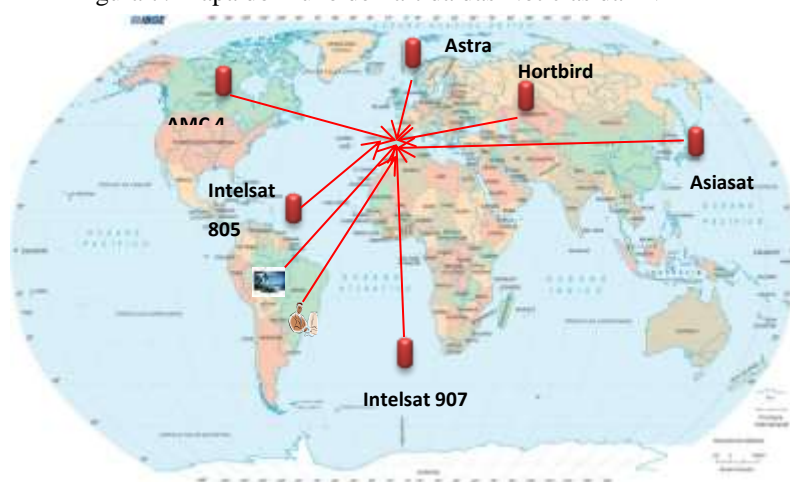
¹⁵⁵ A RTP é assinante das seguintes agências de notícias: Reuters, France Press, ATPN e Lusa. Recebe ainda imagens da Eurovisão.

deslocamento para essa cidade. De qualquer forma os conteúdos que chegam à redação recebem tratamento de edição de texto, imagem, som e gráfico, como descreverei no próximo capítulo que versará sobre a etnografia das rotinas de trabalho.

O principal portão assim está nas redações matrizes, pois são os centros decisórios de publicação ou não das notícias, porém todas já passaram pelos portões de origem: seja pelo olhar e pelo tratamento dado às notícias pelas agências contratadas pela emissora, seja pela parceira no Brasil, seja ainda pelo jornalista correspondente. Ou seja, não há informação pura, que não carregue em si já intersubjetividade.

Abaixo o mapa de fluxo de partida da produção sobre a Amazônia da TV RTP abaixo:

Figura 7: Mapa do Fluxo de Partida das Notícias da TV RTP

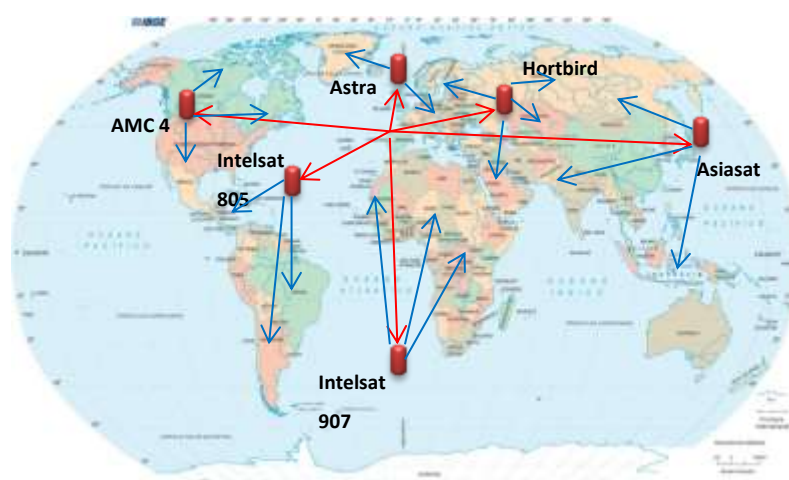


Fonte: IBGE (2009)

Notícia tratada: traduzida, legendada, sonorizada, mixada, editada, enfim, pronta para ir ao ar; inicia-se um complexo caminho de distribuição nas diversas formas tecnológicas de distribuição. É o que denominei de mapa dos fluxos de chegada, ou seja, os caminhos percorridos pela notícia até chegar às mentes dos telespectadores. Este mapa é o que fornece a amplitude que uma notícia pode alcançar no globo e que faz da televisão um meio de massa. Além dos sinais terrestres de suas torres repetidoras a nível nacional, a TV RTP usa todos os satélites disponíveis no planeta, tanto para receber as notícias, quanto para passá-las adiante por todo o globo para assinantes da televisão por assinatura.

As notícias generalistas produzidas para serem transmitidas em sinal aberto, ou seja, as notícias que pretendem cobrir o cotidiano, são em sua maioria matrizes para traduções/repetições para outras formas segmentadas de recepção, como é o caso da televisão por cabo ou televisão pela internet, em sinal digital. Isto confere maior força a essas notícias e sua possibilidade de audiência é ainda maior. São ainda, frequentemente produzidas nas próprias redações das matrizes. A seguir então, a apresentação do mapa do fluxo de chegada das notícias da RTP:

Figura 8: Mapa do Fluxo de Chegada das Notícias da RTP



Fonte: IBGE (2009)

3.4.2 Fluxometria da TV Globo:

Quanto à TV Globo, temos uma fluxometria de partida mais ampla por incorporar a complexidade da produção em território brasileiro devida às próprias dimensões do país, do compromisso comercial da TV Globo com o consumidor brasileiro e para a manutenção de sua liderança de audiência. Para um melhor entendimento das fontes dessa produção eu a dividi em quatro mapas: dois apenas para a produção no Brasil e outros dois para produção global.

No primeiro mapa que se segue, traço o fluxo de chegada apenas a nível nacional para não escapar do recorte temático, afinal, a TV brasileira não tem necessidade do aproveitamento de produções noticiosas sobre a Amazônia que não sejam as próprias. Mesmo as que partem das agências são re-apuradas e refeitas nas matrizes. Assim, temos a

possibilidade de utilização das notícias produzidas nas televisões afiliadas da TV Globo em todos os estados componentes da Amazônia Legal, pela cabeça de rede¹⁵⁶ no Rio de Janeiro. Neste local, são produzidos quatro jornais diários que representam as matrizes das notícias que, da mesma forma como faz a RTP, serão transmitidos a nível nacional e internacional, porém aqui, sempre recebendo tratamento editorial, nas diversas tecnologias midiáticas disponíveis (satélite, cabo, Internet). A interação entre mídias é constantemente fruto de produção de notícias na própria Central de Jornalismo do Rio e na Central de São Paulo. Ambas são interligadas por fibra ótica. Além disso, a Agência O Globo (lotada na redação do Jornal do Grupo, no Rio de Janeiro) tem parcerias com jornais em todas as capitais brasileiras, e, portanto, também nas capitais dos estados amazônicos.

Com todas essas possibilidades de conseguir notícias sobre a Amazônia, o Jornal Nacional, programa líder absoluto de audiência dessa televisão, tem ainda transportes próprios para o deslocamento da equipe. Primeiro, um ônibus – a Caravana JN – e depois, um avião – o avião JN. Com ele, voa até a Amazônia para realizar reportagens especiais, numa interação entre as equipes locais (as afiliadas) e da matriz no Rio de Janeiro, como também veremos a seguir no relato etnográfico. Portanto, o fluxo de partida da produção das notícias sobre a Amazônia a nível nacional se dá como no quadro abaixo:

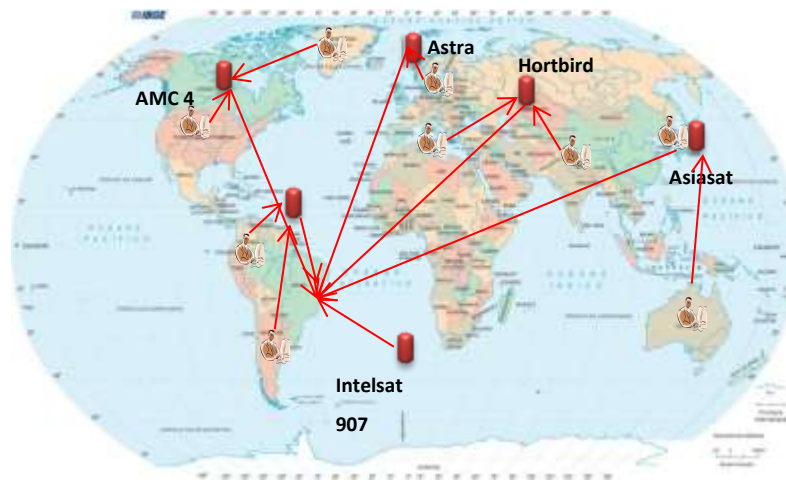
Figura 9: Mapa do Fluxo de Partida Nacional das Notícias do JN



¹⁵⁶ Na linguagem jornalística brasileira, entende-se por “cabeça de rede” a central que reúne todas as redações dos jornais que serão distribuídos a nível nacional e internacional. No caso da TV Globo, é a Central de Jornalismo da Rede Globo, cuja sede é na cidade do Rio de Janeiro, mas se estende à Central de Jornalismo de São Paulo, onde também mantém redação.

A partida das produções vindas do exterior podem ser via agências de notícias com a utilização dos satélites, embora usadas rarissimamente pela emissora¹⁵⁷ ou via correspondentes através da Internet. Porém os jornalistas da Globo só aproveitarão o envio de conteúdos por agências como dados complementares na construção dos conteúdos finais, ou seja, nunca uma notícia sobre o Brasil vinda de fora deixa de receber tratamento pelos profissionais da emissora. Não existe na TV Globo o procedimento de publicar na íntegra conteúdos sobre o Brasil enviados por agências de notícias, apenas com a tradução linguística, como acontece muitas vezes na RTP. Tais conteúdos podem chegar ainda sem a utilização dos satélites via correspondentes com o uso do que a equipe da cabeça de rede apelidou de “kit correspondente”¹⁵⁸. Abaixo o mapa de partida internacional da TV Globo:

Figura 10: Mapa do Fluxo de Partida Internacional do JN



Fonte: IBGE

A estrutura de recebimento das informações conta ainda com escritórios em cidades-chave para a cobertura da imprensa, como os escritórios de Londres e Washington, que possibilitam que os correspondentes ganhem tempo enviando vídeos até quase o

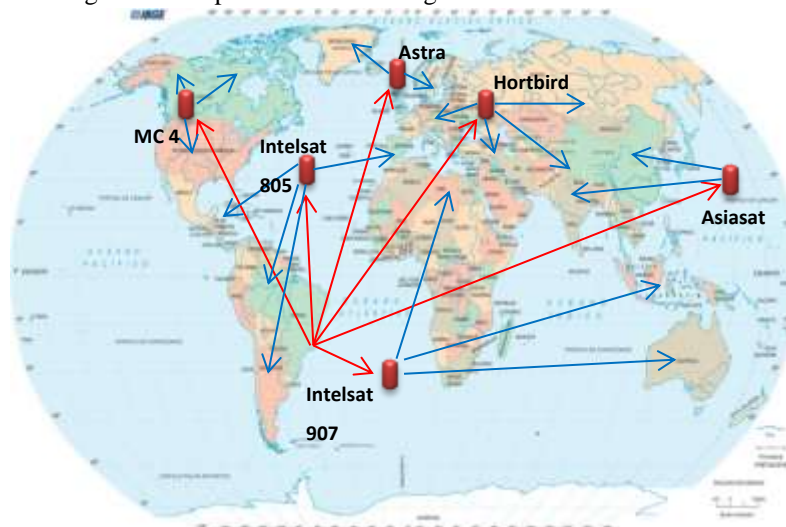
¹⁵⁷ A Central Globo de Jornalismo só se utiliza de informações fornecidas por agências sobre a questão amazônica se a fonte não for de acesso imediato da emissora, por exemplo, um comentário de uma autoridade estrangeira sobre o tema, assim mesmo leva-se em conta a relevância da informação para o povo brasileiro. Na maioria das vezes, portanto, confirma a informação com as emissoras locais afiliadas ou com as fontes nacionais.

¹⁵⁸“Com equipamentos de dimensões reduzidas, um repórter consegue enviar material diretamente para a Globo, sem a necessidade de reservar um canal de satélite. Ele grava o material com uma câmera comum, transfere o material para um notebook, edita a reportagem digitalmente e a transmite, comprimida, num arquivo digital pela Internet” (Bonner, 2010: 38).

momento de fecho dos jornais, ou entrem em direto no ar em sinal aberto dos jornais diários.

Quanto ao fluxo de chegada, a TV Globo também se utiliza dos satélites mundiais, da Agência de Notícias Globo para a venda de seus conteúdos através de contratos com outras emissoras interessadas em conteúdos na língua portuguesa, como é o caso da SIC em Portugal. No sinal fechado a emissora também conta com a estrutura da TV Globo Internacional com o canal, Globonews, distribuindo notícias ininterruptamente para seus assinantes para todos os continentes do Globo, nos quais repete as notícias emitidas em sinal aberto com tratamento diferenciado para cada veículo de comunicação. A seguir o mapa de chegada das notícias internacionais da TV Globo:

Figura 11: Mapa do Fluxo de Chegada Internacional do JN



Fonte: IBGE

Em nível nacional a TV Globo emite conteúdos jornalísticos locais através da produção própria de suas afiliadas que, em conjunto com as suas cinco matrizes¹⁵⁹, também são líderes de audiência nos estados que compõem a Amazônia Legal. Nos lugares mais distantes do alcance dos sinais dessas afiliadas, que são autônomas e não possuem tecnologia de alcance em todo o território de seus estados, o povo amazonense recebe os quatro jornais diários da emissora com tratamento noticioso nacional, por captação de sinal aberto por antena parabólica. Ou seja, há várias localidades que recebem notícias do Brasil,

¹⁵⁹ Matrizes da TV Globo: TV Globo Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), Brasília (DF), Belo Horizonte (MG) e Recife (PE).

mas não necessariamente da sua cidade ou da capital a que estão próximos, a não ser que a notícia tenha relevância¹⁶⁰ para audiência nacional e a cabeça de rede decida emití-la (*gate*) nos jornais nacionais. Abaixo o mapa do fluxo de chegada de matérias jornalísticas internacionais da TV Globo:

Através da Internet publica ainda reportagens multimídia¹⁶¹ no sítio, Globo Amazônia¹⁶², onde atinge o público conectado à grande rede e interessado. Vale dizer aqui que o fluxo é de mão-dupla, pois a equipe do sítio pode ser fonte de conteúdos para a emissora de televisão e vice-versa.

Então o fluxo de chegada em território brasileiro possui dois formatos como já mencionado acima: um formato nacional com distribuição para todo o país e um formato local (de chegada na Amazônia). Assim há dois fluxos de recepção na Amazônia: ou através das afiliadas produtoras dos conteúdos produzidos para os seus locais de abrangência via torres terrestres, ou através da cabeça de rede via satélite com captação por parabólica, mas apenas dos conteúdos nacionais (ou seja, aqui a Amazônia só se vê se a afiliada alcançar a cabeça-de-rede). Este tipo de recepção confere o que chamei de “áreas de sombra” dos conteúdos locais para a população amazônica. Confira no mapa de chegada nacional a seguir:

Figura 12: Mapa do Fluxo de Chegada Nacional do JN



¹⁶⁰ Critério de escolha da equipe de jornalistas da cabeça-de-rede no Rio de Janeiro.

¹⁶¹ Utilização de vários recursos midiáticos: som, imagens, textos, infográficos etc., para a construção de conteúdos jornalísticos.

¹⁶² Cf. www.globoamazonia.com.

Vale dizer ainda que foi o entendimento de tal fluxometria, o que possibilitou a orientação para o traçado do campo, além de permitir a observação dos portões de bloqueios/aberturas aos acessos de conteúdos contra hegemônicos oriundos dos estados da Amazônia Legal. Permitiu também perceber a possibilidade de abertura maior da RTP, que não tem relacionamento comercial com a RTP África ou com as televisões dos dois arquipélagos. Depois, determinou também o recorte da programação a ser observada: os jornais em sinal aberto e sua característica de produção de extrema generalização dos conteúdos e de repetição das emissões de forma a atingir a maior amplitude de público possível como explicação a seguir.

3.5 Recorte da programação e recolhimento de dados.

Observando a fluxometria traçada, percebe-se que fatos a serem noticiados sobre a questão amazônica brasileira podem surgir em toda e qualquer parte do globo. Mas, prioritariamente interessa a pesquisa, os fatos/questões que surgem em solo amazônico no Brasil, de que forma eles percorrem ou não os fluxos até penetrarem nas infinitas formas de cognição na recepção que, por conseguinte vão transformar/conformar o imaginário social sobre as questões da Amazônia. São os fatos, como diria Habermas, emanados do mundo da vida na Amazônia brasileira e o tratamento que recebem para se transformar em notícia. Interessa ainda os fatos/questões que, num pensamento contrário ao anterior, são oriundos dos centros de poder, e, ao se transformarem em notícia, vão incidir diretamente no mundo da vida amazônica e transformá-la.

A discriminação qualificativa desses dois vieses da notícia (um de dentro e outro de fora) aponta a atenção para os veículos de sinal aberto de formas diferentes. No primeiro caso apresenta a possibilidade de observação da construção da notícia no seu empenho ou não de apresentação dos interesses da população e da responsabilidade para com a natureza amazônica. No segundo apresenta a possibilidade de observação da construção da notícia sem o filtro ainda maior da presença do popular ou do “grande público” (Wolton, 1996:7) na busca pela segmentação, o que Wolton denominou de fragmentação da opinião pública.

Assim foram escolhidos nas grades de programação das duas televisões, os jornais diários emitidos em sinal aberto. Na RTP: o Bom Dia, emitido na parte da manhã; o Jornal da Tarde, na parte da tarde; e o Telejornal, emitido a noite, os três no canal RTP 1; além do

Jornal 2, emitido a noite e oferecido pelo canal RTP 2. Na TV Globo, por conta da imensidão de sua produção jornalística foi escolhido apenas um veículo, o Jornal Nacional, apresentado diariamente às 20:30 hs, que ocupa no fluxos de chegada, vários canais analógicos¹⁶³ e digitais¹⁶⁴ em sinal aberto e gratuito para todos os estados do país e por satélite para as localidades que não possuem afiliadas repetidoras da programação nacional, como já dito na descrição da fluxometria acima. O Jornal Nacional é o veículo de maior audiência do Brasil há 40 anos e para ele converge, ou dele diverge, as principais notícias dos e para os outros três jornais generalistas da emissora, mesmo recebendo tratamentos diferentes de acordo com a subjetividade de cada equipe de produção.

Nos quatro jornais da RTP foram ao ar 125 notícias sobre a Amazônia Legal, entre os anos de 2005 e 2011. No Jornal Nacional, foram ao ar, 185 notícias sobre o tema da pesquisa no mesmo período. Apesar, portanto, da grande superioridade da infraestrutura de captação e distribuição de notícias da TV Globo sobre a RTP, além da maior proximidade geográfica com a Amazônia, temos aqui uma produção em torno de 80% da televisão portuguesa sobre o universo de notícias emitidas pela televisão brasileira em seu principal veículo de informação, evidenciando ainda mesmo apenas com uma forma de ponderação quantitativa e apriorística, um forte interesse da equipe jornalística portuguesa e de sua audiência pelo tema.

3.6 Cursos e Percursos do olhar no trabalho etnográfico.

Segundo Marcus, o pesquisador deve seguir as cadeias, trajetórias e fios que fazem parte de um fenômeno específico e tratar de fazer conjunções ou justaposições de situações e estabelecer uma conexão ou associação entre elas (Marcus, 1995:105). Isto não significa que todos os locais precisem ser tratados com o mesmo conjunto de práticas de trabalho de campo, sendo investigados na mesma intensidade, pois a etnografia multi-situada é inevitavelmente o produto de bases de conhecimento de várias intensidades e

¹⁶³ Canais analógicos: 03 VHF (Palmas), 04 VHF (Rio de Janeiro, Rio Branco, Vitória, Cuiabá, Teresina, Porto Velho, Boa Vista e Aracaju), 05 VHF (São Paulo e Manaus), 06 VHF (Macapá e Campo Grande), 07 VHF (Maceió, Belém e João Pessoa), 10 VHF (Brasília, Fortaleza e São Luís), 11 VHF (Salvador, Natal, Florianópolis e Palmas), 12 VHF (Belo Horizonte, Curitiba e Porto Alegre), 13 VHF (Recife), 28 UHF (Rio de Janeiro).

¹⁶⁴ Canais digitais: 14 UHF (Rio Branco e Porto Velho), 15 UHF (Manaus), 17 UHF (Boa Vista), 18 UHF (São Paulo), 19 UHF (João Pessoa), 21 UHF (Brasília, Belém e Maceió), 22 UHF (Vitória), 23 UHF (Palmas), 26 UHF (Teresina), 28 UHF (Macapá), 29 UHF (Rio de Janeiro, Salvador e São Luís), 30 UHF (Campo Grande), 33 UHF (Belo Horizonte, Florianópolis, Fortaleza e Aracaju), 34 UHF (Goiânia, Porto Alegre e Natal), 36 UHF (Recife e Cuiabá), 41 UHF (Curitiba).

qualidades¹⁶⁵. É possível também adotar uma prática de pesquisa que Marcus denomina “etnografia estrategicamente situada” – que leva em conta não uma mudança literal dos locais de investigação ou a etnografia realizada em múltiplos espaços – mas que trabalha com um contexto multi-situado, já que o que ocorre nele não deixa de estar inserido e imbricado em um traçado de redes e no inter cruzamento de processos e práticas, mediações, conexões e circuitos. Portanto defino essa etnografia como multi-situada e estrategicamente situada, simultaneamente.

Como estes não permanecem encapsulados nos seus contextos imediatos de referência, também acabam sendo levados em consideração. O importante a ser notado é que o entendimento das dinâmicas locais de um determinado fenômeno social supõe (e exige) seguir empiricamente essas linhas entrelaçadas que o compõem, mas que transbordam de maneira ampla o perímetro local, justamente porque fazem o traçado de redes superpostas, de escalas variadas, que atravessam e definem (ou redefinem) cada situação. A realização da etnografia multi-situada não se restringe, assim, apenas à prática de campo; engloba também o fazer, a forma de relatar o que se ouviu. O “seguir as linhas” refere-se ao trabalho do pesquisador, no momento de analisar os dados. Um caminho seu que evidentemente traz a sua experiência de vida. No meu caso, os meus anos de jornalismo.

Vale marcar assim, que a apuração do olhar foi uma escolha entre muitas feita por mim: a perseguição dos traços que porventura viessem a permitir detectar a minúcia da injustiça cognitiva global dos discursos das televisões hegemônicas incididos sobre a natureza e a humanidade amazônica. Tais traços só poderiam ser vistos à luz das intenções imprimidas pelos valores-notícia, ou seja, na verificação ética da cultura jornalística, a intenção que mais transparece em cada artefato construído.

Até porque, a ideia de realização desta tese nasce de uma inquietação minha em sala de aula, quando passei a receber os alunos oriundos da política afirmativa de cotas raciais¹⁶⁶, instituída na universidade onde leciono. A universidade realizou um

¹⁶⁵ *Idem, ibidem*: 100

¹⁶⁶ AS cotas raciais fazem parte das ações afirmativas como medidas especiais e temporárias, determinadas pelo Estado, espontânea ou compulsoriamente, com o objetivo de eliminar desigualdades historicamente acumuladas, garantindo a igualdade de oportunidades e tratamento de acesso a educação, bem como de compensar perdas provocadas pela discriminação e marginalização, decorrentes de motivos raciais, étnicos, religiosos, de gênero e outros. Portanto, as ações afirmativas visam combater os efeitos acumulados em virtude das discriminações ocorridas no passado. Esse conceito surgiu no Brasil dentro do GTI - Grupo de Trabalho Interdisciplinar criado no governo de Fernando Henrique Cardoso no ano de 1995, hoje já extinto.

levantamento socioeconômico, cultural e étnico racial dos acadêmicos no ano de 2004 revelando que mais de 50% dos seus alunos se reconheciam como negros. Assim, concluiu-se que a política de cotas deveria beneficiar os indígenas, posto que a igualdade racial entre negros e brancos já estava contemplada no meio acadêmico da Universidade Federal do Tocantins – UFT. A partir de 2005, passaram a ser reservadas 5% das vagas em todos os cursos para alunos das sete etnias indígenas habitantes do estado do Tocantins e adjacências.

Em 2007, recebo em sala de aula os dois primeiros alunos indígenas do curso de jornalismo, um da etnia Karajá e outro, da Xerente. Tratava-se de uma das disciplinas que está sob minha responsabilidade, intitulada de Jornalismo Interpretativo, do 5º período do curso. O conteúdo ministrado girava em torno da argumentatividade no discurso jornalístico, incluindo a interpretação, a crítica e a análise dos fatos em análises comparativas dos gêneros jornalísticos vigentes na mídia impressa e eletrônica. A ideia era ainda trabalhar com os alunos a confecção de grandes reportagens como tendência da grande imprensa contemporânea. Era requisito mínimo, portanto, o domínio gramatical do português, para que começássemos a trabalhar a estilística da linguagem na forma jornalística.

Logo nos primeiros conteúdos ministrados reparei que os interesses desses dois alunos giravam sempre em torno das questões ambientais. Fato positivo na medida em que a missão maior da UFT, estabelecida por seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), instituído em 2007, era e de “produzir e difundir conhecimentos para formar cidadãos e profissionais qualificados, comprometidos com o desenvolvimento sustentável da Amazônia”. Na maioria das vezes em que esses alunos intervinham nas discussões nas aulas, aproximavam a ecologia, da política e dos movimentos sociais. Além disso, e para meu espanto, falavam da natureza como ente e a colocavam no lugar de fonte na produção da notícia. Títulos com frases do tipo, “*Árvore morre e coco que guardava a noite é roubado na aldeia Boa Vista*”, eram comuns nos textos de ambos os alunos. Sentia uma natural aproximação entre a linguagem jornalística e a literatura; um afastamento, também natural, da objetividade recomendada pela teoria da produção do gênero literário; e, uma forte aproximação entre a oralidade e linguagem escrita.

Primeiro fiquei instigada a fomentar o desenvolvimento de uma linguagem que nascia ali, diante dos meus olhos fascinados e perguntas passavam por minha cabeça. Seria

possível desenvolver um gênero jornalístico indígena? Poderíamos pensar a informação conectada e tradutora da cosmologia desses povos? Seria um tipo de jornalismo hiperespecializado para tratar o conhecimento das questões ambientais em voga? Se sim, como lhe dar com a pluralidade dos públicos na recepção? E depois, lidando com o meu pensamento positivista treinado nos reducionismos para pensar nas soluções: teria este gênero que ser essencialmente tratado como um tipo de jornalismo comunitário¹⁶⁷? E pior: não seria mais uma atitude de racismo na educação ignorar a diferença cognitiva ali expressa?

Pensei nas técnicas de linguagem própria da produção jornalística hegemônica ou “de massa”, como obstruções das traduções culturais no (re) conhecimento de mundo através da informação. Estariam esses alunos então numa condição tal de subalternidade na sua representação de mundo, lembrando a questão de Spivak¹⁶⁸, irreversivelmente silenciados? Depois pensei nos outros povos amazônicos, os quilombolas, os ribeirinhos, as quebradeiras de coco e por fim, no viés próprio do pensamento feminino, em mim. O que eu estava ali a ensinar, no meio do Cerrado, às margens da floresta em uma universidade pública?

Não. A gravidade dos problemas ambientais e sociais no mundo e a ascensão da esquerda na governança brasileira, a adoção do sistema de cotas nas universidades como já dito, possibilitando a chegada dos negros e índios aos cursos de terceiro grau, a proliferação dos movimentos sociais de todas as ordens, apontavam um futuro de transformação social e, assim, exigiam um presente cuidadoso na Amazônia. Era sem dúvida por isso, que os líderes indígenas enviavam seus filhos à universidade: precisavam falar e falar na língua do colonizador. Afinal, por que os indígenas escolheriam o curso de Jornalismo? Simplesmente porque o jornalismo inspira e é inspirado pela vida cotidiana das sociedades e sua imensa diversidade. Uma representação de mundo que os povos amazônicos não podem descartar na luta organizada ou não, por uma melhoria de vida e no

¹⁶⁷ Gênero jornalístico com a especialização do exercício da profissão no tratamento dos fatos que ocorrem dentro de uma comunidade (bairro, vila, vilarejo, aldeia, povoado, distrito, concelho, município, favela, etc.) ou que sejam de interesse para os moradores desta. Também se define como o jornalismo praticado por membros de uma comunidade — como, por exemplo, no caso de jornais e rádios produzidos por moradores de uma aldeia.

¹⁶⁸ Alusão ao texto de autoria da indiana, Gayatri Spivak, intitulado, “Podem os Subalternos Falar?” (1988: 271-313).

respeito e conservação dos *recursus*¹⁶⁹ naturais na contemporaneidade. Uma representação intimamente associada à noção de esfera pública ampliada habermasiana na qual, por meio de uma ampla divulgação e aparição torna-se conhecida por todos e se constitui em realidade.

Sim. Valeria a pena embrenhar-me na produção hegemônica jornalística dos meios de massa para me habilitar à construção de sentido de uma linguagem de resistência na língua portuguesa. Uma habilitação que permitiria o ensino do olhar para decodificações de jargões oriundos dos campos especializados (fontes científicas) para contextualizações de dados ou descobertas. Permitiria ainda o aprofundamento da apuração para formas de investigação de novas denúncias ou avaliações no sentido de fortalecimento do jornalismo ambiental na Amazônia e sua repercussão pública. Mas de que forma essa etnografia deveria ser realizada diante do escorregadio objeto de estudo e diante das minhas próprias limitações enquanto observadora no tempo que eu tinha, no espaço em que eu estava?

Voltamos ao ponto inicial desse capítulo, a etnografia da produção noticiosa não poderia ser realizada nem em um só local e nem a um só tempo. Além de que as notícias enquanto construções coletivas precisavam ser analisadas *per se*, ou seja, nos valores das formações discursivas resultantes nos processos produtivos. E precisava mais, fazia-se necessário investigar se tais formações discursivas poderiam se constituir em uma generalização do discurso de cada emissora para ser possível compará-las. Um trabalho complexo que foi se delineando durante a investigação. Melhor dizendo, não houve uma decisão apriorística de escolha dos métodos, eles foram sendo encaixados no devir da investigação. O que apresentei, portanto no primeiro item deste capítulo foi resultado das inquietações do campo, escolhas feitas durante e diante das várias dificuldades físicas e das blindagens cognitivas¹⁷⁰ que o campo impôs.

¹⁶⁹ Do latim, o termo tem o significado originário de procura por auxílio, socorro, ou ainda de proteção, refúgio. O uso do termo em latim é apenas para diferenciá-lo do significado mais usual de riqueza ou bem natural.

¹⁷⁰ Refiro-me aqui ao conceito formulado por Tavares (2012: 12-13), nas palavras do autor: Por blindagem cognitiva compreendo os efeitos do secular processo de dissimular, que os mecanismos de linguagem, isto é, as metáforas e metonímias, reproduzem no interior do nosso idioma, como um recurso dos atos de fala bloqueadores da memória e da experiência entre os processos de reconhecimento e ou afirmação. Este fato linguístico não é senão a manifestação atualizada do mecanismo de denegação, apontado por Freud na A Negação (*Die Verneinung*), em 1925. Conforme definição na psicanálise, negação, recusa ou denegação, constitui-se no processo pelo qual o indivíduo, embora formulando um dos seus desejos, pensamentos ou sentimentos, até aí, recalcado, continua a defender-se dele negando que este lhe pertença. Enfim, trata-se de recusar a percepção de um fato que se impõem no mundo exterior.

Assim, por força de um ordenamento que conduza o leitor deste trabalho, sigo nos próximos capítulos com a descrição etnográfica da observação participante em um dos locais da investigação – na RTP, depois a observação na TV Globo, cuja permissão para pesquisa tornou impossível que esta observação fosse participante, para depois apresentar a descrição pormenorizada das construções noticiosas ancorada na teoria do *Newsmaking* com foco na dimensão ética e cultural dos valores-notícia com a classificação de Traquina. Além do que, não era difícil para mim – como o é para a maioria das pessoas que olham de fora para essa profissão – perceber uma dimensão que por tantos anos eu mesma vivenciei e adquiri. Afinal, dimensão ética da cultura noticiosa não varia muito há séculos, como reconheceu Traquina ao lembrar, Stephens (1988). É a cultura instintiva partilhada entre os jornalistas, que não desdenha o insólito, que dá preferência ao típico, que jamais ignora o proeminente e que dedica atenção tanto ao datado como ao atual, tanto ao legal como ao ilegal, tanto ao bem-estar como à morte. (Traquina, 2002 :178).

Desvelar os valores das notícias é compreender a cultura dos profissionais em jogo, sua competência comunicativa (Habermas, 1989) que – mesmo sofrendo pressões da política editorial da empresa, da rotina veloz do trabalho, das fontes oficiais; tem autonomia suficiente para “virar o jogo”, para exercer o contra poder, valendo-se do mitológico préstimo que envolve a profissão: um exercício de poder necessário à teoria democrática.

No percurso me apoio primeiro na análise documental das notícias recolhidas como um todo, levando sempre em conta os valores-notícia que constroem cotidianamente a cultura do jornalismo na língua portuguesa e que vão incidir nas representações de mundo no imaginário social. Através da percepção do contexto social e político (os filtros, ou “portões” que impedem ou permitem a transformação dos fatos em notícia); e da discriminação desses valores, persigo os fios condutores do olhar específico dos jornalistas na escolha e na construção das notícias mais relevantes para o estudo, complementados pela memória de alguns desses jornalistas em entrevistas específicas no contexto das notícias escolhidas.

Para sistematização do trabalho e apoio às interpretações, cada notícia foi codificada com a ajuda do *software* WebQDA, uma ferramenta de análise qualitativa de dados não numéricos e não estruturados que foi desenvolvida pela empresa Esfera Crítica e

o Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (CIDTFF) do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro, em Portugal.

Nos próximos capítulos, então, passo às descrições das observações conseguidas nas duas televisões, primeiro a portuguesa e depois a brasileira.

Capítulo 4. Em terras lusitanas: contexto da pesquisa, dimensões ético-cognitivas e polifonia dos jornalistas.

4.1 Contextos da pesquisa:

Desde o início do inverno europeu, ainda em 2011, eu já havia tentado oito vezes contato com a Diretoria de Informação da RTP por e-mail, mas só no dia 22 de março, recebo uma ligação da produtora de jornalismo, Cristina Mendes Pereira, em resposta a uma das minhas mensagens enviada à Diretora de Informação, Sra. Pilar Naya. Cristina dizia-se ao meu dispor no que pudesse ajudar na pesquisa e marcamos nosso primeiro encontro para a semana seguinte em Lisboa para que eu conhecesse a principal redação da emissora¹⁷¹.

Preparei-me para permanecer em Lisboa¹⁷² o tempo que fosse necessário para pesquisar todas as notícias sobre a Amazônia que tivessem ido ao ar nos dez anos anteriores. Ou seja, a pretensão era a de cobrir a primeira década do Século XXI de produção de notícias sobre o tema da pesquisa. Além disso, preparei o caderno de campo para anotar toda a minha percepção sobre o ambiente na redação, conversas e tentar perceber as relações que ali se estabeleciam.

Chegou o dia. Cristina, a minha informante (de acordo com Bakhtin, seria melhor aqui denominá-la de dialogante), me recebeu com muita simpatia e, para não me alongar, ficamos amigas rapidamente, pois havia entre nós muita empatia, corroborada inclusive, com a coincidência de sobrenomes iguais, apesar de não sermos parentes. Logo no primeiro dia fiquei sabendo que era impossível a recolha de dez anos de notícias da RTP, pois, quando a redação passava por um processo de modernização tecnológica perderam-se muitas das notícias que estavam indexadas em arquivo digital, outras ainda em fitas magnéticas.

Além do mais, na história da empresa, há um longo processo de empreendimento para a reestruturação da RTP, que começa em 2002 e chega até outubro de 2004, período pós-surgimento das televisões privadas em Portugal. A sede da RTP muda da Av. Cinco de Outubro para a Av. Gomes da Costa, em Lisboa, e enfrenta o desafio da mudança dos

¹⁷¹ A RTP mantém também uma redação menor na cidade do Porto.

¹⁷² O tempo presencial do meu doutoramento residi perto da Universidade, na cidade de Coimbra que fica há duas horas de trem da cidade de Lisboa.

equipamentos e antenas sem tirar os quatro canais em funcionamento do ar. A RTP refaz seu planejamento gráfico, muda logomarcas e aposta em uma identidade mais moderna no enfrentamento à concorrência pela audiência imposta pelas televisões privadas. O sinal também passa do analógico para o digital nesta fase e entram novas tecnologias de satélite em funcionamento com potencia para atender a demanda do alargamento de horários informativos dos arquipélagos (Açores e Madeira). Enfim, só haviam notícias arquivadas em papel dos anos 90 para trás, ou digitalizadas, de 2004 para frente.

Sentamos à frente do computador da Cristina e começamos as buscas. No arquivo geral, descobrimos, também não estão todas as notícias que foram ao ar: eram muito poucas notícias no ano de 2004 pelo espaço que ocupava os jornais dos dois canais generalistas (RTP 1 e RTP 2). ‘Por quê?’”, perguntei. “Não sei, mas acho que é porque já houveram muitas mudanças no sistema e sempre perde-se qualquer coisa”, respondeu-me. “Mas há um jeito seguro. Tenho nos alinhamentos todos os *pivôs*¹⁷³ e os respectivos textos que foram ao ar no arquivo da pesquisa de produção. Podemos pesquisar por palavras-chave”, disse. Cristina é produtora de jornalismo, um cargo imprescindível de apoio à dinamização do tempo dos jornalistas televisivos. Ela pesquisa tudo sobre as pautas¹⁷⁴, marca entrevistas, faz contatos e também apoia os jornalistas no processo de construção da notícia ou reportagem. Precisa, portanto, ter um arquivo muito completo das peças divulgadas para agilizar seu trabalho e permitir aos repórteres dinamização do tempo de apuração da notícia e planejamentos dos deslocamentos da equipe de gravação a cada dia.

Eu logo adquiri destreza no sistema de busca da produção e rapidamente percebi que ali estavam bem mais do que alinhamentos, textos noticiosos e grelhas¹⁷⁵ da programação do jornalismo. Liberei a Cristina para que ela continuasse o seu trabalho e pesquisei a vontade na Intranet da RTP por oito horas naquele dia. Mesmo de forma incompleta, as grelhas traziam fichamentos dos textos na íntegra das notícias, mas também,

¹⁷³ O termo “pivô” é jargão dos jornalistas em Portugal, para indicar o jornalista que conduz o jornal, faz a abertura com o resumo das principais notícias, chama as notícias uma a uma e depois fecha o jornal. No Brasil o termo utilizado é “âncora”.

¹⁷⁴ Pauta: informações sucintas dos acontecimentos agendados para serem apurados pelas equipes de editores e chefias de reportagem e jornalistas em geral.

¹⁷⁵ Mais uma diferença na terminologia profissional do jornalismo entre Portugal e Brasil: são “grades” no Brasil e “grelhas” em Portugal a listagem com os títulos das notícias por ordem de horário de entrada no ar de cada jornal.

muitas vezes com os nomes dos jornalistas, os tais dos oráculos¹⁷⁶, os “offs”¹⁷⁷, que me forneciam as pistas da produção de cada notícia: origem das fontes, intenções das pautas, e abrangências alcançadas pelas repetições das notícias nos vários canais de RTP, a nível nacional ou internacional. Ou seja, começava também aqui não só uma busca pelas notícias, mas também a perseguição dos fluxos que elas faziam até serem consumidas pelo telespectador, intimamente relacionado com o valor-notícia de cada uma delas em cada dia de produção. Tal descrição, entretanto, apresentarei com detalhes mais a frente. Defini assim a sistematização do meu trabalho de recolha das peças jornalísticas: tudo o que conseguia perceber, passou a ser anotado ao final de cada cópia de cada notícia. Isso fazia o trabalho seguir mais lento, mas me trazia muito mais segurança na investigação diante das intempéries do campo, como mostrarei mais tarde.

O empreendimento seguiu por mais 14 dias, quando foram recolhidas 127 notícias sobre a região da Amazônia Legal entre o ano de 2005 e maio de 2011. Lembrando Burawoy e sua extensão de observação para participação, logo nos três primeiros dias da semana inicial, Cristina e eu conversamos muito durante nossas refeições – que fazíamos juntas na cantina da emissora –, e também durante as descidas ao pátio do prédio da empresa para fumar nosso cigarrinho. Mas a conversa girava frequentemente em torno de dois eixos: a curiosidade dela sobre a minha pesquisa – o que exatamente eu estava a fazer ali - e a fase estressante que ela e toda a equipe do jornalismo vinham passando no trabalho cotidiano na emissora. Logicamente que ambos se complementavam nas preocupações da minha dialogante. Insegura no emprego queria ter certeza de até onde poderia ir ao responder as minhas perguntas. Tentar proximidade não estava dando certo. Por mais que eu me abrisse honestamente com ela sobre as minhas intenções, por mais que eu explicasse os passos da investigação (que eu ainda não sabia exatamente quais seriam) sentia que a todo o momento ela voltava ao comportamento inicial.

Lembrei-me de Burawoy ao definir a condição abraçada em sua teoria etnográfica: *“Reflexive science sets out from a dialogue between us and them, between social scientists and the people we study. It does not spring from an Archimedian point*

¹⁷⁶ No Brasil “legendas”, em Portugal, “oráculos”, este ultimo terminologia bíblica para acompanhamento das missas católicas. Mas ambas são as inscrições gráficas que identificam as pessoas que estão a falar na imagem.

¹⁷⁷ *Off*: o que não é lido para o telespectador, anotações técnicas de entrada de som, de mudança de quadro, ou de identificações da origem do material que podem ou não serem mostradas, imprimidas pelo videografoista ou pelo editor de imagem.

outside space and time” (1998:4). Passei a falar de mim, da minha trajetória como mulher e jornalista no Brasil, como filha e neta de portugueses e dos pontos em comum de ambas as culturas. Um país patriarcal onde as mulheres ainda lutam por autonomia, tão parecida com a luta das portuguesas. Ela então, contou-me o momento difícil que estava a passar desde o âmbito privado (que aqui não interessa) até o trabalhista. E neste último, logicamente não era só ela a atingida. A redação da RTP possui imensa presença feminina, assim como as redações no Brasil e, assim como no Brasil, a maioria são de mulheres que administram e sustentam suas famílias sozinhas. 2011 era um ano que começava com a ameaça das privatizações em Portugal que precisava saldar sua dívida com a UE, o que colocava a emissora num lugar muito desconfortável como prestadora de serviço público e como uma das protagonistas nos boatos em torno de possíveis privatizações. Além disso, o ano anterior foi vivido sob forte contenção salarial e restrições à contratação de pessoal.

Depois ainda, terminada a recolha das notícias, ofereci-me para ajudá-la ao menos nas pesquisas de complementação das pautas. O que aceitou prontamente. Estava selada a parceria. Estava agora eu a fazer duas pesquisas: a minha e a de algumas pautas enviadas à Cristina. Lógico que houve imbricamento das duas. Pensei na ética da pesquisa e pedi à minha dialogante sua opinião.

Interessava-me saber nesta fase da pesquisa, como tal pressão influenciava a produção das notícias na RTP em duas dimensões já citadas no capítulo três, a saber, dimensões ético-cognitivas das relações com o pensamento ecológico e da sensibilidade desses jornalistas com as relações desiguais econômicas. A terceira dimensão – incorporação da linguagem nos valores-notícia - ficaria para a observação conseguida do material documental, ou seja, as próprias notícias.

Havia maior controle dos conteúdos por parte dos editores? As negociações das pautas entre jornalistas e editores na escolha dos acontecimentos a serem noticiados estavam tensas? Além do mais, a característica militante que o tema ambiental impinge aos jornalistas é altamente dependente de tais negociações na busca por apoio na base social. Mas em tempos de crise econômica e financeira do país, haveria ainda espaço para temas ecológicos nas cabeças dos editores e dos repórteres? Afinal, a crise do país já existia há cerca de dois anos e prometia longa duração...

“Pois, eu não vejo a princípio como sua indagação poderia ser antiética ao meu trabalho”, disse-me Cristina. “Não. Estou preocupada com a ética do meu”, respondi.

Rimos e ela ponderou: “Bem nesta monta, não tenho nada a te dizer, mas acho que não há problema algum em usares as pistas que consegues com ajuda que estás me dando para ajudar no teu trabalho. Esta é a tua paga”. Rimos novamente e ela completou: “Mas acho que para saberes se uma pauta poderia ser mais ou menos discutida deves ir falar com os próprios jornalistas”. “*Saying more by letting others say it*”, disse brincando e perguntei: “Também leste George Marcus?”. “Não, mas acredite, tenho aprendido muito com a tua pesquisa” (Mais risos).

A minha estratégia passou a ser de uma maior aproximação com os jornalistas e naquele dia saí da redação na companhia de uma jovem repórter que Cristina me apresentou em um dos seus intervalos no trabalho, colaborando com a nossa conversa mais cedo. Eu e Ana Luísa fomos a um café na Baixa e já livre da pressão do horário de fecho do telejornal, ela me concedeu uma longa entrevista.

De maneira descontraída Ana Luísa contou empolgada histórias das muitas maneiras como conseguia “furar”¹⁷⁸ as pautas além das frequentes aceitações por parte de sua editora das sugestões oferecidas pela repórter. Seu depoimento deixa claro seu interesse pela temática dos direitos humanos, das questões raciais e o quanto gosta da profissão, que define como “bonita”. Ela não se sentia pressionada ou controlada por seus superiores, mas admitia que houvesse uma vigilância maior quando o assunto era política ou economia. Em relação aos colegas repara e reclama que em Portugal há pouca “cultura do furo jornalístico” especialmente na televisão e pela busca por novos olhares sobre as temáticas o que para ela explica a uniformidade do noticiário nas várias televisões. Entretanto reconhece como passível o fato de muitos deles já estarem “um bocadinho cansados” pelo longo tempo em que estão na empresa e pondera que talvez sua empolgação com o jornalismo se deva também ao fato de está-la exercendo há apenas um ano e meio. Isto me tocou o sentimento para o lugar de enunciação da jornalista: uma jovem que estreia na profissão com o país já em crise financeira e de emprego e que expressa com reticências o seu principal sentimento diante de seu futuro: a necessidade de continuar otimista.

¹⁷⁸ O sentido de “furo jornalístico” nos primórdios da atividade significava na linguagem cotidiana dos jornalistas, oferecer ao público a notícia que ninguém conseguiu, ou foi capaz de perceber. Sentido que estava ligado muito mais à concorrência entre jornais. Hoje em dia, com o desenvolvimento tecnológico das mídias, que facilita a todos o acesso aos fatos e a complexificação das relações da profissão com o sistema capitalista, o sentido de “furo jornalístico” adquiriu um significado a mais: o de conseguir passar uma notícia através dos “portões” de negociação com as diferentes chefias ou dos acordos definidos dos valores-notícia (os *gatekeepers*) no sistema hierárquico das redações.

“Eu tento não pensar muito no futuro. Claro que leio as notícias, claro que vejo as coisas e acho que é... Claro que as pessoas questionam o que vai acontecer ou o que não vai, mas esse otimismo meu.... Eu tenho mãos e pernas para trabalhar, portanto, acho que , pronto” (Rodrigues, Ana Luísa, 2011, Apêndice A: 352).

Lembrei-me de mim no início de carreira no Brasil. Semelhante? Acho que pior do que reticente, havia para mim um horizonte apenas de mordacidade, em tempos ditatoriais.

Mas, continuando, de qualquer forma, a repórter não acreditava em autocensura por parte dos colegas ou censura por parte dos editores, e explica muito mais a falta de vontade pelo furo jornalístico com a crítica pela falta de criatividade e passividade diante de uma lógica política vigente no país que está a por abaixo princípios de direitos humanitários sem lutar. No auge de sua juventude, Ana Luísa confessa sua raiva e apresenta sua tática:

Agora, eu fico com imensa raiva, fico com raiva, mesmo raiva às vezes de ver as conversas na cantina, no refeitório, não é? [...] Os editores mandam fazer as coisas e as pessoas às vezes não questionam. Melhor, não tentam fazer de forma diferente, não são capazes de ter um pouquinho mais de inteligência ou pelo menos concentrar criatividade sobre um tema, não é? E aí tornar um tema que é uma porcaria em um tema interessante, há uns que fazem isso e têm a capacidade para fazer isso. Há pessoas que fazem isso e que tem a capacidade de fazer isso, mas o que eu acho é que as pessoas furam pouco. A forma como eu encontrei de furar é propor, propor, propor e propor (Rodrigues, Ana Luísa, 2011, Apêndice A: 353).

Na cantina participando agora bem mais à vontade do círculo de colegas da Cristina passei a repetir frases da entrevista para sentir os comentários. Era notório o pessimismo, mas haviam comentários contundentes e irônicos em relação à necessidade de reagir ao *status quo* enfim, à necessidade de furar, como disse Luísa. Coisas do tipo: “os furos estão mesmo em nossos bolsos” ou “já cá estamos todos furados”, eram comuns seguidos de gargalhadas que evidenciavam o compartilhamento desse sentimento. Mas era também notório que a grande maioria pensava como Luísa: se houvesse controle ou censura na produção de conteúdos, isto não chegava aos repórteres e produtores de jornalismo no acompanhamento do cotidiano português. Todos acreditavam que devia haver, mas “em nível das chefias e pontualmente nas editorias de economia e política”. Sentiam-se, de uma maneira geral, assenhoreados dos acontecimentos que apuravam e acreditavam que prestavam um bom serviço público com liberdade de pensamento. Então, perguntei-me, por que negociavam pouco com suas chefias ou, no jargão jornalístico português, por que “furavam pouco”, se gostavam tanto da profissão que exerciam?

A pressão estava mesmo na ameaça de extinção da emissora enquanto serviço público. A pressão era a do medo do desemprego. Mas havia ainda outra pressão adjacente a essa: a pressão pela produtividade e por uma maior diversidade dos conteúdos, na concorrência da televisão pública com as televisões privadas, sobretudo depois da entrada de Nuno Santos para o cargo de diretor de informação. Nuno veio da SIC, onde ocupava o cargo de Diretor de Programas e foi convidado a assumir a Direção do Jornalismo na RTP, após a saída de José Alberto Carvalho para a TVI. Antes já havia trabalhado na RTP e voltava com “a necessária experiência” (grifos da autora) para reestruturar a casa¹⁷⁹.

No convívio com Cristina fui informada que a RTP havia começado o ano de 2011 numa posição financeira melhorada em relação ao ano de 2010, o que depois vai ser anunciado em diversos meios de comunicação do país¹⁸⁰. Mas, na redação como um todo, era clara a consciência do preço de tal desempenho: um forte corte na grelha¹⁸¹ de programação e a queda dos gastos com pessoal¹⁸². Eram comuns também os comentários sobre o que a mídia portuguesa apelidou de “lógica futebolística”¹⁸³: o troca-troca de cargos dos jornalistas entre as empresas de televisão em Portugal. Eu, ainda no segundo dia do trabalho de campo anotei no diário um comentário da Cristina que na altura intuí como importante, mas ainda sem condições de perceber por que: “Então... já temos diretor?”, disse ela. E a colega ao lado responde: “Ainda não. Continuamos sem cérebro”. Agora traduzo: a RTP ficou três dias sem diretoria de informação, pois, na prática José Alberto Carvalho já havia se demitido e Nuno Santos, apesar de já convidado, ainda refletia sobre se assumia ou não o cargo. Isto pareceu não interferir no andamento da redação de Lisboa.

Ao que me interessava era anotar a percepção da pressão do mercado. A lógica da concorrência era também uma realidade nas relações de produção da emissora e esta era evidentemente sentida sob a imposição das subidas da TV SIC e da TVI nos *rankings* de audiência no país. Vale lembrar que a TV SIC oportuniza-se de um contrato com a TV

¹⁷⁹ A RTP no momento da observação estava a finalizar um plano de reestruturação da emissora que inclui uma mais eficiente articulação entre Televisão, Rádio e Agência Lusa, no aprimoramento da rede de delegações nacionais e internacionais da empresa pública. O plano deveria ser entregue até 15 de setembro de 2011.

¹⁸⁰ No “Economia Expresso”, Adriano Nobre, escreve na edição de 17 de agosto de 2011 que a RTP fechou o semestre daquele ano com um lucro de 24 milhões de euros.

¹⁸¹ “Grelha” termo usado em Portugal para designar os gêneros de programação e seus respectivos horários de apresentação ao público. No Brasil, o termo utilizado é “Grade” de programação. O corte foi de 8,1 milhões de euros na programação da emissora.

¹⁸² Os cortes com pessoal foi de 4,1 milhões de euros.

¹⁸³ Termo usado pelo *Semanário Expresso*, inaugurado por Francisco Pinto de Balsemão ainda nos anos 70 e atuante até hoje nas versões eletrônica e impressa.

Globo, recebendo as produções noticiosas do complexo, Rede Globo de Produções, incluindo a produção das agências e das próprias redações das suas emissoras. Estava clara a colonização brasileira indireta sob a RTP, como já visto no capítulo 3, resultado da expansão internacional da TV Globo nos anos noventa do século passado e a americanização do jornalismo televisivo português sob a lógica concorrencial. Uma lógica que incide na RTP por dois vieses: um direto, através da venda de espaço comercial que a televisão portuguesa permite e; outro indireto, através da política externa econômica que Portugal sustenta tanto na crise com a UE, quanto na estratégia com a CPLP (principalmente o Brasil), de mãos dadas com a sua televisão pública.

Em relação à política ambiental é também a política externa nas relações com a UE que agora assinala a cultura portuguesa. Lembrei-me do texto da socióloga portuguesa, Luísa Schmidt (2008), “[...] a política ambiental chegou ao país, marcada, sobretudo pela influência externa, primeiro de efemérides, e depois através das leis e diretivas europeias”. E o pensamento dos jornalistas da RTP não difere muito da larga opinião pública da classe média que reina em Portugal quanto às questões ambientais. Das conversas na cantina às caminhadas pelos corredores do metro na volta do dia de trabalho eu ouvi várias vezes da minha informante e de suas colegas expressões como, “Amazônia, o pulmão do mundo”, “é mesmo impressionante tanta terra para tão pouco índio” (falando sobre a distribuição de terras na Amazônia). Nas entrevistas não foi diferente, era claro o enorme desconhecimento do que era verdadeiramente a Amazônia. Aquilo me incomodava. Eu agia como jornalista incitando a temática nas conversas sem oferecer falas que deixassem passar a minha opinião, mas meu corpo me denunciava e foram muitos os momentos em que tive que responder a irritante pergunta: “Estou a dizer alguma asneira?”. “Não, não”, respondia, “afinal, é o que toda a gente pensa por aqui”, e passava ligeiro para outro assunto. Foi também o caso no final da entrevista com a Ana Luísa, quando finalmente abordei a temática desta tese. Suas falas são emblemáticas, pois se percebe nesta jovem jornalista uma reflexão que oferece mais transparência para a análise da tríade matricial discursiva sobre a questão amazônica. Coloco aqui uma sequência de suas falas quando perguntada sobre a importância da Amazônia já de acordo com a minha interpretação, o que, portanto, vale a consulta do leitor ao anexo para a leitura no contexto da entrevista:

Eu acho que... , que a importância que tem, é no sentido da preservação de algo e de uma riqueza, de um tesouro que é de toda gente, que é do planeta e nós temos que pensar do ponto de vista macro, portanto, temos todos... que se isso um dia

se tornar insustentável toda gente vai perder, ou continuar.... Já está insustentável (Rodrigues, Ana Luísa, 2011. Apêndice A: 357).

Mais além insisto na causa da importância da Amazônia para a sustentabilidade do planeta e a jornalista usa a velha metáfora: “[...] porque acho que tem haver com a questão da diversidade ambiental e a questão quase, quase ridícula, mas é a questão da ideia do pulmão do mundo e eu acho que ainda vive na cabeça das pessoas”. E logo depois complementa: “É, e na minha também”.

Passa-se um pouco a conversa, comigo agora conduzindo muito mais a entrevista do que antes, quando a deixei contar à vontade todas as suas histórias dos “furos” e ela reflete ao lembrar-se de um diálogo com um tio,

Claro, claro. Mas, por outro lado acho também a questão da... Uma vez eu estava a conversar com meu tio - que é brasileiro e também empresário - ele estava a dizer: ah, tal, mas isso também é um peso, a gente ter o pulmão do mundo aqui no nosso país..., (RISOS) Tá bem é um peso. Mas também acaba por ter umas vantagens, não é? E acho por outro lado, desse ponto de vista vejo, vejo as coisas de uma forma muito interessante. Porque acho que essas questões, nomeadamente as questões da Amazônia, essas questões sociais, essas questões do sistema em que nós vivemos sistema predador, não é? Em que nós vivemos e que se manifesta em todas essas questões de gênero, de desigualdade político-social, não é? E essas questões que me são tão caras, também na questão da Amazônia, também se manifestam da mesma maneira, o que eu sei, não sei muito, mas o que eu sei , as questões.... (Rodrigues, Ana Luísa, 2011. Apêndice A: 357).

Interrompo perguntando se ela tem conhecimento de quantas pessoas hoje habitam a Amazônia, acreditando que estava a contribuir para o pensamento que ela estava a elaborar. Ela diz que não, e retorna à sua reflexão discorrendo sobre a imagem de mundo que acabamos por ter por tanta pressão simbólica do mundo capitalista mesmo em governos de esquerda que coloca a Amazônia no centro dessa pressão tornando-se um lugar, nas palavras de Ana Luísa, “invivível”. Em sua fala nota-se que este mundo de difícil possibilidade de vida, entretanto, está relacionado à lembrança do diálogo com o tio brasileiro que considera um peso o “pulmão do mundo” estar no Brasil em sua visão de empresário, e que ela pondera que acaba também por ser vantajoso. Não houve sequer curiosidade de sua parte de obter de mim a resposta de quantas pessoas vive na Amazônia. Ou seja, a ideia que tem é a de uma Amazônia que é o “pulmão do mundo” e que este está constantemente ameaçada pelo capital pelo uso indiscriminado de suas riquezas. O termo “invivível” é relacionado às dificuldades possíveis que brasileiros enfrentam diante da

pressão do sistema capitalista *versus* rede ambientalista no mundo atual. Percebo assim alguma noção por parte da jornalista de que a pressão pode tornar-se um problema local. Preciso avançar, mas o telefone de Luísa toca, ela me pede um minuto de espera, entretanto.... a fonte da repórter precisava falar-lhe pessoalmente. A caça pela notícia começava novamente. Nossa conversa termina aqui.

Fui para casa me lembrando de uma conversa que tive há um mês com o jornalista e historiador, Ricardo Garcia, do jornal, O Público. Ricardo é brasileiro e português. Vive em Portugal há 20 anos, aonde chegou jovem, casou e se tornou pai de dois filhos. Esteve duas vezes na Amazônia em férias – uma vez à beira do Rio Tapajós e outra, à beira do Rio Negro, mas evidentemente interessado em aprimorar o seu trabalho como alguém que escreve sobre as questões ambientais desde a fundação do jornal, O Público, que hoje é referência para os portugueses. Ricardo prefere sempre se referir ao conceito de sustentabilidade do relatório de Brundtland, do que a partir do conceito de meio ambiente, porque já tem uma certeza que conduz todo o seu trabalho: desenvolvimento é sustentabilidade, é possível desenvolver sem crescer. Ou seja, desenvolvimento para esse jornalista é viver com bem-estar, é qualidade de vida hoje e amanhã, é distribuir melhor a rentabilidade dos recursos naturais num presente que contém o olhar para o futuro.

“Escrever sem passar histeria” foi o conselho dado por Ricardo quando perguntado de que forma o jornalismo deve tratar o tema amazônico de uma maneira geral, e dos amazônidas, em particular.

Ah... eles estão ocupando a Amazônia! Ah...eles estão colocando fogo na Amazônia... Sem histeria, cara! Eu acho que qualquer jornalista que vai escrever sobre Amazônia e que queira realmente escrever com conhecimento de causa[...] Tem que ir à Amazônia. Eu confesso que só tive lá duas vezes e foi recentemente e foi em férias, né. Mas foi suficiente. Foi suficiente pra ter uma noção daquilo que a gente está a falar. (Garcia, Ricardo, 2011. Apêndice B: 364)

Segundo esse jornalista, dos poucos na profissão atuando em Portugal que conhece a Amazônia, os assuntos que afetam diretamente a vida na floresta, como a biopirataria estão minimamente tratados em nível internacional através dos acordos, principalmente depois de Nagoya¹⁸⁴. Mas a questão climática, a transformação do gás metano em vilão e a transformação do mercado de carbono em *commodity* inspiram desconfiança e cuidado: “[...] agora tem muita gente ganhando dinheiro com isso”, adverte

¹⁸⁴ Refiro-me ao Protocolo de Nagoya, assinado por 19 países em 2010, inclusive pelo Brasil, para regular o acesso a recursos genéticos e à repartição dos benefícios por produtos a partir desses bens para as comunidades e melhorias ambientais locais. Também conhecido como Acordo da Biodiversidade.

Ricardo. Além do que, em falas anteriores na entrevista, Ricardo também já havia advertido que um tratamento raso da linguagem jornalística acabaria por produzir hipocrisia:

Você não pode chegar e dizer: Olha, eu sou rico e moro no Rio de Janeiro, moro em São Paulo, tenho meu carro, tenho ar-condicionado, tenho geladeira, tenho microndas, vou ao cinema e tal... Mas você mora aqui, me desculpa, mas você tem que continuar a ser pobre porque a Amazônia tem que... e nós não podemos pôr aqui um centro comercial, um shopping como nós temos, porque isso aqui é Amazônia, né? Então, a sustentabilidade te obriga a não ter acesso as coisas que eu tenho acesso (Garcia, Ricardo, 2011. Apêndice B: 365)

Uma reflexão que me remete de volta ao sistema dualista de atribuição de poder/privação de poder em que está metida a temática desse estudo. O convívio com os jornalistas portugueses cada vez mais me deixava convicta do pensamento periférico desses profissionais em relação à UE, mas também à paulatina aproximação com o modelo anglo-americano. A Amazônia era pensada como um mito mobilizador de ligação entre crise ecológica e crise de desenvolvimento. A representação da Amazônia era tratada assim ou como uma localidade poderosa para a manutenção da vida no planeta ou como localidade ameaçadora dessa mesma vida. Nada, portanto, muito diferente do pensamento liberal pombalino, e que coloca esses jornalistas a serviço do reforço de interesses internacionais como os dos EUA, ou Inglaterra, nos jogos de poder da política liberal dos estados e organizações empresariais.

Em momento nenhum ouvi ou percebi alguma reflexão sobre a preservação da maior floresta tropical do mundo pelos próprios amazônidas, suas cosmologias e etc. As falas ouvidas em favor dos indígenas estavam relacionadas a um mitológico sentimento de ser moderno, misturadas com o fascínio pelo exótico próprio do sentimento de ser um antigo desbravador do mundo. “Não vamos agora voltar a aplaudir a matança de indígenas, pelo amor de deus!”, me disse uma colega da Cristina referindo-se ao episódio de violência em Raposa Terra do Sol, quando fumávamos na varanda da emissora. “Estais a dar aulas para indígenas?”, perguntou-me o jovem jornalista na cantina, e completou irônico: “Então estais a continuar o nosso trabalho”.

O interesse desses jornalistas pelo tema desse estudo deve ser entendido também de acordo com as limitações impostas pelas rotinas de trabalho e restrições orçamentárias da emissora. Obviamente, apesar de manter um representante no Brasil, este está estabelecido no Rio de Janeiro, ou seja, a cerca de três mil quilômetros de distância da Amazônia. Seu deslocamento para a região, portanto, só é permitido em casos muito

pertinentes como acompanhamento de eventos internacionais de monta ou grandes tragédias ambientais. A captação de notícias da Amazônia pela RTP assim, se dá principalmente através das agências de informação (Lusa, Eurovisão, *Reuters*, *France Press*, *Associated Press Television News* - APTN) e através da concessão de conteúdos pelo Grupo Bandeirantes de Comunicação, no Brasil, de acordo com os contratos firmados pela RTP, como já dito anteriormente no capítulo 4. E aqui, como também já comentado, temos um problema: a forte ligação dos grupos políticos brasileiros com TV Bandeirantes, com alguns membros inclusive participando de gestões das afiliadas com a matriz¹⁸⁵.

Restritos, portanto, ao conteúdo que lhes chega repleto de olhares de outros, os jornalistas da RTP começam o trabalho de tradução desses conteúdos para a língua portuguesa (se for o caso) e de tratamento desses conteúdos de acordo com os produtos jornalísticos que disponibilizam aos seus diferentes públicos. Portanto, um jornalista recebe, por exemplo, uma peça sobre a estiagem no Amazonas e imagina que isso pode ser interessante para o público da RTP África. A partir daí, através de sua percepção subliminar da possibilidade de interesse de um público massivo e do seu conhecimento do perfil dos produtos da empresa, pode acrescentar informações (textuais, infográficas, imagéticas e etc.) através de pesquisas e entrevistas, seja via telefone ou internet. Ou não. Ou seja, pode simplesmente traduzir a peça *ipsis litteris* denotando assim menor interesse pelo assunto.

Até aqui, no entanto, nada garante que tal trabalho vá ao ar. As peças traduzidas são enviadas às telas dos computadores dos editores e são esses que as vão editar podendo cortá-las, modificar texto em *off*, trocar títulos, ou simplesmente descartá-las por falta de espaço e/ou colocadas em arquivo para serem publicadas em outro dia e etc. É claro que todo jornalista sabe o quanto importante é acompanhar e negociar com os editores todo o processo de elaboração desse trabalho. Porém, muitas vezes não há tempo. Demandas de novos acontecimentos surgem de todos os lados e cada assunto passa por muitas aferições sobre o interesse público de cada peça. São frequentes os casos em que o jornalista já está na rua trabalhando em outro acontecimento quando a peça que produziu anteriormente vai ao ar. Normalmente os jornalistas não assistem o que produzem.

¹⁸⁵ Cf. Pesquisa: “Os Donos da Mídia”. Fórum Pela Democratização Nacional da Comunicação – FNDC. Internet. Disponível em: www.org.fndc.br

Por isso, como aconteceu comigo no início da carreira, frequentemente os jornalistas televisivos acham que o jornalismo impresso oferece mais tempo para o tratamento dos assuntos, como Ana Luísa admitiu em sua entrevista (Jornalista, Ana Luísa, Apêndice A).

Entretanto a temática ambiental e sua exigência de um olhar amplo e acurado, não podem ser resumidas às características do suporte tecnológico dos meios de comunicação. Reparo aqui que é Ricardo Garcia quem oferece uma ótima dica – tanto em seu livro (Garcia, Ricardo, 2006: 63-64) como na entrevista a mim concedida – para o trabalho dos jornalistas em dois tempos mentais, que, aliás, utilizei na teorização das emergências no jornalismo contemporâneo no capítulo III desse estudo. Na prática funciona como Garcia explica:

“Agora, tudo isso vai variando ao longo do tempo. Por exemplo, agora o ambiente tá muito em baixa, né? Muito quietinho, né? Não há praticamente notícia (da temática ambiental). Quer dizer, nessa fase em que as notícias de ambiente não chegam, que está todo mundo preocupado com outras coisas e nem os editores estão muito preocupados com o ambiente também, tem as páginas cheias de economia e política... Agora, esse é o melhor momento pra você lançar projetos de investigação” (Garcia, Ricardo, 2011. Apêndice B: 366).

Para Ricardo o suporte não é o que alarga o tempo para pesquisa e aprofundamento da informação. Ele se preocupa mais em alcançar o interesse do público e no momento do nosso encontro conta seus planos de trabalhar mais no suporte da Internet para atingir e aproveitar o interesse atual dos mais jovens pela política ambiental (Garcia, Ricardo, 2011. Apêndice B: 367). A importância da velocidade com que a informação chega ao público é frequentemente um fetiche do capital. Em relação ao meio ambiente, a única informação que realmente precisa de velocidade para sua chegada é a comunicação de risco¹⁸⁶, as demais precisam de pesquisa, contextualização e incitamento da reflexão.

Parece a isso, temos o trabalho da coordenação de informação, que distribui as notícias nos muitos produtos jornalísticos da empresa de acordo com a lógica de audiência

¹⁸⁶ Comunicação de Risco: conceito de comunicação cunhado a partir da necessidade de gestão dos riscos e ameaças atuais impostos pela ação antrópica a partir da industrialização, a chamada “Sociedade de Risco” (Beck, 2010) para definir as comunicações preventivas e de acompanhamento das grandes catástrofes ambientais, mas também e principalmente, da concepção dessa proposta sobre os riscos da modernização como produto de série do maquinário industrial do “progresso” que agravam sistematicamente o desenvolvimento ulterior (Idem:26).

intrinsecamente ligada à ideia de “comunidade imaginada” (Benedict Anderson, 1983)¹⁸⁷. O encargo dessa distribuição no noticiário da RTP, estava no momento desse trabalho ao encargo de Rosário Salgueiro, quem previa a importância de cada notícia para os segmentos de audiências nas diversas localidades de cobertura da RTP, incluindo a RTP Internacional. Assim uma notícia sobre a Amazônia que chegou via agência Reuters, por exemplo, e cujo jornalista escolhe apenas traduzi-la para o português sem grandes tratamentos textuais ou adaptações culturais, passa pela edição de imagem, das falas dos *pivots* e vai ao ar no Bom Dia (RTP1), pode ser repetida através da escolha que Rosário venha a fazer, para a RTP2, e/ou RTP Internacional, para a RTP África, para a RTPN (canal por assinatura) e, para a RTP Madeira e RTP Açores.

Significa dizer, que muitas notícias alcançam a fluxometria internacional e nacional de uma televisão pública, representante dos cidadãos portugueses, com teor ideológico e de interesse comercial dessas agências internacionais. Uma agência de notícias, ao contrário de um meio de comunicação, por não dispor de um suporte específico e concentrar sua ação no estabelecimento de fluxos de informação, possui a característica de trabalhar os conteúdos dentro de uma dinâmica de elasticidade, tanto no que toca à consolidação desses conteúdos, como à disseminação desses para os seus clientes. Sua orientação matricial é encaminhar determinado conteúdo para ser “encaixado”, segundo o potencial comercializável de sua demanda. Isto sem falar no que os estudos sobre a produção de informação dessas agências já comprovaram como de grandes ligações históricas de interesse econômico com os estados-nação de origem (Mattelart, 2000: 47; UNESCO, 1980: 107). No caso da Reuters, primeiro com o governo inglês e depois na relação com o governo norte-americano e, por fim, com a UE.

O interesse dos jornalistas e editores e suas respectivas “bagagens culturais e cognitivas” por cada temática é, portanto, fundamental para a agregação de valor a um conteúdo que chega na redação das televisões em geral, e na RTP não é diferente. Claro que o que orienta tais interesses dos jornalistas são os valores-notícia, mas por experiência própria sabia que tais valores estariam sempre agregados à subjetividade e experiência de

¹⁸⁷ O conceito de comunidade imaginada foi pela primeira vez referido por Benedict Anderson. Trata-se de uma noção de comunidade política imaginável, pois, nem todas as pessoas se conhecem num país. Limitada e soberana porque constituída através dos governos e assentada na consciência de nação como espaço de partilha da língua, dos espaços de convivência (incluído aqui a imprensa) e o mercado de cidadãos consumidores desse imaginário (leitores, espectadores); sabemos que os outros fazem parte dessa comunidade, através do capitalismo e da imprensa (Anderson, B. 2005.)

vida de cada jornalista, até porque são da ordem do censo comum como um sistema cultural (Geertz, 2000: 111-141) jornalístico.

As duas principais redações da RTP – Lisboa e Porto – produzem a maioria das notícias dos quatro jornais diários que vão ao ar pelo canal RTP1 e nos dois telejornais pelo RTP 2, ambos de sinal aberto, mas alimentam também uma grande parte do jornalismo nos arquipélagos, em África e da RTP Internacional e RTPN (sistema *pay-tv*), através de repetições das notícias na íntegra ou de sínteses das notícias emitidas pelo RTP 1. O canal RTPN, após a reestruturação das redações no primeiro trimestre de 2011, passou a chamar-se RTP Informação. A chamada “Fase II” de reorganização da redação sob a direção de Nuno Santos, pediu reforço para a intervenção dos editores na gestão do fluxo informativo para a RTP Informação. Isto significava uma diferenciação maior no tratamento dado às notícias, através da edição e uma escolha também mais significativa da qualidade do conteúdo noticioso que iria ser direcionado para esse canal pago. Entretanto, até o final de abril eu não consegui sentir tal reestruturação incidir nas notícias sobre a Amazônia.

A força hegemônica da RTP na língua portuguesa sempre esteve para mim assentada na regulamentação da emissora e seu compromisso com os países lusófonos em África. Fato que justificava o estudo dessa emissora apesar de saber da atuação bem menor e menos dominante da língua diante da abrangência TV Globo no mundo. Queria, entretanto, números que me dessem uma noção maior e mais acurada da cobertura da RTP nos países africanos. Pedi então à Cristina que me apresentasse à Isabel Fragata, coordenadora da RTP África, que me atendeu pouco horas depois em sua sala. Com Isabel descobri que no ano de 2010, apenas através do sistema *pay-tv*, a RTP era assinada por 210 mil lares nos países falantes da língua portuguesa. Mas, em sinal aberto, via satélite Intelsat 907, todo o continente africano recebia as emissões da RTP, bastando para isso que o receptor fizesse uso de uma antena parabólica. A aferição com os números de audiência exatos desse livre recebimento, entretanto, não existiam ainda.

Munida dos textos recolhidos das notícias da RTP, um caderno de 70 páginas de fichamento das notícias e observações anotadas, 7 horas e 42 minutos de entrevistas gravadas durante um mês de trabalho na RTP, parto para Coimbra para a qualificação do meu projeto de tese, cuja banca foi marcada para o dia 5 de maio. Vale dizer aqui que em nenhum momento dessa longa jornada que descreverei adiante, perdi contato com a minha

“dialogante” da RTP. Cristina continuou no dia a dia do meu trabalho, seja por e-mail, seja via redes sociais, seja por sistema telefônico da Rede Skipe. De Coimbra, volto a Lisboa apenas para embarcar num voo da TAP direto para o Rio de Janeiro, no Brasil, com a intenção de participar da cimeira, Rio + 20, e logo após, etnografar a principal redação de informação da TV Globo, como descreverei a seguir.

Um ano depois, maio de 2012, quando já havia feito a triagem das observações e entrevistas que ia utilizar e as que poderiam ser descartadas, volto por mais uma semana a frequentar a redação da RTP em Lisboa durante a minha estada de um mês em Portugal. Agora era o momento de entrevistar alguns jornalistas, vozes necessárias à interpretação e análise da produção das peças escolhidas e, lógico, vivenciar o “novo terreno” e obter mais orientações para a tese. Precisava ainda conseguir as peças jornalísticas completas, ou seja, os vídeos das notícias escolhidas que haviam ido ao ar, pois tinha apenas o local e a data no alinhamento, as marcações técnicas (gráficas e o que entrou em *off* ou com imagem em simultâneo), o nome do *pivot* e do repórter e o texto completo.

Com o material visual em mãos foi possível uma observação densa para detectar os valores-notícia de cada produção jornalística da emissora. Tal observação é o que descrevo no próximo item.

4.2. Na trilha das notícias da RTP: descrições e descobertas.

Como já dito, após dispensa das lacunas impostas pela indisponibilidade do arquivo da RTP, foram recolhidas 127 notícias produzidas sobre a região da Amazônia Legal e que foram emitidas através pelos jornais regulares¹⁸⁸ dos dois canais generalistas da RTP (RTP 1 e RTP 2) entre os anos de 2005 e 2011. Antes, porém, já havia feito pesquisa do montante da produção jornalística emitida nesses dois canais da RTP em relação aos dois outros canais da televisão privada em Portugal (SIC e TVI), para me certificar da maior produtividade de emissão noticiosa da televisão pública sobre as privadas. Para tal, foi utilizado o banco de dados do Grupo Marktest, através do Media Monitor, que disponibiliza a percentagem média dessa produção semana a semana e, assim, calculada a média ano a ano. Isto, insisto, não significa dizer que as emissões da RTP tenham adquirido maior audiência em relação as outras duas citadas, e sim que houve

¹⁸⁸ Foram pesquisados os seguintes jornais nas grelhas: Na RTP 1, o Bom Dia Portugal, Jornal da Tarde, Portugal em Directo e Telejornal. Na RTP 2, o Jornal 2 e o Síntese 24 horas.

mais volume de produção noticiosa disponível ao público da TV RTP, cuja fluxometria também possui o segundo maior alcance na língua portuguesa. Apresento no quadro abaixo o resultado dessa pesquisa.

Figura 13: Quadro de Emissão Regular de Notícias Por Canal Generalista em Portugal:

ANO	RTP 1	RTP 2	SIC	TV I
2005	33,6%	8,7%	28,2%	28,6%
2006	36,4%	7,5%	29,1%	33,6%
2007	34,3%	9,5%	30,8%	25,1%
2008	34%	9%	31,2%	26,5%
2009	32,1%	10%	32,1%	26,4%
2010	34%	9,1%	28,3%	29%
2011	33%	8%	29%	30%

Fonte: Grupo Marktest/Media Monitor

No ano de 2005, a TV SIC chega a ultrapassar em 1% a produção da RTP 1, na penúltima semana do mês de agosto, e a TVI ultrapassa em 1,2%, na última semana do mesmo mês, conseguindo um empate na produção emitida na primeira semana de setembro, o que entretanto não atrapalha o resultado superior da RTP na média anual que fecha 2005 com uma produção 5,4% maior do que a da TV SIC e 5% em relação a TVI. A RTP, portanto, segue durante todo o período da pesquisa com uma produção noticiosa maior que as emissoras privadas concorrentes, obtendo um empate do seu primeiro canal com a SIC apenas no ano 2009, mas se formos considerar os dois canais dessa emissora, veremos que o volume de sua produção noticiosa da RTP fica entre 14,6% e 11,8% maior do que o das outras duas emissoras durante o tempo considerado, nas emissões generalistas no continente português.

Em relação à audiência, temos oscilações de 1 a 5% maior das emissoras privadas em relação à RTP 1, porém consta nos dados enviados pela própria Grupo Marktest à televisão pública por encomenda da coordenadoria de informação, que o público português costuma trocar de canal quando o assunto é notícia, e a RTP teria assim também maior audiência nos noticiários. A superioridade de audiência das outras emissoras que pude conferir nos relatórios de sondagens da empresa, eram por conta do alto índice de audiência das telenovelas da TV SIC e TVI e outros programas como campeonatos futebolísticos, *realities shows* e concursos. Isto se repete nos arquipélagos, com um

diferencial: a RTP produz notícias locais nas ilhas portuguesas, assim como na cidade do Porto, garantindo assim fidelidade do público local. Para mim, entretanto, o que interessava é que toda a informação disponibilizada em antena aberta alcança, mesmo que com algum tratamento diferenciado de linguagem noticiosa, tantos os canais de TV a Cabo da RTP¹⁸⁹, quanto a RTP África, a RTP Madeira e Açores, atingindo assim a totalidade do território da pesquisa: as populações que entendem a língua portuguesa.

Para o recolhimento de todas as notícias sobre a Amazônia Legal, procedi a uma busca na Intranet, no computador da empresa onde estavam os alinhamentos de todas as peças que haviam sido publicadas, com a senha que me foi disponibilizada por Cristina, procedendo da seguinte maneira: primeiro com a palavra “Amazônia”, depois com o nome de cada estado que compõem a região da AL – “Acre”, “Amapá”, “Amazonas”, “Maranhão”, “Mato Grosso”, “Pará”, “Rondônia”, “Roraima”, “Tocantins”, e depois ainda com palavras-chave que poderiam fazer surgir alguma notícia na qual não houvesse menção aos espaços geográficos já citados, mas com possível remissão à AL. Foram elas: “florestas”, “desflorestamento”, “índios”, “biodiversidade”, “fogos”, “meio ambiente” e “clima”. Uma série de títulos me apareciam no ecrã, e ao clicá-los obtinha o texto na íntegra, o nome do *pivot*, a assinatura de cada peça (o jornalista que havia feito a cobertura da matéria), o editor, os oráculos (legendas com nomes dos entrevistados ou fontes) e textos em *off* (que indicavam quando o som subia ou descia, marcações de imagens e tempo de cada notícia).

A observação desse material não só me permitiu perceber os valores-notícia de seleção e de construção escolhidos pelos jornalistas e chefias de reportagens em geral, como as peças oriundas de agências noticiosas (notícias compradas pela RTP), cuja escolha para ir ou não ao ar, ficava a cargo dos editores dos jornais. Além disso, todo contexto de cobertura noticiosa: as fontes escolhidas na cobertura, a estratégia retórica de apresentação de cada peça; enfim, o contexto do chamado “contrato de leitura” (Eliseo Verón, 1980) entre cada jornal da RTP e seus públicos¹⁹⁰ nos alinhamentos diários.

Não foram consideradas as publicações especializadas nos canais estudados sob a rubrica de “meio ambiente”, como “Minuto Verde”, entre outras, pois a intenção era a observação da produção da representação da Amazônia no cotidiano da televisão

¹⁸⁹ A RTPN (que depois mudou o nome para RTP Informação) e a RTP Internacional.

¹⁹⁰ Está implícito neste “contrato” que o público concorda e/ou aceita o filtro seletivo realizado diariamente pela equipe de jornalistas dos acontecimentos que serão revelados como modo de leitura da realidade social.

portuguesa para proceder a extensão teórica da obra de Bueno descrita no capítulo três desse estudo.

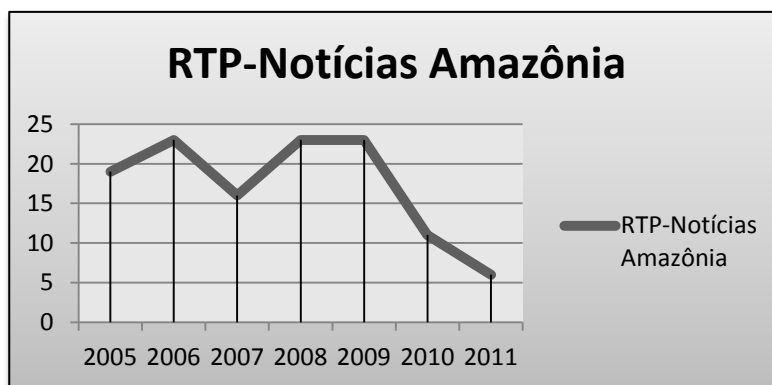
Assim, em relação às notícias sobre a região da Amazônia Legal, a RTP emitiu o seguinte quantitativo de notícias nos jornais diários nos dois canais generalistas em sinal aberto durante o tempo da pesquisa:

Figura 14: Quadro do Quantitativo de Notícias da TV RTP

Ano	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Unidades	18	25	16	24	25	13	06
Total							127

O processo de agendamento de notícias sobre a Amazônia pela RTP gerou a publicação de notícias durante os anos pesquisados demonstrando um maior interesse dos jornalistas para o tema entre os anos de 2005 e 2009, caindo um pouco durante o ano de 2007 e, vertiginosamente, em 2010 e 2011, como no quadro a seguir.

Figura 15: Quadro de Interesse da TV RTP Pelo Tema



O período da queda das publicações sobre meio ambiente em geral entre os anos de 2009 e 2011, coincide com aumento de notícias sobre a crise na União Europeia, e do endividamento de Portugal. Já a leve queda em 2007 deveu-se ao espaço ocupado pelo agendamento das notícias oriundas das agencias internacionais principalmente sobre o encolhimento da economia dos EUA. Ambas, portanto coadunando com os comentários dos jornalistas observados no campo de estudo sobre a supremacia da preocupação e atenção dos editores com as notícias oriundas do campo econômico e da lógica dos

jornalistas de separação tipológico-classificatória das notícias de economia das de meio ambiente. Mas também, e para forçar a extensão da teoria jornalística com Traquina, da lógica do valor-notícia de proximidade, a RTP oferece primazia aos interesses nacionais, depois da UE e por fim “dos outros” (grifos da autora), como veremos a seguir.

4.2.1 Dimensão Ética da transformação dos fatos em notícias na RTP: os valores-seleção das notícias.

Em relação aos valores-notícia de seleção das notícias sobre a Amazônia, no ano 2005, o valor morte aparece em cinco notícias e perde para o valor da relevância que surge em seis notícias. O valor morte neste mesmo ano, entretanto, assume uma conotação importante em uma das notícias, pois viabiliza a denuncia sobre conflito de terras na Amazônia com o assassinato da feira ambientalista, Dorothy Stang, um ícone político de importância na luta ambientalista brasileira. As outras três são notícias de motins em presídios na região.

A subida do valor relevância neste ano foi pautada tanto pelo encontro dos países-membros do Tratado de Cooperação Amazônica¹⁹¹, quanto pelas obras anunciadas pelo governo brasileiro na região em cinco notícias. A sexta foi o anúncio da prisão dos assassinos da freira Dorothy cujo valor de relevância está atrelado a denuncia de injustiça socioambiental (Notícia nº 2, RTP 2005, Anexo I: 375). Compondo as outras cinco temos três notícias: uma falando da construção de uma rodovia que atravessaria toda a Amazônia em três países sem nenhuma menção ao impacto ambiental (Notícia nº 8, RTP 2005, Anexo I: 378), outra falando sobre o mesmo assunto nos mesmos termos relevando a importância para o desenvolvimento do Brasil, Peru e Colômbia (Notícia nº 9, RTP 2005, Anexo I: 378) e apenas uma alertando para o desmatamento da Amazônia com a obra da estrada, com um erro: chama de “estado”, a capital do Acre, Rio Branco (Notícia nº 13, RTP 2005, Anexo I: 380). Por fim, mais duas anunciando a seca na Amazônia sendo uma apontando a causa da catástrofe pela crítica ao desflorestamento praticado pelo Brasil,

¹⁹¹ Tanto a UE quanto a OEA há muito vinham tentando se aproximar da Organização do Tratado de Cooperação Amazônica (OTCA) com a prerrogativa de ajuda aos seus países-membros. Mas tal intento só terá sucesso na reunião do Conselho da OTCA em 2010, no Brasil, quando os oito países da América do Sul que desde 1978 lutam pela reafirmação da soberania dos países amazônicos nas questões que envolvem a Amazônia, “reconhecem a importância da Cooperação Internacional para o aperfeiçoamento e fortalecimento do Tratado”(OTCA, 2010)”.

como veremos adiante nos valores de construção (Notícias nºs 10 e 11, RTP 2005, Anexo I: 379).

A morte foi o principal valor de seleção nas pautas dos anos 2007 e 2009, empatando com o valor novidade em 2006, ano em que foram publicadas sete notícias sobre a queda do avião da empresa Gol na selva amazônica e seis notícias cujo valor novidade também se relacionava com o acidente. Apenas uma novidade com a descoberta de um patrimônio natural na Amazônia (Notícia nº 2, RTP 2006, Anexo I: 383). Como demonstração de interesse pelo tema desse estudo, temos em 2006, apenas uma peça no qual o jornalista se utiliza do valor conflito relacionando-o com sistema socioambiental, tendo como fonte principal a ONG WWF (Notícia nº 1, RTP 2006 Anexo I: 382).

No ano de 2007, o valor morte aparece relacionado com as cheias e com a comunicação de risco em duas notícias. As outras três estão relacionadas com um desastrado exercício militar do exército brasileiro na Amazônia (Notícias nºs 4, 5 e 6, RTP 2007, Anexo I: 393). Nota-se, entretanto, que este ano teve o valor de relevância relacionado com o sistema ecológico em todas as notícias em que é evidente, tendo como fontes as agências de notícias e ONGs ambientalistas internacionais. Além disso, o valor-notícia conflito ou controvérsia traz pela primeira vez a voz indígena, apesar de não ter sido possível observá-la na íntegra por falta de registro do texto nos arquivos da emissora. O arquivo registrou apenas a chamada da peça feita pelo *pivot* e os “oráculos”, como são chamadas as legendas de nomeação das fontes, no meio jornalístico português (Notícia nº 7, RTP 2007, Anexo I: 394).

É ainda o ano – no contexto político brasileiro – em que a ministra do meio ambiente brasileira, Marina Silva, entra em conflito com Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil do Brasil a altura. Dilma acusava Marina de atrasar o desenvolvimento do Brasil com a lentidão das concessões de licenças ambientais para as obras de infraestrutura já anunciadas pelo presidente na instituição do PAC¹⁹² no começo do ano, e Marina defendia com vigor a ideia de que o Brasil deveria impor limites ao seu desenvolvimento na Amazônia. Na RTP as notícias relacionadas com as obras do governo brasileiro usam o valor-notícia da novidade para anunciar o investimento em enriquecimento de urânio na Amazônia em duas notícias (Notícias nºs 8 e 10, RTP 2007, Anexo I: 394-395) e silencia a

¹⁹² PAC: Programa de Aceleração do Crescimento, instituído no segundo governo de Luiz Inácio da Silva em janeiro de 2007.

controvérsia entre as ministras, uma escolha contributiva, portanto, para a legitimação da política desenvolvimentista de Lula no Brasil.

As tensões continuam no âmbito da governança ambiental brasileira da Amazônia em 2008. A ministra Marina Silva apoiada pelo movimento ambientalista faz várias denúncias e o conflito com o poder executivo aumenta. Marina se demite e dá lugar ao Ministro Carlos Minc. Os ânimos acirram-se no âmbito da Amazônia Legal. Líderes eclesásticos e Ongs ambientalistas tomam a cena da mídia global. A RTP então publica oito notícias apresentando essas denúncias – a maioria sobre o desmatamento na Amazônia –, todas se utilizando do valor-notícia relevância (Notícias nºs 4, 7, 16, 20, 21, 22 e 23, RTP 2008, Anexo I); além de quatro conflitos, todos relacionados com a dimensão do pensamento ecológico das fontes, (Notícias nºs 7, 13 e 17, RTP 2008, Anexo I). Apesar dessas notícias em sua maioria usarem fontes governamentais brasileiras e de carregar a ideologia da parceira TV Bandeirantes, na interpretação da crise que se instaura na pasta de meio ambiente no Brasil, uma se diferenciava e chamou a minha atenção: a notícia assinada por Lavínea Leal que denuncia o conflito seguido de violência nas terras indígenas Raposa Terra do Sol. Logo na chamada o pivô anuncia: “Os líderes de uma reserva indígena no Brasil estão em Portugal para denunciar os crimes e violência de que dizem ser alvo. Em causa está a luta pela terra e os direitos dos povos indígenas” (Notícia nº19, RTP 2008, Anexo I: 402.). Aqui não há anúncio de fontes governamentais brasileiras. Como e por que os índios foram para a Europa? Quem os estava apoiando? A peça trazia a evidência ao menos de um silenciamento por parte da televisão brasileira (os índios saíram do Brasil por que não foram ouvidos no seu país de origem?).

Começava aqui uma longa luta para a aquisição das imagens. O campo em Portugal havia sido dócil até então, mas, no relacionamento com o departamento de arquivos da RTP, a história se complica. Eu comecei com o envio de mensagens formais à chefia do arquivo, endereçadas à Filomena Fernandes, inclusive apresentando a carta assinada pelo meu orientador pedindo permissão para a pesquisa para Universidade de Coimbra. Recebi uma resposta de que tinha que comprá-las, pois a política da RTP não permitia cedência. Então, pedi orçamento que me foi enviado. Já estávamos em junho de 2012, um mês depois da minha volta ao Brasil, depois da segunda etapa de estudo de campo na RTP, quando recebi dos arquivos o seguinte e-mail que, inclusive errava o meu nome, me cumprimentando como “Luciana”:

Em 12 de junho de 2012, 10:53, Arquivo RTP <arquivo@rtp.pt> escreveu:
Exa Senhora,
Dra. Luciana Helena Mendes Pereira
Acusamos a receção do seu e-mail de 11 de Junho de 2012, o qual mereceu da nossa parte a melhor atenção.
Serve o presente para informar que não podemos comercializar as peças pretendidas, uma vez que as imagens são estrangeiras e a RTP não pode ceder essas imagens.
Pelo exposto não podemos satisfazer o seu pedido, no entanto continuamos ao seu dispor para futuros contactos.
Ref.: 2411/12
Com os melhores cumprimentos
Filomena Fernandes
Gestão de Acesso Externo

Não podia ser totalmente verdade, pois o texto da peça trazia uma entrevista com os indígenas nos estúdios da RTP e utilizava imagens cedidas à jornalista Lavínea Leal pelo missionário do Instituto da Consolata Para Missões Estrangeiras, o português, Mário Campos, que trabalhava nas terras indígenas no Brasil. Partes dessas imagens foram utilizadas pela emissora, mas o vídeo feito por um dos indígenas do Conselho Indígena de Roraima (CIR), estava na íntegra disponível na Internet¹⁹³ desde o dia 5 de maio (dia do atentado).

No cenário europeu, o ano de 2008 também é importante para o tema desse estudo, pois é o ano em que as questões que envolvem as alterações climáticas no mundo ganham a mídia, principalmente depois do impasse que impediu a conclusão da chamada “Ronda de Doha” na reunião ministerial da Organização Mundial do Comercio – OMC¹⁹⁴. Além disso, Portugal havia começado uma política de aproximação diplomática da UE com o Brasil ainda em 2007, quando presidia a Terceira Presidência Portuguesa do Conselho da União Européia (PPUE), num momento de combinação entre os vetores atlantista e europeísta na formulação política externa de Portugal dos dias atuais.

¹⁹³ http://www.youtube.com/watch?v=HqD1SrRnf_E

¹⁹⁴ Negociações interestatais originárias na Quarta Conferencia Ministerial da OMC, celebrada na capital do Qatar (Doha) em 2001, com o objetivo de diminuir as barreiras comerciais no mundo. Com foco no livre comércio, a Ronda de Doha (abreviatura de «ciclo de negociações multilaterais de Doha») são negociações que incluem também a liberação do comércio de bens ambientais, incluindo o mercado de carbono da chamada “economia verde” diferenciando as responsabilidades entre países ricos, emergentes e pobres na intenção de mitigar os efeitos dos gases estufa na atmosfera terrestre. Já há quem nomeie isto de Capitalismo Global do Clima. Em 2008, em Genebra, no entanto, o impasse foi instaurado principalmente entre EUA e Índia, mas também entre Brasil e UE, na tentativa de diminuição dos obstáculos de acesso dos países em desenvolvimento a novos mercados por seus produtos agrícolas e em especial, de biocombustível, na redução das barreiras aduaneiras e dos subsídios atribuídos por políticas protecionistas da agricultura pelos países ricos.

O Brasil, depois de longo período de enfraquecimento de sua relação com Portugal, passa depois da posse de Lula a priorizar - principalmente no âmbito dos acordos da CPLP – as relações político-culturais com o Atlântico Sul e África. Passa ainda a apostar na Parceria Estratégica da União Europeia e Brasil (PEUEB). Em 8 de maio de 2008, o presidente Lula lança o Plano Amazônia Sustentável (PAS) em parceria com todos os governadores dos estados-membro da América Latina. Entretanto, logo depois, cria a Secretaria de Assuntos Estratégicos – SAE – com status de ministério e a entrega o PAS. Foi a gota d'água para ministra Marina que esperava assumir o PAS em sua pasta no Ministério do Meio Ambiente. Lula ainda, apoiado por Dilma, dá início ao PAC¹⁹⁵, o desmatamento da Amazônia Legal, cresce em 2% em relação ao ano anterior, a pressão dos ambientalistas aumenta, os conflitos instauram-se às dúzias.

Em ambos os países, assim, verifica-se uma maior quantidade e qualidade das relações, mas, para Portugal, o Brasil assume uma importância em duas vertentes: uma no contexto da UE – no fomento das relações UE e Mercosul, principalmente depois da PEUEB - e uma na vertente relacionada com o Atlântico e a lusofonia, representando assim um vetor prioritário para a formulação da Política Externa de Portugal (Patrício, 2008). A RTP, como representante do discurso oficial desta política interessa-se por pautar notícias do Brasil, mas os acontecimentos passíveis de serem noticiados são todos da “praça de guerra” que se tornou a Amazônia e a procura por notícias que relevem a proximidade entre os dois países se desvaneceu na RTP, priorizando os interesses europeus e das Ongs internacionais, cobrindo os conflitos de forma fragmentada e explicações controversas e o aumento do desmatamento na Amazônia em larga escala.

A pesquisa revela a manutenção do interesse pelo tema em 2009, quando a RTP publica 25 notícias sobre a Amazônia, uma a mais do que em 2008. Aqui, entretanto o valor morte é escolhido para oito notícias, sendo quatro delas falando de um acidente de avião na floresta. Uma trata da seca anunciando a morte de “*milhares de cabeças de gado*”, duas evidenciam o excesso de chuva e enchentes e as mortes de pessoas. O ano é repleto de secas e cheias alternadamente ocupando o espaço noticioso e contabilizando mortes em várias regiões da Amazônia, além da queda de um avião e desaparecimento de

¹⁹⁵ O Programa de Aceleração do Crescimento foi lançado em 28/01/2007, pelo governo do Brasil, através do Ministério de Minas e Energia, englobando um conjunto de políticas econômicas e que tem como objetivo acelerar o crescimento econômico do país. Numa primeira fase previa investimentos totais de R\$ 503,9 bilhões até 2010, sendo uma de suas prioridades o investimento em infraestrutura, em áreas como saneamento, habitação, transporte, energia e recursos hídricos.

outro na região. De uma maneira geral percebo que as atitudes do governo Lula na Amazônia são agora tratadas de forma diferente das notícias no ano anterior, como podemos ver na chamada no canal RTP1, do “Notícias da Amazônia”, em 30 de janeiro: “A Amazônia esta doente e é o próprio governo que muitas vezes não respeita as leis”. Se antes as notícias mostravam a complexidade dos conflitos e as tentativas do governo brasileiro de dissuadi-las, agora, as críticas aumentam com a utilização dos valores de seleção da notoriedade e relevância e a tentativa de ponderações desaparece. Note-se ainda que é ano de campanha eleitoral no Brasil, quando Lula pretende eleger a sucessora, Dilma Roussef.

Das seis notícias escolhidas por notoriedade em 2009, apenas duas apresentam um certo envolvimento socioambiental: uma conferindo fama a floresta e outra ao Fórum Social Mundial. Quando algo positivo é anunciado, vem seguido de comparações vazias de explicações e exageros superficialidade de sentido. Foi claro no caso da notícia sobre a diminuição do desmatamento na Amazônia, emitida no Jornal Bom Dia, pela RTP1 e repetida para o canal a cabo no Jornal Notícias em 13 de novembro. A notícia tem o seguinte texto de fechamento:

O Brasil quer ser exemplo e está assim mais próximo de reduzir em 80 por cento da deflorestação amazônica até 2020. *(vivo)* É uma boa notícia que o Brasil leva em dezembro à Cimeira de Copenhaga sobre Alterações Climáticas. Mesmo assim, a cada minuto que passa é abatida na Amazônia uma área equivalente a um campo de futebol (Notícia nº 7, RTP 2009, Anexo I: 407).

_ É possível o desmatamento de uma área equivalente a um campo de futebol por minuto? Pergunto a Cristina. _ Pois... depende do tamanho do campo e das ferramentas, responde. (Risos).

A escolha do valor relevância foi feita pelo correspondente, João Pacheco Miranda, em cinco notícias. Todas oriundas do Fórum Social Mundial – FSM, sendo que duas delas não fogem à regra do esvaziamento de sentido: uma anunciando à queda do desmatamento na Amazônia (Notícia nº7, RTP 2009, Anexo I: 407), mas exagerando a continuidade do desmatamento, como já referido e outra visibilizando a vitória dos indígenas no conflito em Raposa Terra do Sol, porém com séria carga de preconcebitamento que evidencia colonialidade de poder, como veremos nos valores de construção (Notícia nº 18, RTP 2009, Anexo I: 411). Há ainda neste ano mais duas notícias cujo valor de escolha foi o inesperado, uma, a novidade e duas a proximidade. Porém sem muito sentido para

acolhimento deste estudo por não terem nenhum envolvimento com as questões ambientais da Amazônia.

Apesar de poucas publicações sobre o tema, o ano de 2010 foi o período em que verifiquei a maior variedade dos valores de seleção aproveitados. O valor-notícia da notoriedade, no entanto, é o mais usado pelo jornalista, Luiz Henrique Pereira, quando enviado à Amazônia. Esse jornalista assinou cinco das 13 notícias que foram ao ar sobre a Amazônia no ano, entretanto, em três notícias o valor notoriedade é a grandiosidade da biodiversidade da fauna e flora amazônica e seus mistérios (Notícias n^{os} 7 e 9, RTP 2010, Anexo I: 417-418), e noutra a notoriedade do Teatro Amazonas, em Manaus (Notícia n^o8, RTP 2010, Anexo I: 417). Em uma das notícias usa a proximidade apresentando o empreendimento milionário de um português na Amazônia (Notícia n^o3, RTP 2010, Anexo I: 415). O valor proximidade é também usado de forma completamente diferente na publicação cuja origem é a RTP África e repetida no Bom Dia na RTP 1. Aqui o valor de seleção proximidade serve à promoção da aproximação identitária entre Brasil e África (Notícia n^o10, RTP 2010, Anexo I: 418). Luiz Henrique usa ainda o valor notabilidade, apostando no caráter aventureiro e curioso da audiência portuguesa, de uma “Amazônia inteira por descobrir” (Notícia n^o5, RTP 2010, Anexo I: 416).

Ou seja, apesar de se apresentar como ambientalista, o jornalista apresenta uma visão naturalista de meio ambiente, inspirada em autores como o médico espanhol Félix Rodríguez de la Fuente, e o inglês, David Frederick Attenborough, citados diversas vezes em seu *blog*¹⁹⁶. A ida do jornalista à Amazônia foi para captação de histórias naturais para o programa de sua autoria sob a rubrica, “Vida Animal em Portugal e no Mundo”, e as notícias são um aproveitamento dessa viagem de Luís Henrique, como mostrarei adiante quando analisar os valores-notícia de construção. Agora deixo apenas marcado que os valores da notabilidade e notoriedade na escolha das peças aproveitadas para o jornalismo responde ao fator econômico, tanto na busca pelo *share* de audiência, quanto na venda da própria imagem pela RTP.

Em relação à questão social, temos a notícia, assinada por Lavínia Leal (Notícia n^o13, RTP 2010, Anexo I:419-420), de uma criança que foi jogada num córrego dentro de um saco de lixo na cidade de Belém e outra de Sebastião Coelho. As notícias com o valor - notícia de conflitos ou controvérsia, uma foi do jornalista angolano, Sebastião Coelho, que

¹⁹⁶ Cf. em: <http://bloguedoluis.blogspot.com.br/>

sem tirar os pés da redação da RTP noticiou a prisão do acusado pela morte da ambientalista Dorothy e expôs a injustiça social brasileira trabalhando o conteúdo enviado por uma agência (Notícia n°4, RTP 2010, Anexo I: 415-416). A outra notícia não está assinada e fala do conflito promovido pelo governo brasileiro na liberação da obra de construção da hidroelétrica de Belo Monte próxima a terras indígenas no Xingu. Foi uma notícia enviada pela agência Reuters e apenas traduzida para o português, sem nenhuma contextualização do conflito, que já dura 30 anos (Notícia n° 6, RTP 2010, Anexo I:416-417).

Apenas em 2011, a morte não aparece como mérito de escolha em nenhuma das seis notícias. Dessas, três são notícias com a utilização do valor novidade: uma mostrando a novidade do uso de tecnologias para observação de aves na Amazônia (Notícia n° 1, RTP 2011, Anexo I), outra apresentando a maniçoba como um novo quitute gastronômico que chega a mesa portuguesa (Notícia n° 3, RTP 2011 Anexo I) e, a última, se utilizando de imagens cedidas pela FUNAI, órgão do governo brasileiro, destacando uma fotografia tirada de uma aeronave onde aparece uma tribo indígena isolada do contato com os brancos, indicando a existência de cerca de 200 pessoas nessa condição (Notícia n° 5, RTP 2011, Anexo I: 422).

Uma quarta notícia usa o valor notabilidade apresentando a aquisição do título Doutor Honoris Causa pelo então ex-presidente do Brasil, Lula, homenageado pela Universidade de Coimbra, e cita a manifestação feita pelos estudantes brasileiros - que se aproveitaram da passagem da presidente, Dilma Russef, no acesso ao evento, - contra a construção da usina hidroelétrica de Belo Monte na Amazônia (Notícia n° 2, RTP 2011, Anexo I: 421). As duas últimas se utilizam do valor conflito: uma ainda falando da construção de Belo Monte e outra anunciando a votação no Senado brasileiro do Novo Código Florestal e que foi por mim escolhida para se vista no seu pormenor, como já dito anteriormente.

Apresento a seguir o quadro de distribuição dos valores-notícia de seleção nos anos de referência do estudo:

Figura 16: Valores-Notícia de Seleção da TVRTP

Valores-Notícia de Seleção	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	Total
Morte	5	7	5	5	8	1	0	31
Notoriedade	1	2	0	4	6	3	1	17
Novidade	4	7	2	2	1	1	3	20
Proximidade	2	0	0	0	2	2	0	6
Relevância	6	5	4	8	5	2	0	30
Tempo	0	0	1	1	0	0	0	2
Notabilidade	0	0	0	0	1	1	0	2
Inesperado	0	1	2	0	2	1	0	6
Conflito ou Controvérsia	2	1	2	4	0	2	2	13

No próximo item a descrição e o que foi percebido nas construções narrativas da televisão portuguesa através da codificação dos valores-construção.

4.2.2 Dimensão ética na linguagem noticiosa da TV RTP: os valores-construção.

Os valores-notícia de construção dessas notícias estão na maioria das vezes coadunados com os valores de seleção, o que para mim indica pouca interferência da edição nos sentidos escolhidos pelos jornalistas desde a apuração até a linguagem utilizada. Sobre isso conversei longamente com editores, produtores-pesquisadores e jornalistas durante a minha estada na RTP. Os jornalistas atribuíam isso ao cuidado que diziam ter no acompanhamento - mesmo que muitas vezes impossível no pouco tempo imposto no cotidiano do trabalho - das notícias até a sua publicação. Já os editores se dividiam: uns atribuíam este fato ao respeito que tentavam ao máximo possível ter pela integridade dos textos dos jornalistas; outros confessaram que as questões ambientais passavam um pouco “ao largo do controle” em comparação com as questões políticas ou econômicas nacionais. Novamente, portanto, corroborando com as impressões por mim adquiridas no convívio com os jornalistas: uma separação já introjetada nas mentes que deixam, em geral, fora do

pensamento político e econômico português as questões ambientais sejam elas nacionais ou internacionais.

No ano de 2005, das 19 notícias publicadas temos duas de grande importância: uma denunciando a morte da freira Dorothy Stang, usando o valor-notícia de construção da personalização e outra, um mês depois, apresentando o mandante do crime com a utilização do valor consonância. Na primeira a personalização aparece na frase: “A irmã Dorothy de origem americana, vivia há trinta anos no Brasil e era uma das mais influentes defensoras da Amazônia, a maior e mais importante floresta do mundo”. E, na segunda a consonância é feita na qualificação do assassino: “O fazendeiro é acusado de estar por detrás da morte de Dorothy Stang, a freira norte-americana, que dedicou 23 anos da vida à defesa da Floresta Amazônica e dos direitos dos camponeses pobres” (Notícias nºs 1 e 2, RTP 2005, Anexo I: 375).

Apesar de em ambas as notícias o tempo de militância da freira, estar errado – Dorothy lutou durante 39 anos na defesa de melhorias socioambientais para a região – e, da segunda notícia não ter sido construída levando em conta a principal característica que leva um fato a virar notícia, o inusitado – era a primeira vez que um fazendeiro mandante de um crime era preso no Brasil –, as denúncias foram pertinentes para o alcance do território linguístico. Os valores-notícia de construção são aqui bem utilizados, aproveitando o valor de seleção morte para dar ênfase à preciosidade de uma vida dedicada a outras vidas. Quem assina a primeira notícia é uma jornalista brasileira, à época correspondente da RTP na América Latina, Marcela Petraglia, que ouve as principais autoridades da república brasileira sobre o caso: o Presidente do Brasil, o Procurador Geral da República e a Ministra do Meio Ambiente. Já a segunda notícia é de Luís Miguel Loureiro, jornalista português, lotado na RTP do Porto, cuja narrativa pode denotar o desconhecimento de Luís sobre a prisão incomum de um fazendeiro no Brasil.

O valor amplificação é usado também por Luis Miguel na terceira notícia do mesmo ano que traz a denuncia do desflorestamento da Amazônia. Uma amplificação que aparece traduzida em números: a matéria fala em 26.130 quilômetros quadrados de desflorestamento no ano citado, comparando-a a toda área da Bélgica que possui 30.528 Km²: “A desflorestação atingiu o seu segundo nível mais alto de sempre 26.130 km quadrados. Uma área na qual praticamente cabe a Bélgica” (Notícia nº 3, RTP 2005, Anexo I: 376). Os dados oficiais do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE,

através do Programa de Estimativa de Desflorestamento da Amazônia – PRODES, são de 19.014 quilômetros quadrados em 2005, ano que apesar de se constituir o terceiro – e não o segundo – maior no *ranking* da destruição da flora amazônica desde que a região passou a ser monitorada por satélite em 2002, é visto pelos pesquisadores como o ano em que tal índice começa pela primeira vez a cair¹⁹⁷, tendência que irá se perpetuar até a última medição, em 2013, com 5.843 Km² de desmatamento em toda a área da Amazônia Legal, como resultado da política ambiental estabelecida no país a partir do trabalho de Marina Silva.

O valor de amplificação é ainda utilizado em mais duas matérias quando titula como “diretor do IBAMA no Mato Grosso”, o gerente executivo do órgão, preso em uma operação da Polícia Federal de abate ilegal de árvores (Notícia n° 4, RTP 2005, Anexo I: 376) e, em outra, quando anuncia o baixo índice das águas do Rio Amazonas, “nos últimos 60 anos”, aumentando em 18 anos a medição, posto que a maior seca na região amazônica aconteceu em 1963, mas com o mérito de relacionar a seca com o aquecimento global (Notícia n° 10, RTP 2005, Anexo I: 379). As amplificações podem estar ligadas às informações dadas pelas fontes citadas ou pela pesquisa dos produtores e até mesmo dos jornalistas. O material apurado não tem condições de explicitar isto, posto que não possui as imagens, e as referências de quem está dizendo o quê nem sempre aparece nos textos. De qualquer modo, o noticiário do ano de 2005 da RTP, atribui a seca ao abate ilegal de árvores e à desflorestação de uma maneira geral em três notícias além da pecuária e da monocultura da soja praticada pela agricultura brasileira (Notícias n°s 10, 11 e 14, RTP 2005, Anexo I: 379-381). Ainda numa quarta, que se utiliza do valor-notícia da dramatização, fala da pouca água no rio sem tocar na dinâmica discussão entre os cientistas que se instala à época, resumindo a complexidade do assunto em uma frase: “A situação é dramática e por enquanto, os especialistas ainda não encontraram uma explicação para o fenômeno” (Notícias n°11, RTP 2005, Anexo I: 379).

O termo “pulmão do mundo” para referir a Amazônia é utilizado em duas notícias (Notícias n°s 3 e 4, RTP 2005, Anexo I: 376-377) e a ideia de uma Amazônia vazia de indígenas aparece no texto de abertura da nona notícia do ano: “As últimas tribos da Amazônia abriram a festa”, para ilustrar a cerimônia do contrato entre Brasil, Peru e

¹⁹⁷ Dados do PRODES, disponível em: http://www.obt.inpe.br/prodes/prodes_1988_2013.htm (acessado a 20.01.2014).

Bolívia para a construção de uma rodovia que atravessaria a Amazônia e chegaria às margens do Pacífico. A frase é parte da edição do jornalista, Guilherme Brígido, que se utiliza do valor de consonância com a notícia dada no mesmo dia pela manhã no Jornal Bom Dia, para apresentar o acontecimento nos jornais noturnos dos canais, RTP 1 e RTP 2.

Nos valores-construção das notícias no ano 2006, temos em dez das 25 publicações apuradas, a presença do valor de proximidade acompanhado de dramatização na ilustração de linguagem do valor de seleção morte. Duas apresentando a morte violenta de uma investigadora portuguesa no Acre e oito de acompanhamento da queda do avião da empresa, Gol Linhas Aéreas, que provocou a morte de um empresário português, além de mais quatro falando do acidente utilizando-se apenas do valor-construção dramatização. Na ocasião da queda do avião, a RTP enviou um repórter¹⁹⁸ para acompanhar as buscas das vítimas, o trabalho da polícia brasileira e da embaixada de Portugal no traslado do corpo e acolhimento dos familiares da vítima. Este envio gerou mais uma notícia cujo valor-construção é a consonância que se utiliza da mitológica lenda do boto cor-de-rosa da Amazônia. Escreve Mateus: “Trata-se de uma espécie rara que, segundo uma crença antiga, enlouquece as mulheres” (Notícia nº 23, RTP 2006, Anexo I: 391). E mais uma, onde o *pivot* já na chamada para a notícia no Bom Dia, compara o aquecimento global e seus efeitos atuais contra a biodiversidade nas florestas da América Latina – citando a Amazônia - com o período de 65 milhões de anos atrás, num claro tratamento de linguagem do valor-construção de amplificação atribuído à fonte e a agência de notícias utilizada:

As florestas da América Latina estão a ser palco daquela que poderá ser a maior onda de extinção animal desde o desaparecimento dos dinossauros. O alerta lançado por uma organização ambiental sediada em Paris diz que os principais prejudicados estão a ser os anfíbios da Amazônia (Notícia nº1, RTP 2006, Anexo I: 382-383).

Note-se ainda que a fonte utilizada na construção valorativa da peça é a ONG, *World Wildlife Fund* - WWF, e 2006 é um ano que está no meio do movimento de denúncia do movimento ambientalista e de muitos estudos na América Latina sobre o que ficou conhecido como “onguismo” no Brasil¹⁹⁹, ou “capitalismo de piedade” na América

¹⁹⁸ O enviado especial foi o Jornalista António Mateus.

¹⁹⁹ O “onguismo” colabora, dessa forma, na auto exploração das populações (através do reforço e divulgação de formas de ‘autoajuda’, ‘voluntariado’ e ‘economia social’, muito promovida desde o âmbito do poder

Latina, que ganha força com o aumento do número de publicações, principalmente entre os anos 2000 e 2008. Os estudos demonstram um enriquecimento grande dessas ONGs globais e religiosas e o empobrecimento de ONGs locais, além das estreitas relações com os Estados na plenitude da ideologia neoliberalista, os desobrigando de seu real papel (Piqueras, 2001; Dowie; Harvey; Aziz, 2004). A peça jornalística ouve a WWF, se utilizando da comparação exagerada e sensacionalista da própria fonte em suas campanhas. Lembrei-me da entrevista com Ricardo Garcia, jornalista ambientalista do Jornal O Público, que ao discorrer sobre as relações com as fontes, me disse que esta é uma tendência dos jornalistas em Portugal:

Ricardo Garcia: É complicado por duas razões, né? Por... Em primeiro lugar por essa relação que os jornalistas (em Portugal) têm com as ONGs, né? As ONGs estão sempre do lado bom. Tudo que as ONGs dizem está certo. Tem sempre essa, apreciação a priori, que muitos jornalistas fazem. (Garcia, Ricardo, 2011. Apêndice B: 367).

A utilização do valor-construção da relevância à proximidade surge também em duas notícias que anunciam a inauguração da hidrelétrica de Peixe Anjelical, numa parceria entre Portugal (através da EDP) e Brasil (através de Furnas Centrais Elétricas) que alagou uma área de 294km² das margens do Rio Tocantins para gerar 452 megawatts. Na primeira, a chamada do *pivot* para a matéria valoriza a busca da empresa portuguesa por negócios no exterior:

A EDP deu um passo que considera decisivo para avançar no mercado internacional. Entrou em funcionamento uma nova central hidroelétrica, no Brasil, que vai fornecer electricidade a 4 milhões de pessoas. A EDP é um dos principais parceiros (Notícia n° 24, RTP 2006, Anexo I: 391).

Na segunda, valoriza o tamanho do empreendimento: “O presidente da EDP inaugura hoje no Brasil a Barragem do Peixe Angical, uma das maiores barragens da América do Sul” (Notícia n° 25, RTP 2006, Anexo I: 391-392). Em ambas nenhuma palavra sobre o estudo do impacto socioambiental numa região considerada um *hotspot* da biodiversidade do cerrado, ou o deslocamento de cerca de 500 famílias rurais de baixa renda²⁰⁰ e dependentes da pesca e da agricultura de subsistência, ou ainda do

econômico político). Contribuindo, em suma, para a substituição das políticas sociais e direitos civis duramente conseguidos, por assistencialismos de um ou outro tipo, e coadjuvando em geral, a aceitação da inevitabilidade da ordem dada (Piqueras, 2001:17). Nas palavras de Boaventura de Sousa Santos, uma forma “subversiva” de apropriação dos movimentos sociais do Sul, numa visão “globalcêntrica” (2005:61)

²⁰⁰ Índice Municipal de Desenvolvimento Humano Médio (IDH-M) dessas famílias é igual a 0,483.

beneficiamento energético para a instalação futura de uma indústria de celulose em um dos cinco municípios atingidos do estado do Tocantins. O empreendimento envolveu um conflito com o Movimento dos Atingidos por Barragens – MAB, que se estendeu entre os anos de 2003 e 2007. O momento das publicações das duas notícias foi o auge do conflito quando o MAB exigia para período de referência das indenizações o início das obras (março de 2006), enquanto as empresas insistiam que o parâmetro deveria ser o cadastro socioeconômico realizado a partir, de fevereiro de 2003. O valor-seleção de notoriedade (da EDP) e o valor-construção de relevância à proximidade escolhidos para ambas as notícias evidenciam a valorização do pensamento desenvolvimentista no discurso oficial da televisão portuguesa como fator da subserviência dos jornalistas à autoridade estatal, construído na lógica da objetividade da escala dominante capitalista sem nenhum envolvimento com o pensamento ecológico.

Temos ainda em 2006 uma notícia – que é repetida na íntegra 15 dias depois - usando como fonte o jornalista e político brasileiro integrante do Partido Verde - PV, Fernando Gabeira, anunciando que a redução do desmatamento da Amazônia deverá ser a grande preocupação do próximo presidente do Brasil, assinada pela jornalista Lavínia Leal. O valor-construção usado pela jornalista é a amplificação comparando a área de desmatamento anual da floresta no ano de 2005, à área do Alentejo²⁰¹ para conferir noticiabilidade ao assunto (Notícia n°9, RTP 2006, Anexo I: 385-386).

O ano seguinte, 2007, começa com as cheias dos rios na Amazônia e a RTP noticia em tom dramático que as chuvas já fazem mais de 50 mortos na região (Notícia n°1, RTP 2007, Anexo, I: 392). O valor de dramatização é utilizado também na construção das três notícias sobre um acidente durante um exercício da polícia militar no estado do Mato Grosso (Notícias n°4, n°5 e n°6, RTP 2007, Anexo I: 393), na cobertura de um crime bárbaro que levou a vida de uma adolescente no Pará (Notícia n°15, RTP 2007, Anexo I: 396) e por fim, no anúncio de grandes queimadas na fronteira Brasil-Bolívia que vai ao ar no Telejornal, às 20 hs, no canal RTP 1. Esta última assinada pela jornalista, Isabel Damásio, relaciona sistema ecológico com sistema social e vem acompanhada por denúncia dos fazendeiros que põem fogos na floresta, “com o objectivo de conquistar terras produtivas á floresta, adubá-las e criar gado”. No final, a publicação revela o foco econômico do drama e da denúncia: “[...] a preocupação é agora com as reservas de gás

²⁰¹ O desmatamento na Amazônia em 2005 foi de 18.846 mil Km², segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) e a área do Alentejo é de 31.551 km².

natural e explorações petrolíferas que estão situadas em zonas afectadas pelos incêndios” (Notícia nº12, RTP 2007, Anexo I: 395).

Esta mesma notícia é editada e volta a ser publicada duas horas depois no canal RTP 2, Jornal 2, agora quem a escreve é Antônio Matus (Notícia nº13, RTP 2007, Anexo I: 395-396). Desta vez, o jornalista usa o valor construção amplificação dando ênfase à extensão dos fogos, relacionando a questão ambiental à social e denunciando a prática dos fazendeiros, porém não menciona as reservas de *commodities*. Revelando maior envolvimento com a questão ecológica, aponta apenas a estação do ano em que a prática é realizada relacionando-a com a prática destruidora do meio ambiente dos pecuaristas: “Todos os anos no final da época seca, fazendeiros e criadores de gado na América latina procedem a queimadas para limpeza de terras e alargamento das respectivas áreas de exploração”.

O valor de amplificação constrói ainda mais duas notícias: uma sobre uma epidemia de Dengue na cidade de Belém (Notícia nº 3, RTP 2007, Anexo I: 392) outra anunciando o início da Conferência sobre Clima na Indonésia. Esta última merece atenção, pois, é quando o Parlamento da UE leva a proposta de redução de 20% das emissões de gases do efeito estufa até meados do século para todos os países industrializados, incluindo os países em desenvolvimento. Trata-se do discurso da UE na política de apropriação do fato climático na financeirização das energias renováveis. A preocupação maior declarada pela UE foi com o desflorestamento. Na cimeira chegou-se a conclusão que o protocolo de Quioto não seria cumprido até a data limite de 2012, mas não resultou em nenhum acordo e estabelece um vazio de metas para o combate às alterações climáticas, adiando a discussão para 2009 em Copenhague. No dia 6 de dezembro à noite (antes da chegada da delegação europeia em Bali), a RTP noticia a cimeira no canal RTP2 com a seguinte chamada do *pivot*: “O aquecimento global vai destruir 60 por cento da Amazônia até 2030. O aviso foi feito em Bali pelo Fundo Mundial para a Vida Selvagem, um dos maiores grupos activistas para o meio ambiente”. Novamente a fonte usada é a WWF e valor-construção é a amplificação, como já dito. A expressão “pulmão da terra” também é aqui mais uma vez usada para identificar a Amazônia (Notícia nº14, RTP 2007, Anexo I: 396). A notícia é repetida no dia seguinte na RTP1, Jornal Bom Dia.

O valor-construção da personalização é usado em cinco notícias: uma sem interesse para a questão ambiental de que aqui tratamos, meramente para mostrar um feito

esportivo e nomear um atleta de “homem-peixe” porque nada todo o percurso do Rio Amazonas (Notícia nº2, RTP 2007, Anexo I: 392). Três personalizam o governo do Brasil na figura do presidente Lula: duas anunciando o enriquecimento de urânio de jazidas da Amazônia, enfatizando a valorização do investimento (400 milhões de euros) que serão aplicados nas fábricas nucleares, sem nenhuma menção à política ambiental. Ambas não são assinadas ou editadas e são fornecidas pela agência Lusa (segundo apuração da pesquisadora em campo) (Notícias nºs 8 e 10, RTP 2007, Anexo I: 394-395).

A última, assinada por Teresa Pacheco Miranda, é publicada no Jornal da Tarde, na RTP1 às 13:30hs, e anuncia a proibição emergencial de Lula – através de um decreto - da venda de produtos agrícolas provenientes de áreas de abate ilegal de árvores da Amazônia por conta do aumento em 10% do desmatamento. A informação incompleta usa o valor de amplificação atrelado à personalização do presidente do Brasil, mas oculta o esforço do governo brasileiro para a diminuição do desmatamento na Amazônia. 2007 era o terceiro ano em que a taxa de desmatamento diminuía²⁰² depois da política implantada pela ministra Marina no Plano de Ação para a Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia desde 2004 – PPCDAM²⁰³. Além do mais, o referido decreto²⁰⁴ era provisório²⁰⁵ e parte do plano – e não emergencial – e referia-se ao embargo das atividades econômicas das áreas danificadas, excetuando-se a agricultura de subsistência. A notícia atinge um público ainda maior porque é repetida pelo canal a cabo da emissora, RTPN, no Jornal Notícias, em três horários diferentes; além da sua publicação na RTP2, Jornal 2. (Notícia nº16, RTP 2007, Anexo I: 397).

Nas imagens, o valor construção da amplificação potencializa a peça e mostra uma ampla área de floresta pegando fogo, seguida de imagem aérea de um rio repleto de toras de madeira e de um helicóptero sobrevoando a área. Nenhuma menção a qualquer fonte, nem mesmo da origem das imagens ou da localidade de tais imagens. Tratavam-se

²⁰² Segundo os dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE: em 2004 foram desmatados 27.772 km², caiu para 19.014 km² em 2005, para 14.286 km² em 2006 e 11.651 km² no ano de 2007.

²⁰³ Este plano foi construído no Brasil ainda em 2002, como resposta do governo brasileiro no compromisso assinado em Quioto para o combate às crescentes taxas de desmatamento na Amazônia - tem como objetivo promover a redução das taxas por meio de um conjunto de ações integradas de ordenamento territorial e fundiário, monitoramento e controle ambiental, fomento a atividades produtivas sustentáveis, envolvendo parcerias entre órgãos federais, governos estaduais, prefeituras, entidades da sociedade civil e o setor privado. Tem sido considerado um sucesso, pois desde 2004 conseguiu uma redução de cerca de 77% do desmatamento na área da Amazônia Legal até o ano de 2011.

²⁰⁴ Decreto 6321/07: Portal da Legislação do Governo Federal. Disponível em: <http://ww4.planalto.gov.br/legislacao/> (Acessado a 23.01.2013)

²⁰⁵ Foi revogado seis meses depois pelo decreto 6514/2008.

de imagens adquiridas pela agência Eurovisão – pude apurar - e que estavam já arquivadas pela RTP. O editor escolhe as imagens e a *pivot* lê o texto e as imagens aparecem no ecrã. Uma delas inclusive em preto e branco, como podem ser conferidas abaixo:

Figuras 17, 18 e 19: Notícia nº 16, TV RTP 2007



Fonte: TV RTP

O valor de construção da dramatização aparece em oito das 24 notícias em 2008. Em três delas acompanha o valor-seleção morte noticiando um acidente de barcos com vítimas (Notícias nºs, 2, 5 e 12, RTP 2008, Anexo I: 397-400) e outras três mostrando um mesmo assalto a banco com reféns, no estado do Mato Grosso, que não têm muita relevância para este estudo (Notícias nºs 6, 8 e 9, RTP 2008, Anexo I: 398-399). Em mais duas, trata de uma tribo que a emissora diz nunca ter sido contactada pelos brancos (Notícia nº 14, RTP 2008 Anexo I: 401), sem mencionar a política indigenista brasileira que respeita as tribos que não querem fazer contato e, noutra, apresenta a preocupação de um antropólogo com tal tribo que teria sido “descoberta”²⁰⁶ (grifos da autora) e que está sendo ameaçada pela destruição da floresta, pela extração de petróleo e – o mais paradoxal – pelo

²⁰⁶ A FUNAI sabe desses grupos de indígenas desde o final dos anos 70 e estima que haja mais de 70 desses agrupamentos humanos dentro da Amazônia, especificamente nos estados do Acre, Rondônia, Mato Grosso e Maranhão. Tratam-se, segundo a instituição, de sobreviventes da brutal grilagem de terras, quando foram alvejados e mortos por madeireiros, fazendeiros e outros.

contato “com povos exteriores, que trazem doenças para as quais os índios não têm resistência”. Pergunto: se eles não são contactados e não querem aproximação como estão sendo ameaçados por doenças dos brancos? Detalhe, novamente esta notícia é assinada por Teresa Pacheco Miranda (Notícia nº 17, RTP 2008, Anexo I: 402).

Já as outras duas notícias são construções dramáticas importantes por noticiarem conflitos violentos entre índios e brancos na discussão para a construção da Usina Hidroelétrica Belo Monte, na cidade de Altamira, no Pará (Notícias nº 12 e 13, RTP 2008, Anexo I: 400). Na primeira notícia, dada no Jornal Bom Dia, da RTP 1, e depois repetida no Notícias do canal a cabo, RTPN a tarde, a linguagem usada pelo Jornalista Helder de Souza para anunciar o conflito usa o valor da dramatização, mas por ainda não ter as imagens em mãos, apenas descreve a cena dramática:

Na terça-feira, um engenheiro da Eletrobrás, foi atacado pelos índios da região quando participava numa sessão de esclarecimento sobre o empreendimento. O homem foi agredido com catanas e sofreu vários hematomas e um pequeno corte num braço (Notícia nº 12, RTP 2008, Anexo I: 400).

À noite, após aquisição das imagens fornecidas pela parceira brasileira, A TV Bandeirantes, no canal RTP 2, Jornal 2, a peça é publicada editada com a voz em *off* do jornalista, Antônio Carneiro, que num tom grave e austero disserta sobre o acontecimento numa narrativa objetiva, porém solene, lembrando e relacionando com o caso de outra construção de hidrelétrica em 1989 e explicando o conflito. Mostra a fala do delegado do Ministério Público, Marco Antônio Almeida, mas não mostra a versão dos indígenas, ou outros povos afetados, seguindo o estilo sensacionalista da parceira brasileira. Deixa que as imagens e sons da gritaria do momento do drama, falem por si, ou seja, apresentando os indígenas como violentos (Notícia nº 13, RTP 2008, Anexo I:400).

Figuras 20 e 21: Notícia nº 13 TV RTP 2007



Fonte: TV RTP

O valor amplificação aparece em seis notícias, sendo cinco alertando sobre o desmatamento na Amazônia e uma denunciando um crime ambiental pertinente. Todas, como já dito acima, oriundas da crise que se instaura na pasta de meio ambiente no Brasil. O ministro Minc é inclusive fonte de duas delas (Notícia nº 16 e 23, RTP 2008, Anexo I). Nessas notícias percebe-se que o valor de construção da linguagem força a amplificação para o público da noção do tamanho do desmatamento que realmente cresceu no somatório do ano em relação ao ano anterior em 3,8% , e que aparecem em expressões como, “ O corte de floresta na Amazônia triplicou após anos de declínio dos abates” (Notícia nº 23, RTP 2008, Anexo I: 404) ou, “O corte da floresta da Amazônia quase duplicou no espaço do último mês” (Notícia nº 22, RTP 2008, Anexo I: 403-404), ou ainda, “Dados oficiais indicam que cerca de 17 por cento de toda a Amazônia brasileira, uma área equivalente a duas vezes a Alemanha, já foi desflorestada” (Notícia nº 1, RTP 2008, Anexo I: 397). A expressão “Amazônia, pulmão da terra” é utilizada em duas delas. Note-se ainda que três notícias acusam o órgão governamental brasileiro, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, como um dos principais desmatadores e responsável pela devastação, mostrando a força de agendamento do movimento ambientalista na mídia internacional, apesar da relevância dada à crise ambiental no Brasil. Em nenhuma dessas ampliações fala-se do efeito do desmatamento na vida dos seres amazônicos.

O valor de construção da personalização aparece em três notícias: uma personalizando os ecologistas (Notícia nº4, RTP 2008, Anexo I: 398), outra personalizando o presidente Lula (Notícia nº20, RTP 2008, Anexo I:403) e a última personalizando índios que permaneciam sem contato com os brancos (Notícia nº17, RTP 2008, Anexo I:402). Todas na intenção de mostrar ao telespectador tentativas de preservação ambiental. Mais três notícias ainda usam o valor da consonância com notícias publicadas anteriormente em favor da preservação e contra o desmatamento (Notícias: nº7 e nº15, RTP 2008, Anexo I: 401) e por fim, uma que traz mais informações contextualizando também a notícia publicada anteriormente de um naufrágio no Rio Solimões, mas sem nenhuma importância para a questão ambiental (Notícia nº5, RTP 2008, Anexo I: 398).

Já o valor de relevância com a proximidade é responsável pela construção da linguagem em quatro notícias, sendo três delas ilustrando a seleção do acontecimento por notoriedade da chanceler alemã, da ex-ministra brasileira e depois com a Universidade de

Coimbra. Na primeira, relevância de proximidade se expressa na linguagem noticiosa pela política externa de Portugal na aproximação UE e Brasil, como já citado acima, com o seguinte texto do jornalista, Helder de Souza:

Angela Merkel admitiu que o uso do etanol é positivo e que o Brasil está numa posição de vanguarda, mas mostrou-se preocupada com a desflorestação da Amazônia e com o avanço das plantações de soja na região. Lula da Silva explicou que se a Amazônia é benéfica para todo o planeta a conservação da região deve contar com o apoio de vários países, com Angela Merkel a assegurar que a Alemanha vai cumprir os compromissos assumidos (Notícia nº10, RTP 2008, Anexo I).

. E em outra notícia, que selecionou pela notoriedade, a da ministra, Marina Silva, a relevância de proximidade é também com a política externa de Portugal. Acata as reclamações da ex-ministra: “O maior pulmão do planeta está cada vez mais ameaçado por interesses económicos. As pressões destes levaram agora à demissão da ministra do ambiente brasileira. A gota de água foi o crescente isolamento da ministra no interior do governo brasileiro”. Diz que o presidente do Brasil “não quer e nem pode assumir e suportar sozinho” a preservação da Amazônia e encerra dizendo que a chanceler alemã “assumiu a gravidade do problema” (Notícia nº11, RTP 2008, Anexo I: 399). Na terceira, cuja notoriedade da Universidade de Coimbra é usada na construção da linguagem também da política de aproximação da UE e Brasil anuncia um festival de cinema que versará sobre a Amazônia e usa as seguintes expressões: “Um olhar atento para as questões ambientais que rodeiam o pulmão do mundo”, para caracterizar o festival; “O Brasil e A União Europeia vão trabalhar em conjunto para enfrentar a crise financeira internacional” e o enfrentamento ao aquecimento global, unindo dois assuntos diferentes; e por fim, fecha citando que tal acordo foi feito na Cimeira (Notícia nº24, RTP 2008, Anexo I: 404). A expressão “pulmão do mundo” é utilizada em duas delas.

Temos ainda neste ano mais um a notícia que usa o valor construção de proximidade que é a peça assinada por Lavínea Leal já citada anteriormente. Essa peça permite a visibilidade dos interesses indígenas e se utiliza do valor de proximidade dando voz a reivindicação de denúncia apoiada por um seminarista português, Mario Campos, e pelo fato de tais pessoas estarem em Portugal. Em entrevista pude constatar que Lavínea realmente “furou” e investiu nas negociações se aproveitando de imagens dos indígenas vestidos a caráter para convencer a chefia de reportagem inclusive de recebê-los nos estúdios da emissora:

[...] quando vi que havia imagens, percebi que era possível trazer aquilo para televisão. Porque televisão tem este problema: se não houver imagens é muito difícil construir uma história. E então como um dia antes um colega havia feito imagens do índio e também o índio estando em Portugal é uma imagem e tanto! Uma imagem muito forte. E eu consegui convencer a chefia de fazer a reportagem (Leal, Lavínea, 2013. Apêndice C: 370).

As imagens mais fortes, entretanto, foram filmadas por um indígena²⁰⁷ e já distribuídas em larga escala na fluxometria global de notícias pelas mãos dos próprios indígenas e dos missionários da Consolata²⁰⁸. Imagens também usadas pela edição feita por Sara Cravina que abria a peça da RTP. Traziam sons de disparos de rifles e lançamento de bombas, além de muitos indígenas feridos, sendo colocados em uma caminhoneta para serem levados ao hospital. Em *off* a voz de Lavínea ilustra tais imagens:

O Brasil ficou chocado com estas imagens. Aconteceu em maio com índios da reserva Raposa Serra do Sol. Desarmados, são atacados com bombas artesanais e disparos de armas de fogo às ordens de um fazendeiro. Dez ficaram feridos. Pela primeira vez eram gravadas imagens da violência exercida pelos fazendeiros sobre os povos indígenas. Jacir e Pierlangela vieram mostrar o vídeo aos líderes europeus e pedir apoio. Desde que começou luta pela terra morreram 21 indígenas (Notícia n° 19, RTP 2008, Anexo I).

Foram tais imagens que também permitiram provas comprobatórias na justiça brasileira que mais tarde vai se promulgar a favor da luta indígena em Raposa Terra do Sol²⁰⁹. Lavínea estava certa, era mesmo a primeira vez que a comunidade indígena impunha visibilidade à sua luta e se tornava fonte da mídia mundial. Mas era fundamentalmente o sentimento de dever-cidadão da jornalista perante a luta indígena e perante o povo português o que trazia ao conhecimento dos portugueses, no Jornal Bom Dia Portugal, do canal, RTP 1, naquela manhã de julho do ano de 2008, a voz da índia Pierlangela Cunha. Dois meses após o acontecimento. A Seguir duas imagens cedidas pelo CIMI, que foram editadas pela RTP, pois, a pesquisadora teve seu acesso negado às imagens publicadas pela emissora, nas condições já narradas anteriormente.

²⁰⁷ O vídeo é assinado pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI), que mantém o nome do *videomaker* em segredo.

²⁰⁸ O Instituto dos Missionários da Consolata foi fundado pelo beato, José Allamano, em 1901, em Turim, na Itália. Recebeu o título para exprimir devoção à Nossa Senhora da Consolata. Hoje tais missionários estão presentes em Africa, Brasil e Europa.

²⁰⁹ O julgamento aconteceu no dia 11 de dezembro do mesmo ano, em uma tumultuada audiência do STF, em Brasília. Os indígenas receberam oito pareceres judiciais a favor de sua luta e dois contra.

Figuras 22 e 23: Imagens do Vídeo Produzido Pelos Indígenas



Fonte: CIMI

Em 2009, o valor construção mais usado pelos jornalistas foi o da dramatização (em onze notícias), acompanhando o valor-seleção morte. Em cinco dessas notícias, o drama está relacionado com dois acidentes de aviões na Amazônia, saindo assim da questão que interessa a esse estudo. Nas outras seis a valorização se divide entre notícias que falam de importantes questões ambientais, como a chegada da Gripe A a floresta (Notícia nº8, RTP 2009, Anexo I: 407); a provocação de enchentes pela maior cheia do Rio Amazonas do século (Notícias nºs 14,15, RTP 2009, Anexo I: 409-410), e a seca que atinge a região no fim do ano (Notícia nº 5, RTP 2009, Anexo I: 406), porém sem tocar nas causas ou consequências ecológicas de tais questões; e mais duas notícias provenientes do FSM (Notícias nºs 23 e 24, RTP 2009, Anexo I: 413), que tocam em questões socioambientais pertinentes, mas de forma vaga e sem explicações.

A notícia que aborda a seca acompanha a lógica produtivista da elite brasileira, divulgando a *commodity* da carne como se esta fosse a única vítima do fenômeno natural:

A seca na Amazônia já matou milhares de cabeças de gado no Brasil. O cenário da seca tende a piorar. As autoridades e produtores de gado preveem a morte de mais de 100 mil cabeças de gado nas próximas semanas. Sebastião Coelho, segue a lógica do jornalismo econômico capitalista, se utilizando da cultura da objetividade como contrato, num ano em que o FSM foi fonte de inúmeras notícias nos meios de comunicação. A notícia sobre a Gripe A, assinada pelo mesmo jornalista, fala de mortes, de mil indígenas infectados e mais 32 mil ameaçados, sem explicar como a doença foi parar na Amazônia, ou do processo migratório que a floresta vem sofrendo com seu entorno repleto de projetos de agropecuária. Constrói assim a linguagem da notícia com a preocupação clara da

separação entre informação e opinião, própria da monocultura do saber do modo americano do saber-fazer jornalístico.

As notícias sobre as enchentes provocadas pela cheia brutal do Rio Amazonas, também usam a dramatização da linguagem apenas para noticiar as mortes, os desalojamentos das pessoas, o caos social que se instaura, sem tocar na questão climática. Aqui a cultura da objetividade das técnicas jornalísticas está apenas assentada na transformação da notícia em mercadoria, na suposição de que notícia ruim é o que dá audiência, sem nenhum envolvimento com a dimensão do pensamento ecológico.

Mais duas notícias assinadas pelo correspondente João Pacheco Miranda, dramatiza a linguagem sensibilizando para valores socioambientais em expressões tais como: “No Fórum Social Mundial 100 mil pessoas apelaram ao salvamento da Amazônia. Questões como o trabalho escravo, a mineração predatória e o desmatamento ameaçam a maior floresta do mundo e das suas populações” (Notícia nº24, RTP 2009, Anexo I: 413); ou “[...]os índios apontam responsabilidades e exigem a continuação do processo de demarcação de terras” (Notícia nº23, RTP 2009, Anexo I: 413).

Nesta última notícia citada, entretanto, percebo um fato curioso. João P. Miranda termina sua narrativa na notícia com a frase: “Disseram-no (os indígenas) no Fórum Social Mundial de Belém, e disseram também que a questão da soberania é uma falsa questão”. Perguntei-me se havia tal frase recebido algum entendimento pela audiência portuguesa. O jornalista certamente referia-se a polémica criada por representantes do exército brasileiro ao dizerem que a presença de indígenas em área extensa de fronteira punha em risco a soberania nacional, para se colocarem contra a demarcação da terra indígena Raposa Terra do Sol, no ano anterior. O disparate foi cunhado de “racismo ambiental” pelos indígenas e por diversos militantes, a época. Mas, o acompanhamento das notícias me permitia perceber que isso não havia chegado à televisão aberta de Portugal. Aliás, tal discussão também foi silenciada no Brasil. Tratou-se primeiro de uma discussão no âmbito da Amazônia Legal entre intelectuais, militantes e indígenas e depois, lógico, muito comentado no FSM.

Nota-se aqui, portanto, que o jornalista age como se a polémica já fosse de senso comum em Portugal, e evidencia seu lugar de enunciação com maior proximidade das questões amazônicas na cimeira. Tal lugar próximo de enunciação aparece também quando usa o termo do português brasileiro na notícia anterior – “desmatamento” – no lugar do

termo habitual no português de Portugal – “desflorestamento” (Notícia nº24, RTP 2009, Anexo I: 413). Isto me faz refletir na importância da influência do contexto na apuração da notícia ambiental pelo olhar jornalístico no fluxo de saída, numa proposta de mudança cultural; mas também da mesma importância da tradução na edição, no fluxo de chegada. Havia aqui, portanto, uma brecha para que o editor oportunizasse a discussão entre os portugueses – que foi perdida – na rígida sistematização da rotina de produção das notícias.

Ainda em 2009, houve cinco notícias construídas sobre o valor da personalização: duas personalizando um criminoso da Amazônia, uma homenageando um ecologista africano e comparando o seu feito de preservação do Parque do Gabão com a preservação da Amazônia; e mais duas, personalizando o FSM como importante por conta da presença dos presidentes dos países que governam a Pan-Amazônia na América do Sul. (Notícias nºs 3,4,12,13 e 16, RTP 2009, Anexo I). Houve mais quatro notícias construídas predominantemente sob o valor da relevância de proximidade: duas falando do sucesso do empreendimento de um português na Amazônia e duas que põe em relevo a proximidade histórica entre Brasil e Portugal (Notícias nºs 1, 2, 11 e 17, RTP 2009, Anexo I).

Sob o valor da consonância, houve três publicações: uma em consonância com a questão dos direitos humanos – sempre muito tratada na televisão estatal portuguesa (Notícia nº6, RTP 2009, Anexo I: 406) –; outra anunciando o início do FSM em concordância com crise do capitalismo (Notícia nº25, RTP 2009, Anexo I: 413); e por fim, uma publicação já comentada anteriormente cuja seleção de escolha foi a relevância (Notícia nº7, RTP 2009, Anexo I:407) e que é construída em consonância com a importância da Amazônia no combate ao aquecimento global. Aqui o jornalista, Sebastião Coelho, fala do esforço e da conquista do governo brasileiro para atingir a meta prometida na queda do desmatamento, mas, não resiste à cultura da objetividade como técnica de persuasão utilizando-se de dados estatísticos e fecha a notícia com a frase: “Mesmo assim, a cada minuto que passa é abatida na Amazônia uma área equivalente a um campo de futebol”.

No valor da amplificação temos no ano por fim, mais duas notícias: uma anunciando o fechamento do FSM dizendo que a conclusão é estarem faltando apenas 15 anos para o desaparecimento da Amazônia e outra, repleta de colonialidade de poder e construída com uma linguagem ambígua, para falar do sucesso dos indígenas na justiça brasileira com a retirada dos fazendeiros da reserva Raposa Terra do Sol, vejam o texto:

A justiça brasileira deu razão aos 19 mil índios que vivem numa reserva na Amazônia.

No ano passado, os agricultores reagiram com violência a uma tentativa das autoridades de os retirar daquelas terras. Para os especialistas, a decisão de os manter no território representa um precedente para proteger outras reservas no Brasil. A área é equivalente a um quinto do território português (Notícia nº18, RTP 2009, Anexo I: 411).

Nota-se a margem de incoerência no texto: “Para os especialistas, a decisão de os manter (os agricultores ou os indígenas?) no território representa um precedente para proteger outras reservas”, significa dizer que o jornalista não concorda com a proteção das reservas indígenas? Por que a saída de agricultores ou indígenas significaria um precedente para a proteção de reservas no Brasil? Depois, faz o fechamento da peça comparando o tamanho da área com o território português, aludindo a velha concepção colonialista: “muita terra para pouco índio”. De qualquer forma, o Jornalista que assina a peça, Antônio Pita, se primasse pela verossimilhança exigida à ética jornalística, em poucos minutos de pesquisa pela Internet, saberia que seria impossível no Brasil abrir “um precedente” para proteger reservas indígenas, pois a Carta Magna brasileira não permite “precedências” (grifos da autora) em terras indígenas desde 1988, como é o caso da Raposa Terra do Sol, desde sua demarcação pelo estado em 2005²¹⁰. Tal notícia mais desinforma do que informa.

É no ano de 2010 que apesar da diminuição do interesse pela temática deste estudo, apresenta construções informativas já inovadoras para o tratamento de notícias ambientais. Uma delas é a da Jornalista, Paula Rebelo, que dramatiza a morte de um bebê causada por uma desavença entre médicos em um hospital público na Amazônia (Notícia nº2, RTP 2010, Anexo I: 414), já denunciando o equivocado valor social desses profissionais. Outra, também usando o valor da dramatização como valor de construção sensibiliza para o nível de injustiça social no Brasil contando que é a primeira vez que um mandante de homicídio é preso no Brasil: “Um fazendeiro foi condenado a 30 anos de prisão pela morte de uma freira americana. O caso está a ser visto como um pequeno passo

²¹⁰ “(...) ninguém pode tornar-se dono de uma terra ocupada por índios. Todas as terras ocupadas por indígenas pertencem à União, mas os índios têm direito à posse permanente dessas terras e a usar e consumir com exclusividade todas as riquezas que existem nelas. Quem tiver adquirido, a qualquer tempo, mediante compra, herança, doação ou algum outro título uma terra ocupada por índios, na realidade não adquiriu coisa alguma, pois estas terras pertencem à União e não podem ser negociadas. Os títulos antigos perderam todo o valor, dispondo a Constituição que os antigos titulares ou seus sucessores não terão direito a qualquer indenização” (Dallari, Dalmo de Abreu, 1996: 53).

da justiça num mundo sem lei que é a floresta amazônica”, diz o jornalista Sebastião Coelho. E mais a frente: “No ano passado a justiça mandou para a prisão 80 por cento dos assassinos contratados que mataram activistas na região. Vitalmiro Moura é o único mandante alguma vez condenado” (Notícia nº4, RTP 2010, Anexo I: 415-416).

As outras duas notícias cuja linguagem é construída sob o valor da dramatização anunciam um incêndio que começa no Mato Grosso alcançando o Parque Nacional do Tocantins e o sul do Pará. Na primeira, com imagens cedidas pela TV Bandeirantes, do Brasil, não assinada, a dramatização está voltada para vitimizar a economia brasileira e não há menção às causas do incêndio (Notícia nº 11, RTP 2010, Anexo I: 419). A segunda, assinada pela Jornalista Raquel Gomes e editada pelo jornalista Guilherme Terra já fala dos danos socioambientais, mas culpa apenas a situação meteorológica da região, ouvindo o meteorologista, Fafi Agop. Chega a falar em queimadas, entretanto, citando as autoridades brasileiras diz apenas que estas estão suspensas. De acordo com a as leis brasileiras a prática de queimadas para a limpeza e fortificação do solo é proibida em toda a região entre os meses de julho a setembro (meses de seca) e o parque citado é reserva indígena que contém a maior ilha fluvial do mundo e o incêndio foi criminoso, cujo responsável foi denunciado pelos indígenas (Notícia nº12, RTP 2010, Anexo I: 419).

Uma terceira notícia inovadora é a de Lavínea Leal, que através do valor consonância aproveita-se da história do nascimento de Jesus, da coincidência do nome da cidade onde ocorre o fato e da efeméride, para criticar de forma construtiva e respeitosa a desigualdade social desde o nascimento. Reparem como a jornalista abre a peça e a conduz:

Um dos combates dos políticos brasileiros é contra as desigualdades sociais que não são um exclusivo do país e que se manifestam de muitas formas. Na cidade de Belém, nome paradoxal para o que se verificou. No dia de natal, um bebé recém-nascido foi lançado de um muro com mais de dois metros de altura, enrolado num plástico. A criança foi encontrada a tempo e está bem (Notícia nº 13, RTP 2010, Anexo I: 419-420)

Feita a abertura, a jornalista houve quem encontrou a criança, as pessoas que a receberam no hospital e explica sem julgamentos e com o cuidado de informar a idade da mãe: “A mãe, com 20 anos, contou a policia que deitou fora o bebé poucas horas depois de dar a luz, na noite de 24 de dezembro, tentando assim esconder da família a gravidez”. No fechamento cuida de promover esperança: “Durante pelo menos 15 dias o pequeno vai

ficar internado neste hospital. Não será difícil arranjar uma família, há já muitos candidatos a adoptar o menino encontrado em Belém, no dia de Natal”.

Outras três notícias também têm o valor da consonância usado pelo Jornalista Luiz Henrique Pereira. Em uma usa o mito do Eldorado para mostrar imagens de uma descoberta antropológica de 30 anos atrás, como se tais imagens estivessem sendo mostradas pela primeira vez: “Foram descobertos vestígios de uma civilização desconhecida no Brasil. Imagens de satélite revelaram centenas de figuras gigantes no solo amazônico” (Notícia nº1, RTP 2010, Anexo I: 414). Outra, o mesmo jornalista, fala da construção da barragem de Belo Monte e do conflito que vem gerando entre indígenas, ambientalistas e governo. Procura uma linguagem objetiva mencionando os dois lados da questão. Diz que os indígenas estão “indignados”, que a barragem vai inundar “várias regiões”, mas que o governo contra-argumenta com a substancial redução dos custos da energia e enfatiza que a hidroelétrica produzirá onze mil megawatts. Nenhuma menção sobre o alagamento de terras indígenas, sobre o peso social do empreendimento, ou seja, sem nenhum envolvimento ecológico (Notícia nº6, RTP 2010, Anexo I: 416). E na última, Luiz Henrique volta a construir a notícia em consonância com a mitologia amazônica, “misteriosa” e “inteira por descobrir”, como se a região estivesse vazia (Notícia nº7, RTP 2010, Anexo I: 417).

O valor de amplificação é usado em duas notícias, ambas assinadas por Luiz Henrique Pereira. Na primeira enfatiza o tamanho da floresta e sua importância (Notícia nº 5, RTP 2010, Anexo I: 416) e, na segunda, acentua a biodiversidade de peixes do Rio Amazonas, borboletas e insetos, e dá destaque ao Museu de Ciências Naturais de Manaus (Notícia nº 9, RTP 2010, Anexo I: 418). O Jornalista assina ainda uma notícia cujo valor de construção é a relevância de proximidade para falar da beleza do Teatro Amazonas discorrendo sobre sua importância para a cultura brasileira que buscou na Europa a inspiração para a sua decoração, com um texto visivelmente eurocêntrico:

Os vigamentos de aço das paredes vieram de Glasgow, na Escócia. Os frescos da cúpula mostram as artes, música, teatro, dança. Pinturas do artista italiano Domenico di Angelis. O candelabro veio de França e pode descer para manutenção. As máscaras vieram da Grécia, faz sentido. O teatro feito luxo já teve sete restauros. O Teatro do Amazonas continua a ser um dos principais símbolos do povo e da cultura do Brasil (Notícia nº8, RTP 2010, Anexo I: 417).

Outra notícia que usa o valor de relevância de proximidade é assinada por uma jornalista africana, Indira Correia Baldé, que a produz para a RTP África e, depois é editada para o Jornal da Tarde, na RTP1, por Antonio Fernandes. Indira valoriza a proximidade entre Brasil e Guiné Bissau de identidades que viveram a diáspora. Crianças da Amazônia e do arquipélago Bijagós trocaram cartas, fotos e vídeos aproximando suas identidades e que resultam na publicação de um livro agora lançado (Notícia nº 10, RTP 2010, Anexo I: 418). Nota-se aqui a interessante oportunidade de uma produção jornalística guineense ser fornecida na fluxometria da notícia na sua veiculação também para o povo português e imigrantes africanos e brasileiros em Portugal.

Por fim, no ano de 2011, temos a queda vertiginosa de interesse pelo tema, sentida *in loco* por mim nas semanas que frequentei a redação principal da emissora, diante das tensões trabalhistas vividas, em particular, e da crise financeira de Portugal, em geral, como já mencionado. Apenas seis notícias são veiculadas sobre a temática deste estudo. Ainda assim, duas delas, usando o valor da relevância de proximidade com Portugal, não são importantes para a análise da produção jornalística por não tratarem da questão ambiental.

As outras quatro, duas constroem a linguagem com o valor da amplificação: uma assinada pelo jornalista, Luiz Henrique, que dá destaque à biodiversidade de aves no Brasil e fala da facilidade fornecida pelas tecnologias atuais para a observação ambiental (Notícia nº 1, RTP 2011, Anexo I: 420), seguindo a linha ideológica naturalista do jornalista; e outra, exibida pela RTP2, trata da construção da barragem de Belo Monte, apresentando-a como a “terceira maior barragem do mundo”, cuja produção será “mais do dobro da energia fornecida por todas as barragens de Portugal” e apontando o conflito entre ambientalistas e indígenas de um lado, e governo brasileiro do outro (Notícia nº 4, RTP 2011, Anexo I: 421). Uma terceira usa o valor da personalização e fala de uma tribo “descoberta” na Amazônia que nunca teve contato com os brancos. Ao buscar a historicidade da situação não só romantiza a questão indígena, como subestima o desejo dos índios, atribuindo aos brancos a opção do não-contato: “Desde 1987 que não há contactos com tribos isoladas. A experiência revelou que o contato foi sempre prejudicial para esses povos” (Notícia nº 5, RTP 2011, Anexo I: 422).

A última notícia – que anuncia a votação no Senado brasileiro do Código Florestal – é construída sobre o valor da dramatização acompanhada de amplificação: “Para os

ambientalistas, o Código Florestal significa um golpe mortal para a selva Amazónica”; e no fecho da peça: “Estão em risco 79 milhões de hectares, equivalente às superfícies da Alemanha, Áustria e Itália juntas”. A fonte dessa notícia foi a parceira brasileira, TV Bandeirantes, servindo para dar ênfase à dramatização: primeiro apresentam o quadro de votos do senado, senadores se abraçando, e depois os ambientalistas na frente do Palácio do Planalto, em Brasília, seguida de imagens de crimes ambientais tais como desmatamento, corte de madeiras e queimadas na Amazônia (Notícia nº 6, RTP 2011, Anexo I: 422).

Figuras 24, 25, 26, 27, 28 e 29: Notícia nº 6, TV RTP 2011



Fonte: TV RTP

Note-se que tal aprovação pelo Senado brasileiro é a primeira aprovação do projeto-lei que segue posteriormente para a Câmara dos Deputados, que fornecerá sua contribuição e parecer à lei, e que depois voltará ao Senado. A notícia, entretanto, é publicada como se esta fosse a última instância da lei sob o título: “Senado brasileiro aprovou uma lei ambiental controversa”. A legenda que aparece em todas as imagens também é um bocado tendenciosa afirmando que a lei transforma parte da floresta em zona rural, o que seria impossível, posto que a lei apenas regule as propriedades privadas (que já são zonas rurais) e as áreas de proteção ambiental que estes proprietários devem preservar dentro de suas terras, como encostas de morros, matas ciliares às margens dos rios, fontes de água, manguezais e etc. Na área da Amazônia Legal, onde há o bioma florestal, alguns desses proprietários terão que proteger 80% da mata nativa.

De qualquer forma a lei foi mesmo muito controversa em relação a três pontos: a anistia das multas dada aos proprietários que já haviam desmatado até julho de 2008, permissão de redução da área de conservação obrigatória nestas propriedades em estados com mais de 65% das suas áreas em reservas ambientais, desde que tenha aprovação do Conselho Nacional do Meio Ambiente e dos estados e, por fim, permissão aos poderes executivos em aumentar o percentual das Áreas de Preservação Permanentes – as APPs – em casos de bacias hidrográficas consideradas em situação crítica, desde com a autorização dos comitês regionais de meio ambiente. A controvérsia obrigou a presidente Dilma posteriormente vetar a lei em doze pontos, incluindo as reivindicações dos ambientalistas. A lei definitiva (Lei 12.651) foi aprovada em 25 de maio do ano seguinte.

Ao que importa aqui foi o caráter da notícia, que além de não explicar nem a lei, e nem a controvérsia, induz o telespectador ao entendimento da aprovação definitiva de uma lei no Brasil que “transforma parte da floresta amazônica em zona rural”. A importância da Amazônia para o mundo é usada como “bandeira” para criticar a lei nacional e é omitido o fato de que no bioma florestal propriamente dito²¹¹, a maioria das terras amazônicas são terras devolutas (usadas por povos tradicionais, mas de propriedade do Estado), terras indígenas ou terras urbanas, ou seja, não contempladas pela referida lei e sim pelas leis nº 11.481/2007 e nº 11.952/2009, Lei de Regularização Fundiária das Terras da União e

²¹¹ O bioma florestal está ameaçado pelo chamado “arco do desmatamento” que fica no entorno do bioma florestal e é composto pelos biomas do cerrado, e o Pantanal.

Programa Terra Legal, respectivamente, ambas no âmbito do PAS. Novamente, portanto, a questão da terra e sua relação com os povos tradicionais da floresta é silenciada.

No próximo capítulo apresento a etnografia no campo da produção noticiosa da TV Globo, no Brasil. Mas, antes, apenas para sistematizar, apresento o quadro dos valores-notícia de construção e seu quantitativo.

Figura 30: Quadro dos Valores-Notícia de Construção da TV RTP

Valores-Notícia de Construção	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	Total
Amplificação	3	6	3	6	2	2	2	24
Relevância de Proximidade	1	11	0	4	4	2	2	24
Personalização	3	0	5	3	5	2	1	19
Dramatização	5	5	6	8	11	4	1	40
Consonância	6	2	2	3	3	4	0	20

Capítulo 5. Em terras brasileiras: contexto da pesquisa, dimensões ético-cognitivas e polifonia dos jornalistas.

5.1. Contexto da pesquisa:

Retornei ao Brasil em 20 de junho de 2011 e depois de deixar minhas malas em casa e meu relatório das atividades desenvolvidas em Portugal na Universidade Federal do Tocantins, onde trabalho, voei para o Rio de Janeiro. Apesar de saber que a pesquisa nas organizações da Rede Globo não seria fácil, estava muito entusiasmada e contava com o conhecimento adquirido nas diversas atividades que havia desenvolvido no passado para esta empresa. As amizades e os contatos feitos durante a consultoria prestada em conjunto com a equipe do Laboratório de Etnografia e Estudos em Comunicação, Cultura e Cognição – LEECCC, à Fundação Roberto Marinho²¹² - FRM, me faziam crer que havia um relacionamento razoavelmente consolidado e que isto me traria alguma facilidade de aproximação com o Jornalismo da Rede Globo.

A pretensão era a de etnografar o cotidiano da produção de notícias do maior jornal televisivo diário do país, o Jornal Nacional. Uma tarefa complexa, mas eu contava ainda com a minha experiência de 16 anos de trabalho como repórter em diversas redações de jornais no país, entre elas na própria Rede Globo. Separei três meses para tal empreendimento o que significou custos do meu próprio bolso já que o meu país, à época da minha candidatura, não fornecia bolsas para doutorado pleno no exterior para a área de sociologia da comunicação, sob a justificativa de que o Brasil possui “todas as ferramentas de pesquisa para esta área nas universidades brasileiras”.

Comecei os contatos por três vias: através da ajuda dos colegas da FRM, através do site de relacionamento da TV Globo, e de dois amigos que ainda trabalhavam no âmbito da empresa jornalística. O diretor do LEECCC, o antropólogo Julio Cesar de Tavares, entretanto, apresentou-me a Jornalista, Sônia Soares, que prontamente entrou em contato com a diretoria de jornalismo da empresa e me telefonou passando o e-mail do Diretor

²¹² FRM: Criada em 1977 pelo jornalista Roberto Marinho, pertencente às Organizações Globo de Produção, trata-se de uma instituição privada, sem fins lucrativos, que desenvolve projetos voltados para o ensino formal e informal, bem como projetos educacionais visando à preservação e à revitalização do patrimônio histórico, cultural e natural com atuação em diversos estados brasileiros. Tais fundações são regidas pela Código Civil brasileiro (Lei 10.406/2002) para fins de utilidade pública em geral, em regra beneficente, filantrópica ou para desenvolvimento cultural, científico ou tecnológico e são beneficiadas com a renúncia, redução e subsídios de impostos.

Geral da Central de Jornalismo, Ali Kamel. Tudo parecia correr bem. Enviei o e-mail a esta diretoria no dia 23 de setembro de 2011 pedindo autorização para realizar a pesquisa, cujo secretário prontamente respondeu explicando as regras da empresa e me informando que qualquer pesquisa acadêmica teria que passar por um processo de aprovação no Globo Universidade²¹³, e me informou o e-mail pelo qual eu deveria fazer contato. Assim foi feito.

Na noite do dia 27 de setembro de 2011, recebi um e-mail do Globo Universidade, através da Duda Pereira, que me enviava um formulário de solicitação de pesquisa para preencher com título da tese, objetivos, hipóteses e resumos, além de 14 itens de documentos comprobatórios da minha pesquisa. Entre estes havia inclusive o texto do projeto-tese na íntegra. E, uma triste informação nos três últimos itens: “a análise da documentação pode levar de 30 a 60 dias; o preenchimento deste e dos demais documentos não garantem a aprovação da pesquisa; e, caso haja aprovação será exigido que o solicitante assine um Termo de Auxílio à Pesquisa”. Além disso, no corpo do e-mail a Duda me informava a total impossibilidade de acesso às redações dos jornais da TV Globo.

Passei a noite cumprindo cada item e tentando me acalmar. No dia seguinte pela manhã, disparei o e-mail com todas as exigências cumpridas e telefonei para a amiga Adriana Martins, assessora de imprensa da FRM, que eu sabia se relacionar com a maioria dos jornalistas da TV Globo. Devia haver um jeito de acelerar esse processo! Ela, também admirada com tantas exigências e com o tempo estimado para a resposta, entrou em contato com a jornalista, chefe de produção do Jornal Nacional, Cristina Sousa Cruz, com quem Adriana parece ter intimidade, pois se refere à jornalista chamando-a de simplesmente “Cris”. Só então fiquei sabendo que a Adriana já havia conversado com a Cristina sobre a minha pesquisa e que tinha sido a própria Cristina que havia falado de mim para a Duda Pereira. No outro dia, um e-mail da Adriana dizia o seguinte: “Vou falar com a Duda. Se eu perceber que eles vão demorar, eu vou levar o seu caso ao Schroder²¹⁴, porque a Cris só pode falar com autorização, ela não tem esta autonomia, entende? Ele está nos Estados Unidos, mas deve voltar até o final desta semana. Bjs.”

²¹³ O Globo Universidade é um site inserido na área da Central Globo de Comunicação desde 1999 com o objetivo não só de normatizar o relacionamento entre pesquisadores acadêmicos e a Rede Globo, como também de divulgação de resultados de pesquisa, de organização de cursos e palestras e agendamento de visitas de estudantes às instalações da empresa.

²¹⁴ Trata-se do jornalista e executivo, Carlos Henrique Schroder, na época Diretor-Geral da Central de Jornalismo e Esporte da Rede Globo de Produções.

Sim, eu conhecia muito bem a falta de autonomia dos jornalistas da Rede Globo, e como conhecia... Já havia estado nos dois lados no exercício da profissão, como jornalista da própria empresa e como assessora de imprensa em outra, precisando de agendamento para cobertura dos eventos que promovia.

Escrevi e-mail ao meu orientador informando o que se passava e recebi a instrução de ir escrevendo o capítulo teórico da investigação. Ainda no Rio, continuavam as trocas de e-mails com Adriana, que devo dizer, nunca desistiu de colaborar com o meu trabalho. Além do capítulo referido acima, assinei todos os jornais em sinal aberto da TV Globo e passei a acompanhar, pesquisar em arquivos indexados na Internet, além de anotar resumos de conteúdo e impressões de toda a grade de matérias jornalísticas que foram ao ar falando sobre acontecimentos e assuntos sobre a região da Amazônia Legal, nos quatro jornais de sinal aberto dessa emissora. A etnografia começava, portanto, na Internet.

Assim passei o mês de outubro, novembro, dezembro e nada. Nenhuma resposta da Rede Globo. Aliás, para ser exata e honesta, aos e-mails que mandava pedindo aceleração da resposta à Carla Bartz, a resposta quando chegava era nos seguintes termos: “Olá Lucia, Verificarei a questão e volto a entrar em contato assim que tiver uma resposta. Abraços, Carla Carla Bartz (Globo Universidade – Rede Globo)”. Depois a Carla entrou de férias e me passou para a Renata Minami. Meu dinheiro acabou, precisava voltar para casa.

Em Janeiro, já em Palmas, no Tocantins, estado da Amazônia Legal, continuava o trabalho sentindo-me completamente desestimulada com o silêncio para a autorização da pesquisa. Resolvi reagir, afinal, a empresa tinha que me fornecer uma resposta formal, fosse ela positiva ou negativa. Aliás, a esta altura eu já torcia pela negativa e estava disposta a reformular todo o trabalho.

Então, em 7 de fevereiro de 2012, às 15:48hs, redigi e disparei o derradeiro e-mail para todos os endereços que até então eu havia entrado em contato, ou seja, para a referida Carla Bartz, para a Renata Minami e, lógico, para o próprio Ali Kamel e Duda Pereira com o seguinte texto:

Senhoras e senhores,
Conforme solicitação de pesquisa realizada em 27 de setembro de 2011 à Rede Globo de Produções (envio em anexo o formulário da solicitação para fins de localização), venho requerer uma resposta formal da situação do meu pedido a esta empresa por requisição obrigatória a mim exigida para fim de relatório pela Universidade de Coimbra, instituição onde realizo a pesquisa.
Tal requisição está sendo enviada aos senhores por ser as referências que tenho após a minha solicitação (na verdade tenho informação passada pela Carla Bartz

que a minha solicitação está em análise na Central Globo de Jornalismo), ou seja, não sei exatamente a quem devo me dirigir.

A intenção agora era a de receber a resposta negativa ao meu pedido de autorização de pesquisa para agir a nível institucional junto à Universidade de Coimbra e mudar o objeto de pesquisa. Esta mudança, entretanto, não me deixava dúvidas que haveria mudanças estruturais também no projeto de pesquisa aprovado pela banca no CES, em Coimbra.

No dia seguinte não recebi a tal resposta formal pretendida e sim um telefonema da Coordenadora do Globo Universidade, Viviane Tanner, no telefone fixo da minha residência no Tocantins. Ela pedia imensas desculpas, justificou que a funcionária Carla Bartz estava sendo demitida por omitir informações à empresa, mas que a minha pesquisa estava autorizada, desde que dentro da regulamentação das Organizações Globo para tal. Disse que estaria enviando no dia seguinte o Termo de Autorização de Pesquisa²¹⁵ que eu deveria imprimir e assinar e enviar de volta por correios; além das respostas dos questionários que eu havia incluído no meu pedido de pesquisa de três dos 10 jornalistas solicitados, pois os outros haviam sido negados. Eram: o apresentador e editor-chefe do Jornal Nacional, William Bonner, a gerente de produção de rede, Cristiana Souza Cruz e o produtor de reportagens especiais, Dagoberto Souto Maior Junior.

Avisava ainda que eu não teria acesso ao cotidiano das redações e mesmo as entrevistas não seriam entrevistas presenciais. Eu deveria mandar um questionário por e-mail que seria respondido e me enviado de acordo com o tempo disponível dos jornalistas. Pega de surpresa, e sem a tecnologia adequada no meu aparelho telefônico, não gravei esta conversa!

Ainda perturbada, mas feliz por meu projeto ainda estar vivo recebi e enviei conforme o combinado o Termo de Autorização no dia 10 de fevereiro de 2012. Passei a adequar o meu comportamento com essas exigências que evidentemente tem sido o meu “fantasma de campo”.

²¹⁵ Cf. Em anexo III: 579.

5.1.1 Fantasmagoria de Campo na Pesquisa com a TV Globo: entre a ética , o método e o possível.

Senti certa perda da autonomia na divulgação e apresentação do meu próprio trabalho: agora sou parceira das Organizações Globo na apresentação e divulgação da tese, pois assinei uma autorização à Rede Globo (Globo, Comunicação e Participações S.A., (2012).TAAP, Itens. a,b e c, do inciso 5º, Anexo III) que a possibilita de divulgar, escolher o tipo de mídia e a formatação estética do resultado final da minha tese de doutorado, sob critério de exclusividade.

Um critério de exclusividade que me incomodou. E se eu quisesse fornecer os resultados a um site da Internet de uma ONG, por exemplo? A redação desse item no termo que assinei não deixava esta situação clara. A redação do item “a” de atribuição do direito da empresa concessionária da autorização de pesquisa, é a seguinte: “divulgar o Trabalho para consultas pelo público em geral, a seu exclusivo critério, em toda e qualquer mídia, inclusive por meio da Internet”.

Sem conseguir acompanhar *in loco* o trabalho dos jornalistas na redação remeto-me à minha própria memória das ansiedades no exercício dessa profissão para tentar enxergar no trabalho final (tradução) dos conteúdos vistos as possíveis e mesmas ansiedades. Então, preparo o guião das perguntas que serão aplicadas aos questionários fechados (Apêndice D).

O fantasma me persegue de arma na mão. Preciso estar atenta em todo o processo de recolha de dados com a assertividade na busca e utilização dos materiais físicos de pesquisa (os vídeos com os conteúdos das notícias, a formulação das perguntas em entrevistas fechadas) fornecidos pela empresa, pois esta pode rescindir ou cancelar a tão difícil autorização de pesquisa conseguida, a qualquer momento e por qualquer critério que lhe aprouver – o tiro pode vir a qualquer momento e de qualquer lugar – sem me dar direitos sequer de cópias comprobatórias do percurso do trabalho²¹⁶. Ou seja, se por qualquer motivo eu pedir um material que depois julgue não relevante ao trabalho e a empresa interromper a autorização, há possibilidade de não haver tempo – são só 15 dias de cedência de prazo - para conseguir o material de relevância para substituição na análise.

²¹⁶ *Idem, Ibidem.* Item 7, Anexo III: 580.

Além disso, os materiais usados para a exposição dos resultados devem estar todos ainda na fase de campo, explorados e refletidos ao máximo pela pesquisadora, pois se houver o cancelamento da autorização obriguei-me a devolvê-los sem cópia e isto poderia comprometer seriamente a minha defesa junto à banca da UC.

5.1.2 Possibilidades:

Para afastar a negação imposta ao campo com esta “autorização” (grifos da autora) e dar continuidade ao processo de aprofundamento da observação das notícias necessária à tese, pratiquei uma atitude de “blindagem cognitiva” (Tavares, 2003), não na linguagem como definiu o autor, mas no meu olhar sobre as notícias. Deneguei (Freud, 1925) separando a função intelectual da tese e suspendendo o processo de negação sofrido. Com isso o campo clareou e facilmente percebi que muito do que eu precisava estava lá, entregue ao domínio público, na Internet: os vídeos das notícias (apesar de não disponíveis para *downloads*), nos depoimentos ou livros escritos pelos jornalistas envolvidos na produção de muitos dos conteúdos.

A TV Globo mantém todos os seus conteúdos indexados e disponíveis por longo período de tempo, publicados na Internet, o que me permitiu ver as notícias incessantemente, apesar de não poder captá-los para o meu computador. Além disso, recebi dos arquivos da emissora, as listagens das sinopses da descrição das captações das imagens das notícias publicadas durante o período da pesquisa, com as respectivas datas, fontes, duração dos vídeos e locais de produção.

Foi quando percebi que seria insano pela quantidade enorme de vezes que a televisão abordava a temática desse estudo, transcrever os quatro jornais diários da emissora e optei pelo de maior produção e maior importância de audiência: o Jornal Nacional. Com a já referida listagem em mãos, parti para transcrição dos textos das notícias uma a uma, das 185 notícias emitidas pelo Jornal Nacional, retiradas da Internet. Apenas esse trabalho de transcrição dos textos, observação e captação das imagens que porventura completasse o texto na análise, durou sete meses.

Além disso, as imagens principais para a explicação dos conteúdos podiam ser retiradas com a ferramenta digital, “captura de imagens”, pelo aplicativo do *Windows* instalado no computador. Havia ainda disponíveis, os perfis dos jornalistas indexados na página, “Memória da Globo”, no qual a comunidade interpretativa da Rede Globo explica

e conta histórias das produções das reportagens especiais, muitas delas feitas na Amazônia. Isso me parecia significar mais do que um serie de respostas a um questionário de entrevistas fechadas com os jornalistas orientados por suas chefias nas respostas a uma pesquisa cujo projeto tiveram acesso (e ao que me pareceu, não gostaram) mesmo que tais estórias estivessem sendo contadas em linguagem publicitária para empresa. Significavam a possibilidade de ver o lugar de enunciação de cada um desses jornalistas.

Adquiri, li e analisei ainda, três livros-reportagens publicados por pelo editor e apresentador do Jornal Nacional, William Bonner (2009); outro pelo jornalista responsável por uma das séries de reportagens sobre a Amazônia, Ernesto Paglia (2011), e o último, livro da jornalista, Sônia Bridi (2012), com os bastidores de uma série de reportagens sobre a mudança climática no mundo.

Enquanto isso, etnografei o cotidiano da redação de uma das televisões afiliadas em um dos estados da Amazônia Legal: a TV Anhanguera, no Tocantins. Fiquei um mês frequentando a redação da referida televisão observando as negociações do “núcleo de rede” dessa afiliada com a “cabeça-de-rede”, na Direção-Geral do Jornalismo da TV Globo, no Rio de Janeiro. Neste período foram feitas entrevistas em profundidade com o diretor de jornalismo da TV Anhanguera, Rogério Silva (Apêndice E), com o diretor de produção, Fernando Ferreira (Apêndice F) e com o editor dos dois jornais locais, Sidney Melo (Apêndice G).

Tais conhecimentos e observações foram apreendidos para análise da fluxometria brasileira das notícias do Jornal Nacional e dos valores de seleção dessas notícias. Assim, iniciei um trabalho no sentido contrário, ou seja, a partir da descrição densa e observação das notícias, como mostrarei a seguir.

5.2 Na trilha das notícias da TV Globo: descrição e descobertas.

Após a chegada da listagem enviada pelo Centro de Documentação da Rede Globo de Produções – CDOC, cujo critério de pesquisa por mim solicitado foram todas as notícias que abordassem assuntos ou acontecimentos de todos estados da Amazônia Legal, foi feita a triagem das notícias do Jornal Nacional por ano de publicação.

O resultado do quantitativo de tais notícias, apresento no quadro a seguir:

Figura 31: Quadro do Quantitativo de Notícias do JN

Ano	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Unidades	24	27	19	35	30	28	22
Total							185

Tal documentação apresentava informações importantes da produção, como a fonte de origem de cada notícia, a data de publicação, o tempo no ar, o título da pauta, além do título da própria peça jornalística. Assim, passei a procurar cada notícia na indexação da Internet, transcrevendo uma a uma, como já mencionado.

O quantitativo por si só, revela o interesse da equipe do jornal pela temática da pesquisa, com uma variação pequena nos três primeiros anos e maior no ano de 2008 e 2009, caindo gradativamente e terminando com quase o mesmo interesse do início da pesquisa em 2011. Isto revela um interesse médio estabilizado na casa de 23 notícias anuais, subindo apenas nos anos de 2008 e 2009 por conta da crise que se instaura no bojo da política ambiental brasileira entre a pasta de meio ambiente e a casa civil, como veremos em pormenores na descrição anual. Com exceção desses dois anos, portanto, significa dizer, que o JN não chega a emitir em média, nem duas notícias mensais sobre todo o território da Amazônia Legal, em escala nacional, pela TV generalista. Um interesse fraco diante da importância desse território para o país e para a sua população. Abaixo o quadro-gráfico do interesse do tema da pesquisa pelo JN.

Figura 31: Quadro de Interesse Pelo Tema Pelo JN



Vale dizer aqui que as possibilidades do JN na apuração de notícias da Amazônia são enormes diante da profusão de afiliadas, correspondentes, equipamentos de transportes próprios e disponibilização de tecnologias de comunicação de ponta.

A seguir passo para a descrição densa das notícias de acordo com os valores de noticiabilidade encontrados em cada uma delas, relacionados com os contextos políticos pertinentes às falas.

5.2.1 Dimensão ética da transformação dos fatos em notícias na TV Globo: os valores-seleção.

O ano de 2005 é marcado por um tenso cotidiano midiático repleto de denúncias de corrupção oriundas da crise política que se instaura no seio da primeira governança de esquerda do país e colocando em xeque a democracia no Brasil. Neste ano, o Jornal Nacional, produz 24 notícias sobre a região da Amazônia Legal, pautadas em sua maioria na catástrofe da seca que assola o território e em menor escala nos inúmeros crimes ambientais que meses antes da seca, também destroem o ambiente e vão culminar no assassinato da missionária, Dorothy Stang, logo no início do ano.

O assassinato da freira Dorothy é selecionado apenas pela proeminência do valor morte, deixando evidência do desconhecimento da equipe de jornalistas sobre quem era a missionária e sua importância na militância ambiental. O título e a chamada da notícia deixam isso claro: “Missionária americana é assassinada no Pará”. E a manchete da apresentadora, Fátima Bernardes: “Uma missionária católica nascida nos Estados Unidos e naturalizada brasileira foi assassinada a tiros por pistoleiros hoje no Pará. A irmã Dorothy Stang, de 74 anos era da comissão Pastoral da Terra. Ela mesma dizia que estava marcada para morrer” (Notícia nº 7, JN 2005, Anexo II: 429).

A notícia é do repórter da TV Liberal, afiliada da Rede Globo, Jonas Campos, passada à “cabeça de rede” após negociação com a coordenação de rede que, aliás, foi simples: era uma religiosa americana, que já estava ameaçada de morte e vulnerável, por ser idosa. O fato tinha, portanto, três critérios de noticiabilidade de fácil impressão na cultura jornalística: morte violenta, proeminência da vítima como religiosa, estrangeira e idosa (valores também caros à cultura brasileira) e continuidade do assunto, pois se já havia sido ameaçada era provável mais notícias sobre tal morte. A notícia alcança assim ao

noticiário nacional com uma restrição cognitiva para o envolvimento socioambiental que, como veremos depois, ficará evidente no valor-notícia de construção da narrativa.

A seca fenomenal enfrentada pela Amazônia – a maior em 60 anos - pautou a seleção de nove notícias: uma utilizando o valor morte (Notícia nº13, JN 2005, Anexo II: 434), outras sete o valor relevância (Notícias nºs 14,15,16,17,18,19 e 21, JN 2005, Anexo II) e uma o valor notoriedade da visita do ministro Ciro Gomes à região (JN 2005, Notícia nº20, Anexo II: 438). Quase todas, entretanto, representam escolhas fundamentadas nas imagens espetaculares²¹⁷ do cenário catastrófico do fenômeno na busca por audiência. Digo “quase” porque uma apresenta certo envolvimento ecológico apontando o aquecimento global como causa (JN 2005, notícia nº18, Anexo II: 437) e outra escolhe mostrar a morte dos animais e fome das pessoas evidenciando a preocupação com a urgência da solidariedade (Notícia nº15, JN 2005, Anexo II: 435). As outras sete são escolhidas pela relevância espetacular da seca e seu impacto na vida das pessoas locais, sem mencionar o impacto para a floresta, causas ou consequências do fenômeno ou apelos emergenciais para as comunidades atingidas.

Há ainda neste ano a publicação de uma série de cinco reportagens especiais, denominada, “Amazônia Povos das Águas”. Trata-se de um formato maior²¹⁸, do gênero reportagem, publicada em meios às notícias cotidianas, que vinha se desenvolvendo no JN desde 2002, quando Willliam Bonner, com a intenção de “prestar serviços aos viajantes brasileiros”, inaugura a série “JN nas Estradas” (Bonner, 2009:191). Nesta série, a equipe viaja de barco pelos rios amazônicos. Fiel à pauta, nas duas primeiras reportagens relata num dia como é viajar nos rios da Amazônia (Notícia nº1, JN 2005, Anexo II: 423) e no outro, os riscos que os viajantes enfrentam nesses rios (Notícia nº2, JN 2005, Anexo II: 42). Na primeira o valor de seleção é a notabilidade da grandeza dos rios amazônicos e na

²¹⁷ Uso o termo “espetaculares” no sentido de espetacularização do sentido da informação na TV como fonte única de informação para a maioria absoluta da população brasileira e como o principal produto de entretenimento. A prática do espetáculo contamina todas as demais esferas da programação não deixando escapar nem o jornalismo. Trata-se do raciocínio de que a televisão foi feita para vender e para vender é necessário fazer ofertas ao maior número possível de compradores em potencial. Assim, é preciso obter grandes audiências que só serão conseguidas com programas espetaculares que surpreendam o telespectador a todo o momento, não permitam que ele reflita sobre o que está vendo, o emocionem em doses equilibradas de alegria e tristeza, não o deixem mudar de canal e, por fim, sem pensar muito, comprem os produtos anunciados.

²¹⁸ As notícias do JN ocupam em média três minutos do espaço de uma hora e meia de jornal e as séries especiais ocupam entre cinco e sete minutos. Trata-se de uma inovação da emissora no formato televisivo de informação do cotidiano, já que reportagens são veiculadas em programas especiais e separados na grade de programação nas televisões de todo mundo, especificamente naquelas que seguem o jornalismo norte-americano.

segunda a notoriedade desses mesmos rios como “senhores” (grifos da autora) do ir e vir dos povos amazônicos e de seus perigos.

Já na terceira, com a realidade diante de seus olhos, os jornalistas mudam a pauta e usam o valor da relevância para narrar o estado de pobreza e degradação das crianças na Amazônia (Notícia nº3, JN 2005, Anexo II: 425). Depois fazem a quarta reportagem escolhendo a notória criatividade de vida e comunicação das populações ribeirinhas numa região com tantos problemas de acesso (Notícia nº4, JN 2005, Anexo II: 426) e, por último, mostra o conhecimento desses povos e suas formas de aprendizado se utilizando do valor proximidade: “Também são brasileiros” (Notícia nº5, JN 2005, Anexo II: 427). Sublinhe-se aqui que o repórter enviado foi, Marcelo Canellas, um nome já bem conhecido no meio jornalístico brasileiro e mundial por seus serviços prestados em prol dos direitos sociais e humanos²¹⁹. Destaco, portanto, aqui matérias jornalísticas com envolvimento socioambiental exibidas no jornal de massa mais hegemônico da língua portuguesa, além de duas ações que se aproximam da ecologia dos saberes através da comunicação social, como mostrarei melhor nos valores de construção da notícia, descritos no próximo item da tese.

Logo depois, fazendo parte da série intitulada, “Barreiras para o Desenvolvimento”, uma reportagem se utiliza do valor conflito para apresentar o estado de precariedade de um trecho da estrada BR-163, no Pará, e reivindicar seu asfaltamento, de acordo com um antigo desejo dos agentes do agronegócio para barateamento dos custos logísticos para o escoamento da produção de grãos pelo porto de Santarém (Notícia nº 6, JN 2005, Anexo II: 428). E outra pautando o mesmo assunto, escolhe o mesmo valor (Notícia nº 9, RTP 2005, Anexo II: 430). Já os crimes ambientais são escolhidos também através do valor conflito entre Estado e Madeireiros ilegais em três notícias que denunciam desmatamentos na Amazônia (Notícias nºs 10,11 e 12, JN 2005, Anexo II: 431-433), tendo uma delas a ONG, Greenpeace, como fonte principal.

No ano de 2006, a equipe do JN inaugura uma nova forma de produção com a pretensão de cobrir todo o país. Trata-se do Projeto, Caravana JN, idealizado pelo Diretor

²¹⁹ O Jornalista Marcelo Canellas foi vencedor de vários prêmios de jornalismo merecendo por isso medalha de mérito da ONU. Destacou-se em coberturas de reportagens como o massacre dos trabalhadores sem terra, em Eldorado dos Carajás, a denúncia de exploração de menores no Acre e do trabalho infantil no Nordeste. Por seus anos de dedicação aos direitos humanos, especificamente na série Geografia da Fome, foi vencedor três vezes do Prêmio Nuevo Periodismo, oferecido pela Fundação Nuevo Periodismo Iber-Americano, no México.

Geral do Jornalismo, Ali Kamel, em agosto de 2005²²⁰ (Bonner, 2009: 192). Composto por um ônibus e um *motor home*, equipados com o necessário para edição e geração das reportagens, a equipe visitaria todas as regiões do Brasil durante dois meses, e enviaria uma notícia por dia, com entrada ao vivo, no JN. A escolha dessa produção de notícias recaiu sob o tema principal do ano, além da cobertura da Copa do Mundo que aconteceria na Alemanha: as eleições no Brasil que acabaram por reeleger Lula para o segundo mandato. Foi intitulada, “Desejos do Brasil”, com a pretensão de mostrar “quais os anseios dos eleitores cidadãos brasileiros”²²¹. Tal produção gerou 13 reportagens sob solo amazônico, do total de 27 que foram vistas pelos brasileiros sobre acontecimentos na Amazônia, ou seja, quase 50% foram feitas *in loco* pela equipe enviada pela emissora matriz do Rio de Janeiro, apesar de contar com o trabalho de pré-produção e pesquisa conduzida das afiliadas nos diversos estados.

Apesar de a intenção ser a divulgação dos desejos dos brasileiros, o valor de seleção muda a cada assinatura e a cada reportagem. O valor mais utilizado em todas as notícias desse ano foi o de relevância que surge em sete matérias. Dessas, quatro pertencem à série Desejos do Brasil, assinadas pelo próprio William Bonner (Notícia n°8, JN 2006, Anexo II: 445), por Daniela Assayag (Notícia n° 9, JN 2006, Anexo II:446), Roberto Paiva (Notícia n°11, JN 2006, Anexo II: 447) e Pedro Bial (Notícia n°14, JN 2006, Anexo II: 449). Bonner escolhe na primeira reportagem da série na Amazônia traçar o perfil da região norte brasileira; Daniela escolhe relevar a riqueza da floresta na Reserva de Mamirauá; Roberto Paiva, releva a dificuldade dos transportes na região e; Pedro Bial, a dificuldade e a busca pela educação das comunidades ribeirinhas. As outras três notícias que usam o mesmo valor (que estão fora da série especial), uma se utiliza do conceito de desenvolvimento sustentável para denunciar maneiras ilegais da exploração da madeira amazônica, assinada por Tunico Ferreira (Notícia n°1, JN 2006, Anexo II: 440), outra anuncia o encontro de quatro países (Uruguai, Peru, EUA e Zâmbia) que discutirão o setor pesqueiro na Amazônia (Notícia n°20, JN 2006, Anexo II:452) e na última, Daniela Assayag, mostra a construção de um gasoduto que passará por terras indígenas no estado do Amazonas (Notícia n°25, JN 2006, Anexo II:455).

²²⁰ Segundo Bonner, Ali Kamel se inspirou em um obituário do jornalista canadense, Peter Jennings, que contava que Peter havia ancorado o *World News Tonight*, da TV ABC, nos 50 estados americanos durante as eleições daquele país e em uma delas havia usado um ônibus para isso (Bonner, 2009:192).

²²¹ *Idem, Ibidem*: 193.

Noto que todas as notícias e reportagens desse ano que utilizam o valor relevância, revelam sim temas importantes e de impacto no cotidiano da vida dos povos amazônicos, porém o formato temático da série, no qual são escolhidos a priori fatos estruturais históricos da problemática socioeconômica brasileira beneficiaria o candidato que não está no poder e facilitariam o apontamento de falhas do Estado na região: o perfil da região norte com dados estatísticos fornecidos pelo IBGE, que apontam para a inferioridade regional em comparação com outras regiões; a dificuldade de transporte em uma região onde os deslocamentos são feitos por rios e estradas precárias, já que a região tem limitações ambientais para a construção de rodovias; as dificuldades com a educação das crianças que vivem sob essas condições; e a beleza e a riqueza de uma reserva ecológica mantida com receitas internacionais e nacionais criadas no governo anterior ao de Lula, o de Fernando Henrique Cardoso, o que permitiria comparações. Veremos como tal intenção é tratada nos valores de construção.

Pensei: onde está a intenção anunciada por Bonner de isenção partidária? Quando vi o vídeo onde explicava como surgiu a ideia da série, imaginei que a equipe circularia o Brasil ouvindo as vozes dos brasileiros em entrevistas relâmpagos. Tal percepção me leva para outro local de pesquisa, a Internet, e descubro o que acontece com a reputação da emissora três meses depois da série *Desejos do Brasil* ser publicada que passo aqui a relatar brevemente.

Logo após a viagem da equipe do principal jornal do país para mostrar o desejo dos eleitores brasileiros, nos bastidores das redações dos telejornais da emissora, uma polêmica se instaura e vaza para as redes sociais na Internet. A TV Globo é acusada de manipular as matérias jornalísticas em favor de Geraldo Alkmin (PSDB) e contra a reeleição de Lula (PT) que por sua vez, havia sofrido forte desestruturação de sua bancada governista após as denúncias de corrupção sofridas em 2005. O denunciante é o jornalista Rodrigo Vianna, que por e-mail envia uma carta de despedida aos colegas logo após sua demissão da empresa em 19 de dezembro de 2006. Num dos trechos da carta, Rodrigo explica um pouco da prática manipuladora e dos constrangimentos sofridos pelos jornalistas nas redações dos telejornais:

Intervenção minuciosa em nossos textos troca de palavras a mando de chefes, entrevistas de candidatos (gravadas na rua) escolhidas a dedo, à distância, por um personagem quase mítico que paira sobre a Redação: "o fulano (e vocês sabem de quem estou falando) quer esse trecho; o fulano quer que mude essa palavra no texto" (Salles, 2006, *apud*, Vianna, 2006).

No dia seguinte a carta já circulava nos sites e no dia 28, o prestigiado site, Observatório da Imprensa, dirigido e editado pelo jornalista Alberto Dines, publica um artigo, intitulado, “Uma Carta Para a História do Jornalismo Brasileiro”, de autoria do jornalista e militante pela democratização dos meios de comunicação no Brasil, Marcelo Salles, contextualizando o episódio para história do jornalismo no país e apontado a possibilidade da prática de manipulação através dos valores-seleção.

Dezesseis anos depois da famosa edição do debate entre Lula e Collor, a Rede Globo de Televisão – juntamente com outros veículos – voltou a interferir num processo eleitoral para a presidência da República. Mudou apenas o expediente: se daquela vez o recurso foi a edição tendenciosa de um debate, agora o esforço se concentrou na seleção de notícias de maneira a prejudicar um dos candidatos (Salles, 2006).

A escolha do valor conflito aparece em outras duas reportagens da série com a mesma intencionalidade já descrita acima: uma com a escolha do tema histórico da violência por disputa de terras com imagens de arquivo, e rápida intervenção de uma jornalista da afiliada, TV Rondônia, Maríndia Moura (Notícia n°10, JN 2006, Anexo II: 447); e outra com Pedro Bial flagrando um barco com carregamento de madeiras ilegais sendo carregadas no rio próximo à ilha de Marajó (Notícia n°12, JN 2006, Anexo II: 448). O título da reportagem reflete a intenção: “Amazônia Legal em Meio à Ilegalidade”.

Mais três notícias também se utilizam do valor conflito neste ano: uma de Marcelo Canellas polemizando a Lei de Gestão das Florestas, aprovada pelo Senado Federal em março (Notícia n°2, JN 2006, Anexo II: 441) e outras duas denunciando crimes ambientais. A experiente jornalista, Heloisa Villela, denuncia a Siderúrgica Sidepar (Notícia n°4, JN 2006, Anexo II: 443), e Roberto Paiva, denuncia o crime de desmatamento na Amazônia (Notícia n° 6, JN 2006, Anexo II: 444). Mas essas estão em outra série, denominada, Nossa Mata, e não apresentam indícios dos fins eleitoreiros citados acima.

Além disso, o valor notoriedade também é forte no ano, aparecendo em cinco notícias. Duas são da série Desejos do Brasil e assinadas por Pedro Bial: uma selecionando a notoriedade da própria Rede Globo sob o título, Chegada a Manaus da Caravana do Jornal Nacional (Notícia n° 18, JN 2006, Anexo II: 451) e outra conferindo à cidade de Belém notoriedade pela beleza de sua arquitetura européia e por ser local de nascimento do famoso filósofo e jornalista, Benedito Nunes (Notícia n° 7, JN 2006, Anexo II: 444). Nenhuma intenção de ouvir os desejos dos brasileiros sugere a seleção de tais notícias. Há

ainda a escolha do jornalista, Sérgio Yano, que intenta valorizar o trabalho voluntariado na Amazônia (Notícia 27, JN 2006, Anexo II: 457), e outra ainda repleta de colonialidade de poder, oferecendo notoriedade à visita da Igreja Ortodoxa Cristã em Manaus, assinada por Daniela Assayag (Notícia n° 5, JN 2006, Anexo II: 443). A última, entretanto, me sugere exceção à regra até aqui estabelecida pela emissora, seleciona dar notoriedade a autoridade das diversas etnias indígenas que habitam a Reserva Raposa Terra do Sol como principais donas da terra contra os fazendeiros. Foi enfim a escolha derradeira de ouvir os indígenas, porém fora da série, Desejos do Brasil. Quem assina é Renato Biazzi, repórter da afiliada TV Centro América, que alcança a rede nacional (Notícia n° 3, JN 2006, Anexo II: 442).

A notabilidade, valor caro aos jornalistas pela escolha ao interesse público está impresso na escolha de duas notícias da série, Desejos do Brasil: uma para notabilizar o trabalho voluntário dos que lutam para salvar o peixe-boi nos rios amazônicos e outra para mostrar a desigualdade social entre a riqueza arquitetônica de Manaus, a pobreza na periferia e o descuido com o meio ambiente, ambas assinadas por Pedro Bial (Notícias n°s 15 e 19, JN 2006, Anexo II: 449-452). O novo é motivo de escolha em três notícias: em uma delas, Pedro Bial mostra o exotismo da Festa do Sairé²²² pela primeira vez aos brasileiros (Notícia n°16, JN 2006, Anexo II:450) em outra mostra a novidade da super população de jacarés no rio Amazonas, cuja caça é proibida (Notícia n°17, JN 2006, Anexo II:451) e na última, Roberto Paiva, mostra o formulário eletrônico criado pelo Ibama para o controle da fraude no transporte de madeira na região (Notícia n° 22, JN 2006, Anexo II:454). Há ainda duas notícias cuja escolha recai sob o valor morte: uma mostrando a morte da flora amazônica e outra a morte da fauna, ambas assinadas por Roberto Paiva (Notícias n°s 23 e 24, JN 2006, Anexo II: 454-455). E por fim, uma notícia que usa o valor proximidade para mostrar que o JN é assistido nos lugares mais distantes sob o pretexto de mostrar as necessidades de alguns moradores da Amazônia (Notícia n°13, JN 2006, Anexo II: 448).

O ano de 2007 começa com o anúncio pelo governo brasileiro do lançamento de 500 bilhões de reais para o PAC e as privatizações de ferrovia e hidrelétricas na Amazônia Legal. Os números do desmatamento da floresta caem pelo segundo ano consecutivo

²²² Festa indígena de sincretismo religioso entre lendas indígenas e o catolicismo fundada pelo Padre João Maria Gorzoni, na aldeia dos Tapajós em 1738. Foi suprimida pelos religiosos franciscanos e retorna em 1970, em Alter do Chão, no Pará, porém já sem o cunho religioso católico e com ideologia ecológica indígena: os maus espíritos enfurecem aqueles que destroem a natureza.

embora, tenha sofrido um aumento no início do segundo semestre de cerca de 4%. As causas apontadas dessa subida são especuladas a nível governamental²²³ pela retomada da pressão para abertura de novas áreas no chamado “arco do fogo”²²⁴, por conta da elevação dos preços da soja e da carne bovina nos mercados internacional e nacional.

O presidente Lula inicia o seu segundo mandato e o interesse pelo tema cai no JN que publica apenas 19 notícias sobre a região. Quatro notícias consecutivas são publicadas entre final de julho e início de outubro, falando diretamente do desmatamento, todas se utilizando do valor conflito ou controvérsia. O conflito, entretanto, é usado de forma genérica em três notícias sobre o desmatamento, ou seja, o fato é o fogo na floresta, sem indícios de quem cometeu as queimadas, são notícias que se valem das imagens dos incêndios florestais: uma fornecida pela ONG, Greenpeace, (Notícia n° 7 JN 2007, Anexo II: 460); duas assinadas pelo repórter, Roberto Paiva, da TV Liberal, afiliada da Rede Globo, que sobrevoa a floresta e tem como fonte o próprio governo, através do acompanhamento do trabalho de IBAMA. São notícias claramente encomendadas pela “cabeça de rede” e a escolha por controvérsia aparece na rubrica dos títulos: “Queimadas Criminosas” (Notícias n°s 8 e 9, JN 2007, Anexo II: 461-462). Apenas uma dessas notícias tem um fato concreto: é uma operação do IBAMA e do exército com imagens comprobatórias da construção de uma estrada entre uma clareira aberta na floresta brasileira e madeiras no Peru, realizada pelo repórter da afiliada, TV Acre, Jefson Dourado, que inclusive trata da questão das terras indígenas como veremos nos valores construção (Notícia n°10, JN 2007, Anexo II: 462).

O valor conflito aparece ainda em três notícias abordando a extração ilegal de madeiras: uma assinada por Renato Biazzi, sobre o fechamento de madeiras no Mato Grosso (Notícia n°6, JN 2007, Anexo II: 460) e outra, de Roberto Paiva, sobre a extração ilegal de madeiras em terras indígenas, no Pará (Notícia n°18, JN 2007, Anexo II: 467), além de uma última de denúncia de tráfico de animais silvestres (Notícia n°12, JN 2007,

²²³ Em operação desde 2004, o Deter - Detecção de Desmatamento em Tempo Real - foi concebido pelo INPE como um sistema de alerta para suporte à fiscalização e controle de desmatamento. São mapeadas tanto áreas de corte raso quanto áreas em processo de desmatamento por degradação florestal. É possível detectar apenas polígonos de desmatamento com área maior que 25 hectares por conta da resolução dos sensores espaciais (o DETER utiliza dados do sensor MODIS do satélite Terra e do sensor WFI do satélite sino-brasileiro CBERS, com resolução espacial de 250 metros). Devido à cobertura de nuvens, nem todos os desmatamentos maiores que 25 hectares são identificados pelo sistema.

²²⁴ “Arco do Fogo” é a região fronteira entre os biomas do cerrado e a floresta formada pelo estado do Tocantins, sul do Pará, norte do Mato Grosso, Rondônia e parte do Maranhão.

Anexo II:463). Essas, porém, foram publicadas fora do período acima citado de aumento do desmatamento.

O valor relevância neste ano é escolhido para cinco notícias, sendo três delas relevando estudos científicos: um de pesquisa ornitológica na floresta (Notícia n° 16, JN 2007, Anexo II: 465), um ainda do impacto do homem sobre a Amazônia (Notícia n° 19 JN 2007, Anexo II: 468) e por fim, um estudo norte-americano que inverte o mito “Amazônia, Pulmão do Mundo”, para falar da ação do aquecimento global na própria Amazônia, assinado pela correspondente da TV Globo nos EUA, Heloisa Villela (Notícia n° 13, JN 2007, Anexo II: 464).

Aqui é interessante notar que essa inversão de olhar sobre o aquecimento global, surge logo após duas notícias que alcançam a rede nacional pela negociação do jornalista, Sérgio Yano, da TV Roraima, emissora afiliada também com o uso do valor relevância. Na primeira delas, publicada em seis de março, Sérgio mostra a seca e a inviabilidade da vida sem água nos rios da Amazônia e, na semana seguinte, novamente alcança a rede relevando os extremos vividos pela natureza amazônica com seca no norte e simultaneamente enchente no sul da região (Notícias n°s 14 e 15, JN 2007, Anexo II: 464-465). Sérgio Yano é um amazônida, nascido em Boa Vista, capital de Roraima. Se diz apaixonado pela Amazônia e que entrou no jornalismo para “formar a opinião do público sobre a Amazônia no Brasil e no mundo”²²⁵. Em 2008, sai da TV Roraima e é contratado pela parceira da TV RTP em Portugal, a TV Bandeirantes.

Além disso, temos mais quatro notícias cuja escolha recaiu sobre o valor novidade: duas sobre uma baleia que aparece encalhada no rio Tapajós, há mil quilômetros do mar, ambas de Roberto Paiva (Notícias n°s 3 e 5, JN 2007, Anexo II: 458-460); uma falando sobre o fenômeno da evaporação do gás metano numa praia de rio no estado do Amazonas, por Daniela Assayag (Notícia n° 2, JN 2007, Anexo II: 458) e outra que escolhe as imagens cedidas pelo IBGE em sua expedição que mostra como novidade a nascente do rio Amazonas, no Peru (Notícia n° 11, JN 2007, Anexo II: 463).

Por fim, na produção de 2007, temos mais três notícias: uma usando o valor morte, para denunciar o crime ambiental da pesca de tartarugas (JN 2007, Notícia n° 4: 459); a escolha da notoriedade da Campanha da Fraternidade na Amazônia (JN 2007,

²²⁵ Em entrevista para o Portal Cristão de Notícias Jota7, em 6 de junho de 2008. Disponível em: <http://jota7.com/entrevista/j7-entrevista-yano-sergio-mais-um-jornalista-roraimense-de-destaque/>

Notícia nº 17: 466) e a última com a equipe escolhendo notabilizar o crescimento do setor de transportes fluviais na região (Notícia nº 1, JN 2007, Anexo II: 457).

O ano de 2008 evidencia a maior produção do JN sobre a temática desse estudo, com 35 notícias publicadas. Aliás, a Amazônia ganha uma grande profusão de notícias também nos outros telejornais da emissora este ano quando o Grupo Interministerial criado pela presidência da república, englobando todos os ministérios trabalha na criação do Plano da Amazônia Sustentável – PAS. O PAS estabelece 16 compromissos com a Amazônia Legal²²⁶ com o detalhamento das diretrizes políticas para o cumprimento desses compromissos. Foi construído a partir do Termo de Cooperação firmado em 2003, entre o presidente e os governadores dos estados da região, e, segundo o documento, foi feito a partir de um diagnóstico de amplas “consultas públicas com mais de cinco mil representantes” (MMA, 2008: 3). Além disso, a ministra de meio ambiente, Marina Silva assina logo no início do ano uma portaria²²⁷ na qual recomenda ao Conselho Monetário Nacional a suspensão, a partir do mês de julho, dos créditos agrícolas para 527 municípios situados nos biomas, florestal e cerrado. Uma grande confusão estava armada: os

²²⁶ I. Promover o desenvolvimento sustentável com valorização da diversidade sociocultural e ecológica e redução das desigualdades regionais; II. Ampliar a presença democrática do Estado, com integração das ações dos três níveis de governo, da sociedade civil e dos setores empresariais; III. Fortalecer os fóruns de diálogo intergovernamentais e esferas de governos estaduais para contribuir para uma maior integração regional, criando o Fórum dos Governadores da Amazônia Legal; IV. Garantir a soberania nacional, a integridade territorial e os interesses nacionais; V. Fortalecer a integração do Brasil com os países sul-americanos Amazônicos, fortalecendo a OTCA e o Foro Consultivo de Municípios, Estados, Províncias e Departamentos do Mercosul; VI. Combater o desmatamento ilegal, garantir a conservação da biodiversidade, dos recursos hídricos e mitigar as mudanças climáticas; VII. Promover a recuperação das áreas já desmatadas, com aumento da produtividade e recuperação florestal; VIII. Implementar o Zoneamento Ecológico-Econômico e acelerar a regularização fundiária; IX. Assegurar os direitos territoriais dos povos indígenas e das comunidades tradicionais e promover a equidade social, considerando gênero, geração, raça, classe social e etnia; X. Aprimorar e ampliar o crédito e o apoio para atividades e cadeias produtivas sustentáveis; XI. Incentivar e apoiar a pesquisa científica e a inovação tecnológica; XII. Reestruturar, ampliar e modernizar o sistema multimodal de transportes, o sistema de comunicação e a estrutura de abastecimento; XIII. Promover a utilização sustentável das potencialidades energéticas e a expansão da infraestrutura de transmissão e distribuição com ênfase em energias alternativas limpas e garantindo o acesso das populações locais; XIV. Assegurar que as obras de infra-estrutura provoquem impactos socioambientais mínimos e promovam a melhoria das condições de governabilidade e da qualidade de vida das populações humanas nas respectivas áreas de influência; XV. Melhorar a qualidade e ampliar o acesso aos serviços públicos nas áreas urbanas e rurais; XVI. Garantir políticas públicas de suporte ao desenvolvimento rural com enfoque nas dimensões da sustentabilidade econômica, social, política, cultural, ambiental e territorial.

²²⁷ Portaria MMA nº 96 de 27 de março de 2008. Baseada no Decreto-Lei nº 3.321 de 21 de dezembro de 2007 que proíbe as agências oficiais federais de aprovarem crédito para atividades agropecuárias ou florestais que tenham promovido o desmatamento e na Resolução nº 3545 de 29 de fevereiro de 2008 do Banco Central que estabelece exigência de documentação comprobatória de regularidade ambiental e outras condicionantes, para fins de financiamento agropecuário no Bioma Amazônia.

proprietários rurais reagiram e elegeram o governador do Mato Grosso, Blairo Maggi, como porta-voz dos latifundiários contra a ministra.

Temos ainda neste ano o ápice do conflito entre indígenas e fazendeiros plantadores de arroz em Roraima, na reserva Raposa Serra do Sol, quando em maio, atacados por capangas sob as ordens do fazendeiro Quartieiro, 21 indígenas foram feridos, como já citado no capítulo anterior. A disputa é tratada em larga escala pelo Jornal da Globo, emitido diariamente às 22:30hs e pelo Bom Dia Brasil, às 7:13hs, todas em defesa dos fazendeiros. O Jornal Nacional, entretanto, exhibe apenas duas notícias falando do assunto: uma pautada nas imagens feitas pelo indígena cinegrafista amador que foi omitida da listagem entregue a pesquisadora, mas cujo gancho era a prisão do arroteiro (veremos em pormenores nos valores de construção) (Notícia nº 19, JN 2008, Anexo II: 482) e outra no dia seguinte, dando voz ao presidente da república, que rebate a acusação do Comando Militar do Exército de que os indígenas estariam ameaçando a soberania nacional, como veremos a seguir (Notícia nº 18, JN 2008, Anexo II: 481).

Para sistematizar, o JN escolhe pautar 13 notícias se utilizando do valor conflito, sendo oito delas publicadas antes do pedido de demissão da Ministra do Meio ambiente, Marina Silva, e todas têm como fonte principal o próprio MMA ou o IBAMA: cinco dessas notícias responsabilizam madeireiros ilegais pelo desmatamento na Amazônia sendo quatro delas assinadas pelo jornalista Roberto Paiva (Notícias nº 21, 23, 25 e 26, JN 2008, Anexo II) e uma pela jornalista Maríndia Moura (Notícias nº 22, JN 2008, Anexo II: 484). Repare que os dois jornalistas que recebem as pautas estão à época, trabalhando nas afiliadas na região: Roberto é repórter especial da TV Globo, ancorado na TV liberal no Pará e Maríndia é repórter da TV Rondônia. Foram publicadas ainda mais três notícias antes da demissão da ministra: uma, na qual o jornalista da TV Acre, Jefson Dourado, denuncia que deputados estaduais do referido estado estão usando dinheiro público para viajar em férias pelos rios da Amazônia (Notícia nº 34, JN 2008, Anexo II: 491); outra com o Jornalista Sérgio Yano, pela TV Rondônia, acusando o Ministério da Saúde de negar a existência do vírus da Dengue, tipo 4, na Amazônia (Notícia nº 20, JN 2008, Anexo II: 482). As duas últimas são publicadas por um jornalista fora da Amazônia – Guilherme Portanova, lotado em Brasília, ou seja, próximo das fontes oficiais que fornecem as sugestões de pautas. Como já mencionado acima a primeira mostra as imagens

do conflito fornecidas pelo CIMI²²⁸ (Notícia n°19, JN 2008, Anexo II: 482) e a segunda apresenta o conflito que se instaura entre o Comando Militar da Amazônia e a presidência da república, sobre a demarcação da terra indígena, Raposa Serra do Sol, no dia do lançamento do PAS, já mencionada acima (Notícia n° 18, JN 2008, Anexo II: 481). Quanto às imagens do dia da violência dos arroteiros há uma minimização do conflito que demonstrarei na análise dos valores-construção.

No dia 13 de maio, a ministra se demite e o JN publica a demissão falando do conflito no governo de forma contida, como veremos também nos valores de construção, com uma notícia assinada por Poliana Abritta, jornalista de política da TV Globo Brasília (Notícia n° 17, JN 2008, Anexo II: 480). A ministra vinha de lutas ferrenhas tanto com o Ministério da Agricultura como com a Ministra Chefe da Casa Civil, Dilma Rouseff. O confronto com o Ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, girava em torno da monocultura da cana para o fabrico do biodiesel na Amazônia Legal e, com a Casa Civil, era acusada de atrasar as obras do PAC com frequentes adiamentos de liberações das licenças ambientais para as obras das hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau, ambas no estado de Rondônia, barrando as águas do Rio Madeira. Cinco dias depois do lançamento do PAS pelo presidente Lula, quando soube que o plano ficaria sob a coordenação do Ministro de Assuntos Estratégicos, Roberto Mangabeira Unger²²⁹, a Ministra se demitiu. Na Apresentação do documento do PAS, redigido com grande participação do MMA, a promessa para uma nova política de desenvolvimento no Brasil:

Assim, o PAS surge com o desafio de evitar que o cumprimento de metas nacionais seja meramente transferido para a Amazônia, sem levar em conta suas especificidades e sem internalizar os benefícios gerados ao país, tal como foi feito no passado. Mudar este paradigma é condição necessária para o sucesso das ações estruturantes do desenvolvimento regional (MMA, 2008:8).

No discurso de posse no ministério, uma semana após a publicação do PAS e três dias da demissão de Marina, o Ministro Unger, diz:

Quem acha natural que o desenvolvimento da Amazônia seja assumido por um Ministério do Meio Ambiente simplesmente não entende que a Amazônia é

²²⁸ Imagens não foram fornecidas a pesquisadora, entretanto, são as mesmas apresentadas no Capítulo V e que também foram editadas pela RTP, em Portugal.

²²⁹ Roberto Mangabeira Unger, brasileiro, filho do advogado alemão, naturalizado norte-americano, Arthur Unger e da poetisa, Edyla Mangabeira, tem formação em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e pós-graduação na Universidade de Harvard, nos EUA. No início dos anos 90 foi professor do atual presidente dos EUA, Barack Obama. Coordenou o PAS por apenas um ano e depois voltou aos EUA, para continuar sua função como professor titular em Harvard.

mais do que uma floresta. Um Ministério de Meio Ambiente carece dos instrumentos para lidar com todos os muitos problemas de transporte, energia, educação e indústria que são necessários para formular e implementar um programa abrangente de desenvolvimento (Unger, 2008).

Depois da demissão, três notícias ainda são publicadas com o uso do valor conflito, mas todas já no final do ano: uma do Jornalista Jonas Campos, da TV Centro América em Mato Grosso, no acompanhamento de uma operação de fiscalização do IBAMA que descobre novas áreas de queimadas da floresta (Notícia n° 1, JN 2008, Anexo II: 468); e duas da série especial lançada pelo telejornal intitulada, Fronteiras da Amazônia, escolhendo o narcotráfico (Notícia n° 3, JN 2008, Anexo II:469) e o contrabando de combustível na divisa com a Venezuela, como mote (Notícia 5, JN 2008, Anexo II:472). Note-se ainda que a escolha temática da série, Fronteiras da Amazônia, valida o alinhamento da intenção da equipe do JN, com a preocupação dos militares na questão “ameaça à soberania nacional”.

Tomando ainda a demissão da ministra como divisora dos critérios de seleção da emissora, o valor-notícia escolhido muda em sua maioria do valor conflito para o valor notoriedade, logo após a notícia da demissão no dia 13 de maio. Ou seja, a TV Globo passa a escolher como notórias as ações do governo na representação da Amazônia, em seis das oito notícias publicadas sob essa escolha. Tal notoriedade é inaugurada na notícia assinada por Roberto Kovalick, que apresenta o elogio do ainda pré-candidato à presidência dos EUA, Barack Obama, ao Brasil no alcance da queda do desmatamento na Amazônia (Notícia n°16, JN 2008, Anexo II: 480). Esta é seguida por mais cinco: uma publicizando o encontro de Lula e do novo ministro do MMA, Carlos Minc, com os governadores da Amazônia (Notícia n°14, JN 2008, Anexo II: 478); outra anunciando a ação do governo de criação de áreas de conservação e extrativismo na região (Notícia n°11, JN 2008, Anexo II); mais uma cuja pauta é apresentar o plano do governo de redução do desmatamento em 70% em menos de uma década (Notícia n°2, JN 2008, Anexo II:469); uma quarta mostrando o desafio dos militares na defesa das fronteiras amazônicas (Notícia n°4, JN 2008, Anexo II: 470); e por fim, a notoriedade da própria emissora com a criação do Portal da Amazônia, na Internet (Notícia n°9, JN 2008, Anexo II: 475).

Antes da demissão, apenas duas notícias sob o valor de notoriedade, ambas assinadas pela jornalista Zileide Silva, da TV Globo Brasília, também se utilizando da fonte oficial governamental: uma oferecendo notoriedade à ação dos ministros quando

estes sobrevoam a Amazônia para vistoriarem áreas atingidas pelo desmatamento (JN 2008, Notícia n°29: 488) e outra que anuncia as medidas do governo para conter a destruição da floresta (Notícia n°32, JN 2008, Anexo II: 490).

Ainda com Marina Silva no MMA, o jornalista Sérgio Yano, na ocasião trabalhando na TV Roraima, consegue espaço nacional com a escolha do valor relevância para uma notícia mostrando a atuação do IBAMA contra o desmatamento em propriedades particulares na floresta (Notícia n°28, JN 2008, Anexo II: 487). Logo depois, Cristina Serra, assina outra notícia relevando uma reunião do governo para discussão de medidas contra o desmatamento (Notícia n°30, JN 2008, Anexo II:488), seguida de uma notícia inédita que mostra as dificuldades do IBAMA na contenção do crime ambiental, assinada também por Roberto Paiva (Notícia n°31, JN 2008, Anexo II:489). As notícias fornecidas pelo IBAMA a repórteres lotados na região amazônica, permitindo inclusive o acompanhamento das operações e abrindo ao país as enormes dificuldades vividas por seus agentes na região são facilmente explicadas pela atitude de seu presidente, Bazileu Alves Margarido, após deixar evidente sua parceria com Marina Silva ao se demitir do órgão estatal junto com a ministra. O valor relevância é usado ainda na escolha de duas notícias após as demissões: uma para anunciar uma portaria do MMA - agora com Minc na pasta - determinando que os próprios estados sejam os responsáveis pela liberalização dos créditos agrícolas (Notícia n°12, JN 2008, Anexo II: 477) e outra falando de um levantamento feito por satélite que descobre o aumento do índice de desmatamento na Amazônia (Notícia n°13, JN 2008, Anexo II: 477).

Já o valor notabilidade oferece tal qualidade para ações de aplicação da lei contra a extração de madeira ilegal, ambas de Roberto Paiva (JN 2008, Notícias n°s 24 e 25: 485), antes da demissão e mais uma depois da demissão que notabiliza o tamanho do desmatamento da floresta tendo o INPE como fonte, de autoria da jornalista Gioconda Brasil, da redação de Brasília (Notícia n°10, JN 2008, Anexo II: 476).

A novidade é apresentada como valor em três notícias. Uma de estilo *softnews*²³⁰, de Daniela Assayag (Notícia n°35, JN 2008, Anexo II: 492), dizendo que um estudo do Inpa comprova a lenda indígena de que os botos são mesmo conquistadores. Outra mostra a nova tecnologia que será usada nas eleições para a transmissão de dados das urnas dos locais mais distantes (Notícia n°8, JN 2008, Anexo II: 475) e por fim, a notícia que Flávio

²³⁰ Assim apelidada para definir um tipo de notícia mais próxima do entretenimento do que o tipo informativo de interesse público.

Fachel assina traz como novo o crescimento do uso da Internet pelos indígenas Ashaninkas (Notícia nº15, JN 2008, Anexo II: 479). Além dessas o ano insere ainda os valores proximidade e tempo. No valor proximidade, Cristina Serra, mostrar a vida dos moradores da fronteira Brasil-Guiana (Notícia nº6, JN 2008, Anexo II: 473) e no valor tempo, Claudia Gaigher, comemora o cinquentenário da morte do marechal Rondon (Notícia nº33, JN 2008, Anexo II: 490).

A Amazônia começa o ano de 2009 recebendo cerca de 150 mil pessoas e representantes de 142 países no FSM, em Belém, no Pará, inaugurado no dia 27 de janeiro. No cenário da governança, entretanto, duas leis sobre a rubrica de medidas provisórias – as MPs²³¹ - são assinadas pelo poder executivo, animam os fazendeiros e provocam reações dos ambientalistas da região.

Uma assinada ainda no último mês do ano anterior, a Medida Provisória – MP nº 452²³², acabava com a obrigatoriedade do licenciamento ambiental para a ampliação ou revitalização de rodovias, destruindo um dos principais instrumentos da política ambiental brasileira e claramente redigida para possibilitar o asfaltamento da rodovia, BR 319²³³, em plena floresta amazônica. A bancada ruralista se anima e então passa a pressionar o governo para a revogação do Código Florestal Brasileiro vigente desde 1936.

Outra é a MP 458, assinada por Lula em fevereiro de 2009²³⁴, que regulariza as terras da Amazônia Legal abrindo a possibilidade de que posseiros formalizem juridicamente seu direito de propriedade. A Justificativa da presidência para a formulação da MP é a de tornar fácil o trabalho da fiscalização e punição a eventuais desflorestadores, mas para os ambientalistas fica evidente que o Governo Federal necessita que as terras da região amazônica estejam legalizadas para implementar o PAC, pois nenhum empresário

²³¹ No direito constitucional brasileiro, medida provisória (MP) é um ato unipessoal do presidente da República, com força imediata de lei, sem a participação do Poder Legislativo, que somente será chamado a discuti-la e aprová-la em momento posterior. O pressuposto da MP, de acordo com o artigo 62 da Constituição Federal é urgência e relevância, cumulativamente.

²³² A Medida Provisória nº 452 de 24/12/2008 tem como intuito principal: Dá nova redação à Lei nº 11.887, de 24 de dezembro de 2008, que cria o Fundo Soberano do Brasil - FSB, e à Lei nº 11.314, de 3 de julho de 2006, que autoriza o Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes - DNIT a executar obras nas rodovias transferidas a entes da Federação, e dá outras providências.

²³³ Estrada projetada ainda do governo militar, em 1973, que liga as cidades de Porto Velho a Manaus, hoje ainda de terra e intransitável, mas que significa a única integração da capital do estado do Amazonas ao resto do país, cidade que até hoje só se chega por navegação nos rios ou avião.

²³⁴ A Medida Provisória nº 458 de 10/02/2009 tem como texto principal: As propriedades de terra com até um quilômetro quadrado (100 hectares), que representam 55% do total dos lotes, serão doadas aos posseiros. Aqueles que possuírem até 4 quilômetros quadrados (400 hectares) terão de pagar um valor simbólico, e os proprietários com até 15 quilômetros quadrados (1,5 mil hectares) pagam preço de mercado pelas terras.

investiria seu capital, na construção de uma estrada, que passasse por terras cuja propriedade é suspeita. Além disso, denunciam que tais ações governamentais têm sido resolvidas sem informar devidamente a sociedade e que o MMA tem se empenhado pouco na disputa política daquilo que é seu mandato.

No centro das discussões, entre outras, está ainda obra de asfaltamento de um trecho da BR-163²³⁵, uma reivindicação antiga dos agentes do agronegócio localizados no estado de Mato Grosso e vinculada ao PAC, pois a economia com o custo do frete poderia chegar de 25 a 30 dólares por tonelada de soja, tendo uma redução de mais de 30% em relação ao preço praticado no trajeto que é feito hoje por rodovia até o porto de Paranaguá (Fortuna, 2006:12). No outro lado estão os ambientalistas e povos tradicionais e indígenas que compreendem o alto custo ambiental que pode ser gerado com a retirada intensiva da vegetação original e a exploração predatória dos recursos naturais da área que ocupam.

As escolhas da emissora para o acompanhamento diário da região geram 30 notícias no ano. Entre elas, seis estão ligadas às obras do PAC de asfaltamento da BR 163. Entre os dias 6 e 10 de abril, o JN lança uma série especial de reportagens que com o título, “Amazônia, BR-163” em cinco longas reportagens falando apenas da estrada. Na primeira escolhe o valor tempo lembrando a abertura da estrada pelos “colonizadores” militares e anunciando a promessa do governo para o reinício das obras de revitalização (Notícia n° 23, JN 2009, Anexo II: 513). A segunda confere notabilidade às obras da estrada para o desenvolvimento (Notícia n° 22, JN 2009, Anexo II: 512). Na terceira, é de novo o tempo o valor escolhido para culpar a “colonização” proferida no governo militar pelo desflorestamento às margens da rodovia (Notícia n° 21, JN 2009, Anexo II: 511). Na quarta, usa o valor relevância da sustentabilidade entre negócios rurais e proteção do meio ambiente (Notícia n° 20, JN 2009, Anexo II:509) e por fim, ainda com o valor relevância escolhe apresentar os desafios da retomada das obras na BR 163 (Notícia n°19, JN 2009, Anexo II: 508). Todas têm a pretensão de esgotamento do assunto em favor da possibilidade do asfaltamento para o desenvolvimento sustentável, todas assinadas pelo jornalista, Julio Mosquera, à época, jornalista especial do JN em Brasília.

A sexta notícia aparece menos de dois meses depois anunciando a aprovação do Congresso Nacional da MP 458 se utilizando do valor conflito mostrando a reação dos

²³⁵ A rodovia federal que une Cuiabá a Santarém, no Pará, tem uma extensão de 1.765 km, sendo que a parte asfaltada abrange o trecho entre Cuiabá e Garantã do Norte e alguns trechos no Pará, restando assim 924 km a serem pavimentados, ou seja, mais da metade da extensão total da rodovia.

ambientalistas. Estranhamente esta notícia não menciona a BR 163, centro do conflito, como explicarei nos valores construção, mas a ONG, Amazônia Para Sempre, é a fonte principal e é liderada por vários artistas da própria Rede Globo. A notícia é assinada pela jornalista, Cristina Serra, também lotada em Brasília (Notícia nº 13, JN 2009, Anexo II: 502).

Apenas duas notícias formam a cobertura do jornalismo líder de audiência no país para o FSM em Belém. A escolha recai sob o valor relevância no anúncio da abertura do fórum (Notícia nº 29, JN 2009, Anexo II: 518), depois sob o valor conflito para revelar protestos dentro do fórum (Notícia nº 28, JN 2009, Anexo II: 517), ambas assinadas por Roberto Paiva, o repórter especial lotado na afiliada do Pará. No mais, silêncio.

Fevereiro é marcado por uma notícia de um crime bárbaro entre os índios da tribo Kulina, do oeste do estado do Amazonas quando a vingança e o ódio levaram um jovem à morte com cerca de 60 facadas. Testemunhas acusam os Kulina de terem praticado o canibalismo. A notícia se espalhou pelo mundo através da CNN (também dada pela RTP) e o JN escolhe o valor inesperado para dar a notícia, para reiterar que a tribo não pratica rituais de antropofagia (Notícia nº 26, JN 2009, Anexo II: 516).

Em março, o Jornalista Roberto Paiva consegue visibilidade nacional com sob o valor notoriedade com a presença e o interesse do Príncipe Charles e da Duquesa Camila pela Amazônia (Notícia nº 25, JN 2009, Anexo II: 515) e onze dias depois, Cristina Serra “tira da gaveta” (grifos da autora), no uso do valor da proximidade – “Amazônia é nossa”, uma notícia para mostrar um mapa completo da Amazônia lançado por ONGs participantes do FSM há mais de dois meses atrás, que atesta que a 40% da Pan-Amazônia está em território brasileiro. (Notícia nº 24, JN 2009, Anexo II: 515).

Merece destaque para este estudo, entretanto, que neste mesmo ano, o JN lance uma série especial com o título, “Índios do Brasil”, escolhendo como responsável pela apuração o premiado jornalista e famoso por seu perfil interessado nos direitos humanos, Marcelo Canellas, que assina as cinco longas reportagens que vão ao ar entre os dias 21 e 25 de setembro. É sabido no meio acadêmico da comunicação social brasileiro que o editor-chefe do JN, William Bonner, “não gosta de índio vestido e de chinelos”²³⁶, mas a

²³⁶ Famoso relato etnográfico de Isabel Travancas, quando a antropóloga conseguiu passar um dia na redação do Jornal Nacional em 2004. Conta a autora: “Bonner me chama para ver uma matéria sobre uma festa em uma aldeia indígena em Cuiabá. Diz que gostou da matéria e brinca que ela vai entrar em minha homenagem, porque sou antropóloga. Mas comenta que não gosta de “índio vestido e de chinelo” A seu ver, perde a identidade. Comento sobre os estereótipos e as imagens que se constroem de diversas categorias” (2010: 93).

primeira vista a pauta desta série se refere a retratar o “outro” lado do “outro” na questão do PAC, ou seja, o velho critério de isenção oferecendo sempre os dois lados. Depois, o Jornalista escolhido para realizar a série também é conhecido por sua tenacidade na negociação de pautas, além de vir se afirmando com um estilo muito particular de narrativa em sua trajetória profissional.

Na primeira, Marcelo usa o valor morte, para denunciar e comparar a mortalidade infantil indígena no Brasil com a mortalidade infantil em África (Notícia nº 11, JN 2009, Anexo II:500). Na segunda a equipe escolhe o valor proximidade para mostrar a solidariedade entre indígenas na fronteira Brasil-Colômbia (Notícia nº 10, JN 2009, Anexo II: 499). As outras três têm o valor relevância como escolha: uma mostrando que os indígenas assumiram o poder no município São Gabriel da Cachoeira, estado do Amazonas; uma segunda pautada na mudança de hábitos e crenças provocada pelas religiões cristãs na vida indígena e que, como veremos, acaba por reificar o sincretismo (Boff, 2014) ²³⁷ e, na última, sobre a educação indígena (Notícia nº 9, 8 e 7, JN 2009, Anexo II). Os valores de construção dessas reportagens são reveladores para uma concepção contra-hegemônica de jornalismo, como veremos no próximo item em pormenores.

A seca que assola a Amazônia no final do ano, ganha com o valor morte (Notícia nº 2, JN 2009, Anexo II: 493) e com o valor relevância (Notícia nº12, JN 2009, Anexo II: 502) apenas duas notícias, ambas assinadas por Daniela Assayag. Já a cheia do Rio Negro, é escolhida pelo valor inesperado e assinada pela mesma jornalista que é nascida e criada na Amazônia. No mais, são notícias de um acidente de avião da Força Aérea Brasileira na região com várias *suítes*²³⁸ com valores de seleção que variam entre o inesperado, morte, novidade e notoriedade dos mortos, quando o repórter do Acre, Jefson Dourado consegue passar pelo *gate* da cabeça de rede.

2010 foi um ano de eleição que marcou a história do Brasil quando o país no mês de outubro, elegeu a primeira presidente mulher que prometia dar continuidade à

²³⁷ Uso o termo “sincretismo” aqui no sentido de Leonardo Boff: como “criação cultural feita no Brasil é representada pelo cristianismo popular. Colocados à margem do sistema político e religioso, os pobres, indígenas e negros deram corpo a sua experiência espiritual no código da cultura popular que se rege mais pela lógica do inconsciente e do emocional do que do racional e do doutrinário”. Essa reportagem foi premiada pela Conferência dos Bispos Brasileiros do Brasil – CNBB – em 2010, com o Prêmio Clara de Assis.

²³⁸ Na linguagem jornalística “suíte” é uma matéria que dá sequência ou continuidade a uma notícia, seja por desdobramento do fato, por conter novos detalhes ou por acompanhar um personagem.

governança de esquerda de Lula da Silva, Dilma Roussef. Além disso, outra mulher se candidatava pelo Partido Verde, a ex-ministra do Meio Ambiente, Marina Silva. Na campanha a desavença do passado, quando ambas ocupavam cargos nos ministérios de Lula, não foi usada nos discursos de nenhuma das duas candidatas, apesar do esforço dos jornalistas para tal. Além das duas candidatas, disputava ainda a eleição pelo Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB, José Serra.

Na Amazônia, entretanto, as ações começadas pela ministra do MA, Marina Silva e continuadas na gestão do seu sucessor, ministro Carlos Minc, mostravam resultados e ano começa com mais uma queda no índice de desflorestamento em cerca de 13%. O esforço fazia parte do protagonismo assumido pelo Brasil em sua política externa em geral e, na COP 15, em Copenhagen no final de 2009, na particularidade da política ambiental. A opinião pública internacional estava entusiasmada com a promessa brasileira do corte de 36% das emissões dos gases de efeito estufa até o ano de 2020 e da busca por um sistema de compensação do que já havia sido desflorestado. A opinião pública interna, entretanto, entusiasmava-se com a outra promessa de Lula na mesma ocasião: a de atrair bilhões em recursos para “proteger” (grifos da autora) a Amazônia.

O JN começa o ano publicando uma notícia sobre o monitoramento das queimadas na Amazônia com o valor novidade, na qual o jornalista Roberto Kovalick, apresenta um satélite japonês capaz de ver através das nuvens, em 26 de janeiro (Notícia nº 28, JN 2010, Anexo II: 545). Depois dessa, a Amazônia só volta a ser noticiada em abril com uma série especial intitulada, “Exploração Econômica da Amazônia” e escolhe o jornalista Tônico Ferreira para conduzir a série de cinco reportagens, quatro se utilizando do valor relevância (Notícias nºs 23, 24, 25 e 26, JN 2010, Anexo II), e uma do valor conflito ou controvérsia (Notícia nº 27, JN 2010, Anexo II: 543). Isso logo depois da já anunciada saída do ministro, Carlos Minc, da pasta do meio ambiente e do ingresso da ministra Izabela Teixeira. A nova ministra prometia defender na Convenção da Biodiversidade em Nagoya a implementação do Protocolo de Acesso e Repartição de Benefícios dos Recursos Genéticos da Biodiversidade (Sistema ABS), com compromissos jurídicos e financeiros; além de avançar nas negociações do clima na COP 16, a serem realizadas em novembro e dezembro, respectivamente. Em seu discurso de posse, a ministra Izabela disse que continuaria com as ações de combate ao crime ambiental e ampliaria as parcerias públicas, privadas e com a sociedade, estimulando o consumo

sustentável. A série de reportagens citada procura mostrar como o crescimento do país pode ser compatível com a sustentabilidade ambiental, como veremos nos valores-construção a seguir.

Em julho, já em plena campanha eleitoral, o JN exhibe outra série, agora sob o título, *Amazônia Urbana*, quando William Bonner, na inauguração da série promete ao público, “um olhar diferente sobre a Amazônia” para mostrar “como é a vida dos brasileiros que moram em cidades erguidas no meio da floresta”. São novamente cinco reportagens exibidas entre 19 e 22 daquele mês, agora sob a assinatura do Jornalista Alberto Gaspar, quatro escolhendo o valor relevância (Notícias n^{os} 22, 21 e 20, JN 2010, Anexo II) e uma usando o valor tempo, que encerra a série (Notícia n^o 19, JN 2010, Anexo II: 535). Na verdade a série mostra vários projetos de exploração da floresta de forma sustentável, de mudança de comportamento dos fazendeiros, uma inclusive citando o ex-governador do Mato Grosso, Blairo Maggi, como um desses casos de transformação de consciência ambiental, como também veremos no item posterior. Vale apenas lembrar aqui que Blairo como governador do Mato Grosso, foi quem mais combateu a ministra Marina Silva nos estados da Amazônia Legal e neste ano concorria ao Senado Federal pelo Partido Republicano – PR, um dos partidos em coalizão com o PSDB de José Serra. É o braço político de um império econômico de gigantescas proporções: o grupo André Maggi, sediado em Cuiabá, *holding* que controla quatro divisões de empresas ligadas ao agronegócio.

Entre os meses de setembro e novembro, a parte sul da bacia hidrológica da Amazônia é afetada por redução nas chuvas como consequência do aquecimento anômalo do Atlântico tropical Norte provocando a maior seca vivida na região em 60 anos²³⁹. Maior até mesmo do que a seca experimentada pela população da região em 2005, que também foi histórica. Estudos já mostram que as populações nas margens dos rios Amazônicos estão mais expostas e são mais vulneráveis no presente que no passado devido ao crescimento populacional e ao desenvolvimento econômico (Marengo *et Al*, 2008). O JN leva ao ar apenas duas notícias sobre esse fenômeno climático com a repórter Daniela Assayag: uma em onze de setembro sob o valor de relevância (Notícia n^o 9, JN 2010, Anexo II: 527) e outra, em 20 de setembro que apesar de dar notabilidade à seca oferece pouco envolvimento com as vítimas (Notícia n^o 5, JN 2010, Anexo II: 523).

²³⁹ Segundo boletim climatológico n^o 32 de 2010, da Agência Nacional de Águas – ANA e o Serviço Geológico do Brasil, CPRM.

No entanto entre os últimos dias de agosto e durante todo o mês de setembro, uma série intitulada, JN no Ar²⁴⁰, levou o jornalista Ernesto Paglia a nove cidades na Amazônia Legal, cuja intenção era a de apresentar a realidade brasileira aos eleitores de todo o país, como conta o próprio jornalista: “Enquanto a propaganda do horário político desenhava o país que mais interessava a cada um dos palanques, o Jornal Nacional abria espaço para mostrar aos seus telespectadores um Brasil sem maquiagem” (Paglia, 2011: 13). Segundo a equipe produtora da série, a garantia da democracia estava em evitar o assédio dos militantes dos diversos partidos políticos através de uma fórmula estratégica de apuração dessa “realidade brasileira” (grifos da autora) na escolha de quais cidades seriam visitadas:

A cada noite, de segunda a sexta-feira, a bancada do Jornal Nacional, nos estúdios do Jardim Botânico, no Rio de Janeiro, recebia uma urna transparente. Dentro dela, os nomes dos municípios que poderiam ser sorteados para uma visita surpresa da equipe de reportagem. Para evitar polêmicas e teorias conspiratórias, todo o processo foi auditado por uma empresa especializada. [...] A adoção do sorteio foi um achado, fórmula para driblar qualquer tentação de manipular ou maquiagem a realidade. É claro que assessores representantes e militantes saíam em nosso encaixo tão logo amanhecia o dia, tentando nos localizar para influenciar ou dirigir os nossos movimentos. Acredito que tenhamos conseguido escapar da maioria dessas ciladas. E separá-las da vontade legítima das pessoas de trazerem a nós as informações verdadeiras das suas comunidades (Paglia, 2011: 15).

O que evidentemente esta “fórmula mágica de democracia” para “evitar as teorias de conspiração” (grifos da autora) esconde, são as escolhas da equipe dos assuntos a serem tratados em cada cidade visitada, assim como a condução pelo próprio jornalista em campo no tratamento de cada um deles: fontes que serão ouvidas e outras não, e etc. O resultado do empreendimento para a região da Amazônia Legal são dez reportagens cujas escolhas da equipe caem sob o valor de relevância em sete delas (Notícias n^{os} 14, 11, 10, 8, 6, 4 e 3, JN 2010, Anexo II), uma sob o valor Proximidade (Notícia n^o 12, JN 2010, Anexo II: 530), outra usando a notabilidade (Notícia n^o 7, JN 2010, Anexo II: 525) e por fim, mais uma sob o valor do conflito ou controvérsia (Notícia n^o 13, JN 2010, Anexo II: 531).

A força majoritária do valor relevância dessas reportagens estão evidentes nos títulos das matérias: “Porto Grande, a cidade que mais produz alimentos no Amapá”; “Paraíso do Tocantins cresce graças ao agronegócio”, “Colíder no Mato Grosso vive uma onda de prosperidade”, “Disputas políticas impedem o progresso de Pinheiro”, “Cacoal tem mais de sete mil universitários”; cinco de sete matérias calcadas na valorização do

²⁴⁰ Assim denominada porque desta vez em vez de ser utilizado um ônibus, como com o Caravana JN em 2006, o jornal possuía dois aviões: um para pouso em grandes pistas e outro para pistas menores em cidades no meio da floresta.

desenvolvimento progressista. Apenas uma releva a injustiça ambiental sofrida por uma cidade pequena no estado de Roraima: “Casas em Alto Alegre não têm água tratada”; e a última releva a própria série de reportagens da emissora: “Macapá é ponto de partida do JN no Ar”, única da série que é feita pelo editor e apresentador do JN, William Bonner²⁴¹.

A série exhibe ainda com o uso do valor conflito a denúncia da ausência do poder de estado em uma cidade do Pará, sob o título, “Equipe JN no Ar encontra várias irregularidades em Jacundá”; no uso do valor proximidade fala do isolamento no país de outra cidade no mesmo estado, “Feijó, no Pará, passa mais da metade do ano isolada do país”; e por fim, confere notabilidade à cidade do estado do Amazonas em sua luta para crescer apesar também do isolamento, “Cidade de Tefé depende de barco para quase tudo”. Os valores de construção na linguagem, revelam muito do lugar de enunciação do JN na TV Globo, como veremos mais tarde.

No mais, o ano de 2010 tem ainda uma notícia na qual o jornalista da afiliada TV Liberal, Fabiano Vilela, alcança a exposição nacional usando o valor relevância na lembrança do caso Dorothy Stang, para denunciar ameaças de morte ainda presentes no assentamento onde a freira militava (Notícia n° 1, JN 2010, Anexo II: 519). Mais duas no uso do valor novidade: uma assinada por Graziela de Azevedo expondo uma experiência científica inusitada que coloca fogo na floresta para estudar os efeitos das queimadas na floresta (Notícia n° 15, JN 2010, Anexo II: 533) e outra, apresentando o uso de satélite para enviar os votos de eleitores ao centro de dados do TRE em tempo real, que residem em regiões remotas da Amazônia (Notícia n° 18, JN 2010, Anexo II:535). No acompanhamento da campanha eleitoral, temos a notícia da militância da candidata Marina Silva em seu próprio estado, o Acre, com o valor notoriedade (Notícia n° 16, JN 2010, Anexo II: 534) e a regulamentação da visitação por turistas de um símbolo do rio Amazonas – o boto cor-de-rosa – também com o valor relevância, ambas assinadas por Daniela Assayag (Notícia n° 2, JN 2010, Anexo II: 520).

²⁴¹ Esta é a reportagem que inaugura a série e é realizada pelo próprio editor e apresentador do jornal, William Bonner, que ao ser entrevistado em um vídeo postado na Internet pela TV Globo, para falar dos bastidores do projeto, disse que sair dos estúdios e ir para a rua sempre o emocionava muito: “porque a gente tem contato com o público do JN, a gente encontra as pessoas, cumprimenta as pessoas, conversa com elas, tira fotos com elas e sente um pouco a temperatura de como as pessoas percebem o Jornal Nacional e da paixão que elas têm pelo JN”.

Merece registro aqui no quesito seleção de noticiário, o que o JN silenciou e era importante para a Amazônia neste ano de grande sofrimento e fome por conta da estiagem vivida pelas populações amazônicas: o início da obra da hidrelétrica de Jirau juntamente com a concessão da licença prévia para a realização da obra da hidrelétrica de Belo Monte logo após a posse da nova ministra do meio ambiente, Izabela Teixeira; a política ambiental adotada pelo governo na segunda fase do PPCDAM e sua relação com a 2ª fase do PAC; a fraca atuação do Brasil na COP 16, no México; o esforço da bancada ruralista para a criação de um novo Código Florestal para regulamentação do uso das propriedades privadas nos biomas da floresta e do cerrado. Enfim, o início do desmonte da política ambiental de Marina Silva e Carlos Minc, que vinha resultando em benefícios para a Amazônia e que sua população não assinante de TV a cabo (a grande maioria)²⁴² não viu, apesar de terem sido notícias na TV Globonews.

O primeiro ano do governo de Dilma Rousseff foi marcado por muitas reclamações de Ongs locais e internacionais sobre a política ambiental adotada no país em geral, e na Amazônia em particular. Como principais polêmicas sobre o tema deste estudo estão: o perdão do governo para desflorestadores na primeira versão aprovada na Câmara dos Deputados do novo Código Florestal Brasileiro, a paralisação de assentamentos para o MST, o congelamento do processo de reconhecimento de terras indígenas e quilombolas e a priorização da construção de grandes hidrelétricas na Amazônia como parte da segunda fase do PAC.

A bancada ruralista, por sua vez, se organiza depois do pedido de esclarecimento de sentença no caso Raposa Serra do Sol pelo movimento indígena, sobre as 19 condicionantes impostas às suas terras, quase todas referentes à garantia da soberania nacional. Numa estratégia de antecipação nas ações políticas, os ruralistas querem que as condicionantes sejam aplicadas em todas as demarcações de terras no país e chegam a conseguir a Portaria Interministerial nº 410, assinada em outubro, que restringi a atuação dos órgãos fiscalizadores para a aceleração dos processos de licenciamentos ambientais. Sucesso fácil com Dilma ajudando para também acelerar o PAC 2.

O JN publica nove notícias e/ou reportagens escolhendo o valor conflito entre as 22 totais noticiadas no ano. Dessas, três são sobre as consequências sociais após a decisão

²⁴² No fim do ano de 2010, segundo o Serviço de Informações ao Consumidor – SIC, da Agência Nacional de Telecomunicações, - Anatel, a região norte do Brasil – um pouco mais do que área da Amazônia Legal, representava apenas 4% do cenário nacional de todos os serviços de TV por assinatura (Anatel, 2011).

pelo STJ pela demarcação da reserva Raposa Terra do Sol em 2009, na vida das pessoas que foram retiradas do local (Notícias nºs 9, 10 e 11, JN 2011, Anexo II: 552-555); uma para reclamar a paralisação das obras das usinas hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau, ambas pertencentes ao PAC (Notícia nº 21, JN 2011, Anexo II: 566); duas são reportagens da série especial sobre o Código Florestal, ambas claramente em defesa dos ruralistas e da política hegemônica na Câmara, como veremos nos valores-construção (Notícias nºs 4 e 19, JN 2011, Anexo II: 548 e 564); e, mais uma anunciando que a Usina de Belo Monte afetará as cidades vizinhas, mas que acaba por falar de apenas uma delas evidenciando sua prosperidade (Notícia nº 12, JN 2011, Anexo II: 555).

As outras duas, uma é uma notícia de denuncia sobre o mau atendimento da saúde pública em uma cidade do Mato Grosso em decorrência do fechamento de um hospital avariado em uma enchente (Notícia nº 6, JN 2011, Anexo II: 550) e outra, pertencente a outra série, intitulada, Fronteiras Brasileiras, que denuncia o contrabando de gasolina e o tráfico de cocaína entre Peru, Bolívia e Brasil (Notícia nº 16, JN 2011, Anexo II: 560), para evidenciar a vulnerabilidade das fronteiras amazônicas. A pesquisa revela nesta última notícia aqui citada, assinada por César Tralli – que recebeu o Prêmio Embratel de Jornalismo 2011, na categoria Jornalismo Investigativo – um corte importante na edição para o Jornal Nacional, como também veremos nos valores-construção. Para os valores-seleção, no entanto, importa aqui marcar que nenhuma dessas notícias ou reportagens chega a oferecer um retrato das várias polêmicas instauradas no cenário da política ambiental brasileira e seus conflitos entre sociedade, governo e elite ruralista brasileira na Amazônia.

A escolha dos temas como relevantes aparece em cinco notícias. Duas, como parte da série JN no Ar, releva a importância do plebiscito que decidirá, sobre a divisão do estado do Pará e a criação de mais dois novos estados para a federação brasileira – antigo movimento da elite latifundiária paraense (Notícia nº 3 e 2, JN 2011, Anexo II: 546-547). Mais uma, releva no título a importância do cuidado com o meio ambiente para a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte – “Obras da Usina de Belo Monte Precisam Tomar Cuidado Com o Meio Ambiente”, porém, só mostra o trabalho dos biólogos no local e se utiliza de fontes oficiais da empreiteira da obra. Ou seja, nenhuma menção à polêmica com os indígenas do Xingu ou com as comunidades do entorno é mencionada (Notícia nº 13, JN 2011, Anexo II: 556).

Além das três citadas acima, mais duas reportagens de outra série especial, denominada de “*Blitz*”²⁴³ na Educação”, escolhem o isolamento dos jovens amazônidas dos centros de acesso à educação no país e relevam que as duas piores escolas do país ficam na região norte, segundo avaliação do governo federal (Notícias n^{os} 17 e 18, JN 2011, Anexo II: 562).

O valor morte é utilizado para falar de um crime ambiental praticado por pescadores que matam botos para usarem a carne como isca de pesca em uma reserva ecológica (Notícia n^o1, JN 2011, Anexo II: 546). Em outra, o mesmo valor é usado para alardear sobre a epidemia da Dengue que assola o Acre (Notícia n^o22, JN 2011, Anexo II: 567) e, uma terceira também da série, JN no Ar, releva a violência na disputa por terras no Pará que levou a morte de um casal de extrativistas no mês anterior (Notícia n^o 15, JN 2011, Anexo II: 559). Esta última é assinada por Cristina Serra, jornalista da matriz em Brasília. Estranhei o fato da central de jornalismo enviar de avião, uma jornalista da matriz para realizar uma matéria de um fato que - refletindo do lugar da cultura jornalística – jamais poderia ser silenciado, mas também que seria mais do que natural a TV Liberal, afiliada do Pará, alcançar a evidência nacional em um caso como esse, no momento do acontecimento²⁴⁴. Telefonei para a afiliada e depois de muita conversa consegui uma entrevista com um membro da produção que pediu para não ser identificado. Depois de me fazer prometer que não gravaria o telefonema, me explicou o que havia acontecido:

_ Com a superioridade da cobertura que TV Globo possui com as afiliadas, por que a emissora não aproveitou o furo de reportagem no caso José Claudio e Maria do Espírito Santo? Perguntei. _ A justificativa foi que era melhor dar o caso depois das outras emissoras, mas garantir a isenção e primar pela ética, respondeu. Eu insisti: _ Isto quer dizer que houve desconfiança da isenção pelos jornalistas da TV Liberal? _ Não, respondeu. _ Disseram que o momento era delicado na matriz, que estavam revendo os princípios éticos do jornal e que seria melhor enviar uma jornalista experiente e já legitimada pelo público nacional, para garantir a qualidade naquele momento, disse.

²⁴³ Uso metafórico do termo da língua inglesa traduzido já no censo comum na cultura brasileira para definir uma operação policial de surpresa.

²⁴⁴ Os assassinatos foram cometidos no dia 24 de maio de 2011. A TV Liberal tinha a informação desde o dia seguinte e a notícia foi dada em forma de desdobramento do caso no dia 7 de junho.

Esta matéria foi ao ar um dia depois²⁴⁵ que, William Bonner, no último bloco do Jornal Nacional, leu um documento das novas atualizações dos Princípios Editoriais das Organizações Globo, no intuito de oferecer “atributos da informação de qualidade” (Anexo IV), assinado pelo presidente da rede de empresas, Roberto Irineu Marinho.

O ano evidencia também uma reportagem do jornalista, Julio Mosquera, da série, Código Florestal, sob o valor da notoriedade do bioma do Pantanal, que relativiza o tamanho da Reserva Legal com a diversidade dos biomas brasileiros (Notícia n° 20, JN 2011, Anexo II) e outra, que escolhe notabilizar a usina de Belo Monte: “Belo Monte é a Maior e a Mais Polêmica Obra em Andamento no País”, por Cristina Serra (Notícia n° 14, JN 2011, Anexo II: 557). O valor inesperado é escolhido para em uma reportagem que atribui o caos na saúde pública de uma cidade à avaria de um hospital público do Mato Grosso em uma enchente (Notícia n° 7, JN 2011, Anexo II: 551). Por fim, o valor novidade é escolhido em duas reportagens de séries especiais: uma da série, JN no Ar, que apresenta novas polêmicas na terra Raposa Serra do Sol, dois anos depois de sua homologação pelo governo federal (Notícia n° 11, JN 2011, Anexo II: 555) e outra para apresentar as novas regras do Código Federal – que dá nome à série – propostas agora pela comissão do Senado (Notícia n° 5, JN 2011, Anexo II: 549).

Sistematizando os valores-seleção desse estudo apresento abaixo o quadro demonstrativo-quantitativo dos valores descritos:

Figura 32: Quadro dos Valores-Notícia de Seleção do JN

Valores- Notícia de Seleção	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	Total
Morte	2	2	1	0	3	0	3	11
Notoriedade	3	5	1	8	2	1	1	21
Novidade	1	3	4	3	4	3	2	20
Proximidade	1	1	0	1	2	1	0	6
Relevância	9	7	6	5	8	19	5	59
Tempo	0	0	0	1	2	0	0	3
Notabilidade	2	3	1	3	2	2	1	14
Inesperado	1	1	0	0	2	0	1	5
Conflito ou Controvérsia	5	5	7	14	4	2	9	46

²⁴⁵ A matéria foi publicada no dia 7 de agosto e o documento foi lido pelo apresentador, William Bonner, no dia 6 de agosto de 2011.

5.2.2 Dimensão ética na linguagem noticiosa: os valores-construção.

O JN inicia o ano publicando uma série intitulada, *Amazônia, Povos das Águas*, que rende cinco reportagens exibidas no mês de janeiro. Nelas, Marcelo Canellas, se utiliza do valor-construção da dramatização nas quatro primeiras. A reportagem que inaugura a série confere notabilidade à navegação nos rios amazônicos, como já dito no item anterior, mas isso é feito numa linguagem poética – “Rio Amazonas, Solimões e Madeira. Caminhos da Amazônia. Caminhos de gente, que leva e traz saudade, dúvida, esperança. Que procura o próprio destino: o povo das águas” – própria da dramaturgia. O jornalista capta as falas dos sonhos e sentimentos dos viajantes do barco: “Eu queria ser um passarinho e voar por cima”; “Desde pequeno é meu sonho. Eu estava na casa do meu pai e falei: pai, eu vou conhecer meus parentes no norte”. O jornalista se afasta completamente da linguagem objetivada do jornalismo para descrever a cotidianidade da viagem no barco: “Levando seus motivos, pendurando suas redes, o pessoal se ajeita. Cano vira cabide. Convés é refeitório, quarto, banheiro e tudo”. E mais a frente: “[...] Não há nenhuma acomodação para as pessoas, com exceção dos ganchos espalhados pelo teto onde as redes são penduradas”. A reportagem de uma maneira geral passa a representação de uma Amazônia acolhedora que oferece sonhos, oportunidades num país fraternal, na fala do lavrador: “O Brasil é um coração de mãe” (Notícia nº 1, JN 2005, Anexo II: 423).

Na segunda, ao fornecer notoriedade ao Rio Madeira, sua linguagem poética continua, mas desta vez conferindo bravura ao rio e espírito de aventura a quem neles navega: “Não há calado que aguarde, nem lastro que segure. Da corredeira feroz nem os gigantes escapam”, “Um rio faminto. Os pescadores respeitam o Madeira como a nenhum outro. Rio de mau humor, rio que grita”. Enfatiza os mistérios da Amazônia nas falas dos viajantes: “Eu me sinto feliz é aqui, na Amazônia. O rio Madeira é um rio encantado. É um mistério que pertence isso aí a Deus” (Notícia nº 2, JN 2005, Anexo II: 424). Na terceira, o inevitável: Marcelo olha para a imensidão das águas do rio e enxerga a relevância do drama das crianças amazônicas: “Elas se aproximam perigosamente dos grandes barcos de passageiros que passam pelo Estreito de Breves, [...] abandona o remo para proteger o irmãozinho. A embarcação passa a poucos metros da canoa e alguém joga um saco plástico. A mãe se esforça para não virar nas ondas levantadas pelo motor e, em seguida, apanha a oferenda na água”. O jornalista se atenta para a ausência do Estado: “As pessoas sabem que a mão do estado não alcança a casa delas e por isso se apegam a um braço de

rio e passam a vida inteira esperando que os barcos tragam de tudo”. Denuncia a prostituição infantil e retrata a extrema pobreza de crianças amazônicas às margens do Madeira (Notícia nº 3, JN 2005, Anexo II: 425)..

Na quarta reportagem resolve – ainda com o uso do valor dramatização – notoriar a criatividade de grupos ribeirinhos para se comunicarem entre si e com o país em que vivem. Mostra o funcionamento da rádio, “Cái N’Água” e pergunta bem humorado: “Mas de onde vem o nome da rádio?”. O entrevistado responde: “Você vê que não tem porto. Então a pessoa passa, chove, passa por cima da “pinguela” para os barcos. Se vacilar escorrega e cai n’água”. Mostra o funcionamento do comércio nos barcos com elogio – “Uma pujante economia ribeirinha que só funciona em proa de barco” – e colhe com sensibilidade ecológica a fala de um dos comerciantes: “Tirar um cidadão da beira do rio é como tirar um peixe de dentro da água”. Entra nas casas dos ribeirinhos e elogia o colorido das decorações, a solidariedade existente entre eles e capta o conceito de progresso do morador Jeremias para fechar a reportagem: “Eu tenho uma alegria dentro de mim como se fosse um orgulho. Vejo a minha força, o meu progresso que eu fiz em andamento servindo a outra pessoa” (Notícia nº 4, JN 2005, Anexo II: 426).

Na última, o valor de relevância de proximidade é usado para denunciar a total falta do direito à saúde pública, à educação, à luz elétrica da população de Capixauã. No local encontra apenas uma rádio que funciona com gerador à manivela e usa as sonoras para mostrar a única informação que pessoas têm. E reclama: “As crianças se envolvem de tal maneira no projeto (da rádio) que agora ajudam a fazer o programa e passaram elas próprias a denunciar a omissão das autoridades e a vila inteira acabou contaminada”. E com a fala de uma moradora reivindica a escuta das vozes das crianças ribeirinhas: “Falam não só da merenda. Mas falam de coisas como respeito à diversidade cultural, respeito à cidadania, respeito de ser ouvida” (Notícia nº 5, JN 2005, Anexo II: 427). Trata-se assim de um tratamento da linguagem que evidencia o comprometimento social do repórter, como quer Bueno (2007: 35-55) ou Rosen (2003), sua subjetividade implícita na linguagem mais poética do que jornalística, ao dar notoriedade a um rio evidenciando envolvimento ecológico e reconhecendo a importância do rio para a vida na floresta.

O valor dramatização também é usado em uma reportagem da série “Barreiras para o Desenvolvimento”. Desta vez o drama está atribuído a uma guerra ideológica segundo o repórter Roberto Kovalick, entre “os que tem fé no crescimento - os empresários

- e os que pregam a preservação. O padre é um deles”; e para quem precisa passar pelo trecho não asfaltado da estrada BR-163, “O motorista sofre, a natureza também. Só a possibilidade de Santarém se tornar um centro agrícola já fez o preço do hectare de terra pular de R\$ 70 há cinco anos para R\$ 3 mil agora”. Nota-se a inversão de valores quando coloca “fé com crescimento” de um lado e “evangelização com preservação” de outro. Ou ainda quando atribui “sofrimento à natureza” porque o preço da terra aumentou a par com o sofrimento do motorista que precisa passar pela estrada não asfaltada. O jornalista segue, portanto, fiel à pauta recebida, a lógica produtivista capitalista com uma linguagem jornalística que entrega ao público os “dois lados da questão”, usando de um lado a fala oficial de Marina Silva: “Não é correto tratar meio ambiente como barreira ou obstáculo. Meio ambiente é uma solução”. E, de outro, a fala do produtor,

“As dificuldades que temos para construir uma estrada. Criou-se uma posição ambientalista exagerada e que impede a realização dos investimentos. É preciso haver uma visão mais clara de quais são as reais restrições que nós devemos seriamente obedecer. Mas não essa coisa, muitas vezes, meio inexplicável” (Notícia nº 6, JN 2005, Anexo II: 428).

E no fechamento da reportagem a derradeira subjetividade finalmente é explícita: “Nessa disputa, todos têm seus motivos e o Brasil tem pressa de encontrar uma solução”.

A notícia da morte da freira Dorothy Stang é emblemática da ética “isenta do JN” (grifos da autora). Apesar de ter seu trabalho de minimização dos conflitos fundiários na Amazônia desde a década de 70, conhecido em âmbito nacional e internacional, a notícia publicada pelo JN se utiliza do valor personalização ao dizer apenas: “A missionária trabalhava com agricultores da região e lutou pela criação de um assentamento”. Nenhuma palavra sobre a atividade pastoral em busca de emprego e renda, ou sobre os projetos de reflorestamento desenvolvidos pela missionária. Ao contrário, Jonas Campos, repórter da afiliada TV Liberal diz: “A missionária nascida nos Estados Unidos também respondia a um inquérito na Polícia Civil do Pará. Era acusada de fornecer armas para um grupo de agricultores que supostamente teriam matado um segurança de uma fazenda”, numa tentativa óbvia de transformar a vítima em culpada e ao nomear um “capanga” de “segurança”. O silêncio sobre a relevância trabalho da freira é o que chamei acima de “restrição à cognição” do público brasileiro (Notícia nº 7, JN 2005, Anexo II: 429).

A BR-163 é assunto ainda de mais uma reportagem sobre a responsabilidade do jornalista, William Waack, um pouco antes de assumir o cargo de apresentador e editor do

Jornal da Globo, do período noturno da emissora. Esta vai ao ar quatro meses depois daquela produzida na série citada acima, em 9 de maio de 2005, e o valor-construção escolhido é o de consonância para também anunciar a aprovação do governo de 900 quilômetros de asfaltamento da estrada. Mas vale lembrar aqui que este é o período do auge da discussão do Plano de Desenvolvimento Sustentável da Área de Influência da BR-163, quando vários setores do governo federal, sociedade civil organizada e setores privados reuniram-se para pensar os impactos causados pelo asfaltamento. O MMA e o IBAMA também endurecem sua atuação contra os crimes ambientais, após o assassinato de Dorothy Stang.

Waack, diferentemente da notícia anterior, fala da destruição da natureza, do aumento da presença da agropecuária e suas consequências para o meio ambiente florestal e se coloca: “[...] o asfaltamento da rodovia vai ser o teste para se saber se nós brasileiros vamos conseguir ou não ocupar a Amazônia sem a devastação que foi até agora a marca da chegada do homem a região”. O tom agora é em favor de entendimento, chegando a pedir flexibilização às ações governamentais: “talvez o plano para a BR-163 seja a última oportunidade para se provar que pode ser diferente do que foi até agora a exploração”. Ou, “Convencer, reconhece o governo, começa com concessões” e escolhe a fala de um economista do governo para legitimar seu argumento: “É necessário ter algum grau de flexibilidade nessa negociação”. E finaliza se isentando como sujeito da fala: “Ambientalistas, de um lado, e o universo de quem explora as riquezas, de outro, terão de ceder. Desse compromisso depende a Amazônia que eles vão receber” (Notícia nº 9, JN 2005, Anexo II: 430).

Aumenta a pressão, a repressão e também a transgressão. A Ong Greenpeace mostra à imprensa imensas áreas invadidas pela soja e por madeiras ilegais. Em 19 de maio, sobrevoa a floresta com o jornalista do JN, Alberto Gaspar, que capta imagens dessas áreas e se utiliza do valor dramatização na construção da linguagem: “Estamos no Pará. A rodovia BR-163, Cuiabá-Santarém, é um dos principais caminhos para desmatadores”; “Até uma outra área, indígena, de floresta ainda densa, tem feridas abertas” (Notícia nº 10, JN 2005, Anexo II: 431). No dia seguinte foi a vez do jornal inglês, “*The Independent*”, que publica uma reportagem dizendo que o desmatamento na Amazônia aumentou e culpa o governador do estado de Mato Grosso, Blairo Maggi, pelo aumento da devastação.

No mesmo dia, o JN publica com Giulhiana Morrone, uma notícia, se utilizando do valor consonância já na manchete lida por Bonner: ‘Um estudo divulgado pelo Ministério do Meio Ambiente revela que Mato Grosso é responsável por 48% do desmatamento da Floresta Amazônica e o jornal inglês, *The Independent*, acusa o governador do Mato Grosso de ser o maior responsável pelo desmatamento’. Giulhiana então dá voz ao governador: “Mas ele se defende e diz que ha dez anos as empresas dele não desmatam nenhum hectare e que a maior destruição da floresta é feita em pequenas fazendas”. E faz o contraponto com ministra, Marina Silva: ‘O Mato Grosso conta com o melhor sistema de monitoramento por satélite, recebeu os maiores investimentos do Governo Federal para fazer o licenciamento e a fiscalização’. A repórter segue dizendo que a ministra cobrou esforços de outros ministérios e que culpou agricultores e pecuaristas pelo desmatamento e escolhe a fala do Ministro da Agricultura para desvalorizar a fala de Marina: ‘Nos últimos 15 anos a produção de grãos em tonelagem cresceu 120% enquanto a área plantada cresceu apenas 23%, portanto foi com tecnologia preservacionista que a agricultura cresceu e não abrindo novas áreas’. Por fim, diz que o presidente reclamou da “falta de habilidade dos ministérios” que só mostraram a devastação de dois estados e esqueceram da redução do desmatamento em outros cinco, apesar de ter elogiado a ação de Marina Silva “em público” (Notícia nº 11, JN 2005, Anexo II: 432).

A construção das narrativas dos conflitos termina com uma notícia no uso também do valor drama, da chamada Operação Curupira, a maior ação da Polícia Federal na Amazônia que identificou e prendeu 230 pessoas, dentre elas funcionários estaduais e federais que estavam atrelados à comercialização ilegal de madeira. A matéria é de Wilson Kirsche, lotado na afiliada, TV Centro América:

“Era um negócio milionário. Exportada principalmente para a Europa, a madeira retirada da Amazônia rendeu à quadrilha R\$ 890 milhões, segundo a polícia. Só para recuperar a área devastada o governo calcula que serão necessários R\$ 108 milhões. Por esse motivo a ação na Justiça não pede só a prisão dos envolvidos”.

E fecha a peça dizendo que o governo brasileiro vai pedir na justiça ressarcimento para reflorestar a Amazônia (Notícia nº 12, JN 2005, Anexo II: 433).

A seca na Amazônia, tratada em 11 das 24 notícias trazem todas o valor-construção da dramatização. A primeira datada do dia 7 de outubro e assinada por Daniela Assayag, nenhuma causalidade é mencionada. A linguagem é construída com as imagens espetaculares causadas pela estiagem e registrada em frases como: “A Amazônia vive

momentos de desespero causado pela seca”, ou: “Onde antes havia água, agora só há lama” (Notícia nº 13, JN 2005, Anexo II: 434). Três dias depois, Daniela, continua: “A Amazônia está irreconhecível” e entrevista um meteorologista, confundindo tempo com fenômeno climático. Diz, Flavio Varone: “A energia disposta na atmosfera se deslocou para esses dois pontos. Aqui, faltou algum componente que gerasse a condição de chuva” (Notícia nº 14, JN 2005, Anexo II: 434). Depois é a vez do repórter Sérgio Yano, mostrar a dificuldade da chegada da ajuda: “Aviões e helicópteros das Forças Armadas vão ajudar na distribuição, que começa hoje. Quatro toneladas de medicamentos e 50 mil cestas básicas devem ser enviadas”. Ouve um geólogo e só então surge a suspeita: “O clima é influenciado por fenômenos planetários, então temos que investigar outros aspectos também. Será que está havendo uma maior atividade solar? Está havendo uma maior radiação solar e, em consequência, um maior aquecimento aqui no Planeta?” (Notícia nº 15, JN 2005, Anexo II: 435).

A seca segue nas notícias que alternam os repórteres Roberto Paiva e Daniela Assayag na cobertura do fenômeno com cenas da degradação da vida, imagens de peixes mortos, pessoas famintas, lagos e rios secos. Daniela então procura uma fonte científica institucional, o INPE, e vem a resposta: a relação do aquecimento do Atlântico Norte com a seca na Amazônia, que passa de solução à vítima do aquecimento global numa seca histórica nunca sofrida desde 1963 (Notícia nº 18, JN 2005, Anexo II: 437). A repórter demora quase 15 dias para “descobrir” uma fonte com explicação para o fenômeno. Mesmo depois desta notícia mais três ainda vão ao ar, apenas falando da desolação da seca e da chegada de epidemias provocadas pelo uso de água contaminada (Notícia nº 22, JN 2005, Anexo II: 439). Por fim, o pedido de solidariedade e o trabalho da Defesa Civil e do exército na luta contra a morte na e da Amazônia (Notícia nº 23, JN 2005, Anexo II: 439). Nenhum pedido ou notícia de ajuda internacional, nenhuma relação entre o valor da vida da e na floresta com o valor dos gases de efeito estufa que permitiram o aquecimento do Atlântico Norte. Nada. Apenas uma apresentação atônita repleta de informações fragmentadas e produtoras de desconhecimento.

Como já dito, o ano de 2006 insere uma representação da Amazônia através da série com fortes indícios de fins eleitoreiros, Desejos do Brasil, em quase metade da produção jornalística do JN. Se a seleção foi feita predominantemente pelo valor relevância e conflito no apontamento da ausência de atuação do Estado, nos valores de

construção da linguagem tal ausência é denunciada com dramatizações, personalizações, consonâncias com o conceito de sustentabilidade e relevância de proximidade da região para o crescimento e o futuro do país.

O mais presente deles é a dramatização em cinco reportagens da série: três assinadas por Pedro Bial, uma por Roberto Paiva e uma por Maríndia Moura. Bial apresenta o drama vivido por um professor na tarefa em uma escola que com “vinte lápis para os dois semestres de 34 alunos com um galpão caindo aos pedaços”, tem de educar crianças da comunidade de São Sebastião. A situação dramática da educação está no não fornecimento pelo estado de material escolar suficiente e na falta de condições estruturais do local de ensino, sem contextualizar o local, a escola escolhida na política pública de educação do país (Notícia nº 14, JN 2006, Anexo II: 449). Na segunda, o mesmo jornalista, dramatiza a luta pela vida dos peixes-boi perseguidos pela pesca ilegal, por um veterinário que realiza um trabalho voluntário mantendo filhotes vivos. O desejo aqui é do próprio veterinário que pede por seriedade com o uso do dinheiro público (Notícia nº 15, JN 2006, Anexo II: 449). Na terceira, entretanto, o drama é pela falta de saneamento que vem poluindo o Rio Negro e diminuindo o pescado para os moradores. Na fala do escritor, Milton Hatoum, morador da reserva de Mamirauá, Bial finalmente evoca o conhecimento leigo da experiência vivida para o futuro: “Eu os vejo sem vida, córregos tristes e enlameados que cortam a cidade. Correm na memória. Imagens embaçadas e distantes. Não sei por quanto tempo o Rio Negro sobreviverá” (Notícia nº 19, JN 2006, Anexo II: 452).

Roberto Paiva, lotado na afiliada, TV Liberal, cria uma narrativa mais próxima do Jornalismo Objetivo (com a apresentação dos opostos) dramatizando a dificuldade dos deslocamentos na Amazônia, reclamando da precariedade das estradas e culpando a sua geografia: “A geografia é mesmo um obstáculo. O município de Altamira, por exemplo, é o maior do Brasil: quem mora longe da cidade e precisa ir ao médico...” Nesta nenhum desejo é mencionado e, pelo contrário, mostra a felicidade de um piloto que trabalha com uma lancha-ambulância cruzando os rios: “Como o pessoal diz, eu sou o anjo da guarda daqui da região. Eu me sinto muito feliz em salvar vidas” (Notícia nº 11, JN 2006, Anexo II: 447). E por fim, Maríndia, jornalista da TV Rondônia, dramatiza a disputa por terras e metais preciosos na Amazônia, passando na linguagem a noção de que a política instaurada no governo Lula – criação dos assentamentos concedidos pelo estado ao Movimento dos

Trabalhadores – MST – são consequências de invasões, o que tenta validar seu pensamento, apresentando o quantitativo de tais assentamentos:

O assassinato da missionária americana Dorothy Stang, ano passado no Pará e o massacre de Corumbiara, que deixou 13 mortos há 11 anos em Rondônia, tiveram até repercussão internacional. Cidades pequenas surgem no meio da floresta derrubada por madeireiros que não respeitam as leis. Os últimos números mostram que foram registradas 221 invasões em todo o Brasil – 30 só na região Norte. E são 1,385 mil assentamentos (Notícia nº 10, JN 2006, Anexo II: 447).

As personalizações na série são todas utilizadas por Pedro Bial em quatro reportagens. Uma personaliza a cidade de Belém e sua cultura européia e elogia comparando-a com Paris: “Com todo respeito, que Paris, que nada. Posto avançado da civilização é Belém do Pará!” A personalização segue com a exaltação da figura humana mais proeminente da cidade, o filósofo Benedito Nunes: “Lido e cultuado internacionalmente, “Bené”, como o chamam os amigos, poderia ter vivido em qualquer grande capital do mundo. Ficou por aqui”. E logo adiante coloca Belém como cidade à margem dos grandes centros europeus escolhendo a fala do filósofo para justificar sua escolha de permanecer vivendo em Belém: “A margem sempre me dá um distanciamento. Eu me estive à margem das coisas. Eu sempre fui um marginal”. Para finalizar, o desejo do proeminente brasileiro: “Disposição para governar. Parece que ninguém tem disposição para governar. Parece que o Brasil é um país auto governável” (Notícia nº 7, JN 2006, Anexo II: 444).

Em outra, ao contrário, o JN personaliza as comunidades ribeirinhas como excluídas dos direitos sociais, numa clara exigência de pauta, cumprida na edição. Diz Fátima Bernardes na apresentação da reportagem: “Um lugar distante de tudo, inclusive de direitos básicos de todos os cidadãos. É o encontro com brasileiros isolados do Brasil”. E Bial segue com a sua narrativa de quem são esses “isolados do Brasil” mostrando uma só família como exemplo de uma exceção às regras do IBAMA, porque a eles é permitida a extração de madeira para a subsistência: “É a família Monteiro Nunes, que toca uma serraria comunitária, tolerada pelo IBAMA. Hoje, queimavam sarrafo para vender o carvão. Wanderley tem sete filhos com Ana Rita. Valmir e Suely só tem um.” As explicações de Bial para o cumprimento da pauta levam a uma série de contradições como sem escola, vão à escola três vezes por semana; isolados, levam duas horas para chegar ao

posto de saúde, e até mesmo à criação de um novo tipo de classe social, os “pobres dignos”:

“O suor dos irmãos Walmir e Wanderley garante uma pobreza digna para as crianças. Não falta peixe e tem carne, de vez em quando. Juntos, criam 50 cabeças de gado. Geladeira nova, TV com parabólica. O Jornal Nacional é sagrado”.

Tudo para mostrar os desejos desses pobres dignos e isolados, partícipes da “política de dependência do governo Lula” (grifos da autora): “Por isso, o que querem com o voto eles não chamam de desejo”, diz Bial. E, na fala de Wanderley: “É uma obrigação que eles têm com a gente. Educação, saúde, oportunidade para trabalhar, para a gente não viver dependendo tanto do governo” (Notícia nº 13, JN 2006, Anexo II: 448). Outra ainda também personaliza comunidades ribeirinhas como “os pobres que vivem de peixes e queixam-se de bois e jacarés”, para expressar o desejo desses homens pela suspensão da proibição da pesca de jacarés (Notícia nº 17, JN 2006, Anexo II: 451). Nenhum envolvimento socioambiental com essas populações pode ser conferido nestas duas reportagens. A última é uma personalização da própria equipe de jornalismo no barco do JN que cumpriu a tarefa de ouvir os desejos dos brasileiros em lugares remotos: uma equipe que trabalha duro, que traz o longe para perto, e não tem medo dos piratas do rio Amazonas (Notícia nº 18, JN 2006, Anexo II: 451).

A série, “Desejos do Brasil”, exhibe ainda mais quatro reportagens falando da Amazônia: duas usando o valor da consonância e mais duas usando o valor da relevância de proximidade. A consonância é um valor que aqui interessa problematizar, por se tratar de duas reportagens que se utilizam do valor de um mesmo conceito já de censo comum – o de desenvolvimento sustentável – na visão antropocêntrica, mas de maneiras diferentes.

Na visão de Bial, sustentabilidade é um conceito semelhante ao conceito de crescimento econômico, e precisa apenas do cumprimento das leis para garantir o recurso natural como fonte de renda. O jornalista reclama do que vê ao viajar no rio. A retirada frequente de madeiras ilegais da Amazônia: “O dia em que a caravana passou. São 13 horas: a balsa leva mil toneladas de Amazônia em pedaços. 13h20: outra balsa repleta”. Então comenta usando o conceito em seu contrário: “Cupiúba, ipê, maçaranduba, jatobá, angelim-vermelho. Não dá pena? Levou 300 anos para crescer”. Ele fala pelo rádio com Seu Antônio, piloto da balsa que carrega as toras de madeiras avistadas e o piloto diz que precisa “se prevenir”, no sentido de garantir o sustento. E Bial comenta: “A tora de três

metros cúbicos custa pouco mais de R\$ 100. Vale? Vale o desejo de Antônio?” Depois mostra no desejo de Seu Antônio que ele é um desempregado e conclui a narrativa com a pergunta irônica: “Desmatamento legal da Amazônia? Ou desmatamento da Amazônia legal?”, usando o duplo sentido do termo “legal”, que pode ser o que está dentro da legalidade ou, na gíria brasileira, o que é bom, é “fixe”, no sentido figurado em Portugal.

Ou seja, o repórter resolve o problema da sustentabilidade numa leitura conservadora do conceito imputando o crime ambiental à falha do estado na luta contra o desemprego e a ilegalidade que termina por abrir mão das riquezas do país. Nenhuma contextualização do aspecto econômico, político e social que investigue o perfil ou o que faz Seu Antônio receber apenas cem reais e, menos ainda, o destino dessa madeira. Seu Antônio é aqui o culpado ou o desempregado esperto (Notícia nº 12, JN 2006, Anexo II: 448).

O valor consonância aparece em mais quatro reportagens fora da série, Desejos do Brasil. São notícias em consonâncias com valores universais variados: uma construída sob o valor da cidadania que denuncia expedições de certidões-fantasmas que estão impedindo as pessoas de exercerem o seu direito de voto (Notícia nº 21, JN 2006, Anexo II: 453); duas sob o valor já de censo comum entre os brasileiros da necessidade de aumentar a eficácia da fiscalização contra o desmatamento na Amazônia (Notícias nºs 1 e 22, JN 2006, Anexo II); e a última consonante com a proibição de balões em áreas de florestas pelo risco de incêndio, que denuncia um voo do balão da ONG ambientalista WWF sobre a Amazônia imputando falta de responsabilidade à instituição (Notícia nº 26, JN 2006, Anexo II: 456).

Já Daniela Assayag, no sentido mais associado à justiça ambiental, usa o mesmo valor com uma narrativa que inclui um esforço pedagógico na procura primeiro de explicação do conceito, segundo o relatório de Brundland:

“Esse conceito é o chamado desenvolvimento sustentável que, segundo as Nações Unidas, é aquele que atende às necessidades do presente, mas sem prejudicar a capacidade das futuras gerações de atender as suas próprias necessidades. Ou seja, usar os recursos da floresta com preocupação ambiental”.

Depois, de codificá-lo na prática, apresentando uma forma sustentável de extrativismo,

“A comunidade Abonari fica a 200 quilômetros de Manaus. Lá, foram cadastradas mais de 20 mil palmeiras de Buriti, uma frutinha que servia para fazer sucos e doces. Agora, vira óleo vegetal, usado na indústria de cosméticos.

De cada três cachos, apenas dois são retirados. O cacho que ficou em cima é comida para pássaros e mamíferos que vão fazer a dispersão das sementes da palmeira pela floresta e assim garantir que o buritizal continue existindo. Esse uso dos recursos naturais com a preocupação ambiental é o chamado desenvolvimento sustentável, um conceito que está mudando a maneira de se enxergar a Amazônia”.

E segue apresentando exemplos para no fim fechar a notícia valorando a união como saber da tradição indígena, “*Apiwtxa*, o nome da aldeia, significa união”; e, para mostrar um resultado da sustentabilidade: “Quando a terra dos Ashaninka foi demarcada no fim dos anos 80, um quarto do território havia sido desmatado. Eles se uniram e plantaram 80 mil mudas. Recriaram a floresta” (Notícia n° 9, JN 2006, Anexo II: 446). Duas formas de uso do valor consonância, na mesma série, com a mesma orientação de pauta, mas com resultados absolutamente distintos de chegada: no primeiro, ação estratégica e retórica; no segundo ação comunicativa e tradução.

Temos ainda na série, duas reportagens com o uso do valor relevância de proximidade na construção narrativa. Em uma releva a aproximação da mulher indígena, também eleitora, na evocação de mitos e elogios à beleza e sensualidade da mulher brasileira; em outra, releva a aproximação da Amazônia com o futuro próspero do Brasil. A narrativa da primeira é assinada por Bial quando escolhe expor a tradicional Festa do Sairé em Santarém, no Pará, como sinônimo de ritual feminino de fertilidade retirado da lenda do boto sedutor: o pai das crianças sem pai. Bial diz que a festa se tornou “mais sensual do que temente a deus” e depois, que “os botos se deitam com as eleitoras”. As eleitoras – porque brasileiras - na festa são as caboclas bonitas que desejam que as crianças do Brasil sejam assistidas pelo governo e questiona: “Diante de caboclas tão sestrosas, a pergunta: Quem é o sedutor e quem é o seduzido?”. Por fim, faz um trocadilho com o nome da cidade e chama Santarém de “santo harém” do boto (Notícia n° 16, JN 2006, Anexo II: 450).

Fora da série, William Bonner anuncia em outra reportagem a importância ambiental da Amazônia para elogiar a obra de passagem do gasoduto que trará o gás da Bolívia para as termelétricas brasileiras. Diz o apresentador: “Amazônia é um exemplo de respeito ao meio ambiente”. E depois, Fátima Bernardes continua o texto: “No caminho do crescimento econômico, o Brasil vive hoje um desafio: fazer as obras de infraestrutura necessárias, respeitando o meio ambiente. Um exemplo vem da região Norte”. O valor principal utilizado, portanto, é a relevância de proximidade da obra para o crescimento do

país. No decorrer da matéria, Daniela Assayag, apresenta o conflito entre Ministério Público e Petrobrás, ouve um engenheiro falando que haviam outras alternativas do traçado do gasoduto, mais baratas e com menos danos ambientais e pior: que o traçado passa por terras indígenas já homologadas. Daniela usa a célebre técnica da pseudo imparcialidade, ouvindo os dois lados e fecha a reportagem mostrando a verdadeira intenção da pauta: a pressão sob o judiciário para que favoreça a Petrobrás, uma das principais anunciantes da emissora: “Na semana passada, a Justiça determinou a paralisação da obra iniciada em março. Mas hoje, a Petrobras conseguiu uma liminar para retomar a construção, até uma decisão final da Justiça” (Notícia nº 25, JN 2006, Anexo II: 455).

A segunda é assinada pelo próprio apresentador e editor do JN, Willian Bonner, que traça o perfil da região norte nomeando-a como Amazônia que representa quase a metade do país. Uma Amazônia exuberante, rica, dona de um quinto da água doce do planeta. Fala da história através da lógica produtivista do colonizador: “Um lugar onde as distâncias são medidas em dias de viagem. E foi ao longo desses caminhos que essa terra foi sendo desbravada. Surgiram os povoados, as cidades e o desenvolvimento”. Ou na lembrança: “A extração da borracha deu o primeiro fôlego à economia”. Referindo-se à época do governo militar: “O solo foi explorado. E incentivos fiscais trouxeram as fábricas. A participação no Produto Interno Bruto nacional agora chega a quase 5%”. Fala que o grande desafio para o povo é gerar novas riquezas para o país sem acabar com a floresta. Elogia o povo e diz que não é só a terra é o paraíso, mas também as pessoas, é quando acaba por deixar o rastro na linguagem de que trata-se de um olhar estrangeiro: “Mas é quando visita o Norte que o Brasil descobre a maior riqueza da região” (Notícia nº 8, JN 2006, Anexo II:445).

Fora da intenção eleitoreira e fora da série temos ainda uma notícia assinada pelo repórter, Renato Biazzi, que personaliza os índios e suas etnias e denuncia o desmatamento realizado por fazendeiros em duas terras indígenas: uma já homologada pelo Estado – a Raposa Serra do Sol – e outra ainda em trâmite no Ministério Público – a dos índios Kaiabís (Notícia nº 3, JN 2006, Anexo II: 442). E outra, de Daniela Assayag, personalizando um chefe religioso da Igreja Ortodoxa Cristã, que pretende discutir em um simpósio o desmatamento da Amazônia: “O simpósio é organizado pela Igreja Cristã Ortodoxa, que tem 250 milhões de fiéis no mundo e é liderada por Bartolomeu I, patriarca de Constantinopla, que chegou ontem a Manaus”. E depois: “A importância que dá a

questões de preservação ambiental valeu a Bartolomeu I, o título informal de patriarca verde, como é conhecido na Europa”. Nas imagens uma cena colonial: Bartolomeu desce do avião em Manaus, ao som de cornetas e desfilando em um tapete vermelho (Notícia n° 5, JN 2006, Anexo II: 443).

O valor dramatização é usado em mais cinco notícias fora da série. Na narrativa de Sérgio Yano para mostrar a distribuição voluntária de brinquedos no Natal das crianças ribeirinhas (Notícia n° 27, JN 2006, Anexo II:457). Na narrativa de Daniela Assayag que dramatiza o conflito entre pescadores profissionais e ribeirinhos no passado para anunciar que representantes de quatro países vieram ao Brasil para entender como o país acabou com a violência e ainda aumentou a quantidade de pescado (Notícia n° 20, JN 2006, Anexo II: 452). Uma terceira com a denúncia de Heloisa Villela, contra a siderúrgica Sidepar, que desmatava ilegalmente a Amazônia para produção de carvão-gusa, dramatizando a situação da floresta à mercê da ganância de empresários (Notícia n° 4, JN 2006, Anexo II: 443). Uma quarta, para anunciar a aprovação no Senado da lei n° 11.284, Lei de Gestão de Florestas, quando Marcelo Canellas desconfia da eficácia da lei usando três fontes contra a lei e uma a favor, porém com restrições e explica em linguagem dramática a luta por áreas da Amazônia para a exploração de madeira (Notícia n° 2, JN 2006, Anexo II: 441) e por fim, outra assinada por Roberto Paiva, publicada oito meses depois demonstrando que a suspeita de Marcelo era correta, pois o IBAMA – órgão fiscalizador de crimes ambientais – não tem condições de retirar a madeira ilegal apreendida após vigência da lei, de seu pátio, onde centenas de metros cúbicos de madeira de lei estão apodrecendo (Notícia n° 23, JN 2006, Anexo II: 454).

Fechando esse ano temos ainda duas notícias com o uso do valor amplificação. Na primeira apresenta uma prática de crime ambiental praticada por um assentado e um madeireiro ilegal amplificando o aliciamento dos agricultores familiares como prática contumaz da relação entre assentados e madeireiros e criticando a ausência de apoio do Estado nos assentamentos. O uso da fala do procurador da república legitima a narrativa: “O que é o mais grave é o privado fazendo o papel que o poder público não faz, ou seja, na face da ausência do estado você tem a atuação de empresas madeireiras”. Mas as dificuldades do trabalho de orientação técnica e a falta de planejamento no esforço pela reforma agrária na região por parte do governo não são mencionadas (Notícia n° 6, JN 2006, Anexo II: 444). E por fim, uma notícia que se utiliza de amplos números de espécies

da fauna e flora ameaçadas por também amplas áreas de desmatamento no Amapá (Notícia nº 24, JN 2006, Anexo II: 455).

O baixo interesse pelo tema no ano de 2007 (foram apenas 19 notícias/reportagens) é acompanhado pela construção narrativa de 13 notícias sob o valor da dramatização, duas sob o valor da consonância, duas sobre o valor da amplificação e mais duas com o uso do valor relevância de proximidade. Nas dramatizações duas são construídas em cima de imagens espetaculares de queimadas na floresta ou por denúncia do próprio IBAMA, ou por denúncias e aproveitamento de imagens cedidas pela ONG Greenpeace. Ambas com pouca ou nenhuma contextualização do crime e realizadas, portanto, sob a lógica da estratégia discursiva sistemática que naturaliza tal prática criminosa na representação de uma realidade imutável para a Amazônia, como na fala de Fátima Bernardes: “O fogo sem controle avança sobre a floresta. Bombeiros sobrevoam o interior do Pará e encontram um cenário desolador. Depois de derrubar a mata, fazendeiros e pequenos produtores fazem as queimadas” (Notícia nº 8, JN 2007, Anexo II: 461). Ou na de Bonner: “Queimadas criminosas, que se repetem ano após ano no período de seca, estão transformando a Floresta Amazônica em cinzas no sudoeste do Pará” (Notícia nº 9, JN 2007, Anexo II: 462).

Quando o repórter da afiliada, TV Acre, Jefson Dourado, usa a dramatização para denunciar a exploração de madeira feita por peruanos em solo brasileiro, o faz através da linguagem imagética mostrando uma estrada aberta entre os dois países confirmando a invasão com uma clareira aberta no meio da floresta, repleta de toras de madeira empilhadas. O desmatamento em terra indígena também é confirmado com imagens aéreas, mas nenhum indígena é ouvido. Apenas uma fonte participa da matéria – o coordenador da operação feita pelo IBAMA, Márcio Vinícius de Oliveira – que fala em nome dos índios: “A água está contaminada. O peixe está com gosto ruim. E eles estão passando diversos problemas alimentícios diante da situação”. As consequências do crime ambiental e da invasão de fronteira são, portanto, o desmatamento da floresta e o prejuízo para a alimentação indígena. Sem nenhuma explicação ou contextualização das relações internacionais, aponta que o governo peruano “criou 21 áreas para exploração de madeira” e que, “Só nos últimos quatro anos cerca de 12 mil metros cúbicos de madeira foram apreendidos e destruídos na região” (Notícia nº 10, JN 2007, Anexo II: 462).

A força das imagens gera ainda duas notícias sobre uma baleia que penetrou o rio Tapajós indo encalhar na Praia de Piquiatuba, a cerca de um quilômetro do mar. Em uma, a singularidade do fato orienta o drama com imagens de grande quantidade de pessoas no entorno do animal da espécie Minsk (Notícia nº 5, JN 2007, Anexo II: 460). Em outra, o drama e a busca para salvar a vida do mesmo animal que desapareceu da praia onde havia encalhado (Notícia nº 3, JN 2007, Anexo II: 458). Ambas são da jornalista Daniela Assayag e se utilizam de imagens cedidas pelo IBAMA. Daniela produz ainda outra notícia com imagens fortes de um imenso carregamento de tartarugas em um barco no meio do rio Amazonas, denunciando o tráfico de 350 indivíduos e depois, mostrando o sucesso da ação do IBAMA devolvendo-as às águas do rio (Notícia nº 4, JN 2007, Anexo II: 459). No mesmo estilo, a mesma jornalista exhibe também uma notícia curiosa de fogos brotando da lama por escapamento de gás metano, com imagens interessantes e a utilização dos povos ribeirinhos que se aproveitam do fenômeno natural para assar o peixe (Notícia nº 2, JN 2007, Anexo II: 458). A beleza das imagens de fauna e flora também compõe a notícia que apresenta uma pesquisa sobre pássaros que estariam em risco de extinção na Amazônia. O drama é o desaparecimento de determinadas espécies que é atribuído às áreas desmatadas (Notícia nº 16, JN 2007, Anexo II: 465).

O valor drama surge ainda em uma notícia que mostra o aliciamento de indígenas por madeireiros e possível denúncia de plantação de maconha por traficantes em terras indígenas no Pará. Roberto Paiva mostra desunião entre os indígenas com a frase: “Os índios denunciam os próprios colegas. Dizem que parte da tribo recebe dinheiro de um grupo de madeireiros da região para permitir a retirada das árvores”. Depois ouve o cacique, Edinaldo Tembê, dizendo que sabe que os índios estão sendo aliciados. Roberto segue contando que o cacique denunciou o desmatamento à Polícia Federal que teria dito que o problema é mais grave, pois teria uma denúncia da atuação de uma quadrilha de traficantes plantando o entorpecente no local e que não possuía estrutura para atacar o problema. A FUNAI ouvida também, se diz sem estrutura para a fiscalização, mas que não tem dúvidas sobre o aliciamento dos indígenas. A intenção do repórter que chega ao local e registra o flagrante do momento em que as máquinas chegam para operar o desmatamento, é mostrar que todos os responsáveis sabem o que está acontecendo e nada fazem, mas não diz isso explicitamente. Simplesmente fecha a narrativa com a fala da Polícia Federal pedindo helicóptero para realizar a operação (Notícia nº 18, JN 2007, Anexo II: 467).

A seca anual na Amazônia, desta vez atribuída ao fenômeno conhecido como El Niño, é tratada em apenas uma notícia no ano por Sérgio Yano, também com o uso do valor dramatização para pedir ajuda às comunidades isoladas às margens do Rio Negro que está inavegável. Nesta, porém, imagens e texto combinam-se na dramatização: enquanto mostra imagens aéreas de córregos secos e rios baixos, Yano fala em *off*: “Quinze dias de estiagem mudaram a paisagem no noroeste do Amazonas. Basta um sobrevoo para constatar o avanço das praias no leito dos rios. Muitos secaram ou viraram córregos”. Depois fala que a usina da região pode parar a qualquer momento e deixar as pessoas sem energia, que a merenda não chega às escolas e que índios Tukanos e missionários começaram a racionar comida (Notícia n° 15, JN 2007, Anexo II: 465).

Uma grande operação do IBAMA com o fechamento de serrarias e madeireiras também é noticiado com o uso do valor dramatização. Diz Renato Biazzi: “Fiscais do IBAMA e policiais civis levaram dois dias para chegar à vila. Eles encontraram irregularidades em todas as empresas”, mostrando a dificuldade enfrentada pelo Estado na fiscalização da região. Fontes? Apenas as oficiais, nenhum trabalho investigativo jornalístico é encontrado na narrativa (Notícia n° 6, JN 2007, Anexo II:460).

Além dessas a dramatização aparece na primeira e na última notícia do ano. Na primeira, conquista a atenção do telespectador dramatizando o impacto da ação humana sobre a Amazônia com dados numéricos para divulgar mapas temáticos realizados sobre a região, por fontes oficiais: IBGE e Ministério do Meio Ambiente. Daniela Assayad fala em *off*, enquanto imagens de arquivo com beleza e destruição da floresta são mostradas: “A Amazônia Legal representa 59% do território nacional. Tem 775 cidades onde vivem mais de 20 milhões de pessoas”. Depois apresenta os contrários: “Em Rondônia, o desmatamento já atinge 28,5% da área total do estado. O Amapá está na outra ponta: teve apenas 0,5% do território desmatado”. Fala da importância dos mapas para um planejamento do desenvolvimento na Amazônia apontando os erros já cometidos: “[...] a derrubada da floresta ocorre, principalmente, ao longo de rodovias federais, como a Transamazônica e as BRs 163 e 364 e está diretamente relacionada à expansão da pecuária, da soja e do garimpo”, e depois com clara intenção de fomento à necessidade desse planejamento: “Os mapas mostram também quais são as áreas com maior potencial agrícola, as que devem ser recuperadas ou ter o uso controlado”. A notícia evidencia um

tratamento da dimensão econômica com percepção dos modos de produção conectados com os fatores ecológicos na Amazônia (Notícia nº 19, JN 2007, Anexo II: 468).

Na última o valor é usado pela mesma jornalista para romancear o aumento do tráfego fluvial nos rios amazônicos: “Na região Norte do Brasil, os rios são as estradas. Em vez de ônibus, barcos [...]. E no lugar dos táxis, canoas, [...]. E como é o posto de gasolina? Tem que ser flutuante com certeza”. Segue relevando a confecção tradicional de barcos e canoas feitas pelo saber dos amazônidas: “Tradição mantida por artistas, como o carpinteiro naval Estevão de Souza”. E da fala do carpinteiro, apresenta sua experiência. Mostra um cotidiano sobre as águas dos rios, não fala em isolamento apenas em outro tipo de vida: “Quase 60 mil pessoas sobem e descem os rios todos os meses em viagens que duram até uma semana. Um barco tem até biblioteca”. A câmera para em um passageiro com um bebê ao colo e Daniela fecha a notícia: “E assim, neste vai e vem, a vida segue sobre as águas” (Notícia nº 1, JN 2007, Anexo II: 457).

O valor relevância de proximidade também constrói três notícias assinadas por Heloisa Villela, por Sérgio Yano, e Paulo Renato Soares. Duas fazem a inversão do mito “Amazônia, pulmão do mundo”, como já mencionado no item anterior. Na primeira, já na manchete, Bonner anuncia: “Um estudo divulgado pela Universidade de Wisconsin, nos Estados Unidos, alerta que o aquecimento do planeta vai criar um novo clima na Amazônia em menos de 100 anos”. E Heloisa demonstra preocupação no seguimento da narrativa: “A pesquisa da Universidade de Wisconsin não analisa como essa mudança afetará plantas e animais, mas diz que muitas espécies podem desaparecer”. Diz que animais já se deslocam para longe da linha do equador, mas fala de forma generalista utilizando-se de imagens de arquivo para ilustração da peça e sem referências de autoria, publicações ou entrevistas, nada (Notícia nº 13, JN 2007: 464). Na segunda, Sérgio, contextualiza as consequências desta mudança climática:

“A seca intensa que atinge o norte do Amazonas já impede a navegação de barcos maiores nos rios da região, mas a situação é a oposta no sul do estado. O nível dos rios sobe a cada 24 horas e inunda a floresta. É o período de cheia na Amazônia, situada abaixo da linha do Equador. Na parte norte, o cenário é oposto: rios secos e estiagem. Dois sistemas diferentes numa região marcada pelo contraste climático. De dezembro a maio é a época de cheia na parte sul. O período de seca começa em junho e vai até novembro. No norte, acontece o contrário: estiagem no verão e no outono, e chuva no inverno e na primavera”.

Ouve não só cientistas, mas também um canoeiro experiente do local. Enfatiza a veracidade do efeito do aquecimento global na Amazônia dizendo que “é mais um recado

da natureza” e fecha a narrativa com a voz de um meteorologista para também afirmar que o fenômeno é incontestável: “O aquecimento global é inequívoco” (Notícia nº 14, JN 2007, Anexo II: 464). Na última, Paulo Renato, retifica o local da nascente do rio Amazonas e sua extensão, com um estudo recente do IBGE, mostrando a necessidade de mudanças na didática da educação dos brasileiros: “Mapas e atlas terão que ser corrigidos, livros revistos e, nos bancos das escolas, os alunos terão mais uma aula de geografia” (Notícia nº 11, JN 2007, Anexo II: 463).

Temos ainda duas ampliações exibidas nas narrativas de Roberto Paiva no combate a crimes ambientais: uma na utilização de imagens fornecidas pelo Greenpeace para atacar o problema das queimadas – “Os ambientalistas do Greenpeace foram ao Mato Grosso e ao Pará, estados que concentram o maior número de queimadas, e concluíram que 90% do desmatamento são feitos de forma ilegal” –; e outra para reclamar da continuidade do tráfico de animais silvestres da Amazônia – Na Amazônia, um crime que se repete: animais ameaçados de extinção são vendidos à luz do dia –, e na fala do caçador de pássaros: “A gente faz tipo um campeonatozinho, quem pega mais” (Notícias nºs 7 e 12, JN 2007, Anexo II: 460 e 463).

Na última destaque como narrativa construída sobre o valor de consonância com a atuação neocolonial da igreja cristã na Amazônia. A linguagem é de autoria de Roberto Paiva que mostra a Campanha de Fraternidade da CNBB na Amazônia pedindo o fim do desmatamento. Procura atrelar a fé cristã com a defesa da natureza apelando para o pedido do papa: “Durante a abertura da campanha foi apresentado um vídeo em que o presidente da CNBB, Dom Geraldo Majela, fez a leitura da mensagem enviada pelo Papa Bento XVI. Ele fala na defesa da vida e na evangelização dos povos da Amazônia”. Diz que a Amazônia precisa de paz após mostrar no telão a fala do religioso: ‘E crie condições favoráveis para a descoberta e o crescimento da fé de toda a população amazônica’. Nenhuma ação efetiva na busca por tal defesa, entretanto, é prometida pelos bispos (Notícia nº 17, JN 2007, Anexo II: 466).

Os conflitos que geraram as notícias no ano de 2008, devido às ações mais drásticas tomadas pelo MA com o apoio do IBAMA tiveram sete narrativas construídas sobre o valor da dramatização antes da demissão e na própria notícia da saída de Marina. Este valor, entretanto, aparece em quinze do total do ano, mostrando toda a plasticidade dessa valoração no atendimento aos alinhamentos de pauta, mas também na preferência de

estilo dos jornalistas do JN. As emoções arrebatam os telespectadores para a atenção ao recrudescimento das ações de fiscalizações e policiais, além do trabalho do MA contra o desmatamento da Amazônia e a importância para a política brasileira no combate à retirada de madeira ilegal (Notícias n^{os} 27, 30 e 31, JN 2008, Anexo II:487-489). Mas também para o que chamam de “desemprego” e as manifestações de trabalhadores explorados pelas madeiras ilegais pela total falta de trabalho em muitas localidades, e a demora da saída dos licenciamentos ambientais (Notícias n^{os} 21, 22, 23, 24, 25 e 26, JN 2008, Anexo II: 483-486). O tratamento do problema dos fogos é assim tratado como uma questão de âmbito policial de entrave ao desenvolvimento do país. A demissão da ministra é anunciada com uma narrativa da Jornalista Poliana Abrita falando que o “desgaste” de Marina foi provocado sim pela pressão exercida ao MA para o licenciamento das obras do PAC, mas insinua que foi o crescimento do desmatamento um atenuante para a saída da ministra, mesmo dizendo contraditoriamente que foi a própria que alardeou o país sobre a nova subida do índice das queimadas:

Marina Silva foi a primeira nomeação do governo Lula em 2003 e vinha passando por momentos de desgaste. No início do ano, foi advertida publicamente por Lula depois da divulgação de dados de desmatamento na Amazônia que Marina tinha considerado alarmantes. No ano passado, o embate foi com a ministra chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, e com o ministério de Minas e Energia por causa da construção de duas hidrelétricas no Rio Madeira, em Rondônia.

Esses dados do desmatamento, no entanto, foram fornecidos pelo INPE a Marina seis meses antes e foi justamente o que gerou as ações do MA e do Ibama no primeiro semestre de 2008, principalmente no Pará, estado que o satélite apontava como maior responsável pelo aumento do desmatamento (Notícia n^o 17, JN 2008, Anexo II: 480).

Antes da saída da ministra há ainda mais uma notícia com o uso do valor dramatização quando Guilherme Portanova relaciona dois conflitos diferentes como se fossem um só: o conflito entre fazendeiros e índios na reserva indígena Raposa Serra do Sol na luta pela homologação definitiva das terras indígenas, e o conflito entre governo executivo e o comando militar da Amazônia quando este acusa o outro de apoiar a reserva de forma contínua o que significaria uma ameaça à soberania nacional.

O repórter primeiro ouve o advogado do fazendeiro dizendo que foi solto porque não havia os requisitos necessários para mantê-lo preso. Contextualiza o conflito chamando os indígenas de invasores duas vezes: “O arroteiro acusado de ordenar o ataque

contra índios que tinham invadido uma fazenda” e depois, “Eles são acusados de atacar a tiros um grupo de índios que tinha invadido a fazenda do arroteiro”. Só então fala do assunto homologação das terras indígenas de forma contínua sem explicar o que isso significa a saída dos arroteiros na entrevista com Marina Silva: “Está para uma decisão do Supremo. O governo está trabalhando todos os esforços para que sejam mantidas a demarcação e a homologação em área contínua”. Anuncia que a retirada dos fazendeiros está suspensa pelo Supremo Tribunal Federal e, só por fim, apresenta a indignação do presidente contra a acusação do militar: “Quem é que um dia ousou dizer que os nossos índios faziam o país correr risco de perder a sua soberania. Quando não tinha Exército, quantas vezes foram os índios que defenderam as nossas fronteiras?” e uma rápida fala de um indígena presente no Palácio do Planalto: “Nós não somos um perigo à soberania nacional” (Notícia nº 18, JN 2008, Anexo II: 481).

Antes, porém, o JN publica a notícia da violência em Raposa Serra do Sol. O conflito é tratado sob o valor de consonância com a colonialidade de poder explícita nos termos de “índios invasores de terras dos brancos”, na atenuação da quantidade de indígenas feridos (foram 21 e não apenas dez como o dito pelo JN), e do poder do fazendeiro personalizando-o em sua qualificação como prefeito e presidente da Associação de Rizicultores de Roraima. A apresentadora, Fátima Bernardes, em concordância com a fala do fazendeiro que chama de “funcionários” os homens armados que agrediram os indígenas sob as suas ordens, se utiliza do termo “seguranças” ao se referir aos mesmos, ignorando a lei brasileira que não permite armas letais para o trabalho de seguranças particulares: “A Polícia Federal prendeu, no fim da tarde, em Roraima, o dono da fazenda de arroz onde seguranças atacaram a tiros um grupo de índios que tinha invadido a propriedade”.

O confronto ocorrido na fazenda já havia sido publicado pelo Jornal da Globo, na noite do dia anterior e as imagens usadas pelo JN são as mesmas cedidas pelo Cimi e pelo missionário, também publicadas pela RTP e já mostradas no capítulo anterior. A novidade da peça do JN é a fala do fazendeiro por telefone: “Eles invadiram a fazenda, aí os funcionários foram pra que eles se retirassem e foram recebidos a flechadas. Houve o confronto e realmente há muitos feridos”. As imagens mostram, entretanto, os índios montando acampamentos e não com arcos e flechas. Portanova se utiliza ainda do verbo “fugir” para contar que as imagens foram registradas por um indígena. “O índio que filmou

a ação fugiu quando foi avistado pelos seguranças da fazenda. Dez índios ficaram feridos no ataque. Eles foram medicados e liberados”. A fala escolhida do único índio ouvido na reportagem também demonstra a intenção de atenuação do crime cometido pelo fazendeiro, pois é apresentada tom de ameaça por parte dos indígenas: “Estão chegando os indígenas. Mais ou menos uns 4 mil”. Para fazer o fechamento da peça, Fátima volta lembrando que a situação das terras ainda está na justiça e, portanto os arroteiros não podem ser retirados: “O Supremo Tribunal Federal está julgando uma ação que questiona a demarcação contínua da reserva. Até lá, a operação de retirada dos arroteiros está suspensa”. E, finalmente Bonner, diz os crimes cometidos pelo fazendeiro usando linguagem especializada da justiça pouco entendida pela maioria do povo brasileiro: “Paulo César Quartieiro foi preso por formação de quadrilha, ocultação de armas e obstrução de estradas”.

Treze dias após a demissão da ministra e do presidente do órgão fiscalizador, o tom dramático muda de lugar no arrebatamento dos corações dos telespectadores na série especial sobre o crescimento do uso de computadores no Brasil. Flavio Fachel, jornalista com premiação em jornalismo ambiental, constrói com sensibilidade a história do uso de computadores pelos índios Ashaninka que vivem na fronteira do Brasil com o Peru: “As mulheres cuidam da comida, das roupas, das crianças; os homens não descuidam da vigilância”. Segue explicando como os índios se comunicam de muitas maneiras e mostra uma imagem dos homens em uma noite de luar em volta da fogueira conversando: “A reunião ao luar, em volta da fogueira, é decisiva: “*Umanarentzi*”, dizem os Ashaninka. Significa guerra. Guerra contra os invasores”.

Figura 33: Notícia nº 15, JN 2008.



Fonte: TV Globo

Conta que os índios descobriram que peruanos madeireiros fortemente armados iam atravessar a fronteira e roubar madeira de lei das terras dos Ashaninka e diz que a única munição dos índios para defenderem suas terras além dos arcos e flechas, é o computador. Mostra as mensagens dos índios para ONGs internacionais e para a presidência da república que prontamente aciona o exército. Promove o saber indígena na fala do diretor do Comitê para a Democratização da Informática: “Os Ashaninkas descobriram uma forma de usar a internet como uma ferramenta de libertação”, mostrando imagens do índio de cocar à frente do computador e fecha contando que a chegada do exército promoveu uma guerra e os índios e a madeira da Amazônia foram protegidos com sucesso (Notícia nº 15, JN 2008, Anexo II: 479).

Figura 34: Notícia nº 15, JN 2008.



Fonte: TV Globo

Já não era necessário para o meio de comunicação deixar dúvidas sobre o comportamento das etnias indígenas nas fronteiras. O embargo aos créditos dos municípios desflorestadores havia sido flexibilizado. Uma vitória do governador e latifundiário da soja, Blairo Maggi, que consegue do presidente parte do que queria: a retirada da sanção aos créditos de todas as propriedades que ocupam áreas do bioma do cerrado, mas não de Floresta Amazônica. A intenção de Maggi é que a medida caísse integralmente em toda a área da Amazônia Legal. Ainda no dia 30 de maio, o JN publica a notícia do encontro do Ministro, Carlos Minc com os governadores, sob a assinatura do jornalista Roberto Paiva. O tom dramatiza o evento mostrando a temperatura do cenário social no Pará:

Do lado de fora do centro de eventos, professores estaduais em greve entraram em confronto com a PM. Lá dentro, governadores de sete dos nove estados da

Amazônia se reuniram para discutir o futuro da região. Durante o encontro foi lida a carta do Pará, um documento que será entregue à Presidência da República em que os governadores assumem os compromissos de combater o desmatamento e de trabalhar pela regularização fundiária e pelo desenvolvimento sustentável da região.

A fala escolhida para assinalar a entrevista com o presidente é uma clara alusão do *slogan* usado pelo presidente, “A Amazônia é Nossa”, que o JN colocou no ar tantas vezes: “O Brasil pode, tranquilamente, ser exemplo para o mundo. Aqueles que estão dando palpite sobre o Brasil não têm mais uma árvore em pé. Então deixa o Brasil cuidar do que é seu”, diz Lula. Roberto segue num tom conciliador, dizendo que Minc irá liberar um bilhão de reais para o reflorestamento do bioma amazônico e diz que agora “as farpas trocadas” anteriormente entre o ministro e o governador estão minimizadas. Fecha a notícia com falas que comprovam as pazes entre os dois governantes (Notícia nº 14, JN 2008, Anexo II: 478).

Falando do assunto há ainda mais uma dramatização da jornalista matogrossense, Delis Ortiz, lotada em Brasília. A narrativa escolhida pela jornalista é um claro esforço de “mostrar o outro lado” em uma pauta selecionada pela relevância do fato oriundo da nova medida do governo: quem decide o que é cerrado e o que é floresta agora são os governadores. Delis narra o histórico da medida, explica o que é um bioma e opta por destacar uma fonte representante da WWF ao receber a pauta da tão esperada flexibilização da sanção aos créditos agrícolas: “É mais ou menos como dar a chave do galinheiro para a raposa. É completamente suscetível a fraudes, é um momento perigosíssimo de tomar uma medida como essa”, diz Mauro Armelin. Leva na linguagem a pauta para onde quer, mesmo “ouvindo os dois lados” e após a minimização do risco de fraude captada da voz do governador, Blairo Maggi, segue confirmando que há riscos sim: “O ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, reconhece o risco, mas promete fiscalização”, diz Delis (Notícia nº 12, JN 2008, Anexo II: 477).

A última dramatização do ano está na série, Fronteiras da Amazônia, mostrando a violência e o narcotráfico no convívio com a população da cidade de Tabatinga na tríplice fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia. A narrativa de Cristina Serra constrói a imagem da violência e da atuação perigosa do estado na região: um retrato da vulnerabilidade da Amazônia (Notícia nº 3, JN 2008, Anexo II: 469).

O valor personalização – o segundo mais forte no ano – pode ser dividido no mesmo critério crítico aqui utilizado: antes e depois da demissão de Marina Silva. Antes, há duas notícias: uma personalizando o presidente e sua dúvida sobre a veracidade dos dados do INPE que apontam o aumento do desmatamento. Lula diz não saber se os produtores rurais podem ser responsabilizados e a consagrada jornalista política, Zileide Silva, que à época cobria o Palácio do Planalto, escreve:

O presidente defendeu o agronegócio. Afirmou que ninguém pode culpar a soja, o feijão, o gado, ou os sem-terra pelo desmatamento sem antes de investigar o que aconteceu, e disse ainda que topa brigar com as organizações não governamentais que tem acusado o governo de irresponsabilidade, mas elas deveriam antes, segundo o presidente, plantar árvores nos países delas (Notícia n° 29, JN 2008, Anexo II: 488).

Outra, com a mesma jornalista, no início do ano personaliza o governo executivo como “surpreendidos” e “alarmados” com os dados do desmatamento na Amazônia fornecidos pelo Inpe, depois de três anos de decréscimo. A notícia primeiro diz que o aumento do desmatamento não era esperado em época de chuva na região, ao contrário, deveria diminuir. Depois fala dos estados que mais desmataram que teriam sido responsáveis por 50% do índice apresentado pelo instituto, e conta que o presidente disse “que não era hora de acusar ninguém”. Logo em seguida diz que apesar do que Lula disse as “divergências continuavam claras”, captando a fala de Marina da Silva: “O desmatamento aumentou nos três estados em que tem uma forte atividade agrícola e uma forte atividade pecuária”. Para depois desmenti-la com a fala do Ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes: “Há quatro anos que não aumenta a área de produção de soja, ou seja, não se tem novas áreas sendo utilizadas em soja”. Fecha a notícia lembrando as medidas de Marina de embargo do financiamento para quem desflorestar e com a fala do secretário do meio ambiente avisando que hoje já há meios de monitorar áreas desmatadas e identificar de forma precisa quem desmatou (Notícia n° 32, JN 2008, Anexo II: 490)

Após a demissão da ministra as personalizações são para individualizar a atuação do governo brasileiro no planejamento para a redução do gás carbônico na atmosfera (JN 2008, Notícia n° 2, Anexo II: 469); a atuação difícil dos militares no esforço em defender as fronteiras na Amazônia, na série Fronteiras da Amazônia (Notícia n° 4, JN 2008, Anexo II: 470); o Brasil como “exemplo a ser seguido pelos EUA na questão da energia”, no discurso do então pré-candidato à presidência norte americana, Barack Obama (Notícia n° 16, JN 2008, Anexo II: 480); e por fim da própria Rede Globo com a criação do Portal

Globo Amazônia, na Internet, como uma importante atitude democrática da emissora na criação de uma “ferramenta política para protestos” populares (Notícia nº 9, JN 2008, Anexo II: 475). A única exceção do valor personalização, fora do lema, “a Amazônia é nossa”, é a notícia que comemora o cinquentenário da morte do Marechal Rondon (Notícia nº 33, JN 2008, Anexo II: 490).

As outras reportagens da série, Fronteiras da Amazônia, além da já citada no parágrafo anterior, são narrativas da jornalista Cristina Serra, sob o uso do valor relevância de proximidade, cujo teor principal é mostrar comportamentos apátridas e negócios ilegais cometidos por brasileiros nas fronteiras, numa demonstração de alinhamento ideológico com o comando militar da Amazônia sobre vulnerabilidade da região. O contrabando de combustível na fronteira com a Venezuela (Notícia nº 5, JN 2008, Anexo II: 472); a preferência pela vida na República da Guiana pelos brasileiros; e por fim, da garimpagem feita em terras da Guiana Francesa e venda ilegal de ouro no Brasil (Notícia nº 6, JN 2008, Anexo II: 473).

O lema, “A Amazônia é Nossa”, está presente também na construção de uma reportagem sob o valor-construção de proximidade quando o governo anuncia no Dia Mundial do Meio Ambiente, a criação de áreas de conservação e extrativismo na Amazônia. Delis Ortiz capta a fala de Lula:

“Eu fico pensando que a Amazônia é como aqueles vidros de água benta que tem na igreja: todo mundo acha que pode meter o dedo. Nós não podemos permitir que as pessoas tentem ditar as regras do que a gente tem que fazer na Amazônia” (Notícia nº 11, JN 2008, Anexo II: 476).

Além dessas o valor surge em uma notícia mostrando a novidade de um aparelho que vai ajudar que os dados das urnas eletrônicas das terras mais longínquas da Amazônia, cheguem via satélite aos computadores do TRE durante as eleições (JN 2008, Notícia nº 8, Anexo II: 475). E em uma última, quando Karen Schimidt, explica o aumento da deflorestação no cruzamento de dois dados diferentes para mostrar que o Mato Grosso não é o culpado pelo aumento numérico: “O Deter mostra áreas desmatadas superiores a 250 mil m². [...] o Prodes, que fornece a taxa anual do desmatamento e foi usado pelo governo de Mato Grosso para contestar os dados divulgados nesta segunda”. E continua com a fala do secretário de meio ambiente do estado do Mato Grosso: “O Deter é importante para que a gente possa fazer essa fiscalização e, no dado do Prodes, [...] nós temos a certeza que

esse índice em relação ao Mato Grosso vai ser menor em relação ao ano passado” (Notícia nº 13, JN 2008, Anexo II: 477).

O valor consonância aparece em ainda mais três notícias além daquela que mostra as imagens da violência contra os indígenas de Raposa Serra do Sol. Duas delas são consonantes com a importância do uso de tecnologias para a fiscalização do desmatamento na Amazônia e com a ideia de desenvolvimento sustentável. Uma quando o Jornalista da afiliada TV Centro América do Mato Grosso, Jonas Campos, alcança rede nacional com imagens do satélite utilizado pelo Ibama, mostrando áreas degradadas da floresta com maior precisão e nitidez e relacionando o crime do desmatamento com a pecuária e a venda de créditos para “esquentar” os documentos e transformar madeira ilegal em legal (JN 2008, Notícia nº 1, Anexo II: 468). E outra falando da mesma precisão das imagens do satélite que mostra inclusive o que é “corte raso” e que é “degradação progressiva” com assinatura da jornalista Gioconda Brasil (JN 2008, Notícia nº 10, Anexo II: 476). Ambas após a saída de Marina Silva do ministério. A última é uma reportagem de Daniela Assayag, em consonância com a lenda do boto cor-de-rosa, símbolo da Amazônia. A jornalista amazonense mostra um estudo científico que comprova que os botos são mesmo sedutores e entregam presentes às fêmeas para ganharem seu amor. Uma reportagem que leva um pouco da mitologia indígena para conhecimento no resto do Brasil (JN 2008, Notícia nº 35, Anexo II: 492).

O valor da amplificação aparece em tom de denúncia assinada pelo repórter da TV Acre, Jefson Dourado, que alcança visibilidade nacional. Trata-se de uma expedição de deputados estaduais pelos rios da Amazônia. A notícia amplifica o episódio logo na chamada para a matéria, na voz de Bonner: “Deputados estaduais do Acre aproveitaram o recesso parlamentar para fazer uma expedição pelos rios da Amazônia. Tudo pago com dinheiro público”. Depois Jefson segue em off, mostrando imagens dos deputados em um iate de luxo de autoria de um cinegrafista amador e diz:

Nove dias a bordo de um luxuoso iate alugado por R\$ 30 mil. A viagem, paga pela Assembléia Legislativa do Acre, reuniu 24 pessoas entre deputados, vereadores, jornalistas e parentes. Foram mais de 4,3 mil quilômetros pelos rios Juruá e Solimões, de Cruzeiro do Sul, no Acre, até Manaus. No percurso, além das belezas da Amazônia, mergulhos e paradas nas comunidades ribeirinhas. Tudo com muita música e cerveja.

É uma denúncia da OAB que ameaça entrar com um processo do Ministério Público para a apuração do fato. Mas a narrativa segue como se apenas as imagens já fossem suficientes para incriminar os deputados, apesar de citar justificativa do deputado do PC do B e presidente da Assembleia Legislativa, Edivaldo Magalhães: “o objetivo da viagem era estudar a viabilidade do rio Juruá como rota de turismo da região”, diz Jefson. E depois legitima a denúncia com as imagens adquiridas: “Alheio ao caráter científico da expedição, o deputado Juarez Leitão, do PT, chegou a comemorar o aniversário com um churrasco a bordo” (Notícia n° 34, JN 2008, Anexo II).

Mais duas notícias usam o valor amplificação: uma mostrando “uma quantidade assustadora de madeira extraída ilegalmente” em Tailândia, no Pará, numa operação do Ibama e outra, para alardear sobre a possível presença da Dengue de tipo 4 em Manaus, retirada de uma notícia da revista científica americana, *Emerging Infectious Diseases*. Todas publicadas ainda com Marina Silva no ministério (Notícias n°s 20 e 27, JN 2008, Anexo II: 482 e 487).

Os valores de construção das seis notícias que em 2009 seguem as pautas para enfatizar a importância do asfaltamento da BR-163 foram: uma dramatização, duas personalizações, duas relevâncias de proximidade e uma amplificação. Com o uso da dramatização, Julio Mosquera, percorre o trecho a ser asfaltado da estrada culpabilizando a “colonização desordenada” promovida num passado recente, reiterando a manchete feita por Bonner: “Hoje os repórteres [...] mostram como a colonização desordenada provocou o desmatamento da floresta amazônica e, 30 anos depois do início da construção da rodovia, dificulta a vida de quem quer trabalhar dentro da legalidade”. Julio mostra imagens de gado na estrada impedindo o tráfego de caminhões e reclama da vagarosidade do tráfego imposta por essa prática: “Os vaqueiros conduzem a boiada como se estivessem no meio do mato”. Segue dizendo que o gado invade áreas que por lei deveriam ser preservadas, e fala de várias ilegalidades, sem explicar que foi justamente a abertura da estrada que promoveu a chegada do gado e do agronegócio. Mostra desde gado dentro de área de parque, ou seja, reserva permanente de preservação, até mineração poluindo córregos e rios no entorno da estrada. Nada fala sobre a questão socioambiental de uma maneira geral ou a existência de terras indígenas em áreas próximas à estrada.

Mostra ainda a dificuldade de fiscalização na região, citando que os fiscais do IBAMA são inclusive ameaçados de morte e depois escolhe duas fontes que estão

mudando de comportamento e que saíram da ilegalidade, com a fala do agricultor: “Nós estamos fazendo um grande cadastro em toda a região, onde a gente vai estar de fato diagnosticando quem é quem”. E a do ex-garimpeiro: “Na minha área enquanto for eu quem mandar ninguém vai destruir. Eu já trabalhei em garimpo há uns 20 anos atrás e nunca levei nada de garimpo, então pra quê eu mexer com a minha terra pra garimpo?” Depois ainda, explica a diferença da vegetação florestal e do cerrado retificando que a agricultura pouco se desenvolveu no trecho que se pretende asfaltar, no Pará: “A agricultura completa o ciclo de interesse na terra da floresta. No Pará, ao longo da Br-163, ela pouco se desenvolveu, mas em Mato Grosso, encontrou terreno fértil na chamada mata de transição do Cerrado para a Amazônia”. Para fechar a reportagem, se contradiz ao avistar a região de cima: “Num sobrevôo pela região, vemos que a vegetação original hoje se reduz a quase nada. Onde não há soja, estão o milho, o arroz e o algodão” (Notícia nº 21, JN 2009, Anexo II: 511).

As personalizações são feitas por memórias do passado de pessoas que vivem ao longo da estrada desde que foi construída. Em uma personaliza os colonos que chegaram em dois estados e mostra a diferença entre eles. No Pará, ao longo do trecho que se pretende asfaltar, os colonos pobres e desiludidos: “Era início dos anos 80. A família Juppen persistiu. Desmatou metade do terreno, como determinou o governo, e plantou feijão, arroz e milho. Mas não tinha para quem vender e Ladislau teve que buscar o sustento no garimpo”. E no Mato Grosso, prosperidade, “[...] em Lucas do Rio Verde, o ensino é modelo. Escolas municipais têm piscinas. As crianças que moram longe, em assentamentos, passam o dia todo na escola. E, além do café da manhã, almoçam, lancham e jantam antes de voltar para a casa” (Notícia nº 22, JN 2009, Anexo II:512).

Em outra – logo a primeira da série – personaliza os índios que viviam nos locais no tempo de abertura da BR-163 para iniciar o tratamento da recuperação da estrada “como promessa” do governo e, com o uso de fotos de arquivo adquiridas do exército, da época da expedição dos irmãos Vilas Boas²⁴⁶ à Amazônia. A reportagem começa com o Jornalista Julio Mosquera mostrando uma foto em preto e branco (segundo ele tirada em 1973), da índia pertencente à aldeia Paranã, mendigando comida à beira da estrada, BR-163. E Julio

²⁴⁶ Os irmãos, Orlando e Cláudio Vilas Boas foram indigenistas que faziam parte da equipe expedicionária do Marechal Rondon em 1945, e foram idealizadores – entre outros – da primeira terra indígena homologada no Brasil: o Parque Nacional do Xingu. A criação do Parque ajudou a ampliar a noção, atualmente muito contestada, de que os índios devem ser mantidos isolados para que não sejam “aculturados e civilizados”, o que tornou os irmãos muito famosos entre ambientalistas e ativistas de direitos humanos.

diz: “Kitakriti fica muda diante da foto. É ela quem pede comida, na BR-163, que começava a ser aberta no meio da floresta, [...]” Apesar de “muda” Kitakriti fala de olhos baixos: “Nós pegamos biscoito, farinha de fubá, melancia, açúcar”. O retrato da humilhação não termina aqui, Julio constrói a narrativa da história dizendo que apesar do que a indígena passou, ela é uma vitoriosa, pois seu filho é um dos sobreviventes daquela época. Uma narrativa quase inteira para justificar o sofrimento dos indígenas como necessário para o desenvolvimento do país. Fala que apesar dos índios quase serem extintos por doenças no contato com os brancos, hoje eles estão bem porque não passam fome e até voltaram às suas diversões: “Hoje, os Panará já não estão mais sob a ameaça de extinção. Na aldeia, vivem 420 índios, dezenas deles crianças, uma nova geração para levar adiante o legado da tribo. As mulheres preparam a farinha de mandioca. A corrida das toras voltou à rotina dos homens”.

Feito isso, Julio prossegue justificando a importância da recuperação da estrada mostrando o quanto é perigosa para quem nela trafega, inclusive com imagens de um acidente, e fecha a reportagem lembrando a promessa do governo e relacionando a melhoria de vida das famílias do estado do Pará – reparem que os indígenas desaparecem, pois já têm o que lhes basta: comida e o “legado da tribo de volta” – ao barateamento da exportação de grãos: “Agora, o governo promete recuperar toda a BR até 2011 para baratear a exportação de grãos de Mato Grosso e dar dignidade às famílias que vivem no Pará e terá pela frente o desafio de asfaltar a rodovia preservando o que resta da Amazônia” (Notícia nº 23, JN 2009, Anexo II: 513).

Com o valor-construção, relevância de proximidade, temos duas reportagens da série BR-163. Em uma mostra a possibilidade de se conciliar negócios com preservação do meio ambiente, apresentando diversos ramos de extrativismo e manejo por pequenos produtores. São atividades desenvolvidas na cidade Lucas de Rio Verde, uma das mais prósperas do estado. Mostra ainda o desejo de índios Kaiapós, empresários na cidade de Novo Progresso, de exportar os óleos de Copaíba e Castanha do Pará e que para isso precisam da estrada. Júlio parece induzir a fala do índio Kaiapó, Relações Públicas do Instituto Kabu: “Vai ajudar muito os índios escoar os nossos produtos”. Mas na fala seguinte do indígena que conseguiu, confirma apenas outro desejo: “A gente quer que o governo ajude mitigar impacto que a BR está trazendo”, diz Dotô Takake-Írê. O que a notícia oculta é que tal instituto faz parte do Programa de Compensação Ambiental do

Componente Indígena da BR-163, criado pela FUNAI para atender a exigência do Ministério do Meio Ambiente²⁴⁷, para fornecer o licenciamento da obra. Apesar do jornalista dizer que os índios “esperam pelo asfalto”, numa conotação de necessidade eminente, os indígenas haviam criado o instituto há um ano e até o momento da reportagem não haviam iniciado os trabalhos com o óleo – que dependia de financiamento –, apenas com artesanato de venda local (Notícia n° 20, JN 2009, Anexo II: 509).

A outra ainda sob o valor relevância de proximidade apresenta a retomada da construção da rodovia e mostra os cuidados que estão sendo tomados com o meio ambiente para a preservação de fauna e flora. Segue explicando que todos devem colaborar contra a ilegalidade na região e mostra o perigo e a devastação feita anteriormente. Fecha a reportagem com a fala do representante do IBAMA dizendo quem sem a presença austera do estado tal sustentabilidade será impossível (Notícia n° 19, JN 2009, Anexo II: 508). A última reportagem da série tem a narrativa construída sob o valor da amplificação apenas para ilustrar a personalização da “aventura” (grifos da autora) da produção de toda a série (Notícia n° 18, JN 2009, Anexo II: 507). Merece, entretanto, referência neste estudo que esta série foi premiada pela Confederação Nacional de Transportes, na categoria televisão, no mesmo ano em que foi transmitida.

A notícia sobre a MP n° 458 é construída sob o valor da personalização da Ong, Amazônia Para Sempre. Logo na chamada da matéria, Bonner e Fátima dizem que o senado aprovou uma Medida Provisória que regulariza terras invadidas na Amazônia e que os ambientalistas reagiram. Cristina Serra entra em *off*, mostrando vários artistas de novelas brasileiras muito conhecidos pelo público e diz: “Mas os artistas se mostraram preocupados com a aprovação de uma Medida Provisória que, segundo ambientalistas, vai beneficiar invasores de terras e desmatadores”. Em seguida, a atriz Cristiane Torloni argumenta: “Nós vamos dar terras a quem é legal. A gente não pode dar terra a laranja, a grileiro”. A jornalista segue dizendo que a Ong conseguiu mais de um milhão de

²⁴⁷ Faz parte do Projeto BR-163 - Floresta, Desenvolvimento e Participação, criado pelo MMA, em 2006, para apoiar as Iniciativas de Produção Sustentável. Trata-se de um componente cuja meta é estabelecer sistemas produtivos que contemplem os pilares da sustentabilidade promoção da inclusão social, geração de retorno econômico para comunidades afetadas e conservar o ambiente da região. É conduzido pelo Departamento de Zoneamento Territorial (DZT) da Secretaria de Extrativismo e Desenvolvimento Rural Sustentável (SEDRS) do MMA,

assinaturas contra a medida e logo depois explica a medida atenuando o protesto dos artistas:

“A Medida [...] regulariza a invasão de terras do Governo Federal na Amazônia. Em ocupações de até 100 hectares, as terras serão doadas aos posseiros. De 101 a 400 hectares, serão vendidas a preço simbólico. E até 1,5 mil hectares serão vendidas a preço de mercado para os invasores, que terão 20 anos para pagar”.

Entretanto, a fonte escolhida para dar legitimidade à notícia é a pecuarista, relatora da medida no Senado e integrante da bancada ruralista, na época, pelo PSD²⁴⁸, Kátia Abreu, que por sua beleza recebeu o apelido entre os ambientalistas de “Miss Desmatamento”. A fala da senadora cumpre a técnica jornalística de ouvir o outro lado: “A informalidade é que traz a desobediência. Quando você formaliza um cidadão, você aumenta as suas responsabilidades e também as consequências do não-cumprimento da legislação”. Mas termina a notícia com o depoimento do próprio Ministro do MA, Carlos Minc, dizendo que não concorda com a MP, mas sem dizer o porquê, e que vai sugerir ao presidente que faça vetos (Notícia n° 13, JN 2009, Anexo II: 502). Ou seja, uma notícia narrada através do tipo de objetividade definida por Rosen como retórica da “técnica da persuasão”²⁴⁹.

As duas únicas notícias com as quais o JN “cobre” (grifos da autora) o Fórum Social Mundial também são narradas sob o valor de relevância de proximidade pelo jornalista, Roberto Paiva. Na primeira o jornalista alcança a rede nacional apresentando a denúncia da CNBB sobre a fome e a prática de prostituição infantil na Ilha de Marajó, no Pará. Explica a ausência do estado na aplicação da lei ambiental e dos direitos humanos através do isolamento: “Nesta quarta, o fórum reuniu pessoas que vivem em áreas isoladas da Amazônia. São lugares no Brasil e no exterior onde as leis ambientais e os direitos humanos não costumam ser respeitados”. Depois segue mudando de assunto, sem nenhuma explicação, falando da questão do desflorestamento usando a voz do líder indígena, Marcos Apurinan para mostrar uma previsão pessimista: “Se o pessoal não nos ouvir, se o mundo não nos ouvir, nós não vamos ter daqui a 30, a 50 anos, mais floresta na Amazônia”. Uma notícia rápida e fragmentada com evasão de sentidos (Notícia 28 n°, JN 2009, Anexo II: 517). Na outra, Roberto, mostra uma tríade de protestos por crimes contra os povos amazônicos brasileiros e peruanos: tráfico de pessoas, assassinatos por disputas de terra e

²⁴⁸ A pecuarista é atuante na política partidária brasileira desde o início dos anos 90 e mudou de partido quatro vezes: já esteve nas legendas PFL, DEM, PSD e hoje está no PMDB.

²⁴⁹ *Supra*: Cap III:43.

descaso com a saúde indígena. Com o mesmo estilo curto, sem contextualização e fragmentado (Notícia n° 29, JN 2009, Anexo II: 518). Duas notícias editadas com um mosaico de imagens (repleta de cortes) própria de edições espremidas por falta de espaço para cumprir uma agenda obrigatória.

A notícia do crime de canibalismo é composta em tom de resposta à comunidade internacional sob o uso do valor consonância com a prática cruel do canibalismo enviada da matriz de Brasília, assinada por Cristina Serra. A jornalista entra em *off* com imagens da publicação na Internet da CNN: “A notícia divulgada pelo site da rede de TV CNN dizia que índios da tribo Kulina tinham devorado um vaqueiro num ritual de canibalismo, na semana passada”. Depois apresenta a explicação de um delegado de polícia sobre a motivação do crime e as circunstâncias do mesmo: vingança por índios que estavam bêbados. E, explica que o crime não foi feito em ritual indígena, inocentando a etnia Kulina e explicando que os criminosos só estão soltos por impedimento da lei brasileira: “A lei do índio não permite que ele fique preso sem que haja acompanhamento da Funai e da Polícia Federal” (Notícia n° 26, JN 2009, Anexo II: 516).

O lema, “A Amazônia é Nossa”, justifica, como já dito mais uma notícia cuja origem é o FSM, dois meses após o evento. Nela, Cristina Serra, sob o valor de relevância de proximidade apresenta um mapa que trará benefícios para o planejamento contra os crimes ambientais a toda a grande região coberta pela floresta tropical (Pan-Amazônia). Logo na chamada da peça, Fátima Bernardes, afirma a intenção da notícia: “O Brasil é dono da maior parte desse patrimônio e 40% da floresta brasileira estão protegidos”. Cristina, primeiro enfatiza a participação brasileira na preservação da floresta – “O Brasil é dono da maior parte desse patrimônio e 40% da floresta brasileira estão protegidos. Isso representa um milhão e 900 mil km². [...] uma boa área de proteção”. O problema é o desequilíbrio entre diferentes regiões da floresta – e, quando imagina-se que ela mostrará a não-preservação de outros países, a má notícia: “No estado do Amazonas, a mata é bem preservada. Já no Pará, Mato Grosso e Rondônia a devastação é muito grande”. E mais à frente: “Alguns vizinhos dão bons exemplos. Na Colômbia, 56% da floresta estão preservados. No Equador, quase 80%”.

Percebe-se que o factual da notícia é a política brasileira de proteção da floresta através da criação das Unidades de Conservação – as UCs, na fala do pesquisador que reclama que há áreas de floresta não preservadas no chamado “arco do fogo”. Percebe-se

ainda que a repórter usa o verbo “reconhece” para forçar a fala do ministro do MA na construção do sentido de afirmação que deve haver desenvolvimento na Amazônia, quando Minc está apenas explicando o conceito da UC, “parque”. Primeiro, Cristina diz: “O ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, reconhece que é preciso reforçar a proteção, mas aproveitando o potencial da floresta”. E logo depois a “resposta” do ministro: “Parque não quer dizer que não pode fazer nada. Você pode usar para a ciência, para a medicina, para os cosméticos, gerar muita renda com turismo, ciência e alimentação, sem destruir o bioma Amazônia” (Notícia n° 24, JN 2009, Anexo II: 515).

Temos ainda duas notícias da seca anual da Amazônia provocadas pelo fenômeno El Niño e uma da cheia – também anual – do rio Negro; além de mais quatro notícias sobre a queda de duas aeronaves na região. Todas sobre o valor da dramatização e com o uso da lógica do reforço do lado emocional para “prender” audiência (Notícias n°s 2, 12, 15, 3, 5, 6, 27; JN 2009, Anexo II). A exceção nessa valoração é uma notícia que pode ser conceituada como “comunicação de risco”, quando autoridades de saúde pública pedem ajuda para o combate de doenças por águas contaminadas dos rios, na periferia de Manaus. Nesta, Daniela Assayag, constrói a narrativa com envolvimento socioambiental sensível às condições de vida dos moradores pobres: “Parece uma lixeira, mas é um rio urbano. Sem moradia, quem vem do interior tenta reproduzir na cidade a vida ribeirinha: 22 mil palafitas formam favelas sobre os igarapés, pequenos cursos d’água que cortam Manaus. Não há esgoto”. Além de ouvir as autoridades locais, dá voz aos moradores e explica o que se deve fazer para a prevenção (Notícia n° 14, JN 2009, Anexo II: 503).

Mais exceção ainda foi a construção das narrativas do jornalista, Marcelo Canellas, na série, “Índios da Amazônia”, e que depois recebeu outro título pela emissora: “Cabeça do Cachorro”. Marcelo é conhecido por sua tenacidade em lutar por suas pautas sempre envolvidas com as questões sociais. Em seu próprio depoimento no site Memória Globo ele diz: “Eu sempre achei que uma prerrogativa dos repórteres fosse tentar interferir na agenda de coberturas das empresas onde trabalham, no sentido de propor pautas que acreditam que sejam socialmente importantes”. Sem dúvida foi este pensamento que já o levou a 40 premiações de seu trabalho no mundo todo.

Na primeira reportagem da série, Marcelo usa o valor dramatização para mostrar uma região onde vivem 23 etnias indígenas fora dos direitos e dos programas sociais do país. Logo no início da narrativa, desconstrói estereótipos usando a própria voz indígena.

Com o hino nacional tocando ao fundo, Marcelo diz em *off*: “Um Brasil com cara de índio, do soldado ao prefeito, do padre ao peão”. E uma índia diz: “Nós somos civilizadas também, não é índio demais não”. E o repórter continua: “Aculturado sim, com roupa e computador, mas sob o absoluto abandono. Nem os programas sociais mais abrangentes como o “Bolsa Família” e o “Luz Para Todos”, chegam aqui”. Novamente a voz indígena: “Já levamos na brincadeira, nós chamamos de “Luz para Alguns”. O drama escolhido é a situação da saúde dos cidadãos e cidadãs indígenas. Enquanto o texto contextualiza a situação da saúde da etnia Hupdas que vive longe dos rios e sofre com a desidratação, imagens de Marcelo entrando mata adentro. No local encontra família rezando em um cemitério lotado de túmulos de covas rasas. O cinegrafista enquadra a família – ao fundo voz da mulher recitando o Pai Nosso – e Marcelo diz em *off*: “Uma família diante de um túmulo de uma menina de um ano e meio”.

Figura 35: Notícia nº 11, JN 2009



Fonte: TV Globo

O texto segue com a contextualização das mortes e com índio contando a quantidade de túmulos. Compara a mortalidade infantil da região com a do país dizendo que é cinco vezes maior, mostra imagens de postos de saúde desativados, de lanchas-ambulâncias quebradas à beira do rio.

Entrevista a médica da Fundação Nacional de Saúde – FUNASA, que sozinha cuida de 23 mil indígenas. E colhe a fala da médica depois de dizer que ela já foi voluntária em África e que no local encontrou a mesma situação e as mesmas doenças entre os indígenas brasileiros:

“[...] muitos com diarreias e as complicações das diarreias: desidratação e... Então são as mesmas causas que você encontra em um campo de refugiados ou

deslocados internos de qualquer outro lugar. São bastante semelhantes ao que a gente vê em alguns grupos talvez de Somália, de Sudão”.

Diz que ela “sem meios e sem recursos”, vive “a pior sensação que um médico pode experimentar”, ilustra com a fala e com a imagem da médica de cabeça baixa no atendimento a um indiozinho, para o fechamento comovente da narrativa: “E você saber que você pode salvar aquela criança e que você naquele momento está impotente porque você não tem aquele medicamento ou porque você chegou tarde demais....”

Figura 36: Notícia nº 11, JN 2009



Fonte: TV Globo

Quem termina a reportagem é Fátima Bernardes e William Waack que informam o que as entidades responsáveis disseram sobre o problema com promessas de melhorias para a região (Notícia nº 11, JN 2009, Anexo II: 500).

Na segunda reportagem da série, Marcelo usa o valor relevância de proximidade para mostrar a solidariedade entre indígenas brasileiros e colombianos, mostrando um olhar da realidade na fronteira Brasil-Colômbia contrária da exibida pela emissora no ano anterior na série Fronteiras da Amazônia: agora, uma Amazônia sem fronteiras. A narrativa inicia com uma brincadeira com as palavras na qual Marcelo mostra que apesar das línguas diferentes eles traduzem o mesmo sentimento: são povos irmãos. Depois que não reconhecem a fronteira. Marcelo pergunta em espanhol para um colombiano que está usando a camisa da seleção brasileira: “*Hai frontera para que?*” E o colombiano responde rindo: “*Ah! Jô no sei*”. Mostra pessoas que vivem em um país e trabalham no outro, o vai e vem dos barcos nos rios, e afirma: “É assim ha séculos, é assim desde antes de Brasil e Colômbia existirem”.

Destrói a concepção de que “índios são ameaça à soberania nacional” quando pergunta a um tenente: “Essa concepção diferente da nossa de território, baseada no parentesco, prejudica a ideia de nacionalidade?” E o militar responde: “De forma alguma. O índio brasileiro, ele se orgulha de ser brasileiro”. E Marcelo claramente se coloca: “O tenente sabe do que está falando. São os índios sob o seu comando que defendem a soberania nacional nesse fundão de selva. Uma região que convive com escaramuças de fronteira”. Elogia a solidariedade entre os povos vizinhos, mostrando com sensibilidade que é isto o que os protege da atuação dos guerrilheiros das FARC. Evoca o amor contando a história de um casal binacional, cuja esposa é traumatizada por ter visto um ataque com cerca de 30 mortes pelos guerrilheiros e encerra a reportagem dizendo que é o amor e a paciência do marido que vão curar a tristeza da mulher: “A repetição da rotina, o carinho de Armindo e quem sabe um dia a paz no rosto triste de Luzmarina”. Nas imagens o abraço do casal ao por do sol fecha a reportagem (Notícia nº 10, JN 2009, Anexo II: 499).

Figura 37: Notícia nº 10, JN 2009



Fonte: TV Globo

Na terceira o mesmo jornalista volta a usar o valor consonância para mostrar a tomada de poder pelos indígenas do município, São Gabriel da Cachoeira, no estado do Amazonas. Consonante com a cultura democrática representativa constrói a narrativa, nomeando-a como “cultura dos brancos”. Este empoderamento é tratado como “vitória” atribuída à Confederação Indígena do Rio Negro – FOIRN após a demarcação do território indígena que Marcelo para dimensionar seu tamanho, o compara com Portugal. A ideia é valorar o município como extenso e com uma arrecadação de onze milhões de reais ao ano, ou seja, Marcelo quer dizer que não se trata de um município pequeno ou sem expressão

para o estado brasileiro e é aqui sugestivo que use o exemplo do país colonizador, o que denota relevo pela linguagem do sentido de importância dessa unidade da federação.

No decorrer da narrativa o jornalista discorre sobre as diferenças da política indígena com a política dos brancos dizendo que eles são capazes de fazer assembleias por dois dias, apenas para discutir a mandioca; mostrando a tensão entre as etnias Tukano e Baniwa e; a interferência da FOIRN na briga entre prefeito e vice-prefeito. Uma intervenção que exigiu à FOIRN a assunção de uma postura de independência da política partidária: “A Federação, temendo que o movimento indígena seja desacreditado pelas brigas na prefeitura, assumiu uma postura de independência, sem ligação com nenhum partido”. Para o fechamento da reportagem escolhe destacar que as relações de parentesco e a adversidade na diversidade são naturais entre esses povos e, assim, continuaram presentes na forma indígena de fazer política: “Enquanto isso, os índios fazem política como sempre fizeram. Ainda que haja acordo só no sabor da mandioca” (Notícia nº 9, JN 2009, Anexo II: 498).

A quarta reportagem da série aborda um delicado assunto: a continuidade da catequese indígena. Nesta reportagem o tratamento dado por Marcelo à narrativa é consonante com o sentido de um sincretismo – já bastante assimilado pela cultura brasileira – de que o povo brasileiro é tolerante, com várias pertencas religiosas (Boff, 1977) e criador de uma linguagem religiosa de relação e de ligação que o possibilita sempre encontrar o seu caminho para uma coisa boa e digna (Matta, 1984:117). Marcelo não usa o termo no texto, mas constrói tal sentido através da dicotomia “flexível” *versus* “inflexível” na linguagem falada e na imagética dos exemplos que escolhe. A colonialidade de poder é, portanto, resolvida com o sincretismo ao estilo popular brasileiro.

Começa com passagens muito rápidas de imagens que ilustram um mito indígena, com a fala de um pajé em *off*, “A partir da baforada da fumaça do cigarro do avô do universo”; e logo depois imagens do texto bíblico com a fala do pastor também em *off*, “E disse Deus: façamos do homem a nossa imagem, conforme a nossa semelhança”; volta a fala do índio, “Apareceu o ser humano em forma de rodãozinho”; e só então entra a imagem do repórter perguntando: “No fundo não seria o mesmo?” A confirmação da analogia é captada da fala de um padre católico: “O mito é o Genesis na cultura indígena, né? Isto explica tudo....”.

Depois apresenta uma prática fundamentalista protestante, nomeando-a de “inflexível”, com imagens de um batismo coletivo dos índios no rio Negro. Diz Marcelo: “Mas nem toda a pregação é assim tão flexível”, referindo-se à analogia já feita. E pergunta à indígena que acaba de ser batizada o que a nova religião impõe: “Dançar não pode também?” E ela responde: “Dançar eu posso, mas para Jesus”.

Figura 38: Notícia nº 8, JN 2009



Fonte: TV Globo

Marcelo explica que muitas vezes isso representa um ato de adesão “irrestrita” para depois mostrar a fala do pastor da Igreja Assembleia de Deus: “Você tem que ensinar, eles não conhecem o que está inscrito na palavra, que tem um Deus que criou eles. Que não é Deus Sol, não é Deus Lua, mas sim um Deus que está escrito na bíblia”.

Evidencia o neocolonialismo. Um índio católico da etnia Tukano diz que deus está na natureza e Marcelo explica que esse índio acha que “alguns” protestantes estão fazendo agora o mesmo que fizeram os católicos no início do século XX. E que o faz com conhecimento de causa, pois foi aluno de uma missão católica, e é ex-padre; e capta várias falas do índio contando que tudo havia sido proibido, que tudo o que ele sabia foi considerado como religião do demônio. Marcelo então fala da nudez indígena, considerada obscena e entrevista outro aluno missionário da época, que chegou nu na escola, mas que os padres o transformaram em um alfaiate e mostra imagem do índio costurando.

Figura 39: Notícia nº 8, JN 2009.



Fonte: TV Globo

Marcelo brinca: “Quer dizer, que quem vestiu os índios de Avareté, na verdade, foi o senhor?” Os dois riem. O importante é a evidencia de uma tática indígena própria do colonialismo no Brasil, que se realiza através do sincretismo: o acesso ao aprendizado de um ofício.

A narrativa agora segue mostrando as flexibilizações após a explicação de que a “obsessão de conversão dos indígenas” da Igreja católica arrefeceu e que agora o padre reza missa no interior de uma maloca indígena, que por ser índio dá a benção vestido com batina e cocar. Capta uma frase do padre fazendo a inversão do sentido de conversão: “São os índios que estão vivendo como viveram os primeiros cristãos que tinham tudo em comum. Nós é que temos que nos converter a eles”.

Figura 40: Notícia nº 8, JN 2009.



Fonte: Tv Globo

Segue mostrando também uma flexibilização protestante, ainda que assistencialista, com a fala de outro pastor da própria igreja, Assembleia de Deus, dizendo: “A cultura só tem valor se tiver vida, se não tiver vida, não tem valor a cultura. “Então,

alguém precisa cuidar da saúde do índio, da vida do índio, do bem estar social do índio....” E fecha com o padre católico: “Para que o evangelho possa entrar no coração desses povos, sem destruir os valores que eles já trazem, a cultura maravilhosa que eles conservam até hoje” (Notícia nº 8, JN 2009, Anexo II: 597).

Na última reportagem da série que Marcelo aborda a educação indígena, o valor usado também é o da dramatização. O drama primeiro é construído sobre a dificuldade imposta pelo sistema brasileiro de avaliação do ensino – a Prova Brasil²⁵⁰ – completamente distante dos objetivos da pedagogia desenvolvida pelos indígenas, além dos poucos recursos da infraestrutura disponível nas escolas da cidade de São Gabriel da Cachoeira. O tom é menos de denúncia e mais de elogio às iniciativas dos professores indígenas com expressões como “criatividade”, para valorizar a solução dada à falta de salas de aulas e de professores, ou “ilha de excelência” para qualificar o laboratório montado na selva.

Apresenta o que Boaventura de Sousa Santos conceituou como ecologia dos saberes mostrando um ensino aliado à experiência tanto dos brancos, quanto da vida nas aldeias. Numa aula de sustentabilidade com a criação de peixes em tanques ou numa aula de matemática se utilizando de frutos da floresta para aprender os números: “[...] o projeto de educação indígena diferenciada tenta unir a tecnologia dos brancos e os conhecimentos tradicionais indígenas”, diz.

Figura 41 e 42: Notícia nº 7, JN 2009.



Fonte: TV Globo

²⁵⁰ A Prova Brasil faz parte do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica que foi desenvolvido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Inep – e pelo Ministério de Educação e Cultura - MEC. Têm o objetivo de avaliar a qualidade do ensino oferecido pelo sistema educacional brasileiro a partir de testes padronizados e questionários socioeconômicos. Nos testes aplicados na quarta e oitava séries (quinto e nono anos) do ensino fundamental, os estudantes respondem a questões de língua portuguesa, com foco em leitura; e matemática, com foco na resolução de problemas. No questionário socioeconômico, os estudantes fornecem informações sobre fatores de contexto que podem estar associados ao desempenho.

E depois, do método de ensino com o uso das histórias contadas pelos anciãos da aldeia, explica que os jovens ao aprenderem com os mais velhos, estão transformando a cultura oral da nação indígena em cultura escrita e escrevendo seus próprios livros: “Talvez o ponto central da pedagogia Tuyuca seja a ideia de que a experiência deve ser sempre valorizada”.

Figura 43 e 44: Notícia nº 7, JN 2009.



Fonte: TV Globo

Com frases como: “O garoto conta brincando”; ou, “Quem acerta recebe aplausos. Mas há paciência com os mais lentos”; e ainda, “As crianças são livres para sair da aula, só que ninguém quer”; a experiência e a solidariedade construídas com liberdade são postas como exemplo contra o mero uso da razão e da memória na construção cognitiva branca. No fechamento da narrativa, o jornalista sintetiza sua valoração: “Assim, com o estímulo à inteligência, com respeito à liberdade e numa escola criativa que tira da floresta até a merenda escolar, e que tem a justa opção de oferecer ao Brasil um novo modelo de educação” (Notícia nº 7, JN 2009, Anexo II: 496).

Falando sobre o mesmo tema da reportagem descrita acima – educação – temos no ano mais duas reportagens, com assinatura do jornalista Alan Severiano, que consonante com o senso comum da importância do tema para o desenvolvimento do país, apresenta o desenvolvimento do ensino à distância na região amazônica como alternativa para o “atraso” do ensino da região, devido ao seu “isolamento”.

O que as reportagens ocultam, é que o ensino a distância do Programa Telecurso²⁵¹ é uma iniciativa da Fundação Roberto Marinho – FRM – , fundada pelo

²⁵¹ Tudo começou em 1978, ano que marcou a estréia do Telecurso 2º grau, uma ideia do próprio Roberto Marinho, que acreditava na televisão como instrumento para levar educação ao maior número possível de lares

próprio proprietário da Rede Globo, ainda em 1978. Em abril de 2009, quando as reportagens foram ao ar, o Telecurso estava em expansão, pois sua metodologia havia sido reconhecida pelo Ministério de Educação e passava a ser utilizada diretamente nas escolas do ensino público do país. Hoje a FRM em parceria com governos estaduais e municipais atua com o Telecurso em quatro estados da região da Amazônia Legal. As reportagens, entretanto, são narrativas desenvolvidas sobre o sucesso da vida das pessoas que optaram por utilizá-lo, mas não mostra o seu lugar de enunciação com exceção da fala da Gerente Geral de Educação e Implementação da FRM, Vilma Guimarães, que ainda assim não expõe o protagonismo da empresa, na clara intenção da FRM de legitimação do seu trabalho sem passar a ideia de publicidade (Notícias nºs 15 e 16, JN 2009, Anexo II).

“Nós precisamos no Brasil de usar todas as metodologias. Usar TV, usar o rádio, usar a informática, usar os livros. Usar tudo o que dispomos e que a humanidade produziu para encurtar as desigualdades e para rapidamente pagar essa dívida com a população brasileira que está aí reprimida há décadas” (Notícia nº 16, JN 2009, Anexo II: 504).

Os valores-construção da série de cinco reportagens que inaugura o ano de 2010 – Exploração Econômica da Amazônia – são a relevância de proximidade, em quatro reportagens, e consonância, em uma. As relevâncias são construções de narrativas para mostrar a importância da Amazônia no crescimento do Brasil e o valor consonância está relacionado com o senso comum do conceito de sustentabilidade para mostrar projetos de exploração sustentável dos recursos naturais da região.

Na primeira, a apresentadora, Fátima Bernardes, anuncia primeiro que a reportagem do Jornalista, Tunico Ferreira, vai mostrar duas realidades: a da devastação ilegal da floresta e a do uso da floresta de maneira sustentável. Para a representação da devastação é escolhido o município de Tailândia, historicamente uma localidade violenta pelos sistemáticos conflitos de terra desde a construção da estrada estadual PA-150, pelo governo militar em 1978, durante a campanha “Integrar para não entregar”. Ao relembrar essa história, Tunico simplifica e ignora os incentivos fiscais e autorização de créditos

brasileiros. Poucos anos depois, em 1981, foi criado o Telecurso 1º grau. Assistindo aos programas e comprando os fascículos que eram vendidos nas bancas, as pessoas podiam concluir os ensinos Fundamental e Médio (na época chamados de 1º e 2º graus). O diploma era conseguido por meio das provas aplicadas pelo próprio governo (FRM, 2010).

fornecidos pela SUDAM à época²⁵² e naturaliza a derrubada da floresta como saída para a produção de alimentos e o comércio de madeira,

Há 30 anos atrás, isso aqui era uma grande floresta. Tailândia surgiu de um projeto de colonização que atraiu brasileiros que vieram de longe para produzir alimentos, só que era preciso derrubar a floresta. Como a produção não foi para a frente por falta de ajuda financeira e tecnológica, o que sobrou foi o comércio da madeira. Hoje metade da área do município está devastada.

Depois fala das péssimas condições de trabalho nas carvoarias ilegais existentes no local e da falta de fiscalização por parte do Estado, além da corrupção dentro e fora do órgão fiscalizador.

A representação da sustentabilidade e a importância da floresta em pé, são construídas com o exemplo do município de Paragominas, cujo prefeito contribuiu com o programa Desmatamento Zero, e reverteu a realidade do local com a queda de 86% do desmatamento e o manejo legal da floresta. Apresenta empresário que plantou a palmeira produtora do azeite de dendê como exemplo de agricultura sustentável (Notícia n° 27, JN 2010, Anexo II: 544).

O relevo da importância da floresta amazônica continua na narrativa que Tônico constrói agora com foco numa das principais atividades desflorestadoras do país: a pecuária. Primeiro o repórter desculpa os pecuaristas que hoje estão fora da lei e culpa o governo militar pelo incentivo ao desmatamento. Ele explica: “Nas décadas de 70 e 80, quem não abria pasto, não recebia título de propriedade”. Segue explicando que a nova lei de gestão das florestas que exige a flora intacta em 80% da propriedade é o que está mudando o comportamento dos pecuaristas, mas pede que o governo os perdoe com a captação da fala do presidente da Associação dos Pecuaristas de Paragominas: “Que perdoe os crimes que nós cometemos, porque não foi de propósito”. A mudança de comportamento dos pecuaristas também estaria se dando pelas condições impostas no mercado internacional. Na voz do pecuarista: “O mundo pede hoje para você ter um boi legal. Como é que nós vamos vender boi, sem estar legal?”. A solução apresentada para a pecuária sustentável é a criatividade e a técnica da integração entre lavoura e pecuária sem aumento da área de pasto. (Notícia n° 25, JN 2010, Anexo II: 541).

A relevância do manejo sustentável da floresta aparece pela terceira vez na construção da reportagem sobre a expansão da fronteira da soja no Mato Grosso. Tal

²⁵² *Supra*: Cap II: 36.

relevância é atribuída à exportação da commodity para o crescimento econômico do país, mas desta vez a queda do desmatamento não é tanto tributo da política pública do país e sim da exigência do mercado externo. Diz Fátima ainda na chamada da reportagem: “Mas o desmatamento vem caindo principalmente por causa da pressão internacional e esse é o assunto na reportagem de hoje [...]”. No seguimento da narrativa, Tónico conta como foi a devastação da floresta no estado citado, e depois mostra as percentagens do desmatamento diminuindo e passa a dizer que a mentalidade dos agricultores de soja está mudando por imposição das empresas compradoras: “Uma das coisas que impulsionaram esta queda, sem dúvida alguma, foi uma iniciativa chamada "moratória da soja. [...] Como essas empresas processam 62% da soja brasileira, não foi difícil impor a moratória”.

O exemplo escolhido para apresentar a mudança de comportamento é o ex-governador do estado, dono do maior latifúndio do grão no Brasil e – no momento da reportagem –, candidato ao Senado da República. Sem nenhuma cerimônia com a ética jornalística Tónico afirma: “É por isso que Blairo Maggi, grande produtor de soja que acaba de deixar o governo de Mato Grosso, tenta mudar sua imagem de destruidor da floresta para a de amigo do meio ambiente”. E complementa captando a fala do próprio candidato: “A minha mudança vem disso. A mudança de consciência que eu acho que é necessária e importante, e segundo porque os mercados assim exigem e hoje não há como você produzir de forma diferente”. A lógica produtivista embasa o conteúdo da enunciação do presidente da Associação dos Produtores de Soja e Milho do Mato Grosso:

Tá se falando que daqui a 10 anos vai precisar de cem milhões a mais de toneladas de soja. De onde vai vir esta soja? Se não vier de lugar nenhum, o preço da soja vai triplicar quadruplicar, a gente não sabe até onde vai isso. Daí vai ficar altamente viável, você fazer desmatamento aqui. Então, como é que eu vou impedir de fazer desmatamento? Só tem uma forma: eu pagando para que as pessoas não desmatem.

E Tónico a aproveita para apresentar o REDD como solução para o problema e explica:

É aí que entra um mecanismo chamado REDD,[...]. A ideia é criar um valor para a floresta nativa. O proprietário vai receber uma compensação financeira de fundos internacionais públicos ou privados. Terá o seu capital remunerado não plantando soja ou abrindo pasto, mas deixando tudo como está.

E encerra a reportagem passando na entrelinha que ainda há a esperança nesses fazendeiros de mudarem a lei: “A lei é para todos. Enquanto eu não conseguir alterar a lei, eu tenho que me enquadrar” (Notícia nº 24, JN 2010, Anexo II: 540).

A última reportagem da série que usa o valor da relevância de proximidade é uma continuação da anterior, inclusive com Blairo Maggi ainda como fonte, porém para dividir a responsabilidade histórica pelo desmatamento também com a pecuária e o crescimento das cidades da Amazônia. Na fala de Fátima: “Na série especial [...], nós dissemos ontem, que a expansão da soja derrubou 40% da floresta em Mato Grosso, mas esse estrago todo foi culpa também do avanço dos pastos, para a pecuária e na construção de cidades”. Tônico mostra vários exemplos de reflorestamento de árvores nativas e depois mostra na voz do candidato ao Senado, a explícita concorrência na base da bancada ruralista enquanto as instituições políticas do país discutem o novo Código Florestal e o real sentido da peça:

“Nós temos que reduzir a quantidade de gado nos pastos para o confinamento, ou seja, e liberar esses espaços para a agricultura, que hoje é da pecuária. E, ao mesmo tempo, não deixar com que a pecuária avance sobre novas áreas da floresta”.

O sentido para o fechamento da reportagem é construído com a máxima tão repetida pelo presidente Lula – A Amazônia é nossa – na fala do representante das exportações de madeira no Brasil, Justiniano de Queiroz:

“O que nós temos agora que provar para o mundo é que nós somos bons gestores da floresta amazônica. Isso não significa manter a floresta intocada e o povo pobre. Também não significa desenvolvimento a qualquer custo, ou seja, desmatar a floresta. É o equilíbrio que poucos países no mundo conseguiram a maioria que tinha floresta não conseguiu” (Notícia nº 23, JN 2010, Anexo II: 539).

A reportagem da série que usa o valor consonância mostra os projetos de manejo da floresta que conseguem o licenciamento para os seus negócios. Uma narrativa consonante com o valor da sustentabilidade, porém, atrelada ao crescimento econômico, pedindo menos burocracia na fiscalização. Diz o jornalista: “A mata é viçosa. Nem parece que está sendo explorada. Existem mais de 350 projetos de manejo licenciados no Pará. Poderiam ser mais, não fosse a burocracia”. Depois explica que tal burocracia se deve ao alto índice de fraudes que faz com que as empresas européias importadoras duvidem da legalidade da madeira atrapalhando o negócio do país (Notícia nº 26, JN 2010, Anexo II: 542).

A série, “Amazônia Urbana”, é construída seguindo um roteiro de produção pré-concebido para a condução do telespectador no caminho da identificação de uma urbanidade vizinha da floresta. Para isso, a primeira reportagem atribui o passado da região

ao período da colonização para personalizar a Amazônia na atualidade; na segunda, a história da relação das grandes cidades com a floresta, está sob o valor de consonância com a sustentabilidade; na terceira o mesmo valor da segunda é usado para contar a história de cidades pequenas e isoladas na mata são insustentáveis e; a última, historiciza a busca do futuro no presente, com o uso do valor relevância de proximidade da Amazônia para o Brasil.

“Aventura” é o adjetivo do passado e “natureza”, o substantivo do presente. É assim que a narrativa de Alberto Gaspar vai construindo o retrato de uma urbanidade amazônica cujo tempo é contado pela correnteza dos rios e cuja governança é dependente do clima. Alternando passado e presente, a chamada para o anúncio da reportagem é: “Na primeira reportagem como se deu a aventura da colonização nessa região, que concentra vinte e cinco milhões de pessoas”. E Gaspar entra em off mostrando que o ir e vir nessa urbanidade tem uma outra dimensão temporal: “Viajamos por quatro estados mais de oito mil quilômetros. Foram quase seis semanas e isso porque voamos na maioria dos trechos. Navegando por rios cheios de curvas como o Purus, levaríamos vários meses”. Logo depois a alternância entre o olhar exógeno e o olhar endógeno é a ferramenta narrativa do retrato: “Aqui do alto a imensidão verde que atrai os olhos do mundo inteiro. Lá em baixo, vinte e cinco milhões de brasileiros”.

O início da ocupação da Amazônia é atribuído aos portugueses – “os primeiros a enfrentar estas poderosas regras da natureza foram os portugueses a partir do século dezessete” – e hoje, quem são esses 25 milhões de brasileiros? A universalização do retrato está na palavra “cabloco”, epistemologicamente conceituado como a mistura do branco com o índio, mas que no senso comum da cultura brasileira define-se como “mestiço”. Na narrativa, os protetores da floresta é esta população cabocla ou miscigenada, extrativista, que se desenvolveu a partir do ciclo da borracha. Então, nenhuma menção é feita aos indígenas e à migração dos negros na formação dos quilombos, de estrangeiros e etc. Portanto, o que tínhamos antes num passado muito próximo? Uma Amazônia vazia. (Notícia nº 22, JN 2010, Anexo II: 538).

A gramática construída para o retrato de quatro capitais região é reveladora da leitura neocolonialista de Amazônia feita pela equipe de jornalistas e da intenção da segunda reportagem. A capital do Acre, Rio Branco, é ecológica, porque extrativista. A capital do Amazonas, Manaus, por ter uma indústria meramente montadora ajuda na

preservação da floresta (mesmo tendo pobreza e falta de saneamento). O único “patinho feio” é a capital de Rondônia, Porto Velho, “que passou por cima da floresta” desmatando muito – mas é citada para garantir a “objetividade” da técnica jornalística, citando “o outro lado da questão”. E, fechando a reportagem, o futuro que queremos está na capital do Pará, Belém, afirmada como o “outro Brasil lusitano”, é o melhor lugar para se pensar o futuro: “Belém nasceu para ser capital de uma região que para os portugueses nem era Brasil, era Grão Pará [...]. Com a floresta e a História muito próximas e bem cuidadas, bom lugar pra se pensar o futuro da região[...]”. E termina com a fala de um arquiteto que, considerando o contexto da narração, almeja um futuro europeu: “E isso além de massagear a auto estima de todo mundo, dá aquela sensação de que sabendo de onde viemos, fica fácil determinar para onde vamos” (Notícia nº 21, JN 2010, Anexo II: 537).

A terceira reportagem é consonante com a ideia de que “só a floresta em pé não traz a sustentabilidade” (grifos da autora) e apresenta duas cidades e a dificuldade da vida das pessoas que nelas habitam de forma isolada do país, e cuja única ligação é através da Internet (Notícia nº 20, Jn 2010, Anexo II: 536). No dia seguinte, a reportagem da série propõe mostrar como projetos ambiciosos na Amazônia fracassaram por falta de conhecimento da região. Para isso, entretanto, compara o fracasso dos americanos no segundo ciclo da borracha nos anos 50 – porque não conheciam a cultura local – com o projeto da construção da rodovia Transamazônica, traçada no governo militar, e abandonada. Mostra o trecho asfaltado e o não asfaltado, e aonde a estrada acaba, na cidade de Lábrea. No trecho asfaltado, uma cidade que prosperou – Medicilândia e no não asfaltado, uma cidade pobre – Lábrea.

Figura 45 e 46: Notícia nº 20, JN 2010.



Fonte: Tv Globo

Alberto Gaspar explica que no projeto, o traçado da estrada deveria continuar até o Peru e que agora nem o trecho aberto ajuda o desenvolvimento das cidades porque está em péssimas condições e em muitos lugares o carro tem que ser levado em “balsas primitivas”.

Figura 47, 48 e 49: Notícia nº 20, JN 2010.



Fonte: TV Globo

Fecha a reportagem falando que “era para ser dada continuidade ao projeto” e com uma entrevista ao prefeito de Lábrea, pergunta: “[...] será que ela atravessa o rio um dia?”. Coloca enfim a intenção da reportagem: “Quem sabe... Nós esperamos que sim. O senhor acha provável?”. O prefeito responde: “Eu acredito que sim, é possível conciliar o meio ambiente com o desenvolvimento. Alternativas nós temos muitas. A Amazônia é uma riqueza em si”. São, portanto, duas reportagens pedindo a abertura e a melhoria das estradas na Amazônia para permitir o desenvolvimento sustentável.

Na última reportagem, Alberto Gaspar, constrói a relevância da riqueza da Amazônia para o desenvolvimento do Brasil, mostrando alternadamente projetos do PAC (como a construção da ponte sobre o Rio Negro ligando Manaus à oito municípios da região metropolitana da capital) e, projetos que agregam valor aos produtos da região (como o da Escola da Floresta em Rio Branco) que ensinam a utilização de sementes,

frutos, manejo de peixes, de madeira que se transformam em óleos, fármacos, cosméticos, cortes de peixes e de madeira para exportação.

Figuras 50 e 51: Notícia nº 17, JN 2010



Fonte: TV Globo

Com uma entrevista com o secretário de desenvolvimento de Rio Branco, apresenta a importância desses projetos sustentáveis: “Nós temos um mercado consumidor é de mais de trinta milhões de pessoas que com certeza não vão ser atendidas por empresas do sul do país”, diz o secretário. Logo depois, uma imagem explica o traçado da Rodovia Transoceânica que alcançará o Pacífico para as exportações dos produtos amazônicos, e é seguida de uma fala contundente de um geógrafo e professor da Universidade Federal do Amazonas – UFAM: “Não é o mundo que tem pensar a Amazônia é a partir da Amazônia, a partir da ciência que nós produzimos aqui, do conhecimento que a gente tem aqui, que a gente tem que pensar a Amazônia no mundo. Eu acredito na Amazônia”. O fechamento é produzido com imagens rápidas com closes em crianças do lugar e da bandeira do Brasil pintada em um muro (Notícia nº 17, JN 2010, Anexo II: 534).

Figuras 52 e 53: Notícia nº 17, JN 2010



Fonte: Tv Globo

Figuras 54 e 55: Notícia nº 17, JN 2010



Fonte: TV Globo

A série JN no Ar, aquela como já dito no item anterior, que foi pauta para apresentar “um Brasil sem maquiagem” aos eleitores brasileiros, começa retratando a cidade de Macapá. O editor-chefe e apresentador do JN, William Bonner, aqui como repórter, inaugura a série. Fátima apresenta a reportagem e William começa a falar com um microfone à mão, com sons de gritos e aplausos ao fundo, com imagens de uma grande plateia assistindo a inauguração da série. E Bonner diz em *off*: “Não tá feia a festa aqui não, Fátima”, para mostrar a força da audiência do JN na cidade.

Figuras 56 e 57: Notícia nº 14, JN 2010.



Fonte: Tv Globo

O valor da personalização é usado para descrever o estado do Amapá como o extremo norte do país no imaginário do povo brasileiro. Para tal usa uma figura de linguagem metafórica bastante conhecida dos brasileiros – “do Oiapoque ao Chuí” – para dizer que começou pelo extremo Norte do país e que pretende chegar até o extremo Sul. Depois lê os dados geográficos e demográficos da capital, Macapá, e diz que a cidade tem aspectos “curiosos e importantes” a mostrar. E exemplifica: “Um deles é o fato de que aqui, 91% da cobertura vegetal original do Amapá, ainda é preservada”. Fala que recebe muitos aplausos da plateia. Logo em seguida diz, referindo-se à Fortaleza de São José,

patrimônio histórico da cidade: “Outro aspecto muito importante que a gente tem na capital do estado, é essa construção maravilhosa que está aqui atrás”. Se a fortaleza é o aspecto importante, então se conclui que a floresta preservada é o aspecto “curioso” para Bonner.

Depois, já não mais em direto, descreve a fortaleza e entrevista um historiador para explicar o Tratado de Madri e a preocupação dos colonizadores portugueses com aquele local – a embocadura do Rio Amazonas – que era importante para defender a Amazônia da entrada dos inimigos. Segue mostrando que o estado ainda tem “muito verde” e que é o maior índice de preservação entre os estados do país.

Para saciar a sua curiosidade, Bonner, entrevista um geógrafo que diz que, “antes de mais nada”, a causa de tanta preservação é a dificuldade de escoamento dos recursos naturais do estado. E Bonner logo pergunta: “Faltam estradas?”. E o geógrafo responde que o estado não está “plenamente” conectado ao restante do país. E Bonner mostra as balsas carregando carrocerias de caminhões rio afora, dizendo em off que tudo passa pelos rios, “de tomates a automóveis”. Mas percebe-se que na entrevista havia mais informações que não foram utilizadas quando o entrevistador retorna à imagem na tela comentando que o geógrafo “lembra também que 70% do território do Amapá estão de alguma forma sob proteção ambiental”

Diz o geógrafo:

“Não podemos esquecer que essas áreas protegidas, elas não servem apenas para preservar o patrimônio natural, mas também o patrimônio cultural. Uma estratégia inclusive, de permanecer essa cobertura vegetal e de utilizar essa cobertura vegetal como potencial para o desenvolvimento do estado”.

A expressão “alguma forma” em nada explica a ideia de união entre preservação natural e cultural que vem depois na fala do geógrafo. Assim como a explicação da estratégia política dessa união como forma de desenvolvimento²⁵³, deixa claro na linguagem que o sentido de desenvolvimento que o entrevistado quer colocar é outro. Mas Bonner encerra aqui o assunto e passa a mostrar outra curiosidade: a passagem da linha do equador na cidade onde podemos mudar de hemisfério, ou seja, do verão para o inverno, apesar de não sentir nenhuma diferença na temperatura (Notícia n° 14, JN 2010, Anexo II: 532).

²⁵³ Estratégia da política ambiental brasileira respaldada em várias leis desde 1988 – pela nova Constituição do Brasil – passando pela Lei 9.995, no ano 2000, com a criação do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza; até o decreto n° 6.040, de 2007, que entrega a responsabilidade da criação das áreas protegidas ao Instituto Chico Mendes, ação de governança fortemente atacada pela bancada ruralista nos anos posteriores.

Com o jornalista, Ernesto Paglia, a série segue com o uso do valor dramatização para descrever a vida na cidade sorteada no Programa, Fantástico, no dia anterior. A cidade é Jacundá, no Pará. Novamente a apresentadora, Fátima Bernardes, fornece os dados do estado, desta vez incluindo a observação de que apesar de ser o de maior densidade demográfica e o maior produtor de riquezas da região, convive com um índice altíssimo de falta de saneamento básico e de violência além de ter o rendimento médio entre os mais baixos na região.

Paglia comete um paradoxo explicando que a cidade é jovem, e depois fala que é composta por uma comunidade que chegou antes do Estado, qualificando-a como “pioneira” e a culpa como “não assimiladora” ou “não adaptada” às leis do país que chegaram depois:

“Jacundá é uma dessas comunidades relativamente jovens aqui do norte do país que parece que as pessoas foram se implantando lá de forma pioneira e o estado, as instituições da lei, isso só vai chegando aos poucos e nem sempre é bem assimilado, bem adaptado pela população local, esses pioneiros que estão lá”.

Depois fala que a equipe foi assediada por partidários “[...] do candidato que teve mais votos em 2008, mas não assumiu a prefeitura por causa de problemas com a justiça eleitoral”. Desfilam na narrativa uma série de qualificações negativas da situação social local, apresentando uma cidade extremamente violenta que além do alto índice de homicídios, tem prostituição infantil, abuso sexual de menores, trabalho escravo e desmatamento ilegal da floresta, e moradores que acham natural o desrespeito às leis do país.

Para mostrar tal naturalização, o repórter ao presenciar na estrada a apreensão policial de um motociclista que estava dirigindo sem a carteira de habilitação na estrada, conversa com o rapaz. “Eles estão fazendo o que a lei manda”, diz. O motociclista comenta: “Porque o governo não dá chance pra gente”. E Paglia pergunta em tom de indignação: “Mas é culpa do governo, você não ter carteira de motorista?”. O homem responde: “Tem culpa, porque eu tenho que desembolsar 1500 reais e, eu sou um trabalhador que ganha salário mínimo²⁵⁴, e ainda tem que ir a Marabá²⁵⁵ tirar carteira, porque em Jacundá não tira”. O repórter passa para entrevista de outra moradora, dizendo que há ilegalidades mais graves.

²⁵⁴ Valor do salário mínimo à época: R\$ 510,00 (Quinhentos e Dez Reais).

²⁵⁵ Cidade que dista 115 Kms da cidade de Jacundá.

Mas precisa cumprir a regra jornalística de mostrar “os dois lados” da questão. Ou seja, precisa mostrar algo positivo em Jacundá. A única atitude positiva que encontra em sua estada relâmpago na cidade é uma madeireira que funciona de forma legal, com programa de manejo e reflorestamento, cujo dono – descubro²⁵⁶ - é o mesmo ex-prefeito citado no início da peça, como “candidato com problemas na justiça eleitoral”, Adão Ribeiro. Mas a assimilação ferrenha da imposição da regra jornalística faz o repórter cometer uma manipulação na peça: nomeia o dono do empreendimento apenas como “um ex-prefeito”, sem dizer que era o mesmo, e a edição trata de nomeá-lo apenas como madeireiro nos créditos da imagem:

Figura 58: Notícia nº 12, JN 2010.



Fonte: TV Globo

Resultado, a peça passa a imagem da população como culpada dos problemas socioeconômicos e não a ausência do Estado e por fim comete o que tanto quer evitar: dar visibilidade a candidatos à eleição daquele ano (Notícia nº 13, JN 2010, Anexo II: 531). O jornalista chegou a receber um abaixo assinado de entidades sociais do local reclamando da forma como a cidade foi retratada, mas Paglia, entendeu este e-mail como positivo: “Só posso torcer para que esta energia toda despertada pela nossa passagem pela cidade seja canalizada para resolver os problemas do lugar. Assim [...], teremos mais coisas boas para mostrar” (Paglia, 2011:62)

A próxima cidade da Amazônia Legal é Feijó, no estado do Acre. Desta vez Paglia fica satisfeito com o material que consegue produzir: “[...] temos uma bela matéria.

²⁵⁶ A certeza da descoberta me veio após a leitura do livro do próprio Ernesto Paglia, onde ele conta os bastidores da série JN no Ar. Entre parênteses ele conta: [...] Mas os tentáculos do poderoso empresário local, ex-prefeito por duas vezes, se estendem por uma infinidade de ramos em Jacundá. É difícil escapar de Adão Ribeiro (Paglia, 2011: 59)

[...] com os problemas principais da cidade, mas sem esquecer a riqueza e os motivos de orgulho do lugar” (Paglia, 2011:80). Na narrativa usa o valor relevância de proximidade dizendo que a cidade é isolada do país, seja pelas chuvas torrenciais que trazem as cheias dos rios e inundam a cidade, seja pela falta de comunicação e de asfaltamento das estradas. Tal isolamento também é a causa dos preços altos – pois tudo tem que chegar de avião – e a riqueza do lugar – as duas safras de frutas que possui, como o Açaí – não conseguem sair e alcançar o comércio do resto do país. Fala dos índios Ashaninka que navegam até doze dias para comprar no comércio da cidade e ter acesso a posto de saúde, mas diz que eles ficam “expostos às tentações da cidade” e capta a fala de um soldado do exército: “É comum ver índios por aí nos bares, alcoolizados”. Por fim, mostra a preparação da tradicional Festa do Bachu, na aldeia dos índios Shanenawa, e encerra falando da importância do voto para essa aldeia: “Mas o acontecimento do ano será a eleição. Pela primeira vez a escola da aldeia vai virar seção eleitoral e os mil e 800 eleitores indígenas poderão votar em sua própria terra” (Notícia nº 12, JN 2010, Anexo II: 530).

A denúncia de uma injustiça ambiental aparece na reportagem da próxima cidade visitada: Alto Alegre, no estado de Roraima. Paglia narra sob o uso do valor consonância com o desenvolvimento sustentável ao reparar que a cidade sofreu grande deflação demográfica. Apura, junto ao IBGE, que tal deflação não foi verdadeira, a verdade é que não houve contagem dos indígenas Ianomanis no censo de 2000 e assim, a cidade perdeu R\$ 30 mil por mês na renda do Fundo de Participação dos municípios. Paglia aproveita para relacionar este fato ao maior problema da cidade: a falta de abastecimento de água tratada nas moradias. Acredita no que apura com o prefeito e anuncia: “O problema deve começar a ser resolvido em três meses, com a captação e o tratamento da água do rio Mucujai, ha 19 kms da cidade, obra feita com recursos federais”. Mas tal obra só ficará pronta, quatro anos mais tarde.

Conta que sofreu muito assédio de políticos na cidade, que seguiam o carro da equipe por toda parte, mas que conseguiu mantê-los “por trás das câmeras” (Paglia, 2011:124) e mostra um cearense, “que virou macuxi”, que de boiadeiro virou psicólogo, rico e alegre que, enfim, acreditou no desenvolvimento sustentável. Na fala do psicólogo: “O boi tem que desmatar, e o peixe a gente aproveita a área desmatada do boi, para criar o peixe”. Depois, deixando aparecer o seu conceito de desenvolvimento sustentável na linguagem, chama o psicólogo de colonizador: “O cearense que virou roraimense, ou

macuxi, como dizem os locais, tem orgulho da terra que adotou e está ajudando a colonizar”. (Notícia nº 11, JN 2010, Anexo II: 528).

O JN no Ar segue depois para a cidade de Porto Grande, no estado do Amapá. O valor de construção é o da personalização da cidade começando pelo seu nome: “Uma cidade curiosa: porque não é nem porto e muito menos, grande. Ela é bem pequenininha, mas é a maior produtora de alimentos de todo o estado do Amapá”, diz. Adjetiva uma vasta floresta de eucalipto que consegue mostrar com imagens que faz do carro, de “inesperada” e explica que é recurso natural para prover as fábricas de celulose na Europa e no Japão. Fala ainda que a cidade é também a maior produtora de pedra e areia e que, no entanto, tem uma estrada mal sinalizada e sem lombadas o que é responsável por muitos acidentes e deficientes físicos na cidade. E assim segue narrando os contrários: muita delinquência juvenil, mas também com esforços em educação; terra infértil, mas com produção de alimentos o ano todo. A estratégia na linguagem é para enaltecer a garra do povo, que luta para ter uma vida próspera, gente trabalhadora (Notícia nº 10, JN 2010, Anexo II: 527).

Em Colíder, no estado do Mato Grosso, a estratégia narrativa continua consonante com o valor do desenvolvimento sustentável ainda atrelado à ideia de progresso: “Companhia Líder de Colonização, daí, Colíder. E Colíder está vivendo hoje um momento de grande expansão, de crescimento. E parece haver lá uma preocupação para que esse crescimento não repita os erros do passado”. O repórter oscila entre o deslumbramento e a desconfiança com o progresso. A pecuária é valorizada como atividade empregadora: “O lugar vive da pecuária, mas o boi não dá emprego só pra vaqueiro. O chapelão esconde um eletricitista que veio plantar arroz ha 35 anos e hoje trabalha num dos laticínios da cidade”. E exportadora: “800 bois são abatidos por dia, 20% para países como Rússia, China e Venezuela. O próximo alvo é a Europa”

O passado desflorestador do estado é desculpado com a voz do Prefeito Celso Banazeski: “Quem fez esse estrago no passado não fez por maldade. São pessoas que foram trazidas para colonizar essa região e o próprio INCRA instruía para que se fizesse a derrubada, e quem derrubasse tivesse o documento da terra”. Mostra mudas para o reflorestamento, mas duvida que haverá plantio para além das margens dos rios. Mostra a usina de tratamento de esgoto, mas o interesse maior do jornalista é com a hidrelétrica que está para ser inaugurada: “Preparada assim, Colíder quer ficar só com a parte boa da futura hidrelétrica Tales Pires. Tomara que o próximo salto de crescimento não repita o passado”.

E faz o fechamento com a fala do cacique Raoni, no mesmo sentido de preocupação com o progresso: “Prejudica a terra e a floresta. Faz mal a saúde da população, não só índio, mas todos os seres humanos, né?” (Notícia nº 8, JN 2010, Anexo II: 526).

Já na cidade de Tefé – a quinta cidade do estado do Amazonas e criada há mais de 150 anos no coração da floresta amazônica – Paglia, usa a dramatização para narrar a notável diferença da cidade: uma cidade na qual só se tem acesso por rio ou por ar, que não tem porto, nem estrada e também não tem transporte público, que tem problemas com o fornecimento de energia e etc.

Os valores do drama aparecem um atrás do outro num desfile de representações negativas, apesar dos entrevistados tentarem mostrar diferente para o repórter. Paglia diz: “O gerente local da eletricidade nos mostrou dois motores que garante ele, entram em funcionamento no próximo sábado. Mas a eletricidade de Tefé vai continuar na base do óleo diesel que vem de Manaus, por rio é caro, e poluente”. Mas o gerente diz: “Nós não teríamos como substituir de imediato esse tipo de geração”. O repórter muda de assunto, sem explicar ou indagar qual seria a alternativa para uma energia sustentável em um lugar como Tefé. E destila outra negatividade: a Internet só por satélite é muito cara, não tem banda larga. No entanto mais a frente diz que as aulas a distância pela Internet, “atualizam o pessoal da saúde”. Mostra rapidamente que há um campus da Universidade Federal do Amazonas para falar da educação, sem mencionar a rede pública de ensino de primeiro e segundo grau que há na cidade. Para a questão da saúde apesar de mostrar aparelhos de exame de alta tecnologia, fala da falta de mão de obra qualificada sem explicar ou indagar porque os médicos brasileiros não querem ir para Tefé e diz apenas, que os médicos são estrangeiros e “trabalham de forma irregular”. Mas na fala da secretária de saúde o sentimento é outro: “Eles costumam vir do Peru, da Bolívia, e são eles que estão salvando o povo” (Notícia nº 7, JN 2010, Anexo II: 525).

Enfim, uma reportagem sem nenhuma contextualização dos problemas, e que não retrata uma cidade histórica e de resistência indígena²⁵⁷, extremamente biodiversa, totalmente florestal e preservada, repleta de movimentos ambientais e sociais, com muitas

²⁵⁷ Tefé foi palco de enfrentamento entre espanhóis e portugueses, foi elevada a categoria de cidade após o movimento popular, conhecido como Cabanagem, quando é criado o estado do Amazonas, liberto do Pará. No início das navegações espanholas, foi na região de Tefé que Orelhana diz ter visto as índias guerreiras que denominou de Amazonas. A cidade abriga três etnias indígenas, todas muito politizadas e atuantes, além de uma brigada do exército com mais de mil militares oriundos do Rio de Janeiro e São Paulo e um fluxo constante de pessoas de várias partes do Brasil e por isso, possui grande variedade linguística.

escolas e que abriga a Reserva de Mamirauá, importante local de pesquisas. Tem sim um porto feito pelos próprios indígenas. É repleta de praias, ilhas, lagos, a bela paisagem do encontro dos rios e tem no turismo ecológico e no setor pesqueiro a sua fonte de renda. Mas nada disso pôde ser visto pelo povo brasileiro, no ecrã da TV Globo. A mim, ao ler o livro de Paglia, só há uma explicação: a intolerância do repórter com a juventude barulhenta da cidade que o persegue alegremente durante o trabalho. Diz Paglia referindo-se ao trabalho em Tefé: “Em frente ao hotel, umas duas dúzias dos incansáveis (e chatíssimos) moto taxistas desocupados nos espera [...] Para quem nunca gostou de exposição, esta maratona está um arraso. E o resto do dia vai pôr a prova a minha tolerância ao assédio popular”. E fechando o capítulo desabafa sobre o trabalho na cidade sobre Tefé: “Matamos mais um leão” (Paglia, 2011: 200).

Nas outras três reportagens, a percepção do repórter é a mesma do editor-chefe (e da equipe em geral) sobre o conceito de desenvolvimento sustentável atrelado à ideia de crescimento do país, acrescida da campanha também governamental sob o slogan “a Amazônia é nossa”. Os valores de construção utilizados são variados. Para a cidade de Pinheiro, no noroeste do estado do Maranhão, Paglia dramatiza a corrupção e as disputas políticas como impeditivas do almejado desenvolvimento sustentável na cidade. Uma construção escolhida pelo repórter logo após o sorteio que o indicará o próximo destino no dia anterior, ou seja, antes mesmo de chegar à cidade. Primeiro Paglia comenta em seu diário logo que descobre que vai para Pinheiro: “A cidade escolhida é... o berço da família Sarney!!!”. Depois, admite a impossibilidade de isenção, mas encara como provocação a missão de retratar a cidade em ano de eleição: “Sei que, em plena campanha política, tudo o que fizermos será motivo de polêmica e poderá ser usado como munição pelos marqueteiros a serviço de A ou B. Mas isso é um desafio para amanhã”, escreve.

A construção da narrativa, primeiro apresenta a beleza dos Lençóis Maranhenses (um dos principais polos turísticos do norte) para depois discorrer sobre a total falta de saneamento da cidade e sobre a corrupção e sua consequente delinquência social em tom denunciativo. No meio da reportagem, Paglia usa o verbo “parecer” na derradeira tentativa de amenizar sua manifestação pessoal: “Nas ruas muita gente se aproximou para fazer queixas. As disputas políticas parecem impedir o progresso de Pinheiro” (Notícia nº 6, JN 2010, Anexo II: 524).

Na cidade de Cacoal, no estado de Rondônia, sob o valor de relevância de proximidade apresenta a educação como importante fator para o desenvolvimento do Brasil. Mesmo antes de desembarcar da aeronave, Paglia segue a pauta e mostra a vista aérea da cidade, com o avião passando por uma nuvem de fumaça oriunda de fogos na mata para alcançar a pista do aeroporto, o repórter diz: “Meia hora depois, Cacoal aparece no nosso horizonte, grande e próspera mesmo vista de cima”. O tema “prosperidade” será o mote de toda a narrativa. Segue entrevistando jovens estudantes dos 32 cursos superiores do local, comerciantes prósperos e termina com uma dupla de música sertaneja tocando o hino nacional (Notícia nº 4, JN 2010, Anexo II: 522).

A última reportagem da série em terras amazônicas é Paraíso do Tocantins, no estado do Tocantins, que o repórter no uso do valor personalização, retrata-a como a “cidade do agronegócio”. A cena representativa escolhida pelo repórter para o relato do agronegócio que conduz toda a narrativa é um pátio em um posto de gasolina onde homens da cidade se reúnem para negociar de tudo: terras, bois, automóveis etc, que ele chama de “bolsa de valores de Paraíso”. Na captação da fala de um pecuarista: “Aqui eu fico sabendo de tudo o que acontece na região. Atualizo preço de terra, atualizo preço de gado”, mostra as imagens,

Figuras 59 e 60: Notícia nº 3, JN 2010.



Fonte: TV Globo

Paglia mostra um hotel de bois e de como eles são bem tratados no lugar e depois a escola técnica da cidade onde pensa que vai encontrar apenas de atividades rurais tradicionais, mas também vê aulas de tecnologia e cursos técnicos de medições de índices ambientais. Algo novo para o repórter, mas cuja surpresa não coloca na peça jornalística. Aparece apenas em suas lembranças no livro da série:

A escola técnica surpreende. Em vez de apenas aulas de, digamos, como fazer uma horta ou abater uma rês [...] aprendem também ofícios menos óbvios como montar uma rede de computadores, medir indicadores de contaminação do meio ambiente, manipular e preservar alimentos numa linha de produção etc.et. O campo anda mudado... (Paglia, 2011: 270).

Na peça jornalística é a fonte quem ensina o repórter na fala de uma professora da escola: “O curso é de um estado novo, a gente tem responsabilidade ambiental bem forte e a gente tenta passar isso para os alunos daqui”. O bioma do cerrado também não é “óbvio” para o jornalista que atribui as queimadas aos trovões que ouve, sem saber que está em uma época de seca, com umidade do ar abaixo dos trinta por cento, que o solo queima espontaneamente e que os trovões anunciam apenas a primeira chuva que encerrará a temporada da estiagem daquele ano (Notícia nº 3, JN 2010, Anexo II: 521).

De significativo para essa pesquisa o ano exibe mais duas notícias sobre a seca histórica que assola a Amazônia assinadas pela jornalista Daniela Assayag, ambas com o uso do valor dramatização. Na primeira a jornalista mostra o drama de uma dona de casa coando água suja em um pano para sobreviver e mostrando o leito dos rios rachados (Notícia nº 9, JN 2010, Anexo II: 527). E na segunda, Daniela não chega a relacionar a seca com o aquecimento do Atlântico Norte, mas demonstra certo envolvimento ambiental já criando referência entre a seca de 2005 com a de 2010, mostrando que o tempo encolhe entre uma e outra, e relacionando ainda a concomitância entre os episódios de cheias em outras partes do país, como sendo o mesmo fenômeno (Notícia nº 5, JN 2010, Anexo II: 523).

As outras cinco notícias sobre o tema do estudo, quatro são construídas sob o valor da consonância: duas consonantes com a questão do desmatamento; sendo uma mostrando um estudo científico sobre efeitos das queimadas nas florestas tropicais (Notícia nº 15, JN 2010, Anexo II: 533) e outra, apresentando um satélite que capaz de monitorar a região mesmo através das nuvens (Notícia nº 28, JN 2010, Anexo II: 545). Uma terceira, consonante com o senso comum entre os brasileiros de que o voto é importante para a democracia e, assim, mostra que a tecnologia vai ajudar no envio de dados das regiões mais remotas do país (Notícia nº 18, JN 2010, Anexo II: 535). E a última é uma denúncia de continuidade do desmatamento e de ameaças de morte sofridas por assentados, em consonância com o caso Dorothy Stang. Uma notícia na qual o jornalista, Fabiano Vilela, da TV Liberal, do Pará, alcança transmissão nacional – como já dito no item anterior – com uma narrativa em tom de denúncia em defesa dos pequenos agricultores que no

passado eram protegidos por Dorothy, mostrando envolvimento social do repórter (Notícia nº 1, JN 2010, Anexo II: 519). As últimas notícias são: uma narrativa de Daniela Assayag que dramatiza o dia de campanha eleitoral da candidata à presidência, Marina Silva, em seu estado natal, o Acre (Notícia nº 16, JN 2010, Anexo II: 534); e outra com o uso da relevância de proximidade dos botos cor-de-rosa para o povo amazônico, anunciando a regulamentação de visitação a esses animais (Notícia nº 2, JN 2010, Anexo II: 520).

Em relação aos valores-construção, o uso do valor relevância de proximidade foi majoritário no ano 2011, aparecendo em sete das 22 notícias. Todas relevando os temas aos quais tratam como importantes para o desenvolvimento do Brasil. A primeira é parte da série Blitz na Educação e faz uma introdução a uma segunda reportagem que é publicada no mesmo dia – no segundo bloco de apresentação do JN - porém, o jornalista usa outro valor-construção como mostrarei quando da definição deste outro valor. Ao que interessa aqui é que a construção da narrativa desta reportagem de introdução, é dirigida na atribuição do fracasso da educação no norte do país por conta do isolamento das comunidades que obriga longos deslocamentos de alunos e professores e ainda dificulta a entrega do material didático às escolas. (Notícia nº 17, JN 2011, Anexo II: 562).

A segunda compõe a série, Fronteiras do Brasil e releva a importância da fiscalização nas fronteiras amazônicas para o desenvolvimento do país. Em tom de denúncia, Cesar Tralli, compõe a narrativa discorrendo sobre a dificuldade que a Receita Federal enfrenta na fiscalização do contrabando nas fronteiras entre Brasil, Peru e Bolívia e lembra que: “O orçamento do Ministério da Justiça perdeu um bilhão e meio de reais este ano”. Na divisão com o Peru, tráfico de gasolina; na divisão com a Bolívia, tráfico de cocaína. A vulnerabilidade atual da Amazônia é confirmada pela fala do Ministro da Justiça: “Eu acredito que as nossas fronteiras são vulneráveis, infelizmente”. Esta reportagem foi premiada no final do ano, na categoria, “jornalismo investigativo”, pelo Prêmio Embratel de Imprensa. Mas, ao que parece, não foi publicada na íntegra pelo JN. Concluo que ou o jornalista não acompanhou e/ou não participou, ou ainda, pelo menos, não negociou a edição; após ler o seu depoimento na página, Memória Globo, publicada na Internet. Diz o jornalista sobre a reportagem: “Em meio a tanta corrupção, um suspiro de alívio: voluntários indígenas patrulham as terras na divisa do Brasil com a Bolívia para evitar a entrada do tráfico”. Mas na reportagem publicada nenhuma menção – imagética ou oral – é feita às atitudes dos indígenas (Notícia nº 16, JN 2011, Anexo II: 560).

Outras duas reportagens tratam da obra do PAC, a Usina Hidrelétrica de Belo Monte, feita por Cristina Serra. Na primeira a ser publicada pelo jornal, a apresentadora, Fátima Bernardes releva a importância da usina já na chamada da reportagem: “É a maior obra em andamento no Brasil neste momento e a mais polêmica também”. Cristina então segue explicando como a obra mudará o curso do rio e conta que é o trecho da chamada “volta grande”, parte do rio que terá sua vazão reduzida, a razão do conflito entre indígenas e Estado: “É por isso que os índios entoam cantos de guerra”, mostrando imagens de um índio cantando e depois dizendo que sem água não há vida.

Figuras 61 e 62: Notícia nº , JN 2011.



Fonte: TV Globo

A narrativa relembra o histórico da luta para a construção da barragem que inclui ameaças sofridas pelo engenheiro da estatal, Eletronorte, por uma indígena, e o ataque com facão a outro engenheiro encarregado de explicar a obra nos anos 80 aos índios, ilustrada com imagens de arquivo.

Figura 63: Notícia nº 14, JN 2011.



Fonte: TV Globo

Depois fala que o projeto mudou e que a vazão de água será assegurada, que “nenhuma aldeia será alagada” e capta oportunamente a fala de um índio para legitimar a promessa narrada: “Para nós uma água benta”. Volta-se então, para a questão do pequeno agricultor e entrevista um morador do entorno da obra, que mantém a floresta preservada, mas que terá essas terras desapropriadas pela obra. E pondera: Tudo isso vai dar lugar a um dos reservatórios e seu Manuel foi informado que só será indenizado por uma parte da fazenda onde tem gado e cacau. A relevância do empreendimento é dita mostrando o rendimento da usina pronta e na fala do diretor da empresa construtora: “Isso daí nós não podemos abrir mão, nós temos que usar. Isso é o potencial do Brasil, dos brasileiros, que é para a gente ter essa garantia de que nós vamos ter energia barata, renovável, sem depender de nada”.

Cristina procura mostrar “isenção” na narrativa e ouve “o outro lado” ouvindo o representante do Instituto Socioambiental:

O custo de Belo Monte, ele é muito maior do que o custo que está sendo ventilado pelo empreendedor. Você tem diversos impactos socioambientais nessa obra que vão muito além da área de abrangência de construção dessa obra, que não estão sendo dimensionados.

A jornalista fecha a reportagem falando da mudança de vida que terá a população ribeirinha e a tristeza destes sem saber para onde ir em função do progresso (Notícia nº 14, JN 2011, Anexo II: 557).

Na segunda reportagem sobre a usina a relevância aponta o lado positivo da obra: o progresso de uma cidade vizinha da usina, Altamira, no estado do Pará. Na fala da apresentação a generalização da prosperidade é a promessa da peça: “Hoje você vai ver as transformações que a construção da usina está promovendo no coração do Pará”. Depois Cristina fala das muitas vantagens que a obra traz a cidade e sempre que fala em uma desvantagem, vem acompanhada da promessa da empresa de garantir a mitigação dos impactos sociais: “A criminalidade aumentou 28% neste ano em relação ao ano passado. Por contrato, a secretaria de segurança do Pará, vai receber 172 milhões de reais da empresa responsável por Belo Monte”. A repórter cumpre a pauta e apenas no final coloca sua dúvida em apenas duas frases numa peça que durou cinco minutos e quinze segundos: “No ano em que Altamira comemora o centenário de fundação, Belo Monte é um presente carregado de polêmicas. Um passo ainda incerto, rumo ao futuro” (Notícia nº 12, JN 2011, Anexo II: 555).

O uso do valor relevância de proximidade também é uma escolha da jornalista para narrar a reportagem que foi selecionada pelo valor conflito na reportagem sobre a situação dos indígenas da reserva Raposa Serra do Sol, dois anos depois da sua demarcação pelo STJ. A seleção indicava no título, “divergências entre os indígenas” nas relações com os não-índios, mas Cristina encontra paz e até convergências e assim, muda o rumo da narrativa para a questão social do alcoolismo nas aldeias, mudando a pauta. Primeiro diz: “A primeira delas é que os diferentes grupos indígenas que vivem dentro da reserva hoje em dia têm uma convivência bem menos tensa do que há dois anos e meio atrás”. E logo depois: “[...] a gente percebe até certo esforço de entendimento ente esses diferentes grupos indígenas”. E imediatamente passa à narração da outra questão: a herança deixada pela convivência com os brancos. Ela anuncia antes de começar o vídeo gravado no local: “A outra coisa que nos chamou a atenção é que a reserva indígena tem muitos problemas ainda para resolver, um deles, muito grave, é o alcoolismo entre os índios dentro da reserva”.

O VT mostra um caso isolado de desemprego de um branco, casado com uma índia e que escolheu permanecer na Raposa Serra do Sol. Depois no lugar onde haviam as fazendas de arroz, muito entulho provocado pela derrubada das casas pelos fazendeiros antes de irem embora e um projeto indígena de replantio da área com mudas nativas. O índio mostra com orgulho a criação de gado com 32 mil cabeças de propriedade coletiva. Depois a questão que incomoda as comunidades surge quase que imposta pela fonte, o cacique utuxaua responsabilizando o convívio com os brancos: “Hoje o problema número um de todas as comunidades é a bebida alcoólica: a venda e o consumo de bebida alcoólica”. A repórter pergunta se ele tem ideia de quantos estão nesta situação e o indígena responde: “É a maior parte dos indígenas hoje. Eles trocam o seu próprio alimento por bebida alcoólica para consumir e é porque ele já está dependente, né?” Cristina então ouve a FUNAI e novamente muda de assunto mostrando “o orgulho das comunidades indígenas”: a escola no momento em que acontece uma aula sobre a história de Raposa Serra do Sol. A fala da professora indígena encerra a peça: “Fazer com que ela seja reconhecida mundialmente, principalmente para o nosso futuro”. Um claro exemplo da competência cultural do uso das mídias adquirido no devir da resistência indígena (Notícia nº 10, JN 2011, Anexo II: 553).

O mesmo valor ainda é usado em duas reportagens para falar do plebiscito no qual a população do Pará escolherá se está a favor ou não da divisão do território do estado para a criação de mais dois estados federativos: o Tapajós e o Carajás. Na primeira, apenas informa o que é plebiscito, seu cunho obrigatório mesmo para os paraenses que se encontram fora do estado e a funcionalidade da decisão para a governança do país. A histórica luta separatista – que caso a separação se efetivasse favoreceria a elite latifundiária paraense – não é mencionada (Notícia n° 3, JN 2011, Anexo II: 547).

E a última, com Cristina já em Marabá, a relevância de proximidade é usada para sublinhar a importância do Porto de Santarém, e a criação do estado do Tapajós: “O PIB, a soma de tudo o que é produzido pela economia, seria de quase seis bilhões e meio de reais, onze por cento do PIB do Pará. A região é estratégica. Visitamos este porto que manda soja do centro oeste para a Europa”. Ou: “Na região que pode vir a se tornar um novo estado, está sendo construída a usina hidroelétrica de Belo Monte e a estimativa é que a obra traga desenvolvimento e a migração de até cem mil pessoas para a região”. A promessa de ouvir o que pensam os paraenses aparece apenas na técnica jornalística que ouve os contrários de representantes oficiais pró e contra a separação, o mais são impressões de pessoas falando dos problemas da região. (Notícia n° 2, JN 2011, Anexo II: 546).

Cinco das seis reportagens do ano com uso do valor-construção da consonância são construídas no sentido de mostrar compatibilidade entre desenvolvimento sustentável e crescimento do país. A primeira, parte da série sobre o Código Florestal apresenta a política do governo sobre as Áreas de Proteção Permanentes – as APPs – de Reserva Legal – RL – em propriedades rurais particulares, e mostra o conflito entre ruralistas e ambientalistas. O jornalista, Julio Mosquera, conduz a reportagem seguindo as técnicas do jornalismo objetivo, explicando no lead o que são as RLs e as APPs e quais as principais polêmicas entre ambientalistas e ruralistas, ouvindo ambos os lados e esforçando-se para ouvir além dos ruralistas, especialistas, ambientalistas e pequenos agricultores.

Mas assume a ideia progressista que une crescimento com sustentabilidade colocando a alternativa das compensações como saída para o impasse. Primeiro na voz de um representante da Ong, WWF: “A gente tem uma imensa oportunidade de criar uma marca “*made in Brazil*”, igual a “produto ambientalmente correto” sem contribuir para o desmatamento e sem contribuir para o aquecimento global”; depois, dizendo que a compensação “não será feita da noite para o dia”, podendo ser realizada pelo proprietário

em até 20 anos, explica o que é a compensação e dá um exemplo de um agricultor que comprou uma terra mais barata para compensar a desflorestamento de sua propriedade em outro estado, porém no mesmo bioma.

Trata, portanto, o conceito de bioma e de bacia hidrográfica como representações espaciais e classificatórias, e não de conjunto de ecossistemas²⁵⁸. Diz Julio: “O projeto do novo Código Florestal prevê compensação dentro do mesmo bioma. Ambientalistas querem reduzir essa distância para a mesma bacia hidrográfica: área sob influencia de um grande rio”. Depois ainda, colhe a fala de um especialista que diz que a compensação é melhor quanto mais próxima da área a ser compensada e Julio apresenta um exemplo de um município da Amazônia Legal, para justificar que o sul e o sudeste não têm áreas para serem compensadas. Fecha a reportagem com a fala do relator do projeto, dizendo que os pequenos proprietários estarão isentos da obrigação e comentando que os ambientalistas defendem “incentivos oficiais” para que esses agricultores, não desmatem. Ou seja, expressão usada para dizer que o dinheiro que sairá do governo (Notícia nº19, JN2011, Anexo II: 564).

Seis meses depois, após o texto do “novo” Código Florestal Brasileiro entrar no Senado Federal, o JN, acompanha a discussão do texto em mais duas reportagens com o mesmo jornalista que usa quase as mesmas fontes usadas na matéria de seis meses antes. Em uma, Julio Mosquera, explica tudo novamente e diz que os ambientalistas não gostaram do texto final e diz porque com a fala do ex-diretor geral do Serviço Florestal Brasileiro – SFB, Tasso Azevedo:

“Abre possibilidade de novos desmatamentos em áreas sensíveis como áreas de encostas, topos de morros, as de preservação permanente. O segundo impacto fundamental é que nós deixaríamos de recuperar cerca de 50 milhões de hectares de áreas de florestas que deveriam ser recuperadas. E, um terceiro impacto, é que a gente generalizaria a ideia de anistia”.

Julio não explica porque o texto “abre possibilidade de novos desmatamentos”, ou como o impacto seria de recuperação de cerca de 50 milhões de hectares, ou ainda o que significa “generalizar a ideia de anistia”. Em vez disso, segue dizendo que “as negociações evoluíram” e mostrando um exemplo de compensação usado por um fazendeiro paulista. Só já quase no fim da reportagem é que o telespectador atento entende um pouco a fala de

²⁵⁸ Um mesmo bioma tem muitos ecossistemas que são dependentes de diferentes hidrologias: bacias hidrológicas e pluviosidade.

Tasso Azevedo quando reclama que vamos deixar de recuperar milhões de hectares, diz Julio:

“Ambientalistas queriam que apenas agricultores familiares ficassem livres de recompor a reserva legal, mas a isenção vai valer para todos os imóveis rurais com área que varia de 20 a 400 hectares, conforme a região do país. A proposta agradou a Confederação Nacional da Agricultura”.

Então entra a fala da senadora e presidente do Conselho Nacional de Agricultura, a pecuarista, Kátia Abreu, dizendo-se preocupada com “pessoas que são pequenas e de médias propriedades” e fecha com a ministra do meio ambiente, Izabela Teixeira dizendo que houve avanços importantes. (Notícia 5, JN 2011, Anexo II: 549).

No dia seguinte, nova reportagem da série do CFB, com o mesmo jornalista abordando a polêmica em torno das APPs. Desta vez são anunciados dois pontos a serem abordados na reportagem: a área de recuo para monocultura e pecuária às margens dos rios, olhos d’água e nascentes; e a anistia dos que desmataram antes de 2008.

Julio Mosquera, alinhado com a ideia de crescimento com sustentabilidade, primeiro mostra o exemplo de uma usina de etanol que perdeu área de plantio, mas ganhou o “[...] o certificado de produção sustentável, valorizando a empresa no mercado mundial”. Depois explica que o texto em discussão no Senado “evoluiu para assegurar que deve ser de 15 metros, a faixa mínima de vegetação que deve ser recuperada às margens dos rios de até 10 metros de largura”. A verdadeira discussão, entretanto não é essa. Trata-se sim de definir a faixa mínima com o rio em vazão normal ou na época da cheia. Ambientalistas queriam vegetação nos 30 metros de recuo dos rios e nascentes com vazão normal e sem medição da largura dos rios, pois esta é sazonal. E é isto o que aparece mesmo que de forma fragmentada na fala do ex-diretor do SFB, bem mais a frente no texto, quando, entretanto, Julio ao apresentar a fala muda o assunto. Diz Julio: “O texto em debate no senado ainda não garante a preservação das nascentes”. Diz o diretor: “A ideia é que você tenha o mínimo de trinta metros (falando do assunto anterior: a faixa mínima de vegetação reivindicada pelos ambientalistas) exatamente para as nascentes, os olhos d’água e para todos os outros demais rios”.

Um claro caso de manipulação no curso da linguagem, através de técnicas de edição. Depois fala que os ruralistas “resistem porque tal recuo vai atingir pequenos e médios agricultores” e mais uma vez quem legitima a fala do repórter é a senadora e pecuarista, Kátia Abreu.

Quanto à questão da anistia aos desmatadores apesar de ser anunciada na primeira fala do repórter – “O projeto do novo código florestal saiu da Câmara sem garantias de recuperação das APPs desmatadas antes de julho de 2008” – não volta à discussão na peça (Notícia nº 4, JN 2011, Anexo II: 548).

O valor de consonância é usado ainda em duas notícias pela jornalista Cristina Serra: em uma, consoante com a sustentabilidade, sobre a obra da usina hidrelétrica de Belo Monte e em outra – a única em que o valor difere – consoante com o caso Raposa Serra do Sol. A primeira é para mostrar o trabalho da empresa construtora da usina, Norte Energia, enaltecendo sua preocupação socioambiental ao qualificar mão de obra local e oferecer emprego com “carteira assinada pela primeira vez” para muita gente que vivia na floresta, sem indagar onde essas pessoas vão trabalhar com o fim da obra (Notícia nº 13, JN 2011, Anexo II: 556). A segunda, o mote que garante a construção da série: o anúncio de que os problemas não acabaram em Raposa Serra do Sol com a demarcação das terras indígenas pelo STF (Notícia nº 11, JN 2011, Anexo II: 555). Temos ainda mais uma notícia com o valor da consonância atrelando sustentabilidade e crescimento mostrando o projeto, “Municípios Verdes”, e o caso de sucesso no município de Paragominas, no Pará (Notícia nº 8, JN 2011, Anexo II: 552).

As dramatizações são usadas em seis notícias. Em duas delas a questão tratada é a saúde pública: uma denuncia que o fechamento de um hospital em Brasília provocou o caos em outro hospital em Mato Grosso, que passou a receber mais pacientes sem infraestrutura para tal (Notícia nº 16, JN 2011, Anexo II: 560); e outra, é uma comunicação de risco com a deflagração de uma epidemia de Dengue no Acre (Notícia nº 22, JN 2011, Anexo II: 567).

Uma terceira é parte da série Raposa Serra do Sol, na qual Cristina Serra mostra a situação dos não-índios retirados da reserva dois anos e meio após a decisão do STF, mostrando as condições precárias de vida dessa gente sem dizer que são os trabalhadores remanescentes das fazendas de arroz que foram demitidos ou pessoas que escolheram sair das terras porque não se declararam indígenas. Mostra como estão vivendo os arroteiros em terras que dizem não ser tão boas para o plantio do arroz o que havia provocado a queda em 40% da produção. Ainda assim, a reportagem tem o mérito de mostrar o não cumprimento das indenizações nos termos da lei pelo governo, na tarefa de assentamento dessas famílias, além de denunciar a morosidade da regularização das terras recebidas pelo

INCRA. O fechamento da matéria exhibe ainda o envolvimento da repórter com a questão. Cristina encontra uma pessoa que conseguiu dobrar a sua indenização e capta a fala do ministro dizendo que este é o papel da justiça. Com isso incentiva todo o grupo para entrar com processo judicial na busca por seus direitos (Notícia n° 9, JN 2011, Anexo II: 552).

Em mais duas, agora assinadas pelo jornalista, André Luiz Azevedo, a dramatização serve a lógica produtivista. Uma da série “*Blitz da Educação*” que não segue o tema da pauta conferido como seleção por relevância. Na seleção tal relevância referia-se aos problemas com a educação no norte como consequência dos grandes deslocamentos enfrentados pelos alunos para chegarem à escola. Mas André Azevedo encontra duas realidades vividas por duas escolas e usa o valor dramatização calcado nos dados estatísticos do IDEB: a de pior e a de melhor avaliação na cidade de Belém. A de pior avaliação é uma escola pública que funciona em uma zona de violência e tem alto rodízio de professores. O jornalista culpa os professores e diz que lá, “greve já virou verbo”. Na segunda, mostra uma escola militar, na qual os pais de alunos contribuem com o pagamento de propinas de baixo valor, mas com professores valorizados e bem remunerados. Toda a dramatização é feita permeando a narrativa com a história de uma aluna que se esforça para estudar na escola de pior avaliação, mas não a relaciona como um direito cidadão ou como origem da desigualdade social no país, fechando a reportagem com a fala de um pedagogo aconselhando aos pais o incentivo dos filhos (Notícia n° 18, JN 2011, Anexo II: 562).

A outra dramatização é construída numa reportagem que narra conflitos trabalhistas que paralisaram as obras de duas usinas hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau, no estado de Rondônia, que fazem parte do PAC. O drama é atribuído à economia brasileira, posto que as usinas quando prontas poderiam “[...] praticamente fornecer energia para todo o estado de São Paulo.” O alinhamento da narrativa é claramente em favor da empresa construtora, a Camargo Correia, que reclama de um grupo de trabalhadores que destruiu instalações da empresa:

“Não havia nenhuma pauta trabalhista. O que aconteceu aqui foi um ataque de uma minoria, isolada e que provocou um vandalismo e nós retiramos cerca de oito mil funcionários desta usina a pedido e por ordem da polícia do estado de Rondônia” (Marcelo D’Angelo, diretor da Camargo Correia).

O jornalista mostra as instalações que abrigavam os trabalhadores em Jirau, constatando a boa qualidade dos alojamentos, diz que a justiça decidiu multar o sindicato caso os trabalhadores não retornem aos seus serviços e mostra que muitos deles já

evadiram do compromisso, retornando aos seus estados de origem. O fechamento da narrativa é construído com entrevistas rápidas com os trabalhadores que decidiram ficar e apela para o patriotismo no trabalho: “Evanilson já trabalhou em outras barragens pelo Brasil e espera que os problemas sejam resolvidos para continuar participando de obras importantes para o país” (Notícia n° 21, JN 2011, Anexo II: 566).

A última dramatização constrói a reportagem de Cristina Serra sobre uma série de assassinatos e ameaças de morte cometida contra camponeses no assentamento de Nova Ipixuna, na cidade de Marabá. As denúncias são feitas pela Pastoral da Terra, instituição religiosa que trabalha há cerca de 60 anos na Amazônia em defesa dos camponeses. A jornalista enfatiza que o cerne dos assassinatos é a impunidade dos mandantes dos crimes dizendo que apenas o mandante do assassinato da freira e militante ambiental, Dorothy Stang, está preso e destaca a fala do advogado da Pastoral da Terra: “A permanência da impunidade é o incentivo à continuidade da violência no campo” (Notícia n° 15, JN 2011, Anexo II: 559).

A descrição das reportagens do ano sobre a Amazônia termina com duas notícias sob o valor da personalização e uma amplificação. Numa, Daniela Assayag, personaliza com sensibilidade os botos cor-de-rosa, mitológicos na vida dos amazonenses, para denunciar o crime ambiental do uso de sua carne como isca de pesca (Notícia n° 1, JN 2011, Anexo II: 546). E na última, Tonico Ferreira personaliza o bioma do Pantanal, belezas e biodiversidade, para mostrar como inúmeras pequenas barragens mudaram sua hidrologia, ameaçando a vida no bioma e o ecoturismo na região. Uma reportagem com envolvimento ambiental em uma narrativa que em alguns trechos aproxima-se da poesia. No fechamento da narração, por exemplo, Tonico capta a fala da dona da pousada: “Tem garça passeando, tem kurerê..., mas não tem quem vá aplaudi-los! As capivaras daqui fazem pose, você sabia?” E o repórter diz: “Os pássaros, os macacos, os servos, os jacarés, os peixes ornamentais ainda preservados, estão à espera dos turistas. E sim. As capivaras do Pantanal fazem pose para a fotografia”, e finaliza com um close na capivara posando para a câmera (Notícia n° 20, JN 2011, Anexo II: 565).

Figura 64: notícia nº 20, JN 2011.



Fonte: TV Globo

O valor amplificação é usado em uma notícia curta, apenas para anunciar o caos na saúde pública em Mato Grosso, provocado por uma enchente e justificar a ida da equipe para o local (Notícia nº 7, JN 2011, Anexo II: 551). Abaixo o quadro que sistematiza os valores-construção das reportagens:

Figura 65: Quadro dos Valores-Notícia de Construção do JN

Valores-Notícia de Construção	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	Total
Amplificação	0	2	2	3	1	0	1	9
Relevância de Proximidade	2	3	1	6	7	8	7	34
Personalização	2	7	0	7	5	4	2	27
Dramatização	18	10	13	15	11	7	6	80
Consonância	2	5	3	4	6	9	6	35

Arremate (In) Conclusivo:

A abordagem sociocognitiva hegemônica das televisões estudadas sobre a Amazônia em meados da primeira década do século XXI revela sim e ainda, uma macro narrativa repleta de colonialidade de poder atuante em construções estereotipadas e concepções homogeneizantes que obstaculizam a fruição da informação ambiental para o debate democrático, confirmando a hipótese da tese. Mas não só e, de maneiras diversas marcadas por cognições diferentes pelas comunidades interpretativas, portuguesa e brasileira.

Em Portugal, via RTP, a tríade discursiva de uma Amazônia rica, vazia e vulnerável é mantida em alinhamento com o pensamento político ambiental salvacionista da riqueza natural da Amazônia com influência das ONGs internacionais, pelo total desconhecimento da população amazônica, e por sua vulnerabilidade diante do apetite capitalista que põe em cheque a sobrevivência no mundo. Já no Brasil, via TV Globo, essa tríade é mantida pela valoração da riqueza amazônica em alinhamento com o pensamento político ambiental do governo brasileiro fortemente comprometido com o crescimento do agronegócio. A Amazônia já não é tão vazia, pois sua população moradora começa a ser percebida e retratada pelos jornalistas brasileiros, mas ainda majoritariamente como obstáculo ao crescimento do país e no constructo de imagens descontextualizadas de seus lugares sociais e culturais. A vulnerabilidade ainda é calcada na afirmação da autonomia do poder político do Brasil em seu território, ou seja, na ideia colonialista de uma soberania nacional vulnerável. O racismo ambiental é praticado quando tal vulnerabilidade é atribuída à presença dos indígenas nas fronteiras.

Ambas as interpretações, porém, mantêm o discurso neoliberal da globalização de primazia da instância econômica de mercado livre e minimização do poder estatal diante de suas sociedades e das sociedades mundiais, conservando as questões ambientais e os saberes da Amazônia para além da margem dos centros decisórios de poder seja da UE, seja do Brasil. A riqueza amazônica é subserviente dos interesses mundiais e nacionais – brasileiros, sua população é invisível ou obstáculo para esses mesmos interesses e sua vulnerabilidade está expressa pela linguagem propagandista, “Amazônia, pulmão do mundo”, na televisão portuguesa; ou “A Amazônia é nossa”, na televisão brasileira. Nesta última como condição inequívoca para o desenvolvimento do Brasil.

A crise ecológica permanece assim percebida na sua mono causalidade a - histórica e trágica na linguagem jornalística de ambas as televisões identificando a Amazônia por valores culturais ocidentais ignorando as muitas não-ocidentalidades amazônicas. A exuberância da natureza, a espetacularização do belo, a desconfiança com os povos indígenas, o desconhecimento dos entre - lugares das identidades amazônicas são valores frequentes nas seleções dos fatos noticiados, assim como nos retratos construídos na linguagem de ambas as televisões. Isto evidentemente é mais grave para a análise da TV Globo e sua pretensão de garantia da divulgação da cultura brasileira para o mundo, assim como a de integração nacional da diversidade cultural brasileira num país de dimensões continentais. Mais também o é, na recuperação do empreendimento estratégico político-econômico assumido por Portugal, que a lusofonia encerra.

Mas o percurso trilhado a partir dos lugares visitados e dos recortes de olhar, revelou também o que eu chamo de “uma tímida insurgência epistêmica” no campo do jornalismo. Permitiu ver fissuras na força hegemônica, conseguidas pelos jornalistas, conscientes ou não, por táticas diferentes de penetração de contra-hegemonia nesse meio massivo de comunicação social. Tais revelações me levaram à concordância com a teoria de Habermas (1984) próprias da razão comunicativa nessas insurgências na relação sujeito - outro sujeito e sujeito - natureza, numa valoração altruísta de mundo. Mesmo considerando que a cultura jornalística pautada na razão instrumental é colonizadora da cultura jornalística da razão comunicativa, é mobilizador perceber que a última pode penetrar em empresas dominantes e alcançar esferas públicas abrangentes no território linguístico.

Vale agora apontar, como tais racionalidades se estabeleceram no espaço-tempo estudado para, na trilha do pensamento de Santos, vislumbrar uma nova cultura política no processo de produção do jornalismo televisivo com o objetivo de transformar as relações de poder desigual em relações de autoridade partilhada no espaço-tempo da cidadania amazônica (Santos, 2008:14).

Amazônia, para que te quero?

O recorte temporal da investigação, entre os anos de 2005 e 2011, apresenta o interesse jornalístico das duas televisões estudadas sobre a Amazônia de modos diferentes.

O interesse institucional é produzido pela crença da RTP que o tema, Amazônia, conquista a audiência dos portugueses e aproveita-se do sucesso de audiência de seus produtos jornalísticos e na concorrência com outros conteúdos de produção e perante as outras emissoras privadas do país. Tal interesse surge em níveis inferiores aos interesses econômicos e políticos nacionais e regionais. Especificamente mostrou queda no aumento da crise econômica europeia e de Portugal, e alta quando pretendia apoiar a política ambiental promovida pela UE.

Já a TV Globo evidencia um interesse pelo tema sempre pautado pela política de desenvolvimento do Brasil interessada no sucesso do agronegócio em escala global. Evidencia alto interesse em pautar a região nos momentos políticos de embate entre interesses do agronegócio e interesses ambientais. É exatamente a isso que se deve a grande profusão de notícias sobre a Amazônia, nos anos de 2008 e 2009, quando se instaura a crise no bojo da governança brasileira entre as bancadas ambientalista e ruralista.

Amazônia, de onde te vejo e para onde te levo?

O acompanhamento dos fluxos das notícias através da observação nos documentos disponibilizados pelas duas televisões e nas informações por mim adquiridas no trabalho etnográfico dentro da RTP, e com a TV Globo revelou as rotinas dos *gatekeepers* nas origens das produções e seus encaminhamentos. Nestes percursos puderam ser percebidos portões abertos e fechados para o tema.

No fluxo de chegada, percebo a tendência da televisão portuguesa ao acolhimento (muitas vezes na íntegra) de notícias sobre a Amazônia através das agências noticiosas internacionais, e da parceira brasileira, TV Bandeirantes, ficando assim, mais dependente do controle editorial desses meios quando não há de um modo geral interesse dos editores na redação em Lisboa em modificar ou personalizar o conteúdo dessas notícias, posto que seu correspondente esteja lotado no Rio de Janeiro e seu deslocamento só é autorizado em situações especiais.

A consequência desta abertura é a penetração de uma tradução reticente ou repetente dos interesses ideológicos e/ou comerciais das agências; assim como da tendência à repetição do estilo próprio da TV Bandeirantes, no conteúdo da notícia,

provocando ampliações, distorções e até mesmo erros na representação do tema de estudo, como mostrei em vários casos na descrição das notícias.

Além do que, a TV Bandeirantes, através da relação mantida com suas afiliadas do cenário da política brasileira, recebe conteúdos produzidos pela comunidade interpretativa de grupos dominantes dos estados da Amazônia Legal, muitas vezes sutis e não percebidos pela comunidade interpretativa da RTP. A televisão portuguesa, na tirania do tempo imposta pela rotina de produção televisiva, pelo desconhecimento dos movimentos sociais e das forças políticas incididas sobre a Amazônia, acaba por reproduzir interesses ideológicos da parceira.

No fluxo de saída das notícias sobre a Amazônia os portões estão abertos – até mesmo por força da lei portuguesa – para os países falantes da língua portuguesa de alcance da RTP. Assim as notícias da Amazônia chegam para os africanos e para os emigrantes portugueses que vivem em qualquer parte do planeta, através das repetições e edições de notícias para a RTP África e TV por assinatura, com os filtros produzidos em edições feitas na maioria pelos *gatekeepers* da matriz (redações de Lisboa e Porto), mas, como já dito, que carregam muito da lógica comercial das agências e da subjetividade da televisão brasileira parceira, além da política das ONGs internacionais, própria da preferência de escuta da comunidade interpretativa portuguesa.

Nesta saída, porém, apenas uma insurgência contra-hegemônica pôde ser observada: foi oportunizada pela atitude sensível do Jornalista, Antônio Fernandes, ao permitir/repetir que a notícia de produção da RTP África, construída pela jornalista guineense, Indira Baldé, alcançasse a capilaridade da fluxometria das notícias nacionais, colocando-a na grade do Bom Dia, no canal RTP1. Todos os portugueses puderam ver a relação entre crianças de Guiné e crianças da Amazônia, num projeto social de integração identitária, com uma representação da infância amazônica sob as lentes de um olhar africano (Anexo, Notícia n° 10, RTP 2010, Anexo I).

Os portões da TV Globo de chegada das notícias internacionais são bem mais fechados, todas as notícias que chegam via agências, recebem tratamento editorial tradutório e complementação de conteúdo. Além disso, seus correspondentes estão presentes em quatro continentes com tecnologia suficiente para transmitir notícias sobre o tema via Internet. Insurgências, portanto, são mais difíceis – embora não impossíveis – e não foram observadas durante os anos dessa investigação.

São fechados também para as notícias chegadas por rede nacional – com origem no território amazônico – pelo fato da emissora matriz manter controle diário do conteúdo de cada uma de suas afiliadas especificamente na produção de conteúdos de noticiabilidade a nível nacional, os chamados “núcleos de rede”. A pesquisa revelou que a produção local desses núcleos só alcança a rede nacional quando o fato é premente e de inexorável noticiabilidade - como tragédias, crimes ambientais ou catástrofes – ou ainda quando se coaduna com os interesses econômicos e políticos da empresa. Ou seja, a subjetividade que prevalece sobre a noticiabilidade é a da equipe da matriz que de uma maneira geral, no recorte temporal da investigação, manteve-se pouco afeita à realização do exercício de alteridade. Apenas 20% das notícias estudadas tiveram como fonte as televisões afiliadas.

O resultado disso é que na fluxometria de saída das notícias temos – de uma maneira geral - uma representação homogênea da percepção da Amazônia construída pela mentalidade da comunidade interpretativa do eixo Rio - São Paulo em nível nacional. Isso se agrava nas áreas de sombra²⁵⁹, onde comunidades inteiras da Amazônia não têm direito à antena das afiliadas e não acompanham as informações dos acontecimentos locais pela emissora de maior audiência do país. Trata-se portanto de da assimetria de poderes da metáfora norte-sul, invertida dentro do Brasil no sentido sul-norte, reproduzindo no simbólico, a noção de “dois brasis” bem demarcados.

Mas também aqui há insurgências promovidas, seja em negociações com pautas conseguidas através de negociações pelos mesmos núcleos de redes das afiliadas, seja por jornalistas e/ou editores da própria matriz, ou ainda na construção da linguagem.

Amazônia, como te represento? O quê de ti retiro e o quê para ti devolvo?

O noticiário generalista de ambas as televisões estudadas obedece a terceira lógica da objetividade descrita por Rosen (2003) comprometida com o conjunto de rotinas e procedimentos muito orientada pelos valores-notícias, pela separação entre fatos e opiniões e com primazia na escolha de fontes oficiais. A diferença evidenciada é que a TV Globo acrescentou em seu noticiário diário um formato de narrativas mais longas, do

²⁵⁹ Chamo de “áreas de sombra” os locais distantes das cidades onde se encontram as antenas das afiliadas e que apenas captam o sinal da TV Globo por antena parabólica, via satélite. Esses locais só recebem os jornais da rede nacional, não recebendo, portanto, as informações locais produzidas por essa emissora (Cf. Cap IV: colocar pag).

gênero reportagem, permitindo maior emergência de interpretações em suas produções, principalmente na abordagem do tema aqui estudado.

Tal diferenciação de tipo de relato jornalístico, entretanto, proporcionou sim – como queria Bueno (2007) algumas insurgências epistêmicas dos jornalistas militantes dos direitos humanos e ambientais da TV Globo ao longo dos anos observados; mas também permitiu reiteraões da cultura tradicional do fazer jornalismo. Foi forte a emersão da lógica da monocultura do saber, da monocultura do tempo linear e da classificação social (Santos, 2008), o que mais observei nas séries especiais, o que a mim apresenta uma compreensão de mundo da concepção ocidental europeizada e/ou americanizada pela comunidade interpretativa brasileira. Ao mesmo tempo, o formato curto e essencialista das notícias da RTP sobre a temática, também foi capaz de promover insurgências das vozes de jornalistas militantes e comprometidos com a cultura democrática do fazer jornalístico. Ou seja, a classificação tipológica do jornalismo não é referencia para o seu potencial transformador, até porque tal potencial pode se manifestar ainda nas escolhas dos acontecimentos a serem noticiados.

No processo de agendamento dos fatos oriundos da Amazônia nas notícias da RTP, o valor mais caro a cultura da comunidade interpretativa portuguesa foi a morte. Fatalidades foram as escolhas prioritárias dos fatos a serem mostrados para a comunidade da língua portuguesa, ocupando mais de 20% do noticiário generalista sobre a Amazônia nos anos do estudo.

A valoração majoritária foi selecionada na busca por audiência pautada da crença no negativismo de mundo (notícia ruim é a que vende), anunciando motins em presídios, acidentes aéreos, morte de gado e de pessoas em enchentes ou secas catastróficas, sem ou com pouco envolvimento socioambiental. Digo majoritariamente, pois também há aqui uma insurgência: o caso da notícia pautada no valor coletivo da vida que se perde com a morte da freira-ambientalista, Dorothy Stang, assinada pelo jornalista, André Veloso (Anexo, Notícia nº 1, RTP 2005).

Outros 20% foram notícias escolhidas pelo valor da relevância manifestando o que a comunidade interpretativa portuguesa considera importante mostrar as questões da Amazônia porque tem impacto na vida do seu público telespectador. Tal impacto é, entretanto, ora atribuído à importância da floresta para a diminuição dos gases do efeito-estufa (“Amazônia pulmão do mundo”) e garantia da biodiversidade planetária em

alinhamento com ONGs e com a política da UE, ora relevando a importância da floresta para o desenvolvimento do Brasil, num agendamento desconexo de políticas contrárias e conferindo uma total invisibilidade da diversidade humana e seus saberes amazônicos.

A principal insurgência da força contra hegemônica do agendamento da RTP surge através da escolha sob o valor conflito, o quarto mais forte no quadro de valores de seleção da emissora. É a notícia assinada pela jornalista, Lavínea Leal, em 2008, no caso da disputa por terras em Raposa Serra do Sol, com o sucesso da negociação da jornalista junto à chefia de redação da matriz em Lisboa, através do aproveitamento de imagens dos indígenas vestidos a caráter, em Portugal.

A jornalista usa a tática preferida dos media para garantir a emissão da reportagem: a do deslizamento de sentido com imagem pretérita do indígena na linguagem não verbal, para denunciar a situação presente dos índios na linguagem verbal. Tal notícia irá se somar às produções que acolheram as imagens da violência feitas pelos próprios indígenas nos vários meios de comunicação internacionais e representar a única voz em favor dos índios na língua portuguesa. Uma produção que contribuirá por fim na resolução do Supremo Tribunal de Justiça brasileiro de manter nas mãos dos índios de forma integral as terras de Raposa Serra do Sol, um ano depois.

Na construção das curtas narrativas da televisão portuguesa temos o valor dramatização utilizados em mais de 30% da produção estudada, seguido do valor ampliação em quase 20%. Dramas e ampliações sensacionalistas ou romanceadas se alternam na linguagem representando uma Amazônia sem lei – repetindo o mito do inferno verde – ou mostrando uma Amazônia bela e rica em fauna e flora, como no caso das narrativas de perspectiva naturalistas do Jornalista Luiz Henrique. A defesa do meio ambiente é servil aos interesses econômicos internacionais denotando um despreparo crítico por parte da comunidade interpretativa sobre o conceito de desenvolvimento sustentável, alheios das desigualdades na distribuição e apropriação dos recursos da floresta para a população amazônica, além da falta da escuta dos movimentos sociais locais.

As exceções surgem nas narrativas acompanhando as insurgências conseguidas através dos valores-seleção. Ou seja, não foi observada na produção dos jornalistas

portugueses a tática da “virada de pauta através da linguagem”²⁶⁰ como foi possível observar na televisão brasileira.

Nos valores-seleção da televisão brasileira através do seu principal jornal, a pesquisa mostra que as escolhas dos jornalistas são valoradas por relevância em mais de 30% e por conflitos em quase 25% das 185 notícias estudadas. Tais relevâncias, porém, são pautadas no crescimento da economia brasileira em alinhamento político com os interesses do agronegócio. Já os conflitos são frequentemente apresentados silenciando a voz indígena e cabocla, ou apresentando-as como transgressoras da ordem.

Entretanto, a valoração da seleção do Jornal Nacional apresenta uma exceção na série de cinco reportagens, “Índios do Brasil”, emitida em 2009, sob a assinatura do jornalista Marcelo Canellas (Anexo, Notícias nºs 7,8,9,10 e 11, RTP 2009). A competência comunicativa ligada aos direitos humanos leva o jornalista ao sucesso no consentimento da agenda na qual se utiliza de quatro valores-seleção com envolvimento socioambiental: releva a pedagogia e a cultura das populações da “Cabeça do Cachorro”, na educação e na religiosidade; apresenta a novidade da forma de várias etnias na participação na política do país; aproxima índios brasileiros de índios peruanos e colombianos, desmistificando a mal fadada ameaça à soberania do Brasil; e valoriza a morte da infância indígena para denunciar o descaso do estado brasileiro com o futuro dessa população.

Apesar da negação por mim sofrida nas autorizações para a pesquisa por parte da TV Globo – que não me permitiu entrevista com o jornalista comentado para certificar tal agendamento pelo jornal – atribuo tal insurgência epistêmica no campo do jornalismo brasileiro às próprias palavras do jornalista em um artigo acadêmico quando diz “que é inaceitável abdicar da inquietude” e da “capacidade de pensar livremente” (Canellas, 2009:11), próprias do direito humano da livre expressão e mais ainda, da obrigação da profissão.

Ou seja, a mesma inquietude demonstrada pela jornalista da RTP, Ana Luiza Rodrigues, ao ser entrevistada nesta pesquisa (Apêndice A), como condição *sine qua non* para penetrar nas fissuras do fazer jornalístico televisivo hegemônico. A vantagem disso

²⁶⁰ Chamo de tática de virada de pauta quando um jornalista cumpre a pauta recebida pelas instâncias superiores, mas constrói sentidos nas entrelinhas da linguagem para mostrar um olhar diferente sobre o acontecimento. Mesmo sabendo que pode ser cortado na edição, aposta na correria do dia-a-dia da redação e tenta passar conteúdo por baixo do controle e dos olhares dos editores.

está na linha de chegada da própria esfera pública ampliada que tal hegemonia alcança, oferecendo por si uma “boleia” à força contrária.

Quanto aos valores de construção da linguagem usados no Jornal Nacional da TV Globo, o valor dramatização é o mais forte, ocupando mais de 40% da produção estudada, seguido do valor relevância de proximidade que é objeto das intensões dos jornalistas em outros quase 30%. Dramas e aproximações forçam a interpretação de que o bom para desenvolvimento do Brasil é seguir sua vocação de latifúndio mundial, desde que reitere a soberania nacional sobre o território amazônico.

Tal intenção chega ao auge da total perda de senso ético com uso do valor de tal concepção é a chocante cena de humilhação, quando o jornalista, Julio Mosquera, relembra a indígena, Kitakriti, sua mendicância à beira da estrada como forma de mostrar a importância dessa construção para o Brasil (Notícia nº 23, JN 2009, Anexo II)

Mas há ainda táticas praticadas pelos jornalistas verificadas no Jornal Nacional que permitiram insurgências na construção da linguagem. Uma delas foi a abertura do portão (ou alargamento do filtro) quando a jornalista, Cristina Serra, deixou-se levar pelas vozes das fontes e “vira a pauta” de uma das matérias da série que pretendia mostrar divergências entre os indígenas que ganharam de volta suas terras em Raposa Serra do Sol, e acaba por mostrar a paz e o saber dos índios na educação de suas crianças (Anexo, Notícia nº 10, JN 2011).

Ou ainda, da mudança de atitude e de olhar do jornalista, Tonico Ferreira, que depois de tanto frequentar a Amazônia Legal acaba por entender que crescer significa também o bem estar dos homens no convívio com os outros seres vivos, e numa linguagem poética e com envolvimento emocional, mostra o que significou a mudança da paisagem do pantanal no estado Mato Grosso depois da interferência das hidrelétricas na hidrologia do lugar (Notícia nº 20, JN 2011, Anexo II).

São insurgências que enfim, deixam esperanças para a possibilidade de uma formação cultural dos jornalistas que permita o contentamento de imaginar no amplo e variado manto da língua portuguesa um espaço de aproximação, de comunicação e de reconhecimento na sua particularidade partilhada. Seria sim um grande milagre como sugeriu Lourenço (1992).

Tais insurgências, entretanto, não encerram a possibilidade de outros olhares em outras investigações nas mais variadas metodologias que a ciência social já nos oferece

para sua ampliação ou especificação. Pelo contrário, representam apenas o alcance do olhar conseguido nesta investigação, ainda incompleto, porém sugestivo de que vale a pena debruçar-se sobre representações das amplas minorias – incluindo aqui a própria natureza – na perspectiva do sonho da descolonização de mundo no imaginário desse território linguístico. Afinal, sonhar também é preciso.

Referências Bibliográficas:

- Alaimo, Stacy e Hekman, Susan (2012). “Modelos Emergentes de Materialidade na Teoria Feminista”. Tradução de Sandra Michelli da Costa Gomes, http://parlerfemme.files.wordpress.com/2012/04/intro_memtf.pdf [22 de julho de 2012]
- Alencastro, Luis Felipe de (2000). *O trato dos Viventes: Formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Alsina, Miguel Rodrigo (1998). “El uso político de la identidad cultural”. *Comunicação & Política*. Vol 2, 165-177.
- Bacon, Francis (1997). “Novum Organum”, *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural.
- Baptista, M.M. (2005). “A lusofonia não é um Jardim: ou da Necessidade de “Perder o Medo às realidades e os mosquitos”, *Actas da Conferência Internacional Comunicação e Lusofonia*, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Braga, 7 de Outubro de 2005.
- Barbero, Jesús-Martin (2001). *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Barros, Lourival Holanda (1992). “Historiografia a Tintas Nada Neutras”. *Revista USP, Dossiê Amazônia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Superintendência de Comunicação Social. Nº 13, março-maio, 44-47.
- Barsa, Nova Enciclopédia (1999). *Cultura*. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações. (vol 5), 33.
- Beck, Ulrich (2010). *Sociedade do risco: rumo a uma outra modernidade*. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: Ed. 34.
- Becker, Bertha K. & Stenner, Claudio (2008). *Um Futuro Para a Amazônia*. São Paulo: Oficina de Textos.
- Belo, André (2004). Notícias impressas e manuscritas em Portugal no século XVIII: horizontes de leitura da Gazeta de Lisboa. *Horizontes Antropológicos*. (vol.1) 22, 15-35. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010471832004000200002&lng=en&nrm=iso. [9 de novembro de 2011].
- Beluzzo, Ana Maria (1996). “A Propósito do Brasil dos Viajantes” *Revista USP*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 30, 8-19.
- Benchimol, Samuel (1999). *Amazônia: formação social e cultural*. Manaus:Valer.

- Berno, Geovani; Agra, Klondy Lúcia (2005). “A Televisão na Amazônia e sua Contribuição ao Desenvolvimento Regional” Sessões do Imaginário, Pontifícia de Universidade Católica do Rio Grande do Sul, <http://revistaseletronicas.pucrs.br/famecos/ojs/index.php/famecos/article/view/880/667> [10 de outubro de 2012].
- Bhabha, Homi K. (2007) *O Local da Cultura*. 4ª edição. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Boff, Leonardo (1977). “Avaliação Teológico-Crítica do Sincretismo”. *Revista de Cultura Vozes*. Petrópolis: Editora Vozes, (7) 51-64.
- Bonner, William (2009). *Jornal Nacional: Modo de Fazer*. São Paulo: Editora Globo.
- Bosi, Alfredo (1992). *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bourdieu, Pierre (1974). *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.
- _____ (1997). *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Braggio, Silvia L. B. (1999). “A instauração de escrita entre os Xerente: conflitos e resistências”. *Revista do Museu Antropológico*. Goiânia-GO, UFG, (3). 19-52.
- Bridi, Sônia (2012). *Diário do Clima - Efeitos do aquecimento global: um relato em cinco continentes*. São Paulo: Editora Globo.
- Bueno, Wilson da Costa (2007). *Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente: teoria e pesquisa*. São Paulo: Marajoara.
- Burawoy, (1998). “The Extended Method”. In, *Sociological Theory*, 16 (1), 4–33. Acessado a 22.01.2011. Disponível em: <http://burawoy.berkeley.edu/Methodology/ECM.ST.pdf>.
- Calvet, Louis-Jean (2002). *Sociolinguística, uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola.
- Canellas, Marcelo (2009). *Nem Imparcial, nem Engajado: O repórter como artífice da notícia*, Rio de Janeiro: Portal da Fundação Escola Superior do Ministério Público, http://www.fesmp.com.br/leitura_artigos.php?id=21 [28 de abril de 2012].
- Chaparro, Manuel Carlos (2008). *Sotaques D’Aquém e D’Além Mar: Travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos*. São Paulo: Editora Summus.
- Choudry, Aziz (2004). CI: privatizando la naturaleza y saqueando la biodiversidade. In, *Revista Biodiversidad*, abril de 2004, n° 40. Disponível em: <http://www.grain.org/publications>. Acessado a 19.06.2009.
- CMMAD (1988). *O Nosso Futuro Comum*. Rio de Janeiro: Ed. Getúlio Vargas.

Conceição, Maria de Fátima Carneiro da (1996). *Região e Sociedade na Amazônia Brasileira: política, ciência e mitos*. Tese de doutoramento em Sociologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-11052004-103058/pt-br.php> [12 de fevereiro 2011].

Correia, João Carlos (2009). *Teoria e Crítica do Discurso Noticioso*. Covilhã: Livros Labcom.

Costa, Jorge Paixão da (2003). *Telenovela: Um modo de produção – O caso português*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.

Cunha, Isabel Ferin (2003). “As telenovelas brasileiras em Portugal”. Disponível em: *Biblioteca On Line de Ciências da Comunicação – Bocc*, <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cunha-isabel-ferin-telenovelas-brasileiras.pdf> [18 de junho de 2011].

_____ (2011). *Memórias da Telenovela - Programas e Recepção*. Lisboa: Livros Horizonte.

Dallari, Dalmo de Abreu (2000). “Terras indígenas: a luta judicial pelo direito” in *Conflitos de direitos sobre as terras Guarani Kaiowá no Estado do Mato Grosso do Sul*, Conselho Indigenista Missionário Regional Mato Grosso do Sul (Org). São Paulo: Palas Athena.

De Certeau, Michel (2002). *A Invenção do Cotidiano*. 7ª edição. Petrópolis: Ed. Vozes.

Dias, Adriano Batista (2008). “Países da Língua Portuguesa: integração para a resiliência ao aquecimento global”. In, Sicsu, A.B.; Rosenthal, D.; Katz, F.; Meneses.P.(Orgs) *Coletânea de Textos Theilhard de Chardin*. Recife: Pinter Gráfica & Editores (12), 247-262.

Dias, Edinea Mascarenhas (1999). *A Ilusão do Fausto (Manaus 1890-1920)*. Manaus:Valer.

Dias, Manuel Nunes (1983) *Estratégia Pombalina de Urbanização do Espaço Amazônico* In, *Como Interpretar Pombal?* Lisboa: Edições Brotéria.

Dowie, Mark (2006). *Refugiados da Conservação*. Tradução: Antônio Carlos Diegues. *Orion Magazine*. São Paulo: NUPAUB – Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras – USP (4) 55-62.

- Downing, John (2002). *Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. Tradução de Silvana Vieira. São Paulo: Ed. Senac.
- Drummond, Victor. “A investigação do norte e a do sul” *Canal da Imprensa*, <http://www.canaldaimprensa.com> [13 de agosto de 2003].
- Dussell, E. (2009), “Meditações anti - cartesianas sobre a origem do anti-discurso filosófico da modernidade, ” in Santos, B. S.; Meneses, M. P.(Orgs.) *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina 341-395.
- Egypto, Luiz. “As Obrigações do Jornalismo Ambiental” *Observatório da Imprensa*, <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=363AZL002> [27 de setembro de 2008].
- Escobar, Arturo (1995). *Encountering Development: the making and unmaking of the Third World*. Princeton: Princeton University Press.
- _____ (2010). “Una Mingua para el Desarrollo: lugar, medio ambiente y movimientos sociales en las transformaciones globales”. *Lima: Programa Democracia y Transformación Global*, Universidad Nacional Mayor de San Marcos, <http://www.unc.edu/~aescobar/text/esp/escobar.2010.UnaMinga.pdf>. [02 de junho de 2012].
- Esteves, João Pissarra (2007). *A Ética da Comunicação e os Media Modernos: legitimidade e poder nas sociedades complexas*. 3ª Edição. Lisboa: Ed. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Fairclough, Norman (2001a). *Discurso e mudança social*. Brasília: UNB, 2001.
- _____ (2001b). *Language and Power*. 2ª Edição. Londres: Longman.
- Fanon, Franz (1967). *Black Skin, White Masks*. New York: Grove Press.
- Ferguson, James (1990), *The anti-politics machine: “development”, depoliticization, and bureaucratic power in Lesotho*. Nova York: Cambridge University Press.
- Fortuna, D. da S. (2006). *Circulação e territorialidade econômica: o (re) ordenamento territorial no eixo médio mato-grossense da BR-163 (Cuiabá-Santarém)*. Tese de doutoramento em Geografia. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Freire, José Ribamar Bessa (2003). *Da Língua Geral ao Português: para uma história dos usos sociais das línguas na Amazônia*. Tese de Doutorado em Literatura Comparada. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ.

- Geertz, Clifford (2000). *O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. 3ª Edição. Petrópolis: Ed. Vozes.
- _____ (1978) *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- Genro, Adelmo (1987). *O Segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Tchê.
- Gondim, Neide (1994). *A Invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero.
- Gouveia, Jorge Bacelar (2006). *As Constituições dos Estados de Língua Portuguesa*. 2ª edição. Coimbra: Almedina.
- Gramsci, Antônio (1978a). *Os Intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- _____ (1978b). *Concepção Dialética da História*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Grosfoguel, Ramón (2010). “Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global” in Santos, Boaventura de Sousa & Meneses, Maria Paula (Orgs). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez. 455-491.
- Gunder Frank, André (1967) “Capitalism and underdevelopment” in, *Latin América*, New York: Monthly Review Press, 219- 278.
- Habermas, Jürgen (1984). *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Tradução de Flávio R. Kothe, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- _____ (1989) *Consciência Moral e Agir Comunicativo*. Trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- _____ (1991). *Theory of Communicative Action*. Cambridge: Polity Press (1).
- Hall, Stuart (2006). *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A.
- _____ (2009). “Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais”. Sovik, Liv (Org.). Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Haeckel, Ernst (1866). “*Generelle Morphologie der Organismen : allgemeine Grundzüge der organischen Formen-Wissenschaft, mechanisch begründet durch die von C. Darwin reformirte Decendenz-Theorie*”. Berlin.
- Harvey, David (2004). *O novo imperialismo*. São Paulo: Loyola.

Herscovitz, Heloiza Golbspan (2000). “O Impacto da mídia americana no jornalismo brasileiro: interpretação de um modelo ou caricatura?” Disponível em Portal do Observatório da Imprensa, <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/jd201220006p.htm>. [20 de agosto de 2003]

Hirschman, Albert (1981). *Essays in Trespassing: Economics to Politics and Beyond*. Cambridge: Cambridge University Press.

Holanda, Sérgio Buarque de (1977). *A Época Colonial: administração, economia e sociedade*. 4ª Edição. São Paulo: Difel. (2).

_____ (1985). “O Brasil Monárquico: o processo de emancipação”. In *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Difel. (2) 345-371.

Horkeheimer, Max e Theodor W. Adorno. (1985) *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Huntington, Samuel (1997). *O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial*. São Paulo: Objetiva.

Leff, Enrique (2003) (Org.). *A Complexidade Ambiental*. São Paulo: Cortez.

Lévi-Strauss, Claude (1962). “A Noção de Estrutura em Etnologia” in *Antropologia Estrutural I*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 313-360.

Loureiro, Antônio José Souto (1985). *A Grande Crise (1908-1916)*. Manaus: T. Loureiro.

Lourenço, Eduardo (1992). “A Chama Plural” in, *Atlas da Língua Portuguesa na História e no Mundo*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Marcus, George E. (1998). *Ethnography Through Tick & Thin*. Princeton: Princeton University Press.

_____ (1995). “Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited

Ethnography” in, *Annual Review of Anthropology*. Palo Alto, California, (24) 95-117.

Marengo J.A.; Nobre C.A.; Tomasella J.; Oyama M.; Sampaio G. ; Camargo H.; Alves, L.M. (2008). “The drought of Amazonia in 2005”. *Journal of Climate* (21) 495-516.

Matta, Roberto da (1984). *O que faz o Brasil, Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.

Mattos, S. (2002). *História da televisão brasileira: Uma visão econômica, social e política*. 2ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes.

- Marttelart, (2000) *Networking the World 1794-2000*. Minnesota: University of Minnesota Press.
- Macluhan, Marshall (1964). *Understanding Media: The Extensions of Man*. Nova York: Signet.
- _____ (1977). *A Galáxia de Gutemberg*. São Paulo: Cia. Editora Nacional.
- Meditsch, Eduardo (1997). “O Jornalismo É Uma Forma de Conhecimento?” *Biblioteca On Line de Comunicação – BOCC*, <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.html> [10 de março de 2010].
- Melo, José Marques de (2003). *História do Pensamento Comunicacional*. São Paulo: Paulus.
- Memória Globo (2008). “Trajetória de Marcelo Canellas”. <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/marcelo-canellas/trajetoria.htm>. [25 de maio de 2013]
- Mendes, José Manuel (2004). “Media, públicos e cidadania: Algumas notas breves” in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (70), 147-158.
- Meneses, Verônica Dantas (2010). *Cenário da Programação de TV Regional Aberta no Brasil: desafios e perspectivas*. Tese de doutoramento em Comunicação. Brasília: Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília.
- Michiles, Aurélio (1992). “Zapping Amazônico. Amazônia, Brasil?” in *Revista USP*. São Paulo: Universidade de São Paulo.(13), 58-60.
- Ministério de Meio Ambiente (2008). *Plano Amazônia Sustentável: Diretrizes Para O Desenvolvimento Sustentável da Amazônia*. Brasília: MMA.
- Monteiro, Mario Ypiranga (1976). *Fatos da Literatura Amazonense*. Manaus: Universidade do Amazonas.
- Moraes, Dênis de (2002). “Imaginário social e hegemonia cultural” in: *Acessa. Com: mais comunicação. Gramsci e o Brasil*, <http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=297>. [31 de março de 2011].
- Moreira, Eidorfe (1989). “Amazônia: o conceito e a paisagem” in, *Obras Reunidas de Eidorfe Moreira*. Belém: CEJUP (1).
- Oliveira, Joaquim M. (2001) “Cidadania e Circulação: estudo comparativo das normas de direito internacional e das constituições e legislações avulsas dos sete países CPLP” in, *Cadernos CPLP*. Lisboa: CPLP. (2) 29.

Ouriques, Evandro Vieira (2010). O conceito envolvimento e o caráter político das práticas linguísticas in, Resende, Viviane de Melo e Pereira, Fábio Henrique (Orgs). *Práticas Sócio-culturais e Discursos: Debates Transdisciplinares*. Covilhã: Livros Labcom. 175-196.

Pádua, José Augusto (1999). Aniquilando as Naturais Produções: crítica iluminista, crise colonial e as origens do ambientalismo político no Brasil (1786-1810). In, *Plataforma Scielo do Brazil*. (42). 497-538, <http://dx.doi.org/10.1590/S0011-52581999000300005>. [13 de outubro de 2010].

_____ (2010). “As bases teóricas da história ambiental” in, *Estudos Avançados da Plataforma Scielo Brasil*, <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142010000100009>. [Acessado a 07.07.2012].

_____ (2002). *Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Paglia, Ernesto (2011). *O Diário de Bordo do JN no Ar: cruzando o país numa cobertura histórica*. São Paulo: Editora Globo.

Papavero, et al (2002) *O Novo Éden: a fauna da Amazônia brasileira nos relatos de viajantes e cronistas desde a descoberta do rio Amazonas por Pinzon (1500) até o Tratado de Santo Ildefonso (1777)*. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi.

Park, Robert E. “A notícia como forma de conhecimento: um capítulo da sociologia do conhecimento” in: Steinberg, Charles (Ed). *Meios de comunicação de massa*. São Paulo, Cultrix, 1972.

Patrício, Raquel (2008). “Portugal - Brasil: O Lugar que Cada Um Ocupa na Política Externa do Outro”, <http://brasilamericadosul.blogspot.com/2008/11/portugalbrasil-o-lugar-que-cada-um.html> [30 de novembro de 2009].

Pereira, Lúcia Helena M. (2004). “Comunicação Popular: para além do bem e do mal” in, *Biblioteca OnLine de Ciências da Comunicação*, [http://www.bocc.ubi.pt/pereira-lucia-comunicacao-popular\[1\].pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pereira-lucia-comunicacao-popular[1].pdf). [01 de novembro de 2011].

_____ (2007) “Jornalistas Para Que e Para Quem?” in, *Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo*, <http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej/issue/view/14> (2) [01 de novembro de 2011].

Pierucci, Antônio Flávio (2003). *O Desencantamento de Mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo: Ed. 34.

- Piqueras, Andrés (2001). “O enegeismo y política. Paradojas de uma sociedade muy poco civil”. *Revista Témpera*. Madrid: Universidad de La Laguna. (4) 149-169.
- Portelli, Hugues (1977). *Gramsci e o Bloco Histórico*. Tradução de Angelina Peralva. 5ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Quijano, Anibal (2010). “Colonialidade de Poder e Classificação Social” in, Santos, Boaventura de Sousa & Meneses, Maria Paula (Orgs). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez. 84-130.
- Quijano, Anibal (2010). “Colonialidade do poder e classificação social” in, Santos, Boaventura de Sousa & Meneses, Maria Paula (Orgs). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez . 84-130.
- Ribeiro, António Sousa (2005). “A Tradução como Metáfora da Contemporaneidade” in, *Eurozine Review*, www.eurozine.com/articles/article_2005-07-18-ribeiro-pt.html. [15 de janeiro de 2010].
- Ricci, Magda (2007). “Cabanagem, Cidadania e Identidade Revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840” in, *Tempo*, (11) n. 22, 5-30, <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042007000100002> [07 de novembro de 2012].
- Rist, Gilbert (2008) *The History of Development: from western origins of global faith*. 3ª Edição. Londres: Zed Books.
- Rocha, Carmem Lúcia A. (1999). *Os Direitos de Cidadania no Brasil, no Mercosul e na Comunidade de Língua Portuguesa*. AAVV, Portugal-Brasil. Coimbra: Coimbra Editora.
- Rosen, Jay (2003). “Para Além da Objetividade” in, Traquina, Nelson e Mesquita, Mário (Orgs.). *Jornalismo Cívico*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Sachs, I. (2008). *Desenvolvimento incluyente, sustentável sustentado*. Garamond: Rio de Janeiro.
- Safier, Neil (2009). “Como Era Ardiloso o Meu Francês: Charles-Marie de La Condamine e a Amazônia das Luzes”. Tradução de Manuel Amaral Bueno. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH. (29) 57, 91-114.
- Said, Edward W. (2003). *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras.
- Salles, Marcelo (2006). “Uma Carta Para a História do Jornalismo Brasileiro” in, *Observatório da Imprensa*.

http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/uma_carta_para_a_historia_do_jornalismo_brasileiro. [11 de julho 2013]

Santos, Boaventura de Sousa (1988) *Um Discurso sobre as Ciências*. Porto: Afrontamento.

_____ (2003). *Pela Mão de Alice: O Social e o Político na Pós-Modernidade*. São Paulo: Cortez.

_____ (2005). *Semear Outras Soluções – Os Caminhos da Biodiversidade e dos Conhecimentos Rivaís*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

_____ (2008). *A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política*. 2ª Edição. São Paulo: Cortez (4).

_____ (2010). “Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes” in, Santos, Boaventura de Sousa & Meneses, Maria Paula (Orgs). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez. 31-83.

Santos Filho, José dos Reis (1999). “A Instituição Imaginária da Amazônia Brasileira: registros cognitivos e práticas sociais” in, *Revista Nera – Núcleo de Estudos, Pesquisa e Projetos de Reforma Agrária*. 9, 1-31. <http://www2.fct.unesp.br/nera/revistas/09/SantosFilho.pdf>. [16 de junho de 2012].

Santos, Milton (2002). *A Natureza do Espaço*. São Paulo: Edusp. 1ª edição 1996.

_____ (2010). “O lugar e o cotidiano” in, Santos, Boaventura de Sousa & Meneses, Maria Paula (Orgs). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez. 584-602.

Santos, Rogério (2007). *Indústrias culturais: imagens, valores e consumos*. Lisboa: Edições 70. Brasileira.

Schmidt, Luísa (2008). “Políticas Ambientais em Portugal – processos e insucessos entre o “global” e o “nacional””. *Anais do VI Congresso Português de Sociologia*. Lisboa, 25 a 28 de junho de 2008. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia.

Shiva, Vandana (2003). *Monocultura da Mendez: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia*. Tradução de Dinah Abreu de Azevedo. São Paulo: Gaia.

Shudson (1978). *Michael. Discovering the News: A Social History of American Newspapers*. New York: Basic Book.

Sobral, Filomena Antunes (2012). “Televisão em Contexto Português: Uma Abordagem História e Prospetiva” in, *Millenium*, 42 (janeiro/junho), 143-159.

- Sousa, Helena (1999). “Time-Life/Globo/SIC: Um Caso de Reexportação do Modelo Americano de Televisão?”, *I Congresso das Ciências da Comunicação da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação*, Lisboa, 22-24 de Março de 1999. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- _____ (2000) “Os Media ao Serviço do Imaginário: Uma Reflexão sobre a RTP Internacional e a Lusofonia” in, *Cadernos do Noroeste, Série de Comunicação*. (14)1-2, 305-317. Braga: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.
- Sousa, Márcio (2001). *Uma Breve História da Amazônia*. São Paulo: Agir.
- _____ (1982). *Amazônia: natureza, homem e tempo*. Rio de Janeiro: Civilização
- Spivak, Gayatri C. (1988) “Can the subaltern speak?” in Nelson, Cary; Grossberg, Lawrence (Eds.). *Marxism and the interpretation of culture*. Chicago: Chicago Press. 271-313.
- Sunkel, Osvaldo (1985). *Razón y passion en la prensa popular*. Santiago: Ilet.
- Tavares, Julio César de (2007). “Ciências da Comunicação e Teoria Social” in, *Revista On Line Desigualdade & Diversidade*. (1) 137-138 <http://publique.rdc.puc-rio.br/desigualdadediversidade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=4> [31 de outubro de 2011].
- _____ (2012). *Modernidade e Regimes de Colonialidade do Poder: Cooperação Internacional e o Racismo Cognitivo*.
- Teves, Vasco Hogan (2007). “RTP 50 Anos de História: 1957-2007” in, *As Emissões Regulares* Lisboa: RTP, <http://ww2.rtp.pt/50anos/50Anos/Livro>. [12 de março de 2011].
- Tocantins, Leandro (1979). *Formação Histórica do Acre*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Torres, Eduardo Cintra (2011). *A televisão e o serviço público*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Traquina, Nelson (2002). *O que é Jornalismo?* Lisboa: Quimera Editora.
- Traquina, N. e Mesquita, M. (2003) (Orgs.). *Jornalismo Cívico*. Lisboa: Horizontes.
- Travancas, Isabel (2010). “Etnografia da Produção Jornalística – estudos de caso da imprensa brasileira” in, *Brazilian Journalism Research*. (6)2, 83-102.
- Trinh, T. Minh-ha (1989). *Woman, Native, Other*. Bloomington: Indiana University Press.
- Tylor, Edward B. (1873). *Primitive Culture: Researches into the development of Mythology, Philosophy, Religion, Language, Art and Custom*. 2ª edição. Londres: John Murray.

UNESCO (1980). *Many Voices, One World: Towards a New, More Just and More Efficient World Information and Communication Order*. Londres: UNESCO e Kogan Page.

Van Dijk, Teun A (1990). *La Noticia Como Discurso: comprensión, estrutura y producción de la información*. Tradução de Guillermo Gal. Barcelona: Paidós.

Van Dijk, Teun A; Hoffnagel, Judith; Falcone, Karina (Orgs.) (2010). *Discurso e Poder*. São Paulo: Contexto.

Verón, Eliseo. *A produção de sentido*. São Paulo: Cultrix, 1980.

Wittgenstein, Ludwig (1994). *Tractatus Logico-Philosophicus*. Tradução: Pears e McGuinness. London: Routhledge.

Wolf, Mauro (1999). *Teorias da Comunicação*. 5ª Edição. Lisboa: Presença.

Wolton, Dominique (1996). *Elogio do Grande Público: uma teoria crítica da televisão*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Ática.

APÊNDICE A

Entrevista com a Jornalista da RTP, Ana Luísa Rodrigues. Gravada em: 11. 04. 2011 Lisboa.

Lúcia Helena: Agora o que eu quero é que tu me contes como é que surgiu na sua vida o jornalismo. Por que escolheste esta carreira. Pronto, como é que isso aconteceu, como isso se deu?

Ana Luíza: Como é que se deu? Eu tive uma conversa bastante interessante com minha mãe, eu consigo lembrar inteira, exata (risos). Porque eu me lembro dessa conversa e ficou na memória. Eu devia ter para ai uns 15 anos e, portanto, nós estávamos naquela fase, ainda estávamos a fazer o ensino secundário.

Há uma altura que temos que decidir se vamos para a área de ciências ou se vamos para área de humanidades, ciências exatas. E eu, claramente, sempre gostei mais da área de humanidades. E, depois, na área de humanidades havia sub-opções e havia uma que era de jornalismo também. Que incluía umas cadeiras de jornalismo. Isto ainda no ensino secundário. Pronto, e eu estava a conversar com a mãe e me lembro de que escolhi humanidades. Mas depois, quais são as saídas possíveis que tenho?

Pronto, por que eu tinha desejos muito diversificados. Estudava muito História, durante muitos anos quis ser arqueóloga (risos). Depois achava que era capaz de não dar, estava ali um bocado na dúvida. Dai minha mãe, por acaso foi ela que disse: Então mais olha, gosta de várias coisas e se calhar jornalismo e pareceu-me interessante. Pronto e depois fato, para ai depois dos quinze, dezesseis anos, meus últimos dois anos do ensino secundário, tinha na cabeça, portanto, essa meta: a de poder entrar para uma Universidade de Comunicação, Comunicação Social, né? Aqui na Faculdade em Lisboa. Isso quer dizer, acabou por ser também um bocadinho importante essa perspetivação, no sentido em que... Pronto, era um curso em que tinha que ter médias altas. Resultados altos no secundário e, portanto, fez com que tivesse que trabalhar até bastante para ter médias boas, para garantir que entrava. E eu entrei no curso que quis e foi que fiz. Primeiro se chamava Comunicação Social, depois mudou para Ciências da Comunicação, na Universidade Nova de Lisboa, portanto, na Avenida de Berna. Na Faculdade Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, que na prática era o curso mais afamado, digamos assim, destas áreas.

LH: E ainda é, né?

AL: E ainda é. Durante a faculdade houve certo embate, mas dos meus colegas do que meu propriamente. Mas, com a quantidade das cadeiras teóricas que havia não aquela teoria que a pessoa está a fazer a hipótese e perceber que vai ser ferramenta boa no futuro. Mas aquelas cadeiras teóricas da área da linguística e a pessoa pergunta: Por que eu perdi semestres da minha vida a trabalhar naquilo, não é? É, mas pronto. Na generalidade, eu gostei bastante do curso, gostei muitos dos anos na faculdade. Acho que foi um curso que me deu bastantes ferramentas, embora ache que poderia e deveria, sobretudo durante os dois primeiros anos do currículo. Não sei como agora está. Mas o curriculum era, por demais, teórico e são aquelas teorias que a pessoa pergunta para quê que isso vai servir um dia? Eu não tenho visão de que um curso superior deva ser, Não acho nada que deva ser só cadeiras praticas. Há colegas que acham. O curso de jornalismo tem que ensinar é a fazer. Eu acho muito bem que se ensine a fazer, mas a questão prática também é uma coisa que a pessoa vai adquirindo ao longo da vida quando faz um estagio e etc. Há coisas e há

cadeiras que se dá na faculdade e que, se não se dá na faculdade nunca mais você vai ouvir falar em lado nenhum, e, portanto, acho que justamente a universidade tem que ter esse papel de falar coisas, de abrir a cabeça das pessoas e não dá só a prática. Portanto, desse ponto de vista, também por causa disso, gostei, gostei, gostei do meu curso, Há colegas meus jornalistas, hoje em dia, que fizeram o curso comigo e que acham: ah, em lugar algum nem bate, é muito teórico, é não sei o que....

LH: E como é que você definiria hoje a importância do jornalismo para a sociedade contemporânea?

AL: (risos) Eu acho que tem uma importância muito grande, não é? Pronto isso é quase uma frase comum. Mas acho que tem uma importância muito grande e também uma importância mais sub-reptícia até, no sentido de indicar um pouco o que é notícia, o que é que merece vir a público, e se dar, portanto, um grau de importância social a um determinado acontecimento. Mais ou menos, não né? Acho que é mais sub-reptício na questão dos enquadramentos também, ou seja, não é só aquilo que a pessoa olha. Não é só aquilo que se define como notícia, como critério que envolva notícia, aquilo que aparece no telejornal, as pessoas poderão pensar que têm alguma importância. Não é só isso, é a forma como se encarrila, como se sugere as pessoas a olhar para um acontecimento sobre uma determinada expectativa. Mas, não é só aquilo que é selecionado, é também a forma como se vê um determinado acontecimento. Nesse sentido eu acho que tem, evidentemente, uma importância muito, muito, muito, muito grande.

LH: Pronto.

AL: Também não é de hoje. Por outro lado, observo, de uma forma muito intensa, por exemplo, como as questões das redes sociais e eu acho que isso, eu não sou propriamente uma pessoa esteja sempre, sempre, sempre no facebook ou que seja uma adicta completamente das questões das novas “tecnologias”, que esteja sempre a par e tal. Mas tento andar a par. E, de facto uma das coisas que acho e que sinto com o fenômeno da internet 2.0 e que trouxe e traz com certeza muitos problemas, mas que fez emergir uma coisa que é possível e, portanto, uma multiplicidade de canais que no fundo, às vezes, vão contra as mídias socialmente estabelecidas e hegemônicas. E, portanto, acho que é indiscutível a importância do jornalismo pela a forma como se olha para o mundo. Por outro lado também vejo hoje em dia, uma maior consciência das pessoas – às vezes até quase de uma forma infantil, ou seja, a dizer: ah, dizem todos a mesmas coisas, ou seja, assim também as vezes ter respeito pelo trabalho, pela tua própria profissão. Mas só para eu não perder: o que eu acho é que, apesar de continuar a ter uma importância forte na forma como se olha para o mundo e para a esmagadora maioria das pessoas também vejo a emergir certa noção contra esse próprio discurso jornalístico. Ou seja, as pessoas...

LH: Participação da sociedade no próprio jornalismo.

AL: Sim, claro que eu acho que é residual e, se calhar, é dos jovens... Mas, no próprio jornalismo, quando eu digo, não é no próprio jornalismo, ou seja, o que eu quero dizer é que vejo que influência imensa, a sociedade, por outro lado vejo algumas posturas...

LH: Sociais?

AL: Sociais e que vai contra o discurso hegemônico do jornalismo. Ou seja, uma capacidade crítica maior, uma maior capacidade crítica em relação ao discurso hegemônico.

LH: E que os jornalistas hoje não podem, não podem deixar de dar ouvidos, não né?

AL: Não, não podem. Não podem mesmo.

LH: Foi mais...

AL: Alias, por exemplo, é engraçado que...

LH: E acho que eles furam as agendas frequentemente, essa crítica social, acaba que fura as agendas?

AL: Acho que acaba por furar, um bocado, muito mais do se calhar a algum tempo atrás.

LH: Do que uns tempos atrás

AL: Uns tempos atrás, exatamente. Ou seja, eu acho que furam, embora continue ser difícil furar. Ou seja, eu, por exemplo, para já falando da minha pratica diária...

LH: Sim, continue.

AL: Eu costumo com muita frequência ver nos últimos meses. Eu trabalho na redação do Telejornal, ou seja, do principal noticiário da RTP ou das oito, embora, quer dizer, quando a gente trabalha para um telejornal, é um programa para o qual eu faço mais reportagens de uma forma... Mas é evidente que minhas reportagens também passam para os outros serviços informativos.

LH: Vai para cabo e tal...

AL: Isso vai para cabo ou vai para outro jornal que é o jornal a hora do almoço que também é muito expressivo na RTP que é chamado, Jornal da Tarde, que é emitido a partir do Porto, mas que nós trabalhamos também, se for necessário a fazer reportagem, portanto, eu trabalho para esses jornais, na área, secção, Editoria de Sociedades. Portanto, se eu puder fazer outras coisas mais gerais – e posso de vez em quando fazer uma coisa de economia – e pronto, e temos ali uma editoria que vai apagar muitos fogos diferentes.

LH: Pronto

AL: Se for preciso, mas em geral são temas sociais que eu trato. Sociais, desde problemas mais sérios até se for preciso a temas mais ligeiros? E, portanto, eu proponho, com muita frequência, muitas coisas. Tento furar muito e eu quero falar um bocadinho, como um colega meu. É no sentido de missão mesmo. Justamente, ou seja, de tentar furar o discurso hegemônico para mim conservador que há no jornalismo em geral. Não só por que acho que é da minha vida pessoal, que é da minha vida profissional, tem alguns canais abertos nesses sentidos, quer também por que acho que esse é um princípio do jornalismo e é um princípio que me foi ensinado. Um princípio que eu acho...

LH: De interesse publico?

AL: É a questão do interessa público, e é a questão das varias expectativas e é a questão do contra poder. Que não podemos dizer, se calhar, de uma forma sempre “sacrossanta”, mas é um princípio. É um princípio que infelizmente hoje em dia está em grande parte desvirtuado. Ou seja, há uma série e isso, sinto muito, e eu sei que há outras pessoas, colegas meus, nós conversamos imensas vezes sobre isso, que sentem um bocadinho que é... Há uma série de princípios maravilhosos da profissão e que tornaram a profissão bonita da forma como ela é, e eu continuo acreditar que o jornalismo é uma profissão bonita e é uma coisa do bem, e é uma serie de princípios que fazem parte desse coração da profissão, que hoje em dia estão um bocadinho desvirtuados. Nesse sentido eu não tenho, obviamente, eu sou quem sou, sou finita, estarei com certeza a contrair imensas falhas. Mas, por um lado, tenho esta consciência de uma forma muito forte e a

consciência da necessidade do jornalista ser também um cidadão. Há o exercício da cidadania, quer dizer, através do jornalismo exercer a cidadania, não é? Tenho essa consciência muito forte. E, depois, por outro lado também, porque lá estão uns pontos, com várias pessoas da sociedade civil, com os movimentos sociais e etc., que, com alguma facilidade, consigo “destelhar” algumas informações. E, por exemplo, isto pegando alguma coisa que eu estava a dizer há um bocado, são, por exemplo, muitas vezes proponho estórias que estão no facebook ou em um blog que são pessoas que postam e que no fundo tentam furar, e se calhar, nem estão a esperar de furar mas....

LH: Pegas pelas mãos?

AL: Exatamente e vou propor. “Olha tem uma estória assim, assim... cozido e frito..., queres?”
Proponho ao meu editor. E a maioria das vezes quer.

LH: Pegas pelas mãos e carregas assim.

LH: Muitas vezes quer, a maioria das vezes quer. Como é que é essa negociação com ele? (risos)

AL: Eu consigo (risos)

LH: Com seu editor?

AL: Eu consigo, eu consigo.

LH: Por acaso, claro é um caso específico, é o seu editor, e aí estamos a falar de uma relação específica, mas, por acaso, como isso funciona?

AL: Mas é assim: muitas vezes não consigo claro, mas, com alguma frequência consigo. Por quê? Para já porque são temas diferentes e o que eu acho e o que eu tento a julgar, justamente isto. Ou seja, portanto, eu acho que é há margem. E há margens para as pessoas trazerem as suas estórias e muitas de suas estórias, que são estórias diferentes muitas vezes. Por exemplo, estórias dos movimentos sociais, dependendo da maneira como se conta, ou um caso concreto de violência policial, ou outra situação do gênero, as pessoas até estão (as pessoas que eu digo são os editores) e até gostam desses temas. Gostam, quer dizer, também uma palavra um bocadinho estúpida (*risos*). Como é que pode uma pessoa gostar de um crime? (*risos*) Porque também é bom ter um jornal diversificado, um telejornal diversificado. E como, a partir das pessoas vai muito ao “rame-rame”, se deixar vir a agenda que já está feita e tal e etc.

LH: Sim, sim.

AL: Qual é o meu serviço hoje e etc.

LH: Sim, sim.

AL: Quando aparece alguém.

LH: Até eles tem um tempo também

AL: Exatamente, quando aparece alguém.

LH: Que é pequeno é curto.

AL: Exatamente, mas quando aparece alguém, se calhar disposto a fazer umas propostas um bocadinho diferentes, que já perceberam, eu tento não contar as coisas de uma forma chata ou demasiada, entre aspas, militante. Ou seja, é militante também no sentido do equilíbrio que nós temos que ter, enquanto jornalista não é? Por tanto, não é necessariamente refutado (*risos*).

LH: Sim

AL: Não é?

LH: Mas também tem que ser uma linguagem popular.

AL: Claro.

LH: Afinal de contas, tem que ser um sinal aberto, é uma TV aberta.

AL: Exatamente, claro. Portando, ou seja, o que eu estou dizendo: utilizando das ferramentas da linguagem, passarem mensagem para uma audiência muito atual e heterogênea.

LH: Sim.

AL: Muito ampla, e apesar de tudo eles até aceitam as estórias que eu proponho a maioria das historias que eu proponho. Poder-se-á dizer, muitas vezes não são estórias, tipo: outro dia eu vi uma no facebook e aceitaram e eu fiz, que era uma rapariga que foi espancada pela policia, por acaso não foi só que fiz. Não fui só eu que fiz, porque a SIC também fez e houve... Aceitaram, embora depois nesse dia o telejornal fosse curto (*risos*), depois não foi para o telejornal desse dia, pronto, foi para o telejornal da tarde do dia seguinte, ok. Mas, por exemplo, há outro tipo de estórias que eu costumo propor, dos quais gosto, e teve temas especiais com pessoas que não tem necessariamente haver com violência ou com denuncias de casos. Há coisas que eu gosto de denunciar, mas há outras coisas que não são necessariamente coisas de denuncia, mas que são projetos bonitos, são projetos diferentes.

LH: E em relação a denúncias, disseste: “há coisas que gosto de denunciar”, o que gostas de denunciar?

AL: As questões policiais, embora sejam sempre mais difíceis, por exemplo, uma questão que me toca muito, que eu acho que hoje tem muito haver com o momento português: a questão, por exemplo, uma historia que eu estou a preparar é, por exemplo, a questão dos desempregados que não estão a receber, que não estão a receber subsídios de desemprego e que estão basicamente quase sem renda, não é? Aceitaram a estória, pronto. Eu estou nesse momento a buscar casos, buscar situações de pessoas que passam por situações, eu fiz dois ou três perfis diversificados, que possam ajudar contar essa história. Eu propus e aceitaram. Não são necessariamente coisas de denúncia de violência policial, mas denúncia no sentido de pessoas que estão desempregadas, não são necessariamente um pária da sociedade, não é? Porque há ainda muito esta ideia de que: “quem recebe auxílio desemprego é um pária”, como se as pessoas por uma lado não tivessem descontado para, quando estiverem desempregadas, receberem o auxílio desemprego.

LH: Esquecem, né?

AL: Esquecem deliberadamente. Por um lado isso e a tentar furar isso. E a tentar furar e dizer também outra coisa que é: “calma lá as leis do país dizem que 50% das pessoas estão inscritas no centro de desemprego e não conseguem seguro desemprego”.

LH: É mesmo?

AL: É verdade.

LH: “Oh pá”, uma coisa que eu não sabia.

AL: Por quê? Porque muitas pessoas quando foram demitidas, por exemplo, de suas fabricas, tinham 40 e tal, entretanto, as fabricas já fecharam seu lado, muitas fábricas, por exemplo, da cintura industrial aqui de Lisboa, fecharam há 10 anos. As pessoas tinham 48 anos na altura, por exemplo, quando foram para casa tiveram o seguro desemprego durante uns anos, mas depois era muito tarde para conseguir emprego e muito cedo para se reformarem. Eu fui a uma senhora que a estória era assim. A senhora nesse

momento tem mais ou menos 55 e não tem ainda nem reforma, mas também não tem nem o subsídio de desemprego por que, portanto, acabou. Pronto, e por tanto, ou seja, muito dos temas que eu proponho e que muitas vezes aceitam, são temas desse cariz, ou seja, acabam por ser denúncia. É evidente, mas do que denúncia é mostrar como as pessoas vivem através das pessoas,

LH: Dar voz as pessoas, falastes uma palavra bastante interessante, (*risos*). Dar voz as pessoas.

AL: Claro, embora, é uma preocupação muito grande.

LH: Isso é o que interessa

AL: É muito grande e é isso por tudo tentar e outra coisa, dar voz as pessoas, contrariar mitos e contrariar ideias feitas e que vão sempre contra os mais fracos. Isto é uma coisa que eu tento muito, tentar fazer isso, ou seja, é falar com pessoas que não tem subsídios. Calma lá, nem toda gente é pária. Com certeza há casos de abusos de subsídios de desempregos, mas nem toda gente é assim, a maioria esmagadora das pessoas não é assim. E as pessoas vivem com dificuldades, portanto, vamos ter calma. Os carimbos, porque hoje em dia vive-se muito, põem-se os carimbos nas testas das pessoas, não é? Hoje em dia tudo já não é tanto assim porque o desemprego é tão forte que toda a gente tem um primo, tem um tio, tem não sei o que, não é? É forte demais, mas, por exemplo, em relação às pessoas que vivem do rendimento do social de instrução, que é um tipo de rendimento mínimo garantido. Não sei se sabes o que é uma medida.

LH: Sei, sei.

AL: Uma medida do tempo dos anos 90, em meados dos anos 90 e logo uma polémica com direita populistas e portanto visava, portanto é um subsídio que se dá quando as pessoas não tem mais sustento e tem miúdos e tal.. No fundo o estado garante uma proteção social mínima para as pessoas viverem.

LH: Que é 380 euros, uma coisa assim, não?

AL: Sim, sim é uma coisa desse género, exatamente, pronto. E que nomeadamente tem sido muito atacada nos últimos tempos, por um dos partidos que está no governo. Foi sempre uma bandeira muito contra, mas que não tiveram coragem política para acabar com a prestação. E, portanto há um carimbo na testa de que essas pessoas não fazem nada. O que acontece? Há casos de facto de abusos, há imensos casos de abusos.

LH: Mas, quem é que vive com 380 euros?

AL: Mas, por outro lado a questão é essa, é a questão fundamentalmente de lógica que se dá quinhões às antas e ninguém questiona.. Dá-se 380 euros a uma pessoa e já toda gente diz que ela não quer trabalhar, o importante é assim, é agente tem que saber, acho eu, os dois lados. Também percebo as pessoas que criticam e criticam “pedinchisse” isso eu também percebo. E, agora, não se podem pôr carimbos nas testas das pessoas, pronto. Por acaso outro dia, um exemplo de que até acharam graça lá na redação, que foi um Ministro da Segurança Social anunciou que ia fazer uma serie de cortes nas prestações sociais, nas varias prestações sociais, entre os quais esse rendimento social de instrução, que iriam poupar 70 milhões de euros para dar as reformas e tirar, no fundo e tornar mais apertadas as regras de acesso ao rendimento social de exceção para, para fazer, pronto, para supostamente ganhar dinheiro, poupar dinheiro para pôr nos sítios, reformas e etc., ok. E então foi a tarde, mandaram-me fazer uma peça para o jornal das oito sobre isso e então era ouvir o ministro e fazer um bocadinho do que o ministro estava a dizer.

LH: Falava.

AL: Estava falando, falava e tal. Então eu fui ouvir, não fui ouvir o ministro ao local, eu ouvi uma coisa gravada do ministro na hora do almoço. E, então ele dizia, então começa logo o discurso, vamos mudar o paradigma do rendimento social de exceção, que nos vai permitir poupar dinheiro, a partir de agora as pessoas têm direitos, mas também tem deveres, ou seja, não é só receber a prestação. As pessoas podem receber a prestação, mas também tem que ver os direitos a educação dos filhos, a saúde, ao emprego, ou seja, as pessoas, que eu estava dizendo é que a mudança do paradigma e as pessoas iam passar a ter que cumprir com uma serie de regras para ter direito aos rendimentos socialistas.

Comecei ouvir aquilo e comecei a ficar indignada, por que e depois comecei a ficar, mas pera lá, eu me lembro de fazer várias reportagens à uns anos atrás, alias eu fiz mestrado e um dos trabalhos do meu mestrado foi sobre o rendimento mínimo garantido, que depois passou a se chamar rendimento social em exceção. E umas das coisas logo que percebi, quando a medida foi lançada, ainda no tempo do Antônio Gutierrez era que este o subsídio, era uma medida politica publica até diferente, ou seja, que dava às pessoas, mas que também exigia algo em troca, ou seja, o rendimento social em exceção no fundo servia para dar um dinheiro as pessoas para subexistirem mas, exigia em troca uma serie que coisas para tentar também, por exemplo, promover a interação, etc., exigir que as pessoas fossem estudar, colocasse os filhos na escola, por exemplo, em relação a comida dos ciganos isto era muito visível. Eu me lembro de ter feito várias reportagens sobre pessoas ciganas que não tinham os filhos na escola porque senão tiravam-lhes o rendimento mínimo. Pronto, a questão de estarem inscritas, por exemplo, no centro de empregos, etc., etc., etc., ou seja, sempre houve uma série de regras e eu tinha essa sensação, sempre ouve uma série de regras de contra partida para pessoas que receberem essa proteção social.

LH: Essa verba.

AL: E então eu comecei a ouvir o ministro e não sei o que, ah, essa era outa: Ninguém vai poder receber o rendimento mínimo sem estar inscrito no centro de emprego.

LH: Ou seja, tinha que estar procurando emprego.

AL: Exatamente. E tinha que está inscrito no Centro de Emprego. Tinha que fazer apresentações periódicas, ou seja, eles o apresentavam como uma mudança, as pessoas iam passar a ter deveres e não só direitos. Pronto. Isso era o *chavão*, o teor ideológico do ministro. Aquilo começou a soar estranho. Telefonei para dois ou três gabinetes técnicos que eu já conheço, já falei com essas pessoas diversas vezes, lá estar né? Contatos que a pessoa tem, olha o ministro está dizendo assim, assim e assim, mas acho que isso já existe, não? Essa técnica de recibos, tanto que no fundo fazem o encaminhamento e as pessoas fazem todo esse processo para atribuição dessa prestação social. Sim, sim, já existem. As pessoas são obrigadas assinar um contrato, são obrigadas a estarem inscritas no centro de emprego, tem que ter filhos na escola, etc. Sim, sim, e outra coisa que eu dizia que era uma grande mudança é que durava um ano o contrato, depois de um ano reavaliava a situação, se a situação não continuasse tirava, se a situação continuasse, continuava o contrato. Sim, sim, os contratos também já tem um ano, bom, então, basicamente, quase tudo que o homem dizia já lá estava.

LH: Já estava (*risos*).

AL: Pronto. E ainda tentava sair nessa propriedade, mas para mudar já eram três da tarde, isso já era um, entretanto, ouvir o ministro falar com a outra e tal, essa não poderia falar comigo por que tinha que

ter autorização da..., portanto, tinha que ser uma coisa mais informal, ou com alguém que soubesse, ou com alguém conseguisse ter alguma técnica, não é?

LH: Sim

AL: E, portanto não. Não consegui fazer isso, mas liguei para vários sítios e consegui confirmar que de facto aquilo...

LH: Existia

AL: Existia e existiam todas essas condições. Entretanto, como é que eu conseguia? Conseguia através do guia da segurança social, entretanto, comecei a ver nos jornais *on line*, nos jornais impressos e tudo era assim: “mudança de paradigma as pessoas hoje vão ter direitos, mas também deveres”, ou seja, a reprodução “*ipsi-literi*”s do que o ministro disse.

LH: Porque é fácil?

AL: Claro.

LH: E por que é rápido e fácil.

AL: Rápido, exatamente.

LH: Papagaio?

AL: Papagaio, exatamente, “pé de microfone”.

LH: O jornalista papagaio (*risos*).

AL: De mostrar aquilo e na televisão agente precisa muito, sabes perfeitamente, o lado visual. Eu achei que poderia dizer que era só um teste, mas tinha outra força, outro alguém querendo falar comigo que não conseguiu e que não estava a conseguir, não havia tempo para isso.

LH: Outra imagem, não é?

AL: Outra imagem qualquer, então o que eu arranjei e consegui uns guias. A segurança social edita uns guias práticos para as pessoas sobre os vários subsídios que tem: subsídios maternidade, subsídio desemprego, o tal rendimento social de exceção, e dita guias práticos para as pessoas saberem o que é preciso ter: a documentação, qual são as regras, o que é um subsídio, a distribuição de um subsídio e etc. Por acaso estavam na internet os vários guias no site da segurança social, inclusive os guias para atribuição do RSI. Estava lá escrito, todo confuso, as regras que iam mudar e pronto nós fizemos umas imagens, pusemos um grafismo com aqueles guias e depois eu disse que, pronto: a reportagem que eu vou ter.

LH: Tu disseste que arrumastes 3:00 horas da tarde, e fostes, essa matérias entrou...

AL: Entrou às 8:00 horas e às 3:00 horas da tarde.

LH: No jornal da noite?

AL: Sim, das 8:00 e das 8:30. Não entrou as 8:00, entrou as 8:30 por causa da minha editora, essas coisas são interessantes, a minha editora: Ah, não consegui entrar, não dissestes do movimento, não estava programado e não o que, não tive tempo, tive que fazer grafismo, fazer contato e não mais o que, e perdi muito tempo livre fazendo isso, perdi não, ganhei, pronto, mas perdi na ótica da máquina.

LH: Perdeu (*risos*).

AL: Sim, e, portanto, pronto. E então não entro logo no sentido alinhamento e pedi a meu chefe tentar ao editor do telejornal mais uns minutinhos. Depois: Ah, não sei o que, não sei o que, já passaram a peça, mas assim que te vi passei o contraditório, mas o que isso interessa e não sei que, espera, então foi a

primeira reação dela. É um gênero de pessoa que diz, peça boa é peça pronta, ok (*risos*). E então, pronto. Mas depois do fato, então como é que eu fiz a peça, pus o que eu dizia: a maioria da peça eu pus no pivô, não é? Logo, pus no pivô o início uma série de mudanças, depois pus o que eu dizia e pus isso, mas várias dessas coisas não são, antes disso liguei em cima da hora já por acaso, liguei para o senhor ministro. Olá, que isto o ministro diz que uma série de mudanças, desculpas, mas estou aqui vendo a guia de segurança social fala sobre várias técnicas e diz que isso já é, sim, qual é a novidade, qual é a mudança de paradigma que vocês estão querendo pregar?

LH: Qual é a notícia? (*risos*)

AL: Bem, notícia havia no sentido que eu estava a anunciar uma série de coisas para várias prestações, mas naquela incidia um particular. Portanto, notícia iria haver, quanto mais, ou seja, para desmentir o ministro (*risos*). Ah, mas está vendo, mas sabe o que é. Pronto. Mas eu preciso, porque não explicou isso, o que acontece é que antigamente era só o titular do rendimento mínimo que tinha o rendimento social de instrução, que tinha essa obrigação. Hoje em dia e a partir de agora, o contrato vai ser abrangido por toda gente, o contrato vai se servir para toda gente que esteja naquela família, pronto. Isso de fato é uma diferença que estava naquela família. Desculpa lá, mas a maneira como o ministro fala não é essa. A maneira como o ministro fala é pegar toda a gente, inclusivamente as pessoas que estão, os titulares que estão no RSI de párias e vão passar a ter deveres mediante direitos quando isso não acontece, desculpa, eu não falei de forma nenhuma, a pois também tem razão, pois tenho eu sei (*risos*), pois é falou tanto disso, falou das famílias, mas não falou muito disso e disso, pois não falou, então eu disse: ainda tive a delicadeza de ligar para ti para perceber o que se passava da voz. Ah, pois, agradeço, e tal, então esta bem agradece, mas falar, disse lá que ia ser abrangido, que ia ser ampliado para toda gente, mas que a maioria dos deveres não iam ser, não iam ser, não eram novidades rigorosamente nenhuma. Bom, só para terminar essa historia que já está longa, eu disse, minha editora, eu disse que disse para mim: ah, comentamos a sua peça na edição de redação, reunião de redação, aquela reunião quase sempre. Nas redações, quase sempre, a pauta do dia e tal. Comentamos a sua peça, eu disse: Ah, foi? Sim, sim, comentamos que estavam os comentários na mudança do RSI, não o que, depois alguém disse: isso é basicamente aquilo é tudo mentira vocês não viram a peça da AL: e tal e eu, ah, muito bem, muito obrigada, pois, pois, pois, pois era tudo obra que tu disseste, pois era o que eu estava tentando.

LH: Destes o diferencial, pelo menos em relação a essa notícia, destes o diferencial que toda outra mídia sai contra.

AL: Exatamente

LH: E faz as pessoas refletirem, não é?

AL: Exatamente.

LH: E aí, eu te digo.

AL: Desculpa, esse tipo foi mesmo para contar a historia.

LH: Não, não, mas é importantíssimo.

AL: É um mecanismo de construção, de construção das coisas.

LH: Exatamente e é isso que eu quero mostrar. Como que a subjetividade jornalista entra na profissão a notícia e entra muito, pesa bastante, não é? Então pronto. Tanto pesou que tu conseguisses furar,

conseguistes furar porque a sua pauta não era isso, lá no início da conversa, qual era a pauta? Vai ouvir o ministro, vai ouvir o ministro e tal e qual, não é? Ouvistes o ministro, mas pensastes. Alias tem cérebro para isto, não é? Ele está a funcionar. (*risos*)

AL: Claro

LH: (*risos*) Tem cérebro para isto, essa que é a questão. E conseguistes furar, furar com toda gente, com a editora, com...

AL: Com o editor do telejornal, sim, e as pessoas não recusam quando...

LH: A esperar mais um tempo para sair à peça e tal.

AL: Claro, uns minutinhos.

LH: Agora, eu te pergunto: esse processo que falastes também lá no início e que normalmente consegues com facilidade, que consegues mais do que não consegues. Às vezes não consegues, mas consegues mais vezes do que não consegues com seu editor. Essa negociação hoje melhorou, piorou, como é que esta em relação, agora, a crise e a eminente privatização da RTP? Como esta o teu trabalho a andar agora, neste exato momento político em que estais a trabalhar?

AL: Eu não, eu de fato... E assim, claro que as pessoas estão mais temerosas, isso eu acho que sim. Mas, eu não vejo também, ou seja, eu não sinto, por exemplo, que esteja a ser pressionada ou que faça menos coisas por causa desta situação. Tive esse problema. Não tive problema rigorosamente nenhum. Não recusaram a peça porque eu pus, por que eu desmenti basicamente o ministro, não é? Agora, e eu também tenho que fazer uma contextualização, eu durante, eu trabalho na redação do telejornal do principal programa de informação, nesse aspecto estou desde maio, mais ou menos. Antes eu estava em outro programa, tanto desde janeiro e fevereiro do ano passado, antes eu tive licença parto por vários meses e trabalhava, antes disso trabalhava num programa mais regional, que é o chamado “Portugal Em Directo” que vai ao ar às 6:00 da tarde.

LH: Sim

AL: É um programa informativo, mas da área regional, por isso as coisas não se colocam da mesma maneira. Fazia, de vez em quando, nos fins de semana, ou seja, pontualmente ia dar apoio ao telejornal no fim de semana, mas basicamente trabalha no Portugal Indireto e, portanto, a minha memória de recuar do trabalho digamos assim

LH: Sim

AL: Não é uma coisa também tão longa. De qualquer forma sim, a um ano atrás, a um ano e meio atrás, ainda se, ainda se falava, ainda estávamos no governo Sócrates, portanto, ainda consigo perceber as duas coisas. Do ponto de vista prático, eu não consigo dizer que há uma pressão maior ou menor.

LH: Achas que tá a mesma? Até porque já trabalhas no jornal, no jornalismo diário, trabalha dentro da crise, já entra dentro na crise.

AL: Sim

LH: Um ano, um ano e meio.

AL: Sim, sim, isso já dentro da crise, sim. Quer dizer, o outro também era diário, só que eram características diferentes, não é? O Portugal Indireto tem características de frente não tanto Hard News não é, como se costuma dizer.

LH: Sim

AL: E, portanto, tem já dentro sim, já dentro da crise, mas ainda com Sócrates. Que foi eleito, que saiu e, portanto,...

LH: Acho que o relacionamento com o editor, direto que tu tem com o editor não mudou muito então, mesmo com esse processo da privatização da RTP?

AL: Eu não sinto que tenha mudado muito, agora eu também acho que...

LH: Há uma certa tensão no trabalho entre as pessoas.

AL: Isso é capaz de existir sim. Agora, o que eu acho é que assim, acredito que hajam outras áreas mais difíceis, por exemplo, a política ou a economia, eu sinto que há mais, eu sinto que há uma tensão e as pessoas tenham criado um medo do futuro, não é? Isso é evidente. Eu, pessoalmente, tento não deixar, ainda acredito que penso como muita gente lá: fazer o trabalho e ir andando e logo se vê, claro que tem a postura de apoiar a comissão de trabalhadores, ou seja, por que vê algumas coisas do ponto de vista do trabalho em si, é fazer o trabalho e trabalhar. Não tenho, mas eu também não tenho uma relação muito forte com o com diretor dos noticiários diários ou, quer dizer, tenho uma relação que conheço e conversar e tal, mas não é uma relação muito profunda.

LH: Sim.

AL: Portanto, eu acredito que é esses níveis que se sintam,

LH: De chefia que se sente mais

AL: De chefia mais alto, ou seja, não o nível da minha editora de cidade, não é?

LH: Mas não sentisse dessa hierarquia mais alta que a sua, não sentistes mais pressão? Mais dificuldade de trabalhar? Mais uma postura de mais controle não sentiu isso, até agora?

AL: Não, acho que não, acho que não sinto.

LH: E fura, e consegues furar.

AL: Não, sinto, sinto que há muito preocupação em controlar aquilo que vai para o ar

LH: Maior.

AL: Sim, e já ouvi colegas meus

LH: Sim, essas histórias é que são interessantes.

AL: Uma amiga minha, por exemplo, tinha uma peça, que supostamente deveria ter um destaque e depois não teve o devido destaque na posição de alinhamento, estavam muito em cima dela, um pouquinho ansiosos para saber o que ia para o ar o quê que não ia. Houve aqui uns tempos atrás uma situação, que era o uma situação que quando eu treinava a Alfreda Costa, que estava ali na berlinda por que ia fechar ou não ia fechar, por eles estavam um pouquinho, a direção e também nossa editora, estavam um pouquinho, não estavam, estavam em clima tenso e nervosos, pois sabiam como é que aquilo, pois sabiam que era uma caixa que era nossa, uma notícia nossa, depois, pronto. Nota-se que há essa tensão no ar e eu acho que há outras e, portanto eu acho que isso eu nunca senti, agora sinto que quase sempre nas conversas, que há uma maior necessidade de controlar, ou seja, não é controlar necessariamente dizer não faz, controlar é decidir, eu tenho que saber, os que estão lá e vim e saber o que vai para o ar, uma forma muito, um olhar mais preocupado do que dos outros autores. E já houve dois outros episódios, não comigo, mas com outros colegas que eu percebo que não valia alguma atenção, relativamente à passagem daquela peça ou a passagem daquela

notícia, acho que, por exemplo, essa é a questão do caso do Miguel Relvas, eu acho que e da minha observação, por exemplo, a SIC deu muito mais destaque do que demos nós, isso é muito claro, lembro uma colega minha comentar isso comigo, sabe o que é o caso Miguel Relvas?

LH: Sei, sei,

AL: Pronto.

LH: Essa historia sei por que não sai da televisão.

AL: Claro

LH: Temos que saber por que repete tanto que (risos).

AL: Claro, claro. Portanto, sinto que houve alguma, claro que não se pode deixar de falar, evidentemente, mas que há alguma cautela em relação as coisas, isso eu acho que é notório. Por outro lado, agente também pode pensar que a SIC também emlugares, por que é contra o senador Carvalho Vasconcelos que é...Podes perceber por que para um dão menos e para uns dão também uma forma...

LH: Exagerada.

AL: Exagerada, exatamente, pronto. A questão também é para os dois lados, mas acho que está surgindo um momento, acho que as pessoas esperam para ver, ok. Acho que as pessoas estão ali um pouquinho para ver. Mas, por outro lado e essa coisas de eu às vezes não sentir essa pressão e também por que a partida, e é uma coisa que eu sinto muito e que há muito falta de visão, e nas televisões em geral e a RTP em particular, que é, tem pouca cultura do furo jornalístico. Vários jornais tem muito isso.

LH: Achas que a RTP tem pouca cultura do furo jornalístico por quê? Por que é uma empresa estatal? Por quê?

AL: Não sei. A cultura de televisão em geral aqui em Portugal é muito assim, Acho que sim, se calhar, acho que esse não por ser estatal. Acho que as pessoas que de facto estão à frente tem uma cultura um pouco rojada do furo jornalístico, ou seja, qualquer furo, semana passada houve um furo.

LH: Acha que isso é uma tendência do jornalismo em geral, no mundo.

AL: Televisivo talvez. Os jornais furam.

LH: Sim

AL: Os jornais furam, vão furando. Embora não se fure da mesma forma que se furava antigamente, mas vão dando notícias contra poder.

LH: Eu tenho um colega que ele costuma dizer uma coisa, que vou até ponderar. Ele diz: nunca houve no Brasil um jornalismo tão criativo como na época da ditadura, então pronto, como nós temos que furar sempre, que estávamos sempre censurados, tinha uma censura prévia dentro dos meios, dos medias como você chama. Então, trabalhávamos com a polícia, lá armada ao lado, então agente tinha que, eu me lembro, perfeitamente, na década de 70 no Brasil, eu ficava com a matéria pronta e ia para o bar e ficava esperando a hora de fechar o jornal, porque só na hora de fechar o jornal é que eu enviava a matéria porque não dava tempo deles cortarem, eles iam rápidos e não davam conta de cortar e eu conseguia furar. Então assim, eram várias estratégias.

AL: Táticas

LH: Várias táticas de furar, não era só a tática de furar na própria apuração. Era tática de furar mesmo com a máquina, não é? Então ele diz: olha nunca tivemos um jornalismo tão criativo como aquela

época. Então será que é isso? Que a censura e a repreensão fazem com que os jornalistas fiquem mais criativos, será? (*risos*)

AL: É provável

LH: Nós agora, porque isso que tu estás a reclamar, eu vejo toda gente reclamar: Jornalismo não fura mais e o televisivo piorou e em qualquer lugar eu ouvi isto de um inglês da BBC.

AL: Claro, é o modelo.

LH: A dizer (*risos*) é o modelo, ele disse: não há mais criatividade, toda gente repete tudo e toda gente diz tudo igual.

AL: É real, é real.

LH: Isto é.

AL: Imagina propostas de reportagens para o fim de semana, fim de semana é o espaço em que os jornais televisivos têm um lado mais “magazinesco”.

LH: Sim, mais visto.

AL: Exatamente, mais, com mais coisa, não tanta atualidade mais, reportagens que pode ter um pouquinho mais de tempo e mais temas sociais ou de “*SoftNews*”, e tal, é as vezes as propostas, por exemplo, que as pessoas trazem são propostas que vieram em jornais e eu fico “*piúça*” com isto (*risos*). Agenda vai tentar é falar ao telefone e não sei o que. Há uma coisa que eu gosto muito e que minha editora brinca comigo, eu estou dizendo essas coisas, mas eu tenho imensas falhas e tenho também permanentemente uma sensação de que e tenho muito isso, de que não consigo fazer aquilo que eu gostava de fazer e, portanto, tenho muita sensação de *infinitude* e as vezes de incapacidade nós conseguimos fazer, não da forma como deveríamos, ir mais ao fundo nas coisas, ou seja, eu sei que as vezes consigo furar e tenho isso em mente e tenho essa perspectiva, mas muitas vezes também sei e também me acho muito finita e as vezes furo pouco, furo menos do que deveria furar.

LH: Acha que deveria furar mais?

AL: Acho, mas...

LH: Mas com as limitações do próprio meio...

AL: Isso, do próprio meio, mas por outro lado com televisão, mas acho que, se calhar, para o jornal consigo fazer diferente sim e isso as vezes é um pouco frustrante nesse sentido, mas também tenho a minha própria, se olhar faço muitas coisas diferentes e também tenho um filho.

LH: Sei.

AL: E também, quer dizer, é uma serie de finitudes, não é? Que a pessoa teme que, (45:18 a 45:2) ou seja, para que dizeres, hoje eu também tenho a consciência de que também sou muito finita e que há coisas que eu deveria furar e não furo tanto, não é? Mas isso, entretanto já me perdi. Mas, eu digo: uma brincadeira que gosto muito de fazer com minha editora, que brinco, olha: eu vou a uma reportagem eu vou por que sugeri fazer não sei o que e ela, e depois digo, olha:, trago, venho da rua e trago outra matéria possível para gente fazer, ou seja, isso é uma coisa que gosto muito.

LH: Sim

AL: Que é ir para sua fazer reportagem e trazer outras para fazer

LH: Sim, sim, o olhar.

AL: Sim, o olhar.

LH: O olhar jornalístico no dia a dia.

AL: No dia a dia, porque sim, porque as coisas são mais..., uma coisa pode levar a outra, não é?

LH: Sim, podes estar na praça com o carinho com seu bebê e vê, e vê um acontecimento.

AL: Exatamente, exatamente, um acontecimento.

LH: Isso está.

AL: Claro, eu vou cobrir uma coisa e trazer outras para fazer, isso acontece com muita frequência e eu gosto muito disso e tem que ser valorizado, felizmente consegui furar, passar

LH: Isso é o que agente chama de ter o sangue de repórter na veia (*risos*).

AL: Isso eu gosto, porque acho que é estimulante, não é? Estimula a pessoa, mas também é um lado, ata, é um lado da finitude que é, por exemplo, ir ouvir uma comissão parlamentar ou fazer uma determinada coisa e depois termos várias propostas, várias coisas e a cabeça perder várias coisas e depois há uns que ficam para trás, não é? E escrevem fitas furadas que apurou e não conseguiu e, portanto foram apurar outras.

LH: E a vida andou e o tempo passou e a pauta fechou (*risos*).

AL: É uma tragédia

LH: Sim, sim. E por que a velocidade do nosso trabalho é brutal, é brutal. E falamos: Ah, internet é pior, por que internet é online. Não é bem assim.

AL: Não

LH: Por que o tratamento do que tem que se dar para o que vai ser colocado na televisão é tudo muito rápido.

AL: Isso tudo é um lado, é um lado, quer dizer, não tem comparação.

LH: O pensar tem que ser claro

AL: Exatamente (*risos*) A questão é essa, o lado, o pensar em termos de imagem, não é? Como é que

LH: Quando estais trabalhando na rua com uma equipe é claro

AL: Sim, exatamente, pronto. Para além da necessidade, pois vai montar com outra pessoa também, portanto, há uma necessidade também nas relações públicas, no sentido a relação com o outro, sim. Muito mais do que um jornalista com um jornal. Não tem comparação. Que tem uma capacidade de controlar entre as aspas assim o seu texto. Depois há o editor que edita, reduz, nem sempre corta no sentido certo e a pessoa fica *piuça* porque o editor.

LH: Não, mas no teu trabalho entra até a questão do tempo.

AL: Claro

LH: Cai uma tempestade, então tem luz.

AL: Exatamente.

LH: Teve uma fumaça, teve um barulho e ninguém ouviu nada e ficou desfocado (*risos*). Esses problemas que ninguém percebe. Houve ali uma censura, não que houve ali uma censura, o que houve foi uma tempestade que caiu na hora e não conseguiu filmar.

AL: Claro

LH: E não tem imagem então

AL: Claro, claro. Isso as vezes é engraçado.

LH: É, isso as vezes é engraçado.

AL: Eu ia falar que é porque é uma coisa que eu às vezes sinto. Com um pouquinho de raiva que, quando eu falava um pouquinho da, às vezes de estar contra os meio de comunicação e as vezes de uma forma quase primária. E eu acho que isso as vezes acontece, ou seja, há pessoas que basta a internet ou que tenha uma visão critica sobre os meios bastante forte que eu acho que é fantástico e depois tentam furar essa hegemonia mas, pois também há outras pessoas e as vezes são as mesmas mas, portanto, há outras pessoas que tem uma visão quase primaria de estar contra os meios, ou seja, tudo é censura. Isso também é uma coisa muito irritante por que, não é tudo é censura, ou seja, se agente pensar no grau de complexidade que é pôr um telejornal no ar, percebe que é de fato muito fácil de exercer censura, isso é obvio. Pois também é muito fácil justificar

LH: Por que exercer censura (*risos*)

AL: Exatamente, porque e pronto. Pois, em geral também há muitas coisas que não são censuras. E eu acho que hoje em dia e em virtude, por um lado temos certo, entre aspas deslumbramento que é dado há alguns jovens, jovens de algumas universidades etc., certo deslumbramento dos jornalistas. Mas, por outro lado também temos uma postura excessivamente critica, ou seja, criticar e criticar sem muitas vezes agente não saber as condições em que as pessoas exercem as, exercem as exercem as tarefas, não é? E de fato, hoje em dia, são condições muito difíceis que antigamente não se dava a mesma coisa, eu não sei como era antigamente, mas imagino que escrever na máquina o texto e ter que ir para não sei o que para gráfica.

LH: E sempre entravam direito, a gente sempre entravamos direto.

AL: Exatamente, exatamente, isso é uma coisa, claro e não ter os bancos de imagem e ter que andar com a cacete de um lado para o outro, né? (*risos*). Quer dizer, é terrível. Portanto, com certeza desse ponto de vista não, não era mais fácil. Mas, hoje em dia e do que, do que, do que eu sinto hoje, portanto, os canais 24 horas, portanto, exercem uma porção imensa, ou seja, um círculo por que antigamente, acredito que fosse do ponto de vista dos meios, era mais difícil, não é? Mas, quer dizer a pressão se calhar não tínhamos canais 24 horas por dia de noticias, não é? E tem que, a noticia tem que ir para o ar a qualquer hora e tem que furar a qualquer hora, todavia, se calhar o horário de terminar o jornal da tarde ou o jornal da noite etc., e portanto, por causa também dessas limitações físicas, não é físicas é das maquinas

LH: Sim

AL: Portanto, tecnológica.

LH: E físicas sim

AL: São físicas

LH: Sim

AL: Também, portanto havia um ritmo diferente de exibição. Hoje em dia, os canais 24, pronto, acabam por ser a questão, não estou contra isso, o que acontece é que...

LH: E ai, pois é, mas percebes que isso também diminui a criatividade do furo, por que pronto, é você diz, vou furar porque o outro não vai dar a noticia, eu vou dar a noticia e o outro não vai dar agora você tem isso, é impossível todos não darem a mesma coisa (*risos*).

AL: É, e isso acontece muito.

LH: Impossível.

AL: Claro que há coisas que agente consegue furar o fato, tirar o que o outro não deu e etc.

LH: Não, aí é uma visão de olhar, mas não do acontecimento em si.

AL: do acontecimento em sim não.

LH: Do acontecimento em si sim, a não ser, por exemplo, quando a TV se precipitou e matou uma pessoa que não estava morta, não aconteceu. Saiu na frente dizendo: Fulano morreu, atiraram e matou e no final a menina estava em coma não tinha sido morta ainda. Na velocidade e para se adiantar pegou o fetiche do tempo real, o fetiche do indireto e deu uma notícia que era uma mentira, a menina estava em coma e não estava morta. Percebes como as vezes, é o efeito bumerangue, percebes (*risos*). Depois foi para televisão, prêmio Jornal Nacional principal jornal diz: Desculpe-me, desculpe lá, não foi bem assim, o tiro atingiu, mas não matou, está em coma e vai ser operada tal hora e tal hora, mas já tinha sido desletimizada digamos assim na, na sociedade em geral por que não se falava outra coisa: Ah, então deu que estava morta e não estava morta, a bandeira antes que a televisão concorrente entrou no ar e como que tá morta e vai se operar? Não é? Então, esse fetiche do tempo às vezes.

AL: Claro, essa vertigem da televisão em direto não é?

LH: Agora, a vertigem.

AL: Claro, do não haver o tempo entre o acontecimento e aquilo que se preocupa

LH: E a concorrência, será que, será que a concorrência é exatamente isso que eu pergunto a você, a concorrência seria essa coisa de dar na frente, é dar a notícia a frente ou de dar um outro olhar, não é? Pluralidade de reflexões, eu acho que, eu acho que

AL: A tendência é dar na frente que é bom.

LH: É, dar na frente é que é bom, uma coisa a ser pensada claro. Quando você tem uma pluriversalidade

de olhares

AL: É claro que depois pronto, muita gente é capaz de arma aquela história de: assim que já passaram essa mesma peça, depois no dia seguinte ser capaz : olha, falamos na sua peça e tal, desconstruímos um pouquinho a coisa, teve um plus, não é? Agora a vertigem é evidentemente aquilo que se procura, é andar na frente. Mas, também já vi, por exemplo, a maioria dos internos, dentro de uma situação, não é? uma altura qualquer, já não sei bem, mas não era com essa direção de informação, era com outras anteriores, mas com outras anteriores em que se dizia dar uma notícia errada na frente é melhor não dá a notícia em primeiro lugar e dar a correta do que dar uma notícia na frente e dar errada, portanto eu já vi, já não lembro muito bem, mas há uns três ou quatro anos atrás uma altura qualquer assim de muita forte de muita ebulição e muita concorrência e dar muitas notícias na frente e eu lembro que um diretor na altura de fazer um ponto na ordem no sentido em que, pronto, calma, dar uma notícia na frente que seja errada também não interessa, não é? Agora, agora a fetiche é essa, mas eu acho também uma coisa, acho que isso também acaba por ser pernicioso quer dizer, podemos dar uma notícia na frente, uma notícia que também, por exemplo, na semana passada fomos com, com a 55. Fomos com uma notícia que era com um, com um, com um médico de Vedras que propunha fazer aborto ilegal, um médico particular que propunha fazer um aborto ilegal num

hospital publico que nem se quer fazia aborto em um ponto de vista muito oficial, portanto era uma coisa, uma pratica um tanto

LH: Illegal

AL: Illegal. Portanto, fomos uma jornalista em um programa de grande reportagem da estação, que é também um pessoa muito, muito boa que é a Rita Ramos, estava fazendo uma reportagem sobre o aborto e depois descobriu essa historia e portanto depois entre aspas veiculamos essa noticia, fomos e ninguém tinha visto nada, fomos com essa noticia e depois também passou a grande reportagem dela nesse mesmo dia. E eu acho que, outra na semana anterior, por exemplo, uma, uma colega nossa também fez uma grande reportagem sobre um estudo que tinha havido na casa Pia, com os meninos da casa Pia que foram cobaia de um estudo que usava mercúrio nos dentes e pronto. Uma coisa que não propriamente novidade por já tinha sido noticiado ha uns 10 anos atrás, mas que ninguém a partir dai tinha pegado mais, pronto, bastava. Portanto, ou seja, eu acho que não há problema e eles gostam de furar, a direção digo eu, e há também outro programa que gostam sempre de furar e tal, e gostam de trazer coisas, coisas novas e entrevistar quem ainda não foi entrevistado. Agora, eu também acho que gostam de furar por esses caminhos, mas que no fundo ponto de politica seja de pensar em temas que furam e que furam bem e todo o método e a legitimidade para ser, não afrontam propriamente figuras politicas, e portanto, o que eu quero dizer é

LH: Sim.

AL: É, bom furar nós temos que furar e damos o apoio a quem quer furar entre aspas. Agora, há temas, há temas que são bons para furar e há outros temas que se calhar se há gente que queira fazer eu não sei, ou seja, o que quero dizer é que, é muito menos, afronta muito menos os temas que furamos com essas noticias de que noticia índole politica e que ataque alguma figura politica, determinada figura politica e etc., etc., etc.

LH: Sim.

AL: O que eu quero dizer é isto. Ou seja, há muitas coisas que eu acho que se deve investir, que se deve pesquisar e que se deve fazer mais, mas por outro lado, por uma lado não há muito tempo, as pessoas não são assim tantas, temos uma redação grande, mas também não são assim tantas, e cada vez mais problemas na informação e há cada vez menos meios, ou seja, para quantidade de problemas que temos, não é? Então a pressão para fazer é muito grande, e tem crescido muito nos últimos anos. Sobretudo depois que entrou Nuno Santos. Ou seja, que inventam programas de informação semanais e etc., qualquer um para a diversidade da oferta informativa mas, precisa entrar mais gente (*risos*) não é? Portanto, a pressão aumenta, quando digo sobre a pressão, não é só sobre os jornalistas, são sobre os câmeras que portam as imagens por exemplo, pressão sobre os editores, montadores né?

LH: Sim, claro, claro.

AL: E, portanto, os meios não aumentam, como é que se faz, não é? Pronto. Portanto aumenta a pressão e, mas ao menos tempo que eu acho e isto é uma opinião muito sincera, mas que eu acho que foi criada por outras pessoas também, pelo menos de pessoas que tem mais essa consciência um bocadinho semelhante a minha, e que eu acho que as vezes são feitas opostas e opostas informativos, isto não tá bom, isso não estamos fazendo bem, fazendo serviço publico. Mas preciso envolver aquilo e é uma coisa que as vezes me constrange, tenho uma historia, por exemplo, com outras equipes, com outras pessoas, tem uma

historia, uma historia ate boa, mas não tenho tempo para escavar, quanto aquilo é uma forma completamente, não produz outras coisas, as vezes é apresentado como jornalismo de investigação e não é coisíssima nenhuma é uns planos, outra vez sobre a droga, uns planos sobre o bairro alto, depois entrevista o presidente do instituto de toxicodependentes, Ok.

AL: Pois exatamente, não continua, não há suíte, não há follow up. Isso portanto não há o que dizer, o que que trouxe de novo, ok. Enquadrou o assunto também. Ok, mas não venha para cima de mim, para cima da malta toda a dizer que aquilo é jornalismo, investigação e não sei o que. E depois a apresentar rubricas que é, tempos a tempos faz uma coisa que é Portugal hoje, que é medir o pulso da sociedade portuguesa e é um dia inteiro a passar reportagens sobre determinada, portanto, sobre determinadas coisas e etc., e que eu acho é que há visões interessantes de facto e há coisas engraçadas, mas não é, acho que isso afronta pouco, continuamos afrontar pouco, mas o que eu quero dizer com isso é assim, eu não sei se isso é só uma postura por que hoje muitas vezes meus colegas de tv a dizer coisas semelhantes as minhas, ou seja, há pouco profundidade das culturas das pessoas nas relações, e uma coisa que na televisão é muito eu acredito que nos jornais podem ser um pouquinho diferente, mas que é muito, a cultura da superficialidade, mas isso eu acredito não seja só na RTP, Ok?

LH: Claro que não.

AL: Pronto. (*risos*) Ou seja, mas isso eu sinto, sinto muito, sei que às vezes é o preço para vim trabalhar para os jornais que o envolvimento, que tá tudo para a hora da morte, mas, ou seja, não tá bom. Não sei, (*risos*), eu percebo 1.300 anos.

LH: Pois, não é nada, não é nada demais. (*risos*). Por que estudastes né? Não é nada demais, né?

AL: 1.350 horas todos os meses (*risos*).

LH: Brincadeira!

AL: É que eu brinco com umas das coisas que as pessoas se queixam muito, por exemplo.

LH: Chegas a dar oito horas de trabalho por dia?

AL: seis horas e meia sim.

LH: seis horas e meia?

AL: Sete, sete, sete.

LH: Sete horas e meia.

AL: Mas muitas vezes dou mais, Agora

LH: Não tens horas para chegar né? Tens criança em casa, tem um marido em casa e não tens hora para chegar?

AL: Sim, temos horas sim, mais ou menos na hora que tá passando o telejornal estamos em casa sim, pode ser que temos que ser desviados para outro sitio, mas sim, é um horário pesado e complicado com a vida pessoal. É uma coisa complicada para gente.

LH: Claro que é, eu tenho certeza é claro, é claro, portanto, ser jornalista não é fácil (*risos*)

AL: Sim.

LH: Para os homens é mais fácil do que para nós.

AL: É, embora eu, no meu caso é ao contrario. O pai do meu filho está mais livre, por exemplo, ele que vai busca-lo.

LH: É logico.

AL: É eles que vai busca-lo e fica com ele ate a hora que eu chego em casa, as oito e meia, né? As oito e meio, as nove, nove.

LH: E agradeça a Deus por estais casada, ainda.

AL: É (*risos*). Exatamente, exatamente.

LH: Eu tenho um amigo que fala: Vocês só podem casar com outro jornalista por que não há homem que aguento isto (*risos*).

AL: Às vezes é difícil, o homem não é jornalista, a entender agente.

LH: Como que sai, vai trabalhar e não volta.

AL: Pois sim e não sei, dissestes que chegava uma hora e chegastes duas horas, mas eu tinha que editar uma peça, atrasou tudo, estava uma fila na hora para montar, o que que eu posso fazer se tinha que entrar aquele dia? Não posso deixar o trabalho e vim embora

LH: (*risos*) É complicado.

AL: É complicado, é bastante complicado, é complicado, é complicado.

LH: É um trabalho muito complicado. E ai, o que tu pensas para teu futuro agora? O que, estais agora trabalhando na RTP, o que pensas para o teu futuro? O que te passas na cabeça?

AL: O que me passa nesse momento é continuar e continuar a trabalhar assim. É estimulante também não é? Embora muito cansativo. Eu tento não pensar muito no futuro, claro que leio noticia, claro que vejo as coisas e acho que é, claro que as pessoas questionam o que vai acontecer ou o que não vai, mas esse otimismo meu, eu tenho mãos e pernas para trabalhar, portanto, acho que, pronto.

LH: Não tens medo do desemprego? De sair da RTP e não ter onde entrar de novo?

AL: Tá, seu eu pensar, eu acho que não pensei muito sobre isso.

LH: Trabalhar sem pensar.

AL: Acho que não pensei muito sobre isso. Acho que as vezes aflora isso, mas acho que não pensei muito sobre isso. Mas, pronto. Mas se eu pensar de fato sobre isso é uma coisa complicada

LH: Achas que toda gente lá dentro da RTP, seus colegas estão fazendo como tu estais a fazer?

AL: Não, acho que não, acho que...

LH: Seguem em frente

AL: Não, assim, agente se em frente em nosso dia a dia, aquilo que eu sinto das pessoas

LH: Não tens, as pessoas não estão mais desanimadas, dá maneira assim: Ah, não quero mais furar nada e não quero mais negociar nada, que eu não sei se amanhã eu quero trabalhar

AL: Ah, não. A maioria, a maioria das pessoas que a maioria das pessoas tem essas postura

LH: essa postura. A maioria, hoje, na redação

AL: sim

LH: E cansadas até..

AL: Também, também há pessoa que, eu também, o que acontece é que acabam por estar em uma situação diferente, projetam uma postura cívica muito, muito forte, passados pelos meus pais valores muito, muito, muito forte.

LH: Passam pela tu coletividade de cidadã.

AL: Exatamente, também por outra coisa, pelo momento especial que estamos vivendo. Eu acho que este governo, isto, pronto. É uma questão política vivente, mas também não é só uma questão política partidária, é uma questão política e de logica Eles estão a querer dar cabo de uma série de coisas que, umas poderá até ser bem, mas outras são princípios do direito e da convivência e quer dizer, princípio da humanidade e isso faz eu ficar com muito, com muita vontade

LH: De lutar

AL: De lutar, mas eu acredito que tenha muita gente que não tenha essa vontade.

LH: Mas também há gente que tem

AL: Sim, há gente que tem, e verdade, mas também há gente que tem. Por outro lado, eu também acho que muitas das pessoas com quem eu lido e que eu trabalho, tão, passaram menos tempo a lamentar como eu esta relação com o telejornal, mas há gente que estava a muito mais tempo, há muito mais anos, também acredito que essa logica também cansa, não é? Ou seja, eu acredito que não vou cansar tão fácil, mas acho que se estivesse a 10 anos ali “*remo-remo*” do telejornal estaria mais cansada do que estou agora e com menos força para contrariar, né? Isto para tentar entender um pouquinho as pessoas, agora, eu fico com imensa raiva, fico com raiva, mesmo raiva as vezes de vê as conversas na cantina, no refeitório, não é? Mesmo na hora do almoço e ficam, as vezes as pessoas estão falando, não sei o que, ah, então que escolheu a peça ou a reportagem agora, o que escolheu agora a pauta e tal. São as peças do tempo que os editores sempre adoram, tá chovendo, amanhã ta sol, tá colorido, amanhã vai chover (*risos*) aquelas peças do tempo, pronto. Que as vezes agente anota por que vai para praia feriado não sei o que, aquelas coisas que agente sabe, aquelas coisa que não há imaginação, as vezes para fazer diferente, inclusive, todos gostam muito dessas coisas e as pessoas, as vezes para mim também me calham coisas destas, mas eu reclamo sempre, há pessoas que tipo já faz e depois passa o almoço se for preciso para a pessoa fazer aquela peça ridícula (*risos*) de uma forma mesmo má e isso me dá tanta raiva, mas pronto, mas as vezes pessoa tem que ter um pouquinho, também não podes estar abanar todas as pessoas, não é? Ou quer dizer, pode abanar ou as vezes e o que dá mais impaciência é que são pessoas inteligentes muitas vezes e isso é que eu acho uma questão que é, eu vejo na redação e também fico olhando e acredito que seja também por essa coisa que as pessoas deixam censurar no trabalho, no emprego e também não sei o que me vai acontecer, eu exemplo sei que isso acontece, acredito que seja uma mistura de razões, seja cansaço, seja outras coisas, mas as pessoas muitas vezes mandou fazer as coisas, muitos editores mandam, isso é uma questão que eu acho que é importante, os editores mandam fazer as coisas e as pessoas as vezes não questionam, melhor, tentam fazer de forma diferente, são capaz de ter um pouquinho mais de inteligência ou pelo menos concentra a criatividade sobre um tema, não é? e torna um tema que é uma porcaria em um tema interessante, há uns que fazem isso e têm a capacidade para fazer isso. Há pessoas que fazem isso e que tem a capacidade de fazer isso, mas o que eu acho é que as pessoas furam pouco. A forma como eu encontrei de furar é propor, propor, propor e propor

LH: É não acreditar na pauta, não é? É dizer: Será que é mesmo isto? (*risos*)

AL: Há alturas que tenho que ser sincera

LH: Porque se sai com aquela coisa de que a pauta é aquilo

AL: E pronto. Não e assim obviamente que há editores que vais fazer isto é o que tá na pauta para você e não sei o que também não consigo fugir, eu posso reclamar, seu eu acho que é uma coisa ridícula, mas

depois também a atitude seguinte como é que eu dou uma volta a isso de uma forma mais rápida possível, mas rápida ou menos estúpida (*risos*) Mas, é a forma, a estratégia que eu encontrei e que acho nesse aspecto os meus colegas não fazem tanto, alguns fazem, mas muitos não fazem que é propor, propor, propor e propor.

LH: Mas, para propor tem que questionar, não é?

AL: Claro, mas...

LH: Não consegues propor se não questionar

AL: Claro, exatamente. E não posso só estar a espera do dia que chova, não é? E, portanto, e quando eu digo propor é nesse sentido, ou seja, e isso tem conseguido furar, ou seja, no fundo é furar a engrenagem, impor uma determinada agenda que não tem que ser necessariamente contra poder ou contra aquela hegemonia, não tem que ser necessariamente contra isso. Há temas que eu proponho e que vão completamente ao encontro o telejornal e etc. Outro dia propus fazer uma coisa que vou fazer na terça-feira, que é uma daquelas que eu fui a rua fazer uma coisa e trouxe ela.

LH: Sim

AL: É ali na zona da Moraria e da Baixa e tal, que é uma seção cultural e artística que faz danças para idosos, vários tipos de danças individuais para idosos. Vão a casa das pessoas e outras que trabalham também no terreno e descobriram uma serie de idosos, e que a partir das conversas com esses idosos, que muitos já não saem de casa, não saiam de casa e etc., vão fazer, constroem um determinado espetáculo de dança, teatro e etc., também com pouca gente e vão representar a casa desses idosos sozinhos, fazem esse espetáculo só para esses, lindíssimo, maravilhoso, não é?

LH: Nossa, interessante.

AL: Muito interessante. Eu acho tá mas, foi, foi, foi, pronto. Foi uma proposta que eu fiz, e bastante passível de se fazer uma reportagem sobre isso

LH: Sim, não é nada contra hegemônico, mas é extremamente

AL: Sensível, o lado da

LH: Da humanidade.

AL: Da humanidade, dos direitos humanos, de combater a solidão, de um coisa que também acho, acho, acho graça que é, como se consegue contrariar com criatividade essa, essa, essa lama que todos nós estamos não é? Ou seja, ideias para, que sejam luminosas, que sejam mais humanas ao mesmo tempo, pronto. Isso eu vou fazer terça-feira. Mas, ou seja, a estratégia de tentar, propor, e o que eu vejo as vezes é muito meus colegas proporem pouco, isso é que eu sinto. Há muita gente que propõe, mas também há um outro lado que é as vezes eu não entendo

LH: Precisa muita seca no coração não é? (*risos*)

AL: Pois, imagina eu não quero passar aqui uma ideia, eu não sou a única que tá ali que faz isso, eu não sou a única pessoa, não é? Não estou dizendo isso. Eu sinto na maioria das pessoas e as conversas das cantinas, por exemplo, as conversas das cantinas e do antigo refeitório, acho que são muito, são muito significativas em muita coisa.

LH: Vou lá gravar (*risos*).Acho que vou almoçar lá hoje (*risos*)

AL: E eu acho que, e eu vejo isso, as pessoas discutem pouco, as pessoas conversam pouco, debatem coisas do dia a dia e do dia a dia das pessoas e as pessoas tem muito pouco essa cultura do debate,

cultura do pensar um assunto, de escalo estrutural com tributo deste, com tributo daquele e as vezes vivem muito as suas vidinhas, isso sinto muito e sem que não sou a única que sente isso no jornalismo, nos jornalistas, nas pessoas...

LH: Gosta de botar o teu sangue e a tua vida dentro do teu trabalho, não é AL: ?

AL: Sim, acho que se nota (*risos*)

LH: É, já se nota. Faz com amor não é? Acho que essa é a diferença. É fazer a diferença, não sei se já fizeste uma vez matéria sobre a questão ambiental ou sobre meio ambiente.

AL: As vezes no Portugal indireto, quando estava no outro eu fazia, por exemplo, lembro de ter feito sobre as lixeiras.

LH: Gostas desse tema?

AL: Gosto, gosto. Embora, não seja tema que eu...

LH: Domina

AL: Não domino, não domino tanto.

LH: O que achas que é necessário para dominar esses temas? Dentro de um, de um, de um jornalista que também é cidadão.

AL: Que também está no meio ambiente. Acho que, acho, pronto. Acho que há pessoas que no fundo, há os que dizem mais esse olhar, se calhar, do que outros. Há pessoas que tem mais propensão.

LH: Sim, claro.

AL: Não é...

LH: Isso é natural

AL: Claro. Não é que o ambiente não me diga bastante, mas acho que esse olhar eu não sou, por exemplo, a Renata. Há pessoas que tem mais propensão para e, portanto a partida, eu se calhar sou melhor em outras questões que tem haver com questões do trabalho, das pessoas, das desigualdades sociais, embora as questões ambientais também estejam ligadas a isso. É evidente que sim, é vidente.

LH: Não tire as pessoas do meio ambiente...

AL: Exatamente. A questões, por exemplo, das relações de gênero, das relações individuais e de raça

LH: De raça

AL: Exatamente. E esses temas são temas que eu gosto muito e que são muito, se calhar.... eu posso...

LH: Se calhar são temas também ambientais?

AL: Sim. E acabam por ser também...Eu estou completamente aberta para descobrir relações mais profundas (*risos*). Relações com, com esses de uma forma mais profunda. Portanto, trabalhava mais, no Portugal Em Directo trabalhava mais com essas temáticas. Já no Telejornal fiz sobre as questões das lixeiras a céu aberto, sobre as questões da reciclagem... (tentando lembrar-se) Sim, exatamente, da reciclagem. Da reciclagem... Já sei: a reciclagem de coisas de obras, portanto, de entulho de obras.

LH: Sim, sim, de entulho obras.

AL: A apresentava outras coisas que eu acho que tem haver, pronto, de uma certa forma também tem haver com o meio ambiente. Eu fazia muito no Portugal Em Directo. Agora menos no telejornal, mas por

exemplo, reabilitação urbana, portanto, as zonas da cidade, quando eu digo reabilitação é reabilitação assim: temos prédios também, portanto, as casas antigas para aquisição de materiais e não destruir os materiais todos nobres que haviam nessas casas antigas e que muitas vezes vai tudo...Ou seja, por que se há de destruir as coisas que existem? Por que, se estais a produzir mais e mais materiais e a deitar fora outras que são perfeitamente utilizáveis? Portanto, a questão da vida nas cidades e da reabilitação urbana, isso eu gosto muito. Gosto bastante desse tipo de temas e tratava com bastante frequência.

LH: Me fala um pouquinho assim, o quê que tu, o quê que passa na tua cabeça sobre a importância da Amazônia para o mundo, não estou a falar nem para o Brasil, mas para o mundo. Achas que a Amazônia é importante? Achas que

AL: Acho. Acho que a Amazônia é importante.

LH: E por quê?

AL: Acho que a Amazônia é importante, e eu não tenho..., vá lá, eu não tenho conhecimento muito profundo sobre esta coisa.

LH: Não, eu quero que tu fales como um cidadão.

AL: O que eu sei...

LH: Nem é como jornalista, como cidadão, o quê pensas?

AL: Eu acho que é o ponto de vista

LH: Qual é o teu imaginário no ponto de vista sobre a Amazônia e a importância da Amazônia?

AL: Eu acho que... que a importância que tem é no sentido da preservação de algo e de uma riqueza, de um tesouro que é de toda gente, que é do planeta e nós temos que pensar do ponto de vista macro, portanto, temos que todos, que se isso um dia se tornar insustentável toda gente vai perder ou continuar. Já está insustentável aos amazônidas

LH: Então é importante para a sustentabilidade do planeta

AL: Acho, acho.

LH: Por quê?

AL: Porque, porque acho que tem haver com a questão da diversidade ambiental e a questão quase, quase ridícula, mas é a questão da ideia do pulmão do mundo e eu acho que ainda vive na cabeça das pessoas.

LH: Ainda vive na sua?

AL: É, e na minha também.

LH: A questão é que se desmata a floresta e acaba ficando com menos oxigênio

AL: Claro, claro. Mas, por outro lado acho também a questão da... Uma vez eu estava a conversar com meu tio que é brasileiro e também empresário ele estava a dizer: ah, tal, mas isso também é um peso, a gente ter o pulmão do mundo aqui no nosso país... (risos) Também é um peso. Mas também acaba por ter umas vantagens, não é? E acho por outro lado, desse ponto de vista vejo, vejo as coisas de uma forma muito interessante. Porque acho que essas questões, nomeadamente as questões da Amazônia, essas questões sociais, essas questões do sistema em que nós vivemos, sistema predador, não é? Em que nós vivemos e que se manifesta em todas essas questões de gênero, de desigualdade político-social, não é? E essas questões que

me são tão caras, também na questão da Amazônia também se manifesta da mesma maneira, o que eu sei, não sei muito, mas o que eu sei, as questões

LH: Por exemplo, tens noção de quantas pessoas habitam a Amazônia?

AL: Não, não. Isso eu não tenho noção. Mas, o que eu estava a dizer é que tenho noção é de que a forma como usar e preservar a Amazônia, tem em questão o princípio da depredação. A depredação do Homem em relação ao meio ambiente. E a transformação. A desflorestação para fazer pasto e a importância que há e a necessidade que há de travar isso. É sempre do poderio económico... E a necessidade de ir sempre mais além e no fundo, entre aspas, levar isso avante e, mesmo perante até governos que supostamente são de esquerda não é? E que é sempre... Se calhar do ponto de vista simbólico e se agente pensar na imagem é até uma coisa interessante, não é? É algo que vai sendo cada vez mais confinado, confinado, confinado não é?

LH: Para um centro, não é?

AL: Para um centro.

LH: Que está a ser comido pelas bordas....

AL: Pelas bordas, exatamente. Está aqui uma pressão, uma pressão, uma pressão, e que no fundo se agente pensar acaba por passar uma imagem simbólica também da pressão do próprio sistema, a forma como o mundo, entre aspas, que se chama capitalista e como a especulação financeira esta organizada... Acaba por ser também quase que uma imagem do próprio mundo, ou seja, há aqui uma pressão, uma pressão, uma pressão a ser tornar cada vez mais “invivível” a vida nesse centro, que vai ficando confinado, não é?

LH: E quando tu imagens assim, imagens é

AL: Eu não sei se estou a dizer coisa certa ou se estou a falar muitas “baculadas claras”. (*risos*).

LH: Não, estais a falar coisas que toda gente pensa, não é? Não tá nada demais. E que é verdade, o sistema capitalista esta levando a Amazônia embora, não é? Não é o sistema, não é o índio (*risos*) que estava lá há 60 milhões de anos, não é?

AL: É claro.

LH: Agora o que eu quero... O que você imagina que é a Amazônia? Uma grande floresta... Como é que é? Você acha que é... Pensas que ela é muito vazia, com muita gente, o que que passa na tua cabeça?

AL: Posso só fazer aqui uma chamada? Eu preciso de uma pausa, desculpa lá.

LH: Pode, pode.

AL: Eu precisava fazer uma pausa.

LH: Tá, eu espero.

AL: É que eu tenho que ligar....

LH: Não, imagina....

(A entrevistada faz uma ligação telefônica, eu me afasto)

AL: Lúcia, desculpe. Preciso ir à caça da notícia.

LH: Eu sei. Bom trabalho. Nos vemos na emissora.

AL: Sim, sim. Depois acabamos esta conversa, mas qualquer coisa me liga.

LH: Está bem.

APÊNDICE B

Entrevista com o Jornalista do Jornal O Público, Ricardo Garcia. Gravada em: 11. 03. 2011 Lisboa.

Lúcia Helena: Pronto! Eh.. Primeiro eu gostaria que você falasse só um pouco, da maneira que você quiser, como é que foi tua formação, como é que você chegaste no jornalismo e principalmente como é que você trabalhaste ou acabou trabalhando com o jornalismo de meio ambiente. Foi uma escolha, como é que foi isto?

Ricardo Garcia: Não. Não, a minha formação não tem nada a ver com jornalismo, eu fiz História, no Brasil, na USP. Trabalhei com história durante três anos ainda em São Paulo e quando eu vim para Europa, quando vim pra Portugal, já vim com a ideia de trabalhar no jornalismo, né? E acabei depois de algumas tentativas por conseguir começar a colaborar com o semanal Expresso, que era o principal semanal de Portugal, na altura era... Havia muito menos jornais do que hoje, né? Havia muito menos jornais do que hoje...

LH: Essa altura que foi? Que era?

RG: Foi em oitenta e... (tentando lembrar-se) Eu cheguei em Portugal oitenta e sete... Eu me formei em História em oitenta e cinco... Cheguei em Portugal em oitenta e sete...

LH: Então nem chegou a trabalhar em jornalismo no Brasil?

RG: Não. No Brasil não podia trabalhar como jornalista porque não era formado em jornalismo. Tinha algumas portas, mas as portas sempre fechadas.

LH: Mas tentaste? No Brasil?

RG: Fiz algumas tentativas. Ainda quando estava na faculdade, ainda fiz umas tentativas, mas num... Eh... Não dá.

LH: Hum...

RG: E... Mas comecei a colaborar com o expresso em 1988 e nessa altura praticamente não havia ninguém fazendo jornalismo de ambiente. Pouquíssima gente. Poucas pessoas, praticamente um, dois ou três jornalistas que faziam e assim: um com mais frequência, os outros mais esporadicamente. Eu comecei a trabalhar pra a revista do Expresso, que é um... O expresso é semanário, e a revista do expresso tinha, sobretudo, reportagens grandes. Então eu comecei a trabalhar nesta revista fazendo reportagens grandes. Chamaram-me lá, me pediram para sugerir um tema e eu fiz uma reportagem sobre os brasileiros em Portugal, fiz sobre os músicos e nessa altura estava começando a germinar, digamos, um movimento ambientalista português. As principais associações ambientalistas que hoje estão mais em evidência, começaram a militar com força nessa altura. Havia duas grandes guerras, uma era contra os eucaliptos, a plantação de eucaliptos pelo país e a outra, era a guerra do caulino que era uma coisa, de extração de pedra numa aldeia do norte do país. Mas, sobretudo, a guerra do eucaliptos estava muito forte e uma das associações a Quercus, nessa altura começou a fazer ações como faz a Greenpeace. Eh... Se amarravam aos tratores que estavam fazendo as plantações. Então eu vi aquele movimento e eu propus uma reportagem sobre os ambientalistas, os ecologistas. E fiz. Entrevistei todos, todos os principais e fiz essa reportagem. Como havia pouca gente que trabalhava nessa área... Eu não tinha nenhuma apetência, digamos nenhuma vontade a priori de trabalhar nessa área.

LH: Ah! Foi tudo.. Tudo surgiu então cá em Portugal... Eu estou perguntando isso porque na sua juventude já existia um movimento no Brasil. Já tinham ambientalistas, anos setenta, tal , já começou a germinar esse movimento de ambientalismo no Brasil...

RG: Eu nunca fui ligado...

LH: Nunca foi ligado?

RG: Em setenta eu ainda estava na escola. Nunca... Tinha outras preocupações. Eu entrei na faculdade em oitenta. Comecei por fazer engenharia, mas nunca fui ligado ao movimento, estava mais preocupado com a política e com o PT do que com...

LH: É verdade... A gente estava num movimento numa época de abertura no Brasil...

RG: A gente estava muito mais nessa... Campanha das “Diretas Já” e tudo que era manifestação contra o regime militar. A gente estava muito mais preocupado com isso do que com a ecologia. Nesta altura os problemas globais que apareciam no final dos anos setenta, começo dos anos 80, foram as chuvas ácidas, depois foi que veio a Amazônia, alterações climáticas e o buraco de ozônio. Mas, no final dos anos 80... Mas... Nunca fui ligado. Foi por acaso. Eu fiz essa reportagem e como resultado dessa reportagem eu comecei a ser contatado por esses ecologistas pra me passarem notícias, pra me darem notícias, me apresentavam situações que eles achavam que mereciam ser notícia. E como havia pouca gente nessa área eu agarrei esse nicho, né? Comecei a trabalhar nessa altura com ecologia e depois nunca mais parei.

LH: Mas então a sua paixão, primeiro foi pelo próprio jornalismo?

RG: Minha paixão é por escrever. Eu gosto de escrever, né?. Gosto de escrever qualquer coisa. Gosto de escrever. Eu queria... Sempre quis assim, de alguma forma, trabalhar com o jornalismo, mas depois por ocasiões várias fiz outras opções. Primeiro fui pra Engenharia, depois estava entre Jornalismo e História... Queria abandonar a Engenharia, mas como era uma época muito politizada e de certa eu achava que História era mais importante, que ia trabalhar com educação, fazer mais. Eh... Como é que se diz? Um trabalho... Era melhor fazer um trabalho mais de base e naquela época do Paulo Freire né? Aquelas coisas e aí... Mas sempre tinha aquela coisa, uma vontade de trabalhar com Jornalismo, vontade de escrever e tal, mandava muitas cartas pra Folha (Jornal A folha de São Paulo), de vez em quando publicava algumas... Fazia crônicas...

LH: Mas, para você o que representa o jornalismo em nível do social? Em nível de... Qual é para você o lugar do Jornalismo na sociedade moderna?

RG: Bom... Eu acho que o Jornalismo... Quero dizer... Tem duas funções que são conhecidas, mas uma não é muito assumida. Por um lado informar, mas informar criticamente e é preciso ainda, sobretudo agora, em que o acesso a informação é muito fácil e você tem toda a gente como provedor de informação. Sobretudo agora acho que o jornalismo baseado num código de conduta, né? Num código Deontológico, em certas normas que são as normas do jornalismo atual, de equilíbrio, de honestidade, da busca da objetividade e etc... Esse tipo de... É preciso um grupo de profissionais que consiga prover esse tipo de informação mais crítica e eu acho que é o jornalismo o que é capaz de fazer isso. Por outro lado o Jornalismo entretém.. As pessoas... Alguns jornalistas não gostam muito de assumir isso, mas um jornal também é um veículo de entretenimento. Você pega um jornal vai para o café, está lá com os amigos, lê uma coisa engraçada, comenta... Tem uma função até de você facilitar, digamos, um pouco a relação social entre as pessoas.

LH: Pois é, e por isso então essa objetividade ela é uma coisa bastante dúbia não é? Uma objetividade pura numa coisa tão subjetiva que é o tratamento da linguagem.

RG: Objetividade não existe. É a primeira coisa que o jornalista tem que aprender é que a objetividade não existe. Não há objetividade, nem imparcialidade. O jornalista sempre é... Nunca é objetivo e nunca é imparcial. A partir do momento em que você escolhe uma citação, mas deixa outra de fora, fala com uma pessoa, mas não fala com outra, que você escolhe o tipo de informação que você vai por e o que você vai deixar de lado, você de alguma forma está sendo parcial... Você está colocando a sua subjetividade dentro daquilo. Agora, apesar da objetividade não existir, e o jornalista tem que saber isso: é função do jornalista caminhar no sentido da objetividade. Você sabe que você não vai alcançar, mas você tem que caminhar naquele sentido.

LH: Em busca de colocar o mais fiel possível, os fatos...

RG: De ser o mais honesto possível, né.

LH: Honesto. Pronto é a palavra, não é? Então o Ricardo Garcia pelo Ricardo Garcia, qual é a honestidade dele em cima do pensamento de meio ambiente?

RG: Eu não posso dizer que eu sou desonesto (risos).

LH: Estou pensando assim: na sua própria subjetividade que você mesmo coloca, não é? Já que no início do seu texto você se coloca... se coloca bastante.

RG: Em que sentido?

LH: É...Escreve e... Conhecendo você o pouco que eu conheço, lendo o que você escreveu, algumas páginas do que você escreveu, percebo o tipo de pessoa que é. O tipo de jornalista que é. Então você se coloca o tempo inteiro no texto, claro, impossível alguém escrever sem se colocar...

RG: Sim, sim. Mas aí é uma linguagem diferente, não é?

LH: Está. Mas, acha que quando você se coloca, essa colocação... Isso que eu queria muito saber, histórias da sua vida, como é que tem sido na sua trajetória de jornalista essa sua colocação e se essa negociação que a gente tem que fazer com os editores, porque esse texto não sai da sua mão e vai pro jornal. Ele sai da sua mão e passa por uma edição, passa por uma... Como é que é essa negociação, como é que tem acontecido? É fácil pautar meio ambiente hoje, antigamente era mais fácil, hoje é mais fácil, como é isso?

RG: Hum... Em relação a posição em que escrever esses textos você aparece a sua posição pessoal, não sei se isso que você está...

LH: É o estilo. Porque cria um estilo de escrita, não é?

RG: Aqui há duas situações. Quer dizer, eu tenho as minhas opiniões sobre as matérias sobre as quais eu escrevo, mas se eu quero exprimir minha opinião eu escrevo um artigo de opinião mesmo.

LH: E assina?

RG: E assino. Assim como eu tenho uma crônica semanal que é uma crônica que eu posso por lá minha opinião. Agora se eu escrevo um artigo que não é um artigo de opinião, é um artigo informativo, aí eu tenho que ir em busca dessa honestidade jornalística que é você tentar abstrair um pouco da sua posição em relação a um determinado tema e estar aberto a ouvir diferentes opiniões, sabendo ponderar elas muito bem. Isso que pra mim é a honestidade jornalística que se requer. Agora, em relação a negociar pauta, eu acho que eu tive sorte porque eu primeiro comecei a trabalhar no Expresso e havia pouca gente trabalhando sobre ambiente, portanto qualquer tema de ambiente facilmente entrava no jornal. E no Público mais ainda... O Público sempre foi... Como é um jornal relativamente novo, né? O jornal tem vinte anos, e eu entrei na fundação do jornal. Comecei trabalhar nesse jornal seis meses antes do jornal sair, estou dentro de um grupo de jornalistas que fundaram o jornal. E criou-se desde logo uma cultura de muita importância para os temas de ambiente e de ciência. Assim como para qualquer área, a cultura desse jornal era fazer algo que não se fazia em Portugal. O nosso beatmarketing não era bater os jornais daqui, era bater os jornais lá de fora, o Liberación, e etc... E pra isso a gente sempre teve a preocupação de ir muito a fundo em todos os temas. Então foi sempre muito fácil pautar o meio ambiente aqui. Nunca tive problema... Mesmo porque um dos diretores do jornal é ou era, né? Jornalista de meio ambiente.

LH: Quem?

RG: José Manoel Fernandes.

RG: Começou como um dos subdiretores que fundou o jornal, vinha do Expresso também. Já escrevia no Expresso. E depois, nos últimos anos foi diretor do jornal durante onze anos, saiu no ano passado.

LH: É mas... É que normalmente essas matérias de meio ambiente criam várias polêmicas e envolvem uma coisa chamada mercado né? E eu pergunto: e essa relação desses editores com os seus anunciantes, com os seus...

RG: Nunca, nunca tive nenhum problema com relação a isso.

LH: Você nunca se sentiu nem reprimido?

RG: Nunca. Nunca.

LH: Nem cortado? Nunca houve corte de...

RG: Não.

LH: Isso é uma sorte hein?!

RG: Não, mais isso é.. (risos) Não conheço nenhum caso. Houve alguns casos pontuais aqui no jornal assim de pressão do anunciante para um determinado jornalista deixar de escrever sobre aquela coisa, mas o jornal sempre assumiu o lado do jornalista.

LH: Mas, por exemplo, vou fazer uma pergunta de jornalista pra jornalista (risos). Por exemplo, você tem espaço tanto no espaço informativo do jornal, como tem espaço na parte opinativa, com crônicas e tudo mais. E a gente sabe muito bem que para escrever a nossa opinião, se a gente sabe que se dá uma informação antes, a gente tem um canal aberto, não é? Então como é que você joga com isso? Como é que

você trabalha isso? Você tem uma pauta e cumpre aquela pauta e sai aquela informação e você espera um tempo, escreve opinião sobre aquilo ali, espera dar polêmica... Como é que você estrategicamente usa o seu trabalho?

RG: Pra falar a verdade, eu atualmente escrevo poucos artigos de opinião e quase nunca... Foram poucas as vezes que eu escrevi artigos de opinião sobre coisas que eu escrevi no mesmo dia ou dia anterior. Já houve casos assim: de eu escrever um artigo ao lado de um artigo de opinião. Mas eu acho que não funciona muito bem...

LH: Por quê?

RG: Por isso mesmo que você está falando. Bem. A pessoa lê e vê... bom esse cara tem essa opinião e ele escreveu esse artigo. Esse artigo vai ficar condicionado para essa opinião, e... Na verdade você tenta não fazer isso. Por isso eu evito escrever artigos de opinião sobre as próprias coisas que eu escrevo. Éh... Então as crônicas que eu tenho são coisas que, falam sobre sustentabilidade, mas sobre um ponto de vista completamente diferente, um ponto de vista doméstico: como é a minha experiência como um cidadão tentando ser sustentável em casa. Isso não tem nada a ver com polêmicas que eu escrevo. E, para falar a verdade, há muito tempo não escrevo comentários de opinião sobre sistema de ambiente. Estou mais focalizado mesmo no noticiário. Escrevo editoriais, né? Editoriais de ambiente sou eu quem escrevo, no jornal.

LH: Porque escrever sobre ambiente é política né?

RG: Tudo é política, né.

LH: Tudo é política. E quanto mais no ambientalismo hoje, né?

RG: Huhum (concordando).

LH: Acho que é a pauta mais contemporânea política que a gente tem, a polêmica maior é a questão do meio ambiente, não é?

RG: eu não sei. Eu não diria tanto.

LH: Não?

RG: Não, eu acho que tudo é política. Agora é a economia, a falência de Portugal, isso é política também, né?

LH: E também ambiente?

RG: Hã?

LH: E não é ambiente? O que é ambiente? (risos)

RG: É sustentabilidade. Pra mim hoje em dia, se tem dificuldade de dizer o que é ambiente, agora, por exemplo, há uma discussão, tá em formação um novo governo né, com reeleições vai se formar... esse novo governo diz que vai ter só dez ministérios, atualmente são dezoito. Alguns ministérios vão desaparecer, vão se fundir. Tá em discussão é que ministérios que se vão juntar. Então, uma das discussões é com quem que vai se juntar o ambiente. E uma das propostas é que vai se juntar com a agricultura. Eu tava pensando, aí tá um tema sobre o qual eu precisava escrever um artigo de opinião. Mas por que né? Ai eu estava pensando ontem, é difícil definir ambiente, né? O ambiente espanejava um conceito ultrapassado, o ambiente da paisagem, dos recursos naturais, o território, tal...

LH: É mais fácil definir ecologia?

RG: A ecologia é fácil né. É o estudo das coisas vivas. Isso é... a ecologia é uma disciplina da biologia. Uma disciplina... Eu acho que hoje em dia não se deve falar mais em ambiente, deve-se falar em sustentabilidade.

LH: E o que é sustentabilidade para o Ricardo Garcia?

RG: Eu não tenho uma opinião. Eu simplesmente aceito uma definição de sustentabilidade que vigora desde o Relatório Brundtland, né? Sustentabilidade é você garantir que gerações futuras tenham as mesmas oportunidades que a geração atual tem.

LH: Os recursos naturais?

RG: Ou seja, que você possa manter as mesmas oportunidades atuais e indefinidamente. E você só consegue isso, se você tiver uma harmonia entre o ambiente, a economia e o bem estar.

LH: E como é que se faz isso com sete bilhões de pessoas na terra, com essa explosão demográfica, com a medicina do jeito que está, com as pessoas morrendo com cem anos?

RG: É... não sei. Não sei como fazer.

LH: essa é uma questão...

RG: Se eu soubesse essa resposta...

LH: E também, esse conceito de sustentabilidade e também interessa saber, pra quem que essa sustentabilidade não é?

RG: Hum.. Para todos.

LH: Para todos? Então vamos lá... O que que você imagina.. O que seria a sustentabilidade de uma floresta, como a floresta amazônica?

RG: A sustentabilidade, eu acho que é um conceito antropocêntrico, né. Quer dizer, a sustentabilidade é a sustentabilidade do homem na terra, né.

LH: Do homem na terra, então...

RG: A sustentabilidade do homem no planeta. Que o planeta ele vai se mudando, né? A geração... A civilização humana mais dia, menos dia vai desaparecer, o planeta vai se transformar numa coisa diferente... Virão outros organismos e etc.. Como aconteceu no passado da terra. Mas eu acho que o conceito de sustentabilidade é antropocêntrico, né? Como é que você sustenta o modo de... Quer dizer a vida humana na terra sem comprometer os recursos, né? Que suportam essa vida?

LH: Pronto. Então o que seria a sustentabilidade de uma floresta como a floresta amazônica? Seria sustentar aquele ambiente natural para os povos amazônicos? Ou não? Ou você pensa na Amazônia...

RG: Ou pro agricultor também? Quer dizer, você poder fazer agricultura na Amazônia de uma maneira sustentável, né? Não precisa ser só os povos da Amazônia.

LH: Você acha possível fazer uma agricultura com monocultura na Amazônia?

RG: É... eu não sei responder essa pergunta, sinceramente.

LH: E qual a importância da Amazônia para o mundo? Pra você como brasileiro, que está vivendo agora na Europa e que... Enfim, que discute meio ambiente na Europa, hoje?

RG: Quer dizer, eu sei qual é a importância da Amazônia em termos macro, né?

LH: Huhum (concordando).

RG: Éh... Em termos de biodiversidade. Grande parte das espécies, uma parte muito significativa das espécies terrestres estão na Amazônia. Muitas espécies que não se conhece... Quer dizer.. Isso é o que se conhece. Depois, você não sabe aquilo que não se conhece. Aquilo é uma espécie de um biorepositório da Terra que se desaparecer..., Aquilo vai desaparecer. E se a biodiversidade desaparecer tem um fator psicológico que move parte do desejo das pessoas em conservar a biodiversidade que aquilo que não é justo que o homem acelere o desaparecimento da minha espécie, né? Só pra que o homem em si fique melhor de alguma forma, em termos econômicos e sociais. Mas é uma coisa meramente psicológica que as vezes nós não temos o direito de fazer isso, né?

LH: Sim.

RG: Agora, ao mesmo tempo, você está a destruir ecossistemas que são necessários. Que você sabe que são necessários, ou porque purificam a água ou porque vão fornecer outros serviços ao ecossistemas ou porque podem vir ser necessários a outros no futuro, né?

LH: Sim... e aí como o Jornalismo deveria...Ao seu ver, eticamente falando desses códigos deontológicos que você já colocou como jornalista.. A seu ver, como é que você acha que o Jornalismo deveria tratar o tema de preservação da Amazônia hoje em dia? De uma maneira geral?

RG: Sem histeria.

LH: Sem histeria!?... (risos)

RG: Ah.. Eles estão ocupando a Amazônia! Ah... Eles estão colocando fogo na Amazônia! Sem histeria, cara! Eu acho que qualquer jornalista que vai escrever sobre a Amazônia e que queira realmente escrever com conhecimento de causa...

LH: Pois é. Esse é um grande problema... Será que as pessoas conhecem a Amazônia?

RG: Pois é. Tem que ir a Amazônia. Eu confesso que eu só lá estive, duas vezes, e foi recentemente e foi em férias. Mas foi suficiente. Foi suficiente para ter uma noção daquilo que a gente está a falar.

LH: Você foi aonde à Amazônia?

RG: Eu estive no Tapajós, uma vez. E estive no Rio Negro.

LH: No Rio Negro. Pois é, e ainda tem essa estória do que é a Amazônia né? Por que a Amazônia... Fala-se na Amazônia, o que que inclui a Amazônia colombiana, a Amazônia peruana e a gente tem no Brasil um conceito jurídico que é um conceito que vem sendo usado desde os anos 50 de desenvolvimento, para o brasileiro. Que tem sido uma grande ferramenta jurídica para legislar sobre as terras da Amazônia, que é o conceito de Amazônia Legal. Nesse conceito de Amazônia Legal entra inclusive o cerrado. Outros biomas que não são a floresta. Uma parte imensa porque entra todo o Pará, entra Maranhão, entra todo o norte de Mato Grosso, entra o Tocantins agora, que seria... antigamente foi todo o norte de Goiás. Enfim, e é justamente nessa área que seria assim, o entorno da floresta amazônica, que a gente tem o tal do arco do desmatamento e que a gente tem a grande agropecuária, a grande indústria e o plantio de soja. Isso é um grande problema só que... pronto. Ao mesmo tempo as pessoas pensam: Oh! Mas o cerrado não tem nada! O cerrado tem uma biodiversidade monstruosa também, tanto quanto tem a floresta. Não sei quanto tem a floresta, acho que tem muita coisa pra ser descoberta. Mas enfim, moram 25 milhões de pessoas. Que são 25 milhões de pessoas...

RG: Só na cidade...

LH: E eu não estou falando de Manaus e de Belém. Estou falando que em toda a Amazônia brasileira, dentro da Amazônia Legal, existem 25 milhões de pessoas. É doze e meio da população brasileira e são normalmente povos excluídos da cidadania no Brasil, né? São os indígenas, são os ribeirinhos, são os camponeses, são as pessoas que vivem realmente do meio ambiente. Então, o que seria pra você, pensando nesses povos sustentabilidade na Amazônia...

RG: Mas eu não consigo pensar só nesses povos como se fossem só os povos da floresta, entendeu, que estão lá no meio. Os povos ribeirinhos estão excluídos da cidadania, sinceramente não é o que eu vi lá.

LH: Não, o quê?

RG: Não. Você para numa aldeia dessas ribeirinhas, né? Você vê assim uma... Você vê pobreza, né?.

LH: Você vê a presença do Estado? Você vê...

RG: A presença do estado, você vê a escola, você vê o centro de saúde e etc.

LH: Aonde você viu centro de saúde em Tapajós?

RG: Ah não... Centro de saúde, não... (risos)

RG: Hum... Como é o nome daquela cidade... no Tapajós? Alter do Chão?

LH: Alter do Chão.

RG: Mas você vê pobreza, você vê a presença do estado. Mas depois você vê, você vai em qualquer lugar lá que tem uma escola, né. E o... excluído da cidadania acho que é um pouco exagerado. Eu diria que eles são...

LH: É. Normalmente eles não são nem contados. Tem muita gente que não tem nem certidão de nascimento. Mas eles estão vivendo bem, eles não tão querendo cidadania também não... (risos). Também tem isso né? Agora a questão é que sustentabilidade né? Sustentabilidade que vai empurrando esse povo, não é? O que está acontecendo com o arco do desmatamento. Vê a questão agrícola está empurrando esse povo e vai continuar empurrando até a gente não sabe para onde. A Amazônia tá sendo comida igual a uma pizza. É o que a gente sente. Ela está acabando igual a uma pizza que é comida pelas beiradas.

RG: Mas eu acho que qualquer ideia de sustentabilidade tem que partir das próprias ambições dessas pessoas, né?

LH: Ah, pois, isso que eu estava te perguntando. Você acha isso? Tem esse pensamento?

RG: Sim, claro. Você não pode chegar e dizer: olha eu sou rico e moro no Rio de Janeiro, moro em São Paulo, tenho meu carro, tenho ar-condicionado, tenho geladeira, tenho microondas, vou ao cinema

tal... Mas você mora aqui, me desculpa, mas você tem que continuar a ser pobre porque a Amazônia tem que... E nós não podemos por aqui um centro comercial, um shopping, como nós temos, porque isso aqui é Amazônia né? Então a sustentabilidade te obriga a não ter acesso as coisas que eu tenho acesso.

LH: Não, mas tem coisa pior, que é, por exemplo, vamos preservar a biodiversidade da Amazônia, por exemplo, para ela servir a todos os laboratórios alemães e ingleses e tal... com seus remédios e o povo continua lá sem saúde, sem quase nada. Essa é uma questão também. A biopirataria que está acontecendo na Amazônia, que é brutal.

RG: É verdade. Isto estar a ser, bem ou mal, estar a ser abordado, tratado na convenção da biodiversidade, né?

LH: É, mas não tá sendo tratado de uma forma clara pela mídia, você acha que está?

RG: Hum... Eu acho que, por exemplo, houve um grande avanço agora no ano passado, né, na conferência de Nagoya...

LH: Ah, acha que houve?

RG: É eu acho que houve, houve.

LH: Porque que você acha que houve avanço?

RG: Porque foi aprovado, hum... Quer dizer, houve um acordo, que ainda tem que... Acordo da ONU. Chegar num acordo depois que .. demora mais... não sei quantos anos até regulamentar tudo... Mas um acordo quanto ao pagamento desse tipo de... Ou seja, com todos os benefícios que as comunidades locais tem de receber pela exploração dos recursos da zona onde eles vivem, né? Ou seja, uma exploração dos recursos da Amazônia pelas empresas farmacêuticas tem que reverter de alguma forma pras comunidades locais, né? Isso foi aprovado na última conferência da convenção da biodiversidade.

LH: Então você acredita que essa aprovação dessa forma vai...

RG: Não, não digo que dessa forma vai, porque...

LH: Foi um avanço.. Sim, mas foi um avanço.

RG: Isso foi... Na cena internacional, no cenário internacional foi um avanço sem dúvida. E eu não tenho dúvida que isso tem que caminhar de alguma forma pra aí, né?

LH: A questão também da venda do carbono, você é a favor?

RG: Da venda do carbono, desse carbono?

LH: É do carbono, do mercado de carbono.

RG: Não sei. Eu não tenho uma posição muito... É uma coisa estranha. Você tem um gás que ninguém ligava pra ele. Um elemento que está aí na atmosfera, inodoro, insípido e invisível. E de repente ele é elevado a condição de vilão mundial e, a partir daí, ele é elevado a *commodity*, e agora você tem muita gente ganhando dinheiro com isso.

LH: É. Estados inclusive, inteiros...

RG: Estados. E o único argumento a favor disso é que essa é uma forma mais barata de você reduzir as emissões do que se você fizer só uma política de comando e controle. Isto é dizer: olha, temos que reduzir e ponto final.

LH: Sim. Então...

RG: É o único argumento. Agora, depende muito como é que funciona esse mercado, né?

LH: Então vamos voltar um pouquinho para o Jornalismo. Em relação a apuração da notícia como é que tem sido a apuração da notícia ambiental na sua vida de jornalista? A pauta vem a você, você cria a pauta, você cria dentro dos critérios de noticiabilidade de Jornalismo, quer dizer, de acordo com os desastres ecológicos? Como é que é que você trabalha?

RG: De várias formas, viu. De várias formas, e isso também varia muito ao longo do tempo. As coisas chegam, né? Muitas coisas chegam todos os dias eu recebo dezenas de comunicados de imprensa. Porque chegam pessoas que contam histórias, né e vamos atrás das histórias ou então são temas que nós escolhemos e fazemos. Que eu escolho e faço ou porque tenho uma pista sobre uma história, dessas histórias assim mais candentes, né, mais picantes ou porque decido agarrar num determinado tema e explorar esse tema mais a fundo né. Esse ano fizemos dois desses trabalhos de explorar mais a fundo temas específicos, né. Fiz um trabalho com uma outra jornalista sobre a história do Tejo. Sobre como... uma espécie de um balanço

de como é que tá a poluição do Tejo ou o que que ainda polui, o que que tá acontecendo etc e tal. Fizemos um suplemento de oito páginas sobre isso., Um trabalho especial, e fiz um trabalho sobre população. Fizemos um trabalho específico só sobre população, também. Uma coisa assim de vinte páginas. Só sobre população.

LH: Um trabalho deste te toma um tempo...

RG: dois meses...

LH: dois meses... de vinte páginas?

RG: Depende né. Porque esse é um suplemento que nós fazemos todos os anos, que chama o suplemento do dia da terra, que a gente publica no dia da terra e todo o ano a gente escolhe um tema.

LH: E a gente que você diz é um sistema coletivo... (os dois falam ao mesmo tempo)

RG: Porque é um suplemento que eu edito, sou editor, eu também escrevo no suplemento, mas depois nós fazemos um plano e depois distribuimos o trabalho para diversas pessoas...

LH: Tá. Há sempre uma escolha...

RG: Diferentes abordagens. No outro caso é diferente, só eu e uma jornalista ficamos para aí, um mês, mais ou menos, só trabalhando nisso.

LH: Só os dois...

RG: Só fazendo isso. Não fazemos mais nada, praticamente. Eu continuei fazendo outras coisas, mas essa jornalista só fez isso. Então quer dizer, tem todos os tipos de formas possíveis de aparecer uma pauta né. Ou vem de fora ou são ideias minhas, ou são ideias dos meus editores, né. (eh) ou são coisas vão acontecer e a gente sabe que vão acontecer, uma cimeira do clima...

LH: Sim. Coisas que já tão na agenda.

RG: Ou são coisas que a gente tem que reagir como é um desastre ecológico. Ou uma coisa... Agora tudo isso vai variando ao longo do tempo. Por exemplo, agora o ambiente tá muito em baixa, né, muito quietinho, né. Não há praticamente notícia. Quer dizer, nessa fase em que as notícias de ambiente não chegam, que tá todo mundo preocupado com outras coisas e nem os editores tão muito preocupados com o ambiente também, tem as páginas cheias de economia e política agora, esse é o melhor momento pra você lançar projetos de investigação.

LH: Exatamente.

RG: Só que eu não tenho nenhuma em curso.

LH: (risos)

RG: (risos) Agora eu tô aqui em outras funções.

LH: Pronto. É isso pra mim. A última pergunta seria o relacionamento com as fontes, mas você já...

RG: essa é complicada.

LH: já falou. Pois é, o relacionamento com as fontes, principalmente as fontes, as ONG's...

RG: essa é complicada. Ainda mais num país como Portugal que é um país pequeno, né. Você em cinco minutos conhece todo mundo, né. Em dez minutos você é amigo da metade das pessoas, né. E uma hora você tem essas pessoas a frequentar sua casa, né.

LH: E como se vivesse num grande interior não é?

RG: é muito complicado.

LH: Ser jornalista em Portugal...

RG: É complicado por duas razões, né. Por... em primeiro lugar por essa relação que os jornalistas tem com as ONGs, né? As ONGs tão sempre do lado bom né, tudo que as ONGs dizem (eh) tá certo. Tem sempre essa (eh) essa apreciação a priori que muitos jornalistas fazem.

LH: Aqui em Portugal é assim.

RG: Aqui em Portugal e não só, né.

LH: Não sei. Você acha que é assim no Brasil?

RG: Não sei...

LH: Que a TV Globo, a Globo de uma maneira geral, a priori acha as ONG's...

RG: não. A Globo acho que não, eu vi coisas na Globo sobre a Belo Monte, reportagens da Globo sobre a Belo Monte que são.. é aquela coisa do equilíbrio. Tentar a coisa super equilibrada, né. As coisas em completo pé de igualdade e nem sempre é possível fazer isso também.

LH: Você como jornalista brasileiro já vivendo aqui já a tanto tempo, você não acha que o português, de uma maneira em geral tem uma visão romântica sobre a Amazônia?

RG: Ah tem! Não só o português, o europeu...

LH: O europeu de uma maneira geral...

RG: A Amazônia é um pulmão do mundo, (eh) o Brasil tá lacrado aqui (eh), ele tá destruído e não tem o direito de fazer isso. E aquela visão romântica né? ninguém tem a menor noção disso que você falou agora, que lá vivem 25 milhões de pessoas. Parece que a Amazônia que tá lá é um bocadão, um pedaço de floresta com um...

LH: Essa visão...

Ricardo Garcia: Então não tem noção da dimensão da Amazônia, né. Nem o que que é a floresta em si, porque a gente acha que a floresta amazônica é aquela floresta densa, que você não consegue andar e que você vê bicho pra todo lado e é o contrário, né. Você anda bem lá dentro e não vê bicho nenhum, né.

LH: Vê... também vê. (risos)

RG: Ah você vê bicho no pantanal, ali você não vê nada. Mas ali os bichos se escondem, né...

LH: se escondem, é verdade.

RG: Há um livro muito bom, não sei se você já leu, que é um livro que descreve uma viagem que o Roosevelt fez, da Candice Millard, chama O Rio da Dúvida, você leu esse livro?

LH: não, não li.

RG: é uma jornalista americana que reconstruiu uma viagem que o Roosevelt fez depois que deixou de ser presidente dos Estados Unidos e tinha concorrido pela terceira vez a presidência dos Estados Unidos e tinha perdido, então eles tinham que fazer uma viagem e por diversas razões foi dar com uma viagem com Rondon, Marechal Rondon, num rio que ninguém sabia... que eles sabiam onde começava, mas ninguém sabia onde terminava. Era um alfredo madeira, eu acho, que chamava o Rio da Dúvida, que ninguém sabia. Então ele fez essa viagem, quase morreu nessa viagem. Imagina um americano gordo, velho e tal no meio daquele declínio mosquital todo, quase foi né. E depois a jornalista que escreveu... depois ela tem um capítulo que descreve a Amazônia né. E é genial que ela escreve muito bem, porque que você não vê... que você acha que a Amazônia é uma coisa luxuriante, que você se vive dos frutos e da caça e etc. Mas é o contrário, você e todas as viagens, relatos de viagens que você lê mais antigos de exploradores que foram pra Amazônia o principal problema deles era a fome, era passar fome, né. E Por que né? Numa floresta como aquela que você tem árvores muito altas, as árvores que sobrevivem são aquelas que tem os frutos lá em cima porque se os frutos tiverem em baixo, os bichos comem... eles comem e depois a árvore não vinga, né. Tá nascendo a flor, eles já vão lá e comem aquilo e não tem semente. Então os frutos que estão a nascer são inacessíveis. Os bichos, por uma questão de competição também tão escondidos né, só a noite é que a bicharada sai e...

LH: Daí a importância imensa dos rios né?

RG: Daí a importância dos rios. Você não consegue caçar também.

LH: Daí um belo modo de destruir a vida de muita gente. Porque não adianta, não tem como você desistir da sustentabilidade, então eu vou pegar esse índio, essa tribo ou esse povo, enfim, quantas raças não tem ali dentro né, e vou indenizar, vou remanejar pra outras terras e... é impossível. O cara sabe caçar e a cultura dele é caçar pirarucu. Se eu tirar o pirarucu, o cara morre e ponto final, não há indenização sobre isso (risos). Não indenização. Tem que mudar a cultura do cidadão. Isso é uma loucura, muito forte né. E por isso que eu digo, sustentabilidade pra quem né? Que sustentabilidade. Esse conceito de sustentabilidade vem de onde, né, ele vem da Europa né? É o conceito do que? E o conceito do ter.

RG: Só que depois você também não pode, você não pode impedir que o cara que vive lá, o ribeirinho, que anda de chinela, que tem lá sua televisão, tem um gerador...

LH: Tem uma parabólica.

RG: Você não pode impedir que ele queira ir no shopping center também. Você pode, porque que eu não posso? Porque que o seu modo de vida não pode ser meu. E isso é que é sustentabilidade, então...

LH: Se chegou lá a imagem, se tem lá a informação, ele tem... ele tem inclusive informação de que falam dele né?

RG: exatamente.

LH: Da vida dele, né?

RG: Há um livro que é sobre quantas pessoas cabem aqui na terra né, de um geógrafo americano, Joel Cohen...

LH: Joel Cohen. Ele agora tá criando a tal da teoria do mundo cheio né, que eu achei fantástico. Eu gosto muito dele.

RG: Ele tem esse livro que é um best-seller né, já tem uns dez ou quinze anos o livro. O livro é um best-seller e chama, How Many People Can The Earth Support, você não pode calcular é impossível, né? E diz que a pergunta não é exatamente essa, é quantas pessoas podem viver na terra, com que nível de vida, com que expectativas. E o grande desafio é você garantir que o aumento populacional, você assegure que todas essas pessoas terão o direito de escolher o seu modo de vida.

LH: Pois é. E aí, acho que muita gente que está dentro da Amazônia escolheu seu modo de vida, tem muita gente que nasceu lá, mas tem muita gente que foi pra lá escolher o seu modo de vida né, e a questão toda é essa. É você vê, em troca de energia o Brasil não pode ter mais apagão, o Brasil precisa se desenvolver, o Brasil precisa de energia e o mundo gasta energia, a indústria gasta energia, mas o povo ainda não gasta energia nenhuma. Ele tá ali, mas o máximo que ele tem é uma televisão ligada né, uma luz a noite, uma lâmpada a noite (risos). E de repente a terra dele é alagada, essa é a questão da onde que está se olhando a Amazônia. Se ao olhar por dentro, é um olhar no qual ninguém conhece a Amazônia. Só quem conhecesse a Amazônia é quem mora lá. Quem vive e sobrevive dentro daquela floresta. E é claro que ninguém quer que a Amazônia acabe, nem o ribeirinho, nem a Margareth Teacher... Ninguém quer, isso não interessa pra ninguém. Agora pra quê que se quer a Amazônia em pé, é outra questão. Por isso que eu falei, a sustentabilidade é pra quem. Mas pronto. (Eh) então eu acho que era isso Ricardo, super obrigado, muito obrigado. E foi a primeira vez que eu vim em Portugal, mas é de um brasileiro, e essa questão né. Eu acho que o cara tem o direito de ter a sua própria terra. Porque as pessoas pensam mesmo a Amazônia como um objeto de desejo. Que está longe... que tem que ficar intocado e esquece que ela tem vida né?

RG: É, é.

LH: Que além de preservar os animais, o pirarucu, ou o que seja, tem que preservar os homens que tem naquela terra, pois foram eles que preservaram a Amazônia, né? Em última instância.. Se não a Amazônia não existia mais. Se não fosse por eles a Amazônia não existia mais como não existiu... como se destruiu todas as florestas da Europa, que tinha também, não é?. Bom, África é um bom exemplo. Acho que tirando a Madagascar, a África do Sul, não tem mais nada em África. Desertificou completamente.

RG: É... uma história complicada. Mas tem, né? Eu tenho uma amiga...

LH: Você conhece bem a África?

RG: Não, não. Eu tive na África do Sul e em Moçambique, mas foi pessoal. Mas eu tenho uma amiga que está fazendo um doutorado, a tese dela é sobre projetos florestais climáticos em Madagascar, e uma das teorias dela é que alguns desses projetos são piores do que se não tivesse nada. Inclusive do ponto de vista climático. Preserva-se a floresta um bocado, depois vem e corta do outro lado e depois, os próprios benefícios não revertem pra aquela comunidade...

LH: O fato é que aquelas comunidades estão ali há centenas de anos né?

RG: É.

LH: Estão garantindo uma floresta.

RG: É, mas também essa é uma visão um pouco poética demais. Quer dizer que os nativos sempre puseram... Mais no século dezenove, né? Quer dizer, estavam lá os nativos, viviam bem lá, com suas guerras, as sobras, os reinados locais.. Daí chegou o europeu deu uma arma, a pólvora pros indígenas e eles começaram a matar os elefantes né, pra alimentar o comércio europeu. Mas quem realmente.. quer dizer um dos maiores...

LH: Mas a biopirataria dentro da Amazônia é isso. Quem é que fornece os segredos, vamos dizer assim, da floresta, da biodiversidade? São os próprios indígenas. Então eles estão se vendendo pra história porque a televisão chegou e ele também quer ir ao shopping...

RG: E você não pode querer criticar a pessoa por causa disso não é? Ou pode?

LH: É possível...

RG: Ou você pode chegar para a pessoa e dizer assim: eu tenho direito a isso porque eu moro na cidade, mas você mora na Amazônia e você tem que andar de chinela aqui, né?

LH: Pois é, mas percebes como é complicadíssimo viver no capitalismo e ao mesmo tempo ser ambientalista?

RG: É impossível (risos). É quase impossível.

LH: É o movimento anticapitalista, esse movimento...

RG: Enquanto você tiver a teoria, a tese de que o mundo precisa crescer, né? Sempre precisa crescer... Ah, é complicado, né? E saber que você já está no limite de determinados recursos, você vai crescer como?

LH: A noção de progresso, de desenvolvimento progressista.

RG: Mas crescer mesmo no sentido econômico, do PIB...

LH: Pois é, crescer...

RG: Desenvolvimento é diferente. Pra mim desenvolvimento é outra coisa. Você pode ter desenvolvimento sem ter crescimento. Se você pegar o bolo de riqueza e distribuir melhor e fazer determinadas coisas, você vai desenvolver efetivamente, vai viver melhor... Porque desenvolver é viver melhor, mas isso não implica necessariamente nesse crescimento econômico.

LH: Você acha que em Portugal tem uma consciência ambiental desenvolvida, assim de uma maneira geral, o povo, mas do que o Brasil... o que... em relação a Europa também, como é que é...

RG: Portugal, apesar do...

LH: Quem é o teu leitor?

RG: Não sei. (risos) Hoje em dia tão pouca gente compra o jornal que eu... Que a gente não sabe quem é quem está lendo a gente. Os leitores aqui do público é classe A e B, né? Sei lá, política, quadro superiores...

LH: E é pra eles que você escreve, seu sujeito idealizado...

RG: Eu... Eu nunca fico pensando no meu... É aqui. Eu queria era escrever pra gente mais jovem, por isso estou mais ligado na versão da internet, eu passei do papel pra internet.

LH: Para web...

RG: Embora eu contribua pro papel eu estou, digamos, fisicamente ou funcionalmente, eu faço parte da equipe toda do online, que é pra onde eu tenho que voltar agora (risos).

LH: Pronto. Obrigada Ricardo, valeu.

APÊNDICE C

Entrevista com a Jornalista da RTP, Lavínea Leal.

Gravada em: 04. 03. 2013

Lisboa.

Lúcia Helena: Como é que escolheste ser jornalista? Como é que o jornalismo entrou na tua vida?

Lavínea Leal: Hum... sei lá. Eu sempre gostei de muita informação mas, hã... isto foi uma coisa de família. Por exemplo, todas as crianças e os jovens da minha idade não se interessavam pelo que estava a acontecer nos jornais. Já eu sim.

LH: Gostas do que fazes? Gostas da RTP?

LL: Sim, sim. Gosto muito.

LH: Trabalhas em Lisboa? Não é no Porto?

LL: Sim, sim. Trabalho em Lisboa.

LH: Como é que esta pauta desta matéria chegou até ti? Já conhecias alguém? Conhecia este missionário?

LL: Eu tenho uma relação muito próxima com os missionários da Consolata. Eles são do Instituto Missionário Italiano. O Instituto Missionário Italiano.

LH: Sim

LL: E destes há um grupo em que eu pertencia exclusivamente. Eles estavam na Amazônia. Eu já os conhecia antes mesmo de eles serem padres. Então quando vou vê-los agora em Portugal, na altura em que lutavam para angariar créditos, ele contactou-me e disse-me de um conflito que tinha havido e que queria muito sensibilizar as autoridades portuguesas para a questão da mobilização e também do povo português. Me deu as imagens do conflito armado com indígenas vestidos normalmente e disse que também que havia uma campanha para enviar e-mails e que ele não conseguia porque estava entupida a caixa postal do governo rural, acho que era isso. E então eu fiquei mobilizada, por ser um grupo a que eu pertencia e quando vi que havia imagens, percebi que era possível trazer aquilo para televisão, mas eu estava no Telejornal e aí é difícil. Porque televisão tem este problema: se não houver imagens é muito difícil construir uma estória. E então como um dia antes um colega havia feito imagens do índio e também o índio estando em Portugal é uma imagem e tanto. Uma imagem muito forte e eu consegui convencer a minha chefia de fazer a reportagem.

LH: Este teu colega que disseste que havia feito as imagens um dia antes, não são as mesmas imagens que havias visto?

LL: Não não... Esse meu colega também tinha uma imagem. É assim: ele já tinha feito o índio na Praça da República. Que também é uma imagem interessante, é uma um imagem diferente. E o Mário tinha algumas imagens do conflito. Mas o que se tinha com o meu colega também é uma imagem interessante né? Um índio em Portugal, com penas e daquela maneira de se vestir aqui na frente da Assembleia é uma imagem interessante.

LH: Sim percebi. E os índios falavam bem o português os indígenas que entrevistaste?

LL: Sim, sim, sim.

LH: Então já sabias perfeitamente como andava a luta por terras na Raposa Serra do Sol?

LL: Eu já conhecia sim. Eu já estava sabendo com cacos que eu trocava com os meus amigos que estavam lá. E quando eu tinha aí pelos 20, não, 25 anos, eu fazia campanhas nacionais para tentar explicar aos portugueses o que é que se passava. Por que os índios querem tanta terra, não é? Como é que era possível não é? Com os nossos conceitos de propriedade que não tem nada haver com o dos indígenas. É um dever. Então fazia campanha também para angariar fundos para luta indígena. Por isso eu estava mobilizada, estava a acompanhar já. Mas, várias vezes eu tinha tentado fazer reportagens sobre isto e nunca tinha conseguido. Foi preciso os índios estarem cá... Juntou-se o facto dos índios estarem cá com as imagens que o meu amigo trazia, para conseguirmos fazer alguma coisa. Ah! Mas também há aquela coisa se não houvesse o índio

vestido de índio. Se tivesse lá um índio vestido de europeu, do Ocidente, eu não teria feito a reportagem. E tenho que concluir que a RTP... acho que ela não teria feito.

LH: Sim, achas que eles (os jornalistas portugueses da RTP) folclorizam demais não é?

LL: Desculpe, não percebi.

LH: Achas que eles só têm do índio uma imagem exótica e de folclore?

LL: Exatamente. É assim, infelizmente.

LH: Mas, Lavínia, não havia também as imagens da violência contra os indígenas?

LL: Havia só na reportagem que eu tinha. Na reportagem que eu já tinha do Telejornal. O telejornal é o bloco de informação mais importante, como sabes. Depois a outros durante o dia, desde o Bom Dia que é sempre de manhã, até as 10. Há o Jornal da Tarde que é da uma até as duas e depois então, o Telejornal a noite. E eu estava nesta altura no Bom Dia. E no Bom Dia, muitas vezes conseguia-se fazer reportagens que não se podia fazer no Telejornal. E eu entrei de manhã e não sabia bem o que que faríamos a tarde e passei a ir atrás de informações. Eu soube que os índios haviam estado em outra reportagem quando eu fui entrevistá-los que eles me disseram que já haviam estado com o meu colega. E então... Ah! Lembrei! Afinal já se vão cinco anos, não é. Eu lembro que já tinha feito a entrevista a porta de uma embaixada, agora não me lembro bem qual embaixada era essa e... Os índios foram depois... Ah! Foi neste dia que eles disseram que a tarde iam à Assembleia da República. Eu tentei saber qual era o meu colega que estava a fazer a reportagem e contactei-o e disse que queria as imagens e eu vi que ele tinha interesse em me dar porque era uma questão de sensibilização para a causa e os índios na frente da Assembleia da República era uma imagem exótica que estava a motivar a reportagem mais do que qualquer outra coisa.

LH: E esse seu colega, como é o nome dele?

LL: Armando Seixas Ferreira.

LH: Será que eu consigo uma entrevista com ele também?

LL: Eu acho que sim, se ele tiver tempo, acho que sim. Ele ainda estava lá por acaso (falando sobre as instalações da RTP)

LH: Vou pedir a Cristina para ver se ela me arranja o telemovel dele.

LL: Eu lhe dou. Espera eu tenho aqui riscado, só um bocadinho... Estou

LH: Pronto.

LL: Está ouvindo É (numero do telemóvel)

LH: (repito o número do telemóvel)

LL: Exatamente.

LH: E Lavínea, depois que viste as imagens, pensaste que as imagens eram verdadeiras ou que não eram..., tiveste alguma duvida da veracidade das imagens? (falava sobre as imagens do conflito armado)

LL: Não, não. Sabia que as imagens eram de confiança. Tinha certeza que aquilo de facto tinha acontecido. Agora, haviam coisas... Há sempre coisas que a gente sempre tinha que levantar dúvidas... Por exemplo, já não me recordo quantos eram os feridos...já não me recordo se houve alguns mortos. Já conseguiste ver a reportagem?

LH: Não eu não consegui ver a reportagem, eu li o texto.

LL: Eu tenho em casa e depois dou a Lúcia. Mas deixe-me falar... Eu não sei, já não me recordo direito. Mas acho que o índio foi ao estúdio. O que acontece como já tinham dito que iam ao estúdio a gente tem sempre o cuidado de não entrevistar a mesma pessoa para a peça.

LH: Na peça que eu tenho você diz que morreram 21 indígenas.

LL: Sim eu confirmei essa informação. Ví as notícias dos jornais brasileiros...

LH: E na Internet.

LL: Na Internet, claro. Mas nos jornais brasileiros. E o mesmo número aparecia nas notícias que eram favoráveis aos fazendeiros. Então eu pensei... como eles me disseram esse número certo. Podiam dizer cem mortos... Então eu não tinha como ficar na dúvida, não é?

LH: Sim.

LH: E tu nunca vieste ao Brasil? Nunca vieste a Amazônia?

LL: Não, não. Gostava de ir um dia.... (risos)

LH: E gostas de fazer matérias sobre meio ambiente e sobre as etnias

LL: Gosto sim, gosto. Sim, são assuntos que me interessam. Infelizmente não posso fazer muitas vezes porque em televisão eles nunca estão... ainda hoje ainda...é incrível! Não é um assunto que venda muito, Não são assuntos que tenham a ver com a crise. O meio ambiente já não é tema. Há dois anos tínhamos mais este assunto em pauta. Agora o público não está preocupado com isto, estão preocupados com assuntos económicos.

LH: Sim. A crise agora é a principal polémica.

LL: Sim, sim. Mas eu sempre fiz muita coisa sobre meio ambiente, sobre natureza e sobre reciclagem. Sempre gostei muito.

LH: E em seu pensamento, colocas o social dentro deste interesse pelo meio ambiente?

LL: É assim, nós tentamos ser isentos e objetivos, né? Mas na realidade, como as propostas geralmente sou eu que faço, aí já está a subjetividade, não é? De certa forma, eu tento seduzir o coordenador ou a coordenadora para os convencer a me deixar fazer a estória e acho que aqui isto de certa forma está a apontar muito para a subjetividade.

LH: Tu és formada em jornalismo, Lavínea?

LL: Faltam duas cadeiras (risos).

LH: Fizeste aonde?

LL: Na Nova. Mas isto é uma vergonha..

LH: Ô não, não é vergonha nada...

LL: Mais um pouquinho estarei acabando.

LH: Com nós mulheres também é mais difícil, não é?

LL: Sim, eu acho que sim. Eu também tinha que trabalhar e provar.... Dar provas que era competente, que era empenhada

LH: Então Lavínea, eu te agradeço imenso e se tu puderes falar com o Armando que eu vou telefonar, é melhor. Assim não o pego de surpresa.

LL: Tá bem. Olha, eu vou enviar uma....A entrevista do índio, não quer?

LH: Eu quero, porque esta é a peça central da pesquisa. Porque de todos esses anos que eu fiz na pesquisa, é a única peça que eu posso comparar com o Brasil, porque tanto a RTP deu, quanto a TV Globo deu. E por incrível que pareça foi a RTP que deu voz aos indígenas, porque a Globo deu voz aos fazendeiros.

LL: Exatamente.

LL: Na TV Globo, os indígenas não foram ouvidos?

LH: Não no Jornal Nacional

LL: Eu gostava que... Depois eu posso ler esta tese?

LH: Sim, claro. Seria um grande prazer.

LL: Quando vier a Portugal, também pode me ligar. Se eu tiver tempo, a gente se encontra.

LH: Sim, vai ser um prazer tomarmos um café.

LL: Ah... E a Filomena me contou.... Ela é muito difícil....

LH: Sim.

LL: Ela me disse: Ah... Ela queria tudo, queria tudo e eu sei nem o que queria. E depois disso não é assim, ela tinha que ter uma carta.

LH: Ah sim, é porque as cartas foram todas enviadas a Pilar. Mas não é problema nenhum, eu envio novamente.

LL: Eu te vou enviar se der tempo, ainda hoje, os dias que a peça foi ao ar, o tempo da peça e da entrevista.

LH: OK, fico agradecida

LL: Tá bem. Um abraço

ANEXO I

Notícias da Amazônia Emitidas pela RTP, em Portugal, entre os anos de 2005 e 2011

Notícias RTP – 2005

1) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 25.02.2005 20:00 hs

Repetições:

Título (Pivot): Freira morta por defender a Amazônia

Texto:: A opinião pública brasileira está a exigir justiça pelo assassinio de uma freira na Amazônia. A irmã Dorothy de origem americana, vivia há trinta anos no Brasil e era uma das mais influentes defensoras da Amazônia, a maior e mais importante floresta do mundo. A freira foi assassinada com violência, deixando o país em choque, como relata a correspondente da RTP, Marcela Petraglia. (*Image*).

Oráculo: Dorothy Spang
Oráculo: Lula da Silva - Presidente Brasil
Oráculo: Felício Pontes - Procurador da República
Oráculo: Marina Silva - Ministra Meio Ambiente

Assinatura:

Imagem:

Edição: André Veloso

2) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 TELEJORNAL
Data / Hora: 29.03.2005 20:00 hs

Repetições:

Título (Pivot): A polícia brasileira deteve um fazendeiro do Amazonas. O fazendeiro é acusado de ter mandado matar uma freira americana na floresta Amazônica, mas diz-se inocente.

Texto: Estava fugido há mês e meio. Vitalmiro de Moura entregou-se às autoridades reclamando inocência. (*Vivo*). O fazendeiro é acusado de estar por detrás da morte de Dorotty Stang, a freira norte-americana, que dedicou 23 anos da vida à defesa da Floresta Amazônica e dos direitos dos camponeses pobres. Foi assassinada a 12 de fevereiro. Os autores do homicídio confessaram na altura ter agido a mando de Vitalmiro.

Teste de balística comprovaram mesmo que as balas retiradas do corpo da freira teriam sido disparadas de um revólver encontrado na fazenda do acusado. O fazendeiro esteve fugido desde então, até ontem.

Oráculo: Luiz Miguel Loureiro – Jornalista - Jornal da Tarde
Oráculo: Vitalmiro de Moura – Fazendeiro acusado

Assinatura:

Imagem:

Edição: Pedro Pena – Jornalista

3) **Veículo/Canal/Programa:** RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 24.05.2005 09:00 hs

Repetições:

Título (Pivot): A desflorestação da Amazónia, atinge níveis preocupantes. Várias organizações ambientalistas acusam as indústrias e o governo de nada fazerem.

Texto: A luta pela sobrevivência da Amazónia, como pulmão do mundo, parece perdida. Interesses mais altos se levantam. Como o dos madeireiros e de grupos ligados à indústria alimentar. Os produtos agrícolas brasileiros, como a soja, vendem-se a altos preços no estrangeiro, tornando esta actividade muito atractiva. (*Vivo-Arnaldo Carneiro*). Destruídos estão quase 20% da maior floresta tropical do globo, habitat natural para cerca de 30% de todas as espécies animais e de plantas do mundo. A desflorestação atingiu o seu segundo nível mais alto de sempre 26.130 km quadrados. Uma área na qual praticamente cabe a Bélgica. A zona ainda mais atingida é Mato Grosso. (*Vivo - Paulo Adario*). Muitos especuladores e cortadores ilegais de madeira ocupam terrenos no Estado pobre do Pará, 80% do registo de terras são ilegais. O corte de árvores representa 17% do um produto interno bruto. Perante todos estes interesses. A Amazónia está mesmo em perigo e com ela o ar que se respira.

Oráculo: Luiz Miguel Loureiro – Jornalista - Jornal da Tarde
Oráculo: Vitalmiro de Moura – Fazendeiro acusado

Assinatura: Agênciada

Imagem:

Edição: Pedro Pena – Jornalista

4) **Veículo/Canal/Programa:** RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 03.06.2005 08:00 hs

Repetições:

Título (Pivot): No Brasil, a policia desmantelou a maior rede de abate ilegal de árvores no Amazonas.

Texto: Quase metade dos 89 detidos são funcionários da IBAMA, uma agência governamental criada para proteger os recursos florestais brasileiros. A rede interceptada é acusada do abate ilegal de árvores na Amazónia, num valor estimado de 350 milhões de euros. Entre os detidos conta-se o director da IBAMA no Estado de Mato Grosso.

Assinatura:

Imagem:

Edição:

5) Veículo/Canal/Programa:	RTP 1	BOM DIA
Data / Hora:	03.06.2005	09:00 hs

Repetições:

Título (Pivot): A Amazónia esteve em debate. Os 8 países que integram do tratado cooperação para a Amazónia estiveram reunidos pela primeira vez.
A Amazónia possui a maior Biodiversidade de plantas do mundo.

Texto: O rio Amazonas possui 20% da água doce do planeta, assim como a mais rica biodiversidade. Tudo junto provoca um efeito no clima da Terra, razões mais do que suficientes para que a região seja protegida. Foi isso que levou 8 países que a dividem a reunir-se. São eles a Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela e Brasil. Foi precisamente neste último que a cimeira de dois dias teve lugar. *(Vivo - Roberto Jaguaribe)*. Outro objectivo, é a protecção dos direitos de propriedade das fontes biológicas, evitando a sua pirataria. O Peru detectou 500 casos de patentes de medicamentos nos Estados Unidos, na União Europeia e no Japão, usando plantas da Amazónia, sem autorização. *(Vivo - Santiago Roca)*. Na Amazónia existem dezenas de milhares de espécies de plantas, 438 mil foram registadas como de interesse económico e social.

Oráculo: Teresa Cruz - Jornalista

Assinatura:

Imagem:

Edição: Carlos Matias

6) Veículo/Canal/Programa:	RTP 1	NOTÍCIAS
Data / Hora:	08.08.2005	13:00 hs

Repetições:

Título (Pivot): Um segredo de estado: O ex presidente do Brasil José Sarney afirmou à Rede Globo que quando assumiu a chefia de estado em 1985, o país estava a trabalhar para conseguir bomba atómica.

Texto: Em declarações reproduzidas pela agência lusa, o actual senador revelou que as instalações de pesquisa nuclear se situavam na Serra do Cachimbo, na região nortenha do Pará. José Sarney assegura ter-se sentido preocupado com o facto, que qualifica de herança da ditadura militar que governou o Brasil até à década de 80 e durante cerca de 20 anos.

Assinatura: Agenciada
Imagem:
Edição:

7) **Veículo/Canal/Programa:** RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 01.09.2005 07:00 hs

Repetições:

Título (Pivot): A floresta portuguesa está a desaparecer a um ritmo mais devastador do que a floresta amazônica.

Texto: Em 10 anos arderam 800 mil dos dois milhões e meio de hectares de floresta pura. Se a contagem abranger os últimos 20 anos e todo o território, contabilizam-se 2,8 milhões de hectares consumidos.

Assinatura:
Imagem:
Edição:

8) **Veículo/Canal/Programa:** RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 09.09.2005 09:00 hs

Repetições:

Título (Pivot): Os presidentes do Brasil, Peru e Bolívia inauguraram os trabalhos de construção de uma auto-estrada que vai passar pelos três países.

Texto: A via vai ligar as costas do Pacífico e Atlântico. Ao todo serão construídos perto de 4 mil quilómetros de auto-estrada. A cerimónia teve lugar na cidade peruana de Puerto Maldonado. Lula da Silva, Alejandro Toledo e Eduardo Rodriguez destacaram a importância deste empreendimento, que consideraram fundamental para o desenvolvimento dos respectivos países. Uma auto-estrada gigante vai atravessar a Amazônia. Os presidentes do Brasil e do Peru inauguraram aquela que será a primeira via do Atlântico até ao Pacífico .

Oráculo: Márcia Rodrigues – Jornalista
Assinatura: Márcia Rodrigues
Imagem:
Edição: Guilherme Brízido

9) **Veículo/Canal/Programa:** RTP 1 TELEJORNAL
Data / Hora: 09.05.2005 20:00 hs

Repetições: RTP 2 JORNAL 2
22:00 hs

Título (Pivot): As últimas tribos da Amazônia abriram a festa. (*Pausa músicos*).

Uma gigantesca obra vai unir o Brasil e o Peru através de uma auto-estrada que atravessa a selva ligando a costa atlântica brasileira à costa pacífica peruana.

Texto: Os presidentes dos dois países sublinharam a importância desta ligação entre os dois oceanos. (*Vivo: Lula da Silva - Presidente do Brasil*). "Today we are inaugurating a new chapter in the history of the Amazon region and of South America as a whole. We are celebrating the fulfillment of a dream that Peruvians, Bolivians and Brazilians have had for decades. Today we are driving the physical integration of our countries". Lula está debaixo de fogo com a polémica do mensalão. O caso foi mencionado pelo homólogo peruano, Alejandro Toledo pediu a Lula coragem para enfrentar o escândalo. E à Bolívia coragem também para aprofundar a democracia. (*Vivo*) "I pray to God that in Bolivia the democracy crisis is resolved, and to you, my friend President Lula, because of your own experience I say to you 'have courage! Don't be afraid of the stones in the path because they are barking, Sancho, we are making highways!" O presidente da Bolívia também foi convidado para a inauguração da auto-estrada que quando pronta abrirá uma nova era na integração de toda a Amazônia.

Assinatura: Márcia Rodrigues – Jornalista
Imagem:
Edição: Guilherme Brígido

10) **Veículo/Canal/Programa:** RTP 2 JORNAL 2
Data / Hora: 08.10.2005 22:00 hs
Repetições:

Título (Pivot): O Rio Amazonas está com o mais baixo nível das águas dos últimos 60 anos. A falta de chuva preocupa os cientistas. Para eles é mais uma prova das alterações climáticas a nível global.

Texto:

Oráculo: Rosa Peso - Hidróloga
Oráculo: Marco Oliveira - Serviço Geológico Brasileiro
Oráculo: Derly Silva - Comandante
Assinatura: Liliane Abreu Guimarães - Jornalista
Imagem:
Edição: Marcelo Sá Carvalho

11) **Veículo/Canal/Programa:** RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 11.05.2005 07:00 hs
Repetições:

Título (Pivot): Seca no Amazonas

Texto: No Brasil, um terço dos municípios do Estado do Amazonas está ameaçado de isolamento devido à seca e algumas cidades já decretaram calamidade pública. O maior lago de Manaquiri, em Manaus, está sem pinga de água. É o espelho da dura realidade que o Estado do Amazonas enfrenta. A seca extrema ameaça isolar 21 municípios, onde os meios aéreos serão o único meio de transporte. Os alimentos escasseiam e em 4 cidades foi mesmo decretado Estado de Calamidade Pública. Só aqui vivem 42 mil pessoas. A população está assustada. (*Vivo: Pescadores Manuel Tavares da Silva + António Alves Silva*). A situação é dramática e por enquanto, os especialistas ainda não encontraram uma explicação para o fenómeno. (*Vivo: Paulo Canedo*). Esta é a pior seca dos últimos 40 anos e ameaça destruir a maior floresta do mundo. A Amazônia está em risco.

Oráculo: Manuel da Silva - pescador
Oráculo: António Alves - pescador
Oráculo: Paulo Canedo - Professor da Universidade

Jornalista: Helena Sousa e Silva
Imagem:
Edição: Paula Meira

12) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 12.12.2005 09:00 hs
Repetições:

Título (Pivot): No Brasil, os dois homens que mataram uma freira em Fevereiro foram agora condenados a 27 e 17 anos de prisão.

Texto: Ambos confessaram que receberam 20 mil euros para matar a freira de 70 anos, conhecida por defender a Amazônia. Era contra o abate de árvores enfrentando desta forma os interesses de rancheiros e madeireiros, que terão estado por detrás do homicídio.

Jornalista:
Imagem:
Edição:

13) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 14.12.2005 09:00 hs
Repetições:

Título (Pivot): No Brasil, a construção de uma nova auto-estrada transamazónica está a provocar a maior controvérsia. O projecto é contestado pelos ambientalistas que denunciam a deflorestação da maior zona verde do Planeta.

Texto: Para uns é um sonho tornado realidade, para outros, um desastre ambiental e social. Uma nova auto-estrada trans-amazónica vai rasgar a maior zona verde da Terra, para ligar duas cidades do estado de Rio Branco. (*Vivo - Eneas Salati*). Mas para os projectistas, a visão é outra, com um futuro positivo. (*Vivo*). Para apaziguar os ambientalistas e a preservação das comunidades locais, o projecto incluiu cuidados adicionais. (*Vivo*) O projecto recebeu assim luz verde para voltar a arrancar, após décadas de interrupção devido a recursos jurídicos e a destruição natural de obras deixadas a meio.

Mas os ambientalistas sublinham que não há dinheiro e projectos sociais que compensem a desflorestação cada vez mais acelerada, da maior fonte de oxigénio, no nosso Planeta.

Oráculo: António Mateus - Jornalista

Assinatura: António Mateus
Imagem:
Edição: Luís Moreira

14) Veículo/Canal/Programa: RTP 2 O OLHAR DO MUNDO
Data / Hora: 16.12.2005 10:00 hs
Repetições:

Título (Pivot): Apesar dos avisos dos ambientalistas e das medidas do governo brasileiro, a desflorestação da Amazónia continua a ocorrer a uma velocidade preocupante. Há mais de 40 anos que esta floresta tropical está a ser destruída. Uma destruição que entre outros efeitos pode originar alterações climáticas.

Texto: A Amazónia é considerada por muito como o pulmão do nosso planeta. As florestas tropicais brasileiras albergam uma vasta biodiversidade e ecossistemas. Servem de casa para milhões de espécies de insectos e milhares de pássaros, mamíferos, plantas e répteis. *(Som)* Mas este ecossistema único na Terra está em perigo. Por ano desaparecem 20 mil km quadrados de área verde. Nas últimas quatro décadas perderam-se 670 mil kms de árvores. O director Técnico da Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável considera que o Homem é o principal responsável por esta destruição. *(RMI)* Apesar dos avisos dos ambientalistas e das medidas do governo brasileiro, a desflorestação continua a ser uma realidade na Amazónia. Milhares de árvores são queimadas para dar lugar a campos de cultivo e pasto para gado. Os especialistas defendem que a perda de mancha verde tornam o Brasil mais vulnerável às alterações climáticas. Os resultados estão bem evidentes nas secas que devastam a região amazónica.

Assim cria-se um ciclo vicioso, porque as áreas secas são mais susceptíveis a incêndios e ao efeitos do aquecimento global. *(RM2)* *(Som)* E para evitar um cenário de devastação, o Brasil já começa a ter uma postura mais amiga do ambiente. Produz combustíveis biológicos feitos a partir de óleos vegetais e animais ou de milho e da cana de açúcar. As comunidades de Índios da Amazónia também tiram partido dos produtos ecológicos. A Borracha comprada aos indígenas é utilizada em medicamentos, alimentos e na cosmética. O problema é que escasseiam recursos para preservar este ecossistema. *(RM4)*. Apesar das medidas para proteger a Amazónia, a desflorestação pode ter efeitos irreversíveis. Nas próximas décadas, as florestas tropicais brasileiras podem mesmo desaparecer.

Oráculo: Pedro Teichgräber - Jornalista
Oráculo: EneasSalati - Fundação Brasileira Desenvolvimento Sustentável
Oráculo: Luiz Pinguelli Rosa - Fórum Brasileiro Alterações Climáticas

Assinatura:

Imagem:

Edição: Manuel Soares

15)Veículo/Canal/Programa: RTP 1 NOTÍCIAS 3

Data / Hora: 27.12.2005 02:00 hs

Repetições:

Título (Pivot):

Texto: No Brasil cerca de 200 pessoas foram feitas reféns durante uma rebelião numa prisão de Porto Velho, capital de Rondônia no norte do país. A rebelião teve início na noite de domingo e dois presos terão já sido mortos. Os reféns, que na sua esmagadora maioria são familiares dos reclusos estão a ser ameaçados de morte. Os presos exigem o regresso de Ednilton de Souza, condenado a mais de 100 anos de prisão e que foi transferido para outra penitenciária. Souza foi um dos líderes da rebelião de Abril de 2004 na penitenciária de Porto Velho, que resultou em 14 mortes. O preso conseguiu fugir, mas foi recapturado há 20 dias, sendo transferido na última quinta-feira para um estabelecimento prisional de segurança máxima a cerca de 200 quilómetros de Porto Velho.

Jornalista:

Imagem:

Edição:

16)Veículo/Canal/Programa: RTP 1 NOTÍCIAS 3

Data / Hora: 28.12.2005 04:00 hs

Repetições:

Título (Pivot):

Texto: No Brasil, os presos rebelados da penitenciária de Porto Velho garantem ter já executado dez dos 200 reféns que têm em seu poder, informação não confirmada pela direcção do estabelecimento prisional. A rebelião teve início domingo com os reclusos a fazerem reféns cerca de 200 pessoas que visitavam familiares detidos na penitenciária de Porto Velho capital da Rondônia. A cadeia, com capacidade para 360 presos, conta actualmente com cerca de 1.000. A polícia não sabe ainda quantos reclusos estão a participar da rebelião e quantos se tornaram reféns juntamente com os seus parentes. Os amotinados exigem o regresso de Ednilton de Souza, um dos líderes da rebelião ocorrida em Abril de 2004 na penitenciária de Porto Velho, que resultou em 14 mortes. O criminoso, que tinha conseguido fugir, foi recapturado há 20 dias e transferido para uma prisão de segurança máxima, a cerca de 200 KMS de Porto Velho.

Assinatura:

Imagem:

Edição:

17) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 28.12.2005 07:00 hs
Repetições:

Título (Pivot): Na Amazónia brasileira, um motim numa cadeia provocou 200 reféns.

Texto: Os prisioneiros na remota localidade de Urso Branco revoltaram-. Os visitantes, a maioria dos reféns são mulheres e, segundo a polícia muitas estão grávidas. Os agentes tentam controlar a situação, impedindo contornos de grande violência. O tumulto começou no dia de Natal, com as visitas em maior número dos familiares. Os prisioneiros exigem a transferência do Procurador da região.

Jornalista:

Imagem:

Edição:

18) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 29.12.2005 07:00 hs
Repetições:

Título (Pivot): Terminou o motim numa prisão brasileira, do estado da Rondônia

Texto: Os detidos libertaram os quase 200 reféns depois de garantido o regresso à penitenciária do líder da rebelião ocorrida nesta penitenciária em 2004. O criminoso tinha então sido transferido para uma prisão de segurança máxima, mas os reclusos exigiram o seu regresso. Reivindicação satisfeita, os reféns, pessoas que visitavam a cadeia, foram libertados. Falta saber se houve ou não 10 mortos, informação não confirmada oficialmente.

Jornalista:

Imagem:

Edição:

Notícias RTP – 2006

1) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 14.03.2006 09:00 hs
Repetições:

Título (Pivot): As florestas da América Latina estão a ser palco daquela que poderá ser a maior onda de extinção animal desde o desaparecimento dos dinossauros. O alerta lançado por uma organização ambiental sediada em Paris diz que os principais prejudicados estão a ser os anfíbios da Amazónia.

Texto: Este é um rasgar de progresso económico desastroso para a biodiversidade e a prazo e, por reflexo, para os seres humanos. Um novo estudo divulgado hoje pela organização ambiental Diversitas denuncia um impacto do aquecimento global, mais grave do que se configurava. Um efeito que está a dizimar as espécies mais sensíveis das florestas da América Latina, a uma escala só comparável à extinção dos dinossauros. Na Amazónia, o fundo de protecção da vida animal associou-se a indígenas na criação de uma reserva ambiental. *(Vivo)* Um esforço a que resistem madeireiros e mineradores ilegais, cuja acção trás à superfície substâncias venenosas como o mercúrio. As autoridades decidiram assim envolver os indígenas na protecção ambiental. *(Vivo)*. Mas o caminho a percorrer é longo e complexo. Mesmo entre as pessoas mais bem informadas, há quem acredite que a defesa biodiversidade é uma mania de ambientalistas e não um requisito urgente ao futuro da humanidade.

Cima: Cláudio Maretti-Fundo Protecção Vida Animal, WWF
Oráculo: Jauapuku Uaiapi - Tribo Uaiapi

Assinatura: António Mateus - Jornalista

Imagem:

Edição: José Rui Rodrigues

2) **Veículo/Canal/Programa:** RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 16.05.2006 09:00 hs

Repetições:

Título (Pivot): Um grupo de arqueólogos brasileiros fizeram uma descoberta na Amazónia. O achado tem cerca de 2 mil anos e era um símbolo para a população.

Texto: Os investigadores do Instituto Científico de Amapá, na Amazónia, analisaram dezenas de pedras de grande dimensão, algumas com cerca de 3 metros de altura, dispostas em forma circular. Ao todo foram descobertos 127 blocos de granito, espalhados pela cidade de Calcoene. Os arqueólogos classificam o local como um antigo observatório, construído há 2 mil anos e que simbolizava para a população uma referência para ajudar a identificar a melhor altura para fazer as colheitas. *(Vivo)* Arqueóloga. Depois desta descoberta, os cientistas já anunciaram que vão fazer novas escavações, mas só em Agosto, passada a época das chuvas.

Oráculo: Mariana Cabral – Arqueóloga

Assinatura: Helena Sousa e Silva - Jornalista

Imagem:

Edição: Cristina Gomes

3) **Veículo/Canal/Programa:** RTP 1 TELEJORNAL
Data / Hora: 06.05.2006 20:00 hs
Repetições: RTP 2 JORNAL 2 22:00 hs

Título (Pivot): As dificuldades agora levantadas na Bolívia e o cenário internacional de restrição de petróleo estão a acentuar no Brasil o discurso sobre o nuclear. O Brasil já tem duas centrais e planeia construir uma terceira.

Texto: O programa nuclear brasileiro existe há décadas, apenas para energia. No Amazonas há minas de urânio e, para o enriquecer até ao nível energético, começaram a ser construídos em 2004, dois centrifugadores. Unidades agora inauguradas em plena crise de nacionalização do gás natural boliviano. Uma oportunidade que o Ministro da Ciência não deixou escapar. *(Vivo)* Sergio Rezende - Ministro da Ciência e Tecnologia do Brasil. Uma terceira central nuclear deverá em breve juntar-se às duas já existentes no Brasil. A Constituição do país proíbe a investigação em armas nucleares. Mesmo assim, a tecnologia brasileira de enriquecimento de urânio foi atentamente vigiada.

Assinatura: Graça Andrade Ramos - Jornalista

Imagem:

Edição: António Nunes

4) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 04.10.2006 08:00 09:00 hs
Repetições:

Título (Pivot): Já chegaram a Brasília o irmão e a filha do português que morreu no acidente de avião na Amazônia.

Texto: Estes familiares juntam-se assim a um outro filho do empresário de Matosinhos, que já se encontrava no Brasil. As autoridades brasileiras pediram, entretanto, a Lisboa impressões digitais do empresário, para poderem proceder à identificação do corpo. O empresário tinha 58 anos e estava há 15 dias no Brasil a montar estações de electricidade em Manaus. Os 155 passageiros que seguiam a bordo do avião da Gol, para já apenas foram identificados os corpos do piloto, e co-piloto. *(Vivo)*.

5) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 04.10.2006 06:30 07:00 hs
Repetições:

Título (Pivot):

Texto: - As autoridades brasileiras começaram a pedir amostras de sangue aos familiares das vítimas do avião que caiu na Amazônia. O passo seguinte é fazer testes de ADN para identificar os corpos que têm vindo a ser resgatados. O enviado-especial da RTP, António Mateus está no local do acidente acompanhar as buscas. *(Vivo no final)*.

Oráculo: António Mateus - RTP

Assinatura:

Imagem: André Veloso

Edição: André Veloso

6) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 06:09.2006 06:30 07:00 08:00 hs
09:00 hs
Repetições: CB RTPN

Título (Pivot):

Texto: Os restos da mulher foram descobertos em Sena Madureira, a cerca de 145 quilómetros de Rio Branco. A investigadora portuguesa estava a concluir uma tese de doutoramento em Ciências Sociais. Foi

dada como desaparecida no domingo e agora encontrada morta com sinais de ter sido violada. A polícia brasileira anunciou já ter detido o presumível autor do crime. (*Vivo*).

Assinatura:
Imagem:
Edição:

7) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 06.09.2006 06:30 07:00 08:00 hs
09:00 hs
Repetições:

Título (Pivot): O corpo da investigadora portuguesa assassinada na Amazónia deverá ser trasladado ainda hoje para Portugal.

Texto: Vanessa Cerqueira, de 36 anos, foi morta domingo na região de Rio Branco, onde efectuava um trabalho de investigação académica. Foi encontrada morta com sinais de violação. A policia brasileira deteve já um suspeito. Um homem sentenciado por outra morte em 1994. (*Vivo*).

Assinatura:
Imagem:
Edição:

8) Veículo/Canal/Programa: CB RTPN NOTÍCIAS
Data / Hora: 28.09.2006 14:00 hs

Repetições:

Título (Pivot): No Brasil, 125 milhões de eleitores vão escolher no domingo o próximo Presidente, 26 governadores de estado, senadores e deputados e fazem-no utilizando as tecnologias mais sofisticadas, mesmo em lugares como a Amazônia.

Texto: No pequeno porto de Maués, funcionários da Comissão Eleitoral embalam o equipamento e juntamente com técnicos de electrónica embarcam rumo ao interior e aos mais recônditos lugarejos . Um viagem de mais de 200 quilómetros , às vezes com alguma surpresas.

Rio Seco: Finalmente estão no coração da Amazónia, e chega a altura de testarem a maquinaria .

Teste: O Brasil foi o primeiro País a substituir o tradicional boletim de papel pelo voto electrónico . No dialecto dos indios Mawé , explica-se como funciona o sistema , que é mais fácil , mais eficaz , e com muito menos riscos de irregularidades.

Explicação Indio: Agora já não há desculpas. Para já é apenas treino, mas no domingo é a valer . E aqui , como em todo o Brasil , 125 milhões de eleitores vão escolher o próximo Presidente da República , para além do governador do estado , deputados e senadores . Mesmo nas terras onde quase ninguém sabe ler e onde dificilmente há electricidade, chegou também a era do computador: “ao serviço a democracia”.

Assinatura: João Pacheco Miranda - Jornalista
Imagem:
Edição : José Luiz de Carvalho

9) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 29.09.2006 09:00 hs

Repetições: (Note-se que tal notícia foi repetida cerca de 15 dias depois)

Título (Pivot): Reduzir a destruição das florestas será o principal desafio do próximo governante do Brasil, em matéria ambiental. Só no ano passado, na Amazônia desapareceu uma área de floresta equivalente ao Alentejo.

Texto:

Oráculo: Fernando Gabeira - congressista do Partido Ambientalista

Assinatura: Lavinia Leal - Jornalista

Imagem:

Edição: José Rui Rodrigues

10) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 TELEJORNAL
Data / Hora: 30.09.2006 17:00 hs
Repetições: CB RPN TELEJORNAL
20:00 hs

Título (Pivot): Há sobreviventes do avião que caiu na Amazônia.

Texto: A equipa de resgate da Força Aérea, de acordo com a estação de televisão Globo, encontrou sobreviventes. É um dos passageiros do avião que caiu na Amazônia tem nacionalidade portuguesa. A informação é confirmada pelo embaixador de Portugal em Brasília, e citada pela agência lusa, que adianta que o português estava a trabalhar em Manaus mas não residia no Brasil. A identidade não foi revelada já que não ainda não se sabe se há sobreviventes. Uma hipótese pouco provável para o presidente da empresa responsável pela administração dos aeroportos brasileiros. (*Mapa*). Que diz ainda que as causas do acidente só ficarão apuradas dentro de pelo menos 3 meses, mas para já, diz que este acidente é inexplicável, já que tecnicamente era impossível a colisão entre as duas aeronaves. (*Server*). Sabe-se nesta altura que o avião da Gol, que levava 155 pessoas a bordo, caiu a pique. Os destroços da aeronave foram encontrados a 200 km a sudeste de Peixoto Azevedo, em Mato Grosso, num local de difícil acesso. Os hospitais e pronto-socorros da região estão mobilizados para receber possíveis vítimas. O avião saía de Manaus ontem à tarde, com destino ao Rio de Janeiro, com escala prevista em a Brasília.

Desapareceu dos radares na região da Serra do Cachimbo, entre o Pará e Mato Grosso. O voo 1907 da companhia aérea brasileira GOL, colidiu com um pequeno jacto Legacy, fabricado pela Embraer.

Assinatura:

Imagem:

Edição:

11) Veículo/Canal/Programa: RTP 2 JORNAL 2
Data / Hora: 30.09.2006 22:00 hs
Repetições:

Título (Pivot):

Texto: São horas de grande angústia. Depois do desaparecimento do avião da Gol, os familiares dos passageiros e tripulantes dirigiram-se aos aeroportos ansiosos por notícias. (*Vivo*). Esta manhã ficaram a saber que os destroços do aparelho tinham sido localizados a norte do Estado de Mato Grosso numa região isolada com floresta densa. As autoridades tem informações de que há sobreviventes, mas não revelam quantos. A bordo seguiam 155 pessoas, 6 tripulantes e 149 passageiros, incluindo pelo menos um português oriundo do norte do país, que viajava a negócios. A companhia aérea divulgou no site da Internet os nomes de todos os ocupantes. O avião da Gol, igual a este, tinha descolado ontem à tarde de Manaus, a capital da Amazônia, iria fazer escala em Brasília, o destino final era o Rio de Janeiro. Cerca de hora e meia depois de ter levantado voo, desapareceu dos radares. (*Vivo*). As causas do acidente ainda estão por apurar mas, ao que tudo indica, houve uma colisão. Um aparelho mais pequeno, um Legacy, que seguia para os Estados Unidos, terá embatido na parte inferior do boing da Gol, mas conseguiu aterrar de emergência. O boing despenhou-se no

norte do Estado de Mato Grosso, a cerca de 200 kms da cidade de Peixoto Azevedo. Num local de difícil acesso onde só é possível chegar com helicóptero e cordas.

Assinatura:
Imagem:
Edição:

12) Veículo/Canal/Programa: **RTP 1 TELEJORNAL**
Data / Hora: 01.10.2006 20:00 hs
Repetições:

Título (Pivot): Boa tarde. Não deverá haver sobreviventes da queda de um avião na selva amazónica brasileira. O embaixador português em Brasília declarou ser provável que o cidadão português que seguia a bordo tenha morrido. O Presidente Lula decretou três dias de luto nacional pelo pior desastre da história da aviação brasileira.

Texto: São as primeiras imagens do avião que caiu no Mato Grosso. Foram tiradas de um helicóptero pela Força Aérea Brasileira. Os destroços estão escondidos pelas árvores densas e até agora as equipas de socorro não detectaram sinais de vida. As autoridades afirmam que é praticamente impossível encontrar sobreviventes. E isso também já foi comunicado ao embaixador português no Brasil. *(Vivo)*. O local do acidente é quase inacessível por terra. Ontem sete militares desceram de helicóptero com cordas e estão a tentar abrir uma clareira na floresta que sirva de pista de aterragem. Os índios que vivem na região também estão a dar uma ajuda. Ao todo 300 pessoas participam nas buscas mas a operação é difícil. *(vivo)*. Hoje 6 peritos do Instituto médico Legal foram para região, os corpos terão de ser tirados um a um. A operação pode demorar 3 dias. *(vivo)*. Este poderá ter sido o pior acidente da história da aviação brasileira. *(vivo)*. Cento e cinquenta e cinco pessoas estavam a bordo do boeing da GOL, quando o aparelho chocou com este jacto particular, filmado quando descolava. Os pilotos conseguiram aterrar de emergência e já foram ouvidos pelas autoridades. Garantem que só viram uma sombra e escutaram um barulho. A caixa negra do jacto vai começar a ser analisada. A caixa negra do jacto vai começar a ser analisada.

Oráculo: José Carlos Pereira - Infraero
Oráculo: Constantino Oliveira - Presidente da Gol
Oráculo: Ruth Melo - testemunha

Assinatura: Luísa Bastos - Jornalista
Imagem:
Edição: Lillana Claro

13) Veículo/Canal/Programa: **RTP 1 BOM DIA**
Data / Hora: **02.10.2006 06:30 07:00 08:00 hs**

Repetições:

Título (Pivot): A Força Aérea Brasileira diz que não há sobreviventes do acidente com avião que se despenhou sexta-feira na Amazônia.

Texto: Os corpos retirados do avião estão irreconhecíveis e só poderão ser identificados através de análises ADN. O presidente da Agência Nacional de Aviação Civil anunciou que o resgate da totalidade das vítimas poderá demorar uma semana. As operações estão a ser dificultadas pelo mau tempo. No avião da GOL viajava um cidadão português. *(Vivo)*.

Assinatura:
Imagem:
Edição:

14) Veículo/Canal/Programa: RTPN TELEJORNAL
Data / Hora: 02.10.2006 20:00 hs
Repetições:

Título (Pivot): As autoridades brasileiras confirmam a morte dos 155 ocupantes do avião que se despenhou na Amazônia. As equipas de socorro estão a enfrentar muitas dificuldades pelo lugar isolado onde caiu o Boeing, em plena selva e só conseguiram até agora resgatar dois corpos.

Texto: Estas são imagens do jacto da Legacy quando descolava do aeroporto de S.josé dos Campos, no estado de São Paulo, pouco depois os passageiros garantem ter visto uma enorme sombra seguida de um forte impacto. Os sinais da colisão são bem visíveis no jacto que acabou por aterrar em segurança perante o alívio dos passageiros. (*pausa*). A caixa-negra do jacto está a ser analisada e confirma-se a colisão com o boeing da Gol. As autoridades querem agora apurar se houve falha das tripulações, dos controladores aéros ou uma falha mecânica. Por encontrar está ainda a caixa negra do voo 907 da GOL. As autoridades brasileiras confirmam que não há sobreviventes. Os destroços do Boeing 737 estão espalhados num raio de 20 quilómetros quadrados. Até agora foram apenas retirados dois corpos do local do acidente. O avião despenhou-se em plena selva amazónica dificultando o acesso ao local. As equipas de resgate têm de abrir caminho por entre a mata densamente arborizada. A base das operações está montada numa fazenda a 40 kms do local. Do local do acidente as imagens que chegam são ainda as fotos tiradas pelos primeiros helicópteros da Força Aérea Brasileira e são para já pouco esclarecedoras apenas se pode confirmar que o trem de aterragem traseiro estava em baixo. Isto pode indicar que a tripulação tentou uma aterragem forçada. As caixas negras vão permitir mostrar elementos preciosos para a investigação como por exemplo a posição dos aviões, os registos de voz com a torre de controlo e as autorizações dadas aos comandantes pela supervisão do espaço aéreo.

Oráculo: Brigadeiro Jorge Kersul – Comandante das Operações
Assinatura: Berta de Freitas – Jornalista
Imagem:
Edição: Cristina Gomes

15) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 03.10.2006 06:30 08:00 09:00 hs
Repetições:

Título (Pivot): Já foram encontradas as duas caixas negras do avião da Gol que se despenhou na Amazônia.

Texto: Estes elementos serão fundamentais para determinar as causas do acidente que vitimou 155 passageiros. A Força Aérea Brasileira conseguiu recuperar as caixas negras com recurso a helicópteros. Esta foi a pior catástrofe da aviação civil do Brasil. Entre as vítimas do acidente está um cidadão português. (*Vivo*).

Assinatura:
Imagem:
Edição:

16) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 05.10.2006 06:30 07:00 09:00 hs
Repetições:

Título (Pivot): As autoridades brasileiras começaram a pedir amostras de sangue aos familiares das vítimas do avião que caiu na Amazônia. O passo seguinte é fazer testes de ADN para identificar os corpos que têm

vindo a ser resgatados. O enviado-especial da RTP, António Mateus está no local do acidente acompanhar as buscas.

Assinatura:
Imagem:
Edição:

17) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 05.10.2006 06:30 15:00 16:00 hs
Repetições: CB RTPN NOTÍCIAS
04.10.2006 14:00 07:00 08:00 hs 09:00 hs

Título (Pivot):

Texto: Uma testemunha do acidente com avião que caiu na Amazónia falou agora pela primeira vez. Trata-se de um jornalista norte-americano, que ia a bordo do avião mais pequeno. Ele conta que pensou que ia morrer.

Assinatura: Joe Sharkey – Jornalista New York Times
Imagem:
Edição:

18) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 05.10.2006 06:30 07:00 08:00
09:00 hs
Repetições: CB RTPN NOTÍCIAS
14:00 15:00 17:00 hs

Título (Pivot): No Brasil, as autoridades começaram a recolher amostras de sangue dos familiares das vítimas do avião que caiu na Amazónia.

Texto: O objectivo é identificar os corpos, através de testes de ADN. Estas são as primeiras imagens recolhidas no local do acidente. As equipas de resgate já conseguiram recuperar 100 corpos. Todos eles serão enviados para o Instituto Legal de Brasília. O Boeing da companhia aérea GOL, despenhou-se na sexta-feira na selva Amazónica. 155 pessoas morreram no acidente. *(Vivo)*.

Assinatura:
Imagem:
Edição:

19) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 TELEJORNAL
Data / Hora: 05.10.2006 20:00 hs
Repetições:

Título (Pivot): Uma semana depois, surgiu o primeiro testemunho de uma das pessoas envolvidas no acidente aéreo na Amazónia. É um jornalista norte-americano que seguia a bordo do jacto mais pequeno que colidiu com o Boeing da Gol.

Texto: Há momentos que marcam para sempre. Joe Sharkey, jornalista do New York Times, era um dos 5 passageiros que viajava a bordo do jacto Legacy. *(Vivo)* Sharkley pensou então que o pior iria acontecer. *(Vivo)* E quando tudo parecia perdido, os pilotos do jacto conseguiram fazer uma aterragem de emergência. *(Vivo)* - Os passageiros do jacto sobreviveram ao acidente. Mais tarde saberiam que as 155 pessoas que viajavam no Boeing, não tinham tido a mesma sorte.

Oráculo: Joe Sharkey - jornalista do New York Times

Assinatura: Maria João Figueiredo - Jornalista

Imagem:
Edição: Arthur Paiva

20) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 06.10.2006 06:30
Repetições:
07:00 e 09:00 hs

Edição: **Título (Pivot):** Nos aeroportos de todo o Brasil foi ontem cumprido um minuto de silêncio em homenagem vítimas do avião que caiu na Amazônia.

Texto: Em 67 aeroportos, foi feita uma contagem decrescente às 5 da tarde, hora local e depois do minuto do silêncio ouviu-se uma forte salva de palmas. Há entretanto novas informações sobre o acidente. Os controladores de voo tentaram por cinco vezes entrar em contacto rádio com o avião mais pequeno e ficou também a saber-se que o emissor deste aparelho, que o identifica no radar, esteve desligado por 15 minutos antes do acidente. Os pilotos não estavam na cabine e o acidente ocorreu porque o avião executivo viajava, erradamente, à mesma altitude do avião comercial. *(Vivo)*.

Assinatura:
Imagem:
Edição:

21) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 27.10.2006 09:00 hs
Repetições:

Título (Pivot):

Texto: Reduzir a destruição das florestas, será o principal desafio do próximo gorverante do Brasil, em matéria ambiental. Só no ano passado, na Amazônia, desapareceu uma area de floresta equivalente ao Alentejo.

Oráculo: Fernando Gabeira - Congressista do Partido Ambientalista

Assinatura: Lavinia Leal - Jornalista
Imagem:
Edição: José Rui Rodrigues

22) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 03.11.2006 07:00 hs
Repetições: 09:00 hs

Título (Pivot): Está encontrada a causa do acidente aéreo na Amazônia.

Texto: Uma torre de controlo autorizou os dois aviões a voarem à mesma altitude. O jornal Folha de São Paulo, divulgou as gravações dos diálogos entre os pilotos do jacto e a torre de controlo. As conversas revelaram que o jacto privado estava autorizado a voar a 37 mil pés até Manaus, apesar do Boeing-737 voar na mesma altitude, em sentido aposto. Depois terá havido uma falha na comunicação entre o jacto e o Centro de Controlo do Tráfego Aéreo de Brasília. Morreram as 154 pessoas a bordo, entre elas, um empresário português. *(Vivo)*.

Assinatura:
Imagem:
Edição:

23) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 20.11.2006 07:00 hs
Repetições: 09:00 hs

Título (Pivot): Na Amazónia, os golfinhos tornaram-se no principal atractivo de um restaurante flutuante. Trata-se de uma espécie rara que, segundo uma crença antiga, enlouquece as mulheres.

Texto:

Oráculo: Raimundo Pereira – Pescador
Oráculo: Maria Guimarães - Pescadora
Oráculo: Vera Silva - Instituto Nacional Pesquisa Amazónia
Oráculo: Marilda Medeiros - Proprietária restaurante
Assinatura: Antônio Mateus - Jornalista
Imagem:
Edição: Antônio Nunes

24) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 TELEJORNAL
Data / Hora: 27.11.2006 20:00 hs
Repetições:

Título (Pivot): A EDP deu um passo que considera decisivo para avançar no mercado internacional. Entrou em funcionamento uma nova central hidroeléctrica, no Brasil, que vai fornecer electricidade a 4 milhões de pessoas. A EDP é um dos principais parceiros.

Texto: As turbinas já começaram a funcionar em Setembro, mas só hoje foi oficialmente inaugurada a barragem de Peixe Angical, no rio Tocantins. A hidroeléctrica está pronta a produzir electricidade para 4 milhões de brasileiros, quase metade da população portuguesa. E é o resultado de uma parceria entre a EDP e a empresa estatal brasileira Furnas Centrais Eléctricas. Um investimento de 578 milhões de euros para que a EDP passe de distribuidora a produtora eléctrica no Brasil. *(Vivo)* António Mexia. O retorno deste investimento tem um prazo de 8 a 9 anos, e enquadra-se numa estratégia a 4 anos, que tem como objectivo duplicar a capacidade de geração eléctrica da EDP no Brasil, que actualmente é de 1000 megawatts.

Oráculo: António Mexia - Presidente EDP
Assinatura: Isabel Loução Santos – Jornalista
Imagem: Arquivo RTP
Edição: Liliana Campos

25) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 27.11.2006 07:00
Repetições: 09:00 hs

Título (Pivot): O presidente da EDP inaugura hoje no Brasil a Barragem do Peixe Angical, uma das maiores barragens da América do Sul.

Texto: O empreendimento está a cargo da empresa Enerpeixe, um consórcio controlado a 100% pela EDP. O investimento ronda os 580 milhões de euros. A barragem pretende maximizar o potencial eléctrico do rio Tocantins. Tem uma potencia instalada de 452 magawatts. *(Vivo)* Presidente António Mexia inaugura uma das maiores barragens da América do Sul.

Notícias RTP – 2007

1) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 09.01.2007 07:00 hrs

Título (Pivot): No Brasil, a chuva não tem parado de cair desde o início do ano. As inundações e os deslizamentos de terras já provocaram mais de 50 mortos.

Texto:

Oráculo: Pedro Britto - Ministro da Integração Nacional

Assinatura: Helder Marques de Sousa – Jornalista

Imagem:

Edição: José Rui Rodrigues

2) Veículo/Canal/Programa: CB RTPN NOTÍCIAS
Data / Hora: 08.04.2007 14:00 16:00 hrs

Título (Pivot): Um homem percorreu a nado o segundo maior rio do mundo: o Amazonas. É um esloveno de 52 anos, que já é conhecido como o homem-peixe.

Texto: A aventura durou 66 dias. Começou a 1 de Fevereiro no Peru e acabou 5 mil 265 quilómetros depois, em Belém, no Brasil. Martin Strel bateu os anteriores recordes pessoais: o Danúbio e o Mississipi. O Rio Nilo, o maior do mundo, pode ser agora o próximo desafio do homem-peixe.

Assinatura: Patrícia Pedrosa – Jornalista

Imagem:

Edição:

3) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 30.04.2007 08:00 hrs

Título (Pivot): As autoridades brasileiras estão a tentar controlar uma epidemia de Dengue na cidade de Belém.

Texto: Até ao momento, nove pessoas já morreram com a doença. Os especialistas consideram que este ano já foram registados 2200 casos, ou seja, mais 70% do que no ano passado. Muitos especialistas consideram que o forte aumento de febre dengue poderá ser resultado do aquecimento global. Belém é uma cidade do norte da Amazónia *(Vivo)*.

Assinatura:

Imagem:

Edição:

4) Veículo/Canal/Programa: CB RTPN NOTÍCIAS
Data / Hora: 27.05.2007 15:00 16:00 hrs

Título (Pivot): O simulacro de um sequestro no Brasil terminou de forma trágica.

Texto: Os reféns deste simulacro, estavam no interior de um autocarro, em Rondonópolis, no estado de Mato Grosso. A Polícia ia resgatá-los, mas em vez de usar pólvora seca, usou balas reais. Uma criança morreu, doze pessoas ficaram feridas. Já foi instaurado um inquérito para perceber como isto aconteceu.

Assinatura:

Imagem:

Edição:

5)Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 28.05.2007 07:00 09:00 hrs
Repetições: CB RTPN NOTÍCIAS

Título (Pivot): No Brasil, terminou de forma trágica um simulacro da polícia.

Texto:Numa cidade do Mato Grosso, um jovem foi morto por disparos dos agentes que em vez de balas de borracha, usaram munições verdadeiras.

Oráculo: André Milhomem - Amigo da vítima
Oráculo: Maria da Conceição - Testemunha
Oráculo: Carlos Brito - Secretário da Segurança do Mato Grosso

Assinatura: Helder Marques de Souza – Jornalista

Imagem:

Edição: António Nunes

6)Veículo/Canal/Programa: CB RTPN NOTÍCIAS
Data / Hora: 15:00 hrs

Título (Pivot): Era um mero exercício policial, uma demonstração da capacidade operacional dos agentes. A polícia brasileira já abriu um inquérito para apurar as responsabilidades no caso da morte de uma criança durante um simulacro de um sequestro.

Texto:- Mais de 500 habitantes de uma pequena cidade do Estado de Mato Grosso participavam no simulacro. O exercício fazia-se no interior de um autocarro, um suposto sequestro, até que a polícia começou a disparar. *(Vivo)*. E o pior aconteceu. numa arma da polícia não estavam balas de borracha, .mas balas verdadeiras. Um menino de 13 anos foi atingido e morreu. *(Vivo)*. Um morto e onze feridos, entre os quais seis crianças. Erro ou negligência é agora a dúvida, a polícia do Estado do Mato Grosso promete explicações para breve. *(Vivo)*. Uma arma carregada com balas verdadeiras num simulacro. Fonte da polícia já adiantou que foi um engano do agente, um erro fatal.

Assinatura:

Imagem:

Edição:

7)Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 28.05.2007 09:00 hrs
Repetições: CB RTPN NOTÍCIAS

15:00

hrs

Título (Pivot): No Brasil, há alguns anos que os índios estão em luta com os fazendeiros para regressarem às terras de onde foram desalojados. Um conflito que se faz sentir particularmente no estado de Mato Grosso.

Oráculo: Carlito de Oliveira - Chefe índio
Oráculo: Daniel Vera - Operário
Oráculo: Fábio Moura - Antropólogo

Assinatura: Helder Marques de Sousa
Imagem:
Edição: Miguel Teixeira

8) Veículo/Canal/Programa: CB RTPN NOTÍCIAS
Data / Hora: 11.07.2007 17:00 hrs

Título (Pivot): O Presidente Lula da Silva anunciou investimentos de 400 milhões de euros, no enriquecimento de urânio no próprio Brasil

Texto: Actualmente a maior parte do urânio usado em centrais brasileiras é enriquecido no Canadá. Apenas 20 por cento é enriquecido no Brasil, através de um processo próprio, considerado o mais barato do mundo. Os 400 milhões de euros vão ser aplicados ao longo dos próximos 8 anos, nas duas fábricas nucleares já existentes e noutras que o governo planeia construir. O Brasil tem jazidas de urânio na Amazónia.

Assinatura:
Imagem:
Edição:

9) Veículo/Canal/Programa: CB RTP AFRICA REPORTER AFRICA
Data / Hora: 10.07.2007 13:00 hrs

Título (Pivot): Terminaram as escavações para a localização dos três edifícios construídos entre os séculos XV e XVIII na cidade Velha em Cabo Verde: São eles a igreja Nossa Senhora da Conceição, o Colégio dos jesuítas e agora a casa da companhia brasileira Grão Pará e Maranhão.

Texto: As escavações que foram acompanhadas pelos arqueólogos de Cambridge terão uma quarta fase, no próximo ano, altura em que será criado o "Parque Arqueológico da Cidade Velha", mas tudo ainda depende dos financiamentos.

Oráculo: Konstantin Richter - Coordenador das Escavações

Assinatura: Hulda Moreira - Jornalista
Imagem: Rogério Marques
Edição: Yukil do Rosário

10) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 12.07.2007 06:30 hrs
Repete: RTP 2 Jornal 2
22 hs

Título (Pivot): O Presidente do Brasil anunciou investimentos de 400 milhões de euros, no enriquecimento de urânio no país.

Texto: Actualmente, a maior parte do urânio usado em centrais brasileiras é enriquecido no Canadá. Apenas 20 por cento é enriquecido no Brasil, através de um processo próprio, considerado o mais barato do mundo.

Os 400 milhões de euros vão ser aplicados ao longo dos próximos 8 anos, nas duas fábricas nucleares já existentes e noutras que o governo planeia construir. O Brasil tem jazidas de urânio na Amazônia. Lula da Silva diz que o Brasil pode dar-se ao luxo de ser um dos únicos países do mundo, a dominar toda a tecnologia do ciclo de enriquecimento de urânio.

Assinatura:

Imagem:

Edição:

11) Veículo/Canal/Programa: **RTP 2** **JORNAL 2**

Data / Hora: **22.07.2007**

Título (Pivot): A falha num radar que controla o tráfego aéreo no Brasil provocou o caos em quase todos os aeroportos do país.

Texto: Localizado em Manaus, na Amazônia, o radar é responsável por uma vasta zona, incluindo as rotas para Estados Unidos e América Central. Centenas de aviões saíram com várias horas de atraso e mais de 140 voos foram cancelados. A confusão foi gerada quatro dias depois do maior acidente aéreo da história do país e poucas horas depois do presidente Lula da Silva ter prometido melhorar a aviação brasileira .

Assinatura:

Imagem:

Edição:

12) Veículo/Canal/Programa: **RTP 1** **TELEJORNAL**

Data / Hora: **06.10.2007** **20:00 hrs**

Repetições:

Título (Pivot): Incêndios gigantescos estão a devastar a floresta da Amazônia. O fumo dos incêndios está a espalhar-se por várias zonas do Brasil, Bolívia e Paraguai.

Texto: Estimativas de uma organização não governamental apontam para mais de 10 mil focos de incêndio em cerca de 2 milhões de quilómetros quadrados, nos lados brasileiro e boliviano da Amazônia. O descontrolo das queimadas feitas por agricultores e criadores de gado estão na origem dos incêndios. (*vivo*) Povo “- ai! s minhas coisinhas”. Todos os anos no final da estação seca estas queimadas são feitas. com o objectivo de conquistar terras produtivas á floresta, adubá-las e criar gado. Com os ventos fortes e temperaturas elevadas a situação está a assumir os contornos de uma catástrofe ambiental. (*vivo*) IBAMA. Por causa do fumo, na bolívia estão já encerrados 37 aeroportos e a preocupação é agora com as reservas de gás natural e explorações petrolíferas que estão situadas em zonas afectadas pelos incêndios.

Assinatura: Isabel Damásio - Jornalista

Imagem:

Edição: Samuel Freire

13) Veículo/Canal/Programa: **RTP 2** **JORNAL 2**

Data / Hora: **06.10.2007** **22:00 hrs**

Título (Pivot): Incêndio lavra na Amazônia

Texto: Na América Latina, queimadas iniciadas por fazendeiros provocaram um incendio descontrolado na Amazônia que já deixou áreas substanciais da Bolívia, Paraguai e Brasil sob um manto de fumo. A escala do incendio já provocou o cancelamento de dezenas de voos na região afectada.

Todos os anos no final da época seca, fazendeiros e criadores de gado na América latina procedem a queimadas para limpeza de terras e alargamento das respectivas áreas de exploração.

Assinatura: Antônio Matus - Jornalista

Imagem:

Edição:

14) Veículo/Canal/Programa: RTP 2 JORNAL 2
Data / Hora: 06.12.2007 22:00 hrs
Repetições: TV RTP 1 BOM DIA
07.12.2007 06:30 hrs

Título (Pivot): O aquecimento global vai destruir 60 por cento da Amazônia até 2030. O aviso foi feito em Bali pelo Fundo Mundial para a Vida Selvagem, um dos maiores grupos activistas para o meio ambiente. O Fundo acrescenta, o desaparecimento da Amazônia vai permitir que as temperaturas na terra subam até níveis catastróficos.

Texto: A floresta da Amazônia é considerada o pulmão da terra, que a deflorestação, a seca prolongada e a diminuição de chuvas estão a destruir. O Fundo Mundial para a Vida Selvagem prevê mesmo que 60 por cento da floresta do Amazonas desapareça nos próximos 20 anos e isso será uma sentença de morte. (vivo *Hans* “ É o planeta inteiro que está ameaçado: (vivo *Dan*). Combater a desflorestação do planeta é por isso uma prioridade da Cimeira para o Ambiente que decorrer em Bali na Indonésia. Outra é reduzir as emissões que provocam o aquecimento global. Duzentos cientistas deixaram em Bali um aviso grave: os governos têm apenas 10 a 15 anos para fazer declinar estas emissões ou será tarde de mais para deter o desequilíbrio climático.

Oráculo: Alberta Marques Fernandes
Oráculo: Hans Verolme – Director do Programa Clima WWF
Oráculo: Dan Nepstad – Autor do relatório WWF sobre a Amazônia
Assinatura: Graça Andrade Fernandes - Jornalista
Imagem:
Edição:

15) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 TELEJORNAL
Data / Hora: 23.11.2007 20:00 hrs

Título (Pivot): As autoridades e a opinião pública do Brasil estão a reagir em choque a uma notícia. Uma jovem, entre os 15 e os 20 anos, ainda não foi possível apurar com rigor... foi encarcerada numa cela da polícia com 20 prisioneiros homens. Durante um mês terá sido repetidamente violada. Alegadamente a polícia procurava maneira de a obrigar a confessar um roubo. O caso está a merecer uma grande atenção dos media brasileiros.

Texto: À reportagem da Globo, a jovem confirmou ter sido violada . (Vivo)A ordem dos Advogados brasileiros está chocada. Quer a punição dos polícias responsáveis. (Vivo) Quando a mãe soube do caso foi buscar a filha, mas foi-lhe dito que ela fugiu da esquadra. A jovem garante que foi retirada da cela, abandonada no cais e obrigada a deixar a cidade sob ameaça. (Vivo)A responsável pela Segurança Pública do Pará abriu um inquérito, mas está consciente do sistema penal. (Vivo) A polícia justifica-se dizendo que na prisão não há celas femininas. Uma revolta de prisioneiros no ano passado destruiu parte das instalações.

Oráculo: Diva Andrade – Conselheira da Tutela Infantil
Oráculo: Mary Cohen – Ordem dos Advogados do Brasil
Oráculo: Vera Lúcia Tavares – Secretária de Segurança Pública

Assinatura: Sebastião Coelho - Jornalista
Imagem: Paulo Martins
Edição:

16) Veículo/Canal/Programa: RTP1 JORNAL DA TARDE
Data / Hora: 22.12.2007 13:30hrs
Repetições: RTPN NOTÍCIAS
14:00, 17:00, 18:00 hrs
RTP 2 JORNAL 2
22:00 hrs

Título (Pivot): O Brasil proibiu a venda de todos os produtos agrícolas, provenientes de áreas da Amazônia onde houve abate ilegal de árvores.

Texto: (*Imagem*) É uma medida de emergência. Em quatro meses, a desflorestação aumentou 10 por cento, devido ao comércio ilegal de madeiras e à ocupação de terras, para cultivo e pasto. O presidente Lula da Silva assinou o decreto e deu ordens para que 700 agentes da Polícia Federal reforçassem a vigilância na região.

Assinatura: Tereza Pacheco Miranda (Porto)
Imagem:
Edição:

Notícias RTP 2008

1) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 25.01.2008 06:30 07:00 hs
Repetições: CB RTPN NOTÍCIAS
15:00 hs

Título (Pivot): O Brasil está alarmado com a desflorestação da Amazônia.

Texto: O aumento da desflorestação levou o presidente Lula da Silva a convocar uma reunião de emergência. Para combater este problema, o governo proibiu os bancos de financiar as propriedades que tenham feito abates ilegais, que também serão alvo de bloqueios. Quem transportar produtos provenientes dessas explorações também será penalizado. Dados oficiais indicam que cerca de 17 por cento de toda a Amazônia brasileira, uma área equivalente a duas vezes a Alemanha, já foi desflorestada. (*vivo*).

Assinatura:
Imagem:
Edição: Helder Marques de Souza

2) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 22.02.2008 07:00 08:00 hs

Título (Pivot): No Brasil, uma colisão de dois barcos no rio Amazonas fez até ao momento 13 mortos.

Texto: Entre os 13 mortos estão quatro crianças. De acordo com a Capitania Fluvial da Amazônia, no barco de passageiros seguiam cerca de 110 pessoas. As buscas foram interrompidas ao fim da tarde, mas vão ser retomadas logo de manhã. O barco Almirante Monteiro afundou pouco depois de bater numa balsa. O naufrágio ocorreu perto da Foz do Paraná da Eva, no Rio Amazonas. (*vivo*).

Assinatura: Antônio Pita de Oliveira
Imagem:
Edição:

3) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA

Data / Hora: 02.04.2008 07:00 09:00 hs

Título (Pivot): A polícia brasileira detectou mais um grave atentado contra o meio ambiente na Amazônia.
Texto: Setecentos e quarenta jacarés foram descobertos mortos, salgados e sem pele, numa reserva natural de Piagaçu-Purus. Os inspectores confiscaram cerca de oito toneladas de carne de jacaré. Dizem estar perante uma operação comercial de grande escala. A carne seria vendida para consumo no Pará, enquanto a pele, que normalmente é a parte mais valiosa terá sido abandonada nos rios. A caça ao jacaré é autorizada apenas para consumo próprio. (*vivo*)

Assinatura: Helder Marques de Souza

Imagem:

Edição:

4) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA

Data / Hora: 22.04.2008 06:30 07:00 hs

Título (Pivot): E neste dia da terra olhamos para as ameaças da Amazônia.
Texto: Preocupados com a situação, os ecologistas estão a encontrar uma nova forma de preservar zonas ecológicas em risco. O segredo está em convencer os agricultores a transformarem parte das terras em reservas florestais privadas. Desde 2003, já foram criadas 500 reservas. Ocupam uma área de 530 mil hectares. Esta medida já possibilitou a preservação de importantes áreas da mata atlântica. Uma zona muito rica em termos ecológicos que já teve uma área superior à amazónia, mas que agora está muito ameaçada. (*vivo*)

Assinatura: Helder Marques de Souza

Imagem:

Edição:

5) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA

Data / Hora: 05.05.2008 06:30 07:00 08:00 hs

**Repetições: CB RTPN
14:00 15:00 hs**

Título (Pivot): No Brasil, 16 pessoas morreram num naufrágio ocorrido no Rio Solimões, perto da cidade de Manacapuru, no Amazonas.

Texto: Há ainda cerca de 40 pessoas desaparecidas. A embarcação tinha capacidade para 80 passageiros, mas, de acordo com as autoridades, na altura do acidente estariam 150 a bordo, ou seja, quase o dobro. Os passageiros regressavam de uma festa regional numa região próxima de Manaus.

Assinatura: Antônio Pita de Oliveira

Imagem:

Edição:

6) Veículo/Canal/Programa: RTP 2 JORNAL 2

Data / Hora: 07.05.2008 22:00 hs

Título (Pivot): Síntese Internacional – 2 Notícias da Amazônia Legal

Texto: No sul do Brasil a polícia matou a tiro um assaltante à saída de um banco onde o ladrão sequestrou quatro pessoas durante 13 horas. O incidente ocorreu no estado de Mato Grosso. Durante as negociações com a polícia o ladrão exigiu o equivalente a 30 milhões de euros e um carro para fugir. Ao final do dia, o homem saiu para fora do banco com um refém. A polícia aproveitou o momento para o desarmarem. Depois de imobilizado no chão, o ladrão foi morto com um tiro na cabeça.

Ainda no Brasil, junto à fronteira com a Venezuela, um grupo de índios foi atacado quando tentava tomar posse de um campo de arroz. Os produtores de arroz recusam-se a entregar os campos localizados numa

região recentemente declarada reserva índia. Os índios recorreram aos tribunais e a decisão dos juizes deve ser conhecida este mês. As autoridades brasileiras vão reforçar o policiamento para evitar novos confrontos.

Assinatura:
Imagem:
Edição:

8) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 08.05.2008 06:30 07:00 hs

Título (Pivot): No Brasil, um ladrão fez reféns quatro pessoas num banco, e acabou abatido pela polícia.

Texto: Aconteceu num banco de Mato Grosso, quando um homem entrou nas instalações e exigiu uma avultada quantia de dinheiro. Ao cabo de treze horas de negociações sem resultados com a polícia, os agentes conseguiram desarmá-lo e atingiram-no na cabeça com disparos mortais. No tiroteio entre o assaltante e as autoridades, um polícia também sofreu ferimentos numa perna, mas não corre perigo.

Assinatura:
Imagem:
Edição:

9) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 08:05.2008 20:00 hs

Título (Pivot): Um assaltante sequestrou 4 pessoas num banco do Mato Grosso, no Brasil.

Texto: O assaltante exigiu 60 milhões de dólares e um carro para fugir. Já de noite, quando se preparava para sair do banco com dois dos reféns, foi abatido a tiro pela polícia.

Assinatura: Tereza Pacheco Miranda
Imagem:
Edição:

10) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 15.05.2008 08:00 hs

Título (Pivot): Questões ambientais estão a marcar a visita da chanceler alemã ao Brasil.

Texto: Angela Merkel admitiu que o uso do etanol é positivo e que o Brasil está numa posição de vanguarda, mas mostrou-se preocupada com a desflorestação da Amazônia e com o avanço das plantações de soja na região. Lula da Silva explicou que se a Amazônia é benéfica para todo o planeta a conservação da região deve contar com o apoio de vários países, com Angela Merkel a assegurar que a Alemanha vai cumprir os compromissos assumidos. *(vivo)*.

Assinatura: Helder Marques de Souza
Imagem:
Edição:

11) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 15.05.2008 07:00 hs
Repetições: CB RTPN NOTÍCIAS
17:00 hs

Título (Pivot): No Brasil, agravam-se as preocupações relativamente à preservação da amazónia, após a demissão da ministra do ambiente.

Texto: Marina Silva opôs-se sem sucesso ao avanço de diversos projectos infra-estruturais na Amazônia e à desflorestação para produção de bio-combustíveis. O maior pulmão do planeta está cada vez mais ameaçado por interesses económicos. As pressões destes levaram agora à demissão da ministra do ambiente brasileira. (*Vivo*). A gota de água foi o crescente isolamento da ministra no interior do governo brasileiro. Lula da Silva garante que nada vai mudar na política ambiental do Brasil, mas insiste que a preservação da Amazônia no interesse da humanidade tem uma factura, que o Brasil não quer nem pode suportar sozinho. No início de uma digressão à América Latina, a chanceler alemã assumiu a gravidade do problema. (*vivo*). O maior produtor mundial de etanol insiste na sua aposta em bio-combustíveis, para isso são necessários mais terrenos agrícolas, a desmatação da Amazônia.

Oráculo: Lula da Silva – Presidente do Brasil
Oráculo: Angela Merkel – Chanceler Alemã

Assinatura: Antônio Mateus - jornalista
Imagem:
Edição:

12) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 22.05.2008 07:00 08:00 hs
Repetições: CB RPTN NOTÍCIAS
15:00 hs

Título (Pivot): A construção de uma barragem na Amazônia continua a provocar grande polémica no Brasil.

Texto: A obra no Rio Xingu vai destruir as casas de 16 mil pessoas, secar vários rios, e criar condições para uma maior desflorestação da zona. Na terça-feira, um engenheiro da Eletrobrás, foi atacado pelos índios da região quando participava numa sessão de esclarecimento sobre o empreendimento. O homem foi agredido com catanas e sofreu vários hematomas e um pequeno corte num braço. Segundo o governo brasileiro, este incidente não irá alterar os planos da barragem.

Assinatura: Helder Marques de Souza
Imagem:
Edição:

13) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 TELEJORNAL
Data / Hora: 22:05.2008 19:00 hs

Título (Pivot): Um protesto dos índios brasileiros contra a construção de uma nova barragem terminou em violência. Um grupo com pinturas de guerra atacou um funcionário da hidro-eléctrica no final de uma conferência.

Texto: Altamira no estado do Pará: mais de mil ambientalistas e índios do Amazonas protestavam contra a construção de uma barragem no Rio Xingu. Os ânimos foram-se exaltando contra o engenheiro da hidroeléctrica que defendia as vantagens da obra. O engenheiro, sofreu um corte ligeiro num dos braços e foi hospitalizado. No passado protestos como este acabaram por dar frutos. Em 89 um outro projecto hidroeléctrico foi abandonado depois de uma índia ameaçar o presidente da Eletrobrás com uma catana. As autoridades garantem que desta vez a construção da barragem de Belo Monte vai mesmo para a frente. (*vivo*). Marco António Almeida, delegado do ministério público. The Belo Monte auction will take place in the first semester of 2009". O governo brasileiro diz que a barragem vai produzir mais de 11.000 megawatts de electricidade. Os índios e os ambientalistas contrapõem com o impacto ambiental. Garantem que o projecto vai destruir ainda mais o já ameaçado ecossistema da Amazonia.

Oráculo: Marco Antônio Almeida - Delegado do Ministério Público
Assinatura: Antônio Carneiro - Jornalista

Imagem:
Edição:

14) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 TELEJORNAL

Data / Hora: 30.05.2008 20:00 hs

**Repetições: TV RTP 2 JORNAL 2
22:00 hs**

Título (Pivot):Foi fotografada pela primeira vez uma tribo perdida na Amazônia.

Texto: Vive num pequeno aglomerado de casas e brandiu flechas e lanças contra o avião que fez a fotografia. É uma das últimas tribos incontactáveis da Amazônia, próximo da fronteira com o Perú.

Assinatura:
Imagem:
Edição:

15) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA

Data / Hora: 03.06.2008 06:30 07:00 hs

**Repetições: CB RTPN NOTÍCIAS
14:00 hs**

Título (Pivot): O novo Ministro brasileiro do Ambiente alerta para o aumento do derrube de árvores na Amazônia.

Texto: Carlos Minc afirmou que a desflorestação este ano poderá ser superior à de 2007. Depois de três anos consecutivos de redução do derrube de árvores, a taxa voltou a subir em 2007. Entre agosto e dezembro foram derrubados cerca de 7 mil quilómetros quadrados de floresta. Os números dos primeiros meses deste ano levam a temer um cenário ainda mais negro. O aumento do preço dos alimentos levou ao aumento das explorações agro-pecuárias. (*vivo*).

Assinatura: Helder Marques de Souza
Imagem:
Edição:

16) Veículo/Canal/Programa: RTP 2 JORNAL 2

Data / Hora: 03.06.2008 22:00 hs

Título (Pivot): A desflorestação da amazónia pode atingir em 2008 o valor máximo dos últimos quatro anos. O abate das árvores está associado ao aumento da venda de gado e de soja.

Texto: Chamam-lhe o pulmão do mundo. Mas a Amazônia está cada vez menor. Em Abril, a floresta tropical perdeu 1123 quilómetros quadrados de área, quase o mesmo que o concelho de Beja. O pior está para vir. Junho, julho e agosto são meses que sempre registaram maior volume de descampado. (*vivo*). A subida do preço dos combustíveis fósseis e a crise alimentar mundial contribuem para o abate de árvores na Amazônia. Os níveis actuais de área coberta indicam que depois de um período de três anos de abrandamento da desflorestação, a actividade volta a crescer em 2008. Mas as autoridades dizem que têm programadas medidas de combate à exploração de gado e às plantações agrícolas em espaços roubados à floresta. E pretendem implementar um novo modelo de desenvolvimento económico para a Amazônia. (*vivo*). A ex-ministra do ambiente, Marina Silva, demitiu-se em Abril por não conseguir cumprir a agenda. Os grupos ambientalistas temem que o novo responsável pela tutela vai ser ainda mais benevolente com a indústria e agricultura. A desflorestação é um problema com décadas. A área da floresta diminuiu um quinto desde os anos setenta.

Assinatura: Sebastião Coelho - Jornalista

Imagem:
Edição:

17) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 TELEJORNAL
Data / Hora: 03.06.2008 20:00 hs
Repetições: TV RTP 1 BOM DIA
06.06.2008 06:00 07:00 hs

Título (Pivot): Os antropólogos estão preocupados com o futuro de uma tribo de índios descoberta na Amazônia.

Texto: A tribo está ameaçada pela destruição da floresta, pela extracção de petróleo e pelo simples contacto com povos exteriores, que trazem doenças para as quais os índios não têm resistência.

Oráculo: Ronaldo Barra – Serviços para os Indígenas do Peru
Oráculo: Paulo Magalhães – Antoprólogo Brasileira

Assinatura: Tereza Pacheco de Mirando
Imagem:
Edição: Manoel Oliveira

18) Veículo/Canal/Programa: CB RTP N NOTÍCIAS
Data / Hora: 18.06.2008 18:00 hs
Repetições: TV RPT 1 TELEJORNAL
20:00 hs
RPT 2 JORNAL 2 22:00 hs
RPT 1 BOM DIA
19.06.2008 06:30 07:00 hs

Título (Pivot): Uma tribo de índios da Amazônia passou a dispor de ferramentas tecnológicas do século XXI para defender o seu modo de vida milenar.

A iniciativa partiu da Google, um dos principais motores de busca da internet, que passou a apoiar um projecto de alcance único pedido pelos próprios índios surui.

Texto: Os Surui viviam até há quatro décadas próximo da idade da pedra. Tal como tantas outras tribos da amazónia, o seu modo de vida e a própria sobrevivência estão ameaçados pelo deflorestamento. (*Imagens*). Um destino que se pretende inverter através de uma parceria estabelecida com a Google. Este gigante da internet promoveu esta semana na Rondonia uma formação de índios Surui no acesso a tecnologia do século XXI, que lhes permite promover as respectivas cultura cultura e valores. Mas os mais puristas questionam se os índios não deveriam ser deixados viver em paz e protegidos como tal.

Assinatura: Antônio Mateus - Jornalista
Imagem:
Edição:

19) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 04.07.2008 09:00 hs
Repetições:

Título (Pivot): Os líderes de uma reserva indígena no Brasil estão em Portugal para denunciar os crimes e violência de que dizem ser alvo. Em causa está a luta pela terra e os direitos dos povos indígenas.

Texto: O Brasil ficou chocado com estas imagens. Aconteceu em maio com índios da reserva Raposa Serra do Sol. Desarmados, são atacados com bombas artesanais e disparos de armas de fogo às ordens de um fazendeiro. Dez ficaram feridos. Pela primeira vez eram gravadas imagens da violência exercida pelos fazendeiros sobre os povos indígenas. Jacir e Pierlangela vieram mostrar o vídeo aos líderes europeus e pedir apoio. Desde que começou a luta pela terra morreram 21 indígenas. A terra indígena Raposa Serra do Sol fica no norte do Brasil, no estado do Roraima. Um território com 1,6 milhões de hectares, onde vivem 19 mil

índios de 5 povos diferentes. A demarcação foi homologada por Lula da Silva há 3 anos. Oito fazendeiros recusaram sair. Junto do Supremo Tribunal Federal esses produtores de arroz contestam o decreto de homologação, querem continuar onde estão. Esperamos apoio e solidariedade. Mário Campos é português, há 6 anos que é missionário na terra destes índios, como se fora a sua casa. Já estiveram em Espanha, Inglaterra, Bélgica, França, Itália, receberam o apoio do Papa e agora procuram a solidariedade das organizações e políticos portugueses para que o governo federal ponha fim à invasão das terras indígenas. O Supremo Tribunal decide em agosto.

Oráculo: Pierlangela Cunha – Líder indígena
Oráculo: Mário Campos – Missionário

Assinatura: Lavínia Leal – Jornalista
Imagem: Hugo Viana Melo
Edição: Sara Cravina

20) Veículo/Canal/Programa: CB RTPN NOTÍCIAS
Data / Hora: 02.08.2008 14:00 hs
Repetições: RPT 1 TELEJORNAL
20:00 hs
RPT 2 TELEJORNAL
22:00 hs

Título (Pivot): Vinte e um mil milhões de dólares é quanto o presidente do Brasil espera reunir até 2021, para preservar a floresta amazônica.

Texto: (*Imagem*) Para isso, Lula da Silva criou o "Fundo Amazônia", que vai captar recursos nacionais e estrangeiros para combater a des-florestação. O primeiro doador foi a Noruega, que avançou com cem milhões de dólares. Lula da Silva garante que o Brasil vai saber assumir as responsabilidades.

Assinatura:
Imagem:
Edição:

21) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 02.08.2008 15:00 hs
Repetições: RPT 1 TELEJORNAL
18:00 hs

Título (Pivot): Apesar das medidas tomadas pelo governo brasileiro a des-florestação da Amazônia continua.

Texto: Um relatório oficial, apresentado em São Paulo, refere que, no mês passado, foram destruídos quase novecentos quilómetros quadrados. (*imagem*)- Trata-se de uma área um pouco maior do que a Ilha da Madeira. O documento baseia-se em fotos de satélite do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. Mato Grosso continua a ser o estado brasileiro com maior área de desflorestação, embora se tenha registado uma diminuição. (*vivo*).

Assinatura:
Imagem:
Edição:

22) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 01.10.2008 07:00 hs

Título (Pivot): O corte da floresta da Amazônia quase duplicou no espaço do último mês.

Texto: As árvores desapareceram de uma área equivalente ao território de Singapura, ou seja, 756 Km². O Ministério do Ambiente do Brasil divulgou também a lista dos 100 maiores devastadores da floresta que tem

nos 6 primeiros lugares, explorações do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Este Departamento Governamental foi multado em quase 100 milhões de euros.

Assinatura: Helder Marques de Souza
Imagem:
Edição:

23) Veículo/Canal/Programa: RTP 2 JORNAL 2
Data / Hora: 02.10.2008 22:00 hs
Repetições: TV RPT 1 BOM DIA
06.10.2008 09:00 hs

ED INTERNACIONAL
20:00 hs

Título (Pivot): A floresta da amazónia encontra-se mais ameaçada do que nunca. Já não bastavam os interesses económicos e políticos agora, a principal agressora ambiental neste processo é uma Agencia Governamental Brasileira.

Texto: Um cenário de devastação no maior pulmão do Planeta. O corte de floresta na Amazónia triplicou após anos de declínio dos abates. E um organismo governamental, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, lidera o rol de principais devastadores. *(vivo)* Os responsáveis federais sacodem responsabilidades apontam o dedo a interesses recorrentes. *(vivo)* Ambientalistas sublinham que a escalada de preços dos bens alimentares encoraja os agricultores e criadores de gado a procurarem novas terras. O resultado está a ser um disparo na área de floresta amazónica abatida.

Oráculo: Carlos Minc – Ministro do Meio Ambiente

Assinatura: Antônio Mateus
Imagem:
Edição:

24) Veículo/Canal/Programa: PORTUGAL EM DIRECTO
Data / Hora: 08.10.2008 13:00 hs
09.10.2008 13:00 hs

Título (Pivot): E agora vozes e imagens do Brasil...

Texto: De hoje até sexta-feira, no Auditório do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, recebe o Festival de Cinema da Amazónia. Um olhar atento para as questões ambientais que rodeiam o pulmão do mundo. A iniciativa é promovida pelo Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia de Coimbra. O repórter Pedro Ribeiro apresenta o festival. O pulmão do mundo em Coimbra, no Festival de Cinema da Amazónia em cena no Museu da Ciência. O Brasil e A União Europeia vão trabalhar em conjunto para enfrentar a crise financeira internacional. E querem alcançar um resultado ambicioso, no que diz respeito às mudanças climáticas. São os dois principais pontos acordados na declaração final da segunda Cimeira Brasil União Europeia

Oráculo: Sandra Machado Soares – Jornalista
Oráculo: Lula da Silva – Presidente do Brasil
Oráculo: Durão Barroso – Presidente da Comissão Europeia
Oráculo: Nicolas Sarkozy – Presidente da União Europeia

Assinatura: Pedro Ribeiro
Imagem:
Edição:

Notícias RTP 2009

1) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 29.12.2009

Repetições: RTPN NOTÍCIAS
29.12.2009

Título (Pivot): Portugueses no Brasil

Texto: José Paiva emigrou para a Amazónia nos anos 60. Teve sucesso caixeiro viajante e como dono de restaurantes. Quarenta anos depois regressa a Portugal e constroi um novo império. Mas hoje no outro lado do atlântico, lá no Brasil há quem tenha muitas saudades do português que tocou na vida de muita gente.

Oráculo: José Paiva – Ex-imigrante no Brasil
Oráculo: Maria Gorete Batista – Mulher de José Paiva
Oráculo: Margarete Paiva – Filha de José Paiva
Oráculo: Mario Ferreira – Emigrante no Brasil

Assinatura: Rita Marrafa de Carvalho - Jornalista

Imagem:
Edição:

2) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 TELEJORNAL
Data / Hora: 11.12.2009 20:00 hs
Repetições: TV RTP 2 TELEJORNAL
11.12.2009 22:00 hs

RTP 2 TELEJORNAL
12.12.2009 14:00 hs 17:00 hs 18:00 hs

Título (Pivot): Um português do século XVII foi homenageado pelo senador brasileiro. Pedro Teixeira é um nome praticamente desconhecido da história portuguesa, mas há 370 anos organizou a primeira expedição pelo maior rio do mundo. Essa expedição ao Amazonas viria a definir muito do território brasileiro. O Brasil quer reabilitar e incluir nos livros de história o nome deste português.

Texto: *(vivo)* Sem ele, o Brasil não seria o que é hoje. É a convicção de quem homenageou o navegador português Pedro Teixeira, no senado brasileiro. *(vivo)*. Pedro Teixeira nasceu em Cantanhede aos 37 anos foi para o Brasil, em 1637 organizou a primeira expedição pelo maior rio do mundo. Durante dois anos Pedro Teixeira cartografou e catalogou mais de dez mil quilómetros da bacia do rio Amazonas. E definiu assim os contornos do Brasil. A PT associa-se à homenagem com um site e um prémio para estudantes. *(vivo)* Um esforço para resgatar um nome que anda praticamente arredado dos livros de História.

Oráculo: Aloísio Mercadante - Senador
Zena Brava – Portugal Telecom

Assinatura: Adilio Godinho - jornalista
Imagem: André Veloso
Edição: Sara Cravina

3) **Veículo/Canal/Programa:** RTP 2 JORNAL 2

Data / Hora: 27.11.2009 hh:mm

Título (Pivot): Cimeira Amazónia

Texto: Uma cimeira sobre as alterações climáticas juntou na cidade brasileira de Manaus os presidentes do Brasil, da Guiana francesa e de França. No texto aprovado exige-se aos países desenvolvidos uma redução significativa das emissões de gases poluentes, numa antecipação da cimeira de Copenhaga marcada para daqui a duas semanas. Vários elementos da Greenpeace manifestaram-se na ópera de Manaus a exigir decisões duras na defesa do clima.

Assinatura: Graça Ramos - Jornalista

Imagem:

Edição:

4) **Veículo/Canal/Programa:** RTP 1 BOM DIA

Data / Hora: 27.11.2009 06:30 07:00 08:00 09:00 hs

Repetições: CB RTP N NOTÍCIAS

Título (Pivot): Uma cimeira sobre as alterações climáticas juntou na cidade brasileira de Manaus os presidentes do Brasil, da Guiana Francesa e de França.

Texto: *(vivo)* No texto aprovado exige-se aos países desenvolvidos uma significativa das emissões de gases poluentes, numa antecipação da cimeira de Copenhaga marcada para daqui a duas semanas. Vários elementos da Greenpeace manifestaram-se na ópera de Manaus a exigir decisões duras na defesa do clima

Assinatura: Antônio Pita - Jornalista

Imagem:

Edição:

5) **Veículo/Canal/Programa:** RTP 1 BOM DIA

Data / Hora: 26.11.2009 06:30 07:00 hs

Título (Pivot): A seca na Amazónia já matou milhares de cabeças de gado no Brasil.

Texto: O cenário de seca tende a piorar. Autoridades e produtores de gado prevêem a morte de mais de 100 mil cabeças de gado nas próximas semanas. Há também colheitas destruídas. A situação ocorre dois meses depois dos caudais dos rios da Amazónia terem atingido o volume máximo dos últimos 100 anos. *(vivo)*

Assinatura: Sebastião Coelho - Jornalista

Imagem:

Edição:

6) **Veículo/Canal/Programa:** RTP 2 JORNAL 2

Data / Hora: 23.11.2009 22:00 hs

Repetições: RTP 1 BOM DIA
24.11.2009 07:00 hs

Título (Pivot): Nelson Mandela e Graça Machel foram eleitos os heróis da década, na defesa dos direitos dos menores. A eleição decorreu em 50 mil escolas de todos os continentes.

Texto: Pilares da humanidade que se pretendeu agora distinguir, numa iniciativa inédita. *(vivo)* A iniciativa foi da Fundação Prémio Mundial das Crianças. Entre 13 nomeados, sete milhões de meninos em todo o mundo escolheram o seu herói da década. *(vivo)* Graça Machel aceitou o prémio em seu nome e do de seu marido, Nelson Mandela. *(vivo)* O escrutínio foi simbólico mas levou as urnas de votos da amazónia aos confins asiáticos e às profundezas africanas. *(vivo)* Muita pedra haverá ainda por partir, na luta pelos direitos humanos das crianças. O combate ao trabalho por menores é uma das prioridades dessa cruzada.

Oráculo: Doris Hanzen - Gana
Oráculo: Sarah Surve – Prémio Mundial Direito das Crianças
Oráculo: Graça Machiel – Galardoada

Assinatura: António Mateus - Jornalista

Imagem:

Edição:

7) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA

Data / Hora: 13.11.2009 07:00 08:00 hs

Repetições: RTPN NOTÍCIAS
13.11.2009 06:00 hs

Título (Pivot): A deflorestação da Amazónia atingiu o ponto mais baixo dos últimos 21 anos. São dados oficiais agora revelados pelo ministério brasileiro do ambiente.

Texto: Entre Agosto de 2008 e Julho de 2009, a amazónia brasileira perdeu 7 mil Km² de árvores. A área é maior do que o Algarve. Mas o governo brasileiro está contente. É que a taxa de deflorestação da Amazónia é a menor dos últimos 21 anos. *(vivo)* O resultado significa também uma queda de 45 por cento em relação a 2007-2008, quando a destruição da maior floresta tropical do planeta atingiu 13 mil Km². Os números, obtidos por satélite, são considerados muito fiáveis, sendo a margem de erro de 10 por cento. O Brasil quer ser exemplo e está assim mais próximo de reduzir em 80 por cento da deflorestação amazónica até 2020. *(vivo)* É uma boa notícia que o Brasil leva em dezembro à Cimeira de Copenhaga sobre Alterações Climáticas. Mesmo assim, a cada minuto que passa é abatida na Amazónia uma área equivalente a um campo de futebol.

Oráculo: Carlos Minc – Ministro do Meio Ambiente
Oráculo: Celso Amorim – Ministro das Relações Exteriores do Brasil

Assinatura: Sebastião Coelho - Jornalista

Imagem:

Edição:

8) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA

Data / Hora: 05.11.2009 08:00 hs

Título (Pivot): A gripe A chegou á floresta amazónica. Há notícia de que a doença matou 7 índios, na maior tribo isolada da região.

Texto: Há também mil infectados com o H1N1. A tribo vive numa região entre o Brasil e a Venezuela. O povo indígena da floresta profunda não tem condições para combater o vírus. Teme-se que a epidemia venha a revelar-se muito mortífera. Há 32 mil indígenas ameaçados...

Assinatura: Sebastião Coelho – Jornalista

Imagem:

Edição:

9) Veículo/Canal/Programa: RTP 2 JORNAL 2

Data / Hora: 30.10.2009 22:00 hs

Título (Pivot): Brasil Acidente – Avião Localizado

Texto: Foram resgatados nove sobreviventes do acidente aéreo na amazónia. Os outros 3 ocupantes continuam desaparecidos. O cessna da Força Aérea Brasileira que ontem desapareceu dos radares foi descoberto por índios Matis. Ainda não se sabe porque é que o piloto teve de fazer uma aterragem forçada no meio da selva.

Assinatura: Ana Ribeiro - Jornalista
Imagem:
Edição:

10) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 30.10.2009 06:30 07:00 hs

Repetições: RTP 2 JORNAL 2
Data / Hora: 30.10.2009 22:00 hs

Título (Pivot): Um avião da Força Aérea Brasileira desapareceu na Amazónia.

Texto: O aparelho com 11 pessoas a bordo estava a apoiar uma campanha de vacinação do Ministério da Saúde brasileiro no norte do país. O avião desapareceu dos radares ao fim de 58 minutos de voo. Esse último contacto permitiu delimitar a área das buscas neste momento já a decorrer. Foi montada uma grande operação com 8 aviões e cerca de 100 soldados. (*vivo*)

Assinatura: Ana Ribeiro - Jornalista
Imagem:
Edição:

11) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 30 MINUTOS
Data / Hora: 20.10.2009 21:00 hs

Título (Pivot): José Paiva emigrou para a Amazónia nos anos 60. Teve sucesso como caixeiro viajante e como dono de restaurantes. Quarenta anos depois regressou a Portugal, construiu outro Império e vamos ver como deixou saudades por terras brasileiras.

Texto:

Oráculo: José Paiva – Ex-emigrante no Brasil
Oráculo: Maria Gorete – Mulher de José Paiva
Oráculo: Margarete Paiva – Filha de José Paiva
Oráculo: Mario Ferreira – Emigrante no Brasil

Assinatura: Rita Marrafa - Jornalista
Imagem: Vitor Amorim
Edição: Liliana Claro

12) Veículo/Canal/Programa: RTPN NOTÍCIAS
Data / Hora: 10.10.2009 18:00 hs
Repetições: TV RTP 1 TELEJORNAL
20:00 hs

Título (Pivot):No Brasil, o apresentador de televisão suspeito de encomendar crimes para aumentar as audiências do seu programa entregou-se à polícia. Wallace de Souza estava em fuga há uma semana, desde que perdeu a imunidade de que gozava como deputado pelo Estado do Amazonas.

Texto: Este é Wallace de Souza, antigo polícia, ex-deputado estadual e até há pouco tempo apresentador de um popular programa sobre crime emitido pela cadeia de televisão “Em Tempo”. Wallace de Souza é suspeito de ter encomendado vários homicídios para fazer reportagens que depois emitia no programa Canal Livre e fazia dele um sucesso de audiências. *(vivo)*Foram reportagens como esta, em que as câmaras de televisão chegavam ao local do crime antes da própria polícia, que levantaram as primeiras suspeitas das autoridades. As notícias chegaram à comunicação social. Em agosto a polícia prendeu vários elementos da equipa de Wallace de Souza, mas o apresentador era também deputado do Estado do Amazonas desde 2006 e gozava de imunidade parlamentar. Só depois de esta lhe ter sido retirada foi possível lançar um mandado de captura. Durante vários dias o apresentador andou a monte, mas acabou por se entregar. Enfrenta acusações de associação criminosa, implicação em vários homicídios e tráfico de droga.

Assinatura: Manuel Meneses - Jornalista

Imagem:

Edição:

13) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 TELEJORNAL
Data / Hora: 12.08.2009 20:00 hs
Repetições: RTPN NOTÍCIAS
21:00 hs 22:00 hs
RTP 2 JORNAL 2
22:00 hs

Título (Pivot): Um deputado e famoso apresentador de televisão no Brasil é suspeito de encomendar a morte de barões da droga, para fazer subir as audiências.

Texto: Wallace Sousa é suspeito de mandar matar os criminosos, gravar os homicídios e depois exibir os crimes como exclusivos no programa de televisão. Este deputado é um antigo polícia expulso da corporação e nas últimas eleições foi mesmo o deputado mais votado no Amazonas.

Oráculo: Francisco Cavalcanti – Secretário de Segurança de Manaus

Oráculo: Fábio Monteiro - Procurador

Oráculo: Rafael Souza – Filho de Wallace

Assinatura: Mendes Oliveira - Jornalista

Imagem:

Edição: Dores Queiroz

14) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 06.05.2009 06:30 07:00 09:00 hs

Título (Pivot): Fortes chuvas no norte do Brasil fizeram 19 mortos.

Texto: Há ainda mais de 185 mil pessoas desalojadas. Oito estados estão condicionados pelas chuvas na região do Amazonas. O presidente Lula da Silva já sobrevoou a região e acusa a burocracia de estar a complicar o apoio às vítimas. A situação no norte do Brasil contrasta com o sul, onde a seca está a provocar uma crise que atinge cerca de 1200 vilas e cidades. *(vivo)*

Assinatura: Sebastião Coelho - Jornalista

Imagem:
Edição:

15) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 12.05.2009 06:30 07:00 hs
Repetições: RTPN NOTÍCIAS
16:00 hs

Título (Pivot): A chuva forte que continua a cair no nordeste do Brasil já provocou a morte de 42 pessoas...

Texto: Mais de um milhão de brasileiros já foram afectados em todo o país. Nesta altura há mais de 180 mil pessoas a viver em casa de amigos ou familiares e outras 90 mil recolhidas em abrigos públicos. O Rio Amazonas está perto de atingir um nível histórico. As águas estão a subir cerca de dois centímetros por dia e estão a apenas 74 centímetros do recorde histórico registado em 1953.

Assinatura: Helder Souza - Jornalista

Imagem:

Edição:

16) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 22.04.2009 07:00 hs
Repetições: RTP AFRICA
Data / Hora: 13:00 hs

Título (Pivot): Um deficiente motor do Gabão venceu o Prémio Goldman 2009 para África. O galardão, que será entregue hoje em Washington, é visto como o Nobel "Verde" e visa reconhecer a luta dos ambientalistas nos 4 cantos do planeta. No ano passado o prémio foi atribuído ao moçambicano Feliciano dos Santos.

Texto: - A aparente fragilidade esconde a coragem e a determinação do gabonês Marc Ona Essangui. O seu protagonismo contra a corrupção e a delapidação dos recursos naturais no Gabão valeu-lhe o Prémio Ambientalista Goldman, conhecido como o Nobel ecologista. (*vivo*) O parque natural que cobre 75% do Gabão faz parte da floresta tropical do Congo, a segunda maior do mundo a seguir à Amazónia. Ona expôs o projecto secreto da empresa chinesa que obteve a concessão de um dos parques gaboneses. Pretendia abater 90% das árvores para explorar uma mina e uma barragem. (*vivo*) Marc Ona Essangui junta-se a outros nomes famosos que já receberam o galardão. Wangari Maathai, ambientalista queniana e vencedora do Prémio Nobel da Paz em 2004 e Ken Saro-Wiwa, activista nigeriano fuzilado pelo poder militar após ter denunciado a destruição do povo Ogoni devido à exploração do petróleo na Nigéria.

Assinatura: Sebastião Coelho - Jornalista

Imagem:

Edição:

17) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 TELEJORNAL
Data / Hora: 07.04.2009 20:00 hs

Título (Pivot): Quarenta mil pessoas já votaram na eleição dos 7 monumentos de origem portuguesa mais influentes no mundo. O resultado final será divulgado a 10 de Junho, num espectáculo de grandes dimensões, que será transmitido em directo pela RTP.

Texto: Os portugueses podem votar as sete mais influentes de um conjunto de 27 que estão disponíveis na Internet. Em breve começarão também a surgir na RTP pequenos documentários e reportagens que vão apresentar estes monumentos e que atestam a vasta influência que Portugal exerceu num grande parte do planeta. (*imagem*)

São as últimas gravações de Malato antes da grande viagem pela América do sul. Vai encontrar-se com monumentos que portugueses de outrora construíram, e apresentá-los na RTP. (*vivo*) Além de Malato, outras caras conhecidas darão a conhecer ao país que obras deixaram os portugueses pelo mundo. Aqui na Rondônia, em plena floresta amazónica, é de origem portuguesa esta fortaleza com 56 canhões e muros de 10 metros e altura demorou 6 anos a construir a 3 mil km do mar. São preciosidades que vão estrá mais próximas dos portugueses de agora, À distância de um olhar, de um simples teclar no computador é preciso votar para, entre 27 maravilhas lusas espalhadas pelo mundo, escolher sete.

Oráculo: José Gragoso – Diretor de Programas RTP

Assinatura: Helena Figueiras - Jornalista

Imagem: Carlos Quirino

Edição: Carlos Quirino

18) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA

Data / Hora: 20.03.2009 09.00 hs

Título (Pivot): A justiça brasileira deu razão aos 19 mil índios que vivem numa reserva na Amazônia.

Texto: No ano passado, os agricultores reagiram com violência a uma tentativa das autoridades de os retirar daquelas terras. Para os especialistas, a decisão de os manter no território representa um precedente para proteger outras reservas no Brasil. A área é equivalente a um quinto do território português.

Assinatura: Antônio Pita - Jornalista

Imagem:

Edição:

19) Veículo/Canal/Programa: RTP 2 JORNAL 2

Data / Hora: 09.02.2009 22:00 hs

Título (Pivot): Um avião caiu no coração da amazónia.

Texto: O aparelho, um aero-taxi, conseguiu amarrar num rio mas acabou por se afundar, a 100 quilómetros de Manaus. Vinte e quatro pessoas morreram. Quatro passageiros conseguiram salvar-se, ente eles uma criança. O mau tempo e a falha de um motor serão as causas prováveis do acidente. Mas a eventual sobrelotação do aparelho está a ser investigada.

Assinatura:

Imagem:

Edição:

20) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA

Data / Hora: 09.02.2009 06:30 07:00 hs

Título (Pivot): As autoridades brasileiras já recuperaram a avioneta que caiu na Amazônia.

Texto: Morreram 24 passageiros, quase todos da mesma família. Dirigiam-se para a festa de aniversário de um familiar quando, por razões ainda desconhecidas, o aparelho caiu num rio da Amazónia. A bordo iam 28 pessoas e apenas 4 sobreviveram. Iam na parte de trás e conseguiram alcançar a porta de segurança do aparelho.

Assinatura:

Imagem:

Edição:

21) Veículo/Canal/Programa: CB RTPN NOTÍCIAS
Data / Hora: 08.02.2009 15:00 16:00 17:00 18:00 hs
Repetições: RTP 2 JORNAL 2 22:00 hs

Título (Pivot): As autoridades brasileiras já recuperaram a avioneta que caiu na Amazónia. Morreram 24 passageiros, quase todos da mesma família.

Texto: O aparelho dirigia-se para Manaus, quando caiu na Amazónia, no rio Manacupuru. O avião tinha sido alugado para transportar os familiares de um empresário para a festa de aniversário. Iam a bordo 28 pessoas. Apenas quatro sobreviveram porque conseguiram alcançar a porta de segurança. Os testemunhos podem ajudar a esclarecer o acidente. As autoridades admitem como hipótese o excesso de passageiros e o mau tempo.

Oráculo:

Assinatura: Fernanda Fernandes - Jornalista

Imagem:

Edição:

22) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 02.02.2009 07:00 hs

Título (Pivot): Terminou ontem no Brasil o nono Fórum Social Mundial. Deste encontro saiu um alerta: se não forem tomadas medidas urgentes nos próximos 15 anos, os danos na maior floresta do mundo serão irreversíveis!!

Texto:

Oráculo: Oded Grajew – Ideólogo do Forum Social Mundial

Oráculo: Ana Júlia Carepa – Governadora do Pará

Oráculo: Lula da Silva – Presidente do Brasil

Oráculo: João Pacheco Miranda - RTP

Assinatura: João Pacheco Miranda - Jornalista

Imagem: André Velloso

Edição: André Velloso

23) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 NOTÍCIAS DA AMAZÔNIA
Data / Hora: 30.01.2009 11:00 hs

Título (Pivot): A Amazônia esta doente e é o proprio governo que muitas vezes nao respeita as leis.

Texto: Os índios apontam responsabilidades e exigem a continuação do processo de demarcação de terras. Disseram-no no Forum Social Mundial de Belém e disseram também que a questão da soberania é uma falsa questão.

Oráculo: Helio Gavião – Amazônia Brasileira
Oráculo: Moema de Miranda – Conselho Internacional do Forum Social
Oráculo: Miguel – Amazônia Peruana

Assinatura: João Pacheco Miranda - Jornalista
Imagem: André Veloso
Edição: André Veloso

24) Veículo/Canal/Programa: RTP 2 JORNAL 2
Data / Hora: 28.01.2009 22:00 hs

Título (Pivot): Forum Mundial

Texto:No Forum Social Mundial, 100 mil pessoas apelaram ao salvamento da Amazônia. Questões como o trabalho escravo, a mineração predatória e o desmatamento ameaçam a sobrevivência da maior floresta do mundo e das suas populações. Os índios querem que as terras onde habitam sejam demarcadas e atribuídas às comunidades, para estas as poderem defender.

Assinatura: Jornalista ANC
Imagem:
Edição:

25) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 TELEJORNAL
Data / Hora: 27.01.2009 20:00 hs
Repetições: RTP 2 JORNAL 2
22:00 hs

CB RTPN NOTÍCIAS
28.01.2009 24:00 hs

Título (Pivot): Forum Mundial

Texto: No Brasil, arrancou o nono Fórum Social Mundial. Esperam-se 70 mil participantes oriundos de 150 países em busca de alternativas para uma sociedade onde o capitalismo está em crise, como relata o correspondente da RTP, João Pacheco Miranda

Oráculo: Nina Meena – Índia
Oráculo: Greg Flaxman – Estados Unidos
Oráculo: Cho Tab Zambuling - Chile
Oráculo: Tatiana Carvalho - Greecepeace

Assinatura: João Pacheco Miranda – Jornalista
Imagem: André Veloso
Edição: André Veloso

Notícias RTP 2010

1) Veículo/Canal/Programa: RTPN NOTÍCIAS

Data / Hora: 09.02.2010 19:00 hrs

Repetições: TV RTP 1 BOM DIA
15.02.2010 07:00 09:00 hrs
24.02.2010 07:00 09:00 hrs

Título (Pivot):Foram descobertos vestígios de uma civilização desconhecida no Brasil. Imagens de satélite revelaram centenas de figuras gigantes no solo amazónico.

Texto: Durante séculos, a floresta amazónica escondeu um enorme segredo: centenas de sofisticados desenhos geométricos escavados no solo. *(vivo)* A primeira vez que se ouviu falar destes desenhos foi há 30 anos. Situados na fronteira com a Bolívia, têm dezenas de metros de diâmetro e são delimitados por valas. Os paleontólogos pensaram serem trincheiras de uma revolta no início do século XX contra o domínio boliviano na região mais ocidental da Amazónia. Com a deflorestação, as imagens satélite disponíveis a todos na internet revelaram agora 300 geóglifos a olho nu. A teoria é outra: doenças de europeus exterminaram uma civilização diferente na Amazónia. *(vivo)* Peritos especulam se serão vestígios do lendário El Dorado. Uma de várias dúvidas sobre esta cultura desconhecida: Como desenharam as formas geométricas numa floresta tão densa? Terá havido outros climas na Amazónia? *(vivo)* Perante marcas tão sofisticadas, que sociedade era esta num território onde os povos não têm tal tradição? *(vivo)* Sem certezas de coisa alguma, os cientistas estimam que foram revelados apenas 10% por cento das marcas misteriosas escondidas na floresta amazónica.

Oráculo: Alceu Renzi - Paleontólogo

Assinatura: Sebastião Coelho - Jornalista

Imagem:

Edição:

2) Veículo/Canal/Programa: RTP N BOM DIA

Data / Hora: 27.02.2010 14:00 16:00 hrs

Título (Pivot): Está a causar polémica no Brasil a morte de um bebé, durante um turbulento parto, em que dois médicos se envolveram à pancada. Aconteceu numa localidade de Mato Grosso.

Texto: A luta em pleno bloco de partos pode ter provocado a morte do bebé. O médico que acompanhou a gravidez foi interrompido por um colega que exigiu assumir o procedimento porque era ele que afinal estava ao serviço. *(Depoimento mãe)* O médico que interrompeu o parto rejeita responsabilidades. *(Médico)* Segundo depoimento mãe: “falta de respeito”. A história de pancadaria no hospital público de Ivinhema, a mais de 300 quilómetros de Mato Grosso, está nas páginas de jornais em todo o mundo, no Brasil é destaque evidente. Conta-se que a grávida chegou a ser retirada do bloco e colocada numa sala à espera. Uma hora e meia depois um terceiro médico fez uma cesariana de emergência. A menina, segunda filha de Gislane, nasceu morta. *(Depoimento director hospital)*. O atestado de óbito regista sofrimento fetal e consequente falta de oxigénio ao bebé resultado de atraso ou complicações no parto. Os exames pré-natais indicavam uma criança saudável com mais de 3 quilos. As autoridades brasileiras anunciaram que os médicos envolvidos foram suspensos do hospital.

Oráculo: Gislane Rodrigues

Oráculo: Sinomar Ricardo – Médico de Plantão

Oráculo: Juberty de Souza – Delegado Regional de Saúde

Assinatura: Paula Rebelo - Jornalista

Imagem: Pedro Rothes
Edição: Miguel Cervan

3) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 JORNAL DA TARDE
Data / Hora: 12.04.2010 13:00 hrs
Repetições: RTPN NOTÍCIAS
16.04.2010 11:00 hrs

Título (Pivot): É um investimento milionário feito por um empresário português na Amazónia. Mário Ferreira proprietário dos cruzeiros no rio Douro, vai agora apostar em barcos de luxo no rio Amazonas. Um percurso cheio de aventuras com quase dois mil quilómetros, entre Manaus, a capital da amazónia brasileira e Iquitos, no Peru.

Texto: O gigante Amazonas dá sustento à maior floresta tropical do mundo. Mais de 6 milhões de quilómetros quadrados de verde. O tamanho de meia Europa, a maior parte ainda floresta virgem. Alimentado por mais de 1000 afluentes, o rio estende-se por quase 7 mil quilómetros, desde a nascente nos Andes, até à foz imensa, no Atlântico. Depois de conquistar o Douro, Mário Ferreira parte agora à conquista do Amazonas. Anda há 5 anos a preparar um negócio de muitos milhões de euros. Cruzeiros de luxo no “gigante entre os gigantes”. Uma viagem de barco feita aventura. São quase dois mil quilómetros. Vai ligar Manaus, a capital da amazónia brasileira, a Iquitos, uma das principais cidades turísticas do Perú. *(vivo Mario Ferreira)* O primeiro de três barcos gigantes começa a navegar já no princípio de 2012. A fauna, a flora, os povos e as diferentes culturas, os percursos aventura, tudo vai ser mostrado e vivido ao pormenor. Os turistas vão ter conforto quanto baste e muitas coisas para ver e fazer. Dos barcos maiores, hão-de sair barcos eléctricos mais pequenos que permitem admirar a beleza da paisagem e da biodiversidade sem incomodar. Cada barco vai ter um helicóptero para passeios aéreos ou para evacuar com rapidez algum turista doente que dele necessite. Desde Manaus e quase 2 mil quilómetros rio acima, avista-se a zona das 3 fronteiras. Em 5 anos de viagens e contactos com os três países, Mário Ferreira conseguiu os apoios necessários para levar por diante o projecto dos cruzeiros de luxo no Amazonas. O empresário português diz que este é um nicho de mercado todo por explorar. O projecto foi explicado ao pormenor aos operadores turísticos, governos estaduais e autoridades locais e nacionais. Todos apoiam a iniciativa desde a primeira hora. *(vivo Estrangeiros)* Pelos vistos os barcos cruzeiro de Mário Ferreira vão contribuir de forma significativa para o incremento do turismo, na imensa amazônia. *(vivo Operador Turístico)* A amazónia conta agora com um novo investimento. Um investimento de um português que faz dos rios e dos barcos o negócio de uma vida.

Oráculo: Mário Ferreira - Empresário
Oráculo: Luiz Henrique Pereira - RTP
Oráculo: Oreni Braga da Silva – Presidente da Empresa Estadual de Turismo do Estado de Amazonas

Oráculo: Claudia Cornejo – Directora Geral de Turismo no Peru
Oráculo: Carlos Alberto Arrate – Operador de Turismo Peruano

Assinatura: Luiz Henrique Pereira
Imagem: Luiz Flores
Edição:

4) Veículo/Canal/Programa: CB RTPN NOTÍCIAS
Data / Hora: 13.04.2010 12:00 22:00 hrs
Repetições: TV RTP 1 JORNAL DA TARDE 13.04.2010
13:00 hrs
RTP 1 BOM DIA
14.04.2010 07:00 hrs

Título (Pivot) : Um fazendeiro foi condenado a 30 anos de prisão pela morte de uma freira americana. O caso está a ser visto como um pequeno passo da justiça num mundo sem lei que é a floresta amazónica.

Texto O caso remonta a 2005. A freira de origem norte-americana Dorothy Stang lutava há três décadas pela defesa da floresta amazónica e dos povos que lá vivem. Foi morta por impedir os fazendeiros de ocuparem terras dadas pelo governo brasileiro aos pequenos agricultores. A vingança motivou o principal suspeito pela morte da religiosa ambientalista. O primeiro julgamento foi anulado. À segunda o tribunal do Pará condenou Vitalmiro Moura a 30 anos de prisão. *(vivo)* Arnaldo Lopes de Paulo, Vitalmiro Moura's lawyer: "we will work on annulling that decision". O caso vem testar a força da lei na floresta amazónica. No ano passado a justiça mandou para a prisão 80 por cento dos assassinos contratados que mataram activistas na região. Vitalmiro Moura é o único mandante alguma vez condenado. *(vivo)* Virginia Moraes, Dorothy Stang supporter: "That's why we are here, we are hoping that this trial will bring us one step closer in the battle against impunity". Nas últimas duas décadas mais 1200 pessoas foram mortas no Brasil na luta pela posse de terras. A morte da freira Dorothy Stang não desanima outras religiosas que defendem com a vida a floresta e os sem terra da amazónia *(vivo)* Sister Leonora Brunetto, Mato Grosso Pastoral Land Commission (CPT) representative: "One afternoon, a group of gunmen began circling around the house where I was staying and the neighbours noticed something was wrong. So, they told me to be careful because my life was in danger. We took the necessary precautions and locked down the house. One of my colleagues from CPT came to protect me and stood guard outside the house the entire night. The next day, he returned to the camp and he was shot dead for protecting me". O assassino nunca enfrentou a justiça neste território quase sem lei.

Oráculo: Arnaldo Lopes de Paulo - Advogado
Oráculo: Virgínia Moraes
Oráculo: Leonora Brunetto – Comissão da Pastoral da Terra

Assinatura: Sebastião Coelho - Jornalista
Imagem:
Edição:

5) **Veículo/Canal/Programa:** RTP 1 JORNAL DA TARDE

Data / Hora: 17.04.2010 13:00 hrs

Título (Pivot): É a maior floresta tropical do mundo. É do tamanho de meia Europa. A Amazónia está quase toda por descobrir.

Texto: Uma equipa de reportagem da RTP entrou na selva à procura dos animais e plantas que integram um dos ecossistemas mais importantes do planeta

Oráculo: Marco Lima – Biólogo Investigador

Assinatura: Luiz Henrique Pereira - Jornalista
Imagem: Luiz Flores
Edição: Sérgio Tomas

6) **Veículo/Canal/Programa:** CB RTPN NOTÍCIAS
Data / Hora: 21.04.2010 15:00 17:00 hrs

Título (Pivot): Ambientalistas e indígenas estão indignados com a construção da terceira maior barragem do mundo na floresta da Amazónia.

Texto: Várias regiões vão ficar inundadas. Mas os promotores do projecto contra-argumentam com as vantagens da barragem de Belo Monte. Dizem que vai reduzir substancialmente os custos de energia eléctrica no país. A central hidroeléctrica vai ser construída num afluente do Amazonas, no Rio Xingu e deverá produzir cerca de 11 mil megawatts.

Assinatura:

Imagem:

Edição:

7) **Veículo/Canal/Programa:** **RTP 1** **BOM DIA**

Data / Hora: **24.04.2010 10:00 hrs**

Título (Pivot): Na rubrica "Vida Animal" desvendamos hoje alguns mistérios de uma Amazónia quase toda por descobrir. Uma equipa de reportagem da RTP entrou na selva, à procura de animais e plantas num dos ecossistemas mais importantes do planeta.

Texto:

Oráculo: Marco Lima – Biólogo Investigador

Assinatura: Luiz Henrique Pereira - Jornalista

Imagem: Luiz Flores

Edição: Sérgio Tomas

8) **Veículo/Canal/Programa:** **RTP 1** **BOM DIA**

Data / Hora: **16.05.2010 10:00 hrs**

Repetições: **CB RTP N NOTÍCIAS**
16.05.2010 18:00 22:00 hrs
TV RPT2 NOTÍCIAS
16.05.2010 22:00 hrs

Data / Hora: **RTP 1 BOM DIA**
15.06.2010 06:30 07:00 hrs

Título (Pivot): O Teatro Amazonas é também conhecido como a Ópera de Manaus. Foi construído nos tempos áureos da exploração da borracha. Hoje funciona como fundação onde cabem todas as artes. Uma equipa de reportagem da RTP foi conhecer de perto este edifício que continua a ser um dos símbolos mais importantes do povo e da cultura brasileira.

Texto: Manaus, a capital da Amazónia Brasileira já foi a "Paris das selvas" nos tempos áureos da exploração da borracha. Nessa altura o seringo dava dinheiro, muito dinheiro. Foi nessa época farta, que foi erguido o Teatro do Amazonas, também conhecido em todo o mundo como a Ópera de Manaus. Feito com o dinheiro da borracha, o edifício de finais do século XVII continua em perfeito estado de conservação. A cúpula foi feita para reflectir o calor do sol, por causa dos dias tórridos da estação quente. Arquitectura colonial genuína, em estado puro, no centro histórico da cidade. O interior é um tesouro que vale a pena ver devagar. Os vigamentos de aço das paredes vieram de Glasgow, na Escócia. Os frescos da cúpula mostram as artes, música, teatro, dança. Pinturas do artista italiano Domenico di Angelis. O candelabro veio de França e pode descer para manutenção. As máscaras vieram da Grécia, faz sentido. O teatro feito luxo já teve sete restauros. O Teatro do Amazonas continua a ser um dos principais símbolos do povo e da cultura do Brasil. (*Vivo final*).

Oráculo: Rogério Braga – Secretário de Cultura do Estado do Amazonas

Assinatura: Luiz Henrique Pereira - Jornalista

Imagem: Luiz Flores

Edição: José Vilas Boas

9) **Veículo/Canal/Programa:** CB RTPN NOTÍCIAS
Data / Hora: 29.05.2010 10:00 hrs

CB RTPN JORNAL DA TARDE
04.06.2010 13 hrs

Título (Pivot): O Rio Amazonas dá sustento a mais de 3 mil espécies de peixes de água doce. O maior pode medir dois metros e pesar mais de duzentos quilos. Uma equipa de reportagem da RTP visitou o Museu de Ciências Naturais da Amazônia, onde encontrou esta e outras espécies de peixes gigantes.

Texto: O movimentado Porto de Manaus no coração da Amazônia Brasileira. É banhado pelo rio gigante que tem 15 vezes mais espécies de peixes de água doce que todos os rios da Europa juntos. Alguns podem ver-se em tamanho e variedade no mercado de Manaus. São a principal fonte de alimento deste povo do Amazonas. Muitas espécies têm milhões de anos, algumas têm aspecto bizarro. Mas essas nem sempre se encontram por aqui. O espaço foi construído por japoneses descendentes das primeiras famílias nipónicas chegadas ao Brasil. O Museu de Ciências Naturais é gerido por uma Associação Naturalista e tem uma colecção variada de peixes, borboletas e insectos. Mas comecemos pelos peixes. Este é o bagre, um carnívoro agressivo chega a pesar 150 kilos. Ao lado, um dos mais conhecidos o piraíba, o peixe de couro da Amazônia. O mais famoso e apreciado é o Pirarucú, o bacalhau do Amazonas. Chega a pesar 200 kilos e é um dos maiores peixes de água doce do mundo. No aquário podemos vê-los vivos. É um dos peixes "ex-libris" do rio Amazonas. Entre jacarés e peixes-boi há também pinhanhas. Conhecem-se para cima de 20 espécies na Amazônia. Temidas e admiradas são uma importante fonte de alimento. Há também raias de água doce, descendentes das raias marinhas. Na sala ao lado está uma colecção que mostra algumas das milhares de espécies de borboletas existentes na Amazônia, entre elas uma das mais bonitas, a borboleta azul. Entre tarântulas e escaravelhos encontramos também o maior insecto do mundo, pode medir 20 cm de comprimento. Este é um museu bem conseguido que alberga mesmo assim uma ínfima parcela da fauna daquela que é maior floresta tropical do mundo.

Assinatura: Luiz Henrique Pereira - Jornalista
Imagem: Luiz Flores
Edição: Sérgio Tomás

10) **Veículo/Canal/Programa:** CB RTP AFRICA JORNALISTA GB
Data / Hora: 06.07.2010 12:00 hrs
Repetições: TV RTP 1 JORNAL DA TARDE
Data / Hora: 08.07.2010 13:00 hrs

Título (Pivot): Entre a Amazônia e os Bijagós, entre o Recife e Bissau, entre o Brasil e a Guiné, foi tema para um livro sobre direitos humanos.

Texto: "Brasil/Guiné-Bissau Olhares Cruzados" reúne 32 entrevistas que representam um mosaico de cidadãos dos dois países retratados pelas crianças. O livro tem fotografias da comunidade guineense e brasileira.

Oráculo: Dirce Carrion – Instituição Imagem da Vida Brasil
Oráculo: Augusta Badé

Assinatura: Indira Correia Baldé - Jornalista
Imagem:
Edição: António Fernandes

11) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 13.08.2010 06:30 07:00 08:00 09:00 hrs
Repetições: CB RTPN NOTÍCIAS
19:00 hrs

RPT 2 JORNAL 2
22:00 hrs

Título (Pivot): Um incêndio em Mato Grosso, no Brasil destruiu mais de uma centena de casas.

Texto: O fogo esteve activo durante mais de 24 horas; atingiu uma zona rural e destruiu 80 por cento do sector industrial. Há dezenas de indústrias de corte de madeira perdidas e centenas de cabeças de gado, carbonizadas. O município prevê redução de 500 empregos directos no sector madeireiro devido ao incêndio. A região de Mato Grosso tem sido a mais afectada pelos fogos no Brasil. (*Vivo*).

Assinatura:

Imagem:

Edição:

12) Veículo/Canal/Programa: CB RTPN NOTÍCIAS
Data / Hora: 15.08.2010 14:00 18:00 hrs
Repetições: RTP 2 JORNAL 2
22:00 hrs

RTP 1 BOM DIA
16.08.2010 08:00 hrs

Título (Pivot): No Brasil, os bombeiros debatem-se com centenas de incêndios.

Uma aldeia em Mato Grosso foi completamente destruída pelas chamas. As condições meteorológicas não ajudam ao combate. Nas regiões do interior já não chove há vários meses.

Texto: Nas últimas semanas tem sido assim, as regiões do norte e centro do Brasil estão a ser consumidas pelos incêndios. As zonas rurais são as mais afectadas. Em Mato Grosso, mais de 100 casas, serrações e plantações foram destruídas pelo fogo esta semana. A cidade de Marcelândia foi destruída pelas chamas. Dezenas de famílias perderam tudo e tiveram que ser levadas para abrigos. Agora procuram a ajuda, que está a chegar de todo o país, para poder recomeçar. (*Vivo mulher*). No Estado do Pará e de Tocantins centenas de bombeiros tentam, sem sucesso, controlar as chamas empurradas pelo vento forte. Setenta por cento do Parque Nacional de Tocantins já ardeu, o fogo matou dezenas de animais e ameaça espécies protegidas. As autoridades brasileiras dizem o número de fogos é 3 vezes superior ao do mesmo período do ano passado. E o estado do tempo também não ajuda. (*vivo*). As autoridades dizem que muitos dos incêndios têm início em queimadas, que agora estão suspensas. A área ardida é já de milhares de hectares em todo o país.

Oráculo: (Mulher sem nome)

Oráculo: Raffiagop - Meteorologista

Assinatura: Raquel Gomes - Jornalista

Imagem:

Edição: Guilherme Terra

13) Veículo/Canal/Programa: RTP 1 TELEJORNAL
Data / Hora: 28.12.2010 20:00 hrs
Repetições: RTP 1 BOM DIA

29.12.2010 06:30 07:00 08:00 09:00 hrs

Título (Pivot):Um dos combates dos políticos brasileiros é contra as desigualdades sociais que não são um exclusivo do país e que se manifestam de muitas formas. Na cidade de Belém, nome paradoxal para o que se verificou. No dia de natal, um bebê recém-nascido foi lançado de um muro com mais de dois metros de altura, enrolado num plástico. A criança foi encontrada a tempo e está bem. (*imagem*).

Texto: A criança passou 12 horas no chão deste quintal., de uma casa em Belém do Pará, no Brasil. Terá sido atirado pela mãe por cima de um muro de 2 metros. Uma boa estrela guiou o vizinho que o encontrou dentro de um saco de plástico. Neighbor who found baby, Carlos Barros, saying: "Eu ia viajar e só estava previsto voltar para o ano. Mas deu tudo errado e acabamos por ficar aqui. Para mim foi uma bênção de Deus ficar, para poder salvar a vida da criança" "I didn't touch him because when there is an accident involving impact it is dangerous to move the person because of their back. I only opened a hole in the bag to allow him to breathe." Embora com algumas escoriações no rosto e no corpo, o bebê tinha bons sinais vitais, para os socorristas foi uma sorte ter sobrevivido: Joelma Lima, the nurse who helped rescue the newborn, said he was lucky to have survived since his umbilical cord was still open.

"The umbilical cord was cut, but not stitched. This could have caused a hemorrhage due to blood loss through the umbilical cord. The baby faced all these risks," she said. A mãe, com 20 anos, contou à polícia que deitou fora o bebê poucas horas depois de dar à luz, na noite de 24 de dezembro, tentando assim esconder da família a gravidez. Caso SEJA provado que agiu de forma consciente, pode ter de responder em tribunal por tentativa de homicídio. O bebê já tem nome, dado pelos próprio socorristas: (*vivo*) Natalino de Jesus. Durante pelo menos 15 dias o pequeno vai ficar internado neste hospital. não será difícil arranjar uma família, há já muitos candidatos a adoptar o menino encontrado em Belém, no dia de Natal.

Oráculo: Carlos Barros - Vizinho
Oráculo: Joelma Lima – Socorrista
Oráculo: Abner Lopes – Conselho Tutelar

Assinatura: Lavínea Leal - Jornalista

Imagem:

Edição: Arthur Paiva

Notícias RTP 2011

1) Veículo/Canal/Programa: CB RTPN NOTÍCIAS

Data / Hora: 07.03.2011 16:00 hs

Título (Pivot):Brasil, os observadores de aves estão a usar as novas tecnologias para a identificação das espécies. Aparelhos como o Ipod ou o Iphone, têm estado a substituir os tradicionais livros-guia das aves do território.

Texto: A população de aves no Brasil é uma das maiores do mundo. espécies aos milhares. Grande parte só se podem ver aqui e em mais lado nenhum do mundo. Ora, no último sábado de cada mês o Clube de Observadores de Aves do Rio de Janeiro reúne-se nos parques e jardins botânicos com um objectivo comum. Pois é, mas a partir de agora a observação de aves está facilitada pelas novas tecnologias. O Ipod, o Ipad ou o Iphone, começam a ser ferramentas preciosas. Não está tudo aqui mas está muita coisa. Diferentes espécies, às centenas, comportamentos e características. Os tradicionais guias em livro andam a ser substituídos com sucesso. Mas há mais, estas ferramentas tecnológicas, servem outros propósitos, no que ao estudo das aves diz respeito. (*Som emitido*) (*som olham para cima*). E há de facto muito para ver. O Canarinho da Terra, o elegante Tucano de Bico Preto, uma outra ave muito comum, o Bem-Te-Vi, a Jacupemba, o Sabial Laranjeira, ou a Lavadeira Mascarada. Os ornitólogos já estão a pensar em aplicar o mesmo sistema na observação de aves na Amazônia e no Pantanal.

Oráculo: Claudia Bretas – Observadora de aves
Oráculo: Igor Valamiel – Observador de aves
Oráculo: João Quental – Observador de aves

Assinatura: Luiz Henrique Pereira
Imagem:
Edição: Sérgio Tomas

2) Veículo/Canal/Programa: CB RTPN NOTÍCIAS
Data / Hora: 30.03.2011 14:00 hs

Título (Pivot): Lula da Silva é agora doutor honoris causa pela Universidade de Coimbra. A cerimónia decorreu esta manhã, com a presença de Cavaco Silva e de José Sócrates. À chegada, nem o presidente, nem o primeiro ministro quiseram comentar a disponibilidade do Brasil para ajudar Portugal, na luta contra a crise.

Texto: Lula da Silva é recebido em euforia pela comunidade brasileira, que tem 1500 estudantes na Universidade de Coimbra. Para assistir ao doutoramento "Honoris Causa", chegam também Cavaco Silva e José Sócrates. Nem um nem outro comentam a disponibilidade do Brasil para ajudar financeiramente Portugal. *(vivo)* Sob apertadas medidas de segurança, o antigo presidente brasileiro manifesta-se honrado por receber o título, mas assume o luto pelo falecimento de José Alencar, ex-vice presidente de Lula da Silva. *(vivo)* Lula conta com a solidariedade de Dilma Rousseff. A Presidente do Brasil encurtou a visita a Portugal e regressa mais cedo do que o previsto. À chegada a Coimbra tinha à espera um grupo de manifestantes contra a construção da barragem de Belo Monte na amazónia. *(Som)*. Mas também euforia. Confusão, pompa e circunstância, a anteceder a cerimónia centenária da mais antiga universidade do país.

Oráculo: Cavaco Silva – Presidente da República
Oráculo: José Sócrates – Primeiro Ministro
Oráculo: Lula da Silva – Doutor Honoris Causa da Universidade de Coimbra

Assinatura: Carolina Ferreira - Jornalista
Paulo Mourão - Jornalista
Imagem: Paulo José Oliveira
Edição: Sergio Ramos

3) Veículo/Canal/Programa: Portugal em Direto – Canal 1
Data / Hora: 17.05.2011 13:06 hs

Título (Pivot): Sabe o que é a Maniçóba?

Texto: É semelhante à "Sopa de Pedra". É da Amazónia, Brasil, e faz parte de uma gastronomia original que agora procura Portugal para chegar aos restaurantes do mundo. Álvaro Espírito Santo, brasileiro, está a doutorar-se na Universidade de Coimbra com um trabalho onde procura evidenciar as singularidades da gastronomia amazónica, e ajudar a integra-la no cardápio dos maiores chefes internacionais. *(Som)*. Segundo o investigador, que desenvolve a sua tese na área do turismo na Faculdade de Letras de Coimbra, a Amazónia tem produtos alimentares ancestrais únicos no mundo que, num futuro muito próximo, com a ajuda dos portugueses, podem ser uma boa novidade na gastronomia gourmet internacional. No sentido de dar um contributo a essa cooperação com Portugal, em breve irá ao Brasil o chefe Luís Lavrador, docente da Escola de Hotelaria e Turismo de Coimbra. Em setembro virão a Coimbra dois chefes da amazónia para realizar workshops.

Assinatura:
Imagem:
Edição:

4) Veículo/Canal/Programa: Portugal em Direto – Canal 1

Data / Hora: 02.06.2011 08:00 hs
Repetições: CB RTPN NOTÍCIAS
15:00 17:00hs

RTP 2 HOJE
19:00 hs

Título (Pivot): O governo brasileiro autorizou a construção na Amazônia da terceira maior barragem hidroelétrica do mundo.

Texto: Ambientalistas e comunidades indígenas estão contra. A barragem vai inundar uma área de cerca de 500 quilómetros quadrados e obriga a que sejam deslocadas 16 mil pessoas. O Brasil fala numa necessidade prioritária. A nova barragem de Belo Monte irá produzir mais do dobro da energia fornecida por todas as barragens de Portugal.

Assinatura:
Imagem:
Edição:

5) **Veículo/Canal/Programa:** RPT 1 BOM DIA
Data / Hora: 23.06.2011 08:00 hs
Repetições: CB RTPN NOTÍCIAS
14:00 hs
RTP 2 HOJE
22:00 hs

Título (Pivot): Foi descoberta na Amazônia brasileira uma tribo que nunca teve qualquer contacto com outros povos.

Texto: Esta comunidade indígena foi fotografada do ar. Calcula-se que tenha cerca de 200 membros. As clareiras, onde estão os campos de cultivo, e as quatro construções já tinham sido localizadas por satélite. Ficam no Vale do Javari, no sudoeste do Amazonas. É considerada a maior concentração de grupos isolados no mundo. Desde 1987 que não há contactos com tribos isoladas. A experiência revelou que o contacto foi sempre prejudicial para esses povos. (*vivo*).

Assinatura:
Imagem:
Edição:

6) **Veículo/Canal/Programa:** RTP 1 BOM DIA
Data / Hora: 07.12.2010 08:00 hs
Repetições: RTP1 INFORMAÇÃO RTP
11:00 hs

Título (Pivot): Senado brasileiro aprovou uma lei ambiental controversa.

Texto: Reduz a área de proteção da floresta amazónica a favor das áreas rurais. Também legaliza as áreas que sofreram o abate ilegal de árvores até 2008. Era uma antiga exigência do setor agropecuário, desejo de ampliar a fronteira agrícola. Para os ambientalistas o novo Código Florestal significa um golpe mortal para a selva amazónica. Estão em risco 79 milhões de hectares, equivalente às superfícies da Alemanha, Áustria e Itália juntas.

Assinatura:
Imagem:
Edição:

ANEXO II

Notícias da Amazônia Emitidas pelo Jornal Nacional da TV Globo, Brasil, entre os anos de 2005 e 2011

NOTÍCIAS JORNAL NACIONAL 2005

1)Data:18.01.2005No Doc:RJ52-0024658
Título: Série: Amazônia Povo das Águas
1ª Reportagem: Os Viajantes nos Rios da Amazônia
Local: Amazônia
Repórter: Marcelo Canellas
Fonte: TV Globo
Duração: 00:04'13"
Matéria: Editada

Texto: Bonner: Hoje nós vamos mostrar os caminhos dos viajantes na Amazônia.

Fátima: Uma tarefa difícil e emocionante com o repórter Marcelo Canellas

Marcelo em off: Rio Amazonas, Solimões e Madeira. Caminhos da Amazônia. Caminhos de gente, que leva e traz saudade, dúvida, esperança. Que procura o próprio destino: o povo das águas.

Marcelo: Maria tem a alma leve.

Maria: Eu queria ser um passarinho e voar por cima

Marcelo: Orico tem um sonho antigo.

Lavrador, Orico: Desde pequeno é meu sonho. Eu estava na casa do meu pai e falei: pai, eu vou conhecer meus parentes no norte

Marcelo: Por isso Maria virou cozinheira de barco

Maria: Cada viagem que você faz, você conhece outras pessoas. Cada uma diferente da outra

Marcelo: Por isso o lavrador Orico agora é marinheiro errante

Lavrador, Orico: Eu chego a chorar. Aquele lugar bonito que eu já passei, tenho plano de passar. O coração grande.

Marcelo: Estrada de caboclo, o rio é a maneira mais barata de ir ou voltar. Barcos apinhados de gente cruzam os quatro cantos da Amazônia. Razão de passageiro, Maria conhece bem.

Maria: Vai em busca de alguém. Cada uma delas tem um objetivo. Não vão por acaso. De alguma coisa boa, melhor, além da cidade dele. Porque com certeza na dele ele não encontrou

Marcelo em off: Levando seus motivos, pendurando suas redes, o pessoal se ajesta. Cano vira cabide. Convés é refeitório, quarto, banheiro e tudo. Em um barco de três andares é geralmente na parte do meio que os passageiros se concentram. Não há nenhuma acomodação para as pessoas, com exceção dos ganchos espalhados pelo teto onde as redes são penduradas formando um emaranhado que torna impossível a passagem, a não ser pelos cantos do convés.

Marcelo: É espichado desse jeito que o pessoal enfrenta quatro, cinco dias de viagem.

Lavrador, Orico: A gente fica perdido no tempo. A gente está aqui e não sabe qual o mês, qual o dia, qual a hora.

Marcelo: Os irmãos nunca tinham saído de Minas. Eles vão atrás de emprego em Manaus com a proteção que trouxeram de casa

Irmãos no barco: Para dar boa sorte pra gente, para gente rezar e tudo correr bem na viagem. Uma nova vida pode estar aguardando a gente por lá.

Marcelo: Desconfiar da memória, precaução de mineiro. Tanta novidade merece diário de bordo

Lavrador, Orico: Uma floresta incrível, em volta dela águas por todas as partes, barcos lotados de gente com pessoas diferentes. Nessa importante viagem que, com certeza daqui para frente a minha vida pode mudar e a de todos nós que estamos juntos desse barco

Marcelo: Mudar o barco e o continente inteiro. É o que quer o casal de Buenos Aires. Eles vão até o México levando a virgem de Lujan, a santa negra da Argentina, quem diria, feita no Recife no século XVII.

Viajante argentino: Un capitán português la llevó de Pernambuco hasta Buenos Aires

Marcelo em off: Pergunto se a padroeira da Argentina então é brasileira. Ele ri. É a prova de que a América Latina pode se entender e virar um só país, a pátria grande.

Marcelo: Se Sidney conseguir se entender com a moça da tatuagem, já está bom demais.

Sidney: Essa tatuagem foi uma loucura de amor
Marcelo: Ficou dois anos fora e descobriu que precisava voltar
Sidney: É uma saudade muito grande. Agora eu falei pro chefe que vou embora pro Amazonas.
Vou embora mesmo, estou deixando tudo pra trás
Marcelo: Com o retorno intempestivo, veio sem nenhum pé de meia. Mas cheio de argumentos
Sidney: Meu coração está a disposição para ser aberto
Marcelo: O que Sidney deixou pra trás, Belmiro quer buscar
Belmiro: Fui comerciante, taxista, caminhoneiro. Fui tudo isso aí. Mas realmente tudo essas partes que eu tentei nada deu certo pra mim. Eu vou procurar outro tipo de coisa
Marcelo em off: Viu na televisão que em Roraima era bom
Belmiro: Eu pus aquilo na mente. É por isso que eu vou pra lá
Marcelo: Se a chegada não for lá essas coisas, pelo menos o caminho pode ensinar
Belmiro: A mente fica livre, tranqüila, só pensando coisas boas
Marcelo: Com um país desse tamanho, há sempre um lugar para ir.
Lavrador, Orico: O Brasil é um coração de mãe
Marcelo: E também sempre há algum lugar pra chegar, mesmo que a gente ainda não saiba aonde
Maria: O meu objetivo é esse. Chegar lá. Em algum lugar.

2)Data:19.01.2005No Doc:RJ52-0024660

Título: Serie: Amazônia Povo das Águas

2ª Reportagem: Risco de quem navega em rios Amazônicos.

Local: Amazonas

Repórter: Marcelo Canellas

Imagens: Luiz Quilião

Fonte: TV Globo

Duração: 00:03'59"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Na segunda reportagem da série especial que o JN exhibe esta semana, Marcelo Canellas e Luiz Quilião vão mostrar os perigos de quem navega nos rios da Amazônia.

Fátima: E também os mistérios.

Marcelo em off: Não há calado que agüente, nem lastro que segure. Da corredeira feroz nem os gigantes escapam

Passageiro do barco: Em uma cachoeira aí dizem que morria muita gente que vinha de cima descendo das embarcações que vinham da Bolívia

Marcelo em off: Velhos vapores devorados pela ferrugem e pelo apetite do rio.

Outro passageiro: Ele tem comido muita gente, viu

Marcelo: Um rio faminto. Os pescadores respeitam o Madeira como a nenhum outro rio de mau humor, rio que grita. Os barcos alinhados recebem a carga para enfrentar o Madeira.

Tripulante: Tudo que vai para Manaus vai por esse rio

Marcelo: Nem os freqüentes naufrágios evitam a imprudência

Tripulante: Os barcos também carregam demais, botam muita carga, muitos passageiros. Fora do limite

Marcelo: Mas que outra forma de seguir viagem? Todo caboclo que embarca sabe o que lhe espera.

Passageira: Que não aconteça alagação, que não aconteça nada de mal. Me leve em paz senhor, me traz em paz pra minha casa

Marcelo: De Porto Velho a Manaus são 1,050 mil quilômetros do trecho mais perigoso da Bacia Amazônica.

Aguinaldo: Quando abriu o rombo, o barco afundou. Quando o barco afundou eu perdi a criança e perdi ela também

Marcelo em off: Aguinaldo estava com a mulher e o filho pequeno nesta no rio.

Marcelo: Foram dias e dias de uma procura inútil.

Piloto: Avisavam, encontraram um corpo em tal lugar. Eu ia lá e não era. Nunca encontrei

Marcelo em off: É quando a tarde cai, aliviando o mormaço equatorial da Amazônia, que os perigos da viagem aumentam. Barcos enormes viram pontinhos luminosos no breu da noite. São quilômetros e quilômetros na escuridão da floresta. Navegar de madrugada em um rio de dimensões amazônicas é uma atividade de alto risco que exige respeito profundo às mudanças bruscas de tempo. O farol é o único

instrumento de navegação para 90% dos barcos. O farol é a única referência, a única maneira de descobrir por onde navegamos. Como se a natureza entrasse em curto circuito uma chuva de raios promete um temporal.

Piloto: Quando forma um tempo desse tipo a gente tem que parar o barco. Se enfrentar corre o risco de um naufrágio

Marcelo em off: A chuva desaba e o pessoal espera em silêncio

Passageira: Eu não gosto dessa viagem

Marcelo: São 24 horas de tempestade até estiar. Parece que tudo no Madeira é exagero.

Kenedy: Era ouro de quilo. Dois, três quilos. Puxa vida, então eu vou onde tem ouro de quilo

Marcelo: Kenedy queria ficar rico procurando ouro no fundo do rio. Até ser atingido por um tronco desgovernado.

Kenedy: Aí já não senti mais ar nenhum onde eu tava amarrado com a mangueira de ar naquele tronco.

Marcelo: Ele quase morreu. Hoje anda com dificuldade, mas 20 anos depois deixou de novo o Paraná.

Kenedy: O cara que bebe essa água do rio Madeira, um dia ele volta

Marcelo em off: Para ficar e acertar contas com o passado.

Kenedy: Esse rio vai me levar pra Manaus pra uma vitória que está perdida l atrás e reconhecer tudo o que eu passei e colocar a minha vida para começar agora, daqui pra frente, com os pés no chão

Marcelo: O corao  deriva, levado pelo madeira aonde quer que ele v.

Kenedy: Eu me sinto feliz é aqui, na Amazônia. O rio Madeira é um rio encantado. É um mistério que pertence isso é a Deus.

3)Data:20.01.2005No Doc:RJ52-0024665

Título: Série: Amazônia Povo das águas

3 Reportagem: Pobreza ameaça futuro de crianças na Amazônia.

Local: Amazônia

Repórter: Marcelo Canellas

Imagem: Luiz Quilião

Fonte: TV Globo

Durao: 00:05'18"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Amazônia às margens da pobreza.

Fátima: Na terceira reportagem da série Amazônia, povo das águas, os repórteres Marcelo Canelsas e Luiz Quilião, mostram a situao de crianças que vivem das doaoes dos viajantes dos rios.

Marcelo em off: Rio sem margem, mar sem horizonte. S gua em volta. O Amazonas é o caminho de tudo: boiada, caminhão, madeira para exportao. Pelo rio, passa toda a riqueza do Norte e a penúria que ninguém imagina. As canoas aparecem do nada, solitárias, aos pares ou em grupo. Elas se aproximam perigosamente dos grandes barcos de passageiros que passam pelo Estreito de Breves, na Ilha de Marajó. Uma irmã maior abandona o remo para proteger o irmãozinho. A embarcao passa a poucos metros da canoa e alguém joga um saco plástico. A mãe se esforça para não virar nas ondas levantadas pelo motor e, em seguida, apanha a oferenda na gua.

Mulher: (gritando do barco)  roupa de cama!

Marcelo em off: É assim que funciona: um adulto rema ou uma criança maior. Amontoadas na proa, crianças de fralda ou nuas gesticulam, agitando as mãozinhas e soltando um gemido. Os passageiros, acostumados ao ritual da mendicância, jogam sacos plásticos com roupa e comida. A esmola flutua nas ondas e  logo apanhada.

Marcelo: O ritual recomeça, com novos gemidos, mãozinhas agitadas, em mímica e súplica

Menino Ediel: Esse gesto significa joga

Marcelo: É assim que Ediel e seus 12 irmãos sustentam a casa

Maria, mãe de Ediel: Os meninos vo l buscar. A gente manda eles irem, eles vão e pegam

Marcelo: Basta entrar na casa de Maria e Miguel para entender por qu.

Miguel, irmão de Ediel: Não tem móveis, só as redes

Marcelo: As crianças estão doentes.

Pai de Ediel: Duas estavam com febre, malária. Agora estão recuperando.

Marcelo: E não há nenhuma reserva.

Miguel, irmão de Ediel: Tem um potezinho de açúcar e mais nada

Marcelo: As madeiras compraram tudo em volta da casa de Miguel. Sem salário, comida é o que a mata dá

Miguel, irmão de Ediel: Açai, bicho-preguiça

Marcelo: É por isso que Ediel tem sua preferência

Menino Ediel: Prefiro comida

Marcelo: Ele se refere às bolsas jogadas nos rios. Nem correio chega à região. Se o carteiro não vai, imagine um médico, um dentista. As pessoas sabem que a mão do estado não alcança a casa delas e por isso se apegam a um braço de rio e passam a vida inteira esperando que os barcos tragam de tudo. Nem correio chega à região. Se o carteiro não vai, imagine um médico, um dentista. As pessoas sabem que a mão do estado não alcança a casa delas e por isso se apegam a um braço de rio e passam a vida inteira esperando que os barcos tragam de tudo.

Marcelo em off: E eles trazem: o bom e o ruim. Uma canoa espera o momento exato. Em um golpe certo, um garoto prende o gancho. Depois do solavanco, a canoa fica a reboque. Mas os meninos esperam, e as meninas é que vão para o convés das balsas. Um imenso rio de silêncio cobre a região de Breves. Quem fala não quer aparecer.

Morador (com rosto desfigurado): É o problema da prostituição infantil. As famílias se sentem muito abaladas com isso.

Marcelo: A Pastoral da Criança é a única gota de indignação.

Voluntária Valdirene Abreu, da Pastoral da Criança: Os homens abusam sexualmente delas em troca de uma comida, uma roupa

Marcelo em off: Quando vêm a lancha da reportagem, as meninas tentam se esconder no convés. Algumas negam.

Menina 1 (rosto desfigurado): Não estava querendo namorar, ele estava só conversando

Menina 2 (rosto desfigurado): Venho porque meu pai está doente

Marcelo em off: Algumas contam o que se passa

Menina 3 (rosto desfigurado): E lá para baixo que os homens das balsas namoram com as meninas

Marcelo: Um garoto confirma

Menino (rosto desfigurado): Elas vão para o camarote com os homens. Nós ficamos esperando na canoa

Marcelo: De acordo com a Prelazia de Marajó em Breves, 39% das meninas entre 12 e 17 anos se prostituem

Rita Raboin, da Pastoral da Criança: Já temos gente perdida. Esses dados existem porque já perdemos jovens

Marcelo: Para a Pastoral da Criança, vamos perder mais se continuarmos agindo como se nada víssemos, como se nada soubéssemos, como se não estivéssemos - nós e essas crianças - todos no mesmo barco.

4)Data:21.01.2005No Doc:RJ52-0024670

Título: Série: Amazônia Povo das Águas

4ª Reportagem: A criatividade das populações ribeirinhas amazônicas.

Local: Amazônia

Repórter: Marcelo Canellas

Imagem: Luiz Quilião

Fonte: TV Amazonas

Duração: 00:03'53"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Hoje, na quarta reportagem da série Amazonas, povos da água, você vai ouvir histórias cablocas.

Fátima: É a criatividade de povos ribeirinhos na Amazônia. Quem nos conta é Marcelo Canellas e Julio Quilião.

Marcelo: Bem-vindo à rádio mais estreita do mundo. Ela fica no espaço entre duas casas.

Funcionário da rádio: Não dá nem pra se mexer muito aqui

Marcelo: A rádio Cai N'Água funciona na gambiarra. Mas de onde vem o nome da rádio?

Funcionário da rádio: Você vê que não tem porto. Então a pessoa passa, chove, passa por cima da pinguela para os barcos. Se vacilar, escorrega e cai n'água

Marcelo: O Porto do Cai N'Água na capital de Rondônia, Porto Velho - que aliás não tem porto nenhum, nem velho nem novo - é a prova da criatividade do povo da Amazônia.

Pedro Neto, da Associação de Pescadores do Amazonas: Você vai improvisar dentro do seu mundo.o caboclo amazônico, ele improvisa.

Marcelo em off: Feira do Peixe, Manaus. Desempregados viram pregoeiros de sucesso. Ganham a vida gritando. Uma pujante economia ribeirinha que só funciona em proa de barco

Pedro Neto, da Associação de Pescadores do Amazonas: Tirar um cidadão da beira do rio é como tirar um peixe de dentro da água

Marcelo: Boa parte deles mora do outro lado do rio numa cidade flutuante. Aqui, casa navega

Moradora: A casa balança

Marcelo: Dentro são casas comuns. Pobres. Mas muito enfeitadas. E com tudo amarrado ou pregado na parede para não virar.

Marcelo em off: As vilas flutuantes se deslocam de acordo com o regime de enchentes e vazantes. Quando o rio seca, as enormes toras que sustentam as casas correm o risco de encalhar. E aí, enquanto as chuvas não vierem, acaba virando uma casa como outra qualquer

Seu Chagas, morador: Estou parado aqui há uns dois meses. E acho que ainda vou ficar uns três. Depois vem a chuva e a casa se desloca

Marcelo: Alguns moradores escolhem ficar encalhados durante a seca

Moradora: Eu quis deixar em terra porque meu filho já anda e eu tenho medo dele cair na água. É perigoso

Marcelo: E não é só. Beira de rio tem outros moradores. Aos 81 anos, seu Nelson nem sabe como escapou ao ser mordido por um jacaré

Seu Nelson: Tinha uma boca medonha, cheia de dente

Marcelo: Mas acidente assim é raro. O pessoal se acostuma com a bicharada como se acostuma com a água. Quem pode, tem motor de popa. Quem sabe, vira armador.

Armador, Jeremias: Você não vê esses caras fazer o retrato falado na televisão? É a mesma coisa. Eu vejo um barco, eu olho, eu vou querer o meu barco desse jeito. Aí eu venho e faço do jeito que eu quero

Marcelo:Jeremias preza seu nome de profeta.

Armador, Jeremias: Eu dizia que não sabia falar, nem tinha vocação para aquilo. Aí Deus disse: 'Vai que eu boto as palavras na tua boca rapaz'.

Marcelo em off: Da boca de Jeremias, palavras de caboclo talhado pela vida nesse mundão d'água. Onde todo mundo se ajuda e uma mão lava a outra.

Armador, Jeremias: Eu tenho uma alegria dentro de mim como se fosse um orgulho. Vejo a minha força, o meu progresso que eu fiz em andamento servindo a outra pessoa

5)Data:22.01.2005No Doc:RJ52-0024673

Título: Série: Amazônia Povo das Águas - Também São Brasileiros

5ª Reportagem: Última Reportagem

Local:Amazônia

Repórter: Marcelo Canellas

Imagem: Luiz Quilião

Fonte:TV Globo

Duração: 00:03'49"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Na última reportagem da série que o Jornal Nacional exibiu esta semana, sobre as populações que vivem dos rios da Amazônia, os repórteres Marcelo Canellas e Luiz Quilião mostram como apenas um professor, um rádio e muita vontade podem mudar, para melhor, a vida de toda uma comunidade

Fátima: Uma lição preciosa

Marcelo em off: O hospital mais próximo fica a quatro horas de viagem - de barco. Da sangria da seringueira? Da moenda da mandioca? Da tarrafa do pescador? Do que vive a Vila Ribeirinha de Capixauã?

Morador: Em primeiro lugar a gente vive de esperança

Marcelo em off: Escondida detrás de uma enseada, no fundão do Rio Tapajós, Capixauã vive como se estivesse na era do fogo, no tempo do ferro a carvão

Moradora: A gente fica esquecido dessa forma, porque as pessoas não vem aqui pra conhecer a gente, totalmente a realidade da nossa vida

Marcelo: Vida longe do recurso. Qualquer doença é uma aflição
Moradora: Daqui pra Santarém, ele leva quatro horas de viagem. E para poder chegar lá, ele ainda vai pegar um carro pra ir pro hospital
Marcelo: Pior é a falta de instrução: o mais letrado do local não passou da quarta série.
Morador: Não existia ainda nem quinta, nem sexta, sem sétima, nem oitava série nessa região
Marcelo em off: E ainda assim com sacrifício
Professor, Paulo: Nem roupa a gente tinha pra estar mudando efetivamente assim
Marcelo: Para virar professor, o único de Capixauã, Paulo teve que se esforçar demais. Estudar sozinho, anos a fio. O que será da molecada de hoje?
Professor, Paulo: Eu vejo hoje a situação da criançada e encontro a mesma dificuldade
Marcelo: Longe da cidade, longe do progresso, longe do conforto... As crianças de Capixauã crescem ouvindo falar que tudo é longe, mas nem precisaram sair da beira do rio pra descobrir: dá pra encurtar a distância entre o isolamento e o conhecimento girando uma manivela. Cerca de 60 voltas no equipamento e pronto, ele começa a falar. Sem luz nem lugar para comprar pilha, o rádio a manivela pega a estação que ajuda o professor.
Voz do rádio: Hoje na nossa sessão de leitura, a primeira do segundo semestre...
Marcelo: A “cartilha sonora” trouxe o be-a-bá à escolinha da vila.
Professor, Paulo: Ela também ensina. Até a criança aprende até a ler através do rádio.
Voz do rádio: Os direitos de milhões de meninos e meninas permanecem esquecidos ou ignorados
Marcelo: O programa é gerado de Santarém, mas a informação principal pode estar em qualquer vila da região. As crianças se envolvem de tal maneira no projeto que agora ajudam a fazer o programa e passaram elas próprias a denunciar a omissão das autoridades e a vila inteira acabou contaminada.
Leiria Rodrigues, coordenadora do projeto da rádio: Falam não só da merenda. Mas falaram de coisas como respeito à diversidade cultural, respeito à cidadania, respeito de ser ouvida
Menino: Nós éramos esquecidos, hoje em dia a gente já tem um valor
Marcelo em off: Talvez o professor Paulo esteja mais perto de ver os alunos como ele quer. Formados com capacidade de construir um futuro melhor até para os filhos deles também. Talvez uma nova concepção de escola esteja nascendo em uma sala acanhada nos confins da Amazônia.
Menino: A escola que eu quero assim para o nosso Brasil não é uma escola só de luxo, mas uma escola de um lazer bom, um estudo bom, uma aula boa, de bons professores de qualidade

6)Data:26.01.2005No Doc:RJ52-0024697

Título: Série: Barreiras para o Desenvolvimento: Desenvolvimento X Meio Ambiente

3ª Reportagem

Local: Pará (Santarém)

Repórter:Robert Kovalick

Fonte:TV Globo

Duração:00:03'44"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Na terceira reportagem especial, Barreiras para o Desenvolvimento que o Jornal Nacional exibe esta semana, Roberto Kovalick mostra a dificuldade de conciliação entre preservação do meio ambiente e desenvolvimento

Fátima: O local da reportagem é a cidade de Santarém, no Pará.

Roberto em off: É um daqueles lugares deslumbrantes do Brasil: o Tapajós. Um rio de águas claras e tranqüilas, areia branca. Em volta, a exuberância da Floresta Amazônica. Privilegiada pela natureza, Santarém, no Pará, está bem na fronteira de uma guerra. Entre os que tem fé no crescimento - os empresários - e os que pregam a preservação. O padre é um deles.

Padre Edilberto Sena: Estamos vendo o meio ambiente destruído, a floresta desertificada

Associação Comer. de Santarém, Renato Dantas: Falar em destruição disso aqui de maneira rapidinha, fácil, é besteira. Santarém está toda feita pela natureza para ser turística. Se vai parar o desenvolvimento nos dêem outra alternativa de vida, nos paguem o famoso imposto ecológico

Renato: A guerra começou com o terminal de embarque de grãos. Para construí-lo, uma empresa americana recebeu licença dos órgãos ambientais do município e do Estado. Mas o Ministério Público entrou com uma ação porque faltou um estudo de impacto ambiental. O caso foi parar no Supremo Tribunal Federal em Brasília.

Renato em off: A BR-163 liga Santarém a Cuiabá. Aberta na década de 70, nunca foi asfaltada. Entre outros motivos porque fica no meio da Floresta Amazônica. A estrada ficou esquecida durante 30 anos, mas agora ficou importante porque é o caminho mais curto para exportar a soja produzida em Mato Grosso. Entre a floresta e a soja, entre o asfalto e ponte de madeira, os moradores da região têm escolhas difíceis de fazer.

Renato: A estrada é uma das piores do Brasil. Em alguns trechos, os motoristas não conseguem ver o caminho. Pontes que parecem que vão desabar.

Primeiro Caminhoneiro: De vez em quando tem um buraco, aí temos que parar o caminhão para ver se não tem um carro pequeno dentro, senão passamos por cima

Segundo Caminhoneiro: Até agora está bom. Tem que ver quando chove. É péssimo mesmo

Renato: O motorista sofre, a natureza também. Só a possibilidade de Santarém se tornar um centro agrícola já fez o preço do hectare de terra pular de R\$ 70 há cinco anos para R\$ 3 mil agora. E a fumaça das queimadas para dar espaço às lavouras faz Santarém quase desaparecer do horizonte.

Ministra do Meio Ambiente, Marina Silva: Não é correto tratar meio ambiente como barreira ou obstáculo. Meio ambiente é uma solução. Quando você não encara corretamente os ativos ambientais no futuro, você vai estar prejudicando seu próprio investimento

Renato: Não é bem o pensam muitos empresários. Reclamam que muitos projetos não andam, por causa da dificuldade de conseguir licenças ambientais.

Assoc. Bras. dos Produtores de Carne, Pratiní de Moraes: As dificuldades que temos para construir uma estrada. Criou-se uma posição ambientalista exagerada e que impede a realização dos investimentos. É preciso haver uma visão mais clara de quais são as reais restrições que nós devemos seriamente obedecer. Mas não essa coisa, muitas vezes, meio inexplicável

Renato: O Ibama nega que esteja dificultando a liberação de licenças. Diz que aumentou o número de fiscais de 7 para 70, para que elas saiam mais rapidamente

Marcus Barros, presidente do Ibama: Não dá para transformar o Rio Amazonas em Rio Tietê, esse tipo de desenvolvimento nós não queremos

Renato: Nessa disputa, todos têm seus motivos e o Brasil tem pressa de encontrar uma solução.

7) Data: 12.02.2005

Título: Missionária americana é assassinada no Pará

Local: Pará

Jornalista: Jonas Campos

Fonte: TV Liberal

Duração:3'27"

Fátima: Um missionária católica nascida nos Estados Unidos e naturalizada brasileira foi assassinada a tiros por pistoleiros hoje no Pará. A irmã Dorothy Stang, de 74 anos era da comissão Pastoral da Terra. Ela mesmo dizia que estava marcada para morrer

Jonas: A irmã Dorothy Stang trabalhava no Pará há mais de duas décadas. Nos últimos anos, vivia na cidade de Anapú, Oeste do estado. A missionária trabalhava com agricultores da região e lutou pela criação de um assentamento. Parte da área do projeto era ocupada por fazendeiros e grileiros. Em uma entrevista a TV Liberal, em Belém, a irmã Doroti denunciou que estava sendo ameaçada.

Dorothy: "Eu recebo constantemente recados. Eu fui dada no município pela prefeitura e Câmara Municipal como persona non grata" Segundo a irmã, os recados a ameaçavam de morte: "Que se eu entro lá, eu morro. Que eu estou atrapalhando a vida do município".

Jonas em off: No ano passado, o governo criou o projeto de assentamento nesta área de 50 mil hectares para beneficiar 400 famílias. Na última semana, ela denunciou ao secretário nacional de Direitos Humanos, Nilmário Miranda, que agricultores estavam sofrendo ameaças de morte de fazendeiros e posseiros.

Dorothy: "Qualquer pessoa que tenta ocupar uma terra grilada é ameaçada de vida. Então, essa a é nossa grande preocupação, porque eles são altamente armados. Não estamos conseguindo ninguém para se aproximar e tomar essas armas".

Jonas: A missionária nascida nos Estados Unidos também respondia a um inquérito na Polícia Civil do Pará. Era acusada de fornecer armas para um grupo de agricultores que supostamente teriam matado um segurança de uma fazenda. A irmã Dorothy foi morta hoje de manhã com três tiros. Ela foi assassinada quando estava indo participar de uma reunião no projeto de assentamento a 40 quilômetros da sede do

município. Segundo a Pastoral da Terra de Altamira, ela foi executada por dois pistoleiros. Um agricultor que estava com ela conseguiu fugir.

8)Data:03.05.2005No Doc:RJ52-0025219

Título: Projeto Bira: Brinquedos da Amazônia são mostrados para crianças americanas

Local: EUA

Repórter: Luis Fernando Silva Pinto

Fonte: TV Globo (satélite)

Duração: 00:01'59"

Matéria: Editada

Texto: Fátima: Os meninos e meninas de uma escola primária na Virgínia nunca fizeram uma pipa, nunca improvisaram as traves de um gol, muito menos montaram uma boneca. Na terra do consumo, brinquedo aparece em comercial na televisão e tem etiqueta dizendo que brincar pode ser até perigoso.

Bonner: Agora eles vão ver como se brinca na Floresta Amazônica. A reportagem é de Luiz Fernando Pinto.

Luis Fernando: A brasileira Renata Meirelles e o marido dela, o americano David Reeks, criaram o projeto Bira, Brinquedos Infantis da Região Amazônica. Eles passaram oito meses documentando as brincadeiras das populações indígenas e ribeirinhas e agora mostram o resultado em escolas americanas.

Luiz Fernando em off: Os alunos ficam atentos, não perdem um segundo da apresentação. Eles vêem como as crianças da Amazônia constroem seus próprios brinquedos e usam os rios e a mata como um enorme quintal. A conclusão é imediata: "as crianças da selva se divertem mais do que nós", eles dizem.

Renata Meirelles: Isso é uma língua universal, todas as crianças do mundo podem se encontrar com o brinquedo, pelo brinquedo.

David Reeks: Eu acho que eles até sentem um pouco de vontade de conhecer essas crianças e ter a liberdade que a gente acompanhou na floresta

Luiz Fernando em off: As crianças mais novas se espantam com o ronco da onça, brinquedo simples feito com uma vara, um cordão e um pedaço de madeira. Mas a reação mais entusiasmada vem quando Renata mostra um pião feito com sementes do tucumã. E com o barulho que o pião faz quando gira.

9)Data:09.05.2005No Doc:RJ52-0025246

Título: Rodovia Cuiabá - Santarém na Amazônia

Asfalto X Preservação Ambiental

Local: Pará

Repórter: Willian Waack

Fonte: TV Globo

Duração: 00:05'18"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: A rodovia BR 163 no Pará é um desafio para o desenvolvimento brasileiro. O repórter Willian Waack percorreu a rodovia e mostra para nós o porque disso.

William em off: A BR-163, entre Cuiabá e Santarém, assusta não só motoristas. Apesar das más condições, por onde ela passa a presença do homem dobrou. A do boi, triplicou. E a destruição da floresta, quintuplicou. O governo já aprovou o asfaltamento de 900 quilômetros dentro da Amazônia. Vão pagar pelo asfalto e cobrar pedágio. Empresas privadas interessadas em mandar milhões de toneladas de soja para o Norte, e produtos da Zona Franca de Manaus para o Sul. As árvores solitárias dão uma idéia do que foi a Floresta Amazônica às margens da estrada, a BR-163. E o asfaltamento da rodovia vai ser o teste para se saber se nós brasileiros vamos conseguir ou não ocupar a Amazônia sem a devastação que foi até agora a marca da chegada do homem a região.

William: Valeu até agora a lei do mais forte na área de influência da estrada, que abrange um quarto do território nacional, segundo a definição do governo. A área de influência inclui as zonas mais cobiçadas por madeireiros, garimpeiros, pecuaristas e agricultores. Avanço que é sinônimo de desmatamento. Para esse imenso território o governo propõe um plano prevendo a criação de dezenas de áreas protegidas, como florestas nacionais, reservas indígenas e unidades de conservação. E está tentando convencer a população e os interesses locais em Novo Progresso, no Oeste do Pará, de que a combinação de restrições e incentivos, prevista no plano, trará benefícios a todos. Não tem sido um diálogo fácil. O motivo da briga é

claro: Novo Progresso vive da extração e comercialização da madeira, no momento proibida pelo governo, que impôs severas restrições à região inteira em consequência do assassinato da freira Dorothy Stang.

William em off: Mas a poucos quilômetros dali o negócio da madeira prossegue como sempre.

Caminhoneiro: Cheguei ontem, é a primeira viagem, fazer o que, tenho de trabalhar

William: São milhares de pessoas que vivem de uma atividade no momento proibida, que se acostumaram a ver riquezas amontoadas na beira da rua, e para as quais o governo só profbe, ou não cumpre o que promete.

Trabalhador: O governo obriga a tirar a madeira de maneira irregular, não tem como trabalhar pois o governo não regulariza

William: A floresta na região da BR-163 esconde, de fato, enormes riquezas. Em alguns casos é ouro puro, explorado há décadas. Em geral, sem a mínima preocupação com o meio ambiente.

William em off: As águas escuras são limpas, são as do Rio Tapajós. Estão sendo poluídas pelo Rio Crepori, contaminado ao longo de dezenas de quilômetros por dejetos lançados por balsas que, segundo a lei, não deveriam estar trabalhando. Ou por garimpos que, segundo as mesmas leis, não deveriam estar poluindo os rios. No centro da área onde o governo quer declarar como Floresta nacional e onde, supostamente, não deveria existir nenhum tipo de atividade de garimpeiro, muito menos este tipo de atividade que polui o rio desta maneira. Mas os garimpeiros estão lá há muitos anos, e dizem que não têm a menor intenção de abandonar a área.

William: É enorme a desconfiança em relação ao poder público e seus planos.

Dirceu Frederico Sobrinho, da Associação das Mineradoras de Tapajós: Onde se descobre uma grande reserva de ouro se cria uma reserva ambiental ou indígena. Está se passando sobre os direitos que já foram concedidos anteriormente para o os próprios garimpeiros e hoje querem se criar uma reserva pegando uma parte da reserva garimpeira.

William em off: Voar pela região de influência da BR-163 mostra não só que a expansão da mais nova fronteira brasileira foi, até agora, desordenada.

William: Não só os grandes desconfiam das autoridades.O agricultor Felix Feli e a mulher já pegaram cada um cinco malárias tentando viver num assentamento, próximo à estrada, iniciado pelo Inca, mas em parte já abandonado pelos primeiros colonos.O casal fez a terra render sem crédito, sem apoio técnico, sem qualquer documento de posse.

Agricultor Felix Feli: O documento melhor da terra é você, estando nela, trabalhar. O Inca só dá terra para quem fica acampado esperando, esperando toda a vida. O cara que quer trabalhar, quem é trabalhador não pega pelo Inca

William: Talvez o plano para a BR-163 seja a última oportunidade para se provar que pode ser diferente do que foi até agora a exploração de vastas áreas da Amazônia.Convencer, reconhece o governo, começa com concessões.

Julio Miragaya, economista do Ministério da Integração Nacional: É necessário ter algum grau de flexibilidade nessa negociação

William: Ambientalistas, de um lado, e o universo de quem explora as riquezas, de outro, terão de ceder. Desse compromisso depende a Amazônia que eles vão receber.

10)Data:19.05.2005No Doc:RJ52-0025306

Título: Devastação Floresta Amazônica, Práticas ilegais e

Divulgação do tamanho do desmatamento.

Local:Região Amazônica

Repórter:Alberto Gaspar

Fonte: TV Globo

Duração: 00:02'26"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: A equipe do Jornal Nacional sobrevoou a Amazônia em um avião da organização ambientalista Greenpeace. Orientado por satélite, o técnico localiza pontos de destruição recente. Quem nos conta é Alberto Gaspar.

Alberto em off: Estamos no Pará. A rodovia BR-163, Cuiabá-Santarém, é um dos principais caminhos para desmatadores. Novo Progresso é cidade de madeira e gado, que ocupa o lugar das árvores. Até uma outra área, indígena, de floresta ainda densa, tem feridas abertas. Mais ao sul, em Mato Grosso, a

agricultura liderada pela soja, avança sobre áreas por onde o boi já passou, e também derruba novos trechos de mata.

Alberto: Entre agosto de 2003 e agosto de 2004, a Amazônia perdeu 26,13 mil quilômetros quadrados de florestas. O pior resultado desde 1995. Destruição do tamanho do território de Alagoas.

Ministra do Meio Ambiente, Marina Silva: Estávamos calculando um incremento de 2%. Tivemos um incremento de 6,3%. Nós queremos estar combatendo integralmente as atividades ilegais

Alberto: No ano passado, o governo anunciou um ambicioso plano para conter o desmatamento.

Alberto em off: Vila Rica, norte de Mato Grosso. Lá deveria estar funcionando uma das 19 bases prioritárias dentro do plano do governo. Ela foi instalada e equipada, em uma casa. A equipe que foi para lá, chegou a percorrer a região, aplicar multas, mas depois foi embora. A base está fechada há sete meses. Já as serrarias ficaram. Mato Grosso contribuiu com 48% do total desmatado. Os ambientalistas elogiam o governo pelas novas áreas protegidas, a demarcação de terras indígenas e a lei contra a grilagem de terras públicas. Mas querem mais ação na linha de frente.

Paulo Adário, do Greenpeace-Amazonas: O governo tem informação suficiente. Tem análise estratégica do que é preciso fazer e análise das causas. O que falta é implementação. O número recorde de desmatamento é um claro aviso ao governo. Até agora não funcionou

Alberto: Na cidade de Alta Floresta, a base do Ibama existe, mas quase deserta. São apenas três funcionários, para um problema grande demais.

Mauro Vieira Baldini, analista ambiental-Ibama: São 56 mil quilômetros quadrados, com cento e tantos mil habitantes. É praticamente impossível atender a isso. Não estamos tendo essa agilidade para chegar no momento em que é ligada a motosserra

11)Data:20.05.2005No Doc:RJ52-0025310

Título: Avanço do Desmatamento na Amazônia:

Lula Elogia Marina Silva

Local:Brasília

Repórter:Giulhiana Morrone

Fonte: TV Globo

Duração: 00:44'35"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Um estudo divulgado pelo Ministério do Meio Ambiente revela que Mato Grosso é responsável por 48% do desmatamento da Floresta Amazônica e o jornal inglês, The Independent, acusa o governador do Mato Grosso de ser o maior responsável pelo desmatamento. A matéria é de Giulhiana Morrone.

Giulhiana em off: O estudo mostra que entre os anos de 2003 e 2004, sumiram do mapa 26 140 quilômetros quadrados de floresta e o jornal inglês acusa o fazendeiro e governador do Mato Grosso, Blairo Maggi.

Giulhiana: Mas ele se defende e diz que ha dez anos as empresas dele não desmatam nenhum hectare e que a maior destruição da floresta é feita em pequenas fazendas. Ele criticou a ação do Ibama para conter o desmatamento.

Governador do Mato grosso, Blairo Maggi: A responsabilidade desta fiscalização, da autorização é do Ibama do Governo Federal, Não dá para imputar só o governo do estado do Mato Grosso, só o governador Blairo Maggi, essa questão de fiscalizar todo o território matogrossense, porque tem duplicidade desta fiscalização.

Ministra do Meio Ambiente, Marina Silva: O Mato Grosso conta com o melhor sistema de monitoramento por satélite, recebeu os maiores investimentos do Governo Federal para fazer o licenciamento e a fiscalização. Estamos convocando o governador para no lugar de ficar escolhendo os culpados assumirmos as nossas responsabilidades no que concerne ao combate ao desmatamento da Amazônia

Giulhiana: A ministra cobrou empenho dos outros ministérios para conter a destruição das florestas. Responsabilizou agricultores e pecuaristas. O ministro da Agricultura disse que o ministério não está omissos.

Ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues: Nos últimos 15 anos a produção de grãos em tonelagem cresceu 120% enquanto a área plantada cresceu apenas 23%, portanto foi com tecnologia preservacionista que a agricultura cresceu e não abrindo novas áreas

Giulhiana: O presidente Lula reclamou da falta de habilidade dos ministérios para mostrar que, apesar do aumento da devastação em Mato Grosso e Rondônia, nos outros cinco estados da Amazônia houve redução do desmatamento. Mas em público, o presidente elogiou a atuação da ministra do Meio Ambiente.

Presidente, Lula da Silva: Feliz o país que tem a floresta que nós temos. Feliz o país que tem a água que nós temos. Mas muito mais feliz é o país que tem uma ministra como a Marina para tomar conta de tudo isso

12)Data:02.06.2005No Doc:RJ52-0025370

Título: Operação Curupira da PF desmancha maior quadrilha de crimes ambientais do Brasil

Local:Mato Grosso, Brasília

Repórter:Wilson Kirsche

Fonte:TV Globo

Duração:00:03'22"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Polícia Federal desmonta quadrilha de desmatadores da floresta amazônica que atuavam em vários estados, com envolvimento do próprio IBAMA. Vejam com Wilson Kirsche.

Wilson em off: A Operação Curupira começou a ser montada há nove meses. Foram presos madeireiros e funcionários do Ibama no Distrito Federal e em seis estados - Mato Grosso, Rondônia, Amazonas, Pará, Paraná e Santa Catarina. Entre eles o gerente-executivo do Ibama em Cuiabá, Hugo José Werle, acusado de corrupção.

Wilson: Em Brasília, a ministra do Meio Ambiente disse que as primeiras denúncias surgiram há 20 meses e que todas as informações foram passadas para a Polícia Federal. Segundo ela, as investigações começaram imediatamente.

Ministra do MA, Marina Silva: Esta é uma operação sistêmica, grandiosa, desmantelando uma quadrilha que operava há décadas, desde a década de 90. E é um esforço muito grande.

Diretor-geral da Polícia Federal, Paulo Lacerda: Nós temos tido a paciência necessária para investigar, deixar quem está roubando continuar a roubar. Portanto não se surpreenda se alguém estava desde 2003 por conveniência de uma investigação foi mantida. Essa é a nova estratégia que temos adotado em todas essas operações.

Wilson: Segundo a polícia, a principal fonte de renda da quadrilha eram as ATPFs, Autorizações para Transporte de Produtos Florestais. O documento emitido pelo Ibama é usado para comprovar a origem da madeira. Desviadas por servidores corruptos, as ATPFs eram vendidas para madeireiros - que legalizavam as toras de madeira extraídas de terras da união e de reservas indígenas. Em um trecho de gravação, feita com autorização da justiça, um fiscal do Ibama negocia o documento com um despachante.

Despachante: Vou levar dinheiro em mãos, tá? **Fiscal:** Em dinheiro? R\$ 1,6 mil?

Despachante: Exato, em dinheiro, R\$ 1,6 mil.

Wilson: Só em Mato Grosso, foram abertas 431 empresas fantasmas para usar as ATPFs. O bando também é acusado de subornar fiscais nos postos de controle.

Dono de madeireira: Vê se você me agiliza aí, vai, por exemplo, cada 15 dias eu daria aí uns R\$ 1,5 mil, R\$ 1 mil, não é pra passar rios de carreta não, só passa no plantão dele.

Wilson: A emissão de autorização para o corte de madeiras em Mato Grosso está suspensa por 30 dias.

Elielson Aires de Souza, interventor do Ibama em MT: Todos os setores serão investigados, processo por processo, para vermos aonde temos irregularidades

Wilson em off: Pelos cálculos da Polícia Federal, a quadrilha desmatou ilegalmente 43 mil hectares de florestas nos últimos dois anos. A madeira retirada dessa área carregaria 66 mil caminhões que, enfileirados, ocupariam 2.380 quilômetros de estradas, o equivalente à distância entre Salvador e Curitiba.

Wilson: Era um negócio milionário. Exportada principalmente para a Europa, a madeira retirada da Amazônia rendeu à quadrilha R\$ 890 milhões, segundo a polícia. Só para recuperar a área devastada o governo calcula que serão necessários R\$ 108 milhões. Por esse motivo a ação na Justiça não pede só a prisão dos envolvidos.

Tardelli Boaventura, delegado da Polícia Federal: Nós pedimos o seqüestro dos bens de todos eles como forma de garantir ressarcimento ao horário e a destinação de recursos suficientes para promover o reflorestamento.

Ministro da Justiça, Marcio Thomas Bastos: O fato é que só agora isso foi desvendado. Só agora isso foi decifrado. Antigamente isso vinha ocorrendo não por culpa de ninguém, mas pelo fato de não haver essa atitude de intransigência contra a corrupção.

Wilson: O secretário especial do Meio Ambiente de Mato Grosso, Moacir Pires, e seis diretores do órgão foram presos no fim da tarde. O diretor de florestas do Ibama, Antônio Carlos Hummel, se entregou à Polícia Federal em Brasília. A presidência do Ibama afastou 11 funcionários com cargos de confiança. E 52 funcionários de carreira vão responder a processo administrativo.

13)Data:07.10.2005No Doc:RJ52-0026224

Título: Seca Amazônica: Rios Secando

Local:Amazônia

Repórter: Daniela Assayag

Fonte:TV Amazonas

Duração:00:01'43"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: A Amazônia vive momentos de desespero causado pela seca.

Fátima: Em muitos lugares, a estiagem já se prolonga por mais de 60 dias.

Daniela em off: Em comunidades que ficaram isoladas, começam a faltar remédios. Cenário de sertão na Floresta Amazônica. Alguns rios secaram completamente. Dezesete municípios do Amazonas estão em estado de alerta. Três decretaram estado de calamidade. Onde antes havia água, agora só há lama. Como na Amazônia, os rios são as principais vias de transporte, em algumas cidades, com a seca, ninguém consegue entrar ou sair. Pelo menos três mil famílias estão isoladas.

Daniela: Onde era o porto do município de Caapiranga, só as canoas conseguem navegar. As aulas foram suspensas porque os alunos eram obrigados a atravessar a mata.

Professor Cláudio Silva: Não tem como a pessoa se locomover até a escola enfrentando lama e em alguns lugares até cobras venenosas

Daniela: Em Manaquiri vão ser abertos caminhos na floresta para alcançar 33 comunidades.

Prefeito de Manaquiri, Jair Couto: Nós estamos fazendo picadas e ramal para atender essas comunidades na questão da água e do alimento.

Daniela: A Defesa Civil usa helicópteros para levar suprimentos e medicamentos de emergência

Dona de casa, Eliane Vasconcelos: Quando alguém fica doente são 45 minutos a pé, carregando o doente

Daniela: Resta pouca água nos lagos e toneladas de peixes morrem.

Pescador, Zeus Gonçalves: O peixe está morrendo e os que estão vivos estão sendo contaminados pelos que estão morrendo

Daniela em off: A seca também prejudica o abastecimento de combustíveis em algumas regiões, já que para não encalhar, as balsas levam menos carga.

Daniela: Os moradores torcem pelo fim de umas das piores épocas de seca na Amazônia. O período de chuva só começa em dezembro

Agricultor, Ednel dos Santos: Nós temos que esperar voltar encher o rio, se não encher que situação vamos viver? Não podemos sobreviver na vida que estamos passando.

Daniela: Segundo o Instituto de Meteorologia do Amazonas, um movimento atípico nas correntes de ar em alguns pontos da região norte tem inibido a formação de nuvens e reduzido a incidência de chuvas

14)Data:12.10.2005No Doc:RJ52-0026256

Título: Seca na Amazônia: Regiões isoladas devido à falta de navegação.

Local:Amazônia

Repórter:Daniela Assayag

Fonte:TV Amazonas

Duração:00:01'32"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: A seca continua castigando a Amazônia

Fátima: A paisagem é desoladora e a Amazônia está irreconhecível

Daniela em off: Só é possível chegar voando nas áreas atingidas. O Comando Militar da Amazônia sobrevoou hoje cinco municípios onde falta água, comida e remédios. Com os bombeiros e Defesa Civil, os militares fizeram um mapeamento de 400 quilômetros de área atingida.

Coronel, Oswaldo Ferreira, chefe do Comando de Operações: Temos que lotear todo o estado para que de pontos remotos cheguemos ao, que podemos chamar, de ponto final da linha, a comunidade isolada

Daniela em off: Toda a área onde hoje existe capim, já foi coberta de água. As casas que estão no chão, eram flutuantes. O Lago Anamá começou a secar em junho, um mês antes do esperado.

Daniela: Moradora do antigo lago, Marinete estoca água em garrafas plásticas.

Moradora, Marinete: Já vi muitas secas, mas igual a essa é primeira vez

Daniela em off: Os peixes estão morrendo e os barcos não conseguem chegar com mantimentos

Daniela: Segundo os meteorologistas do Serviço de Proteção da Amazônia, o aquecimento do Oceano Atlântico, que causou a temporada de furacões nos Estados Unidos e tempestades no sul do Brasil, acabou desestabilizando a atmosfera. Como a chuva aumentou lá, diminuiu em toda a Amazônia.

Meteorologista, Flavio Varone: A energia disposta na atmosfera se deslocou para esses dois pontos. Aqui, faltou algum componente que gerasse a condição de chuva. Então nesta época, nós tivemos uma temporada, vamos dizer assim, mais seca, muito mais extrema, do que nos períodos normais

Sinopse: Helicóptero voando/ (take aéreo) de rios secos/ (take) de terra rachada / casa abandonada no meio de um gramado/ militares examinando mapa/ (take aéreo) de rio seco vendo se barcos na terra/ (take aéreo) de rio com parte seca/ entrevista militar falando que esta mapeando todo o estado do Amazonas para descobrir as comunidades isoladas pela seca/ casas que antes eram flutuantes no meio do lago, no chão em capinzal/ (stup) repórter Daniela Assayag/ Marinete entro da casa que ficava dentro do lago guardando água em garrafas "pet"/ entrevista Marinete falando que já viu outras secas mas igual a esta é a primeira vez/ peixes nadando na superfície d'água/ pedaço estreito de rio entre margens secas com terra rachada, vendo-se um barquinho/ casa onde funciona uma venda e que está isolada pela seca (por causa dos rios secos sem navegação)/ meteorologistas trabalhando em frente de computadores/ mapa meteorológico e mapa da Amazônia na tela do computador/ entrevista Flávio Varone, meteorologista do SIPAM.

15)Data:14.10.2005No Doc:RJ52-0026274

Título: Seca na Região Amazônica

Local:Amazônia

Repórter:Sérgio Yano (apelido)

Fonte:TV Globo

Duração:00:02'05"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: A seca na Amazônia é histórica.

Fátima: Não se via nada assim há 60 anos. Prejudica até mesmo o esforço de ajuda em muitos lugares de difícil acesso.

Sérgio em off: Remédios e alimentos que vão para as comunidades mais isoladas do Amazonas já estão estocados. Aviões e helicópteros das Forças Armadas vão ajudar na distribuição, que começa hoje. Quatro toneladas de medicamentos e 50 mil cestas básicas devem ser enviadas, ainda nesta sexta-feira, para os cinco municípios em situação mais crítica. Um primeiro carregamento parte de Manaus, de balsa. Vai pelo Rio Negro até as bases de apoio, montadas em cidades do interior.

Sérgio: As bases ficam em Parintins, Eirunepé, Humaitá, Boca do Acre e Tefé, no Amazonas e Cruzeiro do Sul no Acre. A seca na Região Amazônica é uma das piores dos últimos 60 anos. Muitos rios secaram, impedindo o transporte de suprimentos para as populações ribeirinhas

Sérgio em off: Este ano, a praia formada no Rio Negro, em Manaus, tem quase 300 metros a mais de extensão

Sérgio: O geólogo, Marco Oliveira, que estuda o regime de cheias e vazantes na Amazônia, diz que a intensidade da seca vinha aumentando nos últimos cinco anos, mas que não era possível prever, que este ano, a situação seria tão crítica.

Marco Oliveira, do Serviço Geológico do Brasil: O clima é influenciado por fenômenos planetários, então temos que investigar outros aspectos também. Será que está havendo uma maior atividade solar? Está havendo uma maior radiação solar e, em consequência, um maior aquecimento aqui no Planeta?

Sérgio: O Governo Federal anunciou a liberação de R\$ 1 milhão para a operação de emergência. Do governo do Amazonas, já vieram R\$ 10 milhões

Eduardo Braga, governador do Amazonas: Nós estamos falando aí de um contingente de mais de sete mil, oito mil pessoas que estão, nesse momento, mobilizadas para levar o socorro ao interior do estado
Sérgio em off: Os ribeirinhos aguardam pela chegada da ajuda
Morador: Infelizmente, até agora, não apareceu ninguém aqui para tentar socorrer a comunidade

16)Data:15.10.2005No Doc:RJ52-0026279
Título: Seca na Região Amazônica: Comunidades Isoladas
Local: Amazônia
Repórter: Daniela Assayag
Fonte:TV Amazonas
Duração:00:02'02"
Matéria: Editada

Texto: Bonner: Populações inteiras isoladas em plena floresta. Uma situação assustadora.

Fátima: É o que vive hoje a região amazônica que passa por uma seca como nunca se via a seis décadas.

Daniela em off: No leito do que já foi um Rio, a imagem da seca: apenas um filete de água corta o fundo de areia. O lago Anamã, que secou completamente. Os principais rios, o Amazonas e o Negro, continuam com grande volume. As cidades situadas nessas margens, como Manaus, não sofrem os efeitos das grandes secas deste ano. Ao contrário das comunidades banhadas pelos afluentes. O problema está rios menores, nos pequenos braços d'água da região chamados de igarapés.

Daniela: A maioria deles secou completamente e podemos andar sobre a areia que estava no fundo do rio. Um cenário até parece de um deserto.

A dona de casa Isabel Pedrosa diz que nunca viu nada parecido.

Dona de casa: Desde de 1962 que eu moro aqui e nunca vi uma seca tão grande como essa

Daniela: O governo do estado estima que 32 mil famílias estejam praticamente isoladas pela seca. Um dia de caminhada pela mata as separam da cidade mais próxima. O plano de emergência montado há uma semana para levar ajuda à região, na prática, começou neste sábado. Foram enviadas 44 toneladas de alimentos e quatro de remédios foram enviados para Manaquiri, Caapiranga, Anori e Anamã, municípios próximos de Manaus. Os mais distantes como Atalaia do Norte, São Paulo de Olivença e Amaturá, ainda vão ter que esperar.

José Melo, coordenador do plano emergencial: Os aviões da FAB levarão para o município pólo e lá, a estrutura do governo mais a do município vão fazer a distribuição nas comunidades

Daniela: Hoje o Governo Federal mandou para Manaus 17 toneladas de alimentos que chegaram no fim da tarde. Basílio ainda aguarda a ajuda. O último peixe que ele salgou, antes da seca, é o jantar de hoje.

José Melo, coordenador do plano emergencial: Amanhã não tem nada, está difícil a situação aqui

17)Data:17.10.2005No Doc:RJ52-0026289
Título: Seca no Estado do Pará
Local:Pará
Repórter: Roberto Paiva
Fonte:TV Globo
Duração: 00:01'53"
Matéria: Editada

Texto: Bonner: A estiagem castiga várias regiões do Norte do Brasil.

Fátima: A seca afeta o Amazonas e o Pará. Quem nos mostra a situação é o repórter Roberto Paiva

Roberto em off: Remédios e alimentos começaram a chegar à região do Alto Solimões, no Amazonas. As Forças Armadas pediram mais verbas para que não falte combustível para os helicópteros. O governo federal prometeu liberar o dinheiro.

Roberto: Do outro lado da divisa, no Pará, o que era um lago virou atoleiro. Os moradores caminham três quilômetros em busca de água potável.

Morador: Rapaz, tá difícil

Roberto em off: No município de Terra Santa, que fica a 1,2 mil quilômetros de Belém, o nível de um dos principais rios da região está 12 metros abaixo do normal. Mil famílias estão isoladas. O transporte

escolar, que é feito de barco, foi suspenso. A prefeitura decretou situação de emergência. No município vizinho, de Faro, a seca castiga a população ribeirinha. A água é racionada e o poço que abastece as casas está secando.

Roberto: Os moradores também sofrem com a falta de alimentos. O dono de um açougue resolveu fechar as portas porque os barcos que levam a carne já não conseguem chegar ao local. E o lago onde a comunidade pescava desapareceu. Restou apenas um filete d'água. Dona Maria diz que na época da cheia há fartura de peixes, mas agora não tem nenhum para fazer no almoço.

Moradora, Dona Maria: Passamos fome porque não temos o que comer

Roberto: Ir em busca de comida é uma tarefa arriscada por causa dos jacarés.

Morador: Jacaré ataca a gente aqui

Roberto em off: Um lago secou completamente. Quem estava acostumado a navegar pela região agora usa trator para se locomover. A prefeitura de Faro também decretou situação de emergência.

Roberto: Ao todo, dez municípios do oeste do Pará foram atingidos pela seca. Os homens mais jovens de uma família saíram para pescar num rio distante, mas as mulheres contam que os poucos peixes que eles conseguem não são suficientes para alimentar as 14 pessoas da casa.

Moradora: A gente vai dividindo e cada um come um pouquinho

18)Data:18.10.2005No Doc:RJ52-0026300

Título: Seca na Amazônia

Local: Vários

Repórter:Daniela Assayag

Fonte:TV Amazônia

Duração:00:03'11"

Matéria: Editada

Sinopse:Peixes saltando fora da água por causa do baixo nível da água do rio/ peixes morrendo a tona d'água/ (close) de um peixe morrendo fora d'água/ botos mortos em terra rachada/ boto morto em barco/ (take) da entrevista da Ministra Marina Silva no Bom Dia Brasil/ (close) de Marina Silva/ Marina Silva fala (com sobe som) sobre a seca na Amazônia/ jornal antigo do Amazonas com matéria sobre a seca em 1963/ fotos da seca no jornal/ (close) da terra rachada/ (stup) repórter Daniela Assayag/ entrevista seu João Jacob sobre a seca de 63/ pescador em barco tirando rede do rio/ entrevista pesquisador do INPE Helio Camargo falando da relação do aquecimento do oceano Atlântico norte e a seca da Amazônia/ entrevista Flávio Oliveira, funcionário do INMET, falando que esta poderá ser a pior seca do século/ (close) e entrevista com Ciro Gomes falando da ação do governo em relação a seca/ (take aéreo) de rio com grandes bancos de areia/ gado andando em leito de rio seco.

19)Data:18.05.2005No Doc:RJ52-0026301

Título: Seca no Pará

Local:Minas Gerais e Pará

Repórter:Roberto Paiva

Fonte:TV Globo

Duração:00:01'46"

Matéria: Editada

Texto:

Sinopse: Mães em Belo Horizonte com filhos em pronto socorro fazendo nebulização por causa da baixa umidade do ar/ crianças tomando água na escola/ rio Tapajós no Pará com o nível d'água muito baixa/ pescadores carregando barco sobre a cabeça andando no leito do rio quase seco/ barcos no porto de Santarém /barcos no rio Santarém / entrevista barqueiro falando do perigo de encalhar por causa da pouca água do rio/ terra rachada/ meninos andando de costas na terra rachada/ lama onde antes era um lago/ (stup) repórter Roberto Paiva/ prateleira vazia de casa da localidade de Faro que está isolada/ entrevista Denilson Guimarães, Prefeito de Faro/ mulheres em poça d'água que sobrou de um rio/ (take) do município de Terra Santa com poucas casas/ entrevista Prefeito de Terra Santa Adalberto Anequino/ pessoas andando em leito de rio seco/ (close) de terra rachada/ entrevista Simão Jatene, Governador do Pará/ avó caminhando com a neta para ir buscar água/ (take) da senhora pegando água em poço com água suja.

20)Data:19.10.2005No Doc:RJ52-0026314

Título: Seca na Amazônia: Ciro Gomes visita município atingido.

Local:Amazônia

Repórter:Daniela Assayag

Fonte:TV Amazônia

Duração:00:01'08"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: A seca continua na Amazônia, mas agora os alimentos apodrecem porque não podem chegar a quem tem fome

Fátima: O ministro Ciro Gomes visitou a região. Quem nos conta é Daniela Assayag

Daniela em off: Isolados, os moradores de comunidades abrem caminho na mata. É a única maneira de se tentar salvar o que resta da produção.

Daniela: Como os peixes morreram, Francisco não tem como ganhar o sustento. O pescador profissional agora carrega melancias nas costas por três quilômetros para vender em uma cidade vizinha.

Pescador Francisco de Assis Moreira Pinto: A situação é essa. Não tem para onde apelar

Daniela: O rio em frente à comunidade está assim. Sem a principal via de transporte, 70% da produção de Manaquiri já estão perdidos.

Daniela em off: As melancias de uma plantação deveriam ter sido colhidas há um mês atrás, mas a seca não deixou. Agora, três meses de trabalho estão sendo desperdiçados. Duas mil melancias apodrecem porque não tem como ser tiradas daqui.

Daniela: Hoje, o ministro da Integração Nacional, Ciro Gomes, e o comandante do Exército, Francisco Albuquerque, sobrevoaram seis municípios atingidos pela seca.

Há um mês, Seu Wilson abandonou a casa e mora nesse barco. A família foi para Manaus. Sozinho, ele espera a cheia do rio.

Morador, Wilson: Enquanto isso, eu tenho que agüentar aqui até quando isso terminar.

21)Data:20.10.2005No Doc:RJ52-0026322

Título: Seca na Amazônia prejudica navegação e escoamento da produção da Zona Franca de Manaus

Local:Amazônia

Repórter:Daniela Assayag

Fonte:TV Amazônia

Duração:00:01'39"

Matéria: Editada

Texto:Bonner: A seca na Amazônia atinge agora a Zona Franca de Manaus. Quem nos mostra como é a repórter Daniela Assayag.

Daniela em off : A sardinha se debate na lama. O bagre luta para sobreviver. Os peixes vêm à superfície à procura de ar e encontram centenas de cardumes boiando. Um desastre ambiental causado pela estiagem.

Daniela: O Lago dos Reis já foi um dos principais pontos de pesca da região amazônica.

Walzenir Falcão, presidente da Federação dos Pescadores: Nós estimamos que 25 mil pescadores já estão parados em função dessa grande seca que está ocorrendo aqui no estado do Amazonas.

Daniela em off : Enquanto barcos de pesca estão parados, os navios de carga enfrentam dificuldades para passar em alguns pontos dos rios Amazonas, Solimões e Madeira. São eles que trazem produtos para Manaus e levam quase toda a produção das fábricas da Zona Franca para o Sul e Sudeste do país. Para conseguir passar com segurança, os comandantes dos navios usam a experiência de profissionais da região e tecnologia de ponta. A lancha está equipada com aparelhos que fazem o cruzamento de dados de satélite com o de sondas que medem a profundidade do rio. Sem esses equipamentos, hoje seria muito difícil saber onde está o canal principal.

Daniela: O computador mostra que em pelo menos um trecho do Rio Amazonas os navios passam faltando menos de um metro para encostar no fundo do rio.

Prático, Carlos Tavares: Se está tendo insegurança, esse aparelho vem para minimizar substancialmente o número de acidentes que já ocorreram no passado nesta região

Daniela: Ao todo, 51 trechos estão com profundidade crítica para a navegação. Para passar, os navios agora levam menos carga. Por isso, são obrigados a fazer um número maior de viagens, aumentando os custos do transporte fluvial.

Em pelo menos um trecho, na região do alto Rio Solimões, a navegação, para os grandes navios, já está suspensa.

Para os próximos três meses, o Instituto Nacional de Meteorologia prevê chuvas abaixo da média no Amazonas e no Acre.

22)Data:21.10.2005No Doc:RJ52-0026337

Título: Seca na Região Amazônica:

Perigo de epidemia por causa da água contaminada.

Local:Amazônia

Repórter:Daniela Assayag

Fonte:TV Amazonas

Duração:00:01'06"

Matéria: Editada

Texto: Fátima: A seca continua na região amazônica e agora o medo de doenças aumenta.

Bonner: Perigo de epidemias preocupa. Mas uma vez é a repórter Daniela Assayag quem está lá para nos mostrar a situação.

Daniela em off: O flutuante onde mora a dona de casa Luciléia Pantoja está encalhado. O rio em frente à casa dela secou completamente. Agora, ela só dispõe de uma água escura para todas necessidades da casa.

Dona de Casa, Luciléia Pantoja: A gente tem que clorar a água para poder beber

Daniela: Mas o cloro não é suficiente para o banho. O filho dela já está com micose. Ao todo, 500 mil pessoas no interior do Amazonas enfrentam problemas de abastecimento de água, segundo a Secretaria Estadual de Saúde.

Daniela em off: O Amazonas está em estado de alerta para oito doenças entre elas hepatite A e febre tifóide. E a situação pode piorar quando os rios começarem a encher de novo. Toneladas de peixes mortos contaminaram a água dos lagos. Com as chuvas, o capim que se formou onde antes havia rios também vai se decompor, o que pode causar proliferação de vírus e bactérias.

Sérgio Luz, pesquisador da Fiocruz: Em estudos em Igarapés em volta da cidade de Manaus, nós encontramos a maior presença de vírus que causam diarreias agudas nas pessoas justamente no início das chuvas

Daniela: O Ministério da Integração Nacional liberou hoje R\$ 16 milhões para a compra de 340 mil cestas básicas para vítimas de desastres naturais. Os primeiros beneficiados serão os flagelados da seca na Amazônia.

23)Data:22.10.2005No Doc:RJ52-0026350

Título: Seca no Pará:

Começa a distribuição de ajuda aos municípios atingidos.

Local:Pará

Repórter:Roberto Paiva

Fonte:TV Globo

Duração:00:01'52"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: No Pará, já são 80 mil pessoas precisando de água e comida.

Fátima: Agora só a solidariedade dos brasileiros pode ajudar aos atingidos pela seca na Amazônia. A reportagem é de Roberto Paiva.

Roberto em off: No supermercado em Santarém, os funcionários fazem um mutirão para preparar duas mil cestas básicas para as vítimas da seca.

Gerente, Adriana Lima: Existe uma motivação muito grande, porque a gente sabe que quanto mais rápido trabalhar aqui, mais rápido vamos conseguir auxiliar quem realmente está precisando deste alimento

Roberto: Até agora, 64 toneladas de alimentos chegaram na cidade, onde a Defesa Civil montou uma central para distribuir cestas básicas e remédios. Nas áreas atingidas, não há água potável e os casos de

vômito e diarreia se multiplicam. O governo do Pará anunciou perfuração de poços para abastecer as comunidades ribeirinhas. São 13 municípios atingidos e pelo menos 80 mil pessoas têm dificuldade para conseguir água e comida. Em algumas regiões, os alimentos já começaram a chegar, o que representa um alívio para as famílias.

Moradora: O nosso meio de sobrevivência é o peixe e a gente estava comendo só farinha.

Roberto em off: Por enquanto, a distribuição ainda é lenta. Só no município de Santarém, as cestas básicas são esperadas por moradores de 80 comunidades. Algumas ficam a mais de 100 quilômetros e ainda falta transporte. Na manhã de sábado, um caminhão carregado de alimentos ficou parado porque não havia barco para levar as cestas. Além disso, como o nível do rio está baixo, em muitos trechos somente pequenas embarcações conseguem passar.

Roberto: A Defesa Civil pede o auxílio dos prefeitos no transporte da comida.

Coronel, Orlando Frade: Nós estamos com agentes da Defesa Civil assessorando cada prefeito, no sentido deles se organizarem para fazer chegar o mais rápido possível. É uma multiplicação de esforços

Roberto: O Governo Federal informou que vai enviar 20 mil cestas básicas. Na próxima semana, um helicóptero da Força Aérea fará o atendimento das comunidades que estão isoladas. Hoje, a Defesa Civil conta com apenas uma aeronave para levar alimentos aos 13 municípios. Não há previsão de quando o todos vão receber ajuda.

24)Data:19.11.2005No Doc:RJ52-0026537

Título: Ribeirinhos lutam contra o crescimento do número de jacarés na região de Careiro da Várzea na Amazônia

Local:

Repórter: Sergio Yano(apelido)

Fonte:TV Globo

Duração:00:01'07"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: A proibição da caça de jacarés na Amazônia provoca agora uma guerra desses animais com o homem da Amazônia

Fátima: E com os outros animais também. Quem nos mostra esse fato bizarro é o repórter, Sérgio Yano.

Sérgio em off: Eles estão por toda a parte. Os jacarés atacam todo tipo de animais até búfalos.

Sérgio: Para os ribeirinhos, o jacaré virou praga, destrói as redes de pesca e ameaça as pessoas. A agente de saúde Luciana Celestino socorreu duas vítimas.

Agente de Saúde, Luciana Celestino: Uma muito grave, a perna ficou liquidada

Sérgio: Ronei Santiago, ribeirinho, escapou por pouco e hoje é um dos maiores caçadores de jacaré na região do Careiro da Várzea, a 29 quilômetros de Manaus.

Ribeirinho, Ronei Santiago: Pego mesmo, arpoa ele, puxa pra beira e mata, que o bicho é perigoso mesmo.

Sérgio em off: Quando o sol se põe, pescadores se armam para uma noite de matança do inimigo mais temido. As canoas estão sempre juntas

Ribeirinho, Paulo Celestino: A gente só faz se defender, que uma fera dessas né?

Sérgio: De dia, as carcaças ficam expostas nas margens dos rios. Um pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia diz que a população de jacarés está aumentando em toda a região. É um fenômeno natural.

Ronis da Silveira, do Instituto de Pesquisas da Amazônia: Sem dúvida vai ter que ter alguma forma de convivência porque nós nunca vamos conseguir acabar com os jacarés dessa área

Sérgio: A pena para quem mata animais silvestres é multa e prisão de seis meses a um ano. O Ibama diz que a comunidade que se sentir ameaçada pelos jacarés pode pedir ajuda ao órgão.

NOTÍCIAS JORNAL NACIONAL 2006

1)Data:31.01.2006No Doc:RJ52-0026988

Título: Série: Nossa Mata

2ª Matéria: Exploração Madeira da Amazônia

Local:Pará (estado)

Repórter: Tônico Ferreira, (pseudônimo)

Fonte: TV Globo

Duração: 00:04'52"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Na segunda reportagem da série especial que o JN apresenta esta semana, vamos conferir as árvores que saem da Amazônia.

Fátima: O repórter, Tônico Ferreira, pesquisou que são setecentas árvores cortadas por hora. Essa é a velocidade da devastação na Floresta Amazônica. São quase 17 mil árvores por dia, mais de 6 milhões em um ano. Confirmam na reportagem.

Tônico em off: Em menos de um século a rota das serrarias passou por Santa Catarina e Paraná. Nos anos 60 subiu pelo Espírito Santo e Bahia e o hoje quase tudo o que resta de floresta nativa no Brasil se concentra nesta região. A exploração intensa e destrutiva da Floresta Amazônica é um fenômeno recente. Começou há 30 anos. Antes, a floresta era praticamente toda uma mata virgem e cheia de vida. Até 1975 a floresta havia perdido apenas 0,5% de sua área.

Tônico: De lá pra cá, no entanto, a destruição acontece num ritmo impressionante; 18% já viraram pasto

Adalberto Veríssimo, Pesquisador do Imazon: A madeira em si não destrói, mas cria estradas, cria infra-estruturas, empobrece a floresta e a floresta após a retirada sucessiva de madeira acaba ficando tão pobre que o destino é virar uma área de pasto.

Tônico em off: É uma destruição feita por brasileiros para brasileiros. Apenas um terço da madeira é exportada. O resto fica aqui mesmo. Só o estado de São Paulo consome 1 milhão de árvores por ano. A matéria-prima é nobre, o destino não.

Tônico: Vão para telhados, 42%; 28% para andaimes e forros de concreto na construção civil. A maior parte é usada uma só vez e vira entulho. Aço e materiais sintéticos são alternativas ainda pouco usadas.

Engenheiro Civil, Maurício Bianchi: É possível substituir, temos muitas opções hoje. A madeira tem que ser tratada e usada na construção de uma maneira mais nobre

Tônico: Cada prédio de 15 andares com quatro apartamentos por andar erguido na cidade exige o corte de 90 árvores na floresta.

Tônico em off: Fim de tarde. O movimento é intenso na estrada no Sul do Pará. Ela corta a cidade de Tailândia, um centro de exploração de madeira que concentra 53 serrarias. A ilegalidade é evidente. Caminhões sem placa e até sem cabine transportam toras que vêm de áreas de preservação.

Tônico: Você não tem licença nem do caminhão, nem da madeira, nem de nada.

Caminhoneiro: Não senhor. Se tem não estou sabendo.

Tônico: Apenas 15 % das árvores da Amazônia são tiradas sem destruir a floresta. A fazenda é uma das poucas que têm autorização do Ibama. Lá, as espécies em extinção, as árvores frutíferas e as que ainda estão crescendo são poupadas. A área vai começar a ser explorada racionalmente.

Tônico em off: O angelim vermelho será derrubado. Depois que árvores forem retiradas, a floresta entra num longo período de descanso e crescimento que dura 25 anos. Aí então, o louro terá o dobro do tamanho e estará no ponto de ser cortado. E assim vai. Mais 25 anos de descanso e chegará a vez do pequeno matamatá. Em 50 anos, esta árvore será grande e estará preservada. A madeira sai de lá com uma espécie de carteira de identidade. Um certificado internacional que garante que não houve danos permanentes à natureza. Tudo é fiscalizado. O corte, o preparo, a venda nos depósitos. Ao exigir o certificado, o consumidor pode interferir no que acontece na floresta.

Engenheiro Florestal, Leonardo Sobral: Na hora que ele vai comprar sua mesa, sua cadeira numa loja, ele tem que ter a garantia de que a madeira veio de uma área bem manejada, uma área que a floresta vai continuar em pé

Tônico: Pesquisadores calcularam: a exploração racional de 20% da Amazônia é suficiente para atender o mercado interno e ainda exportar. Do contrário, em 40, 50 anos, mais da metade da Floresta Amazônica terá desaparecido.

2) Data: 04.02.2006 No Doc: RJ52-0027013

Título: Série: Nossa Mata (última matéria)

5ª Matéria: Lei de Gestão de Florestas

Local: Alto Juruá, AM

Repórter: Marcelo Canellas

Fonte: TV Globo

Duração:00:03'44"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: O Jornal Nacional está exibindo, esta semana, uma série especial sobre a destruição das florestas brasileiras. Hoje, na última reportagem, detalhes de um projeto de lei aprovado no Senado. Empresas privadas poderiam explorar florestas públicas, mas sem causar danos ao meio-ambiente.

Fátima: O que pensam os especialistas? A reportagem é de Marcelo Canellas e Lúcio Alves.

Marcelo em off: Verde, úmida, viva e pública - 75% de toda a imensa floresta que cobre a Amazônia não tem dono. Ou melhor, tem um dono só, o Brasil. São áreas devolutas, sem escrituras, sem propriedade particular. Patrimônio de todos nós, que aos poucos vai virando terra de ninguém. Uma ação clandestina e ilegal, que bota a floresta no chão, extrai toda a madeira de lei e ainda põe fogo no que resta. É desta maneira que o sul da Amazônia vem sendo ocupado. A gente vê vilarejos se formando da noite para o dia em volta das áreas que provavelmente vão virar pastagem. São fazendas griladas em terras públicas que pertencem aos estados e à União. Todos reconhecem que hoje a situação está fora de controle.

Marcelo: A nova lei de gestão de florestas botaria ordem nesse caos ao regular o uso e a exploração sustentável. Através de uma licitação, as empresas se candidatam. As vencedoras recebem concessão para extração de madeira, mas não têm a posse da terra, que continua pertencendo ao estado e à União. Elas devem obedecer a regras rígidas de corte seletivo, pagam taxas e impostos. A fiscalização é ampliada. Além do Ibama, os estados, auditorias independentes e um novo órgão, o Serviço Florestal Brasileiro, também fiscalizam. Mas para o professor Eleazar Volpato, da Universidade de Brasília, a lei de gestão de florestas vai agravar o problema da Amazônia:

Professor, Eleazar Volpato, da UNB: Após uma concessão, essas áreas vão estar com suas reservas empobrecidas, vai ter infra-estrutura lá, vai ser um processo para abrir ação de ocupação. Porque não se está atacando nesse instrumento o desmatamento que ocorre via um outro processo, que é um processo de ocupação territorial, que aí sim está sendo feito sem, nenhum controle.

Marcelo: O Fórum Brasileiro de Organizações Não-Governamentais apóia a lei desde que o governo se esforce para que ela seja cumprida, fortalecendo os órgãos de fiscalização. O Ministério do Meio-Ambiente argumenta que a melhor maneira de defender a floresta é fazê-la ter mais valor em pé do que no chão, com uma exploração econômica que dê lucro sem devastar e que mantenha a posse da terra nas mãos do estado.

Tasso Resende de Azevedo, diretor do Programa Nacional de Florestas: Florestas públicas no Brasil devem permanecer florestas e públicas. Portanto, não devem ser privatizadas e nem devem deixar de ser florestas. Isso é uma mudança radical na forma de tratar florestas no Brasil, onde o processo histórico foi desmatar as florestas para outro tipo de utilização e pegar o patrimônio público e ir passando-o para o privado

Marcelo em off: Já não é fantasia. Já não é uma ilusão ecológica.

Apicultor, Nelson José Saraiva da Silva: Nós estamos vivendo essa experiência aqui.

Marcelo: Ele descobriu que não precisava botar a mata no chão para ganhar dinheiro.

Apicultor, Nelson José Saraiva da Silva: Com 60 colméias dá para você sobreviver com tranquilidade, sem ter que devastar.

Marcelo: Exemplo de exploração econômica sustentável, a criação de abelhas na Amazônia prospera e ensina o caminho para a longa discussão sobre os destinos da floresta. Tirar o fruto da terra sem derrubar o pé.

3)Data: 11.03.2006No Doc:RJ52-0027213

Título: Novas áreas desmatadas por fazendeiros e posseiros em reservas indígenas.

Local:Apiacás (MT), Reserva Raposa Serra do Sol (RR)

Repórter:Renato Biazzì

Fonte:TV Centro América

Duração: 00:01'13"

Matéria: Editada

Texto: Texto: Bonner: Novas áreas são desmatadas na reserva indígena Raposa Terra do Sol.

Fátima: A reportagem é de Renato Biazzì.

Renato em off: Uma área ocupada pelos índios macuxis e por produtores de arroz. A reserva indígena Raposa Serra do Sol, em Roraima, foi criada no ano passado. O decreto presidencial prevê que os

agricultores deixem a região até 15 de abril. Eles dizem que o prazo é muito curto e reclamam que ainda não receberam as indenizações. A indefinição deixa os índios inquietos.

Jairo Pereira da Silva, vice-coordenador do Conselho Indígena de Roraima: Agora que já está homologado, daqui em diante nós vamos ocupar sim as nossas terras

Renato em off: No Centro-Oeste, os índios kaiabis lutam pela criação de uma outra reserva. A área de um milhão de hectares fica no extremo norte de Mato Grosso e avança pelo estado do Pará.

Renato: A reserva indígena kaiabi foi criada há quatro anos, quando centenas de fazendeiros e posseiros já ocupavam esta região. Muitos contestam judicialmente a demarcação das terras pela Funai e, enquanto aguardam uma decisão da Justiça, continuam desmatando.

Renato em off: Técnicos ambientais sobrevoaram a reserva e constataram a devastação da floresta. Encontraram grandes áreas de queimada para formação de pasto. O que não virou cinza foi retirado pelas madeiras.

Rodrigo da Silva, chefe do Ibama de Alta Floresta/MT: É roubo de madeira, pura e simples: vai catando madeira, onde tem a tora boa para comércio, ele corta e leva embora.

Renato: O Ibama quer identificar os responsáveis pelos crimes ambientais e entregar um relatório ao Ministério Público Federal..

4) Data: 01.04.2006 No Doc: RJ52-0027353

Título: Denúncia: Árvores da Floresta Amazônica sendo usadas como carvão para abastecer siderúrgicas

Local: Rondon do Pará (cidade) e Marabá (PA)

Repórter: Heloisa Villela

Fonte: TV Liberal

Duração: 00:01'40"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: As árvores da Amazônia estão virando carvão. A denúncia foi ser conferida pela repórter Heloisa Villela.

Heloisa em off: O período de chuvas na Amazônia não impede o desmatamento. Em Rondon do Pará, sudeste do estado, fiscais do Ibama e policiais militares apreenderam motosserras e um trator usados na derrubada das árvores. Perto dali, a floresta foi queimada para facilitar o corte e o transporte das toras. Bem ao lado da mata existem carvoarias clandestinas pra onde são levadas a madeira retirada ilegalmente da floresta. Nestes locais, as árvores da Amazônia viram carvão. Segundo o Ibama, centenas de carvoarias abastecem as siderúrgicas de Marabá, que produzem ferro-gusa, principal matéria-prima do aço. "Entre e 300 a 500 hectares por dia de floresta nativa estão virando carvão pra servir as siderúrgicas", denuncia Norberto Neves, engenheiro florestal Ibama. Por ordem dos fiscais, o mesmo trator que derrubava a mata foi usado para destruir os fornos. Em outra carvoaria ilegal, o caminhão de uma siderúrgica estava sendo carregado com carvão extraído da floresta. A empresa Sidepar, que tem sede em Belo Horizonte, foi multada em R\$ 6 mil.

Heloisa: O suposto dono da área onde fica a carvoaria recebeu multa de R\$ 44 mil. Nos últimos cinco anos as siderúrgicas do Pará consumiram o equivalente a 100 mil carretas de carvão ilegal. Para os fiscais, números que indicam uma destruição sem precedentes e irreparável. A direção da siderúrgica não quis comentar o flagrante. No ano passado, o Ibama multou oito siderúrgicas em R\$ 500 mil pela compra de carvão ilegal. A Associação das Siderúrgicas de Carajás declarou que as empresas ainda não pagaram essas multas porque contestam as acusações.

5) Data: 14.07.2006 No Doc: RJ52-0028161

Título: Simpósio sobre Meio Ambiente da Igreja Ortodoxa Cristã em Manaus

Local: Amazônia

Repórter: Daniela Assayag

Fonte: TV Amazonas

Duração: 00:01'07"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: O patriarca da Igreja Cristã Ortodoxa abriu hoje, no Amazonas, um simpósio que vai discutir religião, ciência e meio ambiente.

Fátima: Pela primeira vez este evento é realizado fora da Europa.

Daniela em off: Uma frotilha de dez embarcações vai percorrer áreas de preservação da Amazônia, como o Parque Nacional do Jaú, o arquipélago de Anavilhanas e a Reserva de Mamirauá. Ambientalistas e religiosos também vão sobrevoar áreas desmatadas no sul do Pará. O simpósio é organizado pela Igreja Cristã Ortodoxa, que tem 250 milhões de fiéis no mundo e é liderada por Bartolomeu I, patriarca de Constantinopla, que chegou ontem a Manaus.

Daniela: O cenário do encontro não foi escolhido ao acaso. A importância que dá a questões de preservação ambiental valeu a Bartolomeu I, o título informal de patriarca verde, como é conhecido na Europa. Para o líder da igreja ortodoxa, religião, ciência e ecologia devem caminhar na mesma direção. Na abertura do simpósio, Bartolomeu I afirmou que a Amazônia, mais do que qualquer outro lugar, reflete a criação divina e as escolhas dos homens. E que esta conferência é uma oportunidade única de assumir a responsabilidade sobre a saúde do planeta.

6)Data:08.09.2006No Doc:RJ52-0028545

Título: Exploração ilegal de madeira em Anapú no Pará

Local: Pará

Repórter: Roberto Paiva

Fonte:TV Globo

Duração:00:01'51"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: O pedaço do Brasil em que foi assassinada a missionária americana Dorothy Stang ainda produz fatos capazes de envergonhar e indignar os brasileiros.

Fátima: Os crimes ambientais continuam, em Anapu. E, como mostra o repórter Roberto Paiva, são confessados naturalmente, diante de uma câmera.

Roberto em off: A seca favorece o transporte clandestino de madeira ilegal na Amazônia. Com as estradas em boas condições, os caminhões entram na mata para retirar as toras. É o período em que a floresta é mais agredida. Em Anapu, oeste do Pará, está o assentamento criado pela missionária Dorothy Stang – onde ela foi assassinada, no ano passado. Ela defendia a preservação da mata nessa área de 200 mil hectares. Ao longo do caminho, clareiras e dezenas de toras retiradas irregularmente.

Roberto: A destruição da floresta é resultado de um acordo ilegal feito entre moradores do assentamento e um madeireiro. Ele abre estradas e constrói pontes para escoar a produção das lavouras. Em troca, pode comprar as árvores que foram derrubadas por preços bem abaixo aos de mercado. Uma tora que custa até R\$ 2 mil é vendida por apenas R\$ 50. O madeireiro é quem faz o pagamento.

Assentado: Eu já aceitei 350 reais, peguei já na mão dele e a madeira da minha roça ele tirou

Roberto em off: O empresário mantém homens e máquinas no assentamento. O trator levava uma castanheira - espécie nobre que tem o corte proibido por lei. Apesar do flagrante de crime ambiental, tudo é feito abertamente. O madeireiro confirmou os acordos com os agricultores.

Madeireiro, Avelino de Déa: Eu sei que são ilegais, só que eu tô lá dentro trabalhando, ajudando esse povo

Roberto: Para o Ministério Público federal os agricultores foram aliciados pelo empresário.

Procurador da República, Marco Almeida: O que é o mais grave é o privado fazendo o papel que o poder público não faz, ou seja, na face da ausência do estado você tem a atuação de empresas madeireiras

Roberto em off: O que avança rápido no Pará é o desmatamento - que cresceu 50% no ano passado, de acordo com o Ministério do Meio Ambiente. A quantidade de caminhões nas estradas da região mostra que neste pedaço da Amazônia o caminho está livre para a exploração ilegal de madeira.

Roberto: O Incra, responsável pelo assentamento, declarou que vai tomar providências. A gerência regional do Ibama em Altamira disse que não tem recursos para coibir a ação dos madeireiros.

7)Data:11.09.2006No Doc:RJ52-0028554

Título: Série Desejos do Brasil

37ª Reportagem: Belém do Pará

Local: Belém

Repórter: Pedro Bial

Fonte:TV Globo

Duração:00:02'16"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: A Caravana do Jornal Nacional está no lugar onde nasceu Belém do Pará: o Forte do Presépio, cercados de construções históricas e de museus.

Fátima: E quem nos mostra é o condutor da Caravana JN, o repórter Pedro Bial.

Bial em off: Em frente, está a Igreja da Sé - de onde parte o Círio de Nazaré. Ao lado, a Casa das 11 Janelas, do século 18, que já foi propriedade de um senhor de engenho, residência do governador do Grão-Pará, hospital militar e hoje é um centro cultural. A equipe da Caravana está tomada pela febre da estrada, abençoada pelo carinho do povo - mas é sempre tão bom chegar a Belém. Com todo respeito, que Paris, que nada. Posto avançado da civilização é Belém do Pará! Portão da Floresta Amazônica: uma cidade cheia de vida, de história e de inteligência. Ver o Peso. Falou em Belém, o mercado popular é a primeira coisa que vem à cabeça. Sim, é divertido, um passeio pela mitologia amazônica exposta em garrafas, histórias, e na cara da gente.

Bial: Outro destino turístico, é o museu Emílio Goeldi, o exclusivo da fauna brasileira. Só que esse tesouro de Belém ninguém conhece. O gabinete de um dos mais brilhantes filósofos do Brasil: Benedito Nunes, aqui nascido e criado.

Filósofo, Benedito Nunes: Eu não sei se eu interiorizei a Amazônia, Belém certamente eu interiorizei

Bial: Lido e cultuado internacionalmente, Bené, como o chamam os amigos, poderia ter vivido em qualquer grande capital do mundo. Ficou por aqui.

Filósofo, Benedito Nunes: É o meu canto. Todo o caracol tem a sua concha

Bial em off: Graças à opulência do ciclo da borracha....

Filósofo, Benedito Nunes: Belém foi sempre uma cidade com jeito de metrópole, sempre metropolitana

Bial em off: Até hoje no Teatro da Paz.

Filósofo, Benedito Nunes: Nunca vi espetáculo que desse mais gente do que ópera

Bial em off: Para suas caminhadas, Benedito gosta do Bosque Rodrigues Alves, o jardim botânico amazônico.

Filósofo, Benedito Nunes: Aí sim tem um clima florestal, de certo modo conservado ali

Bial: E o que espera o nosso grande filósofo do próximo governo?

Filósofo, Benedito Nunes: Disposição para governar. Parece que ninguém tem disposição para governar. Parece que o Brasil é um país auto-governável

Bial: Exemplo de intelectual que longe dos grandes centros se mantém atualizado e mesmo à frente de seu tempo, o filósofo considera Belém um posto privilegiado de observação.

Filósofo, Benedito Nunes: A margem sempre me dá um distanciamento. Eu me estive à margem das coisas. Eu sempre fui um marginal

Bial: Não há marginal mais doce e íntegro. Como música-tema para sua cidade aponta:

Filósofo, Benedito Nunes: Talvez a Flauta mágica. Certas coisas muito ingênuas, algumas muito infantis, outras muito graciosas. Isso combina com Belém

Bial: Às vésperas de completar 77 anos, Benedito Nunes se mantém ativo, escrevendo, publicando, fazendo conferências pelo Brasil e pelo mundo.

8)Data:11.09.2006No Doc:RJ52-0028555

Título: Caravana do JN: Perfil Região Norte

Local:

Repórter: Willian Bonner

Fonte:TV Globo

Duração:00:03'04"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: O Norte é a maior das regiões em termos de território - e tem a menor média de habitantes por quilômetro quadrado. Entre eles, 8,8 milhões são eleitores.

Morador idoso: A Região Amazônica em si é maravilhosa, para quem quer descansar, relaxar

Morador jovem: Eu gosto do rio, gosto da cachoeira, gosto das praças, eu gosto de tudo aqui

Moradora jovem: É uma terra promissora, em adoro a minha terra

Bonner: Uma terra de natureza exuberante. E nessa imensidão, quase metade de um país. Lá, estão mais de 14 milhões de brasileiros.

Amazonense: A gente já está acostumada a esse calor, é assim mesmo, tem que agüentar, ele é gostoso

Bonner em off: Para refrescar, a praia é praia de rio.

Pai de criança banhista: Água bem friazinha, pra criança é uma beleza!

Bonner em off: E os rios são as estradas. Por onde desfilam famílias inteiras e toda a sorte de mercadorias.

Morador: Eu vim só viajando, comprando peixe, comprando farinha

Bonner em off: Na Região Amazônica está um bem preciosíssimo. Um quinto das reservas de água doce do planeta. É a maior bacia hidrográfica do mundo. Um lugar onde as distâncias são medidas em dias de viagem. E foi ao longo desses caminhos que essa terra foi sendo desbravada. Surgiram os povoados, as cidades e o desenvolvimento.

Bonner: A extração da borracha deu o primeiro fôlego à economia.

Luiz Antônio Oliveira, pesquisador do IBGE: As seringueiras se espalhavam aleatoriamente por quase toda a Amazônia. Com o aumento da demanda internacional isso gerou uma abertura da navegação pelo Amazonas, uma abertura internacional, um fluxo de comércio e o desenvolvimento de algumas cidades

Bonner em off: O solo foi explorado. E incentivos fiscais trouxeram as fábricas. A participação no Produto Interno Bruto nacional agora chega a quase 5%.

Essa gente alegre, devota, convive com populações ricas em tradição. No Norte estão 54% das áreas indígenas. E a região aprende a lidar com um gigantesco desafio: gerar novas riquezas, preservando a maior de todas, 15% da floresta já sumiram do mapa. Só em 1988, foram devastados 13 mil quilômetros quadrados. Em 1995, quase 17 mil. O ritmo diminuiu. Ainda assim, 11 mil quilômetros quadrados de verde desapareceram em 2005. Nesse Brasil de distâncias continentais, melhorar os índices de saneamento tem sido outro desafio.

Bonner: Já os números da mortalidade infantil tiveram uma redução significativa. E mais de 95% das crianças estão na escola.

Moça Estudante: Para quem estuda tem tudo né?

Bonner: Quando olha para o Norte, o Brasil enxerga uma espécie de paraíso.

Morador: Natureza, claro, a floresta, os rios, os peixes, é um éden

Bonner: Mas é quando visita o Norte que o Brasil descobre a maior riqueza da região.

Morador: Aqui o que tem de melhor é povo

9)Data: 11.09.2006No Doc:RJ52-0028558

Título: Caravana do JN: Desenvolvimento Sustentável da Amazônia

Local: Amazônia

Repórter: Daniela Assayag

Fonte:TV Amazonas

Duração: 00:01'39"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: O nosso assunto de hoje na série Caravana JN é o Norte do Brasil que precisa, ao mesmo tempo, gerar novas riquezas e proteger esse patrimônio valiosíssimo que é a Floresta Amazônica.

Fátima: A repórter Daniela Assayag, da TV Amazonas, afiliada da Rede Globo, fala, de Manaus, sobre um conceito que tem ganhado força na região.

Daniela: Esse conceito é o chamado desenvolvimento sustentável que, segundo as Nações Unidas, é aquele que atende às necessidades do presente, mas sem prejudicar a capacidade das futuras gerações de atender as suas próprias necessidades. Ou seja, usar os recursos da floresta com preocupação ambiental.

Daniela em off: A comunidade Abonari fica a 200 quilômetros de Manaus. Lá, foram cadastradas mais de 20 mil palmeiras de Buriti, uma frutinha que servia para fazer sucos e doces. Agora, vira óleo vegetal, usado na indústria de cosméticos. De cada três cachos, apenas dois são retirados. O cacho que ficou em cima é comida para pássaros e mamíferos que vão fazer a dispersão das sementes da palmeira pela floresta e assim garantir que o buritizal continue existindo. Esse uso dos recursos naturais com a preocupação ambiental é o chamado desenvolvimento sustentável, um conceito que está mudando a maneira de se enxergar a Amazônia.

João Tezza, diretor de comercialização da agência de florestas do Amazonas: O desenvolvimento sustentável é aquele que tem o tripé: responsabilidade social, responsabilidade ambiental e viabilidade econômica

Daniela em off: Quem mora na reserva de Mamirauá sabe como é importante preservar a natureza. Os ribeirinhos fazem um rodízio entre os lagos para que nunca falte o peixe que abastece grandes frigoríficos: o pirarucu.

Daniela: Um exemplo de desenvolvimento sustentável que também é adotado em áreas remotas do Norte. Para chegar à aldeia dos Ashaninka fomos num monomotor.

Daniela em off: Apiwtxa, o nome da aldeia, significa união. Os Ashaninka acreditam que podem se unir em torno no uso sustentável da floresta e conseguir o desenvolvimento através da preservação das tradições e do meio ambiente.

Daniela: Quando a terra dos Ashaninka foi demarcada no fim dos anos 80, um quarto do território havia sido desmatado. Eles se uniram e plantaram 80 mil mudas. Recriaram a floresta.

10)Data: 11.09.2006No Doc:RJ52-0028559

Título: Caravana do JN: Violência em Rondônia - Disputa de Terras

Local:Porto Velho

Repórter: Maríndia Moura

Fonte:TV Rondônia

Duração:00:01'30"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: A repórter Maríndia Moura, da TV Rondônia, afiliada da Rede Globo, trata de outro desafio imenso da região Norte: a violência, motivada frequentemente por invasões e disputas de terra. O Brasil todo sabe como isso já provocou mortes por lá.

Fátima: Uma região cercada de conflitos e de cobiça. Nos últimos nove anos as brigas por terras somaram 159 mortos em quase 2,5 mil confrontos.

Maríndia em off: O assassinato da missionária americana Dorothy Stang, ano passado no Pará e o massacre de Corumbiara, que deixou 13 mortos há 11 anos em Rondônia, tiveram até repercussão internacional. Cidades pequenas surgem no meio da floresta derrubada por madeireiros que não respeitam as leis. Os últimos números mostram que foram registradas 221 invasões em todo o Brasil – 30 só na região Norte. E são 1,385 mil assentamentos.

Maríndia: Em Rondônia, 144. Como o de Américo Ventura, próximo a Porto Velho. Lá, as famílias têm estradas, energia elétrica, escola, um posto de saúde e assistência agrícola. A área de uma fazenda que foi desapropriada pelo Incra, há 11 anos, tem três mil hectares com 90 famílias foram assentadas lá. Quatro delas, sobreviveram ao massacre de Corumbiara. A terra é cultivada com café e principalmente abacaxis.

Agricultor: Nós temos que fazer a terra produzir aquilo que ela nos oferece, é por isso que eu acho que está dando certo aqui.

Maríndia: As invasões não são só por um pedaço de terra. Garimpeiros de todo o país vêm em busca das pedras preciosas na reserva Roosevelt, no sul de Rondônia. A disputa pelo diamante interditou o garimpo, depois que índios cintas largas mataram 29 garimpeiros. Histórias que estão longe de um fim.

11)Data: 11.09.2006No Doc:RJ52-0028560

Título: Caravana do JN: Dificuldade de Transporte da Região Norte

Local: Pará

Repórter: Roberto Paiva

Fonte: TV Globo

Duração: 00:01'32"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: No Norte, essa porção gigantesca do país dominada por uma floresta, o transporte é um enorme problema. O repórter Roberto Paiva, da TV Liberal de Belém, afiliada da Rede Globo, mostra pra gente a rotina de quem precisa se mover sobre as águas.

Roberto em off: As águas dos rios são caminho obrigatório porque as estradas, quando existem, são precárias. Na imensidão da floresta, é preciso ter criatividade para encurtar as distâncias. Nas comunidades mais distantes, naquelas isoladas, um médico mais próximo pode estar a mil quilômetros. Dia e noite as embarcações avançam.

Morador: Até Belém vai dar uma base de 12 horas

Roberto em off: Nessa região recortada por rios, as estradas ficam intransitáveis no período das chuvas. Cerca de 64% não têm asfalto. É o caso da Transamazônica, aberta durante o regime militar, e que hoje é quase engolida pela selva em alguns trechos. Em Roraima, os motoristas também sofrem.

Roberto: Poucos conseguem vencer os atoleiros. O caminhão atravessa, mas muitas cargas se perdem.

Motorista de caminhão: Tomate, repolho, estragou quase tudo

Roberto em off: A geografia é mesmo um obstáculo. O município de Altamira, por exemplo, é o maior do Brasil: quem mora longe da cidade e precisa ir ao médico...

Moradora: A gente passa dois, três dias de viagem

Roberto em off: Mas o Norte busca soluções. Em Santarém, oeste do Pará, este ano foi instalada uma antena telefônica. Hoje, as autoridades são logo avisadas sobre um acidente corriqueiro e o socorro chega rapidamente.

Roberto: Uma técnica em enfermagem e um piloto de lancha passam horas navegando pelos rios da região oeste do Pará. Trabalham na ambulância, uma ambulância das águas. A saúde dos ribeirinhos agradece.

Piloto da lancha: Como o pessoal diz, eu sou o anjo da guarda daqui da região. Eu me sinto muito feliz em salvar vidas

12)Data: 12.09.2006No Doc:RJ52-0028573

Título: Caravana JN: Amazônia Legal em meio à ilegalidade

Local:Amazônia

Repórter:Pedro Bial

Fonte:TV Globo

Duração:00:02'03"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: A Caravana JN ultrapassou os 10 mil quilômetros percorridos na investigação dos desejos dos brasileiros neste ano de eleições. E agora a equipe de Pedro Bial segue viagem do melhor jeito possível na Região Amazônica: pela água.

Bial em off: Partir das 2h sem apelação. Quem determina nossos horários agora é a maré. Não é como se estivéssemos chegando a outro país. É como se fosse outro mundo. 10h45: um lugarejo. São Francisco de Assis. Casas, porta, duas janelas para o rio e uma para o céu. Do lado direito, a Ilha de Marajó nos acompanha até o começo da tarde. Imensa.

Bial: Nossa meta é alcançar o Rio Amazonas antes do anoitecer. Seguimos contra a corrente. No mapa o labirinto de braços de rios até parece fazer sentido. A olho nu, horizonte exagerado.

Bial em off: O barco Luz Divina se aproxima. Crianças curiosas. Às margens, o povo em rebuliço acena para nós. O dia em que a caravana passou. São 13horas: a balsa leva mil toneladas de Amazônia em pedaços. 13h20: outra balsa repleta.

Bial: Cupiúba, ipê, maçaranduba, jatobá, anjelim-vermelho. Não dá pena? Levou 300 anos para crescer.

Seu Antonio: Dá pena. Mas tem que se prevenir também, né?

Bial: A tora de três metros cúbicos custa pouco mais de R\$ 100. Vale? Vale o desejo de Antonio?

Seu Antonio: Emprego. Porque isso aí é o que falta mais

Bial: Como se diz: Desmatamento legal da Amazônia? Ou desmatamento da Amazônia legal?

13)Data: 13.09.2006No Doc:RJ52-0028580

Título: Serie: Desejos do Brasil

39ª Repórter: Rio Amazonas / Barco do JN

Caravana JN: As necessidades dos moradores da Amazônia

Local: Amazônia

Repórter: Pedro Bial

Fonte: TV Globo

Duração: 00:02'08"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Depois de percorrer quase 10,5 mil quilômetros em busca dos desejos dos brasileiros neste ano de eleições, a Caravana JN chegou, de barco, a um vilarejo na região amazônica.

Fátima: Um lugar distante de tudo, inclusive de direitos básicos de todos os cidadãos. É o encontro com brasileiros isolados do Brasil.

Bial em off: Os raios anunciam a noite na floresta tropical úmida. Manhã lavada, 18 horas rio acima. Onde há fumaça, há gente.

Bial: É a família Monteiro Nunes, que toca uma serraria comunitária, tolerada pelo IBAMA. Hoje, queimavam sarrafo para vender o carvão. Wanderley tem sete filhos com Ana Rita. Valmir e Suely só tem um.

Bial em off: O suor dos irmãos Walmir e Wanderly garante uma pobreza digna para as crianças. Não falta peixe e tem carne, de vez em quando. Juntos, criam 50 cabeças de gado. Geladeira nova, TV com parabólica. O Jornal Nacional é sagrado.

Bial: Para ir ao médico são duas horas de viagem até a cidade de Gurupá e tem que chegar de véspera.

Moradora, Ana Rita: Eu estendi meia-noite para tirar a ficha. São dez fichas só, são cinco para o interior e cinco para a cidade.

Bial: Escola só três vezes por semana, quando muito.

Morador, Wanderley: É péssima a escola aqui, péssima

Bial: Por isso, o que querem com o voto eles não chamam de desejo

Morador, Wanderley: É uma obrigação que eles têm com a gente. Educação, saúde, oportunidade para trabalhar, para a gente não viver dependendo tanto do governo.

14)Data:14.09.2006No Doc:RJ52-0028593

Título: Série: Desejos do Brasil

40ªReportagem:Barco do JN /Amazônia.

Caravana JN:

A tarefa de educar crianças à beira dos rios Amazônicos.

Local: Amazônia

Repórter: Pedro Bial

Fonte: TV Globo

Duração: 00:01'57"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: A Caravana JN completou 10,5 mil quilômetros em busca dos desejos dos brasileiros, neste ano de eleições.

Fátima: Agora de barco, a equipe de Pedro Bial testemunhou o tamanho do desafio da educação numa comunidade da região amazônica.

Bial em off: Fim de tarde. Uma ilha na comunidade de São Sebastião, a seis horas da sede do município de Almeirim. De posto de saúde, só o nome.

Moça no Posto de Saúde: Até porque a gente não tem atendente

Bial em off: A casa apodrece aos poucos.

Moça no Posto de Saúde: Se acontecer alguma coisa grave, seis horas de viagem até chegar em outra cidade

Bial: Ao lado, a escola que funciona há três anos sabe-se lá como. No início do período letivo chegou material didático.

Rapaz na escola: Recebemos cartolinas, alguns lápis e cadernos

Bial: Vinte lápis para os dois semestres de 34 alunos de um galpão caindo aos pedaços. O professor Anderlon dá um jeito trocando peixe por diesel e diesel por lápis.

Professor, Anderlon: Aqui a gente vive mais de troca

Bial em off: Nos fundos, eis a moradia do professor.

Professor, Anderlon: Mora eu, minha esposa e as crianças. Tenho duas agora

Bial: Com 3 anos, a filha não desgruda do pai. Já já aprende a ler.

Menina: A, e, i, o, u. Fa, fe, fi, fo, fu

Bial: Agora escuta o sonho dourado do professor, eleitor, Anderlon.

Professor, Anderlon: Um prédio novo e material didático, apenas isso.

15)Data: 15.09.2006No Doc:RJ52-0028600

Título: Desejos do Brasil:

4ª Reportagem: Amazônia: Barco do JN

Caravana JN: Os que lutam para salvar uma espécie em extinção o "Peixe Boi".

Local: Amazônia
Repórter: Pedro Bial
Fonte: TV Globo
Duração: 00:02'10"
Matéria: Editado

Texto: Bonner: Depois de percorrer quase 10,9 mil quilômetros Brasil adentro neste ano de eleições, a Caravana JN avança, de barco, na região amazônica.

Fátima: No interior do Pará, a equipe de Pedro Bial foi investigar os desejos de quem luta para salvar uma espécie da extinção.

Bial em off: Desde que a Caravana caiu na estrada aquática chove todas as noites. É assim na Amazônia. Só que na noite passada foi tempestade tropical, para valer. Amanhecemos na bonança da praia de Alter do Chão, pertinho de Santarém. Banhada pela água mansa do Tapajós, uma ilha de areia convida a um doce 'fazer nada', o que gera bastante trabalho e sustenta a família de Givanildo da Souza Costa, por exemplo.

Bial: Ele é catraieiro desde os 15 anos. Catraieiro é quem leva a catraia, uma canoa forte.

Catraieiro, Givanildo: Eu tenho um trabalho, uma família, eu tenho pai e sou feliz com certeza.

Bial: Nildo leva os visitantes pelos encantos do Lago Verde, uma reentrância do Tapajós. Acredite, a mais emocionante atração de lá é um orfanato.

Veterinário, Jairo Moura: Por que as fêmeas são mais fáceis de serem cassadas? Porque prende o filhote e a fêmea fica em volta. Se ele encontrar ele mata mesmo. O que faz o caboclo? Pega um arpão, fica lá sempre na espreita, vem e joga. Só que com isso ele não morre, mas fica preso. Aí vem a parte cruel, pega rolhas de madeira e coloca dentro do nariz.

Bial: O peixe-boi morre por asfixia. O trabalho do veterinário Jairo Moura é salvar os filhotes.

Veterinário, Jairo Moura: A mesma população que mata o adulto, quando vê o filhote, avisa.

Bial: Trabalho sério o dos eleitores Jairo e Nildo. Com seu voto, só querem reciprocidade.

Nildo: Acima de tudo eu espero seriedade dos caras lá.

Veterinário, Jairo Moura: Principalmente que haja uma grande seriedade com o dinheiro público, só isso.

16)Data: 16.09.2006No Doc:RJ52-0028610
Título: Serie: Desejos do Brasil
42ª Reportagem: Festa do Sairé em Santarém
Caravana JN: Os desejos de quem faz a festa Sairé
Local: Santarém
Repórter: Pedro Bial
Fonte:TV Globo
Duração :00:02'28"
Matéria: Editada

Texto: Bonner: A caravana JN está na região amazônica e, depois de percorrer quase 11 mil quilômetros, permaneceu em Santarém, no Pará. A causa é nobre: a equipe de Pedro Bial assistiu a uma festa popular realizada há mais de 300 anos.

Bial em off: Primeiro pede-se licença ao sagrado. Reza a tradição que a festa do Sairé surgiu há mais de 300 anos. Para catequizar os índios, os jesuítas aproveitaram o ritual de fertilidade nativo e cruzaram os símbolos. Cruz, arco e fecha, trindade amazônica.

Com o tempo, o Sairé foi se tornando mais sensual que temente a Deus. A Santa Igreja proibiu a festa em 1943. Na década de 70, o Sairé voltou e no fim do século 20 copiou a idéia de Parintins, criando a disputa entre o carimbó do Boto Cor de Rosa e o do Boto Tucuxi.

Bial: Ensina a lenda, o boto é o pai das crianças sem pai. Nas noites ribeirinhas, vira um moço bonito, sempre de chapéu para esconder o orifício por onde respira, e se deita com as eleitoras.

Mulher na festa: O meu desejo é que a gente não deve contar só com os políticos. Acho que se todo mundo também tomasse uma iniciativa, acho que muita coisa ia mudar

Outra mulher: Eu quero mais organização, acabar com a fome, miséria

Terceira mulher: Acho que as crianças estão muito jogadas na rua, então elas merecem um lugar, um abrigo, alguma coisa assim, que elas possam viver bem, com alimentação todos os dias. Eu quero isso, no próximo governo eu desejo isso.

Bial: Afinal, o antigo rito de fertilidade indígena se reafirma e se reaviva no balé de sedução do boto. Diante de caboclas tão sestrosas, a pergunta: Quem é o sedutor e quem é o seduzido? Sem trocadilho, Santarém, o santo harém do boto.

17)Data: 18.06.2006No Doc:RJ52-0028620

Título: Série Desejos do Brasil:

43ª Reportagem: Barco do JN /AmazôniaCaravana do Jornal Nacional (Projeto).

Local: Amazônia

Repórter: Pedro Bial

Fonte: TV Globo

Duração: 00:02'14"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: A Caravana JN completou hoje quase 11,5 mil quilômetros Brasil adentro. De barco, pela Amazônia, a equipe de Pedro Bial encontrou brasileiros que vivem dos peixes. E que se queixam de bois e de jacarés.

Fátima: Foram seis dias de rio para chegar ao estado do Amazonas. Lá, como em todo o caminho, o sustento dos mais pobres é o peixe.

Bial em off: Costa do Surubim, município de Itacoatiara. Enquanto o marido pesca, a mulher lavar roupa. Aos 19 anos, Cláudia já tem duas filhas. Votando pela primeira vez para presidente, ela quer alternativa.

Claudia: Trabalho, que está ruim

Bial: Charles, enteado dela tem 6 anos e já vai a escola. O que você ele mais gosta na escola?

Charles: Merenda

Bial em off: Antes das aulas o menino vai pescar com o primo e o avô. Antigamente o laguinho dava peixe. Hoje é território de jacaré.

Pescador e avô de Charles: Se matar o jacaré vai preso. O Ibama não quer que a gente mate jacaré.

Bial em off: A minguada pescaria vai alimentar seis pessoas. Para conseguir pescado que se venda, tem que ir para o meio do rio. Segundo os pescadores, foi a chegada das fazendas de gado que condenou os lagos.

Pescador, Luiz: Depois que botaram o gado, secou tudinho.

Bial em off: Hora de puxar a malhadeira, como chamam a rede por lá. Tem que trabalhar rápido porque o boto é um competidor voraz.

Pescador: Passa o dia inteiro no sol aqui para ganhar R\$ 2,20 o quilo

Bial: Dois desejos não saem da cabeça desses homens. Vender melhor, com melhores preços. E, como todo mundo lá conhece gente que já foi atacada por jacarés, reduzir a superpopulação da espécie.

Pescador, Luiz: Eu queria que liberassem um ano, dois anos o jacaré.

18)Data:19.09.2006No Doc:RJ52-0028634

Título: Série: Desejos do Brasil

44ª Reportagem: Barco do JN

Amazônia: Chegada a Manaus Caravana do Jornal Nacional

Local:Amazônia

Repórter:Pedro Bial

Fonte:TV Globo

Duração:00:01'54"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Até agora, 50 dias em busca dos desejos dos brasileiros neste ano eleitoral e a caravana JN conclui mais uma etapa. É hora de abandonar o barco e voltar para o ônibus.

Bial em off: O que foi durante oito dias o lar da Caravana Jn, agora volta a ser Spartacus. oh querido barco a motor. Motor: 840 cavalos urrando na casa das máquinas sem parar.

Bial: Joana e Selmira, eleitoras responsáveis pela comida boa.

Joana: É educação que a gente precisa. Tem muita gente desempregada, falta muito emprego.

Bial: O Robson acabou de casar, tem um mês. Ele deseja justiça. No refeitório, se abre a boca para comer. Só se escuta as máquinas. É um pouco melhor a frente, perto da proa. Tem rede.

Robson: Acabar com a fome, ainda tem muito por causa dos políticos corruptos.

Bial: Na sala onde montamos o nosso escritório tem até ar-condicionado. Confiança no comandante Odivar, lá em cima, ao timão.

Comandante, Odivar: Trabalhar mais em prol da educação, da saúde

Bial em off: Abaixo fica a nossa sala de estar. Tem TV, mas não funciona. Uma semana sem ver o Jornal Nacional. Uma semana ligados ao mundo pela linha do satélite, mandando daqui para aí, trazendo o longe para perto. Esperto. Holofote em ação para não dar idéia pirata. Pois é, tem pirata no Rio Amazonas. Nem se pensa nisso na hora de apagar na cabine, depois de um dia duro de beleza.

Bial: Chegamos a Manaus hoje, às 5h. É assim uma caravana, feita de tantos encontros quanto despedidas.

19) Data: 20.09.2006No Doc:RJ52-0028644

Título: Serie Desejos do Brasil:

45ª Reportagem: ManausCaravana do Jornal Nacional (Projeto)

Local: Manaus

Repórter:Pedro Bial

Fonte:TV Globo

Duração: 00:02'14"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Depois de encerrar a viagem pelos rios da Região Norte, onde faltam estradas, a equipe da Caravana JN pegou um avião rumo ao Centro-Oeste.

Fátima: Antes de embarcar, Pedro Bial foi investigar os desejos dos brasileiros na capital do Amazonas.

Bial em off: Gosto de ver, ouvir a memória viva. Manaus e seus tesouros, o Teatro Amazonas, a arquitetura da alfândega, do Palácio da Justiça, da catedral. E a toda volta a beleza que o escritor manauara Milton Hatoum assim descreveu.

Bial: “O que seria de Manaus sem esse rio quase nítido que envolve a cidade e expande seu horizonte. Afluente soberano do Amazonas, o Rio Negro banha Manaus e nela se adentra, desdobra-se, multiplica-se com seus Igarapés de margens habitadas por palafitas”.

Morador: Esse Igarapé era todo limpinho, a água era cristalina

Moradora: Podia se deitar, cavar areia, aquela água limpinha, limpinha que você via areia.

Morador: Tudo isso era o balneário daqui e todo mundo freqüentava de todas as classes, todo mundo tomava banho aí. E se namorava um bocado, fazia muitas crianças dentro dos igarapés. Pegava muita qualidade de peixe, hoje em dia não tem nada, só é poluição.

Bial: Todos aqui desejariam que seu voto ajudasse a limpar os igarapés, mesmo que demorasse.

Moradora: Não pra gente, mas já pros netos, pra ver como ficava. A gente mesmo não vai mais pegar ele limpo.

Bial: Todas as dezenas dos igarapés assassinados de Manaus deságuam no Rio Negro. Milton Hatoum escreveu: “Eu os vejo sem vida, córregos tristes e enlameados que cortam a cidade. Correm na memória. Imagens embaçadas e distantes. Não sei por quanto tempo o Rio Negro sobreviverá”.

20)Data: 18.10.2006No Doc:RJ52-0028900

Título: Especialistas de quatro países estão em Manaus para discutir o setor pesqueiro na Amazônia.

Local: Manaus, Parintins, Reserva de Manerauá

Repórter: Daniela Assayag

Fonte:TV Amazonas

Duração:00:01'41"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Especialistas de quatro países estão em Manaus para discutir o setor pesqueiro na Amazônia e para conhecer as iniciativas que aumentaram muito a produtividade na região. A reportagem é de Daniela Assayag.

Daniela em off: Dos rios da Amazônia saem cem mil toneladas de pescado por ano. O equivalente a 8% da pesca em água doce no mundo inteiro.

Daniela: Mas a aparente fartura não evita a disputa entre ribeirinhos e pescadores profissionais, que muitas vezes termina em confronto armado.

Pescador ribeirinho, Sidnei Carvalho: Quando os pescadores daqui vão pegar já acabou, porque eles já levaram tudo o que tinha.

Pescador profissional, José Xavier: A gente não vai agüentar e será preciso entrar em conflito com eles

Daniela: Para conter os conflitos, foram instituídos acordos informais que visam atender às necessidades de quem depende do peixe para sobreviver e de quem investe no setor para ganhar dinheiro.

Consultor de pesca, Antônio Oviedo: É um instrumento capaz de se adequar ao contexto local daqueles pescadores

Daniela: Os acordos de pesca passaram a ter força de lei. As regras decididas por ribeirinhos e pescadores profissionais da Amazônia são homologadas pelo Ibama. Agora começam a aparecer os primeiros resultados: projetos que servem de exemplo para outros países.

Daniela em off: Representantes de Uruguai, Peru, Estados Unidos e Zâmbia estão reunidos em Manaus para conhecer os projetos brasileiros. Em Parintins, a 400 quilômetros de Manaus, os lagos foram divididos entre os de preservação, sustento dos moradores e de comercialização.

Daniela: Da Reserva de Mamirauá, na região central do Amazonas, saem por ano 215 toneladas de Pirarucu, o maior peixe com escamas de água doce do mundo. Um número que pode ser atribuído ao Projeto de Manejo: depois dos acordos, a quantidade de peixes ficou sete vezes maior.

21)Data: 23.10.2006No Doc:RJ52-0028965

Título: Registros Civis inválidos no Amazonas porque não constam nos livros do Cartório/Cartório Itinerante em barco.

Local: Amazônia

Repórter: Daniela Assayag

Fonte:TV Amazonas

Duração: 00:01'57"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Certidões - fantasma estão espalhadas pelo Amazonas

Fátima: Nas regiões mais distantes do Amazonas, milhares de pessoas também estão impedidas de votar.

Daniela: certidão de nascimento do agricultor Luis Washington Melo é autêntica. Mas aos 36 anos, o agricultor descobriu que, à luz da lei, ele não existe.

Agricultor, Luis Washington Melo: Agora não sei o que eu posso fazer

Daniela: No livro do cartório, onde deveria estar o registro de Luiz Washington a página está em branco. Isso quer dizer que a certidão dele é um papel apenas, não tem valor algum. Estima-se que pelo menos 50 mil pessoas no Amazonas não sabem, mas têm documentos inválidos, certidões-fantasma.

Escrevente, Erick Paiva: O oficial de justiça não pode entregar a certidão sem lavrar no livro porque senão, a certidão não tem validade.

Daniela: As certidões-fantasma estão espalhadas por quase todos os municípios do estado. A falta de fiscalização contribui para as fraudes. A Polícia Federal investiga cartórios acusados de expedir certidões da nascimento para estrangeiros. Alguns já teriam conseguido até aposentadoria como cidadãos brasileiros. No cartório de Paraná da Eva, os livros com os registros de nascimento estão em branco. A oficial responsável, Isabel Magno diz que foi enganada por um funcionário.

Oficial, Isabel Magno: A maioria ele mesmo assinava em meu nome.

Daniela: Sem a certidão de nascimento, crianças não podem se matricular na escola. Adultos não podem votar, casar e nem receber os benefícios da previdência social. Agora um barco com advogados, promotores e juízes percorre os rios da região como um fórum itinerante. O processo de registro tardio, que poderia demorar anos é feito em minutos.

Juiz de direito, Luis Cláudio Chaves: A solução é instaurar um processo, ouvir testemunhas e expedir outro registro civil, desta vez válido.

Daniela: Bastou uma hora para o agricultor Sabá Melo e Conceição e tirarem registro de nascimento, carteira de trabalho, identidade e, 27 anos e 11 filhos depois, finalmente, a certidão de casamento.

Agricultor, Sabá Melo: Minha intenção agora é ficar com ela até o fim da vida.

22)Data: 24.10.2006No Doc:RJ52-0028974

Título: IBAMA cria formulário eletrônico para controlar fraude no transporte de madeira

Local: Belém

Repórter: Roberto Paiva

Fonte: TV Globo

Duração: 00:01'40"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: A sucessão de fraudes no transporte de madeira na Amazônia acabou levando o Ibama a criar um sistema de controle mais sofisticado: um formulário eletrônico. Mas como falta estrutura para a fiscalização...

Roberto em off: O Documento de Origem Florestal (DOF) substituiu a Autorização de Transporte para Produto Florestal (ATPF), que era fraudada com facilidade. O novo documento, que autoriza o transporte de madeira, é emitido eletronicamente pela internet pelos próprios empresários do setor. Eles informam ao Ibama a quantidade de madeira que têm no estoque e, a partir daí, conseguem as autorizações para o transporte. Cabe ao Ibama verificar se a informação repassada pelo madeireiro é verdadeira. Para isso, os funcionários do órgão vão utilizar um banco de dados com os registros das movimentações das empresas nos últimos anos. Se houver uma grande diferença entre a quantidade informada pelo madeireiro e o que consta nos arquivos, significa que pode estar ocorrendo uma fraude.

Roberto: O principal obstáculo enfrentado pelo Ibama é a falta de equipamentos e funcionários para a fiscalização. Mil e seiscentas empresas se cadastraram para operar com o DOF no Pará. De acordo com o Ministério do Meio Ambiente, em um ano o desmatamento no estado cresceu 50%.

Superintendente do Ibama no Pará, Paulo Diniz: Quando se detecta algum tipo de desmatamento, uma equipe é enviada à região.

Roberto: Empresários do setor estão descontentes. Reclamam que nem todos os municípios dispõem de internet para emitir o documento. Por causa da dificuldade de transporte na região amazônica, pedem um prazo maior de validade para o DOF.

Representante da Associação de Exportadores de Madeira, Justiniano Neto: Cinco dias é um prazo muito pequeno para o transporte. Muitas vezes, o caminhão não chegou ao destino, e o DOF já venceu.

Roberto: Para organizações não-governamentais, o novo sistema não consegue combater o desmatamento nem o transporte ilegal de madeira.

Carlos Rittl, Greenpeace: Que haja fiscalização, governança. Não adianta o sistema ser eficiente se no campo a fiscalização não é eficiente

23)Data: 25.10.2006No Doc: RJ52-0028997

Título: Grande quantidade de madeira extraída ilegalmente da Floresta Amazônica e apreendida em operações da polícia e do IBAMA está apodrecendo e queimando.

Local: Belém e Altamira

Repórter: Roberto Paiva

Fonte: TV Liberal

Duração: 00:01'48"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Uma grande quantidade de madeira extraída ilegalmente da floresta amazônica, e apreendida em operações da polícia e do Ibama, está apodrecendo e queimando no Pará.

Fátima: O descaso coincide com a divulgação dos primeiros contratos que permitem a exploração da floresta pela iniciativa privada em terras públicas.

Roberto em off: Retirar árvores da mata, sem destruir a floresta. É o que prevêem os primeiros quatro contratos de planos de manejo, todos localizados no Pará e feitos com base na nova lei de gestão de florestas públicas.

Roberto: Segundo o Ibama, os governos estaduais e o federal passam a oferecer contratos de concessão de uso para a iniciativa privada em áreas de floresta.

Engenheiro florestal da Ong Imazon, Paulo Barreto: É um avanço porque dá a possibilidade que uma atividade que é muito importante para a região, que é a exploração de madeira, possa ser feita de forma sustentável e de forma continuada

Roberto: Ambientalistas são contra porque os contratos permitem que a floresta, mesmo em terras públicas, possa ser explorada por madeireiros. Muitas áreas são de difícil acesso e não têm fiscalização.

Ambientalista, Camilo Viana: É um tiro de misericórdia. A floresta não tem mais solução.

Roberto: Pesquisadores que atuam na Amazônia afirmam que por ano são derrubadas 4,5 milhões de árvores da floresta. O próprio Ministério do Meio Ambiente reconhece que mais da metade da madeira tem origem ilegal.

Roberto em off: O Ibama realiza operações para tentar conter o desmatamento e quando consegue fazer alguma apreensão, não tem onde guardar as toras. O pátio do Ibama em Altamira, no oeste do Pará, está lotado com mais de mil metros cúbicos de madeira, o equivalente a 76 caminhões. Tudo está apodrecendo.

Roberto: No mesmo município, um carregamento de mogno apreendido durante uma fiscalização e que estava em uma serraria, foi queimado. Em setembro, na maior apreensão de 2006 no Pará, 15 mil metros cúbicos de várias espécies de árvores foram deixados no meio da floresta. O Ibama quer doar a madeira para a construção de casas, pontes e carteiras escolares mas não há previsão de quando essas toras serão retiradas da mata.

24)Data: 03.11.2006No Doc:RJ52-0029088

Título: Pesquisa mostra que devastação da Floresta Amazônica está ameaçando de extinção espécies de animais e plantas.

Local: Pará

Repórter: Roberto Paiva

Fonte: TV Globo

Duração: 00:01'28"

Matéria: Editada

Texto:Bonner: Um estudo de duas organizações ambientalistas identificou uma das áreas mais devastadas da Floresta Amazônica.

Fátima: No total, 30 espécies de plantas e animais correm o risco de desaparecer.

Roberto em off: Durante um ano os pesquisadores analisaram imagens de satélites de uma área localizada no leste do Pará e oeste do Maranhão. Descobriram que já foram destruídos 67% da floresta que havia no local. Uma área de mata quase do tamanho do estado do Paraná foi derrubada nas últimas décadas. As criações de gado, hoje, ocupam um quarto das terras onde havia florestas.

Roberto: As serrarias e carvoarias instaladas na região ainda representam risco para várias espécies.

Pesquisador, Alexandre Aleixo: Há 30 espécies de animais e plantas ameaçados que só ocorrem aí, não ocorrem em nenhum outro local do mundo.

Roberto em off: Uma das aves ameaçadas é o Mutum de Penacho que não é visto na natureza desde 1978. O estudo foi feito pelos pesquisadores do Museu Emílio Goeldi e pela Organização Ambientalista Conservação Internacional. Apesar do alerta, madeiras do sudeste do Pará seguem retirando árvores dos quase 70 mil quilômetros quadrados que sobraram de floresta intacta.

Roberto: Se nada for feito, o que restou da mata irá desaparecer nos próximos 30 anos. É o que prevêem os pesquisadores que, para conter o desmatamento, sugerem aumentar a fiscalização e criar unidades de conservação para proteger aquela parte da Amazônia.

Diretora Museu Emílio Goeldi, Ima Vieira: É preciso haver uma fiscalização intensa para que a gente consiga preservar essas áreas, esses fragmentos de floresta que ainda existem.

25)Data: 10.11.2006No Doc:RJ52-0029147

Título: Projeto de construção do gasoduto da Amazônia – Impacto Ambiental

Local: Amazônia

Repórter: Daniela Assayag

Fonte: TV Globo

Duração: 00:01'59"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Amazônia é um exemplo de respeito ao meio ambiente.

Fátima: No caminho do crescimento econômico, o Brasil vive hoje um desafio: fazer as obras de infra-estrutura necessárias, respeitando o meio ambiente. Um exemplo vem da região Norte.

Daniela em off: O gasoduto que corta a Floresta Amazônica, entre os Municípios de Coari e Manaus, deverá ter 670 quilômetros. Será usado para escoar, diariamente, 5,5 milhões de metros cúbicos de gás da Bacia de Urucu, na região central do Estado. Isso corresponde a 15% do que o Brasil importa hoje da Bolívia.

Daniela: quando o gasoduto estiver funcionando, grande parte da matriz energética de Manaus será substituída. Hoje 70% da energia da cidade vem da queima do óleo combustível. O gás é uma alternativa mais barata e menos poluente que pode atrair, inclusive, novas fábricas para o pólo industrial de Manaus. Para o Governo do Amazonas, o licenciamento e a fiscalização da obra devem ser do órgão estadual do meio ambiente. Mas o Ministério Público Federal entende o contrário: quer que o Ibama seja o responsável pela construção e entrou com uma ação na Justiça Federal pedindo a paralisação da obra. Os procuradores apontam ainda deficiências no plano ambiental do projeto que, segundo eles, corta terras indígenas. O engenheiro Rubelmar Azevedo faz parte de um grupo que propões um traçado alternativo, usando a BR 319, pelo qual o desmatamento diminuiria para um terço do previsto.

Engenheiro, Rubelmar Azevedo: A partir do momento que você traz o gás pelas margens da 319 você estaria trazendo mais incentivos, o custo da obra seria muito mais em conta do que esse traçado proposto.

Daniela: Já foram abertas 30 clareiras e R\$ 700 milhões foram investidos. Os pesquisadores da Universidade Federal do Amazonas, que fizeram estudos sobre o impacto ambiental, defendem o projeto.

Eduardo Freitas, da Universidade Federal do Amazonas: Evita mananciais, evita nascente de igarapés, evita vegetações muito vulneráveis. Então foi o menor traçado possível para garantir a chegada do gás.

Daniela: Na semana passada, a Justiça determinou a paralisação da obra iniciada em março. Mas hoje, a Petrobras conseguiu uma liminar para retomar a construção, até uma decisão final da Justiça.

26)Data: 28.11.2006No Doc:RJ52-0029269

Título: Voo de risco ambiental de balão da WWf na Floresta Amazônica

Local: Amazônia

Repórter: Yano Sérgio, (pseudônimo)

Fonte: TV Globo

Duração: 00:01'41"

Matéria: Editado

Texto: Bonner: No Amazonas, ambientalistas usaram um balão, hoje, para mostrar por que defendem a adoção de metas para o desmatamento na região.

Sérgio em off: Logo cedo, o balão foi levado para o ponto de partida em uma balsa. O bom tempo garantiu sucesso na decolagem. Em poucos segundos, o balão ganha o céu amazônico, flutua sobre a água. O vôo é sobre o encontro entre os rios Negro e Solimões. É um dos caprichos da natureza onde as águas correm juntas por vários quilômetros sem se misturarem.

Sérgio: Chico, balonista há 20 anos, fica emocionado.

Balonista, Francisco: Isso aqui é realmente fantástico.

Sérgio em off: Ele arrisca um pouso na água e levanta vôo novamente para estampar a mensagem de preservação.

Sérgio: Segundo o Governo Federal, a derrubada da floresta foi menos intensa no último ano, caiu de 17 mil quilômetros quadrados para 13 mil. Um cenário que ainda não inspira tranquilidade.

Coordenador do programa de áreas protegidas da WWF-Brasil, Cláudio Maretti: Provavelmente tem a ver com uma maior ação de governo, mas também tem relações com o mercado. Quero ver se na hora que subir de novo o preço da soja, do gado, se essas taxas vão continuar.

Sérgio: Os ambientalistas pedem um plano de metas para a redução do desmatamento.

Coordenador do programa de água da WWF-Brasil, Samuel Barreto: Isso vai obrigar o governo a uma série de ações e o compromisso com a sociedade para proteger esse patrimônio para a sociedade brasileira e para o mundo.

Sérgio: Para o Ibama, traçar metas pode ser perigoso.

Superintendente do Ibama-AM, Henrique Pereira: Cada ano é um orçamento, logo, o administrador tem limitações. Então, trabalhar com a realidade, objetividade e o planejamento orçamentário impõe, do ponto de vista técnico, que o governo não estabeleça metas físicas para esse tipo de ação política.

27)Data: 23.12.2006No Doc:RJ52-0029474

Título: Voluntários distribuem brinquedos para as comunidades ribeirinhas na Amazônia.

Local: Amazônia

Repórter:Sérgio Yano (Pseudônimo)

Fonte:TV Globo

Duração: 00:01'32"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: E Papai Noel chega a Amazônia.

Fátima: Nos últimos nove anos, um grupo de brasileiros tem percorrido a Amazônia a bordo de uma embarcação recebida sempre com festa, porque ela só aparece nesses dias que antecedem o Natal.

Sérgio em off: Bolas, carros, bonecas, pipoca. Essa é a linha de produção dos kits que devem ser distribuídos em comunidades da Amazônia.

Gerente de Materiais, Daisy Atayde: Cada ano, colocamos um desafio maior. Este ano, nosso desafio são 20 mil brinquedos.

Sérgio em off: É hora de partir. O grupo planejou a ação durante vários meses para a semana do Natal. Agora está alcançando localidades de difícil acesso na região, lugares onde só é possível chegar pelos rios. É quando Papai Noel segue o caminho das águas na Amazônia.

Sérgio: A cada parada, centenas de crianças esperam por Papai Noel.

Menino: Eu vou pedir um carro.

Sérgio: A distribuição é rápida.

Professor, Rosemberg Zogaib: No cronômetro, direto, para que possamos chegar a todas as comunidades.

Sérgio em off: Sempre acompanhada de um gesto de carinho, a viagem segue até a comunidade de Corari, a duas horas de barco de Manaus.

Sérgio: Em questão de minutos, a dona de casa Francisca Paula realiza um desejo de mais de meio século de vida.

Dona de Casa, Francisca Paula: Pela primeira vez, abracei o Papai Noel. Tenho 54 anos.

Sérgio em off: Na fila, ansiedade, bilhete para o Papai Noel. A alegria contagia o local. Já são cem voluntários e o grupo cresce a cada ano. A idéia é chegar mais longe, alcançar mais crianças.

Voluntária: Daqui a dez anos, queremos estar entregando um milhão de brinquedos pela Amazônia.

NOTÍCIAS JORNAL NACIONAL 2007

1)Data:26.12.2007No Doc:RJ52-0032882

Título: Crescimento do Setor de transporte fluvial nos rios Amazônicos.

Local: Novo Airão (Amazônia)

Repórter:Daniela Assayag

Fonte:TV Globo

Duração:00:01'58"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Na região Norte do Brasil, os rios são as estradas. Em vez de ônibus, barcos cheios de passageiros. E no lugar dos táxis, canoas, que também podem ser usadas como lanchonete ou até ambulância.

Fátima: O setor de transportes está ganhando fôlego na região amazônica e esse sucesso depende de um trabalho bem tradicional. Veja na reportagem de Daniela Assayag.

Daniela em off: Na região Norte do Brasil, os rios são as estradas. Em vez de ônibus, barcos cheios de passageiros. E no lugar dos táxis, canoas, que também podem ser usadas como lanchonete ou até ambulância. E como é o posto de gasolina? "Tem que ser flutuante com certeza". São quase 50 mil embarcações, o que significa lucro para a indústria naval. Os grandes estaleiros recebem até encomendas do exterior. Mas é no interior que se mantêm a construção tradicional.

Daniela: Tradição mantida por artistas, como o carpinteiro naval Estevão de Souza. "A pessoa fala: 'Eu quero um casco de 17 metros'. Quando ele dá o plano, a gente já tem a planta na cabeça: 1,5 mil palmos de prancha, 3,7 mil palmos de tábuas. Dá certinho".

Nos últimos anos, as normas de segurança ficaram mais rigorosas. Mesmo assim, os acidentes continuam ocorrendo. Em parte, causados pela superlotação. Depois das barreiras de fiscalização, muitos passageiros entram nos barcos em movimento. Um pai arriscou a vida dos filhos para não perder a viagem.

Comandante, Milton Prado: Isso é uma total irresponsabilidade que beira o crime.

Daniela em off: Felizmente, a maioria dos passageiros cumpre as normas. Quase 60 mil pessoas sobem e descem os rios todos os meses em viagens que duram até uma semana. Um barco tem até biblioteca.

Daniela: E assim, neste vai e vem, a vida segue sobre as águas.

Passageiro, Alessandro Moraes: Com seis meses, ele começou a viajar. Já é um experiente na navegação, já está com um aninho

2)Data: 29.11.2007No Doc: RJ52-0032629

Título: Fogo brota do chão por causa do gás Metano em praia de rio do Amazonas.

Local: Manacapuru (AM)

Repórter: Daniela Assayag

Fonte: TV Globo

Duração: 00:01'43"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Um fenômeno natural está intrigando os moradores da região amazônica. Fátima: Em cerca de um quilômetro de praia, o fenômeno é registrado em pelo menos oito pontos, sempre do mesmo jeito: de repente, a lama começa a borbulhar.

Daniela em off: Um fenômeno natural está intrigando os moradores da região amazônica. Em cerca de um quilômetro de praia, o fenômeno é registrado em pelo menos oito pontos, sempre do mesmo jeito: de repente, a lama começa a borbulhar.

Pescador: É a primeira vez que eu estou vendo esse negócio

Daniela: Surpresa ainda maior quando um pescador fez uma experiência perigosa

Pescador: Eu peguei o isqueiro, toquei fogo e pegou fogo. É gás.

Morador: Todos nós nos assustamos com o fogo

Daniela: O fenômeno foi registrado pela primeira vez há duas semanas. O gás está, praticamente, na superfície. Basta riscar um fósforo que ele entra em combustão. Uma equipe de geólogos coletou material para análise e já é possível dizer que há pelo menos um tipo de gás, o metano.

Daniela em off: Ele é resultado da decomposição de folhas, galhos e algas. O lixo natural produzido pela floresta vai se acumulando ao longo dos séculos entre a argila. Esse ano, com a cheia dos rios, por algum motivo ainda não explicado, a água que fica armazenada no subsolo estaria fazendo pressão e empurrando o gás para a superfície. O fenômeno conhecido como "Gás do pântano" já foi observado em outras partes do mundo, em regiões de florestas úmidas. Mas é a primeira vez que os cientistas conseguem registrá-lo no Amazonas.

Daniela: As condições do clima e do solo são propícias para que o gás se forme rapidamente por baixo da floresta alagada.

Superintendente do Serviço Geológico do Brasil, Marco Oliveira: Essas acumulações de gás estão dispersas por toda a várzea e, portanto, elas podem ser aproveitadas por pequenas comunidades para fazer fornos de farinha e gerar energia.

Daniela em off: Enquanto o tamanho da reserva não é estudado, os ribeirinhos já acharam uma maneira de usar o gás natural. Fazem fogueira para assar peixe.

3)Data: 16.11.2007No Doc: RJ52-0032495

Título: Equipe do IBAMA procura baleia que encalhou no rio Tapajós no Pará.

Local: Belterra (Pará)

Repórter: Roberto Paiva

Fonte: TV Globo

Duração: 00:01'26"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Baleia encalhada desaparece no Pará

Fátima: A baleia que encalhou no Rio Tapajós, no Pará, desapareceu, hoje, depois de mobilizar ribeirinhos e biólogos numa operação de resgate.

Roberto em off: No local onde a baleia encalhou, a todo momento chegavam pequenas embarcações. A notícia de que havia um filhote no Rio Tapajós fez os moradores acordarem cedo. Nesta sexta-feira de manhã a baleia já não estava mais na praia.

Roberto: Ribeirinhos fizeram uma busca na região e funcionários do Ibama sobrevoaram o Rio Tapajós numa tentativa de localizá-la.

Daniel Cohen, gerente do Ibama de Santarém: Para tentar ver se ela continua encalhada em algum outro ponto, ou se a gente não encontra ela, a gente precisa saber

Roberto em off: A baleia apareceu ontem na comunidade de Piquiatuba, no município de Belterra, oeste do Pará, numa área que fica dentro da Floresta Nacional do Tapajós. O filhote percorreu 850 quilômetros da foz do Rio Amazonas até chegar a Belterra.

Roberto: Ao ser avistada, foi logo cercada por pescadores que tentaram ajudá-la a retomar o caminho do mar.

Pescador, Raimundo Castro: A gente tem que providenciar, antes que seja tarde para ela sobreviver.

Roberto: Segundo o IBAMA a baleia é da espécie mink e está ferida e mede cerca de cinco metros. Os biólogos ainda tentam entender por que o animal foi parar na água doce. Um especialista em baleias foi para a região e acredita que dificilmente o filhote conseguirá voltar ao mar sozinho. À tarde, os moradores intensificaram as buscas. Eles ainda têm esperanças de reencontrar o mamífero.

Pescador, Raimundo Castro: O que eu mais quero o resgate dele para conseguir levar e nós não nos conformamos com o sofrimento dela.

4)Data:16.11.2007No Doc :RJ52-0032494

Título: Operação Rio Branco:

Apreensão de centenas de tartarugas em barco em Manaus

Local: Manaus

Repórter: Daniela Assayag

Fonte: TV Globo

Duração:00:01'29"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Por causa da proximidade das festas de fim de ano, em Manaus, centenas de tartarugas foram apreendidas, hoje de madrugada.

Fátima: É a maior apreensão do ano no Amazonas.

Daniela em off: As 350 tartarugas tracajais e assais de vários tamanhos estavam em um barco que ia para Manaus. Os fiscais do Ibama encontraram ainda quase 700 ovos que também seriam comercializados. Oito homens foram presos.

Daniela: Eles vão responder pelo crime de transporte e maus tratos de animais silvestres com penas que podem chegar a até três anos de prisão.

Daniela em off: O tamanho dos bichos surpreendeu os fiscais. Uma tartaruga como a que foi apreendida mede mais de 90 centímetros, pesa mais de 50 quilos e hoje já é um animal raro. A carne de tartaruga é um prato típico da culinária local e as festas de fim de ano intensificam a procura e o comércio criminoso nos meses de novembro e dezembro.

Daniela: É justamente nessa época do ano que as tartarugas estão mais vulneráveis. A seca dos rios reduz o volume de igarapés e os animais acabam concentrados no leito do rio principal. As tartarugas sobem nas praias para a desova, o que facilita a captura. O Ibama intensificou a fiscalização ao longo de quase mil quilômetros do Rio Branco entre os Estados de Roraima e Amazonas e orienta a população a consumir animais de cativeiro.

Adilson Cordeiro, chefe da fiscalização do IBAMA/AM: Nós temos quase 200 mil animais autorizados para abate, para venda e abate no mercado de Manaus, cativeiros autorizados pelo Ibama, com ótimo sabor e preços até muito melhores.

Daniela: Os animais apreendidos nesta madrugada foram devolvidos à natureza. A operação Rio Branco deve continuar nas próximas semanas.

Daniela em off: No início da noite, os fiscais do Ibama encontraram mais 100 tartarugas num compartimento escondido do barco.

5)Data: 15.11.2007No Doc: RJ52-0032477
Título: Baleia encalha no rio Tapajós no Pará.
Local: Pará
Repórter: Imagens cedidas Ibama
Fonte: TV Globo
Duração: 00:00'10"
Matéria: Editada

Texto: Bonner: Uma baleia na floresta.

Fátima: A baleia, que seria da espécie Minsk, entrou no rio pelo Oceano Atlântico e percorreu uma grande distância até encalhar na Praia de Piquiatuba.

Bonner: No Pará, dezenas de ribeirinhos tentam salvar uma baleia que encalhou num banco de areia do Rio Tapajós. A baleia, que seria da espécie minsk, entrou no rio pelo Oceano Atlântico e percorreu uma grande distância até encalhar na Praia de Piquiatuba, na Floresta Nacional de Santarém, no oeste do estado.

Fátima: O Ibama enviou biólogos e veterinários ao local para tentar resgatar o mamífero - que está sofrendo com o calor e o sol forte.

6)Data: 08.11.2007No Doc:RJ52-0032403
Título: Fechamento de madeireiras ilegais na Floresta Amazônica.
Local: Colniza (MT)
Repórter: Renato Biazzi
Duração: 00:01'15"
Matéria: Editada

Texto: Bonner: A polícia e o Ibama fecharam 10 madeireiras que funcionavam no meio da Floresta Amazônica. Elas são acusadas de fraudar documentos para cortar ilegalmente madeiras nobres em Mato Grosso.

Renato em off: A polícia e o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) fecharam 10 madeireiras que funcionavam no meio da Floresta Amazônica. Elas são acusadas de fraudar documentos para cortar ilegalmente madeiras nobres em Mato Grosso. Em uma parte da Amazônia, a devastação avança ao ritmo de 2.168 hectares por mês, segundo os satélites do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). A vila madeireira conhecida como Três Fronteiras fica no município de Colniza, a 1,4 mil quilômetros de Cuiabá, na divisa com Rondônia e com o Amazonas.

Renato: Fiscais do Ibama e policiais civis levaram dois dias para chegar à vila. Eles encontraram irregularidades em todas as empresas. A maioria não tinha sequer licença para funcionar. No total, 10 das 12 serrarias fiscalizadas foram fechadas.

Renato em off: Algumas madeireiras apresentaram documentos que comprovariam a origem legal de parte da madeira. Fiscais e policiais acharam a documentação pouco convincente, principalmente depois de encontrar em frente a uma dessas madeireiras uma picada que leva a uma extensa área de desmatamento ilegal. O flagrante de desmatamento contradiz os documentos apreendidos pela polícia nos escritórios das empresas. Nos pátios, os fiscais encontraram o equivalente a 460 caminhões carregados de madeira sem origem conhecida.

Eduardo Engelmann, Coordenador da operação do Ibama: Isso, na verdade, fomenta e incentiva a extração ilegal, a exploração ilegal de várias propriedades aqui da região.

Renato: A maior parte da mercadoria apreendida estava em uma madeireira, multada em R\$ 5,5 milhões.

7)Data:02.10.2007No Doc: RJ52-0032043
Título: GREENPEACE faz imagens das queimadas e desmatamento na Floresta Amazônica.
Local: Amazônia
Repórter: Roberto Paiv
Fonte: TV Globo
Duração: 00:02'04"
Matéria: Editada

Texto: Bonner: Os ambientalistas do Greenpeace foram ao Mato Grosso e ao Pará, estados que concentram o maior número de queimadas, e concluíram que 90% do desmatamento são feitos de forma ilegal.

Fátima: Sobrevoar a Amazônia é testemunhar a destruição da floresta.

Roberto em off: Nuvens, só de fumaça. Os ambientalistas do Greenpeace foram ao Mato Grosso e ao Pará, estados que concentram o maior número de queimadas. Nos municípios de Colniza e Cotriguaçu, que ficam no norte de Mato Grosso, os ambientalistas viram o fogo sem controle avançar sobre a floresta. A situação é semelhante no sudoeste do Pará, onde percorreram estradas que levam às áreas de mata. Encontraram queimadas criminosas para formar novas pastagens.

Roberto: Os ambientalistas ainda sobrevoaram a Floresta Nacional do Jamanxim, em Novo Progresso. Do início do ano até agora, esta unidade de conservação já registrou 1.085 mil focos de calor, de acordo com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais.

Roberto em off: No Pará, as queimadas em áreas de floresta devem continuar até dezembro, quando começa o período de chuvas. Segundo um levantamento do Greenpeace, 90% do desmatamento na Amazônia é feito ilegalmente.

Roberto: Foram analisados os dados de seis dos nove estados que compõem a Amazônia – Amapá, Pará, Mato Grosso, Amazonas, Acre e Roraima. As informações de 2006 do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e das secretarias estaduais de Meio Ambiente mostram que a área de floresta autorizada para desmatamento nestes estados foi de 936 quilômetros quadrados. Já a estimativa do Ministério do Meio Ambiente é de que 9,6 mil quilômetros quadrados foram desmatados entre agosto de 2006 e julho de 2007. No total, 90% do que foi derrubado não tinha autorização.

Marcelo Marquesini, do Greenpeace: Nossas florestas públicas, na verdade, nossas terras públicas estão sendo invadidas. Como as áreas são griladas, praticamente, as pessoas que estão lá não conseguem autorização para desmatar, seguindo o que está na lei.

Roberto: O Ministério do Meio Ambiente não se pronunciou sobre o desmatamento.

8)Data: 19.09.2007No Doc: RJ52-0031926

Título: Queimadas criminosas na Floresta Amazônica no Pará

Local: Pará

Repórter: Roberto Paiva

Fonte: TV Globo

Duração: 00:01'58"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: A estiagem e a baixa umidade têm provocado incêndios nas matas do Brasil todo. Mas grande parte das queimadas é criminosa.

Fátima: O fogo sem controle avança sobre a floresta. Bombeiros sobrevoam o interior do Pará e encontram um cenário desolador. Depois de derrubar a mata, fazendeiros e pequenos produtores fazem as queimadas.

Roberto em off: Segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), o Pará é o estado que registrou o maior número de focos de calor no mês passado. Foram mais de cinco mil. Até áreas de preservação e terras indígenas vêm sendo destruídas. No município de São Geraldo do Araguaia, no sudeste do estado, o fogo já consumiu três mil hectares da terra indígena Sororó. Com a estiagem na região, a vegetação está seca e o vento se encarrega de espalhar o fogo que abriu clareiras na floresta.

Roberto: Na região vivem 300 índios suruí. Eles dizem que o incêndio também está matando animais que a tribo costuma caçar e temem ter dificuldades para encontrar alimentos.

Cacique, Marru Suruí: As pessoas que queimam não estão nem aí, não pensam no futuro deles. Nós índios pensamos no nosso futuro.

Roberto em off: No total, 40 índios e bombeiros estão na mata para tentar conter o incêndio que já dura mais de uma semana. Como alguns focos estão em áreas isoladas e de difícil acesso, só mesmo a chuva seria capaz de conter o avanço do fogo.

Roberto: Para a tribo, o incêndio é criminoso. A Fundação Nacional do Índio (Funai) vai pedir ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) para identificar os responsáveis.

Roberto em off: Ao lado da terra indígena, funcionários de uma fazenda não se intimidaram com a presença dos bombeiros e fizeram uma queimada.

9)Data: 28.08.2007 No Doc: RJ52-0031729

Título: Queimadas criminosas estão causando devastação na Floresta Amazônica

Local: Amazônia

Repórter: Roberto Paiva

Fonte: TV Globo

Duração: 00:01'26"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Queimadas criminosas, que se repetem ano após ano no período de seca, estão transformando a Floresta Amazônica em cinzas no sudoeste do Pará.

Fátima: É o que mostram os repórteres Reginaldo Gonçalves e Roberto Paiva.

Roberto em off: Os fiscais do Ibama estão a 1,7 mil quilômetros de Belém, no município de Novo Progresso, divisa do Pará com o Mato Grosso. Nesta época do ano, as queimadas arrasam a Floresta Amazônica. No sudoeste do Pará, a pecuária está diretamente ligada ao desmatamento. Fazendeiros põem fogo na mata e transformam a floresta em pasto para a criação de gado. Área que já foi de mata fechada, hoje, a vegetação queima o dia todo e não há quem combata os incêndios na região.

Roberto: A destruição ocorre em áreas de terras públicas. Propriedades ocupadas por forasteiros e que nunca foram regularizadas pelo Governo Federal.

Morador: Aqui não há título de terra, só posseiros

Roberto: Neste caos fundiário, uma das dificuldades é identificar o autor da queimada.

Vaqueiro, Francisco da Rocha Filho: Eu não sei quem fez fogo, não tava aqui no dia do fogo e não sei quem foi.

Roberto: Durante a operação, o Ibama detectou a destruição de 15 mil hectares de floresta e aplicou R\$ 3 milhões em multas. Os fazendeiros também serão processados.

Fazendeiro, Nilson Rodrigues: É lamentável, mas infelizmente a gente tem que assumir. Quando que o Ibama vai dar uma autorização de desmate sendo que nós não estamos documentados pelo Incra?

Fiscal do Ibama, Felipe Faizão: A gente vai fazer o encaminhamento de denúncia-crime, porque, além de ser uma infração ambiental, é um crime ambiental

10)Data: 27.07.2007No Doc: RJ52-0031432

Título: Operação do IBAMA contra invasão de madeireiros peruanos na Amazônia.

Local: Amazônia

Repórter: Jefson Dourado

Fonte: TV Acre

Duração :00:01'12"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Madeireiras peruanas exploram floresta no Acre

Fátima: Um pedaço da floresta amazônica está sendo saqueado por madeireiras instaladas em território peruano. Vejam na reportagem de Jefson Dourado

Jefson em off: No extremo oeste do país, clareiras na floresta confirmam a exploração ilegal. Durante uma operação do Ibama, em parceria com o Exército, a Polícia Federal e a Polícia Militar do Acre, foram identificados cerca de 70 pontos de exploração em uma área de 340 quilômetros de fronteira, onde estão o Parque Nacional da Serra do Divisor e uma reserva indígena. Durante uma semana, vários sobrevôos confirmaram a invasão do território brasileiro. Até uma estrada, aberta na floresta, é usada para retirar as toras de madeira.

Jefson: Só desta área, mais de mil metros cúbicos de árvore foram derrubados. As comunidades indígenas estão ameaçadas.

Márcio Vinícius de Oliveira, coordenador da operação: A água está contaminada. O peixe está com gosto ruim. E eles estão passando diversos problemas alimentícios diante da situação.

Jefson: Segundo os ambientalistas, os problemas ficam mais graves porque, do lado peruano da fronteira, o governo criou 21 áreas para exploração de madeira. Segundo o Ibama, as empresas desrespeitam os limites da fronteira e avançam em direção à floresta brasileira. Só nos últimos quatro anos cerca de 12 mil metros cúbicos de madeira foram apreendidos e destruídos na região.

11)Data: 15.06.2007 *DAU* No Doc: RJ52-0030972
Título: Expedição do IBGE acha a nascente do rio Amazonas no Perú.
Local: Peru e Rio de Janeiro
Repórter: Paulo Renato Soares
Fonte: IBGE e TV Globo
Duração: 00:01'45"
Matéria: Editada

Texto: Bonner: O IBGE divulgou hoje os resultados de uma expedição que busca a nascente do Rio Amazonas, no Peru.

Fátima: Com pelo menos 6,8 mil quilômetros, o instituto diz que o Amazonas é o maior rio em extensão do planeta, superando o Rio Nilo, na África.

Paulo Renato em off: Os pesquisadores viajaram 14 dias por um território cheio de desafios. Mais de cinco mil metros de altitude e um frio de -15°C. Tudo para chegar até o nevado Mismi, uma montanha no sul do Peru. É nesta região isolada e seca que nasce o rio com o maior volume de águas do mundo.

A expedição identificou dois lugares prováveis de onde brota o Amazonas. Só falta definir qual deles é o ponto exato da nascente.

Paulo Renato: Com os dados, o estudo vai por fim a uma antiga discussão: o Amazonas não nasce no norte do Peru, como muitos acreditavam e, sim, bem mais ao sul.

Paulo Renato em off: O rio corta praticamente todo o país vizinho, atravessa os estados do Amazonas e do Pará e deságua no Oceano Atlântico.

As novas informações não vão provocar mudanças só no curso do rio. Mapas e atlas terão que ser corrigidos, livros revistos e, nos bancos das escolas, os alunos terão mais uma aula de geografia.

Paulo Renato: O IBGE vai dividir os resultados com instituições internacionais.

Guido Gelli, diretor de Geociências do IBGE: Para conosco verificar, nos debruçar sobre essas imagens de satélite, enfim, permitir que todas as publicações de agora em diante tenham informações mais precisas que nos ajudem a conhecer um pouco mais o nosso planeta. O Rio Amazonas hoje já pode ser considerado, como é de fato, o mais extenso rio do planeta

12)Data: 02.06.2007 No Doc: RJ52-0030860
Título: Tráfico de animais silvestres na Amazônia
Local: Belém
Repórter: Roberto Paiva
Fonte: TV Globo
Duração: 00:01'51"
Matéria: Editada

Texto: Bonner: Na Amazônia, um crime que se repete: animais ameaçados de extinção são vendidos à luz do dia. A reportagem é de Roberto Paiva.

Caçador de pássaro: A gente faz tipo um campeonatozinho, quem pega mais

Roberto em off: O canto faz do curió uma das aves mais perseguidas no interior do Pará.

Caçador de pássaro: Domingo, nós fomos perto de Goianésia, peguei quatro, o menino pegou oito

Roberto: É proibido capturar e comercializar animais silvestres, mas em Abaetetuba, no nordeste do estado, existe até uma feira livre onde são vendidas carnes de capivara e de jacaré. Os feirantes sabem que a atividade é ilegal.

Feirante: A lei não permite, né?

Roberto em off: Os animais capturados no interior do Pará costumam ser transportados em barcos até Belém, de onde seguem em navios e aviões para os Estados Unidos e Europa.

Roberto: Para manter os bichos em silêncio durante a viagem, os traficantes agem com crueldade.

Veterinária do Ibama, Maria do Carmo Brígido: Perfuração de olhos, quebra de clavículas, de asas, quebra de dedos, arrancam as unhas dos animais.

Roberto em off: De cada dez animais traficados, apenas um chega vivo ao destino. Num porto às margens do Rio Guamá, que banha Belém, um homem oferece um filhote de preguiça.

Roberto: Nos bares da periferia, os animais à venda ficam dentro de sacos. - O que você tem agora pra vender?

Vendedor: jabuti.

Roberto em off: Numa rua, o vendedor oferece um bicudo, ave que está ameaçada de extinção.

Vendedor: Eu faço pra ti, com gaiola e tudo, R\$ 60.

Roberto: Os responsáveis pela Polícia Federal e pelo Ibama no Pará foram procurados, mas não gravaram entrevista. Para o pesquisador Alexandre Aleixo, do Museu Emílio Goeldi, falhas na fiscalização não são o único problema.

Pesquisador, Alexandre Aleixo: Se não houver conscientização, a educação ambiental é chave pra mostrar para as pessoas que esse tipo de coisa é inaceitável.

13) Data: 27.03.2007 No Doc: RJ52-0030302

Título: Estudo diz que o clima na Amazônia vai mudar por causa do aquecimento global.

Local: Amazônia, EUA

Repórter: Heloisa Villela

Fonte: TV Globo (satélite)

Duração: 00:01'21"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Um estudo divulgado pela Universidade de Wisconsin, nos Estados Unidos, alerta que o aquecimento do planeta vai criar um novo clima na Amazônia em menos de 100 anos.

Fátima: A reportagem é de Heloisa Villela.

Heloisa em off: Até o fim deste século, os dias serão mais quentes na Amazônia e vai chover mais nos meses de junho, julho e agosto. A floresta fica na região que tem as temperaturas mais altas do planeta. Com o aquecimento global, os trópicos terão um novo clima, ainda desconhecido na terra. A pesquisa da Universidade de Wisconsin não analisa como essa mudança afetará plantas e animais, mas diz que muitas espécies podem desaparecer.

Heloisa: Os cientistas fizeram as análises do clima levando em conta as emissões de gases que provocam o efeito-estufa. Chegaram à conclusão de que 39% da superfície do nosso planeta terão temperaturas mais altas até 2100 e que as zonas de climas mais quentes já estão se deslocando para os pólos.

Heloisa em off: Acompanhando a mudança, algumas espécies de animais já deixam as regiões em torno do Equador. Outras, que vivem em partes mais baixas das montanhas, sobem para fugir do calor.

Nos pólos, a transformação será mais radical. Quando o gelo derrete, ele pára de refletir os raios solares e a água se aquece mais rapidamente.

Heloisa: Os cientistas afirmam que quanto mais dióxido de carbono é lançado no ar, maior é o risco de que sistemas climáticos desapareçam para sempre da terra.

14) Data: 13.03.2007 No Doc: RJ52-0030159

Título: Seca no norte da Amazônia e enchente no sul da região.

Local: Amazônia

Repórter: Sergio Yano (pseudônimo)

Fonte: TV Globo

Duração: 00:01'40"

Matéria: Editada

Texto: Fátima: A Amazônia sofre com o desequilíbrio climático.

Sérgio em off: A seca intensa que atinge o norte do Amazonas já impede a navegação de barcos maiores nos rios da região, mas a situação é a oposta no sul do estado. O nível dos rios sobe a cada 24 horas e inunda a floresta. É o período de cheia na Amazônia, situada abaixo da linha do Equador. Na parte norte, o cenário é oposto: rios secos e estiagem. Dois sistemas diferentes numa região marcada pelo contraste climático. De dezembro a maio é a época de cheia na parte sul. O período de seca começa em junho e vai até novembro. No norte, acontece o contrário: estiagem no verão e no outono, e chuva no inverno e na primavera.

Sérgio: A situação foi agravada este ano com a influência do fenômeno El Niño na região norte, onde choveu apenas metade do previsto para o mês de fevereiro.

Geólogo, Marco Oliveira: Convergindo com o período já de verão no hemisfério norte, provocando, então, acentuada estiagem na bacia do rio Negro e também baixo nível dos seus rios

Sérgio em off: A seca deste ano é tão intensa que transformou vários trechos de rios caudalosos da bacia amazônica em vales de praias e pedras.

Sérgio: Em alguns, é possível andar por até um quilômetro. Hoje, navegar sobre o rio Negro é quase impossível, apenas pequenas canoas se arriscam navegar.

Canoeiro, Antônio Martins: É um risco porque pode perder toda a carga, pode perder motor e tudo.

Sérgio em off: Em Roraima, o rio Branco está dois metros abaixo do nível normal para esta época do ano. A intensidade da seca, que aumenta o número de focos de incêndio na mata, é vista como mais um recado da natureza de que o clima na Amazônia está fora de equilíbrio.

Meteorologista, Ricardo de la Rosa: O aquecimento global é inequívoco. Ele está ocorrendo e ele é mais energia disponível a esses processos.

15)Data: 06.03.2007No Doc:RJ52-0030083

Título: Seca prejudica a navegação dos rios amazônicos.

Local:Amazônia

Repórter: Sérgio Yano Yano (pseudônimo)

Fonte: TV Globo

Duração: 00:01'29"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: A seca e a fome na Amazônia

Fátima: Mais de 400 comunidades do Amazonas estão isoladas pela seca, que impede a navegação nos rios.

Sérgio em off: Quinze dias de estiagem mudaram a paisagem no noroeste do Amazonas. Basta um sobrevôo para constatar o avanço das praias no leito dos rios. Muitos secaram ou viraram córregos.O Rio Negro está três metros abaixo do nível normal para esta época do ano. Com os bancos de areia à mostra, a navegação torna-se um risco. A falta de chuvas no alto Rio Negro já impediu totalmente a passagem de barcos na região, o principal meio de transporte na área. Por isso, mais de 400 comunidades ribeirinhas estão isoladas.

Sérgio: Em São Gabriel da Cachoeira e Santa Isabel do Rio Negro há racionamento combustível. A única usina geradora de energia de Santa Isabel pode parar a qualquer momento. As aulas na rede pública também porque a merenda escolar ainda não chegou à cidade. Em uma aldeia indígena, a 1,2 mil quilômetros de Manaus, índios Tukanos e missionários começaram o racionamento de comida.

Missionária, Ângela Silva: Perto de um mês que não temos um barco que chegue até aqui.

Sérgio: Em fevereiro só choveu na região a metade do volume previsto. Segundo o geólogo Marco Oliveira, por influência do fenômeno El Niño.

Geólogo, Marco Oliveira: O El Niño vem atuando desde abril de 2006 e agora, no final do ano, ele vem declinando na sua intensidade. Porém os efeitos aqui na região continuam perdurando. Isso provoca na região um clima mais seco

Sérgio: Equipes da Defesa Civil do Amazonas seguem amanhã para o alto Rio Negro. Vão traçar um plano de ajuda às comunidades atingidas pela estiagem.

16)Data:24.02.2007No Doc:RJ52-0030011

Título: Pesquisadores estudam pássaros que correm risco de extinção na Amazônia.

Local: Amazônia

Repórter: Daniela Assayag

Fonte: TV Globo

Duração: 00:01'43"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Pesquisadores investigam no Amazonas mais um efeito perverso da destruição do meio ambiente.

Fátima: Algumas espécies de pássaros estão desaparecendo.

Graziela em off: O canto do irapuru é um dos mais raros da Amazônia. E outras dezenas de espécies de aves estão desaparecendo de reservas extrativistas, como uma que fica em uma região a 80 quilômetros de Manaus. Ilhas de floresta no meio da pastagem começaram a ser mantidas há 30 anos.

Graziela: São usadas como laboratórios para estudos sobre o meio ambiente.

Biólogo, Gonçalo Ferraz: Pretendemos com a informação daqui aprender e entender o que está acontecendo em outros lugares da Amazônia em que a destruição é mais rápida e mais intensa e prever o que pode acontecer em outros lugares.

Graziela em off: Para estudar o comportamento das espécies, os biólogos já capturaram mais de 50 mil aves nas últimas décadas. Agora, em vez de redes para capturas de aves, são usados pesquisadores treinados na catalogação de sons. As gravações depois são analisadas em laboratório, para a identificação das espécies. O método deixa a pesquisa mais ágil. Um maior número de pássaros pode ser identificado em um menor espaço de tempo.

Graziela: Os pesquisadores já sabem que essas pequenas reservas podem não ser ideais. Eles dizem que o desaparecimento dos pássaros pode estar relacionado à alta mortalidade de árvores em áreas reduzidas.

Biólogo, Henrique Nascimento: No fragmento floresta, essas árvores morrem em uma taxa muito mais elevada, em média três vezes maior do que na condição natural

Graziela em off: E a ausência dos pássaros também interfere na floresta. São eles que dispersam sementes e comem os insetos.

Graziela: Ou seja, a principal conclusão da pesquisa é que nem tanto o isolamento, mas o tamanho das reservas é fundamental para a manutenção das espécies.

17)Data: 21.02.2007 No Doc: RJ52-0029984

Título: Lançamento da Campanha da Fraternidade da CNBB sobre a Amazônia.

Local: Belém

Repórter: Roberto Paiva

Fonte: TV Globo (satélite)

Duração: 00:02'41"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: A Amazônia é o tema da campanha da fraternidade deste ano, que começou hoje.

Fátima: A CNBB inovou, no lançamento, realizado fora de Brasília, em plena floresta.

Roberto em off: O local escolhido para o lançamento da campanha foi a Ilha do Combu que fica em frente à cidade de Belém. Lá, vivem ribeirinhos como Edma Carvalho, que ajuda o marido na produção de açaí.

Roberto: Com o avanço do desmatamento, a cada safra fica mais difícil encontrar o fruto na mata.

Ribeirinha, Edma: Eu tenho bastante medo porque isso aqui é o nosso meio de sobrevivência praticamente.

Roberto em off: A Amazônia é formada por nove estados e concentra quase 60% do território brasileiro. Segundo o Imazon, Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia, a floresta já perdeu quase 20% do seu tamanho original - 700 mil quilômetros quadrados foram derrubados, uma área do tamanho dos estados do Maranhão, Piauí, Pernambuco e Sergipe.

Roberto: A Igreja está preocupada com o povo da Amazônia que sofre com a violência no campo e com a destruição da floresta. A Campanha da Fraternidade deste ano propõe discutir com todos os brasileiros os problemas sociais e ambientais da região. O secretário geral da CNBB cobrou mais ação do Governo Federal para conter o desmatamento.

Dom Odilo Scherer, secretário-geral da CNBB: Que as áreas destinadas à agricultura e à pecuária sejam estritamente delimitadas e não se permitam o avanço descontrolado para as áreas não destinadas para isso, de maneira que depois se chegue quando o problema já está instalado e que se chegue tarde, depois que a floresta já está derrubada e queimada.

Roberto: A ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, que foi a Belém para a abertura da campanha, disse que o governo vem se esforçando para proteger a floresta.

Ministra do Meio Ambiente, Marina Silva: O grande esforço que se está fazendo é para que não se tenha mais avanço sobre a floresta para converter a floresta em plantio de grãos. A maior parte da madeira que é produzida na Amazônia não conta com plano de manejo.

Roberto: Parte da população vive da extração ilegal de madeira. Todos os dias, Mauro transporta toras sem nenhuma documentação.

Lenhador, Mauro: Tem não, a gente trabalha de empregado.

Roberto em off: Durante a abertura da campanha foi apresentado um vídeo em que o presidente da CNBB, dom Geraldo Majela, fez a leitura da mensagem enviada pelo Papa Bento XVI. Ele fala na defesa da vida e na evangelização dos povos da Amazônia

Dom Geraldo (em imagem do telão): *'E crie condições favoráveis para a descoberta e o crescimento da fé de toda a população amazônica'*

Roberto: A Amazônia também precisa de paz. Quem luta contra o desmatamento costuma ser ameaçado de morte. É o caso de um ambientalista que já foi premiado no exterior por defender o Meio Ambiente.

Ambientalista: É importante continuar nessa luta por que o que a gente ta garantindo é o futuro da humanidade nesse planeta.

18)Data: 07.02.2007 No Doc:RJ52-0029858

Título: Extração ilegal de madeira em reserva indígena do Pará

Local: Pará

Repórter: Roberto Paiva

Fonte: TV Globo

Duração: 00:02'05"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Mais um crime contra a floresta Amazônica

Fátima: Madeireira ilegal em reserva indígena do Pará.

Roberto em off: Na estrada que leva à reserva, caminhões circulam carregados de madeira ilegal.

Madeireiro: Não tem documento não

Roberto em off: A reserva indígena Alto Rio Guamá fica na divisa do Pará com o Maranhão. Lá, índios Tembés vivem numa área de 280 mil hectares - cercada por madeireiras. Esta é a última floresta que restou no nordeste paraense - umas das regiões mais devastadas da Amazônia.

Roberto: Mas a mata que pertence aos índios também vem sendo destruída. Em Nova Esperança do Piriá, a equipe do JN entrou na reserva no momento em que chegavam máquinas para derrubar a floresta.

Rapaz: Tem muito madeireiro aí pra dentro.

Roberto: Sem nenhuma fiscalização, os caminhões avançam pelas estradas clandestinas. Os motoristas sabem que estão cometendo um crime ambiental.

Roberto: Sabe que isso aqui é uma reserva?

Motorista de caminhão: Sei.

Roberto: E mesmo assim tira a madeira?

Motorista de caminhão: É, se não tiver isso aí o jeito é roubar.

Roberto: Os índios denunciam os próprios colegas. Dizem que parte da tribo recebe dinheiro de um grupo de madeireiros da região para permitir a retirada das árvores.

Cacique, Edinaldo Tembé: Sabemos que o madeireiro chega na aldeia ofertando dinheiro, dizendo que é o momento da gente ganhar dinheiro com a venda de madeira e que tem índio envolvido.

Edna Ferreira, engenheira agrônoma da Funai: Os índios estão sim sendo aliciados diretamente por madeireiros.

Roberto: A Funai alega que a situação é resultado da ausência de fiscalização na área.

Paulo Diniz, gerente do Ibama: A dificuldade é a falta de pessoal em número e estrutura para fazer isso.

Roberto: O cacique levou a denúncia à Polícia Federal. Mas segundo o superintendente, ainda há um outro problema: traficantes estariam plantando maconha na reserva e a polícia também não tem estrutura para prender a quadrilha.

José Sales, Superintendente da Polícia Federal: É necessário o emprego de helicóptero naquela região para combater esse plantio de maconha porque se a polícia chegar por via terrestre, além do perigo de emboscada, as pessoas fogem.

Sinopse: Caminhão carregado de troncos em estrada de terra de reserva indígena/ entrevista motorista do caminhão falando que a madeira não tem documento/ estrada de acesso da Reserva Indígena do Alto Rio Guamá/ mapa da reserva/ (take) de madeireira/ (take) de área desmatada na reserva/ mapa da reserva da Nova Esperança do Piriá/ máquinas de madeireira na reserva/ entrevista com motorista do trator falando que derruba árvore/ caminhão de toras em estrada clandestina/ entrevista motorista falando que sabe que está cometendo um crime ambiental/ fala que se não tirar madeira vai ter que roubar/ (stup) repórter

Roberto Paiva/ entrevista cacique Edinaldo Temb  falando que ganha muito dinheiro com a venda ilegal de madeira da reserva/ entrevista Edna Ferreira, Engenheira Agronoma da FUNAI/ entrevista Paulo Diniz, gerente do IBAMA , falando da falta de fiscaliza o na área/ (take) da reserva indígena onde também estava sendo plantada maconha/ entrevista José Sales da Polícia Federal.

19)Data: 25.01.2007 No Doc:RJ52-0029742

Título: Estudo do Impacto da aço do homem sobre a Floresta Amazônica.

Local: Amazônia

Repórter: Daniela Assayag

Fonte:TV Globo

Dura o: 00:01'51"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: O Ministério do Meio Ambiente e o IBGE divulgaram hoje mapas temáticos da Amazônia Legal.

Fátima: Eles são o resultado de um estudo minucioso da região e dos impactos da aço do homem sobre a floresta.

Daniela em off: A Amazônia Legal representa 59% do território nacional. Tem 775 cidades onde vivem mais de 20 milhões de pessoas. Os mapas divulgados hoje são uma radiografia detalhada do censo feito na região em 2000 e apresentam novas estatísticas. Em Rondônia, o desmatamento já atinge 28,5% da área total do estado. O Amapá está na outra ponta: teve apenas 0,5% do território desmatado. Segundo a pesquisa, a derrubada da floresta ocorre, principalmente, ao longo de rodovias federais, como a Transamazônica e as BRs 163 e 364 e está diretamente relacionada à expansão da pecuária, da soja e do garimpo. Os mapas mostram também quais são as áreas com maior potencial agrícola, as que devem ser recuperadas ou ter o uso controlado.

Daniela: Pela 1  vez um número tão grande de informa es sobre a Amazônia   reunido em um único documento. Os mapas permitem visualizar os impactos das a es do homem sobre natureza, como abertura de estradas e garimpos, e planejar o uso da região para os próximos anos.

Chefe do IBGE no Amazonas, Carlos Simonaio: São dados científicos, que não são percep es, do que aconteceu de errado com essa ocupa o e o que a gente pode corrigir para que isso não aconteça na área como um todo. Para que não haja devasta o, não haja os problemas de distribui o mal feita de popula o e distor es sociais.

Daniela em off: O uso planejado dos recursos naturais da região é apontado como uma soluço ecológica e econômica. A cria o de unidades de conserva o como Mamirauá, no Amazonas, e de reservas extrativistas como a Chico Mendes, no Acre, são exemplos bem-sucedidos de desenvolvimento sustentável. Para os povos da floresta, mantê-la de p    questão de sobrevivência.

NOTÍCIAS JORNAL NACIONAL 2008

1)Data: 13.12.2008No Doc: RJ:52-0035825

Título: Opera o do IBAMA descobre novas áreas de desmatamento na Floresta Amazônica em Mato Grosso.

Local: Cuiabá

Repórter: Jonas Campos

Fonte: TV Globo

Dura o: 00:00'10"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Numa opera o realizada esta semana, o Ibama descobriu novas áreas de desmatamento numa das regiões mais exploradas da Amazônia.

Fátima: No computador, as fotos de satélite indicavam as áreas de desmatamento. Com os dados em mãos os fiscais chegavam aos locais de explora o ilegal.

Jonas em off: Do alto, a imagem impressiona. Extensas áreas foram devastadas. O avanço sobre a Floresta Amazônica continua em ritmo acelerado, em Colniza Norte, de Mato Grosso, região que está na lista das mais destruídas.

Jonas: No local, o exemplo de como acontece a exploração ilegal. Primeiro o infrator retirou as árvores de maior valor comercial. Depois, tocou fogo. Foram desmatados 15 mil hectares de floresta em um ano. O Ibama diz que existem grupos armados na região.

Eduardo Engelmann, da fiscalização do Ibama: As pessoas ocupam a área, derrubam a floresta, vendem a madeira e, depois, iniciam a atividade pecuária

Jonas em off: Durante a operação, foram aplicados R\$ 69 milhões em multa. A madeira apreendida equivale ao corte ilegal de, pelo menos, dez mil árvores.

Jonas: Os infratores agora vão ter que dar explicações também à Polícia Federal. Há indícios de que eles usavam documentos fraudados para legalizar a madeira roubada da floresta.

Delegado Federal, Franco Perazzoni: “Existe a movimentação e venda de créditos fictícios. A pessoa cria os créditos de madeira para poder possibilitar que a extração ilegal de madeira em determinada área seja ‘esquentada’ e possibilitar a revenda desse produto florestal.

Jonas: Numa outra ação no município de Nova Ubiratã o Ibama fechou oito serrarias, dentro de um assentamento. Seis não possuíam autorização para funcionar.

Bonner: No portal Globo Amazônia há outras informações sobre a região e você também pode deixar registrado o seu protesto contra o desmatamento.

2)Data: 01.12.2008No Doc: RJ:52-0035733

Título: Plano do governo para reduzir o desmatamento no Brasil em mais de 70% em menos de uma década

Local: Brasília

Repórter: Cristina Serra

Fonte: TV Globo

Duração: 00:01'40"

Matéria: Editada

Texto:Bonner: Governo anuncia plano para reduzir desmatamento no Brasil.

Fátima: Diminuição deve chegar a 72% até 2017. Projeto pretende, também, dobrar a área de florestas plantadas em 12 anos e aumentar o uso de etanol e de biodiesel.

Cristina em off: Foi anunciado nesta segunda-feira, em Brasília, o plano do governo para reduzir o desmatamento no Brasil em mais de 70% em menos de uma década. É a primeira vez que o governo fixa metas para reduzir a emissão de gás carbônico, o principal entre os que provocam o efeito estufa e contribuem para o aquecimento do planeta. No Brasil, a emissão de carbono ocorre, principalmente, por causa do desmatamento. Por isso, o plano prevê metas graduais de redução do corte de árvores na Amazônia.

Cristina: A diminuição deve chegar a 72% até 2017. A cada quatro anos, as metas de redução variam de 30% a 40%. Com isso, o governo pretende evitar a emissão de quase cinco bilhões de toneladas de carbono. Ambientalistas criticaram o plano.

Diretor da Amigos da Terra, Roberto Ismeraldi: Na atualização do plano, em janeiro ou fevereiro de 2010, vão entrar metas para redução do desmatamento nos outros biomas

Cristina em off: O projeto pretende, também, dobrar a área de florestas plantadas em 12 anos, aumentar o uso de etanol e de biodiesel.

Cristina: O presidente Lula disse que é preciso reforçar a fiscalização para que o plano tenha sucesso.

Pres. Lula da Silva: Eu e Carlos Minc vamos ter com o ministro da Justiça para ver se a gente consegue criar uma polícia nacional para cuidar da questão ambiental ou uma polícia florestal. Alguma coisa nós vamos ter que fazer, porque não adianta a gente querer preservar, fazer um plano se depois tem um fiscal do Ibama com um carrinho sem gasolina e, muitas vezes, sem nenhuma segurança

Bonner: Na cerimônia, o presidente Lula encomendou estudos para evitar que se repita a tragédia provocada pela chuva em Santa Catarina.

3)Data: 14.11.2008No Doc: RJ:52-0035590

Título: Série Fronteiras da Amazônia –

Tabatinga a cidade amazônica vítima do narcotráfico

5ª e última Reportagem.

JN Especial: O trabalho junto as populações ribeirinhas.

Local: Tabatinga e Letícia no Peru.

Repórter: Cristina Serra

Fonte: TV Globo
Duração: 00:04'43"
Matéria: Editada

Texto: Fátima: Tabatinga é uma cidade na Amazônia vítima do narcotráfico

Bonner: Na fronteira com a Colômbia e o Peru, vive um novo ciclo de violência. O governo colombiano reforçou o policiamento por causa das Farc e os traficantes acertam contas em território brasileiro. O Jornal Nacional está exibindo, nesta semana, uma série de reportagens sobre as fronteiras da Amazônia. Na última etapa desta viagem, de 15 mil quilômetros, Luiz Quilião e Cristina Serra encontraram uma cidade sitiada pela violência do narcotráfico.

Cristina em off: Bem-vindo à capital brasileira das motocicletas: Tabatinga, extremo oeste do Amazonas, a 1,1 mil quilômetros de Manaus, fronteira com Letícia, na Colômbia.

Cristina: Do lado brasileiro, poucos cumprem as normas de segurança. Motoqueiro com capacete é coisa rara, mas, do lado colombiano, a falta do acessório dá multa e apreensão da moto. Por isso, os brasileiros já sabem o que fazer quando precisam ir para o lado de lá: alugam o capacete a R\$ 1 por hora.

Agricultor, Davi Guerra: O lado de lá é muito rígido. Então, a gente tem que respeitar

Cristina em off: As motos são compradas em Letícia, que é zona de livre comércio, com isenção de impostos. Sai muito mais barato do que no Brasil. Com a falta de fiscalização, entram em Tabatinga sem pagar imposto à Receita Federal. Mas este é apenas o lado mais pitoresco de uma teia de ilegalidades neste distante pedaço do Brasil.

Cristina: Basta dar alguns passos para deixar Tabatinga, no estado do Amazonas, Brasil, e entrar em Letícia, capital do estado também chamado Amazonas, na Colômbia. A mudança de país é quase imperceptível. De todas as fronteiras que visitamos, esta é a mais fácil de atravessar. É também a mais explosiva e perigosa.

Cristina em off: De repente, no meio da tarde, a cidade pára. A Polícia Federal bloqueia a fronteira. Carros e pessoas suspeitas são revistados. O motivo: um agente da Polícia Federal peruana e um informante dele foram executados a tiros na porta de um hotel.

Cristina: O agente peruano trabalhava em uma operação conjunta com a Polícia Federal brasileira, que investiga a maior quadrilha de traficantes na tríplice fronteira, entre Brasil, Colômbia e Peru. No mesmo dia, os agentes chegaram ao suspeito do assassinato. Tabatinga vive um novo ciclo de violência. O governo colombiano reforçou o policiamento em Letícia por causa das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc). Com a segurança ostensiva, os traficantes fazem os acertos de contas das quadrilhas em território brasileiro.

Jornalista, Graciela Fell: Esses assassinatos à luz do dia acontecem bastante, são muito comuns, principalmente, com peruanos e colombianos. O pessoal vem embora, atravessa a fronteira e mata no Brasil.

Cristina em off: Uma rotina que aterroriza a população. A vastidão da fronteira e a extensão dos rios facilitam a atuação do crime organizado. Como parte do combate ao tráfico, a polícia faz operações-surpresa durante a noite nos barcos de passageiros. Os agentes revistam camarotes e até a cabine de comando. Eles verificam bagagens e documentos. O alvo de uma operação como esta é o chamado "tráfico formiguinha". Os policiais revistam a bagagem dos passageiros em busca da droga que pode estar camuflada sob as mais diversas formas.

Cristina: Um dos agentes encontra material suspeito: é pasta base de cocaína. Quase um quilo, o suficiente para produzir dez quilos de pó. A mulher que transportava a droga é algemada e levada para o posto flutuante da Polícia Federal, no Rio Solimões. O delegado Mauro Sposito, coordenador de Operações de Fronteira, acredita que uma presença mais abrangente do estado, não apenas repressiva, pode ajudar a reduzir a criminalidade neste pedaço da fronteira.

Delegado Mauro Sposito, coordenador de Operações de Fronteira: Se nós tivermos alternativas de subsistência para essa população, não vamos acabar com o tráfico de drogas, mas nós vamos minimizar esse quadro e vamos ainda oferecer àqueles que não têm alternativa, solução para sair do problema. Nós temos que ter o estado presente, o estado controlando, para que a gente tenha conhecimento do que está ocorrendo neste continente, que é a Amazônia.

Bonner: O Código Brasileiro de Trânsito prevê multa e suspensão da carteira de habilitação para o motociclista flagrado sem capacete.

4)Data:13.11.2008No Doc:RJ:52-0035577

Título: Série: Fronteiras da Amazônia –
Os desafios dos militares na Amazônia –

4ª Reportagem: Os problemas que os militares enfrentam na fronteira.

Local: São Gabriel da Cachoeira, Cucuí, Venezuela e Colômbia.

Repórter: Cristina Serra

Fonte: TV Globo

Duração: 00:05'29

Matéria: Editada

Texto: Bonner: O Jornal Nacional está exibindo, nesta semana, uma série de reportagens sobre as fronteiras da Amazônia.

Fátima: Nesta quinta, os repórteres Luiz Quilião e Cristina Serra mostram o desafio dos militares na fronteira com a Venezuela e Colômbia e as muitas faces de um Brasil isolado na imensidão da floresta.

Cristina em off: Está na cara. São Gabriel da Cachoeira é a capital indígena do Brasil. O visitante recebe as boas vindas em baníwua, em baré, em tucano e em muitas outras línguas das nações indígenas que povoam a região. A cidade, a 860 quilômetros de Manaus, é o nosso ponto de partida rumo a uma das regiões mais remotas da Amazônia. Seguimos num barco do Exército, acompanhando a tropa que vai para o pelotão de fronteira em Cucuí. Serão 36 horas de viagem subindo o rio Negro.

Cristina: O comandante do Braço Forte, Felipe Garrido, navega por essas águas há 30 anos. Conhece cada palmo do rio.

O comandante, Felipe Garrido: Vamos passar bem pertinho de uma pedra, quem não conhece bate.

Cristina: No barco, a família do sargento Djalma Balthazar. Ele, a mulher Mayara, a filha Mirella, e o caçulinha Breno deixaram o Rio de Janeiro em direção a uma vida nova.

Sargento, Djalma Balthazar: A gente vem em missão, a gente tem que cumprir.

Cristina em off: Nas comunidades ribeirinhas ao longo do caminho, aldeias indígenas com um pé na modernidade.

Cristina: A tecnologia, no entanto, não resolve as carências mais básicas dessas populações.

Soldado: Como a gente vai passar a noite aqui, não tem condições de fazer um atendimento médico.

Cristina em off: Pedro bateu a cabeça numa pedra e enfrenta o curativo com valentia. O médico conta que pediu transferência do Recife para a Amazônia. Quer ajudar onde acha que será mais necessário. A TV quebra o silêncio da noite, trazendo notícias de um Brasil distante. Amanhece no rio Negro e já começa a rotina dentro e fora do barco. Chegamos em Cucuí ao entardecer. O povoado fica no limite entre a tríplice fronteira com a Venezuela e a Colômbia.

Cristina: No dia seguinte, reencontramos Balthazar e Mayara arrumando a casa nova. O Breno já parecia bem à vontade no meio da bagunça, mas e o Rio de Janeiro que ficou lá longe?

Nayara: Ainda não deu para cair a ficha. É um desafio, mas o que pesa muito é a saudade.

Cristina em off: Desafio é o que não falta por aqui. O pelotão tem 66 militares. Eles recebem treinamento de combate e sobrevivência na selva. Nas operações, cada um leva 17 quilos de equipamentos.

Soldado: Com nosso material de sobrevivência, a gente pode ficar por tempo indeterminado na selva. Nós temos instrução para obtenção de alimento de origem animal e vegetal, obtenção de água e fogo, que são as necessidades básicas para a gente sobreviver

Cristina: Na fronteira, o Exército tem poder de polícia. As maiores preocupações são o combate ao tráfico de drogas e o monitoramento dos terroristas das Farc, a guerrilha colombiana que tem duas frentes perto do território brasileiro. Qualquer barco suspeito é fiscalizado de dia ou de noite.

Cristina em off: O trânsito de embarcações na tríplice fronteira é proibido depois das 18h. Os barcos têm que ancorar e esperar para seguir viagem depois das 6h. A fiscalização seria fácil se todos obedecessem as regras. Quem tem o que esconder e quer passar sem despertar suspeitas espera o anoitecer. Por isso, a vigilância na fronteira tem que ser permanente. Com o comandante do pelotão, visitamos os dois marcos da fronteira, fixados na década de 30. Na Venezuela, fomos ao pelotão Chaparro, com 22 militares do Exército de Hugo Chávez. A relação entre os vizinhos é de camaradagem, a tal ponto que os venezuelanos guardam a comida no pelotão brasileiro, porque não têm freezer. Próxima parada, Guadalupe, na Colômbia. As Farc ocuparam a área em 1997. Num hotel fazenda abandonado, encontramos apenas um morador, José Guevara.

Cristina: Ele conta que hoje os guerrilheiros aparecem de forma esporádica, porque o Exército colombiano tem feito operações na região.

Morador, José Guevara: Eles ficam um pouco e voltam para a selva, para seus acampamentos

Cristina: Para o general Antônio Mourão, comandante da Segunda Brigada de Infantaria de Selva, quando deu esta entrevista, o Exército precisa dar melhores condições para os militares que trabalham nas fronteiras da Amazônia.

General, Antônio Mourão: Nós temos que ter embarcações velozes, capazes de transportar no mínimo um grupo de combate com eficiência, com armamento que proteja esse grupo de combate e também temos que ter aviões que nos permitam estar constantemente sobrevoando a região, porque aqui se mata um leão por dia para que essas coisas ocorram.

Bonner: Missões e histórias deste imenso coração amazônico.

5)Data:12.11.2008No Doc:RJ:52-0035568

Título: Série: Fronteiras da Amazônia

Brasileiros contrabandeam combustível venezuelano

3ª Reportagem

Amazônia: o comércio ilegal de combustível na fronteira Brasil/Venezuela

Local: Roraima / Boa Vista / Pacaraima / Santa Helena de Uairén

Repórter:Cristina Serra

Fonte:TV Globo

Duração:00:03'27"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: O que mais atrai brasileiros para a vizinha Venezuela é o preço do combustível, muito mais barato do que no Brasil. Muitos em Pacaraima, vivem do contrabando subornando soldados venezuelanos.

Fátima: As queimadas também foram encontradas pelos repórteres Cristina Serra e Luiz Quilião no norte do Brasil, em Roraima. Na série de reportagens sobre as Fronteiras da Amazônia que o Jornal Nacional apresenta nesta semana, eles vão mostrar um mundo clandestino entre o Brasil e a Venezuela.

Cristina em off: As queimadas iluminam os campos de Roraima nas primeiras horas da madrugada. De Boa Vista, seguimos pela BR-174 até Pacaraima. São 210 quilômetros até a fronteira com a Venezuela. Pacaraima é pouco mais que um povoado à beira da estrada e com forte influência do que acontece no país vizinho. Já na chegada, os cambistas abordam os visitantes, oferecendo a troca de reais pela moeda venezuelana, o bolívar. O câmbio, sem nenhum registro, é feito na rua, à vista de todos.

Morador: A federal dá muito em cima disso porque isso aqui é câmbio negro

Cristina: O que mais atrai os brasileiros para a vizinha Venezuela é o preço do combustível, muito mais barato do que no Brasil. Mal o dia amanhece e os motoristas começam a formar uma fila para se abastecer no posto da fronteira.

Cristina em off: É tanta gente para encher o tanque que, para evitar tumulto, soldados do Exército venezuelano fazem a segurança do posto. O litro da gasolina sai pelo equivalente a R\$ 0,90, quase um terço do preço de Roraima. Mas, segundo a Polícia Federal, muita gente em Pacaraima vive do contrabando de combustível. Em um depósito, dezenas de carros apreendidos com os tanques adulterados para aumentar a capacidade.

Cristina: Um homem, que pede para não ser identificado, confirma que os motoristas voltam várias vezes ao posto para abastecer. Basta pagar propina para os soldados.

Homem: Conforme a propina, você abastece dez vezes, o tanto que quiser.

Cristina: Para quem vocês pagam a propina?

Homem: Para os comandantes que ficam no posto.

Cristina: Do Exército da Venezuela?

Homem: Sim.

Cristina: Quando voltam a Roraima para revender a gasolina, os contrabandistas guardam o combustível em galões, chamados de carotes, e têm que pagar mais propina para armazenar o estoque. Essa gasolina fica guardada aonde?

Homem: Nas malocas dos índios embaixo.

Cristina em off: É assim todos os dias, o dia inteiro. A Polícia Federal sabe que muitos vão contrabandear o combustível, mas diz que não tem pessoal para fiscalizar todos os carros. De Pacaraima, são mais 15 quilômetros até Santa Elena de Uairén, do lado venezuelano, uma área de livre comércio, que atrai aquele tipo de turista que adora fazer umas comprinhas.

Cristina: Tudo aqui é mais barato e pode ser pago em real.

mecânico Getúlio Berméu: Eu quero saber quanto custa em real.

Dono da loja: Sai R\$ 525.

Cristina em off: Para não perder a venda, o comerciante facilita o câmbio.

Dono da loja: Aceitamos o real a 2000. Dois por um.

Cristina em off: Seja pelas compras ou pela paisagem da grande savana, quem vai a Santa Elena não perde a viagem. Na estrada, uma surpresa: a quebrada do jaspe. Escondida na vegetação, a cachoeira deságua em uma plataforma de pedra vermelha, o jaspe. Um capricho que a natureza esculpiu durante milênios e deu de presente para os visitantes.

6)Data: 11.11.2008No Doc:RJ:52-0035555
Título: Série: Fronteiras da Amazônia –
Ponte é construída na fronteira entre Brasil e Guiana
2ª Reportagem
Amazônia: a vida na fronteira entre Brasil e Guiana
Local: Bonfim
Repórter: Cristina Serra
Fonte: TV Globo
Duração: 00:04'29"
Matéria: Editada

Texto: Boner: O Jornal Nacional exhibe, nesta semana, uma série de reportagens sobre as fronteiras da Amazônia

Fátima: Nesta terça-feira, os repórteres Cristina Serra e Luiz Quilião mostram a vida na região que separa o Brasil da República da Guiana.

Cristina em off: No caminho que nos levará aos confins de Roraima, uma Amazônia diferente: é o lavrado, campos tão vastos que se perdem no horizonte. Pela BR-401, chegamos em Bonfim, a 120 quilômetros de Boa Vista, fronteira com Lethem, na República da Guiana, ex-colônia britânica. Bonfim tem 10,5 mil moradores, boa parte deles indígenas. As mulheres são da etnia macuxi, mas a conversa é em inglês.

Cristina: A índia mais velha, Suzane, mora na Guiana. Veio visitar as filhas e os netos, que moram no Brasil. Os macuxis se espalham pela região sem se importar com os limites entre os dois países, mas Suzane prefere morar na Guiana.

Índia Suzane: Meus pais vivem lá e tenho que cuidar deles. Eu pertencço à Guiana.

Cristina: Para muitos moradores de Bonfim, o futuro da cidade é a ponte em construção na fronteira.

Moradora: Acho que vai ter mais emprego porque a maioria dos jovens precisa de emprego

Cristina em off: A travessia do Rio Itacutu, que separa o Brasil da Guiana, é feita por meio de barcos ou balsa. Há anos, os moradores esperam pela ponte que vai facilitar o trânsito de brasileiros e guianenses e o comércio entre os dois países. A conclusão da obra já foi adiada várias vezes. A expectativa agora é de que a ponte fique pronta este ano.

Cristina: Chegamos a Lethem, na Guiana. Para visitar a fronteira, não é preciso carimbar o passaporte. A cidade, de paisagem desértica, parece adormecida ao sol do meio-dia. Os carros são guiados do lado direito, é a mão inglesa, herança dos colonizadores.

Cristina em off: Nas poucas casas de comércio, encontramos brasileiros no comando. No restaurante de Jair Magalhães, os negócios são feitos nas duas moedas: o real e o dólar guianense. Com a mulher, ele também tem uma loja, que vende de tudo. A filha, Maíra, de 7 anos, é quem traduz os pedidos da clientela para a mãe.

Dona Mancy: Quem sabe falar inglês hoje, tem emprego seguro no mundo inteiro.

Cristina: A família está há quatro anos em Lethem. Seu Jair decidiu ir para a cidade depois de ir à falência em Bonfim.

Seu Jair: Fronteira é assim, não é? Onde não está bom de um lado, a gente corre para o outro porque fronteiras sempre são falsas

Cristina: Agora que se restabeleceu, não pensa em voltar para o Brasil.

Seu Jair: A gente vendia fiado e quem vende fiado perde o dinheiro e o amigo. Esse é o ditado brasileiro. Aqui, graças a Deus, não tem isso.

Cristina: Rosana Morais é outra comerciante bem sucedida. Em Lethem, ela se beneficia de facilidades para importar. O imposto é quase zero. As mercadorias vêm da Ásia e são vendidas na loja que mais parece uma feira.

Comerciante, Rosana Morais: Eu saí de lá tem três anos e oito meses. Hoje, eu tenho essa casa, que já está no meu nome. Tenho outra, que estou construindo. Tenho até casa em Boa Vista.

Cristina: Rosana pode ganhar a concorrência dos brasileiros do outro lado da fronteira. Quando a ponte for concluída, a cidade de Bonfim vai se transformar em zona de livre comércio. Mas, para o barqueiro

Percy João da Silva, que sempre tirou o sustento da travessia dos moradores, a mudança pode não ser para melhor.

Barqueiro, Percy: De repente, vai cortar o nosso trabalho. A gente tem que procurar outro meio de trabalhar

Cristina: Filho de pai brasileiro e mãe guianense, Percy já sabe que terá que se adaptar aos novos tempos. E se despede do rio, rezando em rimas na língua materna.

7)Data:10.11.2008No Doc:RJ:52-0035543

Título: Série: Fronteiras da Amazônia –

Os Brasileiros que vivem na fronteira da Amazônia –

1ª Reportagem.

Local: Oiapoque e Guiana Francesa

Repórter: Cristina Serra

Fonte: TV Globo

Duração: 00:05'11"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: O Jornal Nacional vai exibir, nesta semana, uma série de reportagens sobre as fronteiras da Amazônia.

Fátima: Cristina Serra e Luiz Quilião percorreram milhares de quilômetros para mostrar o dia-a-dia de brasileiros que estão com um pé no estrangeiro e a rede de ilegalidades que desafia autoridades aqui e lá fora. A viagem começa onde começa, também, o Brasil.

Cristina em off: Partimos de Macapá rumo à fronteira norte do Brasil. Quase a metade dos 580 quilômetros da BR-156 é de terra. No caminho, uma sucessão de pontes inacabadas. Depois de dez horas de viagem, chegamos ao Oiapoque. A cidade, com 19 mil habitantes, tem um jeitão de faroeste. Tudo gira em torno do ouro e do euro. Do outro lado do rio, fica Saint George de L'Oyapock, na Guiana Francesa. É um território francês na América do Sul.

Cristina: A travessia dura cinco minutos e o preço, claro, é fixado na moeda estrangeira. Quanto custa para atravessar o rio?

Vendedor: Só um euro, madame.

Cristina em off: Os brasileiros que atravessam o rio vão para Saint George para trabalhar como pedreiros, empregadas domésticas, mas, principalmente, para os garimpos ilegais. O problema é que os clandestinos encontram, do lado de cá, em território francês, uma polícia cada vez mais rigorosa e disposta a reprimir a imigração ilegal.

Cristina: A cena é cada vez mais comum. O policial que conduz o grupo reclama da nossa filmagem, mas a extradição não desanima os clandestinos. Agora, você foi expulso. Você vai tentar voltar novamente?

Extraditado: Amanhã, eu já estou lá.

Cristina em off: Na estrada para a capital da Guiana, Caiena, uma barreira da Gendarmerie, a Polícia Militar francesa. Todos de uniforme adaptado ao clima tropical.

Cristina: O porta-voz se queixa dos brasileiros que vão para os garimpos ilegais.

Policial: Eles vêm aqui para pilhar nossos recursos naturais. Outros se envolvem com prostituição e tráfico de drogas.

Cristina: No posto policial, encontramos uma brasileira. Ela conta que foi levada para Caiena iludida por uma promessa de trabalho e fugiu ao descobrir que teria de se prostituir.

Mulher brasileira: Tem muita mulher nessa situação.

Cristina em off: Mas é o ouro dos garimpos em território francês que alimenta a cobiça dos brasileiros. Conseguimos permissão para acompanhar a travessia clandestina de garimpeiros para a Guiana. Os barcos saem carregados de combustível, sacas de comida e até móveis. Passamos pelo pelotão do Exército brasileiro até chegarmos a um ponto em que as corredeiras tornam a viagem mais perigosa. Do posto de vigilância da polícia francesa, eles observam todo o movimento dos garimpeiros, de ida e vinda nos barcos, a caminho dos garimpos ilegais. Já longe da vista dos soldados, vários barcos se encontram.

Cristina: Alexandre Martins, 24 anos, veio de Roraima. Em um mês no garimpo, você tira quanto?

Alexandre: Mais ou menos uns R\$ 2 mil, R\$ 3 mil. Dá para manter, dá para o gasto

Cristina: Mas não é muito arriscado?

Alexandre: É, mas a gente tem que trabalhar, tem que sobreviver

Cristina: Não acompanhamos mais o grupo, que desembarca e segue caminho pela floresta, até alcançar o garimpo.

Cristina em off: No Oiapoque, dezenas de rádios fazem a comunicação entre as casas de compra e venda e os garimpos do outro lado.

Cristina: Quanto é que está o preço do ouro?

Homem no rádio: Hoje está 47.

Cristina: Os comerciantes derretem as pepitas para transformá-las em barra. O gerente diz que tira nota fiscal, paga impostos à Receita e envia o ouro à empresa matriz para negociá-lo na bolsa de valores. Ou seja, legaliza o minério que todos sabem ter origem ilícita. Mas a vida neste pedaço da fronteira não se resume a casos de polícia. Na pacata Saint George de L'Oyapock, com três mil habitantes, encontramos muitos casais, digamos, binacionais.

Cristina em off: Como a brasileira Érica e o guianense José. O casal aproveita o que cada lado da fronteira tem de melhor. Érica prefere pegar o barco e ir ao açougue do lado brasileiro. Para quem ganha em euro, sai muito mais barato. Além disso, a carne é fresca e no lado francês, congelada. Já o vinho do almoço é um legítimo bordeaux.

Érica: Não fico com saudade do Brasil, porque todo dia a gente tem um pouquinho dele.

8)Data: 04.10.2008No Doc: RJ:52-0035220

Título: Eleições 2008 Aparelho via satélite de transmissão de dados que será usado na votação de locais distantes.

Local: Pantanal Mato Grosso

Repórter: Claudia Gaigher

Fonte: TV Globo

Duração: 00:01'38"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Na Amazônia, o transporte das urnas é pelos rios, e de helicóptero. No Pantanal, são horas de viagem até as seções eleitorais mais distantes.

Fátima: Nesses locais, votar não é o problema. A dificuldade é enviar os dados das urnas para os tribunais regionais eleitorais.

Claudia em off: Na última eleição, foram usados telefones via satélite, mas o sinal caía com frequência e a transmissão demorava. Desta vez, o sistema será diferente. Só em Mato Grosso do Sul, 57 seções eleitorais isoladas vão usar um novo equipamento. Assim que acabar a votação, a transmissão de dados será feita por um aparelho que emite ondas captadas por um satélite. E um detalhe: tem de estar posicionado para o norte e tem de ser instalado em um lugar aberto, amplo e sem nenhum obstáculo. O disquete retirado das urnas repassa os dados para o computador portátil conectado à antena. O satélite fica parado no espaço e recebe e manda de volta os dados. Isso garante estabilidade e velocidade na transmissão.

Claudia: Em Mato Grosso do Sul, os técnicos do Tribunal Regional Eleitoral viajaram até a aldeia Kadiweo, uma das mais isoladas do estado. Eles encararam 300 quilômetros de estrada de terra. Testaram o equipamento junto com o juiz eleitoral e os índios. Deu tudo certo.

Secretário de Tecnologia do TRE-MS, Rivaldo Pereira Borges: Fizemos um teste, inclusive transmitindo dez seções. Em cinco minutos essas seções foram transmitidas para o tribunal com sucesso e agilidade.

Bonner: O Tribunal Superior Eleitoral comprou 1.125 aparelhos que serão usados em 15 estados.

9)Data: 08.09.2008No Doc: RJ:52-0035051

Título: Nota Portal Globo Amazônia lançado no Fantástico

Local: sem local

Repórter:----

Fonte: TV Globo

Duração: 00:00'33

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Quase um milhão e meio de protestos contra a destruição da Amazônia já foram registrados no Portal Globo Amazônia, lançado no Fantástico de domingo. A página na internet apresenta notícias sobre a floresta, com reportagens do jornalismo da TV Globo, do G1 e de uma equipe própria do portal.

Fátima: Você pode participar. Basta visitar o portal para vigiar queimadas, monitorar desmatamentos e registrar seus protestos em um mapa interativo, atualizado com informações do Instituto Brasileiro de Pesquisas Espaciais.

10)Data:15.07.2008No Doc:RJ:52-0034619

Título: Satélites do INPE detectaram área de Floresta Amazônica desmatada, que corresponde ao tamanho da cidade do Rio de Janeiro.

Local: Amazônia, Brasília

Repórter: Gioconda Brasil

Fonte:TV Globo

Duração:00:01'43"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: O governo anunciou nesta terça um acordo para facilitar o crédito a empresas que ajudarem a combater o desmatamento.

Fátima: Novos números divulgados nesta terça mostram uma ligeira queda na devastação da Amazônia.

Gioconda em off: Os satélites do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais detectaram 1.096 km² de floresta amazônica desmatada, que corresponde ao tamanho da cidade do Rio de Janeiro. A área é um pouco menor do que o levantamento feito em abril, quando a destruição atingiu 1.123 km². O estado de Mato Grosso ainda é o que mais destrói a floresta. Na medição, uma novidade: o Inpe conseguiu separar o nível de degradação de cada área e assim confirmou que em 59% da região monitorada não há uma árvore de pé. Em 28%, a devastação ocorre de forma variada: leve, moderada ou alta.

Gioconda: Para o ministro Carlos Minc, com o novo método, o Inpe pôs fim à polêmica com governadores que questionavam a precisão dos dados do instituto.

Ministro, Carlos Minc: Acabou a guerra dos dados. Está aqui o que é corte raso e o que é degradação progressiva. Para nós também é muito bom, é um instrumento de ação muito mais preciso.

Gioconda: O Ministério do Meio Ambiente diz que é cedo para comemorar os números e que os dados podem melhorar quando as medidas anti-desmatamento, como o corte do crédito para fazendeiros não-cadastrados, começarem a fazer efeito. E aproveitou para anunciar novas medidas. Um decreto que vai ser assinado pelo presidente Lula vai dar ao Ibama autonomia para apreender, leiloar ou doar bens provenientes de desmatamento. Bancos públicos e privados vão fechar um acordo com o governo, facilitar o crédito para as empresas que desenvolverem projetos sustentáveis e parar de financiar aquelas que desrespeitam o meio ambiente.

11)Data:05.06.2008No Doc:RJ:52-0034364

Título: O governo anunciou a criação de áreas de conservação e extrativismo na Amazônia

Local: Brasília

Repórter: Delis Ortiz

Fonte:TV Globo

Duração:00:01'32"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: O governo anunciou, neste Dia Mundial do Meio Ambiente, a criação de áreas de conservação e extrativismo na Amazônia.

Deliz: Celebração do meio ambiente em plena crise de devastação da Amazônia, mas o problema é nosso. O recado foi do presidente Lula.

Pres. Lula: Eu fico pensando que a Amazônia é como aqueles vidros de água benta que tem na igreja: todo mundo acha que pode meter o dedo. Nós não podemos permitir que as pessoas tentem ditar as regras do que a gente tem que fazer na Amazônia.

Deliz em off: Na cerimônia, foram anunciadas medidas para conter o desmatamento. A floresta terá mais de 2,5 milhões de hectares de reserva protegida, uma área um pouco maior que o estado de Sergipe. A partir de agora, está proibido o corte de mogno, inclusive onde havia autorização. Os produtos do extrativismo terão preço mínimo para garantir o sustento de quem depende da floresta e, até o fim do mês, os exportadores de óleo vegetal se comprometem a boicotar a soja plantada em área devastada. Na cerimônia, foram anunciadas medidas para conter o desmatamento. A floresta terá mais de 2,5 milhões de hectares de

reserva protegida, uma área um pouco maior que o estado de Sergipe. A partir de agora, está proibido o corte de mogno, inclusive onde havia autorização. Os produtos do extrativismo terão preço mínimo para garantir o sustento de quem depende da floresta e, até o fim do mês, os exportadores de óleo vegetal se comprometem a boicotar a soja plantada em área devastada.

Delis: Ambientalistas aprovam as medidas, mas acham que é pouco diante da crise

Adriana Ramos, do Instituto Sócio-Ambiental: São ainda passos tímidos diante do grande desafio que a gente tem. Então, é um momento de alegria, de ver que essa agenda está caminhando. Agora, a gente tem muito que avançar.

Bonner: O governo ainda não sabe exatamente como, mas promete criar um 'fundo amazônico' e espera arrecadar US\$ 1 bilhão no primeiro ano. Aposta, especialmente, em doações de empresas e governos estrangeiros.

12)Data: 04.06.2008No Doc:RJ:52-0034349

Título: Uma portaria do Ministério do Meio Ambiente determina que os próprios estados vão decidir quem poderá ou não pedir financiamento agrícola.

Local:Brasília

Repórter: Delis Ortiz

Fonte:Tv Globo

Duração: 00:01'32"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Uma portaria do Ministério do Meio Ambiente provocou reações de ambientalistas. Com a nova medida, os próprios estados vão determinar quem poderá ou não pedir financiamento.

Delis em off: A briga não é de agora. Em fevereiro, o Banco Central proibiu o crédito para quem destrói a floresta. A partir de julho, propriedades dentro do bioma Amazônia que desrespeitam a lei ambiental não terão financiamento agrícola. Bioma é a região com características ecológicas próprias: vegetação, clima, solo, relevo. Algumas fazendas no Maranhão, Tocantins e Mato Grosso estão na fronteira entre dois biomas, a floresta amazônica e o cerrado.

Delis: Os fazendeiros não sabiam se estariam ou não sujeitos às restrições do Banco Central, mas agora a portaria do Ministério do Meio Ambiente esclareceu: o poder de definir se a propriedade está dentro ou fora do bioma Amazônia é dos governos desses estados. Ambientalistas temem o risco do mau uso desse poder.

Mauro Armelin, coordenador de Políticas Públicas da WWF Brasil: É mais ou menos como dar a chave do galinheiro para a raposa. É completamente suscetível a fraudes, é um momento perigosíssimo de tomar uma medida como essa

Delis: O governador do Mato Grosso, Blairo Maggi, rebate as críticas e diz que os critérios serão técnicos.

Governador do Mato Grosso, Blairo Maggi: Quem diz aonde passa a linha do bioma, a diferença, é o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). É só consultar os mapas do IBGE que você vai ver exatamente quem está dentro e quem está fora.

Delis: O ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, reconhece o risco, mas promete fiscalização.

Ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc: Quem atestar de forma fraudulenta incorrerá nas penas da lei. Prevê falsidade ideológica e crimes ambientais e, isso, no Brasil dá prisão.

13)Data: 02.06.2008No Doc:RJ:52-0034328

Título: Levantamento feito por satélite descobriu que o desmatamento da Amazônia está aumentando.

Local: Floresta Amazônica e São José Dos Campos

Repórter: Karen Schmidt

Fonte: TV Globo

Duração: 00:02'32"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Um levantamento feito por satélite descobriu que o desmatamento da Amazônia está aumentando..

Fátima: Só em abril, foi destruída uma área do tamanho da cidade do Rio de Janeiro e o estado de Mato Grosso voltou a encabeçar o ranking da devastação

Karen em off: Os dados do Inpe comprovam a devastação. Só no mês de abril, o desmatamento atingiu uma área de 1.123 km², quase o tamanho da cidade do Rio de Janeiro. Área muito maior que no mês anterior, quando foram destruídos 145 km². Mas, segundo o Inpe, em março, a visualização da floresta foi prejudicada por causa da quantidade de nuvens.

Karen: O estado que mais desmatou foi Mato Grosso com 794 km², mais de 70% do que foi registrado em toda a região. Em seguida, aparece o estado de Roraima.

Gilberto Câmara, do Inpe: O importante para nós é mostrar que continua havendo a tendência de aumento mensurado de desmatamento e que a gente considera preocupante

Karen em off: De agosto de 2006 a julho de 2007, foram derrubados 4.974 km² de floresta, número já ultrapassado apenas nos nove meses seguintes, quando foram desmatados 5.850 km².

Karen: Os dados são do Deter, programa criado pelo Inpe para servir como um alerta e ajudar no monitoramento da Amazônia. A cada 15 dias, ele é capaz de identificar modificações na floresta que podem indicar o início do processo devastação.

Gilberto Câmara, do Inpe: O Deter acerta, ou seja, quando o Deter diz que é desmatamento, ou é corte raso ou é floresta degradada, da ordem de 93% a 94%. Estatisticamente é um instrumento confiável.

Karen: O Deter mostra áreas desmatadas superiores a 250 mil m². Uma análise mais detalhada é feita em um outro programa, o Prodes, que fornece a taxa anual do desmatamento e foi usado pelo governo de Mato Grosso para contestar os dados divulgados nesta segunda.

Luiz Henrique Daldegan, secretário do Meio Ambiente/MT: O Deter é importante para que a gente possa fazer essa fiscalização e, no dado do Prodes, que é o índice de desmatamento geral oficial do país, nós temos a certeza que esse índice em relação ao Mato Grosso vai ser menor em relação ao ano passado.

Karen: Em Brasília, o ministro do Meio Ambiente tentou evitar novas polêmicas com o governador de Mato Grosso e reconheceu o esforço do estado para reduzir o ritmo da devastação. Carlos Minc anunciou uma operação para combater a pecuária em área desmatada.

Ministro do MA, Carlos Minc: Não é nosso papel entrar na guerra dos números. Nós pedimos para o Inpe dados em tempo real para nós agir. Nós não queremos chorar a seiva derramada.

14)Data: 30.05.2008No Doc:RJ:52-0034316

Título: Presidente Lula e Ministro Carlos Minc em encontro com governadores da Região Amazônica

Local: Belém

Repórter: Roberto Paiva

Fonte:TV Globo

Duração:00:02'01"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: O Ministério do Meio Ambiente anunciou, hoje, a liberação de R\$ 1 bilhão para a recuperação de áreas destruídas na Amazônia. Foi durante um encontro com governadores da região, em Belém.

Roberto em off: Do lado de fora do centro de eventos, professores estaduais em greve entraram em confronto com a PM. Lá dentro, governadores de sete dos nove estados da Amazônia se reuniram para discutir o futuro da região. Durante o encontro foi lida a carta do Pará, um documento que será entregue à Presidência da República em que os governadores assumem os compromissos de combater o desmatamento e de trabalhar pela regularização fundiária e pelo desenvolvimento sustentável da região.

Roberto: O presidente Lula, que participou do encontro, disse o país sabe o quanto é importante preservar a floresta.

Pres. Lula da Silva: O Brasil pode, tranquilamente, ser exemplo para o mundo. Aqueles que estão dando palpite sobre o Brasil não têm mais uma árvore em pé. Então deixa o Brasil cuidar do que é seu.

Roberto: O ministro do Meio Ambiente Carlos Minc anunciou que o governo vai liberar R\$ 1 bilhão para recompor áreas destruídas. O ministro afirmou que está mantida a resolução que entrará em vigor em primeiro de julho e que proíbe empréstimos oficiais a produtores da Amazônia que não estejam cumprindo exigências ambientais. Minc explicou que áreas de cerrado não estão incluídas nas restrições.

Ministro do Meio Ambiente Carlos Minc: Não flexibilizamos, não tem poder para flexibilizar. Eu não tenho poderes para mexer em uma resolução do Banco Central. Apenas expliquei como poderia ser comprovado aqueles que estão dentro ou fora do bioma. Porque a resolução é só para o bioma amazônico.

Roberto: O governador de Mato Grosso, Blairo Maggi, aprovou. Pelo menos 39% das áreas do estado são de cerrado.

Governador de Mato Grosso, Blairo Maggi: Se trata, eu acho, de fazer um pouco de justiça porque a medida tinha sido muito forte. Quer dizer, estava considerando isso como um embargo econômico ao estado do Mato Grosso.

Roberto: O governador e o ministro minimizaram a troca de farpas entre eles, por causa do desmatamento na Amazônia.

Governador de Mato Grosso, Blairo Maggi: Eu não vim aqui para ir no ringue, eu vim aqui para negociar e discutir.

Ministro do Meio Ambiente Carlos Minc: Na verdade eu nunca tinha brigado com ele. Eu fiz apenas algumas declarações, digamos assim, um pouco ousadas. Mas agora o que a gente tá é trabalhando junto pelo desenvolvimento sustentável dentro da lei.

15)Data:26.05.2008No Doc:RJ:52-0034277

Título: Série sobre o crescimento do uso do computador e da internet - Índios Ashaninka

1ª Reportagem

JN Especial: Computador provoca revolução em aldeia.

Local: Alto Juruá

Repórter: Flávio Fachel

Fonte:TV Globo

Duração:00:04'25"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Nesta semana, o Jornal Nacional vai exibir uma série de reportagens sobre o crescimento do uso do computador e da internet, e o poder dessas ferramentas.

Fátima: No Brasil, a tecnologia também está unindo pessoas e provocando mudanças profundas. Nesta segunda, os repórteres Flávio Fachel e Alberto Fernandez vão contar a história de uma mensagem eletrônica que evitou uma guerra.

Flávio em off: Internet. Um bilhão de pessoas conectadas em todo o planeta, 150 milhões de páginas, dois milhões de e-mails por segundo cruzando os continentes na velocidade de um clique.

Flávio: Que poder teria uma mensagem dessas para um povo com tradição guerreira milenar no meio da floresta?

Flávio em off: Alto-Juruá, fronteira do Brasil com o Peru, no Acre, terra dos Ashaninka. As mulheres cuidam da comida, das roupas, das crianças; os homens não descuidam da vigilância. Na mata, nos rios e até nos programas de recados no rádio que vão ao ar todos os dias na região. Eles não buscam só recados. Procuram pistas que indiquem a presença de invasores vindos do outro lado da fronteira. Madeireiros peruanos de olho no cedro e no mogno existentes na reserva indígena.

Flávio: Não é seguro usar nem um tradicional rádio, presente em quase todas as aldeias da Amazônia.

Índio: Falta ter segurança, porque às vezes tem coisa secreta que só a Polícia Federal e nós podemos saber.

Flávio: A reunião ao luar, em volta da fogueira, é decisiva: "Umanarentzi", dizem os Ashaninka. Significa guerra. Guerra contra os invasores.

Flávio em off: De um lado, madeireiros peruanos, equipados com rádios sofisticados, de longo alcance e armas de grosso calibre, até fuzis. De outro, os índios Ashaninka se defendendo como sempre se defenderam: usando seus arcos e flechas. Assim que encontraram esse novo inimigo, os índios logo perceberam que iam precisar de armas bem mais poderosas. Uma antena para conexão, um painel solar para a energia, um computador, que só cinco índios sabem operar. Foi Benki, o filho do cacique, que teve a idéia de levar tecnologia para os guerreiros da floresta.

Flávio: A decisão da tribo de enfrentar os invasores virou mensagem eletrônica espalhada para ONGs de todo o mundo. E enviada também para o Governo Federal.

Índio: Queremos solicitar a presença das autoridades do nosso país.

Flávio em off: As reivindicações indígenas foram recebidas na Presidência da República. A mensagem foi repassada para a Polícia Federal e para o comando do Exército. Os arcos e flechas Ashaninkas foram reforçados por um esquadrão de helicópteros das Forças Armadas. O Estado respondeu ao e-mail vindo da floresta, prendeu os invasores e as toras retiradas de forma ilegal foram dinamitadas. Os helicópteros foram embora e os Ashaninkas continuam a vigilância na fronteira. Só que, agora, os arcos e as flechas ganharam a força da comunicação instantânea, que faz toda a diferença para quem vive isolado na mata.

Flávio: A munição tecnológica que reforçou os Ashaninkas veio de uma ONG, o Comitê para Democratização da Informática, que já ajudou a levar a internet para quatro aldeias da Amazônia.

Rodrigo Baggio, diretor-executivo do CDI: Os Ashaninkas descobriram uma forma de usar a internet como uma ferramenta de libertação. Essa prática deve ser adaptada a realidades distintas de comunidades diferentes, mas ela é a mesma, ela faz com que essas pessoas possam efetivamente se inserir num novo mundo.

Flávio: O computador que agora ajuda os índios a cuidar da fronteira é o mesmo que está chegando nas casas de muitos brasileiros. De 2000 a 2007, a quantidade de gente com acesso à Internet no Brasil saltou de cinco milhões para 39 milhões de pessoas. Foi o segundo maior crescimento registrado no planeta. Mesmo assim, na reportagem desta terça, você vai descobrir que tem brasileiro que não conseguiu um lugarzinho nessa grande janela aberta para o mundo.

16)Data: 24.05.2008No Doc:RJ:52-0034271

Título: Pré-candidato democrata Barack Obama cita o Brasil como exemplo a ser seguido na questão da energia.

Local:EUA

Repórter: Roberto Kovalick

Fonte: TV Globo (satélite)

Duração: 00:01'24"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Nos Estados Unidos, o pré-candidato democrata à presidência citou o Brasil como exemplo a ser seguido na questão da energia.

Fátima: Num discurso para cubanos residentes na Flórida, Barack Obama apareceu entre as bandeiras americana e cubana.

Roberto em off: Para a platéia de imigrantes latinos, Barack Obama arriscou uma frase que é igual em espanhol e português: "Somos todos americanos". E depois completou em inglês: "É nisso em que acredito". Foi o discurso mais importante do senador sobre a política que pretende adotar para a América Latina se eleito presidente. Ele citou várias vezes o Brasil. Sobre a dependência do petróleo, o senador afirmou que os americanos podem aprender com o progresso feito pelo Brasil com o programa do álcool e transformar os Estados Unidos num modelo para o mundo.

Roberto: No documento "Uma nova parceria para as Américas", Barack Obama afirma que o Brasil é um exemplo do potencial de energia renovável, mas também de armadilhas que devem ser evitadas. A Amazônia, segundo Obama, perdeu 20% da mata e ambientalistas temem que a demanda por álcool empurre os plantadores de cana para dentro da floresta. Obama também chamou o presidente da Venezuela, Hugo Chávez, de demagogo. E afirmou que governos que apoiarem as Farc - Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia - devem sofrer condenação internacional, isolamento regional e fortes sanções.

Roberto em off: Barack Obama e Hillary Clinton passaram o sábado fazendo campanha em Porto Rico. Ela é favorita nesse território americano no Caribe que fala espanhol e realiza prévias daqui a uma semana.

17)Data: 13.05.2008No Doc:RJ:52-0034165

Título: Ministra Marina Silva pede demissão do Ministério do Meio Ambiente

Local: Brasília

Repórter: Poliana Abritta

Fonte:TV Globo

Duração:00:02'13"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Ministra Marina Silva pede demissão

Fátima: E o secretário de Meio Ambiente do Rio de Janeiro, Carlos Minc, aceitou o convite do presidente Lula para substituir Marina no Ministério do Meio Ambiente.

Poliana: O secretário de Meio Ambiente do Rio de Janeiro, Carlos Minc, aceitou o convite do presidente Lula para assumir o Ministério do Meio Ambiente. Minc vai substituir Marina Silva, que pediu demissão nesta terça-feira, depois de cinco anos à frente da pasta.

A carta de demissão da ministra do Meio Ambiente foi entregue ao chefe do gabinete pessoal do presidente Lula. Marina Silva passou o dia em Brasília, mas não quis fazer nenhuma declaração. Na carta de demissão que entregou ao Palácio do Planalto, ela diz que a decisão tem caráter pessoal, irrevogável e que foi tomada por causa das dificuldades que tem enfrentado para dar prosseguimento à agenda ambiental.

Poliana em off: Marina Silva foi a primeira nomeação do governo Lula em 2003 e vinha passando por momentos de desgaste. No início do ano, foi advertida publicamente por Lula depois da divulgação de dados de desmatamento na Amazônia que Marina tinha considerado alarmantes. No ano passado, o embate foi com a ministra chefe da Casa Civil, Dilma Roussef, e com o ministério de Minas e Energia por causa da construção de duas hidrelétricas no Rio Madeira, em Rondônia.

Poliana: As obras, que fazem parte do Programa de Aceleração do Crescimento, atrasaram por entraves ambientais. Na época, o presidente Lula se queixou e disse que, para proteger um bagre, licenças ambientais eram negadas. Frase essa que, recentemente em uma cerimônia, a ministra mostrou não ter esquecido.

Ministra, Marina Silva: Não foi fácil o licenciamento do complexo do Madeira, para que resolvêssemos o problema dos bagres. Eu mesma fui chamada, o tempo todo, de a ministra dos bagres.

Poliana: O discurso foi feito durante o anúncio do Plano Amazônia Sustentável, projeto que, em vez de ser coordenado por ela, ficou nas mãos do ministro da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência, Mangabeira Unger. Aliados dizem que o episódio foi a gota d'água.

Deputado, Maurício Rands/PT: Vamos ver todas as motivações do seu gesto, evidentemente tem alguma coisa a ver com o PAC da Amazônia.

Poliana: A ministra, que era criticada por emperrar o crescimento, reclamava da falta de apoio do governo para os projetos ambientais. Marina Silva sentia que o governo se sensibilizava com as pressões políticas e isso dificultava o trabalho do ministério. O presidente Lula, segundo assessores, recebeu a notícia da saída de Marina com irritação e já escolheu o substituto. Segundo o governador do Rio, Sérgio Cabral, o presidente convidou Carlos Minc, atual secretário de Meio Ambiente do estado, a assumir a pasta e o convite já foi aceito. O presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Renováveis, Bazileu Alves Margarido, também pediu demissão.

18)Data: 08.05.2008No Doc: RJ:52-0034136

Título: Presidente Lula rebate críticas do Comandante Militar da Amazônia de que a Reserva Serra do Sol representa uma ameaça à soberania do país.

Local: Brasília, Boa Vista.

Repórter: Guilherme Portanova

Fonte: TV Globo

Duração: 00:01'33"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: O presidente Lula rebateu as críticas do comandante militar da Amazônia de que a reserva indígena Raposa Serra do Sol, em Roraima, representaria uma ameaça à soberania do Brasil.

Guilherme: O arroteiro acusado de ordenar o ataque contra índios que tinham invadido uma fazenda na região foi interrogado de madrugada pela Polícia Federal.

Guilherme em off: Na superintendência da Polícia Federal, em Brasília, o advogado de Paulo Cesar Quartiero, Vitor Fagundes, foi comunicar ao cliente que já tinha entrado na Justiça com pedido de liberdade provisória.

Advogado, Vitor Fagundes: A liberdade provisória é dada quando não estão presentes os requisitos para a prisão preventiva.

Guilherme em off: Quartiero, o filho dele e seis funcionários da fazenda foram transferidos na noite de quarta. Eles são acusados de atacar a tiros um grupo de índios que tinha invadido a fazenda do arroteiro.

Guilherme: O conflito na região é por causa da demarcação contínua da reserva indígena Raposa Serra do Sol. A retirada de fazendeiros da região esta suspensa por determinação do Supremo Tribunal Federal que deve julgar esse mês a questão e pôr fim ao impasse.

Ministra do Meio Ambiente, Marina Silva: Está para uma decisão do Supremo. O governo está trabalhando todos os esforços para que sejam mantidas a demarcação e a homologação em área contínua.

Guilherme em off: Numa solenidade no Palácio do Planalto, o presidente Lula rebateu as críticas do comandante do Exército na Amazônia que disse que a reserva dificulta o patrulhamento da fronteira e ameaça a soberania do país.

Presidente, Lula da Silva: Quem é que um dia ousou dizer que os nossos índios faziam o país correr risco de perder a sua soberania. Quando não tinha Exército, quantas vezes foram os índios que defenderam as nossas fronteiras?

Índio: Nós não somos um perigo à soberania nacional

Guilherme: Nesta quinta, a Comissão de Direitos Humanos da OAB foi a Boa Vista e se reunir com autoridades do estado e representantes da sociedade civil. Eles estão preocupados com os conflitos na região.

19)Data: 06.05.2008

Título: Tensão em Roraima

Local: Roraima

Repórter: Portanova

Fonte: TV Globo

Duração: 1'56"

Matéria: editada

Texto: Fátima Bernardes: A Polícia Federal prendeu, no fim da tarde, em Roraima, o dono da fazenda de arroz onde seguranças atacaram a tiros um grupo de índios que tinha invadido a propriedade.

Bonner: O policiamento foi reforçado, hoje, nas imediações da fazenda de arroz onde funcionários e indígenas entraram em confronto. Policiais federais e da Força Nacional de Segurança patrulham as estradas da região.

Portanova em off: Ontem, cerca de 70 índios invadiram a propriedade. Eles dizem que começavam a montar acampamento quando um grupo de homens encapuzados chegou atirando. Uma bomba de fabricação caseira foi usada. O índio que filmou a ação fugiu quando foi avistado pelos seguranças da fazenda. Dez índios ficaram feridos no ataque. Eles foram medicados e liberados.

Portanova: O dono da fazenda é o prefeito de Pacaraima e presidente da Associação de Rizicultores do estado, Paulo Cesar Quartiero. Ele chegou a ser detido pela Polícia Federal em março, acusado de incitar a violência contra os índios e tentar impedir a desocupação da área. Por telefone, Paulo César culpou os índios pelo confronto de ontem

Voz do Fazendeiro: Eles invadiram a fazenda, aí os funcionários foram pra que eles se retirassem e foram recebidos a flechadas. Houve o confronto e realmente há muitos feridos.

Portanova:O ministro da Justiça Tarso Genro foi hoje a Roraima, acompanhado do diretor-geral da Polícia Federal. Eles sobrevoaram a região da Raposa Serra do Sol. A determinação do ministro é que a Polícia Federal mantenha a ordem na região.

Ministro Tarso Genro: A nossa missão é pacificar a região, aguardar a decisão do Supremo Tribunal Federal, que é quem indica a interpretação da lei da constituição em última instância e cumprir a lei

Portanova:No início da noite, a Polícia Federal cumpriu mandados de busca e apreensão na Fazenda Depósito. E prendeu o dono da propriedade: o rizicultor Paulo César Quartiero. Um líder macuxi disse que a ocupação da fazenda vai continuar.

Índio Macuxi: Estão chegando os indígenas. Mais ou menos uns 4 mil

Fátima: O Supremo Tribunal Federal está julgando uma ação que questiona a demarcação contínua da reserva. Até lá, a operação de retirada dos arroteiros está suspensa.

Bonner: Paulo César Quartiero foi preso por formação de quadrilha, ocultação de armas e obstrução de estradas.

20)Data:28.03.2008No Doc:RJ:52-0033750

Título: Ministério da Saúde contesta a existência da dengue tipo 4 na Amazônia

Local: Manaus

Repórter: Sérgio Yano (pseudônimo)

Fonte: TV Globo

Duração: 00:02'26"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: O Ministério da Saúde contestou nesta sexta-feira um estudo de pesquisadores do Amazonas, que confirmaram três casos do tipo 4 da dengue em Manaus.

Fátima: Segundo o ministério, não há evidência concreta de que esse tipo do vírus já esteja no Brasil.

Sérgio em off: A pesquisa foi publicada na revista científica americana Emerging Infectious Diseases. O título indica que o vírus tipo 4 da dengue, que já foi detectado na Venezuela e na Colômbia, teria chegado a Manaus. O estudo, realizado pela Fundação de Medicina Tropical do Amazonas, uma instituição estadual, confirmou três casos do tipo 4 depois de realizar testes em amostras de sangue coletadas entre 2005 e 2006.

Sérgio: O presidente da fundação, Sinésio Talhari, defende a pesquisa.

Presidente da FMT-AM, Sinésio Talhari: Não é um trabalho de laboratório simples. É uma tese de doutorado, e claro, lá na frente pode ser contestado. A pesquisa continua. Esse trabalho da dengue tipo 4 é feito com o apoio e recursos do Conselho Nacional de Pesquisa.

Sérgio em off: Desde 1982 que não há registros oficiais da presença do vírus tipo 4 da dengue no Brasil. Segundo os médicos, esse vírus causa os mesmos danos ao organismo humano que os tipos 1, 2 e 3.

Sérgio: Mas o tipo 4 preocupa porque pode facilitar o desenvolvimento da forma mais grave da doença, a dengue hemorrágica.

Médico, Antonio Magela: Uma parcela dessas pessoas pode realmente apresentar as formas graves de dengue, na forma de quedas súbitas de pressão, de sudorese, de queda do número de plaquetas e manifestações hemorrágicas.

Sérgio em off: Em nota, o Ministério da Saúde contestou o estudo da FMT-AM. Declarou que apenas os tipos 1, 2 e 3 circulam no Brasil e que não há evidência concreta de que o tipo 4 também esteja no país. O ministério declarou que, em outubro do ano passado, foi notificado pela Fundação de Vigilância em Saúde do Amazonas sobre casos do tipo 4 em Manaus. O ministério determinou que dois laboratórios de referência testassem novamente as amostras e novas amostras também foram coletadas. Mas, de todas elas, em nenhuma houve confirmação da dengue tipo 4.

Sérgio: Além disso, o ministério declarou que, se o tipo 4 estivesse mesmo presente em Manaus, a situação seria bem diferente, já que outros casos já teriam sido detectados. No Rio, o ministro da Saúde disse que novos testes já estão sendo realizados nas amostras de Manaus.

Ministro da Saúde, José Gomes Temporão: O mais importante é que nós tenhamos certeza absoluta da circulação ou não do vírus, até o momento não há nenhuma confirmação oficial

21)Data:11.03.2008No Doc:RJ:52-0033585

Título: Madeireiras ilegais continuam funcionando perto de Tailândia no Pará onde teve uma operação do IBAMA

Local:Pará

Repórter:Roberto Paiva

Fonte:TV Globo

Duração:00:01'40"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Madeireiros que exploram ilegalmente a Amazônia estão atuando livremente no Pará não muito longe de Tailândia, onde começou uma grande operação de combate ao desmatamento. Veja na reportagem de Jorge Ladimar e Roberto Paiva.

Roberto em off: As operações do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e da Secretaria de Meio Ambiente do Pará já apreenderam, nas madeireiras de Tailândia, o equivalente a mil caminhões de toras. O governo do estado anunciou a liberação de R\$ 12 milhões para o município, que agora sofre com o desemprego, provocado pelo fechamento de cinco serrarias ilegais. Em dois dias, percorremos três municípios a cerca de 200 quilômetros de Tailândia: Baião, Tucuruí e Novo Repartimento. Em todos eles, registramos agressões à natureza. As nuvens de fumaça revelam um crime ambiental. Parte da madeira retirada ilegalmente da floresta é trazida para carvoarias clandestinas que funcionam noite e dia. Lá, as árvores da Amazônia são transformadas em carvão. Em uma área, 120 fornos estão em atividade, sem autorização. A movimentação de caminhões avança pela madrugada. Em Baião, os pátios das madeireiras estão lotados. Parte das toras segue para Tucuruí. Os carregamentos são ilegais. Quem ataca a floresta, não encontra dificuldades para transportar a madeira. Nas estradas, os caminhões que levam toras circulam livremente. Depois de serrada, a madeira é transportada em carretas que formam comboios na Transamazônica.

Roberto: Em 500 quilômetros de estradas, não havia nenhuma fiscalização. Nesse pedaço da Amazônia, o caminho está aberto para os crimes contra a floresta.

Motorista do caminhão: Isso. Não tem documento não.

Roberto: O Ibama e a Secretaria de Meio Ambiente do Pará declararam que estão se estruturando para aumentar a fiscalização no interior do estado.

22) Data: 08.03.2008 No Doc:RJ 52-0033565

Título: Operação do IBAMA contra o desmatamento na Amazônia com apoio da Força Nacional de Segurança e da Polícia Federal

Local:Rondônia

Repórter:Maríndia Moura

Fonte:TV Globo

Duração:00:01'11"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: O Ibama está realizando uma operação para tentar reduzir o desmatamento ilegal na Amazônia e conta com apoio da Força Nacional de Segurança e da Polícia Federal.

Fátima: Com o apoio do helicóptero e das coordenadas do GPS, os fiscais encontram as derrubadas, imensas áreas de floresta que viraram fazendas, pasto para o gado.

Maríndia em off: As estradas abertas no meio da mata são o caminho por onde passa a madeira retirada ilegalmente. Na beira da pista, pilhas de toras à espera de transporte até o acampamento. Machadinho do Oeste é uma das quatro cidades de Rondônia que apareceram no relatório do Ministério do Meio Ambiente na lista das cidades que mais desmataram nos últimos três anos no Brasil. Sessenta e cinco agentes do Ibama, Polícia Federal e Força Nacional de Segurança estão na região. Uma a uma, todas as toras são medidas. O levantamento é para saber se a quantidade de madeira que está nos pátios das madeireiras é a mesma informada pela empresa ao Ibama.

Maríndia: Para evitar que sejam trocadas ou retiradas, as toras recebem um número de identificação. Em quatro dias de operação, o levantamento ainda está sendo feito em duas empresas. Todas precisam comprovar a origem do estoque. Se a madeira foi retirada de áreas onde existe plano de manejo, conforme exige a lei ambiental.

23)Data: 25.02.2008No Doc: RJ:52-0033440

Título: Operação arco de fogo: reforço policial em Tailândia marca o início da operação de combate à extração e ao comércio ilegal de madeira na Amazônia.

Local: Pará

Repórter: Roberto Paiva

Fonte: TV Globo

Duração: 00:01'28"

Matéria: Editada.

Texto: Bonner: A chegada de reforço policial a Tailândia, no nordeste do Pará, marcou o início da operação de combate à extração e ao comércio ilegal de madeira na Amazônia. Veja na reportagem de Jorge Ladimar e Roberto Paiva.

Roberto em off: O comboio da polícia chegou no meio da tarde à Tailândia, no nordeste do Pará. Além dos agentes federais, vieram 150 homens da Força Nacional de Segurança, funcionários do Ibama e da Secretaria de Meio Ambiente do Pará. É o início da operação arco de fogo do Governo Federal. A operação vai combater crimes ambientais nos 36 municípios da Amazônia que mais desmatam a floresta. Tailândia é um deles. Com a chegada do reforço policial, agora os funcionários do Ibama vão retomar a fiscalização nas madeireiras da cidade.

Roberto: O trabalho foi suspenso na última terça-feira quando manifestantes entraram em confronto com a polícia num protesto contra a operação que flagrou madeira ilegal nas serrarias do município. Os fiscais tiveram que fugir para escapar da população. Agora serão acompanhados de perto pela Força Nacional.

Luiz Fernando Corrêa, Diretor da Polícia Federal: A expectativa é um enfrentamento constante, ou seja, nós vamos fazer esse pronto atendimento agora nas questões, mas, contrariando o que muitos pensam, o fato novo é uma permanência é não uma operação episódica.

Roberto: Segundo a prefeitura de Tailândia, o setor madeireiro gera cinco mil empregos diretos. Parte da população está apreensiva com as operações na cidade.

classificador de madeira Ademir Oliveira: Eu tenho medo de perder o emprego, porque eu dependo dele, tenho medo de ficar desempregado.

Roberto: Uma pequena quantidade de madeira apreendida pelo Ibama foi deixada na margem de um rio para ser levada, de balsa, até a Região Metropolitana de Belém.

24)Data:23.02.2008No Doc:RJ:52-0033427

Título: Governo do Pará começou a retirada de madeira extraída ilegalmente e apreendida nas últimas semanas, em Tailândia.

Local:Pará

Repórter:Roberto Paiva

Fonte:TV Globo

Duração:00:01'44"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: O governo do Pará começou hoje a retirada de madeira extraída ilegalmente e apreendida nas últimas semanas, em Tailândia.

Fátima: O trabalho tinha sido suspenso depois que policiais e manifestantes pró-madeireiros entraram em confronto há quatro dias.

Roberto em off: Para evitar novos protestos, a Polícia Militar espalhou homens por toda a cidade.

Policial, Fernando Alberto Silva: Foi restabelecida a ordem e, de forma pacífica, daremos continuidade a essa etapa da fiscalização aqui no município

Roberto em off: Logo cedo, as carretas foram até uma madeireira buscar toras apreendidas durante a operação do Ibama. Ainda estão nos pátios das empresas quase 13 mil metros cúbicos de madeira - o equivalente a 500 carretas lotadas.

Roberto: A Secretaria de Meio Ambiente do Pará calcula que o trabalho de retirada da madeira deve durar 20 dias. Na semana que vem, chegarão duas balsas que levarão parte das toras pelos rios da região.

Roberto em off: Os carregamentos que saíram hoje de Tailândia foram escoltados pela PM. Toda a madeira será levada para um depósito na região metropolitana de Belém e, depois, leiloada. O dinheiro será usado em ações de combate ao desmatamento. A madeira extraída ilegalmente foi avaliada, em pelo menos, R\$ 3 milhões.

Na última terça-feira, moradores entraram em confronto com a polícia num protesto contra a fiscalização do Ibama, que acabou suspensa.

Roberto: O sindicato que reúne os madeireiros afirma que não se opõe ao trabalho dos fiscais e que o setor busca a regularização.

João Batista Medeiros, do Sindicato da Indústria Madeireira: Todos estão procurando entrar na legalidade procurando na Justiça o seu meio de se defender e de continuar trabalhando.

Roberto: Um funcionário do Ibama, que tem medo de aparecer, alerta que em todo o estado, falta segurança aos fiscais para poder trabalhar. Ele conta que já teve que interromper uma operação contra o desmatamento porque foi ameaçado.

Funcionário do Ibama: Já tive que largar o caminhão, a madeira, tudo lá pra trás, o cara botou o revólver na minha cabeça e disse: 'Olha, tu não leva esse caminhão daqui'.

Roberto: Hoje, o chefe do Ibama no Pará informou que foi ameaçado de morte por telefone. Mas avisou que a operação será retomada.

25)Data:22.02.2008No Doc:RJ:52-0033415

Título: Esquema milionário de fraude para beneficiar as madeireiras do Pará

Local:Pará

Repórter:Roberto Paiva

Fonte:TV Globo

Duração:00:01'52"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: O Ministério Público do Pará está investigando um esquema milionário de fraude armado para beneficiar as madeireiras no nordeste do estado. A reportagem é de Roberto Paiva.

Roberto em off: A extração de madeira da floresta deve obedecer ao Código Florestal Brasileiro, que determina a criação de uma reserva legal. Por lei, 80% da vegetação nativa da área têm que ser preservados. As exigências dos órgãos competentes, como Ibama e secretarias estaduais de Meio Ambiente, também precisam ser seguidas à risca. Obrigações que, muitas vezes, atrasam a liberação para a derrubada. Se a documentação estiver correta, a secretaria de Meio Ambiente do Pará afirma que o processo de liberação dura três meses, mas, em dezembro de 2006, mais de 20 projetos para a derrubada de árvores foram aprovados pela secretaria em menos de duas semanas.

Roberto: Seis desses projetos estão sendo investigados pelo Ministério Público. A promotora Ana Maria Magalhães de Carvalho investiga a suspeita de fraude na documentação das áreas onde o desmatamento foi permitido. Promotora Ana Maria Magalhães de Carvalho: Quatro dessas áreas não têm mais florestas, eram áreas devastadas há muito tempo, há mais de dez anos e duas áreas não existem, foram documentos montados, forjados em cima de outras áreas.

Roberto em off: O esquema favoreceria madeireiros da região de Tailândia, onde moradores enfrentaram a polícia numa manifestação contra a operação do Ibama que apreendeu madeira ilegal nas serrarias. A investigação indica que foram derrubados irregularmente na região mais de 170 mil metros cúbicos de madeira, o equivalente a sete mil carretas repletas de toras. A fraude teria rendido cerca de R\$ 50 milhões.

Roberto: Quando pediu a documentação à Secretaria de Meio Ambiente, a promotora foi surpreendida.

Walmir Ortega, secretário de Meio Ambiente (PA): O sumiço dos projetos, o sumiço da documentação, que é claramente, neste caso, uma tentativa de dificultar o processo de apuração e investigação que estamos fazendo na secretaria.

Roberto em off: O secretário de Meio Ambiente na época, Raul Porto, chegou a ser preso no ano passado por crimes contra o meio ambiente. Ele está em liberdade, mas não quis comentar a nova denúncia.

Roberto: A Secretaria de Meio Ambiente do Pará abriu uma sindicância para investigar as fraudes.

26)Data: 20.02.2008No Doc: RJ:52-0033395

Título: Manifestação no Pará contra operação Guardiões Da Floresta do IBAMA em madeireiras ilegais.

Local: Tailândia, Pará

Repórter: Roberto Paiva

Fonte: TV Globo

Duração: 00:01'48"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Quatro pessoas foram presas em Tailândia, nordeste do Pará, acusadas de incitar os protestos que motivaram a suspensão da fiscalização de madeireiras. Moradores enfrentaram a polícia.

Fátima: O protesto da população começou com a interdição da estrada que dá acesso à cidade, onde madeireiras e serrarias estavam sendo vistoriadas por fiscais do Ibama e do governo do Pará. Logo, um imenso engarrafamento de formou.

Roberto em off: O grupo de fiscais foi cercado pela multidão - estimada em 2 mil pessoas. Ameaçados, se viram obrigados a fugir. O Ibama decidiu suspender a fiscalização e os funcionários saíram às pressas da cidade.

Roberto: Um fiscal, que não quer ser identificado, disse que ele e cinco colegas conseguiram escapar pelos fundos de uma madeireira.

Fiscal do Ibama: Fiquei com bastante medo de não sair vivo de lá

Roberto em off: Os moradores permaneceram nas ruas - e atearam fogo aos pneus que bloqueavam a rodovia. O batalhão de choque da polícia foi atacado com pedras - e respondeu com bombas de efeito moral e balas de borracha. Algumas pessoas ficaram feridas no tumulto, que durou cerca de dez horas.

Roberto: Segundo o Ibama, o protesto dos moradores de Tailândia foi tramado pelos donos de madeireiras e serrarias - que ameaçaram demitir os funcionários por causa do arroxó na fiscalização, iniciado há dez dias durante a Operação Guardiões da Floresta.

Ana Julia Carepa, governadora do Pará: É uma tentativa de intimidar o estado. Nós não vamos abrir mão de cumprir a nossa ação de combate ao desmatamento e de retirar toda a madeira que está lá.

Roberto: O ministro da Justiça, Tarso Genro, não descartou o envio da Força Nacional de Segurança à região.

Ministro da Justiça, Tarso Genro: Se for preciso, vai para a Amazônia, não está definido, a primeira ação operação lá vai ser da Polícia Federal.

Ministra do Meio Ambiente, Marina Silva: Temos que trabalhar envolvendo ações de inteligência, ação de fiscalização e de capacidade de negociar, de conversar com as pessoas. Jamais com os bandidos.

Roberto: A ministra do Meio Ambiente disse também que vai se reunir, amanhã, com representantes da Polícia Federal, da Força Nacional de Segurança, e da Agência Brasileira de Inteligência - para discutir a retomada da fiscalização das madeiras ilegais. Durante o confronto de ontem, o fórum de Tailândia foi atacado - e a polícia abriu inquérito para investigar os danos ao patrimônio público.

27)Data:14.02.2008No Doc:RJ:52-0033329

Título: Operação do IBAMA apreende quantidade impressionante de madeira ilegal.

Local:Pará

Repórter:Roberto Paiva

Fonte:TV Globo

Duração:00:01'23"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: No norte do Brasil, em mais uma operação para tentar frear o desmatamento na Amazônia, o Ibama apreendeu uma quantidade assustadora de madeira extraída ilegalmente da floresta.

Fátima: A apreensão foi feita em Tailândia, no nordeste do Pará, município que concentra dezenas de madeiras.

Roberto em off: Em cinco empresas, os fiscais do Ibama encontraram 15 mil metros cúbicos de madeira sem qualquer documentação. Os donos serão multados em R\$ 1,5 milhão e responderão por crime contra o meio ambiente, que tem pena de seis meses a um ano de prisão. A madeira apreendida vai ser leiloada e o dinheiro arrecadado, usado no combate ao desmatamento. Reunidos em Belém, os responsáveis pelo Ibama na Amazônia definiram as ações para este ano na região.

Roberto: Para tentar conter o desmatamento, deverão ser realizadas até dezembro 120 operações.

Bazileu Alves Margarido, presidente do Ibama: A nossa meta a longo prazo é efetivamente eliminar o desmatamento ilegal na Amazônia.

Roberto: A ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, que também participou do encontro, disse que aqueles que atacarem a floresta serão responsabilizados criminalmente.

Ministra do Meio Ambiente, Marina Silva: Aqui não é terra sem lei e nós estamos trabalhando cada vez mais para que se tenha o cumprimento da lei e a efetividade dela.

Roberto: Organizações não governamentais que trabalham na preservação da Amazônia, apóiam o anúncio do governo de cortar o financiamento dos proprietários que desmatam.

Adalberto Veríssimo, pesquisador do Imazon: Se for implementada, é a medida mais forte de combater o desmatamento porque ela pesa no bolso do infrator. Então, fechou a torneia do crédito, com certeza você vai ter um ambiente muito mais favorável para a redução do desmatamento.

Roberto: Segundo o Serviço Florestal Brasileiro, as novas determinações aos bancos sobre financiamento rural serão encaminhadas para aprovação do Conselho Monetário Nacional até o fim do mês.

28)Data:12.02.2008No Doc: RJ:52-0033302

Título: Operação do IBAMA contra desmatamento em propriedades particulares dentro da Floresta Amazônica.

Local: Amazônia

Repórter: Sergio Yano (pseudônimo)

Fonte: TV Globo

Duração: 00:01'48"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: A extração ilegal de madeira nobre em propriedades particulares está se multiplicando no Amazonas. Veja na reportagem de Nonato Costa e Sérgio Yano.

Sérgio em off: Fiscais do Ibama investigam denúncias de desmatamentos ilegais em propriedades particulares nos municípios de Iranduba e Manacapuru, no entorno de Manaus. Dois caminhões carregados com 28 metros cúbicos de madeira são retidos. Iam embarcar de balsa para Manaus.

Sérgio: Os motoristas não têm o documento que autoriza o transporte do material.

Motorista, Paulo Nunes: Não sou dono de madeireira, só sou responsável pelo frete.

Sérgio em off: Os agentes seguem as pistas. Numa propriedade particular encontram mais uma área devastada. Quem derruba a floresta para aproveitar a madeira está em busca de árvores como o cedro, considerado madeira de lei. O corte é seletivo, mas sem qualquer tipo de manejo.

Sérgio: A matemática é trágica: para cada árvore nobre derrubada outras 20 tombam no caminho. Quilômetros adiante, a derrubada continua. Os infratores fogem antes da chegada dos agentes e deixam acampamentos montados, óleo para motosserras e um caminhão carregado. Além da madeira beneficiada, há muita lenha que terá outro destino. O motorista de um caminhão confirma.

Motorista do caminhão: Vai pra olaria.

Sérgio em off: Ao som das motosserras, as equipes montam uma emboscada na mata. Cinco homens são detidos. Eles foram contratados pelo dono da propriedade para o desmate.

Marcelo Dutra, Analista ambiental: O Amazonas tem 158 milhões de hectares e pouco mais de algumas dezenas de fiscais espalhados no estado inteiro.

Sérgio: Quatro caminhões, facões e motosserras foram apreendidos pelo Ibama durante a operação. Os proprietários de áreas desmatadas irregularmente foram notificados.

29)Data:30.01.2008No Doc:RJ:52-0033173

Título: Ministros fazem vistoria em áreas atingidas pelo desmatamento na Floresta Amazônica

Local:Brasília, Mato Grosso e Pará

Repórter:Zileide Silva

Fonte:TV Globo

Duração:00:01'27"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: O presidente Lula disse nesta quarta que os produtores rurais ainda não podem ser responsabilizados pelo avanço do desmatamento ilegal na Amazônia.

Fátima: Os ministros da Justiça, do Desenvolvimento Agrário e do Meio Ambiente visitaram a região.

Zileide em off: Os ministros sobrevoaram o norte de Mato Grosso e o sul do Pará, as áreas mais atingidas pelo desmatamento, que segundo o Inpe, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, a pode chegar a sete mil quilômetros quadrados. Ao lado do governador Blairo Maggi, crítico dos números do Inpe e um dos maiores produtores de soja do país, a ministra Marina Silva, que responsabiliza o agronegócio pela devastação, cobrou um pacto dos produtores pelo fim do desmatamento ilegal.

Ministra do MA, Marina Silva: Porque a sociedade brasileira não quer mais ver a Amazônia destruída.

Zileide: Sem gravar, o presidente Lula deixou claro nesta quarta que ainda tem dúvidas sobre se houve mesmo uma aceleração do desmatamento na Amazônia. Lula fez uma comparação. Para ele, os dados do Inpe foram tratados como um câncer, quando na verdade seriam um nódulo, que pode ou não ser um tumor maligno. O presidente defendeu o agronegócio. Afirmou que ninguém pode culpar a soja, o feijão, o gado, ou os sem-terra pelo desmatamento sem antes de investigar o que aconteceu, e disse ainda que topa brigar com as organizações não governamentais que tem acusado o governo de irresponsabilidade, mas elas deveriam antes, segundo o presidente, plantar árvores nos países delas. E para quem desmata ilegalmente, o recado do presidente foi claro: eles devem perder suas terras. Na noite desta quarta, em São Paulo, o presidente Lula voltou a falar sobre o desmatamento na Amazônia. Disse que os dados do Inpe ainda precisam ser analisados mais detalhadamente e pediu que prefeitos e governadores visitem as áreas atingidas para entender o que está acontecendo na região.

30)Data: 25.01.2008No Doc:RJ:52-0033127

Título: Reunião em Brasília, para discutir a aplicação das medidas contra o desmatamento.

Local: Amazônia, Brasília

Repórter: Cristina Serra

Fonte: TV Globo

Duração: 00:02'16"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Os ministros do Meio Ambiente e do Desenvolvimento Agrário tiveram uma reunião, em Brasília, para discutir a aplicação das medidas anunciadas ontem.

Fátima: O avanço do desmatamento repercutiu na imprensa internacional.

Cristina em off: No mundo todo o aumento do desmatamento chamou a atenção. Nos Estados Unidos, o jornal "The Washington Post" publicou que a destruição ambiental cresceu dramaticamente no último ano. Em um tom mais crítico, o britânico "The Guardian" afirma que as imagens de satélite desmentiram o governo brasileiro - que vinha anunciando conquistas na proteção das florestas.

Cristina: Hoje, os ministérios do Meio Ambiente e do Desenvolvimento Agrário detalharam como será o cadastramento das propriedades rurais - uma das medidas anunciadas para conter o desmatamento. O cadastramento começa na segunda quinzena de fevereiro: 80 mil propriedades rurais terão que se cadastrar. Elas somam uma área total de 80 milhões a 100 milhões de hectares nos 36 municípios que mais desmataram, nos estados do Pará, Mato Grosso e Rondônia. O proprietário que não se cadastrar não poderá obter crédito em bancos públicos, nem vender a terra e a produção. Nos casos em que for constatado desmatamento ilegal, a terra será embargada. Mas o governo reconhece que a medida é de difícil execução.

Guilherme Cassel, Ministro do Desenvolvimento Agrário: É um trabalho muito difícil significa entrar mata a dentro mata cerrada. Para que a gente tenha uma malha fundiária estável e regular.

Cristina: Ambientalistas insistem que o problema é causado principalmente pelo avanço da agropecuária.

Mauro Armelin, da ONG WWF: A terra precisa ser preparada. Então é uma dinâmica normal que acontece. Esse ano pode desmatado para o plantio acontecer nos próximos anos. A questão é: houve desmatamento e desmatou-se para produzir.

Cristina: A Confederação Nacional da Agricultura reconhece que os proprietários rurais derrubam a mata por ser mais lucrativo.

Assurero Veronez, da Confederação Nacional da Agricultura: Enquanto a floresta não tiver valor melhor do que a área desmatada, do que a floresta derrubada, nós vamos continuar assistindo esse problema

Cristina: Para a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, os proprietários rurais deveriam decretar uma moratória do desmatamento:

Ministra do Meio Ambiente, Marina Silva: Não adianta essa visão paternalista de que o estado vai fazer tudo sozinho, a sociedade também tem a sua parte.

31)Data: 25.01.2008No Doc: RJ:52-0033126

Título: IBAMA não consegue conter desmatamento no Pará.

Local: Moju (Pará)

Repórter: Roberto Paiva

Fonte: TV Globo

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Um obstáculo imenso está colocado no caminho do governo na tentativa de conter a devastação da Amazônia. Ontem, foram anunciadas medidas de emergência - como o cadastramento de propriedades e a proibição de novas derrubadas em 36 municípios. Mas, no Pará, por exemplo, o próprio secretário de meio ambiente afirma que quase todo o desmatamento no estado é ilegal.

Roberto em off: Os sistemas de monitoramento da Amazônia apontam com exatidão as áreas onde a mata é devastada. Mas o imenso território do estado dificulta a identificação dos criminosos - e as ações de repressão: quando as autoridades chegam às áreas destruídas, já não há mais ninguém por perto. Na Amazônia as queimadas e os desmatamentos ocorrem todos os dias, mas dificilmente os responsáveis são punidos.

Roberto: No Pará, promotores e procuradores da República denunciam a falta de estrutura do Ibama e da Secretaria Estadual de Meio Ambiente para combater os crimes contra a floresta.

Felício Pontes, do Ministério Público Federal (PA): A infra-estrutura do Ibama é muito precária, não consegue fazer frente ao desafio que é acabar com o desmatamento ilegal na Amazônia.

Promotor, Raimundo Moraes: A capacidade do Pará é baixa de fiscalizar e de combater o desmatamento. Ainda precisa de muito investimento para que tenha condições de fato responder a esta demanda.

Roberto em off: Segundo o secretário estadual de Meio Ambiente, Valmir Ortega, de agosto a dezembro do ano passado foram derrubados cerca de 600 quilômetros quadrados de florestas no Pará. Quase tudo sem autorização alguma.

Secretário Estadual de Meio Ambiente, Valmir Ortega: Mais de 90%, 99% do desmatamento do estado do Pará é completamente ilegal.

Roberto: O Ibama diz que só no ano passado aplicou R\$ 430 milhões em multas - mas não recebeu nem 10% desse valor. Para o procurador-chefe do órgão no estado, a arrecadação poderia aumentar se ele contasse com mais procuradores para cuidar dos processos na justiça.

Bruno Valente, procurador-chefe do Ibama (PA): Fica a sensação de impunidade e serve de estímulo para que as pessoas continuem praticando infrações ambientais.

Paulo Barreto, pesquisador da ONG Imazon: Sem ter realmente uma punição efetiva, é de se esperar que os fazendeiros continuem a desmatar e então é essencial aumentar a eficácia da arrecadação das multas no caso dos crimes ambientais.

32)Data: 24.01.2008No Doc: RJ:52-0033113

Título: Governo anuncia medidas para conter o desmatamento na Amazônia

Local:

Repórter: Zileide Silva

Fonte: TV Globo

Duração:00:02'21"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: A devastação do verde da Amazônia acendeu a luz amarela em Brasília. Numa reunião de emergência, o governo anunciou nesta sexta uma série de medidas para tentar conter o desmatamento.

Zileide em off: Uma devastação desse tamanho, nos últimos meses do ano, pegou o governo de surpresa. O comum, segundo o Inpe, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, que mede o desmatamento, é que, por causa das chuvas no final do ano, a derrubada de árvores diminua. No ano passado, foi diferente. O desmatamento ilegal, entre agosto e dezembro, pode chegar a sete mil quilômetros quadrados. Há três anos, o governo comemorava reduções nesse índice. Os estados que mais desmataram foram Mato Grosso, Pará e Rondônia, e 36 municípios destes estados são os campeões, responsáveis, sozinhos, por 50% de toda a devastação.

Zileide: Assustado com esses números, o presidente Lula convocou uma reunião de emergência com todos os ministros e órgãos que podem tentar encontrar uma solução. Disse que não está na hora de acusar ninguém e sim de ir às áreas desmatadas e tomar as providências. Mas logo após a reunião, as divergências continuavam claras.

Ministra do Meio Ambiente, Marina Silva: O desmatamento aumentou nos três estados em que tem uma forte atividade agrícola e uma forte atividade pecuária.

Zileide: O ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, discorda.

Ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes: Há quatro anos que não aumenta a área de produção de soja, ou seja, não se tem novas áreas sendo utilizadas em soja.

Zileide em off: A Polícia Federal vai reforçar a fiscalização na Amazônia. Oitocentos novos agentes vão ser enviados para a região. A ministra Marina Silva aposta ainda em outras medidas, que já tinham sido anunciadas no final de dezembro.

Zileide: A partir desta sexta, quem fizer um desmatamento ilegal não terá mais financiamento nos bancos públicos e serão proibidas novas autorizações de desmatamento nos municípios que mais devastam a floresta. Quem insistir vai ter a terra embargada, não poderá utilizá-la. E quem comprar qualquer produção destas áreas será co-responsabilizado. Poderá ser punido também.

João Paulo Capobianco, Secretário do Ministério do Meio Ambiente: Será possível monitorar permanentemente o desmatamento com a intensificação precisa do agente degradador. Esse é um elemento novo, fundamental na inteligência da fiscalização.

33)Data: 19.01.2008 DAUNo Doc: RJ:52-0033074

Título: Cinquentenário da morte do Marechal Rondon.

Local: Campo Grande (MS)

Repórter: Claudia Gaigher

Fonte: TV Globo

Duração: 00:02'46"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Ele dá nome a um estado, cidades e quase 400 ruas e avenidas Brasil afora.

Fátima: Marechal Rondon é reconhecido como um dos mais importantes brasileiros de todos os tempos. É o que mostra a repórter Cláudia Gaigher.

Claudia em off: Há quase um século, quando gravar imagens era uma novidade, a equipe de Rondon já registrava cenas de uma Brasil desconhecido. Em mil 1913 o ex-presidente americano Theodore Roosevelt, veio ao Brasil e, com Rondon, participou da expedição que pela primeira vez percorreu o Rio da dúvida, em Mato Grosso. Imagens mostram a aventura de navegar por 1,4 mil quilômetros em águas desconhecidas. Roosevelt quase morreu.

Claudia: O rio foi batizado com o nome do americano. Desafiar a floresta e revelar ao mundo as riquezas do Brasil. Até hoje, meio século depois da morte de Rondon, os registros feitos pelo marechal são usados em mapas e pesquisas. Quando o Brasil dava os seus primeiros passos como uma República, o oficial aceitou o desafio de integrar os sertões do centro oeste e da Amazônia.

Claudia em off: Naquela época se embrenhar na mata era quase um caminho sem volta e eles abriram estradas, esticaram linhas telegráficas por mais de dois mil quilômetros. A comissão do telégrafo saiu do Rio de Janeiro, chegou ao Centro-Oeste e seguiu até os lugares mais isolados da região Norte. Alguns postes ainda estão onde há quase um século foram instalados.

Claudia: Sobrenome famoso no peito, o coronel Rondon, do setor de comunicações do Exército, tem hoje computador, telefone. Foi o bisavô dele que começou tudo isso.

Benjamin Rondon, bisneto do Marechal Rondon: Ele ia construindo edificações, as estações dos postos de telégrafos e com isso formando os povoados.

Claudia: Com poucos recursos tecnológicos, Rondon conseguiu a exatidão de um matemático. Desbravou mais de 50 mil quilômetros incorporando ao mapa do Brasil, uma área do tamanho do estado de Minas Gerais.

Historiador, Hildebrando Campestrini: Ele parava, media, anotava, descrevia a vegetação, rios, tudo.

Claudia em off: Foram esse pioneiros que descobriram um Brasil rico sob os seus pés. Identificaram jazidas de manganês, ouro e diamantes. Imagens raras revelam momentos descontraídos de Rondon com os índios da Amazônia. As expedições telegráficas encontraram na floresta um pedaço da alma brasileira. Rondon ajudou a criar o serviço de proteção aos índios e foi o primeiro diretor. Demarcou terras indígenas em diferentes regiões do Brasil. No lombo de burros, carregando quilos de equipamentos, enfrentando corredeiras raivosas. Com uma determinação teimosa, esse descendente de índios mostrou a garra do brasileiro.

34)Data:18.01.2008No Doc:RJ:52-0033067

Título: Deputados estaduais do Acre aproveitaram o recesso parlamentar para fazer uma expedição pelos rios da Amazônia com dinheiro público.

Local: Acre

Repórter: Jefson Dourado

Fonte:TV Globo

Duração:00:01'46"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Deputados estaduais do Acre aproveitaram o recesso parlamentar para fazer uma expedição pelos rios da Amazônia. Tudo pago com dinheiro público.

Jefson em off: Nove dias a bordo de um luxuoso iate alugado por R\$ 30 mil. A viagem, paga pela Assembléia Legislativa do Acre, reuniu 24 pessoas entre deputados, vereadores, jornalistas e parentes. Foram mais de 4,3 mil quilômetros pelos rios Juruá e Solimões, de Cruzeiro do Sul, no Acre, até Manaus. No percurso, além das belezas da Amazônia, mergulhos e paradas nas comunidades ribeirinhas. Tudo com muita música e cerveja.

Jefson: Segundo o presidente da Assembléia Legislativa do Acre, deputado Edivaldo Magalhães, do PC do B, o objetivo da viagem era estudar a viabilidade do rio Juruá como rota de turismo da região.

Presidente da Assembléia Legislativa do Acre, deputado Edivaldo Magalhães - PC do B: Quando retomarmos os debates, vamos construir uma audiência pública com vários desdobramentos para discutirmos uma proposta a ser votada na assembléia ainda esse ano de uma política pública de investimentos nestas rotas alternativas de turismo da região do Juruá.

Jefson em off: Alheio ao caráter científico da expedição, o deputado Juarez Leitão, do PT, chegou a comemorar o aniversário com um churrasco a bordo.

Jefson: Nesta sexta, o presidente da OAB no Acre, Florindo Poesrch, protocolou na Assembléia Legislativa do estado um pedido de explicações sobre os motivos e os gastos da viagem.

Presidente da OAB no Acre, Florindo Poesrch: Em nenhum momento nessas imagens você vê alguém fazendo uma pesquisa, algum relatório. Só se vê churrasco, cerveja, violão, banho de rio. E a OAB, certamente, uma vez caracterizada a improbidade, além de encaminhar ao Ministério Público, serão tomadas providências. A OAB certamente vai ajuizar ação civil pública para que os cofres públicos sejam ressarcidos desses valores gastos nesta expedição.

Jefson: O presidente da Assembléia Legislativa do Acre, deputado Edivaldo Magalhães, do PC do B, declarou que vai responder a todas as questões levantadas pela OAB. O Ministério Público do Acre informou que também vai pedir informações à Assembléia Legislativa sobre a viagem.

35)Data:15.01.2008No Doc: RJ:52-0033030

Título: Pesquisa do INPA sobre os botos revela que ele realmente é um conquistador.

Local: Amazônia

Repórter: Daniela Assayag

Fonte: TV Globo

Duração: 00:01'31"

Matéria: Editada

Texto: Fátima: Um estudo realizado por pesquisadores na Amazônia revelou que uma lenda muito conhecida na região pode ter um certo fundo de verdade. Confira a reportagem de Daniela Assayag.

Daniela em off: Ele tem fama de conquistador. Na Amazônia, todo mundo já ouviu falar na lenda do boto, que vira homem para conquistar as caboclas.

Morador: Tem muita caboclinha preta de filho de boto.

Daniela em off: Agora a ciência mostra que a lenda, em parte, pode ser verdadeira. O boto cor de rosa seria mesmo um animal sedutor. Durante três anos, cientistas do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) observaram o comportamento de milhares de botos e concluíram que os machos dão presentes para as fêmeas como parte da conquista. Mais de 13 mil botos vivem na Reserva de Mamirauá, a 550 quilômetros de Manaus. A água é escura e os animais só podem ser vistos quando vêm à superfície para respirar. Fotos tiradas pelos pesquisadores do Projeto Boto mostram animais carregando, na boca, pedaços de barro, capim e galhos. O comportamento só foi observado em machos, próximos das fêmeas adultas.

Daniela: Os presentes, segundo os pesquisadores, ajudam a fêmea a escolher o reprodutor. Os mais românticos teriam sucesso na conquista.

Pesquisadora do Inpa, Vera Silva: O macho que nós encontramos com mais frequência com este tipo de comportamento é, até agora, o pai do maior número de filhos na nossa amostra

Daniela: O estudo sobre o comportamento sedutor dos botos da Amazônia mostra que ainda há muito o que se descobrir sobre os golfinhos de água doce

Moradora: Além de ser uma lenda, é um símbolo da Amazônia

NOTÍCIAS JORNAL NACIONAL 2009

1)Data:10.12.2009No Doc:RJ52-0037569

Título: Pecuária emite metade dos gases poluentes do país

Local:São José dos Campos

Repórter:Karen Schmidt

Fonte:TV Globo

Duração:00:04'58"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: O Brasil tem o maior rebanho comercial do mundo. São 190 milhões de cabeças de gado, e 70% abastecem o mercado interno. O restante é exportado

Fátima: Uma pesquisa inédita mostra que a pecuária é responsável por metade das emissões dos gases do efeito estufa no país. Pesquisadores brasileiros vão apresentar o estudo na Conferência do Clima, em Copenhague, neste final de semana

Karen em off: O Brasil tem o maior rebanho comercial do mundo. São 190 milhões de cabeças de gado, e 70% abastecem o mercado interno. O restante é exportado. A pecuária gera 4% do produto interno bruto nacional. Mas a um custo ambiental muito alto.

Pesquisador INPE, Carlos Nobre: Num ano de grande desmatamento, a pecuária como um todo emite talvez 50% e o setor todo de energia do Brasil emite 17, 18%

Karen: Os cientistas levaram em conta a liberação do gás metano durante a digestão dos animais. Ele é 21 vezes mais nocivo do que o gás carbônico. Mas a substituição da vegetação por pastagens e a queima do solo para manutenção delas são as maiores causas das emissões de poluentes. Entre 2003 e 2008, 75% da área desmatada na Amazônia e 56% no cerrado viraram pasto.

Karen em off: A solução, segundo os pesquisadores, não é parar de comer carne. Eles afirmam que é possível diminuir as emissões de gases do efeito estufa mantendo a mesma produção. Para isso seria preciso modernizar a pecuária, usando mais tecnologia, menos espaço e até diversificando a alimentação do gado.

Pesquisador da Embrapa, Luís Gustavo Barioni: Alguns óleos vegetais podem reduzir drasticamente as emissões de metano pelos animais. Existem também alguns antibióticos que são seletivos às bactérias do rumen que produzem metano.

Karen: Os cientistas são unânimes em afirmar que se o Brasil quiser atingir a meta de redução de 36% na emissão de gases até 2020, os investimentos nesse setor são inevitáveis.

Roberto Smeraldi, ONG Amigos da Terra: Vai ter que mudar muita coisa, mas isso vai ser bom pra economia. E esses investimentos terão como retorno a mitigação da emissão, aumento de emprego e aumento da produtividade

2)Data:05.12.2009DAUNo Doc: RJ52-0037547

Título: Amazonas: Seca Ameaça Moradores das Margens de Rios

Local:Rio de Janeiro

Repórter:Andre Luiz Azevedo; Daniela Assayag; Veruska Donato.

Fonte:TV Globo; CBF.

Duração:00:32'58"

Matéria: Editada

Texto: Fátima: A temporada de seca está afetando a vida de 190 mil pessoas. Quinze cidades já decretaram estado de emergência.

Daniela em off: Parece neblina, mas é fumaça das queimadas. Pela segunda vez esta semana, Manaus amanhece assim.

Idosa: Ninguém enxerga nada. Nada, nada, nada

Daniela: Os bombeiros registraram mais de mil focos de incêndio em Manaus durante 2009. Quatro vezes mais que ano passado. Segundo o Serviço de Proteção da Amazônia, ventos fortes influenciados pelo El Niño também estão trazendo a fumaça de vários pontos da região.

chefe de meteorologia do Sipam, Ricardo Dallarosa: Os ventos estão convergindo dessas áreas e descendo em Manaus e nós temos presenciado essa condição de fumaça bastante concentrada na região

Daniela em off: Desde o mês de julho, chove menos da metade do previsto em algumas áreas de Amazônia. A estiagem que deveria ter terminado em outubro se prolongou. Em municípios próximos à Manaus, rios pequenos e lagos desapareceram. Alguns barcos acabaram em terra firme.

Daniela: Pescadores agora transportam os peixes em carrinhos de mão por onde antes passava um rio.

Pescador: Não deu tempo para ninguém correr com os barcos. Quando desceu, desceu de uma vez

Daniela em off: A navegação está mais perigosa. Uma balsa de combustível ficou encalhada. Cidades do alto Rio Negro estão isoladas e o abastecimento comprometido. Em lugares onde secou demais, falta oxigênio para os peixes, que acabam morrendo.

Daniela:A escassez de água potável ainda é o maior problema. A casa flutuante de dona Claudete ficou no chão. O rio foi para longe

Dona Claudete: São 300 metros de terra que a gente anda para alcançar o Solimões

Daniela: De acordo o Serviço Geológico do Brasil, esta é a terceira maior vazante registrada nos últimos cem anos na região, considerando o volume de água que desapareceu

superintendente do Serviço Geológico do Brasil Marco Antônio Oliveira: São 13,9 metros, praticamente um prédio de cinco andares. É um volume de água muito grande que vai escoar em direção ao oceano

3)Data:05.11.2009No Doc:RJ52-0037425

Título: Imagens do resgate do avião da FAB são divulgadas

Local: Amazônia

Repórter: Não há, só imagens cedidas.

Fonte:TV Globo (satélite);

Duração: 34"

Matéria: Editada

Texto: Fátima: A Aeronáutica divulgou nesta quinta-feira imagens do resgate dos nove sobreviventes do acidente com um avião da FAB na Floresta Amazônica

Bonner: Os passageiros foram localizados 24h depois da tentativa do pouso forçado. Os militares usaram helicópteros para retirar as pessoas do local.

Fátima: A Aeronáutica também divulgou fotos da operação para içar o avião do fundo do igarapé. As peças serão analisadas durante as investigações sobre as causas do acidente da semana passada, em que duas pessoas morreram.

4)Data:02.11.2009No Doc:RJ52-0037417

Título: Piloto da FAB diz que motor não parou

Local:Acre, Manaus, São Paulo

Repórter:Daniela Branches

Fonte:TV Globo

Duração:00:02'07"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: O corpo do suboficial Marcelo dos Santos Dias foi levado hoje para o Rio de Janeiro num avião da FAB.

Fátima: Os pilotos do avião da FAB, que sobreviveram ao acidente da última quinta-feira, na Amazônia, contaram como foi o pouso forçado. As duas vítimas foram enterradas nesta segunda

Danielaem off: O corpo do suboficial Marcelo dos Santos Dias foi levado para o Rio de Janeiro num avião da FAB. O enterro reuniu parentes e amigos num cemitério da Baixada Fluminense. Marcelo era especialista e instrutor de manutenção de aviões como o Caravan C-98, onde ele viajava na última quinta-feira. O corpo do funcionário da Funasa, João de Abreu Filho, foi enterrado em Benjamin Constant, interior do Amazonas. Os três militares que sobreviveram ao acidente conversaram com a imprensa na tarde de hoje em Manaus.

Daniela: O piloto, tenente Vagner Veiga falou porque precisou fazer o pouso forçado e desligar o motor segundos antes do impacto com a água.O co-piloto e mais jovem da tripulação estava emocionado. José Ananias, tenente, lembrou dos momentos de frio durante a noite na selva. E conta onde buscou esperanças. O sargento Edmar Simões, mecânico, lembrou do esforço do amigo Marcelo Dias, durante o salvamento dos passageiros. A Aeronáutica se concentra agora na retirada do avião que continua submerso a seis metros de profundidade. Como é um período de vazante na Região Amazônica, a operação, que começou hoje, deve ser trabalhosa, mas há previsão de encerrar ainda esta semana. Assim que for içado, o Caravan será desmontado e analisado por técnicos especialistas da Força Aérea Brasileira.

5)Data:31.10.2009No Doc:RJ52-0037412

Título: Sobrevivente conta como foi acidente com avião da FAB

Local: Cruzeiro do Sul (Acre)

Repórter:Jefson Dourado

Fonte:TV Acre

Duração:00:01'42"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Sobrevivente conta como foi o acidente com o avião da FAB

Fátima: Vanessa Almeida, grávida de três meses, conta que saiu pela porta traseira do avião. A repórter Daniela Branches tem as informações sobre o trabalho de resgate.

Daniela: Agora a noite a aeronáutica confirmou que foi encontrado o corpo do funcionário da Funasa, João de Abreu Filho, ele estava dentro da aeronave que foi encontrada por volta de 13h. O avião está há seis metros de profundidade. O corpo dele deve ser levado para Cruzeiro do Sul, no Acre, e de lá será transportado para Tabatinga, no Amazonas, e irá para cidade de Benjamim Constant.

Fátima: Vamos agora para o Acre onde nosso repórter, Jefson Dourado, está com a sobrevivente

Jefson em off: A aeronáutica informou que os trabalhos vão continuar essa noite em busca do militar Marcelo Dias, que é mecânico da Fab. Este trabalho de resgate está contando com 25 militares e também o corpo de bombeiros e ajuda de índios da tribo Marubo. Nós estamos com uma das sobreviventes deste acidente, a Vanessa Almeida, grávida de três meses.

Jefson: Como você conseguiu sair do avião?

Vanessa Almeida, sobrevivente: Eu segui todas as orientações do comandante que antes da queda disse para nós sairmos pela porta traseira da aeronave, foi o Dias que abriu a porta. Assim que eu consegui sair da aeronave.

Jefson: Você chegou em Manaus, como foi a emoção de encontrar o marido?

Vanessa Almeida, sobrevivente: Eu estava muito ansiosa.

Jefson: Ela está muito abalada mas aceitou o nosso convite. As causas do acidente estão sendo investigadas e não há prazo para serem encerradas.

6)Data:30.10.2009No Doc:RJ52-0037406

Título: Avião da FAB cai na Amazônia e nove sobrevivem

Local:Rio Branco, Brasília

Repórter:Poliana Abritta

Fonte:TV Globo/TV Acre

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Avião da FAB cai na Amazônia e nove passageiros sobrevivem.

Fátima: Dos 11 passageiros, 7 são colaboradores da Funasa e 4, tripulantes do voo da FAB. Eles viajavam para vacinar comunidades indígenas. Duas pessoas ainda estão desaparecidas

Poliana em off: Equipes de salvamento da Força Aérea Brasileira resgataram nove sobreviventes do avião que caiu, na quinta-feira, na Floresta Amazônica. Duas pessoas ainda estão desaparecidas.

Depois do resgate na selva, os nove sobreviventes do acidente foram levados direto para o hospital.

Poliana: Na última quinta-feira, a aeronave C-98 Caravan saiu às 8h30 de Cruzeiro do Sul, no Acre, com destino a Tabatinga, no Amazonas, e 58 minutos depois, emitiu um sinal de emergência para a força aérea.

Poliana em off: Sete aeronaves da FAB e uma do Exército começaram as buscas, mas o avião só foi encontrado nesta sexta-feira de manhã por índios da tribo Matis, às margens do Rio Ituí, na Floresta Amazônica. A maior parte da aeronave está debaixo d'água. Equipes de busca estão a caminho do local do acidente. O técnico em enfermagem João de Abreu Filho e o mecânico do avião, suboficial Marcelo dos Santos Dias, ainda não foram encontrados. Mergulhadores e índios da região vão ajudar nas buscas aos dois desaparecidos.

Poliana: Dos 11 passageiros, 7 são colaboradores da Funasa, a Fundação Nacional de Saúde, e viajavam para vacinar comunidades indígenas. Os outros quatro, tripulantes do voo da FAB. Em Natal, parentes do copiloto que sobreviveu ao acidente, passaram horas de muita angústia

Tia do copiloto, Nadja Pereira: A gente teve sempre a esperança de que ia dar tudo certo, principalmente porque ele é muito profissional em tudo o que ele faz. Ele me disse que conseguiu salvar nove pessoas

Poliana: As causas do acidente vão ser investigadas pela Aeronáutica, mas neste episódio, felizmente, há sobreviventes para contar o que aconteceu. Em Cruzeiro do Sul, o repórter Jeferson Dourado acompanhou a chegada deles.

Jefson: Todos os sobreviventes já fizeram exames e passam bem, inclusive a funcionária da Funasa que está grávida.

7)Data:25.09.2009No Doc:RJ52-0037257

Título: Série Índios da Amazônia

5. e última matéria-educação

Local: São Gabriel da Cachoeira

Repórter:Marcelo Canellas

Fonte:TV Globo

Duração:00:04'33"

Matéria: Editada

Texto: Bonner:Na última reportagem da série que o Jornal Nacional apresenta nesta semana sobre os índios da Cabeça do Cachorro na Amazônia, Lúcio Alves e Marcelo Canellas, mostram hoje como os Tuyukas criaram um modelo novo de educação no meio da selva.

(Vinheta Amazônia)

Canellas em off: Como é que se aprende dividindo em uma sala, 4 classes?

Coordenadora da escola, Elvia Soares: Quando um professor está dando aula, ele já presta atenção em outro lugar e a professora também tem que estar muito atenta para essa criatividade.

Canellas em off: Como é que se aprende sem sala nenhuma?

1o Diretor da escola, Armando Menezes: Grande parte do grupo dos professores achou melhor parar, suspender por 5 meses....

Canellas: Mas suspender por que?

Armando Menezes: Porque eles achavam que não tinha outro espaço, não tinha banheiro....

Canellas em off: É assim que 10 mil indiozinhos das Aldeias de São Gabriel da Cachoeira, se preparam para a "Prova Brasil", marcada para o mês que vem. Nem o mais otimista dos professores espera um bom desempenho.

2o diretor da escola,Protázio Castro: Ele vai ter condição de disputar de igual para igual com o aluno de Brasília, que dispõe de biblioteca, de Internet, de sala de ciências, de sala de pesquisa, de tudo?

Canellas em off: No amazônico abandono da selva, uma canoa nos leva a uma ilha de excelência.

Prof. João Bosco Rezende: Aqui é o mini-laboratório da Escola Tuyuca. Com essas ferramentas (imagens de tanques de peixes) tecnológicas.... esse projeto é pensado para a sustentabilidade das famílias do Alto Tiquié.

Canellas em off: O experimento dos alunos virou comida para a aldeia inteira. Desde que foi instalado na comunidade Tuyuca de São Pedro, quase na fronteira com a Colômbia, o projeto de educação indígena diferenciada tenta unir a tecnologia dos brancos e os conhecimentos tradicionais indígenas.

Canellas: Talvez o ponto central da pedagogia Tuyuca seja a ideia de que a experiência deve ser sempre valorizada. Os alunos aprendem desde cedo que quem vive há muito mais tempo do que eles merece ser ouvido e respeitado. Os velhos todos da comunidade participam das aulas como professores especiais. São eles que respondem às grandes dúvidas sobre a natureza e a floresta. Sobre a vida e a morte (índio mais velho falando a língua indígena).

Canellas: Quando Pedro fala, há o silêncio reverente destinado aos sábios.

Índio aluno: Velho aqui serve como um livro de estória.

Canellas em off: E são livros mesmo que os alunos vão fazendo ao anotarem os segredos da natureza revelados pelos velhos. Uma biblioteca está sendo montada com os relatos escritos pelos alunos Tuyuca.

Canellas em off: Até a música da baratinha, é cantada na língua nativa.

Prof.: A alfabetização toda ela é Tuyuca.

Canellas em off: Os professores descobriram o óbvio: a criança aprende melhor se for na língua que fala em casa. O português vem depois, quando elas já estão alfabetizadas. Quantas pontas tem o Uiapuí? O garoto conta brincando (imagem do índio contando as pontas da fruta). Na escola tuyuca, material didático dá em árvore (imagem professora passando com cacho de açaí) quantas frutinhas tem o cacho de açaí? (todos aplaudem) Quem acerta recebe aplausos. Mas há paciência com os mais lentos. (imagem de criança contando devagar o cacho). Quem erra não é ridicularizado e também recebe o estímulo solidário dos colegas (crianças aplaudindo). As crianças são livres para sair da aula, só que ninguém quer. O que pode ser mais divertido do que uma aula de matemática!

Canellas: Essa didática nada tem haver com a didática que o senhor aprendeu no magistério, né?

prof: Nada. Imagina, no magistério a gente aprendeu mais só na teoria, só na memória, muito raciocinado mesmo.

Canellas: Muito decoreba, né?

Prof. Alexandre: Muito decoreba (rindo) Aqui não, aqui a gente já faz assim...

Canellas em off: Assim, com o estímulo à inteligência, com respeito à liberdade e numa escola criativa que tira da floresta até a merenda escolar, e que tem a justa opção de oferecer ao Brasil um novo modelo de educação.

Líder Tuykuia: Como cuidar da terra? Como cuidar da floresta? Como cuidar do meio ambiente? Eu acho que é isso que vai contribuir muito para com a nação brasileira.

Bonner: Todas as informações e notícias sobre essa região rica e gigantesca do Brasil, você encontra no portal, Globo Amazônia.

8)Data:24.09.2009No Doc:RJ52-0037249

Título: Série Índios da Amazônia

4. Matéria-Religião

Local:Amazônia

Repórter:Marcelo Canellas

Fonte:TV Globo

Duração:00:04'36"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Na 4a reportagem que o Jornal Nacional tem apresentado nesta semana, Lúcio Alves e Marcelo Canellas, mostram hoje como uma religião mudou crenças, mitos e costumes dos povos indígenas

(vinheta Amazônia)

Índio em off: A partir da baforada da fumaça do cigarro do avô do universo.

Pastor: E disse Deus façamos do homem a nossa imagem, conforme a nossa semelhança.

Índio: Apareceu o ser humano em forma de rodaminho.

Canellas em off: No fundo não seria o mesmo?

Genézio Savassa, padre salesiano: O mito é o Genesis na cultura indígena, né? Isto explica tudo....

Canellas em off: Mas nem toda a pregação é assim tão flexível.

Canellas: Dançar não pode também?

Índia: Dançar eu posso, mas para Jesus.

Canellas em off: Índios num batismo em massa nas águas do rio Negro. Os pastores dizem que é um ato de renúncia e muitas vezes de adesão irrestrita a um novo conceito de Deus.

Pastor Assembléia de Deus, Wellington da Silva Monteiro: Você tem que ensinar, eles não conhecem o que está inscrito na palavra, que tem um Deus que criou eles. Que não é Deus Sol, não é Deus Lua, mas sim um Deus que está escrito na bíblia.

Índio Tukano, Domingos Sávio Barreto: Deus é a natureza, são as árvores, a própria caça, a própria pescaria

Canellas em off: Domingos acha que alguns evangélicos estão fazendo agora o que os católicos já fizeram antes.

Domingos: Eles nos ensinaram dizendo que o que vocês têm, não presta, não serve.

Canellas em off: Ex-padre, Domingos foi um dos alunos das imensas missões católicas, inacreditavelmente construídas no meio da selva, uma época em que o acesso era muito mais difícil.

Domingos: Essa igreja é dos salesianos.

Canellas em off: A partir de 1914, quando começaram a chegar aqui, os padres salesianos foram proibindo tudo: malocas coletivas, rituais, línguas.

Domingos: Disseram através dos missionários, que a nossa cultura era do demônio, coisa do demônio.

Canellas em off: A nudez dos índios era considerada obscena. Horácio como todos de sua aldeia também chegou nu ao colégio há mais de 50 anos. Mas os padres os transformaram no primeiro alfaiate indígena da Amazônia.

Canellas: Quer dizer, que quem vestiu os índios de Avareté, na verdade, foi o senhor?

Alfaiate, Horácio: Foi (risos) Nós mesmos (risos)

Canellas em off: Durante quase um século, os ritos romanos da Igreja tomaram o lugar dos mitos ancestrais.

Canellas: A obsceção católica da conversão dos selvagens foi diminuindo com o tempo. A ideia de que há almas pagãs vagando nas florestas e de que elas precisam ser salvas a qualquer custo, já não é mais aceita pela direção da Igreja. O novo chefe da diocese de São Gabriel da Cachoeira, chegou aqui já com a fama de ser o bispo dos índios.

Canellas em off: A ordenação episcopal foi uma festa indígena. O gaúcho, Edson Damian, foi benzido e ganhou um cocar. Rezou a primeira missa em uma oca em forma de maloca e veio disposto a rever o conceito de conversão.

Dom Edson Damian: São os índios que estão vivendo como viveram os primeiros cristãos que tinham tudo em comum. Nós é que temos que nos converter a eles.

Canellas em off: Para ele o papel da Igreja é defender os direitos dos índios.

Dom Edson Damian: O índio sem terra é o índio que perdeu toda a sua referência cultural e religiosa.

Canellas: Dom Edson não está sozinho, há entre os evangélicos quem busque conciliar transcendência e vida concreta.

Pastor da Assembléia de Deus, Celanio Benjamim da Silva: A cultura só tem valor se tiver vida, se não tiver vida, não tem valor a cultura. Então, alguém precisa cuidar da saúde do índio, da vida do índio, do bem estar social do índio....

Canellas em off: O esforço ecumênico de salvar almas, sem acabar com a tradição.

Dom Edson: Para que o evangelho possa entrar no coração desses povos, sem destruir os valores que eles já trazem, a cultura maravilhosa que eles conservam até hoje.

Fátima: Amanhã, como os índios Tuyukas criaram um modelo novo de educação. E para obter mais notícias da região, acesse o portal Globo Amazônia.

9)Data:23.09.2009No Doc:RJ52-0037246

Título: Série Índios da Amazônia-

3. Matéria: Índios assumem o poder em São Gabriel da Cachoeira

Local:São Gabriel da Cachoeira

Repórter:Marcelo Canellas

Fonte:TV Globo

Duração:00:03'10"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: São Gabriel da Cachoeira sempre foi controlada pelos brancos. Um dia, os índios resolveram conversar, negociar e fazer política

Fátima: Na terceira reportagem da série que o Jornal Nacional apresenta nesta semana, Marcelo Canellas e Lúcio Alves mostram, nesta quarta-feira, como os índios assumiram o poder em São Gabriel da Cachoeira.

Marcelo em off:Troca de e-mails, conchavos, articulações, discussão acalorada. Sobre o quê? Dois dias discutindo mandioca. Em São Gabriel da Cachoeira assembleia de índio virou febre. A cidade mais indígena do Brasil sempre foi controlada pelos brancos, fossem eles padres, militares, juizes ou prefeitos. Só que um dia, além de caçar, pescar, fazer roçado, os índios resolveram conversar, negociar, fazer política. E aí tudo mudou.

Marcelo: A Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, a FOIRN, atua há quase 20 anos

Presidente do conselho da FOIRN, Renato da Silva Matos: Nós já recebemos vários ministros de Estado. Gerenciamos aqui, administramos recursos de R\$ 11 milhões por ano. Daqui a gente se prepara pra ir para políticas públicas

Marcelo: A grande vitória da entidade foi a demarcação e a homologação de um território indígena do tamanho de Portugal em 1998.

Presidente da Federação Abrahão de Oliveira França: Tinha que comemorar muito. A gente sentiu como se fosse resgatar um filho que você tinha, mas não reconhecia, não tinha nome

Marcelo: Novas lideranças foram surgindo

Prefeito de São Gabriel da Cachoeira, Pedro Garcia: A melhor escola que eu tive foi esse período de 20 e poucos anos que eu fiquei no movimento indígena

Marcelo:Pedro é o primeiro prefeito indígena de uma chapa 100% indígena

Vereador do PDT, Antônio Cardoso de Araújo: A dificuldade maior foi unir as etnias Tukano com Baniwa

Marcelo: Garcia, do PT, é um Tariano criado entre os Tukanos. O vice-prefeito, André Fernando, do PV, é Baniwa. Eles fizeram história ao conquistar o poder.

Vereador do PRP, Williams Kleber Ferreira Alves: Na Câmara no momento ainda ninguém levantou a voz da oposição

Marcelo: E como é lidar com a política dos brancos?
Prefeito de São Gabriel da Cachoeira, Pedro Garcia: São os sonos perdidos
Marcelo: Mas, como tantas alianças, essa não durou nem seis meses.
Vice-prefeito, André Fernando: Não compartilhamos com essa forma de trabalhar. Acaba sendo antidemocrático, desconsidera toda a base aliada que se formou para essa vitória
Marcelo: A briga foi feia, os dois mal se falam
Vice-prefeito, André Fernando: Eu me senti como um marido traído nesse momento
Marcelo: A Federação, temendo que o movimento indígena seja desacreditado pelas brigas na prefeitura, assumiu uma postura de independência, sem ligação com nenhum partido.
Presidente da Federação Abrahaão de Oliveira França: A FOIRN não é oposição ao prefeito. A FOIRN exerce o seu controle social. Então nós não vamos, praticamente, deixar a coisa acontecer errado e ficar calado. Isso para nós é o máximo que nós podemos praticamente hoje é orientar o nosso parente que está na prefeitura
Marcelo: Enquanto isso, os índios fazem política como sempre fizeram. Ainda que haja acordo só no sabor da mandioca

10)Data:22.09.2009No Doc:RJ52-0037241

Título: Série: Índios da Amazônia

2. Matéria: Fronteira com a Colômbia

Local:Amazônia

Repórter:Marcelo Canellas

Fonte:TV Globo

Duração:00:04'29"

Matéria: Editada

Texto: Fátima: O Jornal Nacional exibe essa semana uma série sobre os índios da região conhecida como Cabeça de Cachorro, na Amazônia.

Willian Waack: A solidariedade dos índios brasileiros aos seus parentes colombianos que fogem da guerrilha para se esconder no Brasil.

(vinheta Amazônia)

Canellas em off: Pergunte do lado de cá

Índio brasileiro: Nós somos todos parentes pra nós não tem fronteira

Canellas em off: Pergunte do lado de lá e vai parecer que é tradução em espanhol.

índio Colombiano: Somos parentes, amigos, hermanos.

Canellas em off: Com a camisa do Brasil, o colombiano, José, explica para que serve uma fronteira.

Canellas: Hai frontera para que?

Colombiano: Ah! Jo no sei (risos)

Canelas em off: Só para que a gente tenha onde morrer, ele me disse

Canelas: A senhora sai todo o dia de casa e vai trabalhar na Colômbia?

Índia Tukana, Maria Costa: É

Canellas: O que que a senhora tem do outro lado?

Índia maria Costa: Só mandioca mesmo. Todos nós que trabalha alí é mulher, na parte da Colômbia.

Canellas em off: Morar aqui e trabalhar lá e vice versa. O rio Autés, separa Iauaretê do Departamento de Valpés, na Colômbia, cuja capital é Mitu. O vai e vem de embarcações nunca pára. É assim ha séculos, é assim desde antes de Brasil e Colômbia existirem

Canellas: Essa concepção diferente da nossa de território, baseada no parentesco, prejudica a ideia de nacionalidade?

Tenente José Paulo: De forma alguma. O índio brasileiro, ele se orgulha de ser brasileiro.

Canellas em off: O tenente sabe do que está falando. São os índios sob o seu comando que defendem a soberania nacional nesse fundão de selva. Uma região que convive com escaramuças de fronteira. A última foi em 2006, quando soldados brasileiros trocaram tiros com guerrilheiros colombianos. Passar de um lado a outro é procedimento banal.

Canellas: estamos já desembarcando em território colombiano, como dá para perceber, não existe nenhum controle de entrada e saída de estrangeiros e nem por cidadãos colombianos. Estamos no meio da selva. e como aqui é área de atuação de guerrilheiros das Farc, as forças armadas revolucionárias da

Colômbia, também não há nenhum pelotão do exército colombiano por perto. Agora, o pessoal já está chegando ali para trabalhar do lado de cá.

Canellas em off: Gledsno, brasileiro, índio baré, vai com a mulher para o roçado.

Canellas: E aqui tem colombiano e tem brasileiro?

Gledson: É. Tudo misturado.

Canellas em off: As roças são passadas de pai para filho e não importa de que lado do rio elas estejam. Índio Wanano, Gustavo Cordeiro: A gente trabalha nesta parte da Colômbia por causa dos nossos antepassados. Nossos antepassados já tinham roças pra cá.

Canellas em off: Mas de vez em quando a harmonia da convivência é quebrada pela movimentação da guerrilha

Edson: O pessoal das Farc costuma passar por aqui. Faz um mês que passaram por aí e fizeram acampamentos por ali.

Canellas em off: Hérbia Luz não vai mais ao lado onde nasceu.

Hérbia: ininteligível

Canellas em off: "Os guerrilheiros sequestravam crianças do tamanho do meu filho", disse.

Canellas: E muita gente ha morrido asi?

Índia Hérbia: Si, morreram asi.

Canellas em off: Vi gente morrer como animais, me disse.

Benjamim :Trinta.

Canellas: Trinta? De uma vez?

Benjamim: Si, apenas una vez.

Canellas em off: trinta mortos de uma só vez no massacre de Mitu, em 2000. Foi quando Benjamim e Hérbia Luz, índios sirianos se mudaram para o Brasil

Benjamim: Ustes já sabe. índios colombianos estão em una situação mas ploblemática.

Canellas em off: A índia Piatapurina Luzmarina Lelis, nunca se refez.

Índia: Não era brincadeira não, era uma guerra.

Canellas em off: Fugiu com os filhos depois de testemunhar o massacre de Mitu: "Eu não podia nem olhar para aquilo"

Índia Luzmarina Lelis: Não podia, nem mirar...

Canellas em off: Casou com Armindo, descendente de índios barés e foi vender caldo de peixe na feira de São Gabriel da Cachoeira.

Armindo: A gente trabalha, volta, descansa, vai dormir... De manhã vai trabalhar de novo

Canellas em off: A repetição da rotina, o carinho de Armindo e quem sabe um dia a paz no rosto triste de Luzmarina

Luzmarina: Eu quero que mais tarde, eu vá estar melhor.

Fátima: na reportagem de amanhã, nossos repórteres mostram como os índios assumiram o poder e fazem política na região da Cabeça do Cachorro. E no portal Globo Amazônia você encontra outras notícias sobre a floresta.

11)Data:21.09.2009No Doc:RJ52-0037235

Título: Série: Sobre índios da Amazônia

Matéria - Saúde

Local:Amazônia

Repórter:Marcelo Canellas

Fonte:TV Globo

Duração:00:05'12"

Matéria: Editada

Texto: O Jornal Nacional vai exibir esta semana uma série sobre a situação dos índios na região conhecida como Cabeça do Cachorro que fica na Amazônia Brasileira.

Fátima: Um lugar onde os níveis de mortalidade infantil são iguais aos dos países mais pobres da África.

A reportagem é de Marcelo Canellas e Lúcio Alves.

(vinheta Amazônia)

Canellas em off: Um Brasil com cara de índio, do soldado ao prefeito, do padre ao peão.

Índia: Nós somos civilizadas também, não é índio demais não.

Canellas em off: Aculturado sim, com roupa e computador, mas sob o absoluto abandono. Nem os programas sociais mais abrangentes como o Bolsa Família e o Luz Para Todos, chegam aqui.

Índio: Já levamos na brincadeira, nós chamamos de "luz para alguns".

Canellas em off: Estamos no noroeste do estado do Amazonas, num município gigante, maior do que Portugal: São Gabriel da Cachoeira. No mapa parece um cão de perfil. Por isso mesmo esse pedaço do país é conhecido como Cabeça do Cachorro. Não é fácil chegar aqui. O rio não deixa, a estrada acaba. O acesso complicado mantém os 23 povos indígenas da região de maior diversidade étnica do Brasil, longe de quase tudo. Sem barco e pior, é na base do favor que os enfermeiros do Distrito Sanitário Indígena trabalham.

Funcionário a beira do rio fala com barqueiro: Você vai subir para São Pedro? Faz um favor pra mim, entrega esse remédio para o Raimundo?

Canellas em off: 17 lanchas da Fundação Nacional de Saúde estão empilhadas em São Gabriel da Cachoeira por falta de motor. A taxa de mortalidade infantil já era alta, mas deu um salto em 2009. 98 mortes por mil nascidos vivos é quase cinco vezes a média brasileira de 20 por mil. Metade dos postos de saúde da região foi desativados

Canellas: Então comunidades que antes estavam cobertas pelo atendimento agora estão a descoberto?

Enfermeira: É, em parte.

Canellas: E isso talvez explique o aumento da mortalidade infantil na região?

Enfermeira: Sim, com certeza.

Canellas andando na mata: O povo Hupda é o mais isolado da região. Ao contrário dos outros índios, eles não gostam muito de viver nas margens dos rios. Geralmente preferem o interior da mata, onde a subsistência é sempre mais difícil. Entre os Hupdas, é que foram detectados os casos mais graves de desidratação.

Canellas em off: Uma família diante de um túmulo de uma menina de 1 ano e meio.

Índio: Foi doença, né? Diarréia, vômitos....

Canellas em off: Seguindo o costume Hupda, as roupinhas foram queimadas.

Índio contando as cruzes dos túmulos: 17, 18, 19, 20, 21, 22...

Canellas em off: O tio mostra onde estão as outras crianças.

Canellas termina a contagem: 57,58,59, 60... Das 60 pessoas enterradas aqui, 20 são crianças para baixo de 5 anos idade. Sem remédios, os agentes de saúde tratam as crianças com ervas e benzeduras.

Canellas: Aquele menino alí está claramente com problemas!

Índio: Pois é. eu acho que ele tem aquele...verminose.

Canellas: Um verme, né?

Médica Maria Carolina: Também aqui a gente tem uma desnutrição crônica de base também, né? Aí você tem uma alteração de proteínas, e você acaba tendo uma distensão abdominal também. É uma combinação de 2 mal fatores.

Canellas em off: A doutora Maria Carolina faz o que pode.

Médica: Neudó, neudó (falando língua indígena)

Canellas em off: Especialista em medicina tropical, já trabalhou na região mais miserável da África e encontrou aqui as mesmissimas condições de saúde.

Médica: Sinais, muitos de diarréias e as complicações das diarréias: desidratação e... Então são as mesmas causas que você encontra em um campo de refugiados ou deslocados internos de qualquer outro lugar. São bastante semelhantes ao que a gente vê em alguns grupos talvez de Somália, de Sudão.

Canellas em off: A Funasa diz que vai abrir uma auditoria para saber porque o dinheiro liberado este ano não melhorou o serviço, e alega ter tentado contratar mais médicos, só que ninguém quer ir para lá.

Diretor de Saúde Indígena da Funasa, Wanderley Guenka: Coisa mais rara na região Amazônica... O município, se não fosse o exército, não tinha médico.

Canellas: Enquanto isso, a doutora Maria Carolina, médica da Funasa, cuida de 23 mil índios, sem meios e sem recursos, e com a pior sensação que um médico pode experimentar.

Médica: E você saber que você pode salvar aquela criança e que você naquele momento está impotente porque você não tem aquele medicamento ou porque você chegou tarde demais....

Fátima: A Fundação Nacional de Saúde informou que foram investidos mais de 5 milhões e 600 mil reais este ano em material e remédios para a região do Alto do Rio Negro.

Wacck: A auditoria feita pela Funasa constatou que a manutenção das equipes de saúde em campo é mesmo dificultada pela falta de motores para os barcos. E recomendou que seja feito um estudo técnico para a compra do equipamento.

Fátima: O Ministério de Desenvolvimento Social reconhece as falhas do programa Bolsa Família no atendimento às aldeias indígenas. Segundo o ministério, as prefeituras não conseguem cadastrar todos os

índios por causa da dificuldade de acesso às regiões isoladas. o ministério informou ainda que já fez um convênio com o exército e com a Funai para melhorar a situação.

Waak: O Ministério de Minas e Energia prometeu que 12 aldeias da região da Cabeça do Cachorro vão ser beneficiadas pelo programa Luz Para Todos até dezembro.

12)Data:11.09.2009* dau *No Doc:RJ52-0037193

Título: Seca na Amazônia - Região Norte sofre com calor e seca

Local:Manaus

Repórter:Daniela Assayag

Fonte:TV Globo

Duração:

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Manaus amanheceu coberta de fumaça nesta sexta. A estiagem faz a vegetação urbana ficar assim: muito seca. E pequenos focos de incêndio surgem em vários cantos da cidade.

Fátima: Este inverno tem registrado temperaturas e fenômenos climáticos bem diversos nos quatro cantos do país. Enquanto o Sul tem chuva acima do comum para a esta época do ano, o Norte sofre com o calor e a seca. Em Manaus não chove há 29 dias.

Daniela em off: Sol intenso no verão amazônico. Em agosto choveu apenas 10% do esperado. Agora em Setembro nem uma gota. Os medidores do Serviço Geológico do Brasil estão vazios.

Marco Oliveira, Superintendente do Serviço Geológico do Brasil- AM: O El Ninho provoca chuvas abaixo da média na Amazônia e chuva com grande intensidade no Sul do Brasil

Daniela: Para o Serviço de Proteção da Amazônia houve também um outro fenômeno. Um Bloqueio atmosférico na região Central do País fez com que a frente fria, que vêm do oceano, não conseguisse chegar à Amazônia e ela acabou agindo antes, nas Regiões Sul e Sudeste.

Manaus amanheceu coberta de fumaça nesta sexta. A estiagem faz a vegetação urbana ficar assim: muito seca. E pequenos focos de incêndio surgem em vários cantos da cidade. Um deles foi controlado pelos bombeiros em uma das ruas do parque industrial.

Daniela em off: Em outro, as chamas chegaram perto da rede elétrica. Os próprios moradores ajudaram no combate.

Daniela: Na noite de quinta-feira, um outro incêndio foi registrado a poucos metros de um posto de gasolina. Desde o início do mês, o Corpo de Bombeiros tem registrado o dobro de chamadas.

Bombeiro, Tenente Cosme: Temos uma força-tarefa, o pessoal de folga está sendo chamado

Daniela: A última grande estiagem foi em 2005, uma seca histórica para região.

Agora, os rios não devem baixar tanto. Mas a previsão é de que o calor continue intenso até fim de outubro. No Acre, professores de uma escola pública decidiram tirar os alunos da sala de aula.

Aluno: Aqui é mais ventilado.

13)Data:04.06.2009No Doc:RJ52-0036674

Título: Senado aprova medida provisória que regulariza terras públicas invadidas na Amazônia- artistas em Brasília.

Repórter:Cristina Serra

Fonte:TV Globo

Duração:00:02'02"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Senado regulariza terras públicas invadidas na região amazônica e ambientalistas reagem.

Fátima: O Senado aprovou na noite de quarta-feira uma Medida Provisória que regulariza terras públicas invadidas na Amazônia. E essa votação provocou a revolta dos ambientalistas

Cristina em off: Os artistas da ONG Amazônia Para Sempre levaram ao presidente Lula um manifesto com 1,1 milhão assinaturas pedindo o fim do desmatamento. O presidente assinou o documento e reafirmou o compromisso do Governo com a preservação do meio ambiente

Cristina: Mas os artistas se mostraram preocupados com a aprovação de uma Medida Provisória que, segundo ambientalistas, vai beneficiar invasores de terras e desmatadores.

Atriz Cristiane Torloni: Nós vamos dar terras a quem é legal. A gente não pode dar terra a laranja, a grileiro.

Cristina: A Medida foi aprovada na quarta-feira, tarde da noite, no Senado, e regulariza a invasão de terras do Governo Federal na Amazônia. Em ocupações de até 100 hectares, as terras serão doadas aos posseiros. De 101 a 400 hectares, serão vendidas a preço simbólico. E até 1,5 mil hectares serão vendidas a preço de mercado para os invasores, que terão 20 anos para pagar. Para a relatora da medida, a aprovação não é um incentivo ao desmatamento.

Relatora da MP, Katia Abreu: A informalidade é que traz a desobediência. Quando você formaliza um cidadão, você aumenta as suas responsabilidades e também as consequências do não-cumprimento da legislação

Cristina: O ministro do Meio Ambiente criticou a MP e disse que pode sugerir vetos antes de o presidente Lula sancionar a medida. Minc disse ainda que foi repreendido pelo presidente por ter criticado publicamente colegas de ministério. Apesar do puxão de orelhas, o ministro disse que está firme no Governo

Ministro do MMA, Carlos Minc: Tem muita gente querendo tirar uma picanha do Carlinhos Minc, mas a gente vai avançar com o presidente Lula. Faz parte. A gente tem a casca grossa. Com o apoio dos ambientalistas, vamos resistir com dignidade

14)Data:25.05.2009No Doc:RJ52-0036606

Título: Lixo e contaminação dos rios de Manaus são causadores de doenças. Ação dos agentes de saúde e das autoridades.

Local:Manaus

Repórter:Daniela Assayag

Fonte:TV Globo

Duração:00:01'37"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: O contato com a água poluída causa doenças como hepatite e difteria. O perigo será ainda maior a partir do mês que vem, quando o rio começar a descer

Fátima: As autoridades de saúde e de saneamento do Amazonas estão intensificando as ações de combate às doenças transmitidas por água contaminada em Manaus. A repórter Daniela Assayag mostra por quê

Daniela em off: Parece uma lixeira, mas é um rio urbano. Sem moradia, quem vem do interior tenta reproduzir na cidade a vida ribeirinha: 22 mil palafitas formam favelas sobre os igarapés, pequenos cursos d'água que cortam Manaus. Não há esgoto.

Daniela: Com a cheia, a sujeira invade as casas

Dona de Casa, Olinda Figueiredo: Isso não somos nós que colocamos. Vem lá de cima. Quando dá uma chuva, o vento traz tudo

Daniela: Daqui sai a água para lavar louças, roupas e até tomar banho

Moradora, Maria do Carmo: Entra sujeira no cano, entra rato, barata, tudo quanto é inseto vem na água

Daniela: As crianças brincam na sujeira.

Menino morador: Fui dar um mortal e caí de boca aberta na água

Daniela: O contato com a água poluída causa doenças como hepatite e difteria. O perigo será ainda maior a partir do mês que vem, quando o rio começar a descer. Com a água empoçada, a sujeira se acumula embaixo das casas. Medidas preventivas estão sendo adotadas para tentar evitar um surto de doenças durante a vazante.

Daniela em off: De casa em casa, agentes de saúde distribuem hipocloreto de sódio para limpar a água de beber

Agente de Saúde: Mata mais o micróbio da água e evita hepatite que é transmitida pela água

Daniela: Mais de cinco mil pessoas já foram vacinadas. A preocupação agora é com a leptospirose, transmitida por ratos e contra a qual não existe vacinação. Por isso, a estratégia é remover a sujeira. Em uma semana, mais de 260 toneladas de lixo foram retiradas dos igarapés de Manaus.

15)Data:16.05.2009No Doc:RJ52-0036555

Título: Cheia do rio Negro em Manaus provocada pela chuva

Local:Amazônia

Repórter:Daniela Assayag

Fonte:TV Globo

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Nos últimos dias, o Brasil tem acompanhado o drama causado por várias semanas de chuva e de enchente nas regiões Norte e Nordeste. Hoje, o Jornal Nacional vai mostrar como os brasileiros dessas regiões estão se adaptando - no meio de cidades inteiras que estão debaixo d'água.

Fátima: Por causa das enchentes os moradores no Amazonas erguem os pisos das lojas e improvisam passarelas elevadas para viverem na cidade alagada

Daniela em off: A cheia atinge todos os grandes rios do estado do Amazonas. Foi decretada situação de emergência em 53 municípios, 85% do estado. Em Manaus, o Rio Negro ultrapassou a cota de alerta, que é a média das maiores cheias já registradas.

Daniela: Segundo o Serviço Geológico do Brasil, vem chovendo muito nos últimos quatro anos na Bacia Amazônica e parte da água que deveria ter corrido para o oceano se acumulou na região. Os alertas são dados com a ajuda de ribeirinhos. Há 30 anos Dona Rosa faz parte de uma rede de 360 observadores. Todos os dias eles anotam centímetro a centímetro a subida da água.

Dona Rosa: O que eu posso fazer? Tem que esperar a natureza!

Daniela em off: Só dá para saber que pelo local passava uma estrada por causa da placa de trânsito. Era o caminho que ligava esta comunidade ao município de Careiro da Várzea. Há três domingos não há missa. O rio agora passa por dentro da igreja. A principal praça da cidade foi invadida pelo Solimões há duas semanas. A cidade inteira deve continuar assim, alagada, por pelo menos mais um mês. E os moradores vão tentando manter a rotina mesmo vivendo em cima d'água.

Daniela: Nas lojas, as mercadorias agora estão próximas ao teto

Comerciante: É a única alternativa que temos para que a gente possa sobreviver

Daniela em off: Enquanto o balanço não fica submerso, as crianças tentam se divertir. Mas a brincadeira mais popular agora é pescar na avenida principal. Não há mais asfalto nem calçada. A cidade inteira caminha sobre pontes estreitas

Moradora da cidade: Quando a gente cruza com alguém, tem que dá um jeitinho para desviar. Não é fácil não

Daniela: Para continuar trabalhando, donos de lanchonetes subiram o piso para os clientes, mas continuam muito perto da água.

Comerciante: Nós dependemos desse lugar, moramos aqui então temos que tocar a vida

Daniela: Com os moradores permanecendo nas casas alagadas, cresceu o risco de acidentes com animais venenosos. Segundo o Instituto de Medicina Tropical do Amazonas nos quatro primeiros meses do ano aumentou 40% o número de acidentes. Toda vez que desce da canoa para tentar salvar a plantação de banana, seu Raimundo pede proteção divina

Seu Raimundo: Por causa dos bichos, né? Tem que lembrar primeiro de Deus antes de cair na água.

16)Data:28.04.2009No Doc:RJ52-0036450

Título: Série: Ensino a Distância

2. Matéria: Uso da TV na educação á distância.

Local:Rio Branco

Repórter:Alan Severiano

Fonte:TV Globo

Duração:00:05'43"

Matéria: Editada

Texto: Fátima O Jornal Nacional estará exibindo nesta semana uma série de reportagens sobre educação a distância no Brasil. Hoje é o Dia da Educação e o repórter Alan Severiano mostra como a televisão tem levado conhecimento a regiões muito distantes e ajudado a compensar anos de atraso para estudantes do ensino básico.

(Vinheta Ensino a Distância)

Alan em off: Na maior floresta do mundo, no quintal de casa, Maria não conseguiu extrair grandes frutos. A pobreza salta aos olhos, a carência de instrução, nem se fala.

Maria das Graças Santana: Meu pai largou a minha mãe eu estava com seis meses e aí eu fui viver com uma prima e aí aquela prima não deixava eu estudar porque disse que a gente escrevia carta para namorado. Mas o sonho da minha vida é ler. Meu Deus do céu!

Alan em off: Dos 11 filhos, só três terminaram o ensino médio. Com dificuldade, Josué, de 14 anos, desvenda as palavras da bíblia para a mãe analfabeta.

Alan: Você aprendeu a ler com que idade?

Josué: Quando eu tava com uns 11 anos por ai...

Maria: Não tinha transporte.

Alan: Hoje já tem ônibus escolar nesta comunidade no Acre, mas para chegar até ele, o menino enfrenta todo o dia 3 kms de caminhada. Na sala de aula, uma das colegas é Francinete, 24 anos. Também por falta de transporte ficou 9 anos fora da escola.

Francinete: Em casa eu sempre pegava um livro, lia, fazia alguma atividade. Só em casa assim, mas nunca fui na escola, né.

Alan em off: Artur e Francineuza até iam para a escola mas não aprendiam nada de novo. Mesmo aprovados, fizeram duas vezes a quarta série porque não havia a quinta, como era comum por aqui.

Alunos: Porque não tinha professor

Alan: Mas você podia ter ficado em casa neste ano. E por que você quis ir para a escola?

Aluno: Porque eu me interessei de aprender.

Alan em off: Pais, filhos, gerações inteiras fora de sintonia com o tempo da escola. Sete anos atrás, 54% dos alunos do Acre estavam atrasados. Um dos piores indicadores do país. Uma realidade que parecia imutável até que a tecnologia começou a ajustar o relógio da educação. (aparece imagem da tv) Televisão não é lazer, mas a maneira com que as escolas públicas do estado encontraram para estimular estudantes com mais de dois anos de atraso.

Profa. coordenadora Emilly Areal: Era marcado por sucessivas reprovações, abandono. O aluno que não vem mais na sala de aula, esse é o interesse e a motivação para ele permanecer.

(imagem da TV com vinhete do Telecurso)

Alan em Off: O Telecurso desde os anos 70 transmitido pela TV foi incorporado ao ensino. Situações do dia a dia ajudam a explicar o conteúdo das matérias.

Aluna Mariaclei Ferraz: A professora explica mas quando a gente vê na televisão, a gente vê o exemplo, a gente vê as coisas, a gente fica curiosa demais de saber.

Alan em off: O ensino é condensado, quatro anos letivos em um. O material produzido a distância é reforçado pela professora na sala de aula.

Professora: Nós temos aqui uma palavrinha que apareceu no finalzinho da nossa teleaula. Aqui: "raiz ou radical"....

Alan em off: O projeto reduziu para 17% o percentual de alunos atrasados. Mas será que acelerar o ensino não compromete o aprendizado?

Coordenadora: Nossos indicadores comprovam que eles de fato aprendem. Tanto que eles continuam no ensino médio e dão continuidade no seu processo de escolarização. Estamos com vários exemplos de alunos que estão concluindo o ensino superior.

Alan em off: É na região norte que os cursos a distância mais avançam. As matrículas cresceram 940% em 3 anos. O Amazonas multiplicou as salas de aula com a tecnologia pioneira que inclui cenário e lousa virtuais, tudo via satélite. Com câmera e microfone, os alunos do ensino médio que vivem em regiões remotas, fazem perguntas em tempo real para a professora em Manaus.

Alan (ao vivo com a professora na tela): Professora como é que é ensinar à distância?

Professora na tela: Não posso nem chamar a distância, porque eu me sinto muito próxima deles. a gente fala com eles e a gente está dentro da sala de aula com eles.

Alan em off: Quem usa o sistema também vê falhas.

Aluno: É meio complicado porque nem todas as aulas nós temos como falar

Alan em off: O governo do estado diz que foi o único modo de levar educação a 20 mil alunos.

Coord. do Centro de Mídias, José Augusto: Você não consegue chegar nem a 10% dos municípios por via rodoviária. Nossas estradas são os rios, então o satélite foi a solução encontrada.

Alan em off: Em 3 anos, o número de alunos da educação básica, ensino de jovens e adultos e profissionalizante à distância, cresceu 63% no país. Qualquer que seja o método de estudo, para ter um diploma reconhecido pelo MEC, o aluno precisa fazer as provas na sala de aula. Foi assim que o ex-vidraceiro Paulo, mudou de profissão. Atravessava as noites estudando em casa no recife e acordava cedo para acompanhar as aulas do telecurso na TV.

Prof. de Filosofia, Paulo Cavalcanti: Foi uma grande oportunidade para eu poder ganhar tempo e mudar a minha situação. E de fato, mudou.

Alan em off: Depois de concluir o ensino médio, se formou em Filosofia e virou o autor do livro do Telecurso.

Diretora de Educação da FRM, Vilma Guimarães: Nós precisamos no Brasil de usar todas as metodologias. Usar TV, usar o rádio, usar a informática, usar os livros. Usar tudo o que dispomos e que a

humanidade produziu para encurtar as desigualdades e para rapidamente pagar essa dívida com a população brasileira que está aí reprimida há décadas.

Fátima: Amanhã você vai conhecer o aprendizado a distância dos cursos superiores e de pós-graduação. Você vai saber como é possível estudar numa universidade estrangeira sem sair de casa. Na página do Jornal Nacional, na Internet, você encontra os bastidores da reportagem de hoje.

17)Data:27.04.2009No Doc:RJ52-0036446

Título: Série: Educação a distância beneficia milhões

1ª Matéria: Ajuda da Tecnologia

Local:Amazônia

Repórter:Alan Severiano

Fonte:TV Globo

Duração:00:05'58"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: O Jornal Nacional vai exibir, nesta semana, uma série especial de reportagens sobre um desafio brasileiro. A necessidade de educar milhões pessoas num país gigantesco e onde faltam professores.

Fátima: No Amazonas, em cinco anos, o método a distância qualificou 16 mil professores de ensino básico que só tinham o nível médio. O repórter Alan Severiano mostra como isso é possível com a ajuda de tecnologia.

Alan em off: A dança é a conexão de Olavo Fontes com o passado da etnia Tucano. E ele é a prova de que o futuro chegou à aldeia às margens do Rio Negro. Desafiando a correnteza, está a caminho de um diploma universitário

Índio Olavo Fontes: Estava muito insatisfeito. Tinha inveja do pessoal que tinha um curso superior, mas eu dizia que um dia iria conseguir também

Alan em off: Dez minutos de barco, outros 40 de ônibus até o centro de São Gabriel da Cachoeira. Pelo caminho que antes só levava ao ensino médio, hoje se chega à faculdade.

Alan: Foi uma antena que rompeu o isolamento de cinco séculos e inaugurou um novo jeito de aprender. As aulas do curso de Educação Física são transmitidas ao vivo: professores em um estúdio em Manaus, alunos em 16 municípios do interior do Amazonas. Na sala, um tutor tira dúvidas mais simples. As perguntas para os professores são enviadas pelo computador. E a resposta vem pela TV.

Índio Olavo Fontes: É uma interatividade com professores, mestres, doutores que a gente não teria chance se fosse uma aula presencial

Ilídio Quintas, professor de Educação Física: É possibilitar o aluno que está lá no interior ter acesso ao conhecimento teórico de qualidade sem precisar se deslocar e ter maiores custos vindo para Manaus

Alan em off: Na hora da prática, a piscina da turma de Olavo é o Rio Negro, em São Gabriel da Cachoeira. A esse pedaço da Amazônia só se chega pela água ou pelo ar. São duas horas de avião ou três dias de barco para percorrer quase 900 quilômetros a partir de Manaus. Na região e por todo o país, milhares de brasileiros estão descobrindo que tempo e espaço não são mais limites para o conhecimento.

Alan: No Amazonas, em cinco anos, o método a distância qualificou 16 mil professores de ensino básico que só tinham o nível médio.

Marilene Corrêa, reitora da Universidade Estadual do Amazonas: Com as condições de infraestrutura e de formação que nós tínhamos no nosso estado, nós iríamos levar 72 anos para realizar essa tarefa

Alan: No Brasil, já são mais de 2,5 milhões de estudantes de educação a distância. O avanço tecnológico foi o fermento dessa revolução

Fredric Litto, presidente da Associação Brasileira de Educação a Distância: Computador, internet, multimídia. Essas novas tecnologias vêm a somar com a necessidade da sociedade de atualização de conhecimentos, e de forma mais conveniente. A escola ou a universidade vem até elas e não vice-versa

Alan em off: A educação a distância surgiu no século XIX. Com 150 anos, a University of London é a pioneira. Tem 40 mil alunos em 180 países. Produziu cinco prêmios Nobel. O mais ilustre, o ex-presidente da África do sul, Nelson Mandela, fez o curso de Direito por correspondência na prisão.

Alan: Na Segunda Guerra Mundial, soldados americanos já estudavam a distância

Beth Almeida, professora de Tecnologias na Educação-PUC/SP: Foi no pós-guerra, com a necessidade de formar profissionais rapidamente para que dessem conta de reconstruir os países da Europa, principalmente, que a educação a distância teve um grande impulso.

Alan em off: No Brasil, a educação a distância desembarcou no fim do século XIX. Acredite: aprendia-se datilografia por correspondência. Depois, aulas começaram a ser transmitidas pelo rádio. E o aparelho que revolucionou a comunicação na época também virou tema de curso.

Márcia Siqueira, diretora do Instituto Monitor: As pessoas montavam seus próprios rádios e também depois tinham que fazer a manutenção desses rádios, então era um novo negócio, uma nova demanda, uma evolução no Brasil na época

Alan: Aberto há 70 anos, este instituto com sede em São Paulo é a escola mais antiga em funcionamento no país. Seu João Villa foi um dos primeiros alunos. Formou-se em 1942 como radiotécnico.

Técnico João Villa: A gente podia ler no bonde. Ia para casa de bonde, ia lendo. Quando eu voltava, ia lendo também. Aproveitava o tempo

Alan: Um colégio no centro de Manaus tem alunos espalhados pelo mundo inteiro. Filhos de militares em missões especiais estudam pelo computador do sexto ano do ensino fundamental ao terceiro do médio

Soldado-aluno: Nosso objetivo é permitir uma continuidade dos estudos

Alan em off: Na fronteira com a Colômbia e a Venezuela, o curso a distância dá tranquilidade a quem vigia a área marcada pelo narcotráfico.

Alan: A família do major Dos Santos já mudou sete vezes de cidade. Efraim de Jesus dos Santos se adaptou logo às apostilas, exercícios e aulas virtuais.

Aluno Efraim de Jesus dos Santos: Posso conversar com o professor, tirar minhas dúvidas. Tem português, matemática, história, geografia, ciências e inglês

Mãe do Aluno Efraim de Jesus: É como se ele tivesse no colégio

Alan: Com o curso de Educação Física, Olavo sonha em melhorar a qualidade de vida no município onde 90% dos moradores são índios e multiplicar oportunidades para as futuras gerações.

Índio Olavo Fontes: À distância ou perto, o importante é que esteja estudando porque sem a educação a gente praticamente não é nada

Fátima: Na reportagem desta terça, você vai ver como o satélite e a televisão revolucionaram a educação básica em regiões do país afastadas dos grandes centros.

18)Data:11.04.2009No Doc: RJ52-0036382

Título: Série Amazônia: JN percorre a BR-163

6ª (última) Matéria: Situações curiosas encontradas durante a produção da série.

Local:

Repórter:Julio Mosquera

Fonte:TV Globo

Duração:00:04'08"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Amazônia revela cavernas, festa alemã e cachoeiras. Neste sábado, a equipe do Jornal Nacional mostra algumas situações inesperadas e curiosas que encontraram nos 20 dias de viagem pela BR-163.

Fátima: O Jornal Nacional exibiu esta semana uma série de reportagens sobre a retomada das obras da BR-163, que corta a Amazônia, do Mato Grosso ao Pará. Os repórteres Júlio Mosquera e Laércio Domingues percorreram os 1,8 mil quilômetros da estrada e revelaram o impacto ambiental da obra e o que mudou na região desde a década de 70, quando a rodovia começou a ser construída. Neste sábado, eles mostram algumas situações inesperadas e curiosas que encontraram nos 20 dias de viagem.

Erismar das Cavernas: Nessa caverna a gente baseia em uns 15 mil morcegos

Julio em off: Para enfrentar a escuridão e os animais da caverna, Erismar se arma apenas de velas

Erismar das Cavernas: Me chamam de mulher das cavernas

Julio: Erismar já catalogou 28 cavernas e tem mais 44 na lista para desbravar. O sonho dela é criar em Rurópolis, no Pará, uma área de proteção com estrutura para o turismo.

Julio em off: Na década de 70, o que chamava a atenção em Rurópolis era um luxuoso hotel, construído para receber o General Médici, então presidente do Brasil. Era uma referência no meio da Floresta Amazônica, que começava a ser ocupada. O hotel foi reprovado por outro presidente militar.

Julio: Quando visitou Rurópolis, em 1978, o presidente Ernesto Geisel não quis sequer entrar no hotel. Para ele, era uma construção muito luxuosa, um desperdício de dinheiro público em uma região tão pobre. Hoje, o hotel está às moscas. Virou o retrato do abandono.

Julio em off: De longe, a névoa branca anuncia: à frente, tem muita água. Mas o que vemos supera as expectativas. Uma queda de 40 metros, no meio da Floresta Amazônica É a cachoeira do Curuá. Ainda mais surpreendente é encontrar uma festa alemã no meio da rodovia que corta a Amazônia. Uma festa regada a muito chope e danças típicas. Loiros e loiras do sul do país são maioria em Lucas do Rio Verde. Eles vieram para colonizar Mato Grosso.

Julio: Também veio do sul do país o nome da maior cidade do oeste de Mato Grosso, com 110 mil habitantes. Sinop significa Sociedade Imobiliária do Norte do Paraná. Uma das empresas que, na década de 70, colonizaram a região

Geraldo Rampatto Furlan, gerente da empresa Sinop: A gente fazia uma divulgação através de panfletos, na televisão, no rádio, em carros de som.

Julio: Já a Transamazônica recebeu mais gente do Nordeste. Gente que preserva a fé, apesar das dificuldades de três décadas de colonização no meio da floresta. Em um lugar em que até levar um doente ao médico é um ato de bravura.

Colono José Raimundo: Tem que levar na rede para a beira do rio, 10 quilômetros

Julio: Força de vontade que tem a maranhense Maria Maia. Nunca estudou na vida, mas virou compositora para defender a Amazônia. Maria já foi garimpeira no passado e ajudou a desmatar a floresta.

Julio em off: Foram 20 dias de viagem. O carro quebrou, empurramos avião e descobrimos gente e lugares. Testemunhamos uma luta permanente de milhares de pessoas que tentam viver bem com a floresta e algumas centenas, que dela só querem tirar o lucro, sem pensar no futuro. Concluída a viagem, terminado o trabalho, é hora de relaxar. Para isso, não precisamos ir muito longe. Saímos de Santarém, pegamos a BR-163 e, depois de meia hora, chegamos a um paraíso: Alter do Chão.

Nas águas mornas do Rio Tapajós, as barraquinhas oferecem rede e bebida gelada. Precisa mais?

19)Data:10.04.2009No Doc:RJ52-0036380

Título: Série Amazônia: JN percorre a BR-163

5. Matéria: Os desafios da retomada da construção da rodovia: Passarelas serão construídas para evitar morte de animais na BR-163

Local:Amazônia

Repórter:Julio Mosquera

Fonte:TV Globo

Duração:00:05'36"

Matéria: Editada

Texto: Fátima: Na série especial sobre a Amazônia, os cuidados com os animais e a preservação da floresta na conclusão de uma rodovia BR 163

Bonner: Na retomada da construção da BR-163 - que corta boa parte da Amazônia, o governo quer evitar os erros do passado

Fátima: Na quinta reportagem da série que o Jornal Nacional exibe esta semana, Júlio Mosquera e Laércio Domingues mostram os desafios que o projeto enfrenta

Julio: Depois de 33 anos, o Exército volta com a missão de concluir a BR-163. E os militares foram buscar a experiência de quem participou da primeira etapa da rodovia.

Fernando Pedroso da Silva, Coordenador de pessoal de campo: Eu esperava que esse asfalto tivesse saído até na época que nós fizemos a BR porque deixamos tudo no jeito, só faltava asfaltar, né?

Julio: Mas o asfalto só chegou a pouco de mais de 700 dos quase mil e 800 quilômetros da rodovia

Coronel Miranda, comandante 9º Batalhão de Engenharia e Construção: Essa obra para o Exército significa muita coisa. E retornar a ela. É um momento histórico que a gente está vivenciando

Julio em off: Três décadas depois, o manual de construção para a Amazônia é outro. As árvores devem ser preservadas. A área aberta para o trânsito dos caminhões terá de ser reflorestada. Outra preocupação de hoje, e nestes novos tempos de meio ambiente, é criar condições para que os animais possam atravessar a estrada sem correr risco de morte. Para isso vão ser construídos corredores por baixo da rodovia.

Julio: Para evitar cenas de atropelamentos de animais, que vimos muitas vezes ao longo da viagem de 20 dias pela BR-163.

Isana Gaio, Centro de engenharia de Transportes: Eles vão ser uma espécie de passarela, calçadas nas laterais, em média de 60 centímetros, para auxiliar nessa travessia dos animais de um lado a outro da estrada pra se evitar atropelamentos

Julio em off: O desafio vai muito além de proteger a travessia de animais. O mais difícil será conter a voracidade do homem. O apetite dos desmatadores foi sentido assim que o Ministério do Meio ambiente deu o sinal verde para o asfalto.

Ministro Carlos Minc: Desde a licença prévia da BR-163, em 2005, até hoje, triplicou o desmatamento da região, e isso antes do asfalto

Julio: O ministro admite que faltou fiscalização. E sabe que o asfalto vai atrair mais gente. A previsão é de que a população na área de influência da BR-163, que inclui seis municípios do Amazonas, 28 do Pará e 37 de Mato Grosso, cresça dos atuais dois milhões e cem mil para dois milhões e novecentas mil pessoas até 2005. E como enfrentar esse crescimento na área da floresta amazônica?

Ministro Carlos Minc: A única possibilidade de defender o bioma amazônico é instalar a legalidade ambiental com planejamento. O que pode fazer, como e onde.

Julio: Há dois anos, a lei determina que quase metade da região não pode ser modificada - mais de 48%. São unidades de conservação, terras indígenas e áreas do Ministério da Defesa. Terras hoje ocupadas pela agricultura e pecuária devem ser regularizadas. Sem expansão.

Ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes: Não faz nenhum sentido para pecuária se derrubar um hectare a mais. E para a área de produção de grãos, nós não precisamos avançar o bioma amazônico, ao contrário, ele nem é adequado.

Julio em off: O equilíbrio da Amazônia depende também da colaboração dos empresários, que devem dizer não para quem produz carne e madeira ilegal. Pessoas que saibam valorizar esforços como o das mulheres da Floresta Nacional do Tapajós, no Pará. Há dez anos elas transformam o látex extraído das seringueiras em bolsas

Elgesi Alves Dias, costureira: A gente vende para os turistas, vende pra fábrica, vende também para São Paulo, já foi para o Rio, pra vários lugares, já foi pra Inglaterra, pra França

Julio: Na Flona Tapajós estão oito mil pessoas, que buscam viver da floresta sem destruí-la

Viviane Daufemback, Instituto Chico Mendes: A Flona é uma referência na região, tanto dos trabalhos comunitários como das ações de controle e fiscalização

Julio em off: Mas na Floresta Nacional do Jamanxim, criada pelo governo há três anos, só há dois funcionários para tomar conta de um milhão e trezentos mil hectares. Área equivalente à metade do estado de Alagoas. A falta de apoio também compromete dezenas de assentamentos

Sindicato Trabalhadores Rurais de Lucas do Rio Verde: O grande problema que existe hoje são famílias que simplesmente foram jogadas em cima da terra e criaram grandes problemas sociais, ambientais

Julio em off: No trecho de 113 quilômetros em que a Transamazônica coincide com a BR-163, a natureza foi devastada. Pequenas comunidades estão em processo de extinção por falta de assistência. Quem ficou, sofre até com as lembranças.

Oswaldo Fernandes, produtor rural: Mais ruim nós já passou viajando dentro de lama com um saco de farinha aqui na cabeça, mil saco pra botar lá estrada, nós botava 12 saco de um, 12 do outro na cabeça, cansava aqui descia, cansava, subia, até botar lá fora

Julio em off: A fábrica de farinha foi doada pelo governo do Pará em 1994, mas os colonos só tiveram dinheiro para trazê-la pra cá e fazê-la funcionar em novembro de 2008 - 14 anos depois

Julio: Padre Arno, uma referência para os colonos na Transamazônica, acompanhou de perto essa longa espera. Ele se anima com a promessa do asfalto para a BR-163. Mas...

Padre Arno, Comunidade S. Francisco, PA: Pra nós vir é importante isso sim, mas vir as políticas públicas, como o acesso aonde estão os colonos hoje.

Julio: O próprio representante do Ibama em Sinop, Mato Grosso, alerta: o estado precisa estar presente

Roberto Agra, gerente do Ibama em Sinop, MT: Que a sustentabilidade seja uma opção concreta e real para as pessoas, não seja só a degradação da floresta através da pecuária e da soja. E isso sem a presença do estado, sem a fiscalização, é muito difícil? Impossível. Não é difícil, é impossível.

20)Data:09.04.2009No Doc:RJ52-0036374

Título: Série Amazônia: JN percorre a BR-163

4ª Matéria: Negócios rurais e proteção de meio ambiente

Local: Amazônia

Repórter:00:05'04"

Fonte:TV Globo

Duração: Julio Mosquera

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Na viagem pela BR-163, que liga a capital de Mato Grosso a Santarém, no Pará, os repórteres Julio Mosquera e Laércio Domingues encontraram empresários e donos de propriedades rurais pequenas tentando conciliar os negócios com a necessidade de proteger o meio ambiente. É o que você vai ver na quarta reportagem da série que o Jornal Nacional apresenta nesta semana.

(vinheta Amazônia)

Mosquera em off: Otaviano chegou caminhoneiro em Mato Grosso na década de 80, hoje emprega 3 mil pessoas em Lucas do Rio Verde. É um dos maiores exportadores de soja e carne do país.

Otaviano Pivetta: Nós precisamos fazer um grande programa de revitalização do solo degradado e com isso talvez triplicar a produção de Mato Grosso sem derrubar nem uma árvore sequer.

Mosquera em off: José Eduardo Pinto é presidente do sindicato das indústrias madeireiras do norte de Mato Grosso.

José Eduardo: O próprio empresário que está no seguimento sabe da necessidade de trabalhar dentro de uma linha ambientalmente correta.

Mosquera: Dona Iolanda faz parte de um programa pioneiro na BR-163. Cultiva mudas para reflorestar a Amazônia

Dona Iolanda: As nativas nós temos o Angelim Saya, nós temos o Tendo, temos Andiroba.

Mosquera: O que o grande agricultor, o madeireiro e a pequena agricultora rural têm em comum? A consciência de que é preciso cuidar da Amazônia para continuar vivendo dela. Um sentimento que surge também pela pressão do Mercado. Em Lucas do Rio Verde, todos os agricultores aderiram o projeto de preservação das áreas das margens dos rios e córregos. Querem conquistar para o município o certificado de que produzem sem destruir a natureza.

Sec. de Agricultura de Lucas do Rio Verde, Luciana Copetti: O produto que está sendo produzido em Lucas e na região, ele pode sair daqui com o selo verde. Ele pode sair daqui com a garantia de que a conservação ambiental é aliada da produção rural.

Mosquera: Há 10 anos o professor Fiorelo Picoli estuda as mudanças de comportamento dos negócios ao longo da BR-163. E faz uma previsão.

Prof. Fiorelo: Quem não trabalhar as possibilidades dentro da realidade, dentro daquilo que é coerente, daquilo que é o correto, certo, está fora. Simplesmente está fora. O Mercado expurga, a sociedade expurga. O marketing negativo deles, expurga.

Mosquera em off: Ele quer que as universidades públicas em Sinop, em Mato Grosso, assumam o compromisso de formar mão-de-obra qualificada para espalhar a tecnologia de aprimoramento da agricultura e do manejo da floresta. As madeireiras que surgiram em Mato Grosso ao longo da Br-163, tiveram de se adaptar aos novos tempos para sobreviver. Em vez de vender a madeira bruta, preparar o produto para o consumo porque cada vez ficou caro e difícil extrair madeira da floresta amazônica.

Madeireiro: Hoje, se a pessoa quiser ficar no setor, ela é obrigada a trabalhar dentro da regra, não só por uma questão de cumprir a legislação, mas por uma questão de mercado mesmo.

Mosquera: Hoje as pessoas buscam novos caminhos. Jaldes trocou a extração de madeira pelo o reflorestamento. Planta e colhe Teca, Eucalipto e espécies nativas

Jaldes: Empresário de forma inteligente, o pecuarista, o agricultor, o pró-madeireiro, é reflorestar para prevenir o futuro, daqui a dez ou quinze anos.

Mosquera: A redução do custo dos produtos é outra ambição. E aí o caminho da solução seria concluir o asfalto da fronteira do Mato Grosso com o Pará, até o trecho já pavimentado, perto de Santarém e encurtar em mil kms a estrada até a rota via Rio Tapajós, para exportar a produção para os EUA, Ásia e Europa. Hoje a alternativa é o Porto de Paranaguá, no Paraná, a 2 mil e 300 kms de distância. O coordenador do comitê em defesa do asfalto na Br-163, apresenta a economia.

José Antônio Baldo: Se trabalharmos com números frios, básicos, a saída por Santarém em relação a Paranaguá o nosso produtor rural terá um lucro de 5 reais por saca de soja exportada.

Mosquera: Os índios Kaiapós também esperam pelo asfalto da Br-163. Eles criaram em Novo Progresso no Pará, o Instituto Kabu, para vender a produção da castanha do Pará e de óleo de Copaíba, destinado a indústria de cosméticos.

Dotô Takake-Írê: Vai ajudar muito os índios escoar os nossos produtos.

Mosquera: Mas querem garantir de que o asfalto não vai trazer mais destruição ambiental.

Dotô Takake-Írê: A gente quer que o governo ajude mitigar impacto que a BR está trazendo.

Mosquera: A rodovia asfaltada também ajudaria Iolanda a realizar o sonho de montar uma cooperativa para vender ao longo da BR, os produtos retirados da floresta.

Dona Iolanda: Trabalhando com mel, com produtos medicinais. As mulheres estão se organizando para - já estão produzindo - xaropes, pomadas....

Eng. Florestal, Epifânia Vuaden: Apicultor não desmata. Não é interessante para ele, de jeito nenhum, que se queime a floresta, nem as flores, que são alimentos das abelhas e que é a fonte de renda dele.

Mosquéra: Para a engenheira florestal, a Amazônia se fortalece quando quem vive do extrativismo passa da condição de subsistência para a de comerciante que preserva a mata.

Bonner: Amanhã, os novos desafios para a Amazônia com o asfaltamento de toda a BR-163, mas de 30 anos depois do início das obras. Na Internet o portal Globo Amazônia tem outras informações sobre a região. E a página do JN apresenta os bastidores destas reportagens.

21)Data:08.04.2009No Doc:RJ52-0036366

Título: Série Amazônia: JN percorre a BR-163

3ª Matéria: Colonização desordenada provoca desmatamento

Local:Amazônia

Repórter:Julio Mosquera

Fonte:TV Globo

Duração:00:04'31"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: O Jornal Nacional exhibe nessa semana uma série de reportagens sobre a Amazônia cortada pela BR-163. Hoje os repórteres Julio Mosquera e Laércio Domingues mostram como a colonização desordenada provocou o desmatamento da floresta amazônica. e 30 anos depois do início da construção da rodovia dificulta a vida de quem quer trabalhar dentro da legalidade.

(vinheta Amazônia)

Mosquera em off: Numa marcha vagarosa, o gado caminha pela rodovia. Os vaqueiros conduzem a boiada como se estivessem no meio do mato. 300 kms a frente somos obrigados a parar o carro.

Mosquera: Essa é uma cena comum quando se entra no Pará: a Br-163 tomada por centenas de cabeças de gado que estão sendo levadas para o período da engorda. Ao fundo um caminhão tentando passar.

Mosquera em off: Neste ritmo lento mais constante, o gado vai invadindo áreas que por lei deveriam ser preservadas. Só na Floresta Nacional do Jamanxim, no oeste do Pará, criada há 3 anos, ainda há mais de 200 mil cabeças. Animais que pertencem a produtores rurais que permanecem ali a espera de uma solução.

Produtor , Luiz Helfgtaing: Nós entramos aqui na década de 80, entre 80 e 90. Eles legalizam nós e nós assumimos o compromisso em contrapartida de não derrubar mais.

Mosquéra em off: A pecuária é a última etapa de um processo de desmatamento que começa com a derrubada das árvores para vender a madeira e segue com a queimada para limpar a área. Atividades que já consumiram 1/4 da floresta que fica na área de influência da Br-163 e a destruição não pára. Estudo do Ministério do Meio Ambiente, mostra que entre novembro do ano passado e janeiro deste ano, a região foi uma das áreas mais devastadas da Amazônia. Walter Moura, presidente do sindicato dos trabalhadores rurais de Garantã, em Mato Grosso, é testemunha da ação ilegal dos madeireiros.

Walter Moura: Isso é em qualquer época, caminhão entra e sai tranquilamente, raramente se prende um caminhão saindo com madeira.

Mósquera em off: E na região quem denuncia diz que paga um preço.

Walter Moura: Já sofremos imensas ameaças de morte por inúmeras vezes e ninguém nunca tomou providências em relação a isso também.

Mósquera em off: De passagem por Novo Progresso, no Pará, vimos de perto a dificuldade de quem tem a tarefa de combater a ilegalidade. Funcionários do Ibama estavam ilhados na sede do instituto. No dia anterior haviam sido ameaçados porque apreenderam caminhões com madeira ilegal. Para evitar confrontos, os fiscais foram orientados pela direção do Ibama a não deixar o prédio. Mas a repressão está mudando o comportamento. Quem trabalha na legalidade começa a se virar contra os madeireiros clandestinos.

Madeireiro Legal, Osvaldo Romagnoli: não Nós estamos fazendo um grande cadastro em toda a região, onde a gente vai estar de fato diagnosticando quem é e quem é.

Mosquéra em off: A disposição de ajudar a separar o joio do trigo vem da necessidade de sobrevivência. No oeste do Pará centenas de madeireiras estão fechadas. Nesta em Castelo de Sonhos, o único sinal de vida está na teia de aranha. Edivana Morana espera autorização para extrair madeira de forma sustentável, quer legalizar o serviço.

Edvana Morana: A gente quer que as coisas aqui cheguem. Que venham, nos ensinam, nos mostrem, nos legalize, para depois nos cobrar.

Mosquéra em off: O garimpo é outro vilão sempre a espera de uma oportunidade para se expandir. Flagramos um garimpo ilegal em Terra Nova, Mato Grosso. O dono já atua em dois terrenos arrendados de pequenos produtores. Retira um quilo e 200 grs de ouro por mês e faz propostas para expandir o garimpo. José Cavalcanti, o bigode, diz que foi procurado por ele.

José Cavalcanti: Na minha área enquanto for eu quem mandar ninguém vai destruir. Eu já trabalhei em garimpo há uns 20 anos atrás e nunca levei nada de garimpo, então pra quê eu mexer com a minha terra pra garimpo?

Mosquera em off: Bigode não quer ser cúmplice na destruição do meio ambiente. O garimpo já poluiu a água de um dos córregos que passam no assentamento. A agricultura completa o ciclo de interesse na terra da floresta. No Pará, ao longo da Br-163, ela pouco se desenvolveu, mas em Mato Grosso, encontrou terreno fértil na chamada mata de transição do Cerrado para a Amazônia. Essa aqui é a típica vegetação encontrada na região na década de 70. As árvores tem um porte maior do que as encontradas no Cerrado, mas a mata não é tão densa como a floresta amazônica. Num sobrevôo pela região, vemos que a vegetação original hoje se reduz a quase nada. Onde não há soja, estão o milho, o arroz e o algodão.

Fátima: Na reportagem de amanhã a busca de um equilíbrio entre as atividades econômicas e a proteção ao meio ambiente. Na internet, o portal Globo Amazônia traz outras informações sobre a região e a página do Jornal Nacional oferece os bastidores da produção desta série de reportagens.

22)Data:07.04.2009No Doc:RJ52-0036362

Título: Série Amazônia: JN percorre a BR-163

2. Matéria: Ação dos colonos

Repórter:Julio Mosqueira

Fonte:TV Globo

Duração:00:05'26"

Matéria: Editada

Texto: Fátima: Na série sobre a Amazônia que o Jornal Nacional está exibindo esta semana, você está acompanhando a viagem dos repórteres Julio Mosquéra e Laércio Domingues, pela BR-163, entre os estados do MT e do PA. A construção da estrada há mais de 30 anos, desenvolveu algumas regiões, mas não todas. Na reportagem de hoje nós vamos ver a ação dos colonos na época, e o que aconteceu com as gerações que vieram depois.

(Vinheta Amazônia)

Mosquéra em off: Quando aceitou o convite do governo militar para ajudar a colonizar a Amazônia, na divisa do Mato Grosso com o Pará, o gaúcho, Ladislau Juppen, achou que estava diante da grande chance da vida. Não demorou para se desiludir.

Ladislau Juppen: O pessoal nos trouxe e largou a gente assim a "Deus dará".

Mosquéra em off: A mulher, Tereza, passou muito medo.

Tereza Juppen: Logo que a gente chegou, a casa que tinha, ela não tinha porta, não tinha janela...Era tudo mato...As onças vinham gritar em volta de casa (risos). Passava muito medo.

Mosquéra em off: Era início dos anos 80. A família Juppen persistiu. Desmatou metade do terreno, como determinou o governo, e plantou feijão, arroz e milho. Mas não tinha para quem vender e Ladislau teve que buscar o sustento no garimpo. Sofreu com as doenças.

Ladislau: Para te falar a verdade, eu passei por mais de cem malárias.

Mosquéra: Mais de cem?

Ladislau: Mais de cem malárias

Mosquéra em off: Dos 129 colonos que vieram com Ladislau, apenas sete ficaram. Muitos venderam o sítio pelo preço da passagem de volta. Na viagem de 20 dias na BR-163, de Cuiabá em Mato Grosso a Santarém, no Pará, vimos o mesmo cenário se repetir em dezenas de assentamentos. A situação é pior onde a estrada abandonada não é nem sombra da rodovia que prometeu levar o desenvolvimento a região. Castelo de sonhos, no Pará, é exemplo dessa decepção. É distrito de Altamira, município que fica a mil kms de distância, o único médico do local, entregou os pontos.

Médico, Hélio Jacob: Eu sei é que um dia eu cheguei em uma situação que disse que precisava de mais profissionais para trabalhar comigo, senão não tem como.

Mosquéra em off: Na escola pública de Castelo dos Sonhos, parte dos professores é emprestada de Belém e Altamira. ensinam durante 50 dias, as matérias do ano inteiro, e vão embora. Livros?

Diretora Maria Araujo: Só temos esse livro de biologia para o ensino médio. Então, as outras disciplinas, faltam todas. Não tem livros para as crianças levarem para a casa.

Mosquéra em off: Em Mato Grosso, onde chegou o asfalto, a realidade é bem diferente: a lavoura tomou o lugar da floresta, mas a agricultura fez cidades prosperarem.

Mosquéra: O município de Sorriso é o maior produtor do mundo de soja: são 30 milhões de sacas por ano. A longa fila de caminhões é em frente aos locais de armazenamento de grãos, é uma rotina na entrada do município. As produções de soja e algodão enriqueceram o oeste de Mato Grosso. Soja é poder, muito poder,

Dono de concessionária, Plínio Edegar: Se você quiser comprar um carro a troco de soja, a gente pode até vender, a gente pode até trocar em soja. A gente troca sim.

Mosquera em off: em Lucas do Rio Verde, o ensino é modelo. Escolas municipais têm piscina. As crianças que moram longe, em assentamentos, passam o dia todo na escola. E, além do café da manhã, almoçam, lancham e jantam antes de voltar para a casa.

Mosquéra. Durante 4 anos, de 2004 a 2007, Lucas do Rio Verde, ganhou o prêmio, Gestor Eficiente da Merenda Escolar, dado pelo Ministério da Educação. Aqui eles produzem praticamente tudo o que consomem. Têm uma padaria e matêm também uma granja para a produção de ovos, além de cultivarem verduras e legumes. Letícia não tem saudades da escola em Santa Catarina.

Mosquéra: Aqui é melhor do que lá?

Letícia: Ah, com certeza a gente tem mais oportunidade aqui do que lá, né.

Mosquéra em off: Na esteira do sucesso de Lucas do Rio Verde, encontramos gente que enriqueceu. Ex-Sem Terra, Hildo Romancini, comemora as conquistas. Chegou há 27 anos, hoje vive da agricultura e é dono de supermercado.

Hildo: Estou contente sim. Sem dúvidas. Estar em Lucas é estar em casa.

Mosquéra em off: A mulher dele divide a vida na cidade entre antes e depois do asfalto da BR-163.

Nilva Romancini: Quando eu fui ter a Suzana, eu fui numa carreta. E daí chegamos lá, eu tive que me lavar antes de consultar, porque eu estava toda cheia de poeira.

Mosquéra em off: Já as filhas só conhecem a fase boa.

Nilviana: Nós temos uma loja de roupa aqui na cidade. Começamos não faz muito tempo e a gente está bem contente já.

Mosquéra em off: Do lado bem sucedido da BR-163, também encontramos a 2ª geração da família Juppen, aquela que veio do Rio Grande do Sul. Viviana Juppen se casou com Vilmar, tiveram 3 filhas. Vivem num projeto de assentamento, cultivam mel de abelha, frutas e extraem sementes da floresta

Vilmar Silva: A gente está lutando para hoje trabalhar com um negócio um pouquinho mais diferenciado.

Mosquéra em off: Os pais olham o futuro com otimismo.

Jane Juppen: Agora nós já temos uma terra, então elas já não precisam mais acampar pra ganhar terra, né? Elas já tem.

Mosquéra: Na mesma rodovia, há 300 kms de distância, o patriarca da família Juppen se alegra com as conquistas da filha e das netas, com esperança que um dia o asfalto ainda chegue na parte abandonada da BR-163, ele lamenta a natureza destruída por um projeto abandonado no meio do caminho.

Juppen: Foi largado, o pessoal não impuseram uma lei, né? Ninguém falou nada então o povo foi derrubando assim a torto e a direito. Dá tristeza você olhar esses rios, lembrar como era antigamente e ver hoje como é que está.

Fátima: Garimpos ilegais, madeiras fechadas, fiscais ameaçados. A luta pela legalização do desmatamento é o retrato da Amazônia que nós vamos ver na reportagem de amanhã. E você encontra outras informações na Internet, no Portal Globo Amazônia.

23)Data:06.04.2009No Doc:RJ52-0036356

Título: Série Amazônia: Governo promete recuperar BR que integra a Amazônia

1ª Matéria:

Local:Amazônia

Repórter:Julio Mosquera

Fonte:TV Globo

Duração:00:05'56"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Na primeira reportagem da série especial sobre a Amazônia, nossa equipe viaja pela BR-163, mostrando os problemas e os personagens da rodovia BR 163.

Fátima: O reinício das obras na BR-163, a estrada que corta Mato Grosso e o Pará, revela como o desenvolvimento pode ser também a raiz de problemas ambientais graves na Amazônia. Durante 20 dias, os repórteres Júlio Mosquera e Laércio Domingues percorreram a rodovia e é esta viagem que o Jornal Nacional exibe a partir desta segunda, numa série especial de reportagens.

Julio em off: Kitakriti fica muda diante da foto. É ela quem pede comida, na BR-163, que começava a ser aberta no meio da floresta, como nos conta Perankô, o tradutor da tribo.

Kitakriti: Nós pegamos biscoito, farinha de fubá, melancia, açúcar

Julio: Kitakriti pagou um preço alto, mas se orgulha de uma vitória: o filho Soti-i é um dos poucos sobreviventes daquela época

Kitakriti: Foi uma luta dura

Julio em off: O registro foi feito há 36 anos, quando os panará tiveram o primeiro contato com o homem branco. A construção da BR-163 estava em ritmo acelerado. Dois anos antes, as obras haviam sido iniciadas em Cuiabá, Mato Grosso, e tinham como destino Santarém, no Pará.

Julio: O Exército chegava a abrir por dia dois quilômetros de estrada no meio da floresta. O acampamento móvel era montado sobre chassis de caminhões

Coronel José Meirelles, ex-comandante do 9OBEC: Integrar para não entregar a Amazônia. Quer dizer, a preocupação era justamente a integração

Julio: O regime militar temia a guerrilha que se opunha à ditadura no país e a suposta cobiça internacional despertada pela Amazônia. No meio do caminho e dos planos do governo, estavam as terras dos paraná.

Coronel José Meirelles: Quando nós sobrevoávamos a área, eles atiravam flechas nos aviões

Julio em off: Para se aproximar dos índios, o Exército contou com o apoio de dois profundos conhecedores da cultura indígena: dos irmãos Villas-Boas, que evitaram confrontos entre brancos e panará.

Julio: Mas em dois anos de contato, apenas 82 dos 500 panará sobreviveram.

Índio Akan: Aí começou febre, deu sarampo muito grande naquela época, acabou todo mundo.

Julio em off: Hoje, os Panará já não estão mais sob a ameaça de extinção. Na aldeia, vivem 420 índios, dezenas deles crianças, uma nova geração para levar adiante o legado da tribo. As mulheres preparam a farinha de mandioca. A corrida das toras voltou à rotina dos homens.

Julio: O comandante do batalhão do Exército que abriu a BR-163 lamenta o sofrimento dos panará, mas defende a rodovia de terra inaugurada em 1976.

Coronel Hélio Mathias, ex-comandante do 9OBEC: A gente sente orgulho, alegria de ter participado de uma obra tão importante, que teve um reflexo muito grande para o país. Era uma estrada larga, estrada de primeira classe, uma viagem tranquila

Julio: Trinta e dois anos depois da inauguração fizemos essa viagem. Partimos de Cuiabá e levamos 20 dias para percorrer os mil 767 quilômetros até Santarém.

Julio em off: Em três décadas, o asfalto não cobriu nem metade da rodovia. A maior parte está em Mato Grosso. De saída, o flagrante de um capotamento. Encontramos o motorista ainda tonto

Motorista do caminhão: Aconteceu que o cara me fechou e eu caí aí dentro. O rapaz que está fazendo a cerca viu.

Julio: Na BR-163, falta acostamento, sinalização. Em alguns trechos, a pista é muito ondulada e há buracos. Cruzes lembram os mortos em acidentes e são símbolos de protesto. A rodovia fica 24 horas do dia ao alcance dos olhos do dono de um hotel.

Dono do Hotel: Eu a considero como o corredor da morte. É muito comum acidente aqui

Julio em off: O córrego marca a divisa entre os estados de Mato Grosso e Pará. Daqui para frente, são quase 900 quilômetros de uma estrada de terra muito ruim, e o que é pior: hospital, a gente só vai encontrar a 760 quilômetros, em Itaituba. Para enfrentar a estrada até Santarém, a suspensão dos ônibus é elevada.

Julio: Motorista há dez anos no trecho, Genivaldo Ribeiro diz que, se chover, não dá para seguir

Genivaldo: É dormir na estrada, sem condições de nada, com sede, com fome, junto com os passageiros

Passageira: Já tem que vir preparada com roupa, com comida, com tudo

Julio em off: Na região conhecida como Cintura Fina, o terreno arenoso faz da rodovia uma espuma derrapante. Carro não passa. Um erro e os motoristas de ônibus e caminhões só param nas imensas valas. Caminhões atolados patinam, patinam e não sobem

Julio: Tem que esperar a estrada secar
Motorista: Não dá para contar quantas vezes eu já atolei nesta pista
Outro motorista: Se São Pedro não mandar o sol, nos dormimos aqui mesmo
Julio: Trinta quilômetros por hora é a velocidade média da BR entre Moraes Almeida e Aruri Grande. A estrada é muito ondulada, sacoleja tanto dentro do carro, que a sensação que a gente tem é de que está em cima de um touro mecânico. Há 25 anos, Chico do Trator tem um restaurante num dos piores trechos da BR. Ele reboca quem atola, mas não conseguiu salvar a filha recém-nascida
Chico: Com 43 dias, a menina morreu de pneumonia. E a gente sofreu muito aí. Não teve como sair daqui para dar socorro
Julio em off: Só fomos encontrar asfalto da BR-163 a cem quilômetros do porto de Santarém, um importante acesso de navio à Europa e aos Estados Unidos.
Julio: Agora, o governo promete recuperar toda a BR até 2011 para baratear a exportação de grãos de Mato Grosso e dar dignidade às famílias que vivem no Pará e terá pela frente o desafio de asfaltar a rodovia preservando o que resta da Amazônia
Fátima: Na reportagem desta terça, as duas faces da colonização na BR-163. Numa cidade, a educação é de primeiro mundo. Em outra, faltam livros nas escolas. E você encontra outras informações sobre a região no portal Globo Amazônia.

24)Data:03.04.2009No Doc:RJ52-0036349
Título:ONGs lançam mapa completo da Amazônia
Repórter:Cristina Serra
Fonte:TV Globo
Duração:
Matéria: Editada

Texto: Fátima: O Brasil é dono da maior parte desse patrimônio e 40% da floresta brasileira estão protegidos. Isso representa quase dois milhões de quilômetros quadrados
Cristina Serra: Organizações não governamentais de nove países sul-americanos lançaram, no Fórum Social Mundial, o primeiro mapa completo da Amazônia.
Cristina em off: A Amazônia não cabe nos limites impostos pela geografia. É um gigante que se espalha por nove países e ocupa 7 milhões e 800 mil quilômetros quadrados.
Se fosse um só país, teria 33 milhões de habitantes. Desses, um milhão e seiscentos mil, são índios, vivendo em dois mil e 200 territórios, que equivalem a 25% da Amazônia. Somando unidades de conservação, como parques nacionais, a proteção chega a 41% da floresta.
Cristina: O Brasil é dono da maior parte desse patrimônio e 40% da floresta brasileira estão protegidos. Isso representa 1 milhão e 900 mil km². Segundo ambientalistas, é uma boa área de proteção. O problema é o desequilíbrio entre diferentes regiões da floresta.
No estado do Amazonas, a mata é bem preservada. Já no Pará, Mato Grosso e Rondônia a devastação é muito grande.
Pesquisador do Instituto Sócioambiental, Arnaldo Carneiro: A estratégia de conservação não foi aplicada nessa faixa de expansão da fronteira agrícola. Tem alguns tipos de floresta da Amazônia que não tem representação nas unidades de conservação.
Cristina: Alguns vizinhos dão bons exemplos. Na Colômbia, 56% da floresta estão preservados. No Equador, quase 80%. O ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, reconhece que é preciso reforçar a proteção, mas aproveitando o potencial da floresta.
Ministro Carlos Minc: Parque não quer dizer que não pode fazer nada. Você pode usar para a ciência, para a medicina, para os cosméticos, gerar muita renda com turismo, ciência e alimentação, sem destruir o bioma Amazônia
Bonner: No portal Globo Amazônia, você encontra outras informações sobre a região e também pode deixar registrado o seu protesto contra o desmatamento.

25)Data:14.03.2009No Doc:RJ52-0036289
Título: Príncipe Charles e Duquesa Camila visitam a Floresta Amazônica
Local: Amazonas e Pará
Repórter: Roberto Paiva
Fonte: TV Globo
Duração: 00:01'23"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Príncipe Charles dança carimbó em visita ao Pará. Durante o passeio, o príncipe conversou com pesquisadores que atuam na Amazônia e com representantes do governo federal e até arriscou passos da dança típica do Pará.

Fátima: No último dia de visita ao Brasil, o príncipe Charles e a mulher cumpriram agendas separadas. O herdeiro do trono britânico conheceu uma comunidade que vive no meio da floresta e arriscou uns passos de carimbó.

Roberto Paiva em off: No último dia de visita ao Brasil, o príncipe Charles e a mulher cumpriram agendas separadas. O herdeiro do trono britânico conheceu uma comunidade que vive no meio da floresta e arriscou uns passos de carimbó.

Tasso Azevedo, diretor do Serviço Florestal Brasileiro: A gente conversou sobre os desafios de manter a floresta em pé e diminuir o desmatamento, que é uma preocupação dele, e ele, por sua vez, apresentou uma proposta de constituir um mecanismo financeiro internacional que possa mobilizar recursos muito significativos, na casa dos bilhões de dólares, para a conservação da floresta nos países tropicais.

Roberto Paiva em off: Depois de uma hora e meia de viagem, o príncipe chegou à Floresta Nacional do Tapajós e conversou com ribeirinhos. Moradores explicaram como fazem a extração do látex. Depois, Charles visitou uma exposição de produtos artesanais feitos pela comunidade. O príncipe ainda conheceu o projeto de uma ONG que levou a internet para o meio da floresta

Roberto Paiva: Durante uma apresentação de carimbó, o príncipe arriscou alguns passos da dança típica do Pará.

Roberto Paiva em off: Música também para a mulher do príncipe Charles. Em Manaus, a duquesa Camila Parker-Bowles assistiu show dos curumins na lata, uma banda com instrumentos feitos de sucata.

26)Data: 10.02.2009No Doc:RJ52-0036192

Título: Espelho do Jornal Nacional de 10/02/2009 - (indexado)

Local: Amazônia

Repórter: Cristina Serra

Fonte: TV Globo

Duração:

Matéria: Editada

Texto: Fátima: Uma notícia sobre índios de uma tribo da Amazônia correu o mundo nesta terça-feira. Quem conta é a repórter Cristina Serra.

Cristina em off: A notícia divulgada pelo site da rede de TV CNN dizia que índios da tribo Kulina tinham devorado um vaqueiro num ritual de canibalismo, na semana passada. A aldeia Kulina fica perto da cidade de Envira, no oeste do Amazonas, divisa com o Acre. O secretário de segurança pública do Amazonas, ficou surpreso.

Sec. de Seg. Pública Francisco Sá Cavalcante: Há muitos anos não se ouve esta história de canibalismo aqui no Amazonas.

Cristina: O delegado disse que foi um assassinato motivado por vingança. No ano passado, um índio morreu afogado e, segundo o delegado, a aldeia culpou homens brancos. O delegado abriu inquérito e disse que pretende indiciar cinco índios por homicídio, entre eles uma mulher. Segundo o delegado, os índios estavam bêbados ao cometer o crime.

Delegado, José Carlos da Silva: A partir do momento em que eles bebem, tornam-se altamente violentos.

Cristina em off: O delegado confirmou que os índios mataram e comeram partes do corpo de Océlio Alves de Carvalho, de 21 anos, mas não como parte de algum ritual tradicional da tribo. Um dos índios chegou a ser preso, mas a polícia teve que liberá-lo.

Delegado: A lei do índio não permite que ele fique preso sem que haja acompanhamento da Funai e da Polícia Federal

Fátima: A Funai divulgou uma nota informando que os Kulina não praticam antropofagia, ou seja canibalismo. A nota informa ainda que agentes estão buscando informações sobre o possível envolvimento de indígenas na morte do rapaz.

27)Data:09.02.2009No Doc:RJ52-0036187

Título: AM: parentes enterram vítimas de acidente aéreo

Local:Amazônia
Repórter:Daniela Assayag
Fonte:TV Globo
Duração:
Matéria: Editada

Texto: Bonner: Parentes enterram vítimas de acidente aéreo em Manaus. Eram da mesma família 17 das 24 vítimas. Está sumido um documento importante para esclarecer a tragédia.

Daniela em off: Um documento importante do piloto do avião Bandeirante que caiu no Rio Manacapuru na região amazônica está desaparecido. Ele teria as informações sobre o peso da carga que o avião levava. A segunda-feira foi triste na cidade de onde o Bandeirante partiu.

Daniela: Eram da mesma família 17 das 24 vítimas. No cemitério de Coari, dor e desespero. Um a um os caixões foram sepultados diante dos moradores da pequena cidade do interior do Amazonas que ainda procuram entender a tragédia. O bandeirante prefixo PT-SEA decolou de Coari a 363 quilômetros de Manaus no sábado, 13h, horário local. Quando o avião estava a 20 minutos do pouso, o comandante entrou em contato com a torre de controle do aeroporto em Manaus e disse que ia voltar por causa da forte chuva. Logo em seguida a aeronave desapareceu dos radares do Cindacta.

Sobrevivente Brenda Dias Moraes: Uma hélice falhou. Ela claramente parou e a gente começou a perder altitude. Foi quando eu olhei para o painel de controle e percebi que uma luz vermelha piscando. Aí a gente começou a se desesperar, a gente começou a orar porque o avião estava perdendo altitude e estava caindo.

Daniela em off: O avião fez um pouso forçado no Rio Manacapuru e logo depois começou a afundar. Quatro pessoas conseguiram escapar pela saída de emergência. Nesta segunda, três peritos da Aeronáutica voltaram ao local do acidente, coletaram amostras do óleo do motor e do combustível. Recolheram ainda o painel de controle e o GPS que ficava na cabine. Uma análise mais detalhada deve ser feita em Manaus para onde a carcaça da aeronave será transportada de balsa.

Daniela: A caixa que grava as vozes da cabine foi encontrada no próprio sábado, mas os peritos ainda não conseguiram um programa de computador capaz de decodificar o som. As investigações vão calcular ainda o peso da carga, do combustível e das pessoas a bordo. Já se sabe que havia mais passageiros do que a capacidade do avião, mas ainda não está claro se havia sobrepeso. Um documento divulgado pela empresa dona do avião mostra uma lista com os nomes dos passageiros. Seria o manifesto de carga, documento onde os pilotos dão informações sobre o voo, incluindo o cálculo de peso. Mas os espaços estão vazios. A empresa afirma que o documento não foi feito pelo piloto do avião que caiu. Foi usado pela empresa apenas para divulgar a relação dos nomes, mas não sabe dizer onde está a cópia do documento original feito pelo piloto do Bandeirante antes de sair de Coari. A Agência Nacional de Aviação Civil abriu processo administrativo para averiguar as condições de segurança operacional da empresa Manaus Aerotáxi, proprietária do avião.

28)Data:31.01.2009No Doc:RJ52-0036144

Título: Participantes do Fórum Social Mundial protestam contra o que chamam de descaso das autoridades com os povos da Amazônia.

Local:Belém
Repórter:Roberto Paiva
Fonte:TV Liberal
Duração:00:01'21"
Matéria: Editada

Texto: Bonner: No Brasil, em Belém, participantes do Fórum Social Mundial protestaram contra o que chamam de descaso das autoridades com os povos da Amazônia.

Fátima: O penúltimo dia do Fórum Social foi marcado por muitos protestos. Nas palestras, foram denunciados os assassinatos que ocorrem na região amazônica. Geralmente, por causa da disputa por terras e madeira.

Roberto Paiva em off: Na encenação, um drama que começa na periferia das capitais do norte do país: o aliciamento de adolescentes levadas para a Europa com falsas promessas de emprego.

Maria dos Reis Almeida, pedagoga: São submetidas a fazerem programas, nas casas, nas boates e são mantidas como escravas.

Roberto Paiva: A falta de cuidado com o meio ambiente também foi denunciada. Durante o Fórum, índios pediram o fim da exploração ilegal das reservas e que os governos adotem medidas para proteger as florestas e melhorar o atendimento nas aldeias.

Akiaboro Kayapó, Cacique: Chamar o governo para melhorar a nossa vida, a educação, saúde, demarcação.

Roberto Paiva: Na Amazônia peruana - diz um índio - quem denuncia agressões ao meio ambiente é perseguido e morto por seguranças de empresas que exploram a floresta. Hoje, tribos do Amazonas afirmaram que índios têm morrido de hepatite. Segundo eles, falta atendimento médico.

Índio: Não tem tratamento de qualidade, é por isso que nós preocupa muito, tem que ter na comunidade posto de saúde.

Fátima: As atividades do Fórum Social Mundial terminam amanhã à tarde, em Belém. Durante o fórum, em Belém, o ministro da Justiça, Tarso Genro, disse que o atendimento à saúde indígena não será mais feito pela Fundação Nacional de Saúde. Ele afirmou que será criado um órgão, dentro do Ministério da Saúde, com esta responsabilidade.

29)Data:28.01.2009No Doc:RJ52-0036121

Título: Fórum Social Mundial em Belém

Local:Belém

Repórter:Roberto Paiva

Fonte:TV Globo

Duração:00:00'56"

Matéria: Editada

Texto: Bonner:Fórum Social Mundial em Belém debate a Amazônia. A CNBB denunciou a prostituição infantil na Ilha de Marajó, no Pará. Segundo os religiosos, crianças se prostituem em troca de comida.

Fátima: A região amazônica foi o tema principal no primeiro dia de debates do Fórum Social Mundial, em Belém

Roberto Paiva em off: No dia dedicado à Amazônia, índios peruanos fizeram um ritual do fogo no início das discussões. Nesta quarta, o fórum reuniu pessoas que vivem em áreas isoladas da Amazônia. São lugares no Brasil e no exterior onde as leis ambientais e os direitos humanos não costumam ser respeitados.

Roberto Paiva: A CNBB denunciou a prostituição infantil na Ilha de Marajó, no Pará. Segundo os religiosos, crianças se prostituem em troca de comida

Luiz Azcona, Bispo de Marajó: Se vendem, por exemplo, por três reais, por cinco, porque aí está a necessidade urgente de comer.

Roberto Paiva: Os participantes do fórum querem conscientizar a sociedade de que os governos devem adotar rapidamente medidas para conter o desmatamento na Amazônia.

liderança indígena Marcos Apurinan: Se o pessoal não nos ouvir, se o mundo não nos ouvir, nós não vamos ter daqui a 30, a 50 anos, mais floresta na Amazônia

Sinopse:Índios peruanos fazendo o ritual do fogo / (stup) repórter Roberto Paiva / reunião da CNBB sobre prostituição infantil na Ilha de Marajó / entrevista (com sobe som) com Dom Luiz Azcona, bispo de Marajó falando que as crianças se vendem por 3 reais / índios dançando / entrevista índio falando que se eles não forem ouvidos não terá mais floresta daqui 30 anos.

30)Data:26.01.2009No Doc:RJ52-0036109

Título: Funcionários da Secretaria De Meio Ambiente do Pará receberam propina para dar autorização para retirada de madeira de assentamentos do INCRA.

Local: Pará

Repórter: Roberto Paiva.

Fonte:TV Globo

Duração:

Matéria: Editada

Bonner: O golpe milionário da madeira ilegal no Pará. Funcionários da Secretaria de Meio Ambiente do estado teriam recebido propina para conceder as autorizações para a retirada de madeira de assentamentos do Incra.

Fátima: Um golpe milionário contra um patrimônio do Brasil foi descoberto no estado do Pará. Uma fraude que teve a conivência comprovada de quem deveria combater esse tipo de crime. A reportagem é de Jorge Ladimar e Roberto Paiva.

Roberto Paiva em off: O golpe começou no fim do ano passado, quando a Secretaria de Meio Ambiente do Pará concedeu autorizações para a retirada de madeira de assentamentos do Incra. A atividade é permitida desde que a área tenha muitas árvores para que haja o menor dano possível à floresta. É o chamado manejo florestal sustentável.

Roberto Paiva: Mas, de acordo um empresário, que não quer aparecer, funcionários da secretaria receberam propina para conceder as autorizações. E não foi só isso.

Empresário anônimo: São projetos piratas. São projetos de manejo que não existem. Acabam criando manejo num lugar que não tem floresta para dar cobertura em outro lugar onde a madeira foi extraída de forma ilegal

Roberto Paiva: Segundo o empresário, o golpe funciona assim: o madeireiro derruba árvores em áreas distantes dos assentamentos. Com a conivência dos funcionários da secretaria, essa madeira passa a constar da papelada oficial, como se tivesse sido extraída, legalmente, nos assentamentos.

Roberto Paiva em off: Para verificar a denúncia, fomos a dois lugares indicados nas autorizações. O assentamento Rio Itacorua fica no município de Baião. Nesta área, a Secretaria de Meio Ambiente do Pará autorizou a retirada do equivalente a 2,6 mil carretas de toras, mas quem anda pelo local encontra muitas áreas já desmatadas e pouca floresta. Nas estradas do assentamento não havia um único caminhão transportando toras

Roberto Paiva: Aqui está saindo caminhão com madeira ou não?

Morador: Não

Roberto Paiva em off: De acordo com uma autorização, no assentamento vizinho, chamado Boa Sorte, há grandes quantidades de jatobá, maçaranduba e angelim, madeiras de alto valor comercial. Mas veja o que diz o morador

Roberto Paiva: Tem jatobá aqui?

Morador: Tem nada

Roberto Paiva: Maçaranduba?

Morador: Também não

Roberto Paiva: Angelim?

Morador: Não

Roberto Paiva: Para o pesquisador Paulo Amaral, da Imazon, os manejos não poderiam mesmo ter sido aprovados nesses locais.

Pesquisador do Imazon, Paulo Amaral: Tem que ter floresta para ter plano de manejo. Onde não tem floresta, não se faz manejo

Roberto Paiva: Ao todo, estava prevista a retirada de 109 mil m³ de madeira dos assentamentos. São cerca de 20 mil árvores, que, depois de serradas, renderiam R\$ 30 milhões. O secretário de Meio Ambiente do Pará reconheceu que a documentação foi fraudada.

Secretário MA do Pará, Valmir Ortega: Houve uma manipulação dos dados do projeto, o que nos levou a bloquear o projeto, e agora estamos buscando colher provas em campo para que a gente possa, de fato, fazer a apuração de forma a responsabilizar engenheiros e responsáveis pelo projeto

Roberto Paiva: Valmir Ortega confirmou que várias empresas já conseguiram movimentar ilegalmente pouco mais de 10% do total autorizado. O secretário, que assinou as autorizações, negou envolvimento no esquema.

Secretário MA do Pará, Valmir Ortega: Pela minha mesa passam aproximadamente oito mil processos por ano, portanto é absolutamente impossível que o secretário revise na sua mesa todos os processos que são assinados durante o ano

Roberto Paiva: A proteção do meio ambiente será um dos vários temas discutidos no Fórum Social Mundial, que começa nesta terça em Belém. Será um contraponto ao Fórum Econômico Mundial, que começa na quarta-feira em Davos, na Suíça.

NOTÍCIAS JORNAL NACIONAL 2010

1)Data:04.12.2010 No Doc: RJ52-0039475

Título: Assentamento de Dorothy Stang no PA ainda é vítima de desmatamentos

Local: sem local

Repórter: Fabiano Vilela

Fonte:TV Globo; Tv Globo (satélite); TV Liberal;

Duração:

Matéria: Editada

Texto: Fabiano Vilela: O desmatamento avança, principalmente, entre Pacajá e Anapu, onde a missionária foi morta. A área concentra um dos últimos recantos de vegetação nativa na região. Lavradores que moram no assentamento dizem que estão sendo ameaçados.

Lavradora: Eles entram pelos fundos dos seus lotes, tiram a madeira e você não tem direito de dizer que não pode tirar porque eles dizem assim: 'eu vim aqui não é para brincadeira'.

Fabiano: Segundo o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incrá), cerca de 200 famílias vivem hoje na região. Quarenta estão sendo investigadas por suspeita de envolvimento na devastação.

Antônio Ferreira, coordenador do Incra em Anapu: É um grupo de pessoas bem organizadas que estão tirando madeira do assentamento, não são pobres colonos sem dinheiro que estão tirando madeira. Na verdade, estão tirando mesmo, de forma deliberada, financiados por madeiras.

Fabiano: Seguindo as clareiras na mata, encontramos máquinas escondidas sob galhos e várias pilhas de troncos. O desmatamento avança, principalmente, entre os municípios de Pacajá e Anapu, no sudoeste do estado, onde a missionária Dorothy Stang foi assassinada, quando defendia a floresta e os colonos da ação de grileiros. A área concentra um dos últimos recantos de vegetação nativa na região.

Fabiano em off: Em uma área do assentamento, de mata fechada, os fiscais do Ibama constataram a extração ilegal de madeira. No local, foi derrubado esse Angelim de mais de 30 metros de altura. É madeira nobre, de alto valor no mercado. E no meio da floresta, dá para ver que as toras já estavam sendo beneficiadas em uma espécie de serraria.

Fabiano:A Comissão Pastoral da Terra diz que as primeiras denúncias de retirada ilegal de madeira foram feitas há quase um ano e que até hoje o clima é de insegurança na região.

Padre Amaro Lopes de Souza: "Tem algumas pessoas que têm até medo de sair de casa, porque, quando os madeiros passam, eles passam escoltados geralmente por pistoleiros, e essas pessoas estão lá indefesas. O povo quer sobreviver. Do jeito que está, não dá"

Analista ambiental do IBAMA, Gracieleide Braga: "Vamos fazer o embargo da área, essa área não vai mais poder ser explorada e vamos monitorar as áreas e vamos informar ao Incra. O assentado, com esse tipo de atitude, pode vir a sair do projeto de reforma agrária."

2) Data: 4.12.2010

Título: Visita aos botos cor-de-rosa na Amazônia será regulamentada

Repórter: Daniela Assayag

Fonte: TV Globo

Duração: 2'13"

Texto: Daniela em off: O paraíso dos botos cor-de-rosa na Amazônia terá um reforço de segurança.

A visita à região vai passar a ser controlada. Um dos símbolos da Amazônia vive protegido de caçadores nas águas do Parque Nacional de Anavilhanas, um dos maiores arquipélagos fluviais do mundo. Foi aqui que pela primeira vez os botos cor de rosa se aproximaram do homem.

Comerciante Marilda Medeiros: "Em vez de maltratar e matar como eles matavam, os pescadores inclusive, nós fizemos diferente.

Daniela: Hoje os botos são a principal atração turística no Município de Novo Airão, a 115 quilômetros de Manaus.

Turista: "Para a gente é uma emoção estar aqui"

Turista: A sensação é única, única, não tem explicação

Daniela em off: Eles não estão em cativeiro. São livres para ir e vir quando querem. Mas a presença de botos é tão frequente que eles ganharam até nomes. A interação entre o homem e o animal, tão importante para o turismo e para a conservação da espécie. E agora será regulamentada.

Daniela :A intenção é proteger os botos e os turistas. Por isso, para evitar acidentes, nadar com os animais deverá ser proibido. A alimentação terá que ser controlada. E uma proteção de borracha será obrigatória para que os botos não se machuquem na disputa pelos peixes.

A proposta foi encaminhada por um grupo de cientistas e moradores da região e está em análise pelo Instituto Chico Mendes em Brasília.

Coordenador do GT dos Botos, Marcelo Derzi: A forma com que o turismo vem sendo desenvolvido tem gerado problemas para a conservação do animal e a conscientização é ferramenta importante para um ecoturismo sustentável”.

Daniela em off: Só no estado do Amazonas, há sete lugares onde botos, sem qualquer adestramento, dão um show.

Chefe do Parque Navional de Anavilhanas, Priscila Santos: Está crescendo de maneira acelerada e caótica. Então é importante que tenha o ordenamento para atividade ser bacana, gerar renda e garantir a conservação”.

Daniela: A regulamentação vai valer para toda a Região Amazônica, a exemplo do que já ocorre em outros lugares do Brasil com os golfinhos, primos dos botos cor de rosa.

3) Data: 28.09.2010

Título: Paraíso do Tocantins Cresce Graças ao Agronegócio

Local: Tocantins - Paraíso do Tocantins

Jornalista: Ernesto Paglia

Fonte: TV Globo com apoio de afiliada

Duração: 4'15"

Texto: Fátima: O JN no Ar chegou hoje ao último destino na região norte, a cidade sorteada foi Paraíso do Tocantins. Tocantins: No mais jovem estado brasileiro vivem um milhão e 300 mil habitantes

Morador: O Tocantins é um berço que a natureza deixou e que todo mundo devia conhecer.

Fátima em off: A economia, a quarta da região norte, é baseada na agricultura. A renda média mensal do estado é de 774 reais, menor do que a média nacional de 1003. A taxa de homicídios é a mais baixa da região norte, mas a da mortalidade infantil é a quarta maior. Quase 88% dos moradores não tem rede de esgoto. A taxa de analfabetismo, 13,5%, está acima da média nacional de 9,7%. Tocantins tem quase 950 mil eleitores.

Fátima: Bom, agora que a gente já viu alguns dos principais dados do estado do Tocantins, chegou a hora da gente conhecer a cidade de Paraíso do Tocantins. O repórter Ernesto Paglia, esteve por lá e disse para nós antes do jornal começar que provou um chambari.

(vinheta do jato JN passando)

Ernesto em off: Trocamos o nordeste pelo norte do país, completamos 64 horas de vôo, logo depois da decolagem. Acordamos em Palmas, e Paraíso é logo adiante. Nasceu em 1958, no acostamento da Belém-Brasília e hoje é pólo comercial para a região que vive da agropecuária. Essa roda é a "bolsa de valores" de Paraíso.

Agropecuarista, Claudenir: Aqui eu fico sabendo de tudo o que acontece na região. Atualizo preço de terra, atualizo preço de gado.

Comerciante Agostinho : Todos confiam em todos e todos recebem de todos.

Ernesto: Não precisa papel, nada?

Comerciante Agostinho: Não precisa não. Aqui confia ainda no bigodinho (pondo a mão sobre a boca)

Ernesto em off: Boi por aqui tem tratamento cinco estrelas. Até cinco mil cabeças podem descansar do estradão num hotel para boi dormir que fornece estadia por 50 reais a carreta.

Proprietario do Hotel, Vinicius de Melo: A cinco estrelas é água, ração, sal mineral, proteinado e o piquete.

Ernesto em off: O próprio distrito industrial cresce por conta do campo. Este abatedouro processa 40 mil frangos por dia. Semana passada uma empresa paulista abriu esta filial para produzir suplemento alimentar para o gado. Responsável Técnico, Fernando José Schalch: A gente consegue receber bem o produto que vem do sul da Bahia, do Maranhão. Do sul também, de Goiânia e de São Paulo. Consegue receber bem e estar escoando isso para o norte: sul do Pará, norte do Mato Grosso. A logística é bem interessante aqui em Paraíso.

Ernesto em off: Até a educação aposta no agronegócio

Aluna: Industria, frigorífico, laticínios... todos os segmentos da área de alimentos desde a matéria prima até o produto final.

Ernesto em off: A escola federal tem 750 vagas. Forma técnicos agroindustriais, especialistas em informática e meioambiente.

Prof. Karine Berardo: O curso é de um estado novo, a gente tem responsabilidade ambiental bem forte e a gente tenta passar isso para os alunos daqui.

(Violeiro cantando)

Ernesto em off: A Serra do Estrondo é uma área de preservação. Como diz a música adotada pela cidade, a mata queima a cada seca. Neste ano passou por uma das maiores destruições. A causa do incêndio pode ter sido a mesma que dá nome a serra, os trovões, fenômeno comum por aqui. Mas esse ano não se ouviu muito estrondo. Não chove no Tocantins desde maio. Paraíso sofre com a falta d'água.

Moradora: A água vem fraca e não sobe nas caixas d'água. Lá em casa mesmo está difícil.

Ernesto: Toda a tradição aqui é meio recente, mas já é tradição o chambari. Algo que foi pelos maranhenses para cá, seu André?

Seu André: Sim

Ernesto: E, o que que é o chambari hein meu?

Seu André: Chambari é um músculo de parte da perna da vaca. Última parte da perna.

Ernesto: Posso experimentar um pouquinho?

Seu André: Pode.

Ernesto: E pode até levar um limão?

Seu André: Pode.

Ernesto: Hum... Qualquer coisa tem a funerária Santo Antônio...

Seu André: Também. Aqui o pessoal morre também, né?

Ernesto: Se comer chambari vai durar muito! É muito bom, tem um mocotó também, é uma delícia!

4) Data: 23.09.2010

Título: Cacoal tem mais de sete mil universitários

Local: Rondônia - Cacoal

Jornalista: Ernesto Paglia

Fonte: TV Globo com apoio de afiliada

Duração: 5'01"

Texto: Bonner: A equipe do JN no Ar completou hoje um mês de viagens e voltou para a região norte do Brasil.

Fátima em off: Rondônia, um milhão e meio de habitantes. O estado é o retrato da diversidade brasileira, quase metade da população veio de outras partes do país.

Moradora: Eu gosto do calor humano, das pessoas, da natureza.

Fátima em off: as principais fontes de riquezas são a agropecuária e a agricultura. O abastecimento de água não chega para quase 62% das casas, é o pior índice do Brasil. E 95% não tem acesso a rede de esgoto, o quarto pior no ranking brasileiro. O estado tem a 2ª menor taxa de mortalidade infantil da região norte, O analfabetismo atinge 9,8% da população, praticamente o mesmo índice da média nacional. Rondônia tem um milhão de eleitores.

Fátima: A equipe do JN no Ar está no aeroporto de Vilhena, que é o mais próximo da cidade sorteada. Paglia, o que que você encontrou no município de Cacoal. Boa noite.

Ernesto: Boa noite a todos. Bem, Fátima, a gente vai até Cacoal hoje com o nosso turbo hélice, deixamos o nosso jato aqui em Vilhena e nós estamos falando agora com o apoio da TV Vilhena que faz parte da Rede Amazonica, afiliada da Rede Globo na região norte do país. Muito bem. E, Cacoal é uma cidade jovem. Ela fica a 210 kms daqui. Ela tem apenas 32 anos e é uma cidade de jovens também. É um grande pólo, um importante pólo universitário aqui da região central de Rondônia e nós descobrimos muitas coisas interessantes que veremos a seguir. Mas para chegar lá, tivemos que enfrentar um problema: poluição. Agora a pouco havia um pouquinho de chuva e aí o pessoal aqui de Vilhena se animou porque não vê chuva de verdade desde 6 maio deste ano, mas infelizmente foi só uma amostra. Continua o problema, principalmente da fumaça que chega a atrapalhar a aviação

(vinheta do JN no Ar)

Ernesto em off: Vilhena amanheceu debaixo de um estranho céu branco. Trocamos o jato pelo turbo-hélice, num vôo por instrumentos em pleno dia de sol

Ernesto: Comandante, está muito difícil voar hoje, não?

Comandante: Justamente por causa das queimadas na região, gera essa fumaça enorme que cobre toda a região e interfere muito na nossa operação.

Ernesto em off: Meia hora depois, Cacoal aparece no nosso horizonte, grande e próspera mesmo vista de cima. A pista é maior do que a de Congonhas em São Paulo, mas o aeroporto ainda não tem equipamentos. O mesmo acontece com o hospital regional. O prédio ficou pronto depois de 20 anos em obras, mas ainda está vazio. Este outro hospital foi erguido pelo esforço da comunidade, da Igreja e doações da Itália, mas ainda faltam um milhão e 200 mil reais, para completar a obra. Cacoal está implantando o primeiro aterro sanitário do estado para substituir o lixão. A cidade é centro comercial, o segundo produtor de café de Rondônia. Tem o quarto rebanho bovino que abastece quatro frigoríficos da cidade. O mais antigo, criação desse açougueiro paranaense.

Açougueiro: Deu muito mais certo do que eu pensava.

(imagens de índios dançando e cantando)

Ernesto em off: Cerca de três mil e quinhentos vivem nas duas reservas do município. Este centro cultural pertence aos Suruis Paiter. O líder, Almir Suruí, está na Suiça. O diretor do centro diz que a tribo já não autoriza o desmatamento como aconteceu até o ano passado.

Índio Chicoepab Suruí: A intenção é que até 2013, a gente plante mais de 300 mil mudas de plantas nativas da região mesmo, né.

Ernesto: A vida de Cacoal é marcada pela presença de mais de 7 mil universitários

Ernesto entre os estudantes pergunta: De onde você veio? (vai passando o microfone de um em um)

respondem: _Pimenta Bueno. _Alta Floresta. _São Miguel

Ernesto em off: Tem 32 cursos na cidade, até de: (todos respondem em coro) _Medicina!

Ernesto pergunta a uma turma inteira: E quem não é daqui? (todos levantam o braço)

Ernesto em off: A economia de Cacoal fatura com 60% de alunos que vem de fora.

Ernesto pergunta a aluna: Você está cursando o que?

Aluna: 2o período de medicina.

Ernesto: E você paga caro

Aluna: Um pouquinho

Ernesto: Quanto é a prestação, a mensalidade?

Aluna: três e pouco

Ernesto em off: Muitos pagam 300 reais por mês em quitinetes nos mais de 20 pequenos prédios construídos só para alugar.

Ernesto pergunta a jovem: E você já aprendeu a lavar roupa aqui, tem tanque?

Jovem: (rindo) Já, tem que aprender para não passar nenhum tipo de necessidade.

Ernesto: Legal, então... E, você pretende ficar em Cacoal?

Jovem: Por causa dos hospitais, talvez seja melhor ficar pra cá, porque aqui está abrindo várias frentes, abrindo várias portas...

Ernesto: Então Cacoal está cuidando do seu presente e até apontando um futuro melhor?

Jovem: Claro

Ernesto: O lugar acolhe bem para quem vem de fora. A dupla sertaneja que o diga

(matéria termina com dupla cantando sobre Cacoal e terminando com o hino nacional dedilhado nos violões)

5)Data:20.09.2010* dau *No Doc:RJ52-0039001

Título: Espelho do Jornal Nacional(indexado)

Local: Amazonas

Repórter:Daniela Asayag; Arilson Freires

Fonte:TV Globo

Duração:

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Manaus amanheceu coberta de fumaça nesta sexta. A estiagem faz a vegetação urbana ficar assim: muito seca. E pequenos focos de incêndio surgem em vários cantos da cidade. A matéria é de Daniela Assayag e Arilson Freires.

Daniela em off: Este inverno tem registrado temperaturas e fenômenos climáticos bem diversos nos quatro cantos do país. Enquanto o Sul tem chuva acima do comum para a esta época do ano, o Norte sofre com o calor e a seca. Em Manaus não chove há 29 dias.

Daniela: Sol intenso no verão amazônico. Em agosto choveu apenas 10% do esperado. Agora em Setembro nem uma gota. Os medidores do Serviço Geológico do Brasil estão vazios.

Marco Oliveira, Superintendente do Serviço Geológico do Brasil (AM): O El Niño provoca chuvas abaixo da média na Amazônia e chuva com grande intensidade no Sul do Brasil

Daniela: Para o Serviço de Proteção da Amazônia houve também um outro fenômeno. Um Bloqueio atmosférico na região Central do País fez com que a frente fria, que vêm do oceano, não conseguisse chegar à Amazônia e ela acabou agindo antes, nas Regiões Sul e Sudeste.

Manaus amanheceu coberta de fumaça nesta sexta.

Daniela em off: A estiagem faz a vegetação urbana ficar assim: muito seca. E pequenos focos de incêndio surgem em vários cantos da cidade. Um deles foi controlado pelos bombeiros em uma das ruas do parque industrial. Em outro, as chamas chegaram perto da rede elétrica. Os próprios moradores ajudaram no combate. Na noite de quinta-feira, um outro incêndio foi registrado a poucos metros de um posto de gasolina. Desde o início do mês, o Corpo de Bombeiros tem registrado o dobro de chamadas.

Tenente Bombeiro, Cosme: Temos uma força-tarefa, o pessoal de folga está sendo chamado.

Daniela: A última grande estiagem foi em 2005, uma seca histórica para região.

Agora, os rios não devem baixar tanto. Mas a previsão é de que o calor continue intenso até fim de outubro. No Acre, professores de uma escola pública decidiram tirar os alunos da sala de aula

Aluno: Aqui é mais ventilado.

6) Data:17.09.2010

Título: Disputas Políticas Impedem o Progresso de Pinheiro

Local: Maranhão - Pinheiro

Jornalista: Ernesto Paglia

Fonte: TV Globo com apoio de afiliada

Duração:4'45"

Texto:Bonner: a equipe do Jn no Ar já percorreu 40 mil kms pelo Brasil e chegou ao município maranhense de Pinheiro

Fátima em off: Maranhão, 6 milhões e 400mil habitantes. As praias e os lençóis maranhenses são o destino de quase um milhão de turistas por ano.

Moradora: Tem bumba meu boi, quadrilhas, tudo o que é maranhense que a gente pode aproveitar e para as outras pessoas que vem nos visitar.

Fátima em off: O principal setor da economia é o de serviços com destaque para o comércio. A renda média mensal é a 3ª menor do país, 594 reais. 90% dos moradores não tem acesso a rede de esgoto em casa e quase 43% não tem água encanada. O estado tem a 3ª mais alta taxa de mortalidade infantil do Brasil e a 4ª maior proporção de analfabetos. O maranhão tem 4 milhões e 300 mil eleitores.

Ernesto: Olá, boa noite, nós falamos hoje do aeroporto internacional aqui de São Luiz do Maranhão, onde estamos falando com o apoio técnico da TV Mirante. E hoje fomos a cidade de Pinheiro a pouco menos de 90 kms de distância da capital. Quem faz o trajeto por terra tem que cruzar de balsa até lá e isso demora mais de 3 horas. Nós fizemos o trajeto em pouco mais de meia hora para conhecer a realidade muitas vezes difícil desses quase 80 mil habitantes da cidade de Pinheiro.

(vinheta do JN no Ar)

Ernesto em off: O jato ficou em São Luiz, fomos de turbo-hélice para Pinheiro. Cruzamos os belos campos alagados, uma espécie de pantanal maranhense, e logo vimos os búfalos que são motivo de polêmica. O Ministério Público Estadual exige na justiça, que os criadores cerquem o gado, trazidos da África na década de 60. Pesados, capazes de comer quase tudo o que encontram, os búfalos são acusados de prejudicar o meio ambiente. Na cidade o estádio mais antigo do Maranhão é cenário de um campeonato amador vibrante. Trinta e seis clubes disputam a liga pinheirense. Vários craques viraram profissionais.

Filemon Guterres: O futebol aqui no nosso município, ele vem contrapor a questão das drogas, né?

Ernesto em off: Nas ruas muita gente se aproximou para fazer queixas. As disputas políticas parecem impedir o progresso de Pinheiro.

Profª. Concita Marques: A situação dos pobres sofrendo, sendo tudo humilhado. O dinheiro da verba vem pra cá e eles guarda tudinho. A educação, saúde, nós não temos.

Ernesto em off: Pinheiro não tem esgoto, há fossas nas calçadas, diante das casas, os respiros vazam direto para a sargeta, e tudo escorre para a vala do Gabião. Pinheiro é um pólo de comércio para 20 municípios da baixada maranhense. A feira tem de tudo, mas os consumidores dividem espaço com os urubus. Cinco anos atrás, começaram a construir uma área de lazer que ficou inacabada. Em junho, um caso

de pedofilia causou espanto no país: um lavrador teve 8 filhos com as próprias filhas. A prisão dele deflagrou uma onda de denúncias. Hoje, há outros 17 acusados de pedofilia na delegacia regional.

Delegada Laura Amélia Barbosa: Mesmo com a nossa estrutura, nós temos boa vontade e com o apoio da sociedade, nós vamos sim, pelo menos minimizar.

Ernesto: O importante é denunciar, né?

Delegada: O importante é denunciar.

Ernesto: O padre, Luigi Riso, veio da Itália direto para Piheiro. Construiu estradas, clínicas, e principalmente, escolas. Hoje 1700 crianças entre 2 e 6 anos, frequentam creches mantidas pelo padre, pagando 20 reais por mês. Não há ajuda oficial. As escolas são mantidas por doações, principalmente do exterior.

Ernesto: Porque que o senhor acha que a educação é importante?

Padre Riso: Poque o povo educado não pode ser dominado.

Ernesto em off: Sem aterro sanitário, Pinheiro despeja tudo no lixão na periferia da cidade. O esgoto sem tratamento polui o lindo Rio Piricumã e as lagoas dos campos vizinhos.

Ribeirinha: Essa sujeira vem tudo pra cá, a vala do gabião desce tudo para esse campi. Como é isso pode ser uma água limpa?

Ernesto: Dona Maria Santa tem restaurante de peixe na beira do rio. A especialidade é apiaba, o lambari do sul, e um delicioso ensopado de bagre. Tudo com a famosa farinha de mandioca de Pinheiro. O restaurante tem 30 anos. Dona Maria teme pelo futuro do rio e do próprio negócio.

Ernesto: Isso prejudica a nossa comida?

Dona Maria: Com certeza, muda o sabor...

Ernesto: e a senhora confia no futuro, acha que vai melhorar?

Dona Maria: Acho sim, vai melhorar e tem que melhorar.

Fátima: A equipe do JN no Ar, descansa amanhã e no domingo o sorteio da próxima cidade será no Fantástico.

7) Data: 16.09.2010

Título Cidade de Tefé depende de barco para quase tudo

Duração: 4'26"

Local: Amazonas

Repórter: Ernesto Paglia

Fonte: TV Globo com apoio TV Tefé - Rede Amazonas

Texto: William Bonner: O repórter Ernesto Palha está no aeroporto de Tefé. Boa noite Palha, como é que é a cidade?

Ernesto Palha: Boa noite a todos. Bem, nós estamos aqui falando com o apoio técnico da TV Tefé que faz parte da Rede Amazônica de Televisão. E, para dar um resumo rápido, neste momento cinco bairros dos mais populosos da cidade não estão nos assistindo, porque simplesmente não tem energia elétrica lá. Isso faz parte do racionamento de número 88, blackout 88 só neste ano aqui na cidade. Um problema sério dessa comunidade que já enfrenta um problema comum aqui na Amazônia, no interior, que é o isolamento. A cidade fica a mais de 500 kms da capital, Manaus, com a qual simplesmente não tem ligação por terra.

(Imagem de avião JN passando e infomapa mostrando o local da cidade)

Ernesto em off: Um salto do nordeste para o norte. Quatro horas e meia na viagem mais longa até agora. Por sorte, Tefé pode receber o nosso jato, assim amanhecemos na 5a maior cidade do Amazonas. Povoad a 5 séculos, Tefé é município a 150 anos. Cresceu com ruas estreitas, hoje lotadas de motos: 9 para cada automóvel. O moto-taxi serve a população que não tem transporte público. A cidade fica no encontro dos rios Tefé e Solimões. Depende de barco para quase tudo, mas não tem um porto até hoje. Problema maior é a energia: 2 dos 10 geradores da cidade quebraram em abril, começo da época mais quente desde então a cidade vive entre apagões e racionamentos. O gerente local da eletricidade nos mostrou dois motores que garante ele, entram em funcionamento no próximo sábado. Mas a eletricidade de Tefé vai continuar na base do óleo diesel que vem de Manaus, por rio, é caro e poluente.

Gerente: Nós não teríamos como substituir de imediato esse tipo de geração.

Ernesto: O isolamento de Tefé é agravado pela falta de banda larga. O maior provedor de Internet da cidade diz que Tefé só tem ligação via satélite com a rede mundial, o que torna as conexões lentas e caras.

Normando Bessa (provedor): A mesma conexão que as pessoas têm em Brasília, São Paulo, Rio, e paga 39,90, nós pagamos aqui 14 mil reais e nós temos que dividir isso com 300 clientes.

Ernesto: A Academia de Letras oferece 150 vagas para cursos de informática. Ha 9 anos, a cidade ganhou um campus pela Universidade Estadual do Amazonas, desde então, não é preciso ir a Manaus para fazer faculdade.

Orlanda Nascimento, estudante: Tinha muita vontade de cursar Letras. Estou realizando o meu sonho.

Ernesto: Aulas via Internet atualizam o pessoal da saúde pública. A policlínica afirma ter o único aparelho de mamografia do SUS, em funcionamento em todo o Amazonas e a única máquina de densitometria óssea do interior do estado. O difícil é conseguir mão de obra. Os médicos, como se vê nessas receitas, não têm registro oficial. Muitos são estrangeiros e trabalham de forma irregular no país.

Secretária de Saúde, Claudia Oliveira: Eles costumam vir do Peru, da Bolívia, e são eles que estão salvando o povo.

Ernesto: A vida é dura, o lugar é quente e isolado. A banda criada há 5 anos, ensina música aos jovens de Tefé, e ajuda a trazer alegria a esse mundo cercado por águas.

8) Data: 13.09.2010

Título: Colíder, no Mato Grosso, vive uma onda de prosperidade.

Local: Mato Grosso - Colíder

Jornalista: Ernesto Paglia

Fonte: TV Globo com apoio de afiliada

Duração: 5'08"

Texto: Bonner: O JN no Ar está de volta ao centro oeste, a cidade sorteada ontem no Fantástico foi Colíder e a gente começa com as informações sobre o estado.

Fátima em off: Mato Grosso, 3 milhões de habitantes, é o principal produtor de soja e de algodão do país e abriga o maior rebanho bovino. Um dos desafios é evitar que esta riqueza do campo prejudique a vida selvagem do cerrado e do pantanal.

Morador: É uma beleza que ninguém se arrepende de conhecer. Todos os que visitam, voltam para visitar de novo.

Fátima em off: Os números do saneamento básico são os piores do centro-oeste. Quase 90% dos moradores não têm rede de esgoto, e 26 % não tem água encanada. O estado tem o maior número de analfabetos da região. A taxa de mortalidade infantil, de 18, está abaixo da média nacional que é de 19, 3. O Mato Grosso tem 2 milhões de eleitores.

(vinheta do JN no Ar)

Fátima: Agora a gente faz contato com o repórter que comanda o JN no Ar. Ernesto Paglia, boa noite, onde está você Paglia?

Ernesto: Boa noite Fátima, boa noite a todos. Nós estamos aqui em Alta Floresta, falando com o apoio da TV Centro America, afiliada da Rede Globo aqui em Mato Grosso. Você sabe que essa é uma das pistas mais longas de todo o centro-oeste, com 2 mil e 500 metros de comprimento. E ela nos deu hoje conforto e segurança. a gente pousou aqui o nosso jato e com o nosso turbo-hélice que está logo aqui atrás de mim, o caravan, nós vamos até Colíder, essa cidade que fica a 150 kms de distância. É um vôo relativamente rápido a bordo do caravan. Colíder tem esse nome curioso, porque ele está ligado a história da cidade. É uma comunidade criada pelas companhias de colonização da década de 70, com apoio do regime militar aqui no norte de Mato Grosso. Companhia Líder de Colonização, daí, Colíder. E Colíder está vivendo hoje um momento de grande expansão, de crescimento. E parece haver lá uma preocupação para que esse crescimento não repita os erros do passado.

(vinheta JN no Ar)

Ernesto em off: Decolamos em um céu estranhamente cinzento., esse cinzento lá de fora é fumaça. Fumaça que toma conta de toda essa região, apesar de as queimadas estarem proibidas até o dia 30 de setembro. Colíder fica a meia hora de vôo de Alta Floresta. Não se engane com a poeira, aos 30 anos, a cidade vive uma onda de prosperidade. O lugar vive da pecuária, mas o boi não dá emprego só pra vaqueiro. O chapelão esconde um eletricista que veio plantar arroz há 35 anos e hoje trabalha num dos laticínios da cidade.

Eletricista Cícero Reinaldo: Eu já criei duas filhas, e já casei as duas também. Tá só eu e a minha velhinha em casa agora (risos)

Ernesto: Os queijos vão todos para São Paulo. Os empregos geram riqueza aqui mesmo.

Trabalhador: Não trabalha em Colíder quem não quer trabalhar. Mão de obra qualificada muitas vezes falta aqui em Colíder.

Ernesto: Só um dos dois frigoríficos da cidade oferece 600 vagas. 800 bois são abatidos por dia, 20% para países como Rússia, China e Venezuela. O próximo alvo é a Europa. Para isso a carne tem a origem controlada.

Veterinário Manoel Dornelas: Tudo o que entra no frigorífico tem o nosso controle e tudo o que sai. Nada acontece sem o nosso controle.

Ernesto em off: O frigorífico é da família Birtcher. Na década de 70, esses açougueiros de Maringá foram atraídos ao Mato Grosso pelos programas de ocupação da Amazônia, patrocinados pelo governo militar. Hoje, com 2 frigoríficos, fábrica de óleo e biodiesel, além da frota própria, eles apostam no futuro do lugar.

Cleonir Birtcher: Não existe pecuária sem ambiente e não existe ambiente sem a carne, sem o alimento. E eu acho que todo mundo vai chegar num consenso no final e todo mundo sairá bem.

Ernesto em off: Preservar nunca preocupou os fundadores de Colíder. O cálculo varia, mas eles derrubaram entre 76 e 82% das matas nativas. A foto no gabinete do prefeito mostra o estrago.

Prefeito Celso Banazeski: Quem fez esse estrago no passado não fez por maldade. São pessoas que foram trazidas para colonizar essa região e o próprio INCRA instruiu para quem tivesse que derrubar que teria o documento da terra.

Ernesto em off: Hoje um viveiro público distribui mudas, mas dificilmente haverá reflorestamento além das margens dos rios. Foi inaugurada uma estação de tratamento de esgotos, o município constrói o único sistema de tratamento de lixo de Mato Grosso, com aterro sanitário e coleta seletiva. Novos loteamentos só recebem alvará se entregarem água encanada, rede de esgoto e asfalto. Preparada assim, Colíder quer ficar só com a parte boa da futura hidrelétrica Tales Pires. Tomara que o próximo salto de crescimento não repita o passado. O cacique Raoní tem aldeia na região e já viveu o suficiente para saber que o progresso nem sempre respeita a natureza.

Índio: Prejudica a terra e a floresta. Faz mal a saúde da população, não só índio mas todos os seres humanos, né?

9) Data: 11.09.2010 No Doc: RJ52-0038953

Título: Seca no Amazonas

Local: Manaus

Repórter: Daniela Assayag

Fonte: TV Globo

Duração: 00:01'34"

Matéria: Editada

Sinopse: Nível baixo das águas do rio Solimões / (close) da terra rachada na beira do rio / (arte) mapa Amazônia / moradores saindo de uma casa e caminhando para conseguir água / dona de casa passando a água que conseguiu por um pano para limpá-la / entrevista com a dona de casa falando da seca / (stup) repórter Daniela Assayag / entrevista Cel Roberto Rocha da Defesa Civil falando da seca / Porto de Tabatinga com águas muito baixas / barcos na terra onde antes era rio / entrevista geólogo Marco Antônio Oliveira falando que as calhas dos rios tem que ser monitoradas.

10) Data: 08.09.2010

Título: Paglia Visita Porto Grande - a cidade que mais produz alimentos do Amapá

Local: Amapá - Porto Grande

Jornalista: Ernesto Paglia

Fonte: TV Globo com apoio de afiliada

Duração: 4'52"

Texto: Bonner: O sorteio de ontem determinou que o JN no Ar, voltasse para o estado onde nós iniciamos o projeto.

Fátima: Alguns dados que a gente vai ver agora são de 2008, porque o IBGE ainda não divulgou todos os números regionais de 2009.

Fátima em off: Amapá, 643 mil habitantes, a segunda menor população do país.

Morador: O Amapá possui uma qualidade de vida melhor. Eu já estou aqui há 15 anos e não me arrependo não.

Fátima em off: A principal atividade econômica é a extração mineral, mas o setor que mais emprega é o funcionalismo público. O estado tem a menor proporção de pessoas trabalhando. Quase 97 % da população não tem acesso a rede de esgoto. Um em cada quatro moradores não recebe abastecimento de água. A taxa de homicídios é a segunda maior do Brasil. Na educação tem o menor índice de analfabetismo do país, empatado com o Distrito Federal, 4%. O Amapá tem 420 mil eleitores.

Fátima: O repórter Ernesto Paglia, está no aeroporto de Macapá. Boa noite Gaglia, o que é que você encontrou em Porto Grande.

Ernesto: Boa noite Fátima, boa noite William, nós estamos falando aqui da pista do aeroporto de Macapá, com o apoio da TV Amapá que faz parte da Rede Amazônica e é afiliada da Rede Globo aqui no norte do país. Pois é, e hoje eu encontrei pelas ruas aqui, William, muita gente que lembrou com carinho da sua passagem, duas semanas atrás aqui pelo Amapá. E a gente explicava para todo mundo que estamos de volta porque desta vez sorteamos uma cidade do estado para fazermos a nossa reportagem do JN no Ar. E essa cidade foi justamente Porto Grande. Uma cidade curiosa: porque não é nem porto e muito menos grande. Ela é bem pequenininha, mas é a maior produtora de alimentos de todo o estado do Amapá.

(vinheta do JN no Ar)

Ernesto em off: A última checagem no avião e o comandante pede e decola rumo ao norte. Em duas horas e quarenta trocamos o Planalto Central pelo calor úmido de Macapá. Porto Grande fica a cem km adiante. Hoje cedo no caminho, vimos os dois lados da estrada tomados por uma floresta inesperada. Vastas plantações de eucaliptos em plena Amazônia. Grande parte para abastecer fábricas de papel e celulose na Europa e no Japão, onde estão os maiores acionistas. Porto grande é também o maior produtor de areia e pedras para a construção no estado do Amapá. A BR 210 atravessa a cidade sem sinalização, sem acostamento e nem lombadas, o trânsito vira uma ameaça.

Vereador Alderi Varela: Já causou muitos acidentes, há muitas pessoas lesionadas. Tem pais de família que ficaram deficientes. São deficientes para o resto da vida.

Ernesto em off: A cidade é jovem, como a maioria de seus 15 mil habitantes. A delinquência juvenil é um problema. A PM macapaense tem até um programa específico para lidar com os jovens. Organiza aulas de reforço escolar, educação física e bota a garotada em forma.

Jovens em coro: Que Deus nos ajude: Has! Has! Has!

Ernesto em off: Porto Grande virou município há apenas 18 anos. A terra que já deu muito ouro, agora é dona de uma riqueza em frutas. A maior produção de alimentos do Amapá. Seu Zézinho é o típico agricultor do lugar. Cearense há 40 anos na região, aprendeu tirar de um tudo dessa terra pouco fértil.

Agricultor José Soares de Oliveira: A terra não é boa. A terra, a gente hoje, a gente prepara a terra. A gente usa calcário, adubo, um porção de ingredientes necessários. Então...

Ernesto: O que é bom é o agricultor?

Agricultor José: É, o agricultor é que investe. A gente investe muito para conseguir produzir.

Ernesto em off: O bom é que em Porto Grande sempre é tempo de colher.

Ernesto: Quando que é a safra da fruta aqui em Porto Grande?

Agricultor : Período da safra é todo o tempo, porque quando acaba um, começa a dar laranja e depois tem a melancia, depois começa a dar pupunha. Sempre tem, a gente não fica sem trabalhar, todo o tempo a gente tem safra.

Ernesto: Essa turma aqui é só uma pequena amostra do que é a família do seu Zezinho, o cearense que veio aqui construir a vida dele e o Amapá também. Aqui é só um punhadinho da família que a gente conseguiu reunir às pressas aqui. Mas quanto que tem no total, seu Zé?

Seu Zé: Mais de 200 pessoas.

Ernesto: Nossa!

Seu Zé: É grande a nossa família.

Ernesto em off: Aqui os agricultores como a Dona Benedita, promovem daqui a dois fins de semana, a festa do abacaxi, uma das cinco feiras agrícolas de Porto Grande. Hoje encontramos Dona Benedita preparando um caldeirão de licor da fruta.

Dona Benedita: Um pouco de gengibre, canela....

Ernesto em off: Ela nos mostrou que em Porto Grande um abacaxi, não é problema, é solução.

Ernesto: Todo mundo diz assim quando tem um problema: Hi estou com um abacaxi aqui para resolver! Mas se der um abacaxi pra a senhora não tem problema?

Dona Benedita: Não tem porque eu vou aproveitar ele pra fazer..... (risos) Faço doce, faço a compota, faço bombons. Se eu quiser fazer até a geléia da casca, eu faço.

11) Data: 06.09.2010

Título: JN no Ar: Casas de Alto Alegre (RR) não têm água tratada.

Local: Roraima - Alto Alegre

Jornalista: Ernesto Paglia

Fonte: TV Globo com apoio de afiliada;

Duração: 4'57"

Texto: O JN no Ar está de volta a região norte. Desta vez o destino foi Roraima. Nós começamos esta edição com informações importantes sobre o estado.

Fátima em off: Roraima, 432 mil habitantes, a menor população do país. Quase metade vem de outros estados

Morador: O povo aqui é muito acolhedor, valhe muito a pena vir para cá. Aqui foi onde eu me estabeleci profissionalmente... Estou achando muito bom.

Fátima em off: O estado tem a menor economia do país. O setor público é o que mais gera empregos. 88% dos moradores não tem rede de esgoto. E 16% não recebem água encanada. A mortalidade infantil é a menor do norte, mas o estado registra também a menor expectativa de vida da região. A taxa de analfabetismo é de 8 e meio por cento, abaixo da média nacional, que é de 9,8. Roraima tem 271 mil eleitores.

Vamos então conversar com o repórter Ernesto Paglia que está no aeroporto mais próximo de Alto Alegre. Paglia boa noite, o que você nos conta sobre a cidade?

Ernesto: Boa noite a todos. Olá nós estamos aqui em Boa Vista com o apoio da TV Roraima, e você sabe que aqui a maior parte da Amazônia considera essa época do ano, apesar do que diz o calendário, o verão. É que chove menos, faz mais calor, e o pessoal chama mesmo de verão. Mas aqui em Roraima é diferente, como não chove mais, eles acabam chamando esse período do ano de inverno. Só que tecnicamente estamos no verão porque aqui estamos a maior parte do tempo estamos ao norte da linha do Equador. Eu estou agora em Boa Vista, há mais de 300 kms para dentro, em direção ao norte, na parte de cima do Globo. Pois bem, hoje o fato é que nós fomos a Alto Alegre a 87 kms aqui da capital, e eu posso dizer que chovia bastante.

(vinheta do JN)

Ernesto em off: Domingo a noite, sorteio: "Alto Alegre, Roraima", lá vamos nós! E todos a bordo para 3 horas e 20 do sertão nordestino até o extremo norte da Amazônia. Hoje cedo deixamos a capital de Roraima, Boa Vista, para 90 kms por terra até Alto Alegre. Batemos de frente com outro clima. Logo na chegada o principal problema da cidade transbordou diante de nós: a torneira aos pés do portal da cidade jorra água de um poço. Muita gente vem encher garrafas, a água que chega às casas não é tratada e costuma ser meio turva.

Moradora: A água do Açude, quando pega um litro desse e emborça ele assim, aqui em embaixo fica todo amarelinho

Ernesto em off: O problema deve começar a ser resolvido em 3 meses, com a captação e o tratamento da água do rio Mucujá, há 19 kms da cidade, obra feita com recursos federais. O município sente a falta dos 30 mil reais que deixou de receber por mês do fundo de participação. Tudo porque os dados do IBGE indicam que a população encolheu quase 4 mil pessoas entre 2000 e 2007. Pode ter havido emigração, mas tudo indica que parte dos índios do município tenha ficado de fora. Hoje na aldeia, Sukuba, doze etnias de todo o estado, preparavam a abertura dessa noite, dos Jogos Estudantis Indígenas de Roraima. Alto Alegre vive da plantação de milho, da criação de gado de corte e ultimamente, cada vez mais, da piscicultura. Fomos visitar um dos maiores produtores, um pecuarista que já é chamado de "Zé do Tambaqui".

Pescador: Pode segurar por baixo, assim.... (passa o peixe ao Ernesto)

Ernesto: Olha que tamanho! Ah...é assim de cabeça para baixo?

Pescador: É.

Ernesto em off: Cearense, em Roraima há mais de 30 anos, Seu Zé ainda tem 1800 rezes, mas sem poder desmatar para novos pastos, resolveu criar Tambaqui, que rende cinco vezes mais por hectare em um terço do tempo.

José Soares de Souza: O boi tem que desmatar, e o peixe a gente aproveita a área desmatada do boi, para criar o peixe.

Ernesto em off: É claro que é preciso investir, são quase 70 toneladas de ração por mês, mas seu Zé conseguiu multiplicar os tambaquis e hoje produz 350 toneladas por ano. O cearense que virou roraimense, ou macuxi, como dizem os locais, tem orgulho da terra que adotou e está ajudando a colonizar. Hospitaleiro, ele oferece o produto que vende principalmente para o mercado de Manaus. Um produto, que cá entre nós, na brasa, fica uma delícia!

Ernesto: Alto Alegre merece o nome que tem?

Seu Zé: Merece

Ernesto: É alegre?

Seu Zé: É alegre. É bom para se trabalhar, é produtivo.

Ernesto: E o futuro para essa cidade, para essa região, qual vai ser?

Seu Zé: A gente...O que a gente deseja é crescer um pouco e que a cada dia cresça mais. E, com o nosso empenho, com o nosso trabalho, com a nossa garra, que com fé em Deus, vai.

12) Data: 31.08.2010.

Título: Feijó, no Pará, passa mais da metade do ano isolada do país

Local: Acre-Feijó

Jornalista: Ernesto Paglia

Duração: 5'37"

Fonte: TV Globo com apoio de afiliada.

Texto: Fátima: Resolvidos os problemas que impediram a reportagem de ontem do Jn no Ar, hoje nós vamos em frente. A cidade do Acre, sorteada no domingo, durante o Fantástico foi Feijó.

Bonner: Mas antes de conhecê-la, a gente vai ver primeiro, algumas informações importantes do estado.

Fátima em off: Acre, 706 mil habitantes, a 3ª menor população do país. Mas é o estado onde as mulheres têm mais filhos.

Morador 1: tem que criar mais gente.

Morador 2: Existe muito verde, floresta

Moradora 3: O pessoal aqui é muito acolhedor.

Fátima em off: (imagem de árvore derrubada) A exploração da madeira e a pecuária, são as principais atividades econômicas. 73% dos moradores não têm rede de esgoto e mais da metade não recebe água encanada. A mortalidade infantil é a maior da região norte. Mais de 10% da população não sabem ler e escrever. 470 mil eleitores do Acre vão às urnas em outubro.

Bonner: O repórter, Ernesto Paglia, está no centro da capital do Acre, em frente ao Palácio Rio Branco. Paglia, boa noite pra você. Ontem a sua ligação telefônica foi interrompida exatamente quando você comentava a dificuldade de comunicação, ou seja, o isolamento da cidade de Feijó.

Ernesto: Pois é, boa noite a todos, nós estamos aqui como você bem disse, no coração de Rio Branco. E esta capital, junto com este monumento importante aqui atrás de mim (imagem do palácio), o Palácio Rio Branco, homenageia o Ministro das Relações Exteriores, o barão do Rio Branco, que no início do século passado, assinou em nome do governo brasileiro o tratado que garantiu que o Acre se tornaria brasileiro, e não mais boliviano, como era até então. Então, nós viemos aqui, pra visitar Feijó. Feijó, fica a 350 kms daqui da capital, de qualquer lugar do Brasil, é uma distância razoável. Mas, aqui no Acre, isso significa que muitas vezes por causa da chuva amazônica e outras dificuldades, a cidade de Feijó fica totalmente isolada daqui da capital e do resto do Brasil. Isso nós veremos logo em seguida, mas tem coisas muito interessantes também. Você sabe que nós fomos para Feijó a partir.. (falha na comunicação)

Bonner: É realmente, é difícil (risos)

Fátima: A comunicação está difícil... (risos) Mas hoje nós vamos ver a reportagem que o Paglia fez sobre a cidade de Feijó no Acre.

Vinheta da série: (imagem do Avião Jn passando)

Ernesto em off: Decolamos de Campo Grande pra 3 horas e meia até Cruzeiro do Sul. Poucas horas de sono e voltamos a pista para estrear o segundo avião do JN no Ar. São 290 kms até Feijó, de carro seriam até 4 horas de estrada e o caravan faz em menos de uma. (imagem de Ernesto chegando e recebendo um copo com suco de caju) Saude! Mas a especialidade da terra é o Açaí. Feijó tem duas safras anuais da fruta que virou mania nas academias. Quem toma não imagina o trabalho que dá.

Trabalhador rural: O pessoal que toma o fruto não sente nada, só sente o gosto (risos).

Ernesto em off: O resultado é um caldo grosso, o vinho, que aqui, se toma com açúcar e farinha.

Agricultor: Eu acho que essa parte da farinha já é influência nordestina.

Ernesto: É?

Agricultor: É,

Ernesto: É ótimo! (tomando açaí) Mas a produção só consegue sair para Rio Branco, nesta época do ano, quando chove menos. A partir de outubro, os aguaceiros que transformam a BR 364 num enorme atoleiro. Durante mais da metade do ano essa região fica simplesmente isolada da capital e do país. Muitas mercadorias só chegam de avião. Imaginem o preço?

Vendedor: 7 real ou 6 real o quilo (da cebola)

Ernesto em off: Nesta parte da estiagem a estrada fica aberta, mas o Rio Invira abaixa muito, as balsas que trazem combustível, nem sempre conseguem passar. Quando a estrada for pavimentada, a situação pode melhorar, mas a obra já leva 12 anos e só tem asfalto em menos da metade da rodovia.

Morador: Entra ano e sai ano, sempre este problema....
Ernesto em off: Feijó é a 3ª maior cidade do Acre. Tem muita bicicleta, carro de boi e ruas bem cuidadas. O esgoto a céu aberto é um problema: vai tudo para o Rio Invira. Dona Valinete tece suas redes e sonha em mudar para o outro bairro, onde o rio não alague.
Dona Valinete: No inverno né, a água sobe.
Ernesto: Mas a senhora queria mudar daqui dessa rua, ou daqui dessa cidade?
Dona Valinete: da rua, da cidade não, a cidade é boa.
Ernesto em off: Os índios Ashaninka navegam até 12 dias da fronteira com o Peru até o comércio e o posto de saúde de Feijó. Sem alojamento, eles acampam e ficam expostos às tentações da cidade.
Soldado do exército: É comum ver índios por aí nos bares, alcoolizados.
Ernesto: O Outro lado do Invira tem a aldeia dos Shanenawa. Praticamente um bairro de Feijó, a aldeia prepara a semana de festa que começa amanhã. É o festival do Bachu, uma bebida sagrada, uma espécie de cerveja amarga feita de mandioca, milho e batata. (imagem do repórter provando a bebida)
Ernesto: É, a gente tem que aprender a gostar.
Ernesto em off: Mas o acontecimento do ano será a eleição. Pela primeira vez a escola da aldeia vai virar seção eleitoral e os 1800 eleitores indígenas poderão votar em sua própria terra.
Cacique, Tekahanê: A eleição é muito importante pra nós. É por isso que eu, como representante, solicitei a urna na aldeia. Porque todo mundo pra votar se está na sua aldeia, se sente mais vontade.

13) Data: 26.08.2010

Título: Equipe JN no Ar Encontra Várias Irregularidades em Jacundá

Local: Pará - Jacundá

Jornalista: Ernesto Paglia

Duração: 4'18"

Fonte: TV Globo com apoio de filiada

Texto: William Bonner: O sorteio de ontem aqui no Jornal Nacional determinou que a equipe do JN no Ar cruzasse o Brasil do sul para o norte, em direção a cidade de Jacundá, no Pará.

Fátima: Hoje, antes de mostrar a reportagem do Ernesto Paglia, a gente vai apresentar algumas informações importantes sobre o Estado.

Fátima em off: Pará, 7 milhões e meio de habitantes, é o estado mais populoso do Norte e o que produz mais riquezas. Apesar disso tem o menor rendimento médio da região. Os paraenses convivem com a segunda maior taxa de homicídios do país. Por outro lado, são os que tem a maior expectativa de vida do norte.

Moradora: A diversidade nossa é imensa. Suco de cupuaçu, nosso Tacacá, nossa Maniçoba, nosso Pato no Tucupi...

Fátima em off: Mais da metade dos moradores não recebem água encanada e 96% não têm esgoto. A taxa de analfabetismo atinge 9,3% da população, um pouco abaixo da média nacional que é de 9,8%. O Pará tem 4 milhões e 700 mil eleitores.

Fátima: para chegar ao destino, o jato que leva a equipe do repórter, Ernesto Paglia, pousou em Marabá, no Aeroporto João Correia da Rocha. É para lá que nós vamos ao vivo. Boa noite Paglia, o que vocês encontraram em Jacundá?

Ernesto: Boa noite Fátima, William, boa noite a todos. Bem, vocês sabem, Jacundá é uma dessas comunidades relativamente jovens aqui do norte do país que parece que as pessoas foram se implantando lá de forma pioneira e o estado, as instituições da lei, isso só vai chegando aos poucos e nem sempre é bem assimilado, bem adaptado pela população local, esses pioneiros que estão lá. Você veja que, por exemplo, são só 115 kms, e asfaltados, aqui de Marabá até a cidade de Jacundá, mas mesmo essa é uma viagem bastante sacrificada.

(imagem do Jato JN passando)

Ernesto em off: A estrada de Jacundá é estreita, marcadas por remendos e freadas de caminhão. A política local é tensa e aparece logo na chegada. Somos rodeados por partidários do candidato que teve mais votos em 2008, mas não assumiu a prefeitura por causa de problemas com a justiça eleitoral.

Morador: Estamos num processo democrático que Jacundá não tá tendo.

Ernesto para um motoqueiro: Quantos anos você tem?

Motoqueiro: 16.

Ernesto: Pode andar de moto?

Motoqueiro: Pode. Isso aqui é assim: a gente não tem lei não.

Ernesto em off: Nas ruas não vimos viaturas, só uma blitz da polícia rodoviária, fora da cidade. Mesmo na rodovia, a fiscalização não resolve. Motoqueiros irregulares esperam no acostamento, até o bloqueio ir embora e nem pensam em legalizar a própria situação (imagens de motoqueiros andando com criança na frente e atrás das motos)

Motoqueiro apreendido: Eu tô sem carteira, né...

Ernesto: Eles tão fazendo o que a lei manda.

Motoqueiro: Porque o governo não dá chance pra gente.

Ernesto: Mas é culpa do governo, você não ter carteira de motorista?

Motoqueiro: Tem culpa, porque eu tenho que desembolsar mil e quinhentos reais e eu sou um trabalhador que ganha salário mínimo e ainda tem que ir em Marabá tirar carteira, porque Jacundá não tira.

Ernesto: Ilegalidade mais grave aparece no desabafo da moradora.

Moradora: Tem violência, assassinatos, bandidagem...

Ernesto em off: Jacundá é a quinta cidade mais violenta do Pará, estado com o maior numero de conflitos no campo de todo o país e o maior número de homicídios no norte. Nesta reunião anual que estava acontecendo hoje, encontramos gente que estava preocupada com outros problemas da cidade. A prostituição infantil e o abuso sexual de menores. No ano passado 52 casos de violência sexual foram registrados em Jacundá. Esta agricultora procurou o conselho tutelar na semana passada, para denunciar. Um vizinho abusou da filha dela, deficiente mental de 14 anos.

Agricultora: Ele se aproveitou que ela tem esse problema. Ai, ele se aproveitou dela.

Ernesto em off: As madeiras são importantes na economia de Jacundá. Esta, uma das maiores, é de um ex-prefeito. Parte da madeira, diz o dono, é nativa, retirada sob supervisão da Secretaria do Meio Ambiente do Pará; a outra parte, vem do plantio de árvores que já foram replantadas no passado.

Madeiro, Adão Ribeiro: E agora, nós estamos partindo para o reflorestamento. Agora nós temos as condições para poder reflorestar.

Ernesto em off: (imagem de carvoaria) Cuidar do futuro ainda é exceção por aqui. As pequenas carvoarias que concentram muitos casos de trabalho escravo, mostram o lado mais atrasado deste pedaço do Pará.

Carvoeiro: Todos que estão aqui se fossem escolher não queriam estar aqui. Mas fazer o que?

14) Data: 23.08.2010

Título: Macapá é ponto de partida do JN no ar.

Local: Macapá no Amapá

Repórter: Ernesto Paglia

Fonte: TV Globo com apoio

Duração: 4'38"

Texto: Fátima Bernardes: Estréia hoje o JN no Ar que vai apresentar ao país, os desafios que precisam ser vencidos e das conquistas que devem ser preservadas. William Bonner está em Macapá, no Amapá, e vai explicar pra gente porque. Boa noite William.

William Bonner:(gritaria e aplausos) Boa noite Fátima, boa noite a todos. Vocês escutam ai a saudação da multidão que nos acompanha na Fortaleza de São José em Macapá. Não tá feia a festa aqui não, Fátima. A gente está aqui com o apoio da TV Amapá, da Rede Amazonas, que é afiliada da Rede Globo aqui no norte do país. A gente lembra que em 2006, na ultima campanha presidencial, a Caravana JN começou pelo sul do Brasil, lá no Rio Grande do Sul, então desta vez nós resolvemos inverter o eixo, e fazer o nosso avião do JN no Ar decolar, partindo do norte do Brasil. O Amapá tinha até outro dia a fama de ter o extremo norte do Brasil, o Oiapoque. Desde de 1998, o extremo norte do Brasil é considerado em Roraima, o monte Caboraai. Mas, de qualquer maneira até hoje no Brasil, quando se fala do Oiapoque ao Chuí, a ideia que se tem é de algo que aconteça no Brasil inteiro, então, isso explica em parte o simbolismo de estarmos aqui no Amapá no início desse projeto: o JN no Ar. A capital do Amapá, Macapá, onde estamos, dista mil e 791 km da capital, Brasília, e tem aqui meio milhão de habitantes. Nós chegamos aqui no último sábado, e tivemos oportunidade de testemunhar, de comprovar alguns aspectos curiosos e outros muito importantes do estado do Amapá e da capital, Macapá. Um deles é o fato de que aqui, 91% da cobertura vegetal original do Amapá, ainda é preservada (aplausos). Outro aspecto muito importante que a gente tem na capital do estado, é essa construção maravilhosa que está aqui atrás. Eu estive lá dentro e a gente vai ver mais ou menos como é que é.

William em off: A fortaleza de São José impressiona, é uma estrutura gigantesca voltada para a frente das águas do Rio Amazonas. Foi construída pelos portugueses e concluída em 1782. O historiador, Hermano Araújo, explica que o Tratado de Madrid, que sucedeu ao de Tordesilhas, aumentou a área territorial portuguesa na América

Hermano Araújo: Portugal decide construir diversas fortalezas a fim de garantir essa posse regional.

William: Mas por que a maior fortificação do Brasil está em Macapá?

Hermano: Nós estamos na embocadura do rio das Amazonas, então por aqui facilitava o controle da entrada do inimigo.

William: Quem era o inimigo?

Hermano: Podia ser os franceses e também os holandeses.

William em off: São José foi erguida num período em que o número de fortificações portuguesas nesta área subiu para 11, mas esta é a maior do Brasil. O Amapá tem também um número verde para mostrar. O estado conserva ainda hoje 97% da cobertura vegetal, o maior índice do país. O geógrafo, Paulo Russo explica porque.

Russo: Inicialmente a própria dificuldade em escoar esses recursos naturais.

William: Faltam estradas?

Russo: É. Digamos que o estado do Amapá, ele não está plenamente conectado ao restante do país.

William em off: É possível notar isso num passeio de barco, essa balsa carregada de carrocerias de caminhões partiu de Belém para Macapá. Traz de tudo, de tomates, a automóveis.

William: O geógrafo lembra também que 70% do território do Amapá estão de alguma forma sob proteção ambiental

Russo: Não podemos esquecer que essas áreas protegidas, elas não servem apenas para o patrimônio natural, mas também para preservar o patrimônio cultural. Uma estratégia inclusive, de permanecer essa cobertura vegetal e utilizar essa cobertura vegetal como um potencial para o desenvolvimento do estado.

William: Uma das peculiaridades de Macapá é que a cidade é cortada pela linha do Equador que divide o planeta em hemisfério norte e hemisfério sul. Por isso, quando é meio dia aqui, sol a pino, o calor é muito forte. Nós estamos na menor distância possível do sol. Agora 34 graus. Em grande parte também porque nós estamos no hemisfério norte, é verão. Se bem que se a gente passar para o hemisfério sul (imagem de Bonner passando de um hemisfério para o outro) e para o inverno, não refrescou muito não.

-----15)

Data: 20.08.2010

Título: Cientistas provocam queimadas para estudar os efeitos nas florestas em Querência

Local: Sem Local

Repórter: Graziela Azevedo

Fonte: TV Globo

Duração: 1'57"

Texto: Graziela: O Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia e uma entidade americana fizeram uma queimada, autorizada pela Secretaria de Meio Ambiente de Mato Grosso. O objetivo é saber o comportamento da mata.

Graziela em off: Mato Grosso é o estado brasileiro com o maior número de queimadas. Mais de 30 mil focos foram registrados somente em agosto. Por causa dessa grande incidência, cientistas estão provocando incêndios em uma área controlada para estudar a recuperação das florestas. O estudo é feito pelo Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam) e o Woods Hole Research Center (WHRC), uma entidade americana. A queimada foi autorizada pela Secretaria de Meio Ambiente de Mato Grosso em uma área de 150 hectares no município de Querência (MT) e é monitorada desde 2004. A região é uma das mais atingidas pelas queimadas, principalmente nas pastagens.

Pesquisador do Ipam, Oswaldo de Carvalho: A fumaça que os incêndios lançam na atmosfera influencia o regime de chuvas. "Quanto mais fumaça, você acaba deslocando as nuvens de lugar, muda o regime de chuva.

Daniela: O estudo permitiu projetar as consequências de um incêndio florestal em um período prolongado de estiagem.

Pesquisadora do WHRC, Jennifer Balch: "Se você tem muita seca a cada três anos, ela vai queimar mais e terá chamas bem mais altas que o fogo anual".

Daniela: Os pesquisadores constataram que metade das árvores localizadas na área não resistiu à queimada e morreu. A outra parte que brotou não cresceu do mesmo tamanho. Ou seja, a floresta ficou mais empobrecida e vulnerável a novos incêndios.

16) Data:14.08.2010No Doc:RJ52-0038791

Título: Dia da candidata à presidência Marina Silva

Local:Manaus

Repórter:Daniela Assayag

Fonte:TV Globo

Duração:00:00'50"

Matéria: Editada

Sinopse:Marina Silva na mesa diretora do Forum Amazônia Sustentável em Manaus/ (close) de Marina Silva de óculos / (stup) repórter Daniela Assayag / Marina reencontrando conhecidos da época que morou em Manaus, em frente a uma casa de Marina (são comitês voluntários da sua campanha) / Marina emocionada falando com uma amiga de sua mãe que já faleceu / entrevista Marina Silva falando da necessidade do crescimento sustentável.

17) Data:23.07.2010No Doc:RJ52-0038675

Título: Série sobre Amazônia urbana

5ª Última Matéria: Cidades buscam novos caminhos para desenvolvimento na Amazônia.

Local: Amazônia

Repórter: Alberto Gaspar

Fonte:TV Globo

Duração:00:04:36

Matéria: Editada

Texto: Embora <s> o jornal nacional termina hoje a série especial sobre a Amazônia urbana com um dos maiores desafios da região <s> Roberto Gaspar e Laércio Domingues mostram a procura por novos caminhos para o Desenvolvimento das Cidades <s> <s> a metrópole cercada pelos dois rios que formam o Amazonas avança além de um deles com uma obra gigantesca uma ponte ligando as duas margens do rio Negro <s> quem ainda enfrenta as balças todo santo dia agradece <s> isso vai melhorar mil vezes pra nós amazonenses <s> com a ponte essa travessia que hoje leva meia hora quarenta e cinco minutos até uma hora dependendo das condições do rio vais durar apenas cinco minutos mais essa não é a única consequência que a ponte vai trazer <s> do outro lado do Rio Iranduba com pouco mais de trinta mil habitantes espera mais investimentos mais turismo o preço da terra já disparou <s> a gente comprava um terreno aqui por oito seis sete mil <s> agora você no compra mais não não compra não de seis sete mil foi pra quanto agora é vinte é quinze mil <s> em sentido contrário será mais fácil entregar o que Iranduba já produz para Manaus <s> vegetais minérios materiais de construção <s> mas há quem se preocupe com outras consequências <s> a senhora tem medo do vem do lado de lá então é com certeza porque aí vai ficar mais fácil para os gaiatão <s> a busca de novos caminhos para o desenvolvimento da cidade é um desafio na Amazônia <s> a proposta neste lugar é enriquecer a cidade a partir da floresta todo mundo sabe o que é do céu <s> do céu do céu <s> é o que mais alto <s> as árvores mais altas <s> beleza <s> a escola da floresta em Rio Branco forma técnicos agrícolas florestais <s> aula ao ar livre nesse caso aqui de coleta de sementes esses capacetes todos na cabeça da rapaziada se justificam pela altura onde as sementes estão lá no alto das árvores <s> corajosa em Leila é né exige <s> o trabalho exige isso <s> é na coragem necessidade necessidade né pra ajudar as comunidade outras pessoas <s> aprender aprender e passar adiante <s> estes alunos aprendem a aproveitar melhor outro Tesouro Amazônico <s> técnicas de corte cuidar dos sanitários que podem ajudar as pequenas cidades de onde eles vêm se o produtor não sabendo mexer com peixe como é que vai ter mais renda no mercado né o peixe <s> você tem que ter um estudo para Valorização daquela cidade daqueles Estados da Amazônia que mais investem na questão da preservação ambiental <s> para sustentar cidade manter populações no interior <s> castanhas que o mundo inteiro já identifica com a Amazônia com o Brasil óleos das árvores cosméticos medicinais madeira também <s> como não <s> criada nos tempos da exploração predatória ilegal <s> Fátima hoje lidera os madeireiros do Acre na produção sustentável <s> aqui a gente teve a oportunidade de compreender que a floresta ela é como seres humanos elas tem o seu ciclo de vida mas você tem que respeitar você tem que entrar conhecer a floresta tirar só aquilo <s> que ela pode te oferecer <s> e uma nova saída para o mundo pelo outro lado do continente anima a região a rodovia Transoceânica até o Pacífico que virando realidade <s> nesse entorno de Rio Branco entre a Bolívia e o Peru <s> nós temos um mercado consumidor é de mais de trinta milhões de pessoas que com certeza <s> não vão ser atendidas por empresas

do sul do país <s> será que a nossa Amazônia ainda vai exportar idéias para cidades do futuro Não é o mundo que tem pensar a Amazônia é a partir da Amazônia a partir da ciência <s> que nós produzimos aqui do conhecimento de nossa gente <s> que tem que pensar no mundo <s> eu acredito na Amazônia .

18) Data:23.07.2010No Doc:RJ52-0038673

Título: Eleição na região Amazônica

Votos das regiões remotas serão enviados via satélite para o TRE

Local:Amazônia

Repórter:Daniela Assayag

Fonte:TV Globo (satélite)

Duração:00:01:35

Matéria: Editada

Texto: Uma tecnologia que será usada nas eleições vai apressar a transmissão dos resultados nas regiões mais remotas do país, é o que mostra a repórter Daniela Assayag. Para quem vive em regiões remotas do país, o ato de votar requer sacrifícios. A gente ia por terra, a lama, a gente caía na lama às vezes dava no joelho da gente a lama tudo isso pra votar. A dificuldade era ainda maior para mandar o resultado das urnas as capitais onde é feita apuração. Em dois mil a totalização dos votos do país demorava duas semanas , agora deve ser feito em pouco mais de oito horas. Mil e quinhentos locais de votação do Brasil. A maioria nos estados do Amazonas e Pará vão receber equipamentos como este. O TRE já está simulando como será feita a transmissão de dados os votos dos eleitores. Estão em disquetes como este da urna eletrônica vão parar aqui em computadores portáteis ligados a esta antena é através dela que os votos são enviados via satélite. Os arquivos são recebidos no TRE no sistema chamado de sistema de gerenciamento. Ele é processado dentro de aproximadamente dois minutos . O presidente do Tribunal Superior Eleitoral Ricardo Lewandowski testou hoje o sistema na comunidade ribeirinha de Catalão no Amazonas. A nova tecnologia é mais ágil que a anterior que funcionava com telefones via satélite. O sistema garante que o voto de pessoas como dona Brasilina de sessenta e sete anos sejam apurados tão rapidamente quanto de brasileiros que moram em cidades grandes. Eu não dou meu direito a ninguém.

19)Data:22.07.2010No Doc:RJ52-0038669

Título: Série: Amazônia Urbana

4ª Matéria: Projetos ambiciosos fracassaram por falta de conhecimento da floresta.

Local: Amazônia

Repórter:Alberto Gaspar,

Fonte:TV Globo

Duração:5'12"

Matéria: Editada

Texto: O Jornal Nacional está apresentando esta semana uma série de reportagens sobre a Amazônia urbana. Hoje Alberto Gaspar e Laércio Domingues vão mostrar como a falta de conhecimento da floresta pode derrubar projetos implantados na região.

Alberto Gaspar: Às margens do rio Tapajós ruínas de um sonho americano. Nome quase ilegível é Fordlândia (ou Forlândia). Fordlândia nos anos vinte uma tentativa do americano Henry Ford de fugir do monopólio dos ingleses sobre a borracha. Eles produziam na Ásia. Ford imaginou voltar às origens na Amazônia. Isso aqui não virou nada porque é como se fosse um museu do fracasso. Além das instalações industriais foram construídos bairros inteiros com um jeito de filme de Hollywood. Mas as casas ótimas para os Estados Unidos aqui eram muito quentes e houveram outros choques culturais. Queriam implantar no caboclo a cultura deles. Queriam que o caboclo comesse prato de verdura. Na alimentação deles teve briga, chegou a ter agressão, teve agressão mesmo, eles estavam armados de facas e facões. Foi feio. Conflitos como esse da batalha do peixe com farinha contra o hambúrguer com espinafre. São apenas um sintoma de um problema muito maior, responsável pelo fracasso, não só desse, mas de muitos outros projetos na Amazônia: a falta de conhecimento da região por parte dos forasteiros. Os americanos não sabiam que no meio da floresta às pragas que atacam as seringueiras tem inimigos naturais. Mas com queimadas e desmatamentos e seringueiras plantadas a céu aberto. As lagartas, todo seringal tem lagarta mas eles não

sabem. Quando apareceu seringal foi desgosto. Dona Olinda acaba de completar cem anos. O marido era dono deste antigo crachá. E eles estiveram entre os três mil funcionários que a empresa chegou a reunir. A aventura americana não teve final feliz. A acabou em abandono nos anos cinquenta. O outro projeto ambicioso, a rodovia Transamazônica. Milhares de quilômetros cortando a floresta para integrar a Amazônia ao restante do país. Bandeira do regime militar nos anos setenta. Seu Roberto trouxe a família do Maranhão para o Pará. O nome do lugar Medicilândia foi homenagem ao general e então presidente Emílio Garrastazu Médici. Quem chegou primeiro recebeu muitas coisas pelo governo. Depois, aí depois, foi cortado tudo. A primeira leva de colonos, a maioria desistiu, foi embora, mas esta família resistiu e floresceu: doze filhos, vinte e sete netos, nove bisnetos, todos criados aqui na terra Amazônia. E o município frutificou. Medicilândia é o maior produtor de cacau do Brasil. A Transamazônica deveria chegar até Benjamin Constant na fronteira com o Peru. Nesse trajeto deve ter mudado a vida de Lábrea. Certo ou errado. O rio ainda é o principal caminho para chegar ou sair de Lábrea sete dias de navegação até Manaus. Isso apesar da cidade estar junto há uma das principais rodovias brasileiras BR-230 A Transamazônica que na verdade termina bem no centro da cidade onde se formou essa espécie de pracinha com uma lanchonete, uma casa de jogos eletrônicos, um cyber café e mais essas duas aqui bem no caminho da rodovia. Não vai passar estrada no meio sua loja. Não ai será você acha eu acho que não acha que ela não continua não a Transamazônica que existe a partir de Lábrea. Levamos algumas horas para rodar pouco mais de cem quilômetros. Hoje ela funciona só no verão. Na época do inverno passa até um certo tempo depois ela não fecha mas as pessoas não conseguem mais passar, lama demais. Travessias com balsas primitivas em vez de pontes. Às margens da estrada, vários projetos de cidades que ficaram pelo meio do caminho. Aqui mesmo era pra ser dado continuidade nesse projeto da Transamazônica, será que ela atravessa o rio um dia. Quem sabe. Nós esperamos que sim. O senhor acha provável? Eu acredito que sim, é possível conciliar o meio ambiente com o desenvolvimento alternativo nós temos muito. A Amazônia é uma riqueza em si.

20)Data:21.07.2010No Doc:RJ52-0038663

Título: Série sobre Amazônia urbana.

3ª Matéria: Pequenas cidades e povoados ficam isolados no meio da floresta.

Local:Amazônia

Repórter:Alberto Gaspar

Fonte:TV Globo

Duração:00:03:50

Matéria: Editada

Texto: O isolamento das pequenas cidades e povoados erguidos no meio da floresta é o tema da terceira reportagem da série sobre a Amazônia Urbana. Veja com os repórteres, Laércio Domingues e Alberto Gaspar.

Gaspar em off: Subindo o rio Purus lá vai a família do seu Ademir espremida num pequeno barco.

Seu Ademir: Eu vou lá na casa do meu filho, lá no interior.

Gaspar: É seis dias daqui lá?

Ademir: Isso mesmo, seis dias nessas condições.

Gaspar: O que tem naquela panela ali é feijão?

Ademir: Feijão é.

Gaspar em off: Eles moram em Pauini, Amazonas. Não existe estrada só o rio a e uma pista de pouso que parece a rua principal. Isso faz com que as pessoas daqui sejam diferentes dos outros lugares. O tempo praticamente não tem muita importância, sempre se consegue as coisas mais de uma forma assim bem, bem lenta. Durante a preparação desta viagem nossa produção tentou entrar em contato várias vezes com Pauini por telefone. Foi absolutamente impossível só conseguimos comunicação com uma pessoa pela internet.

Gaspar: Esse rapaz que nós viemos conhecer agora, o Kenny, criou um blog sobre Pauini. Kenny como é que pode um negócio desse telefone nada, qual é o problema?

Kenny: O problema ninguém sabe e o povo já tá conformado com isso por que o problema é constante e só através da internet porque, se não fosse a internet...Pauini estava isolada.

Gaspar em off: O rio Purus entra no Brasil pelo Acre, vindo do Peru e esse é o nosso próximo destino. Uma cidade inventada ou reinventada, Santa Rosa do Purus, já nasceu e morreu neste mesmo lugar como vilarejo duas vezes, transformada em cidade há dezessete anos. Desta vez ela vai resistindo

aparentemente por questões de segurança nacional. A presença do Exército da Polícia Federal os empregos que existem são quase todos públicos. Para cada casa que tem uma família grande você tem que dar um emprego porque, se não der, ele não vai viver porque não tem de onde viver. Na escola o espanhol é matéria importante. É que mesmo assim tão modesta Santa Rosa é a referência urbana para os peruanos da fronteira. A cidade mais próxima do país deles, Puerto Esperança, é longe demais, são dois dias para se chegar lá.

Gaspar: Castelo De Sonhos pertence a Altamira há mais de mil quilômetros de distância da sede do maior município do mundo.

Aldo Boaventura: Nós temos dito o seguinte: quem são os maiores abandonados do mundo?

Gaspar em off: Também alunos e professores de uma escola se reúnem para nos falar dos seus problemas.

Gaspar: Difícil é reclamar com a diretora dessa escola que é uma extensão de uma escola de Altamira

Professor, Luiz Carlos Alves: Ela é parte de uma escola que está a mil quilômetros daqui. Isso mesmo.

Gaspar: E essa questão da emancipação como é que a senhora se posiciona a senhora é a favor?

Prefeita de Altamira, Odiléia Sampaio: Totalmente a favor nós vamos dar oportunidade pra aquelas pessoas que moram lá poder caminhar com as suas próprias pernas e ter condições de se desenvolver mais com essa emancipação.

21) Data:20.07.2010No Doc:RJ52-0038657

Título: Série sobre Amazônia Urbana:

2ª Matéria: Quatro capitais da Amazônia tratam as florestas de formas bem diferentes

Local:Amazônia

Repórter:Aberto Gaspar

Fonte:TV Globo

Duração: h:05':11"

Matéria: Editada

Texto: Fátima: Na segunda reportagem da série sobre Amazônia urbana apresentada esta semana, Alberto Gaspar e Laércio Domingues mostram como quatro capitais da região se desenvolveram

E o impacto desse desenvolvimento sobre a floresta.

Gaspar em off: Quatro capitais bem diferentes e sua relação com a Amazônia. A metrópole, Manaus, cresce desordenadamente em torno de indústrias desligadas da floresta. Já Porto Velho passou por cima dela. Também cresce violentamente para cima. Belém, com sua arquitetura colonial é mais amazônica: se alimenta com seus sabores e sua história. Rio Branco, aposta na floresta, em evoluir de mãos dadas com ela. Mãos que criam biojóias com sementes como a da Jarina, conhecida como o "marfim vegetal", produto para butiques do Rio, de São Paulo, para exportação.

Artesão Antônio Kleder Bezerra: Você lida com materiais que vem da floresta, com materiais que traz um conceito de sustentabilidade, com materiais estão evitando o desmatamento.

Gaspar em off: Seu Raimundo é fornecedor dessa matéria-prima. O pó de serra acabava com os pulmões do ex-carpinteiros. As sementes só trouxeram progresso. Ele começou com uma máquina de beneficiamento e agora já emprega parentes e vizinhos desta comunidade.

Artesão Raimundo Brandão: O cabra tirar uma coisa dessas do mato para transformar ela assim, para mim é uma maravilha!

Gaspar em off: Eletroeletrônicos, boa parte apenas montada aqui. Esta é a base da zona franca de Manaus, ela não vive da floresta, mas ajudou a manter de pé noventa e oito por cento da mata.

Professor da UFAM, José Alberto da Costa Machado: Se o pólo industrial de Manaus não existisse, o desmatamento da Amazônia seria no mínimo setenta por cento e no máximo setenta e cinco por cento maior.

Gaspar em off: Floresta de pé, mas na cidade de Manaus, falta verde. Já são quase dois milhões de habitantes, periferias extremamente pobres e no centro, favelas em torno dos igarapés, esses pequenos braços de rios.

Armando Nascimento, pescador: Isso aqui era tudo areia.

Gaspar: Não tinha nada?

Armando: Nada

Gaspar em off: Só recentemente algumas dessas áreas começaram a ser reurbanizadas, revalorizadas... Mas se Manaus ignorou a floresta, a capital de Rondônia passou por cima dela! Num estado com quase quarenta por cento de desmatamento ela nem parece amazônica.

Prefeito de Porto Velho, Roberto Eduardo Sobrinho: Da forma original de exploração da região amazônica e, principalmente do estado de Rondônia, você ouvia: você vem para cá, derrube a floresta e comece a produzir.

Gaspar em off: Quando governo nasceu, há mais de um século como ponto de apoio e de partida para uma obra de engenharia monumental para aquela época: a ferrovia Madeira Mamoré que ia até a fronteira com a Bolívia. Era o auge do ciclo de exploração da borracha. Hoje esta cidade respira, cresce, se verticaliza, como este edifício de vinte andares, principalmente em função de outras duas grandes obras de engenharia. A construção das hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau movimentam a economia de Porto Velho e atrai milhares de trabalhadores. O casal de pedreiros, Gildo e Rosana, moravam nos Estados Unidos

Pedreiro Gildo Albino Andrade: Quando começou a crise lá, já falei comigo: não Gildo, vamos embora. Vamos para o Brasil, porque lá está bom. E aí o que mais se falava lá era em Porto Velho, a usina....

Gaspar: Com a explosão imobiliária já faltam operários e até corretores para venderem os apartamentos depois. Aluguel então com tanta gente chegando....

Presidente do Creci-RO, Flaézio de Souza: O apartamento de dois, três dormitórios pode chegar a até três mil e quinhentos reais, o aluguel.

Gaspar: Três séculos mais antiga do que Porto Velho, Belém nasceu para ser capital de uma região que para os portugueses nem era Brasil, era Grão Pará. Ela nunca se recuperou o direito do fim do ciclo da borracha, mas segue sendo o centro comercial importante e uma cidade profundamente fluvial e amazônica. Com a floresta e a História muito próximas e bem cuidadas, bom lugar pra se pensar o futuro da região.

Arquiteto e Urbanista, Paulo Roberto Fernandes: Essa visão patrimonial remete à memória das pessoas que moraram ou moram aqui. E isso além de massagear a autoestima de todo mundo, dá aquela sensação de que sabendo da onde viemos, fica fácil determinar para onde vamos.

22)Data:19.07.2010No Doc:RJ52-0038651

Título: Série Amazônia Urbana –

Série vencedora do Prêmio Allianz de Jornalismo.

Matéria: - Brasileiros contam como é a vida nas cidades que cercam a Amazônia.

Local:Amazônia

Repórter:Alberto Gaspar,

Fonte:TV Globo

Duração:00:04:48

Matéria: Editada

Texto: O Jornal Nacional convida você a assistir a partir de hoje uma série de reportagens com um olhar diferente sobre a Amazônia. Roberto Gaspar e Laércio Domingues vão mostrar como é a vida dos brasileiros que moram em cidades erquidas no meio da floresta.

Fátima: Na primeira reportagem como se deu a aventura da colonização nessa região, que concentra vinte e cinco milhões de pessoas,

(Vinheta Amazônia)

Gaspar: Viajamos por quatro estados mais de oito mil quilômetros. Foram quase seis semanas e isso porque voamos na maioria dos trechos. Navegando por rios cheios de curvas como o Purus, levaríamos vários meses. Aqui do alto a imensidão verde que atrai os olhos do mundo inteiro. Lá em baixo, vinte e cinco milhões de brasileiros

Geógrafo UFAM, José Aldemir de Oliveira: Quando nós falamos de Amazônia, quase sempre nós ligamos à natureza. Ocorre que setenta por cento da população da Amazônia mora nas cidades

Gaspar em off: Mais do que a floresta, a Amazônia urbana foi o foco da nossa jornada. Visitamos quatro capitais, quinze cidades ao todo, fora os povoados. Queríamos conhecer brasileiros com uma visão diferente do que é a cidade.

Gaspar: O senhor se considera um homem da cidade ou da floresta?

Seringueiro, Pedro Pontes da Silva: Me considero um homem da floresta, a diferença é só que nós mora na cidadezinha.

Gaspar em off: São lugares onde há relação com o tempo é outra, onde o ritmo é o dos rios. Quem governa deve levar em conta o clima equatorial

Prefeito de Rio Branco, Raimundo Angelim: Seis meses do ano no verão, a gente constrói estrada, os outros seis meses a gente faz o que é possível em função das chuvas torrenciais.

Gaspar em off: Os primeiros a enfrentar estas poderosas regras da natureza foram os portugueses a partir do século dezessete. Belém, Manaus, primeiro para ocupar, depois para explorar comercialmente a colônia. A urbanização foi seguindo os rios Amazônia a dentro.

Arquiteto, Flávio Nassar: Belém concentrava os fluxos que conectava a Amazônia ao resto do mundo. Era esta cidade que estava entre o mundo e a floresta

Gaspar em off: A floresta e suas especiarias até hoje presente no mercado do Ver-o-peso, em Belém. Mas o primeiro grande ciclo econômico veio séculos depois: o do ouro branco das seringueiras, a borracha. Como tantas cidades da Amazônia, Rio Branco nasceu à beira de um rio. No fim do século dezenove, às margens do Acre, uma certa árvore frondosa, uma gameleira, chamou a atenção de exploradores que resolveram montar neste ponto uma base para exploração de borracha da floresta. A borracha abriu caminho até a Amazônia mais profunda, povoou a região com milhares de imigrantes, principalmente de nordestinos e essa é a origem de grande parte dos amazônidas de hoje, como Seu Edmilson

Seu Edmilson: Fui criado com o meu pai cortando seringa e eu criei meus filhos também cortando seringa, e agora estou cortando seringa de novo. Só que a borracha tá com um preço muito baixo. Gaspar em off: Até o começo do século vinte a extração da borracha construiu fortunas, fez crescer e embelezou cidades, mas ela se deslocou para a Ásia com as plantações intensivas dos ingleses. A Amazônia ficou um pouco órfã. A floresta começou a ser derrubada em novas cidades surgiram por outros interesses econômicos. Para as madeiras, floresta era só matéria-prima, para pecuária e a agricultura em larga escala, um obstáculo a ser removido da terra: nada mais fora de moda neste século vinte e um, aos olhos do mundo e, principalmente dos maiores interessados, os habitantes da Amazônia.

Prefeito de Lábrea, Gean Campos de Barros: Tem que ter políticas mais voltadas para o desenvolvimento dos produtos da floresta, ou seja, o extrativismo, o manejo pesqueiro. Isso é que vai preservar a floresta, uma forma de manter o cabloco no interior porque eles é que realmente protegem essa floresta. Porque a cultura deles não é desmatar, mas é ir cortar uma seringa, desfolhar uma copaíba, é ele ir pegar um peixe no lago....

Bonner: Amanhã, como o crescimento das grandes cidades afeta a floresta Amazônica. E você pode encontrar outras informações na Internet, visitando o Portal Globo Amazônia.

23)Data:16.04.2010No Doc:RJ52-0038045

Título: Série Exploração Econômica da Amazônia: É possível aumentar a produção e combater a destruição da mata na Amazônia

5ª Reflorestameto (última matéria).

Local:Amazônia, Mato Grosso

Repórter:Tonico Ferreira

Fonte:TV Globo

Duração:00:04'09"

Matéria: Editada

Texto: Fátima: Na série especial sobre a Amazônia que o Jornal Nacional está botando no ar, nós dissemos ontem, que a expansão da soja derrubou 40% da floresta em Mato Grosso, mas esse estrago todo foi culpa também do avanço dos pastos, para a pecuária e na construção de cidades.

Bonner: Hoje na última reportagem da série, produtores rurais, autoridades e cientistas dizem o que pode ser feito para aumentar a produção e combater a destruição da mata.

(Vinheta Amazônia)

Tonico: Os tempos são outros, a mentalidade dos fazendeiros da Amazônia aos poucos começa a mudar. Everton, produtor de soja em Mato Grosso, quis mostrar para mim não a lavoura no ponto de colheita e sim um projeto do qual se orgulha muito: a recuperação da mata original em uma área de nascente de água.

Produtor de Soja, Evertor Melchior: Há cinco anos atrás não existia essa água que tem aqui, devido ao reflorestamento em volta da nascente, elea está começando a aparecer e futuramente vai aparecer mais ainda, vai ter água com a correnteza forte aqui, se Deus quiser...

Tonico em off: Ele plantou cedro, jatobá, aroeira, pau brasil. Fez isso não só para se enquadrar na lei ambiental, mas também por razões econômicas. Ao recuperar as reservas de água, a soja vai render mais. Fazendeiros que respeitam o meio ambiente se ressentem da iagem negativa que ficou da época da ocupação altamente predatória.

Fazendeiro, Mauro Lúcia Costa: Quando nós fomos chamados para vir, nós fomos chamados com o lema que era "integrar para não entregar". Era como o governo federal chamava as pessoas para elas poderem vir. Quem veio naquela época, na década de 60, de 70, era um herói e hoje nós somos considerados uns bandidos.

Tonico: A nossa compreensão sobre a Amazônia passou por fases distintas. Até as décadas de 70 e 80, a floresta era vista como um território a ser ocupado e explorado intensivamente. Depois, quando se despertou para a importância da biodiversidade da floresta, passou-se para o extremo oposto, toda essa área deveria permanecer intocada. Agora surge uma nova visão: a da exploração econômica racional da Amazônia. Será que é possível gerar riqueza aqui sem destruir a floresta?

Tonico em off: A resposta do ex-governador de Mato Grosso é sim. Ele explica que é possível recuperar pastos degradados para dobrar a produção de soja do estado.

Ex-governador de Mato Grosso, Blairo Maggi: Nós temos que reduzir a quantidade de gado nos pastos para o confinamento, ou seja, e liberar esses espaços para a agricultura, que hoje é da pecuária. E, ao mesmo tempo, não deixar com que a pecuária avance sobre novas áreas da floresta

Tonio em off: A pecuária será vigiada pelo mercado. É a previsão do ex-ministro do meio ambiente, com base em um acordo com supermercados para banir a carne de desmatamento

Ex-ministro, Carlos Minc: Segundo semestre, deste ano, carne originada do desmatamento tanto da Amazônica, quanto do Cerrado, ou do Pantanal, vai estar fora das prateleiras dos supermercados. Eu acho isso mais eficaz do que muitos fiscais e muitos policiais.

Tonico em off: E a madeira vai se tornar mais rara e mais cara, de acordo com o Instituto Imazon que usa imagens de satélite para caçar madeireiros ilegais.

Técnico do Imazon, Adalberto Veríssimo: Tem um grande Big Brother que permite que o setor madeireiro seja vigiado de todos os lados. O madeireiro não vai conseguir se esconder do satélite. O satélite vai localizar onde tem exploração ilegal. Essa informação vai para o governo, vai para os órgãos de fiscalização, vai para a imprensa e vai ter uma pressão muito grande para coibir qualquer exploração ilegal que tenha na Amazônia.

Indus. de Exportadores de Madeira do PA, Justiniano de Queiroz: O que nós temos agora que provar para o mundo é que nós somos bons gestores da floresta amazônica. Isso não significa manter a floresta intocada e o povo pobre. Também não significa, desenvolvimento a qualquer custo, ou seja, desmatar a floresta. É o equilíbrio que poucos países no mundo conseguiram, a maioria que tinha floresta não conseguiu. Nós estamos em busca de algo inédito. A gente tem as condições para isso, agora precisamos avançar.

Fátima: Na Internet, você pode ajudar a controlar o desmatamento e acompanhar todas as informações sobre essa região, através do Portal Globo Amazônia

Bonner: E você também pode rever todas as reportagens da série na página do Jornal Nacional na Internet que está muito mais fácil de consultar, está novinha em folha. Visite e deixe sugestões em G1.com.br/jn

24)Data:15.04.2010No Doc:RJ52-0038041

Título: Série sobre Exploração Econômica na Amazônia: Pressão internacional ajuda a diminuir desmatamento na Amazônia

Série vencedora do prêmio Allianz de Jornalismo

4ª Matéria : Soja

Local:Amazônia

Repórter:Tonico Ferreira (pseudônimo)

Fonte:TV Globo

Duração:00:04'42"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: A expansão das lavouras de soja em Mato Grosso já consumiu 40% da floresta amazônica existente no estado.

Fátima: Mas o desmatamento vem caindo principalmente por causa da pressão internacional e esse é o assunto na reportagem de hoje na série sobre a exploração econômica na Amazônia (vinheta Amazônia)

Tonico em off: Mato Grosso é hoje o maior produtor de soja do país. A tecnologia, a experiência e o pioneirismo de agricultores que vieram do sul do país mudaram a paisagem do estado.

Agricultor, Ademir Macorim : Eu venho do Paraná, um estado colonizado ha muitos anos e aqui eu refiz aquilo que os nossos pais fizeram no Paraná na década de 30, 40 e 50.

Tonico: O sucesso, no entanto, foi precedido pelos desmatamentos com tratores e fogo
Agricultor, Ademir Macorim : Nós colocamos as esteiras, os correntões, derrubamos o cerrado, queimamos

Tonico em off: Mato Grosso perdeu quase 40% da mata nativa, mas quando a situação parecia fora de controle, algumas medidas passaram a estancar a destruição. Em cinco anos o desmatamento caiu cerca de 90 %

Tonico: Uma das coisas que impulsionaram esta queda, sem dúvida alguma, foi uma iniciativa chamada "moratória da soja". Ela surgiu em 2006, quando a associação que reúne as principais empresas que processam soja no Brasil tomou a decisão de não comprar um só grão de soja que venha de áreas desmatadas em regiões de florestas da Amazônia. Como essas empresas processam 62% da soja brasileira, não foi difícil impor a moratória. As plantações são vigiadas por satélites. O produtor sabe que se desmatar para plantar, terá dificuldades para vender a produção.

Pres. das Ind. Bras. de Óleos Vegetais, Carlos Lovatelli: Então ele pensa duas vezes antes de fazer isso. Talvez ele faça outra coisa, tudo bem, nós estamos monitorando soja, mas é um começo de uma conscientização de preservação da Amazônia.

Tonico em off: A conscientização vem da pressão dos mercados internacionais, principalmente da Europa que querem saber a origem dos produtos que consomem. É por isso que Blairo Maggi, grande produtor de soja que acaba de deixar o governo de Mato Grosso, tenta mudar sua imagem de destruidor da floresta para a de amigo do meio ambiente.

Ex-governador Blairo Maggi: A minha mudança vem disso: a mudança de consciência que eu acho que é necessário e importante, e segundo porque os mercados assim exigem e hoje não há como você produzir de forma diferente.

Tonico em off: O ex-governador criou o programa "MT Legal", que está no início com resultados ainda pequenos. No programa quem desmatou acima do limite, terá que reflorestar ou fazer uma compensação. Elzo Pozzobon desmatou 50% da área e o limite máximo é 20%. Para evitar multa milionária, vai comprar uma área de mata virgem e doar para um parque do estado a um custo de 680 mil reais. Elzo reclama

Elzo: Difícil porque a gente se sente acuado mesmo. Você sabe como é que é um bicho acuado? Ele fica lá no cantinho dele e espera acontecer. Não sei. Será que nós fizemos tudo errado? Nós viemos aqui e só fizemos coisa errada?

Tonico em off: O desmatamento está em queda, mas muito acreditam que a pressão por abertura de novas áreas vai aumentar se o mercado de soja crescer

Pres.Assoc. de Produtores de Soja e Milho do MT, Glauber Silveira da Silva:Tá se falando que daqui há 10 anos vai precisar de cem milhões a mais de toneladas de soja. De onde vai vir esta soja? Se não vier de lugar nenhum, o preço da soja vai triplicar, quadruplicar, a gente não sabe até onde vai isso. Daí vai ficar altamente viável, você fazer desmatamento aqui. Então, como é que eu vou impedir de fazer desmatamento? Só tem uma forma: eu pagando para que as pessoas não desmatem.

Tonico: É aí que entra um mecanismo chamado REDD, sigla para Redução de Emissões por Desmatamento e Degradação. A ideia é criar um valor para a floresta nativa. O proprietário vai receber uma compensação financeira de fundos internacionais públicos ou privados. Terá o seu capital remunerado não plantando soja ou abrindo pasto, mas deixando tudo como está.

Ex-governador Blairo Maggi: No último painel da ONU discutiu-se muito esta questão do REDD, há uma consciência no mundo inteiro de que as florestas em pé devem valer mais do que as florestas deitadas ou derrubadas e, portanto, o produtor deve receber por isso.

Tonico em off: É um mecanismo para quem ainda tem mata nativa. Produtores que já desmataram e querem voltar a legalidade como Elzo, terão de se conformar e pagar pelo o que destruíram

Elzo: A lei é para todos. Enquanto eu não conseguir alterar a lei, eu tenho que me enquadrar

Bonner: Na Internet, você pode acompanhar a evolução do desmatamento nesta região pelo portal Globo Amazônia.

25)Data:14.04.2010No Doc:RJ52-0038038

Título: Série sobre Exploração Econômica da Amazônia: Criadores de gado da Amazônia mudam comportamento em relação ao desmatamento

3ª Matéria: Pasto

Local:Amazônia

Repórter: Tonico Ferreira (pseudônimo)

Fonte: TV Globo

Duração: 00:04'29"

Matéria: Editada

Texto: Fátima: Na terceira reportagem da série que o Jornal Nacional exhibe nesta semana sobre a Amazônia, os repórteres, Tônico Ferreira e Antônio Ferro, mostram porque muitos criadores de gado da região, responsáveis pelo desmatamento de várias áreas, agora estão mudando de comportamento.

Tônico em off: Com 1.300 cabeças de gado, este fazendeiro de Lábrea, no Amazonas, poderia se considerar um homem realizado, mormente para quem saiu de São Paulo, sem dinheiro há mais de 30 anos.

O sucesso econômico, no entanto, não trouxe tranquilidade. O título da área que ele comprou está sendo contestado pela justiça e ainda por cima, ele desmatou mais do que os 20% permitidos hoje na Amazônia. Se não reflorestar, pode perder a fazenda

Fazendeiro: Se o próprio pessoal do Ibama tivesse orientado o povo como seria a mata. Eu ia aproveitar a madeira e ia ficar a mata. Ia me dar o mesmo lucro do boi ou mais. Só que hoje eu não tenho mais recurso para isso

Tônico: Essa é a história comum de muitos criadores de gado da Amazônia. Eles dizem que foram empurrados para o desmatamento. Nas décadas de 70 e 80, quem não abria pasto, não recebia título de propriedade. Em Boca do Acre, também no estado do Amazonas, 80% das fazendas de gado estão irregulares. Boca do Acre já foi uma terra sem lei. Os pecuaristas chagavam aqui e compravam uma posse ou ocupavam uma terra pública e desmatavam sem respeitar qualquer limite. Mas os tempos são outros, muitos fazendeiros já receberam multas pesadas e estão sendo pressionados a se legalizar. Sem alternativa, decidiram negociar com o governo. 132 fazendeiros aderiram ao Boca do Acre Legal, programa que tenta por ordem nas propriedades de um município devastado por pastagens. O Presidente da Associação dos pecuaristas da cidade, diz o que pede ao governo

Pres. dos Pecuaristas, Gilvan Onofre de Souza: Que perdoe os crimes que nós cometemos, porque não foi de propósito

Tônico em off: E promete

Pres. dos Pecuaristas, Gilvan Onofre de Souza: Nós vamos reflorestar igarapés porque nós estamos vendo que nós cometemos um erro grandioso neste sentido.

Tônico em off: Hoje, além das multas, existe a pressão do mercado que rejeita produtos que venham de áreas desmatadas.

Pecuarista, Lincon Fioreze: O mundo pede hoje para você ter um boi legal. Como é que nós vamos vender boi, sem estar legal?

Tônico: Para o ex-ministro da agricultura a palavra-chave é criatividade para produzir mais carne sem ampliar a área de pasto.

Reinholds Esthefhanes: Sob o ponto de vista econômico não faz mais nenhum sentido você aumentar um único hectare e ter que derrubar o mato para a criação de mais bovinos.

Tônico em off: Em Tomé-Açu, Pará, esse pecuarista consegue 415 kgs de carne por hectare contra uma média de apenas 120 na região. Ele usou todas as técnicas já conhecidas para enriquecer o solo pobre da Amazônia.

Fazendeiro, Mauro Lúcia Costa: Uma coisa muito importante no solo é isso aqui que chama-se matéria orgânica. Você trabalha com as sobras de capim e isso vai apodrecendo e vai virando matéria orgânica para o solo, conseguindo ter os micronutrientes todos.

Tônico: Agrônomos e ambientalistas estão convencidos de que a recuperação de pastagens degradadas é a solução para conciliar a produção de carne e leite na Amazônia com a preservação da floresta. Uma das técnicas é esta aqui: a integração de lavoura com pecuária.

Tônico em off: aqui o capim foi plantado junto com o milho. A lavoura do milho é que vai pagar a adubação, o pasto vai crescer depois da colheita a um custo bem mais baixo.

Agrônomo, Moacir Dias Filho: Se todo mundo resolvesse recuperar a pastagem degradada, você no mínimo, conseguiria dobrar ou até triplicar a produção de carne e leite da Amazônia, sem a necessidade de derrubar uma só árvore.

Fátima: Na Internet você encontra mais informações sobre essa região no Portal Globo Amazônia.

26)Data:13.04.2010No Doc:RJ52-0038035

Título: Série Sobre Exploração Econômica Da Amazônia:

Série vencedora do prêmio Allianz de jornalismo

2ª Matéria - Manejo Florestal

Local:Amazônia

Repórter:Tônico Ferreira (pseudônimo)

Fonte:TV Globo
Duração:00:04'56"
Matéria: Editada

Texto: Bonner: Hoje na segunda reportagem da série especial que o JN apresenta esta semana, nós vamos mostrar projetos exploram Amazônia de forma sustentável

Fátima: Existem mais de 350 projetos de manejo licenciados no Pará. Se o madeireiro cortar um pouco a cada ano, em um sistema de rodízio, ele poderá explorar a madeira indefinidamente com a floresta em pé. Nesta terça feira, os repórteres Tunico Ferreira e Fernando Ferro explicam porque preservar a mata se torna lucrativo a longo prazo

Tunico em off: O grupo de mateiros entra na floresta em busca de árvores boas para corte. Eles só querem as grandes

Trabalhador: Maçaranduba. Altura, 14 metros. Essa maçaranduba é mais que centenária

Tunico em off: A maçaranduba é rejeitada. Pode crescer mais. Quem vai para o chão é um breu vermelho de 25 metros. Queda perfeita.

Trabalhador: Não quebrou nada, nem um cipó.

Tunico: É triste ver uma árvore morrer. Mas na fazenda se pratica uma forma ecológica de exploração da madeira: o manejo florestal, a retirada de poucas árvores em um ciclo de vários anos.

Engenheiro Florestal, Evandro Ribeiro Ferreira: Nós tiramos um determinado número de árvores e deixamos outras árvores grossas pra ficar espalhando sementes durante todo o ciclo.

Tunico: Depois do corte, a parte da floresta que foi explorada será deixada quieta e intocada por 35 anos. Estudos indicam que ao longo deste período a floresta irá se recuperar e árvores de médio porte estarão suficientemente grandes para serem cortadas numa segunda etapa. Se o madeireiro cortar um pouco a cada ano, em um sistema de rodízio, ele poderá explorar a madeira indefinidamente com a floresta em pé

Tunico em off: A mata é viçosa. Nem parece que está sendo explorada. Existem mais de 350 projetos de manejo licenciados no Pará. Poderiam ser mais, não fosse a burocracia.

Fazendeiro Manuel Pereira Dias: Quando você vai pedir uma licença, você não é atendido. Nós temos licenças que estamos esperando há mais de um ano.

Tunico: Outro problema é a fraude. Estima-se que 4 em cada 10 projetos foram aprovados irregularmente. Com isso, a madeira legal brasileira perde mercado.

Justiniano de Queiroz Netto, Associação de Indústrias Exportadoras de Madeira – PA: Como o índice de fraude é alto, muitos importadores da Europa, dos Estados Unidos, passam a desconfiar dos documentos oficiais. Ilegalidade sempre vai existir, mas ela nunca pode ser a maioria, sob pena de sucumbirem e asfixiarem as empresas corretas pela concorrência inclusive desleal que elas causam.

Tunico: O ex-ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, já falava sobre os planos do governo para o setor

Ministro MA, Carlos Minc: Intensificar tanto a produção da madeira legal, como o combate à produção de madeira pirata em planos de manejo fraudados e forjados, muitas vezes com cumplicidade de autoridades

Tunico: Outro projeto de manejo em Anapu, no Pará, fica em um assentamento do Incra. É a prova de que a exploração racional da madeira pode melhorar a vida dos agricultores pobres da Amazônia.

Assentado, Antônio Hélio Monjardim: Graças a Deus, com esse projeto de manejo, que a gente conseguiu aprovação em troca de muito trabalho, muito sofrimento aqui, a vida da gente melhorou 100%.

Tunico em off: As roças ocupam apenas 20% da área: 80% são reservados para a exploração da madeira. Com a venda das toras, as 180 famílias do assentamento puderam comprar um caminhão, um tratorzinho e construíram estradas.

Assentado Francisco Lima Souza: A partir da hora que o manejo apareceu, aí nós pudemos explorar, produzir o abacaxi, vender bem. Você pega a farinha, leva no próprio caminhão, o arroz, o milho, a galinha, tudo o que você tiver pra vender está fácil de escoar.

Tunico: A implantação do projeto cobrou um preço alto em termos de vidas humanas. A disputa por terras públicas na Amazônia é um processo violento. Em Anapu, aconteceram vários tiroteios e mortes. A inspiradora do projeto, a irmã Dorothy Stang, foi assassinada exatamente no local em 12 de fevereiro de 2005. Foi a irmã Dorothy quem ensinou os assentados a preservar a floresta

Assentado Pedro Nonato de Souza: A irmã Dorothy falava sempre isso: não derruba a madeira toda, não. Não derrube não. Porque quando você vai numa estrada, que chega num pé de árvore, que tem uma sombrinha, você respira fundo, é bom. Ela cansava de dizer isso.

Título: Série sobre Exploração Econômica da Amazônia: Comércio ilegal de madeira destrói Amazônia

Série vencedora do prêmio Aallianz de jornalismo1ª Matéria:

Local:Amazônia

Fonte:TV Globo

Repórter:Tonico Ferreira (pseudônimo)

Duração:00:05'55"

Matéria: Editada

Texto: Fátima: O Jornal Nacional começa hoje uma série de reportagens sobre a exploração econômica da floresta amazônica. Os repórteres Tonico Ferreira e Fernando Ferro, percorreram vários estados para mostrar duas realidades: a devastação provocada pelo desmatamento ilegal e os projetos desenvolvidos para gerar riqueza sem destruir a floresta.

Bonner: Nesta primeira reportagem você vai ver como o comércio clandestino de madeira resiste e o esforço de quem quer trabalhar dentro da lei.

(Vinheta Amazônia)

Tonico em off: O epicentro do corte de árvores da Amazônia é Tailândia, no Pará. 38 serrarias formam a base econômica da cidade. O município fica no arco de desmatamento, a área de concentração de estradas abertas às margens da floresta. O Instituto Imazon, em Belém, usa imagens de satélites para seguir os caminhos das madeiras. Os veios dos avanços sobre a Amazônia. A exploração ilegal da madeira é a primeira fase da destruição

Pesquisador do Imazon, Carlos Souza Junior: Ai vem depois o desmatamento para a abertura de pastos e áreas agrícolas, ou seja, é o começo de tudo.

Tonico em off: Por isso Tailândia foi o principal alvo da operação Arco de Fogo feita pelo governo federal há dois anos para combater o desmatamento ilegal. É uma cidade nova que cresceu rapidamente. Tem 70 mil habitantes.

Tonico: Há 30 anos atrás isso aqui era uma grande floresta. Tailândia surgiu de um projeto de colonização que atraiu brasileiros que vieram de longe para produzir alimentos, só que era preciso derrubar a floresta. Como a produção não foi para a frente por falta de ajuda financeira e tecnológica, o que sobrou foi o comércio da madeira. Hoje metade da área do município está devastada.

Tonico em off: Parte da madeira é queimada em carvoarias clandestinas. Estes trabalhadores são a prova de que o desmatamento só traz riqueza para muito poucos. Valdo conta porque veio do Maranhão para ganhar aqui 420 reais por mês

Valdo Carneiro, carvoeiro: É porque eu não tenho condição de dar comida para a minha família de outro jeito. E o emprego aqui é desse jeito: sem carteira, sem nada. A fiscalização nessas carvoeiras aqui não tem.

Tonico: Não tem nem a fiscalização do carvão e nem a fiscalização do trabalho?

Valdo: Tem não. Das condições de trabalho, essa é que é pior. Não tem de jeito nenhum

Tonico em off: A ilegalidade ainda é forte no setor madeireiro. As operações policiais diminuíram o comércio clandestino mas não acabaram com as fraudes nas guias de comercialização, como comprovou o Ministério Público Federal

Procurador da República, Bruno Valente: A maior parte da madeira ilegal é comprovada com guia, dando toda a aparência de que ela vem de origem legal. O sindicato dos madeireiros de Tailândia, fala em corrupção: Acusa fiscais da Secretaria do Meio Ambiente de pressionar quem quer trabalhar legalmente.

Pres. do Sindicato dos Madeireiros, João Medeiros : Enrolam tanto e cobram tantos documentos e procura dificultar o máximo possível, para poder extorquir

Tonico: E cair na ilegalidade é pior ainda

Pres. do Sindicato dos Madeireiros, João Medeiros : A ilegalidade hoje é muito cara porque quem trabalha na ilegalidade tem que dividir o seu lucro, talvez, 90% do seu lucro, com os fiscais, com o sistema de fiscalização.

Tonico em off: O secretário do meio ambiente admite que há indícios de corrupção.

Tonico: Todo mundo fala que existe corrupção. Existe corrupção?

Secretario, Anibal Picanço: Olha, em todos os processos que estamos fazendo levantamento, há indícios de envolvimento tantos de terceiros, de fora do órgão, como de dentro. Há indícios de envolvimento de corrupção

tonico em off: Empresários que tentam trabalhar honestamente sofrem com a concorrência desleal dos ilegais. Esse madeireiro pertence ao grupo crescente de empresários que paga todos os impostos e que só tira madeira de áreas permitidas.

Madeireiro, Ademir; É importante trabalhar legalmente porque você mantém a floresta, você mantém a legalidade de tudo.

Tonico em off: Quem ganha com isso?

Ademir: Todos nós. Nós ganhamos porque estamos aqui produzindo. O país ganha porque tem a rentabilidade dele e o meio ambiente também ganha.

Tonico em off: Assim como empresários, há também cidades inteiras buscando a legalidade. Paragominas, no Pará, entrou na lista dos municípios que mais desmatam na Amazônia. A reação foi um programa de desmatamento zero, feito com satélites que identificam os focos de corte e queima de matas. Em dois anos, a queda já alcançou 86%. A luta para sair da lista, foi liderada pelo prefeito. Ele é da segunda geração de moradores da cidade e quer evitar os erros dos pioneiros

Prefeito, Adnan Demachki: Era regra do governo federal devastar, derrubar. Você tinha que devastar para confirmar a sua posse da área. Ninguém tinha área de floresta, então você derrubava.

Tonico em off: Mas o que fazer com as áreas já desmatadas? Esse ex-madeireiro, deixou de cortar e passou a plantar árvores. Investiu em um reflorestamento de dendê, não para fazer apenas o famoso azeite da moqueca baiana, mas para a produção de óleo refinado, usado nas fabricação de biscoitos, macarrão, corantes, sabão e o diesel

Produtor rural de Tailândia, Massao Ozaki: No meu trabalho, eu vou ter continuidade 10, 20, 30 anos. Eu não preciso mais derrubar mais nada. Eu vou viver na mesma área com o meu produto, dendê, sem devastar mais nada

Tonico em off: Isso dá o que para você?

Produtor rural de Tailândia, Massao Ozaki: Uma satisfação grande de morar aqui na Amazônia e poder dizer que eu trabalho numa agricultura sustentável e cuidar da minha família e ajudar esse povo a cuidar aqui dessa região.

Fátima: Você encontra outras informações sobre a região no Portal Globo Amazônia.

28)Data:26.01.2010No Doc:RJ52-0037765

Título: Satélite japonês que é capaz de monitorar a Floresta Amazônica através das nuvens

Local:Japão

Repórter:Roberto Kovalick

Fonte:TV Globo

Duração:00:02'06"

Matéria: Editada

por lá e os desmatadores podem agir sem serem vistos do espaço.

Roberto em off: O Alos tem um equipamento que funciona como um radar: envia microondas que atravessam as nuvens, batem no solo e voltam para o satélite. As informações recolhidas pelo satélite na Amazônia são transmitidas para o outro lado do planeta, para o Centro de Observação da Terra, que pertence ao governo japonês e fica nos arredores de Tóquio. Essas informações Texto: Bonner: Um satélite japonês que consegue enxergar através das nuvens começou a ser usado no Brasil no combate ao desmatamento da Amazônia. Quem informa, de Tóquio, é o correspondente Roberto Kovalick.

Roberto em off: Mesmo estando a quase 700 quilômetros de altura, o satélite tem um olho que não deixa escapar quase nada aqui embaixo. O nome dele é Alos, lançado pelos japoneses para acompanhar mudanças climáticas e ambientais. Uma das missões é ajudar a caçar os desmatadores da Amazônia.

Roberto: Outros satélites fazem algo parecido, mas enfrentam uma dificuldade: a Amazônia fica coberta de nuvens de seis a oito meses do ano, algumas regiões, o ano inteiro. Resultado: os satélites ficam cegos quando passam são captadas por uma antena. É um longo caminho mas, graças à tecnologia, em pouco tempo os agentes do Ibama e da Polícia Federal ficam sabendo onde estão acontecendo os desmatamentos.

Roberto: Os dados do satélite vão para supercomputadores, mais potentes do que os normais, que criam mapas mostrando exatamente o ponto onde as árvores estão sendo derrubadas. E mais: estradas ou rios que os agentes devem usar para chegar ao local. Oito policiais federais e fiscais do Ibama estão fazendo um curso em Tóquio para saber como usar essas informações. Com ajuda do satélite, os agentes conseguiram identificar mais de 30 locais que foram desmatados no fim do ano passado. Esses dados já foram enviados ao Brasil, via internet.

Analista ambiental do Ibama Daniel Moraes de Freitas: A partir dessa informação, a gente coloca os dados no site interno do Ibama, na, na qual a fiscalização vai a campo autuar esses pontos de desmatamento

Roberto: As imagens do satélite também vão ser usadas como prova nos tribunais para punir os desmatadores.

NOTÍCIAS JORNAL NACIONAL 2011

1)Data:03.12.2011No Doc:RJ52-0041518

Título: Botos mortos e usados como isca Pará pesca perto de reserva na Amazônia

Local:Manaus

Repórter:Daniela Assayag

Fonte:TV Globo, TV Amazonas

Duração:00:02'01"

Matéria: Editada

Texto: Fátima: Botos estão sob ameaça, na Amazônia. Eles são mortos e usados como isca de pesca. Mas um grupo de cientistas se movimenta para salvá-los.

Daniela em off: Logo que o dia amanhece na floresta, os pescadores saem para espalhar as redes. Eles buscam um dos animais que vivem há mais tempo na Amazônia. Os golfinhos entraram na região há 10 milhões de anos. Estima-se que 13 mil botos vivam na Reserva de Desenvolvimento Sustentável de Mamirauá. No local, há 17 anos, cientistas do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia estudam os botos cor de rosa e tucuxi. Uma vez por ano é organizada uma expedição para a marcação de novos animais.

Daniela: Desta vez, serão analisados apenas a mãe e um filhote. Da fêmea é retirado sangue e leite para exames. Na maioria das vezes, o animal é levado de canoa até o laboratório flutuante de pesquisa. Lá os bichos são identificados, marcados com letras e números que passam a fazer parte de um banco de dados. Um macho como na idade adulta pode alcançar 2,5 metros de comprimento e passar dos 40 anos na natureza. Esse tipo de informação só é possível pela captura. Nos últimos 17 anos, foram capturados pelo projeto mais de mil animais, o que é fundamental para a preservação da espécie.

Daniela em off: Todos os bichos voltam para o rio, mas nem sempre estão seguros. Segundo os pesquisadores, nos últimos dez anos, a população de botos foi reduzida pela metade. Eles são arpoados para virar isca na pesca da piracatinga, um peixe que se alimenta de animais mortos. Pedacos de boto são colocados em caixas, encontradas até no entorno da Reserva.

Bióloga, Nívia do Carmo: Eles colocam ela bem dentro da água para guiar a piracatinga com a carne de boto ou jacaré

Daniela: Nem os animais acompanhados pelo projeto escapam. Uma das fêmeas foi marcada há quatro anos, quando ainda era filhote.Ela foi encontrada boiando, morta por um arpão.

Coord. Projeto Boto, Vera Silva: Não podemos deixar que o boto da Amazônia se torne uma lenda. Queremos que seja vivo e real

2) Data:30.11.2011

Título: Série JN no Ar - Criação de novos estados divide os moradores do Pará

Local: Santarém

Repórter: Cristina Serra

Fonte:TV Globo e Tv Tapajós

Duração: 4'03"

Texto: Fátima: Os paraenses irão às urnas no próximo dia 11 para decidir se querem ou não a divisão do estado em três e a equipe do JN está em Santarém, na região que poderá vir a ser o estado de Tapajós. Cristina Serra, boa noite.

Cristina: Boa noite Fátima, boa noite a todos. Olha, o que chama a atenção aqui na região é a beleza natural. Nós encontramos paisagens exuberantes, belíssimas aqui na região do rio Tapajós. Por outro lado, nós também encontramos uma carência muito grande de infraestrutura. A assistência de saúde que a população recebe, por exemplo, é bastante precária. Isto tudo nós vamos mostrar no trabalho que nós preparamos com o apoio da TV Tapajós, afiliada da Rede Globo. Vamos ver a reportagem.

Cristina em off: A equipe JN no Ar chegou a Santarém por volta das dez da noite. No aeroporto manifestantes pró-criação do estado do Tapajós. Hoje a tarde, mais uma grande passeata. Se o estado for

criado, Santarém poderá ser a nova capital. Tapajós teria mais da metade da área do atual Pará com 27 municípios e um milhão e 200 mil habitantes, 15% da população do Pará hoje. O PIB, a soma de tudo o que é produzido pela economia, seria de quase seis bilhões e meio de reais onze por cento do PIB do Pará. A região é estratégica. Visitamos este porto que manda soja do centro oeste para a Europa. Bem diferente é a situação do porto municipal.

Moradora: É perigoso sim, principalmente quem anda com filhos.

Cristina em off: Risco também para os estivadores

Estivador: No dia a dia que se passa é muito perigoso

Cristina em off: O rio muitas vezes também é o caminho para quem precisa de tratamento médico.

Dona Odila tem que ir a Belém cuidar da vista.

Dona Odila: Melhor é rezar para não adoecer porque se adoecer, morre.

Cristina em off: Os grupos pró e contra a criação do estado do Tapajós têm idéias diferentes para resolver esses problemas

Movimento contrário à divisão, Cândido Cunha: Estruturar uma máquina pública com toda uma série de poder e cargos, vai desviar recursos que seriam necessários inclusive para atender esses direitos e encurtar essas distâncias em detrimento da estrutura da criação do novo estado.

Movimento pró-divisão, Olavo das Neves: Com o governo mais próximo, seguramente com lideranças mais próximas, nós teríamos aqui políticas públicas também mais próximas atendendo essa população. Essa população que carece que está muito distante hoje do grande centro e que hoje vive isolada.

Cristina em off: Na região que pode vir a se tornar um novo estado, está sendo construída a usina hidroelétrica de Belo Monte e a estimativa é que a obra traga desenvolvimento e a migração de até cem mil pessoas para a região. As cidades precisam se preparar e resolver problemas antigos.

Cristina: Nós estamos no bairro de Uruará, uma comunidade pobre aqui de Santarém, onde a população vive em palafitas, essas casas sobre a água. Os moradores não têm rede de esgoto e têm que transitar por essas passarelas de madeira, sem qualquer segurança. Para chegar na casa da Márcia, é preciso muito equilíbrio

Moradora, Márcia: Bastante equilíbrio, né?(risos) Porque se não tem coragem não passa mesmo.

Cristina em off: É uma terra de contrastes. Há meia hora de Santarém, em Alter do Chão, o mesmo rio Tapajós chama a atenção pela beleza natural

Cristina: A próxima e última etapa do JN no Ar, será Belém. É para lá que nós vamos daqui a pouco. Vamos subir um pouquinho mais rumo ao norte. O nosso tempo de vôo até a capital será de uma hora, então até amanhã Fátima e Bonner

Bonner: Até amanhã Cristina, boa viagem e bom trabalho para você.

3) Data: 28.11.2011

Título: JN no Ar vai percorrer regiões do Pará que podem se transformar em novos estados.

Local:

Repórter: Cristina Serra

Fonte: Tv Globo

Duração: 2'05''

Texto: Bonner: O avião do JN no Ar está prontinho para decolar do aeroporto de Brasília. Cristina Serra, boa noite. Conta pra gente qual é a missão da equipe dessa vez.

Cristina: Boa noite Bonner, boa noite a todos. Olha, nós estamos indo para o estado do Pará, onde nós vamos percorrer as regiões que podem vir a se transformar em novos estados, dependendo do resultado do plebiscito em que os eleitores terão que decidir se querem ou não a divisão do estado. O JN no Ar irá para as cidades de Marabá, Santarém e Belém e em todos esses lugares nos teremos o apoio das afiliadas da Rede Globo. E nós preparamos uma ilustração com as principais informações sobre o plebiscito. Vamos ver:

Cristina em off: O plebiscito será no dia 11 de dezembro. O voto é obrigatório para quatro milhões e 800 mil eleitores paraenses que terão que responder se querem a criação de dois novos estados: Tapajós e Carajás. Quem tiver fora do domicílio eleitoral, terá que justificar a ausência. O resultado do plebiscito só será definitivo se a maioria dos eleitores responder “não” à criação dos novos estados. Se a resposta for “sim”, a Câmara e o Senado ainda terão que votar uma lei propondo a divisão e a presidente, Dilma Roussef, terá que sancionar ou vetar a lei. Se Tapajós e Carajá forem criados, além de governador e deputados estaduais, cada novo estado teria três senadores e, no mínimo, oito deputados federais.

Cristina: A primeira parada do JN no Ar será em Marabá, no sul do Pará. Nosso tempo de vôo até lá será de uma hora e 40 minutos. Então tá combinado, a gente se vê amanhã, aqui no Jornal Nacional. Fátima, Bonner

Fátima: Boa noite Cristina

Bonner: Boa noite Cristina, bom vôo para você e bom trabalho.

4) Data: 22.11.2011

Título: Série Código Florestal - Recuperação de áreas de preservação permanente divide opiniões

Local: SP

Repórter: Julio Mosquera

Fonte: Tv Globo

Duração: 5'12''

Texto: Fátima: A segunda reportagem da série sobre o projeto do novo Código Florestal, repórter, Julio Mosquera, aborda um ponto que ainda divide opiniões de agricultores e ambientalistas.

Bonner: É a recuperação das áreas de preservação permanente que foram desmatadas.
(vinheta Globo Natureza)

Mosquera em off: Onde hoje se vê mata fechada, só havia cana de açúcar há dez anos atrás. Na fazenda foram plantadas quase um milhão de mudas de árvores para recuperar as áreas de preservação permanente. APPs, são locais frágeis à beira de rios, topos de morros e encostas que devem ter a vegetação original protegida porque são fundamentais para a produção de água e controle da erosão do solo. A usina perdeu área de plantio de cana, mas conquistou o certificado de produção sustentável, valorizando a empresa no mercado mundial

Dir. da Usina, Ricardo Ometto: Nós ganhamos na exportação de álcool, de açúcar porque o pessoal lá de fora quer saber se está fazendo a preservação aqui. Em Iracemápolis, no interior de São Paulo, o desrespeito às APPs deixou a represa que abastece o município desprotegida. Resultado: em 1985, a cidade ficou sem água. A área precisou ser recuperada em regime de urgência

Mosquera: O plantio da cana de açúcar que ia até a beira da represa, teve que recuar cem metros. No local foram plantadas árvores nativas e nunca mais Iracemápolis teve problemas de abastecimento de água. Iracemápolis e a usina de cana são dois exemplos dos benefícios e da necessidade de se cuidar bem das APPs. O projeto do novo código florestal saiu da Câmara sem garantias de recuperação das APPs desmatadas antes de julho de 2008. No senado a proposta evoluiu para assegurar que deve ser de 15 metros, a faixa mínima de vegetação que deve ser recuperada às margens dos rios de até 10 metros de largura e os conselhos estaduais de meio ambiente ganham poder para ampliar a faixa de recuperação da mata ciliar, de acordo com as necessidades de cada área. No caso dos rios mais largos, podem chegar a cem metros de extensão.

Senador Jorge Viana, PT-AC: Cabe à União Federal o estabelecimento de regras gerais para o país inteiro. Mais o nosso país é um continente. Nós precisamos chamar os estados à responsabilidade de nos ajudar a fazer essa harmonia entre produção e conservação do meio ambiente.

Mosquera: Uma das principais preocupações dos ambientalistas e da comunidade científica é garantir no Código Florestal a preservação das nascentes e córregos intermitentes, que fornecem água apenas uma parte do ano, mas que são fundamentais para o equilíbrio do meio ambiente.

Mosquera em off: O texto em debate no senado ainda não garante a preservação das nascentes. Os ambientalistas vão apresentar uma ementa para resolver o problema.

Ex-diretor do Serviço Florestal Brasileiro, Tasso Azevedo: A ideia é que você tenha o mínimo de trinta metros exatamente para as nascentes, os olhos d'água e para todos os outros demais rios. E veja que isso é muito importante porque como está previsto na regra que veio da Câmara, nascentes e olhos d'água não teriam qualquer tipo de recuperação. Seria um absurdo porque é daí que nascem os rios.

Mosquera em off: A Confederação Nacional da Agricultura, resiste a mudança que poderia atingir pequenos e médios produtores.

Pres. Da CNA, senadora Katia Abreu: Acho que seria interessante excluirmos, por exemplo, o plantio extensivo: de milho, de algodão, de soja e abrir mão apenas para os pequenos e médios agricultores que têm uma pequena roça, que têm uma pequena horta, que tem uma pequena pastagem ou a capineira para o seu gado de leite...

Mosquera em off: Os ruralistas também não aceitam a retirada do gado das encostas dos morros, um ponto defendido pelos ambientalistas.

Ex-presidente do Ibama, Eduardo Martins: Gado e APPs são duas coisas que se pudessem ser evitadas seria extremamente importante. O casco do gado gera um peso muito grande, em geral gera erosão, além de contaminar a água.

Mosquera em off: A pecuária é o principal uso da terra no Brasil: são 200 milhões de hectares de pastagens, a agricultura ocupa 65 milhões de hectares. A longo prazo a solução é aumentar a produtividade da pecuária, hoje inferior a uma cabeça de gado por hectare. As APPs à beira de rios, muitas áreas hoje ocupadas pelo gado, poderiam ser restauradas sem grandes investimentos.

Mosquera: Aqui nós temos um exemplo de como é possível recuperar APP a baixo custo. Há quatro anos, toda essa área era ocupada pelo pasto, bastou tirar o gado e hoje se vê que as árvores cresceram naturalmente.

Mosquera em off: A técnica pode ser aplicada com sucesso em 80% do país.

Prof. Esalq-USP, Ricardo Rodrigues: Isso acontece na Amazônia, acontece no Brasil central, no Cerrado e em várias situações. Só 20% delas, que foram muito degradadas historicamente, é que vão precisar de um investimento maior com o plantio de mudas.

Fátima: Amanhã na última reportagem da série você vai ver como ficam as multas aos proprietários que desmataram ilegalmente antes de julho de 2008.

5) Data 21.11.2011

Título: Mudanças no Código Florestal Criam Novas Regras Para Recuperar Áreas de Reserva Legal

Local: país todo

Repórter: Julio Mosquera

Fonte: Tv Globo

Duração: 5'45

Texto: Fátima: O senador, Jorge Viana, do PT do Acre, apresentou hoje a proposta do novo Código Florestal à Comissão de Meio Ambiente do Senado. É a última etapa antes da votação em plenário.

Bonner: Foram seis meses de discussão e alguns avanços, entre eles, por exemplo, a forma de recuperar áreas de reserva legal como a gente vê na primeira reportagem da série que o Jornal Nacional começa a exibir hoje.

(Vinheta Globo Natureza)

Mosquera em off: A nascente que brota frágil da terra, os alimentos que o homem cultivava de sol a sol. A mata ao lado da cidade que serve de refúgio para os animais. Água, agricultor, meio ambiente. Hoje, mais do que nunca a sobrevivência de um depende do outro e o Código Florestal existe para dizer como deve ser esse convívio. Ele cria regras para a ocupação de 38% do território brasileiro, 329 milhões de hectares de terras particulares que vão de norte a sul do país. O atual Código Florestal está ultrapassado, tem 46 anos. É da época em que o Brasil era rural. Hoje 84% da população é urbana. O código já não reflete a relação da agricultura com o meio ambiente, nem a posição que o país quer ocupar no mundo.

Prof. Do Esalq USP, Ricardo Rodrigues: O Brasil tem a possibilidade de ser um produtor de alimentos com sustentabilidade ambiental e poderia ser o nosso diferencial se a gente criar instrumentos para isso.

Julio Mosquera: Mas o projeto do novo Código Florestal, aprovado na Câmara dos Deputados em maio deste ano, não conseguiu o que se esperava dele: dar aos agricultores a segurança jurídica para produzirem mais e mais alimentos e ao mesmo tempo avançar na proteção ao meio ambiente.

Julio Mosquera em off: O texto que saiu da Câmara desagradou ao Governo Federal e aos ambientalistas, que viram no projeto um recuo na proteção da Reserva Legal das propriedades. Áreas de mata nativa que não podem ser derrubadas. E das APPs, Áreas de Preservação Permanente, locais frágeis à beira de rios, topos de morros e encostas que devem ter a vegetação original protegida. O ex-diretor geral do Serviço Florestal Brasileiro, lista os prejuízos para o meio ambiente com o projeto da Câmara.

Ex-diretor SFB, Tasso Azevedo: Abre possibilidade de novos desmatamentos em áreas sensíveis como áreas de encostas, topos de morros, as de preservação permanente. O segundo impacto fundamental é que nós deixaríamos de recuperar cerca de 50 milhões de hectares de áreas de florestas que deveriam ser recuperadas. E, um terceiro impacto, é que a gente generalizaria a ideia de anistia.

Mosquera em off: O projeto agora está em fase final de votação no Senado, onde houve avanços, agricultores e ambientalistas concordaram em separar no código as leis permanentes das leis transitórias, que vão ditar as regras para a recuperação das áreas desmatadas ilegalmente.

Ex-presidente do Ibama, Eduardo Martins: Espera-se que com 20 anos que é o prazo previsto para adequação dos problemas, essas disposições transitórias não existirem e a gente ter um código para cem anos, tomara que ele dure esse tempo.

Mosquera em off: E o relator da Comissão de Meio Ambiente propôs também que o código tenha princípios claros

Senador, Jorge Viana: Outros códigos, como o tributário, código civil e até mesmo o código penal tem princípios no primeiro artigo da lei. E nós estamos estabelecendo princípios que possam mostrar a possibilidade da harmonia entre quem produz e o meio ambiente. A soberania do Brasil é cuidar de suas florestas. Resolver o passivo ambiental não é afastar a agricultura do meio ambiente é aproximá-la.

Mosquera em off: As negociações também evoluíram para criar regras mais justas sobre a recuperação da Reserva Legal. Quem tem áreas de sobra poderia vender cotas de mata para quem tem área de menos. A proposta do novo código em debate no Senado, determina que as reservas desmatadas devem ser compensadas prioritariamente em áreas de alto valor ecológico. Especialista em manejo e conservação do solo, Gerd Sparovek, elogia a solução encontrada.

Prof. Esalq-USP, Gerd Sparovek: Ela resolve de uma forma muito satisfatória a questão das reservas legais

Mosquera em off: As novas regras incentivariam iniciativas como a do dono desta fazenda, em Campinas, São Paulo. Ele reflorestou a área que antes era destinada ao gado. Plantou frutíferas e árvores nativas para fazer o manejo sustentado.

Mosquera: Enquanto espera a hora certa para fazer o corte das árvores, para lucrar com a madeira certificada, a fazenda ganha dinheiro com aluguel de parte da área reflorestada para outras propriedades compensarem a falta da reserva legal.

Mosquera em off: Ambientalistas queria que apenas agricultores familiares ficassem livres de recompor a reserva legal, mas a isenção vai valer para todos os imóveis rurais com área que varia de 20 a 400 hectares, conforme a região do país. A proposta agradou a Confederação Nacional da Agricultura

Senadora, Kátia Abreu-PSD: A preocupação com a questão ambiental e com pessoas que são pequenas e de médias propriedades, pessoas que têm uma condição inferior aos grandes produtores, eu acho da maior importância levar tudo isso em consideração.

Mosquera em off: para a ministra do meio ambiente, o texto da Reserva Legal ficou muito próximo do que o governo esperava

Ministra Izabela Teixeira: Nós temos avanços importantes e creio em mais do que isso, a manutenção do estatuto da Reserva Legal é algo estratégico para conservação da biodiversidade do planeta e para a produção sustentável de alimentos.

Fátima: Amanhã na segunda reportagem da série, nós vamos conhecer as propostas dos senadores para quem desmatou áreas de proteção ambiental.

6) Data: 21.10.2011

Título: JN no Ar Registra Caos na Saúde Pública em Duas Cidades no MT

Local: Cuiabá e Várzea Grande

Repórter: Paulo Renato Soares

Fonte: TV Globo

Duração: 5'36"

Texto: Fátima: O JN no Ar foi para Mato Grosso mostrar uma situação de caos na saúde pública em duas cidades. O repórter Paulo Renato Soares conta o que foi que ele encontrou. Boa noite Paulo Renato

Paulo: Boa noite, Fátima. Boa noite a todos. Olha, as consequências dessa situação para os pacientes são terríveis. Ontem a noite e hoje de manhã nós vimos a boa vontade dos médicos e muito pouco além disso. No pronto de socorro aqui de Várzea Grande juntou a falta de investimentos com a superlotação, porque a história começa com o fechamento de um outro pronto socorro, o da capital do estado, Cuiabá, que fica aqui pertinho. Então, é muita gente num mesmo lugar, recebendo atendimento muito precário e é atendimento feito nos corredores e em qualquer lugar. Pessoas com problemas simples, mas também casos gravíssimos que precisam de cirurgia e não têm.

Paulo em off: Do Rio a Cuiabá são mil 700 kms. Depois de duas horas em meia de vôo, pousamos no fim da noite e fomos direto para o pronto socorro. Chegamos num momento em que a ambulância deixava mais um paciente na unidade de saúde. Um homem que sofreu um acidente de carro, mas como tantos outros, ele ia ter que ficar no corredor. Não havia espaço nem na sala de emergência.

Médico, Manuel Almeida: Aqui era para ficar atendimento cirúrgico e atendimento clínico, mas deu o primeiro atendimento definia para onde vai, se vai para UTI ou vai para a enfermaria, mas agora aqui....

Paulo: Virou leito

Médico: Virou leito.

Paulo em off: Em qualquer canto do pronto de socorre se improvisa um leito. Este rapaz, com fratura no braço, ficou no chão com a acompanhante, a noite toda. Ele esperava uma vaga no centro cirúrgico onde só uma das salas funciona. Os médicos têm que escolher quem vão socorrer.

Paulo: A gente viu o centro cirúrgico ocupado e se chegar um paciente em estado gravíssimo que precise de uma cirurgia?

Médico: Aí a gente tenta estabilizar ele ao máximo para suportar um pouquinho para poder operar em seguida. Neste momento como está ocupada a sala cirúrgica, não tem como...

Paulo em off: Nem o básico tem. Jaqueline cortou a cabeça num acidente de trânsito e não havia material para dar pontos. Hoje de manhã deu para ver melhor a extensão do problema.

Paulo: Praticamente todos os corredores do posto de socorro estão lotados. Para onde você olha tem paciente e a maioria das pessoas estão internadas, assim mesmo. Sentadas, nas macas, em pé... as condições são péssimas. Carla só ficou sentada porque trouxe a cadeira de casa

Carla Arruda: A gente se sente um lixo, né? Porque é tanto dinheiro sendo roubado e o sistema de saúde está essa calamidade, né?

Paulo em off: Para encontrar um paciente neste tumulto, as enfermeiras improvisam

Enfermeira (gritando): Ercílio! Fernando!

Paulo em off: A situação piorou depois que a unidade passou a receber pacientes de Cuiabá. O Pronto Socorro da capital fechou as portas na semana passada porque parte do teto desabou durante uma chuva. Segundo o superintendente do Pronto Socorro de Várzea Grande, antes do acidente o número de atendimentos já estava o dobro da capacidade e agora virou o caos. São mais de 600 pessoas por dia

Superintendente, Wagner Lopes: Nós estamos agora entulhados de pacientes, estamos com a questão dos medicamentos porque estamos gastando muito mais do que a gente gastava antes, além de materiais... Então, realmente estamos atendendo muito mal a esta pessoa que tanto sofre, a pessoa que vem aqui não tem convênio e que merece a nossa atenção.

Paulo em off: de acordo com o médico, a prefeitura responsável pela fundação que administra o Pronto Socorro, não repassou verbas este ano. O prefeito admite e disse que só tem condições de pagar os salários de médicos e enfermeiros.

Prefeito: A prefeitura tem sérios problemas financeiros, portanto, o Pronto Socorro gera hoje um déficit de 500 a 600 mil mensais. Paulo em off: Já o governo do Estado que transfere recursos para Cuiabá e Várzea Grande quer ficar com a gestão das duas unidades de saúde.

Sec. Estadual de Saúde, Pedro Henry: daqui a pouco eu ver ser obrigado a tomar uma medida mais drástica e fazer uma intervenção. E nós não queremos isso, nós queremos fazer uma transição pacífica

Paulo em off: No fim da manhã a justiça concedeu liminar a um pedido da Defensoria Pública para que outras unidades de saúde nos dois municípios também sejam obrigadas a atender casos de emergência, mesmo que não sejam conveniadas ao SUS. O defensor, Marcelo Leirão, diz que nos casos dos hospitais particulares, os custos terão que ser cobrados do governo do Estado.

Paulo: Eles podem alegar falta de estrutura para receber os pacientes?

Defensor, Marcelo Leirão: Eles podem até alegar, mas se ocorrer algum óbito ou alguma coisa lá eles vão incorrer no crime de omissão de socorro

Paulo em off: ver o Pronto Socorro de Várzea Grande menos lotado devolve esperança a Dona Rosalina. Aos 80 anos, ela espera há 3 meses por uma cirurgia na perna

Dona Rosalina: O médico chega e só fala: Guenta aí! E eu estou aqui...passando dor

Paulo: essa reportagem foi feita com apoio da TV Centro América, afiliada da TV Globo aqui de Mato Grosso e tem uma boa notícia que chegou no começo da noite. A informação da Assessoria de Imprensa do Pronto Socorro de Cuiabá. O Pronto Socorro deve reabrir amanhã e atender normalmente os pacientes. Uma informação que pode diminuir o sofrimento das pessoas daqui. Fátima, Bonner

Bonner: Obrigado, Paulo Renato, boa viagem de volta para você.

7) Data: 20.10.2011

Título: JN no Ar Investiga Crise na Saúde em Duas Cidades no MT

Local: Cuiabá e Várzea Grande

Repórter: Paulo Renato Soares

Fonte: TV Globo

Duração: 1'05"

Texto: Fátima: A equipe JN no Ar parte daqui a pouco para Mato Grosso. O tema da reportagem é uma crise na saúde que envolve duas cidades. O repórter Paulo Renato Soares está no aeroporto internacional do Rio de Janeiro. Boa noite Paulo Renato.

Paulo: Boa noite Fátima, boa noite a todos. É uma crise na saúde e o que é pior, no atendimento de emergência. Há uma semana o Pronto Socorro da capital de Mato Grosso, Cuiabá, teve que fechar as portas por causa de uma chuva forte: o teto de gesso ruiu e os pacientes tiveram que ser retirados as pressas. Com isso, o atendimento de urgência ou emergência na região passou a ser feito na cidade vizinha, Várzea Grande. Só que o hospital de lá também já operava no limite. A informação é que a unidade está um caos, por isso a gente vai até lá fazer uma reportagem com o apoio da TV Centro América, afiliada da TV Globo, para mostrar o que é que as pessoas estão passando. Bem, é isso, até amanhã. Fátima e Bonner

Bonner: Obrigado, boa viagem e bom trabalho Paulo Renato.

8) Data:14.10.2011No Doc:RJ52-0041229

Título: Programa inovador tenta criar municípios verdes no Pará visando diminuir desmatamento.

Local:Pará

Repórter: Fabiano Vilella

Fonte:TV Globo, TV Liberal

Duração:00:04'12"

Matéria: Editada

Sinopse:(Imagens aéreas) de áreas em floresta com desmatamentos / gado correndo em pasto / trabalhadores com facas e roupas de proteção em trabalhando em peças de carne em frigorífico / peças de carne embaladas em esteira / (imagens aéreas) de áreas em floresta com desmatamentos / entrevista com Daniel Azeredo, Procurador da República, sobre aumento de conscientização de produtores mediante novas regras - (sobe som) / pedestres em área urbana / (imagens aéreas) de áreas em floresta com desmatamentos / entrevista com Sidney Rosa, da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, fala que ação da Prefeitura e dos Sindicatos de Produtores Rurais deve verificar desmatamento do campo e coibi-lo / gado solto em pasto com proteção de arame / (imagem aérea) da floresta / várias de florestas com dados de levantamento do Instituto AMAZON / entrevista com Adalberto Veríssimo, pesquisador do AMAZON, fala que único fator que explica queda no desmatamento é a parceria entre setor publico, ONGs, produtores rurais, Ministério Público, compradores; que há um consorcio de entidades - (sobe som) / (vista aérea) de área urbana de Paragominas – ((arte)) mostra localização da cidade no mapa / (imagem fechada) de toco de arvore cortada / entrevista com Adnan Demachki, PSDB, prefeito de Paragominas, fala que chamaram a comunidade Pará fazer conscientização salienta a necessidade de mudarem o paradigma - (sobe som) / (stup) repórter Fabiano Vilella / plantio de árvores dentro de fazenda de pecuária / entrevista com Mauro Costa, produtor rural, fala que é preciso trazer propriedades para a legalidade e dar condições para que se mantenham assim - (sobe som) / monumento em praça com inscrição Bem Vindo a Paragominas / (imagem fechada) de toco de arvore derrubada / jovens que participam de programa de educação ambiental sentadas em muro com cadernos / instrutor falando a crianças - (sem sobe som) / entrevista com Nilson Pinto, Secretário de Promoção Social, fala que esse é o caminho da consolidação de uma atitude que permita usar a floresta de forma racional - (sobe som) / entrevista com Simão Jatene, PSDB, Governador do Pará, fala que é preciso que deixem de ser casos e se transformem em causas, que Amazônia pode dar bom exemplo para o Brasil e para o mundo - (sobe som) / (imagem aérea) da floresta tropical.

9) Data: 14.09.2011

Título: Famílias Retiradas da Reserva Raposa Terra do Sol Têm Dificuldade para plantar

Local: Roraima

Repórter: Cristina Serra

Fonte:TV Globo e TV Roraima

Duração: 5'12"

Texto: Fátima: Dois anos e meio depois da demarcação da reserva indígena Raposa Terra do Sol em terras contínuas, o JN no Ar foi a Roraima para mostrar como vivem os brasileiros diretamente afetados pela decisão da justiça. Cristina Serra, boa noite, o que você encontrou nessa segunda reportagem ao em Boavista?

Cristina: Boa noite Fátima, boa noite a todos. Olha, hoje nós conversamos com os produtores rurais retirados da reserva e vimos que principalmente os pequenos, estão enfrentando muita dificuldade para se recuperar. Eles se queixam do tamanho das terras que receberam em substituição as que tinham e também

do valor das indenizações. Sobre isso, a Funai afirmou que considera os valores adequados, que foram estabelecidos por uma comissão que segue critérios técnicos. Para fazer esse trabalho nós tivemos o apoio da TV Roraima, afiliada da Reder Globo. Vamos ver a reportagem.

Cristina em off: Depois de deixarem a terra onde trabalharam durante anos, esses produtores rurais tentam recomeçar.

Produtor, Laurence Hart: Velho e quase sem poder fazer nada para começar de novo.

Cristina em off: Eles estão entre as 340 famílias que saíram da Reserva Indígena, Raposa Terra do Sol, depois da decisão do Supremo Tribunal Federal em 2009, que determinou a retirada dos não índios.

Cristina: Segundo o Incra, 130 famílias foram reassentadas e 53 estão em processo de cadastramento para receber os lotes em assentamentos como este aqui. Mas as famílias reclamam que as terras são bem menores que as propriedades que tinham na reserva. Dizem também que a qualidade do solo é diferente e que não têm condições de produzir da mesma forma que antes. No assentamento Nova Amazônia encontramos uma situação extremamente precária: não há luz, nem água encanada. Seu Raimundo e Dona Celina tinham 400 cabeças de gado, plantavam laranja e banana na reserva indígena. Tiveram que deixar tudo para trás.

Dona Celina: Saí de dentro de uma casa boa e hoje eu estou aqui dentro dessa tapera. Tem até lama lá dentro porque quando chove molha tudo...Tem que levantar de noite pra tirar a água...Isso não é uma vida que eu queria para mim não, de jeito nenhum

Seu Raimundo: Agora é o capital né? Hoje eu não estou tendo nem para comer, to lhe dizendo!

Cristina em off: Outro problema para os assentados é o acesso aos terrenos. Algumas famílias estão assentadas em lotes de acesso tão difícil, tão complicado que nós tentamos chegar num desses lotes, mas não conseguimos.

Assentado: A realidade é essa que vocês estão vendo. É muito difícil e cada vez se torna pior

Cristina: O Incra também repassou três milhões e 300 mil hectares de terras federais para o governo de Roraima destinar às famílias.

Incra, Celso Lisboa de Lacerda: É mais do que o suficiente para poder reassentar todas as pessoas que foram desentrosadas da Raposa Terra do Sol.

Cristina em off: O governo do estado assentou 55 famílias, mas diz que nem todas as terras repassadas estão disponíveis e que o processo de regularização pode levar muitos anos.

Pres.-diretor Inst. De Terras de RR, Márcio Junqueira: São áreas já ocupadas, são áreas que não têm infraestrutura para reassentá-los e o governo federal tem que dar condições para que o Estado possa promover reassentamento.

Cristina em off: Na reserva havia sete grandes arrozeiros. As máquinas não pararam porque o plantio continua em terras fora da reserva, mas houve uma queda de 60% na produção.

Assoc. dos Arrozeiros, Genor Faccio: Nós tínhamos uma topografia excelente. Nós tínhamos umas áreas que não inundavam.

Cristina em off: Os arrozeiros tiveram direito apenas às indenizações pelas benfeitorias nas fazendas e discordam dos valores estipulados

Produtora de Arroz, Regina Silva: A Funai fez um documento no qual avalia um valor e paga menos que o valor que ela própria avaliou.

Cristina em off: O ministro, Ayres Brito, relator do caso da Raposa no Supremo, indica o caminho para quem está insatisfeito.

Ministro do STF, Ayres Brito: A esta altura o que se espera é que haja mesmo uma indenização justa nos termos da lei. E se isso não for possível no plano das gestões amigáveis, o poder judiciário está aí, de primeiro grau, para resolver esse impasse.

Cristina em off: Foi exatamente o que fez o Seu Ailton. Ele já ganhou e primeira instância, o direito de receber o dobro do valor da indenização.

Seu Ailton: Vou continuar na luta, não desisto.

Cristina em off: Numa área de ocupação irregular, nos arredores de Boavista, encontramos seu Olavo de 83 anos. Ele deixou a reserva em 2004, quando se acirraram os conflitos com os índios e hoje mora num pequeno quarto, feito de tábuas. Ele também se considera prejudicado por ter perdido a terra herdada do pai e que ele pretendia deixar para os netos.

Seu Olavo: Hoje nem tenho terra pra morar... que coisa, né? É uma tristeza, né?

10) Data: 13.09.2011

Título: Índios da Reserva Raposa Terra do Sol Divergem Sobre Situação Após Decisão do STF

Local: Roraima

Repórter: Cristina Serra

Fonte:TV Globo e TV Roraima
Duração: 6'09"

Texto: Bonner: A equipe do JN no Ar está em Roraima. A repórter, Cristina Serra, foi à Reserva Raposa Terra do Sol que representa 7,5% de todo o estado para ver como vivem os índios, desde que o Supremo Tribunal Federal se decidiu pela demarcação da área contínua das terras. Essa decisão obrigou à saída dos fazendeiros e de todos que não eram índios. Cristina, boa noite, o que é que você destacaria neste seu primeiro dia aí na região?

Cristina: Boa noite Bonner, boa noite a todos. Olha, duas coisas nos chamaram a atenção aqui nessa nossa visita na reserva indígena, Raposa Terra do Sol. A primeira delas é que os diferentes grupos indígenas que vivem dentro da reserva hoje em dia tem uma convivência bem menos tensa do que há dois anos e meio atrás. Naquela época, no auge da polêmica sobre a retirada dos arroteiros e dos não índios em geral de dentro da reserva, havia quase que um clima de confronto entre esses grupos indígenas. Por quê? Porque eles têm visões diferentes sobre a convivência com os não índios. Hoje em dia, apesar dessas divergências, eles conseguem ter uma convivência bem menos tensa e a gente percebe até um certo esforço de entendimento entre esses diferentes grupos indígenas. A outra coisa que nos chamou a atenção é que a reserva indígena tem muitos problemas ainda para resolver, um deles, muito grave, é o alcoolismo entre os índios dentro da reserva. Vamos ver a reportagem.

Cristina em off: A equipe JN no Ar chegou a Boavista pouco depois de meia-noite. De manhã cedo voamos em um monomotor até a terra indígena, Raposa Serra do Sol. A reserva tem 17 mil km², é mais de onze vezes o tamanho da cidade de São Paulo. Faz fronteira com a Venezuela e a Guiana. Vinte mil e 200 índios vivem aqui, em pequenas comunidades. Há dois anos e meio, o Supremo Tribunal Federal, confirmou a demarcação definitiva e determinou que apenas indígenas permanecessem na reserva. Fazendeiros que produziam principalmente arroz, tiveram que abandonar as propriedades.

Cristina: A retirada dos não índios ainda provoca muita polêmica aqui na Raposa Serra do Sol: parte dos índios considera que a situação melhorou, porque agora as terras pertencem apenas às comunidades, mas muitas famílias foram prejudicadas porque trabalhavam para os fazendeiros e perderam os seus empregos. O casal Elielva e Francisco ilustra o dilema de muitas famílias da reserva. Ela é índia macuxi, professora, ele é ex-empregado de uma fazenda de arroz. Casais miscigenados tiveram permissão para permanecer na reserva, mas Francisco está desempregado até hoje.

Desempregado, Francisco de Assis: Eu trabalhava com trator. A gente tinha uma vida muito melhor do que hoje

Cristina em off: Percorrendo as trilhas da reserva, chegamos a uma antiga fazenda de arroz. Quem toma conta das terras agora é o Seu João, índio macuxi que tem 12 filhos.

Cristina: Esse monte de entulhos foi o que sobrou das construções da antiga fazenda. Aqui ficavam os alojamentos dos trabalhadores, a cozinha e os depósitos de fertilizantes e equipamentos. Do lado de lá, ficavam os campos de arroz. Agora toda essa região é propriedade coletiva dos índios que querem recuperar a vegetação nativa. Seu João diz que a terra também é boa para a pastagem de gado

Seu João: Muita gente disse que o pasto ia ficar fraco, o gado ia morrer, o capim. Mas não aconteceu isso não.

Cristina em off: As comunidades indígenas tem 32 mil cabeças de gado. A produção agrícola é quase só para consumo interno. Muitos índios também recebem o bolsa-família. Com a sobrevivência mais ou menos garantida, a preocupação agora é outra. O utuxaua, Reginaldo, diz que o alcoolismo é uma herança pesada da convivência com os não índios

Chefe indígena, Reginaldo Bonifácio: Hoje o problema número um de todas as comunidades é a bebida alcoólica: a venda e o consumo de bebida alcoólica.

Cristina: Você tem ideia de quantos indígenas estariam já dependentes de álcool?

Reginaldo: É a maior parte dos indígenas hoje. Eles trocam o seu próprio alimento por bebida alcoólica para consumir e é porque ele já está dependente, né?

Cristina em off: A Funai reconhece a gravidade do problema

Coord. Da Funai em RR, André Vasconcelos: Nós sempre fazemos campanha de orientação para que seja combatida a bebida alcoólica. Existe da parte de todas as organizações, especialmente das mulheres indígenas, uma luta contra a bebida alcoólica. É proibido vender, é proibido comercializar e consumir bebida alcoólica dentro das comunidades.

Cristina em off: Para este antropólogo, o futuro passa pela busca de uma harmonia entre os modos de vida tradicional e os apelos da sociedade moderna.

Antropólogo, José Carlos Franco de Lima: São três grandes desafios. O primeiro é combinar desenvolvimento com tradição. O segundo é consolidar mecanismos de participação política com indefinição de políticas públicas. O terceiro, é construir uma sociedade que dê conta da diversidade cultural.

Cristina em off: O maior orgulho das comunidades são as escolas indígenas, como esta que visitamos. Com apoio de Ongs, a escola oferece o ensino médio e o curso técnico em agropecuária e manejo ambiental. A aula de hoje era a história da Raposa Serra do Sol.

Professora: Fazer com que

ela seja reconhecida mundialmente, principalmente para o nosso futuro

Cristina: O JN no Ar continua aqui em Boavista e amanhã nós vamos mostrar, como estão vivendo as pessoas que tiveram que sair da Raposa Serra do Sol. Nesse nosso trabalho, nós temos o apoio da TV Roraima, afiliada da Rede Globo. Até amanhã aqui no Jornal Nacional. Bonner, Fátima.

Fátima: Boa noite Cristina, então até amanhã

11) Data: 12.09.2011

Título: JN no Ar Vai Seguir Para Reserva Indígena Raposa Terra do Sol

Local: Altamira

Repórter: Cristina Serra

Fonte: TV Globo e TV Liberal

Duração: 1'25"

Texto: Fátima: A equipe do Jn no Ar vai decolar daqui a pouco para o extremo norte do Brasil, para a reserva indígena, Raposa Serra do Sol, em Roraima. A repórter, Cristina Serra, explica por que. Boa noite Cristina.

Cristina: Boa noite Fátima, boa noite a todos. Nós vamos mostrar a situação na terra indígena, Raposa Serra do Sol, dois anos e meio depois da decisão do Supremo Tribunal Federal que confirmou a homologação da reserva e determinou a retirada dos não índios, entre eles, os produtores de arroz. Os produtores reclamam e se queixam do valor das indenizações e dizem que não conseguem mais produzir como antes. Entre os índios, há divergências. Uma grande parcela está satisfeita porque agora a reserva está garantida para os índios que sempre viveram naquelas terras, mas há também os que reclamam porque trabalhavam para os fazendeiros e perderam seus empregos. Nós vamos mostrar tudo isso com o apoio da TV Roraima, afiliada da Rede Globo. Nosso tempo de voo, aqui de Brasília até Boavista será de três horas e 15 minutos. Então tá combinado, nós temos um encontro marcado aqui no Jornal Nacional. Fátima, Bonner...

Bonner: Boa viagem para você, Cristina.

12) Data: 26.08.2011

Título: Obras da Usina de Belo Monte Vão Afetar Cidades Vizinhas (3a reportagem)

Local: Altamira

Repórter: Cristina Serra

Fonte: TV Globo e TV Liberal

Duração: 5'15"

Texto: Fátima: O Jornal Nacional está apresentando esta semana uma série especial de reportagens sobre a usina de Belo Monte. Na primeira a repórter, Cristina Serra, mostrou as polêmicas envolvendo a maior obra em andamento no Brasil. A queixa de índios, de produtores rurais, de ambientalistas e de moradores de áreas que serão atingidas pelas barragens.

Bonner: Ontem, na segunda reportagem, nós vimos o trabalho de remoção de animais e de proteção de sítios arqueológicos antes do avanço das máquinas.

Fátima: Hoje você vai ver as transformações que a construção da usina está promovendo no coração do Pará.

(vinheta Belo Monte)

Cristina em off: A cidade de Altamira, às margens do Xingu, virou uma espécie de capital de Belo Monte e já sente a grande mudança.

Empresário, Vilmar Soares: Esse ano mais de 400 empresas já chegaram aqui e com essa demanda é automático que os preços aumentem. É só dar um pulo na feira

Moradora: A carne, o peixe, o frango, a nossa alimentação subiu demais

Cristina em off: E o preço do tomate?

Moradora: Era de dois antes, passou para dois e 50 e agora passou para três.

Cristina em off: Se a chegada de novos moradores provoca aumento nos preços, também acelera o crescimento da cidade. Este empresário mostra o terreno onde vai construir um hotel com 120 apartamentos.

Empresário: Isso é um empurrãozinho que precisava para essa locomotiva decolar.

Cristina em off: E não é só ele, para onde quer que se olhe, tem construção nova

Operário: Cavando esse prédio eu já vou começar outro.

Cristina em off: Além de Altamira, outras quatro cidades serão diretamente atingidas pela construção de Belo Monte: Vitória do Xingu, Brasil Novo, Senador José Porfírio e Anapu. Altamira é a maior, com cem mil habitantes e 160 mil km². É maior que Portugal e tem problemas antigos que precisam de solução.

Cristina: Nós estamos em Brasília. Não, não é a capital do poder. É esta região de palafitas aqui em Altamira, uma área de risco, onde as pessoas vivem em situação extremamente precária.

Cristina em off: São seis mil famílias. Agora que recebeu a licença de instalação, a Norte Energia, a empresa responsável por Belo Monte, vai ter que dar novas habitações para os moradores.

Moradora: Seria bom para a gente, porque aqui é uma ponte muito perigosa. Você está vendo aí, é tudo quebrado.

Cristina em off: Ninguém aqui sabe ao certo para onde vai. Dona Djanira tem medo do futuro

Dona Djanira: É que eu já gosto daqui demais, sou acostumada aqui já.

Cristina em off: A empresa também terá de adotar as medidas para compensar o impacto da migração na região. As estimativas variam de 50 mil a 100 mil pessoas a mais, que vão precisar de escolas, postos de saúde, saneamento básico e imagine as mudanças no trânsito da cidade, sem falar na preocupação com a segurança.

Moradora: A bandidagem vai vir junto com a barragem

Cristina em off: A polícia confirma. A criminalidade aumentou 28% neste ano em relação ao ano passado. Por contrato, a secretaria de segurança do Pará, vai receber 172 milhões de reais da empresa responsável por Belo Monte.

Delegado, Cristiano Marcelo: Todo empreendimento traz essas questões de novas oportunidades e a criminalidade também vem atrás disso

Cristina em off: Belo Monte está sendo erguida com o objetivo de aumentar o potencial de energia elétrica do Brasil.

Dir. de Planejamento da Minas e Energia, Altino Ventura: Esse custo ambiental, eu diria que ele é perfeitamente compatível e inferior aos benefícios que este empreendimento traz para a sociedade brasileira como um todo, pela energia elétrica que entrará nos terminais integrados, como para os benefícios das comunidades que vivem nas proximidades da usina.

Cristina em off: Belo Monte só perde para Três Gargantas, na China e Itaipú, no Paraná e custará ao todo, 26 bilhões de reais. Três bilhões e 700 milhões de reais, serão gastos com as compensações dos impactos sociais e ambientais e essas compensações tem que ser acompanhadas com rigor, afirmam cientistas e organizações da sociedade civil.

Biólogo, Hermes Fonseca de Medeiros: O Brasil precisaria instalar aqui um projeto de desenvolvimento que não seja de muito dinheiro durante seis anos e depois nada!

Cristina em off: No ano em que Altamira comemora o centenário de fundação, Belo Monte é um presente carregado de polêmicas. Um passo ainda incerto, rumo ao futuro.

Bonner: Nós exibimos três reportagens especiais sobre a usina de Belo Monte. Se você perdeu, ou se você quer rever alguma, visite a página do Jornal Nacional na Internet, lá você encontra os argumentos de quem é contrário à construção da hidrelétrica e também os de quem é a favor.

13) Data:25.08.2011

Título: Obras da Usina de Belo Monte precisam tomar cuidado com o meio ambiente

Local: Canteiro de obras de Belo Monte

Repórter: Cristina Serra

Fonte: T Globo e TV Liberal

Duração: 5'19"

Texto: Bonner: O Jornal Nacional está apresentando esta semana uma série especial de reportagens sobre a usina de Belo Monte. Na primeira, exibida anteontem a repórter Cristina Serra mostrou que a maior obra no Brasil em andamento é também a mais polêmica porque envolve discussões com ambientalistas, com produtores rurais e com moradores das áreas que serão afetadas pelas barragens.

Fátima: Hoje nós vamos ver como é complexa uma construção deste tamanho e tudo o que precisa ser protegido nos avanços das máquinas.

Cristina em off: No imenso canteiro de obras de Belo Monte, duas castanheiras ainda resistem de pé. No contraste da paisagem, o dilema entre o que deve ser preservado e a construção da usina, preocupação até do encarregado da obra.

Encarregado da obra, Cícero de Lucena: De primeiro eu achava até bonito derrubar uma árvore, hoje não. Hoje antes de derrubar eu tenho que pensar duas vezes.

Cristina em off: No comando dos operários, Seu Cícero se sente em casa. Veio do Ceará há 40 anos para abrir a Transamazônica.

Encarregado da obra, Cícero de Lucena: Eu, como não tenho medo de nada, eu vim

Cristina em off: A maior obra em andamento no Brasil, atrai trabalhadores de várias regiões. São os barrageiros, como Seu Francisco, que veio de Minas com a família. Um dos filhos trabalha sob o comando dele.

Operário, José Francisco: Com ele como empregado é mais difícil um pouquinho.

Cristina: E ele tem futuro como barrageiro?

Operário, José Francisco: Tem sim.

Cristina em off: Mas a empresa Norte Energia, que constrói Bel Monte quer dar prioridade à mão-de-obra da região e assim evitar uma migração em massa

Diretor de Construção, MarcoTulio Pinto: Estamos qualificando carpinteiros, pedreiros, armadores, operadores de máquinas

Cristina em off: José aprende a operar uma escavadeira usando um simulador. Aos 42 anos, vai ter a carteira assinada pela primeira vez

Cristina: Mudança total de vida?

Operário, José: Eu acredito que sim.

Cristina em off: A hidrelétrica está sendo construída entre os municípios de Altamira e Vitória do Xingu. Só deve operar a plena carga em 2019. Até lá...

Diretor de Construção, Marco Tulio: É uma operação de guerra.

Cristina em off: Os desafios são enormes. Antes da usina é preciso construir três alojamentos onde nos próximos anos vão morar 20 mil trabalhadores. E conseguir transportar equipamentos e máquinas pesadas pela Transamazônica. O principal acesso à região, mais parece uma pista de Rally.

Cristina: Boa parte da Transamazônica é assim, não tem asfalto e no verão, as nuvens de poeira se formam a todo momento. É tanta poeira que a gente mal consegue enxergar um palmo adiante.

Dir. da Norte Energia, Luis Fernando Rufato: Se você não estiver com esta estrada pronta na seca, você não consegue trafegar nela na chuva. Você então não tendo acesso a esses sítios, você tem problemas de abastecimento de comida, de combustível, de máquinas chegando lá.

Cristina em off: Com o asfalto chegando, a obra ganha ritmo. São várias frentes de trabalho. É assim que nasce na estrada no meio da floresta.

Cristina: A primeira parte do trabalho é desmatar com foices e facões para depois entrarem as máquinas. Essa estrada que está sendo aberta aqui vai permitir a passagem de caminhões e equipamentos para os canteiros da obra. Ao todo para erguer Belo Monte, serão construídos 260 km de estradas.

Cristina em off: Biólogos acompanham tudo. Os bichos que vivem por aqui têm que ser preservados. É uma das exigências do Ibama para reduzir os danos ao meio ambiente.

Biólogo, Flávio Poli: O bicho, ele tem o extinto dele de sobrevivência, então com o menor barulho, ele já está procurando fugir.

Cristina em off: Os que não conseguem fugir, são resgatados e soltos em lugar seguro. Em dois meses e meio, já foram resgatados 1200 animais, como essa jibóia e também esta cobra mussurana, ela não é venenosa e vai logo querendo intimidade.

Cristina: Uma pulseira! Que barato!!

Cristina em off: Na hora de desmatar, de olho no futuro, é preciso lembrar que a Amazônia tem um passado. Arqueólogos procuram vestígios das populações indígenas que viveram há mais de mil anos aqui. De caco em caco vão montando o quebra-cabeça, descobrindo quem eram esses índios e como viviam. Mais uma exigência para a construção da usina. Desta vez do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Arqueólogo do IPHAN: Sempre viveu muita gente aqui na Amazônia e de maneira, inclusive, sustentável. Alguma lição elas devem ter para nos ensinar...

Bonner: Na reportagem de amanhã, as cidades vizinhas a Belo Monte diretamente atingidas pela obra gigantesca da usina hidrelétrica.

14)Data:23.08.2011No Doc:RJ52-0040986

Título: Belo Monte é a maior e mais polêmica obra em andamento no país.

1ª Matéria

Local: Pará

Repórter: Cristina Serra e Almir Queiroz

Fonte: TV Globo

Duração: 00:07'26"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: O Jornal Nacional começa a exibir hoje uma série especial de reportagens sobre a usina da Belo Monte. É a maior obra em andamento no Brasil neste momento e a mais polêmica também.

Fátima: Os repórteres, Cristina Serra e Almir Queiroz mostram por quê.

(vinheta Belo Monte)

Cristina em off: É um espelho onde o céu e o rio se confundem. O Xingu percorre 1900 kms. Sai do Cerrado, em Mato Grosso e segue rumo à floresta amazônica, no Pará. É aqui que será construída a hidrelétrica de Belo Monte, entre as cidades de Altamira e Vitória do Xingu. A usina terá duas barragens e dois reservatórios: o primeiro não altera o leito do rio, só alarga as suas margens, o que corresponde ao que é o Xingu hoje em período de cheia, o segundo reservatório, vai alargar o que hoje é terra firme, pasto e floresta. Um canal ligará os dois reservatórios. Com isso o curso natural do rio será desviado. Esta área onde hoje o Xingu, faz uma imensa curva, a chamada "Volta Grande", terá a vazão reduzida (índio cantando). É por isso que os índios entoam cantos de guerra.

Índio: Sem a água, não tem comunidade viva, né?

Cristina em off: Essa briga não é de hoje. Os primeiros estudos há 30 anos previam a inundação de terras indígenas. Em 89, o engenheiro da Eletronorte, José Antônio Muniz, sentiu na pele a indignação de uma guerreira Caiapó, a índia Tuira.

Dir. Transmissão da Eletronorte, José Antônio Muniz: Num momento, assim inesperadamente, ela vem com aquela coisa e bate de um lado e aí eu senti que era um facão. Bateu de um lado, bateu do outro e bateu do outro.

Cristina em off: Há três anos, outra agressão. Os índios também atacaram com facões o engenheiro, Paulo Fernando Rezende. O projeto mudou, nenhuma aldeia será alagada. A preocupação agora é com a falta d'água.

Índio: Para nós uma água benta.

Cristina: As populações ribeirinhas e os índios que vivem por aqui temem que o transporte fique ainda mais difícil e que diminua a fartura de peixes que existe aqui na região.

Cacique Caiapó, Ireó: Quem sabe se vai acontecer a guerra? Branco morre, índio morre e até no final, eu quero ver se vai acontecer esse barramento!

Cristina em off: Mas por uma exigência da Funai e do Ibama, a água terá que ser assegurada na Volta Grande. De acordo com o projeto, na época da chuva, quando o rio enche, parte da água será desviada para a usina. Na época da seca, para manter a vazão na Volta Grande, a usina poderá reduzir a produção de energia ou até parar.

Presidente da Funai, Márcio Meira: As condicionantes é que esteja sempre mantida a vazão que é chamada a vazão ecológica, para que esse modo de vida seja preservado.

Cristina em off: Para os agricultores, o problema é outro.

Agricultor, Seu Manuel: Muito lindo né? (contemplando a floresta) O som da floresta é o que eu mais adoro...

Cristina em off: Seu Manuel mostra com orgulho a floresta que tem na sua propriedade. É uma reserva legal registrada no Ibama, com todos os impostos pagos.

Agricultor, Seu Manuel: Tem mais de cinco mil árvores. Eu já contei essa madeira todinha aqui.

Cristina em off: Tudo isso vai dar lugar a um dos reservatórios e seu Manuel foi informado que só será indenizado por uma parte da fazenda onde tem gado e cacau.

Agricultor, Seu Manuel: Eu acho impossível. Eu preservar a minha mata pensando nos meus filhos, nos meus netos, depois bisnetos... para uma hora dessa eu entregar de mão beijada.

Cristina em off: Agricultores vizinhos de Seu Manuel, estão na mesma situação.

Agricultora, Ana Alice Santos: O próprio governo incentivou a gente a preservar. E aí agora com o projeto de Belo Monte quem tem mata, o local preservado, não vai ser indenizado.

Cristina em off: Mesmo depois do início da obra, o Ibama ainda não tem uma solução para esses casos.

Dir. Licenciamento Ambiental, Ibama, Gisela Forattini: Estão sendo implementados e acompanhados par e passo, pelo Ibama, fóruns de acompanhamento social desse empreendimento. Então

questões específicas como essa serão discutidas nesses fóruns e levadas a nosso conhecimento e ao conhecimento da empresa e aí dirimidos os possíveis conflitos.

Cristina em off: O Ministério Público Federal entrou na justiça, questionando desde os estudos que permitiram a concessão da licença para a instalação da usina, até a maneira como as audiências públicas foram conduzidas. Doze ações aguardam julgamento

Procurador do MPF, Cláudio Terre do Amaral: Os estudos não são conclusivos. A modelagem de qualidade da água, a modelagem matemática, não está no nível do que se necessita para ter certeza da adequação dessa água para a população.

Dir. Licenciamento Ambiental, Ibama, Gisela Forattini: Esses estudos ambientais de Belo Monte são de boa qualidade, porque foram analisados por uma equipe de excelência que nós temos.

Cristina em off: Belo Monte será a terceira maior hidrelétrica do mundo. Terá capacidade para produzir onze mil e 200 megawatts de energia, mas devido ao regime de cheia e seca do rio, a produção média será de quatro mil megawatts, o suficiente para abastecer 18 milhões de residências.

Dir. de Construção da Norte Energia, Luis Fernando Rufato: Isso daí nós não podemos abrir mão, nós temos que usar. Isso é o potencial do Brasil, dos brasileiros, que é para a gente ter essa garantia de que nós vamos ter energia barata, renovável, sem depender de nada.

Inst. Sócioambiental, Marcelo Salazar: O custo de Belo Monte, ele é muito maior do que o custo que está sendo ventilado pelo empreendedor. Você tem diversos impactos socioambientais nessa obra que vão muito além da área de abrangência de construção dessa obra, que não estão sendo dimensionados.

Cristina em off: Polêmica e dúvidas também entre as comunidades ribeirinhas. Várias serão alagadas e outros ficam onde serão instalados os canteiros de obras. A empresa que constrói Belo Monte, terá que indenizar os moradores ou construir novas moradias. Mas os locais para onde serão levados, não foram escolhidos. Dona Cláudia, que há 40 anos mora na comunidade Santo Antônio, está angustiada.

Dona Cláudia: Eu me senti triste porque agrado de viver num sossego muito bom aqui, sabe?

Cristina em off: Toda essa mudança tem um motivo claro para o governo: garantir energia para o país.

Secretário de Planejamento das Minas e Energia, Altino Ventura: O nosso país é um país que está crescendo e necessita de aproximadamente cerca de 7 mil megawatts por ano nos próximos dez anos, para permitir esse crescimento econômico do desenvolvimento do nosso país.

Cristina em off: Hoje, o Xingu é o ganha-pão da pescadora Alcilene.

Pescadora, Alcilene: Piau, Pacu, Corvina, Curimatá,

Cristina em off: mas ela já sabe que o seu modo de vida simples está no caminho de uma força avassaladora.

Pescadora, Alcilene: Isso é o progresso, né?

Bonner: Depois de amanhã, na segunda reportagem da série, você vai ver o que há no caminho das máquinas, no canteiro de obras. Árvores, animais e um grande material arqueológico da Amazônia.

15) Data: 07.06.2011

Título: JN no Ar visita o Pará após série de assassinatos no campo

Local:Pará - Nova Ipixuna e Marabá

Repórter: Cristina Serra

Fonte:TV Globo e Tv Liberal

Duração:4'32"

Texto: Fátima: A onda de violência no campo, levou o avião do JN no Ar ao Pará. Nós vamos agora a cidade de Marabá, no sudeste do estado. Cristina Serra, boa noite.

Cristina: Boa noite Fátima, boa noite a todos. Bom, a equipe do JN no Ar passou o dia aqui em Marabá e em Nova Ipixuna, investigando a onda de violência no campo e os recentes assassinatos de trabalhadores rurais. Encontramos pessoas amedrontadas, pessoas ameaçadas de morte, enfim, um grande clima de tensão aqui na região. Nesse trabalho nós tivemos o apoio da TV Liberal, afiliada da Rede Globo aqui no Pará. Vamos ver a reportagem.

Cristina em off: O avião do JN no Ar, chegou a Marabá por volta da onze e meia da noite. Antes do nascer do sol, nossa equipe partiu para Nova Ipixuna, a cidade de 15 mil habitantes, chamou a atenção do país há duas semanas por causa do assassinato dos lavradores, José Cláudio da Silva e Maria do Espírito Santo. Eles coordenavam a extração sustentada de frutos da floresta, como castanha, andiroba, cupuaçu e açaí. Entramos no assentamento Praia Alta e Piranha, onde o casal vivia.

Cristina: José Cláudio da Silva e Maria do Espírito Santo vinham de moto por esta estrada. Ao chegar aqui neste ponto, eles reduziram a marcha para passar aqui por esta ponte em precárias condições. Aqui, eles já eram aguardados por dois pistoleiros escondidos na mata. Os pistoleiros atiraram no casal e arrastaram os corpos para esse outro lado da estrada. Para o advogado da Comissão Pastoral da Terra, que monitora a violência no campo, o assassinato do casal é um típico crime de encomenda.

Advogado, José Batista Afonso: José Cláudio, ele teve parte da sua orelha retirada. Nessa região do Pará é comum nos crimes de encomenda a se exigir que leve a orelha como prova da execução do crime.

Cristina em off: José e Maria vinham sendo ameaçados há meses, por conta de denúncias que faziam contra a extração ilegal de madeira dentro do assentamento.

Delegado da PF, Marcelo Seiller: O que nós temos na investigação são as ameaças que o casal sofria, em virtude da atuação deles na região, tentando coibir a grilagem de terras e a extração ilegal de madeiras.

Cristina em off: Hoje a polícia civil divulgou o retrato falado dos dois pistoleiros. O assassinato do casal e de um outro trabalhador rural dias depois, amedrontou os moradores da região. Essa casa é da Dona Laíza, irmã da Dona Maria, que foi assassinada. A família foi embora para Marabá depois do crime. No total, nove famílias do assentamento, deixaram suas casas assustadas com a onda de violência. Quem ficou também está com medo. Dona Bárbara conta que seu marido já foi ameaçado por um fazendeiro.

Dona Bárbara : Nem se dá mais para dormir com medo de ficar aqui.

Cristina em off: Segundo um levantamento da Comissão Pastoral da Terra, 28 pessoas estão ameaçadas de morte no Pará. Sete estão sob proteção dos governos federal e estadual. Uma delas é Maria Joel, viúva de um sindicalista assassinado no ano 2000 e testemunha do crime.

Viúva agricultora, Maria Joel da Costa: As ameaças são feitas através de telefonemas, recados, bilhetes....

Cristina em off: Ainda de acordo com a Pastoral, em 26 anos foram registrados quase 700 assassinatos ligados à violência no campo no Pará. Apenas nove mandantes acabaram sendo condenados. Só um está preso: É Vitalmiro Bastos de Souza, o Bira, que encomendou o assassinato da missionária, Dorothy Stang, em 2005.

Advogado da Pastoral: A permanência da impunidade é o incentivo à continuidade da violência no campo.

Cristina em off: Na volta deparamos com um bloqueio na estrada. Madeireiros e comerciantes exigiam falar com a equipe do JN no Ar para liberar o caminho. Depois do crime o IBAMA fechou serrarias ilegais na região e o comércio foi afetado.

Assoc. Comercial de Nova Ipixuna, Egilberto Sales: Hoje nós temos em torno de 400 pais de famílias desempregados diretamente.

Cristina em off: A estrada que liga Marabá a Belém, ficou interditada durante quatro horas. Enquanto o clima de insegurança parece aumentar, a família do casal de extrativistas espera que mais um crime não fique impune e procura ter fé na justiça.

Familiar: Meio incrédulos, nós acreditamos ainda. Bem, estamos aqui, mas, também o medo continua...

16)Data:06.06.2011 No Doc:RJ52-0040604

Título: Série Sobre Fronteiras Brasileiras : Autoridades Avaliam Denúncias Apresentadas sobre Fronteiras Brasileiras

6ª Reportagem

Local:Mato Grosso, Amazônia, Paraná e Brasília.

Repórter:Cezar Tralli

Fonte:TV Globo

Duração:00:05'10"

Matéria: Editada

Texto: Bonner: Na última reportagem da série sobre a situação das fronteiras brasileiras, os nossos repórteres mostram hoje como é fácil contrabandear gasolina entre o Brasil e o Peru.

Fátima: E o que diz o governo sobre as denúncias apresentadas no Jornal Nacional.

(vinheta: Fronteiras)

Cesar em off: O rio mais agitado do que muita avenida de cidade grande. O combustível que movimentava Tabatinga, no Amazonas, é gasolina peruana ou contrabandeada. Basta atravessar o Solimões, tanques a céu aberto, postos improvisados. 90% da clientela, brasileiros atraídos pelo preço baixo.

Cesar: O litro está quanto?

Vendedora peruana: R\$ 2
Cesar: Lá vai pagar quanto?
Comprador brasileiro: R\$3,20 tá no Brasil
Cesar em off: A comerciante peruana também vende no atacado e dá desconto
Cesar: Cem litros quanto dá? Quanto em real?
Vendedora peruana: o litro sai a R\$ 1,60
Cesar em off: Na nossa margem uma bela lancha da Receita Federal. Está quebrada faz um ano.
Subsec. de Aduanas da RF, Ernani Checcuci: Tem que passar pelos processos normais de licitação para contratação da manutenção e a nossa expectativa é que ela volte a operação o mais rápido possível.
Cesar em off: De Tabatinga no Amazonas, descemos mil e 800 kms até Cárceres, no Mato Grosso.
César: A região de Cárceres aqui no Mato Grosso é uma das principais portas de entrada hoje de toda a cocaína que é produzida lá na Bolívia e abastece o tráfico no Rio, em São Paulo e em outras capitais brasileiras. Apesar de toda a gravidade dessa situação, a Receita Federal não tem gente suficiente para fazer a fiscalização 24 horas por dia.
Cesar em off: Nos postos de controle, de norte a sul do Brasil, a Receita Federal tem apenas 600 funcionários. Para dar conta do recado, faltariam 430 servidores, segundo o indicado pelos analistas tributários.
Subsec. de Aduanas da RF, Ernani Checcuci: A Receita Federal está sim atenta a esta questão dos servidores. Os recursos disponíveis obviamente são limitados e este ano estamos em torno de 618 milhões de mercadorias apreendidas. Isto tem sido o Record do trimestre em relação ao ano passado
Cesar em off: Nos lugares onde falta fiscalização rigorosa, o crime organizado aproveita.
Juiz Alex Figueiredo: Quando se faz uma apreensão de 300 a 400 kgs de cocaína, você pode ter certeza que vinte vezes isso, já passou.
César: Não é pela terra, nem pela água. Hoje a maior parte da cocaína produzida na Bolívia entra no Mato Grosso pelo ar. As quadrilhas usam cada vez mais pequenos aviões para cruzarem a fronteira e a droga literalmente cai do céu.
Delegado da PF, Dennis Maximino: Os aviões saem da Bolívia, dão rasantes ali numa facha próxima da fronteira e fazem o arremesso do ar do entorpecente. Não há tempo hábil para fazer essa interceptação.
Cesar em off: As duas bases da aeronáutica mais perto daqui estão fora do estado. Uma fica em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, e a outra em Porto Velho, Rondônia. A justiça defende a presença permanente da força aérea em Cárceres.
Juiz, Carlos Roberto Santos: Para interceptar a entrada de aviões e ter mais agilidade.
Cesar em off: Espionagem à distância para surpreender a ação do tráfico e do contrabando. Este galpão perto de Foz de Iguaçu, no Paraná, guarda desde março o Vant, avião de vigilância operado por controle remoto. Mas o que está impedindo o novo equipamento de levantar vôo pra valer? É falta de dinheiro?
Ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo: Infelizmente eu não falo de recursos financeiros, eu falo de recursos e situações legais. O Vant deverá estar sobrevoando as fronteiras brasileiras em agosto ou setembro deste ano.
Cesar em off: O orçamento do Ministério da Justiça perdeu um bilhão e meio de reais este ano. Policiais federais que estavam nas fronteiras, reclamam que estão sentindo o corte na pele.
Delegado Federal, Chang Fan: Estamos tendo infelizmente, restrições de toda a forma: de verba, combustível e por aí vai. A União tem que dar uma atenção em breve a esta região de fronteira aqui, porque a criminalidade tem invadido bastante
Ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo: Eu acredito que as nossas fronteiras são vulneráveis, infelizmente.
Cesar em off: O Ministro da Justiça falou em Brasília sobre as denúncias que estamos mostrando aqui no Jornal Nacional desde a semana passada, na série especial sobre as nossas fronteiras terrestres.
César: Como é que senhor vê esta questão da falta de recursos para o trabalho nas fronteiras
Ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo: Há uma orientação muito clara da presidente, Dilma Rousseff, que esta questão seja tratada como prioridade. É por esta razão inclusive, que a partir do plano que nós estamos estruturando e que será agora divulgado, foram alocados recursos necessários para nós fazermos essa intervenção.
César: O senhor vai botar mais policiais federais nas fronteiras? Qual é o compromisso do senhor nesse aspecto?
Ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo: Nós vamos aumentar os recursos materiais e humanos na perspectiva de execução deste plano.

17) Data: 20.05.2011

Título: Série Blitz na Educação - Professores e alunos do Norte do Brasil enfrentam vários problemas.

Local: Região Norte como um todo

Repórter: Fabiano Villella e André Luiz Azevedo

Fonte: TV Globo

Duração: 2'17"

Texto: Fátima: A região Norte foi o destino da última parada da Blitz do JN no Ar. Como nos outros dias a nossa equipe visitou duas escolas que tiveram a pior e a melhor nota, segundo a avaliação do Ministério da Educação.

Bonner: Nós vamos dar primeiro algumas informações gerais sobre o ensino no norte do Brasil.

Fabiano Villella em off: Na região mais extensa do Brasil são três milhões de alunos nas escolas públicas do ensino fundamental. O Pará concentra metade das matrículas. 30% dos estudantes vivem na zona rural. São jovens do campo, das aldeias, da beira dos rios, que para estudar costumam enfrentar longas distâncias. Nas comunidades mais isoladas, a geografia da floresta é que determina a rotina dos estudantes. Para se deslocar entre a casa e a escola, os ribeirinhos, por exemplo, têm que acordar muito cedo. Geralmente três a quatro horas antes da aula. Só aqui nas ilhas da região metropolitana de Belém, vivem mil e 200 alunos que têm de viajar de barco todos os dias para estudar.

Especialista em Educação, Salomão Hage: Ele tem que andar um perímetro a pé, depois ele pega bicicleta ou montaria, depois de barco... isso vai gastando tempo. Resta pouco tempo para ele colaborar nas atividades produtivas, para ele participar da comunidade onde ele se insere. Ele vai e volta e fica cansado.

Fabiano Villella em off: O deslocamento é ainda maior nos municípios que adotam a nucleação: sistema em que os alunos da zona rural são transferidos para as escolas nas cidades.

Professor da UFPA, Orlando Nobre: A questão maior é aproximar ao máximo a escola dos alunos. A escola da sua comunidade para ela não ser uma coisa distante das realidades dos alunos. O norte tem 20 mil escolas públicas: é mais do que no sul e no centro-oeste. São 115 mil professores no ensino fundamental. Nas áreas rurais, professores têm que dar conta de várias turmas ao mesmo tempo, no mesmo espaço.

Especialista em Educação, Salomão Hage: Elas funcionam em casas dos moradores, dos professores, de lideranças locais, em barracões, salões de festa. É a precariedade das condições da escola somada a pouca formação que o professor tem para o trabalho nas escolas multiseriadas. A inexistência de material pedagógico adequado, entendeu? Faz com que o ensino não seja de boa qualidade.

18) Data: 20.05.2011

Título: Série Blitz da Educação - Alunos do Norte têm que enfrentar longos deslocamentos para estudar

Local: Belém

Repórter: André Luiz Azevedo

Fonte: TV Globo com apoio da TV Liberal

Duração: 6'05"

Texto: Bonner: E a última parada da equipe da Blitz da Educação foi em Belém, que tem quase um milhão e 400 mil habitantes e nós vamos ver como foram as visitas de hoje com André Luiz de Azevedo. Boa noite, André.

André: Muito boa noite a todos que nos assistem. A reportagem da Blitz do JN no Ar desta noite, vai falar de uma realidade que infelizmente muitos estudantes brasileiros já conhecem: a insegurança na escola e a falta de aulas por causa de greve dos professores. Qual a consequência de tudo isso? O resultado do IDEB diz: uma consequência triste. Mas, vamos ver como foi a reportagem que eu fiz com o apoio da nossa afiliada local, aqui de Belém, no Pará, a TV Liberal.

André em off: Saímos ontem a noite de Goiânia em direção ao norte. Foram mais de 1794 kms, em duas horas e 18 minutos, até Belém, no Pará. No nosso roteiro aqui estão duas escolas: a primeira com nota 1,4 e a outra, com 6,2, na avaliação do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica; uma delas está em greve. Com o sol nascendo, vamos em direção à periferia. As crianças seguem a rotina diária. Entramos por um bairro com problemas de violência, a polícia faz rondas. Nós estamos chegando à escola Cidade Mause, junto com alguns estudantes ainda no comecinho do dia, numa escola, Gustavo, com nota 1,4. É uma região

que a gente percebe pelo policiamento e pelo o que as pessoas dizem, com problemas de segurança. Qual a influência da segurança no resultado da escola?

Especialista em Educação, Gustavo Ioschpe: É aparentemente nessa zona o problema da segurança é tão sério que faz com que professores, provavelmente, queiram evitar aula neste local, talvez até os pais, de virem às reuniões com as suas crianças. Então quando a violência chega neste nível de seriedade, pode sim ser um impeditivo muito importante ao aprendizado de qualidade.

André: Bom dia, amigo, tudo bem? Podemos entrar para falar com o diretor? Por onde é que a gente caminha aqui?

André em off: Encontramos a diretora. Hoje, ela enfrenta um problema diferente.

André: As aulas começam a que horas?

Diretora Marluce Matos: As sete e meia.

André: São vinte para as oito e muitos professores não chegaram ainda?

Diretora, Marluce Matos: Até agora não chegaram e eu acredito que eles não vão vir.

André em off: Os alunos não sabiam da paralisação e vieram muitas mães também.

Mãe de aluno: Eles falaram que ia ter paralisação hoje, mas eu vim pra ter certeza.

André em off: As crianças ficam sem ter o que fazer. A escola era de uma Organização Não Governamental e passou para a administração do Estado. O ambiente recria a estrutura de uma aldeia de índios. Mesmo sem aula, o especialista Gustavo, busca informações para saber porque a escola recebeu uma nota tão baixa do Ideb.

Diretora Marluce Matos: Praticamente as crianças do primeiro grau trocando de professores a cada três meses

Especialista em Educação, Gustavo Ioschpe: Pois é André, a gente chegou aqui preocupado com a questão da violência contra a escola e acabou por descobrir que a violência é da escola com o seu próprio aluno. O aluno aqui é um pouco abandonado, tem greve todos os anos. Tem tanta greve aqui que a professora me disse que o aluno chega para ela e diz: ô professora vai grevar de novo? A greve já virou verbo. O diretor da escola é o terceiro diretor em menos de dois anos. Então é uma situação de tanto abandono, de tanta falta de aula, de tanta confusão que é muito difícil realmente os alunos aprenderem dessa maneira.

André em off: Os professores das redes municipal e estadual de Belém pararam hoje. Muitos estão aqui nesta assembléia que c uma proposta de aumento salarial para a categoria. Nós tentamos conversar com os professores da escola que visitamos a pouco

Professora pergunta ao microfone da Assembléia: Tem algum professor aqui da escola Cidade de Emaus?

André em off: Sem sucesso partimos para a instituição com a melhor avaliação da cidade. É um colégio restrito aos filhos de militares e funcionários civis da aeronáutica. Passamos pelos bloqueios e chegamos bem na hora do recreio. Muita festa e brincadeira da criançada. Aqui estudam alunos do primeiro ano do ensino fundamental ao último do ensino médio. É uma escola federal, mas que se assemelha a uma particular, porque os alunos pagam mensalidades de 60 a 221 reais. Este é um lugar de disciplina e organização com boas instalações. A professora, Elen Rosa, dá aula para crianças que estão sendo alfabetizadas. É formada em pedagogia e tem salário de dois mil 470 reais. Alguns colegas dela, chegam a receber sete mil reais por mês.

Diretora, Deusélia Nogueira : Você tem uma faixa salarial alta, você vai ter pessoas bem mais qualificadas procurando esse salário.

André em off: Lá na escola de pior nota, fechada, Luane sonha com um ensino melhor ou um futuro melhor.

André: Você quer ser o que quando você crescer? Já pensou?

Aluna: Juíza.

André: Tem que estudar muito....

Aluna Luane: Eu sei disso

André em off: Num colégio fraco e com pouco suporte em casa, ela tem uma luta grande pela frente

Aluna Luane: Eu falei assim mesmo para a minha mãe: mãe sempre tem tempo para a gente ser alguma coisa na vida

André em off: Luane merece uma escola digna como tantos brasileiroinhos. Ela só quer aprender e crescer. Mesmo sem aula e sem ninguém pedir, Luane faz uma redação para a gente

Aluna Luane: Escola Cidade Dmauss, data 20 do 5 de 2011. Disciplina português. Eu tenho uma coisa para falar para as crianças. Sempre eu passo e vejo crianças trabalhando nas ruas, e isso é triste então, não trabalhem na rua gente porque muitas coisas podem acontecer. Criança não pode trabalhar porque suando a camisa com um martelo na mão, pode se machucar...

Especialista em Educação, Gustavo Ioschpe: Se a gente puder deixar um recado para o pai e para a mãe que está nos ouvindo é: sempre apóie o seu filho, porque algumas escolas infelizmente desistem dos seus alunos e se os pais também desistirem e chamar o filho de burro, de preguiçoso, aí é que este filho está perdido. O pai e a mãe deve sempre achar que o seu filho pode ser o primeiro brasileiro a ganhar o prêmio nobre.

19) Data: 28.04.2011

Título: Ambientalistas e produtores estão longe de acordo sobre tamanho da reserva legal

Local: vários

Repórter: Julio Mosquera (texto)

Emerson Soares (imagens)

Duração: 5'27"

Texto: Fátima: A série que o Jornal Nacional apresenta nesta semana sobre o novo código florestal, mostra hoje um dos pontos mais polêmicos do projeto.

Bonner: Ambientalistas e produtores ainda estão muito longe de um acordo sobre o tamanho da Reserva Legal: que é aquela parte das propriedades que deve ser preservada.

Julio em off: Agricultores encontraram nos campos dos Pampas gaúcho o ambiente ideal para os arrozais. Em Uruguai, na fronteira do Brasil com a Argentina, está um dos mais eficientes pólos de produção de arroz do mundo e também uma trincheira contra a Reserva Legal

Produtor rural, Ramiro Toledo: O pampa ao natural não tem árvore. Ninguém desmatou essas áreas. Então a Reserva Legal não vai acrescentar em nada...

Julio em off: O professor, Henrich Hasenack, se especializou no estudo do Pampa gaúcho. Ele defende a reserva como vital para o equilíbrio de qualquer ambiente

Prof. UFRGS, Henrich Hasenack: Temos interesse de conservar todo o tipo de paisagem. Se isso vale para uma região, isso deve valer para outra também.

Julio em off: A Reserva Legal é a área de mata nativa que deve ser preservada dentro de uma propriedade rural. O projeto do novo Código Florestal em debate na Câmara dos Deputados propõe três tamanhos de reserva na Amazônia Legal. 80% para os imóveis em áreas de Floresta, 35% em área de Cerrado e 20% nas áreas de Campos Gerais. Nas demais regiões do país, também, 20%. O projeto inova ao autorizar que a Área de Preservação Permanente – APP, locais frágeis à beira de rios, topos e encostas de morros, seja usada para compor a Reserva Legal. A Confederação Nacional da Agricultura resiste à exigência de deixar uma parte da propriedade intocada.

Pres. CNA, Kátia Abreu: Não é justo com os brasileiros que nós possamos diminuir a área de produção de alimentos, para depois importar alimentos de países que não tem Código Florestal e muito menos Reserva Legal

Julio em off: Ambientalistas defendem a Reserva Legal como um benefício também para a Agricultura.

Superintendente de Conservação da WWF, Carlos Scaramuzza: A gente tem uma imensa oportunidade de criar uma marca “made in Brazil”, igual a “produto ambientalmente correto” sem contribuir para o desmatamento e sem contribuir para o aquecimento global.

Julio em off: A recomposição da Reserva Legal não se fará do dia para a noite. Quem desmatou mais do que devia terá 20 anos para recompor a vegetação. Pode também alugar de quem tem reserva em excesso ou comprar uma outra área para compensar a falta de reserva da fazenda. Foi o que fez a família Smaniotto, de Sorriso, Mato Grosso. Comprou uma área de Cerrado, há 600 kms de distância, onde o hectare custa 600 reais contra 10 mil reais em Sorriso.

Produtor rural, Henrique Smaniotto: Fica difícil para a gente tirar uma área dessa para poder plantar alguma árvore nativa ou alguma coisa sem algum fim lucrativo.

Julio em off: O projeto do novo Código Florestal prevê compensação dentro do mesmo bioma. Ambientalistas querem reduzir essa distância para a mesma bacia hidrográfica: área sob influência de um grande rio. O especialista, Gerd Sparovek, diz que é preciso analisar caso a caso.

Prof. Esalq-USP, Ger Sparovek: A compensação tem mais valor ou ela é melhor, o quanto mais próximo de onde existe a falta da Reserva legal.

Julio em off: A maioria das áreas do sul e sudeste não tem áreas disponíveis para fazer a compensação no mesmo estado. Já Paragominas, no Pará, cadastrou agricultores e pecuaristas e constatou que tem áreas para compensar dentro do próprio município.

Especialista em Conservação da Amazônia, Fabio Niedermier: Existe uma relação de propriedades que tem passivo e uma relação de propriedades que tem cotas excedentes de reserva florestal.

Julio: Outra forma de resolver a falta da Reserva Legal em áreas de pecuária, é aumentando a produtividade. A média no Brasil é de meia cabeça de gado por hectare. Com técnicas simples de manejo é possível dobrar essa produção.

Prof. ESALQ-USP, Ricardo Rodrigues: Estamos num país agrícola, com vocação agrícola, onde a tecnologia tem que ser implantada no campo pra que a gente aumente a produtividade dessas áreas e logicamente áreas de menor aptidão para o cumprimento da legislação ambiental.

Julio em off: O problema é grave também nas pequenas propriedades. José Melo chegou a Alta Floresta, Mato Grosso, em 1976, quando a ordem era desmatar e ocupar a terra para conseguir financiamento nos bancos. Hoje, usa 57 hectares para criar 50 cabeças de gado. Dezenas de produtores do município vivem em situação semelhante.

Agricultor, José Mello: Se for obrigado a reflorestar 80% dos pequenos proprietários que tem, a maioria abandonava a terra.

Julio em off: O projeto no novo Código desobriga os pequenos agricultores de recompor a Reserva Legal mas quem tem ainda a mata de pé, deve preservá-la.

Dep. Aldo Rebelo (PCdo B): Se ao pequeno proprietário, você ainda impõe a Reserva Legal, você pode tornar a atividade econômica dele inviável.

Julio em off: Os ambientalistas temem que a mudança facilite o desmatamento. Defendem a recuperação das áreas com incentivos oficiais e uso das terras para o extrativismo, como a produção de sementes e mel.

Fátima: Na reportagem de amanhã, você vai saber quais os temas em que ambientalistas e agricultores estão de acordo no novo código. Na página do Globo Natureza na Internet, você pode rever esta e outras reportagens especiais.

20) Data:21.04.2011

Título:Barragem ameaça o equilíbrio da natureza no Pantanal

Local: Mato Grosso (norte)

Repórter: Tônico Ferreira

Duração:5'35"

Texto: Fátima: A construção de hidrelétricas no Pantanal preocupa moradores e ambientalistas por causa do risco para o equilíbrio de uma das regiões mais bonitas do Brasil

Bonner: Os repórteres Tônico Ferreira e Helio Gonçalves foram até lá e mostram a situação em duas reportagens. A primeira vamos ver agora.

Tônico: o Pantanal é um lugar privilegiado. Raras paisagens desse planeta podem mostrar essa combinação exuberante de água, vegetação e animais. Mesmo quem nasceu e sempre viveu aqui, se encanta.

Pantaneira, Cleonice de Moura: O Pantanal para mim é uma coisa maravilhosa que Deus deixou para o ser humano cuidar

Tônico em off: Mas Cleonice, terceira geração de família pantaneira, está pessimista quanto ao futuro do Pantanal

Pantaneira, Cleonice de Moura: É igual você ter um ente querido e ver em cima de uma cama morrendo, e você sem poder fazer nada.

Tônico em off: Queimadas, exploração agropecuária desordenada, pesca predatória. Essas ameaças são conhecidas. Hoje, no entanto, ambientalistas apontam para um problema novo: a construção de hidrelétricas na região. As usinas tiram proveito da queda natural entre o planalto central do Brasil e a planície, onde fica o Pantanal. Hoje já existem 37 barragens em rios que alimentam a região e estão em construção ou em estudos, mais 62 hidrelétricas. Quase todas pequenas centrais que produzem pouca energia. Este pesquisador de uma entidade internacional de proteção do meio ambiente diz que as usinas alteram o regime anual de cheias e secas, que é responsável pela biodiversidade do Pantanal.

Pesquisador, Paulo Petry: Eles mudam a qualidade da água que está descendo, eles mudam a periodicidade que a água está descendo e mudam o volume de água que está descendo.

Tônico: O município de Barão de Melgaço já foi um dos maiores produtores de peixes de água doce do Pantanal. Os pescadores aqui da margem do rio Cuiabá, tiravam os pintados, os pacus, que eram vendidos em vários estados do Brasil. Já não é assim. Muita coisa mudou por aqui.

Tônico em off: Os pescadores são unânimes, a construção de uma barragem rio acima, provocou uma queda drástica na quantidade de peixes.

Pescador, líder comunitário, João da Silva: Há tempos atrás, você pegava, vamos supor, oito pintados por dia. Hoje você pega dois, tem dia que você pesca três dias e que você não pega nenhum.

Tonico em off: E a pesca predatória? Ela também não seria culpada? Esse especialista em comportamento diz que no passado sim, mas que hoje a pesca está controlada e que o problema agora são as barragens porque elas isolam os peixes das áreas de reprodução.

Geólogo, Albano Araújo: Eles não estão mais conseguindo chegar aonde eles chegavam antes e a água não tem mais as mesmas características quando eles sobem os rios.

Tonico em off: Nas secretarias de meio ambiente de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, responsáveis pela aprovação de quase todas as usinas da região, negam a existência de um grande impacto ambiental e não pretendem barrar o plano de expansão das hidrelétricas.

Sec. Meio Ambiente de MT, Alexandre Maia: Nós precisamos de estudos científicos, de algo concreto a fim de que possamos mudar os procedimentos.

Sec Meio Ambiente de MS, Carlos Alberto Menezes: Até o momento não existe nenhum estudo que indique, enfim, alguma coisa de alto risco, alguma coisa que o valha.

Tonico em off: As usinas também são acusadas de destruir belezas naturais. A cachoeira, sumidouro do rio Correntes, já foi a maior atração turística da cidade de Sonora mas, a barragem Ponte de Pedra, desviou 70 % do volume de água para as comportas. Com apenas 30%, o lugar ainda é bonito, mas perdeu a antiga força natural que maravilhava os turistas que vinham de longe para conhecer este lugar.

Agente de turismo, Jorceley da Silva: Aqui passava o rio em grande volume de água, com um barulho que você não conseguia se falar, você ficava longe da margem porque tinha uma fumaça de água que não deixava você aproximar, você se molhava. E, a área era restrita, tinha alguns pontos que não poderia chegar perto devido o volume de água que passava aqui.

Tonico em off: A empresa dona da usina, explica:

Gerente, José Lourival Magri: Isso foi discutido na época do projeto. Todos sabiam que ia perder essa beleza natural, e infelizmente é o preço que nós temos que pagar. Mas também houve as compensações. Você não consegue gerar energia elétrica se você não aproveitar essa queda natural que existe.

Tonico em off: O Pantanal precisa atrair e não espantar turistas. A pantaneira, Cleonice, que tem uma pousada diz que a diminuição de peixes pôs em crise o turismo da pesca em muitos rios. O temor agora é que as usinas ponham em risco o ecoturismo que está apenas engatinhando.

Cleonice: Tem garça passeando, tem kurerê..., mas não tem quem vai aplaudi-los! As capivaras daqui fazem pose, você sabia?

Tonico em off: Os pássaros, os macacos, os servos, os jacarés, os peixes ornamentais ainda preservados, estão à espera dos turistas. E sim. As capivaras do Pantanal fazem pose para a fotografia.

Fátima: No site do Jornal Nacional, você encontra o link para o site do Globo Natureza, onde pode rever esta e outras matérias especiais.

21) Data: 31.03.2011

Título: JN no Ar mostra duas obras do PAC que estão paradas em Porto Velho

Local: Rondônia - Porto Velho

Repórter: André Luiz Azevedo

Fonte:

Duração:5'13"

Texto: Bonner: O JN no Ar foi a Rondônia para mostrar a situação de duas dessas obras do PAC. André Luiz Azevedo, boa noite. O que foi que você encontrou nos canteiros de obra, André?

André: Muito boa noite a todos. Uma situação, Bonner, extremamente grave. Porque são duas das maiores obras em andamento no país, dois canteiros gigantescos e os dois uma imagem horrível, estão completamente paralisados. Os dois canteiros ficam bem próximos aqui de onde nós estamos, a capital de Rondônia, Porto Velho, a menos de cem quilômetros. São obras gigantescas do Programa de Aceleração do Crescimento que estão completamente paralisadas. Nós estivemos nas duas obras. Em Santo Antônio há uma greve e em Jirau, há uma paralisação, depois que houve um quebra-quebra a cerca de 15 dias. E agora a pouco a justiça aqui de Rondônia, decidiu que Jirau pode voltar a funcionar a partir do dia 11 de abril, desde que cumpra algumas exigências. E pode voltar a funcionar de maneira ainda gradual. São obras importantíssimas do PAC que, por exemplo, tem uma concentração de quase 40 mil trabalhadores e essas duas usinas que estão em andamento, podem juntas, praticamente fornecer energia para todo o estado de São Paulo. São obras gigantescas e as imagens são de uma paralisação total. Então nós vamos ver agora a reportagem que eu fiz com o apoio da nossa afiliada local, a TV Rondônia.

André em off: Nosso vôo levou pouco menos de quatro horas até Porto Velho. A equipe de sete pessoas chegou no meio da madrugada e ao nascer do dia partimos em direção à usina hidrelétrica de Jirau, a 130kms da capital de Rondônia, no rio Madeira. Quando chegamos lá encontramos um cenário de um canteiro de obra fantasma. O Maior projeto do país em construção não há praticamente mais ninguém trabalhando. Só equipes de manutenção. Até o início desse mês, isso aqui estava lotado com 22 mil trabalhadores vindos de todo o país.

Trabalhadores: Sou do Ceará. Piauí. Maranhão. Santa Catarina. Belém do Pará. Rio Grande do Norte

André em off: Os números confirmam o gigantismo da obra: vai custar quase 12 bilhões de reais, consumir 146 mil toneladas de aço e gastar 15 milhões de sacos de cimento.

André: A disputa trabalhista que praticamente paralisou Jirau, explodiu há duas semanas. As marcas da destruição ainda estão por toda a parte. Aqui eram os alojamentos de 22 mil trabalhadores que foram completamente destruídos e só agora eles começam a ser refeitos. O que realmente aconteceu, o Ministério Público do Trabalho deve estar investigando. Há várias versões: alguns operários dizem que a revolta foi provocada por uma insatisfação com questões trabalhistas

Operário Elias Viana: As horas de todo mundo foi cortada e então, todo mundo ficou insatisfeito com isso.

André em off: O Ministério Público do Trabalho ouviu as queixas depois do tumulto

MP do Trabalho, Francisco Cruz: Cada trabalhador individualmente tinha alguma espécie de insatisfação. Um reclamava do tratamento dos motoristas de ônibus, outros reclamavam de supressão de horas extras. Individualmente cada um tinha uma razão

André em off: A empresa diz que cumpre a lei trabalhista e que paga as horas extras de acordo com o máximo permitido

Diretor da Camargo Corrêa, Marcelo D'Angelo: Não havia nenhuma pauta trabalhista. O que aconteceu aqui foi um ataque de uma minoria, isolada e que provocou um vandalismo e nós retiramos cerca de oito mil funcionários desta usina a pedido e por ordem da polícia do estado de Rondônia.

André em off: A Força Nacional de Segurança chegou a Jirau, dois dias depois da confusão e está patrulhando a região

Major Francisco Borges: Não tem como a gente ter 22 mil homens trabalhando 24 horas, uma cidade aqui, sem ter um aparato policial para fazer a segurança.

André em off: Reivindicações trabalhistas também paralisaram a construção da hidrelétrica de Santo Antônio, outra grande obra de Rondônia. A justiça decidiu multar o sindicato se os trabalhadores não voltarem ao trabalho. Com a interrupção da construção de Jirau, cerca de 13 mil operários voltaram para casa e em vários estados e vão aguardar o reinício das obras. Os que ficaram ainda não sabem quando voltam a trabalhar. Funcionários da Construtora Camargo Corrêa nos mostraram as instalações que não foram depredadas. Fomos ao refeitório e entramos nos alojamentos coletivos. Cada um para oito operários em beliches com dois banheiros. Os trabalhadores com quem conversamos, consideram as instalações de boa qualidade.

André: A promessa era que Jirau entraria em plena operação em 2016, fornecendo energia para cerca de 10 milhões de casas brasileiras. A primeira turbina deveria começar a funcionar já no início do ano que vem, mas a paralisação das obras pode obrigar o consórcio a rever este cronograma. A construtora fala em pelo menos oito meses para voltar ao ritmo normal da obra

Operário, José Maria: Nós não quer bagunça, a gente quer nosso dinheiro. Nós tem família para tomar de conta. Tem gente aqui que não é daqui.

André em off: Evanilson já trabalhou em outras barragens pelo Brasil e espera que os problemas sejam resolvidos para continuar participando de obras importantes para o país.

André: Vai continuar fazendo barragem?

Operário, Evanilson de Jesus: Com certeza. Enquanto existir barragem...Eu sou barrageiro, né?

22) Data: 26.01.2011

Título: Capital do Acre sofre com epidemia da Dengue

Local: Acre - Rio Branco

Jornalista: Paulo Renato Soares

Fonte: TV Globo

Duração: 6'27"

Texto: Bonner: A doença que atingiu quase um milhão de brasileiros no ano passado e que matou 572 voltou a causar preocupação.

Fátima: Em 2011, a Dengue está se espalhando e o JN no Ar decolou para a capital estadual que tem a maior manifestação do mosquito transmissor.

(Vinheta JN no AR)

Paulo Renato em off: Chegamos no horário previsto depois de quase três mil kms de viagem. De manhã encontramos uma cidade mobilizada. Frentes de limpeza nas ruas, soldados do exército nas casas e agentes de saúde em busca das lavras dos mosquitos. Mas o esforço não parece ser o bastante. As caixas d'água sem tampa se tornaram o principal foco do aedis egyptys. Nos bairros mais pobres, a situação piora porque o abastecimento precário obriga os moradores a manterem reservatórios para coletar chuva, o que aumenta o risco. Dona Odalina está se tratando da Dengue e não tinha percebido que a casa dela é um criadouro.

Dona Odalina: A situação aqui é crítica. Tem que estar aparando água da chuva para a gente sobreviver.

Paulo Renato em off: A prefeitura e o governo do estado começaram um programa de distribuição de tampas: uma tela que evita a entrada dos mosquitos, mas o material acabou. O problema atinge toda a cidade como dá para ver até perto de uma unidade de saúde

Paulo Renato em off: Nós estamos aqui ao lado da UPA, onde há uma escola estadual e os moradores denunciam que aqui dentro da escola, há três caixas d'água sem tampa.

Paulo Renato: Bem, vou subir aqui para ver quais são realmente as condições das caixas d'água. Olha, aqui são quatro caixas e três destampadas. A situação não poderia ser pior. Esta assim desde quando?

Moradora: Desde o ano passado.

Paulo Renato em off: Segundo o Ministério da Saúde, 24 cidades brasileiras apresentam risco de surto de Dengue. O primeiro lugar no ranking está Afogados da Ingazeira, em Pernambuco. Entre as capitais, Rio Branco está no topo da lista.

Paulo Renato: Aqui nesta rua do bairro Vitória, não tem asfalto, nem abastecimento de água e muitos moradores ainda guardam lixo e entulho nos quintais. A conseqüência é que em 17 das 18 casas, as pessoas dizem que alguém da família já teve Dengue.

Moradora: Minha filha teve três, meu genro teve uma e a outra minha filha teve uma.

Paulo Renato: isso em quanto tempo?

Moradora: Ah... Em questão de meses.

Sec. Estadual de Saúde, Suely Melo : Da forma com que a gente está trabalhando, com o empenho de toda a nossa comunidade, eu tenho absoluta certeza de que desta vez a gente vence esta parada.

Paulo Renato em off: No ano passado os moradores de Rio Branco já enfrentaram uma epidemia como mostra o repórter da TV Acre, Jeferson Dourado.

Repórter, Jeferson Dourado: Em 2010, oito pessoas morreram por causa da Dengue no Acre. Há exatamente um ano, o garoto Mateus, foi a primeira vítima e ainda hoje os pais sofrem com a perda do filho de apenas 10 anos.

Pai de Mateus: Na vida da gente não passa. Quem sente essa dor, quem passou por essa dor, nunca esquece.

Repórter, Jeferson Dourado: Sônia foi outra vítima do estágio mais grave da doença. Teve alta na semana passada, depois de ficar ter dias internada com Dengue Hemorrágica. E agora se recupera em casa, mas ela diz que cometeu um erro: só buscou ajuda médica, 20 dias depois de começar a sentir os sintomas.

Sonia de Brito: Se você for deixar a situação ir se agravando, chega num limite que a Dengue te pega mesmo e aí fica difícil tratar.

Ministro da Saúde, Alexandre Padilha: A grande maioria dos óbitos quando ocorrem é porque as pessoas não procuram de imediato o posto de saúde mais próximo. Teve febre, dor de cabeça, dor no corpo, procure de imediato o posto de saúde mais próximo.

Paulo Renato em off: Em Rio Branco, os postos estão sobrecarregados. Mesmo depois que um deles foi transformado num centro exclusivo para receber pacientes com Dengue. Só aqui são 450 atendimentos por dia. Os mais debilitados ficam em macas e recebem soro ali mesmo. Os pacientes reclamam da falta de estrutura e da longa espera nas filas.

Paciente: Na sala não tem médicos. Se tiver é um.

Paulo Renato em off: Raimunda procurou uma unidade de saúde perto da casa dela e saiu desesperada, depois de não receber atendimento.

Paciente Raimunda: São dores constantes de cabeça, febre todos os dias e eu não consigo. Se eu tivesse condição, jamais eu estaria aqui numa unidade de saúde.

Fátima: O repórter Paulo Renato Soares, fala agora ao vivo de Rio Branco. Paulo Renato, boa noite. Depois de você mostrar todas essas situações que a gente viu na reportagem, acho que seria importante reforçar aquelas informações básicas das autoridades sanitárias para evitar a Dengue. Porque são recomendações básicas, mas que muita gente ainda não pratica, né?

Paulo Renato: Boa noite. É verdade sim, as autoridades tem papel fundamental para combater a Dengue, mas evitar a doença depende de todo mundo. O mosquito se reproduz principalmente nos períodos mais quentes e de muita chuva e em locais que acumulam água parada e limpa. Exemplos? Pneus velhos, garrafas guardadas com a boca virada para cima, aquele pratinho do vaso de planta. Não pode ter água, tem que botar areia. Muita gente esquece que alguns modelos de geladeira, tem aquela bandeja do lado de fora que acumula água, tem que sempre dar um olhada. E o lixo no quintal? Tampas e brinquedos podem virar criadouro do mosquito. Agora a situação fica mais crítica aqui em Rio Branco, porque segundo o IBGE, 55% das residências não estão ligadas a rede de água. Aí a situação que mostramos na reportagem, feita hoje com o apoio da TV Acre. Os moradores têm muitos recipientes em casa para tentar guardar água da chuva e até de caminhões pipa, quando podem comprar. A secretaria estadual de saúde informou que já providenciou um novo lote de tampas de caixas d'água mais ainda negocia uma forma de trazer esse material para cá. Números divulgados hoje pelo Ministério da Saúde confirmam o problema aqui. O Acre é o estado com o maior número de notificações de casos suspeitos. Até o último dia 22, 4 mil 773. O Ministério da Saúde investiga sete mortes em todo o Brasil que podem ter sido provocadas pela Dengue. Uma delas, aqui no Acre. Bom, outras informações sobre os riscos da Dengue e o ranking da Dengue no Brasil, você encontra na página do Jornal Nacional, na Internet. Bonner.

Bonner: Paulo Renato Soares, muito obrigado. Boa viagem de volta para você.

ANEXO III

TERMO DE AUTORIZAÇÃO E APOIO À PESQUISA

GLOBO COMUNICAÇÃO E PARTICIPAÇÕES S.A., empresa com sede na Cidade e Estado do Rio de Janeiro, na Rua Lopes Quintas, 303, Jardim Botânico, inscrita no CNPJ sob o nº 27.865.757/0001-02, doravante designada por “**GLOBO**”, e;

Lúcia Helena Mendes Pereira, Jornalista e professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins e ainda, doutoranda do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, residente e domiciliado na 2ª Avenida, Quadra 39, Lote 02 no Distrito de Taquarussú, na Cidade Palmas, Estado Tocantins, portador da carteira de identidade n.º1.065.039 SSP-TO, e inscrita no CPF/MF sob o n.º 665369607-34, doravante simplesmente designado por “**PESQUISADOR**”.

CONSIDERANDO

- i. que a GLOBO, através da sua divisão “Globo Universidade”, desenvolve diversos projetos, destacando, entre outros, o apoio às atividades acadêmicas, por meio de disponibilização de material e acesso aos profissionais para fins de realização, por estudantes e pesquisadores em geral, de seus trabalhos de pesquisa, tais como, monografias de conclusão de curso, dissertações de mestrado e teses de doutorado, dentre outros, promovendo, ainda, a divulgação do resultado desses trabalhos ao público em geral, através das diversas mídias, inclusive Internet;
- ii. que o PESQUISADOR pretende desenvolver, com o apoio da GLOBO, o trabalho universitário sobre Notícias da Amazônia: Os Discursos do Jornalismo Hegemônico das TVs Brasileira e Portuguesa e;
- iii. que a GLOBO tem interesse em apoiar o Trabalho a ser desenvolvido pelo PESQUISADOR, fornecendo ao mesmo material, conforme descrito no presente instrumento, a ser disponibilizado com a única e exclusiva finalidade de elaboração do Trabalho;

O PESQUISADOR acima nomeado declara que está ciente, concorda e se obriga, desde já, ao cumprimento das seguintes condições:

1. Constitui objeto do presente Termo a autorização, concedida pela GLOBO ao PESQUISADOR, para utilizar o material por ela disponibilizado, conforme descrição que constitui o Anexo I ao presente instrumento (“Material”), única e exclusivamente como fonte de consulta para fins do desenvolvimento do Trabalho, bem como a autorização pelo PESQUISADOR concedida à GLOBO para utilizar e divulgar o Trabalho, a seu exclusivo critério, observadas as condições ajustadas no presente Termo.

2. Fica certo e ajustado entre as Partes que a autorização ora concedida pela GLOBO ao PESQUISADOR está restrita à utilização do Material única e exclusivamente como fonte de pesquisa para a consecução do Trabalho, sendo terminantemente proibido ao PESQUISADOR divulgá-lo, ou de qualquer forma torná-lo público, sem a prévia e expressa anuência da GLOBO.

3. Para a utilização do Material, o PESQUISADOR se obriga a:
 - (a) utilizar-se do Material, que poderá incluir eventuais entrevistas com profissionais da GLOBO e visitas às suas dependências, única e exclusivamente para elaboração do Trabalho, sendo vedado o uso do Material para fins comerciais de qualquer espécie, salvo prévia autorização expressa da GLOBO e dos profissionais entrevistados pelo PESQUISADOR, sendo, ainda, expressamente vedada a exploração comercial do fato de ter tido acesso ao Material, a quaisquer profissionais e às dependências da GLOBO;
 - (b) entrevistar apenas os profissionais autorizados pela GLOBO;
 - (c) visitar apenas as áreas da GLOBO previamente combinadas, sempre acompanhado por um profissional ou contratado da GLOBO, especialmente designado para este fim;
 - (d) responsabilizar-se integralmente pelo Trabalho, bem como pela fiel utilização do Material e transcrição das entrevistas realizadas com os profissionais da GLOBO, isentando a GLOBO de qualquer reclamação de terceiros com relação ao Trabalho e/ou ao Material disponibilizado, comprometendo-se a obter toda e qualquer autorização de terceiros que porventura sejam necessárias, devendo excluir imediatamente a GLOBO de quaisquer eventuais demandas ou conflitos judiciais ou extrajudiciais relacionados ao Trabalho, à utilização do Material pelo PESQUISADOR, ou a sua divulgação, arcando com todos e

quaisquer custos necessários para este fim, inclusive honorários advocatícios, indenizando a GLOBO de quaisquer valores que porventura esta venha a despende em razão da utilização do Material, do desenvolvimento e/ou divulgação do Trabalho, pelo PESQUISADOR.

- (e) incluir no Trabalho os respectivos créditos e referências ao Material utilizado, incluindo descrição de todos os arquivos disponibilizados pela GLOBO, dados dos profissionais entrevistados, programas e datas, utilizados como fonte de consulta;
- (f) incluir no Trabalho referência ao apoio da GLOBO, através do “Globo Universidade”, por meio da disponibilização do Material;
- (g) disponibilizar à GLOBO uma cópia impressa do Trabalho finalizado, assim como o arquivo em meio eletrônico do mesmo, enviando-os à Coordenação do Globo Universidade, situada na Rua Lopes Quintas, nº 303, sala 508, CEP 22460-901, Rio de Janeiro, RJ;

4: O descumprimento pelo PESQUISADOR de qualquer obrigação estipulada neste Termo dará direito à GLOBO a apuração em juízo das perdas e danos cabíveis.

5: Por meio deste instrumento e na melhor forma de direito, o PESQUISADOR autoriza a GLOBO a:

- (a) divulgar o Trabalho para consultas pelo público em geral, a seu exclusivo critério, em toda e qualquer mídia, inclusive por meio da Internet;
- (b) fixar o Trabalho em qualquer tipo de suporte material, inclusive suportes de computação gráfica em geral, ou armazená-lo em banco de dados;
- (c) escolher ou desenvolver o site e/ou portal para divulgação do Trabalho, a seu exclusivo critério;

6. As autorizações previstas neste Termo são concedidas por prazo indeterminado, podendo ser cancelada pelo PESQUISADOR mediante notificação por escrito, a ser enviada à GLOBO até o recebimento do(s) material(is) disponibilizados, sendo que após o recebimento do(s)

material(is) pelo PESQUISADOR o mesmo não poderá cancelar ou rescindir o presente Termo em nenhuma hipótese, devendo cumprir todas as obrigações estipuladas neste instrumento.

7. A GLOBO poderá rescindir e cancelar a presente autorização a qualquer tempo e a seu exclusivo critério, mediante notificação por escrito a ser enviada ao PESQUISADOR com 15 (quinze) dias de antecedência da data da rescisão. O PESQUISADOR se compromete a, no ato do cancelamento, devolver à GLOBO todo(s) o(s) material(is) fornecido(s) por força do presente Termo, e, ainda, a assinar um termo garantindo que não fez nenhuma cópia do(s) material(is) cedido(s).

8. As Cláusulas deste Termo e de seus Anexos que, por sua natureza, tenham caráter perene sobreviverão à sua rescisão ou término.

9. As autorizações previstas acima são concedidas em caráter gratuito, nada sendo devido entre as partes.

10. O PESQUISADOR declara-se, neste ato, sob as penas da lei, ser o único responsável pelo conteúdo do Trabalho, bem como por qualquer dado ou informação nele contidos, declarando-se, ainda, ciente de que a GLOBO é meramente divulgadora do Trabalho, nos moldes descritos neste instrumento.

11. Fica desde já eleito o foro da Comarca do Rio de Janeiro como o único competente para dirimir quaisquer questões relativas ao presente Termo, com renúncia a qualquer outro por mais privilegiado que seja.

Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 2012.



PESQUISADOR